

ASHLEY HERRING BLAKE

BOX DIGITAL
BRIGHT FALLS



DELILAH GREEN
NÃO ESTÁ NEM AÍ

ASTRID PARKER
NUNCA FALHA

IRIS KELLY
NÃO NAMORA







A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SUMÁRIO

Box Digital Bright Falls

Delilah Green não está nem aí

Créditos

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Agradecimentos

Astrid Parker nunca falha

Créditos

Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez

Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis
Capítulo trinta e sete

Agradecimentos

Iris Kelly não namora

Créditos

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

“Uma comédia romântica, divertida e picante com a qual qualquer pessoa vai se identificar.” —Talia Hibbert, autora de *Acorda pra vida*, *Chloe Brown*

DELILAH GREEN NÃO ESTÁ NEM AÍ



ASHLEY HERRING BLAKE

“Ashley Blake retrata com bom humor e ternura os contratempos das relações amorosas, familiares e de amizade.” – KIRKUS REVIEWS

“Um novo clássico. Esta comédia romântica arranca risadas e suspiros e merece estar entre as grandes histórias de romance, como *Mensagem para você*, *Bonequinha de luxo* e *Sintonia de amor*.”

– KOSOKO JACKSON, autor de *I’m So Not Over You*

“*Delilah Green não está nem aí* retrata bem a sensação de descobrir que aquela pessoa por quem você tem uma quedinha também gosta de você. Ashley Herring Blake promete ser uma estrela do romance.” – ROSIE DANAN, autora de *The Roommate*

“Encantador e divertido, *Delilah Green não está nem aí* nos hipnotiza com o poder redentor do amor. A incrível mistura de tensão sexual e afeição vai arrancar suspiros dos leitores.” – KARELIA STETZ-WATERS, autora de *Satisfaction Guaranteed*

“*Delilah Green não está nem aí* é a realização de todos os seus sonhos românticos e eróticos protagonizados pela ex-garota má que era rejeitada por todos. E ainda tem todas as relações complicadas dela com a família postiça, para diversão extra. Você vai precisar de um belo banho frio depois desta leitura.” – LANA HARPER, autora de *Payback’s a Witch*

“Este livro reúne tudo que você poderia querer em um romance sáfico – sarcasmo, sensualidade e doçura –, além de uma análise profunda do que significa amar alguém e de como escolhemos demonstrar isso. Fãs de Alexandria Bellefleur e Talia Hibbert não podem perder este espetáculo comovente.” – THE NERD DAILY

ASHLEY HERRING BLAKE

DELILAH GREEN NÃO ESTÁ NEM AÍ



Título original: *Delilah Green Doesn't Care*

Copyright © 2022 por Ashley Herring Blake
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a Berkley, selo da Penguin Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alessandra Esteche

preparo de originais: Camila Fernandes

revisão: Livia Cabrini e Rafaella Lemos

revisão técnica em diversidade: Bruno Ferreira

diagramação: Gustavo Cardozo

capa: Katie Anderson

imagem de capa: Leni Kauffman (frente de capa);
Ann&Pen | Shutterstock (quarta capa)

adaptação de capa: Natali Nabekura

foto da autora: Craig Pope

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B568d

Blake, Ashley Herring

Delilah Green não está nem aí [recurso eletrônico] / Ashley Herring Blake;
tradução de Alessandra Esteche. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2022.
recurso digital

Tradução de: Delilah Green doesn't care

Formato: e-book

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-363-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

22-78318

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Rebecca Podos, que encara comigo
todos os grandes mistérios*



CAPÍTULO UM

DELILAH ABRIU OS OLHOS ao ouvir a vibração que vinha da mesa de cabeceira. Piscou uma, duas vezes, até que o quarto estranho entrasse em foco. Deviam ser pelo menos duas da manhã, talvez mais. Tateou até achar o celular, lençóis brancos sedosos se enrolando em suas coxas nuas enquanto ela se virava para silenciar a chamada, que parecia barulhenta o bastante para acordar...

Ah, merda.

De novo. O nome da mulher deitada ao seu lado fugiu das suas lembranças da noite anterior, as letras quase impossíveis de ler entre as imagens da exposição de arte na pequena galeria Fitz, no Village. Algumas fotos de sua autoria nas paredes, um punhado de frequentadores assentindo e elogiando, mas nunca se interessando o bastante para comprar alguma coisa, o champanhe que não parava de circular... Tudo isso seguido daquele bar florido na MacDougal Street regado a muito, mas muito uísque.

Delilah virou a cabeça e olhou para a mulher que dormia ao seu lado. Corte curtinho, cabelo louro-escuro, pele aveludada, boca bonita, coxas grossas e mãos fenomenais.

Lorna?

Lauren.

Não. Lola. O nome dela com certeza era Lola.

Talvez.

Delilah mordeu o lábio e pegou o celular que ainda vibrava, estreitando os olhos para ver o nome piscando na tela iluminada na escuridão.

DesAstrid

Mal teve tempo de rir do modo como tinha registrado o nome da irmã postiça na lista de contatos antes de apertar *Ignorar*. Era instintivo. Segundo a experiência de Delilah, uma ligação às duas da manhã raramente era coisa boa, sobretudo se fosse Astrid Parker telefonando. E quem é que ainda liga para os outros? Por que Astrid não podia mandar uma mensagem de texto como um ser humano normal?

Tá, tudo bem, havia várias mensagens não respondidas no celular de Delilah, mas, em sua defesa, ela não andava prestando para muita coisa ultimamente. Estava com o aluguel perto de vencer e se preparava para a exposição na Fitz, onde seu trabalho só fora exposto porque ela conhecia a dona, Rhea Fitz, sua ex-colega garçonete que tinha recebido de herança da avó grana suficiente para abrir uma galeria. As semanas anteriores tinham sido um turbilhão entre servir mesas em meio período no River Café, no Brooklyn, e fotografar retratos e casamentos, que juntos mal davam para o aluguel e a comida. Ela estava a uma catástrofe de distância de ser obrigada a se mudar para Nova Jersey e, se seu objetivo era entrar no implacável mundo da arte nova-iorquino, morar em outra cidade não era uma opção. Sim, tinha vendido uma ou duas obras, mas sua fotografia era *de nicho*, como dissera um agente que se recusara a representá-la, e arte *de nicho* não era fácil de vender.

Então, sim, ela andava ocupada demais dando um duro danado para falar com a irmã. Além disso, Astrid nem gostava tanto assim dela. Fazia cinco anos que elas não se viam.

Já fazia mesmo tudo isso?

Que inferno, estava tarde. Delilah largou o celular no peito quando Jax

surgiu em seus pensamentos pela primeira vez em um bom tempo. Meses. Ela fechou os olhos com força, voltou a abri-los e ficou olhando para o teto, coberto daqueles adesivos de estrelas que brilham no escuro. Sentou-se na cama com uma sensação gelada de pânico correndo nas veias. Estava em um alojamento de faculdade? Deus, por favor, não. Delilah tinha quase 30 anos, e as universitárias... bom, ela já tinha passado por essa parte da vida. Preferia mulheres da sua idade, sempre preferira, e ficava satisfeita em deixar para trás todos os abalos e suspiros dos seus 20 e poucos anos.

Foi relaxando conforme o quarto ficava mais nítido. Sentiu a maciez dos lençóis caros entre os dedos. O cômodo tinha vários móveis modernos, em linhas retas e madeira clara. Obras de arte sofisticadas enfeitavam as paredes, penduradas com maestria. Uma porta aberta levava à sala, da qual Delilah agora se lembrava claramente como o cenário onde – Lana? Lily? – a havia empurrado em um sofá branco muito elegante e tirado sua calcinha, jogando-a por sobre o ombro nu.

Com certeza não era uma mobília nível universitário. Nem mesmo nível Delilah Green – e ela já era bem adulta. Além disso, o que Lilith fazia com a boca definitivamente não era uma habilidade nível universitário.

Delilah voltou a se deitar, jogando-se na cama, amolecida pela lembrança. Seus olhos tinham acabado de se fechar quando o celular recomeçou a vibrar. Ela despertou, olhando para o mesmo nome improvável e apertando *Ignorar* pela segunda vez.

Layton se mexeu ao lado dela, virando-se e olhando para Delilah com os olhos semicerrados, o rímel manchado.

– Ah. Oi. Tudo bem?

– Tudo, tudo...

O celular vibrou de novo.

DesAstrid

– Não é melhor você atender? – perguntou Linda, o cabelo despenteado caindo adoravelmente sobre um de seus olhos azuis.

Nunca que o nome daquela deusa do sexo poderia ser Linda.

– Talvez.

– Então atende. Quando terminar, tem uma coisa que eu quero te mostrar.

Lydia – claro, por que não? – sorriu, empurrando os lençóis até o quadril por uma fração de segundo antes de puxá-los de volta até o queixo. Delilah riu, jogando o lençol para trás e levantando-se da cama completamente nua. Ela estava prestes a atender o celular assim, mas acabou pegando um roupão de seda – não era um roupão nível universitário de jeito nenhum – que estava pendurado em uma poltrona estofada cinza no canto do quarto. Não podia conversar pelada com a irmã postiça.

Vestindo o roupão, foi até a pequena sala-barra-cozinha-aberta e se sentou em um banquinho, apoiando os cotovelos no balcão de mármore gelado. Inspirou... expirou. Sacudiu as mãos, alongou o pescoço. Tinha que se preparar para conversar com Astrid, como uma boxeadora antes da luta. Luvas calçadas, protetor bucal no lugar. Em cima do balcão, o celular parou e o nome de Astrid desapareceu, só para voltar a surgir, como uma mensagem vinda diretamente do inferno. Melhor acabar logo com isso. Ela deslizou o dedo pela tela.

– Que foi?

– Delilah?

A voz aveludada de Astrid atravessou a linha. Era como uma Cate Blanchett americana, só que mais arrogante e menos rainha das bissexuais. Exatamente o tipo de voz que Delilah sempre soubera que a Astrid adulta teria.

– É – disse Delilah, e pigarreou. Sua voz tinha uma rouquidão de seis drinques e anos sem dormir direito.

– Você demorou pra atender.

Delilah soltou um suspiro.

– Está tarde.

– São só onze horas aqui no Oregon. Além do mais, imaginei que essa fosse a melhor hora pra conseguir falar com você. Você não vira morcego depois da meia-noite?

Delilah bufou.

– Viro, sim. Agora, se me der licença, quero voltar pra minha caverna.

Astrid ficou alguns segundos sem dizer nada, longos segundos que fizeram Delilah imaginar se a irmã ainda estava ali, mas ela não daria o braço a torcer. Só tinham falado ao telefone umas dez vezes desde que Delilah fora embora de Bright Falls, no dia seguinte da formatura, pegando um ônibus para Seattle com a mochila do colégio pendurada no ombro, enquanto Astrid partira em uma viagem para a França com suas melhores amigas asquerosas. Isabel, mãe de Astrid e *má-drasta* de Delilah, dera às duas garotas dinheiro suficiente para mantê-las longe por duas semanas. A única diferença foi que Astrid voltou, preparada para fazer faculdade em Berkeley, como a filha obediente que era, enquanto Delilah foi para Nova York e alugou uma espelunca de um quarto no Lower East Side. Ela era legalmente adulta e nada a faria ficar naquela casa um segundo a mais do que o estritamente necessário.

Não que Isabel lamentasse sua partida.

Nem Astrid, pelo que Delilah pôde perceber, embora, de vez em quando, coisas assim acontecessem. Mensagens ignoradas viravam ligações desastradas em que Astrid tentava fingir que não tinha transformado a infância de Delilah, que já era solitária, em um inferno. Delilah voltara a Bright Falls cinco ou seis vezes nos últimos doze anos – em alguns Natais e outras ocasiões especiais, além de um velório quando sua professora de arte favorita morrera. A última vez fazia cinco anos, quando Delilah fugira de Nova York com o coração recém-partido, imaginando que a familiaridade de Bright Falls pudesse servir como um bálsamo. Não serviu, mas rendeu a Delilah ideias para uma série de fotografias que fez sua ambição mudar de *fotógrafa freelancer que mal consegue pagar o aluguel para artista queer bem-sucedida com um apartamento incrível em Williamsburg*.

O que ela ainda não tinha alcançado, mas estava tentando.

– Então... vai me deixar na mão?

A voz de Astrid interrompeu suas reflexões e ela piscou, fazendo com que a cozinha de Lucinda voltasse ao foco.

– Deixar na mão, é? – Uma piada sacana estava na ponta da língua, mas

Delilah a engoliu.

– Ah, meu Deus – disse Astrid. – Você tá falando sério? Diz que você não tá falando sério?

– Eu...

– Delilah, fala logo!

– Estou tentando! Dá pra calar a boca por dois segundos?

Astrid soltou o ar tão alto que o som zumbiu no ouvido de Delilah.

– Tá bom. Tá bom. Desculpa, é que estou estressada. Tem muita coisa acontecendo.

– Certo – falou Delilah, quebrando a cabeça para lembrar *o que é* que estava acontecendo. – É, então...

– Não, não, não, não. Você *não* vai me deixar na mão, Delilah Green. Diz que não vai fazer isso.

– Meu Deus, Desastrinho, que tal tomar um ansiolítico?

– Por favor, não me chame assim e *não* me deixe na mão.

Delilah ficou um instante em silêncio. Talvez ver sua arte nas paredes de uma galeria de verdade, por menores que fossem, e o sexo excelente de depois tivessem mexido um pouco com sua capacidade de raciocínio, e ela logo se lembraria do que quer que Astrid estivesse falando. Tirou o celular do ouvido, apertou o viva-voz e conferiu a data no aplicativo do calendário. Sábado, 2 de junho. Madrugada. Sexta, 1º de junho, com certeza era uma data que tinha ficado gravada em sua mente durante meses enquanto se preparava para a exposição na Fitz. Mas tinha mais alguma coisa, alguma coisa a ver com o mês de junho, Astrid e...

Ah, merda.

– Seu casamento – disse Delilah.

– Sim, meu casamento – falou Astrid. – Que estou planejando há meses e para o qual a mamãe insistiu que eu contratasse *você* como fotógrafa.

– Nossa, que animação...

– Eu chamaria de outra coisa.

– Me ajuda a te ajudar, Desastrinho.

Astrid bufou no telefone.

– Ainda estou arrasada por não ser uma das madrinhas – observou

Delilah, sem expressão, mas, ao lembrar que a irmã postiça ia se casar com algum pobre coitado, seu coração acelerou com o horror e o alívio que a inundaram.

Por um lado, o casamento de uma Parker em Bright Falls era o último evento a que ela gostaria de comparecer naquele momento. Ou em qualquer momento. Tinha conhecido alguns agentes na exposição na Fitz e vendido uma obra – sim, a compradora estava dormindo no quarto ao lado, mas Loretta definitivamente assinara o cheque antes de se engraçar com Delilah. Pelo menos Delilah tinha quase certeza de que era assim que tinha acontecido, considerando que estava ocupada demais surtando ao ver alguém pagar por algo que ela criara.

Independentemente de qualquer coisa, aquele não era o momento para enchêção de saco vinda de Astrid-barrá-Isabel. Delilah sentia que estava prestes a conquistar algo, a ser *alguém*, e Bright Falls era um poço de desespero que sugava sua alma e onde ela não era ninguém.

Por outro lado – o lado que tentava manter Delilah alimentada e vestida –, Isabel Parker-Green tinha oferecido uma soma absurda para que ela fotografasse o casamento de Astrid e as duas semanas de eventos pré-matrimoniais. Agora que os detalhes da primeira ligação de Astrid a Delilah para falar sobre aquele feliz acontecimento voltavam à sua mente, com certeza eram cinco dígitos. Cinco dígitos *baixos*, mas cinco mesmo assim. Praticamente uns trocados para Isabel Parker-Green e para a maioria das pessoas que morava no Brooklyn, mas, para Delilah, que fazia um dólar durar dias, era soro na veia de sua conta bancária desidratada.

Com a quantia, que Astrid certamente sabia que Delilah não poderia recusar, a irmã postiça também deixara escapar uma manipulação *supersutil*: “A mamãe disse que seu pai ia querer que você fosse ao meu casamento.” Delilah ainda estava ressentida, sobretudo porque sabia que Isabel tinha razão. Quando vivo, Andrew Green fora um homem de família extremamente dedicado que fazia questão de jantar à mesa toda noite, viajar nos feriados, preservar tradições natalinas, checar o dever de casa e aprender a fazer penteados para que Delilah não fosse a única garota na Feira Medieval sem uma coroa de tranças.

Um casamento seria inegociável. A gente ia pela família, ainda que fosse paga para isso e rangesse os dentes o tempo inteiro.

– Os eventos pré-casamento começam no domingo – disse Astrid. – Você concordou em acompanhar tudo, lembra? As informações que enviei por e-mail indicam que você está agendada do dia 3 ao dia 16. Assinei o contrato, concordando com todas as suas cláusulas, e...

– Sim, eu sei, eu sei – respondeu Delilah, passando a mão no cabelo.

Que merda, ela não queria passar duas semanas inteiras em Bright Falls. E era o Mês do Orgulho. Ela adorava o Mês do Orgulho em Nova York. E quem é que começava essas bobagens de casamento com tanta antecedência? Bom, Delilah sabia exatamente quem.

– Astrid...

– Delilah, não fode.

– Que boca suja, Astrid. O que a *Isabel* diria?

– Ela diria isso e coisa muito pior se você estivesse prestes a cancelar seus serviços para o casamento da única filha que ela tem assim tão em cima da hora.

Delilah respirou fundo, embora estivesse tentando não fazer isso.

A única filha que ela tem.

Ela quis lutar contra o instinto de reagir, deixar que as palavras passassem como vento, mas fracassou. Era um reflexo, aquele sentimento, resquício de uma infância com pai e mãe mortos e uma madrastra que, para começo de conversa, nunca quisera ficar com ela.

– Merda – resmungou Astrid, arrependida e irritada ao mesmo tempo, como se fosse culpa de Delilah ela ter esquecido que Isabel passara a ser a responsável pela filha do marido depois que ele morrera em consequência de um aneurisma quando a menina tinha 10 anos.

– Olha a boca suja de novo – disse Delilah, soltando uma risada apesar do nó na garganta. – Acho que eu até gosto dessa Astrid estressadinha.

A irmã ficou alguns segundos sem dizer nada, mas o silêncio durou tempo suficiente para que Delilah soubesse que estaria decolando do aeroporto JFK pela manhã.

– É só vir, tá bom? – pediu Astrid. – Está muito em cima da hora para

achar alguém razoável para substituir você.

Delilah passou a mão no rosto.

– Tá.

– O que você disse?

– Tá bom – respondeu Delilah, praticamente gritando. – Eu vou, sim.

– Ótimo. Já reservei um quarto pra você na Caleidoscópio...

– Espera, eu não vou ficar com a mamãezinha querida?

– ... e vou mandar a programação por e-mail. De novo.

Delilah grunhiu e desligou antes que Astrid pudesse desligar na cara dela, então largou o celular no balcão como se o aparelho estivesse pegando fogo. Tirou a tampa de uma garrafa de gim pela metade que estava ao lado da pia e bebeu um gole direto do gargalo. O álcool desceu queimando, fazendo suas narinas arderem e seus olhos lacrimejarem.

Duas semanas. Seriam só duas semanas.

Duas semanas e dinheiro suficiente para três meses de aluguel.

Ela pegou o celular, aquele traidor, e voltou para o quarto. O roupão de Lanier caiu no chão e ela encontrou, amarrotado ao lado da cômoda, o macacão preto sem alças que deixava as tatuagens de seus braços à mostra. Depois de vesti-lo, ficou uns dez segundos procurando a calcinha, a roxa rendada que era sua favorita, mas não a encontrou em lugar nenhum.

– Foda-se – disse, pendurando a bolsa no ombro e juntando a massa de cachos escuros em um coque bagunçado.

Achou o salto dez vermelho ao lado da foto imensa em preto e branco apoiada na parede. A imagem mostrava uma mulher branca com um vestido também branco de tecido fino e rímel escorrendo no rosto molhado, encarando a câmera. Ela estava em uma banheira, o vestido totalmente encharcado e transparente, os mamilos quase escondidos pela linha da água e os dedos agarrando a borda da banheira branca enferrujada. Era de Delilah, uma das quatro obras da exposição na Fitz. Lembranças de Leila-Lucy-Luna pagando pela imagem em dinheiro vivo e depois enfiando a língua na boca de Delilah afloraram. A porcaria do nome ainda brincava de esconde-esconde.

– Opa – disse a mulher, levantando a cabeça da pilha de travesseiros e

olhando para Delilah com os olhos semicerrados, iluminada pela luz da cidade, o cabelo bagunçado. – Espera, você está indo embora?

– Hã, tô... – respondeu Delilah, calçando os sapatos e verificando se a carteira estava dentro da bolsa, as chaves, o cartão do metrô. – Valeu, foi legal.

Leah sorriu.

– Foi, sim. Tem certeza que não quer voltar pra cama?

Ela levantou uma sobrancelha enquanto a coberta caía só o suficiente sobre seu peito para revelar uma faixa de pele encantadora.

– Bem que eu queria – falou Delilah, indo para a porta.

A oferta era tentadora, mas sua mente já estava em outro lugar, em seu apartamento, vasculhando as roupas que precisava levar para o casamento e todos os brunches e chás e, meu Deus, despedidas de solteira que Astrid tinha planejado.

Astrid e seu pelotão de meninas malvadas.

London pareceu decepcionada.

– Ah. Tá. Bom... manda mensagem?

Delilah deu as costas para a mulher e foi em direção ao corredor, levantando a mão ao abrir a porta.

– Com certeza. Mando, sim.

Mas sabia que não ia mandar.

Nunca mandava.

No metrô, voltando para o apartamento em Bed-Stuy, ela se deu conta da realidade do que estava prestes a fazer. Voltar para Bright Falls era uma coisa, mas passar duas semanas à disposição de Astrid e Isabel seria insuportável.

E Delilah não tinha nenhuma intenção de facilitar as coisas para elas.



CAPÍTULO DOIS

CLAIRE ESVAZIOU A TAÇA DE VINHO pela segunda vez naquela noite e depois a apoiou na mesa de madeira rústica com uma força um tanto exagerada.

– Relaxa – disse Iris, sentada à sua frente, mexendo a laranja no coquetel de vodca e refrigerante.

– O que você acha que estou tentando fazer? – perguntou Claire, servindo um pouco mais de Syrah em sua taça.

Ela sabia que se arrependeria, porque vinho tinto sempre lhe dava dor de cabeça, mas Ruby ia passar a noite na casa de Josh pela primeira vez depois de dois anos, aí ela dissera a Iris que queria sair, espairar, ficar longe de Josh e daquele sorriso implacável que dizia *Sou um cara legal!* e daqueles olhos castanhos reluzentes. Então ali estava ela, meio bêbada, na Taverna da Stella, o único bar de Bright Falls, tentando não hiperventilar. O jukebox neon, no canto do salão, tocava uma música country horrível.

– Acho que o álcool não está ajudando – comentou Iris.

Virou a cabeça e analisou as pessoas. A maioria eram caras jogando sinuca e um bando de universitários que tinham vindo passar o verão em casa.

– É, não está mesmo.

– Quer ir pra outro lugar? – Iris apertou sua mão. – Podemos voltar pra

sua casa e ver um filme.

Claire balançou a cabeça. Estava inquieta, como quando experimentara maconha com Josh no último ano da escola e passara duas horas com o coração a mil. Precisava gastar um pouco de energia, e ficar sentada em um sofá bebendo e comendo restos de pizza não ia ajudar em nada.

– Eu só preciso de alguma distração – disse.

Iris ergueu as sobrancelhas.

– Que tipo de distração?

Sua voz saiu em tom de provocação, e Claire sabia exatamente aonde a amiga queria chegar. Iris estava sempre lendo romances e era famosa por tentar cultivar finais felizes para as amigas, ainda que só durassem uma noite.

– Tipo... – Iris fez um gesto com as mãos, instigando Claire a continuar.

Claire revirou os olhos, mas sorriu.

– Tá, tá bom. Isso. Esse tipo de distração mesmo.

– É?

– É.

Iris juntou as mãos, batendo as palmas uma vez, e as esfregou como uma vilã malvada.

– Aí sim! Faz uma eternidade que você não transa com ninguém.

Claire soltou um “Shhh!” e se inclinou para a frente.

– Dá pra ser mais discreta?

– *Ser mais discreta* não vai te ajudar a pegar ninguém.

– Ah, meu Deus, será que dá pra você...

– Aí, Bright Falls! – disse Iris, em voz alta, colocando as mãos em volta da boca e se levantando.

Cabeças se viraram em sua direção, as bocas já sorrindo como sempre acontecia quando Iris Kelly erguia a voz.

– Quem aí quer uma chance com essa bela dama que está aqui comigo? Ela está precisando desesperadamente de uma boa trep...

– Ai, meu Deus, Iris!

Claire puxou a blusinha leve sem mangas da melhor amiga, quase torcendo para ter rasgado a bainha. Iris se jogou de volta na cadeira

enquanto o rosto da outra ardia como se fosse o núcleo do Sol. Todos estavam olhando para elas, muitos erguendo a sobrancelha. Matthew Tilden, que fazia comentários extremamente inadequados sobre a bunda de Claire na escola, se virou no banco do bar e levantou a cerveja em um brinde na direção dela. Hannah Li, que era a professora do jardim de infância, pelo amor de Deus, abriu um sorriso tão lindo antes de piscar os cílios compridos que o estômago de Claire se revirou.

– Qual é a sua, Ris? – perguntou Claire.

– Achei que você quisesse conhecer alguém, ué – disse Iris, o sorriso desaparecendo enquanto ela se inclinava sobre a mesa, o cabelo ruivo incandescente caindo no rosto.

Iris dava mil por cento em tudo o que fazia. Claire ficava por volta dos dez.

– Eu queria. Eu quero. É que...

Claire soltou um suspiro. Ela não era boa nessa coisa de encontros, romance, sexo. Nunca tinha transado só por transar com ninguém, nunca tivera um amigo, ou amiga, colorido. Fora mãe aos 19 anos, não tinha tempo para isso. Mas ultimamente andava pensando em começar a sair de novo. *Pensando*. Ainda não tinha tomado uma atitude. Não tivera tempo. Entre administrar a livraria e ser mãe de uma pré-adolescente, ela caía na cama toda noite por volta das dez, assim que Ruby dormia.

– Faz quanto tempo? – perguntou Iris.

A boca de Claire se abriu e se fechou depressa. Fazia um tempo. Não, mais que um tempo.

– Tá – disse Iris. – Um tempão. Quem foi?

– O quê?

– A última pessoa com quem você transou. Caramba, a última pessoa com quem você *saiu*.

Claire bebeu mais um gole de vinho. A resposta deixaria o coração romântico de Iris scandalizado.

– Nathan.

Iris quase engasgou com a bebida.

– Nathan? Meu assistente? Com quem eu te incentivei a ficar porque

vocês dois são absurdamente detalhistas e eu achei que talvez se dessem bem falando de sistemas de organização ou alguma coisa do tipo? O Nathan, que você levou pra jantar em um *food truck* de sanduíche de lagosta lá em Astoria e depois desapareceu, o que deixou o clima bem estranho pra mim lá na loja na semana seguinte? Esse Nathan?

Claire se ajeitou na cadeira, tirando os óculos de armação roxo-escuro e limpando as lentes na blusa sem dizer nada.

– Isso foi há seis meses, Claire. *Seis meses*. Eu não sabia que o caso era tão grave.

Ela não tinha combinado com Nathan, só isso. Ele era um cara legal – lindo, com certeza, e bem que Claire se sentira atraída por ele –, mas naquela semana Ruby tinha brigado sério com a melhor amiga pela primeira vez, o que fizera Claire tentar, inutilmente, descobrir como ajudar a filha a lidar com o inferno que podiam ser as amizades no quinto ano. E ainda estava finalizando uma pequena reforma na livraria, seu maior projeto desde que assumira o negócio da mãe. Era importante, havia muitas coisas em jogo.

– E eu sei que você não dormiu com ele – disse Iris.

Claire levantou a sobrancelha.

– Ele é do tipo que sai contando vantagem?

– Não. Ele é elegantíssimo. Mas lembro muito bem que no dia seguinte você estava tensa como sempre.

Claire mostrou o dedo do meio para a amiga.

Iris bebeu um gole do coquetel e inclinou o corpo para a frente.

– Assim, por favor, *por favor*, me diz que a última vez que você transou não foi com o pai da sua filha linda, preciosa e dona do meu coração. Diz que não foi a última vez.

Claire ficou paralisada, a confissão na ponta da língua. Mas então percebeu que nem era verdade e levantou a mão em um gesto casual.

– Ah, fala sério, Iris, você sabe que não foi.

– Eu não sei de nada.

– Eu sempre conto tudo pra você.

Ou quase tudo. Ela e Josh tinham se separado havia nove anos. O

coração dela ficava apertado só de lembrar: a gritaria, o choro, Ruby e seus olhinhos de criança de 2 anos arregalados e assustados enquanto a mãe e o pai, jovens demais, se digladiavam.

– Bom, eu devo estar com algum problema de memória – falou Iris, olhando o bar lotado ao redor. – Cadê a Astrid? Ela costuma anotar essas coisas.

– Que coisas? Minha vida sexual?

– De todas nós, inclusive a dela. – Iris levantou a mão, fingindo escrever no ar e falando com um sotaque elegante que não tinha nada a ver com Astrid. – Segunda-feira, 3 de maio, 21h23. Hoje deixei Spencer me penetrar, o que foi bastante excitante. Da próxima vez, talvez eu me aventure e tente a vaqueira invertida. Ele fica pedindo anal, mas eu...

– Meu Deus do céu, para com isso – disse Claire, rindo. – Ela *não anota* isso no planner.

– Ela escreve *alguma coisa* pós-coito. Isso eu garanto.

– Ela gosta de organização. E foi você quem personalizou o planner dela.

– É, e coloquei uma caixinha ao final de cada dia que diz *Sexo: sim, não, talvez*, só pra ela.

Claire caiu na gargalhada.

– Mentira que você fez isso!

Iris deu uma piscadinha e bebeu mais um gole. Elas eram melhores amigas desde o quinto ano, quando Iris e Claire se mudaram para Bright Falls. A única vez que se separaram foi durante os quatro anos que Astrid e Iris passaram na faculdade enquanto Claire lidava com uma surpresinha em forma de filha. As amigas voltaram para Bright Falls depois da formatura, o trio se reuniu e Claire nunca ficou tão aliviada. Astrid e Iris fizeram de tudo para apoiá-la nos primeiros anos de vida de Ruby, mas ela se recusava a deixar que as duas abandonassem a própria vida. Além do mais, Claire tinha Josh.

Até não ter mais.

Mesmo assim, conseguiu se virar, após ter um bebê aos 19 anos, se apaixonar perdidamente pela filha e sobreviver ao fim do relacionamento com Josh.

Mas nunca ficou tão feliz quanto ao ver as amigas voltando para Bright Falls. Astrid, com um diploma de administração de Berkeley, assumiu a empresa de design de interiores muito lucrativa de Lindy Westbrook quando a mulher se aposentou, e Iris trabalhou como contadora até economizar o bastante para abrir a Desejos de Papel, sua papelaria, perto da livraria da família de Claire na Linden Street, no centro da cidade. Iris era extremamente talentosa – vendia uma linha autoral de planners personalizados e tinha mais de 50 mil seguidores no Instagram – e Astrid revitalizou praticamente sozinha metade das casas de Bright Falls.

Agora Claire administrava quase sem a ajuda de ninguém a Livraria Rio Selvagem, que sua avó abrira nos anos 1960, e estava fazendo de tudo para trazê-la para este século. A mãe a deixava fazer o que quisesse, mas para fazer o que ela queria – instalar um café, pendurar obras de artistas locais nas paredes, abrir um e-commerce – era preciso dinheiro, muito dinheiro. Até então, tinha conseguido renovar as prateleiras e paredes e montar uma pequena área de leitura, com sofás de couro macios no meio da loja, mas só isso. Ainda assim, era um começo.

Claire bebeu mais um gole de vinho, o que esvaziou a taça.

– Nicole Berry.

Claire disse o nome baixinho, mas ainda assim o som causou uma leve físgada em algum lugar em seu peito. Ela não tinha só transado com Nicole, elas tinham namorado. Durou cinco semanas, até que Claire quis apresentá-la a Ruby e Nicole se apavorou imediatamente. Ela gostava de Nicole. Muito. Poderia até chegar a amá-la, se Nicole tivesse dado uma chance ao relacionamento.

Iris fez uma careta.

– Nicole.

– É, Nicole – disse Claire, com uma leveza que contradizia seus sentimentos. – Ela era linda, né?

E como era. Cabelo sedoso, pernas compridas com as quais ela envolvia o quadril de Claire de um jeito que...

Ao lembrar, ela apertou as coxas uma contra a outra. Meu Deus, fazia muito tempo mesmo.

– Ah, claro, sim, maravilhosa – respondeu Iris, com delicadeza. Ela sabia quanto o fim daquele relacionamento tinha doído. – E isso faz dois anos. *Dois anos*, Claire. Faz dois anos que você não...? – Ela balançou os seios discretamente, e havia bastante deles para balançar.

– Ah, fala sério, ninguém tem tempo pra sexo, Ris. – Foi sua resposta brilhante.

Iris olhou para ela como quem diz *ah, coitadinha*.

– Isso não é verdade, e você sabe disso. Eu transo o tempo todo.

– *Você* tem namorado.

– E *você* tem um vibrador.

Ela levantou a taça vazia em um brinde.

– Ah, isso eu tenho mesmo.

– E ele está muito, muito cansado.

Claire riu, mas não pôde negar. Tinha carregado a bateria pelo menos duas vezes no último mês.

Iris bateu o copo na taça da amiga e Claire esvaziou os pulmões pela primeira vez naquela noite. Desde que Josh tinha voltado para a cidade, dois meses antes – jurando que desta vez era para ficar, que ia abrir uma construtora em vez de ficar só fazendo bicos para a empresa do amigo, Holden, que queria estar presente na vida de Ruby –, ela estava no limite.

E, com Astrid girando que nem um pião desgovernado, o casamento com Spencer se aproximando como uma nuvem escura no horizonte... bom, digamos que Claire merecia umas bebidas.

– Como estão as coisas? – perguntou Iris, lendo a mente da amiga como sempre. – Com Josh.

Claire deu de ombros.

– Ruby adora o pai.

– E vamos deixar por isso mesmo?

Claire soltou um longo suspiro. Josh era o pai da menina, e ela sempre o amara. Mas, caramba, se ele alimentasse as esperanças de Ruby só para desaparecer mais uma vez, ela o mataria. Tipo, literalmente. Seria uma morte lenta e dolorosa. Ela já tinha pessoas demais em sua vida em quem não podia confiar e não queria que Ruby crescesse com os mesmos

fantasmas.

Deu uma olhada no celular. Tirando o horário e a foto do rosto sorridente da filha, não havia nada na tela. Nenhuma mensagem de Josh. Sua visão embaçou a ponto de ela perceber que mais uma bebida a deixaria negligente, e ela não faria isso na frente de Josh. Ele nunca usaria isso contra ela – ou, pelo menos, era o que pensava –, mas Claire estava tentando dar um bom exemplo de responsabilidade parental.

– É melhor eu ir embora – disse.

– Mas e a sua distração?

Ela levantou a mão.

– Isso pode ficar pra depois.

– Astrid ainda nem chegou.

Claire massageou as têmporas. Tudo em sua vida se fundindo em uma dor de cabeça atrás dos olhos.

– Quero dar uma olhada na Ruby lá na casa do Josh antes que ela vá dormir.

– Dar uma olhada no Josh, você quer dizer.

– Você me julga?

Iris balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Você sabe disso, né?

Claire tirou umas notas da carteira.

– Eu sei.

– Eu te amo, sua necessitada de sexo.

Claire riu.

– É bom mesmo.

– Pra sempre. – Ela estendeu a mão e deteve a de Claire, que ainda segurava a carteira. – Então vamos fazer isso sem pressa.

– Isso o quê?

– Te arranjar um encontro. Achar alguém que te interesse.

– Tá bom – disse Claire, cautelosa. – O que você...

– Um número de telefone. Só isso. É só pedir o telefone de alguém esta noite. Comece por aí.

Os ombros de Claire imediatamente se curvaram. Ela sempre conhecera

as pessoas com quem se relacionara de maneira orgânica. Josh era seu namorado de escola. Nicole era uma autora local que escrevia livros de culinária vegana e tinha ido à livraria autografar sua obra mais recente de sobremesas à base de vegetais. Claire organizara a tarde de autógrafos, elas começaram a conversar e pronto. Iris havia armado o encontro com Nathan. Ela nunca tinha conhecido ninguém em um bar, mas, vendo Iris fazer isso pelo menos umas dez vezes desde que saíram da escola, sempre ficou imaginando como era, a emoção e o frio na barriga.

Claire se obrigou a relaxar. Fora para isso que tinha saído, afinal de contas. Queria... alguma coisa. Precisava de alguém – ainda que fosse apenas uma *possibilidade* – para garantir que não ia ter uma recaída com Josh. Não estava apaixonada por ele, sabia disso. Mas seu corpo ficava idiota perto dele. Sempre fora assim.

Isso não mudava o fato de que a ideia de abordar uma pessoa estranha e simplesmente dizer *E aí?*, no melhor estilo Joey de *Friends*, a deixava enjoada.

– A partir de amanhã – disse Iris, sentindo o surto iminente da amiga –, vamos ficar amarradas durante duas semanas inteiras com as baboseiras do casamento.

– Baboseiras?

Iris a ignorou.

– Estamos falando de brunches, toalhinhas de renda, manicures e uma despedida de solteira totalmente assexuada.

Claire riu, lembrando que Astrid tinha proibido qualquer objeto fálico em sua festa. Nada de canudinhos e bolos em formato de pênis e, acima de tudo, nada de vibradores. Iris estava muito decepcionada.

– Isso sem falar que vamos precisar ter aquela conversinha com a Astrid – disse Iris, abaixando o tom de voz e se inclinando para a frente –, e talvez ela vá nos odiar pelo resto da vida.

Claire fechou os olhos e respirou lentamente pelo nariz. Desde que Astrid tinha deixado até mesmo Iris chocada e sem palavras alguns meses antes ao anunciar que ia se casar com Spencer Hale, com quem estava namorando havia menos de três meses e com quem suas melhores amigas

mal tinham interagido, Claire e Iris estavam vivendo em um leve estado de pânico. Ele era lindo e rico, além de ser o único dentista da cidade, e parecia não conseguir terminar uma refeição sem fazer algum pedido ridículo para Astrid.

Pode me passar o sal, bebê?

Pode pedir pro garçom trazer mais uma cerveja, bebê?

Você não queria o resto das fritas, né, bebê?

E o pior era que Astrid sempre atendia, ainda que a porra do sal estivesse bem na frente daquela carinha de bom moço de Spencer.

Iris e Claire sempre diziam que iam conversar com ela sobre isso, traçar um plano, mas as semanas viraram meses e elas ainda não tinham encontrado uma maneira de explicar a Astrid que o tal amor da sua vida era um completo babaca. Porque ele era o pior tipo de babaca, sorrateiro e sorridente. Muitas vezes, Claire não sabia dizer o que exatamente a incomodava tanto naquele homem. Só que, sempre que estava no mesmo ambiente que ele, se sentia na presença de uma cobra venenosa, o que não era exatamente um motivo para dizer a Astrid que não era amor, era cilada. Além disso, Astrid gostava de fatos, números, e nem Claire nem Iris tinham isso para dar, só uma sensação ruim que não conseguiam deixar para lá.

– E aí? – perguntou Claire.

– E aí que as próximas duas semanas vão ser um saco, e você nunca vai encontrar alguém na Casa de Chá da Vivian nem no spa do Vinhedo Lírio Azul.

Claire hesitou.

– Ué, podem acontecer umas coisas bem safadinhas em um spa.

– Não nos do tipo que Astrid frequenta.

– Nunca se sabe.

Iris se inclinou para a frente.

– Você está me dizendo que pegaria a massagista se ela estivesse a fim? Tipo... – ela baixou o olhar até a região supostamente negligenciada do corpo de Claire e ergueu as sobrancelhas – ... pegaria *mesmo*?

– Pegaria, ué.

– Duvido.

Claire levantou as mãos e as deixou cair novamente.

– Tá, tá bom, eu prefiro ter um encontro primeiro. Pode me crucificar.

– Eu sei. Você não é do tipo casual, e tudo bem. Por isso, um número de telefone. Sei que você detesta o Tinder e outros apps tipo o Salad Match.

– Eu não detesto, é que... Espera aí, o que é Salad Match?

– Você encontra sua alma gêmea considerando seu gosto por salada.

Existe mesmo.

– Meu Deus.

– Pois é.

Claire esfregou os olhos embaixo dos óculos. O mundo dos encontros era assustador. Não que ela se aventurasse muito nele. Tinha se arriscado de leve com Nicole, e fora o bastante.

– Eu tenho uma filha pra criar, Ris.

O olhar de Iris suavizou, e ela estendeu a mão para apertar a da Claire.

– Eu sei. Você deu duro, abriu mão de um monte de coisa e agora tem uma filha incrível.

Claire sentiu a garganta quase se fechar com a emoção na voz da amiga.

– Ris...

– Que é mais um motivo pra se dar ao luxo de um orgasmo que não seja autoinduzido.

Claire sorriu e Iris ficou com aquele brilho nos olhos, o mesmo de quando estava criando um planner ou quando comprava um jogo novinho de canetas. Aquele brilho de *não trabalhamos com desistências*.

– Tá. – Claire endireitou a postura, jogou os ombros para trás e alongou o pescoço para um lado e para o outro, como se estivesse se preparando para uma luta de boxe. – Tá. Eu consigo.

– É claro que consegue.

– Eu sou gata, né?

– Gata e fodona.

Ela sacudiu as mãos.

– Só um telefone. Não deve ser tão difícil.

– É fácil. Todo mundo aqui quer seu telefone.

– Eu não diria todo mundo.

– Eu diria. – Iris estendeu a mão e deu um tapinha nas costas de Claire, gritando: – Vai lá, gostosa! – Então se sentou e voltou a beber o drinque com um sorriso animado no rosto.

Claire se virou na cadeira e encarou o balcão envernizado, observando a agitação por alguns segundos. Ela olhou para Iris por sobre o ombro.

– Um telefone.

– Um telefone. Só isso. Um telefone *válido*, de uma pessoa que você ache mesmo bonita ou interessante ou o que quer que esteja acendendo esse fogo aí hoje em dia.

Claire mostrou a língua para a amiga.

– Guarda essa língua pra coisas mais interessantes, amada – disse Iris, piscando.

Claire riu.

– Tá bom. Tá bom.

Ela se virou de novo, respirando fundo. A Taverna da Stella estava cheia. Era assim nos finais de semana – e em qualquer outra noite, para falar a verdade. Bright Falls era um charme, e ela adorava a cidade, mas só tinha um punhado de lojas, cuja maioria fechava às seis em ponto, e poucos restaurantes, então o único bar da cidade ficava sempre cheio mesmo. Ela observou as mesas ao redor, esperando encontrar Hannah Li mais uma vez. Ela com certeza ficaria mais à vontade para abordar uma mulher ou uma pessoa não binária.

Desde que se assumira bi, ainda no colégio, sempre se sentira mais atraída por outras pessoas lgbtq+ ou lésbicas mais femininas. Josh fora uma das poucas exceções, e uma exceção e tanto. Ainda assim, ela conhecia todas as mulheres queer da cidade, e metade delas já era casada ou estava namorando – inclusive Iris, que se descobrira bi no segundo ano da faculdade e sempre seria mais irmã que parceira em potencial. Então a possibilidade de haver uma solteira na Taverna da Stella era quase inexistente.

E Hannah não parecia estar em lugar nenhum, nem à mesa onde estava antes nem junto do balcão.

Claire estava prestes a se virar de volta para Iris, pronta para desistir,

quando seus olhos se fixaram em um jeans preto justo.

A mulher era branca e tinha acabado de chegar ao bar, com uma mala de rodinhas. Seu cabelo era preto e cacheado, bem volumoso. Ela estava de costas para o salão, e Claire não conseguiu tirar os olhos quando ela se inclinou sobre o balcão para pedir um drinque a Tom, o barman da noite, ficando na ponta dos pés de bota preta. Tatuagens cobriam seus braços nus. Meu Deus, Claire adorava um braço bem tatuado.

E aquele jeans. Aquele jeans era lindo.

– É isso aí! – disse Iris atrás dela.

Claire se virou.

– Você nem sabe para quem estou olhando.

– Ai, me poupe. – Iris fez um gesto com o copo em direção à mulher tatuada. – Você tem uma preferência clara, e ela preenche todos os requisitos, toda taciturna e misteriosa.

Claire abriu a boca para protestar, mas, quando Iris tinha razão, não havia por que discutir. Passou as mãos pela calça, se certificou de que a gola da blusa estava certinha e ajustou os óculos. Então se levantou e caminhou até o balcão.



CAPÍTULO TRÊS

O CHEIRO DA TAVERNA DA STELLA era exatamente o mesmo da última vez que Delilah estivera ali – álcool, suor e serragem da serraria que ficava nos arredores da cidade, trazida na sola das botas de trabalhadores grandes e corpulentos.

Ela não tinha planejado passar no bar quando saísse do carro que chamara pelo aplicativo de motoristas. Mas bastaram quinze segundos observando o centro escuro de Bright Falls para lembrar que a cidade inteira fechava assim que o sol desaparecia, mesmo aos sábados. A pousada onde ia ficar com certeza não tinha licença para vender bebidas alcoólicas, e ela jamais conseguiria lidar com a irmã postiça e a madrastra sem um pouco de coragem líquida.

Depois de entrar, no entanto, ela hesitou, ficando de pernas bambas de repente quando as risadas e a música alcançaram seus ouvidos. Fazia cinco anos que não ia a Bright Falls. Cinco anos que tinha deixado Nova York, deixado Jax e sua boca mentirosa por isto: o aconchego da cidade, todas aquelas caras que se conheciam desde sempre, aquele clubinho do qual ela nunca sentira fazer parte, mas que ainda assim a fascinava. Desde que havia se mudado de Seattle para lá com o pai, ela com 8 anos, ele com uma aliança novinha no dedo, era assim, parecia que ela estava do lado de fora de uma

casa iluminada e acolhedora, na chuva, batendo na janela. E tudo ficara ainda pior com a morte do pai, dois anos depois, deixando Delilah com uma madrasta e uma irmã postiça que não tinham a menor ideia do que fazer com ela.

Delilah respirou fundo e olhou para o balcão. Ficava a uns trinta passos de onde ela estava, um mar de corpos entre ela e uma bebida. Ela morava em Nova York. Era artista. Uma artista que estava passando por perrengues, sim, mas uma artista, caramba. Essa cidade, sua *família*, não ia derrotá-la. Nunca mais.

Ela tirou a jaqueta cinza e a largou por cima da mala. O ar úmido e alcoólico pareceu grudar em seus braços, mas era melhor que sufocar de casaco. Virando o corpo para encostar no menor número possível de pessoas, manteve a cabeça baixa e andou rápido até o bar. Ali, soltou o ar aliviada. O barman era um desconhecido, não alguém com quem ela havia estudado no ensino médio e que a encararia franzindo os olhos como se ela fosse um quebra-cabeça que ele não conseguia resolver. Ela era praticamente invisível nos tempos de escola, um fantasma com uma nuvem de cabelos escuros rebeldes e olhos azuis que ela mantinha no piso de lajotas sujas, a gótica esquisita, enquanto Astrid brilhava como uma estrela no baile.

– Uísque, puro – disse, deixando a mala ao lado de uma banquetta e apoiando os braços no balcão.

O cara – *Tom*, dizia seu crachá – sorriu, piscou para ela e serviu a dose com um gesto exagerado, despejando-o de uma altura de uns 60 centímetros.

Ela ficou olhando para ele, tamborilando as unhas curtas pintadas de cinza no balcão reluzente.

Ele colocou a bebida na frente dela e se apoiou no balcão. Cabelo bagunçado, barba aparada, olhos castanho-escuros. Provavelmente era bonitinho para quem apreciava a forma masculina.

– Obrigada – disse ela, virando o copo.

A bebida desceu queimando, aquecendo-a de um jeito que fez aquele maldito casamento parecer suportável. Porém, ela sabia que não ia durar.

– Você é daqui? – perguntou ele.

Ela se segurou para não revirar os olhos.

– Não faço seu tipo – disse.

O sorriso dele fraquejou.

– Não?

– Não.

– Acho que talvez faça.

Delilah bateu no copo, pedindo mais uma dose, e ele obedeceu de um jeito ainda mais exagerado que antes, lançando o copo e a garrafa no ar. Ah, como ela queria que ele tivesse derrubado tudo. Ao entregar-lhe a bebida, ficou olhando para ela com expectativa. Ela bebeu mais devagar desta vez, encarando-o com um olhar capaz de abrir um buraco na parede, na esperança de que ele corresse para longe.

Ele não correu.

Ela se sentou na banquetta, sabendo que aquilo talvez acabasse com ela saindo do armário para um desconhecido, como tinha feito tantas vezes, o que provavelmente seria acompanhado de alguma piada horrível sobre fazer um ménage, que aquele babaca acreditaria ser sexy.

Enquanto repassava a lista de roteiros *Sou lésbica* na cabeça, alguém se aproximou do balcão ao seu lado. Pelo canto do olho, ela viu que era uma mulher branca com cabelo castanho-claro em um coque frouxo, franja grossa penteada para o lado, óculos de armação roxo-escuro e blusa vintage coral estampada de bolinhas brancas. Delilah virou mais um pouco a cabeça, observando o jeans escuro de cintura alta que abraçava um quadril curvilíneo, os braços macios e as unhas pintadas de lavanda, com as pontas lascadas.

E a mulher também se virou, e seus olhos se encontraram.

Delilah respirou fundo.

A mulher era maravilhosa. Olhos castanho-escuros, cílios longos, maçãs do rosto salientes e uma boca de um vermelho vivo, com o lábio inferior carnudo, que Delilah logo quis morder. Ela se lembrou de ter exatamente essa fantasia no colégio, sempre que Claire Sutherland ia à Casa das Glicínias fazer o que quer que Astrid e seu clã faziam enquanto Delilah ficava no quarto sozinha. Claire fora uma das garotas que, sem saber,

ajudaram Delilah a se descobrir lésbica. Era curvilínea e fazia o estilo nerd sexy, e Delilah viu que continuava assim, o quadril e a bunda um pouco mais largos do que no colégio. Ela ainda estava um espetáculo.

E agora, doze anos depois, a julgar pelo sorriso amigável que enfeitava a bela boca de Claire, ela com certeza não estava reconhecendo Delilah.

De jeito nenhum.

Não era exatamente uma surpresa. Na infância, Delilah vira Claire e aquela ruiva escandalosa, Iris, com Astrid sempre de longe. Depois que o pai de Delilah morrera, quando elas tinham 10 anos, Isabel havia se fechado completamente em seu luto por um tempo. Então, Astrid e Delilah tiveram que se virar praticamente sozinhas naquele primeiro ano. Astrid se apegara às novas amigas em busca de consolo, e Delilah se refugiara nos livros que ganhara do pai, nos mundos fantásticos onde órfãos eram heróis e a criança esquisitinha sempre se destacava no final. Tinha curiosidade em relação às amigas de Astrid, sobretudo porque nunca tivera nenhuma. Perdera a mãe aos 3 anos, e a natureza caladona do pai fizera com que os dois acabassem ficando cada um em seu mundinho. Delilah era observadora, atenta, e o pai sempre a elogiara por isso. Mas, depois da morte dele, tudo em Delilah de repente se tornara estranho e indesejável. Ela ouvia os sussurros quando Iris e Claire estavam na casa: *Por que a sua irmã é tão esquisita? É ela ali espiando a gente? Ah, meu Deus, não dá nem pra ver o rosto dela de tanto cabelo.* Astrid mandava as duas ficarem quietas e Isabel dizia coisas benevolentes como: *Ah, Delilah, você não quer assistir ao filme com a gente?*, mas as três garotas ficavam caladas, obviamente paralisadas pelo medo de que Delilah aceitasse, e Isabel não fazia nada para de fato impor sua sugestão.

Então Delilah mantinha distância e só falava quando alguém lhe perguntava alguma coisa, o que não acontecia com frequência. A solidão acabou ficando tão pesada que tinha a sensação de que ia sufocar sentada no quarto sozinha. Tinha pesadelos em que morria assim e ninguém percebia sua ausência por várias semanas.

Quando ela e Astrid chegaram ao ensino médio, todas já tinham uma rotina. Delilah era o mais discreta possível, vagando por seu mundo interior

e só interagindo com alguns colegas das aulas de arte. Isabel as obrigava a jantar em família todas as noites, fazia caridade e tinha obsessão pelo sucesso, pela beleza e pelo status de Astrid. E Astrid, embora Delilah às vezes a visse resistir à mãe cada vez mais controladora, virou a queridinha da cidade, sempre sorridente e cercada por admiradores.

Inclusive Claire Sutherland. Então é claro que agora ela não reconhecia Delilah. Além disso, os últimos anos tinham sido gentis com Delilah. Ela enfim descobrira como cuidar do cabelo cacheado para deixá-lo especialmente bonito, e todas as tatuagens que cobriam seus braços tinham sido feitas nos últimos cinco anos. Ela sabia que estava diferente de quando era adolescente e de quando tinha 25 anos, na última vez que estivera na cidade. Usava menos maquiagem e roupas com um caimento melhor.

Ainda assim, o vazio no olhar de Claire era como um tapa na cara.

– Oi – disse Claire, e baixou o olhar, os cílios parecendo abanar as bochechas, os lábios se curvando no menor dos sorrisos.

Ela colocou uma mecha solta de cabelo atrás da orelha e respirou fundo.

Delilah levantou a sobrancelha. Será que ela estava...? É, estava, sim. Claire Sutherland estava corando, o rosa florescendo em suas bochechas redondas como se ela tivesse saído no vento. Ela observou a postura de Claire: um joelho dobrado, o quadril levemente empinado, os braços apoiados no balcão pertinho do braço de Delilah, a ponto de quase sentir os pelinhos na pele de Claire. Ela olhou para Delilah, sorriu e ficou ainda mais rosada, voltando a abaixar o olhar.

Claire Sutherland estava dando em cima dela.

Dela. Delilah Green, a Alma Penada da Casa das Glicínias. Foi como Astrid, Claire e Iris a chamaram certa vez. Elas tinham por volta de 14 anos e estavam na cozinha – a cozinha que o *pai* de Delilah tinha projetado – quando Delilah entrou para pegar uma maçã. As três estavam falando, rindo, fazendo uma bagunça enquanto assavam biscoitos ou sei lá o quê. Mas a conversa, a movimentação, tudo parou no instante em que Delilah entrou. Suas bochechas arderam – ela se lembrava disso, do fogo que parecia prestes a tomar conta de seu corpo sempre que as amigas da Astrid estavam na casa. Nunca conseguia decidir se era de vergonha, raiva ou desespero por

se encaixar.

– Oi, Delilah – disse Claire, naquele dia.

Delilah também se lembrava disso. Claire sempre a cumprimentava, mas ela nunca entendeu *por quê*. Delilah levantou a mão em resposta, o gesto rígido e sem jeito de uma garota solitária de 14 anos, pegou uma das maçãs orgânicas de seis dólares que Isabel insistia em comprar da tigela que ficava em cima da ilha da cozinha e fugiu.

– Nossa – ela ouviu Iris dizer quando saiu. – Por que ela sempre anda assim, na surdina?

– Iris – disse Claire, mas quase rindo.

– O que foi? Ela parece um fantasma, assombrando os corredores da Casa das Glicínias. Não, espera, ela parece uma alma penada.

– Qual é a diferença? – perguntou Astrid.

– Sei lá. Alma penada dá mais medo?

Então Iris soltou um *uuuuuu* trêmulo e as três caíram na gargalhada. No andar de cima, Delilah se fechou no quarto e mordeu a maçã, mastigando com tanta força que se lembrava de ter ficado com medo de quebrar um dente.

E agora ali estava ela, a Alma Penada da Casa das Glicínias, sentada na Taverna da Stella com a atraente Claire Sutherland sorrindo para ela.

– E aí? – disse Delilah, virando-se no banco para ficar de frente para Claire.

Isso permitiu que Claire visse claramente seu rosto, que, olha só, não tinha mudado tanto assim desde os tempos do colégio. Claro, as sobrancelhas naturalmente grossas estavam sob controle e ela havia aprendido a pegar leve no delineador, mas ainda assim...

Ela inclinou a cabeça olhando para Claire, dando-lhe a oportunidade de reconhecê-la.

Claire apenas inclinou a cabeça também, com um sorrisinho discreto nos lábios.

– O que você está bebendo? – perguntou ela.

Delilah ficou olhando para ela por um segundo. Podia dizer a verdade. *Devia* dizer a verdade. Devia abrir a boca naquele instante e dizer: *E aí,*

lembra de mim?

Ou...

Podia flertar com aquela mulher maravilhosa – talvez até mais que isso, realizando todos os sonhos que tivera com Claire Sutherland – e ver no que dava. Claire obviamente estava a fim dela. Do contrário, não estaria ali naquele instante, piscando daquele jeito. Uma sensação gostosa e confusa encheu o peito de Delilah ao pensar em acordar ao lado da amiga malvada de Astrid... e *só então* falar a verdade.

O bônus? Astrid viraria bicho.

– Uísque – respondeu Delilah.

Claire fez um gesto pedindo uma dose a Tom e se apoiando no balcão enquanto esperava. Quando o copo deslizou entre seus dedos – após Tom servi-lo sem nenhuma cerimônia enquanto franzia a testa para Delilah –, ela percebeu que as mãos de Claire estavam tremendo.

– Está com frio? – perguntou Delilah, apontando para o uísque.

Claire riu.

– Não. Eu acho... acho que estou nervosa.

Delilah quase caiu na gargalhada. Era perfeito demais.

– Por quê?

Claire bebeu um gole e se virou para ela. Delilah abriu um pouco as pernas, o suficiente para que Claire quase ficasse entre elas. Ela esperava mais um rubor, mas Claire só abaixou o olhar e levantou uma das sobrancelhas.

– Ou talvez eu não tenha motivo para estar nervosa – disse.

– Talvez não – respondeu Delilah.

Claire estreitou os olhos e Delilah se perguntou se ela estava juntando as peças.

– É sempre um risco conversar com uma mulher em um bar – falou Claire. – Não que eu faça isso com frequência.

– Um risco?

Claire assentiu.

– Você pode ser hétero.

Delilah riu, mas não revelou nada.

– E você não é?

– Ah. – E o rubor voltou. – Não, não mesmo.

Delilah se lembrou de quando Claire se assumira bi no colégio. Tinha sido um dia de glória, um dia lindo com os tons do arco-íris. Não que Delilah tivesse alguma ilusão de que Claire pudesse se interessar por ela na época, mas tinha percebido que gostava de garotas na sétima série, e Claire Sutherland então também gostava de mulheres? A jovem Delilah saboreou aquela informação, guardou-a, usou-a para ter confiança quando chegou a Nova York, quando seus dias de alma penada em Bright Falls ficaram para trás e ela percebeu que era bem charmosa e sabia chamar a atenção, que outras mulheres lgbtq+ e pessoas não binárias *gostavam* dela.

– Hum – disse Delilah, apoiando o queixo na mão. – Isso é mesmo um dilema.

Claire riu de novo. Era um som agradável e totalmente despretensioso. Ela não estava de joguinho. Estava só... *fazendo charminho*.

– Você não vai me dar uma pista?

– Ainda não decidi.

– Bom, eu adoraria uma ajudinha. Não sou muito boa nisso.

– No quê?

– Paquerar.

Delilah arregalou os olhos, exagerada.

– Isso é você paquerando?

– Ah, meu Deus – disse Claire, baixando o rosto nas mãos.

– Brincadeira – respondeu Delilah, bebendo um gole do bourbon. – Eu sei exatamente o que está acontecendo aqui. Você está tentando me recrutar para uma seita. Já entendi tudo.

Claire levantou a cabeça e riu, os olhos brilhando atrás dos óculos.

– Você me pegou. O profeta está pronto para raspar sua cabeça e marcar um unicórnio na sua bunda.

– Um unicórnio?

– É uma seita queer.

Desta vez foi Delilah quem riu.

– Bom, nesse caso, estou dentro.

Claire abriu os lábios, só um pouquinho.

– Sério? Então você é...

Ela fez uma pausa, esperando que Delilah completasse a frase. Delilah se aproximou até sua boca ficar bem pertinho do ouvido de Claire, os joelhos tocando o quadril dela. Seu cheiro era de campo, de ar fresco, com alguma flor delicada no fundo. Delilah fez cena ao inspirar seu aroma. Ou talvez nem fosse cena. Aquela mulher era engraçada, bonita, tinha uma insegurança encantadora e, por uma fração de segundo, Delilah esqueceu quem ela era.

– Sou muito, *muito* lésbica – sussurrou, soltando as palavras devagar e deixando que seu lábio inferior tocasse a orelha de Claire, que inspirou com suavidade, o som fazendo o estômago de Delilah vibrar.

Claire se afastou, as pupilas totalmente dilatadas.

– É muito bom saber disso.

– Não é? – indagou Delilah.

Elas ficaram olhando uma para a outra por um instante enquanto Delilah pensava em como agir. A pergunta *Qual é o seu nome?* ia surgir a qualquer momento, e ela estava se divertindo demais para estragar aquilo com a verdade. Mas, antes que pudesse se decidir, uma voz familiar interrompeu a música country que ecoava do jukebox.

– ... cadê a Claire? Não me diga que ela ficou presa dando uma de babá do Josh.

Ao ouvir o nome dela, tanto Claire quanto Delilah viraram a cabeça na direção da voz. Astrid estava a uns três metros delas, tirando a capa de chuva, com certeza de alguma marca bem cara, falando sem parar com uma ruiva – Iris Kelly, terceira integrante do trio de Astrid – que já estava sentada bebendo alguma coisa incolor.

– Ah, minha amiga chegou – disse Claire.

Delilah resmungou algo, vendo a irmã postiça servir o resto da garrafa de Syrah naquela que devia ser a taça de Claire, enchendo-a quase até a boca.

– Vai com calma, mulher – Delilah ouviu Iris dizer.

– Ela está um pouco estressada – comentou Claire. – Vai se casar daqui a

duas semanas.

Delilah se virou para olhar para Claire, que continuava linda, sem perceber nada.

– É mesmo?

Claire assentiu, se aproximou e sussurrou:

– Com um babaca.

Delilah ergueu as sobrancelhas. Ela não conhecia Steven... Spencer? Não, Simon. Isso, Simon. Nunca tinha visto o sujeito, mas aquele comentáriozinho, vindo de uma integrante do bando de Astrid, era... interessante.

– É mesmo? – perguntou. – Por que babaca?

Claire deu de ombros.

– Spencer é... – Droga, era Spencer! – exigente.

– Então parece um casal perfeito.

As palavras escaparam, e Claire franziu a testa, semicerrando de leve os olhos. Ela abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, a voz de Astrid as interrompeu mais uma vez.

– Você não vai acreditar no que minha irmã fez – disse Astrid, bebendo um golão do vinho. – Bom, *quase* fez, mas é bem a cara dela...

Ela parou o falatório quando viu Delilah.

– Espera... – falou Claire, se afastando.

Delilah ficou olhando para ela, dava para ver as peças se encaixando. Ela abriu aquela boca linda e arregalou os olhos atrás dos óculos.

– Ah, meu...

– Delilah? – disse Astrid.

Ela se levantou, a taça de vinho ainda na mão. Estava com um jeans skinny escuro, uma camiseta branca justa e um blazer preto sob medida que provavelmente custava mais que o armário inteiro de Delilah. O cabelo louro ia até os ombros, e uma franja desalinhada até as sobrancelhas. Argolas douradas pendiam de suas orelhas e um anel com um diamante gigantesco brilhava no dedo.

– E aí, maninha? – respondeu Delilah, e levantou o copo em um cumprimento antes de virar o restante da bebida. Ela ia precisar.



CAPÍTULO QUATRO

O ROSTO DE CLAIRE QUEIMAVA enquanto ela olhava para aquela mulher, cujo sorriso sedutor tinha virado um sorrisinho irônico. Raiva, confusão, surpresa – tudo isso a atingiu como uma onda.

Aquela era Delilah? A irmã reclusa de Astrid que fora embora assim que fizera 18 anos sem olhar para trás? Ou quase sem olhar para trás, pelo menos. Claire se lembrou de Astrid dizendo todos os anos que Delilah tinha prometido voltar para o Natal e outras datas comemorativas, mas que só apareceu uma ou duas vezes. Teve aquela vinda na primavera uns cinco anos antes, mas Claire não se lembrava de tê-la visto na cidade.

Não que tivesse tentado. Depois de Delilah ter passado a infância inteira praticamente agindo como se Astrid não existisse, Claire tinha poucos motivos para procurá-la e ainda menos vontade. Além disso, cinco anos antes, estava lidando com as consequências de mais um sumiço de Josh, tentando consolar a filha de 6 anos que estava arrasada. Um terremoto poderia ter partido a cidade ao meio e talvez ela nem percebesse.

Ela piscou olhando para a mulher – para *Delilah* –, tentando entender como não tinha percebido. As tatuagens eram novas, e agora ela conseguia ver seu rosto de verdade, enquanto na época do colégio ele estava sempre coberto pelo cabelo, que escondia Delilah do mundo. Claire achava que nem

sabia qual era a cor dos olhos da irmã postiça de Astrid, mas agora estava claro como o dia.

Azul.

Tipo, azul-safira. Olhos escuros, profundos e fixos em Claire, desafiadores em conjunto com as sobrancelhas retas.

– Bom te ver, Claire – disse Delilah, largando o copo agora vazio sobre o balcão.

Claire tentou pensar em uma resposta, algo inteligente e forte, mas só conseguiu pensar em um brilhante “Éééé...” enquanto Delilah descia da banquetta e vestia a jaqueta cinza-escuro. Ainda sentia o coração palpitando na garganta, a respiração vibrando no peito com aquele lábio roçando sua orelha.

Delilah. O lábio de Delilah Green.

– O que você está fazendo? – perguntou Astrid quando Delilah foi em direção à mesa.

– Vim beber – respondeu Delilah.

– Puta merda, você está muito diferente – disse Iris.

– E você está exatamente igual – respondeu Delilah.

– Vou aceitar isso como um elogio – declarou Iris, sorrindo para ela.

Delilah deu de ombros e bebeu um gole do vinho de Astrid. Claire continuava paralisada no balcão, os dedos pegajosos segurando o copo. Ela repassou a noite até ali, cada momento desde que a vira entrando no bar. Tinha ficado mesmo *tão* a fim da mulher a ponto de não ligar os pontos? Claramente, porque ainda sentia uma discreta pulsação entre as pernas, que começara no instante em que Delilah tinha se virado para ela, afastando os joelhos e ocupando todo o espaço que queria. O oposto da Delilah Green do colégio.

O oposto da Claire Sutherland adulta, para ser sincera.

Ela balançou a cabeça, virou o restante do bourbon e foi até o grupo.

– Como foi o voo? – perguntou Astrid à irmã.

Delilah riu.

– Não precisamos fazer isso.

Astrid piscou, surpresa, mas depois sua boca se contraiu.

– Tá bom. Boa noite. Você vai lá amanhã?

Delilah soltou um suspiro e bebeu mais um gole do vinho de Astrid.

– Você me mandou a programação das próximas duas semanas. Três vezes. Sei onde preciso estar.

– Eu não sei o que você sabe.

– A gente se vê amanhã ao meio-dia – disse Delilah, bebendo mais um gole.

– Ah, merda – resmungou Iris.

Até Claire ficou tensa. Astrid havia garantido que a programação ficasse gravada na mente de todas elas, e *meio-dia* com certeza não era a resposta certa.

Previsivelmente, o rosto de Astrid se contorceu.

– Dez horas. Dez da manhã para o brunch na Casa de Chá da Vivian. Lembra? Delilah, diz que você lembra.

Atrás do copo, Delilah sorriu e Claire quase gritou com ela. Estava deixando Astrid tensa de propósito.

– Argh, é só ir pra lá, tá? – disse Astrid, pegando a bebida de volta.

Um pouco de vinho tinto espirrou, caindo na mesa de madeira.

– Senhor, sim, senhor – concordou Delilah, com a voz suave, e foi em direção à porta, levando a mala.

Ela olhou para Claire uma vez, um olhar intenso e indecifrável. Claire ergueu o queixo, tentando parecer indiferente, como se flertasse abertamente com as irmãs de suas melhores amigas o tempo todo e soubesse o tempo todo quem Delilah era, é claro. Mas então Delilah levantou uma sobrancelha e deu um sorrisinho irônico de quem não acreditava naquela pose e Claire foi a primeira a desviar o olhar.

Quando Delilah saiu, ela se sentou à mesa e pegou o vinho da mão de Astrid. Queria virar a taça como se fosse água, mas ainda precisava dirigir até em casa e já estava um pouco tonta. Uísque e Syrah provavelmente não eram uma boa mistura. Ela não sabia se a cabeça estava girando por causa do álcool ou de Delilah.

– Então... – começou Iris enquanto elas se acomodavam à mesa. Estava com um sorriso malicioso nos lábios. – Você pegou o telefone ou não?

– Ah, cala a boca – respondeu Claire, e virou o vinho assim mesmo.

– O quê? – perguntou Astrid, fazendo sinal para que Gretchen, a atendente que mantinha todas as mesas felizes, trouxesse mais uma taça. – Telefone de quem?

– De ninguém – disse Claire, olhando para Iris com os olhos semicerrados.

Astrid já estava tensa o bastante com o casamento, e isso porque ela nem fazia ideia de que suas melhores amigas detestavam seu futuro marido. Ela certamente não precisava lidar com o fato de que, nem dez minutos antes, a irmã postiça malvada deixara Claire toda perturbada com um sussurro de nada. Se havia algum assunto delicado na vida de Astrid, esse assunto era Delilah Green. E, para falar a verdade, Claire também estava tentando esquecer completamente aquela interação.

Por sorte, Astrid parecia estar bem distraída. Ela apoiou os cotovelos na mesa, massageando as têmporas com os dedos.

– Estou com dor de cabeça. Faz dez minutos que ela está aqui e eu já estou com dor de cabeça.

Iris estendeu a mão e apertou o braço de Astrid.

– Vai dar tudo certo.

– Não sei o que eu... – Ela respirou fundo e bebeu um gole do vinho. – Não sei o que passou pela cabeça da minha mãe pra pedir que ela fotografasse o casamento.

– Nem eu – falou Iris, e Claire olhou para ela irritada.

– Ela devia estar pensando que amava o pai da Delilah – falou Claire com delicadeza. – E a Delilah é... bom, ela é... – Ela olhou para Iris com os olhos arregalados, pedindo ajuda em silêncio.

– Ela é... parte da... família? – completou Iris devagar, subindo a entonação no final como se fosse um pergunta.

Os ombros de Astrid despencaram.

– É. Ela é, sim. – Então sua coluna ficou reta como uma vareta e ela levantou a mão. – Pelo menos é o que minha mãe diz, e é ela quem assina os cheques. É óbvio que Delilah não viria sem um incentivo.

– Sua mãe ainda usa cheque? – perguntou Iris, e Claire a chutou

embaixo da mesa.

– Sabia que ela quase deu pra trás? – disse Astrid, ignorando Iris. – Passei semanas tentando entrar em contato com ela, mandando e-mail, mensagem de texto, mensagem de voz. Ontem eu tive que ligar pra ela às duas da manhã pra conseguir falar com ela.

– Então ela é vampira – concluiu Iris, virando uns cubos de gelo do copo na boca. – Isso explica muita coisa.

– Ris – disse Claire, lançando-lhe mais um olhar irritado.

O relacionamento entre Delilah e Astrid não era nada típico. A mãe de Delilah morrera quando ela tinha só 3 anos – câncer de colo do útero, se Claire lembrava direito – e o pai dela se casara com Isabel, mãe de Astrid, quando as duas tinham 8 anos. Assim, as duas praticamente cresceram juntas.

Astrid contara a elas que Delilah era uma criança quieta desde o início, apegada demais ao pai, o que Claire achava que fazia sentido. Ela sabia bem como era cuidar de uma criança sozinha. Também sabia bem como era ser uma garotinha com apenas um dos pais com quem contar – era uma existência precária, desesperada, quase alimentada pelo pânico. Mas então o pai de Delilah morrera de repente de um aneurisma quando as garotas tinham 10 anos e, como ela não tinha avós nem tios, Isabel acabara como sua única responsável.

Claire se lembrava da primeira vez que fora ao casarão de tijolos em estilo georgiano de Astrid Parker para nadar na piscina azul cristalina que ficava nos fundos. Delilah era uma sombra, olhando para elas por trás daquela massa de cabelo e dos pilares de pedra do pátio. Astrid perguntara duas ou três vezes se ela queria vir brincar, mas Delilah nunca queria, e Iris nunca tinha nada de muito agradável a dizer sobre ela. A sombra acabou desaparecendo, e os anos se passaram sem que nada mudasse. Delilah era um fantasma, um espectro. Claire sempre tentava ser gentil com ela – Iris era mais de implicar, mas elas eram crianças e Delilah era estranha. Elas não sabiam lidar com a estranheza.

Desde que se tornara mãe, Claire às vezes pensava em Delilah. Pelo menos, pensava na garotinha esquisita que ela fora. A própria filha era uma

criança peculiar, artística e precoce, que se perdia com frequência nos próprios pensamentos. Ela se perguntava se Delilah também era assim e simplesmente não tivera mãe ou pai que a ajudassem a lidar com isso. Isabel não era muito maternal, e Astrid também era só uma criança.

Nesse momento, Astrid tirou o cabelo do rosto e levantou a taça.

– Tudo bem. Vai dar tudo certo.

– Vai – disse Claire, batendo a taça na dela.

Iris se juntou às amigas, mas olhou para Claire e mexeu os lábios dizendo *telefone* antes de beber um gole.

Claire mostrou o dedo para ela.



As três mulheres estavam bem alteradas quando o celular de Astrid, que estava em cima da mesa, tocou. Ela pegou o aparelho para ler a mensagem, os olhos vidrados parecendo meio loucos, se fosse para Claire ser sincera. Ela e Iris trocaram olhares. Sabiam exatamente quem era. Também sabiam que a noite de bebedeira e farra das melhores amigas estava prestes a chegar ao fim.

– Tenho que ir – anunciou Astrid.

Iris mexeu os lábios falando a frase junto com ela e Claire segurou a risada. Porque, para falar a verdade, não era engraçado.

– É o Spencer.

– São só nove e meia – disse Iris.

– Eu sei, mas ele está cansado – respondeu Astrid, pegando a bolsa.

– E daí? – perguntou Iris.

Claire quis chutá-la. Astrid já estava estressada o bastante.

– E daí que eu também estou cansada – respondeu Astrid, levantando da cadeira. – Vejo vocês de manhã?

– Às onze em ponto – falou Iris.

– Nem brinca – disse Astrid.

Iris riu, se levantou e beijou Astrid no rosto.

- Às dez com guizos e colar com pingente de pinto.
- Você é uma pessoa horrível – declarou Astrid, sorrindo.
- Você me ama.
- Amo mesmo.

Astrid deu a volta para abraçar Claire antes de sair pela porta.

- Mais uma rodada? – perguntou Iris.
- É melhor eu ir também – respondeu Claire. – Tenho que abrir a livraria antes do brunch.

- Você sabe que a Brianne pode fazer isso.

Claire assentiu, mas não disse nada. Brianne, sua gerente muito competente, *ia* fazer isso, mas ela estava começando a ficar incomodada. Ruby geralmente ia para a cama às nove e meia. Ela queria dar boa-noite à filha e se certificar de que seria mesmo uma boa noite, que Josh não ia deixá-la ficar acordada até meia-noite assistindo a filmes ruins e comendo quilos de açúcar como na última vez que ele estivera na cidade.

Tá, tudo bem, ele não tinha dado quilos de açúcar para a filha, mas substituíra o jantar por biscoitos caseiros com gotas de chocolate.

- Você não me engana, sabia? – disse Iris, já pegando a carteira. – Está bem pra dirigir?

Claire olhou para o bar ainda cheio, fazendo uma autoavaliação. Não estava bêbada, mas se sentia alterada o bastante para não querer arriscar.

- Não, mas posso ir andando até a casa do Josh.

Ele morava no centro, a duas quadras dali.

Iris levantou a sobancelha.

- Mas não pode ir andando da casa do Josh até a sua.

Claire deu de ombros. Se acabasse dormindo no sofá, acordando para garantir que Ruby se levantasse em um horário razoável e comesse um pouco de proteína antes do brunch, tudo bem.

Do lado de fora estava escuro. Uma garoa leve arrepiou o cabelo de Iris e embaçou os óculos de Claire, que enlaçou o braço no da melhor amiga enquanto andavam pela calçada de paralelepípedos. Os postes de luz espalhavam um brilho âmbar pelo centro da cidade, transformando a chuva leve em gotículas douradas que flutuavam pelo ar. Alguns comércios

hasteavam bandeiras do arco-íris para o Mês do Orgulho. Na esquina da Main com a Serenby, Iris se despediu de Claire dando um tapinha na bunda da amiga.

– Estou indo transar, só pra você saber – disse Iris, apontando o polegar para a entrada do prédio onde ela alugava o apartamento do último andar com o namorado, Grant.

– Ninguém gosta de quem fica se gabando – respondeu Claire.

Iris riu, mas Claire percebeu seus olhos semicerrados, como sempre pareciam ficar ultimamente quando se tratava de Grant. Ele era engenheiro químico em Portland, e fazia dois anos que estavam juntos. Mais importante, ele estava desesperado para ter filhos. Queria se casar e fazer pelo menos quatro ruivinhos, misturas dele com Iris, passar as férias de verão na Disney e ser técnico do time da escola.

Iris... bom, não queria. Ela amava os gêmeos do irmão, ia visitá-los em São Francisco com frequência, mimava-os, mandava presentes de aniversário exagerados e tinha fotos deles espalhadas pela porta da geladeira. Adorava Ruby e era a *Tia Iris* em todos os aspectos. Mas não queria ter filhos. Nunca quisera. Era uma questão complicada entre ela e Grant, e Claire temia que estivesse ficando mais complicada.

– Tudo bem entre vocês? – perguntou.

Iris levantou uma das mãos.

– Mesma discussão, novo dia.

Claire envolveu Iris em um abraço e a beijou no topo da cabeça. Iris amoleceu, só por um segundo, então beliscou a bunda da amiga antes de se afastar, avançando pela calçada.

Claire ficou olhando para ela por um instante antes de ir também, passando em frente à Livraria Rio Selvagem, com suas leituras recentes favoritas na vitrine e uma bandeira do arco-íris que ela colocara ali no Mês do Orgulho, três anos antes, e acabara decidindo deixar o ano inteiro. A Desejos de Papel veio em seguida, o toldo listrado de verde e branco esvoaçando na brisa úmida. O apartamento de Josh ficava a uma quadra dali, em um prédio recém-reformado, em cima de um estúdio de acupuntura que tinha se instalado apenas alguns meses antes, mais ou

menos na mesma época em que ele voltara à cidade. Provavelmente não ia durar. Quase nada durava naquela esquina, e as pessoas da cidade brincavam que o lugar era amaldiçoado.

Por coincidência, o escritório de arquitetura de Andrew Green – pai de Delilah – tinha sido a última empresa próspera a ocupar aquele espaço.

Claire balançou a cabeça, afastando mais um pensamento em forma de Delilah, e entrou pelo portão externo, subindo as escadas. Ficou alguns segundos à porta do apartamento de Josh, ouvindo. A música escapava para o corredor, aquele indie folk rock que Josh amava, e ela também ouviu Ruby rindo.

Então, nada de cama às nove e meia, pelo jeito.

Jogando os ombros para trás, ela levantou a mão e bateu.

E esperou.

E esperou mais um pouco.

Pensou em simplesmente abrir a porta e entrar – a menina crescera dentro do seu corpo, afinal –, mas decidiu tentar bater mais uma vez antes de dar uma de SWAT.

Finalmente, a música baixou e a porta se abriu, revelando o pai da filha dela coberto de maquiagem da cabeça aos pés. Seus lábios estavam pintados de rosa, as pálpebras de um roxo com glitter e as unhas de azul.

– Oi – disse ele. Estava sem fôlego e com um sorriso largo, como se estivesse gargalhando. – Algum problema?

Ela deixou seus olhos descerem até os dedos dos pés dele, pintados.

– Eu é que devia fazer essa pergunta.

Ele piscou, aturdido, e ela viu surgir em seu olhar aquele medo de que houvesse, sim, algum problema, de que ele tivesse feito algo errado.

– Está tarde – disse ela, apenas, e ele ficou ali parado.

– Ah. É, bom... – Ele apontou com o polegar para a sala, onde Claire viu uma espécie de forte de cobertores montado entre os sofás. – Estamos fazendo uma transformação.

– Estou vendo.

– Perdi a noção da hora.

– Hum.

Ele deu uma batidinha com o dedo no batente da porta, e ela levantou uma sobrancelha.

– Ah, merda, desculpa – disse ele, abrindo a porta. – Entra, claro.

– Obrigada, eu só queria dizer boa-noite.

– Aham – respondeu ele, em tom inexpressivo.

O interior do apartamento era todo tinta fresca e poucos móveis – que Claire tinha quase certeza de que já estavam no apartamento quando Josh o alugou –, mas mesmo a simplicidade do lugar não era capaz de esconder a bagunça. A cozinha pequena, aberta para a sala, estava coberta de potes e panelas usadas. Havia molho vermelho salpicado na bancada e pedaços de macarrão seco grudados em um escorredor. O forno ainda estava ligado.

Claire colocou as mãos na barriga, imaginando se o aparelho teria continuado a produzir calor *a gás* a noite inteira se ela não tivesse aparecido. Avançou alguns passos, se certificou de que não havia nada assando – não havia – e desligou o forno com um vigor um pouco maior que o necessário.

– Eu ainda não limpei a cozinha depois do jantar – disse Josh. – Claro.

Ela só assentiu. Já estava sentindo tudo – raiva, tristeza, medo, mais alguma coisa que não conseguia definir – a ponto de transbordar. A qualquer momento aquilo tudo extravasaria, mas ela se esforçou para reprimir, como sempre fazia.

– Mãe! – gritou Ruby, e sua cabecinha surgiu debaixo do forte de cobertores.

Ela também estava coberta de maquiagem, um trabalho muito melhor que o rosto de Josh. Claire imaginou que eles tinham maquiado um ao outro. Josh era um bom desenhista, tinha as mãos firmes e estáveis.

– Ei, Coelhinha – disse Claire, indo até o forte e se abaixando.

Dentro, havia cordões de luzinhas acesas presos às paredes de algodão com pregadores de roupas e um ninho de colchas, que rodeava Ruby como uma nuvem. Pelo menos ela estava de pijama.

– O que é tudo isso?

– O papai fez. Não é legal?

– Muito legal.

– Ele também cozinhou. Você sabia que ele cozinhou?

Sabia. Quando estavam juntos, ele preparava todas as refeições. Claire detestava cozinhar, sempre detestara. Quando eram só ela e Ruby, ela dava um jeito, fazia um esforço nas Terças do Taco e tinha aperfeiçoado os ensopados de forno, mas era só jogar umas coisas na assadeira. Josh *cozinhou*.

– Eu acho que me lembro sim – comentou.

Josh se sentou ao lado dela, cruzando as pernas como criança e sorrindo. O cabelo dele estava comprido em cima, curto nas laterais e ridiculamente fofo ao brilho das luzinhas. Seus olhos castanhos brilharam para ela. Os olhos de *Ruby*. A filha também tinha puxado o cabelo dele, grosso e ondulado, com algumas mechas loiras em meio ao castanho.

– Ele fez molho caseiro com um monte de tomates frescos, alho e azeite e, ah... – Ruby se jogou nas colchas, com a mão na barriga. – Estava muito gostoso.

– Parece uma delícia – disse Claire. – Não está na hora de ir pra cama?

Ruby se acalmou e voltou a se sentar, mas demorou um pouquinho para conseguir que seu corpo obedecesse. Com pernas e braços compridos, estava naquela fase desajeitada e magrela.

– Estou de férias.

– Eu sei, amor, mas...

– E estou na casa do papai. – A filha olhou para ela, aquele olhar fulminante a que Claire tinha se acostumado nos últimos tempos. – Aqui, é ele quem manda.

Ao lado dela, Josh pigarreou.

– Hã... Rube...

– A gente ia ver *Divertida Mente*.

Claire olhou para Josh, que só abriu aquele sorriso ridículo como fazia sempre que acontecia algo do tipo. O sorriso que dizia: *Sou só uma criança grande. Fazer o quê, né?*

– São dez horas – falou ela.

– Mas é sábado – respondeu Ruby.

Claire deixou seus olhos percorrerem o forte. Dez horas não era nada de mais, ela sabia disso. Nem dez e meia. Onze horas, para uma criança de 11

anos, era demais. Mas um filme acabaria só meia-noite, e Ruby ficava uma fera quando não dormia o suficiente. Ficava irritada e resmungona, chorando por qualquer coisinha, e Claire teria que lidar com tudo isso no dia seguinte quando Josh a deixasse em casa. E ele saberia de tudo isso se sua participação na vida delas fosse consistente. Mas, naquele instante, sentada diante do forte de cobertores mais incrível que ela já tinha visto, tinha que admitir, *ela* seria a vilã se dissesse isso – como sempre acontecia no que dizia respeito a Josh.

– Rubes – disse ele, se aproximando da filha. – Acho que é melhor a gente parar por aqui. Sua mãe tem razão; está tarde, e podemos assistir ao filme outra hora.

Claire fechou os olhos, esperando para ver como a filha reagiria. Ela sabia que Josh só estava tentando ajudar, mas agora que ele tinha ficado do lado dela, estava só acrescentando mais uma dinamite a uma bomba-relógio.

– Argh, tá bom! – gritou Ruby, desdobrando as pernas, rastejando para fora do forte e ficando em pé. Ela cerrou os punhos, o maxilar ficou retesado. – Por que você veio aqui hoje, hein?

– Ruby – disse Josh, com firmeza.

– É só uma noite, e agora você estragou tudo como sempre!

Os olhos de Ruby se encheram de lágrimas e o coração de Claire ficou apertado.

Era verdade que nos últimos meses a filha andava um pouco mais mal-humorada, mais temperamental. Claire tinha lido que isso era normal na idade dela – os hormônios estavam agitados, e os últimos anos do ensino fundamental tinham sido os piores da própria vida, mas isso – as lágrimas repentinas e o grito em reação à mera sugestão de que ela fosse para a cama – acontecia sempre que Josh estava na cidade. Era como se Ruby vivesse em um nível baixo mas constante de pânico, sempre com medo de ele ir embora, sempre *esperando* que ele fosse embora. Então cada momento que ele passava com a filha era uma joia rara, um prêmio, e qualquer coisa que Claire fizesse para manter o mínimo de normalidade era recebida com escândalos e olhares cortantes.

Claire ficou em pé e tentou se aproximar da filha. Às vezes, um abraço

resolvia.

– Vou escovar os dentes – disse Ruby, afastando o braço da mãe com um tapa.

Às vezes, não.

– Quer vir pra ver se eu vou passar fio dental? – perguntou Ruby.

Claire estremeceu por dentro, mas sabia que não podia deixar a menina falar assim com ela, não importavam as circunstâncias.

– Já chega – declarou.

Ruby revirou os olhos e saiu pisando firme em direção ao corredor que levava aos quartos. Uma porta bateu, e Josh se assustou. Claire já estava acostumada.

Eles ficaram um instante em silêncio enquanto Claire tentava achar algo para dizer. Ela queria levar a filha para casa, colocá-la na cama e ficar vendo-a dormir, mas sabia que não tinha essa opção. A menos que quisesse declarar guerra, e não queria. Hoje, não.

Josh pigarreou.

– Olha, eu...

– A gente se vê amanhã – disse ela, virando-se e indo para a porta.

Ela sabia que era melhor nem tentar dar boa-noite para Ruby e, sinceramente, estava tão irritada que não confiava em si mesma. Detestava brigar com a filha, mas detestava *isso* ainda mais – essa sensação de que era uma mãe chata, uma estraga-prazeres que tinha acabado com o glitter, as luzinhas e o tempo que Ruby tinha com o pai.

– Claire, espera aí.

Ela parou à porta e vasculhou a bolsa procurando as chaves. Tinha certeza de que agora estava sóbria.

– O brunch do casamento da Astrid é amanhã às dez, então preciso que a Ruby esteja em casa às nove.

– Meu Deus, a Astrid vai casar? – perguntou Josh, parando com ela à porta e se apoiando na parede.

Ela olhou para ele, piscando.

– Eu te contei.

Ele assentiu, embora ela soubesse que ele não lembrava.

– Coitado do cara.

– Ah, para com isso – disse ela, mas abriu um sorriso.

Josh tinha estudado com todas elas, então sabia que Astrid era complicada. Meticulosa, difícil, mais tensa que Claire, até, mas *coitado do cara* não era lá muito exato naquela situação. Estava mais para *coitada da Astrid*.

– Quando é o casamento? – perguntou Josh.

– Daqui a duas semanas.

– Estou convidado? – perguntou, sorrindo.

– Eu não contaria com isso – respondeu ela, abrindo a porta.

Josh segurou a porta para Claire, o braço pairando sobre sua cabeça, e ela sentiu seu aroma familiar – roupa recém-lavada e o frescor do pós-barba. Mesmo com toda a maquiagem no rosto dele, os joelhos dela bambearam, só por um instante.

Já tinha amado aquele homem. Fora com ele seu primeiro beijo com um cara, a primeira vez com um cara, o primeiro relacionamento da vida. Ela havia ficado com Kara Burkes no ensino médio, em um Halloween, pouco tempo depois de se assumir bi, mas nunca tivera um namoro sério antes de Josh.

Ele se aproximou dela, seu cheiro ficando ainda mais forte.

Ela fechou os olhos e soube que tinha que sair dali imediatamente.

Tinha cometido aquele erro muitas vezes, transar com Josh quando ele voltava. A emoção e o estresse de sua aparição na vida delas – e o que tudo aquilo poderia significar – se acumulando como uma tempestade até irromper e eles acabarem na cama juntos. Nem Iris sabia disso. A última vez tinha sido dois anos antes, logo antes de ela começar a namorar Nicole.

– Claire – disse ele, se aproximando ainda mais, a fala mansa.

Era por *isso* que ela precisava tanto conseguir o telefone de alguém na Taverna da Stella. Ela fechou os olhos com força e Delilah Green surgiu em sua mente. Aquilo com certeza era um tiro que tinha saído pela culatra.

– Olha, desculpa por hoje – continuou ele. – Não era minha intenção piorar ainda mais as coisas.

– Não era?

Os olhos dele se encheram de mágoa.

– Não. Poxa.

Ela soltou um suspiro e remexeu as chaves.

– Eu sei. É que...

– Eu sei, não sou confiável. Mas desta vez é diferente. Juro.

Claire olhou para ele, toda a história entre os dois se avolumando ao seu redor como cipós sufocantes. Ele estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. Ela quase se aproximou dele. Teria sido tão fácil.

– Eu tenho que ir – disse ela, recuando e saindo pela porta antes que fizesse algo idiota, como beijá-lo.

Ela sabia que não passaria disso, não com Ruby no apartamento, mas, mesmo assim, não precisava daquela complicação. Nem queria. Só estava com tesão, só isso. Sabia que não amava Josh, não assim. Mas sua pele estava ávida. A missão de conseguir um telefone proposta por Iris tinha sido provocação suficiente.

Ou talvez não tivesse sido a missão.

Quando voltou à casinha que ela economizara durante anos para poder chamar de sua, seu corpo ainda estava eletrizado. Na cama, colocou uma das mãos entre as pernas, desesperada para se livrar daquela ânsia e assim conseguir dormir. Mas, quando seus dedos começaram a se movimentar, não foi Josh que ela visualizou. Nem mesmo a mulher anônima com quem fantasiava em momentos como aquele. Não, a pessoa tinha uma profusão de cachos escuros, olhos azuis como safira e tatuagens que subiam pelos seus braços como cobras.



CAPÍTULO CINCO

QUANDO DELILAH ABRIU OS OLHOS, não fazia ideia de onde estava.

Chita.

Muita chita.

Flores cor-de-rosa enormes a engoliam em um mar de colchas e travesseiros. Até o papel de parede florescia como um jardim primaveril. Não era exatamente raro ela acordar na cama de outra pessoa, mas também não acontecia todos os dias. E as mulheres com quem passava a noite não eram do tipo que enchia a casa de estampas florais.

Uma dor de cabeça se dilatava atrás dos olhos e o estômago se revirou quando Delilah se sentou. Ela se lembrava vagamente de ter misturado bourbon e vinho na noite anterior, e foi assim que sua mente voltou para a Taverna da Stella e a Pousada Caleidoscópio em Bright Falls.

Meu Deus.

Ela caiu sobre os travesseiros – que tinham um aroma leve de gardênia ou outra flor enjoativa – e esfregou as têmporas antes de dar uma olhada no celular. Acabava de passar das nove. Ainda tinha bastante tempo para se arrumar e chegar no horário combinado para tirar fotos banais em preto e branco de gente hétero mordiscando *petits-fours* no brunch de Astrid.

Meu Deus, o brunch de Astrid.

Ela fechou os olhos com força e inspirou pelo nariz bem devagar. Por um instante, pensou em ficar na cama e não aparecer. Só Astrid já era péssima, mas Isabel certamente estaria lá, e Delilah nunca sabia como agir na presença da madrastra impecável. Era como conversar com uma estátua de mármore – bela, fria, a expressão facial sempre travada. Delilah se lembrava de uma época em que Isabel sorria, até ria, olhando para seu pai como se ele tivesse não só colocado a Lua no céu, mas feito com que brilhasse só para ela. Isabel tinha amado Andrew Green de verdade. Sabia muito bem disso.

Era Delilah Green sem Andrew que a mulher não compreendia, assim como Delilah não compreendia Isabel. Mas a madrastra sempre parecera aceitar muito bem a incompreensão mútua, e isso doía mais que qualquer outra coisa.

Delilah puxou a coberta até cobrir a cabeça e abriu seu e-mail, esperando ter recebido algo da Fitz sobre uma venda ou talvez uma resposta de um dos agentes de fotografia a quem ela havia enviado seu portfólio nos últimos meses.

Nada.

Clicou na aba de enviados e abriu o último e-mail mandado a um agente que ela queria tanto que a representasse que seria capaz de abrir mão de sexo por dez anos se isso garantisse o negócio. Leu a mensagem mais uma vez, ficando um pouco mais calma com seu profissionalismo e o conhecimento claro que tinha da área. Então clicou no link para seu portfólio on-line, rolando a tela com imagens de seus melhores trabalhos.

Eram todas em preto e branco, todas de mulheres ou pessoas não binárias, todas com vestidos ou ternos de casamento e água e alguma espécie de caos. Sua favorita mostrava uma mulher negra e uma branca, as duas de vestidos de renda meio esfarrapados, com galhos e folhas presos nos cabelos e de mãos dadas, entrando no Lago Champlain no meio de uma tempestade. Não era a foto mais segura que ela já tinha produzido, mas, caramba, tinha valido a pena. A luz estava perfeita, com as gotas de chuva reluzindo como balas de prata no ar e o desespero evidente no modo como ela fizera com que as modelos – Eve e Michaela, duas mulheres que conhecia do trabalho de garçoneiro no River Café – se agarrassem uma à outra. O

efeito era encantador e assustador ao mesmo tempo, trauma e esperança. Era lindo.

Era *bom*.

E, ainda assim, sua caixa de entrada continuava acumulando teias de aranha.

Ela passou para a conta do Instagram, onde tentava publicar uma foto por dia. Coisas estranhas que fotografava pelas calçadas, fotos únicas que tirava em casamentos lgbtq+, qualquer coisa que combinasse com a marca que estava tentando construir – queer, feminista, zangada e bonita.

Nicho.

Suas fotos não pareciam convencer a maioria dos agentes quadradões de Nova York, mas convenciam a internet. Tinha quase 200 mil seguidores no Instagram e não conseguia mais acompanhar os comentários. As fotos que retratavam a diversidade sexual e de gênero eram as que mais chamavam atenção, e ultimamente as pessoas andavam perguntando se ela vendia suas obras on-line. Era encorajador, mas a ideia de administrar um e-commerce – envios, taxas, notas – fazia a cabeça dela girar.

Abriu uma das fotos que tinha tirado no aeroporto JFK no dia anterior. Uma selfie com tripé no Terminal Quatro, em frente à palavra *Rainhas*, impressa na parede em letras grandes azuis e pretas em um fundo branco. Ela toda de preto, olhando para o lado, com uma das botas apoiada na parede e uma expressão... bom, bem queer e zangada.

E meio que bonita, para ser sincera.

Ela ficou alguns minutos editando a foto, ajustando o contraste e o tom, e a publicou sem legenda porque nunca colocava legenda. Estava prestes a travar a tela do celular quando chegou uma notificação de e-mail. Não era de agente nenhum nem de ninguém da galeria Fitz, mas o assunto chamou sua atenção como um puxão no cabelo.

Possível exposição no Whitney

Delilah se sentou, o edredom floral escorregando para o colo. As pontas

dos dedos formigavam enquanto ela encarava aquelas palavras impossíveis mas reais, enviadas por um endereço de e-mail oficial do Museu Whitney.

Sua mão tremeu quando ela abriu a mensagem:

Para: delilah@delilahgreen.com

De: alex.tokuda@thewhitney.org

Cara Delilah,

Olá, meu nome é Alex Tokuda e cuido da curadoria do Museu Whitney em Nova York. Passamos os últimos meses nos preparando para a exposição *Vozes Queer*, com lançamento previsto para 25 de junho, que vai expor obras de artistas queer de todo o país.

Delilah já tinha ouvido falar da exposição *Vozes Queer*, é claro. Embora a cidade de Nova York fosse o lar de mais de 8 milhões de pessoas, a fotografia queer ainda era um mundo pequeno – um *nicho*, para os babacas –, e o Whitney criar uma exposição inteira só para vozes queer era... bom, era algo importantíssimo. Delilah daria qualquer coisa para participar da exposição, mas nem podia enviar suas obras para avaliação. O Whitney negociava com agentes, donos de galeria experientes, fotógrafos famosos. Eles não recebiam e-mails de mulheres lésbicas de jeans preto rasgado que faziam fotos de casamento e serviam espumante rosé no River Café.

Ela engoliu em seco e continuou lendo.

Peço desculpa por escrever no fim de semana, mas, em nome da transparência total, estou meio surtando aqui. Ontem, uma pessoa que você e eu conhecemos, Lorelei Nixon, me mostrou uma de suas obras, *Submersa*, que me tocou muito. Estou escrevendo para convidá-la a participar da exposição. Compreendo que está em

cima da hora. Costumamos reservar artistas com meses de antecedência, para que tenham bastante tempo de se prepararem. Então, mais uma vez, peço desculpas. Hoje de manhã uma das pessoas convidadas teve que retirar seus trabalhos da exposição em razão de uma questão pessoal, e logo pensei em você. Sinto que seu estilo e sua perspectiva têm tudo a ver com a exposição, e essa experiência seria uma oportunidade maravilhosa de compartilhar seu trabalho com um público mais amplo. Como é uma exposição coletiva, estamos pedindo a cada artista que prepare dez obras de seu portfólio.

Por favor, me responda o mais rápido possível. Precisamos das suas obras prontas para emoldurar no máximo até 20 de junho.

Atenciosamente,

Alex Tokuda

Assistente de Curadoria, Whitney

elu/delu*

* Pronomes da linguagem neutra que se referem geralmente a pessoas não binárias, como Alex, que não se identificam com os gêneros masculino e feminino. (N. da E.)

Lorelei Nixon... Lorelei Nixon. Quem diabos era Lorelei Nixon? Delilah leu o e-mail mais uma vez, parando no nome da obra a que Alex se referia, *Submersa*. Delilah conhecia bem a foto, é claro. Era dela, afinal, e ela é que tinha escolhido aquele nome – uma noiva em uma banheira enferrujada cheia de água leitosa, o rímel escorrendo no rosto, olhando para a câmera. O que ela não sabia era por que uma pessoa chamada Lorelei tinha a foto para poder mostrá-la a...

Lorelei.

A lembrança fez o sangue correr quente por suas veias.

Lorelei.

Esse era o nome da mulher que tinha comprado *Submersa* e levado Delilah para casa e para o quarto. Corte curtinho louro, talentosa na cama. Não Lola, nem Leah, nem Laura, mas *Lorelei*.

O que queria dizer que aquilo era real. Estava mesmo acontecendo. O Whitney queria as fotografias de Delilah em suas paredes. Claro, eles só queriam porque alguém mais importante ou famoso tivera que desistir, mas e daí?

Ela, Delilah Green, ia expor no Whitney. No *Whitney*. LaToya Ruby Frazier, uma fotógrafa negra cujo trabalho impressionava muito Delilah – e só alguns anos mais velha que ela – já tinha exposto no Whitney. Sara VanDerBeek, Leigh Ledare. Aquilo era muito importante. Tinha o potencial de ser *o acontecimento* que ia mudar o rumo da carreira dela. Mudar sua vida.

E ela estava naquela porcaria de Bright Falls.

Sentiu uma onda de pânico ao ler o e-mail de Alex mais uma vez caçando os detalhes. Dia 25 de junho, dali a quase três semanas, mas precisavam das obras até o dia 20, só quatro dias depois do casamento infernal de Astrid. Ela mordeu o lábio inferior, imaginando quanto Astrid encheria seu saco se ela a deixasse na mão agora.

Não que ela se importasse tanto assim com a possibilidade de a irmã postiça perder a cabeça, mas, quando sua mente a imaginou largando a bomba em cima de Astrid, comprando uma passagem de volta para Nova York e entrando em seu apartamento sem os 15 mil que Isabel ia pagar pelo casamento, ela soube que ia dar merda.

Delilah precisava do dinheiro. Simples assim. O Whitney podia abrir muitas portas, até gerar algumas vendas, mas as vendas não eram garantidas, e a exposição em si não pagaria o aluguel nem garantiria um queijo quente de jantar no bar da esquina.

Ainda assim, ela não deixaria essa oportunidade passar de jeito nenhum. Já tinha algumas obras que amava muito – talvez até algumas da exposição na Fitz – e, na volta, teria alguns dias para ajustá-las, tirar novas fotos se

precisasse, trabalhar na sala escura compartilhada onde alugava um espaço no Brooklyn.

Ela só teria que ficar 72 horas sem dormir. Nem comer. Nada de mais.

O Whitney.

Seu peito se expandiu, e ela sentiu uma necessidade inescapável de gritar. E foi o que fez, um gritinho baixo, enquanto respondia a Alex aceitando o convite com entusiasmo, mas com muito profissionalismo.

Tinha acabado de clicar em enviar quando alguém bateu à porta. Delilah ficou paralisada, tentando lembrar se tinha pedido serviço de quarto ou alguma outra coisa em seu estado levemente embriagado ao fazer o check-in na noite anterior. Não se lembrou de nada do tipo, mas se recordava vagamente de ter colocado um aviso de *Não perturbe* na porta. O melhor a fazer era mergulhar no mar de flores de algodão até irem embora. Contudo, assim que tomou essa decisão, ouviu o som inconfundível de uma chave entrando na fechadura e em seguida a porta se abrindo com tudo, revelando uma Astrid com dois copos de café para viagem da cafeteria da cidade, equilibrados no braço esquerdo, e uma chave pendurada na mão direita.

Delilah largou o celular e puxou o edredom até o queixo.

– Mas que po...

– Eu sabia – disse Astrid, interrompendo Delilah. – Sabia que você ainda estaria na cama.

Ela deixou os cafés em cima da cômoda, aquele móvel que poderia muito bem ser uma flor gigante de papel machê, e colocou as mãos na cintura.

– São nove e meia.

– Como é que você conseguiu a chave do meu quarto? – perguntou Delilah, apontando para o chaveiro dourado rosé, que, obviamente, tinha o formato de uma rosa.

– Nell é minha cliente.

– Nell?

– A dona.

– Ah, sim. A boa e velha Nell.

Astrid soltou um suspiro.

– A maioria das pessoas se conhece nesta cidade, Delilah, e eu reformei a sala e a cozinha dela no inverno passado.

– Então umas almofadas e um sofá de couro dão direito a invasão de privacidade? Isso não é ilegal?

Astrid fez uma careta, deixando bem claro que o que ia dizer em seguida era muito doloroso para ela.

– Sou sua irmã.

Delilah esfregou os olhos – aquela palavra sempre caía de um jeito esquisito em seu estômago.

– Bom, você devia ter reformado este quarto de hotel horroroso.

Os ombros de Astrid relaxaram, só um pouquinho, e ela olhou para a festa das rosas.

– Meu Deus, é hediondo mesmo.

– Acho que sonhei a noite toda que estava sendo estrangulada por uma tulipa.

– Ah, essas flores são peônias – disse Astrid, passando a mão na almofada que ficava em cima da cadeira de balanço de vime perto da janela.

Delilah mostrou o dedo do meio para ela.

– Acho que é melhor que a Everwood. Aquele lugar parece ter saído de um filme de terror.

A Pousada Everwood, a única outra hospedaria em um raio de 80 quilômetros e que ficava nos limites da cidade. Era famosa pela Dama Azul, suposto fantasma de uma mulher desprezada do início do século XX, que vagava com uma pedra de lápis-lazúli reluzente pendurada no pescoço e assombrava um dos quartos da casa vitoriana à procura do amor perdido. Além disso, o lugar era sinistro, com móveis de madeira escura, tapetes antigos que provavelmente eram da época da própria Dama Azul e teias de aranha em todos os cantos. Pru Everwood, a dona, ainda a administrava como se fosse uma pousada, até onde Delilah sabia, mas agora estava mais para uma armadilha para turistas.

– Eu adoraria pôr as mãos naquele lugar – falou Astrid, passando a mão sobre a cômoda e esfregando um dedo no outro para ver se tinha poeira. – Ficaria lindo se Pru fizesse uma reforma.

– Pru já tinha 100 anos quando a gente era criança. Duvido que ela tope
– disse Delilah, empurrando as cobertas e se colocando de pé.

– Opa, ei, meu Deus! – Astrid cobriu os olhos como se tivesse sido atacada pelo sol.

– O que foi?

– Você está pelada.

– Eu estou de calcinha.

– Só de calcinha.

– Desculpa, não esperava que alguém aparecesse com a porra da chave.

– Tá, tudo bem, se veste logo ou vamos nos atrasar.

– Eu tinha pensado em ir assim.

Os ombros de Astrid caíram e ela ficou encarando Delilah.

– Tá bom, tá bom – disse Delilah, pegando e vestindo o sutiã preto que estava no chão. – Que tal assim?

– Eu vou entrar escondida aqui às duas da manhã e pregar todas as suas roupas íntimas nas paredes.

– Seria uma barulheira. Acho que eu acordaria.

As narinas de Astrid se dilataram. Delilah deu um sorriso irônico: seu plano estava se desenrolando com perfeição. Já que seria obrigada a fotografar esse casamento – principalmente agora que teria uma montanha de trabalho com a exposição do Whitney –, então, caramba, ia se divertir, e não conseguia pensar em nada mais divertido que irritar Astrid. E Isabel também, se possível, embora a mulher fosse como uma parede de granito recém-polida. Astrid, ao contrário, era fácil de irritar.

– É pra mim? – perguntou ela, indo em direção aos cafés.

Astrid pegou um dos copos e o segurou junto do peito.

– Só se você vestir uma calça.

– É bom que seja meu café favorito.

– Calça. Ou vestido. Se é que você tem um.

– Meu Deus, espero que seja meu café favorito. Se não for, acho que vou ter que voltar pra Nova York.

– Como se eu soubesse qual é o seu café favorito.

– Americano com dois dedos de espuma de leite de soja, óbvio.

– Você é uma esnobe com esses cafés.

Delilah deu de ombros. Era verdade. Seu apartamento no Brooklyn era cheio de móveis comprados em lojas de departamentos e montados de qualquer jeito, mas ela jamais beberia um café ruim. Preferia ficar sem café.

– O que você está fazendo? – perguntou Astrid, quase gritando, quando Delilah tirou o sutiã por cima da cabeça e o jogou de volta no chão.

– Não dá para usar esta blusa com sutiã.

Delilah vestiu a regata de seda preta que tinha planejado usar no dia, sua favorita, principalmente pelo decote modesto e pela cava baixa quase a ponto de ser inadequada, revelando metade de suas costelas. Ela se virou para tirar a calça de linho de cintura alta da mala e quase sorriu ao ver Astrid cada vez mais horrorizada. Devia ter enxergado a lateral de seu peito.

– Nós vamos à Casa de Chá da Vivian – disse.

– Eu sei.

Delilah vestiu a calça creme, enfiando a regata para dentro e alisando as pregas antes de calçar uma sandália de salto preta e pendurar umas correntes douradas fininhas no pescoço. A composição acabou ficando muito elegante. E, pelo suspiro resignado que soltou, Astrid concordava.

– Só não se vire de lado perto da mamãe, tá? – pediu.

– Eu não me atreveria. – Ah, se atreveria. Se atreveria, sim.

– E faça alguma coisa com esse cabelo.

Delilah sorriu mostrando todos os dentes.

– Você é tão agradável.

Astrid estremeceu.

– Estou quase no limite, tá?

Delilah decidiu ignorar isso e foi até o banheiro, escovando os dentes durante dois minutos inteiros, como recomendado pelos dentistas. Então passou um pouco de rímel e um batom vermelho-cereja – meu Deus, Isabel ia adorar aquele batom – antes de dar uma olhada no cabelo no espelho.

Estava enorme, com cachos e espirais se espalhando loucamente. Geralmente, ela dormia com o cabelo empilhado em cima da cabeça ou envolto em um lenço de seda para evitar acordar assim, mas, na noite anterior, bom, ela estava com jet lag e meio bêbada, além de um pouco

agitada depois da interação com Claire Sutherland.

– E aí, quem vai estar lá hoje? – perguntou, pegando um pote do seu gel de cabelo favorito, de mirtilo, tirando uma gota do tamanho de uma moeda de um centavo e misturando-a com um pouco de água antes de passar no cabelo, mecha por mecha.

– Bom, a mamãe, claro – respondeu Astrid. – E a mãe, a avó e a irmã do Spencer. As garotas.

As garotas.

– Ah, o clã.

– Não chame elas assim – disse Astrid, aparecendo na porta.

Ela estava com um vestido marfim justo, um colar simples de pérolas no pescoço e um anel de diamante no dedo.

– Qual o problema? Um clã é um grupo de mulheres poderosas, feministas e fodonas.

– Por algum motivo, acho que não é esse o significado que você atribui.

Delilah deu um meio sorriso e olhou para Astrid pelo espelho.

– Então... a Claire parece estar bem.

A postura de Astrid ficou rígida, e ela olhou para o reflexo de Delilah com os olhos semicerrados.

Meu Deus, ela facilitava demais as coisas. Delilah inclinou a cabeça com um ar inocente, arregalando os olhos como se fosse ingênua.

– *Muito* bem.

– Não faça isso.

– Isso o quê?

– Claire não faz seu tipo.

Delilah se virou e cruzou os braços.

– Ah, eu acho que ela faz, sim.

– Bom, você não faz o estilo dela.

Delilah ergueu as sobrancelhas.

– Você acha?

– Tenho certeza.

– Não foi o que pareceu ontem à noite.

Astrid endireitou ainda mais a postura, se é que isso era possível. Ela

parecia uma vareta seca no inverno, prestes a quebrar.

– O que aconteceu ontem à noite?

Delilah deu de ombros e voltou a ficar de frente para o espelho.

– Bom... você sabe.

– Não sei, não. Claire *já* daria em cima de você.

Isso doeu um pouco, mas Delilah tentou não deixar transparecer. Ela mexeu um pouco mais no cabelo, enrolando um cacho perto da orelha para o lado certo.

– Por que não?

Astrid riu, um som amargo.

– Hum, porque ela *gosta* das pessoas?

Delilah abriu a boca com tudo, uma resposta inteligente na ponta da língua, mas não saiu nada. Ela demorou um segundo para se recompor, para lembrar que precisava do dinheiro daquele trabalho, que não era a mesma garota da escola, que não precisava da porra da aprovação de Astrid e que Claire Sutherland claramente estava a fim dela na noite anterior.

Ela não tinha dúvida de que isso deixaria Astrid completamente louca, sem falar em Isabel, que adorava Claire e Iris como se fossem suas filhas. E eis que surgia Delilah Green, a sapatão malvada, para corromper suas doces meninas. Meu Deus, aquela mulher devia ter amado muito seu pai para querer Delilah no casamento.

– Eu acho que sou exatamente o tipo da Claire Sutherland – declarou.

– Eu só quis dizer que ela não é de ficas casuais, Del. E... bom, *você* é.

Delilah cerrou os dentes. Ela detestava quando Astrid a chamava de Del. A irmã postiça não disse nada que não fosse verdade, pelo menos considerando o que ela sabia. Delilah nunca havia contado a Astrid sobre Jax, que tinha conhecido sete anos antes em um casamento lgbtq+ em que estava trabalhando. O que começara com uma ficada com a madrinha levava Delilah a se apaixonar completamente pela primeira e única vez na vida, a dividir um apartamento no Brooklyn depois de meros seis meses e a sonhar em passar anos agarrada com ela no sofá assistindo a filmes e voltando para casa correndo do trabalho para beijar aquela mesma boca.

No fim das contas, Jax tinha outros sonhos.

Antes dela, Delilah não era do tipo que tinha relacionamentos. E depois... bom, com certeza não tivera nenhum relacionamento depois. Não valia a pena, e Jax tinha deixado bem claro que Delilah também não valia, mesmo após quase dois anos juntas. Mas Delilah gostava de sexo. Ela adorava sexo, e Nova York estava cheia de pessoas exatamente como ela, mulheres e pessoas não binárias que queriam simplesmente isso – pele, respiração e boca, uma noite com alguém em sua cama sem nenhum tipo de compromisso pegajoso.

Mas ouvir Astrid, sua *irmã*, que aliás era parte do emaranhado de motivos pelos quais Delilah não se envolvia em relacionamentos, dizer que ela jamais conseguiria ficar com alguém como Claire Sutherland? Essa insinuação fez com que ela se sentisse com 14 anos de novo, a garota excêntrica, que era motivo de piada para Astrid e *as garotas* na cozinha.

Delilah se virou para ela.

– Você está enganada.

Astrid balançou a cabeça.

– Deixa a Claire em paz, tá? Ela já tem problemas suficientes.

Delilah franziu a testa. Ela se lembrava de ouvir que Claire tivera uma bebê, que não fora para a faculdade como o resto do clã e ficara em Bright Falls administrando a livraria da família. Ah, caramba, isso era difícil mesmo, ter um emprego, um teto e uma empresa bem-sucedida.

– É mais um motivo para ela se divertir um pouco.

– Deixa isso para lá, tá? Vamos.

Mas ela não queria deixar para lá. Queria ter *razão*. Para variar, queria ganhar de Astrid Parker e ser mais que apenas a mulher que precisava do dinheiro da irmã postixa para pagar o aluguel no fim do mês, queria ser mais que a garota deslocada. Até a menor das vitórias, Delilah Green, a alma penada, levando uma das princesas perfeitas de Astrid para a cama, era como uma droga correndo em suas veias.

– Vamos fazer uma aposta – disse.

– Uma aposta – respondeu Astrid, a voz monótona.

– Aposto que consigo fazer Claire perceber que sou *exatamente* o tipo dela até o dia do seu casamento.

Astrid revirou os olhos.

– Você está falando sério? Não vou fazer uma aposta com a vida amorosa da minha melhor amiga. E que vantagem eu teria?

– Ganhar? Ter razão? Sei que você adora isso.

– Eu já ganhei – falou Astrid. – Ela nunca faria isso.

– Por que não?

– Porque ela me ama e é minha melhor amiga, dois conceitos que eu sei que são totalmente desconhecidos para você.

Ela cuspiu as palavras, que tiveram o efeito desejado. De repente, os pulmões de Delilah ficaram sem ar, mas ela não demonstrou, mantendo a expressão indiferente enquanto se recompunha por dentro.

Além disso, desta vez, Astrid Parker estava enganada. Delilah não esperava que ela aceitasse a aposta, claro, mas a sugestão bastava. Esse era um desafio que tinha certeza de que venceria, principalmente porque fora Claire quem tinha começado aquilo tudo na noite anterior, na Taverna da Stella, olhando para Delilah daquele jeito.

– Vamos logo, pode ser? – perguntou Astrid.

Delilah sorriu para seu reflexo no espelho, puxando a cava da regata para relevar um pouco mais dos seios. Astrid bufou antes de se virar e ir até o quarto pisando firme.

– Prontinha – cantarolou Delilah, pendurando a bolsa da câmera no ombro.

– Toma – disse Astrid, enfiando o copo de café na mão dela.

Delilah bebeu um gole, o amargor do café puro fazendo-a estremecer. Não era seu favorito de jeito nenhum.



Enquanto a Pousada Caleidoscópio era lotada de flores, a Casa de Chá da Vivian no centro de Bright Falls era lotada de cristais. Lustres, saleiros e pimenteiros em cima das mesas cobertas por toalhas de linho branco, vasos cheios de minilírios creme e velas marfim bruxuleantes dentro de globos

redondos e cristalinos como enfeite de centro. Tudo era creme, branco, marfim ou dourado, como se uma cerimonialista da elite tivesse entrado ali e vomitado por toda parte.

Delilah estava ali havia trinta segundos quando Isabel surgiu.

– Aí está ela – disse a madrastra.

Delilah se preparou, mas logo percebeu que Isabel nem estava falando com ela.

Estava falando com Astrid.

– Um pouco em cima da hora, não, querida? – indagou Isabel, pairando como um morcego em sua caverna.

Estava com um terninho marfim, a cor combinando perfeitamente com o vestido de Astrid, porque é claro que combinaria, e um salto marfim de sete centímetros. A mulher já tinha 1,75 de altura sem seu precioso salto agulha e estava beirando os 60 anos, mas era incapaz de ir a qualquer lugar sem eles. Não, Isabel Parker-Green tinha que pairar sobre seus subordinados, ou eles podiam esquecer qual era seu lugar.

Astrid ficou tensa. Seu ombro parecia uma parede de tijolos encostado no de Delilah.

– Na minha época, a noiva chegava cedo a todos os eventos para receber os convidados – continuou Isabel. Ela estendeu a mão e alisou o tecido já lisinho no quadril de Astrid. – Mas quem sou eu, não é? Acho que eu devia agradecer por você não ter conhecido Spencer em um site qualquer. – Ela disse *site* como se fosse um palavrão que alguém como Isabel jamais pronunciaria.

– Desculpe, paramos pra comprar café – respondeu Astrid, soltando o ar com força.

Isabel franziu a testa. Ou pelo menos pareceu tentar. Delilah viu uma contração perto de sua boca pintada de rosa, mas a pele ali apenas voltou à sua formação perfeita, os soldados movidos a botox preparados para a inspeção.

– Café? Antes de vir a uma casa de chá? Astrid, francamente, eu...

Delilah largou a bolsa da câmera em cima da mesa impecável, dourada e branca mais próxima. Os cristais chacoalharam.

– Onde posso me instalar?

Ela disse aquelas palavras com tanta doçura que seus dentes doeram. E seus planos eram combiná-las com um olhar penetrante na direção de Isabel, mas, assim que chamou atenção para sua presença, se arrependeu. Quando a madrastra virou seu Olho de Sauron na direção dela, o coração de Delilah começou a bater forte. Suas mãos ficaram pegajosas e ela sentiu uma vontade quase incontrolável de cobrir o rosto com o cabelo. Mas resistiu. Tinha quase 30 anos, pelo amor de Deus. Agora, morava em Nova York, era uma mulher adulta. Ia expor no Whitney. Era capaz de lidar com uma conservadora da alta sociedade de uma cidade pequena.

Mas aquela conservadora da alta sociedade de uma cidade pequena tinha sido responsável por Delilah durante a maior parte de seu desenvolvimento. Fora em Isabel que seu pai, doce e ingênuo, confiara para prover e cuidar de sua única filha, e Delilah ainda estava esperando pela parte do *cuidado*.

Os olhos de Isabel percorreram os braços tatuados, fixando-se, Delilah tinha quase certeza, nas glicínias em tons de cinza que desciam por seu antebraço esquerdo e terminavam nos raios de sol em seu pulso. As glicínias eram as flores favoritas de seu pai e o motivo pelo qual ele dera aquele nome à casa, plantando a flor roxa com cuidado para que ela tomasse a fachada como uma guardiã. Quando Delilah fizera a primeira tatuagem, cinco anos antes, tinha que ser de glicínias. Não pela casa da qual ela não via a hora de fugir, mas pelo pai que sonhava com uma família, pela vida que ele queria dar a ela.

– Delilah, querida, é você? – perguntou Isabel, algo próximo de um sorriso tentando se instalar em seus lábios paralisados. Ela foi até Delilah com os braços abertos, colocando as mãos nos ombros da enteada e dando dois beijinhos no ar. – Faz tanto tempo, quase não reconheci você.

Ela arrastou aquele *tanto* por uns mil anos.

– Sou eu. – Foi a resposta brilhante de Delilah.

– Você parece... bem – disse Isabel.

– Ah, obrigada, *mãe* – respondeu Delilah.

Isabel estremeceu de leve. Ela nunca lhe pedira que a chamasse de mãe

nem qualquer outra palavra que não Isabel, e Delilah sabia muito bem quando usar o termo.

– Você também.

Isabel mostrou os dentes, sua versão especial de um sorriso caloroso.

– Você vai ao jantar amanhã à noite, não é?

Na programação extremamente detalhada que tinha recebido de Astrid, entre o brunch de domingo e uma viagem de dois dias a um vinhedo no Vale Willamette, estava o jantar de segunda na Casa das Glicínias. Delilah tinha esperança de evitar o covil de Isabel durante sua estadia em Bright Falls, mas o próprio casamento aconteceria no quintal, além do ensaio e do jantar do dia seguinte.

Ainda assim, só de pensar em entrar naquela casa seu estômago se embrulhava.

– Ela vai, sim – respondeu Astrid, já que Delilah ficou parada ali franzindo os lábios, e deu uma cotovelada sutil na costela da irmã postiça.

– Não vejo a hora – disse Delilah.

– Mas não vai *perder* a hora – emendou Astrid, com mais uma cotovelada.

Delilah olhou para ela com o canto do olho. Sêrio? Mas, pensando bem, a ideia de chegar atrasada e com muita pompa, interrompendo o silêncio digno de museu do covil de Isabel, parecia mesmo algo que gostaria de fazer. E, com aquele velho ar de superioridade que Isabel exalava, e Astrid ali dando ordens como se fosse sua dona – o que ela meio que seria durante as duas semanas seguintes –, Delilah sentiu a ansiedade familiar borbulhando no peito, a pressão para agradar e ganhar nem que fosse um olhar de soslaio.

E aquela sensação a deixava pê da vida. Ah, ela ia chegar com pompa, sim.

– Fico muito feliz – declarou Isabel, e gesticulou indicando os braços de Delilah. – São novas, né?

As glicínias eram apenas uma das muitas tatuagens. Delilah tinha mais flores subindo o braço esquerdo; um pássaro arqueado sobre o ombro direito, uma gaiola vazia logo abaixo; uma garotinha segurando uma tesoura, a linha cortada de uma pipa flutuando perto do cotovelo; uma

árvore com metade coberta de folhas verdejantes, metade nua no inverno; mais pássaros entre mais árvores e flores, voando livres. Delilah adorava suas tatuagens. Cada uma delas a fazia se sentir ela mesma, dona de si, uma sensação que só havia experimentado depois de sair da Casa das Glicínias.

– São, sim – respondeu Delilah.

Isabel retorceu a boca, ou tentou, e assentiu enquanto continuava analisando Delilah, como que em uma inspeção.

– Bom, são lindas. E que bom poder exibi-las aqui na Casa de Chá da Vivian.

Ela mostrou os dentes de um jeito que indicava que não era nada bom.

Delilah também mostrou os seus. Não ia deixar aquela mulher vencer. Passaria catorze dias naquela cidade chata e, desta vez, *ela* ia ganhar, caramba.

Tirou a câmera da bolsa, colocou a lente certa para fotos espontâneas e pendurou a alça no pescoço, se esforçando para levantar bem os braços e virar o corpo de um jeito que Isabel pudesse ver a lateral de seu seio. Que talvez até tenha... sacudido um pouco. Ela soube que tinha alcançado seu objetivo quando a madrastra respirou fundo, virou-se sobre o salto agulha e marchou em direção a uma mulher que Delilah imaginou ser a cerimonialista do casamento, a julgar pelo coque banana, pelos trajes profissionais e pelo iPad.

– Eu achava que você ia esconder isso aí – disse Astrid, apontando com a cabeça para a costela de Delilah.

Delilah deu um meio sorriso e envolveu a câmera com as mãos para esconder o fato de que estavam tremendo.

– Ah, fala sério, você sabia que eu não ia perder a oportunidade de arrepiar os pelos de alta costura da Mamãezinha Querida, né?

E sacudiu os ombros para a frente e para trás, só uma vez, fazendo os seios pequenos ondularem sob a blusa.

Os lábios de Astrid se contraíram e, por uma fração de segundo, Delilah poderia jurar que a irmã quase sorriu, mas então a porta principal se abriu e o sorriso desapareceu, substituído pela carranca preocupada de sempre, aquela tensão nos lábios que a deixava a cara de Isabel. Ela revirou os olhos

para Delilah e foi em direção às mulheres que se espalhavam pelo salão em uma profusão de vestidos e rendas.

Delilah aproveitou o instante de liberdade e foi em direção a uma mesa com uma fonte de champanhe onde uma torre de taças se erguia orgulhosa, já cheias do líquido dourado reluzente e de um toque de suco de laranja. Ela enfiou a bolsa da câmera ali embaixo, a toalha de cetim marfim escondendo tudo, antes de pegar uma taça do topo. Normalmente, não bebia enquanto trabalhava.

Mas a situação não tinha nada de normal.

Do outro lado do salão, viu Isabel olhando para ela com aquela expressão de julgamento – os lábios franzidos, os olhos semicerrados. Ou talvez fosse só o botox. De qualquer modo, Delilah ergueu a taça em um brinde e bebeu o conteúdo em dois goles. As bolhas queimaram sua garganta, mas seus membros logo se aqueceram. Ela respirou fundo algumas vezes, se preparando para o trabalho. Era capaz de se misturar às paredes, como qualquer fotógrafo de eventos, se movimentando no automático até que o dia chegasse ao fim. Já tinha feito isso milhares de vezes. Duas horas, no máximo. Aquele grupo sem graça não ficaria ali mais tempo que isso.

Quando sentiu que estava forte o bastante, virou-se. Mais algumas pessoas tinham chegado: uma mulher mais velha com um cabelo que mais parecia uma touca tingida de louro, que ela imaginou ser a mãe do noivo, uma outra mulher de idade próxima à dela que demonstrava tanta felicidade quanto Delilah por estar ali e uma senhora mais velha que parecia estar julgando Isabel abertamente por ainda não ter garantido que ela estivesse com uma bebida nas mãos. Delilah gostou dela no ato.

Ela ergueu a câmera e fotografou a interação, capturando o sorriso falso e o maxilar tenso de Isabel. Que encantadora. Bem mãe da noiva.

Delilah sorriu consigo, pensando em todos os momentos nada lisonjeiros que poderia imortalizar nas duas semanas seguintes, se quisesse. Tinha fotografado muitos casamentos nos últimos dez anos e, se tinha aprendido alguma coisa, era que eles despertavam o pior das pessoas.

Começou a circular lentamente pelo salão, fotografando a comida – havia *petits-fours*, é claro, todos cobertos e enfeitados com glacê dourado,

branco e marfim – e as mesas postas. Imaginando que devia tirar algumas fotos da noiva, foi em direção a Astrid. Iris e Claire estavam lá, as três reunidas e conversando em voz baixa. Quando Delilah se aproximou, percebeu um tom tenso e preparou a câmera para congelar o momento no tempo.

Mas então Claire se virou e Delilah viu seu rosto perto da cabeça loura de Astrid. Os olhos dela estavam vermelhos e cheios de lágrimas, e ela os enxugava com um lenço de papel, sem parar, tentando impedir que as lágrimas formassem um rastro de rímel.

Meu Deus, ela era maravilhosa até chorando. Delilah inclinou a cabeça para observá-la melhor: o cabelo estava preso em um coque com mechas sedosas emoldurando seu rosto. O vestido de renda verde-musgo justo ao corpo deixava as canelas à mostra e trazia mangas rendadas que desciam até os cotovelos. Ele tinha um decote perfeito e um laço de cetim marcava a cintura curvilínea. Parecia um vestido saído de *O grande Gatsby*. Ela trazia um porta-vestido pendurado em um dos braços.

– Eu sabia que isso ia acontecer – disse Claire. – Caramba, eu sabia. Sabia que ele ia fazer isso. Sinto muito, Astrid.

– Ah, deixa disso – pediu Astrid, com a mão no braço de Claire. – Está tudo bem. Não tem problema Ruby chegar atrasada.

Iris bufou ao seu lado, e Astrid deu uma cotovelada na amiga.

– Sério – continuou Astrid, olhando para Claire. – Só quero que ela esteja aqui.

Claire assentiu.

– Ele está vindo. Pelo menos, disse que estava.

Astrid acariciou o braço de Claire e Iris disse alguma coisa sobre coragem líquida, indo direto para a mesa de champanhe. No espaço que ela deixou, Claire levantou o olhar, que cruzou com o de Delilah. Talvez fosse sua imaginação, mas ela podia jurar que as pupilas de Claire se dilataram um pouco atrás dos óculos e que seus lábios se abriram, só um pouquinho.

Só o suficiente.

Ah, Astrid estava muito, muito errada. Delilah ia ganhar, sim.



CAPÍTULO SEIS

CLAIRE QUERIA MATAR JOSH. Estripá-lo. Esfolá-lo vivo. Cozinhá-lo em um caldeirão em seu próprio sangue.

Naquela manhã, ela acordou antes das sete e mandou mensagem para ele.

Bom dia! Já acordaram?

Uma mensagem simples e descontraída. Nada muito exigente. Ela até introduziu a pergunta com um cumprimento alegre, pelo amor de Deus. Passou uma hora e ele não respondeu, mas tudo bem. Às oito horas ainda daria tempo de tirar Ruby da cama e levá-la para casa até as nove para que ela pudesse colocar o vestido que Astrid comprara para ela usar no brunch. Era lavanda, todo de renda e cetim, e Ruby tinha detestado. Claire não teve coragem de dizer isso a Astrid. Dois anos antes, Ruby teria adorado o vestido, mas agora parecia recusar qualquer coisa que não fosse jeans, cores escuras e as camisetas de banda dos anos 1990 da mãe, que tinha achado em uma caixa no sótão, meses antes. Claire tinha conseguido convencer Ruby a engolir o ranço e ser educada – o vestido custava mais que a roupa vintage

que ela mesma usava, afinal, e Ruby amava Astrid –, mas também sabia que o humor da filha andava um pêndulo e que seria melhor ela se vestir na própria casa, e não na Casa de Chá da Vivian.

Por isso, pedira a Josh que levasse a filha para casa às nove naquela manhã.

Mas passou das nove e nada.

Cadê vocês?, escreveu ela às 9h01.

Indo!, respondeu ele, mas obviamente eles *não* estavam *indo*, porque quando o relógio bateu 9h40 Claire teve que sair ou correria o risco de se atrasar, e uma das madrinhas não podia se atrasar para um evento de casamento no mundo de Astrid Parker. Claire foi até o apartamento de Josh e bateu à porta às 9h50. Ninguém atendeu, e ela estava prestes a ter um ataque de pânico, porque agora não só conseguia imaginar aquele tique no olho de Astrid quando ela ficava estressada, como seu cérebro de mãe estava criando milhões de cenários aterrorizantes, de um acidente de carro a Josh sequestrando sua filha e fugindo para o Canadá.

Cadê vocês, porra?, escreveu ela quando estacionou em frente à Casa de Chá da Vivian, as mãos tremendo e os olhos cheios de lágrimas. Talvez o *porra* chamasse a atenção dele. Ela nunca usava essa palavra, guardando-a para momentos como aquele, quando fantasiava sobre arrancar uma parte vital do corpo de Josh.

A caminho!, respondeu ele. Claire queria enrolar aquele ponto de exclamação feliz no pescoço dele. **Paramos para comprar donuts!** E ele teve a audácia de inserir um emoji de donut e um coração verde.

Agora ela estava no meio do salão extravagante da Casa de Chá da Vivian, pisando um chão de mármore, os olhos vermelhos e inchados, enquanto Delilah Green fotografava tudo.

Ou talvez não. Ela não chegara a levar a câmera ao rosto desde que a tinha visto, mas *estava* perto demais enquanto Claire desabafava, absurdamente gostosa com aquela regata de seda preta e aquela calça creme elegante que deixavam seu corpo já esbelto ainda mais atraente.

E aquelas tatuagens, meu Deus. Os olhos de Claire se fixaram em uma delas, raios e gotas de chuva caindo de um céu cinza em um copo cheio de

mar. Uma tempestade em um copo d'água.

Na noite anterior, ela mal tinha distinguido os desenhos. Estava ocupada demais tentando agir como se não fosse a mãe exausta de uma pré-adolescente angustiada enquanto dava em cima da irmã distante de Astrid. E Delilah obviamente sabia quem ela era... Não, ela não podia pensar nisso agora. Precisava concentrar suas energias em não cometer um assassinato. Tirou os olhos de Delilah quando a porta principal da Casa de Chá da Vivian se abriu atrás dela, e Josh e Ruby entraram rindo.

– Bom dia, senhoras! – cumprimentou Josh ao vê-las, fazendo os óculos escuros deslizarem pelo nariz e revelando os olhos reluzentes.

Iris rosnou.

– Joshua – disse Astrid, cruzando os braços e encarando-o.

– Soube que devo dar os parabéns – comentou ele, mas então ergueu as mãos com as palmas para cima e fez um movimento de balança. – Ou meus pêsames ao noivo. Um ou outro.

– Tchau, Joshua – falou Astrid.

– Quê? Eu não fui convidado? – perguntou ele, com aquele sorrisinho irônico e sedutor que havia colocado Claire em todo aquele apuro, para começo de conversa.

Astrid respondeu alguma coisa, porque não conseguia ficar de boca fechada quando Josh abria a dele, mas Claire ignorou os dois. Se conversasse com ele agora, arrancaria sua cabeça. Já tinha aprendido a não interagir com ele quando estava irritada assim. Sempre acabava sentindo que tinha exagerado, como se fosse incapaz de relaxar e o que quer que Josh tivesse feito não fosse tão sério assim.

E, ultimamente, nada a irritava mais que isso.

Claire foi até a filha e a envolveu em um abraço.

– Oi, amor.

– Oi, mãe. – Ruby estava com o jeans preto e a camiseta preta de sempre, desta vez com a capa do álbum *Sixteen Stone*, do Bush.

– Você se divertiu?

– Muito. Compramos donuts, e o papai me deixou tomar café.

Claire ignorou a última parte.

– Que ótimo, fico feliz. Vamos trocar de roupa? – Ela estendeu a capa com o vestido para Ruby e abriu um sorriso radiante.

Ruby pegou a capa, mas seus ombros se curvaram.

– Eu preciso mesmo?

– Querida, a gente já conversou sobre isso.

– Eu sei, mas... o vestido pinica. E eu detesto essa cor. É cor de criancinha.

– Não é, não. Eu uso lavanda o tempo todo.

– É, mas você é minha *mãe*.

Ela disse *mãe* no mesmo tom com que diria a palavra *escorpião*.

Claire forçou um sorriso e puxou Ruby pelo cotovelo, avançando até o corredor que levava aos banheiros.

– Só hoje. Eu prometo.

– O papai disse que eu não preciso usar o vestido.

Claire cerrou os dentes. *Eu vou matá-lo. Assá-lo no espeto.*

– O papai não está no comando agora. E é pela Tia Astrid. Você ama a Tia Astrid.

– Se a Tia Astrid *me* amasse, ela me deixaria ser eu mesma.

Claire sentiu o sangue sumir do rosto. Quase conseguia ouvir Josh dizendo exatamente essas palavras para Ruby, de um jeito bondoso, delicado, como se fosse a coisa mais natural do mundo fazer o que a gente quisesse, sem se importar com as consequências e com as outras pessoas.

– Ruby, eu...

Mas ela não sabia como responder àquilo. Não sabia como discordar. Toda a sua sabedoria de mãe desapareceu da mente e ela sentiu um peso cair sobre seus ombros, aquela sensação pesada de ser incapaz de vencer.

– Posso ver?

A cabeça de Claire se virou de repente e ela viu Delilah Green parada a uma curta distância, apoiada na entrada do corredor, inclinando a cabeça para Ruby.

– Ver o quê? – perguntou Claire.

Mas pelo jeito Delilah não estava falando com Claire. Estava olhando para Ruby e repetiu a pergunta, apontando para a capa nos braços da garota.

– Hã... pode? – respondeu Ruby. – Quem é você?

Delilah sorriu e foi até ela.

– A irmã postiça malvada.

Deu uma piscadinha para Ruby, e a filha da Claire deu um sorriso largo, com os olhos enrugadinhos e tudo.

– Ah, já ouvi falar de você – disse Ruby, ainda sorrindo.

– Ruby – advertiu Claire, mas Delilah só riu.

– Ouviu, é?

Ruby assentiu. Claire não se lembrava de ter falado sobre Delilah perto da filha, mas Iris não tinha papas na língua quando ia à casa delas à noite. Depois de uma bebida, ela falava ainda mais que o normal, e a menina gostava de ficar à espreita quando já devia estar na cama. Claire tinha pegado a filha no flagra mais de uma vez, deitada de bruços no corredor, fora do campo de visão delas, o queixo apoiado nas mãos, os olhos arregalados e ávidos como se estivesse ouvindo segredos sobre um tesouro escondido.

– O que você ouviu? – perguntou Delilah, inclinando a cabeça.

Ruby abriu a boca e Claire viu tudo. O que quer que tivesse a dizer para Delilah não seria necessariamente gentil. O rosto da filha ficou corado e a garota engoliu em seco.

– Hum... – disse Ruby.

Claire soube que era melhor interferir, fazer alguma coisa, dizer alguma coisa. Ela vasculhou a mente atrás de uma distração, mas logo o sorriso de Delilah... desapareceu.

Uma sensação desagradável se apossou do estômago de Claire, vergonha, culpa ou constrangimento, ela não tinha certeza. Só sabia, no entanto, que Delilah também havia percebido que o que quer que Ruby tinha ouvido não seria lisonjeiro.

– Deixa pra lá – pediu Delilah, agitando a mão e dando uma puxadinha na capa que estava nos braços de Ruby. – Deixa eu ver este vestido.

Ruby soltou um suspiro profundo. Claire também, para falar a verdade. Ela com certeza não queria uma reprise das tiradas de Iris bêbada – ou, em alguns casos, totalmente sóbria – sobre a Alma Penada da Casa das

Glicínias. Não que as coisas que Iris dizia fossem necessariamente mentiras – Delilah tinha mesmo deixado Bright Falls e Astrid, apesar da infância estranha que passaram juntas, sem olhar para trás –, mas ver o sorriso provocante de Delilah sumir, como se um cobertor pesado tivesse sido jogado sobre ela no meio de um verão sufocante... bom, Claire não estava preparada para isso.

– É horrível – garantiu Ruby, abrindo o zíper. – Olha.

Delilah estendeu a mão, puxando a renda e o cetim para fora da capa. Claire não tinha certeza, mas parecia que seus dedos estavam tremendo, só um pouquinho, quando ela tocou no vestido. Franziu as sobrancelhas, os lábios curvados para baixo.

– Nossa, é mesmo – disse.

Ruby caiu na gargalhada, e de repente qualquer empatia que Claire tivesse sentido desapareceu.

– Você está falando sério? – perguntou, o mais baixo que conseguiu. Na verdade, queria gritar. Ela não precisava daquilo. Só precisava que Ruby vestisse a roupa.

– Eu não mentiria sobre uma coisa tão importante – disse Delilah, olhando nos olhos de Claire.

Não havia nenhuma malícia ali, nenhum sarcasmo. Só... caramba, Claire não sabia dizer *o que* havia ali. Delilah ficou olhando para ela por um instante a mais que o usual, os cantos dos lábios carnudos se curvando para cima, bem de leve. Sardas se espalhavam pelo nariz e pelas bochechas. Na noite anterior, à luz fraca da Taverna da Stella, Claire não tinha percebido as sardas. Agora, no entanto, eram claras como o dia, e ela sentiu uma vontade ridícula de traçar um desenho com o dedo nelas.

Claire balançou a cabeça e deu um passo para trás.

– Ruby, você precisa trocar de roupa, tá?

– Mãe – protestou Ruby, choramingando.

Claire sentiu mais sangue subindo até o rosto. Aquilo ia se transformar em uma briga, ela estava sentindo. Uma briga enorme e lacrimejante, bem ali na Casa de Chá da Vivian, no primeiro evento do casamento de Astrid. Ela respirou fundo para acalmar o estômago que se revirava, tentando

pensar no que dizer para Ruby, as palavras mágicas que fariam tudo ficar bem, mas não conseguiu pensar em nada.

Ela teve a sensação terrível de que seus olhos começavam a arder, pareciam inchados. Estava tão cansada. Estava muito, muito cansada de ser a vilã da história.

– Escuta – disse Delilah, tirando o vestido da capa e pendurando-o no braço. – Vamos ver o que a gente consegue fazer com isso. O que acha?

Mais uma vez, ela estava olhando para Ruby, não para Claire. Ruby abaixou os braços e seu rosto se iluminou.

– Sério? – perguntou. – Tipo o quê?

– Bom – começou Delilah, indo em direção ao banheiro –, por acaso, eu tenho bastante experiência em transformar uma peça de roupa que detesto em uma coisa de que eu quase gosto, e acho que você também deve ter algumas ideias.

Seus olhos desceram até o esmalte de Ruby – turquesa vívido alternado com um tom escuro de ameixa – e subiram até seu cabelo, que Claire ainda nem tinha percebido. Os cachos da filha estavam soltos de um lado, mas do outro uma trança escama de peixe muito bem feita descia até o ombro. Ela nem sabia que Ruby sabia fazer esse tipo de trança. E, ao olhar mais de perto, percebeu uma fita listrada de preto e prata no meio do penteado.

– Talvez – respondeu Ruby, sorrindo, e Delilah a arrastou para o banheiro, a porta pesada de carvalho se fechando atrás delas.

Claire ficou parada ali um tempão, tentando entender o que tinha acabado de acontecer. Sentia-se boba e um pouco envergonhada por não ter pensando em *perguntar* a Ruby o que ela mudaria no vestido. Era um vestido. Já estava pronto. Astrid o comprara para a filha, e provavelmente custava mais que todas as outras roupas de Ruby juntas, compradas em lojas de departamentos, peças baratas que em um ano não iam mais servir. Claire adorava roupas, adorava descobrir peças únicas em brechós e lojas vintage que expressavam sua personalidade, mas ela nunca *transformava* nada. Nunca nem tinha pensado em fazer isso.

Ainda assim, por trás da sensação enorme de vergonha, tinha outra coisa mais forte.

Alívio.

Delilah ia fazer com que sua filha trocasse de roupa. Elas não teriam nenhuma briga em público que terminaria com Ruby gritando que a odiava. Claire colocou as mãos sobre a barriga, respirando e deixando o ar entrar no espaço novo que descobrira ali.

– Claire? – Astrid veio pelo corredor, o salto batendo no chão de mármore. – Está tudo bem? Estamos prontas para começar.

Claire fez que sim e apontou o polegar em direção ao banheiro.

– Ruby só está trocando de roupa.

– Ah, ótimo. Espero que ela goste do...

Mas sua voz foi interrompida quando a porta do banheiro se abriu com tudo. Ruby saiu primeiro, Delilah logo atrás. O vestido tinha sido totalmente transformado. Bom, não totalmente. A estrutura continuava ali, mas *só* ela. A sobreposição de renda tinha desaparecido, ficando o forro de cetim, sem mangas, com decote cavado e barra até logo acima dos joelhos de Ruby. No lugar das sandálias lavanda que estavam na capa, Ruby tinha calçado os coturnos pretos que ganhara de Claire no seu aniversário, em abril.

O efeito era... perfeito.

Ruby parecia ela mesma, muito mais do que Claire imaginara que seria possível estando na Casa de Chá da Vivian. Além disso, ela estava *sorrindo*, e isso era o bastante para Claire.

– O quê... Como... Quando... – gaguejou Astrid, de boca aberta. – O que aconteceu?

– Delilah consertou meu vestido – disse Ruby, orgulhosa. Colocou as mãos na cintura e fez uma pose. – Não está incrível?

– É, *mana*, não está incrível? – repetiu Delilah, os lábios contraídos como se estivesse se esforçando para não rir.

– Eu... bom...

Claire viu o sorriso de Ruby começar a murchar.

– Está incrível *mesmo* – falou, pegando as mãos da filha e estendendo os braços para vê-la melhor.

O sorriso voltou a iluminar o rosto de Ruby e Claire a fez rodopiar uma vez antes de levá-la de volta ao salão principal, a filha abraçada a ela, feliz.

Ela olhou para trás só uma vez. Quando cruzaram olhares, mexeu os lábios em um *Obrigada* no momento exato em que Delilah ergueu a câmera e tirou uma foto.



CAPÍTULO SETE

DELILAH BAIXOU A CÂMERA e analisou a foto na tela. Claire abraçava Ruby, a cabeça virada por sobre o ombro, a boca um pouco aberta, os lábios levemente franzidos e o *obrigada* lançado no ar. Com o cabelo preso e aqueles óculos de nerd sexy, o salto dourado e o vestido de renda se avolumando no quadril antes de chegar à canela, ela estava maravilhosa.

Clássica.

Um ícone, até.

E a foto tinha ficado muito boa. A luz estava perfeita, com o clarão suave do corredor ao redor de Claire e de Ruby, como se estivesse protegendo as duas.

Mas ainda melhor era a expressão nos olhos de Claire, que estava fixa em Delilah. Estava agradecida, claro. Estava óbvio que ela tinha ajudado a evitar algum tipo de catástrofe pré-adolescente, mas o brilho no olhar de Claire era mais que isso. Era *interesse*.

Delilah sorriu para a tela. Qualquer que fosse a dança que as duas estavam dançando, ela gostava. Astrid estava muito enganada – Claire estava no mínimo intrigada, e Delilah com certeza era capaz de fazer alguma coisa com isso.

No entanto, não sabia dizer ao certo por que tinha se oferecido para

ajudar Ruby com o vestido. Estivera fotografando em segredo a discussão entre Astrid e Josh – de quem Delilah se lembrava vagamente como o cara da escola que jogava beisebol –, imaginando que Astrid *adoraria* ter o registro de sua boca retorcida e sua testa cheia de ruguinhas ao repreendê-lo.

Mas então tudo se encaixou: Claire chorando enquanto puxava a filha, que estava triste e que não devia ter mais que 11 anos, pelo cotovelo em direção ao banheiro. Delilah sabia que Claire era mãe, que tinha engravidado logo que terminara a escola e decidido ficar com o bebê. Na época, não havia sentido nada ao saber da notícia – tirando, talvez, uma leve alegria mórbida porque a decisão de Claire significava que ela não iria para Berkeley com o resto do clã.

Antes que ela mesma se desse conta disso, tinha se afastado da discussão mesquinha de Astrid e ido em direção a Claire, fascinada com o fato de alguém da sua idade ter uma filha quase adolescente. Ou talvez estivesse mais fascinada com o vestido dela, que se acomodava perfeitamente seus seios fartos. De qualquer forma, ali estava ela, vendo Ruby quase ter um ataque por causa de um vestido.

Uma lembrança voltou à sua mente: Isabel à porta do quarto com os punhos cerrados enquanto Delilah, com 13 anos, sentada na cama, destruía o vestido que a madrastra queria que ela usasse em um evento beneficente que havia organizado.

Você não é capaz de fazer isso por mim?, perguntara Isabel. *Depois de tudo o que eu fiz por você?*

– Posso ver? – Delilah se ouviu perguntar, e foi o que bastou.

Ela e a garota entraram no banheiro e, quando Delilah perguntou como ela *queria* que o vestido fosse, Ruby começou a tagarelar sobre o coturno que tinha ganhado da mãe de aniversário em abril e algo simples que não pinicasse sua axila.

Agora, enquanto Claire e Ruby voltavam para o salão, Astrid pigarreou.

Delilah ergueu o olhar e viu o maxilar tenso da irmã postiça. Então ajudar Ruby rendeu o bônus de irritar Astrid. Aquele dia ia ser melhor do que ela esperava.

– Pois não, querida?

Astrid semicerrou os olhos.

– É sério? Como por um acaso, justamente você destrói o vestido que eu dei à Ruby?

– Ela detestava o vestido.

– Ela... o quê? Claro que não.

Delilah olhou para ela como quem diz: *Por favor, né?*

– Você viu a garotinha *feliz* que acabou de sair do banheiro?

– Vi, mas eu...

– É um vestido, Desastrinho. Desapega.

Astrid apertou os lábios.

– É só tirar as fotos, tá?

– Ah, já tenho umas ótimas. – Ela foi passando as imagens na tela até chegar a uma que mostrava Astrid conversando com Josh, a boca bem aberta e as narinas dilatadas. – Viu?

Astrid olhou, então levantou os braços antes de deixá-los cair com um tapa nas laterais do corpo, exasperada.

– Caramba, você odeia mesmo aquele cara – disse Delilah.

Houve um instante de silêncio, até Astrid falar:

– Bom, ele é um irresponsável de merda e não dá a mínima pra ninguém que não seja ele mesmo, então, sim.

Delilah quase fez uma piada sobre Astrid dizer mais um palavrão – *E na Casa de Chá da Vivian! Me segura que eu vou desmaiar!* –, mas logo assimilou as palavras da irmã postiça, que pairavam pesadas entre elas, cuspidas com um pouco mais de força do que Delilah achava que o cara merecesse. Astrid cruzou os braços e ficou olhando para o chão, mordendo o lábio inferior.

Algo desagradável se instalou no estômago de Delilah.

– Volte ao trabalho, tá? – disse Astrid, já se virando e avançando pelo corredor. – Não estou pagando pra você dar uma de alfaiate.



A partir daí, tudo desandou.

Delilah fez seu trabalho, como Astrid pediu. Andou pelo salão despercebida e tirou fotos de várias mordiscadas em sanduíches de pepino sem casca e goles delicados de mimosas. Como qualquer fotógrafa de eventos que se preze, quase ninguém a notou, mas ela notou tudo e todos.

Cada risada.

Cada vez que Isabel colocou a mão nas costas de Astrid ou acariciou seu cabelo.

Cada cadeira ocupada – não tinham nem mesmo uma extra em um canto caso Delilah quisesse fazer uma pausa.

Cada *Estou tão orgulhosa* dito pela madrastra.

Delilah registrou tudo como deveria. Mas sentia que estava sufocando. Não conseguia tirar as palavras de Astrid da cabeça, não conseguia esquecer a raiva e a mágoa que envolviam cada sílaba, como se ela não estivesse falando sobre Josh. Olhando para Astrid agora, ela parecia bem. Feliz. Afinal, tinha tudo de que precisava: as amigas, uma mãe dedicada, um noivo, um lindo brunch de casamento que daria início a eventos ainda mais lindos, culminando em um lindo casamento. Conhecendo Astrid como conhecia, aquilo era tudo que sua irmã podia querer.

Delilah sentia a pele pinicar e os pulmões arderem. Ela tirava fotos, trocava as lentes, se agachava e curvava para conseguir o ângulo certo, e o suor se acumulava sobre o lábio superior e nas axilas, a mesma sensação de mal-estar que sentira tantas vezes na infância.

A única pessoa que parecia olhar para ela era Ruby, que ficava tentando chamar sua atenção com uma cara engraçada, toda retorcida e fofa. Delilah dava um jeito de sorrir para ela – era um doce de criança – e tirava algumas fotos de suas caretas bobas para agradá-la.

Também tirou muitas fotos de Claire. Uma ou duas vezes, seria capaz de jurar que a mulher estava olhando para ela, desviando o olhar no instante em que a câmera de Delilah se focava nela, mas não tinha como ter certeza. De qualquer forma, tirou muito mais fotos de Claire do que deveria, mas o que poderia dizer? Claire era um belo tema, e focar sua câmera nela parecia acalmar os pensamentos agitados. Aliás, se concentrar em garantir que a luz

do lustre se refletisse do jeito exato no cabelo brilhoso de Claire era a única coisa que impedia Delilah de pegar uma das pequenas quiches – cuja crosta parecia uma droga de uma concha, pelo amor de Deus – e gritar: *Pra que tudo isso?*

Delilah se lembrava de eventos como aquele na infância. Lembrava claramente: ela enfiada em um vestido piniquento, sentada à extremidade de uma das mesas longas de jantar da Casa das Glicínias, Isabel e Astrid na outra ponta, cercadas de adoradores que acreditavam que Isabel era a alma da classe e da caridade.

Não foi maravilhoso a Isabel acolher a pobrezinha depois que o pai dela morreu?

Isabel não era obrigada a fazer isso, sabe.

Ela é esquisitinha, não é? Deus abençoe a Isabel.

Delilah tinha ouvido tudo isso ao longo os anos, os elogios e a adoração, as reflexões sobre seu comportamento, os julgamentos por sua gratidão a Isabel não transbordar como uma fonte de champanhe.

Embora caminhasse com calma e se dedicasse a fotografar o evento, sua respiração foi ficando cada vez mais rápida e irregular. Ela se concentrou na tarefa, no movimento simples de focar e clicar, mas não adiantou. Então tentou pensar na exposição no Whitney, mas naquele momento Nova York parecia ser outro planeta, e três semanas uma vida inteira. Ela sentia o olhar de Astrid. O de Isabel também. A senhora de cabelo pintado de louro, que, se era mesmo mãe de Spencer, a essa altura certamente já sabia tudo sobre Delilah, os pais mortos, coitados, e quanto Isabel fora *magnânima* por *acolhê-la*, como se ela fosse uma órfã perdida que tinha encontrado na rua.

Passou pela torre de champanhe, que estava da mesma altura do início do evento, a equipe da Casa de Chá da Vivian repunha as taças a todo momento. Pegou uma do topo e bebeu um gole, fazendo bochecho com as bolhas enquanto observava o líquido dourado na taça cara.

Então, antes que pudesse pensar muito, deixou que seu quadril esbarrasse na mesa ao se virar. Foi sutil, de fato um acidente, mas bastou para que as taças batessem umas nas outras e... caíssem.

Uma queda gloriosa. Horrenda. Como a torre de Sauron finalmente

derrotada, as taças desabaram, derramando champanhe e espalhando cacos de vidro pela mesa e pelo chão de mármore com uma cacofonia triunfal.

O salão ficou em silêncio. Delilah ergueu o olhar, sem expressão, e olhou diretamente para Isabel, cuja expressão parecia ter se libertado de sua prisão de botox – as narinas dilatadas, a pele corada, as sobrancelhas quase invisíveis tão baixas que pareciam mergulhar em seus cílios.

– Ops – disse Delilah, e tirou uma foto da bagunça de álcool e vidro aos seus pés.



Depois disso, Delilah tirou mais fotos. Ajudou a equipe a limpar a sujeira – era o mínimo que podia fazer, uma vez que o desastre tinha sido culpa sua e valido muito a pena. Ainda melhor, o *acidente* encerrou o brunch de repente. Quando o piso voltou a ficar impecável, no entanto, ela não quis lidar com Astrid nem Isabel. Quando as convidadas começaram a se levantar e a madраста tornou a colar um sorriso no rosto, Delilah pegou a bolsa da câmera embaixo da mesa, guardou tudo e saiu quase correndo pela porta da Casa de Chá da Vivian, desesperada por um ar sem perfume e um pouco de álcool.

Saiu de fininho e inspirou a brisa quente do início do verão. Em Nova York, já fazia um calor sufocante, mas no Oregon ainda parecia primavera, com o céu azul espiando por entre as nuvens cinza-claro e o aroma fresco das sempre-vivas. Ela acelerou pela calçada em direção à Taverna da Stella.

Infelizmente, o clima idílico de primavera não mudava o fato de que o bar só abria às seis. Ela deu um tapa na porta de madeira e foi em direção à Pousada Caleidoscópio, onde desligou o celular e tirou a calça antes de pedir um sanduíche da cozinha da pousada. Aconchegada na cama king size enorme, com chita e tudo, maratonou no laptop seis episódios de uma série sobre uma adolescente lésbica na Georgia.

Mas, quando o céu começou a ficar lavanda, ela ficou impaciente. Estava acostumada a passar as noites pelas ruas da cidade, servindo mesas ou

mantendo as mãos ocupadas com o trabalho fotográfico, indo a eventos de arte ou simplesmente a um bar até encontrar alguém de quem gostasse. Nem sempre terminava com uma ficada – às vezes, era bom apenas se sentar ao lado de alguém e conversar sobre nada, sobre qualquer coisa.

Não gostava das noites tranquilas, sozinha.

Fechou o laptop, vestiu a calça e calçou os sapatos. Cinco minutos depois, estava descendo a Main em direção à Taverna da Stella, os postes lançavam um brilho dourado sobre a calçada de paralelepípedo. Havia algumas pessoas na rua, casais e famílias, turistas anuais que vinham ficar em um dos casarões à beira do rio. A maioria eram brancos com jeito de hétero, e uma boa parte lambia sorvetes de baunilha como se estivesse posando para fotos espontâneas de revistas femininas.

Delilah apressou o passo, pronta para o barulho e a atividade da Taverna da Stella. Estava mais ou menos na metade do caminho quando avistou um coque bagunçado através da vitrine de uma loja, óculos roxos refletindo a luz suave. Livros enchiam a vitrine, várias capas coloridas prometendo verão e romance, alguns livros grossos de culinária com frango grelhado e salada de melancia com pimenta caiena na capa.

Livraria Rio Selvagem, dizia o letreiro.

Claro, Delilah conhecia bem a loja. Na infância, era um dos poucos lugares em Bright Falls onde podia respirar tranquila e desaparecer de um jeito que parecia uma escolha, não que estava sendo ignorada. Foram horas felizes lendo romances de fantasia e histórias em quadrinhos nos fundos da livraria.

Ela parou e se aproximou da vitrine. Claire estava no balcão ao lado do caixa, folheando livros de uma pilha e parando de vez em quando para digitar algo no computador. Lá dentro estava escuro, apenas um abajur aceso no balcão e alguns cordões de luzinhas.

Antes que pudesse pensar demais, Delilah empurrou a porta, e um alívio que ela não sabia explicar preencheu seu peito quando a porta se abriu com facilidade. Um sininho tocou.

– Oi, sinto muito, já fechamos. Eu ia trancar...

As palavras de Claire foram interrompidas assim que ela viu Delilah.

– Ah. Oi – disse, largando o livro que tinha nas mãos.

Delilah olhou para o celular, a porta aberta apoiada em seu quadril.

– Fechada às sete?

A boca de Claire se contraiu.

– Cidade pequena. Mas a gente enlouquece, e a livraria fica aberta até as oito sexta e sábado.

– Uau. Que ousada. Daqui a pouco a Taverna da Stella vai ter um show de drags.

Claire riu.

– Quem dera.

Delilah riu também e depois as duas ficaram em silêncio. Claire não a mandou ir embora; Delilah considerou isso um bom sinal e entrou de vez na livraria, a porta se fechando atrás dela. O que percebeu primeiro foi o cheiro – papel e cola, o aroma suave de algo cítrico e fresco. Ela quase teve que recuar alguns passos: era o cheiro de sua infância. Mas, ao contrário do perfume da Casa das Glicínias, o ar fresco da loja lembrava uma sensação de segurança, de pertencimento.

A loja tinha mudado um pouco desde a última vez que Delilah estivera ali. As prateleiras escuras agora eram de madeira clara e iam até o teto, com um estoque extra no topo e duas escadas de madeira clara iguais, uma em cada lado da loja, presas a um poste de metal. O carpete antes era industrial, do tipo encontrado em escritórios e escolas, mas agora um piso de madeira maciça cobria toda a extensão do pequeno espaço. Cordões de luzes aqui e ali e, no meio da loja, aninhadas entre mesas de exposição e estantes avulsas menores, quatro poltronas de couro de frente umas para as outras, com uma mesinha de café repleta de livros no meio. Uma luminária pendia sobre o espaço de leitura, pequenas lâmpadas redondas em meio a folhas de prata reluzindo em correntes.

O efeito era impactante e iluminava o ambiente de um jeito que fez Delilah sorrir.

– Este lugar está maravilhoso – disse, passando a mão no balcão onde Claire estava. – Não era assim quando estávamos na escola.

– É, eu sei – respondeu Claire, mexendo nos livros ao seu lado.

Ela os empilhou e reempilhou em ordens diferentes, várias vezes.

– Quando minha mãe se casou de novo, há alguns anos, ela e o marido quiseram viajar, então eu assumi.

Delilah apoiou os cotovelos no balcão. Ela se lembrava de Katharine, mãe de Claire. Tinha olhos castanhos de expressão suave e quadris roliços, e era uma das poucas adultas naquela cidade que tratava Delilah como uma criança normal, e não um incômodo. Não havia um Sr. Sutherland. Ele fora embora quando Claire tinha uns 9 anos, logo antes de ela e a mãe se mudarem para Bright Falls, se a memória de Delilah estivesse correta.

– Você fez tudo isso? – perguntou ela.

O olhar de Clair se fixou no de Delilah por alguns segundos. Delilah não sabia ao certo se a outra mulher fizera isso deliberadamente e viu a garganta dela subir e descer, engolindo em seco.

– Oi? – disse Delilah, tocando suavemente as costas da mão de Claire, só uma vez, antes de dar um passo para trás.

Claire estremeceu, pigarreou e baixou o olhar voltando a mexer na pilha de livros.

– Ah, sim. E quero fazer mais. Abrir um café, pendurar quadros de artistas locais nas paredes pras pessoas comprarem, mas pra isso é preciso dinheiro.

– Pra maioria das coisas.

Delilah pegou o livro que estava no topo da pilha de Claire e fingiu observá-lo. Na verdade, estava só pensando em maneiras de continuar a conversa, motivos para não ir embora. Ali, sentia-se estranhamente à vontade. Além disso, estava gostando de ver Claire um pouco nervosa por estar tão perto dela.

– Sua mãe ainda está viajando?

– Está. Ela está... – Os olhos de Claire se estreitaram enquanto ela pensava – ... no Colorado este mês. Mas vai voltar pro casamento da Astrid.

– Ah, sim. A data especial. – Delilah se virou e encostou o quadril no balcão.

– Você já conhece o Spencer? – perguntou Claire.

– Não tive o prazer.

– Ah, é um prazer, sim. – O tom de Claire era carregado de sarcasmo.
– É tão ruim assim, é?
– Não sei. – Claire levantou uma das mãos.
– Se eu me lembro bem, ontem à noite você disse que não gostava dele – disse Delilah.

Claire ficou tensa.

– Eu prefiro não falar sobre ontem à noite, se você não se importar.
– “Um babaca.” Foi o que você disse.

Claire soltou um suspiro e fechou os olhos com força.

– Não devia ter dito isso. Eu achei...
– Que eu fosse outra pessoa.
– E você sabia exatamente quem eu era.

As palavras saíram afiadas, diretas, como se Claire as estivesse contendo havia um tempo. Elas se olharam, o ar entre as duas tão carregado que Delilah imaginou se seria possível que levassem um choque. Ela deixou o silêncio se instalar e se permitiu sustentar o contato visual. Precisava agir com delicadeza, ou Claire ia se fechar completamente. Não havia como negar o que tinha acontecido na noite anterior e fingir não saber.

Então não fingiu.

Em vez disso, se aproximou de Claire. Apenas o suficiente para perceber um cílio caído em sua bochecha.

– Sabia – respondeu com voz suave.

Claire baixou as sobrancelhas.

– Então... você me deixou fazer papel de boba?

– Boba? – Delilah franziu o cenho e inclinou a cabeça. – Você não fez papel de boba. Mas teria ficado conversando comigo se soubesse quem eu era?

Claire franziu os lábios.

– Tudo bem. Pode falar – pediu Delilah.

– Falar o quê?

– Que você nunca teria vindo falar comigo se soubesse que eu era Delilah Green.

– Eu... Isso não... Você está distorcendo as coisas.

– Estou?

Claire esfregou a testa.

– Tá, tá bom, não, acho que eu não teria me aproximado daquele jeito se soubesse.

– Então você já sabe.

– Sei o quê?

Delilah se inclinou só mais um pouquinho, sussurrando as palavras seguintes:

– O motivo de eu não ter dito quem eu era.

Não era de todo uma mentira. Delilah tinha mesmo sido um pouco desonesta na noite anterior na Taverna da Stella ao deixar Claire continuar falando como se elas não se conhecessem, se divertindo ao pensar em como ela se sentiria quando descobrisse a verdade. Mas também estava excitada pra caramba, fascinada com aquela Claire Sutherland adulta e bissexual, que claramente também achava a Delilah adulta fascinante, a ponto de abordá-la em um bar.

As duas mulheres ficaram se olhando por um instante antes que Claire desviasse o olhar, para arrumar a pilha de livros mais uma vez.

– Então, foi um evento e tanto na Casa de Chá da Vivian hoje – disse Claire.

– Se foi.

– Animado.

– Terminou com um estrondo.

Os cantos dos lábios de Claire se curvavam – era óbvio que ela estava tentando segurar uma risada, o que Delilah achou encantador.

– Astrid ficou muito brava? – perguntou.

– De um a dez? – perguntou Claire. – Vinte e três.

Delilah assentiu, incapaz de conter o sorriso que surgia em seus lábios. Claire ficou alguns segundos olhando para ela antes de pigarrear.

– Obrigada por ter ajudado mais cedo – disse. – Com a Ruby.

Delilah deu de ombros.

– Não foi nada de mais. Ela é boazinha.

– Foi de mais, sim. Faltavam dez segundos pra um ataque no meio da

Casa de Chá da Vivian por causa de um pouco de renda e cetim.

– Teria sido tão ruim assim? Acho que seria o maior agito desde a abertura daquele festival de tédio.

Claire riu.

– Até você chegar, você quer dizer.

Delilah fez um floreio com a mão, concordando.

– De qualquer forma, a Astrid comprou aquele vestido pra Ruby. Eu não queria que ela ficasse ainda mais estressada.

Delilah ficou pensando, lembrando quando ela e Ruby entraram no banheiro com o vestido. A garota fora boazinha, sim, mas também tinha falado sem parar, e ela deixara.

– Sinceramente, acho que Ruby teria usado o vestido de qualquer forma. Ela só queria que alguém ouvisse o que ela tinha a dizer.

– Eu ouço...

Mas Claire parou de falar, a boca aberta enquanto piscava algumas vezes. Então suspirou e baixou a cabeça sobre as mãos.

– Ah, meu Deus.

Delilah deu uma risada leve.

– Está tudo bem.

Claire levantou a cabeça.

– Estou virando aquele tipo de mãe.

– Que tipo de mãe?

Ela fez gestos exagerados com as mãos.

– *Aquelas* mães que nunca ouvem os filhos e acham que eles são idiotas que não pensam por si próprios e só querem que as coisas sejam fáceis e tranquilas e... Ah, meu *Deus*.

– Você acha que a Ruby é uma idiota que não pensa por si própria?

– Não! – O olhar de Claire suavizou, e sua voz também. – Não. Ela é muito inteligente. Você conversou com ela, né? Ela é ótima.

Delilah assentiu.

– É o que parece.

– Eu só... quero que ela... – Claire soltou outro suspiro e ficou olhando para as próprias mãos. – Não tem sido fácil pra ela. E acho que parte de mim

pensa que quanto mais eu segurar firme, quanto mais... não sei, *organizada* eu manter a vida dela, mais segura ela vai se sentir. E eu...

Claire parou e endireitou a postura, que de repente ficou rígida.

– Nossa, desculpa. – Ela pigarreou mais uma vez. – Você não quer ficar aqui ouvindo isso.

– Claro que quero – respondeu Delilah.

Disse isso por instinto, porque era a coisa *certa* a dizer para que Claire gostasse dela, mas, quando Claire soltou um suspiro sorridente e arrumou os livros pela centésima vez, Delilah se deu conta de que era verdade. Em Nova York, nenhuma das suas amigas tinha filhos. Todas as pessoas do seu círculo eram artistas, agressivamente solteiras e totalmente dedicadas ao trabalho. Na verdade, nem sabia se chamaria mesmo alguma delas de *amiga*. Eram colegas da arte, pessoas que ela encontrava em eventos e com quem passava a noite de vez em quando. Eram conhecidas, ficadas.

Amigas?

Delilah achava que não tinha nenhuma amizade verdadeira, alguém para quem ligaria em uma noite ruim ou se estivesse com problemas. Não havia feito faculdade e nunca tivera uma colega de quarto com quem pudesse criar vínculos. Jax nunca fora sua amiga – amante, caos e paixão personificados, mas não amiga.

Agora, na Rio Selvagem com Claire Sutherland, imagine só, percebeu que estava se aproximando de alguém, fascinada com aquela vida que ela levava, criando um ser humaninho, uma pessoa, sozinha. Queria pedir para Claire continuar, mesmo que fosse só para ouvir sua voz, aquela voz levemente rouca, mas, antes que tivesse a oportunidade de fazer isso, ouviu passos no piso de madeira, vindos do fundo da loja.

– Mãe, a gente já pode ir pra casa? – A voz de Ruby soou de algum lugar entre as prateleiras.

– Sim, querida, estou quase terminando – disse Claire.

Então ela pegou os livros e os colocou sobre o balcão dos fundos, onde havia uma espécie de estação de embrulhos, com rolos de papel pardo e fitas listradas simples. Depois voltou até o caixa e começou a desligar o computador. Delilah ficou olhando, esperando algum contato visual, mas

Claire foi indiferente.

– Que bom, estou morrendo de fome – disse Ruby, surgindo entre as estantes avulsas, ainda com o vestido lavanda e o coturno. Ao ver Delilah, ela abriu um sorriso. – Oi! Você está aqui!

Delilah retribuiu o sorriso, cruzando os tornozelos e se escorando no balcão.

– Estou.

Os olhos de Ruby brilharam, seu olhar percorrendo as tatuagens de Delilah, que percebeu as perguntas se acumulando na mente da garota.

– De qual delas você gosta mais? – perguntou a Ruby.

O rosto da garota ficou corado, como se tivesse sido pega no flagra.

– Ah. Hum...

– Tudo bem – disse Delilah. – Eu quero saber.

– Bom... – Ruby se aproximou mais um pouco. – Gosto desta. – Ela apontou para a tempestade no copo.

– É uma das minhas favoritas também.

– O que significa?

– É uma tempestade em um copo d'água – respondeu Delilah.

Ruby franziu a sobrancelha.

– Quê?

Delilah riu.

– É um ditado antigo. Significa... dar muita importância pra uma coisa pequena. Eu fiz essa tatuagem pra me lembrar de dar às coisas o peso que elas têm. Que, na maioria das vezes, elas não são tão terríveis quanto podem parecer.

A garota assentiu, a cabeça inclinada, pensando.

– Também gosto dessa – disse Claire.

Delilah desviou o olhar para a outra mulher. Deixou que um sorrisinho sedutor tomasse conta de seus lábios.

Claire sorriu e balançou a cabeça antes de se ajoelhar para pegar a bolsa embaixo do balcão, mas Delilah poderia jurar que ela estava um pouco corada.

– Vamos? – perguntou Claire a Ruby, saindo de trás do balcão.

– Finalmente! – exclamou a garota, disparando em direção à porta.

Delilah foi atrás delas, rondando-as enquanto Claire trancava a loja. Olhou na direção da Taverna da Stella, a alguns quarteirões de distância, mas a ideia de entrar lá, sozinha, só para ficar meio bêbada no balcão, também sozinha, de repente pareceu bem cansativa.

– Então... boa noite – disse Claire, enquanto Ruby ia em direção ao Prius prata estacionado no fim da rua.

Delilah se perguntou onde elas moravam, como seria sua casa.

– Boa noite. – Ela enfiou as mãos nos bolsos e começou a recuar, ainda olhando para Claire.

A outra mulher abriu a boca... duas vezes... até que finalmente perguntou:

– A gente se vê amanhã, né?

Delilah parou.

– Amanhã?

– No jantar da Astrid. Na sua... Na casa da Isabel.

O cansaço de Delilah virou exaustão.

– É, a gente se vê amanhã.

Claire assentiu e brincou com as chaves.

– Legal. Então tá.

– Tá.

– Tchau.

– Tchau.

Mas nenhuma das duas saiu do lugar. Delilah não ia arredar pé, ela sabia disso. Estava curtindo ver Claire inquieta, agitada. Em especial porque tinha noventa por cento de certeza de que era o motivo da agitação.

– Mãe! – chamou Ruby do carro.

– Estou indo!

Claire olhou para Delilah mais uma vez antes de finalmente dar as costas e ir depressa até a filha. Delilah ficou parada no meio da calçada, rodeada de lambedores de sorvete, com um sorriso no rosto, até o carro de Claire deixar seu campo de visão.



CAPÍTULO OITO

DELILAH PAROU NA ENTRADA, a Casa das Glicínias despontava diante dela. Estava anoitecendo, o céu era de um lavanda suave e parecia que algumas pessoas já estavam lá. Ela não podia – não *queria* – entrar naquela casa só com Isabel e ficar jogando conversa fora. Ou, o que era mais natural para a madrastra, ficar jogando indiretas. Nem tinha certeza de que conseguiria entrar de um jeito ou de outro, mesmo com a casa cheia de outras pessoas.

A Casa das Glicínias sempre fora um lugar confuso para Delilah. Por um lado, tinha morado ali com o pai durante dois anos, dos 8 aos 10. Lembrava-se dessa época, ao contrário das imagens nebulosas e disformes que tinha da infância em Seattle. A mãe, que morrera antes de Delilah completar 4 anos, era só uma sombra, um borrão de cabelo cacheado e mãos macias em seu rosto. Mas do rosto do pai, Andrew, ela se lembrava muito bem, assim como dos olhos azul-escuros e da risada alta, que vinha do fundo da barriga, fazendo Delilah rir também, mesmo quando ela não entendia a piada. A Casa das Glicínias era dele, construída e batizada para sua nova família, para a filha que ele não pôde ver crescer.

Mas a Casa das Glicínias também era *delas*. De Isabel. De Astrid. Depois da morte de Andrew, o luto de Isabel fora pesado, como um manto preto que cobria tudo. Ela já tinha perdido o primeiro marido para o câncer – um

dos motivos pelos quais ela e Andrew estabeleceram um vínculo: o luto compartilhado em razão de uma doença terrível – e perder outro marido tão repentinamente quase a matou. Delilah se lembrava de pensar, em sua própria névoa de tristeza, que Isabel talvez morresse de desgosto e ela e Astrid ficassem sozinhas de verdade ou talvez fossem mandadas para longe.

Mas Isabel sobreviveu, e, conforme ela voltava à vida, Delilah esperava pela mãe de que precisava. Esperou pelo consolo e pela segurança. Caramba, a mão de alguém apertando seu ombro ao passar por ela já teria feito com que seu coração se sentisse mais à vontade dentro do peito. Astrid certamente não ofereceria nada disso, mas Isabel também não. A mulher a alimentava. Comprava materiais escolares. Garantia que ela fizesse o dever de casa. Comprava presentes de Natal. Vestia a menina com as roupas de grife que Astrid adorava, mas para as quais Delilah nunca ligou, e pronto. Necessidades básicas, deixando o amor totalmente de fora da equação. É bem verdade que ela também não era muito carinhosa com Astrid, mas se *envolia*. Sempre perguntava sobre os projetos escolares e sobre as amigas da filha, ia a todas as corridas da escola e torcia alto, incentivando-a a ser melhor e mais rápida. Também era um tipo de cuidado, não era? Astrid recebeu toda essa atenção quando elas eram mais novas. Depois, quando chegaram ao ensino médio, a mesma atenção parecia irritá-la. Ainda assim, sempre que se sentava ao lado de Isabel nas arquibancadas de metal, vendo Astrid voar pela pista com o rabo de cavalo louro balançando atrás dela, Delilah ansiava por uma pergunta, qualquer pergunta, qualquer incentivo em relação à sua vida.

Nunca veio. Então, quando os dedos de Delilah envolveram o diploma ao som de aplausos educados e nada emotivos, ela soube que estava na hora de ir embora de uma vez.

Agora, como em todas as outras poucas vezes que voltara à cidade nos últimos doze anos, ela olhou para a linda fachada de tijolos da Casa das Glicínias e sentiu um leve pânico fervilhar a cada respiração. Colocou as mãos na barriga e respirou fundo. Sabia que tinha que entrar e passar por aquilo como tinha passado pelo brunch. Só precisava de um instante para se preparar. Mas o instante se estendeu, e ela sabia que a qualquer momento

seu celular chamaria com Astrid gritando sobre profissionalismo e pontualidade.

Deu um passo em direção aos degraus da entrada, e mais um, e estava quase no primeiro degrau quando um carro familiar parou na frente da casa.

Um Prius prata.

Delilah viu Claire abrir a porta do motorista e duas outras pessoas saírem do carro – Iris e um cara que nunca tinha visto. Ele usava uma calça social cinza elegante e uma camisa preta, o cabelo escuro preso em um coque impressionante. O homem abraçou Iris, e Delilah soltou um suspiro, aliviada.

O que permitiu que ela se concentrasse de verdade no que estava vendo.

Claire, de salto vermelho, batom vermelho e um vestido vintage incrivelmente justo que parecia soldado em cada curva perfeita de seu corpo. Era o tipo de vestido que inspirava fantasias, desenhado para corpos como o de Claire, com as alças de 2 centímetros de largura penduradas nos ombros redondos e o decote em formato de coração revelando o suficiente de seu colo. As bolinhas pretas e brancas davam um ar de inocência ao vestido, mas, caramba, nesse momento os pensamentos de Delilah não tinham nada de inocentes.

Ela sentiu a boca se abrir e não pôde fazer nada para impedir.

– Foi exatamente o que eu fiz quando a vi – disse Iris a Delilah. – Ela parece a Bettie Page, não parece? – Ela deu uma cotovelada de leve em Claire.

– O quê? – indagou Claire. – Claro que não. Meu peito e minha bunda são muito maiores que os da Bettie Page.

– É, e isso é bom. – Iris sorriu para ela, balançando a cabeça.

Delilah mal ouvia a conversa das duas – modelo vintage, peito – por causa do *vestido*. Ela só conseguiu ficar olhando enquanto Claire se aproximava.

– E aí? – disse Iris, parando em frente a Delilah e olhando para ela com a cabeça inclinada, como se estivesse esperando alguma coisa.

– Posso ajudar? – perguntou Delilah depois de pigarrear.

– Pode. Você está bloqueando a entrada.

Delilah considerou sugerir a Iris em um tom bem doce que ela usasse *por favor* em uma frase, mas, com a tarefa de entrar ainda pairando sobre sua cabeça e Claire ali parecendo uma modelo pinup, não conseguiu reunir forças. Só deu um passo para o lado, indicando as escadas com um floreio.

– Oi, eu sou Grant – falou o cara ao passar por ela.

– Delilah – respondeu ela, e ele arregalou os olhos. Ela sentiu um aperto no estômago. – É, *aquela* Delilah.

– Ah, hum, é, muito prazer – disse ele, passando a mão na nuca.

– Que discreto – comentou Iris, pegando o braço dele. Ela olhou para Claire e fez um gesto com a cabeça apontando para a porta. – A gente se vê lá dentro?

– Isso – respondeu Claire, e ficou ali enquanto Iris e Grant desapareciam, trocando o peso de perna e puxando uma das alças do vestido.

– Que lindo – disse Delilah.

Claire ficou paralisada.

– O quê?

– O vestido. – Ela apontou para a mão de Claire, que ainda segurava a alça esquerda. – É bonito. Muito bonito.

Delilah viu um sorrisinho curvar um dos cantos da boca dela.

– É mesmo?

– Ô!

Claire contraiu os lábios, claramente tentando conter um sorriso maior, mas seu rosto ficou corado. Ela baixou a mão.

– Você vai entrar?

Delilah soltou um suspiro e olhou para a casa, toda tijolos e janelas reluzentes.

– Uma hora vou. E você?

– Bom, eu valorizo muito minha vida, então, sim.

– Astrid sempre consegue o que quer, né?

As palavras saíram mais baixo do que ela queria, mais tristes, e Claire baixou as sobrancelhas enquanto analisava o rosto de Delilah. Esta tentou não desviar o olhar, mas aquela mulher tinha olhos muito profundos, um

poço castanho sem fundo, e Delilah não estava a fim de cair naquela noite.

Ela baixou o olhar e ajeitou a bolsa da câmera no ombro. Precisava assumir o controle da situação, do que ia ou não fazer com Claire Sutherland, uma das amigas malvadas de Astrid, pelo amor de Deus – mas *controle* nunca era algo que ela sentia quando estava na Casa das Glicínias.

– Podemos entrar juntas – sugeriu Claire; era mais uma pergunta que uma afirmação.

Delilah pensou na sugestão. O ombro de Claire encostado no dela ao passar pela porta da frente, um amortecedor. Mas também... a cara de Astrid ao ver as duas entrando juntas.

Delilah sorriu.

– É. Podemos, sim.

Ela enlaçou o braço no de Claire e a puxou para perto, só para garantir.



Delilah ergueu os ombros até as orelhas quando elas passaram pela porta e entraram no hall amplo. O cheiro a atingiu primeiro: lavanda e alvejante, como substâncias químicas tentando domar algo selvagem. Então, a temperatura a envolveu, um frio glacial, o ar-condicionado à toda, a ponto de farfalhar cabelos e saias. Finalmente, lá estava a vista, a entrada ainda pintada de cinza-claro, o piso de madeira escura ainda reluzente e impecável, as paredes ainda decoradas com os quadros mais sem graça do mundo, pinturas abstratas em cores neutras e paisagens fluviais tediosas. Entre aquelas obras-primas, é claro, fotografias posadas de Astrid em todas as idades. Fotos em preto e branco com molduras de madeira de uma princesa loira com um figurino de balé, um uniforme de corrida e uma beca verde de formatura carregada de estolas de honra brancas e douradas.

Uma das fotos mostrava Delilah – um retrato de família, 20 x 25, com ela e Astrid por volta dos 9 anos no sofá branco da sala, Isabel e o pai de Delilah empoleirados ao lado de cada uma delas, os olhos azuis dele brilhando. Uma moldura dourada antiga e simples envolvia a cena feliz, em

cima do aparador próximo à escada, meio escondida por uma suculenta em um vaso de cerâmica.

Ela ficou tonta por um instante, mas isso não era tão incomum assim. Só precisava de um minuto para se recompor e vestir a armadura habitual para lidar com Isabel e Astrid – sarcasmo e desdém. Jogou os ombros para trás, o braço segurando o de Claire com ainda mais firmeza.

– Tudo bem? – perguntou Claire, olhando para ela.

– Tudo ótimo – respondeu Delilah, mas sem soltar Claire.

E Claire também não a soltou.

Pelo menos não antes de Astrid aparecer no corredor que levava à sala de estar, os olhos focando imediatamente os braços de Delilah e Claire. Só então Claire se soltou, arrumando o vestido e pigarreando.

– Oi – disse Claire.

– Oi – respondeu Astrid, se aproximando.

Usava um macacão marfim sem alças com pernas largas, elegante e caro. Por ironia, combinava perfeitamente com o macacão sem alças preto de Delilah.

O anjo e o demônio.

Se Astrid percebeu, não disse nada. Em vez disso, deu beijinhos no ar em Claire enquanto olhava de soslaio para a irmã postiça.

– Você veio – disse Astrid.

– Por milagre – respondeu Delilah.

– Bom, eu não sabia se você lembrava onde era.

Delilah inclinou a cabeça, olhando para a irmã.

– Onde está a torre de champanhe?

– Não tem torre de champanhe – respondeu Astrid, o tom repleto de veneno.

– Que pena.

– Tá, e aí? – falou Claire, em um tom alegre. – Está tudo pronto lá fora?

Astrid pareceu relaxar e assentiu, enquanto Delilah entrava em modo profissional, repassando mentalmente as lentes de que precisaria para aquela luz. O incidente da torre de champanhe fora terapêutico, mas ela não ficaria exatamente surpresa se Isabel a demitisse e, no fim das contas,

precisava do dinheiro. E Astrid sabia muito bem disso.

A Casa das Glicínias tinha um quintal enorme nos fundos. Ele era plano, verde, tinha uma piscina logo abaixo da varanda, além de um amplo gramado que se estendia até as margens do Rio Bright. Tinha um cais com duas cadeiras rústicas de madeira, um pequeno bote que Isabel as proibia terminantemente de usar quando eram crianças e um balanço de pneu pendurado em um carvalho enorme cujos galhos grossos se arqueavam sobre a água azul-prateada.

– Você quer que eu tire alguma foto específica? – perguntou Delilah.

Antes que Astrid pudesse responder, um homem apareceu usando uma calça cinza-escuro e uma camisa de botão azul, ambas com jeito de *coisa cara*. Ele era alto e esguio, o cabelo louro-dourado estava curto nas laterais e um pouco mais comprido na parte de cima. Caminhou até elas devagar, mantendo as mãos nos bolsos até chegar ao lado de Astrid, quando a abraçou pela cintura e a puxou para perto.

– Ah, te achei, bebê – disse, enquanto Delilah observava seus dedos afundando nas costelas de Astrid.

Ela se segurou para não revirar os olhos. Os homens cis-héteros e seus apelidos paternalistas.

Astrid, no entanto, imediatamente se aninhou nele, colocando a mão em seu peito.

– Spencer, essa é a Delilah.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Delilah, é?

– Em carne e osso – disse Delilah. Ela não estendeu a mão para ele, mas ele também não estendeu a sua.

– Jamais pensei que teria esse prazer – comentou ele, mas não deixou que ela respondesse à leve provocação. Em vez disso, virou-se para Astrid, puxando-a mais para perto, e disse: – Preciso de mais champanhe, bebê. Me ajuda?

– Claro – respondeu Astrid, e olhou para Claire e Delilah. – Vocês também querem?

– Nossa, por favor! – respondeu Delilah, e ouviu um eco.

Ela olhou para Claire ao perceber que as duas tinham respondido exatamente a mesma coisa ao mesmo tempo. Claire riu.

– Tá, vou tomar isso como um sim, então – falou Astrid, de sobrancelhas franzidas. – Já volto.

Ela saiu em direção à cozinha, estalando os saltos, e Spencer ficou parado olhando, de pernas abertas e mãos no quadril.

– Ela é uma boa garota – disse, e Delilah tensionou ainda mais o maxilar.

– Acho que você quer dizer mulher – observou ela.

Claire se mexeu, e seu ombro tocou de leve o de Delilah. Spencer se virou para ela.

– Oi?

– Mulher. – Delilah apontou na direção em que Astrid tinha ido, entrando na cozinha. – Astrid, sua noiva, é uma mulher. Quase 30 anos, se me lembro bem.

Spencer estreitou os olhos, bem de leve, mas então sorriu.

– Astrid disse mesmo que você era... geniosa.

– E ela não me disse quase nada sobre você.

As palavras simplesmente saíram, com o tom grosseiro e tudo. Ela ouviu Claire inspirar baixinho e soube que devia calar a boca. Já estava por um fio com Isabel, mas algo naquele cara era como raspar uma lixa na pele queimada de sol. Ninguém poderia acusar Delilah de ter carinho pela irmã postiça, mas ela tinha ainda menos simpatia por babacas que obviamente empunhavam o pau como se fosse uma espada.

O sorriso dele não diminuiu e sua postura continuava ocupando um espaço exagerado. Finalmente, ele desviou o olhar para Claire, passando pelo decote por uma fração de segundo antes de chegar aos olhos dela.

– Bom te ver, Claire.

– Bom te ver, Spencer – respondeu ela, a voz firme como uma rocha.

E ele saiu caminhando devagar pelo corredor até chegar à porta dos fundos e desaparecer na varanda, onde algumas sombras com formato humano ondulavam ao lusco-fusco.

Ao lado de Delilah, Claire soltou o ar tão alto que pareceu que iria desmaiar. Sacudiu as mãos e estremeceu. A outra ficou olhando para ela,

esperando para ver o que mais faria.

Claire percebeu seu olhar e balançou a cabeça.

– Desculpa, eu... Bom, agora você conhece o Spencer.

– Ele é sempre babaca assim?

Claire se acalmou.

– *Será* que ele é babaca?

– Hum, com certeza – respondeu Delilah.

– Meu Deus. – Claire colocou a mão na barriga. – Estou muito feliz por ouvir alguém que não eu ou a Iris dizendo isso.

– Mas não é óbvio?

Claire soltou o ar com força, os ombros caindo.

– Bom, a Astrid é uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço, e ela vai se casar com ele.

Delilah torceu o nariz.

– Além disso, a Iris e eu só saímos com eles algumas vezes. Quando ela não está com a gente, eles fazem outras coisas. Eu esperava passar a gostar dele com o tempo.

– Como eles se conheceram?

– Ela reformou o escritório dele ano passado. Ele tinha acabado de chegar de Portland e assumiu a clínica do Dr. Latimer quando ele se aposentou.

– O Dr. Latimer só se aposentou no ano passado?

Claire riu.

– Meu Deus, né? Ele já devia ter 70 anos quando a gente estava na escola.

– No mínimo.

– Enfim, Spencer chamou Astrid pra sair quando a reforma acabou, em janeiro. Iris e eu o conhecemos algumas semanas depois do primeiro encontro, e dois meses depois eles estavam noivos.

– Dois meses? Nossa. Então eles estão noivos desde março?

Delilah logo se lembrou de quando Astrid ligara para pedir a ela que fotografasse o casamento – estava fresco em Nova York, o inverno tinha acabado de aliviar um pouco.

– Pois é – disse Claire. – Ela demorou mais de um ano pra escolher um sofá pra sala.

– O que a Isabel diz? – perguntou Delilah.

Mas já sabia: carreira de prestígio, cabelo louro... Isabel amava Spencer, e Claire confirmou.

– Eu nunca consigo definir exatamente o que é – continuou Claire –, mas ele... Ele é...

– Folgado?

– É! – Claire estendeu a mão e agarrou o braço de Delilah num gesto de solidariedade, mas logo soltou. – Mas tipo... de um jeito sorrateiro. Tipo agora, o que acabou de acontecer, com ele todo... – Ela agitou as mãos em frente aos seios. – O que eu diria pra Astrid? “Ô, seu futuro marido *olhou* pra mim?” – Ela balançou a cabeça. – Até a Iris, que fala qualquer coisa pra qualquer um, não consegue colocar em palavras.

Delilah pensou no que *ela* diria – *Seu noivo é um babaca, ele parece um boneco Ken, ele olhou pro peito da sua melhor amiga e você vira uma tonta quando está perto dele* –, mas todas as observações que surgiam em sua cabeça só deixariam Astrid irritada, o que, pensando bem, seria um jeito delicioso de passar a noite.

E um jeito garantido de ser demitida.

Ainda assim, a ideia de ver o casamento de Astrid desmoronar e todo o dinheiro de Isabel, seus planos e sonhos de ser anfitriã do evento mais importante da temporada desabando diante de seus olhos cheios de *lifting*... Bom, digamos que deixava Delilah empolgada.

– Spencer nunca faz nada de concreto – disse Claire. – É só uma sensação, o jeito como ela se comporta perto dele. – Ela esfregou a testa. – Meu Deus, ela me mataria se soubesse que estou dizendo isso pra você.

– Não é exatamente o que a madrinha gostaria de sentir pelo noivo, imagino.

– Não é, não.

Delilah observou uma preocupação genuína se instalar no rosto de Claire. Então, quando os saltos de Astrid ecoaram pelo corredor, a expressão desapareceu tão rápido quanto tinha surgido. As linhas suavizaram, e Claire

sorriu para a amiga.

Mas o sorriso também era genuíno, enrugando os olhos e dando origem a uma covinha que Delilah nunca tinha percebido, bem ao lado dos lábios de Claire. Aquela mulher amava Astrid com todo o seu coração.

Só Deus sabia por quê.

– Saúde – disse Astrid, entregando as taças com bolhas douradas para Delilah e Claire, ficando com uma e olhando ao redor. – Cadê o Spencer?

Delilah bebeu um gole e respondeu, indiferente:

– Tomara que ele esteja se jogando do cais no rio.

Claire engasgou com o champanhe.

Delilah sentiu uma onda de orgulho, mas então viu a expressão de Astrid.

Esperava que ela ficasse irritada ou brava. Não esperava... abatida. Sua irmã postiça abriu a boca e baixou as sobrancelhas, confusa. O estômago de Delilah já estava inquieto só de entrar naquela casa, mas agora, de repente, parecia um poço de cobras se contorcendo, e ela não gostou nada disso.

– Como? – perguntou Astrid.

– Nada – disse Delilah, agitando a mão livre e preferindo a indiferença profissional de Astrid àquela versão magoada e desconhecida que estava diante dela. – Você quer que eu tire umas fotos antes do jantar, né?

– Isso – respondeu Astrid, e olhou para Claire.

– Vamos pro quintal, então – disse Claire, pigarreando.

Ela enlaçou o braço no de Astrid e deu um passo, puxando-a para longe.

Delilah se preparou para ser deixada para trás, para andar pela casa sozinha. Já tinha feito isso antes. Tinha passado dez anos naquela casa, oito dos quais sem o pai nem qualquer aliado. Certamente poderia avançar pela droga da entrada no papel de fotógrafa de eventos.

Mas a casa, Astrid, Isabel, todas essas coisas ferviam em um caldeirão, gerando uma infusão potente. Bastaria um gole para fazer com que ela se sentisse uma adolescente esquisita e solitária.

Ela fechou os olhos por dois segundos, inspirou o ar de alvejante e lavanda, e mandou seus pés avançarem. Mas, antes que pudesse se mexer, antes mesmo que reabrisse a abrir os olhos, sentiu dedos macios envolverem

seu braço.

Delilah abriu os olhos e encontrou Claire, uma das mãos ainda segurando Astrid, e a outra... acariciando seu tríceps, descendo até o cotovelo. Astrid franziu o cenho, embora sua expressão fosse mais de curiosidade que irritação, e Delilah sentiu algo se revirar em seu âmago.

– Vem – disse Claire, com a voz suave. – Está pronta?

Não, era o que Delilah queria dizer. Nunca estava.

Mas, quando os dedos de Claire se firmaram de leve em sua pele, seus pés descongelaram e ela deu um passo, e mais um, e mais outro. Antes que pudesse perceber, tinha atravessado a sala de estar com sofás brancos onde passara tantas manhãs de Natal abrindo presentes em silêncio, e estava na varanda dos fundos, entre os cordões de luzinhas que lançavam um brilho suave sobre todo o espaço.

Havia pelo menos quinze pessoas lá fora. Delilah reconheceu algumas das mulheres do brunch, a família de Spencer e, é claro, Isabel, no centro de tudo, entronizada em uma cadeira, com uma taça de champanhe reluzente na mão. Astrid beijou o rosto de Claire antes de lançar o olhar irritado de sempre em direção a Delilah e ir se juntar a Spencer no cais, onde ele estava rindo com um grupo de três outros caras, todos héteros top, com aqueles dentes absurdamente brancos e o cabelo perfeito.

Delilah esperou que Claire saísse também, que corresse na direção de Iris ou de algum outro amigo que ela talvez conhecesse, talvez não, quem sabe Josh, embora não o visse em lugar nenhum.

Mas... Claire não se mexeu. Ficou exatamente onde estava, os dedos gelados e macios envolvendo o braço de Delilah, como se também estivesse esperando que ela se afastasse.



CAPÍTULO NOVE

CLAIRE AINDA SEGURAVA o braço de Delilah. Não sabia por quê. Disse a si mesma para soltar mais de uma vez, mas estava com medo de que, se soltasse, ela pudesse sair voando para longe, desmoronasse ou ficasse ali perdida, como estivera na entrada.

Ou talvez ela só gostasse de sentir a pele sedosa de Delilah na sua.

A ideia veio como um relâmpago, obrigando Claire a finalmente recolher os dedos depressa, derramando um pouco de champanhe no deque da varanda.

Delilah não pareceu perceber. Ao olhar em volta e beber mais um gole, ela não saiu flutuando nem desmoronou, mas seus olhos continuavam um pouco arregalados. Era fascinante ver aquela mulher ousada e impetuosa parecendo um cervo perdido na floresta. Claire não entendia muito bem por que, mas queria muito saber, e foi exatamente por isso que engoliu todas as suas perguntas com um gole grande demais de champanhe.

– Ô! – chamou Iris do outro lado da varanda, puxando Grant pelo braço e indo na direção de Claire. – Por que você demorou tanto?

– Demorei uns dez minutos, Ris.

– O que é tempo demais para me deixar sozinha com essa galera. – Iris apontou com a taça de champanhe para o grupo requintado. – Meu Deus,

você já viu tanto Louboutin em um lugar só? É sério que nós somos as únicas pessoas normais no círculo da Astrid?

Claire riu.

– Você sabe que sim.

Isabel Parker-Green tinha dinheiro – muito dinheiro. O primeiro marido viera de família rica e, com a morte dele, ela herdara o dinheiro. O segundo marido, pai de Delilah, fora um arquiteto bem-sucedido em Seattle antes de se mudar para Bright Falls, onde abrira um pequeno escritório, que Isabel logo vendera (e provavelmente amaldiçoara) depois da morte dele. Ela só queria saber de caridades e filantropia, mas Claire sempre teve a impressão de que era mais pelo status, não pela questão de fazer o bem.

Isabel gostava de controle, gostava de beleza e poder, e sempre fez questão que Astrid soubesse disso.

Quando Claire conhecera Astrid, a garota se agarrava à mãe, desesperada por afeto e atenção. Claire achava que fazia sentido. O padrasto dela tinha acabado de falecer, Isabel ficara presa no próprio luto e a amiga havia percebido que Astrid estava morrendo de medo de que a mãe também a deixasse. Mas, conforme os anos foram passando, Isabel dera cada vez mais atenção à filha, e quase a sufocara. Claire se lembrava de muitas noites no ensino médio que a amiga passara chorando no colo de Iris enquanto Claire acariciava suas costas. Palavras como *Eu odeio ela* e *Por que ela não me deixa em paz?* eram gaguejadas entre soluços.

Desde que voltara da faculdade e fora morar sozinha, o relacionamento entre Astrid e Isabel tinha melhorado, mas Claire não diria que as duas eram próximas. Eram civilizadas. Educadas. Ainda assim, percebia aquela expressão nos olhos de Astrid de vez em quando, a necessidade de impressionar, de agradar.

– Pense – disse Iris, indicando com a taça o grupo de pessoas –, amanhã seremos só nos três, com muito vinho em um spa cinco estrelas.

Ao lado de Claire, Delilah pigarreou.

– Vou tirar umas fotos antes do jantar – falou, antes de ir para um canto mais escuro, deixando a taça em cima de uma mesa por ali e se ajoelhando para pegar a câmera.

– Iris – disse Claire, batendo no braço da amiga.

– Ai! O que foi?

– Você disse *nós três*. Delilah também vai.

Iris abriu a boca, mas logo deu de ombros.

– Duvido que ela queira ir. Astrid está pagando. É um trabalho.

– Calma, Iris – pediu Grant.

– Ah, fala sério – disse Iris. – A mulher preferia mastigar vidro quebrado a estar aqui. É óbvio.

Claire balançou a cabeça e seu estômago se revirou quando ela voltou a olhar para Delilah. Só enxergava suas costas, os ombros nus e as tatuagens, mas sua postura parecia rígida.

– Eu sabia – disse Iris.

Claire se virou e encontrou Iris e Grant a encarando.

– O quê?

– Você está a fim dela – respondeu Iris.

– Não estou, não.

Iris fez um gesto com a mão na direção da amiga.

– O vestido, o fato de ter entrado com ela. Você gosta dela.

Claire puxou uma das alças do vestido enquanto Iris sorria, triunfante. Tinha encomendado o vestido meses antes, em um de seus sites de roupas vintage preferidos, atraída pelo fato de que deixaria sua silhueta de violão ainda mais curvilínea. A estilista chamava o modelo de vestido contorcionista, porque era preciso mesmo se contorcer para vesti-lo, e o batizara de “Vixen”. Claire não sabia se teria a oportunidade – nem a coragem – de usá-lo, mas aquela parecia uma boa ocasião. Era elegante e sensual ao mesmo tempo.

Não que seu objetivo fosse ficar sensual.

– Eu gosto deste vestido, Ris – disse. – Estou usando pra mim mesma.

O sorriso de Iris se desfez.

– Amiga, claro. Só estou dizendo que...

– E só porque estou sendo legal com alguém e não agindo como uma megera não quer dizer que esteja *a fim* dessa pessoa.

Desta vez, Iris ficou boquiaberta.

- Eu não estou...
- Está um pouco, sim – comentou Grant.
- Ei! – exclamou Iris, batendo no peito dele.

Grant soltou um “ugh!”, então pegou a mão de Iris e enlaçou os dedos nos dela. Iris deixou e olhou para Claire, pensativa.

– Tá, tudo bem. Não sou fã da Delilah. E você também não era, pelo que eu me lembro. Ela mal falava com a Astrid, ou você esqueceu?

– Eu não esqueci – respondeu Claire, mas se virou e ficou observando Delilah andar entre as pessoas enquanto tirava fotos, chamando a atenção de todos por onde passava.



O jantar transcorreu sem incidentes. Na mesa comprida que o serviço de bufê tinha montado no quintal, com tochas iluminando a área, Claire se sentou ao lado de Iris, perto da extremidade, e comeu risoto de cogumelos e salada de vagem orgânica enquanto todos do círculo elegante de Isabel perguntavam a Astrid e Spencer sobre a lua de mel, onde iam morar, quantos filhos iam ter.

Astrid respondia a todos com um sorriso, o braço de Spencer firme em seu ombro o tempo todo. Ele até comeu assim, cortando o frango com *lemon pepper* com o garfo com uma mão só. Quando Astrid se desviou da pergunta sobre filhos, no entanto – “Ah, não sei, não estamos com pressa” –, Spencer gargalhou alto, como se Astrid fosse uma comediante de stand-up em uma apresentação, e disse:

- Três meninos, assim que nos instalarmos em Seattle.

Todos reagiram com um “Aaah!”, como se a ideia de Astrid dando à luz três meninos brancos naquele mundo de meninos brancos fosse *a coisa mais fofa*. Mas Claire se concentrou mais na palavra *Seattle* que em *três meninos*.

Ela se virou para Iris, de boca aberta, mas a amiga parecia tão confusa quanto ela, os olhos fixos em Astrid.

- Que porra é essa? – sussurrou Iris, baixinho.

Mas Astrid provavelmente a conhecia bem o bastante para saber o que ela estava murmurando em sua direção. O rosto dela ficou vermelho e uma expressão muito triste tomou conta de suas feições. Ela murmurou *Sinto muito* em resposta, o que só podia significar que era tudo verdade.

– Ele vai levar a Astrid pra Seattle? – perguntou Claire.

– Eu... eu não sei – respondeu Iris.

– Por que ela não nos contou?

– Provavelmente porque sabia que a gente ia surtar.

– Ela detesta Seattle – disse Claire. – A multidão, a areia misturada com toda aquela chuva. Ela mal sobreviveu à faculdade em Berkeley.

Um vinho branco gelado substituiu o champanhe quando a refeição se iniciou, e Claire virou o restante da segunda taça. Meu Deus, ela ia precisar de um fígado mais forte para sobreviver àquele casamento.

Seattle. Não era tão longe, cerca de quatro horas de carro, mas ainda assim... Seattle não era Bright Falls, e Bright Falls era onde estava a vida toda de Astrid. Sua empresa, seus amigos, sua família.

– Absolutamente odioso – sussurrou Iris ao lado dela, e Claire não precisou perguntar do que, ou melhor, de quem ela estava falando.

– A gente gostou dele em algum momento? – perguntou Claire. – Tipo, quando Astrid nos apresentou?

– Nem um pouco – respondeu Iris. – Quer dizer, ele parece um deus com aquele cabelo e aqueles bíceps, então talvez a gente tenha ficado um pouco distraída no começo. Sabe, gente bonita consegue se safar de um assassinato.

– Meu Deus, espero que ele não seja um assassino.

Iris riu.

– Tenho certeza de que o único crime dele vai ser ficar com a bunda colada no sofá bebendo uísque e fumando charuto enquanto a Astrid passa aspirador na sala. Em Seattle.

Claire abriu um sorriso, mas continuou nervosa. Desde o anúncio do noivado, ela desconfiava de Spencer, mas de repente tudo pareceu ferver. Ouvir Delilah, alguém que nem *gostava* de Astrid, confirmar que ele era um babaca só deixou tudo ainda mais real. E Seattle? Levá-la para uma cidade

que ela detestava? Só Deus sabia havia quanto tempo a amiga estava escondendo aquela informação das amigas.

– Nós não podemos deixar que Astrid se case com ele – disse Claire.

Iris ficou paralisada com a boca na taça.

– Nós... Como é que é?

Claire passou a falar ainda mais baixo:

– Não podemos e você sabe disso.

Iris balançou a cabeça.

– Espera aí. Eu achava que a gente só ia conversar com a Astrid sobre o Spencer. Falar sobre nossas preocupações. De onde foi que veio esse plano de *cancelar o casamento*? Você sabe que a Astrid vai fazer o que bem entender.

– É, e aquela mulher ali – ela acenou com a mão na direção da melhor amiga, que estava passando risoto do prato dela para o de Spencer – não é a Astrid.

Iris assistiu a cena com os olhos semicerrados e então voltou a olhar para Claire. Um milhão de versões da mesma pergunta passou de uma para a outra em silêncio – *como, como, como* – enquanto as pessoas se levantavam ao redor.

Iris se levantou e puxou Claire também, soltando um suspiro dramático com a testa encostada na da amiga. Ficaram um segundo assim, observando todos os amigos de Isabel seguirem para o outro lado da varanda enquanto o pessoal do bufê começava a limpar tudo. Os olhos de Claire encontraram Delilah, que estava com a câmera apontada diretamente para as duas amigas e logo a baixou, olhando para a tela. Delilah apertou alguns botões na câmera antes de olhar para Claire com um sorriso discreto nos lábios.

Claire sentiu um frio na barriga, mas não sabia dizer se era de vergonha por ser fotografada ou... outra coisa.

– Ris, Claire – chamou Astrid perto da escada que levava ao quintal. – Venham, vamos até o cais. – Spencer e seus amigos já estavam indo naquela direção, em um mar de calças cáqui e mocassins. – Você também, Del.

– Ah, que delícia – Claire ouviu Delilah dizer, e não pôde evitar o sorriso que tomou conta de seu rosto.

– Ô – respondeu Iris.

– Eu não preciso me enturmar com eles, né? – perguntou Grant ao lado de Iris.

Estava de olhos fixos em Spencer e companhia, reunidos no cais a distância, o sol âmbar mergulhando no Rio Bright e transformando todos em sombras escuras.

– Não, docinho, você pode ficar comigo – respondeu Iris, acariciando o braço do namorado.

– Ah, graças a Deus – disse ele.

Claire riu enquanto Iris enchia suas taças antes de seguirem em direção à água. Sabia que Delilah estava logo atrás, mas não se virou antes de chegarem ao cais. Ela estava com a câmera pendurada no pescoço e uma taça de vinho bem cheia na mão, mas não olhou para Claire. Em vez disso, se escorou em um dos pinheiros à margem do rio – meu Deus, aquela mulher estava sempre se *escorando* nas coisas – e ficou observando Spencer rir com os amigos.

Astrid estava ao lado dele, bebendo e sorrindo, mas, pela primeira vez, Claire percebeu algo frio em sua expressão. Parecia ensaiada. Ou talvez fosse só ilusão. Talvez estivesse escuro demais para que ela visse algo com clareza. O sol já tinha se posto, transformando a água que corria suavemente em tinta escura, e as poucas tochas à beira do rio eram a única iluminação.

– Podemos ir pro vinhedo *agora*? – perguntou Iris ao seu lado.

– Bem que eu queria – respondeu Claire.

Contudo, isso só fez com que outras preocupações surgissem em sua mente. Era uma viagem de apenas dois dias, mas Ruby ia passar a noite com Josh de novo e estaria a quatro horas de distância se algo desse errado.

Nada vai dar errado, disse a si mesma. *Já* tinha obrigado Iris a pedir para Grant passar na casa de Josh por volta das oito da noite, casualmente, com uma cerveja, quando na verdade dera instruções claras para que ele conferisse se o forno estava desligado e se não havia velas acesas.

– Merda, essas porcarias de mutucas – disse Spencer, arrancando Claire de seus pensamentos. Ele deu um tapa no próprio rosto, depois na orelha.

– Boa, mutuca – murmurou Iris.

– Traz um repelente, bebê? – pediu Spencer.

E deu um tapinha na bunda de Astrid. Não um tapa, necessariamente, mas forte o bastante para surpreendê-la. Um dos amigos dele riu, mas logo acobertou com um gole de vinho.

– Claro – respondeu Astrid, calmamente. – Tem muitos insetos aqui mesmo.

Quando ela deixou o cais em direção à casa, Claire aproveitou o momento, agarrando a mão de Astrid quando a amiga passou e puxando-a para perto.

– O que está acontecendo? – perguntou Claire em voz baixa.

– Do que você está falando? – rebateu Astrid.

– Seattle? – indagou Iris. – Que merda é essa?

Astrid soltou um suspiro.

– Não vamos por agora. Estamos só conversando a respeito.

– Você adora Bright Falls – disse Claire, sem conseguir evitar a mágoa que subia pela garganta.

– Spencer não gosta – respondeu Astrid. – Ele assumiu o consultório aqui, mas quer expandir, e Bright Falls não comporta isso.

– Então você vai atrás dele e pronto? – perguntou Iris, erguendo o tom de voz. – E o seu trabalho?

E a gente?, pensou Claire, mas não conseguiu dizer.

– Posso fazer mais em Seattle – argumentou Astrid. – O mercado é maior, a...

– Você detesta coisas enormes – disse Iris.

Astrid esfregou a testa.

– Olha, não está decidido, tá bom? Estamos só falando a respeito. E, de qualquer jeito, só iríamos depois de um ano.

– É, mas...

– Bebê! E o repelente? – gritou Spencer.

Astrid acenou para ele e deu um beijo no rosto de Claire e de Iris antes de correr até a casa.

– Você conhece um advogado bom? – indagou Iris.

– O quê? – perguntou Claire, vendo Astrid entrar na varanda.

– Um advogado. De preferência direito penal – disse Iris.

– Ah, meu Deus – resmungou Grant, que tinha se afastado enquanto elas conversavam com Astrid, mas agora passava o braço sobre os ombros de Iris.

Claire se virou para a amiga.

– Do que é que você está falando?

Iris cerrou os dentes.

– Estou falando de como eu vou precisar de um advogado dos bons daqui a uns dois segundos, porque vou assassinar aquele bota de merda. – Ela fez um gesto com a taça na direção de Spencer, que estava conversando com os amigos, os dentes reluzindo no escuro.

– Bota de merda? – Claire abriu um sorriso.

– Xingamento original da Iris – explicou Grant.

Os três riram, mas Claire continuou se sentindo agitada e impotente. Era verdade que Astrid não reunia Spencer e as amigas com muita frequência, só em um jantar aqui e ali. Mas, na maior parte do tempo, ou ela estava com Iris e Claire ou só com Spencer.

Agora, estava começando a entender por que Astrid mantinha essas caixinhas separadas, principalmente com Seattle na jogada. Astrid sabia que as amigas iam fazer um rebuliço se um cara quisesse arrastá-la como um homem das cavernas para uma cidade que ela detestava.

– Segura isso.

Claire ficou surpresa ao ver Delilah bem à sua frente, de repente, estendendo o celular e a câmera.

– Quê?

– Segura pra mim, tá?

Mas, antes mesmo que Claire pudesse responder, Delilah fechou os dedos dela ao redor do celular e pendurou a câmera em seu pescoço, antes de seguir pelo cais, levando a taça de vinho preguiçosamente em uma das mãos e rebolando. Mais de um dos amigos de Spencer olhou a bunda dela quando passou, o que, por algum motivo, fez Claire cerrar os dentes.

– Ora, se não é a irmã postiça malvada – disse Spencer quando ela se aproximou.

Ele estava na beirada do cais, a água escura batendo logo abaixo.

– Só eu posso dizer isso de mim mesma – respondeu Delilah, mas Claire percebeu que ela estava sorrindo. – Então, me fale de você, *Spence* – continuou ela, a voz doce como mel e a mão estendida para apertar o braço dele.

Mas aí ela pareceu... oscilar. O salto ficou preso em uma das tábuas de madeira, e ela tropeçou em direção a Spencer.

– Merda – resmungou, se agarrando aos ombros dele enquanto ele segurava seus braços para estabilizá-la.

– Opa, cuidado – disse ele.

No entanto, o corpo dela continuou indo para a frente, como uma bola descendo a colina. Ela se contorceu e a taça de vinho caiu sem quebrar enquanto ela tentava recuperar o equilíbrio.

– Ah, meu Deus – falou Iris. – Será que eles vão...

Mas ela mesma se interrompeu, porque eles iam, sim.

Spencer e Delilah caíram no rio em um rebuliço de membros e palavras.

– Cara, você tá bem? – perguntou um dos amigos de Spencer.

Todos se amontoaram na beirada do cais. Claire também correu para lá, e Iris e Grant foram logo atrás dela. Ela abriu caminho entre os garotos da fraternidade e viu Delilah e Spencer cuspindo a água escura, os dois completamente encharcados e parecendo ratos afogados.

– Que foi isso, porra? – perguntou Spencer, colocando o cabelo molhado para trás e ficando em pé. A água não era tão funda assim, mas mesmo em pé, chegava quase até o peito dele.

– Desculpa – respondeu Delilah, a voz calculada e calma. – Não sei o que aconteceu.

Ela manteve a cabeça fora da água nadando cachorrinho enquanto todos os amigos de Spencer se agachavam para ajudá-lo a sair do rio. A camisa de seda estava arruinada, o sapato de couro, encharcado e sua expressão, furiosa.

– Meu Deus, Spencer, o que aconteceu? – perguntou Astrid, chegando com uma lata verde de repelente.

– Nada – respondeu ele, rosnando, se desvencilhando dos amigos e passando reto por ela. – Preciso trocar de roupa. – E saiu pisando firme pelo cais e depois pelo gramado, em direção à casa.

Todos ficaram alguns segundos em silêncio, mas então... uma gargalhada.

– Puta merda – disse um dos amigos de Spencer, Peter ou Patrick ou algo do tipo. – Ele adorava aquela camisa.

– E aquele sapato – disse outro.

– Precisa de ajuda? – perguntou Peter/Patrick a Delilah, que ainda estava na água.

– Não, muito obrigada – respondeu ela, a voz ainda toda melosa.

Ele deu de ombros, e todos os caras foram para o gramado, deixando Claire, Iris, Astrid e Grant sozinhos no cais.

E Delilah na água.

– O que aconteceu? – perguntou Astrid, encarando a irmã.

– Eu tropecei – disse Delilah, de olhos arregalados, quase cômicos. – Foi um acidente.

Se Claire não a conhecesse... Bom, na verdade, *não* a conhecia. Nem um pouco. Mas, com o celular na mão e a câmera estrategicamente pendurada em seu pescoço enquanto Delilah nadava devagar em direção à escada no fim do cais, Claire tinha quase certeza de que aquilo tudo fora planejado.

– Você está bem? – perguntou enquanto Delilah subia a escada.

– Nunca estive melhor. – Delilah torceu o cabelo. – A água está refrescante. Mas talvez eu precise de uma muda de roupa. – Ela olhou para Astrid e sorriu. – Tem um moletom pra sua irmã?

Iris riu antes de se aproximar de Claire e perguntar:

– Ela está falando sério?

– Acho que sim.

Astrid ficou olhando para ela boquiaberta, então pegou a taça relativamente cheia de vinho de Claire e bebeu em três goles. Ela estremeceu, devolveu a taça e saiu pisando firme em direção à casa.

– Não sei por que foi que eu pensei que isso seria uma boa ideia – disse ao sair.

Delilah foi atrás dela, obediente, depois de pegar suas coisas com Claire. Não fez nenhum contato visual, mas, ao deixar o cais, virou a cabeça e olhou para trás, só por um segundo. Estava escuro, e Claire não tinha como ter certeza, mas achou que a mulher tinha piscado.

Não só piscado, mas piscado *para ela*.

Claire sentiu uma risada borbulhar em seu peito, mas conseguiu reprimi-la.

– Caramba – falou Iris quando elas também se dirigiram à casa. – Não que eu queira ver nossa preciosa melhor amiga irritada, mas isso foi...

– Brilhante? – perguntou Claire.

– É. Foi brilhante, porra.



CAPÍTULO DEZ

– DESCULPA, COMO É QUE É?

Ao final da manhã de terça, Delilah viu os olhos de Astrid se arregalarem até ela ficar parecendo um inseto, os dedos finos agarrados às laterais do balcão na recepção do Vinhedo e Spa Lírio Azul. O lugar parecia um oásis, todo de madeira por dentro, com estofados e tapeçarias brancas e muito vidro do mar – detalhes azuis, do porta-canetas na recepção aos quadros nas paredes, imagens de rios límpidos e lírios balançando ao sol. O térreo era todo de vidro e, atrás de uma recepcionista apavorada chamada Hadley, Delilah via o Vale Willamette se estender em uma faixa verde ao longe, com fileiras organizadas de videiras rechonchudas logo abaixo.

– Três quartos? – indagou Astrid. – Não, eu me lembro muito bem de ter reservado quatro.

– Ah, merda – resmungou Iris baixinho.

Delilah, por sua vez, se escorou no balcão e manteve o rosto inexpressivo. Estava exausta. Para falar a verdade, uma massagem seria muito útil. Durante toda a viagem até lá, era nisso que tinha pensado – massagens, um Pinot Noir excelente, um quarto sem chita só para ela com vista para o vinhedo onde poderia apenas *ser*, livre de Astrid e de Bright Falls e de toda a lama emocional que a visita à Casa das Glicínias na noite

anterior tinha despejado em suas veias.

Claro, ela estava lá para tirar umas fotos das três melhores amigas, provavelmente para que pendurassem em sua caverna ao lançar seus feitiços de beleza e poder eternos, mas aceitava as massagens grátis de bom grado.

Nunca tinha se sentido tão cansada quanto nos dois últimos dias, e isso incluía os primeiros meses em Nova York aos 18 anos, quando descobrira outras pessoas lgbtq+ e os bares e ficara uma semana sem dormir. Mas, até ali, a viagem a Bright Falls estava dando a Delilah a sensação de flutuar, mas não daquele jeito gostoso pós-orgásmico. Era como se ela não conseguisse firmar os pés no chão e andasse por aí cambaleando.

Seu único alívio fora empurrar aquele babaca no rio na noite anterior.

Meu Deus, como aquilo tinha sido divertido.

Astrid não concordava, claro, o que era até um bônus. Ao enfiar um moletom em suas mãos na noite anterior, a expressão de Astrid não revelava aquela mágoa prostrada que Delilah percebera na entrada da Casa das Glicínias. Não, era só irritação, familiar e estimulante. Os deuses tinham presenteado Delilah com um jeito novo de irritar a irmã postiça, e ela planejava explorá-lo de todas as maneiras possíveis, o que precisava ser feito com cuidado e destreza, para que conseguisse manter o trabalho de fotógrafa. Mas pensar em modos criativos de irritar o amado de Astrid só deixava tudo ainda mais divertido. Além do mais, Spencer era um anúncio louro e ambulante do patriarcado, então qualquer insulto habilmente disfarçado que ela pudesse proferir seria justificável.

Sua determinação cresceu ainda mais ali no saguão do resort, e ela se esforçou para manter a expressão neutra conforme ficava cada vez mais claro que Astrid não tinha reservado quatro quartos. Ela reservara três, para ela, Iris e Claire, e nem tinha pensado em Delilah, que tentou não perceber que seu coração acelerou enquanto a garganta se fechava em um coquetel terrível de raiva, irritação e mágoa.

Claire se aproximou e Delilah tentou não perceber isso também. Seu corpo, no entanto, tinha outros planos, e ela sentiu que também se inclinava em direção a Claire, o suficiente para seu ombro tocar o dela de leve.

– Delilah Green – disse Astrid para a coitada da recepcionista,

pronunciando cada sílaba com exagero. – Confira de novo. Eu sei que está aí.

– Sinto muito, Srta. Parker – respondeu Hadley –, mas a reserva diz claramente que a senhorita ligou no dia 14 de abril e reservou três quartos por uma noite, um para a senhora, outro para a Srta. Iris Kelly e um terceiro para a Srta. Claire Sutherland. Não tem nada para a Srta. Del...

– Tudo bem, já entendi – disse Astrid, soltando um suspiro profundo. – Mas vocês devem ter algum quarto disponível.

Hadley estremeceu. Delilah quase se sentiu mal por ela.

– Sinto muito, Srta. Parker. O verão é nossa época de maior movimento, e estamos lotados hoje. Mas, se vagar algum quarto, a senhorita será a primeira a saber.

Astrid ficou alguns segundos encarando a coitada, como se a força de seu olhar pudesse fazer com que aparecesse um quarto do nada. Hadley, por sua vez, manteve o sorriso, mas, quando os ombros de Astrid desabaram, derrotados, a recepcionista soltou um suspiro audível.

– Tudo bem. Eu durmo nas parreiras – disse Delilah.

Astrid se virou devagar, mas sem cruzar com o olhar frio da irmã postiça. Em vez disso, olhou para o chão e respirou fundo várias vezes seguidas, tentando não perder completamente a cabeça.

Delilah cruzou os braços. Ela adoraria ver Astrid perder a cabeça, bem ali diante de Hadley e da paleta de cores azul-spa.

– Está tudo bem – falou Claire, colocando a mão no braço de Astrid. – Vai ficar tudo bem. As camas são todas king size, não são? Delilah pode ficar comigo.

Ah, meu Deus. Era perfeito demais. Astrid levantou a cabeça depressa, os olhos arregalados.

– Não, não, a culpa é minha – argumentou. – Ela pode ficar comigo.

– Astrid – disse Claire –, você merece um quarto só pra você.

– Você também – respondeu Astrid.

– Bom, *eu* com certeza mereço um quarto só pra mim – disse Iris, e Delilah quase riu. Para falar a verdade, em outra vida, ela provavelmente teria gostado muito de Iris.

– Astrid – disse Claire, segurando os braços da amiga. – Eu não ligo. E insisto. Vai ser ótimo.

– É, Desastrinho, vai ser ótimo – concordou Delilah.

Ela olhou nos olhos da irmã e levantou uma sobrancelha, algo que sabia que Astrid não conseguia fazer e gostaria de conseguir. As duas ficaram se encarando, a aposta de Delilah de levar Claire para a cama pairando no ar. Claro, não foi exatamente isso que Delilah quis dizer, mas era um ótimo começo.

Astrid fechou os olhos por um instante, e naquele breve instante Delilah soube que tinha vencido.

Mas havia algo a mais ali. Algo além da satisfação que Delilah sentia por saber que Astrid estava fervendo por dentro, e tinha quase certeza de que era entusiasmo. Claire era divertida, doce e muito sexy. Ela era interessante. E Delilah não conseguia parar de pensar na noite anterior, na entrada da Casa das Glicínias, naquela fração de segundo em que Claire podia ter ido com Astrid, deixando que Delilah lidasse com seus demônios sozinha, como estava acostumada a fazer.

Mas ela não fizera isso.

Claire tinha se virado, os olhos castanhos bem abertos e sinceros, e esperado por ela. Acompanhara Delilah durante aquele que poderia ter sido o pior momento da viagem de volta a Bright Falls e o transformara em uma simples caminhada pelo corredor.

E, pela primeira vez desde a morte de seu pai, Delilah não se sentira sozinha na Casa das Glicínias.



CAPÍTULO ONZE

CLAIRE NÃO FAZIA IDEIA do que tinha passado por sua cabeça.

Bom, *ajudar Astrid*. Esse era o espírito por trás da ideia de *dividir a cama com Delilah Green* – evitar que a melhor amiga surtasse durante a atividade pré-casamento para a qual ela e Iris estavam bem animadas. Ela viu os primeiros sinais do surto, Astrid respirando como um touro diante de um toureiro, e sabia que a amiga devia estar se sentindo péssima por ter esquecido Delilah.

Além disso, percebeu a decepção de Delilah. Ou não era decepção exatamente, mas... ela não sabia ao certo. Contudo, havia algo por trás do olhar dela quando ficou claro o que tinha acontecido. Seu rosto permaneceu inexpressivo, até entediado, mas seus olhos reluziram, como um vento forte quase apagando uma vela logo antes de a chama voltar à vida.

Então, claro, se oferecer para dividir o quarto com Delilah pareceu a melhor decisão. Iris com certeza não faria isso, e, se as irmãs ficassem no mesmo quarto, a viagem provavelmente terminaria em derramamento de sangue.

Claire era a escolha óbvia.

Mas agora, após entrarem e a porta do quarto se fechar, uma pontada de nervosismo atravessou seu estômago.

– Que bonito – disse Delilah, arrastando a mala de rodinhas até a cama e se jogando sobre os lençóis brancos, esparramando-se como uma estrela-do-mar.

– Hum, pois é. – Foi tudo o que Claire conseguiu responder.

Quando Delilah se jogou, sua regata preta subiu, revelando uma faixa de pele lisa e clara. O umbigo. Os ossos do quadril.

Claire se virou para outro lado, respirou, deixou a mala sobre uma poltrona no canto e a abriu, vasculhando as roupas sem nenhum objetivo específico, só para fazer alguma coisa, qualquer coisa, que não ficar olhando para Delilah esparramada na cama.

O quarto era bonito *mesmo*. Piso de madeira escura, paredes cinza-claro com quadros em tons vivos para contrastar com as cores neutras, uma cama enorme com edredom e lençóis brancos, travesseiros azuis posicionados metodicamente para destacá-los. Uma janela larga cobria a maior parte da parede dos fundos, e a vista era incrível: um vale cintilante e fileiras de parreiras suculentas como ondas de folhas verdejantes. Ao levar a nécessaire para o banheiro, Claire entrou praticamente em um minispa, com piso de ladrilhos de vidro do mar, boxe enorme de vidro e pia dupla de porcelana com metais em bronze.

Ela abriu a torneira da pia mais distante, passando os dedos no fluxo de água fresca enquanto colocava a cabeça no lugar. A suíte era ridiculamente grande para uma pessoa só, a cama era o próprio estado do Oregon. Ela e Delilah mal perceberiam a presença uma da outra.

Provavelmente.

Talvez.

– Oi.

Claire se assustou quando Delilah apareceu atrás dela.

– Eita, desculpa – disse Delilah, colocando a própria nécessaire sobre a bancada de mármore. – Tá tudo bem?

– Tá, sim.

Claire deu um jeito de sorrir para ela, mas então Delilah *se escorou* na bancada e ela teve que desviar o olhar.

– Acho que está na hora de a gente tirar a roupa, hein?

Claire derrubou o potinho de brilho labial que tinha aberto sem pensar, girando o dedo no rosa cintilante só para ter alguma coisa para fazer. O potinho caiu dentro da pia e a torneira aberta encharcou o brilho antes que ela conseguisse pegá-lo de volta.

– Quê? – perguntou, pegando uma toalha de mão fofinha e secando o potinho.

No espelho, os olhos de Delilah saltaram para o brilho labial e voltaram para Claire.

– As massagens? Daqui a trinta minutos?

Ela brandiu um retângulo de papel creme que detalhava os serviços que Astrid já tinha reservado para elas. Esse cronograma felizmente incluía Delilah.

– Ah – disse Claire. – É.

Delilah olhou para o papel.

– Diz que é pra tirarmos a roupa e colocarmos os roupões fornecidos antes de descer pra sala de massagem que foi reservada pra gente.

Ela colocou o papel sobre a bancada e pegou os dois roupões brancos e macios que estavam pendurados na parede ao lado do chuveiro, estendendo um para Claire.

Claire pegou o roupão, levou-o junto ao peito e ficou parada ali, olhando para Delilah como se estivesse esperando para ver quem começaria a tirar a roupa primeiro.

Delilah pigarreou e Claire estremeceu.

Meu Deus, Claire estava *mesmo* esperando para ver quem tiraria a roupa primeiro? Ela era oficialmente um desastre. Um desastre eletrizado de tesão e estresse.

E, a julgar pelo sorriso que surgiu nos cantos de seus lábios, Delilah sabia disso.

– Quer se trocar aqui e eu fico com o quarto? – perguntou.

Claire assentiu com vontade demais.

– Quero. Ótimo. Perfeito.

Aquele sorrisinho de novo.

– Ótimo. Perfeito – disse Delilah antes de sair e fechar a porta.

Claire desabou escorada na bancada, esfregando a testa com o roupão. Precisava se controlar. Era só um roupão. Era só um spa. Delilah era só uma pessoa. Uma pessoa linda, verdade, mas mesmo assim uma pessoa, como Claire. Alguém que ela não tinha nada que imaginar nua. Também devia parar de se perguntar qual seria o sabor da pele logo abaixo da sua orelha.

– Você acha que a gente deve ficar de calcinha? – gritou Delilah do quarto, o tom de voz completamente inocente.

Claire soltou um suspiro no roupão.

– Não sei!

– Hum. Vou tirar a minha.

Ah, pelo amor de Deus.

Claire ficou só de calcinha e sutiã – decidiu ficar com eles – e jogou água gelada no rosto. Então vestiu o roupão macio como uma nuvem, amarrando a faixa na cintura, e se sentou na beirada da banheira enorme enquanto respirava fundo algumas vezes. O que ela queria mesmo fazer era ligar para Ruby, mas seu celular estava no quarto. Sentada ali, tentando não pensar em como seria aquela noite, nem na nudez, nem na calcinha de Delilah no chão, ouviu alguém bater à porta do quarto.

– Quem é? – ouviu Delilah perguntar.

– Eu.

Claire reconheceu a voz de Iris e se levantou.

– Eu quem? – perguntou Delilah.

– Iris.

– Prove.

Claire abriu um sorriso e uma frestinha da porta do banheiro, só para verificar se Delilah já estava de roupão – estava, além de se encontrar sentada na beirada da cama mexendo à toa no celular – antes de abrir para Iris. Ficou grata pela distração na forma de melhor amiga, a voz da razão no que dizia respeito a Delilah Green.

– Oi – disse Iris, também já de roupão fofinho, o cabelo vermelho preso no alto da cabeça como o de Claire. Ela olhou para Delilah. – Você é sempre assim?

Delilah levantou a cabeça.

- *Assim* como?
- Irritante pra cacete.
- Iris – disse Claire.

O sorriso de Delilah era o de uma santa.

- Por você, eu me esforço ao máximo.

Iris soltou um suspiro e colocou as mãos na cintura.

- Tá. Beleza, desculpa. Então quais são os planos?
- Planos? – perguntou Delilah.
- É, planos – respondeu Iris.
- Fazer... massagem e máscara de lama? – sugeriu Delilah.

Iris balançou a cabeça.

- Pra destronar o garotão.

Um buraco se abriu no estômago de Claire. Na noite anterior, ela e Iris decidiram que precisavam fazer alguma coisa quanto a Astrid e Spencer. Mas a decisão tinha sido induzida pelo álcool, alimentada pela babaquice encoberta e potencializada quando elas viram Delilah jogá-lo no rio. Fazer mesmo alguma coisa a respeito estando sóbrias e à luz do dia, talvez destruindo o casamento da melhor amiga, era outra história.

Claire colocou as mãos na barriga.

- Iris...

– Ah, não – disse Iris, apontando para ela. – Mas não *mesmo*. Você não vai dar pra trás agora. Foi você quem disse que a gente não podia deixar ela casar com ele.

- Não estou dando pra trás. Estou só... pensando.

– Você está dando pra trás. Até a Delilah percebeu que ele é um ser humano pavoroso.

Delilah deu umas batidinhas no queixo com o dedo.

- Vou decidir aceitar isso como um elogio.

– Fique à vontade – disse Iris, mas continuou encarando Delilah. – Você vai ajudar a gente?

- A se livrar do Spencer?

– Não é bem *se livrar* – argumentou Claire. – Só... talvez...

- É *se livrar*, sim – respondeu Iris. – Nossa querida Claire é bondosa

demaís.

– *Se livrar* parece tão violento – disse Claire. – A gente só precisa conversar com a Astrid.

– E em três é melhor que em duas – declarou Iris. – Depois de ontem, gostei do seu estilo.

Delilah abriu um sorriso, mas logo ficou séria.

– O que você está pensando em fazer? Jogar *a Astrid* em um rio?

– Claro que não – respondeu Iris.

– Ah, já sei – falou Delilah, juntando as mãos sob o queixo e piscando de um jeito teatral. – Podemos sentar pra ter uma conversa sincera e aí podemos convencê-la de que seu amor verdadeiro ainda está por aí em algum lugar além do arco-íris.

Claire e Iris trocaram olhares. Não era exatamente o que elas planejavam fazer, mas *quase*.

– Você tem uma ideia melhor? – perguntou Iris.

Delilah ficou olhando para as duas por alguns segundos antes de responder.

– Talvez eu tenha.

Iris olhou para ela.

– Poderia nos contar, ó grande sábia?

Delilah estalou a língua.

– Ainda não decidi.

– O que quer dizer que você já pensou nisso – falou Iris, quase explodindo. – Já pensou, né?

Delilah levantou uma das mãos, despreocupada.

– Por que eu me importaria com a escolha de marido da Astrid?

– Acredite, eu sei que você não se importa – falou Iris, em tom maldoso, e Delilah levantou uma sobrancelha.

– Tá, já chega – disse Claire, e olhou para Delilah. Ela seria capaz de jurar que a expressão de Delilah tinha se suavizado. – Olha só, a gente quer mesmo conversar com a Astrid sobre isso. A gente só não sabe como.

– Não são vocês que conhecem a Astrid melhor que ninguém? – perguntou Delilah.

– Conhecemos, sim. – Claire ficou procurando as palavras certas. – Mas a Astrid é... complicada. Ela não se abre com facilidade, mesmo com a gente. – Ela olhou para Iris. – Lembra quando ela ficou um ano inteiro do ensino médio apaixonada pelo Toby McIntosh? Ela só assumiu depois da formatura.

– Eu lembro – respondeu Iris.

– Você não precisa fazer nada – disse Claire a Delilah. – Mas se tiver alguma ideia...

Delilah passou um tempinho olhando para ela, e Claire ficou com o coração na boca. Por fim, Delilah soltou um suspiro profundo.

– Tá bom. Meu Deus. Mas, se vocês vão fazer isso, têm que tomar cuidado. Astrid teria que se convencer totalmente de que ele não serve pra ela, não só ficar brava com o noivo por causa de alguma coisa que ele fez. Tem que partir dela.

– Você está querendo dizer que teríamos que ser manipuladoras – disse Claire, estremeando.

– Não, só estou querendo dizer o que eu disse. Precisam ser cuidadosas. Fazer com que ela fale sobre ele, perguntar o que ela gosta nele, esse tipo de coisa. Ajudar Astrid a perceber sozinha.

Iris andou de um lado para o outro, o dedo na boca.

– É. Isso é perfeito. Precisa ser ideia dela, senão ela não vai enxergar. Você sabe que a Delilah tem razão, Claire.

Claire esfregou os olhos embaixo dos óculos. Delilah *tinha* razão. Astrid jamais desistiria de qualquer coisa com que tivesse se comprometido a não ser que fosse ideia dela. Isabel criara a filha para ser implacável e estar sempre no controle, sempre em vantagem. Sinceramente, essa obstinação era o motivo pelo qual acreditava que Astrid tinha escolhido Spencer para começo de conversa. Era ele quem dava as cartas. Ele estava no comando. Astrid fora a aluna perfeita, fizera de tudo para ser a filha perfeita e agora era a empreendedora perfeita. Então, nessa área da vida, ela não tinha que se esforçar tanto. Não tinha que ficar o tempo todo pensando em como fazer o relacionamento dar certo.

Só precisava dizer sim a tudo que o noivo já perfeito dizia.

Claire sentiu uma tristeza quase insuportável ao pensar nisso. Ela precisava acreditar que havia muitos homens por aí que adorariam firmar uma parceria com Astrid, trabalhando juntos para serem bem-sucedidos juntos – ou, que seja, até fracassarem juntos –, e não aquele desequilíbrio de poder que havia entre a amiga e Spencer.

– Tá – respondeu Claire. – Acho que é um começo.

– Exatamente – disse Iris. – Então todas concordamos – e fez um gesto circular dramático com a mão, incluindo Delilah – que nosso plano é convencer Astrid a falar e pensar sobre o Spencer e aquele jeito babaca dele.

Claire fez que sim e Delilah simplesmente se levantou, apertando a faixa do roupão e indo em direção à porta.

Iris pigarreou.

– O que foi? – perguntou Delilah, largando o celular no bolso do roupão e pendurando a câmera no ombro. – Você quer inventar um cumprimento secreto ou alguma coisa assim?

Iris só a encarou.



CAPÍTULO DOZE

DELILAH NÃO FAZIA IDEIA do que estava pensando.

Tinha o próprio plano – irritar Astrid até a morte a respeito do verme humano com quem ela escolhera se casar, ser uma verdadeira pedra no sapato da irmã postiça naquele que deveria ser o momento mais feliz de sua vida. Será que Delilah estava sendo babaca ao arquitetar essa trama? Possivelmente. Tudo bem, provavelmente. Mas era uma diversão inofensiva, só uns mergulhinhos no rio com cacos de vidro no fundo, uma maneira de manter um pouco de controle, o que Astrid – e Isabel, aliás – sempre tiveram aos montes. Astrid ia fazer sua vontade, independente de qualquer influência, e Delilah não tinha dúvida de que aquelas duas semanas terminariam com o casalzinho feliz navegando em direção ao pôr do sol e ela voltando para Nova York com 15 mil no bolso, sem maiores prejuízos.

Além disso, e daí se Astrid se casasse com aquele cara? E daí se Astrid aceitasse ter cem bebês em Seattle? E daí se Astrid vestisse um avental todas as noites para preparar o jantar do marido? Talvez Astrid *gostasse* de fazer essas coisas. O feminismo, afinal, significa ter o mesmo respeito pelo mesmo trabalho, não garantir que uma mulher nunca asse um bolo nem pegue uma cerveja.

Mas Claire tinha lançado aquele olhar pidão para Delilah. Ela era tão...

droga, tão *doce* em seu cuidado com Astrid, em sua preocupação genuína, que Delilah se derreteria. Ela nunca tinha cedido com tanta facilidade na vida e ainda não sabia ao certo o que acontecera naquele quarto, como tinha acabado aceitando ajudar a porra do clã a acabar com o casamento da irmã. Delilah receberia o pagamento mesmo em caso de cancelamento. Essa fora uma pequena cláusula que ela acrescentara ao contrato-padrão feito especialmente para sua amada família. Então, ali estava ela, colaborando com as melhores amigas de Astrid a derrubar o patriarcado. Um babaca por vez.

Quando chegaram à porta do quarto de Astrid, Delilah ficou para trás, escorada na parede e com os braços cruzados. Tinha aceitado ajudar, mas era bom manter distância. Uma mensagem do tipo *eu não sou como vocês* para Iris e Claire.

Mas Claire foi até ela, sorrateira, o ombro roçando no seu, cheirando a roupa limpa e exalando aquele aroma de campo que Delilah lembrava de ter sentido naquela noite na Taverna da Stella.

– Você acha que vai funcionar? – sussurrou Claire enquanto Iris batia à porta.

Seu hálito cheirava a menta, e Delilah de repente desejou ter escovado a droga dos dentes.

– Não faço a menor ideia – respondeu Delilah.

Pensou em acrescentar algo como *talvez Astrid e Spencer sejam mesmo perfeitos um pro outro*, mas logo se virou o suficiente para olhar nos olhos castanho-escuros de Claire, onde viu esperança e mais alguma coisa. Naqueles olhos havia o mesmo lampejo de interesse do dia em que ajudara Ruby com o vestido, e sentiu um frio na barriga.

Estava nervosa mesmo. Não ficava assim perto de uma mulher desde...

Você achou mesmo que a gente ia casar? Você está doida, é?

A voz de Jax ecoou em sua mente – maldosa, incrédula, acusadora – enquanto uma mulher nua que Delilah só tinha visto nas fotografias antigas de Jax relaxava na cama dela, olhando para as duas com os olhos arregalados como se estivesse assistindo a uma novela.

Delilah desviou o olhar e estalou os nós dos dedos. Não pensava com

frequência naquele dia terrível com Jax, mas, quando pensava, sabia como lidar com a lembrança.

– Preciso de uma bebida – comentou.

– Então somos duas – disse Iris.

Astrid abriu a porta com tudo e saiu para o corredor com o roupão amarrado no corpo magro, o cabelo louro preso em um coque desalinhado e estiloso.

Enquanto iam em direção à sala de massagem, Delilah ainda sentia o olhar de Claire, mas não olhou mais para ela.



Delilah passou o resto da tarde em um êxtase silencioso, massageada e enlameada. Pelo que pôde perceber, o resto do grupo também, o que dificultou a missão de fazer Astrid falar sobre o comportamento misógino de Spencer. Fizeram tudo juntas, alternando entre bandagens de algas marinhas e saunas em grupo, mas era difícil abordar decisões críticas quando uma pessoa chamada Stormy estava ocupada espalhando carvão para limpar os poros das coxas delas. Delilah mal conseguiu fotografar, fazendo o possível para tirar algumas fotos entre um tratamento e outro, principalmente quando o rosto de Astrid estava coberto de uma lama que prometia iluminar a pele.

Ainda assim, no decorrer da tarde, Delilah se viu trocando olhares com Iris e Claire. Jurava que não tinha a intenção de olhar para elas, mas, sempre que todas se encaminhavam para alguma sala ou Astrid fazia algum comentário minimamente ligado ao casamento, como falar das provas do vestido, da probabilidade de chover no dia ou até que estava preocupada que os bolinhos de salmão que encomendara não estivessem frescos, as três se entreolhavam, arregalando os olhos como se desafiassem umas às outras a dizer alguma coisa. Delilah sabia que seria mais fácil conversar sobre Spencer se Astrid falasse dele primeiro, mas ela não fez isso. Não mencionou o noivo galante nem uma vez durante as quatro horas em que eram

mimadas.

Mas isso não impediu que Delilah, Iris e Claire trocassem muitos olhares. E sempre que isso acontecia, alguma coisa aflorava no peito de Delilah. Ela não conseguia definir o que era – nervosismo, irritação, adrenalina pura. O que quer que fosse, achava que nunca tinha sentido aquilo antes e não sabia ao certo se estava gostando.

Quando, após tomarem banho, as quatro voltaram a se reunir para o jantar na varanda com vista para o vinhedo, Delilah estava exausta. Passar o dia inteiro rodeada de pessoas, ainda que não tivessem conversado muito, era desgastante. Ela se sentia *ligada* o tempo todo, e naquele momento tudo o que queria era uma taça de vinho do tamanho da própria cabeça e um quarto silencioso só para ela.

Além disso, tinha aquela sensação, logo abaixo das costelas, sempre que Iris e Claire olhavam para ela ou chutavam seu pé embaixo da mesa, como se algo estivesse prestes a transbordar.

– Que gostoso aqui – disse Astrid, apoiando os cotovelos sobre a mesa de madeira e descansando as mãos entrelaçadas sob o queixo. – Não é gostoso?

Ao fazer a pergunta, ela estava olhando para Delilah, que então respondeu:

– É gostoso, sim. Maravilhoso.

E era. Aquela era a primeira refeição de um casamento que estava fotografando em que ela de fato ia comer. A câmera estava debaixo da mesa, mas ela estava tão cansada que não estava disposta a sacá-la por vontade própria. Só queria ficar sentada ali, em meio àquela *gostosura*. Havia poucas pessoas na varanda, que tinha uma iluminação bem suave de lamparinas a gás, as chamas lançando sombras bruxuleantes sobre rostos e braços. O sol estava começando a se pôr no vale, colorindo a noite de lavanda e prata, e o ar tinha aroma de terra e chuva, embora não houvesse uma única nuvem no céu. Tudo parecia verdejante, vivo.

E tinha também Claire, sentada ao lado dela com um macacão de linho verde, a bermuda até o meio da coxa e a parte de cima em forma de camisa, desabotoada o bastante para revelar um pouco do decote.

Meu Deus, será que aquela mulher ficava feia com alguma roupa?

Delilah esfregou a testa e bebeu um gole do Pinot Noir Lírio Azul 2014. Embora tivesse brincado com Claire mais cedo, gritando do quarto sobre o que fazer com a calcinha, não estava a fim de nenhum joguinho naquela noite. Sentia a pele sensível, como se tivesse passado o dia no sol e precisasse ser envolta em babosa, e o aroma campestre de Claire não estava ajudando.

– É lindo – disse Iris, olhando para Claire e depois para Delilah.

– Incrível – falou Claire, olhando para Iris e depois para Delilah.

– Ah, pelo amor de Deus – disse Delilah.

As três mulheres ficaram paralisadas: Astrid com as sobrancelhas baixas em uma expressão confusa, e as outras duas tontas com os olhos arregalados. Delilah sentiu uma gargalhada borbulhar em seu peito.

– O que foi agora? – perguntou Astrid, ficando irritada de cara.

Embaixo da mesa, Claire enganchou o tornozelo no de Delilah, perna nua contra perna nua. A pele de Claire era macia, fresca e fez o estômago de Delilah gelar, mais do que ela gostaria de admitir. Mas funcionou. Ela respirou fundo e sorriu, levando a taça à boca e olhando ao redor, como se estivesse procurando o garçom.

– Estou morrendo de fome, só isso – disse. – Será que eles não trazem um pão ou sei lá?

Astrid relaxou visivelmente.

– Ah, sim, acho que sim.

Ela fez sinal para o garçom que estava atendendo a mesa delas e pediu uma cesta de pães, que logo foi levada, além de uma manteiga caseira com mel que Delilah ficou com vontade de lamber direto do potinho de aço inoxidável.

Ela estava na segunda fatia de pão quentinho quando percebeu que o tornozelo de Claire continuava levemente enlaçado ao seu.

Perceber isso foi como receber um choque elétrico. De repente, a coluna de Delilah ficou ereta, e ela não conseguiu evitar que seu olhar encontrasse o de Claire, que pareceu se dar conta naquele instante que continuava enlaçada a ela como um coala. Claire tirou a perna tão rápido que seu joelho bateu na mesa, fazendo os pratos e as taças crepitarem e arrancando um

palavrão de sua linda boca.

– Caramba, você está bem? – perguntou Iris, firmando o vaso de lírios no centro da mesa.

Claire fez uma careta e assentiu, esfregando a perna.

– Estou, desculpem a atrapalhada aqui.

Delilah abriu um sorriso, que Claire retribuiu, um rubor adorável se espalhando por seu rosto. Vendo aquela mulher linda e encantadora ao pôr do sol, o dia de repente pareceu hilário: toda a gafe do quarto, Claire se trancando no banheiro como uma adolescente constrangida, aquele trabalho em equipe ridículo para derrubar Spencer. Com três quartos da taça de vinho fluindo por suas veias, o sorriso de Delilah virou uma risada que ela não conseguiu segurar.

– Qual é a graça? – perguntou Astrid.

Delilah balançou a cabeça, e mais risadas escapuliram de sua boca. Ao seu lado, Claire também começou a rir, cobrindo o rosto com a mão e chacoalhando os ombros. Iris e Astrid ficaram se olhando, embora Iris exibisse um sorrisinho discreto que fazia com que Delilah se sentisse menos louca. Ainda assim, ela precisava se controlar, ou Astrid acabaria irritada e de cara feia, o oposto do que as três queriam.

Bom, pelos menos o oposto do que Iris e Claire queriam.

E naquele instante, com a luz, o vinho e as risadas, combinadas com a exaustão, Delilah daria qualquer coisa a Claire Sutherland.

– Tá, então – disse Delilah, bebendo mais um gole de vinho e apoiando os cotovelos na mesa. Ela olhou para Astrid e piscou algumas vezes, como uma colegial em uma festa do pijama. – Con-ta tu-do.

Iris engasgou com o vinho, e Claire cobriu o sorriso com a mão. Astrid, no entanto, não pareceu perceber. Ela arregalou os olhos e deixou escapar uma risada nervosa.

– Sobre o quê?

– Sobre o Spencer – respondeu Delilah, partindo uma fatia de pão na metade e enfiando na boca.

– Ah – disse Astrid.

Ela levantou a taça e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Não

passou despercebido por Delilah o fato de o sorriso dela ter diminuído. Só um pouquinho. O bastante.

Aparentemente, também não passou despercebido por Claire, que encostou a perna na de Delilah uma vez antes de voltar a se retrair. Delilah entrou na brincadeira, encostando a coxa na de Claire e deixando-a ali. Ela a ouviu inspirar lentamente, mas a mulher não se mexeu.

– Não precisamos falar sobre ele – respondeu Astrid, levantando a mão.

– Eu já vivo tagarelando demais sobre o Spencer.

– Você acha mesmo? – perguntou Iris.

Delilah revirou os olhos. Sutil como uma criança na manhã de Natal. Mas de repente, quando Iris pareceu perceber que não tinha sido nada discreta, enfiando um pedaço de pão na boca, Delilah se lembrou de uma coisa. Uma possível abertura. Uma pequena pedra preciosa da infância com Astrid, uma das poucas memórias que não estavam envoltas em ressentimento.

– Ele é seu Gilbert Blythe, né? – disse, bebendo um gole de vinho com delicadeza. – Você deve ter muito a dizer sobre ele.

A boca de Astrid se abriu.

– Gilbert... Gilbert Blythe?

– É, da... – Delilah fingiu não lembrar, agitando a mão no ar. – Como era o nome?

– *Anne de Green Gables* – disse Claire.

Sua perna pareceu se contrair contra a de Delilah, mas não se afastou. Algo se agitou em seu estômago, e ela teve que se esforçar para se concentrar no que estava fazendo. Estalou os dedos.

– *Anne de Green Gables*.

– Você se lembra do Gilbert Blythe de *Anne de Green Gables*? – perguntou Astrid.

– Eu lembro que você suspirava por ele – respondeu Delilah.

E que Anne e Diana obviamente eram lésbicas e a fim uma da outra, o que foi o que ela dissera a Astrid ao ler os livros pela primeira vez. Elas tinham 13 anos e Astrid havia terminado de ler *Anne de Green Gables*, deixando o livro na cama de Delilah, algo que às vezes fazia sem dizer nem

explicar nada. Depois de ler os primeiros quatro livros da série, Delilah apresentara sua teoria “Anne-e-Diana-são-lésbicas” enquanto jantavam pizza sozinhas, pois Isabel estava em um evento de caridade. Astrid nem tinha discutido com ela, só riu e disse que ela devia ter razão, e começou a tagarelar sem parar sobre quanto queria um Gilbert Blythe para chamar de seu um dia.

– Quem não suspirava pelo Gilbert Blythe? – perguntou Astrid, e Claire e Iris riram.

Delilah levantou a mão.

– Lésbica pra caramba, lembra?

Astrid olhou para ela e se inclinou para a frente.

– Você está me dizendo que seu coração não parou nem um segundinho na parte em que Gilbert salvou Anne no rio, quando ela estava fingindo ser a Donzela dos Lírios e o bote dela afundou, ou quando ele recusou a vaga de professor em Avonlea para que Anne ficasse com o emprego e pudesse ficar com Marilla?

Delilah deu umas batidinhas no queixo.

– Tá, talvez um pouquinho. – E estendeu as mãos em frente ao peito. – Mas só se eu imaginasse Gilbert com um belo par de...

– Tá bom, já entendi – disse Astrid, revirando os olhos.

– Meu coração parou *sim* quando Anne quebrou a lousa na cabeça dele por chamar ela de “Cenoura” – continuou Delilah. – Pensei: esse é meu tipo de mulher.

Iris segurou uma risada.

– Tá, mas o pedido de casamento foi maravilhoso – disse Claire.

– Foi! – concordou Astrid, bebendo mais um gole de vinho. – Ele pediu duas vezes! Ela recusou, e ele pediu de novo anos depois, dizendo que ela era o sonho dele. – Ela apontou para Delilah com o copo. – Por favor, até você tem que admitir que é romântico.

Mais uma cutucada na perna.

– É. Tenho mesmo que admitir.

Claire baixou a cabeça, e Delilah só soube que ela estava rindo em silêncio porque seu corpo tremeu um pouco.

– Então, como o Spencer fez o pedido? – perguntou Delilah. – Foi romântico assim?

O sorriso de Astrid voltou a sumir, mas ela encobriu com um gole de vinho.

– Ah, por favor, eu não ouvi essa história – falou Delilah.

Ela percebeu naquele momento que sua voz tinha saído animada demais. Parecia uma personagem de um romance de Jane Austen. Astrid franziu a testa e Iris a encarou como se ela estivesse sob o efeito de drogas. Só Claire parecia estar gostando do espetáculo, a coxa quente e *bem ali*, a boca contraída para não rir. Delilah também sentiu uma risada tentando subir do peito à boca, e bebeu um gole e tanto de vinho para engoli-la. No entanto, sentia-se estranhamente relaxada, menos rígida e mais flexível, a pele sensível de antes cedendo a cada olhar trocado com Claire.

Ou talvez fosse o vinho de 70 dólares.

– Nós também não – disse Iris, depois de lançar um olhar de *se controlem* para Delilah e Claire.

– Ouviram, sim – respondeu Astrid.

– Não – insistiu Iris. – No fim de março, você mandou uma mensagem dizendo pra gente se encontrar na Taverna da Stella, e quando chegamos você mostrou o anel, disse que ele tinha feito o pedido e começou a tagarelar sobre os planos pro casamento. Você já tinha até marcado a data quando nós ficamos sabendo.

A expressão de Astrid passou da contestação à mágoa em dois segundos. Delilah sentiu a preocupação de Claire irradiando, calorosa como uma colcha artesanal.

– Ficamos tão animadas por você que acho que esquecemos de perguntar sobre o pedido – disse Claire, tentando salvar o momento. Ela estendeu a mão sobre a mesa e apertou a de Astrid. – Conte agora.

Astrid relaxou, mas só um pouco. Soltou um suspiro e bebeu dois goles de vinho antes de agitar uma das mãos.

– Ele fez o pedido e eu aceitei. Pronto.

– Pronto – repetiu Iris, com voz monótona. – E você deixou por isso mesmo? Você, que uma vez terminou com um cara, *no baile*, aliás, porque

ele esqueceu de comprar um arranjo de flores pra você?

Meu Deus, Iris não entendia mesmo o conceito de delicadeza.

– Nossa, eu me lembro disso – falou Claire, com uma risada que Delilah imaginou ser uma tentativa de aliviar uma situação cada vez mais pesada. – Coitado do Henry Garrison, nem viu de onde veio o golpe.

– Foi um golpe de flor de lapela – disse Iris, e ela e Claire caíram na gargalhada.

Astrid não riu, mas seu rosto ficou vermelho, e Delilah não sabia se ela estava ficando nervosa ou irritada, ou se o vinho estava fazendo efeito. Então, como uma tempestade repentina, vislumbrou o que aconteceria: a famosa reclusão de Astrid.

– Sabe, estou meio cansada – disse ela, empurrando a cadeira para trás. – Acho que vou pro quarto.

– O quê? – perguntou Iris. – Nossa comida nem chegou ainda.

– É, não estou mais com fome. – Astrid se levantou, de taça na mão, e deu um jeito de sorrir. – Comi muito pão.

– Astrid – chamou Claire, segurando sua mão. – Senta, por favor. O que está acontecendo?

Mas Astrid balançou a cabeça.

– Estou exausta, só isso. Está tudo bem. São só... as coisas do casamento, sabe? Vou ligar pro Spencer e tentar dormir um pouco. A gente se vê amanhã na ioga?

Claire assentiu enquanto Astrid beijava seu rosto, dando a volta e beijando Iris também. Delilah, ela ignorou totalmente, levando a garrafa pela metade ao sair.

As três ficaram alguns minutos sentadas ali em silêncio, assimilando o que tinha acabado de acontecer conforme a noite avançava.

– Bom, isso foi um desastre – disse Claire. Sua voz saiu baixinha e embargada.

– Um desastre completo – concordou Iris, largando o corpo na cadeira com um suspiro.

– Vocês estão de brincadeira? – perguntou Delilah. – Era exatamente isso que vocês queriam.

A postura de Claire enrijeceu e sua coxa se afastou da de Delilah.

– Não era, não. A gente queria... a gente...

– Queria que ela se questionasse em relação ao Spencer se perguntando se ele é o oposto do que ela sempre sonhou? – indagou Delilah.

O corpo de Claire desabou, o que fez com que sua perna voltasse a encostar na de Delilah.

– É, mas não assim. Não... magoando ela.

– Querida – disse Iris, com a voz suave, inclinando-se para a frente. – Se a Astrid perceber que cometeu um erro ao escolher o Spencer, ela vai ficar magoada.

O rosto de Claire se contorceu, mas só por um segundo. Depois, sua expressão se suavizou e ela assentiu.

– Eu sei. É que eu ... – Ela soltou um gemido e esfregou os olhos embaixo dos óculos. – Que saco, por que os homens têm que ser tão babacas?

– Nem todos são – respondeu Iris.

– A maioria é – rebateu Delilah.

Iris deu umas batidinhas no queixo enquanto pensava, então soltou um suspiro.

– Tá, vocês têm razão. A maioria é. Ainda bem que eu sou bi.

Claire riu, a perna pressionando a de Delilah com mais firmeza. Delilah teve que se segurar para manter a mão no lugar, porque o desejo de estendê-la e apertar a coxa daquela mulher era quase irresistível. Ela era absurdamente charmosa. E gentil. Meu Deus, quando é que havia ficado gentil assim? Ser mãe tão cedo, criar uma pré-adolescente praticamente sozinha, administrar um negócio, lidar com o ex meia-boca. Delilah seria um desastre completo se estivesse no lugar dela. E Claire ainda estava ali, agonizando pelo coração da melhor amiga.

Iris levantou a taça.

– Aos homens de merda e às mulheres que os colocam no lugar deles.

– Um brinde a isso – disse Delilah, também levantando a taça.

Claire as acompanhou, e as três brindaram sobre os lírios, beberam e atacaram a comida, que chegou minutos depois. Conversaram sobre

assuntos mais leves – filmes, livros, o filé mignon que estava macio como manteiga. Riram do fato de Iris ficar com o rosto vermelho e mais quente que o sol com apenas uma taça de vinho tinto, que sempre a deixava com uma dor de cabeça terrível, mas ela adorava assim mesmo. Conversaram sobre Ruby e o fato de ela ainda dormir com o unicórnio de pelúcia roxo que Iris dera a ela quando nascera e quanto Claire temia o dia em que ela parasse.

Sem se dar conta, Delilah limpou o prato e terminou a terceira taça.

Estava rindo.

Muito.

Com Claire e Iris.

Como se fossem amigas, e não um emaranhado de histórias complicadas que estavam simplesmente tolerando umas às outras.



CAPÍTULO TREZE

CLAIRE SE JOGOU NA CAMA, a cabeça agradavelmente confusa e um sorriso ainda nos lábios pela noite divertida.

Bom, em parte. Pensar em Astrid fazia seu estômago doer, mas o vinho estava ajudando a afastar a dor.

E também o fato de Delilah estar no banheiro, tirando a roupa e vestindo... o que quer que ela usasse para dormir. Pijama? Camisola? Nada?

Claire fechou bem os olhos. Já tinha terminado sua rotina noturna – dentes, rosto, hidratante – e agora se dera conta de que estava só de short e regata, sem sutiã. Nem pensou nisso quando estava trocando de roupa no banheiro minutos antes. O vinho, a risada constante no jantar, tudo isso a distraíra daquele momento exato em que ela e Delilah entrariam embaixo das cobertas, a centímetros uma da outra e...

Ruby.

Ela precisava ligar para Ruby.

Eram só dez e meia, e Claire tinha quase certeza de que a filha ainda estaria acordada, provavelmente enchendo a cara de massa de biscoito crua e assistindo a um filme não recomendado para menores de 16 anos. Pela primeira vez ficou feliz pelas regras frouxas de Josh. Sentou-se, ignorando o barulho de água correndo no banheiro, e selecionou o nome de Josh na lista

de favoritos do celular. Ruby ainda não tinha celular, e Claire se recusava a ceder às queixas dela. Estremeceu ao pensar na filha usando as redes sociais, mas sabia que essa hora logo chegaria, se aproximando como uma tempestade vinda do oceano.

– Oi – disse Josh.

– Oi.

– Como está o spa? Por favor, me diz que fez uma massagem. Ou cinco.

– Rá-rá. E fiz, sim.

– Cinco?

Ela sentiu um sorriso repuxar seus lábios.

– Uma, mas foi muito boa. Posso falar com ela?

– Ah, é... não. Na verdade, não.

Claire endireitou a postura.

– Como é que é?

– Ela está indisposta.

– Indisposta? O que isso quer dizer?

– Quer dizer que ela não pode atender o telefone.

Havia um tom de risada na voz dele que a fez desejar ter o poder de transcender o espaço e o tempo para estrangulá-lo naquele instante. Seus batimentos cardíacos aceleraram, a mente repassando todos os cenários que explicariam a filha estar *indisposta* às dez e meia da noite.

Eles estavam em uma festa maluca com os amigos do beisebol dos tempos de escola.

Eles decidiram fazer uma viagem de carro e Josh esqueceu Ruby em um posto de gasolina.

Josh esqueceu completamente que ela ia passar a noite lá e a deixou na casa de Claire e alguém a sequestrou na entrada e agora Ruby estava nas garras de...

A porta do banheiro se abriu e Delilah saiu de lá vestindo nada mais que um camiseta branco de algodão que ia até a metade da coxa, o cabelo preso. Essa visão trouxe Claire de volta ao quarto de uma vez e limpou sua mente. Delilah olhou para ela de um jeito estranho – porque Claire estava bufando como um rinoceronte hiperventilando – e ficou paralisada.

Claire levantou uma das mãos como quem diz *Está tudo bem*.

– Josh, coloque minha filha no telefone agora mesmo.

– Claire.

– Não me importa onde vocês estão nem o que estão fazendo.

– Claire.

– Eu juro por Deus que vou cortar suas bolas com uma faca cega se você...

– Meu Deus, Claire. Ela está dormindo.

Claire se acalmou.

– Dormindo?

– Isso.

– Em uma cama?

– É sério isso? Sim.

– Em uma cama no *seu* apartamento?

Ele soltou um suspiro.

– Sim.

Ela fechou os olhos, um alívio caloroso se espalhando por seu corpo.

O que foi logo seguido por uma irritação gélida.

– Então por que foi que você não disse logo? – perguntou ela. – Que saco, Josh.

– Desculpa. Eu só estava brincando. Não achei que você fosse surtar desse jeito.

Ela ficou um instante em silêncio, porque *aquele cara*... Lançou um olhar para Delilah, que continuava parada à porta do banheiro olhando para ela com uma expressão preocupada.

– Tá, tudo bem – disse Josh. – Pensando bem, eu devia ter imaginado que você ia surtar. Desculpa, mesmo.

Ela respirou fundo pelo que pareceu a centésima vez nos últimos dez minutos, e seus ombros relaxaram. Delilah deve ter aceitado como um sinal de que estava tudo bem, porque se aproximou da cama e apoiou um joelho sobre o colchão. A camiseta subiu um pouco, o que Claire com certeza não percebeu.

– Tudo bem – respondeu Claire, exausta de repente. Ela deixou a cabeça

cair sobre a mão livre e apertou a têmpora com os dedos.

– Quer que eu acorde ela?

– Não, não, eu falo com ela de manhã.

– Tá. Ah, o forno está desligado.

Ela deixou a mão cair no colo.

– Quê?

– O forno, sabe? Eu... desliguei assim que terminei de preparar o jantar.

Antes mesmo de o Grant dar uma passada aqui pra ver se estava tudo bem.

– Eu não...

– E a Ruby está na cama desde as dez. Sei que é mais tarde que nove e meia, mas pensei que ela está de férias e tal. Dez horas está bom, né?

Ela não sabia ao certo o que dizer daquilo tudo. Ele queria uma medalha por cumprir tarefas básicas de pai e girar um botão no fogão? Depois de anos passando meses sumido, mal telefonando uma vez por semana, tudo porque *Não vou fazer bem pra ninguém agora?*

– Tá bom, Josh – disse. – A gente se fala amanhã.

E desligou antes que ele pudesse responder, colocando o celular sobre a mesa de cabeceira e se recompondo.

– Tudo bem? – perguntou Delilah.

Claire fechou os olhos por um segundo, depois olhou para ela e sorriu.

– Tudo bem.

Delilah a observou com os olhos semicerrados. Era óbvio que não ia engolir aquela resposta.

– Ele é um babaca, é isso? Precisamos dar um jeito nele também?

– Não. – A resposta saiu rápida. Um reflexo. Porque Josh não era um babaca. Nem de longe. Tudo seria muito mais fácil se ele fosse. – Ele é só... – Ela balançou a cabeça. – Ele é só um cara que teve que crescer cedo demais.

Delilah fez uma careta.

– Não mais cedo que você.

– Eu sei. Mas eu sou...

Ela fechou a boca, não sabia por que estava inventando desculpas por ele. Não era sua intenção fazer isso, mas sabia que seu relacionamento com Josh, Ruby, aquela família excêntrica que era a sua, não era tão simples

quanto Josh ser um babaca que sumia. Era uma bagunça coberta de mágoa, recheada de terror e confusão em razão do amor pela filha.

– Você o quê? – perguntou Delilah. – É a mãe? A mulher? Então isso quer dizer que você tem que abrir mão da sua vida e ele não?

Claire olhou para ela. Havia um brilho no olhar de Delilah que de repente pareceu viciante, como sentar-se em frente a uma lareira acesa depois de passar um ano em uma terra congelada.

– Talvez – respondeu Claire com a voz suave, o rosto queimando com aquela confissão. – Eu sei que não é o jeito certo de encarar o assunto, mas eu... Bom, ele só transou com uma camisinha defeituosa. Fui eu que formei Ruby dentro do meu corpo.

Delilah contraiu os lábios e inclinou a cabeça olhando para Claire.

– Mais um motivo pra você merecer coisas boas.

Sua voz era tão suave, tão intensa, que foi como se mundo parasse de girar por um segundo. Claire só conseguiu ficar olhando para ela, aquelas palavras simples fazendo sua garganta inchar. Nunca fora boa em se colocar em primeiro lugar, em correr atrás daquilo que queria. Afinal, adorava a filha, não conseguia imaginar a vida sem ela. O que mais poderia querer?

Mas, enquanto Claire encarava Delilah, um *desejo* começou a se revirar em sua barriga, tão forte que sua boca salivou e seu peito se encheu de uma emoção que ela nem sabia nomear.

– Você quer conversar sobre isso? – perguntou Delilah, quebrando o feitiço.

Claire deu uma risada meio bufada.

– Na verdade, não.

– Então não vamos conversar.

Ela não disse como se fosse um alívio nem como se não quisesse falar sobre aquilo para começo de conversa. Disse com gentileza, como se entendesse que falar sobre assuntos difíceis pudesse ser terapêutico, mas que as palavras em si já exigiam muito esforço e, às vezes, a gente simplesmente não tinha a força necessária para pronunciá-las.

Claire assentiu e olhou nos olhos de Delilah, que tirou uma presilha banana do cabelo, e os cachos selvagens caíram, formando um halo em sua

cabeça. Claire queria oferecer um sorriso de agradecimento, mas em vez disso uma gargalhada irrompeu de sua boca.

Delilah se encolheu.

Claire cobriu a boca com uma das mãos e falou por entre os dedos.

– Ai, meu Deus, desculpa. É que... você... seu...

Ela fez um gesto com a mão que estava livre ao redor da cabeça, indicando o cabelo de Delilah, que estava *enorme*. Não, o que era maior que enorme? Gigante. Colossal. Os cachos tinham se avolumado com o ar noturno, mas ela havia prendido o cabelo para lavar o rosto e, agora que estava solto de novo, parecia ter vontade própria. Parecia que ela tinha sido eletrocutada.

Delilah arregalou os olhos quando se deu conta daquilo, mas deu um sorrisinho amarelo e cruzou os braços na frente do peito, o que chamou atenção para o fato de que ela com certeza não estava usando sutiã.

Fato que Claire se esforçou para ignorar, mantendo o olhar fixo naquela cabeleira.

– O que foi, Claire? – indagou, em tom provocativo.

Outra risada escapou.

– Tem alguma coisa na minha cara? – Delilah colocou as mãos no rosto antes de sorrir e puxar os cachos, fazendo com que ficassem ainda maiores.

– Ah, isso. É, você tem um elástico de cabelo pra me emprestar? Deixei todos os meus no inferno floral da Pousada Caleidoscópio, e só tenho essa presilha. – Ela mostrou a presilha e a jogou dentro da mala.

Claire assentiu.

– Está maravilhoso, só pra constar.

– Claro que está.

– Está, sim. É único. Não é como meu cabelo liso e sem graça. Sempre gostei do seu cabelo quando a gente era adolescente.

Algo diferente surgiu na expressão de Delilah, mas desapareceu com a mesma rapidez. Ela pigarreou.

– Então, e o elástico?

– Ah, sim. – Claire apontou para a mala que estava em uma cadeira no canto. – Sei que tem alguns na minha nécessaire, mas acho que também tem

um ou dois perdidos lá dentro. Nunca saio de casa sem eles.

– Uma lição que eu devia aprender – disse Delilah, indo em direção à mala listrada turquesa e azul-marinho.

Claire sentiu uma pontada de ansiedade. Tudo em sua mala estava organizado e bem dobrado. Tinha certeza de que suas calcinhas estavam em um bolso com zíper e não tinha trazido o vibrador...

De repente, sua postura ficou ereta.

Porque ela não planejava levar o vibrador. Não estava em sua lista, mas aí tinha pensado que ficaria em um spa e vinhedo cinco estrelas, curtindo um quarto só dela e provavelmente se esforçando muito para não pensar em certa mulher de cabelo enorme e olhos azuis que ela não conseguia entender.

Tinha colocado o objeto na mala na última hora.

– Delilah, espera, eu pego...

– Ah. Uau.

Merda.

Delilah se virou, um prendedor de cabelo de cetim preto em uma das mãos e o vibrador California Dreaming Malibu Minx cor-de-rosa na outra.

O rosto de Claire pegou fogo. Sabia que muitas pessoas usavam vibradores. Ora, tinha ganhado aquele de presente de Iris, que elogiara muito as habilidades do aparelho. Ela dera um até para Astrid e perguntava com frequência se estava acumulando poeira na gaveta da cabeceira. Mas, meu Jesus Cristinho, justo Delilah tinha que encontrar seu brinquedinho, obviamente muito usado, já que Claire o levava para uma viagem de uma só noite.

– Ah... isso é... – Claire hesitou, sem saber como reagir. Sabia que seu rosto estava vermelho e sentia o suor que brotava sobre o lábio superior.

Mas Delilah sorriu e assentiu.

– Ah, eu sei. Tenho um desse. Maravilhoso, né?

Então ela jogou o California Dreaming de volta para dentro da mala de Claire e enrolou o cabelo no alto da cabeça, prendendo os cachos bagunçados com um estalo do elástico.



CAPÍTULO CATORZE

MEU DEUS, AQUELA MULHER ERA ENCANTADORA.

Delilah terminou de prender o cabelo, olhando para Claire o tempo todo, vendo seu rubor rosa-claro adquirir um tom mais escuro. A mulher não falou mais nada sobre aquele vibrador – bem grande – que estava em sua mala, então também não insistiu. E tudo bem, porque ver Claire segurar a risada e ficar constrangida ao mesmo tempo enquanto Delilah jogava o brinquedinho de volta para dentro da mala foi...

Bom, foi a coisa mais fofa que Delilah já tinha visto.

De repente, seu estômago ficou meio inquieto, agitado, como antes da exposição na Fitz ou sempre que ela abordava um agente em um evento ou clicava no botão para enviar um e-mail. Não sentia esse frio na barriga por causa de uma mulher desde Jax, e não gostava muito daquela sensação. Mas pensou que Claire não era só uma mulher que ela tinha conhecido em um evento ou bar. Era a melhor amiga de Astrid e já a conhecia desde quando ela era uma adolescente esquisita. Era um contexto diferente, só isso.

Pelo menos, foi o que Delilah disse a si mesma ao tentar acalmar o que pareciam um milhão de abelhas voando em seu estômago e tirar a câmera da bolsa. Suas mãos precisavam de alguma coisa com que se ocupar ao ir para a cama, alguma coisa em que se concentrar quando ela puxasse as

cobertas.

Um colchão king size era como um oceano, mas ainda assim... Claire estava *bem ali*, e Delilah de repente esqueceu como dispor seus membros na cama como uma pessoa normal. Apoiou o joelho primeiro, mas então percebeu que ficaria sentada em cima das pernas e tirou o pé debaixo de si, o que fez com que ela quase tombasse sobre um dos cotovelos com a câmera ainda na outra mão.

Empática, Claire ignorou seu constrangimento, pegou o celular e ficou olhando para a tela, mas Delilah podia jurar que viu os cantos de seus lábios se curvarem um pouco. Ela finalmente se acomodou nos lençóis frescos e ligou a câmera. Começou a passar as fotos que tinha tirado até ali, dos outros eventos do casamento, estremecendo ao ver uma iluminação ruim e sorrindo ao perceber que, às vezes, a iluminação ruim fazia Isabel parecer o capeta.

– Conseguiu boas fotos? – perguntou Claire, largando o celular no colo.

Delilah manteve os olhos na câmera.

– É, acho que sim.

– Posso ver algumas? Acho que nunca vi uma foto sua.

Delilah olhou para ela. Óculos, rosto sem maquiagem, cabelo preso no alto da cabeça com a franja roçando os cílios. Uma alça da regata tinha escorregado pelo ombro, e Delilah lutou contra o desejo de colocá-la de volta no lugar.

Ou fazê-la escorregar mais para baixo.

Ela pigarreou e se concentrou na tela.

– Claro – respondeu.

Mas as malditas abelhas voltaram, as asas enchendo seu estômago até a boca. Ela passou para as fotos do brunch, buscando algo especial, algo belo. Não sabia ao certo por que se importava com o que Claire achava de suas habilidades fotográficas, só sabia que se importava.

Finalmente, chegou à foto perfeita.

Entregou a câmera, que Claire pegou com cuidado, como se estivesse manipulando uma joia preciosa – o que meio que era mesmo, considerando o que Delilah tinha pago por ela –, e ficou observando o rosto dela ao

reagir à foto.

Primeiro, Claire abriu a boca, arregalando os olhos, mas então sua expressão se suavizou.

– Delilah – disse.

E foi só isso. Uma única palavra, mas era parte voz, parte suspiro, e o bastante para fazer com que os braços de Delilah fossem tomados por arrepios, que ela tentou esconder abraçando os joelhos.

– Achei mesmo que você ia gostar dessa – comentou.

Claire assentiu, os olhos ainda fixos na imagem em preto e branco que mostrava ela e Ruby sentadas uma ao lado da outra na Casa de Chá da Vivian. Ruby olhando para baixo, os cílios longos encostando na bochecha e um sorrisinho discreto curvando os cantos dos lábios, e Claire com o braço envolvendo os ombros da filha, o nariz encostado no cabelo dela. Claire também exibia um sorriso discreto. Delilah tinha conseguido dar um zoom no rosto delas, mas preservara a luz, deixando de fora a maior parte dos pratos e copos sobre a mesa.

A foto mostrava só as duas.

Mãe e filha.

– Adorei – disse Claire, os olhos ainda passeando pela tela. Por fim, olhou para Delilah. – Você é boa.

Delilah riu e pegou a câmera de volta.

– Você parece surpresa.

Claire balançou a cabeça.

– Surpresa, não. Só... impressionada.

– A Alma Penada da Casa das Glicínias tem talento, pelo jeito.

Não foi a coisa certa a dizer. Claire enrijeceu imediatamente e o ar entre elas ficou carregado de tensão, mas Delilah não retiraria o que tinha dito, mesmo que pudesse. As asas das abelhas ficaram paralisadas, e ela precisava retomar o controle. Fazia cinco anos que não perdia a cabeça por uma mulher, e não estava nos seus planos perder agora.

Mas então Claire disse:

– Delilah.

E aquela única palavra, seu nome na boca daquela mulher, agitou toda a

colmeia.

Delilah levantou uma das mãos e largou a câmera na mesinha de cabeceira.

– É melhor a gente descansar.

Ela apagou o abajur e se enterrou nos lençóis, de costas para Claire. Ao seu lado, percebeu que a mulher não se mexeu.

– De onde... de onde surgiu esse interesse? – perguntou Claire. – Pela fotografia.

De início, Delilah não respondeu. Mas quando seus olhos se adaptaram à escuridão, o luar entrando pelas cortinas transparentes e deixando o quarto prateado, ela se virou, colocando as mãos sob o queixo e arqueando o pescoço para cima para ver o rosto de Claire.

Claire olhou para ela a uma distância segura, mas logo trocou de posição. Deslizou para baixo, afofando o travesseiro uma vez e se acomodando de lado também, as mãos embaixo do queixo, um espelho de Delilah. Seus movimentos a aproximaram de Delilah, deixando menos de meio metro de espaço entre as duas. A atmosfera mudou de novo, ficou mais espessa com a proximidade e a novidade.

– Você quer mesmo saber? – perguntou Delilah, mantendo a voz baixa e calma. Se falasse alto demais, o feitiço podia se quebrar, e ela ainda não tinha decidido se queria isso ou não.

– Eu não teria perguntado se não quisesse.

– Ah, sei lá. Você é uma pessoa legal. Gente legal às vezes faz perguntas só porque acha que *deve*, não porque liga de verdade pra resposta.

As sobrancelhas de Claire se juntaram.

– Eu ligo, tá?

Delilah sabia que devia colocar um fim naquilo. Ela queria dormir com aquela mulher, não criar um laço compartilhando histórias e queixas da infância. E aquele dia tinha lhe roubado o equilíbrio. Entre Astrid simplesmente se esquecendo de reservar um quarto para ela, Claire oferecendo o seu e a intimidade repentina que tinha sentido em relação a Claire e Iris – um sentimento que não sabia ao certo se já tinha experimentado com mulheres que não estivesse pegando –, seu coração

parecia maior dentro do peito, mais sensível, como uma queimadura gritando ao mais leve toque. As palavras estavam todas ali, o como e o porquê de sua vida desde Bright Falls, e ela queria libertá-las. Deixar que partissem e que outra pessoa as carregasse por um tempo. Ou que alguém pelo menos soubesse. Fazia tanto tempo que ela não contava seus segredos a alguém. Só de pensar nisso, em todo aquele *conhecimento* solitário, de repente ficou exausta.

Mais um motivo para se virar de costas e dizer boa-noite. Mas ao trocar olhares com Claire, que a fitava como se ligasse mesmo, Delilah simplesmente não quis fazer isso.

– Começou no colégio – disse.

Ao ouvir essas poucas palavras, Claire pareceu relaxar, afundando um pouquinho na cama, como se antes estivesse prendendo a respiração. Então Delilah continuou falando, contando a ela sobre seu fascínio por imagens estáticas e por congelar momentos no tempo. Havia guardado dinheiro de trabalhos esporádicos que fizera para a Sra. Goldstein – a professora de arte e única adulta em sua vida que parecia se interessar por ela – e comprado uma Polaroid, só para ver o que aquela câmera fazia. Andava pela casa cavernosa, ecos das risadas de Astrid, Iris e Claire reverberando das paredes, e tirava fotos de qualquer coisa que achasse interessante. O puxador de um armário da cozinha. Uma faixa dos vitrais da biblioteca. A moldura da lareira. Expressões quando ninguém sabia que ela estava observando. Pegava o clã de Astrid em várias poses desfavoráveis – bocas bem abertas, olhos fechados, línguas para fora para lambar a borda de uma lata de refrigerante pingando.

Não que tenha mencionado esses detalhes para Claire naquele momento.

– Eu tirava fotos da Astrid também, aqui e ali. – Foi o que saiu de sua boca.

E deixou por isso mesmo. Mas se lembrava de guardar todas as fotos daquelas garotas, estudando-as para entender o que fazia com que fossem tão aceitáveis e ela fosse um patinho feio. À exceção de um pouco de maquiagem e roupas de marca, ela nunca entendeu.

– Aprendi o básico da fotografia sozinha no colégio – disse. – A Sra.

Goldstein ajudou. Depois, quando fui embora de Bright Falls, percebi que queria fazer da fotografia a minha vida.

Claire assentiu, os olhos escuros bem abertos, enquanto Delilah continuava seu relato falando que trabalhava nove horas por dia, seis dias por semana, em uma lanchonete na Grand Street só para poder pagar o aluguel de um apartamento de merda, mas que no dia de folga saía pela cidade, registrando sua sensualidade, sua paixão, sua diversidade. Todas as coisas que sentia que faltavam em sua vida. Todas as coisas que nunca tivera, nunca nem sonhara que fossem possíveis. Tudo aquilo a impactava como uma onda de vulnerabilidade e verdade.

– E começou a fazer casamentos? – perguntou Claire, ainda milagrosamente interessada.

Delilah assentiu.

– Casamentos, Bar e Bat Mitzvahs, festas de aniversário e outros eventos. Qualquer coisa que aparecesse, na verdade. Continuei trabalhando na lanchonete, quer dizer, continuo, mas os eventos pagam bem, principalmente depois que consegui algumas indicações. Só comecei a me dedicar de verdade a isso de ser artista nos últimos anos.

– Como assim, isso de ser artista?

– Fotografia artística, peças que eu possa vender, séries, a conseguir um agente que me ajude a navegar pelo mundo da arte. Mas é difícil entrar nele. Muito difícil.

Nesse momento a exposição no Whitney surgiu em sua mente, acompanhada do alívio e do entusiasmo. Contou a Claire sobre a exposição, que podia ser sua grande chance.

– Que ótimo – disse Claire. – Eu queria...

Mas ela hesitou, baixando as sobrancelhas ao engolir em seco. Delilah não insistiu e logo Claire mudou de assunto.

– Como você soube que queria ser artista? – perguntou.

Delilah hesitou. A verdade era... delicada. E ela não sabia se queria falar sobre isso com Claire naquela noite ou em qualquer outra. Não tinha por que ela saber aquilo. Nenhum motivo, exceto o simples fato de Delilah querer que ela soubesse. Porém, não imaginava como ela reagiria.

No entanto, quando hesitou, Claire se aproximou um pouco mais e disse:

– Por favor, eu quero saber.

Então ela contou.

– Foi depois de uma decepção amorosa – disse.

As sobrancelhas de Claire sumiram embaixo da franja.

– É mesmo?

Delilah assentiu, a garganta se fechando, mas as palavras continuaram saindo.

– Eu só tive uma namorada. O nome dela era Jacqueline, Jax, e a gente se conheceu em um casamento que eu fotografei. Ela... ela era a madrinha.

A boca de Claire se abriu, e Delilah percebeu a ironia de estar se abrindo com outra madrinha perto da qual ela parecia não conseguir calar a boca.

– Fomos morar juntas, namoramos dois anos.

– O que aconteceu? – perguntou Claire.

Delilah respirou fundo, assimilando as palavras que nunca dissera a ninguém. Depois que ela e Jax terminaram, não havia ninguém em sua vida a quem contar. Além disso, era muito constrangedor o fato de ela não ter sido suficiente.

As palavras saíram assim mesmo.

– Eu peguei a Jax me traindo.

– Ah, meu Deus.

– Com a ex dela. Que, pelo jeito, ela nunca esqueceu.

Claire cobriu a boca com uma das mãos.

– Ah, *meu Deus*.

Delilah assentiu.

– Eu tinha viajado pra fotografar um casamento. Mas o casamento foi cancelado, o noivo desistiu, então voltei pra casa mais cedo e... bom, Jax estava na nossa cama, e não estava sozinha.

A memória ainda estava bem viva, como uma fotografia em alta resolução. Jax – a única mulher que ela havia amado na vida e com quem pensara em se casar um dia, formar o tipo de família com que sempre havia sonhado, mas que nunca tivera – no apartamento em que viviam juntas,

com a cabeça entre as pernas de Mallory Prescott. Ainda se lembrava da imagem da cabeça loira de Mallory jogada para trás, a boca aberta e as unhas pintadas de turquesa agarradas à porra do travesseiro de Delilah ao gozar.

– Parece que não foi a primeira vez – disse Delilah. – Fazia meses que ela estava me traindo, tentando dar um jeito de terminar comigo, e eu não tinha percebido.

– Nossa – respondeu Claire.

– Enfim – disse Delilah, desesperada para colocar a conversa de volta nos trilhos. – Eu precisava sair da cidade por um tempo, então voltei pra Bright Falls. Pensei que... sei lá.

Ela não queria ficar sozinha. Tinha sido isso. E, talvez por burrice, imaginara que a familiaridade de Bright Falls, a família que tinha lá, por mais estranha e distante que fosse, pudesse aplacar uma carência dentro de si que ela não sabia explicar. Mas não foi isso que aconteceu. Astrid estava ocupada com a própria vida, e Isabel... bom, Isabel ficou claramente muito aborrecida ao vê-la à sua porta, e culpou algum evento beneficente que estava organizando para justificar o fato de Delilah não poder ficar na própria casa. Foi a primeira vez que ela precisou ficar em um hotel em sua própria cidade.

Acabou não sendo a última.

– Eu precisava mudar de ares – explicou. – Trouxe minha câmera e andei pela cidade esperando encontrar... sei lá. Inspiração, eu acho.

– E encontrou?

Delilah sorriu e fez uma pausa, porque, para falar a verdade, era com essa parte que ela estava preocupada. Não com a decepção amorosa, por mais que fosse constrangedora, e sim com isso, a origem de sua arte. Delilah não tinha feito nada errado, mas ainda assim... podia parecer estranho, e ela já era estranha o bastante aos olhos de Claire. Porém, mais uma vez, um instinto, um desejo, a impulsionou.

– Encontrei, sim – disse. – Encontrei você.

Claire se encolheu visivelmente, jogando a cabeça um pouco para trás, em um solavanco.

– Eu?

Delilah assentiu e contou que fazia mais ou menos uma semana que estava na cidade e caminhava à beira do rio, tentando criar coragem para voltar a Nova York. De repente, ali estava Claire, entrando no rio vestida, com água até os joelhos e um vestido cinza com uma sobreposição de renda, tremendo ao vento gelado de março. Ela começou a gritar. Para o céu, a água, a vegetação na outra margem. Delilah ergueu a câmera e começou a fotografar. Tirou pelo menos cem fotos, e Claire não a viu, não a percebeu se movimentando atrás dela e se deitando na areia para conseguir ângulos diferentes.

De volta a Nova York, ela passou horas editando as fotos. Dias. E foi dessas imagens, Claire, bela e angustiada no rio, que Delilah tirou a ideia de fazer uma série que viria a definir seu estilo e sua carreira.

Mulheres queer, angústia e água.

Ela ficou observando Claire assimilar tudo aquilo, procurando mudanças sutis em sua expressão – choque, repulsa, horror –, mas, à luz prateada, tudo o que viu foi... deslumbramento. E um pouco de tristeza. Os olhos castanhos de Claire eram como profundezas sem fim, fixos nos dela, em silêncio. E ficou tanto tempo em silêncio que Delilah começou a entrar em pânico. Seu coração, que já estava na garganta, agora parecia um beija-flor minúsculo, aprisionado, batendo as asas.

– Você... Isso... Quer dizer, isso te assusta? – perguntou Delilah. – Nunca usei as fotos. Não faria isso.

E não tinha feito mesmo. Queria fazer, pois Claire estava maravilhosa nas fotos, triste, desesperada e zangada, algo com que Delilah se identificava. Mas jamais pediria a Claire que autorizasse o uso. Jamais admitiria, cinco anos antes, que Claire a fascinara tanto que tinha registrado aquele que talvez fosse um dos momentos mais dolorosos de sua vida, imortalizando-o para sempre.

E agora tinha admitido isso tudo à sua modelo secreta. À mulher que, para todos os efeitos, fora sua musa.

Claire continuou olhando para ela, a expressão um pouco fechada em pensamento, pelo que pareceu uma eternidade.

– Claire, eu...

– Eu me lembro desse dia – disse Claire, e respirou fundo, soltando o ar devagar. – Josh tinha acabado de ir embora mais uma vez. Eu tinha acabado de *passar a noite* com ele mais uma vez. E minha filha de 6 anos estava em casa com minha mãe, se acabando de chorar pelo pai. Mais uma vez. A única coisa que nunca consegui resolver por ela, assim como minha mãe nunca conseguiu resolver por mim.

Delilah arfou. Ela sabia que o motivo que tinha levado Claire à margem do rio naquele dia não seria uma história feliz. Claro que não. Mas isso, a dor em sua voz ao falar sobre aquilo, a imagem de uma Ruby ainda menor e mais vulnerável, confusa e magoada, feria o coração de Delilah. E o comentário sobre *passar a noite com ele mais uma vez* despertou algo totalmente diferente – algo que fervilhava de raiva, que parecia ciúme. Delilah enterrou esse sentimento e se concentrou em Claire, buscando a coisa certa a dizer.

– Ruby é sortuda por ter você – foi a única coisa em que conseguiu pensar.

E era verdade. Uma mãe como Claire, sempre pensando na filha, sempre tentando protegê-la, sempre, sempre, sempre. Ela era o sonho de qualquer criança, não era? Pelo menos, era com isso que crianças como Delilah sonhavam, as crianças que conheciam o outro lado, o vazio onde deveria haver um responsável amoroso.

– Não acredito que você estava lá naquele dia – falou Claire.

Delilah engoliu em seco.

– Desculpa. Eu sei que era um momento íntimo, e eu...

Mas suas palavras foram interrompidas quando Claire levou o dedo aos seus lábios. Um toque suave, leve como uma pena.

Ouviu a própria respiração brusca, e sua boca se abriu quando a mão de Claire deslizou, puxando de leve o lábio inferior, o dedo repousando no queixo de Delilah.

Ela deixou que o dedo ficasse ali, e Delilah não conseguiu mais respirar. Não conseguiu mais pensar. Sentia os batimentos por todo o corpo – na garganta, no peito, na ponta dos dedos, entre as coxas. A respiração das duas

preencheu o quarto, fraca, superficial e trêmula. O olhar de Claire buscou o dela, então desceu até sua boca antes de voltar a seus olhos, várias vezes, uma dança que fez com que Delilah tivesse vontade de rir ou chorar ou...

Claire se remexeu na cama. Chegou mais perto. O dedo que estava no queixo de Delilah deslizou por seu maxilar, e depois a mão passou por seu rosto, pescoço e nuca. Os olhos dela se fecharam e cada centímetro de sua pele se arrepiou. Era isso que ela queria – que Claire a desejasse –, mas achou que se sentiria vencedora por traçar um plano e ser bem-sucedida. Em vez disso, parecia que seu corpo inteiro estava se desmanchando e se juntando novamente.

Quando ela voltou a abrir os olhos, Claire estava a centímetros de distância, o olhar buscando o dela, os dedos macios em seu pescoço.

Delilah percebeu que ela estava esperando permissão, esperando-a dizer que também queria aquilo. Ela obrigou a cabeça a se mexer, oferecendo um único aceno antes de percorrer o pouco espaço entre elas e tocar a boca de Claire com a sua. E a beijou, um beijo suave e lento, a boca se fechando ao redor do lábio inferior de Claire, que arfou bruscamente e pareceu se entregar, retribuindo o toque com delicadeza.

Não era como os primeiros beijos com que Delilah estava acostumada. Geralmente, a essa altura, as coisas já estavam frenéticas, desesperadas, loucas e influenciadas pelo álcool, nada além de sensação e pele, e ela adorava cada minuto. Mas isso... O modo como Claire exalava na boca de Delilah, afundando os dedos no cabelo dela, escorregando o corpo mais para perto para que cada pedaço delas se alinhasse, tudo lento e elétrico... não era como nenhum outro primeiro beijo que Delilah tivesse experimentado. Nem mesmo com Jax.

Ela colocou as mãos no rosto de Claire e aprofundou o beijo, sugando seu lábio inferior por um instante antes de virar a cabeça para experimentar um novo ângulo. Claire tinha gosto de menta, um toque de vinho e mais alguma coisa totalmente diferente, cem por cento dela. Ela soltou um pequeno gemido, e o som atingiu em cheio o âmago de Delilah, causando uma sensação descontrolada, enquanto as duas se movimentavam como se estivessem embaixo d'água. Delilah deslizou a mão até o pescoço de Claire,

depois até o ombro, percorrendo o braço nu até repousar na curva do quadril. Claire se aproximou ainda mais, as mãos agora enterradas no cabelo de Delilah, abrindo mais a boca e deixando que sua língua se emaranhasse na dela.

Foi o que bastou para levar Delilah ao limite. A suavidade era gostosa – até bela –, mas, meu Deus, aquela mulher. Delilah precisava de mais, mais perto, mais forte. Que se fodesse a suavidade. Que se fodesse tudo que não fosse Claire e o modo como sua respiração acelerou quando Delilah passou a mão entre suas coxas. Aquele som – rouco, desesperado – era lindo. As mãos de Claire passearam descendo pelos ombros de Delilah até o quadril, entrando embaixo de sua camiseta antes de deslizar pela pele nua de suas costas.

– Po... posso? – perguntou Claire sem tirar a boca dos lábios de Delilah.

– Deve – respondeu ela, o som ofegante de sua própria voz pegando-a de surpresa. – E eu, posso?

Ela levantou a regata de Claire, as pontas dos dedos roçando a pele macia da barriga. Claire assentiu, mantendo os olhos abertos enquanto as mãos da outra subiam... mais e mais. Delilah sentiu as imperfeições da pele de Claire, sulcos macios que pareciam estrias, e aquilo era o céu para ela. Tão sexy, curvilínea e perfeita.

Ela queria subir ainda mais as mãos, queria senti-la por inteiro, mas também queria que aquele momento durasse. Que inferno, seria capaz de passar a noite toda beijando Claire e ficaria totalmente feliz. Aquele pensamento era muito estranho, não tinha nada a ver com ela. Delilah afastou sua boca dos lábios de Claire, olhando-a por alguns segundos. Claire também ficou olhando para ela, o corpo trêmulo e carente. Ela envolveu a panturrilha de Delilah com a perna e franziu as sobrancelhas.

– Tudo bem? – perguntou.

Delilah engoliu em seco. Ela não tinha certeza. Estava... meu Deus, estava nervosa e excitada e só queria comer Claire de sobremesa ali mesmo, mas por baixo daquela camada ardente de tesão havia outra coisa, algo que ela não conseguia definir. Balançou a cabeça, tentando afastar aquela ideia. Tinha feito isso dezenas de vezes. Sabia transar com uma mulher. Sabia fazê-

la gritar, garantir que também fosse divertido para si mesma e não pensar em nada além da pele, das bocas e do gozo.

Delilah entregou sua boca à de Claire. Línguas, mãos, coxas.

Claire correspondeu, toque a toque, estremecendo quando os dedos de Delilah alcançaram a curva de seu seio por baixo. Delilah parou, mas Claire envolveu sua boca em mais um beijo, empurrando o quadril contra o dela em um gesto claro de consentimento. Então ela continuou e deixou que seu polegar roçasse o mamilo intumescido de Claire.

Claire afastou a boca dos lábios dela, o peito subindo e descendo tão rápido que Delilah quase achou que ela fosse hiperventilar.

– Tudo bem? – perguntou.

Claire assentiu.

Delilah sorriu e puxou o lábio inferior de Claire entre os dentes, o que arrancou um gemido gutural tão sexy que Delilah também foi obrigada a gemer.

Isso. Era isso o que ela compreendia. Puro desejo animal. Sabia que sua calcinha estava encharcada e estava quase certa de que a de Claire também estava, mas, meu Deus, queria ter certeza. Apertou suavemente o mamilo de Claire antes de acariciá-lo com mais um movimento do polegar, e deixou que sua mão deslizasse mais para baixo. O quadril de Claire ondulou contra o seu e sua mão viajou até a bunda de Delilah, coberta apenas pela calcinha de renda azul.

Delilah tinha acabado de mergulhar a ponta dos dedos sob o elástico do short de Claire, sua boca no pescoço dela e os sons sussurrados mais perfeitos saindo daqueles lábios, quando alguém bateu à porta.

As duas ficaram paralisadas, a respiração úmida pairando entre elas.

Tomara que isso tenha sido fruto da minha imaginação, pensou Delilah. Mas então outra batida ecoou pelo quarto silencioso, seguida pelo pior som do mundo – a voz de sua irmã postiça.

– Claire? Delilah? Estão acordadas?

– Ah, meu Deus – sussurrou Claire.

Ela saiu de baixo de Delilah como se estivesse pegando fogo. Antes mesmo que a outra se sentasse, ela já estava em pé, ajeitando a regata e

arrumando o cabelo no alto da cabeça.

– Merda.

– Está tudo bem – disse Delilah. – Calma.

– Claire? – chamou Astrid mais uma vez, batendo ainda mais forte.

– Oi! – gritou Claire, acendendo o abajur. – Espera só um pouquinho!

Ela ficou parada ali com as mãos na cintura, Delilah olhando para ela. Quando seu olhar cruzou com o dela, seus olhos se arregalaram.

– Seu cabelo.

Delilah levou uma das mãos aos cachos, sentindo os caracóis que os dedos de Claire tinham soltado do elástico.

– Está uma bagunça, né?

– É cabelo de quem transou – respondeu Claire, e havia pânico em sua voz. – Você consegue ajeitar?

Delilah não parou de olhar para ela enquanto soltava o cabelo e prendia de novo em uma pilha organizada e que não lembrasse sexo.

– Claire...

– Não podemos contar pra ela – pediu Claire, entrelaçando os dedos. – Tá?

Delilah ficou olhando para ela. Aquela *outra coisa* que sentira antes começou a tomar conta de seus pensamentos. Isso já tinha acontecido outras vezes, uma possível parceira desistir por um motivo ou outro. Delilah sempre lidava bem com o fato. As pessoas são complicadas, tudo pode acontecer. Ela ficava decepcionada, mas entendia, e simplesmente ia para casa e se virava sozinha, pronto.

Mas isso... não parecia ser a mesma coisa. Era diferente, uma sensação de vazio crescia em seu peito e ela queria gritar. Claire era só mais uma transa. E uma transa por vingança, ainda por cima.

No entanto, algo em seu rosto deve tê-la denunciado, porque os ombros de Claire despencaram e ela se aproximou da cama, onde Delilah ainda estava sentada.

– Não é... É só... com o Spencer e o casamento, a gente não pode... Ela ia surtar, e eu...

– Entendo – disse Delilah, calma.

Mas aquele buraco em seu peito continuou crescendo, engolindo toda a sua normalidade. Ela desviou o olhar, respirando fundo, devagar e em silêncio enquanto arrumava os lençóis emaranhados e cobria as pernas com calma. Quando os lençóis estavam esticados e seu coração voltou ao lugar de sempre atrás das costelas, ela olhou para Claire e sorriu.

– Pronto, pode deixar ela entrar.

Claire abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, a amiga bateu à porta de novo. E ela ajeitou a regata mais uma vez antes de correr para a porta. Astrid entrou agitada, percorrendo o quarto com o olhar como uma mãe procurando o filho adolescente no meio da noite.

– Tudo bem? – perguntou, olhando para Claire.

– O quê? – indagou Claire. – Comigo? Sim, tudo bem.

Ela agitou uma das mãos no ar, fez um *pff* com a boca e apoiou essa mesma mão no ombro. Delilah teria caído na gargalhada se sua garganta não estivesse estranhamente fechada, até dolorida.

– O que vocês duas estão fazendo? – perguntou Astrid, direcionando o olhar para a irmã.

Delilah jogou a cabeça para trás, a verdade na ponta da língua. Era o que ela queria, não era? Provar que Astrid estava errada no que dizia respeito a Claire e ela. Vencer. Tudo bem, elas não tinham transado, mas, de certa forma, o que acontecera era ainda mais profundo, mais íntimo: o deslizar lento das bocas, a ponta dos dedos roçando timidamente a pele. Aquele era o momento de Delilah, sua chance. Claro, Claire tinha pedido a ela que guardasse segredo, mas o que é que isso tinha a ver com Delilah em si, no fim das contas? Por que ela se importava com o que Claire Sutherland queria dela?

Ela não se importava.

Não *podia* se importar.

Mas, quando seus olhos encontraram os de Claire, os cílios espessos, largos e suplicantes ao redor daquele castanho-escuro, Delilah não conseguiu arrancar as palavras da caverna que era seu peito.

– Nada – disse Delilah. – Só conversando. Quase pegando no sono, acho.

– É – confirmou Claire, os olhos ainda fixos nos de Delilah. – Estou bem

cansada.

Astrid olhou de uma para a outra, franzindo a testa.

– Então que bom que peguei vocês.

– Pegou? – perguntou Claire, o rosto vermelho.

– Antes que pegassem no sono – explicou Astrid, e Delilah percebeu os ombros de Claire relaxarem. – Tem um quarto disponível. Pra Delilah.

Claire olhou para o relógio na mesa de cabeceira.

– Às onze e meia?

– Eu pedi à Hadley, ou sei lá qual é o nome dela, pra avisar na hora que fosse. Parece que alguém ligou e cancelou a reserva de hoje. Voo atrasado ou algo assim.

– Ah – disse Claire.

Delilah não saberia dizer ao certo se Claire estava aliviada ou decepcionada, mas não ia ficar ali para descobrir. Precisava sair daquele quarto. Imediatamente.

– Que ótimo – comentou, jogando as cobertas de lado, pegando a câmera que estava na mesa de cabeceira e guardando-a dentro da bolsinha. Foi em direção ao banheiro pegar a nécessaire.

– Espera – pediu Claire. – Eu posso ir. Fique você.

– Ah, não – respondeu Delilah, balançando a cabeça ao voltar para o quarto e jogar a nécessaire dentro da mala. – Este quarto é seu. Eu vou. – Ela fechou a mala e foi até a porta. – Qual é o número?

– Duzentos e doze – respondeu Astrid, entregando o cartão. – Eu vou com você, é ao lado do meu.

– Que beleza – disse Delilah.

Ela abriu a porta e saiu apressada pelo corredor, puxando a mala de rodinhas. Ouviu Astrid dar boa-noite a Claire, a porta se fechar e os passos decididos da irmã no piso de madeira, mas não olhou para trás nem diminuiu a velocidade até chegar à porta do quarto.

– Delilah, espera – pediu Astrid.

Delilah fechou os olhos com força enquanto tentava enfiar o cartão na fechadura.

– O que foi? – perguntou, sem olhar para a outra.

Astrid parou ao lado dela, se escorando na parede enquanto Delilah tentava fazer a maldita luz vermelha ficar verde.

– Olha só, sinto muito.

Delilah fez uma pausa em sua batalha.

– Pelo quê?

– Por essa história dos quartos.

Delilah finalmente olhou para ela. Sua irmã postiça estava com os braços cruzados, como sempre, e parecia muito constrangida com aquele pedido de desculpas.

– Sente mesmo?

Astrid pareceu murchar, os ombros caindo.

– Sim. Não deixei você de fora de propósito. Quando fiz a reserva, eu não tinha certeza de que você ia mesmo aparecer, tá? Eu ia ligar de novo, mas aí as coisas ficaram corridas e eu não estou acostumada...

Ela parou de falar, mas Delilah sabia o que ia dizer. Ela não estava acostumada a pensar nela. Aquela sensação antiga e solitária da infância voltou, se acumulando sobre tudo o que tinha acabado de acontecer com Claire.

– Eu entendo – respondeu Delilah. – Tudo bem.

– Eu só...

– Tudo bem – repetiu Delilah.

Seu tom de voz saiu tão brusco que Astrid estremeceu, mas ela não queria ter aquela conversa ali. Não com a respiração presa no peito e as pernas ainda bambas após sentir os lábios de Claire em seu pescoço.

A maldita luz finalmente ficou verde. Delilah abriu a porta e entrou no quarto antes que qualquer uma delas pudesse dizer mais uma palavra.



CAPÍTULO QUINZE

PORRA.

Porra, porra, porra.

Assim que ficou sozinha, Claire arrancou a roupa e entrou embaixo do chuveiro para tentar se acalmar. Abriu a água fria, talvez para congelar a memória da boca de Delilah na sua, das mãos dela, do sabor, do pescoço que cheirava a primavera, chuva e grama fresca.

Seu rosto ficando imóvel como rocha, seus olhos de pedras preciosas ardentes adquirindo um azul opaco no instante em que Claire pedira a ela que guardasse segredo sobre o que tinha acabado de acontecer.

Por que é que tinha feito isso?

Porque Astrid teria surtado, por isso.

Você não pode simplesmente pegar a irmã postiça da melhor amiga e depois anunciar, feliz, que foram os quinze minutos mais deliciosos que já viveu. Isso incluía a vez em que ela e Josh transaram na mesa do quintal, três anos antes, enquanto a mãe dela levava Ruby ao cinema. Hoje, ela nem tinha gozado, Delilah não tinha se aventurado abaixo de seu quadril, e mesmo assim ela se sentia como se estivesse prestes a explodir ali embaixo da água.

Mas isso não importava.

Não importava que tivesse sido muito mais que só alguns beijos e

toques, nem que, uma hora depois, deitada na cama, acordada, ela ainda estivesse mais molhada do que nunca, o corpo zumbindo e se contorcendo como um fio eletrizado.

Nada disso importava porque o que tinha acontecido naquela noite certamente não aconteceria de novo. Não podia acontecer. Delilah morava em Nova York. Ela ia embora dali a menos de duas semanas, e para participar de uma exposição importante em um museu renomado. Ela não se comprometia com ninguém. Claire sabia disso por Astrid, assim como sabia que ela não se importava com ninguém além de si mesma, e nunca tinha se importado.

Claire pegou o travesseiro que Delilah tinha usado e jogou para o outro lado do quarto. Então se levantou da cama e colocou o ar-condicionado no máximo, esperando que o frio a distraísse da lembrança da expressão de Delilah ao contar a ela sobre Jax e sobre ter fotografado Claire à beira do rio. Uma expressão que parecia ser o contrário de *não se importar*.



CAPÍTULO DEZESSEIS

GRAÇAS À DEUSA PELOS FONES DE OUVIDO.

Delilah passou toda a viagem de volta para Bright Falls ouvindo um audiolivro de fantasia sáfica no último volume. Depois de uma tarde passeando pelo vinhedo e fotografando Astrid, Iris e Claire degustando vinhos refinados e depois cuspidos todos eles no que só poderia ser chamado de escarradeira, tentando ignorar Claire ao mesmo tempo que dava a impressão de não estar fazendo isso, tudo que ela queria agora era o sofá coberto de chita da Pousada Caleidoscópio, uma bebida que pudesse engolir e uma boa sessão com seu California Dreaming Malibu Minx.

Iris estava sentada ao seu lado no banco de trás, pelo que Delilah também agradeceu à Deusa, embora ela ficasse lhe escrevendo mensagens no aplicativo de notas do celular e enfiando o aparelho embaixo de seu nariz.

E agora?

Temos dez dias.

Vai, tenho certeza de que você consegue pensar em alguma coisa bem tortuosa.

Oi?

Se você não responder, vou ficar mais irritante ainda.

Como Delilah não fez nada além de olhar para ela, Iris ficou mesmo mais irritante. Ela arrancou o celular da mão dela e começou a escrever alguma coisa com um sorriso malicioso. Delilah passou raiva em silêncio, pois não queria chamar a atenção para o que quer que Iris estivesse fazendo. Iris terminou com um golpe final do indicador, e seu celular vibrou na mesma hora, recebendo uma mensagem.

O de Claire também.

Delilah pegou o celular de volta, o livro ainda tocando, e olhou para a tela. O aplicativo de mensagens estava aberto e havia um grupo novo com ela, Iris e Claire, porque é claro que Iris tinha simplesmente registrado o número delas no aparelho de Delilah. Iris tinha batizado o grupo de OBM, o que quer que significasse, e aparentemente a primeira mensagem de *Delilah* tinha sido **Vocês são minhas rainhas e eu vivo para servi-las.**

Claire se remexeu no banco da frente, virando-se devagar para olhar para ela.

Delilah digitou uma mensagem com pressa.

DELILAH: Odeio vocês duas.

IRIS: Não foi isso que eu fiquei sabendo.

No banco da frente, Claire se engasgou e teve um acesso de tosse. Delilah sentiu o rosto ficar vermelho. Será que ela tinha contado a Iris o que acontecera na noite anterior? Não, ela não faria isso. Estava muito determinada a não deixar que Astrid descobrisse, e Iris claramente não sabia guardar segredos, como demonstrava o fato de estar mandando mensagem para as duas ali mesmo, com Astrid no banco do motorista tagarelando sobre um projeto que estava fazendo para um escritório de advocacia.

IRIS: Você acabou de dizer que somos rainhas.

Delilah relaxou um pouco, enquanto Claire bebia água e soltava um “Uhum” para Astrid de vez em quando.

CLAIRE: Ris, o que você está fazendo?

IRIS: Mandando mensagem?

DELILAH: O que é OBM?

IRIS: Operação Bota de Merda.

DELILAH: Bota de Merda?

IRIS: BOTA. DE. MERDA.

Delilah olhou para Iris, meio irritada, meio interessada. Iris sorriu e voltou a escrever.

IRIS: Qual é o próximo passo?

CLAIRE: Acho que a gente pode esperar para falar sobre isso quando Astrid não estiver a menos de meio metro de mim.

IRIS: Poderia, se não tivéssemos só dez dias e a noite de ontem tivesse saído conforme o plano.

DELILAH: A noite de ontem saiu exatamente conforme o plano.

Claire pigarreou e Delilah quis revirar os olhos. Ela abriu uma conversa só com Claire.

Não foi isso o que eu quis dizer.

Eu sei, respondeu Claire.

IRIS: Vocês duas estão conversando entre vocês?

CLAIRE: Não.

DELILAH: Talvez.

Claire bufou e Delilah não conseguiu segurar um sorriso.

IRIS: Tá, nada de conspiração secreta. Eu não estou nem aí se vocês duas querem trepar até caírem duras.

Delilah se engasgou com a saliva, o que causou um acesso de tosse. Ela bateu no peito enquanto os dedos de Claire voavam pela tela.

CLAIRE: Ris! Pelo amor de Deus.

IRIS: Eu mantenho o que disse.

– Pra quem você está mandando mensagem? – perguntou Astrid, olhando para o celular de Claire.

– Ninguém – respondeu Claire. – Pro Josh. Ele... vai levar a Ruby até a minha casa.

Astrid assentiu e Claire se virou para a janela, o celular abandonado no

porta-copos.

Delilah mandou uma última mensagem.

Continuo odiando vocês.



Depois que Astrid deixou Iris e Claire em casa, Delilah continuou no banco de trás.

– Não sou sua motorista – disse ela, saindo da casa de Claire na Linden Avenue.

Pela janela, Delilah ficou olhando para a casa que era a cara de Claire. Pequena e aconchegante, com uma varanda grande na frente e cercas brancas, fachada de pedra natural e telhas de madeira azul-escuras. Claire avançou pela calçada sem olhar para trás, o quadril balançando no jeans justo de um jeito que fez com que a noite anterior invadisse a mente de Delilah como uma enxurrada.

Nossa.

Ela havia passado a manhã e a tarde inteiras tentando não pensar naquilo. Tinha beijado Claire, sentido seu corpo todinho, e agora podia seguir em frente. Não importava que Astrid não soubesse e não viesse a saber até depois do casamento – ou do não casamento, ou término, ou o que quer que Iris estivesse tentando conseguir –, Delilah sabia. E tinha passado a vida inteira se colocado em primeiro lugar, preocupada só consigo mesma e com o que sabia que era verdade, porque aprendera havia muito tempo que não podia controlar ninguém além de si mesma. Não podia fazer com que os outros mudassem de ideia, não podia obrigar alguém a amá-la se a pessoa não tivesse interesse nenhum em fazer isso nem podia evitar que alguém a abandonasse se era isso que a pessoa queria fazer. Não podia obrigar agentes a fazerem uma reunião com ela. Não podia obrigar amantes da arte a comprar suas fotos.

Não podia obrigar Claire a não sentir vergonha do que tinha acontecido

nem mudar o fato de que seria obrigada e encontrar aquela mulher e seu quadril maravilhoso por mais dez dias. Só podia cuidar da própria vida e tirar as porcarias das fotos.

Mas, enquanto Astrid arrancava com o carro, Claire parou na varanda e olhou para trás. Seus olhos encontraram os de Delilah através do vidro, e ela sentiu *aquele olhar* descer por suas pernas. O mesmo olhar que Claire lançara por sobre o ombro no dia do brunch. Interesse. Fascínio. Caramba, era *desejo*.

– Oi? – disse Astrid.

Delilah engoliu em seco e desviou o olhar, soltando um suspiro profundo.

– A pousada fica... o quê? A um quilômetro e meio daqui? Se você for de uma vez eu logo te deixo em paz.

Astrid também soltou um suspiro.

– Eu perguntei se posso ver algumas das fotos que você tirou até agora.

– Ah.

Delilah esfregou a testa. Precisava se controlar. Tinha sido um beijo. Um beijo muito bom. Um beijo *excelente*, mas, ainda assim, eram só lábios e línguas. Já tinha beijado umas cem pessoas, ouvindo-as ofegar em sua boca como se elas estivessem se afogando e Delilah fosse o próprio ar.

Ou... bom, tudo bem, vai, ela não tinha ouvido *cem* pessoas reproduzirem aquele som no meio de um beijo, mas com certeza já tinha passado por isso.

– Mas que inferno, Delilah!

Ela deu um pulo no banco.

– Nossa, desculpa.

– Onde você está com a cabeça? Lá em Nova York?

Delilah passou as mãos no rosto.

– Quem dera.

Astrid contraiu os lábios e virou na Main Street, que estava bem movimentada antes do jantar. O céu era de um cinza e branco marmorizado, com promessa de chuva e um aroma terroso no ar.

– A loja da Claire – disse Astrid quando passaram pela Livraria Rio

Selvagem.

Alguns clientes circulavam dentro da livraria e uma mulher de cabelo azul cuidava do balcão.

– Hmm.

– Você ia muito lá quando era criança, né? – perguntou Astrid.

Delilah apoiou a cabeça no encosto do banco.

– Hum.

– Agora, está diferente. Claire deixou a loja toda moderna e bonita.

– Hum.

Astrid bufou irritada, o que a fez sorrir. Ela parou em frente à Caleidoscópio e Delilah desceu do carro como se ele estivesse pegando fogo.

Um banho. Era disso que ela precisava. Um banho, serviço de quarto e uma taça enorme de vinho. Mas, quando se virou para se despedir de Astrid com um aceno e dizer algo educado como *obrigada pelos tratamentos gratuitos de spa, embora você preferisse que eu nem estivesse lá, como ficou óbvio pela reserva para três pessoas*, sua irmã postiça tinha dado a volta no carro, com a bolsa no ombro, os olhos arregalados de tanta expectativa.

– É... você também vai ficar aqui? – Delilah perguntou, apontando para a pousada com o polegar. – Spencer ronca, é? Ah, já sei, ele faz você dormir no sofá quando come alho e você não aguenta mais aquele sofá cheio de calombo.

Astrid, infelizmente, não mordeu a isca.

– Eu gostaria de ver as fotos pelas quais estou pagando uma fortuna, se você não se importar.

– Você quer dizer pelas quais Mamãe Querida está pagando uma fortuna.

Astrid contraiu os lábios e continuou encarando Delilah. A mulher seria capaz de vencer um concurso mundial de quem pisca por último.

– O quê? Você não confia em mim? – perguntou Delilah, colocando a mão no peito. – Sou uma artista. Uma visionária. Uma exploradora intrépida das terras devastadas do tempo. Uma legítima...

– Vou pegar a chave com Nell – disse Astrid, passando por Delilah em direção à construção de três andares de tijolos aparentes.

– Ah, ótima jogada – respondeu Delilah, indo atrás dela.

No quarto, ela jogou a mala em cima da cama e tirou a câmera da bolsa. Conectando-a ao laptop, em cima da escrivaninha, mexeu na câmera até todas as fotos que havia tirado até então começarem a ser carregadas no Lightroom, que ela sempre preferia em relação ao Photoshop. Era menos apelativo, mas a simplicidade era boa na opinião de Delilah. Corte, exposição e balanço de brancos, contraste e cor, brilho e saturação. Isso era tudo de que ela precisava para brincar. A verdadeira arte estava no olhar, no ângulo, no momento em que ela apertava o botão do obturador.

– Não esqueça que não estão editadas – falou ela enquanto Astrid, sentada à escrivaninha, observava as imagens surgirem na tela, empilhadas no Lightroom como um baralho de cartas.

Delilah sentiu os nervos à flor da pele. Nunca tinha mostrado seu trabalho a Astrid. Nunca. Nem as fotos desfavoráveis que havia tirado dela e do clã quando eram adolescentes, nem uma única foto de casamento, um retrato ou foto em preto e branco de um chiclete na calçada.

Mas agora ela ia ver várias. Imagens de casamento, claro, mas também coisas aleatórias que Delilah fotografara caminhando pela cidade depois de conversar com Claire na Rio Selvagem, imagens que havia registrado porque chamaram sua atenção, como um pirulito na grama, uma rachadura em uma taça de vinho e...

Delilah endireitou a postura bruscamente.

E de Claire quando ela não sabia que Delilah estava observando. Fotos e mais fotos de Claire.

Bom, que merda.

– Hum, o que eu faço? – perguntou Astrid quando apareceu uma notificação anunciando que o upload tinha sido concluído.

Delilah não se mexeu, imaginando se conseguiria inventar algum motivo pelo qual Astrid não poderia ver as fotos ainda, mas não conseguiu pensar em nada. As fotos já estavam ali, diante do rosto ansioso dela, que parecia um cachorro com um osso bem caro quando queria alguma coisa. Não tinha como fazê-la largar.

Tudo bem. Delilah tinha tirado fotos espontâneas de Astrid e Iris

também... não tinha?

Ela se inclinou ao lado de Astrid, clicou na primeira imagem e mostrou onde clicar para passar para a próxima. Astrid foi se aproximando da tela conforme as fotos de tudo o que Delilah tinha registrado nos últimos três dias iam aparecendo.

Delilah se empoleirou na lateral da cama, o estômago embrulhado de repente, não só pelas fotos de Claire – podia usá-las como uma tentativa de provocar Astrid, que não teria nenhuma dificuldade em acreditar nisso –, mas pela irmã perfeita vasculhando seu trabalho, sua mente, seu coração.

Meu Deus, Delilah, seu coração? Se controla, garota.

E foi o que ela fez. Abraçou as coxas e ficou olhando para a própria calça jeans enquanto Astrid clicava em silêncio... e clicava... e clicava.

Nossa, estava levando uma eternidade.

– Preciso de uma bebida – disse Delilah.

Ela se levantou da cama e tirou da mala a garrafa de Sauvignon Blanc de cortesia que tinha encontrado em seu quarto no Lírio Azul na noite anterior. Quase chorou de alívio quando viu que era uma tampa de rosca. Enchendo um dos copos de papel empilhados ao lado da minicafeteira até a boca, ela engoliu as primeiras três goladas, estremecendo quando o álcool chegou à sua corrente sanguínea.

Então começou a andar de um lado para o outro e bebeu mais ao ver Astrid chegar a uma foto que mostrava ela e Spencer no jantar da Casa das Glicínias.

Era uma foto boa. Em preto e branco, o braço de Spencer sobre os ombros dela, os dois sentados um ao lado do outro à mesa. A luz era suave e encantadora, o brilho das velas e dos cordões de luzinhas envolvia o casal como um cobertor. A saturação precisava de uns ajustes, o contraste também, mas, tirando isso, era uma foto espontânea perfeita.

Exceto por uma coisa:

A noiva.

Delilah se aproximou por trás de Astrid, olhando para a tela mais de perto.

Spencer estava rindo, o sorriso largo e radiante, os olhos brilhando para

alguém à sua frente. Seus dedos envolviam o ombro de Astrid – alguns talvez dissessem em sinal de proteção, mas Delilah, não. *Possessividade* era a palavra certa, e parecia que Astrid sentia isso. Na fotografia, seu corpo estava rígido. Não a ponto de chamar a atenção durante o evento em si, mas, olhando agora para a imagem, congelada no tempo, ela não irradiava nem de longe calor e felicidade. O sorriso estava lá, mas era plástico, nem chegava a seus olhos. Delilah tinha até mesmo conseguido registrar os dedos agarrados, as pontas levemente sem cor, à taça.

Nossa, como ela era boa.

Ainda assim, não sentiu nenhum orgulho enquanto Astrid olhava fixamente para a imagem. Sentiu um aperto na boca do estômago, um golpe surdo, pesado. Tentou afastar a sensação. Afinal, a desgraça de Astrid sempre fora seu deleite. E o pavor óbvio que a irmã postiça estava sentindo ao se ver como uma mulher perfeitamente infeliz em preto e branco talvez deixasse Iris e Claire felizes.

Mas assim que pensou nisso e imaginou por que estava dando a mínima para a felicidade de Claire, ela soube que não era verdade. Claire não ficaria feliz, e sim de coração partido pela amiga. Iris talvez tripudiasse um pouco, satisfeita por estar certa – meu Deus, Iris e Delilah poderiam mesmo ser amigas em outro mundo –, mas acabaria se acalmando e apoiaria Astrid no que ela decidisse fazer, traçando um plano de ação.

Só que Delilah não era Iris e com certeza não era Claire.

– Astrid – chamou, para tirar a mulher do torpor.

A irmã se assustou, pigarreando antes de passar para a próxima foto.

– Estão lindas.

Aturdida, Delilah piscou ao ouvir o elogio.

– Tá... – disse devagar.

– Adorei os detalhes. Tipo nesta aqui. – Ela apontou para a foto na tela, uma imagem nítida de Isabel que revelava cada ruga que o botox não conseguia alcançar.

Delilah bufou, tentando segurar uma risada, e Astrid virou a cabeça para olhar para ela com um sorrisinho nos lábios. Ficaram se olhando por um instante, e o sentimento que surgiu entre elas fez sua respiração falhar. Um

sentimento que parecia jovem e quase esperançoso.

Astrid voltou a encarar a tela e avançou para a próxima foto.

Uma foto de Claire.

Só Claire, na noite do jantar das Glicínias. Sempre-vivas se amontoavam atrás dela e o sol obscurecia parte de seu corpo, o rosto sombreado, mas sem dúvida era uma foto linda.

Também não havia dúvida de que ela estava olhando diretamente para a câmera.

Delilah se lembrou do momento em que tirara a foto, Claire virando a cabeça uma fração de segundo antes do disparo, um sorriso no rosto ao pegar a fotógrafa do casamento no flagra.

Um sorriso que definitivamente alcançara seus olhos.

– Esta ficou... – Astrid começou, mas pigarreou mais uma vez.

Então empurrou a cadeira para trás tão rápido que quase atropelou os pés de Delilah. Levantou-se, pegou o celular da bolsa e olhou para a tela.

– Preciso ir.

– Ah, o Spencer intimou você?

Assim que disse isso, ela se arrependeu. Em vez de revirar os olhos ou responder com um comentário afiado na troca de farpas eterna entre as duas, Astrid olhou para baixo, como se estivesse constrangida, e não disse nada. Engoliu em seco e apontou para a foto de Claire ainda na tela.

– Você devia publicar essa no seu Instagram – disse. – As pessoas iam adorar.

– Meu... Espera, você sabe do meu Instagram?

Astrid contraiu os lábios e, quando falou, sua voz saiu suave, hesitante:

– Como você acha que eu sabia que ia adorar suas fotos do casamento?

Uma sensação de surpresa disparou pelas veias de Delilah. É claro que Isabel e Astrid sabiam que ela trabalhava como fotógrafa de casamentos, assim como sabiam que ela fazia retratos e trabalhava como garçonne em uma das cidades mais caras do mundo. Mas não sabiam de sua arte, suas ambições, seu desejo de ser um nome reconhecido entre os fotógrafos americanos. Era para isso que servia seu Instagram, uma vitrine daquilo que ela era realmente capaz de fazer quando não estava trabalhando para os

outros e tirando fotos de casais suspirando – ou, no caso de Astrid, sem suspirar – um pelo outro. Delilah nunca havia contado nada disso a elas. Não que uma busca simples no Google não levasse a suas redes sociais, mas, até para fazer isso, Astrid teria que se importar a ponto de digitar o nome dela na busca.

– Espera – disse Delilah. – Você...

– A gente se vê depois – declarou Astrid.

E saiu pela porta, deixando Delilah com um aperto no peito que não iria embora por mais copos de vinho que ela enfiasse goela abaixo.



CAPÍTULO DEZESSETE

A NOITE SEGUINTE ERA QUINTA-FEIRA e daria início a seis dias inteiros sem porcaria de evento nenhum. Pelo menos não relacionado ao casamento. Claire e Ruby voltaram da livraria e encontraram Iris e Delilah na cozinha da casa delas, sentadas, bebendo água gaseificada de limão.

Claire ficou paralisada, sentindo o coração na garganta de repente.

– Oi! – exclamou Ruby, se aproximando para cumprimentá-las.

– E aí, Rubes? – disse Iris, dando um beijo no topo da cabeça dela.

Delilah sorriu para a garota, mas seus olhos logo se desviaram para Claire, que sentiu o estômago subir para encontrar o coração na garganta.

– Pode usar a chave embaixo do vaso sempre que quiser, Ris – disse Claire.

– Pode deixar – respondeu Iris. – Também peguei sua correspondência. Parece que sua mãe mandou mais um pacote.

Claire largou a bolsa sobre a ilha da cozinha.

– Ah, meu Deus, o que será desta vez?

Em sua aposentadoria boêmia, a mãe de Claire estava ficando cada vez mais interessada em cristais e tarô. Ela queimava sálvia para *purificar o espaço* e falava sobre chakras bloqueados sempre que elas conversavam ao telefone. Não que Claire se ressentisse daquele interesse – estava feliz pela

mãe ter encontrado uma paixão depois de passar a amada Livraria Rio Selvagem para a filha. Claire só não tinha tempo nem espaço na mente para entender aquilo tudo. Ultimamente, a mãe tinha adquirido o hábito de enviar coisas pelo correio, de colares de quartzo rosa a livros sobre meditação, convencida de que Claire precisa apenas de um pouco de espiritualidade em sua vida para tudo se ajeitar.

– Quero ver o que a Vovó mandou – disse Ruby, pegando o envelope revestido.

Ela rasgou o envelope e tirou de dentro dele uma caixinha do tamanho de um livro pequeno. Seus olhos observaram a frente e focaram no título:

– O oráculo das bruxas literárias.

– Oráculo? – perguntou Iris, se levantando e pegando a caixa das mãos de Ruby. – Tipo para prever o futuro?

– Não faço a menor ideia – respondeu Claire, também pegando a caixa.

– “Descubra a adivinhação usando a magia do gênio literário.” – Leu no verso, onde havia a imagem de uma carta que trazia Zora Neale Hurston, ao lado de uma carta com uma maçã. Só isso. Uma maçã.

– Que estudiosa da magia essa Katherine – disse Iris.

Claire riu olhando para Zora. Sob sua imagem havia a palavra *história*.

– Talvez tenha uns exemplares na livraria.

Ela largou a caixa também sobre a ilha – cuidaria daquilo mais tarde – antes de abrir a geladeira e pegar uma cerveja.

– Ah, graças a Deus – falou Iris, estendendo a mão para indicar que também queria uma. – Eu estava tentando me comportar, mas essa aguinha com gás não está com nada.

Claire colocou uma latinha gelada na mão dela e olhou para Delilah.

– Quer uma?

– Não – respondeu Delilah. – Valeu.

– Eu aceito uma – disse Ruby, cruzando os braços e encarando a mãe.

Aquilo vinha acontecendo o dia todo. As encaradas, as bufadas, os braços cruzados. Tudo graças a Josh, mais uma vez, que dissera a Ruby que queria levá-la para acampar no fim de semana sem conversar com Claire antes. Ou seja, agora significava que qualquer objeção da parte dela

automaticamente a transformaria na mãe antiquada, preocupada e estraga-prazeres que Claire sempre tinha a sensação de ser em situações que envolviam Josh.

Foi exatamente isso que aconteceu quando Ruby falou sobre a viagem naquela manhã e Claire, muito calma, respondeu:

– Querida, não sei.

Ela nem tinha dito não ainda, mas já tinha passado o dia inteiro trocando mensagens raivosas com Josh e desviando dos olhares fulminantes da filha enquanto emitia notas e reorganizava gôndolas.

– Rá-rá, que engraçado – disse Claire, estendendo a mão para acariciar o cabelo de Ruby.

A garota desviou de sua mão, deslizando com graça para o outro lado do balcão, ao lado de Delilah. Iris olhou para ela, mas Claire fez um gesto de “deixa pra lá”. A essa altura, estava acostumada. O que era mais uma briga explosiva com a filha de 11 anos?

Delilah cutucou Ruby.

– E aí, quer me mostrar seu quarto?

Os olhos de Ruby se iluminaram.

– Quero!

E disparou para os fundos da casa enquanto Delilah se levantava e ajeitava o jeans cinza bem justo. Ao passar por Claire, Delilah não olhou para ela nem sorriu, mas seu ombro roçou o dela, o que fez com que o estômago de Claire despencasse até os pés. Ela bebeu três goladas de cerveja.

– Nossa, o que aconteceu?

– Nada.

– Você não sabe mentir.

– O que foi que me entregou? – indagou Claire, impassível.

Sabia que sua aparência estava péssima e não fazia o menor esforço para esconder que era assim mesmo que se sentia. Mal tinha dormido na noite anterior, mais uma vez pensando em Josh e depois em Delilah, passando para Astrid e Spencer, e voltando a Delilah. Naquela manhã, ela nem ajeitara o cabelo depois do banho, só prendera os fios no alto da cabeça.

– Josh? – perguntou Iris.

Claire assentiu.

– Acampar. Este fim de semana. Tipo, na floresta, com ursos, barrancos e rios perigosos.

Iris fez uma cara de *eita*.

– Você não pode simplesmente dizer não?

– Posso, se quiser que minha filha me odeie.

Iris soltou um suspiro.

– Ah, querida. E se você fosse junto?

Claire já tinha pensando nisso, mas, se fosse junto, havia noventa por cento de chance de que ela e Josh acabassem fazendo algo de que ela se arrependeria depois que Ruby fosse dormir.

Delilah surgiu em sua mente, os dedos macios em sua pele, o modo como ela puxara seu lábio inferior entre os dentes e... Ela balançou a cabeça.

– Sei lá.

Iris estendeu a mão e apertou a dela.

– Que tal se eu pedisse um jantarzinho pra gente, hein? Não sei se você daria conta de esquentar comida congelada neste momento, imagine então cozinhar pra sua filha.

Claire retribuiu o aperto.

– Sim, vai ser ótimo. Obrigada.

Iris mexeu no celular e pediu uma pizza antes mesmo que Claire tivesse tempo de perguntar o que ela e Delilah Green estavam fazendo em sua casa.

– Eu passei o dia todo te mandando mensagem – disse Iris, e bebeu um gole da cerveja.

– Ah, droga, verdade. Esqueci de olhar as mensagens.

Claire pegou o celular e abriu o grupo OBM. Havia várias mensagens não lidas entre Iris e Delilah sobre um *plano*. Na verdade, Iris exigindo um e Delilah respondendo com emojis sem sentido, como um robô e um pager dos anos 1990.

– Desculpa. Eu fiquei presa conversando por mensagem com o Josh o dia inteiro.

Iris assentiu.

– Imaginei que você estivesse ocupada. Por isso a visita.

– Estou surpresa por Delilah ter concordado.

– Ah, ela aceitou rapidinho quando sugeri.

Claire se esforçou para ignorar o tom da resposta de Iris e não olhar de jeito nenhum para a amiga naquele momento, ao mesmo tempo que sentia um sorriso enorme tentando tomar conta de seu rosto.

– Faltam dez dias – disse Iris, e bebeu um gole da cerveja. – E o próximo evento é a despedida de solteira, só dois dias antes do ensaio, o que quer dizer que provavelmente não vamos ver nem falar com Astrid até quarta-feira que vem, porque ela vai estar pra lá e pra cá feito um robô de salto alto.

Claire soltou um gemido.

– Não sei o que fazer, Iris. Ela mal conversou com a gente desde o jantar no vinhedo.

– A não ser pelas coisas do casamento. Ela mal calou a boca na volta pra casa.

– Você entendeu o que eu quis dizer. Conversar de verdade. Mandeí mensagem pra ela hoje de manhã com um *e aí, como você está?*, e ela só respondeu às três da tarde com um emoji do polegar pra cima.

Iris arregalou os olhos.

– Pois é – disse Claire. – Um *emoji*, da mulher que escreve *Estou rindo muito* em vez de mandar *Hahaha*.

– Eu mandei mensagem e ela não respondeu.

– Isso não é bom.

– É exatamente isso que eu estou dizendo.

– Não vamos conseguir fazer a Astrid se abrir se ela nem fala com a gente.

As duas beberam um golão de cerveja e se entregaram a um silêncio tenso. Os pensamentos de Claire rodopiavam, muita coisa de uma vez. Uma pessoa esperta ficaria bem bêbada nesse instante, mas isso só serviria para deixá-la atrapalhada, perturbada e sentimental perto de Delilah, o que revelaria que ela era mesmo atrapalhada, perturbada e sentimental perto de Delilah.

– Então, acampar, é? – comentou Delilah ao voltar para a cozinha, e parou ao ver Claire e Iris olhando para as latas de cerveja, desoladas. –

Credo, o que aconteceu?

– Astrid, a rainha de gelo impassível, foi isso que aconteceu – respondeu Iris.

Delilah fez uma careta e se acomodou na banqueta ao lado de Claire, puxando uma das pernas para junto do peito.

– E isso lá é novidade?

Iris a encarou.

– Pra nós, que temos coração, é.

– Ris – disse Claire, e olhou para Delilah. – Ruby te falou do acampamento?

Delilah fez que sim.

– Termas de Bagby. Parece legal.

Claire quase se engasgou com a cerveja.

– Termas?

– Imagino que Josh não tenha comentado essa parte, né? – perguntou Iris.

– Não, nem minha filha querida – respondeu Claire. – Acho que eu estava ocupada demais imaginando um urso devorando o rosto da Ruby no meio da noite porque Josh deixou as salsichas dando sopa. Eu nem *pensei* em água fervente.

Delilah se encolheu.

– Então não é legal.

– Ah, deve ser o máximo pra qualquer um que não seja um homem-criança responsável pela nossa filha.

Claire voltou a esfregar as têmporas. Ela não daria conta de lidar com aquilo naquele momento. Não com Delilah Green, com suas tatuagens, dedos e boca, sentada ali na cozinha, como se elas não tivessem se pegado feito duas adolescentes pouco tempo antes.

– Consegui! – exclamou Iris, endireitando a postura de repente e arregalando tanto os olhos que Claire ficou com medo que eles saíssem rolando pelo balcão.

– Conseguiu o quê? Herpes genital? – perguntou Delilah.

Iris mostrou o dedo para ela sem perder o ímpeto.

– Achei a solução. Vamos todas acampar.

Claire olhou para a amiga, piscando muito.

– Todas... todas nós?

– Todas nós – respondeu Iris. – Você, eu, a Rainha Gótica aqui, a Ruby, o Josh... e a Astrid.

Delilah cuspiu a água com gás no balcão.

– Merda. Desculpa.

Ela se levantou para pegar papel toalha, só que Claire colocou a mão em seu joelho, deixando-a paralisada no lugar, e continuou olhando para Iris, mas sentia o calor da pele de Delilah através do jeans. Ela voltou a se sentar, e Claire ordenou a si mesma que tirasse a mão dali, mas não conseguia fazer a conexão entre os dedos e o cérebro. Só quando Iris olhou para a perna de Delilah, conseguiu tirar a mão e apoiá-la no próprio colo.

Ao seu lado, ela ouviu Delilah soltar a respiração. Ou talvez tenha só imaginado. Talvez já estivesse bêbada depois de meia cerveja.

Por fim, Delilah pigarreou.

– Astrid Parker. No meio do mato. Dormindo em uma barraca.

– É o que eu estou dizendo – confirmou Iris.

– Você tá chapada, por acaso? – perguntou Delilah. – Ela nunca vai topiar. Astrid precisa das loções hidratantes e do edredom de plumas.

– Ninguém mais fala loção – retrucou Iris. – Por acaso você tem 80 anos?

– Parem, vocês duas – disse Claire.

– Ela vai, sim – garantiu Iris, olhando para Claire. – Se você disser que precisa dela, ela vai.

Os ombros de Claire se encolheram.

– Ris. É muita manipulação.

– Não se for verdade. Você quer que a Ruby possa ir acampar com o Josh sem precisar tomar um calmante a cada cinco minutos, não quer? A única solução é ir também, mas você não quer ficar sozinha com o Josh porque, vamos falar a verdade, o cara é um gato e você sempre faz bobagem quando ele está por perto...

– Espera, o quê?

– ... então, vamos todas, pra te dar apoio moral e sexual. E no meio-tempo fazemos a Astrid falar mais sobre o Spencer.

Iris fingiu soltar um microfone e sorriu para as duas.

– Apoio sexual? – perguntou Claire, com um aperto no estômago.

Iris estendeu a mão e apertou sua bochecha.

– Como eu disse, você não sabe mentir.

Ao seu lado, Claire sentiu Delilah paralisar. Seu joelho, que estava encostado no quadril dela, bem de leve, se afastou, e Delilah finalmente se levantou pra pegar o papel toalha e limpar a água derramada.

Claire sentiu o rosto quente, o sangue correndo para a superfície de sua pele. Então Iris sabia sobre todas as vezes que ela tinha passado a noite com Josh depois que eles se separaram. E, se Iris sabia, Astrid sabia. E agora também Delilah sabia, e ela queria se enfiar embaixo de uma mesa com a garrafa de bourbon que tinha escondido no armário em cima da geladeira para emergências.

Iris estendeu a mão e apertou o braço da amiga.

– Está tudo bem, querida. Eu também daria pra ele se tivesse a oportunidade.

– Ris – murmurou Claire, apoiando o rosto nas mãos.

Ela não ousou olhar para Delilah. Não que aquilo importasse. Não que ela e Delilah tivessem alguma coisa. Não que aquela mulher desse a mínima para com quem Claire dormia.

Ela se sentou direito e tirou a franja dos olhos. Precisava se concentrar, pois, por mais que detestasse admitir, a solução de Iris era a única que evitaria uma guerra com Ruby. Além disso, tudo o que a outra tinha dito era verdade – Claire precisava mesmo das amigas ao seu lado se estivesse disposta a ir, e não seria mentira dizer exatamente isso a Astrid. Se acabassem conversando sobre o fato de Spencer ser um babaca de terno sob medida, tudo bem.

– Tá, vamos ligar pra ela – disse.

Iris sorriu e levou o telefone à orelha.

– Já estava com a ligação preparada.



CAPÍTULO DEZOITO

POR UM MILAGRE, Astrid aceitou ir acampar. Delilah viu o caso se desenrolar escorada na pia da cozinha. Foram necessárias três ligações e algumas mensagens de texto para que a irmã atendesse o telefone, mas Iris era bem determinada quando queria. E, assim que Claire entrou na chamada, explicando que precisava do apoio das amigas, principalmente porque não confiava em si mesma perto de Josh, Astrid pareceu amolecer como um pudim.

Não confio em mim mesma perto do Josh, Astrid. Você sabe disso.

Foi o que Claire disse. Em voz baixa, como se relutasse em admitir, mas Delilah ouviu, em alto e bom som, como um sino de igreja soando pela praça da cidade.

Para começo de conversa, ela nem queria ir até a casa de Claire. Pelo menos, foi o que disse a si mesma o caminho todo. Estava plenamente satisfeita em responder a todas as mensagens irritantes de Iris com emojis aleatórios, mas a mulher tinha que sugerir que elas se encontrassem na casa de Claire para reestruturar os planos? E de repente um emoji de fita de DNA não parecia mais a resposta certa. Desta vez, foi ela quem amoleceu, concordando e saindo do quarto silencioso demais da pousada antes que pudesse pensar no que de fato estava fazendo.

Indo ver Claire mais uma vez, era isso que ela estava fazendo.

Não estava nem aí para o plano de Iris nem para Astrid e Spencer. Mas agora, na cozinha aconchegante da casa de Claire, com as bancadas de madeira e a pia de casa de fazenda, vendo-a andar de um lado para o outro na sala coberta de livros e mantas macias e fotos de Ruby na lareira, ela podia admitir.

Queria ver Claire.

Desde que Astrid fora embora no dia anterior, Delilah estava inquieta. Ansiava por algo, algo doce, que não a obrigasse a ficar o tempo todo tentando contornar, entender, traçar estratégias. E depois de beijar Claire no vinhedo... bom, não estava se sentindo nada calculista.

Só estava se sentindo sozinha pra cacete.

E agora Claire estava dizendo a Astrid que precisava dela para não dar para o ex em um acampamento.

Tá, talvez Claire não tivesse usado exatamente essas palavras, mas o efeito era o mesmo, e Delilah não conseguia se livrar daquele aperto no peito, por mais que respirasse fundo. Era o mesmo pavor que ela havia sentido cinco anos antes ao abrir a porta do apartamento onde vivia com Jax, ouvindo gemidos que não reconhecia atravessarem a madeira.

Era ridículo. Quando isso aconteceu, fazia dois anos que ela estava com Jax. Só tinha beijado Claire uma vez, nem tinha dormido com ela. Estava longe de ser a mesma coisa.

Ainda assim, foi até a geladeira de Claire e pegou uma cerveja. Estava determinada a não beber, a ficar sóbria perto dela para não fazer nada muito idiota, mas agora, com as lembranças de Jax e Mallory misturadas a imagens novinhas em folha de Claire e Josh transando como coelhos em uma barraca sob as estrelas, precisava de alguma coisa para se acalmar.

– Pronto – disse Claire, ao desligar o telefone. – Está resolvido.

– Acho bom você falar pro Josh – sugeriu Iris. – Pra garantir que ele vai reservar vagas suficientes no acampamento.

– Ah é, vou falar.

Ela devolveu o celular a Iris e pegou o seu, que estava em cima da ilha da cozinha. Olhou para Delilah e abriu a boca, mas não disse nada. Desta vez,

Delilah sustentou seu olhar. Queria que Claire...

Fizesse o quê?

Dissesse que Josh não significava nada para ela?

Convidasse Delilah para dividir o saco de dormir?

Enxotasse Iris e a beijasse até perderem os sentidos?

Merda.

Sim, Delilah queria que Claire fizesse tudo isso.

Ela foi a primeira a desviar o olhar, bebendo um gole grande de cerveja. Meu Deus, precisava de alguma coisa mais forte. Precisava... não sentir aquilo. Delilah não se comprometia com ninguém. Ela flertava e transava – e fazia isso muito bem. Então talvez só precisasse fazer aquilo que fazia tão bem com Claire para soltar aquele nó no estômago. Talvez fosse só um nó de desejo. É verdade que ela nunca tinha ouvido falar de um nó de desejo, nem sentido um, mas para tudo tem uma primeira vez.

Claire pegou o celular e saiu pelo corredor enquanto Delilah bebia mais. Sentada no sofá, Iris olhou para ela.

E não parava de olhar.

– Posso ajudar? – perguntou Delilah.

Iris levantou a sobrancelha, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, a campainha tocou.

– É nossa pizza – disse Iris.

– Maravilha.

Delilah nem se mexeu, embora estivesse mais perto da porta. Por fim, Iris bufou, irritada – o que a fez sorrir e sentir que tinha voltado a ser ela mesma –, e se levantou para pegar a comida.



Delilah sabia que provavelmente voltaria para a pousada, mas, depois que a pizza chegou e Ruby voltou para a cozinha com Claire, radiante com a notícia de que iam acampar todos juntos, a garota enlaçou o braço no dela e a chamou para se sentar ao seu lado enquanto comiam. Delilah jamais

recusaria o convite, não com aqueles olhinhos castanhos de cachorro pidão e com a “tatuagem” que pelo jeito a garota desenhara no braço depois que Delilah saíra do quarto, mais cedo.

– Ficou legal – disse Delilah, apontando para a rosa desenhada à caneta perto do pulso de Ruby.

Era um desenho incrível, as pétalas detalhadas, os espinhos pingando orvalho.

– Ah, é, obrigada – respondeu Ruby enquanto elas ocupavam uma das extremidades da mesa rústica da cozinha de Claire. Um rubor se espalhou por suas bochechas.

Claire, que estava sentada em frente a Delilah, ao lado de Iris, sorriu, mas não disse nada sobre a filha pintar a pele. Delilah ficou feliz e, pelo que pôde perceber, pelo modo como os ombros da garota relaxaram, Ruby também tinha ficado.

Delilah deu uma mordida na pizza de espinafre com cogumelos.

– Você gosta de desenhar?

Ruby assentiu e deu de ombros ao mesmo tempo, enfiando o queixo no peito. Meu Deus, Delilah conseguia sentir o constrangimento dela, uma dor familiar por não saber onde nem como se encaixar.

– Eu devia pedir pra você desenhar uma tatuagem pra mim – disse Delilah.

Ruby ergueu a cabeça de repente.

– Sério?

– Sério. Você é boa. Tem outros desenhos pra eu ver?

Ruby piscou para ela, então saltou da cadeira e correu em direção a seu quarto.

– Você acabou de alegrar o ano dela – falou Claire, se aproximando um pouco por sobre a mesa.

Delilah engoliu um pedaço de pizza e deu de ombros.

– Eu não falei pra agradar. Ela é boa mesmo.

– Eu sei. E ela também. Foi por isso que você alegrou o ano dela.

Claire sorriu para ela, o olhar suave atrás dos óculos, as bochechas um pouco coradas. Algo se agitou no estômago de Delilah, como uma mariposa

em volta de uma lâmpada.

– Ninguém nunca pensaria que você fosse capaz de dizer alguma coisa pra agradar, Dê – disse Iris, enfiando uma borda inteira na boca.

Delilah mostrou o dedo do meio instantes antes de Ruby voltar para a cozinha, abraçando um caderno. Enquanto se sentava, ela manteve o caderno embaixo da mesa e o abriu devagar, de ombros curvados. Delilah não tentou tirar o caderno de suas mãos. Era dela, e sabia melhor do que ninguém que a arte que fazemos na infância – sejam desenhos, fotografias ou músicas – é como despejar o conteúdo do nosso coração no mundo. Na verdade, a sensação continuava a mesma na vida adulta.

Ela se aproximou da garota, inclinando a cabeça para ver os desenhos conforme Ruby virava as páginas no colo. Esboços em preto e branco preenchiam cada página. Plantas, flores, xícaras de chá e pilhas de livros, velas, gatos e planetas. Então começaram os rostos: Claire, Josh, Iris, Astrid, garotas mais novas que deviam ser as amigas da escola, o rosto da própria Ruby em várias expressões, de sorridente a desesperada a distorcida, toda uma gama de emoções, sentimentos e pensamentos.

– São incríveis – disse Delilah, a voz baixinha, só para Ruby.

Ela encostou o ombro no da garota, arrancando dela um sorriso orgulhoso.

– Obrigada – respondeu Ruby em voz baixa, e olhou para Delilah. – Você pode me ensinar fotografia?

– Claro. O que você quer saber?

– Tudo. Tipo, iluminação, enquadramento e... tudo. Eu adoro suas fotos.

Delilah inclinou a cabeça.

– Você já viu minhas fotos?

A garota ficou ainda mais corada. Delilah olhou para Claire, que só deu de ombros.

– Eu... é... – disse Ruby.

De repente ela parecia amedrontada, não só nervosa.

– Ei, tudo bem – falou Delilah. – Foto é pra ser vista mesmo.

Ruby soltou um suspiro e assentiu.

– Bom... depois do brunch da Tia Astrid, pesquisei você no meu laptop

e achei seu Instagram.

– Ah.

– Sua conta é maravilhosa.

– Você tem Instagram? – perguntou Iris.

Delilah olhou para ela com a cabeça inclinada.

– Sou fotógrafa. Claro que tenho Instagram.

Um sorriso maligno tomou conta dos lábios de Iris, e ela pegou o celular.

Ah, meu Deus. Delilah não tinha vergonha de sua conta do Instagram.

Hoje em dia, é item obrigatório para qualquer artista visual. É que não estava preparada para ver a cidade inteira de Bright Falls olhando suas fotos. Algumas eram bem brutas, e as últimas pessoas que ela teria em mente ao postar seriam Astrid e seu clã. Só de pensar em ficar ali sentada enquanto Iris Kelly – e inevitavelmente Claire Sutherland – fuçavam sua arte, tinha vontade de vomitar.

– Aí, quer saber? – disse ela para Ruby. – Agora a luz está perfeita lá fora.

Quer que eu te dê umas dicas pra tirar foto com o celular?

Os ombros de Ruby desabaram.

– Eu ainda não tenho celular.

– Mas vai ter – disse Claire, segurando o copo d’água com as mãos.

– Quando? – perguntou Ruby, endireitando a postura.

Claire riu.

– Um dia.

– Argh, você é terrível.

– Eu também te amo – respondeu Claire, os olhos brilhando para a filha.

– Nossa – disse Iris, os olhos esbugalhados encarando o celular. – Você tem 200 mil seguidores?

– E essa é a nossa deixa – falou Delilah, e agitou no ar o próprio celular para Ruby. – O que acha?

– Tá, bora – respondeu Ruby, pegando o caderno e indo na frente, passando pela sala, em direção à varanda dos fundos.

– Puta merda, Claire, olha isso. – Delilah ouviu Iris dizer.

A ansiedade disparou em seu peito e ela saiu apressada pela porta. Não sabia se era um *puta merda* bom ou ruim, mas, de qualquer forma, não

queria ouvir o que Claire tinha a dizer a respeito de suas fotos.

Lá fora, o ar estava fresco e úmido, e o sol estava começando a se pôr, criando uma luz crepuscular lilás que era perfeita para um tipo específico de foto. Delilah e Ruby foram até o quintal. A grama estava um pouco alta e os canteiros de flores tinham algumas ervas daninhas, também havia uma rede pendurada entre duas árvores, além de um fio de luzes coloridas pendurado na varanda que talvez tivesse ficado do Natal, ou talvez fosse uma decoração fixa mesmo. De qualquer forma, o lugar era encantador. Imperfeito. Tinha sinal de vida e era acolhedor, o tipo de quintal que Delilah se lembrava de ter na casa que morara com o pai em Seattle, mas que nunca tivera na Casa das Glicínias.

– Tá – disse Delilah a Ruby, depois de respirar fundo para acalmar o estômago. – Olhe em volta. Veja se alguma coisa chama a sua atenção.

Ruby franziu a testa.

– Tipo o quê?

– Qualquer coisa. Fotografar não é muito diferente de desenhar. Quando vai fazer um desenho, você vê uma coisa interessante que quer desenhar ou pensa em um tema interessante, certo?

Ruby assentiu.

– Com a foto é a mesma coisa. Você vê alguma coisa e quer registrar de um jeito novo, um jeito que só você vê, para depois mostrar pro mundo.

Ruby franziu ainda mais a testa, mas era uma expressão mais de curiosidade que de dúvida. Ela olhou ao redor e começou a caminhar lentamente pelo gramado, o caderno ainda junto ao peito. Delilah deixou que ela vagasse, observando-a analisar seu pequeno mundo.

– Isso aqui – disse Ruby.

Tinha parado em uma bacia de pedra para pássaros no canto do jardim. Estava encardida, cheia de água parada e folhas mortas, mas bem no centro fluava uma única flor branca. Delilah não sabia que flor era aquela, provavelmente uma erva daninha, mas o efeito de uma pequena forma de vida pairando acima da morte... bom, era impressionante.

– Perfeito – respondeu Delilah, sorrindo para Ruby, e entregou o celular à garota, com a câmera já aberta. – Vamos ver como você se sai.

Ruby pegou o celular e soltou o caderno na grama. Sua expressão era de incerteza, mas, depois de alguns minutos observando o objeto e inclinando a cabeça de um lado para o outro, ela começou a fotografar. Demorou um pouco. A garota era meticulosa e cuidadosa, experimentava e balançava a cabeça devagar quando via que a foto não correspondia ao que ela havia imaginado. Por fim, levantou a cabeça e entregou o celular a Delilah.

Passando as fotos, Delilah sorriu.

– Ficaram boas. Gostei do seu ponto de vista nesta.

Ela estendeu o celular para que Ruby visse a borda da bacia, os olhos do espectador quase no nível da água, apenas a flor em foco.

– Pode me mostrar como editar? – perguntou Ruby.

Delilah olhou para a casa e viu Claire em pé na varanda, com os braços apoiados no parapeito como se fizesse um tempo que estava ali.

Iris não estava à vista.

– Acho que eu preciso ir embora – disse Delilah, sentindo as mariposas em seu estômago retomarem o voo.

– E no acampamento? – perguntou Ruby.

Delilah franziu o cenho. Ela nem tinha pensado em ir acampar com eles. Quando Iris dissera *vamos todas*, não havia achado que fosse literal. Além disso, o próximo evento do casamento seria só na quarta-feira seguinte, o que queria dizer que passaria cinco dias gloriosos sem nenhuma Parker nem Parker-Green esbanjando toda a sua decepção. Havia pensado em voltar a Nova York, mas não tinha dinheiro para as passagens.

– Ah, querida, eu acho que não vou.

Ruby pareceu decepcionada.

– O quê? Você tem que ir!

– Eu acho que...

– Não, você tem que ir. Você é legal e eu gosto de conversar com você.

Delilah sorriu, sentindo um calor no peito.

– Sua mãe é legal, né? E a Iris e a Astrid?

Ruby revirou os olhos.

– É, legais que nem um saco de pedras.

Delilah riu e Ruby ficou sorrindo. Na varanda, as luzes coloridas

iluminavam o rosto de Claire de azul e verde.

– Qual é a graça? – gritou.

– Viu? – disse Ruby, apontando para a mãe com o polegar e falando em voz baixa. – Uma pedra.

Delilah olhou para a garota com os olhos semicerrados, um sorriso ainda nos lábios.

– Vamos ver isso do acampamento, beleza? De qualquer jeito, vamos editar suas fotos logo, tá? Eu prometo.

Os ombros de Ruby caíram, mas ela assentiu.

Então a garota deu um passo à frente e abraçou a sua cintura. Por um segundo, Delilah ficou imóvel. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha recebido um abraço. Anos. Jax provavelmente tinha sido a última pessoa a abraçá-la e, no fim do relacionamento, era mais uma transa sem sentido que qualquer outra coisa, alívio do estresse para as duas. E era isso que vinha fazendo desde então – toques automáticos, desespero por sentir a pele de alguém sem se importar com um coração de verdade por trás.

Isso, no entanto... Esse... abraço. E era de uma pré-adolescente ainda por cima. Todos sabem que pré-adolescentes odeiam todo mundo. Delilah ficou sem ar. Literalmente, durante alguns segundos, enquanto Ruby apoiava a cabeça em seu peito, com os braços ao redor de sua cintura, não conseguiu encontrar ar suficiente, e seus olhos arderam com uma onda de lágrimas repentinas.

Mas então ela envolveu Ruby nos braços, encostou o rosto no alto de sua cabeça, exalou o que pareceu uma década de ansiedade e aceitou o amor da garota.



CAPÍTULO DEZENOVE

CLAIRE FICOU ADMIRADA ao ver Ruby abraçar Delilah. Fazia uns dez minutos que tinha saído para dizer à filha que a mãe de Tess tinha ligado para sugerir uma festa do pijama, mas viu as duas conversando, a garotinha olhando para Delilah ansiosa, curiosa e fascinada. Ruby estava com o celular dela nas mãos e começou a andar ao redor da velha bacia para pássaros, que Claire tinha a intenção de limpar fazia tempo, mas, que no final das contas, acabava sempre no fim da lista de prioridades.

Agora estava feliz por não ter limpado.

Havia certa beleza naquela bacia cheia de folhas, e Delilah estava ajudando Ruby a enxergá-la. Ou talvez Ruby já tivesse visto e Delilah fosse apenas uma guia. De qualquer maneira, perdeu o fôlego ao ver o processo se desenrolar, Ruby se curvando e se contorcendo com o celular, Delilah observando em silêncio com uma expressão que Claire só podia descrever como orgulhosa.

Então... Ruby a abraçou. Nos últimos dois anos, ela não demonstrava afeto com facilidade. Adorava se deitar com Claire na cama à noite, bem pertinho, se aconchegando e conversando, quando seu corpo estava menos alerta e pronto para descansar. Durante o dia, no entanto, estava sempre agitada, sempre em movimento, falando, observando, imaginando, e,

quando Claire se aproximava para abraçá-la, Ruby dava um tapinha nas costas da mãe e saía em disparada como o Flash para a próxima atividade. Ela mal deixava que Iris ou Astrid a abraçassem.

E, no entanto...

Claire sentiu um nó na garganta ao ver a filha se abrir para o mundo e o mundo... retribuir. Respirou fundo, estremecendo, quando as duas se separaram, balançou a cabeça para aliviá-la e limpou a umidade repentina sob os olhos.

– Ei, Coelhinha! – chamou.

Ruby se virou e olhou para a mãe.

– Oi?

– A Tess ligou. Quer dormir lá?

– Quero!

A filha correu até ela, deixando Delilah esquecida, mas ao subir os degraus da varanda ela se virou.

– Valeu – disse.

Delilah sorriu.

– De nada.

Então Ruby correu para dentro, os chinelos batendo alto no piso de madeira. Claire viu a filha desaparecer ao entrar no quarto e se virou mais uma vez. Delilah estava andando pela grama, o corpo esbelto fazendo movimentos graciosos, como se andasse sobre a água, e não sobre a terra.

– Cadê a Iris? – perguntou Delilah ao se aproximar da varanda.

– Foi embora. Ela e o Grant tinham combinado de assistir a um filme.

Claire pode até ter imaginado, mas seria capaz de jurar que os passos de Delilah se detiveram por uma fração de segundo ao ouvir a notícia. Mas ela logo continuou, até parar ao seu lado na varanda. O estômago de Claire estava embrulhado, e ela não conseguia entender por quê. Podiam ser tantas coisas. Josh, o acampamento, Astrid...

Ou Delilah.

Podia ser Delilah, parada *bem ali*, olhando para ela com uma expressão suave, e o fato de saber que, se encostasse o rosto no pescoço dela, sentiria cheiro de chuva e grama.

Podia ser Delilah e a casa atrás delas, que logo estaria vazia. Claire percebeu, ansiosa, que devia uma bebida à mãe de Tess. Queria que Delilah ficasse. Queria ficar sozinha com ela. Sabia que era burrice, que aquilo não levaria a lugar nenhum, mas desde o beijo no spa – não, antes disso, muito antes disso – ela não conseguia parar de pensar nela. E não era só uma coisa física. Algo em Delilah fazia Claire sentir aquele nó na garganta, ter vontade de contar todos os seus segredos, querer estender a mão e limpar o seu rosto com o polegar como uma namorada faria. Quando estava com ela – e até quando *pensava* nela –, Claire se sentia jovem e ousada, livre como não se sentia desde antes do nascimento de Ruby.

Olhando para Claire, Delilah mordeu o lábio inferior.

Tá, talvez como *nunca* tinha se sentido. Nem mesmo Josh a deixava tão enlouquecida, tão desesperada para sentir com os dedos a pulsação logo abaixo da orelha de outra pessoa.

O que era um problema, porque Delilah só queria saber do aspecto físico. Claire sabia que aquilo – o que quer que *aquilo* fosse – não tinha como durar, mas não conseguia se conter. Queria aquilo. Queria Delilah. Talvez ela também pudesse ter um relacionamento casual. Talvez não precisasse de encontros e de gritinhos com as amigas, mas só mesmo de uma boa noite de sexo.

Só de pensar nessas palavras, no entanto, algo tremulou em seu peito. Ela ignorou. Podia, sim. Seria bom para ela. Talvez recuperasse o que poderia ter sido a ousadia dos 20 e poucos anos, que havia passado trocando fraldas e empurrando balanços no parque.

– Quer ficar e beber uma taça de vinho? – perguntou.

Mas, exatamente naquele momento, Delilah também falou:

– Então, acho melhor eu ir embora.

As palavras saíram de sua boca como bombas.

– Ah – respondeu Claire.

De novo, ao mesmo tempo que Delilah soltou um:

– Ah.

As duas ficaram se olhando e começaram a rir. O rosto de Claire ficou quente, e ela agradeceu pela luz fraca que não deixava ver o rubor. Ao

mesmo tempo, queria saber se Delilah também estava corada.

Provavelmente não. Não conseguia imaginar Delilah Green corando por quem quer que fosse.

– Desculpa – disse Claire. – Você precisa ir?

– Acho que posso ficar mais um pouco – respondeu Delilah. – Aceito o vinho.

– Ah. Legal.

– Legal.

– Branco ou tinto?

– Tanto faz.

Claire assentiu e ficou ali com cara de boba enquanto Delilah inclinava a cabeça.

– Certo. É... vamos ver o que eu tenho.

Delilah riu.

– Primeiro você.

Entraram no instante em que Ruby atravessou o corredor com a mochila, correndo em direção à porta.

– Mãe, tô indo!

– Ô, espera aí, Coelhinha – disse Claire, indo até ela.

Ruby parou e aturou um abraço da mãe. Claire sorriu encostada ao cabelo da filha e beijou sua cabeça.

– Mãe.

– Tá bom, tá bom. Aproveita. A gente se vê de manhã.

Ruby acenou para Delilah e saiu em disparada. Claire ficou na varanda da frente observando a filha avançar pela calçada até o chalé azul-marinho que ficava a três casas de distância. Depois de ver Ruby entrar em segurança, ela também entrou e fechou a porta.

O silêncio a atingiu primeiro.

Em seguida, o estouro de uma rolha, o líquido despejado em uma taça.

Ela se virou e viu Delilah em sua cozinha, levando uma taça de vinho branco aos lábios.

– Achei esse vinho aberto na geladeira – disse ela, virando o conteúdo amarelo-claro de uma garrafa de Pinot Grigio em outra taça. – Tudo bem?

– Tá ótimo – concordou Claire, observando-a por um instante.

O rosto de Delilah transparecia a calma de sempre, mas também... havia mais alguma coisa ali, alguma coisa no modo como ela inspirou o ar devagar antes de beber um gole, no modo como suas bochechas se encheram, só um pouco, quando ela exalou ainda mais devagar.

Será que Delilah estava... nervosa?

O pensamento foi como uma chuva morna de primavera em uma tarde fresca. Abriu um espaço no peito de Claire, fazendo-a avançar até a ilha da cozinha, pegar a taça e beber um grande gole.

– Não parece que a única coisa que fazemos quando estamos juntas é beber? – perguntou Delilah.

Claire riu.

– Um pouco. Mas, sabe, tem o casamento.

Delilah assentiu.

– O casamento.

– E os planos diabólicos.

– Isso também.

– Então... talvez a gente devesse fazer outra coisa – disse Claire.

Delilah ergueu as sobrancelhas, um sorrisinho torcendo os cantos de sua boca. Claire sentiu o sangue subir ao rosto. Nossa, ela não era nada discreta. Nem era *isso* que ela queria dizer. Não que não estivesse pensando *nisso*, o tempo todo e fervorosamente, desde aquele beijo, mas no momento só queria não pensar em nada. Não se preocupar. Não imaginar.

Não necessitar.

Antes que pudesse pensar no que estava fazendo, ela pegou as cartas do oráculo que a mãe tinha enviado.

– Quer experimentar comigo?

Delilah pegou a caixa e ficou observando a frente, que trazia a imagem de uma mulher com cabelo escuro repartido no meio.

– É a... Emily Brontë?

– Muito bem, você conhece as autoras vitorianas.

– Pelo tanto que me fizeram sofrer nas aulas de inglês.

Claire colocou a mão no peito e arquejou, dramática.

– Sofrer?

– *Sofrer.*

– Tá, eu até concordo que *O morro dos ventos uivantes* é o livro menos romântico da história dos romances vitorianos, mas e *Jane Eyre*?

– Esse é o do babaca que esconde a mulher no sótão e mente pra garota que ele quer comer, que tem, tipo, metade da idade dele?

Claire estremeceu.

– Bom, quando você coloca nesses termos...

– Não fui eu que coloquei nesses termos. A Brontë colocou nesses termos.

– Tá, tudo bem, a literatura vitoriana era meio zoadá.

– Coitada da Jane – comentou Delilah, bebendo um gole de vinho. – Ela merecia coisa melhor.

– Vamos ver como ela foi imortalizada?

Claire balançou a caixa.

– Só acho bom que ela ofereça algum conselho sábio além de *apoie seu homem* – disse Delilah, pegando a garrafa de vinho e seguindo Claire até o sofá.

Claire se acomodou no canto e com certeza não percebeu que Delilah se sentou perto o bastante para que seus joelhos se encostassem, embora o sofá fosse enorme e houvesse espaço mais que suficiente.

Não percebeu, não.

– Tá, como é que funciona? – perguntou Claire.

Ela tirou o plástico que envolvia a caixa. Dentro dela havia um guia cor de coral e uma pilha pesada de cartas grossas e lisas. Eram trinta cartas com autoras e quarenta cartas com o que as criadoras do oráculo tinham chamado de “materiais da bruxa”.

– Alguém já tirou as cartas pra você? – perguntou Delilah. – Do tarô?

Claire deu umas batidinhas no queixo, pensativa.

– Minha mãe amadora conta?

– Depende. Como foi a leitura?

– Acho que citou amor verdadeiro e grande riqueza mais de uma vez.

– Bom, vamos colocar essas cartas pra trabalhar, oras – disse Delilah,

pegando uma do topo da pilha. Ela franziu o cenho. – É... um louva-a-deus.

Ela virou a carta para que Claire visse. De fato, sobre um fundo creme, havia um louva-a-deus solitário.

Claire riu.

– Meu Deus, você vai arrancar minha cabeça depois?

Delilah ergueu as sobrancelhas mais uma vez, mas Claire demorou um pouco para se dar conta do que tinha dito.

A louva-a-deus fêmea só arranca a cabeça do parceiro sexual.

– Não estava nos meus planos – respondeu Delilah, a voz baixa e um pouco rouca.

O calor aflorou no rosto de Claire – e em outros lugares também – enquanto ela folheava o guia até encontrar a imagem do louva-a-deus.

– Na verdade – disse, em tom formal –, o louva-a-deus simboliza inteligência, manipulação e diversão.

Delilah piscou, surpresa.

– Então... – continuou Claire – ... você vai usar sua inteligência insuperável pra manipular alguém por diversão.

– Caramba, parece que eu sou bem babaca.

Ficaram se encarando por um instante, sérias, até Claire finalmente ceder e as duas começarem a rir. O ombro de Delilah tocou o dela, o aroma de verão e mirtilos envolvendo as duas como um entorpecente.

– Acho que não estamos lendo do jeito certo – disse Claire quando se recuperaram.

Ela abriu o guia na página de instruções e leu sobre como embaralhar e sobre as intenções e como dividir o baralho em três pilhas intuitivas. Seguiram o ritual e Claire escolheu uma carta do topo.

Era um louva-a-deus.

As duas caíram na gargalhada na hora. Claire riu tanto que seus olhos se encheram de lágrimas. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha se divertido tanto, se sentido tão... despreocupada. Apesar do louva-a-deus.

– Tá, tá, deve haver mais que insetos manipuladores que devoram os parceiros sexuais aqui – falou Delilah. – Vamos de novo.

Delilah repetiu os movimentos antes de tirar a carta das flores silvestres,

que simbolizavam renovação, romance e despertar; um pavão, esplendor, divindade e desejo; e Gertrude Stein, que aparentemente representava a perspectiva.

– Então sou uma deusa lésbica à procura do amor – disse Delilah, dando de ombros como quem diz “Óbvio”.

– Ah, sim, essa é a mensagem, com certeza – respondeu Claire.

Delilah piscou para ela.

Meu Deus, aquela piscadinha.

Após se recuperar e beber mais um gole de vinho, Claire embaralhou as cartas e tirou as suas: uma maçã, Safo de Lesbos e um vulcão.

Seu estômago se revirou ao ver Safo – sabia que a poeta antiga representava algo homoerótico. Antes que procurasse o que a maçã e o vulcão simbolizavam, no entanto, Delilah tirou o guia de suas mãos.

– Ei! – protestou ela, tentando pegá-lo de volta.

– Ah, não. Você leu o meu, eu leio o seu.

Claire fez um biquinho, mas seus lábios ainda assim conseguiram formar um sorriso. Paquerando. Elas estavam se paquerando, não estavam?

– Tá, vamos ver – disse Delilah, folheando o guia. – Safo... bom, a gente conhece e ama Safo, né?

Claire riu, lutando contra o rubor.

– É.

– Ela representa a amada, o desejo, é claro, e alçar voo.

– Então eu estou fugindo daquilo que quero?

A interpretação saiu de sua boca antes que ela pudesse se conter, a primeira coisa que surgiu em sua cabeça.

– Não sei. Está? – perguntou Delilah. O tom provocante de sua voz tinha sumido completamente.

Claire pigarreou e pegou as cartas da maçã e do vulcão, observando-as com atenção.

– Mas também estou com muita fome e... estou... fervendo de raiva?

Delilah folheou o livro. As sobancelhas erguidas, um sorrisinho no rosto, virou as páginas para a frente e para trás, várias vezes.

– Ah, meu Deus, o que foi? – perguntou Claire, tentando pegar o livro

de volta e desta vez conseguindo. Ela achou a maçã.

Os sentidos, fome e... sexo.

Sentiu um aperto no estômago, mas não olhou para Delilah e virou para a página da carta do vulcão.

Paciência, repressão e... ah, pelo amor de Deus.

Luxúria.

Ela piscou olhando para as páginas, aturdida. Ao seu lado, Delilah estava rindo em silêncio, com uma das mãos cobrindo sua bela boca. Claire achou que fosse ficar envergonhada, até agoniada, mas não ficou. Em vez disso, teve vontade de sorrir, flertar e brincar. Caramba, queria dizer a verdade e não sentir vergonha.

– Tá, então estou cheia de tesão – disse finalmente, dando de ombros e jogando o livro no colo de Delilah. – E daí?

– Mas você tem muita paciência – completou Delilah, indicando a carta do vulcão.

– Ou sou reprimida pra caramba – disparou Claire.

As duas riram, serviram mais vinho e fim de papo.

Durante a hora seguinte, elas se perderam nas cartas. Tiraram galinhas e Sylvia Plath, xícaras de chá, luvas e Octavia Butler. Fizeram interpretações loucas e improváveis – e também algumas que pareciam suaves e mansas, como um sussurro. Mal tocaram a última taça de vinho, mas ainda assim a cabeça de Claire estava nebulosa. Ela não estava bêbada, mas estava diferente. Demorou alguns minutos para encontrar a palavra certa.

Feliz.

Estava feliz.

– Então – disse Delilah, batendo em uma carta com um fantasma apoiada no joelho. – Você vai amanhã?

Claire soltou um suspiro, recostando a cabeça no encosto do sofá.

– É o que parece. Não sei o que a Iris acha que vai acontecer nesse acampamento. Astrid odeia acampar.

– Não diga.

Claire deu um sorriso torto.

– Olha, ela fazia coisas ao ar livre.

– Desde que tivesse ar-condicionado e uma banheira esperando por ela no fim da trilha.

– Tá, é verdade. Mas ela vai dormir em uma barraca por mim.

Delilah inclinou a cabeça.

– Nisso eu acredito.

Claire ficou olhando para ela por um segundo.

– Você vai, né?

– Acampar?

Claire assentiu.

– Acho que não é uma boa ideia.

– Por que não? Ruby quer que você vá.

– Astrid provavelmente não quer. Não é um evento ligado ao casamento, e o objetivo é deixá-la amigável e vulnerável pra ela perceber que não está apaixonada pelo Ken.

Claire franziu a testa.

– Ken? O nome dele é...

– Eu sei, Claire. Ken de boneco Ken.

– Ah. – Claire riu e esfregou a testa. – Nossa, desculpa. Em geral eu entendo as piadas.

– Bom, você está com muita coisa na cabeça. Com o Josh e tal.

De repente o tom de Delilah ficou afiado, dilacerando toda a felicidade anterior e deixando Claire paralisada. Ela olhou para ela e sua expressão fria.

Fria demais.

A boca de Delilah estava retraída e as pontas dos dedos esbranquiçadas segurando a taça cheia. Logo ela pareceu perceber que estava toda tensa, porque se levantou de repente, jogando a carta do fantasma no sofá antes de pegar a garrafa e ir em direção à cozinha.

– Só estou dizendo que dá pra entender o seu estresse – disse ao sair.

Claire também se levantou, colocou a pilha de cartas sobre a mesinha de centro e foi atrás dela.

– Delilah.

Deixando a garrafa e a taça na bancada, Delilah abanou a mão num gesto despreocupado, como se não tivesse cuspid o nome de Josh como

quem falava da peste bubônica.

Ela estava... com ciúme.

Putá merda, Delilah Green estava com ciúme de Josh.

O pulso de Claire acelerou, a respiração curta e rápida em seus pulmões. Ela precisava descobrir o que fazer, e rápido. Por um lado, tinha certeza de que Delilah queria que ela agisse como se nada tivesse acontecido e, por outro, o ciúme a fez desejá-la ainda mais, fez tudo nela se eletrizar e explodir.

Ela deixou a taça de lado e contornou a ilha para se aproximar de Delilah. Não ficou exatamente ao lado dela, mas estava mais perto do que antes. Um passo de cada vez.

– A gente... a gente vai conversar sobre aquela noite? – perguntou.

Era a transição perfeita e, pelo amor de Deus, ela precisava mesmo conversar sobre aquela noite.

Ou repeti-la imediatamente. Das duas, uma.

Delilah soltou um suspiro, colocando o cabelo atrás das orelhas. Seus cachos eram tão fartos que escaparam de novo na mesma hora. Claire desejou desesperadamente estender a mão e tirar o cabelo de seu rosto.

– Talvez a gente não devesse – respondeu Delilah.

– Por que não?

– Porque eu tirei a carta do louva-a-deus e isso pode ter um desdobramento terrível pra você.

– Bom, parece que eu tirei todas as cartas relacionadas a sexo que existem naquele baralho – disse Claire, rindo, tentando trazer de volta a leveza que havia entre elas.

Mas Delilah não riu.

– A gente não devia conversar sobre isso porque...

Mas não terminou a frase. Ficou olhando para Claire, o olhar penetrante descendo até sua boca e pairando ali antes de voltar para seus olhos.

– Por quê? – perguntou Claire.

– Por causa do Josh – respondeu Delilah.

– Ele é pai da Ruby. Ele não é... Nós não somos...

– Mas já foram? Quer dizer, depois que terminaram.

Claire piscou, hesitando, mas queria ser sincera.

– Já. Mas faz um tempo. Mais de dois anos.

– Mas ainda é complicado.

– Por que você liga pra isso?

A pergunta escapou, afiada e suave ao mesmo tempo. Delilah ficou olhando para ela por um instante, então percorreu a quina da ilha, cada vez mais perto. Claire virou o corpo, acompanhando-a, até as duas ficarem exatamente de frente uma para a outra, a lombar apoiada na pedra.

Delilah se aproximou ainda mais, cada braço de um lado do quadril de Claire, se apoiando na bancada e a confinando. Como por instinto, as mãos de Claire foram até a cintura de Delilah, os dedos agarrando o algodão de sua camiseta. Ela puxou um pouco o tecido, trazendo-a para ainda mais perto. O quadril e o peito se encostaram, não restando nem um só centímetro entre os corpos.

Delilah inclinou a cabeça, os lábios sussurrando junto da boca de Claire.

– Não ligo – disse.

E foi o que bastou para que Claire deslizasse a mão pelo cabelo de Delilah e percorresse a pouca distância que restava entre elas.



O beijo não foi como aquele no vinhedo. Daquela vez o beijo tinha começado lento e hesitante, se arrastando até apressar o passo.

Agora foi como um tiro de largada, o salto que dá início à corrida. Línguas e dentes, suspiros em bocas abertas. Claire nunca tinha sentido tanta vontade de se aproximar de alguém. Queria subir naquela mulher, arrancar as roupas dela e traçar uma risca com a língua do umbigo até aquele lindo declive na clavícula. Enterrou as mãos nos cachos de Delilah, inclinando a cabeça para conseguir um ângulo novo, a língua buscando e saboreando, vinho e chuva de primavera, um toque de menta. Já as mãos de Delilah passeavam, deslizando pelos braços de Claire até seu rosto e voltando ao quadril. Seus dedos se enfiaram embaixo da camisa dela, pele

com pele. Arrepios irromperam e um gemido escapou dos lábios de Claire para os de Delilah.

– Sobe aqui – pediu Delilah, ajudando Claire a subir na bancada.

Claire saltou enquanto Delilah a levantava, afastando as pernas ao se sentar na pedra. Delilah deslizou as mãos por suas coxas cobertas pelo jeans, os polegares mergulhando nas dobras onde o quadril se unia às pernas quando as bocas voltaram a se encontrar. As mãos dela subiram até a cintura de Claire, por baixo da camisa, dançando por suas costelas e sobre o sutiã.

Claire se afastou apenas o suficiente para começar a abrir a camisa, mas Delilah a deteve.

– Eu abro – disse.

Claire sorriu e apoiou as mãos na bancada gelada. Delilah manteve os olhos nela enquanto seus dedos abriam um botão, depois outro, revelando o sutiã de renda preto. Claire agradeceu por todos os seus sutiãs serem bonitos, quase sensuais. A calcinha era outra história, mas ela se preocuparia com isso depois. Porque agora Delilah estava abrindo sua camisa e, como Claire estava sentada em um lugar um pouco mais alto, sua posição era perfeita para tocar o peitoral de Claire com a boca, o que ela fez, liberando a língua para sentir seu sabor. Ao mesmo tempo, suas mãos subiram, segurando os seios de Claire e tocando os mamilos já intumescidos com os polegares.

Claire gemeu e jogou a cabeça para trás. Fechou a boca, tentando se controlar, mas sempre fora barulhenta na cama, e tinha a sensação de que Delilah ia arrancar cada grito que estava preso em seu peito desde o último orgasmo que não fora autoinduzido.

– Nossa, seus peitos são perfeitos – disse Delilah, puxando uma das taças do sutiã para baixo e chupando com a boca quente um dos mamilos.

– Meu Deus – falou Claire, envolvendo o quadril de Delilah com as pernas. Ela tentou se concentrar. – É mesmo?

– Uhum.

– Você... você não acha que são muito...?

Delilah fez uma pausa, soltando o mamilo de Claire, a contragosto, e olhando para ela.

– Muito o quê?

Claire engoliu em seco, arfando como uma maratonista.

– É que... sabe, sempre foram grandes, e eu tive uma filha, então eles não são mais do jeito que eram e...

Delilah brincou com o mamilo entre o polegar e o indicador, fazendo Claire inspirar, trêmula. Então deslizou a alça do sutiã pelos braços dela, abriu o fecho e jogou a peça por cima do ombro.

– Perfeitos – repetiu, massageando os seios de Claire enquanto a beijava e sugava seu lábio inferior.

Os dedos de Delilah ficaram ocupados com os mamilos, apertando e roçando até Claire literalmente ofegar em sua boca, com a calcinha tão molhada que dava para sentir a umidade nas coxas. Ela se afastou, puxando a camiseta preta de Delilah. Precisava de pele com pele, suor, dedos e línguas.

– Tira – disse. – Agora.

Delilah sorriu para Claire e se inclinou para trás o suficiente para que ela tirasse sua camiseta.

Claire gemeu alto ao ver o sutiã amarelo que cobria os seios menores mas também perfeitos de Delilah. Seus mamilos estavam visíveis, dois picos rosa-escuros já rígidos, esperando pela boca e pelas mãos de Claire. Suas tatuagens eram maravilhosas, pura arte se desenrolando na pele, incluindo uma rosa delicada mas cheia de espinhos entre os seios.

Claire estendeu a mão, tocando os espinhos e as pétalas, fazendo Delilah estremecer.

De repente, estar sem camisa não bastava mais. Por mais que transar na bancada da cozinha pudesse ser divertido, ela queria espaço para se movimentar, sentir as coxas de Delilah a envolvendo, a curva de seu quadril e o quanto ela estava molhada entre as pernas.

Meu Deus, elas estavam mesmo fazendo aquilo.

– Quer ir pro quarto? – perguntou Claire.

– Só quero!

Delilah deu um passo para trás para que a outra descesse, mas então a puxou contra seu quadril, beijando-a com vontade enquanto Claire as

conduzia pelo corredor. Claire andava de costas, os seios nus tocando o sutiã de Delilah e criando uma fricção maravilhosa.

– Não sei pra onde estou indo – disse Delilah sem tirar a boca dos lábios de Claire ao entrar no corredor.

Claire riu e se virou para se localizar, mas sem soltar Delilah. Não conseguia. Se soltasse, podia acordar, ou Delilah podia mudar de ideia, ou *ela mesma* podia mudar de ideia, e tudo que queria naquele momento era não pensar em nada que não fosse deitar aquela mulher na cama.

Claire as levou até o quarto e continuou avançando até as pernas de Delilah baterem na cama, fazendo-a cair de costas no colchão, rindo.

Exatamente como Claire a queria.

Então subiu em cima de Delilah, desabotoando a calça dela e a deslizando pelas coxas. Delilah estava com uma calcinha de renda rosa-choque, claro. Claire ficou literalmente com água na boca ao arrancar a calça de Delilah de seus pés e passar as mãos por aquela barriga firme, os polegares tocando a beirada da renda. Ela começou a puxar a calcinha também quando Delilah se ergueu e deitou Claire na cama.

– Ah, não. Sua vez de ficar sem calça – disse Delilah, abrindo e deslizando a peça de roupa para baixo como Claire tinha feito, revelando a calcinha branca de algodão, os furinhos nas coxas e as estrias.

Claire foi tomada por uma onda de insegurança. Sempre tinha sido encorpada, e era feliz com isso, até autoconfiante, mas a primeira vez na cama com alguém disparava, sem exceção, uma onda breve de timidez. Quis cobrir a barriga com as mãos, mas Delilah segurou seus braços e os acomodou acima da cabeça de Claire. Então, sentou-se, com os joelhos ao lado das pernas dela, para olhá-la de cima a baixo. Claire sentiu o rosto queimar, mas sentiu também uma palpitação entre as coxas ao ver o olhar de Delilah, como se fosse a sobremesa e ela ainda estivesse com muita fome.

Delilah mudou de posição, deslizando por seu corpo para beijá-la.

– Você tem noção do quanto é gostosa? – perguntou com a boca na dela. Claire soltou uma risadinha.

– Hum... bom...

A língua de Delilah traçou um caminho quente até seu pescoço.

– Muito. Muito, muito gostosa.

Claire passou as mãos levemente pelas costas de Delilah e tirou seu sutiã puxando-o por cima da cabeça. As duas soltaram um gemido suave quando seus seios se tocaram.

– Só pra você saber – disse Claire. – Eu... eu não faço isso há um tempo.

Delilah levantou o rosto do caminho que mordiscava entre o pescoço e o ombro de Claire.

– Isso?

– Sexo.

Delilah sorriu e acomodou uma das pernas entre as de Claire, pressionando a coxa contra ela.

– Ah... meu Deus – murmurou Claire, agarrando o edredom quando um raio de prazer disparava por seu corpo. Ela sentia a excitação de Delilah na própria perna, úmida e quente, mesmo através da calcinha.

– Acho que não vamos ter nenhum problema – disse Delilah, ondulando o quadril mais uma vez, causando uma fricção bem onde as duas desejavam.

– Caramba – sussurrou, com a boca no pescoço de Claire. – Preciso sentir seu sabor. Diz que sim.

O desejo na voz de Delilah foi parar direto entre as pernas de Claire, e a ideia daquela boca quente em seu clitóris...

– Meu Deus, sim – pediu Claire, o corpo se projetando para cima, buscando mais pressão.

Delilah deu um beijo em seu pescoço e começou uma jornada lenta e tortuosa descendo pelo seu corpo. Língua, lábios, dentes, parando para explorar um mamilo, depois o outro, antes de continuar a descida molhada pela barriga. Claire viu aqueles cachos escuros descendo, sentindo cada arranhão das unhas de Delilah quando ela enganchou os dedos em sua calcinha de algodão e a puxou, passando pelas coxas e pés. Claire abriu as pernas, o quadril subindo para encontrar Delilah, que se acomodou entre elas.

– Caramba – sussurrou Delilah, dando um beijo na parte interna da coxa de Claire. – Você é maravilhosa. – A outra coxa, mais um beijo. – E está muito molhada.

Claire soltou uma risada trêmula. Estava molhada *mesmo*. Seu clitóris latejava, desesperado pelo contato, mas Delilah não parecia estar com pressa, passando a boca suavemente entre as pernas dela, a língua disparando para experimentar cada cantinho, exceto onde Claire mais precisava. Quando Delilah traçou uma lambida lenta da entrada até o clitóris, depois soprou uma lufada de ar quente e – minha nossa – soltou um leve gemido de prazer em sua pele, Claire quase perdeu a cabeça.

– Meu Deus, Delilah. Por favor.

Delilah sorriu para ela.

– Por favor o quê?

Claire gemeu, frustrada, o quadril subindo em direção ao teto.

– Me diz o que você quer – pediu Delilah, a boca tão perto, o hálito quente deslizando pela pele dela mais uma vez.

– Me come – implorou Claire, os dedos agarrados ao cabelo de Delilah.

– Por favor, me come com essa sua boca.

E descobriu que Delilah era excelente em seguir instruções. Ela enganchou os braços nas coxas de Claire, puxando-a mais para perto, e sua boca entrou em ação, fazendo exatamente o que Claire tinha implorado. Beijou e lambeu, a língua deslizando como seda. Um gemido baixinho irrompeu da garganta de Claire, um som que ela talvez nunca tivesse soltado antes, mas não queria nem saber, não estava nem aí, porque os dedos de Delilah substituíram a língua, ondulando dentro de Claire e pressionando suas paredes internas. A boca de Delilah se fechou ao redor do clitóris e sugou, então lambeu, e voltou a sugar. As coxas de Claire tremeram, suas mãos puxaram o cabelo de Delilah de um jeito que ela esperou que não fosse forte demais, mas não conseguia pensar, nem se preocupar, nem fazer nada além de suspirar e gemer enquanto a língua e a boca de Delilah a sorviam, fazendo exatamente como ela havia pedido, até atingir o auge do clímax. As pernas envolveram a cabeça de Delilah, as unhas cravadas em seu couro cabeludo enquanto ela gritava obscenidades para o teto.

Delilah ficou ali até o corpo de Claire se acalmar, trazendo-a de volta à terra aos poucos, com toques suaves da boca na pele sensível. Finalmente, quando Claire voltou a enxergar direito, ela puxou Delilah e a beijou. Sentir

o gosto de seu próprio corpo na língua dela foi como acender um fósforo em sua barriga.

– Foi bom? – perguntou Delilah.

Claire apenas riu com a boca ainda na dela.

– Você fez um escândalo, então vou aceitar como um sim – continuou Delilah, e Claire ficou paralisada.

– Ah. Merda. Desculpa, eu...

Mas Delilah a interrompeu mordiscando sua orelha.

– Tá brincando? Foi a coisa mais gostosa que eu já ouvi na vida.

– Sério?

Claire mal conseguia acreditar. Delilah certamente já tinha ouvido muitas mulheres gozando.

Mas Delilah só assentiu e estendeu a língua para sentir o suor no pescoço de Claire. Seu quadril pulsava, cheio de desejo. Claire voltou a puxar os cachos dela, arrancando um gemido baixinho mas retumbante de seu peito, o que, tudo bem, talvez fosse a coisa mais gostosa que *Claire* já tinha ouvido na vida. O som fez com que ela se sentisse bestial, desesperada, e queria que Delilah gozasse com a mesma intensidade que ela. Apalpou sua calcinha, que – e aquilo era ridículo – ela ainda estava vestindo. Delilah logo entendeu, se afastando de Claire e arrancando a peça rendada com pouquíssima elegância antes de jogá-la em um canto escuro do quarto.

– Boa – disse Claire.

Passeou o olhar sobre Delilah, que estava depilada; não havia nada mais que uma pista de pouso perfeita guiando o caminho. Claire agarrou o quadril de Delilah e abriu suas pernas, puxando-a até ela ficar sentada, montada nas coxas de Claire, as mãos apoiadas em suas costelas. Quando seu centro quente encontrou o monte de vênus de Claire, as duas gemeram.

– A melhor decisão que já tomei – respondeu Delilah, com a respiração irregular.

Claire projetou o quadril e o ajustou para que seu osso pélvico tocasse Delilah exatamente no ponto em que ela precisava. Delilah arfou e jogou a cabeça para trás, seu corpo inteiro ondulando para sentir a fricção. Claire sentiu o próprio desejo crescer de novo, como uma mola se retesando cada

vez mais na barriga a cada suspiro delicioso que Delilah soltava. Claire não tirou os olhos dela, que deslizava sobre seu corpo. Estendeu a mão entre as duas, os dedos brincando no calor encharcado de Delilah.

– Ah, nossa – disse Delilah olhando para cima. – Isso.

Ela levantou o quadril só o suficiente para que Claire escorregasse primeiro um, depois dois dedos para dentro dela. Era tão apertada, tão perfeita, e as costas da mão de Claire tocavam seu próprio clitóris.

Delilah jogou o tronco para trás e projetou o quadril.

– Isso! Isso! – exclamou, antes de seu corpo se retrair.

Ela enfiou uma das mãos no próprio cabelo, puxando os cachos no rosto ao gritar, fazendo seu corpo apertar a mão de Claire com tanta força e perfeição que Claire também gozou, seus gemidos se misturando ao cheiro de suor e sexo, seus corpos se arqueando e desacelerando, a respiração pesada e irregular.

A mão de Delilah envolveu o punho de Claire entre as duas, tirando sua mão dali e segurando-a contra o peito antes de – minha nossa – abrir a boca e lamber seus dedos. O toque da língua de Delilah e seus olhos se fechando em êxtase quase deixaram Claire pronta para mais uma, mas ela estava exausta o bastante para apenas apreciar a vista, maravilhada com aquela mulher em sua cama. Ela soltou a mão, as pontas dos dedos demorando a deixar os lábios de Delilah antes de repousarem em sua coxa. Delilah desabou no colchão ao lado dela, e ficaram deitadas assim por alguns minutos, as pernas ainda emaranhadas. No quarto silencioso, o único som era o dos pulmões puxando o oxigênio.

Delilah levantou a cabeça e olhou nos olhos de Claire.

– Puta merda.

– Puta merda mesmo – concordou Claire.

Ela envolveu a cintura de Delilah com os braços, não queria que aquele momento acabasse, mas então viu o cabelo dela.

Ele. Estava. *Enorme*. Emoldurava seu rosto como um halo, os cachos emaranhados, crespos e indomáveis, a própria definição de cabelo pós-sexo.

E era a coisa mais fofa que Claire já tinha visto.

Ela simplesmente soltou uma risada comprida, aliviada, satisfeita e feliz.

Então segurou o rosto de Delilah – depois de encontrá-lo embaixo de toda aquela cabeleira – e a beijou com vontade.



CAPÍTULO VINTE

UMA VIBRAÇÃO NA MESA DE CABECEIRA acordou Delilah. Ela levantou a cabeça, o quarto irreconhecível por uma fração de segundo antes que a noite ressurgisse em sua mente.

Claire.

Ela estava na casa de Claire.

Na cama dela.

Claire enrolada nela como um pretzel, o rosto encostado em seu pescoço, a respiração suave e sonolenta. Ela estava completamente desmaiada, o que não era nenhuma surpresa. Quando as duas pegaram no sono depois da meia-noite, exaustas e moles, cada uma já tinha gozado mais duas vezes e Delilah tinha descoberto que Claire tinha uma boca muito talentosa.

Agora, não fazia ideia de que horas eram, mas ainda estava escuro lá fora, e o celular de Claire fazia um barulho infernal na mesa de cabeceira.

– Claire.

Ela sacudiu Claire de leve.

– Hum. – Claire só se aninhou ainda mais ao corpo de Delilah, o braço caindo sobre a cintura da outra.

– Claire, seu celular. Oi. – Ela afastou o cabelo do rosto dela, o luar

entrando pelas cortinas leves e prateando sua pele.

Porra, aquela mulher era maravilhosa.

Bzzz.

Delilah estendeu a mão e pegou o aparelho, um nome desconhecido piscando na tela.

– Claire, é a Maria. – Quem quer que ela fosse.

– Quê? – Isso chamou a atenção de Claire, que se sentou, piscando várias vezes, o lençol caindo até sua cintura. – Onde?

– No telefone?

Delilah entregou o aparelho e Claire saiu da cama meio atrapalhada, nua e perfeita, e pegou o roupão que estava em uma cadeira perto da janela. Ela colocou os óculos e levou o celular à orelha.

– Maria? Tudo bem com a Ruby? Ah, não. Quero falar com ela, sim, claro. – Ela se virou para Delilah, mordendo a unha do polegar, preocupada.

– Ruby? O que foi, querida? Tudo bem... Calma, amorzinho. Respire fundo... Você tem certeza que não quer dormir e... Tá... É claro que você pode vir pra casa. Diz pra mãe da Tess que eu vou encontrar você na calçada... Tá bom, querida. Vai ficar tudo bem.

Então ela desligou, tirando o roupão e vestindo uma legging e uma regata.

– Tudo bem? – perguntou Delilah.

– Tudo, tudo. Era a mãe da Tess. A Tess e a Ruby brigaram, e ela quer vir pra casa. Diz que não consegue dormir.

– Ah.

– Elas têm brigado muito ultimamente. – Claire balançou a cabeça e esfregou os olhos, o cabelo bagunçado caindo sobre os ombros. – Eu já volto.

– Claro.

Claire parou à porta.

– É... Fica aqui dentro, tá? Vou colocar a Ruby na cama logo. Ela deve estar exausta. Só... – Ela parou de falar, com uma expressão insegura enquanto mordia os lábios.

Delilah entendeu o que ela queria dizer. *Por favor, não deixe minha filha*

de 11 anos saber que estamos dormindo na mesma cama. Ela compreendia, mas ainda assim sentiu um aperto no peito e de repente quis muito estar vestida.

– É melhor eu ir embora – disse.

De qualquer forma, Delilah raramente passava a noite em outra casa depois de transar. Por que desta vez seria diferente? Mas não conseguia se levantar do colchão.

– Não, não vai embora – pediu Claire. – Me dá só dez minutos, tá?

Ela assentiu e Claire saiu. Delilah ouviu a porta da frente se abrir e fechar, e suspirou no quarto vazio. Ela devia mesmo ir embora. Tinha transado com Claire, saciado o desejo, e estava satisfeita. E sem dúvida tinha provado que Astrid estava errada com aquele papo de *Claire jamais daria em cima de você*.

É, era o fim. Claire não a queria ali com Ruby em casa mesmo. Delilah empurrou as cobertas, achou o sutiã, a calcinha e a calça, mas a camiseta não, porque ainda estava no meio do chão da cozinha.

– Merda.

Ela foi até a porta, mas, antes que pudesse abri-la para tentar sair de fininho e recuperar a camiseta – e quem sabe sair correndo pela porta dos fundos como um adolescente fugindo de um pai com uma espingarda –, ouviu a porta da frente se abrir e fechar, com a voz de Claire e de Ruby se aproximando do corredor.

– Eu... é que... ela é... tão... malvada...

Ruby estava chorando, as palavras saindo em soluços gaguejados.

– Querida, calma. Vamos dormir, tá? – disse Claire. – Podemos conversar amanhã e pensar num jeito de resolver tudo. Prometo.

– Posso... posso dormir com você? – perguntou Ruby.

Delilah ficou tensa. Olhou ao redor, imaginando se não devia mergulhar no armário ou pular pela janela.

Aquilo tudo era ridículo.

Ela estava prestes a rastejar para debaixo da cama quando Claire respondeu.

– Ah, querida, acho que você vai dormir melhor na sua cama. Mas a

gente vai acampar amanhã, lembra? E você pode dividir sua barraca com quem você quiser.

Ruby respondeu, mas Delilah não conseguiu ouvir suas palavras, pois a voz das duas desapareceu quando elas avançaram pelo corredor. Ela se jogou de volta no colchão, as mãos na cabeça. Estava mesmo prestes a se esconder embaixo da cama?

Estava. Estava, sim.

A porta se abriu e Claire entrou.

– Oi.

Delilah soltou um suspiro.

– Oi.

– Desculpa. Ela já está na cama. Você...

– É melhor eu ir.

Claire ficou paralisada, a boca aberta. Ela se aproximou de Delilah, retorcendo os dedos.

– É, talvez seja melhor mesmo.

Mas nenhuma das duas se mexeu, e Delilah não sabia o que dizer. Antes, o sexo nunca tinha deixado as coisas tão... complicadas. E ela também nunca tinha sido um segredo. Às vezes, mulheres comprometidas a abordavam em bares, o excesso de vinho branco correndo nas veias, mas tinha uma regra rígida de nunca ir para a cama com a parceira monogâmica de ninguém. Sabia como era estar do outro lado dessa história, e nenhum orgasmo valia causar esse tipo de dor a alguém.

Aquela sensação aterradora de não ser o bastante.

Ela esfregou a testa, a mesma sensação – de todos os anos passados na Casa das Glicínias e depois com Jax – ressurgindo agora. Como é que isso tinha acontecido?

– Você pode ficar mais umas horas, se quiser – disse Claire. – Dormir um pouco.

– Mas ir embora assim que o sol nascer, né? – Delilah olhou para ela, um sorriso amargo nos lábios.

– Delilah, isso não é justo.

– Não. Acho que não é mesmo.

– Eu só tomo cuidado com quem eu aproximo da Ruby, só isso. A última pessoa que eu namorei nem conheceu a minha filha. E namoramos mais de um mês.

– Mas eu já estou próxima da Ruby.

– Não assim. – Claire apontou para Delilah com o peito de fora, a cama desarrumada. – Não como alguém que significa... – Ela parou de falar e fechou os olhos. Ao abri-los novamente, sua voz saiu baixinha. – Mais uma vez, por que você liga pra isso? É só sexo, né?

Delilah franziu o cenho. Ela nunca dera a entender que estava atrás de uma ficada e nada mais, embora fosse exatamente isso. Não podia ser mais que isso. Elas moravam a 5 mil quilômetros uma da outra, ela tinha o Whitney e sua arte, e nunca mais correria o risco de se magoar por uma mulher que ainda não tinha superado o último relacionamento. Não sabia o que Josh significava para Claire, mas ele devia significar alguma coisa. Era o pai da filha dela, era atraente e sempre estaria na vida dela.

– É – disse Delilah, levantando-se e indo em direção à porta. – É só sexo. Claire bloqueou o caminho.

– Tá, então qual é o problema?

– Não tem problema nenhum.

– Tem, sim. Eu estou vendo que tem.

– Você não está vendo merda nenhuma, Claire. Você não sabe nada sobre mim. Quer me enfiar em um armário...

– Um armário? O quê?

– ... e, ah, imagino que eu tenha que esconder o *sexo* da Astrid, né? Você não ia querer magoar a Princesa Perfeita. Agora, se você fizer a gentileza de sair da frente, preciso pegar minha camiseta e voltar pro meu inferno floral naquele quarto de hotel.

Claire não se mexeu. Na verdade, pareceu se fixar mais ainda no lugar, franzindo a testa ao estender as mãos e segurar os braços de Delilah.

– Olha. Para um pouco, tá? Calma.

Delilah mordeu o lábio inferior, mas parou. Sentia um aperto no peito e uma pressão que se acumulava atrás dos olhos, como se precisasse liberar alguma coisa. Meu Deus, fazia tanto tempo que não se sentia assim, como se

estivesse encolhendo, como se todos à sua volta fossem mais importantes que ela. Estava cansada. Cansada, exausta e, vá lá, talvez um pouco perplexa com o fato de que aquela talvez tivesse sido a melhor transa de sua vida. Ninguém simplesmente dá as costas para a melhor transa da vida.

– Não quero que você vá – disse Claire. – Tá bom?

– Por que não?

Os olhos de Claire procuraram os dela. Foi recíproco.

– Porque eu preciso disso – respondeu Claire, finalmente, deslizando as mãos pelos braços de Delilah para enlaçar os dedos nos dela. – E foi... *muito bom*.

Delilah deu um sorrisinho triste.

– E eu entendo que você prefira as coisas casuais – continuou Claire. – Por mim, tudo bem. Tudo bem mesmo. Depois do casamento da Astrid, você vai voltar pra Nova York e eu vou ficar aqui e vai ser o fim. Mas estamos no mesmo lugar agora. E eu... bom... eu quero te ver de novo.

– Quer me comer de novo, você quer dizer – disse Delilah, mas sorrindo.

Isso ela conhecia. Isso ela entendia. Já tinha se envolvido com alguém durante alguns dias, até semanas, até que uma das duas terminasse tudo por algum motivo amigável e prático.

O rosto de Claire ficou corado.

– Tá. É isso. Você não quer?

– Que você me coma?

– Delilah.

Ela riu e levou as mãos entrelaçadas até a cintura de Claire, puxando-a mais para perto. Quando seus lábios se tocaram, ela sussurrou:

– Eu quero comer você de novo, sim.

Claire sorriu sem interromper o beijo.

– Que bom. Então estamos de acordo.

– Será que a gente assina alguma coisa?

– Tipo um pacto de peguetes?

– Claro.

Ela deslizou a boca pelo pescoço de Claire e mordiscou sua orelha.

– Você não quer que eu conte seu segredinho, quer?

Claire ficou tensa e se afastou um pouco para olhar nos olhos de Delilah.

– Delilah. Não é que você seja um segredo. É só que...

– Você não quer que os outros saibam sobre a gente.

– Isso.

– Ou seja, é segredo.

Claire se desvencilhou do abraço.

– Você está me dizendo que *quer* que a Astrid fique sabendo?

Delilah pensou no choque que tomaria conta dos olhos de Astrid e na emoção pura da vitória. Mas então pensou que Claire provavelmente tinha razão – ela ficaria chateada, e não só com Delilah. Ficaria chateada com Claire, e aí o sexo entre as duas chegaria a um fim repentino.

E Delilah não queria isso. Agora, tinha uma distração para os dez dias que passaria naquela cidade que sugava sua alma. Uma distração bela, doce e maravilhosa na cama.

Quem era ela para olhar os dentes do cavalo dado?

– Não – respondeu. – Acho que não quero.

Claire relaxou, mas ainda olhou para Delilah com os olhos semicerrados e uma ruga de preocupação na testa.

– Não é que eu tenha vergonha de você.

Delilah riu.

– Tá. Claro. A Alma Penada da Casa das Glicínias na sua cama. Nada de mais.

Nos olhos de Claire surgiu algo que parecia mágoa... até arrependimento.

– Delilah.

Ela levantou uma das mãos.

– Esquece que eu disse isso.

– Não quero esquecer.

– Claro que quer.

– Escuta. – Claire pegou sua mão e a apertou. – Não tenho vergonha de você. Mas tenho direito de ter uma coisa que é só minha, não tenho? Não preciso contar tudo às minhas melhores amigas.

– Mas você geralmente conta, né?

Claire soltou um suspiro.

– Você e a Astrid... É complicado.

Delilah ficou olhando para ela.

– Não é? – perguntou Claire.

Em resposta, Delilah simplesmente abriu e tirou a calça, voltando para a cama. Se ia conversar sobre isso, sem dúvida precisava estar deitada. Claire ficou observando enquanto ela se acomodava, então foi atrás dela, cobrindo ambas com o lençol e apoiando a cabeça no cotovelo, os olhos no rosto de Delilah.

– Não foi complicado crescer com ela. – disse Delilah. – Foi muito simples.

– Como assim?

Delilah ficou olhando para o teto, como fizera tantas noites antes, ouvindo Claire, Iris e Astrid rindo no quarto de Astrid, como fazia quando Isabel dava jantares dos quais Delilah sabia que a madrastra não queria que ela participasse.

– Foi simples – repetiu ela. – Minha mãe se foi. Meu pai morreu. Isabel se ressentia por ter que me criar sozinha. Astrid achava que eu era esquisita demais para me incluir, triste demais, deslocada demais daquele mundo perfeito pra ser parte de qualquer coisa na vida dela. Você estava lá na maior parte do tempo. Você viu.

Pronto. Era realmente simples. Vergonhosamente simples. Ela não conseguia acreditar que tinha dito aquilo tudo em voz alta, admitido que não era... fácil de se amar.

Claire ficou em silêncio por um instante, e Delilah não ousou olhar para ela.

Sentiu um nó na garganta.

– Eu vi, sim... – disse Claire. – Astrid... ela é uma pessoa difícil de conhecer. É muito fechada. Acho que a Isabel incutiu nela uma ideia de nunca deixar os outros verem você se esforçar, sabe? Nem chorar, nem demonstrar qualquer tipo de fraqueza. Pra ela, é difícil demonstrar vulnerabilidade, mas, quando ela deixa você entrar, ela é leal e forte e faz

qualquer coisa por você. Era isso que eu via, e acho que eu... nunca entendi por que você não via também.

Delilah sentiu um aperto no peito.

– Porque ela não me deixou entrar, Claire. Você mesma disse, ela é uma pessoa difícil de conhecer, e não estava nem aí se eu a conhecia ou não.

Claire franziu a testa, mas não tinha o que dizer em resposta.

– E, por consequência – continuou Delilah –, você e a Iris também não.

– Delilah – disse Claire com a voz suave, se aproximando e apoiando o queixo no ombro de Delilah, o que só aumentou a dor, fazendo com que aquilo tudo fosse o oposto de *só sexo*. – Sinto muito.

Delilah balançou a cabeça.

– Não diz isso só porque a gente está se pegando. É golpe baixo.

Claire se aproximou ainda mais.

– Não estou dizendo isso só porque a gente está se pegando. Estou dizendo porque é o que sinto. Eu sinto muito por não ter me esforçado. Eu podia ter... sei lá, incentivado a Astrid a te incluir mais.

– Ninguém incentiva a Astrid a fazer nada.

– Então, *eu* podia ter te incluído mais.

Delilah bufou.

– Não podia, não. Porque você não queria.

O silêncio se infiltrou entre elas. Claire ficou sem resposta diante da verdade. Delilah imaginou que todo aquele constrangimento as afastaria de vez, que Claire soltaria um suspiro e finalmente admitiria que talvez aquilo tudo fosse um erro. Imaginou até mesmo que sentiria um pouco da velha raiva ressurgir, o ressentimento que havia alimentado seu relacionamento com qualquer pessoa de Bright Falls durante mais de duas décadas.

Mas só sentiu tristeza e uma vontade desesperada de não se sentir mais assim.

Claire estendeu a mão e passou o dedo pelo rosto de Delilah até sua boca antes de envolver sua nuca com a mão. Em vez de afastá-la, puxou Delilah mais para perto e encostou a testa na dela.

– Agora eu quero – disse, e encostou a boca na dela, suave e lentamente.

Suave e lentamente até demais.

Delilah não pretendia que a conversa fosse naquela direção. Aquilo não importava. Ela não queria nem precisava do pedido de desculpas de Claire. Não queria ouvir explicações sobre o que quer que Isabel tivesse feito com Astrid para ferrar com a cabeça dela. Ela mesma já estava ferrada o suficiente. Rolou para cima de Claire, se acomodando entre suas coxas, e transformou aquela suavidade e aquela lentidão em força e rapidez. Na hora seguinte, não deixou que nenhuma das duas parasse para tomar um ar.

Depois, as duas pairando naquele lugar entre a consciência e a inconsciência, com os primeiros toques da luz lavanda atravessando a janela, Claire entrelaçou os dedos nos de Delilah.

– Vem acampar com a gente – falou com a voz suave. – Ruby quer que você vá.

Os olhos de Claire estavam livres dos óculos e nublados de sexo e sono. Delilah afastou sua franja da testa com a outra mão.

– Ruby quer que eu vá, é? – disse.

Claire sorriu.

– É. Só a Ruby.



CAPÍTULO VINTE E UM

NÃO ERA SÓ RUBY QUE QUERIA DELILAH no acampamento, e as duas sabiam disso. Ainda assim, mesmo naquele espaço íntimo entre elas na cama, Claire não quis admitir em voz alta. E, quando a caminhonete de Josh parou na entrada na manhã seguinte e Ruby saiu correndo para cumprimentá-lo, ela disse a si mesma que só estava olhando pela janela para procurar Iris e Astrid, que estavam vindo em carros separados e chegariam a qualquer momento.

Delilah tinha concordado com a viagem. Em pé no quarto às cinco da manhã, vestindo a roupa, ela resmungou um *tá, não tenho mais nada pra fazer* quando Claire perguntou mais uma vez, mas ela mal a conhecia, e Delilah não tinha o melhor dos históricos de confiabilidade. Ela se lembrava de pelo menos duas vezes em que Astrid tinha ficado irritada porque a irmã não tinha aparecido para um feriado em família, reclamado do desperdício de comida que tinha comprado ou dos ingressos que conseguira para a orquestra em Portland. Claire repetiu para si mesma que não haveria o menor problema se ela não viesse – que era só um dia e que o que havia entre elas era só sexo e não teriam oportunidade para fazer *só sexo* cercadas das melhores amigas de Claire, de sua filha e do pai da filha, seu ex-namorado.

Meu Deus.

Ela esfregou os olhos privados de sono quando o Subaru de Iris estacionou. O que Claire estava pensando? Não, com certeza seria melhor se Delilah não fosse. Talvez devesse até mesmo ligar para ela e dizer isso...

Claire agarrou a cortina com mais força quando a porta do passageiro de Iris se abriu e Delilah saiu, com mais um jeans cinza e uma regata vinho que deixava muito claro que ela não estava usando sutiã.

Tá, então elas iam mesmo acampar juntas.

Claire colocou uma das mãos na barriga, as lembranças da noite anterior caindo sobre ela como chuva morna. A expressão de Delilah ao falar sobre sua infância ter sido simples. A solidão que ela demonstrara. Seus olhos...

Não.

Não, ela não ia pensar nos olhos de Delilah, pelo amor de Deus. Aquilo entre elas era casual, passageiro, totalmente carnal, sem nenhum sentimento envolvido. Claire respirou fundo uma... duas... três vezes, então pegou a mochila com a roupa de banho e uma muda de roupa, a garrafa de água pendurada em um mosquetão, e saiu.

– Bom dia, flor do dia! – exclamou Iris, mas quando Claire se aproximou seu sorriso desapareceu. – Meu Deus, você tá péssima.

– Obrigada, querida – respondeu Claire.

– Você já deve ter se olhado no espelho – disse Iris, segurando o queixo de Claire e examinando seu rosto.

– É que eu não dormi muito essa noite.

Seus olhos encontraram os de Delilah por sobre o ombro de Iris e ela sentiu um frio na barriga.

– Por que não? – perguntou Iris.

– Só... uns problemas com a Ruby. Ela ia dormir na casa da Tess, mas voltou pra casa no meio da noite. As duas brigaram.

Pronto. Não era mentira. Ela não estava mentindo para as amigas quanto a ter passado a noite toda ocupada com a melhor transa de sua vida – várias vezes. Estava só... guardando para si.

O que, Claire percebeu, ela faria mesmo que não fosse com quem era. A coisa com Delilah era nova, temporária, mas intensa. E Claire era uma mulher adulta, tinha o direito de guardar as coisas para si até entender como

lidar com elas.

– Ah, querida, sinto muito – disse Iris. – Como ela está?

Claire soltou um suspiro. Tinha tentando conversar com Ruby sobre Tess naquela manhã, mas a filha havia se recusado a entrar no assunto. Olhando para ela agora, ajudando Josh a arrumar as coisas do acampamento na caçamba da caminhonete dele, ela parecia mais feliz que nos últimos dias.

– Acho que está, sim – respondeu ela.

– Tá bom, ótimo, porque precisamos nos concentrar – disse Iris, fazendo sinal para que Delilah se aproximasse. – Eu passei pra pegar a rabugentinha aqui...

– Rabugentinha? – indagou Delilah ao chegar ao lado delas. – Quantos anos eu tenho, 5?

– ... e a gente *precisa* ficar na mesma barraca que Astrid.

– Vocês precisam ficar na mesma barraca que Astrid – argumentou Delilah, apontando as duas com o indicador. – Eu vou dormir naquela rede que acabei de ver o fulano de tal ali jogar na caminhonete.

Claire levantou a sobrancelha. *Fulano de tal?*

Delilah também levantou a sobrancelha para ela, e Claire teve que conter um sorriso.

– Olha só – disse Iris. – Agora é a hora, tá? Falta uma semana pro dia do júízo final e a gente precisa...

Iris parou de falar quando um carro que com certeza não era o de Astrid parou em frente à casa de Claire. Era prata e elegante, o emblema da Mercedes brilhando ao sol da manhã. Astrid saiu do lado do passageiro, com uma mala de mão Louis Vuitton na curva do braço, e deu a volta até a porta do motorista.

– Por favor, me diz que é o serviço de motorista de aplicativo mais chique da história – disse Iris.

A porta do motorista se abriu, e Spencer saiu com óculos de sol modelo aviador espelhado.

– Talvez ele só tenha vindo trazer Astrid – sugeriu Claire, mas suas mãos começaram a suar.

Astrid enganchou o braço no dele, sorrindo ao se aproximar. Spencer

veio com uma mochila de couro que parecia bem cara pendurada na mão.

– Ou talvez – disse Delilah, colocando o braço sobre os ombros de Iris – Astrid não queira *mesmo* dormir na mesma barraca que vocês.



As Termas de Bagby ficavam nas profundezas da Floresta Nacional do Monte Hood. Claire examinou o local que Josh tinha reservado para o acampamento, que era perfeito, ela precisava admitir. O espaço era amplo e o chão bem plano para as barracas, e pinheiros altos os cercavam, criando uma área de sombra fresca e tranquila. As termas e a casa de banho, que ostentavam ofurôs recém-reformados, ficavam a uma caminhada breve, a cerca de 500 metros, e havia muitas trilhas para explorar durante o dia.

Era o refúgio perfeito.

Ou pelo menos seria se Astrid não estivesse colada a Spencer, que montava a barraca onde eles ficariam. Ela mal havia falado com Claire e Iris desde que chegaram, a não ser para perguntar o que é que Delilah estava fazendo lá, ao que Claire se enrolou com uma resposta bem desajeitada sobre o quanto Ruby tinha gostado dela e, meu Deus, quem poderia resistir àqueles olhinhos castanhos quando ela queria alguma coisa? Astrid resmungou uma resposta e logo correu até Spencer, que gritava pedindo as estacas e um pouco do espumante rosé que Iris abriu assim que chegaram.

Havia duas outras barracas – uma para Josh e Ruby e outra, pelo jeito, para Iris, Claire e Delilah.

Claire decidiu não pensar que dali a aproximadamente doze horas estaria enfiada entre a melhor amiga e a mulher com quem estava transando em segredo.

Naquele momento, as duas estavam discutindo sobre como cravar uma estaca no chão.

– É inclinada, sua tonta – disse Iris, arrancando um bastão fino de metal da terra e reposicionando-o no meio de uma das alças de náilon da barraca.
– Você nunca acampou?

Delilah se sentou e abraçou os joelhos.

– Ah, sim, Isabel era uma mãe muito do mato mesmo. Era também líder escoteira e pegava peixes com as próprias mãos.

Iris ficou um tempinho olhando para ela e caiu na gargalhada.

– Meu Deus, eu adoraria ver Isabel Parker-Green comendo tiras de carne seca e bebendo em uma caneca de alumínio.

– A oitava maravilha do mundo.

Iris riu, Delilah também e, por algum motivo, aquela cena toda aqueceu o peito de Claire, como se tivesse mel correndo nas veias. Ela as observou por um instante antes de ir até Josh e Ruby, que estavam montando a barraca ao lado de uma pilha dos equipamentos que Josh tinha trazido para alimentar todos eles – panelas, duas caixas térmicas cheias de comida e uma mochila enorme que Claire sabia que ele usava para carregar todos os temperos e não perecíveis.

– Como estão as coisas por aqui? – perguntou ela, acariciando os cabelos da filha.

– Tudo ótimo! – exclamou a garota, passando uma haste preta fina através de um tubo na barraca de náilon, que se ergueu na forma de uma cúpula. – O papai está me ensinando tudo de acampamento.

– É? Tipo o quê?

– Tipo como montar uma barraca – respondeu Josh, e piscou para Ruby.

Quando os olhos dele se voltaram para Claire, ela poderia jurar que seu sorriso se desfez um pouco.

– Você sempre adorou a natureza – comentou ela.

Ele assentiu com firmeza.

– Ainda adoro. Adoraria morar em uma cabana um dia, com um riacho nos fundos.

– Você? – perguntou Claire, surpresa.

Adorar a natureza é uma coisa. Agora morar a quilômetros de qualquer outra pessoa é outra bem diferente. Ela não conseguia imaginar Josh, o homem que sempre fugia da cidadezinha natal para buscar algo melhor e maior, vivendo como um eremita na Cordilheira das Cascatas.

– Eu, sim – disse ele, fechando o zíper da entrada da barraca com mais

de força do que Claire julgava necessário. – Um lugarzinho em Sotheby ou em Winter Lake. Tenho feito muitos trabalhos com o Holden por aqueles lados e parece ótimo.

– Sério?

Sotheby e Winter Lake ficavam a cerca de trinta minutos de Bright Falls, ao norte e a noroeste, respectivamente. Eram lugarezinhos minúsculos e famosos pela pesca, pelo centro pitoresco e por casas tão distantes na mata circundante que a impressão era de viver sozinho no próprio planeta.

– Sério.

A voz de Josh ficou ainda mais tensa e ele balançou a cabeça, colocando a capa de chuva sobre a barraca.

– Josh, o que...

– Rubes, pode pegar as toalhas lá na caminhonete? – pediu ele. – Estou pronto pra ir aproveitar as termas. E você?

– Também! – exclamou ela, e correu em direção à caminhonete.

Quando a filha estava longe o bastante para não ouvir, Claire se virou para ele.

– O que está acontecendo?

– Nada. – Ele prendeu a capa de chuva e jogou o saco vazio para dentro da barraca. – Vou levar minha filha pras termas. Tudo bem por você?

Ela piscou, os batimentos cardíacos disparando. Sabia que era seguro nadar nas termas. Havia uma casa de banho para imersão, mas também uma piscina natural a cerca de 800 metros da trilha principal onde dava para se esparramar um pouco mais. Ainda assim, qualquer um poderia se afogar, a qualquer momento, em qualquer lugar.

– Não, estou percebendo que talvez não esteja tudo bem por você – continuou ele, balançando a cabeça.

Ela soltou um suspiro.

– Josh, eu só...

– Eu vou assim mesmo. Você tem suas amigas, um cara ali que eu nem conheço com uma porra de um sapato de couro... O que é aquilo? Um tênis?

Claire olhou para Spencer, que estava mesmo usando o que só poderia

descrever como o tênis mais chique que já tinha visto. Tinha cadarço e sola de borracha branca, mas a parte de cima era de um couro marrom liso, tão macio que ela sabia que devia ter sido caro.

– Achei que você tinha concordado que elas viessem – disse Claire, voltando a olhar para Josh.

– Ah, é, é um sonho realizado.

– O que você quer dizer com isso?

Ele pegou a mochila de cima da mesa e a pendurou no ombro, então fez um gesto indicando as outras quatro pessoas no acampamento.

– Quer dizer: que porra é essa, Claire? Era pra ser uma viagem com a *minha* filha. Ela e eu. Uma noite. Simples assim. De repente você me liga e diz que também vem? Ah, e Astrid e Iris, e agora Delilah e o Babaca Engomadinho ali.

Claire abriu a boca querendo confirmar que ele tinha percebido de cara que Spencer era mesmo um babaca engomadinho, mas sabia que não era a coisa certa a dizer no momento. Tentou se concentrar no que tinha deixado Josh chateado, que parecia ser o fato de ela e as amigas terem se intrometido na viagem dele com Ruby.

– Não vou pedir desculpa por querer garantir a segurança da minha filha – disse.

A mágoa tomou conta do rosto de Josh, mas Claire se recusou a se sentir culpada. Fora ele quem a havia colocado naquela posição, depois de anos sendo um pai com comportamento duvidoso.

– É disso mesmo que se trata? Segurança?

– O que você dizer com isso?

Ele soltou um suspiro, segurou a alça da mochila e olhou para o chão. Ao levantar o olhar, pareceu destruído, exausto.

– Eu nunca vou ser bom o bastante, né? – perguntou com a voz suave.

Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Nada. Ele assentiu e saiu andando em direção a Ruby, colocando o braço sobre os ombros dela ao se dirigirem para uma trilha bem demarcada.

Claire ficou olhando para eles, esperando que a filha se virasse e pelo menos sorrisse ou acenasse, mas ela não fez isso. Uma sensação de pânico

queimou seu peito, mas ela a conteve. Afinal, Josh era bom naquele tipo de coisa. Na infância, os pais sempre levavam a ele e ao irmão para acampar, e Claire se lembrava vagamente de uma viagem que ele tinha feito com os melhores amigos até o Monte Rainier depois da formatura do colégio. Ninguém tinha morrido nem se perdido, nem mesmo ficado bêbado a ponto de cair no rio e quase se afogar.

Então, sim, Ruby ficaria bem. Talvez Claire nem precisasse estar ali.

Talvez seu medo fosse exatamente esse.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

DELILAH VIU CLAIRE FICAR UM BOM TEMPO olhando para Josh e Ruby. Quis largar o saco de dormir que estava segurando, aquela coisa cheirando a naftalina que, segundo Iris, era de Grant, ir até lá e beijá-la até o dia seguinte, fazendo-a esquecer o que quer que Josh tivesse dito ou o que quer que ele pudesse significar para ela.

Mas não fez isso.

O que fez foi fixar os pés no chão coberto de agulhas de pinheiro secas, se esforçando para ignorar o pânico que se alastrava em seu peito como fogo.

Claire não era Jax.

E Claire e Delilah certamente não eram Jax e Delilah. Elas não estavam juntas. Não era algo sentimental. Estavam se pegando, nada mais. Em segredo, era bom lembrar. O fato de ela ter sentido vontade de socar alguma coisa – isso, ou levar Claire para a floresta e mostrar exatamente por que Josh não valia o tempo dela – era puramente biológico. Algo territorialista em Delilah estava erguendo a cabeça primitiva. Só isso.

A leve sensação de náusea no estômago era cem por cento por causa disso.

– Ela já passou por isso com ele.

Delilah piscou, virando-se para fazer uma careta para Iris, que tinha parado ao seu lado, também olhando para Claire.

– O quê?

– Josh e Claire. Ruby. Eles passaram por muita coisa.

– É, foi o que eu ouvi.

Iris levantou uma sobrancelha.

– De quem?

Delilah balançou a cabeça, mas logo percebeu que podia falar a verdade.

– Da Astrid.

Iris olhou para ela com os olhos semicerrados, mas assentiu e fez um gesto em direção a Claire.

– Ela merece coisas boas. Alguém bom. Alguém que a enxergue de verdade, sabe?

Essa conversa não estava aliviando a náusea nem o aperto no peito.

– E Astrid também – continuou Iris.

– E todas nós. É, muito fofo e comovente – disse Delilah, revirando os olhos.

– Talvez não todas nós – respondeu Iris.

Mas ela estava sorrindo e bateu na bunda de Delilah com a garrafa de água. Delilah não conseguiu conter uma risada aliviada. A relação levemente maliciosa que tinha com Iris já era confortável e familiar.

– Ô! – chamou Astrid, olhando para elas com uma expressão irritada. – Vamos caminhar até as termas ou não? Spencer e eu queremos fazer um pouco de exercício.

– É, garotas – disse Spencer, esfregando as mãos uma na outra. – Não viemos até aqui pra ficar falando de brilho labial e tinta de cabelo.

– Ah, saco – respondeu Iris, estalando os dedos. – Eu achei que a gente ia te maquiar todinho, Spence. Não?

Ele riu.

– Não nesta vida. E o nome é Spencer.

– Claro, Spence.

Ele abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas Astrid pegou sua mão e o levou até a barraca para que trocassem de roupa, lançando um olhar

para Iris antes de entrarem.

– Meu Deus, eu odeio esse cara – disse Iris.

– Por quê? Ele é um doce – respondeu Delilah enquanto Claire se aproximava.

Os braços das duas se tocaram, e Delilah sentiu um arrepio imediato percorrer sua pele, o aroma campestre de Claire inundando seus sentidos.

Ela chegou um pouco mais perto de Iris. Nossa, precisava se controlar.

– Acho bom a gente se preparar pra caminhada, né? – perguntou Claire, cruzando os braços.

– Talvez a Delilah possa empurrar ele em um desfiladeiro – sugeriu Iris.

– Ah, claro – respondeu Delilah. – Tudo eu! Tudo eu!

– Você podia fazer parecer um acidente. – Iris cutucou seu braço. – Como no rio, né? Puro brilhantismo.

– Hum, caso você tenha esquecido, *eu* também caí no rio. Então não vou cair em um desfiladeiro pra pôr fim a um casamento. Estou aqui pra acabar com a felicidade, não pra morrer, sabe.

– Acabar com a felicidade? – perguntou Claire, franzindo as sobrancelhas.

Delilah soltou um “tsc”. Quase tinha esquecido com quem estava. Por um instante, parecera estar simplesmente conversando com... amigas. Batendo papo, rindo, brincando. Tudo o que nunca tivera, mas Iris e Claire não eram suas amigas. Eram amigas de Astrid.

– A do Spencer – disse Delilah, forçando um sorriso.

O problema era que ela nem sabia mais o que estava fazendo. Astrid e Isabel a arrastaram de volta para Bright Falls, usando dinheiro e a memória de seu pai para exercer uma espécie doentia de controle sobre ela, e, quando Claire e Iris quiseram se livrar de Spencer, a ideia de testemunhar as Parker-Green encarando o cancelamento de um casamento da alta sociedade era deliciosa demais para deixar passar. Agora, no entanto, ver Claire olhando para ela com tanta doçura, lembrar a expressão arrasada de Astrid observando a foto infeliz ao lado de Spencer, discutir com Iris de um jeito que costumava acabar em risada... tudo isso parecia muito mais que uma viagem de duas semanas para o lugar que ela mais odiava no mundo.

Parecia o início de algo importante.

Aquilo não podia estar certo. Tudo o que tinha importância para ela estava em Nova York. Eram multidões, bares e mulheres cujo nome ela só lembrava de vez em quando. O Whitney. Colegas artistas. Agentes em potencial, vendas e prestígio.

– Sou a favor de acabar com o Spencer – declarou Iris, abrindo o zíper da entrada da barraca, pegando o saco de dormir que estava debaixo do braço de Delilah e jogando-o pela abertura. – Vou trocar de roupa.

E saiu de cena, deixando Claire e Delilah sozinhas pela primeira vez desde que ela saíra escondida da casa de Claire naquela manhã, quando os primeiros raios de luz clarearam o céu.

Assim que a porta de zíper se fechou, Claire segurou o pulso de Delilah e a puxou pelo acampamento até ficarem atrás da barraca de Josh e Ruby, fora de vista. Antes que Delilah pudesse perguntar o que estava acontecendo, os lábios de Claire tocaram os seus, suaves e quentes. Ela apoiou os braços nos ombros de Delilah, deslizando os dedos por seu cabelo. As mãos de Delilah encontraram o quadril dela, puxando-a mais para perto, e Delilah se abriu para Claire, a língua deslizando na dela como seda, arrancando o seu gemido mais suave.

Meu Deus, aquela mulher a deixava louca. Ela se sentia atrevida e fora de órbita, como uma adolescente excitada atrás do próximo amasso.

– Esperei o dia todo por isso – disse Claire quando se afastaram.

– É?

– É.

Mais um beijo. Mais um gemido suave.

– É melhor você tomar cuidado – sussurrou Delilah em seus lábios, deslizando as mãos até a bunda de Claire. – Estou prestes a comer você aqui mesmo.

Claire ficou tensa e se afastou.

– Calma. Não vou fazer isso – disse Delilah.

– Não foi isso que eu... – Claire fechou a boca, procurando os olhos de Delilah. – Quero ficar sozinha com você.

Delilah deu um sorrisinho malicioso e encostou a boca no pescoço de

Claire, rosnando baixinho contra sua pele.

– Eu também.

Claire riu.

– Não pra isso.

A língua de Delilah traçou um caminho até a orelha de Claire, que respirou fundo.

– Tá, não só pra isso – emendou ela. – Mas eu quero... também quero conversar.

Delilah se afastou, sentindo um frio na barriga.

– Sobre o quê? Não vou contar pra ninguém o que estamos fazendo. Já falei isso pra você.

– Não, não é isso.

– O quê, então?

Claire soltou um suspiro e encostou a testa no ombro de Delilah.

– Ei – disse Delilah, beijando sua têmpora. – O que foi?

Claire levantou a cabeça e sorriu, mas o sorriso não chegou a seus olhos.

– Nada. Não é nada.

– Aconteceu alguma coisa. Dá pra ver.

Claire balançou a cabeça.

– Na verdade, não... eu... – Ela levantou as sobrancelhas, só um pouco.

– Quero ver aquela foto. Que você tirou de mim na beira do rio.

Os olhos de Delilah se arregalaram. Ela teve a sensação de que não era sobre isso que Claire queria conversar de verdade, mas deixou passar.

– Sério?

Claire assentiu e abraçou Delilah com mais força, descendo as mãos por suas costas.

– Claro que quero. Você sabe que a Iris e eu reviramos seu Instagram, né?

O calor se espalhou pelo rosto de Delilah. Ela ainda não tinha se acostumado com a ideia de alguém que não fosse gente estranha rolando o feed de suas obras.

– Eu imaginei – disse ela.

Claire franziu o cenho.

– Tudo bem?
– Tudo, tudo. Só é esquisito.
– Bom, não devia ser. Você é muito talentosa, Delilah. Até a Iris gosta do seu trabalho. O jeito como você usa a luz e os ângulos que escolhe. Não sei nada de fotografia, mas suas fotos... Não sei. São emocionantes. Raivosas, tristes e empoderadas. Me fizeram sentir alguma coisa.

Como qualquer artista, Delilah via o próprio trabalho com uma mistura confusa de autoaversão e autoengrandecimento, então as palavras de Claire se aninharam como uma brasa no fundo de seu peito e ficaram ali, reluzindo, calorosas e brilhantes.

– Sério? – perguntou.
– Sério – sussurrou Claire. – As fotos que você vai exibir no Whitney vão ser de tirar o fôlego.

E Claire a beijou, um beijo suave, lento. Aquela brasa no peito de Delilah se acendeu, queimando como uma chama intensa. Nesse momento, ela não se importou com segredos, nem com Josh, Astrid ou o fato de Jax ter pulverizado seu coração, tampouco com a ideia de expor no Whitney e *ainda assim* não avançar na carreira a fazia querer se deitar em posição fetal e chupar o polegar. Ela só se importava com Claire em seus braços, sussurrando coisas que a faziam sentir que alguém a enxergava pela primeira vez em...

Merda.

Talvez fosse a primeira vez que ela se sentia assim. Ou não, não aquele exato momento, mas cada momento com Claire desde sua volta a Bright Falls – conversando com ela na livraria, deitada na cama com ela no Lírio Azul, ouvindo-a falar sobre suas preocupações no que dizia respeito a Josh, contando a ela sobre Jax, vendo os olhos de Claire literalmente brilharem quando ela falava sobre Ruby. Caramba, até quando a deixara dar em cima dela na Taverna da Stella, desavisada.

E na noite anterior, sua pele, seu corpo, seu toque. *Só sexo* que de repente parecia muito mais.

Delilah se entregou ao beijo, tentando desligar seus pensamentos com a boca, a língua, as mãos deslizando para dentro do bolso da bermuda da

Claire.

Não funcionou. Claire suspirava em sua boca como se estivesse *feliz*. Tudo isso rodopiava na mente de Delilah como um furacão reunindo forças. Ela se afastou. Precisava de ar, de espaço. Precisava colocar a cabeça de volta no lugar naquele jogo casual de sexo.

Claire franziu o cenho.

– Tudo bem?

Delilah não disse nada, não precisou. O som de um zíper ecoou pelo acampamento, seguido pela voz retumbante de Spencer mandando Astrid encher sua garrafa de água.

– É melhor a gente começar a acabar com essa felicidade logo – disse Delilah, virando-se e engolindo em seco aquela coisa irritante que parecia fechar sua garganta.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ELA FOI COM MUITA SEDE AO POTE. Deve ter sido isso. Delilah percebeu que na verdade Claire queria conversar sobre *elas*, sobre o que era aquilo entre elas, embora já tivessem estabelecido que era sexo, sexo e mais sexo. Por que outro motivo teria se afastado daquele jeito, buscando o ar como se Claire a estivesse sufocando? Ela sabia que aquilo era um erro. Claire não era capaz de se relacionar de um jeito casual, e agora Delilah estava pirando e percebendo que Claire estava carente de amor e só queria entrar no coração dela e não sair mais de lá.

Mas Claire não queria isso.

Não podia querer.

Aquela era *Delilah Green*, a irmã postiça da sua melhor amiga que abandonara a família havia doze anos e mal tinha olhado para trás, e Claire sabia muito bem como era amar alguém que não podia ficar. Que não queria ficar.

Mas... depois de ouvi-la falar sobre Astrid na noite anterior, dizendo que a relação dela com a irmã não era nada complicada, que Astrid e Isabel simplesmente não a queriam... as palavras pareceram verdadeiras. Não que ela culpasse Astrid. Já tinha perdido o pai e depois um padrasto, e Isabel não era o tipo de mãe que distribuía amor com facilidade. Delilah *era* uma

criança esquisita, fria e distante, mas tinha perdido o pai e a mãe antes de completar 10 anos.

Será que isso não deixaria qualquer pessoa estranha, fria e distante?

E agora, adulta, ela não era nada disso. Um pouco arisca, verdade, e espinhosa. Mas algo nela fazia o pulso de Claire acelerar, além do sexo espetacular, mesmo quando estavam só conversando. Delilah era brilhante, engraçada e forte, e Claire queria envolvê-la todinha, inundá-la, ajudar a ocupar aquele olhar assombrado com algo suave e doce.

Claire esfregou os olhos por debaixo dos óculos, tentando reprimir aqueles malditos *sentimentos*. Sempre quisera ser do tipo de pessoa capaz de ir para a cama com alguém e deixar que fosse só isso – sexo, sensação, pele. Sabia que não havia nada de mau no fato de nunca ter sido assim. Além disso, tivera a filha muito cedo e sempre houve muito em jogo, ou simplesmente não havia tempo suficiente a cada dia, mas era muito divertido ouvir sobre as façanhas de Iris aos 20 e poucos anos. Até Astrid tivera algumas noites de sexo casual e essas foram apenas as que havia contado para Iris e Claire.

Você não é do tipo casual, e tudo bem.

As palavras de Iris daquela noite na Taverna da Stella ecoaram na cabeça de Claire, mas ela ignorou. Podia ser do tipo que quisesse ser, e naquele momento o que a satisfazia era ter Delilah em sua cama. Ajeitou a roupa e endireitou os ombros, determinada a ir com calma com ela dali em diante.

Sexo, disse a si mesma. Pense em sexo, e só.

– O que você está fazendo? – perguntou Iris ao vê-la sair de trás da barraca de Josh e Ruby.

– Ah, é, só procurando uma garrafa de água que eu possa usar – respondeu ela, olhando ao redor. – Josh sempre traz milhares.

– É, mas a *sua* garrafa está com a sua mochila – disse Iris, apontando para a mochila de Claire, encostada na barraca delas, uma garrafa roxa presa em uma das alças.

– É mesmo – respondeu Claire, e deixou por isso mesmo. Pegou a garrafa e bebeu um gole da água já morna.

– Muito bem, vamos nessa – chamou Spencer, batendo palmas uma vez

como se elas fossem gado.

E deu um tapa na bunda de Astrid quando ela foi em direção à trilha. Deu um sorrisinho para ela, então a envolveu nos braços e a beijou.

Claire ficou olhando, de dentes cerrados, Astrid retribuir o beijo. Mas sua melhor amiga não estava sorrindo e seus braços pareciam rígidos ao redor dos ombros de Spencer, cujas mãos passeavam por sua bunda. Não estava gostando daquilo, nem um pouco, mas nunca tinha sido muito de demonstrar afeto em público. Enquanto muitas mães ensinam boas maneiras, Isabel martelava decência na cabeça da filha.

– É pedir demais que uma pedra bem grande, sei lá, caia na cabeça dele?
– perguntou Iris amarrando as botas de trilha.

– Se ao menos a gente fosse do tipo que reza – disse Claire.

– Estou disposta a me converter se isso tirar esse chapéu de merda da nossa vida.

– Agora ele é um chapéu de merda?

– Ele é qualquer coisa de merda. Camisa. Cinto. Casaco.

– Bota de merda soa bem.

– Soa mesmo.

Claire riu, mas seus olhos viajaram até Delilah sem sua permissão. Ela estava sentada à mesa de piquenique, mexendo no celular. Claire se esforçou para desviar o olhar.

– Prontas? – chamou Astrid, afastando-se de Spencer.

– Arrã – respondeu Iris, enlaçando o braço no de Claire e apertando com força.

Juntas, caminharam até o início da trilha, mas, ao chegarem lá, Delilah ainda não tinha se levantado da mesa.

– Você vem, Del? – perguntou Astrid.

Delilah levantou o olhar. Parecia entediada.

– Não. Parece que vai chover.

– Aqui é o Noroeste do Pacífico – disse Spencer. – Sempre parece que vai chover.

– Ai, nossa, você tem razão. – Delilah olhou para as árvores ao redor, com os olhos arregalados e a voz doce. – Quase esqueci em que parte do

país eu estava. Muito obrigada.

Iris soltou uma risada bufada, mas Spencer resmungou alguma coisa que pareceu muito com *vaca*, bem baixinho, e o sorriso de Iris virou uma encarada assassina. Claire ouviu Astrid respirar fundo. Em seguida, a amiga se virou e bebeu um gole da garrafa de água.

– Estou de boa aqui – disse Delilah, voltando para o celular.

– Tem certeza? – perguntou Claire.

Ela voltou um passo em direção ao acampamento, desejando que Delilah olhasse para ela.

Mas Delilah não olhou. Em vez disso, só assentiu, e Claire sentiu o estômago despencar até os pés. Iris puxou o braço dela em direção à trilha, e ela foi, mas não conseguiu se livrar da sensação de pânico que borbulhava em seu peito. Primeiro Josh, agora Delilah. Ela se sentia ilhada, fora de controle e prestes a irromper em lágrimas extremamente constrangedoras.

Depois de cinco minutos de caminhada, ela soltou o braço que estava enlaçado no de Iris.

– Sabe de uma coisa? Vou dar uma olhadinha na Ruby nas termas.

– O quê? – perguntou Iris, empalidecendo.

– É, é que eu... estou nervosa, sabe? Com ela e o Josh e eu...

Não sabia como dizer que simplesmente precisava *ir*, que precisava chorar e abraçar a filha, a única coisa da vida que lhe trazia alguma certeza.

– Querida, está tudo bem? – perguntou Astrid, se aproximando dela. – Quer que a gente vá com você?

Claire balançou a cabeça.

– Vão fazer a trilha. Aproveitem.

– Você ouviu – disse Spencer, pegando o braço de Astrid. Ele começou a levá-la pela trilha, com tênis de couro e tudo. – Ela está bem. Vamos.

– Claire – falou Iris, arregalando os olhos cheios de significado. – Você tá falando sério?

– A gente se vê no acampamento, tá? – respondeu ela, antes que Iris pudesse dizer mais alguma coisa. A culpa se revirou em suas entranhas, mas ela se afastou da amiga e correu de volta pela trilha.



Claire correu pelas árvores até chegar ao acampamento, com a respiração pesada, os olhos percorrendo o espaço. Delilah ainda estava empoleirada na mesa, o celular na mão, e levantou a cabeça rápido ao vê-la, as sobrancelhas franzidas em uma expressão que esperava que fosse de preocupação, não irritação.

– Você não tinha ido fazer a trilha? – perguntou Delilah.

Claire tentou se acalmar o mais discretamente possível enquanto todas as respostas erradas surgiam em sua cabeça.

Eu queria ver você.

Eu estava preocupada com você.

Eu estava preocupada com a gente.

Mas sabia que não podia dizer nenhuma dessas coisas. Não eram respostas *casuais* à pergunta de Delilah.

– Decidi não fazer – respondeu Claire. – Vou até as termas dar uma olhadinha na Ruby.

Isso. Uma resposta descontraída e perfeita. Sua voz nem tremeu.

Delilah assentiu, e Claire foi em direção à barraca para vestir a roupa de banho. Abaixou-se para passar pela entrada, fechou o zíper e esfregou os olhos sob os óculos. As lágrimas afloraram e ela tentou reprimi-las. Aquilo era ridículo. Ela brigava com Josh o tempo todo. E Delilah tinha todo o direito de não fazer a trilha, de ficar longe *dela*.

Mas Claire nunca lidara bem com conflitos. Quando era criança, seus pais brigavam sem parar, e a mãe passara a maior parte da vida em São Francisco infeliz. Depois que o pai foi embora e ela e a mãe se mudaram para Bright Falls, passou anos garantindo que a mãe estivesse bem, que sua vida fosse o mais tranquila possível, sempre seguindo as regras o máximo que podia.

Então ela engravidou.

Mesmo assim, a mãe a apoiou – fazia muito tempo que elas só tinham uma à outra – e tudo acabou bem. Maravilhoso, até. Mas ela e Josh

começaram a discutir, duas crianças idiotas com problemas de adulto, e ela sempre acabava chorando quando brigavam, sempre acabava se sentindo patética. E agora, sem dúvida, Iris estava irritada com ela por tê-la abandonado com o Calça de Merda, então Claire tinha basicamente piorado tudo. Ainda assim, não teria conseguido seguir a trilha sem fazer o que estava fazendo naquele momento – deixar que algumas lágrimas caíssem e dar umas respiradas trêmulas. Só precisava de alguns minutos e ficaria bem. Estaria pronta para encontrar a filha, ignorar o que quer que Delilah estivesse fazendo e pensar em um jeito de recompensar Iris. Estaria...

A entrada da barraca se abriu e, antes que Claire pudesse secar o rosto ou pelo menos puxar a camiseta por cima da cabeça para esconder o rosto e os olhos, que provavelmente estavam bem vermelhos, Delilah entrou.

– Ah, oi – disse Claire.

Calma. Descontraída. Mas sua voz saiu rouca e lacrimojante. Ela se virou de costas para Delilah, se abaixando para abrir a mochila e pegar a roupa de banho.

– O que foi? – perguntou Delilah, a voz tão suave que Claire sentiu mais vontade ainda de chorar, o que ela *não* ia fazer.

– Nada. – Encontrou um maiô vermelho e branco de bolinhas e segurou-o contra o peito ao se levantar. – É que... acho que sou alérgica a alguma coisa por aqui.

Nossa, ela estava começando a mentir muito bem.

– Claire, não minta.

Tá, talvez não tão bem assim.

Ela soltou um suspiro e se virou para Delilah.

– É que... briguei com o Josh. Não foi nada de mais, mas me abalou.

O olhar de Delilah se suavizou. O interior da barraca estava quente e úmido, apesar do frescor do ar de junho lá fora. Não havia muito espaço ali dentro, e, quando Delilah se aproximou, dando um passo, Claire seria capaz de jurar que sentiu a respiração das duas se misturar.

– Qual foi o motivo da briga? – perguntou Delilah.

Claire deu de ombros, o peito mais uma vez apertado.

– Ruby. A gente. O mesmo de sempre.

Uma pequena depressão surgiu entre as sobrancelhas de Delilah, mas ela só assentiu.

– O que eu posso fazer pra ajudar?

Claire não esperava por essa pergunta. Não de Delilah. Um aceno empático, claro, ou uma piada sobre o horror universal que são os homens cis brancos, talvez. Mas não essa oferta carinhosa, pronunciada enquanto passava os braços pela cintura de Claire e a puxava mais para perto. Isso a fez querer enterrar o rosto no pescoço dela, inspirando aquele aroma que era todo Delilah, sol e chuva ao mesmo tempo.

– Eu... eu não sei – disse Claire. – Ir até as termas comigo?

A súplica deixou seus lábios antes mesmo que ela pudesse repensar. Era uma resposta razoável, mas o jeito como ela disse, desesperada e com um leve resfolegar, a fez querer se enrolar feito uma bolinha mais uma vez.

Mas Delilah não pareceu incomodada. Ao contrário, sorriu, puxando o quadril dela contra o seu. O desejo vibrou no abdômen de Claire.

– Só isso? – perguntou Delilah, e mergulhou a língua na clavícula de Claire.

– Hum... Bom... – disse Claire, mas, quando os dentes de Delilah roçaram sua pele, um gemido escapou no lugar de qualquer palavra coerente. Ela largou o maiô e enterrou as mãos nos cachos de Delilah.

– Isso ajuda, é? – perguntou Delilah.

– Um... um pouco.

– E isso?

Delilah levou os dedos até o botão da bermuda de Claire, soltando o fecho e abrindo o zíper tão devagar que ela sentiu a vibração entre as pernas.

– Isso... é, isso talvez ajude – respondeu.

Ela apertou as costas de uma das mãos contra a boca para tentar ficar quieta enquanto Delilah enfiava a mão dentro da sua bermuda e a espalmava sobre a calcinha, os dedos pressionando e explorando.

– Já está molhada – disse Delilah, com os lábios em seu pescoço.

Meu Deus, e como estava. Claire tinha a impressão de ter passado a semana inteira encharcada, sempre que estava perto de Delilah Green, mesmo antes de elas começarem... o que quer que aquilo fosse.

Os dedos dela trabalharam sobre o algodão em círculos deliciosos. Claire se agarrou aos ombros dela, as pernas bambas, pressionando o quadril contra a mão de Delilah.

– Tudo bem? – perguntou Delilah, os dedos subindo e deslizando devagar sobre o cóis da calcinha de Claire.

Em resposta, Claire só conseguiu assentir, desesperada para sentir a pele dela na sua. Delilah não a fez esperar muito, soltando também um gemido baixinho ao mergulhar os dedos no calor úmido de Claire. Ela fazia círculos para cá e para lá, explorando devagar, tortuosamente, até escorregar um dedo para dentro e apertar a palma da mão contra o clitóris de Claire.

Claire arfou e jogou a cabeça para trás. A língua de Delilah se libertou para sentir o sabor da pele logo abaixo de sua orelha ao inserir mais um dedo, movimentando-os para que sua mão friccionasse exatamente onde Claire precisava.

– Mais rápido – sussurrou Claire, as unhas cravadas nos ombros nus de Delilah.

Outras palavras saíram de sua boca, coisas que Claire nunca tinha dito durante o sexo, palavras bem picantes, mas ela não ligava, porque isso... era disso que ela precisava. Transar com força, rápido, sem nada de sentimental.

Ela pressionou o quadril contra os dedos talentosos de Delilah, se impulsionando contra sua mão até alcançar o clímax. O orgasmo tomou conta dela, que desabou contra o corpo de Delilah, seus gritos abafados pelo pescoço dela. Delilah ficou com a mão no lugar onde estava até os espasmos do corpo dela cessarem e, mesmo então, não teve pressa, provocando-a e acariciando-a com os dedos até tirá-los devagar da bermuda de Claire.

– Melhorou? – perguntou Delilah, um sorrisinho malicioso nos lábios.

Claire tentou sorrir também, mas acabou rindo. Um espaço se abriu em seu peito sem que ela pudesse explicar.

– Muito melhor.

Ela levou a mão até a calça de Delilah, mais que disposta a retribuir o favor, mas Delilah a deteve.

– Depois – disse.

Claire franziu o cenho.

– O quê? Mas eu quero...

– Eu sei. – Delilah pegou a mão de Claire e colocou-a na própria cintura, aproximando-as ainda mais, seus lábios se tocando enquanto falava. – E você vai. Mas, agora, vamos nadar. Você queria ver a Ruby, não queria?

Claire exalou em seus lábios.

– Queria.

Delilah assentiu.

– Então vamos lá.

Ela fez menção de se afastar, provavelmente para pegar suas roupas de banho, mas Claire a puxou para mais perto. Ela manteve os olhos abertos enquanto se beijavam, um beijo suave e lento. Quando se afastaram e viraram para vestir as roupas de banho, Claire seria capaz de jurar ter visto uma faísca de algo que parecia felicidade na expressão de Delilah.



– Iris vai me matar.

Claire olhou para Delilah enquanto andavam pela trilha que levava às termas. Ela estava com um biquíni preto que deixava todas as tatuagens à mostra, uma bermuda jeans de cintura alta e botas. Parecia suave e fodona ao mesmo tempo, e Claire não conseguia parar de olhar para ela.

Era um problema.

– Por quê? – perguntou Delilah, de olho nas agulhas secas dos pinheiros.

– Eu deixei ela sozinha com Spencer e Astrid – respondeu Claire.

Delilah estremeceu.

– É, ela não vai te agradecer por isso. A não ser que vocês tenham dado um jeito de avançar com a Operação Bota de Merda de longe.

Claire soltou um lamento, mas de repente parou e pousou a mão no braço de Delilah.

– É isso – disse.

– O quê?

– Operação Bota de Merda.

Ela se virou para Delilah, e um sorriso meio Gato Risonho curvou seus lábios.

– O que é que tem?

Claire gesticulou com as mãos.

– Precisamos... sei lá. Ampliar.

Delilah levantou uma das sobrancelhas.

– Você está falando de fazer pegadinhas?

– Isso!

Claire bateu palmas uma vez e apontou para Delilah.

– Exatamente. Pegadinhas de acampamento.

– Tipo despejar mel no saco de dormir dele ou coisa do tipo? Porque eu topo.

Claire franziu o cenho.

– Bom, não isso exatamente. Quer dizer... ele vai dividir a barraca com Astrid. Quero deixar ele louco, não ela.

– Podemos dar sonífero pra eles e depois levar o colchão de ar dele até a água, como naquele filme *Operação Cupido*.

– Ah, meu Deus, eu adoro esse filme. – Claire deu umas batidinhas no queixo. – Mas acho que ele não tem um colchão de ar.

– E a água não fica exatamente a uma distância que dê pra arrastar o colchão até lá – disse Delilah.

– Dar água com açúcar pra ele pra atrair insetos?

– Você sabe quanto ele detesta insetos.

Elas riram, mas nada que sugeriam parecia viável nem, bom, maduro. Mas Claire não estava ligando muito para maturidade no momento. Ela ligava para *isto*: Delilah e ela embaixo das árvores, tramando como adolescentes para ajudar a amiga. Parecia algo mais que apenas planejar uma pegadinha – parecia que estavam recuperando alguma coisa, algo divertido, leve e cheio de significado que elas nunca tiveram quando crianças.

Algo que Claire nunca nem pensara em tentar ter.

Mas que sem dúvida poderia tentar agora.

– Talvez a gente deva consultar o oráculo – propôs Claire, pegando a mão de Delilah e entrelaçando seus dedos quando elas voltaram a caminhar.

– Ah, o onisciente – disse Delilah, sorrindo. – Se Astrid tirasse a carta do louva-a-deus, seria ideal. Era só arrancar a cabeça dele e pronto.

Claire riu.

– Eu duvido muito que ela tiraria a maçã.

– Bom, ela não é tarada como você.

– Ei! – Claire bateu o ombro no dela, e Delilah bateu de volta.

Caminharam assim por um tempo, quase até chegar às termas, quando a postura de Claire se endireitou de repente.

– Já sei – disse, fazendo Delilah dar meia-volta e levando-a pela mão de volta para o acampamento.

– A gente não ia nadar? – perguntou Delilah.

– A gente vai – respondeu Claire, chutando um galho seco de pinheiro do caminho. – Mas primeiro vamos dar uma olhadinha nos suprimentos de cozinha do Josh.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

MEIA HORA DEPOIS, Delilah não conseguia parar de sorrir enquanto elas corriam pela trilha até as termas. As duas estavam com os dedos entrelaçados sob as árvores, e Claire soltava umas risadinhas que faziam Delilah se sentir como se tivesse voltado para a época da escola, mas não a escola que ela frequentara. Essa era toda *pertencimento e amizade e risadas*. Delilah não tinha essas coisas nem agora, menos ainda quando era criança.

Um milhão de sentimentos se enroscavam em suas entranhas, confusos e viciantes. Ela não sabia ao certo o que fazer com eles, senão ignorá-los, reprimi-los e se concentrar na sensação da mão de Claire na sua.

Em como Claire parecia... feliz.

Era uma sensação inebriante fazer uma mulher linda sorrir e rir daquele jeito. Tão inebriante que, quando as árvores acabaram e a pequena piscina natural cintilou diante delas, Ruby dando gritinhos enquanto Josh a jogava para cima, Delilah e Claire não se soltaram. Não de cara. Por um segundo, pareceu tão... normal ficar de mãos dadas na presença de outras pessoas.

Mas, quando Ruby emergiu da água, Claire se soltou. Delilah estava determinada a não deixar que aquilo a incomodasse, o segredo. Claire era adulta e tinha uma filha, e ela sabia que não era a parceira dos sonhos de ninguém.

Ela entendia.

Contudo, quando Claire se afastou dela, indo em direção à água, tirando os sapatos e descendo a bermuda por suas belas coxas, Delilah começou a pensar que não gostava daquilo.

Não gostava nadinha.



Delilah passou o resto da tarde com Ruby. Nadaram na água quente enquanto Claire conversava baixinho com Josh, Delilah fingindo o tempo todo não ouvir o estresse no tom de voz dela. Mais tarde, quando voltaram ao acampamento e vestiram roupas secas, ela se sentou com Ruby em um tronco e mostrou a ela como editar a foto da bacia de pássaros que a garota tinha tirado na noite anterior.

– Caramba! – exclamou Ruby quando Delilah ajustou a exposição. – É incrível como faz diferença.

– Bom – disse Delilah, mexendo na saturação –, o truque é fazer parecer que não tem edição nenhuma. Entender como fazer com que a luz natural, a cor e o tom naturais fiquem realçados, não completamente alterados. Tipo, olha essa parte aqui. – Delilah apontou para a flor no meio da água turva na tela. – O que você faria pra ela ficar melhor?

Ruby fez uma careta, pensando.

– Eu... eu deixaria mais nítida.

Delilah sorriu e cutucou seu ombro.

– Eu também. – Ela tocou na aba *Detalhe* e entregou o celular a Ruby. – Manda ver.

A garota brincou com a ferramenta de nitidez, observando como a foto mudava, antes de escolher uma configuração que deixava os contornos da flor um pouco mais nítidos.

– O que mais? – perguntou Delilah.

Ruby olhou para a tela.

– A cor. Quero deixar meio... desbotada?

– Por quê?

– Porque... porque é uma foto meio triste? Uma bacia de pássaros antiga, uma única flor, água suja. Não é... não é uma coisa que os pássaros usam. Está esquecida.

Delilah abriu os lábios enquanto observava a garota olhar para a foto com as sobrancelhas franzidas e sentiu um aperto no peito. Mas não era um aperto ruim, só trazia de volta uma sensação que ela havia experimentado com Claire um pouco antes, como se os anos se repetissem. Ruby via o mundo de um jeito que Delilah conhecia, o ponto de vista de uma artista, e podia ser um modo solitário de viver a vida. Ruby não estava sozinha, é claro, a garota tinha várias pessoas que a amavam, então, ela e Delilah eram diferentes nesse aspecto. Mas em outros, como aquela bacia de pássaros e o que podia simbolizar, eram parecidas.

E isso era... reconfortante.

Delilah sentiu uma vontade louca de estender a mão e colocar o cabelo úmido da garota atrás de sua orelha, mas não o fez. Em vez disso, só assentiu.

– É. Desbotar a cor um pouco vai deixar a foto poderosa.

Ruby olhou para ela.

– Sério?

– Com certeza. – Ela abriu a aba *Cor*. – Você pode ajustar a temperatura aqui, tipo, deixar os tons mais frios ou mais quentes, e a vibração, que vai suavizar a cor sem deixar a foto em preto e branco.

Ruby assentiu e começou a mexer no aplicativo. Delilah se acomodou e, ao levantar o olhar, viu Claire observando da mesa. Ela tentara fazer as pazes com Josh se oferecendo para ajudá-lo com o chili que ele ia preparar, então agora estava abrindo latas de feijão e despejando o conteúdo em uma panela enquanto ele refogava a carne no fogareiro. Claire estava com um sorriso discreto no rosto, o olhar suave observando Ruby criar.

Delilah se levantou, deixando Ruby com sua arte, e se sentou em frente a Claire.

– Obrigada por isso – disse Claire, abrindo mais uma lata de feijão.

– Não precisa agradecer. Foi legal. Ela é uma menina incrível.

Claire abriu um sorriso.

– É mesmo.

– E talentosa.

– Você acha?

– Pra caramba. Desenha muito bem e tem olhos bons, uma boa intuição.

Claire respirou fundo, mas seu sorriso murchou quando ela olhou para a trilha.

– Será que a gente deve se preocupar por eles ainda não terem voltado?

Delilah franziu o cenho, pegando o celular de Claire para ver que horas eram. Fazia um tempo que eles tinham ido.

– Você mandou mensagem pra Iris?

Claire assentiu.

– E pra Astrid. Três vezes. Mas o sinal não é muito bom lá.

– Talvez eles...

Mas Delilah foi interrompida pelo barulho de vozes vindo da trilha. Os três apareceram, todos carrancudos, e estavam... bom, estavam com uma aparência péssima. Spencer estava totalmente vestido e encharcado, inclusive o tênis de couro, que fez um barulhinho chiado quando ele saiu da trilha. Iris tinha galhos presos no cabelo, e a expressão de Astrid era uma tempestade.

Não, um furacão.

– Putz – disse Claire, estremecendo.

Ela se levantou e foi em direção às amigas, mas parou quando Spencer jogou a mochila no chão e gritou:

– Graças a Deus essa merda acabou! – E entrou na barraca.

– O que aconteceu? – perguntou Claire enquanto Astrid respirava fundo e esfregava os olhos.

– Nada – respondeu ela. – A gente se perdeu um pouco.

– Que merda – disse Josh, levantando-se de onde estava agachado em frente ao fogo. – Vocês estão bem?

– Óbvio – respondeu Astrid, a voz cheia de desprezo.

Josh levantou as mãos, como quem se rende, e voltou a cozinhar, resmungando baixinho alguma coisa que Delilah não conseguiu decifrar.

– A gente não se perdeu – explicou Iris. – Spencer, o grande explorador da natureza, fez a gente se perder.

– Iris – falou Astrid, soltando um suspiro. – Deixa isso pra lá.

– Não tenho culpa se seu noivo é incapaz de seguir uma trilha – respondeu Iris. – O caminho estava bem demarcado, mas não, ele tinha que dar uma de pioneiro.

– Ele queria explorar.

– É assim que as pessoas morrem na floresta, Astrid, o que eu disse com todas as letras.

– Bom, a gente não morreu.

– Não, só fomos picados por milhões de insetos, vimos a porra de um urso e ficamos sem água há uma hora. Muito divertido explorar.

– Opa, opa, vocês viram um *urso*? – perguntou Claire.

– Estava bem longe – disse Astrid, revirando os olhos. – E ele nem ouviu a gente.

Delilah pegou a garrafa de água e a levou para Iris, que arrancou a garrafa de sua mão e bebeu fazendo barulho. Claire ofereceu a sua para Astrid, que a aceitou com os olhos fixos no chão.

– A única parte boa foi quando o querido Spencer levou um tombinho ao decidir que jamais seria um homem de verdade se não atravessasse os grandes rios da terra.

– Ah, pelo amor de Deus, Iris – disse Astrid. – Ele estava tentando encher a garrafa de água.

– É um ótimo jeito de pegar cólera – respondeu Iris.

Astrid enfiou a garrafa de volta nas mãos de Claire e saiu pisando firme em direção à barraca sem dizer mais nada.

– Meu Deus – disse Delilah, segurando um sorriso.

Nada era mais divertido que ver Astrid Parker fora da sua zona de conforto. Mas, quando ela se virou e viu Iris olhando para Claire e Claire retorcendo as mãos, sua alegria desapareceu.

– Você – disse Iris, os dentes cerrados. – Me. Abandonou.

– Desculpa – respondeu Claire. – Eu achei...

– Você me deixou sozinha com eles, e sabe que eu não consigo ficar de

boca fechada perto daquele Mocassim de Merda.

– O que você disse pra ele? – perguntou Claire.

– Quando? Quando ele não parava de falar do precioso sapato de couro italiano que ele decidiu usar na porra do meio do mato ou quando ele ficou falando pra Astrid que não precisava ter vergonha de usar um bastão de caminhada já que ela estava tão fora de forma? Ou, não, espera, que tal quando ele começou a me encher o saco porque Grant e eu não somos casados e não temos filhos, embora Astrid tenha pedido pra ele deixar isso pra lá, e ele tenha começado a dar uma palestrinha poética sobre meus óvulos estarem secando?

– Puta merda, ele disse isso? – perguntou Claire.

– Disse, sim. Ainda bem que o Grant teve que trabalhar hoje e não estava aqui pra ouvir.

Os ombros de Iris caíram, e todo o ar deixou seus pulmões enquanto ela esfregava a testa.

Delilah sentiu que lhe faltava uma peça para entender o que tinha acontecido, uma peça importante e em formato de grande amizade, mas não sabia como perguntar.

– Querida, sinto muito – disse Claire, se aproximando de Iris e acariciando seus braços. – Josh e eu brigamos e eu...

– Eu entendo – interrompeu Iris, agora com a voz suave. – Mas nosso plano, infelizmente, foi por água abaixo.

– Não sei, não – disse Delilah. – Astrid parecia chateada.

– É – respondeu Iris. – Comigo.

Delilah inclinou a cabeça.

– Talvez um pouco. Mas parece que o Spencer foi bem babaca. Talvez ela esteja meio frustrada com ele também.

Iris entrelaçou o braço no de Claire e encostou a cabeça no ombro da amiga, a raiva esquecida.

– Pode ser. Eu descobri que ela não convidou ele pra vir acampar.

– Não? – perguntou Claire.

– Não. Quando a gente se perdeu, eles começaram a discutir porque a Astrid queria voltar e ele achava que a gente devia seguir em frente. Ele disse

irritado que a viagem tinha sido ideia dela, e ela retrucou dizendo que, pra começo de conversa, nem tinha convidado ele. Que ele *tinha* que vir junto porque achava que ela não conseguia encarar a natureza sozinha.

– Meu Deus – disse Claire. – Ele disse isso pra ela?

– Bom, a Astrid não é exatamente do mato – comentou Delilah.

Iris olhou para ela.

– Não é essa a questão. A questão é que ele acha que ela é incompetente, e ela sabe disso.

– Coitada da Astrid – disse Claire. – O que a gente faz agora?

– A gente só precisa conversar com ela, Claire – respondeu Iris. – Já chega. Você e eu. Hoje à noite.

Claire assentiu, agarrando a mão de Iris. Nenhuma das duas olhou para Delilah nem tentou incluí-la no plano das melhores amigas. E, por Delilah, tudo bem. Tudo ótimo.

Ela se virou e deixou as duas sozinhas para planejar o que dizer a Astrid, voltando a se sentar ao lado de Ruby para ver a beleza que a garota tinha criado.



Todos já tinham se acalmado quando se sentaram em volta da fogueira para comer. Delilah sentou-se com Ruby, que havia tirado mais algumas fotos com o celular dela e queria mostrar como as havia editado. Ficou mais que satisfeita por desaparecer no mundo da cor, dos ângulos e dos tons por um tempo. Os últimos dias tinham sido muito intensos com Claire e, para falar a verdade, ela precisava de uma pausa de tanto pensar e sentir. Josh sentou-se do outro lado de Ruby, ouvindo a filha contar a Delilah sua visão de uma imagem das coníferas contra o céu. Delilah olhava para ele de vez em quando, buscando sinais de tédio ou desprezo – ou de que ele não conseguia tirar os olhos da ex –, mas ele não correspondeu a essa expectativa. Em vez disso, às vezes soltava um “oh” ou um “ah” ao ver as fotos da filha, fazendo perguntas aqui e ali. Mas na maior parte do tempo ficou de boca fechada e

deixou Ruby falar, aproveitar o momento. Delilah diria ter ficado impressionada, mas ainda não estava disposta a ser tão generosa com ele.

Claire estava ocupada com Iris. Elas se sentaram juntas em um tronco, conversando e rindo, mas olhando de vez em quando para Astrid, que estava à mesa ao lado de Spencer, que não parava de falar das picadas de inseto que tinha sofrido na trilha.

Astrid mal respondia, comendo com os olhos vidrados.

Fazia uns dez minutos que estavam comendo quando Delilah percebeu um silêncio repentino. Spencer tinha finalmente calado a boca, e uma carranca franzia suas sobranceiras douradas. Ela observou-o se remexer no banco como se estivesse tentando se acomodar... e se remexer de novo.

Pigarreou, tentando chamar a atenção de Claire, mas ela estava com o rosto virado, conversando em voz baixa com Iris.

Pigarreou de novo, então tossiu.

– Você precisa de um gole de água, Delilah? – perguntou Astrid em um tom já irritado.

– Preciso, sim, muito obrigada – respondeu Delilah, e bebeu da própria garrafa.

Astrid revirou os olhos e voltou a olhar para a comida, enquanto Spencer começava a suar ao lado dela. Ele não conseguia ficar parado, e Delilah viu quando tentou ajustar o gancho da calça o mais discretamente possível.

Tossiu mais uma vez.

– Nossa, esse chili está bem *apimentado* – disse em voz alta.

Isso finalmente chamou a atenção de Claire. Ela olhou para Delilah, que arregalou os olhos e inclinou a cabeça em direção a Spencer.

– É mesmo? – perguntou Josh, olhando para a própria cumbuca. – Eu quase nem coloquei pimenta-caiena. Descobri que não trouxe tanto quanto imaginava.

Delilah engasgou com a risada, algo bobo e infantil e simplesmente *divertido* surgindo em seu peito. Claire cobriu a boca com a mão, e Iris olhou para Spencer com um brilho maníaco nos olhos. Ficou óbvio que Claire tinha contado a Iris que ela e Delilah tinham pegado *emprestado* a

pimenta-caiena de Josh e despejado uma quantia generosa em todas as quatro cuecas boxer pretas Ralph Lauren de Spencer, e agora as três observavam o homem se contorcer e suar, secando a testa com as costas da mão.

– Está tudo bem? – perguntou Astrid, finalmente percebendo o desconforto do noivo.

Ele assentiu, mas seu rosto ficava cada vez mais vermelho, o suor pingando da testa.

– Não está, não – disse Astrid, assustada. – O que está acontecendo?

– É que eu... ah, merda!

Desta vez ele nem tentou esconder o fato de que estava coçando a virilha. Levantou-se do banco atrapalhado, sacudindo o corpo para lá e para cá em busca de alívio.

– Mas o quê...? – indagou Josh.

– Ele está bem? – perguntou Ruby.

– Ah, ele está ótimo – disse Delilah, agitado uma das mãos.

Mas então Spencer arrancou a bermuda cáqui, deixando a cueca boxer à mostra e agarrando a virilha, desesperado.

– Opa, cara. Para! – gritou Josh, cobrindo os olhos de Ruby com as mãos.

– Spencer!

Astrid se levantou de um salto e bateu no peito do noivo, empurrando-o em direção à barraca antes que ele se expusesse mais.

– Água! Preciso de água! – gritou ele.

Astrid pegou a garrafa de água de cima da mesa e continuou a arrastá-lo em direção à barraca. Quando já estavam protegidos do lado de dentro, os gemidos e resmungos e *mas que porra* ecoando entre as árvores, o resto do grupo ficou sentado em silêncio e choque durante uns dez segundos até Iris ter um ataque de riso tão forte que caiu do tronco onde estava sentada.

– Ah. Meu. Deus – disse, ainda gargalhando deitada no chão, os braços abertos e a cumbuca de chili segura entre seus pés.

– O que foi isso? – perguntou Josh.

Delilah trocou olhares com Claire, uma gargalhada também

borbulhando na língua.

– Bom, Josh – respondeu. – Digamos que a gente te deve um pouco de pimenta-caiena.



Delilah não conseguia dormir.

Estava silencioso e quente demais dentro da barraca, e sua cabeça estava agitada demais. Claire estava ao seu lado, completamente apagada e ressonando baixinho, Iris ao lado dela. Mais cedo, quando ficou claro que Astrid e Spencer não iam mais sair da barraca – e Iris parou de rir como uma vilã de filme da Disney –, todos se acomodaram ao redor da fogueira enquanto o sol se escondia atrás das coníferas. Passaram as horas seguintes bebendo a cerveja que Josh tinha trazido em uma das caixas térmicas enormes e ouvindo-o contar histórias de fantasma para Ruby, que não parecia nem um pouco assustada com a garota que encontrou uma picada de aranha no rosto ao voltar de um acampamento e viu, no espelho de casa, a ferida estourar e um milhão de filhotes de aranha se espalharem por seu rosto.

– Josh – chamou Claire quando a história terminou, esfregando o rosto sem perceber.

– Que foi?

Ele sorriu e cutucou Ruby, que não conseguia parar de rir e tagarelar sobre a foto incrível que isso daria.

– Né, Delilah? – perguntou.

– Com certeza – respondeu ela, piscando para a garota.

Claire balançou a cabeça, mas seu olhar vagou até a barraca de Astrid, a preocupação franzindo sua testa. Iris disse a ela várias vezes que não se preocupasse, que elas conversariam com Astrid no dia seguinte, quando voltassem a Bright Falls. Ela assentia, mas Delilah quase conseguia sentir o estresse de Claire pesar nos próprios ombros, o que era uma ideia absurda.

Delilah não estava nem aí se Astrid tinha ficado irritada por causa da

pimenta. E sem dúvida não estava nem aí para o possível vergão na virilha de Spencer. Também não dava a mínima se Iris tinha se sentado ao seu lado perto da fogueira e apoiado a cabeça no ombro dela, ainda soluçando por causa da gargalhada e... ficado assim. Delilah esperava que ela dissesse alguma coisa sobre a pimenta, mas ela não disse. Iris Kelly simplesmente ficou sentada ali por uns dez minutos, *aconchegada* na Alma Penada da Casa das Glicínias enquanto bebia sua cerveja.

Delilah começou a beber mais rápido, na esperança de que o álcool a acalmasse e lhe desse coragem para afastar o rosto de Iris, mas isso não aconteceu. Na verdade, fez com que ela ficasse mais sentimental, a palavra *amigas* tremeluzindo em seu cérebro como os vaga-lumes no verão.

Quando todos se acomodaram em suas barracas no horário chocante de nove e meia da noite e Iris foi fazer xixi no mato, Claire se aproximou em seu saco de dormir, roubou-lhe um beijo e sussurrou em seu ouvido sobre saírem de fininho para ir até os ofurôs quando Iris estivesse dormindo.

– Depois que apaga, ela não acorda por nada – disse Claire.

Delilah concordou, ansiosa por... alguma coisa. Estava inquieta e agitada, então, talvez uma hora com a pele de Claire sob suas mãos e seus lábios a acalmasse. Mas Claire, exausta por não ter dormido quase nada na noite anterior, apagou completamente menos de meia hora depois de anunciar seu plano de pegação no meio da noite.

Então agora Delilah estava totalmente acordada, apesar de também não ter dormido na noite anterior, olhando para o teto da barraca e quase sufocando com o calor das árvores sob o céu de junho. Claire resmungou alguma coisa e largou um dos braços sobre a barriga de Delilah, chegando mais perto, até sua boca encostar no pescoço dela. Ela continuava dormindo, os membros pesados, mas Delilah não conseguiu conter a propagação de calor que correu por suas veias ao passar os dedos pelo braço macio de Claire.

Por fim, sentou-se, agora com o coração batendo rápido demais para que conseguisse dormir. Saiu de baixo de Claire, desvencilhando as pernas nuas do saco de dormir, e abriu a barraca. O ar fresco da noite entrou, e ela ficou ajoelhada ali na entrada por um instante, esperando o coração voltar ao

normal.

A uns cinco metros dali, os restos da fogueira ainda reluziam. Delilah saiu da barraca em direção às caixas térmicas de Josh para pegar mais uma cerveja, mas encontrou-as trancadas com um mecanismo complicado que ela não conseguia enxergar direito no escuro.

– Que porra é essa? – perguntou baixinho, se agachando para tentar ver a tranca.

– É pros ursos não abrirem.

– Meu Deus do céu! – Delilah caiu de bunda. Agora, o coração com certeza estava a toda a velocidade.

– Não se assuste, sou eu – disse Astrid, desanimada, mostrando sua latinha de cerveja para Delilah sem sair do tronco onde estava sentada, perto da fogueira. – Achei que valeria a pena ver você cair de bunda e gritar que nem criancinha.

– Eu não gritei que nem criancinha – protestou Delilah, levantando-se e batendo a terra do short de dormir.

– Gritou, sim. Não tem problema.

Astrid piscou para ela. Estava com um cobertor sobre os ombros, o cabelo um pouco menos penteado que de costume e um brilho inebriado nos olhos. É claro que podia ser só efeito do fogo, mas sua voz também estava um pouco confusa. Delilah nunca tinha visto Astrid Parker bêbada. Nem uma vez, nem mesmo quando eram adolescentes e, à uma da manhã, ela via da janela do quarto a irmã postiça, Iris e Claire saindo de fininho para encontrar garotos no Parque Bryony, a quase um quilômetro de distância da Casa das Glicínias, na mesma rua. Astrid sempre voltava totalmente sóbria. Claire também, aliás. Iris, nem tanto.

– É só levantar a trava de baixo e girar pra esquerda – explicou Astrid, apontando para a caixa térmica.

Delilah ficou olhando para ela por um instante antes de voltar a se agachar e seguir suas instruções. Como esperado, a caixa se abriu, revelando algumas latas de cerveja boiando em um mar de água com gelo. Ela pegou uma e fechou a caixa antes de ir até a fogueira, acomodando-se em um tronco em frente a Astrid, longe o suficiente para indicar que não estava ali

para conversar. Só não tinha nenhum outro lugar aonde ir no meio da noite, com ursos e sabe Deus mais o que vagando pela floresta.

– Spencer tá legal? – perguntou, abrindo a cerveja.

A pergunta simplesmente saiu, impensada e impulsiva. Ela não sabia se Astrid tinha alguma desconfiança a respeito do... é... probleminha de Spencer. A pimenta não tinha cheiro e era difícil de enxergar no algodão escuro da cueca, principalmente à luz fraca do sol poente. Provavelmente pareceria um pouco de terra se olhassem de perto. De qualquer forma, Delilah esperava pelo menos alguma reação, um olhar penetrante ou uma resposta sarcástica, porque era assim que as duas interagiam, mesmo quando perguntava apenas sobre o tempo. Mas Astrid não fez nada disso. Só soltou um suspiro, bebeu mais um gole de cerveja e deu de ombros.

Delilah ficou olhando para ela, o cérebro calculando automaticamente a próxima coisa a dizer para irritá-la, atazaná-la, importuná-la, fazê-la sentir-se culpada por alguma coisa. Todos os mecanismos que costumava usar para interagir com a irmã.

Não conseguiu pensar em nada. Astrid parecia pequena, perdida até, os ombros caídos e meias-luas roxas sob os olhos. Nada que um pouco de corretivo não resolvesse, mas ainda assim... Delilah não conseguia se lembrar da última vez que a tinha visto tão desganhada.

Teve vontade de pegar a câmera do celular, a visão de Astrid parecendo uma personagem de filme de terror – pelo menos, segundo seus próprios padrões – era quase inebriante demais para resistir. Mas ela nem se mexeu. Depois de todas aquelas emoções dos últimos dias, percebeu que não tinha a clareza mental necessária para jogos maldosos entre irmãs.

Então não jogou. Bebeu a cerveja e deixou a brisa fresca do verão deslizar por sua pele. Ficou olhando para a fogueira e tentou fingir que Astrid nem estava ali. Isso se provou impossível, no entanto, pois, na ausência de qualquer brincadeira maldosa, a mente de Delilah se encheu de coisas que a levavam de volta a Astrid de um jeito ou de outro: Claire, Iris, Ruby, o casamento e o dinheiro que ela ia gastar, até mesmo a exposição no Whitney, que só a fazia lembrar quanto estava desesperada para ser alguém na vida. Alguém importante, de quem as pessoas lembrariam, sobre quem

perguntariam e a quem procurariam, mesmo se fossem apenas estranhos atrás das emoções que sua fotografia evocava.

Geralmente, essa linha de pensamento levava a uma determinação firme: produzir fotos espetaculares para o Whitney, se dedicar mais, ter mais criatividade, estabelecer mais contatos com artistas e donos de galerias, ser mais, fazer mais, não parar enquanto não vendesse todas as obras ou enquanto uma ideia para mais uma série não se concretizasse. Agora, no entanto, os olhos arregalados de Ruby, maravilhados, tomavam conta de seus pensamentos. A admiração da garota, o entusiasmo com a criação. Claire também apareceu, trazendo a sensação de tê-la nos braços, os sons que fazia quando Delilah a tocava, o modo como se aproximava dela mesmo quando estava dormindo.

O que deve ter sido accidental. Claire era o tipo de pessoa que abraça – Delilah sabia disso desde a primeira noite que passaram juntas – e estava de frente para ela, simplesmente. Teria se aconchegado em Iris se estivesse virada para ela.

Não teria?

Saco. Delilah esfregou a testa e bebeu um gole de cerveja. O ar fresco, pelo jeito, não estava ajudando nem um pouco a se livrar daqueles malditos *sentimentos*.

– O que aconteceu? – perguntou Astrid.

Delilah levantou a cabeça de repente.

– Quê? Nada.

Agora apareceu o olhar penetrante.

– Nada porra nenhuma – rebateu Astrid.

– Você anda uma verdadeira especialista em palavrões.

– É difícil me segurar perto de você.

Delilah sorriu para ela do outro lado da fogueira.

– De mim? Tem certeza?

– Por que eu não teria?

– Bom, você está aqui fora no frio bebendo cerveja. Do que você chamou aquela vez? Um pedaço de pão enlatado?

– Isso é fato. Você já viu a quantidade de carboidrato que tem nisso?

– Enquanto isso – continuou Delilah –, seu Príncipe Encantado está dormindo sob as estrelas abraçado ao edredom de penas.

– Ele não trouxe um edredom de penas.

– Tá, não importa, ao edredom de seda. A questão é que talvez outra pessoa esteja arrancando esse monte de *merdas* e *porras* de você.

Ela esperou pela resposta atravessada de Astrid, algo extremamente maldoso e talvez humilhante, mas seu comentário foi recebido apenas com o silêncio. Astrid girou a cerveja dentro da lata, olhando para baixo. Era a situação perfeita, na verdade, para continuar implicando com a irmã postiça, cutucando-a como a um urso adormecido. Talvez fosse o pão líquido, mas, em vez disso, Delilah de repente imaginou o que Claire diria ou faria naquela situação. Era um pensamento estranho. Mais estranho ainda era o fato de ela saber o que ela diria e faria. Ela seria doce e consoladora. Colocaria a felicidade de Astrid na frente da sua. Ela se *importaria*.

E Delilah e Astrid nunca foram assim.

– Lembra quando minha mãe conversou com a gente sobre sexo? – perguntou Astrid.

– Ah, meu Deus. – Com certeza não era isso que ela esperava ouvir. – Por que trazer à tona uma lembrança tão terrível?

Um sorrisinho minúsculo surgiu nos lábios de Astrid.

– A gente tinha o quê? Uns 12 anos?

– E já sabia alguma coisa sobre sexo pelo currículo desastroso de educação sexual de Bright Falls. Agradeço a Deus pelos romances baratos que a babá sempre deixava entre as almofadas do sofá, só digo isso.

Astrid riu.

– Meu Deus. Eu só me lembro daquele em que a cortesã ou sei lá o que gostava de amarrar o amante no trono da rainha.

– E aí ele tinha que chamar ela de *Vossa Majestade*? Se isso não nos ensinou tudo o que precisávamos saber, não sei o que ensinaria.

– A versão da minha mãe era meio diferente.

Delilah endireitou a postura, segurando a lata de cerveja como se fosse uma xícara de chá e levantando o dedinho.

– Minhas caras – disse, com um sotaque afetado que não lembrava nada o de Isabel Parker-Green –, sempre usem o toalete depois de ter *intimidades* e, pelo amor de Deus, *não* deixem que ele convença vocês a ficar por cima.

Astrid riu alto e cobriu a boca com uma das mãos.

– Ela não disse essa última parte.

– Ela estava pensando. Acredite.

O sorriso de Astrid desapareceu.

– É, provavelmente estava. – Depois sua voz ficou meio fantasmagórica, os olhos vidrados. – “Nem sempre é agradável, mas deixa o marido feliz, então, considero tempo bem gasto.”

– Quê?

– Foi o que ela disse. – Ela olhou nos olhos de Delilah. – Você não se lembra dessa parte?

– Não palavra por palavra. E com 12 anos eu já tinha um pressentimento de que a palavra *marido* nunca se aplicaria a mim, então devo ter me distraído quando ela foi por esse caminho.

Astrid assentiu.

– Ela disse isso. E eu nunca esqueci.

– Espera aí, espera aí – disse Delilah, se levantando e sentando em um tronco mais próximo da irmã. – Ela disse isso mesmo? Com essas palavras?

Astrid assentiu de novo.

– Você sabe quanto isso é perturbador, considerando que ela era casada com meu pai, né?

Astrid estremeceu, mas sorriu para Delilah, algo que parecia camaradagem florescendo entre elas. De repente, Delilah se sentiu jovem e esperançosa – o que era uma tolice. Ela não era mais tão jovem assim e nunca tinha associado Astrid à esperança nem em seus sonhos mais loucos.

– Desculpa – disse Astrid. – É... é esquisito, mas... por algum motivo, não consigo parar de pensar nisso.

– Então Spencer é péssimo na cama? É isso?

Astrid soltou um gemido.

– Não, ele é...

– Porque você sabe que isso não tem nada a ver, né? De a mulher ter que

transar com o marido, ou qualquer parceiro, pra deixar ele feliz.

– Eu sei. Não tem a ver com sexo em si, é a ideia por trás do que ela disse. Como se eu tivesse que...

Ela hesitou, olhando para o nada à sua frente. A luz do fogo dançou em seus olhos arregalados, e Delilah poderia jurar ter visto uma pequena onda de lágrimas, mas Astrid piscou antes que ela pudesse ter certeza.

– Como se você tivesse que o quê? – perguntou Delilah com voz mansa.

Astrid olhou para baixo e passou o dedo pela borda da lata.

– Que dizer sim. O tempo todo, pra tudo. Ser calma e equilibrada e controlada e simplesmente dizer sim.

Ficaram em silêncio por alguns segundos, a confissão de Astrid pairando entre elas. Delilah pensou na infância das duas, na adolescência, em toda a atenção que Isabel dispensava a Astrid em relação às notas e à corrida, às idas mensais ao salão de beleza, às dietas balanceadas e aulas de francês, ao grupo de debate do colégio, à inscrição antecipada na faculdade e ao diploma de administração. Tudo o que Isabel nunca se preocupou em empurrar para Delilah. Bom, isso não era exatamente verdade. Isabel cobrava que ela fizesse a lição e garantia que ela comesse um jantar decente todas as noites, mas em todo o resto, até o cabelo desgrenhado de Delilah e o desprezo por qualquer coisa que se assemelhasse a esporte, Isabel a deixava em paz. Ela aceitava com muita facilidade as recusas de Delilah, como se fosse um alívio e ela pudesse dedicar toda a atenção ao que importava de fato: sua Astrid perfeita, que nunca reclamava por ter que vestir um longo de cetim e desfilas em um evento beneficente como uma princesa.

Astrid tinha razão. Ela nunca dizia não. Mas Delilah achava que era porque não queria.

– Astrid... – disse Delilah.

Mas a irmã postiça a interrompeu se levantando de repente.

– Você não liga pra nada disso – disparou Astrid, abanando a mão e oferecendo um sorriso plástico a Delilah.

Ela puxou o cobertor em volta dos ombros e saiu em direção à barraca antes que Delilah pudesse dizer mais alguma coisa.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

CLAIRE NÃO FALOU COM ASTRID nem com Delilah durante dois dias.

A manhã de sábado no acampamento tinha sido tranquila. Tirando Josh e Ruby, todos estavam de ressaca ou não tinham dormido bem. Apenas Delilah continuava desmaiada na barraca quando todos já estavam prontos e de mala feita. Astrid e Spencer foram embora antes mesmo de Josh terminar de preparar o café da manhã no fogo, não dando a Claire e Iris nenhuma chance de conversar com a amiga. E Delilah dormiu durante todo o percurso de volta à cidade.

Agora era segunda à noite e Claire se sentia como se estivesse saindo do corpo. Ela e Iris trocaram muitas mensagens durante o fim de semana, mas em especial sobre o fato de nenhuma das duas conseguir falar com Astrid. Claire teria ido até a casa da amiga para confrontá-la, mas tanto ela quanto Iris estavam sobrecarregadas de trabalho em suas respectivas lojas, compensando os dias de folga que tiraram no spa e no acampamento improvisado. Além disso, ela não queria emboscá-la. Estava na hora de ser sincera quanto a suas preocupações, sim, mas ela e Iris concordaram em abordar a situação com cautela, ainda mais agora que Astrid estava claramente evitando as duas e não facilitaria as coisas.

Todo esse estresse poderia ser gerenciável – afinal, ela estava preocupada

com Astrid desde que a melhor amiga ficara noiva –, mas agora também tinha Delilah, que não tinha mandado mensagem nem telefonado nem passado na livraria desde que voltaram das Termas de Bagby. Tudo bem, Claire também não tinha ligado nem mandado mensagem. Fazer qualquer uma das duas coisas daria um tom de *namoro* à coisa, e elas com certeza não estavam namorando. E, como não estavam namorando, entrar em contato daria a entender que havia segundas intenções, e isso não parecia legal.

Nada parecia legal.

Ela sabia que um relacionamento casual era assim e disse a si mesma várias vezes que estava tudo bem. Disse a si mesma que estava tudo bem quando Ruby perguntou se Delilah podia vir comer uma pizza com elas sábado à noite e ela disse que não. Disse a si mesma que estava tudo bem ao se virar na cama domingo e ainda sentir o cheiro de Delilah em seu travesseiro. Disse a si mesma que estava tudo bem ao rolar o feed do Instagram de Delilah segunda à noite, deitada no sofá enquanto a chuva caía lá fora, ignorando o fato de que a dor em seu peito ficava maior e mais forte a cada imagem.

Ficou especialmente melancólica ao ver a fotografia de uma mulher negra maravilhosa usando um vestido formal com saia de tule, descalça no fluxo de água de um hidrante em Nova York, com um muro de pedras grafitado atrás dela. O vermelho do hidrante se destacava em meio às roupas neutras da mulher, ao cinza e aos azuis e verdes desbotados do muro, às gotas de água que pareciam pedacinhos de cristal suspensos no ar.

Era uma foto linda. Digna de estar pendurada em uma parede. De uma galeria, até.

Ela havia acabado de abrir mais uma imagem de tirar o fôlego, se afundando na pena que estava sentindo de si mesma, quando a campainha tocou. Empurrou o casulo de cobertores, xingando Josh por ter chegado cedo pela primeira vez na vida. Ele ia levar Ruby e Tess ao cinema, e depois elas iam dormir no apartamento dele. Ainda faltavam quinze minutos para o horário combinado. Puxou a alça da regata que ficava caindo, mas nem se preocupou em dar um jeito no cabelo, que estava preso em um coque bagunçado no topo da cabeça desde que ela chegara da livraria, mas já tinha

cedido um pouco à gravidade.

– Ruby, seu pai chegou! – gritou em direção ao corredor ao chegar à porta.

– Nossa, ele está adiantado!

– Ouviu isso? – perguntou Claire, abrindo a porta. – Você chocou sua ...

Ela piscou olhando para a pessoa que estava em sua varanda embaixo de um guarda-chuva rosa com babados. Uma pessoa que com certeza não era Josh.

– Eu choquei quem? – perguntou Delilah.

– Ah. Ninguém. Achei que fosse o Josh.

– Sinto muito decepcionar.

– Não! – gritou Claire, alto o bastante para deixar Delilah levemente assustada. Ela se esforçou para se acalmar. – Desculpa. Não, não estou decepcionada. Só surpresa.

Delilah assentiu, e ficaram se olhando por alguns segundos, durante os quais Claire se deu conta de que estava com uma calça de moletom suja, uma regata com uma mancha antiga de mostarda perto do seio esquerdo e o cabelo parecendo um ninho de vespa. Estava um pouco maquiada, mas, com uma noite inteira para sentir pena de si mesma e beber vinho pela frente, nem tinha se preocupado em dar uma ajeitada ao chegar da livraria.

– Então posso entrar? – perguntou Delilah. – Tirei umas fotos hoje que adoraria mostrar pra Ruby.

Claire sentiu um frio na barriga, mas deu um passo para trás.

– Claro, desculpa, entra. Mas a Ruby vai sair co...

– Olha só. Olá, senhoras. – Josh veio correndinho pela calçada, com uma calça justa e uma camiseta cinza básica salpicada de pingos de chuva no peito e nos braços. – Que noite linda, hein?

– Oi – disse Claire. – Ruby está quase pronta.

– Beleza. Oi, Delilah.

– Oi.

– Belo guarda-chuva.

Delilah olhou para cima, como se tivesse esquecido a aparência daquela coisa.

– Era o único que a Pousada Caleidoscópio tinha pra me emprestar.
– Parece uma torta de morango – comentou Josh. – O que vocês vão aprontar hoje?

– Nada – respondeu Claire.

– Nadinha – garantiu Delilah.

Josh franziu o cenho, olhando de uma para a outra. Claire quase conseguia ouvir a mente dele trabalhando e queria que ele caísse fora. Por sorte, Ruby veio saltitando pelo corredor naquele exato momento, beijando o rosto de Claire e cumprimentando Delilah antes de se jogar nos braços do pai. Então eles partiram em um alvoroço de capa de chuva verde e mochila, com a promessa de que Josh traria a filha de volta na manhã seguinte às dez.

Claire ficou observando a filha entrar no banco de trás da caminhonete de Josh e colocar o cinto de segurança. Deixou a porta aberta mesmo depois que o carro arrancou e eles saíram de vista.

– Desculpa – disse. – Ruby vai ficar com o pai hoje.

– Sim, percebi – respondeu Delilah.

– Você... Quer dizer... Você quer...

Ela não conseguia pronunciar as palavras. Queria que Delilah ficasse, mas não queria que ela pensasse que era só pelo sexo. Mas, pensando bem, já tinham estabelecido que estavam só transando, então Claire podia convidá-la para ficar sem medo. Delilah era quem tinha aparecido à sua porta, pelo amor de Deus.

Ainda assim, não conseguia deixar de querer algo mais. Jantar. Ver um filme. Talvez só dividir uma garrafa de vinho na varanda, ouvindo a chuva e conversando.

Mas isso era ridículo.

Era... impossível.

– Eu quero o quê? – perguntou Delilah, dando um passo à frente.

Claire balançou a cabeça.

– Deixa pra lá. Eu...

Mas então Delilah fechou o guarda-chuva, deixou-o na varanda e entrou. Ela fechou a porta antes de entrar no espaço de Claire, com as mãos em seu quadril e a boca tocando seu lábio inferior ao dizer:

– Eu estava com saudade.

Claire não conseguia respirar. Nem ousava.

– Estava?

Delilah assentiu e a beijou – uma vez, duas, um beijo suave e doce que não indicava que ela esperasse ir para a cama imediatamente. Na verdade, com aquele beijo, bom, parecia que Delilah esperava... *algo mais*.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

DELILAH BEIJOU CLAIRE e afundou o rosto no pescoço dela, abraçando-a pela cintura. Inspirou seu aroma campestre, com um leve toque de suor no fim, e sentiu o coração desacelerar pela primeira vez em dois dias.

Ela havia tentado.

Havia tentado muito ficar longe de Claire desde que Iris a deixara na Pousada Caleidoscópio sábado à tarde. Nada de mandar mensagem, nada de ligar e, sem dúvida, nada de aparecer na casa dela sem avisar. Sabia que precisava dar um tempo em todos os sentimentos que aquela mulher despertava nela. Passara as horas fotografando pela cidade, analisando o portfólio on-line para a exposição no Whitney, matando o tempo na Taverna da Stella na noite anterior até perto da meia-noite, mas Bright Falls não era um lugar fácil de encarar sozinha. Era tranquila e calma e, embora houvesse certo charme na introspecção que a cidade inspirava, Delilah nunca tinha sido muito boa em autorreflexão.

Na verdade, tinha passado os últimos doze anos evitando isso.

Então não foi surpresa nenhuma quando, naquela manhã, ela começou a enlouquecer. Não conseguia parar de pensar em Astrid e na conversa que tiveram em volta da fogueira. Sua infância teimava em reaparecer, saindo do lugar onde ela a mantinha escondida havia tanto tempo, as amarras em que

preservava a frieza e o desinteresse de Astrid se desfazendo.

Mas talvez ainda pior que todos esses *pensamentos* fosse o *desejo*. Aquela atração por Claire estava ficando absurda. E não era só o desejo de passar a noite com ela mais uma vez. Delilah queria simplesmente vê-la, conversar com ela. Beijar aquela boca maravilhosa também, claro, mas o simples fato de ficar ali, na entrada da casa dela, era como mergulhar em um lago fresco depois de caminhar pelo deserto.

– Está tudo bem? – perguntou Claire, colocando os braços sobre os ombros de Delilah e passando as mãos em seu cabelo.

Delilah assentiu, o rosto ainda apoiado em seu pescoço. Mas a verdade era que ela não tinha certeza. Não se sentia bem. Sentia-se pequena e desesperada, como uma criança precisando de um abraço.

– Conta qual é o problema – pediu Claire.

Delilah finalmente levantou a cabeça.

– Eu disse que está tudo bem.

Claire inclinou a cabeça.

– E eu não acredito.

– Não?

– Não.

Delilah sentiu um sorrisinho surgir em seus lábios. De repente, o fato de Claire Sutherland perceber quando ela estava mentindo – e mais, demonstrar se importar de verdade – parecia um pequeno milagre.

– Vamos fazer alguma coisa – disse Delilah, puxando Claire mais para perto e deslizando as mãos pelas costas dela. Deu-lhe um beijo, só um.

– Tipo... sair?

– É. – Beijo. – Tipo sair. – Beijo.

Claire riu.

– Pra onde?

Delilah deu um sorrisinho maroto, uma ideia surgindo em sua cabeça. Sabia que, por enquanto, Claire queria guardar a relação em segredo. Se não tomasse cuidado, Delilah poderia voltar a ficar muito rabugenta com aquela situação, mas hoje só queria se divertir.

Queria sair com a mulher de quem gostava, simples assim.

– Um lugar aí – respondeu, beijando Claire mais uma vez –, onde posso segurar sua mão.



– Andar de patins?

Claire riu, levando as mãos à boca aberta enquanto Delilah estacionava o Prius dela no estacionamento do Sparkles. A pista de patinação ficava em Graydon, uma cidade cerca de 25 minutos a leste de Bright Falls, então eram poucas as chances de algum conhecido vê-las. Delilah se lembrava de algumas festas lá quando estava na escola, antes da morte do pai, quando as comemorações de aniversário eram algo de que ela participava como qualquer outra criança.

– Andar de patins – disse, saindo do carro e abrindo o guarda-chuva de babados, depois dando a volta para abrir a porta para Claire.

Claire levantou as sobrancelhas ao sair, a chuva e as luzes de neon da pista se refletindo em seus óculos. Após Delilah sugerir que elas saíssem, ela havia vestido uma calça jeans e uma camiseta de ombro caído, e penteara o cabelo bagunçado, que agora descia por seus ombros em ondas suaves.

– Obrigada – disse.

– Que fique registrado que eu sou galante pra caramba – respondeu Delilah.

Claire riu.

– Me sinto muito cortejada.

Então Delilah entrelaçou os dedos nos de Claire e elas correram para dentro, debaixo da chuva, como duas adolescentes em um primeiro encontro. E era assim que Delilah se sentia: eufórica e... feliz. Era estranho sentir algo pela primeira vez em tanto tempo. Ela se deu conta do quanto sentia falta disso, do quanto essa sensação era importante. Durante anos, vinha se virando, confundindo uma noite de proximidade física com alguém com a felicidade em si. Mas segurar a mão de Claire agora, trocando olhares furtivos que faziam o rosto dela se iluminar, era totalmente diferente.

Delilah pagou e elas pegaram os patins, guardando os sapatos em compartimentos que ficavam ao longo do piso acarpetado. A pista de madeira reluzia sob um globo espelhado de discoteca, luzes coloridas piscavam e músicas dos anos 1980 movimentavam os patinadores como se estivessem seguindo pela correnteza de um rio.

– Eu não faço isso há uma eternidade – disse Claire, rindo ao entrar na pista.

– Eu também – respondeu Delilah, ainda segurando a mão dela.

Foi um erro. Porque, quando Claire cambaleou, Delilah também cambaleou, e o cambalear virou tropeçar, e as duas caíram com uma torrente de palavrões e um emaranhado de braços e pernas.

– Ai – disse Claire, passando a mão na bunda enquanto adolescentes e pré-adolescentes passavam por elas e riam.

– Meu Deus, voltei pra escola – resmungou Delilah, mas estava sorrindo. Conseguiu ficar de joelhos, depois de pé, puxando Claire consigo. – Tá, vamos devagar.

– Boa ideia.

E foi o que fizeram. Delilah segurou a mão de Claire e elas deslizaram pelo piso, ganhando velocidade depois de uma volta na pista. Era quase como andar de bicicleta, a memória muscular voltando, e logo estavam voando, com o vento do ar-condicionado no cabelo enquanto Whitney Houston cantava sobre sentir o calor com alguém. Andar de patins era tão simples, bobo até, mas, quando Claire apertou seus dedos e riu quando ela tentou patinar de costas e caiu de bunda mais uma vez, dando-lhe um beijo rápido depois de ajudá-la a se levantar, Delilah não conseguiu pensar em um momento em que já tivesse se sentido assim.

Nem com Jax, nem com ninguém.

No fundo, Delilah sabia que isso não era bom. Sabia que o lance com Claire se baseava no fato de que teria fim. Sabia, mas mesmo assim não conseguiu deixar de encostar os lábios na têmpora de Claire quando estavam na fila para comprar pizza e refrigerante. Não conseguiu impedir que o sorriso enrugasse seus olhos quando Claire colocou um cacho de cabelo fujão atrás de sua orelha. Não conseguiu deixar de imaginar uma vida

inteira, muito diferente daquela que ela já tinha montado para si mesma a centenas de quilômetros dali.



Passaram toda a volta até Bright Falls sem conversar. Também não falaram ao parar na casa de Claire, nem quando Delilah abriu o guarda-chuva ridículo e colocou o braço sobre os ombros dela, protegendo-a da chuva enquanto corriam até a porta.

Não falaram quando Claire abriu a porta para que entrassem na casa escura, as duas com a camiseta salpicada de chuva. Claire não acendeu nenhuma luz nem ofereceu uma bebida a Delilah. Simplesmente pegou sua mão e levou-a até o quarto. Lá, a despiu, devagar e com uma expressão séria no rosto que fez a garganta de Delilah se fechar. Seus dedos tremiam, e Delilah pegou sua mão, encostando os lábios na palma. A respiração de Claire ficou trêmula, mas elas continuaram sem dizer nada. O quarto estava escuro; os únicos sons eram de sua respiração e do algodão deslizando pela pele e caindo no chão.

Claire empurrou o peito de Delilah, insinuando que ela deitasse na cama. Obediente, Delilah ainda tentou pensar em algo para dizer, algo de que pudessem rir, mas nada daquilo parecia engraçado. Não parecia desespero, nem distração, nem algo de que ambas precisavam para aliviar o estresse. Não parecia um transbordamento de luxúria reprimida.

Parecia significativo.

Claire encostou os lábios nos de Delilah, e as línguas se tocaram em uma dança lenta e sedosa. Ficaram assim por um tempo, trocando um beijo suave e tranquilo. Quando Claire começou a descer, beijando o pescoço de Delilah, o espaço entre seus seios e logo abaixo do umbigo, ela a observou, as mãos passeando em qualquer pedaço da pele de Claire que pudessem alcançar. O desejo vibrou por seu corpo, não só entre as coxas, mas em toda parte. Nas suas entranhas, no centro do peito. Tirou-lhe o fôlego, e Delilah não queria que essa sensação acabasse nunca mais.

– Espera – pediu quando Claire abriu suas pernas e começou a se acomodar entre elas. Então puxou-a pelos braços, fazendo-a subir de novo até ficarem frente a frente. – Quero olhar pra você.

Claire encostou a testa na de Delilah, beijou-a devagar, então posicionou o corpo para que as pernas das duas ficassem entrelaçadas como pretzels, as coxas pressionando o centro do prazer uma da outra.

Delilah suspirou com o contato. O deslizar úmido da pele de Claire contra a sua era quase insuportável. Era quente e íntimo, ao mesmo tempo ousado e seguro. Ela mexeu o quadril e Claire fez o mesmo, uma dança que lhe arrancou um gemido gutural. Claire soltou um som animalesco quando Delilah agarrou sua bunda, guiando-a para cima e para baixo e em círculos, a pressão intensa e perfeita no lugar certo. Seu abdômen se contraiu, o clitóris ardendo ao deslizar pela coxa da outra. Ela meio que queria desacelerar, saborear Claire, sentir o calor entre suas pernas com os dedos, e lembrou que tinham tempo.

Tinham a noite toda.

Claire arqueou as costas, levantando um pouco o torso para que sua coxa pressionasse com mais força bem onde a outra queria. Delilah sentiu o orgasmo chegando quando Claire intensificou os movimentos, passando o polegar em seu mamilo intumescido. Ainda assim, nenhuma das duas teve pressa, mesmo quando o desejo de Delilah atingiu o ápice do desespero, o sangue correndo em suas veias como mel. Ela estava enganada. Ela não estava comendo Claire. Elas não estavam trepando. Isso era outra coisa, embora ela não soubesse ao certo o quê. Só o que sabia era que o corpo de Claire reagia a seu toque, a respiração acelerando, o centro do seu prazer se impulsionando contra o de Delilah em busca de alívio, sem deixar de olhar em seus olhos.

E, quando as duas gozaram, Claire mordeu o lábio inchado, um gemido baixo retumbando em seu peito, mantendo os olhos abertos e fixos em Delilah o tempo todo.

Era a coisa mais maravilhosa que já tinha visto.

Ela não se desvencilhou de Claire. Em vez disso, desdobrou a colcha que estava na ponta da cama e a puxou até acima da cabeça das duas, que

ficaram em um casulo. Ela ainda não estava pronta para o mundo lá fora. Queria que aquilo durasse. Tinham a noite toda, claro, mas uma noite parecia não bastar. Não queria que o sol nascesse, não queria o drama do casamento nem o fim das duas semanas em Bright Falls se aproximando como uma montanha que ela não sabia como escalar. Ela só queria aquilo.

Claire abraçou Delilah pela cintura e a puxou para perto, sem deixar nenhum espaço entre a pele aquecida das duas. As pernas entrelaçadas, a cabeça de Delilah encaixada sob o queixo de Claire, os dedos percorrendo suas costas.

– Você faz muito isso? – perguntou Claire depois de um tempo, enrolando um dos cachos de Delilah entre os dedos.

Delilah levantou a cabeça para olhar para ela.

– Isso o quê?

Claire sorriu.

– Serviço completo.

– Você chama isso de serviço completo?

Claire riu.

– Quer dizer... a patinação e depois... sei lá... isso.

Claire fez um gesto com a mão indicando o estado de emaranhamento em que se encontravam, o que, se fosse com qualquer outra pessoa, Delilah definitivamente classificaria como chamego.

A verdade era que não, ela não fazia muito isso. Não *namorava*. Ela pegava. Não ficava deitada depois do sexo, de chamego. Virava-se para o lado e dormia até as duas da manhã, quando acordava sobressaltada tentando lembrar onde estava antes de juntar as roupas e ir para casa. Com certeza nunca tinha levado uma mulher para andar de patins. Nunca tinha levado uma mulher nem para jantar. Desde Jax.

Delilah ficou observando Claire olhando para ela. Não conseguia saber ao certo o que ela estava pensando, mas o que havia entre elas não era mais casual. Disso tinha certeza. E mais, Delilah não queria que fosse só isso, só beijos e orgasmos. Queria... tudo. A patinação, o sexo incrível e aquela paz de falar e *não* falar, o chamego, as perguntas e a sensação de estar no lugar certo.

Com a pessoa certa.

Ela não sabia o que dizer nem como aquilo ia funcionar. Se é que *podia* funcionar, se é que Claire queria que funcionasse. Mas, por enquanto, emoldurou o rosto de Claire com as mãos e deu um beijo leve em seus lábios.

– Não – sussurrou Delilah. – Nunca fiz isso na vida.

Claire pareceu relaxar, apoiando-se nela e retribuindo o beijo, e passaram o resto da noite sem falar.



CAPÍTULO VINTE E SETE

DOIS DIAS DEPOIS, Claire ainda se sentia como se estivesse flutuando em um sonho. Nem sempre era um sonho agradável. Às vezes, mais parecia um pesadelo, envolto em pânico e respiração pesada quando ela se perguntava como é que ia sobreviver àquilo – ao que quer que Delilah e ela estivessem fazendo – sem acabar com o coração partido.

Mas sem dúvida havia momentos de sonho também: a lembrança do beijo de Delilah, do toque, de como ela havia segurado sua mão quando voaram pelo piso de madeira da pista de patinação, rindo, com os olhos brilhando sob o globo espelhado. Nem em um milhão de anos Claire imaginaria andar de patins com Delilah Green, dividir uma fatia enorme de pizza gordurosa e um refrigerante gelado e depois fazer amor em sua cama como se o mundo estivesse acabando.

Porque a sensação era a de que estavam fazendo isso mesmo.

Amor.

Não só sexo pelo sexo.

Desde a noite de segunda-feira, as duas passaram todos os momentos possíveis juntas. Delilah tinha ido embora na manhã seguinte antes que Ruby voltasse para casa, mas passou na livraria depois do almoço, com várias fotos para analisar e editar com Ruby, as duas sentadas nos pufes da

seção infantil enquanto Claire trabalhava. Depois ela fez estrogonofe de carne e as três jantaram juntas na mesa da cozinha, e aquilo pareceu tão natural e certo que Claire teve que pedir licença e ir ao banheiro no meio da refeição, jogar água no rosto e obrigar as lágrimas repentinas a voltarem para o lugar de onde tinham vindo.

Agora era tarde de quarta-feira, e Claire não via Delilah desde a noite anterior. Elas assistiram a um filme com Ruby depois do jantar e trocaram uns beijos depois que a menina foi dormir, mas só isso. Claire não estava muito à vontade com a ideia de dormirem juntas com Ruby em casa, então Delilah voltou à pousada e ela foi para a cama sozinha – e detestou. Foi uma noite agitada, a mente pensando em milhões de maneiras de dizer a Delilah que ela a queria.

Não teve nenhuma ideia muito boa.

– Ruby, temos que ir! – chamou Claire no corredor.

Ia deixar a filha na casa de Tess para que ela e Iris pudessem levar Astrid a Portland para uma despedida de solteira, evento pequeno e comportado. Delilah também ia – pelo menos, era o que Claire esperava –, e Iris e Claire já tinham decidido conversar com Astrid sobre Spencer.

Esse era outro problema.

– Mãe, não consigo falar com meu pai – disse Ruby, vindo pelo corredor com a mochila, o celular novinho na mão.

Claire finalmente tinha cedido e deixado Ruby ter um celular. Josh a levava para sair no dia anterior e comprara um para ela. Precisava admitir que saber que podia falar com Ruby sempre que quisesse, ainda mais quando a filha estivesse com Josh, diminuía um pouco seu nível de estresse. Todos os controles para pais disponíveis nos smartphones atuais o diminuía ainda mais.

– Como assim? – perguntou Claire, pendurando a mochila dela no ombro.

– Eu mandei mensagem pra ele umas quatro vezes hoje, e ele não respondeu.

– Hum. – Claire pegou o próprio celular e o agitou no ar. – Manda uma mensagem pra mim pra saber se elas estão chegando.

Ruby digitou na tela. Um segundo depois, o celular de Claire tocou.

– Viu? – disse Ruby.

– Tá. Bom – respondeu Claire –, tenho certeza de que ele está bem. Ou sem bateria. Às vezes ele se esquece de carregar.

Ruby assentiu, mas franziu a testa, preocupada. Claire sentiu uma pontada de pânico. Tinha sido exatamente assim que Josh fugira da cidade na última vez, dois anos antes. Um dia ele estava lá, no dia seguinte tinha sumido. Alguns dias depois do truque de desaparecimento, ele havia mandado uma mensagem para Claire com a desculpa de sempre – *Sinto muito, preciso de um tempo, diz pra Ruby que eu a amo, eu vou voltar*, blá, blá, blá.

Agora, olhando para Ruby, Claire sabia que a filha estava vagando pelas mesmas lembranças.

– Vai ficar tudo bem – disse Claire, passando o polegar no rosto de Ruby.

– Aposto que ele só está ocupado. Ele trabalha, né?

A sensação da mentira era incômoda em sua língua, mas o que ela poderia dizer? Não suportaria destruir as esperanças da filha naquele momento. Sabia que Josh agradeceria pelo benefício da dúvida, sabia que ele estava tentando e, para falar a verdade, estava se saindo muito bem durante a última semana. Se ele tinha mesmo desaparecido de novo, Claire não estava preparada para encarar o que aquilo significava para sua filha.



– Ah, merda – disse Iris ao estacionar na frente da casa pequena mas impecável de Astrid.

Claire estava no banco do passageiro com o rosto encostado no vidro. Tinham ficado de pegar Astrid e depois passar na pousada para pegar Delilah antes de ir para Portland, mas, naquele momento, a despedida de solteira parecia ser a última coisa na lista de prioridades de Astrid.

Ela estava parada na varanda, Spencer ao seu lado com as mãos na cintura, e ela estava gritando.

E jogando roupas no gramado.

Roupas masculinas.

E vários pares de sapatos chiques de couro italiano.

– O que está acontecendo? – perguntou Claire.

– Pelo jeito, nada de bom – respondeu Iris.

Claire segurou a mão da amiga no console central, o coração apertado. Queria abria a porta e correr até Astrid, ajudá-la de alguma forma, mas aquele parecia ser um momento bem íntimo entre ela e Spencer, e Claire não sabia ao certo o que fazer.

Iris apertou um botão e a janela do motorista abriu uns dez centímetros. A voz de Astrid entrou no carro.

– ... não acredito que você achou certo fazer isso. Não é. Nunca vai ser.

Mais um sapato atirado no gramado.

– Dá pra você se acalmar, porra? – indagou Spencer. – Você está histérica.

A expressão de Astrid ficou ainda mais furiosa.

– Histérica? Esta – ela agitou a mão ao redor do rosto – é uma reação perfeitamente razoável e lógica ao que você fez.

Claire respirou fundo.

– O que ele fez?

– Esse aí? Pode ter sido qualquer coisa – respondeu Iris.

– Será que é melhor a gente ir embora? – perguntou Claire. – Isso tá parecendo meio invasivo. Parece que a gente está espionando a Astrid.

Iris balançou a cabeça e abriu a boca, mas, antes que ela pudesse responder, Spencer gritou de novo, juntando suas roupas.

– Eu fiz aquilo por *você*. Por nós. Você precisa se afastar desta cidade e de todo mundo que vive aqui.

– Isso não é...

– Sua mãe? Um pesadelo. Você parece uma marionete perto dela. E suas amigas são umas canalhas.

Iris endireitou a postura na hora.

– Somos mesmo, seu meio de merda.

– Não ouse falar das minhas amigas – retrucou Astrid.

– Eu te fiz um favor comprando aquela casa em Seattle – continuou Spencer. – Você se contentou em não ser ninguém em Bright Falls, Astrid. Só estou tentando te ajudar a enxergar isso.

– Puta merda – disse Iris.

– Ele... comprou uma casa em Seattle? – perguntou Claire. Seu estômago pareceu despencar até os pés, as palavras de Spencer passando por cima dela como uma escavadeira. – Eu achava que eles só iriam embora daqui a um ano.

– Pelo jeito, Astrid também achava – falou Iris.

Astrid não respondeu. Só pegou um paletó listrado e jogou no gramado.

– Isso é um Armani! – berrou Spencer, correndo pela escada e pegando a peça.

– Não tem mais lugar pra isso na minha casa – declarou Astrid, apontando para o paletó. – Nem pra você. Aproveite sua casa nova em Seattle.

– O que você vai fazer, cancelar o casamento? Cancelar nossa vida? – perguntou Spencer, abrindo os braços. – O casamento é daqui a três dias. Você não ousaria.

A expressão de Astrid ficou séria e seu queixo começou a tremer. Claire abriu a porta do carro, pronta para interferir, mas Astrid não lhe deu essa chance. Ela simplesmente se virou e entrou em casa, batendo a porta.

Spencer ficou olhando para ela por um instante, então pegou o resto das roupas e disparou em direção ao Mercedes reluzente, que estava estacionado em frente à casa. Ele olhou para Claire e Iris dentro do carro, mostrou o dedo do meio para elas sobre uma pilha de camisas sociais, já que era mesmo um cara cheio de classe, entrou no sedã e saiu.

As duas ficaram em silêncio por um momento, até que Iris por fim se pronunciou:

– Acho... acho que eles acabaram de terminar?

Claire soltou um suspiro.

– Acho que sim.

– Era isso que a gente queria.

Claire assentiu, mas estava péssima. Não culpada – Spencer tinha cavado

a própria cova –, mas era difícil ver a amiga magoada. Além disso...

– Isabel vai matar a Astrid – disse.

– Vai – respondeu Iris, também soltando um suspiro. – Acho que vai mesmo.

– Não tem por que ela morrer sozinha, então – concluiu Claire.

Iris apertou sua mão e sorriu para ela.

– Uma por todas, e todas por uma, porra.

Saíram do carro e foram até a entrada, o coração de Claire disparado o tempo todo. Iris apertou a campainha, mas em seguida abriu a porta e entrou. A casa de Astrid, como sempre, era uma visão de design e estilo modernos. Paredes cinza, sofás beges cheios de almofadas em vários tons de azul, aparadores de madeira rústica, bancadas de quartzo branco e utensílios de aço inoxidável. A sala de estar, a cozinha e a sala de jantar eram um único espaço aberto e enorme, e janelas cobriam toda a parede dos fundos, revelando um pequeno terraço com vista para o rio.

– Astrid? – chamou Claire. – Querida?

Não houve resposta. Então olhou para Iris antes de as duas seguirem para o corredor que levava aos quartos.

Em seu quarto, Astrid estava sentada na cama queen size olhando a janela, de costas para a porta. A luz do fim de tarde atravessava o vidro, transformando em lavanda tudo que era cinza no quarto.

– Amiga? – chamou Iris, entrando devagar. – Estamos aqui.

Astrid não se mexeu. Seus ombros estavam caídos, uma postura que não tinha nada de Astrid.

– Querida? – disse Claire.

Ela deu a volta em Iris e sentou ao lado de Astrid. A cama afundou, e o ombro da amiga se encostou no dela. Ela levantou o braço e a envolveu, abraçando-a com força. Iris sentou-se do outro lado.

Astrid não estava chorando, mas olhava pela janela com os olhos meio vermelhos. Claire e Iris trocaram olhares por cima da cabeça loura da amiga, com ar de *o que a gente faz?*. Não sabiam. Finalmente, o braço de Iris também envolveu os ombros de Astrid, e as três ficaram juntinhas, como sempre estiveram.

Astrid respirou fundo. Abriu a boca algumas vezes, mas foram necessárias várias tentativas até que ela finalmente falasse.

– Eu não amo o Spencer.

Iris e Claire se olharam com os olhos arregalados.

– E eu devia amar a pessoa com quem vou me casar – continuou Astrid, sem olhar para nenhuma das duas. – Não devia?

– Devia – respondeu Claire, com a voz mansa.

Iris passou a mão pelo cabelo dela.

– Eu devia confiar nele e estar animada pra me casar com ele.

– Isso também – respondeu Iris.

– E não confio. Não estou animada.

Claire encostou a cabeça na de Astrid.

– Ele comprou uma casa – contou Astrid. – Uma casa, sem me contar. Sem perguntar nada. Ele simplesmente... comprou, como se eu nem existisse.

– Bom, essa é uma atitude bem merda – disse Iris.

– Vocês... vocês lembram quando eu tinha 13 anos e minha mãe me colocou no tênis?

Claire e Iris trocaram olhares mais uma vez, as duas com os lábios contraídos. Claro que lembravam. Astrid detestava tênis. Sempre tinha detestado, desde que o professor de educação física fizera uma aula sobre o esporte na quarta série e uma bola acertara o nariz dela em cheio. Mas Isabel achava que a corrida – o esporte favorito de Astrid desde o ensino fundamental – não era uma atividade muito feminina. Não era... elegante o suficiente. Então colocou a filha no tênis, no Clube Rio Bright, com aulas particulares e saínda branca plissada, o pacote completo.

E Astrid jogou durante um ano, até ficar bem claro que ela era péssima. Só então, quando Isabel correu o risco de ficar famosa por ter uma filha ruim na quadra, ela cedeu e deixou que Astrid voltasse às pistas de corrida.

– É – disse Claire –, a gente lembra.

Astrid soltou um suspiro.

– Ela nunca me perguntou se eu queria jogar. Acho que nunca nem pensou em perguntar.

Claire acariciou suas costas, fazendo círculos.

– Ela nunca me perguntou se eu queria fazer aulas de francês nem que cor de vestido eu queria usar em todos aqueles eventos. Nunca me perguntou que tipo de bolo eu queria pro meu aniversário. Ela sempre comprou o que ela queria e pronto.

– Nossa, eu sempre detestei seus bolos de aniversário – disse Iris.

– Iris – sibilou Claire.

Mas Astrid deu risada.

– Não, ela tem razão – disse. – Bolo nuvem é péssimo. Mas era o que minha mãe queria, como todo o resto, como assumir a empresa de Lindy Westbrook, como...

– Espera aí, como é que é? – perguntou Iris. – Assumir a empresa da Lindy não era o que *você* queria?

Astrid soltou um suspiro, levantando uma das mãos.

– A questão é que ela não pergunta. Ninguém *nunca pergunta*, e Spencer também nunca perguntou.

O coração de Claire doeu pela amiga. Ela colocou uma mecha de cabelo louro atrás da orelha de Astrid.

– Sobre a casa?

Astrid deu de ombros.

– Sobre a casa, sobre mudar para Seattle. Ele só imaginou que eu diria sim, porque eu sempre digo sim. Não digo?

Elas ficaram um tempo em silêncio. Claire não fazia ideia de como responder àquilo, porque Astrid não estava errada.

– Não quero ir pra Seattle – disse ela, por fim.

– Então não vá – respondeu Iris. – Você não tem que ir.

– Eu... Eu não sei... – Lágrimas finalmente brotaram dos olhos de Astrid, escorrendo por seu rosto tão rápido que era como se tivessem esperado anos para se libertarem. – Não sei dizer não. Não sei como fazer isso.

– A gente ajuda – falou Claire. – Fazemos o que você precisar.

– Eu sou ótima em dizer não – afirmou Iris.

Astrid abriu um sorriso, mas ele desapareceu logo, e ela enxugou as

lágrimas.

– Meu Deus, minha mãe. Ela...

– Vai superar – respondeu Iris. – A vida é *sua*, não dela.

– Nossa, que confusão – disse Astrid, e de repente endireitou a postura.

– Tem tanta coisa pra fazer. Preciso ligar pros fornecedores. Pra florista. Meu Deus, a Delilah. Eu preciso...

– Para – pediu Claire, puxando a amiga mais para perto. Seu coração disparou ao ouvir o nome de Delilah, mas ela ignorou. – Temos tempo. Agora... fica sentada aqui com a gente e só, tá?

– Ou – disse Iris –, se quiser praticar dizer não, pode mandar a gente praquele lugar agora mesmo e podemos começar a telefonar pra esse pessoal todo.

Astrid riu, então balançou a cabeça.

– Não, não. Acho que é bom descansar um pouco.

– Viu? – indagou Iris. – Você acabou de dizer não pra mim. Já é especialista.

Astrid riu mais uma vez e se jogou para trás na cama, os braços abertos acima da cabeça. Uma coisa nada Astrid, e fez Claire sorrir. Ela se jogou para trás também, seguida de Iris, e as três amigas enlaçaram os braços, lágrimas de alívio escorrendo pelo rosto e caindo no edredom de mil fios.



CAPÍTULO VINTE E OITO

DELILAH ESTAVA ESPERANDO em frente à Pousada Caleidoscópio, algo que parecia preocupação se acumulando em seu peito por Claire estar tão atrasada e não ter respondido às três mensagens que ela enviou. Mas então seu celular tocou. Já estava agarrada ao aparelho, a mão suada, e só deslizou o dedo sobre a tela, se enchendo de alívio ao ver o nome de Claire.

- Oi – disse, levando o telefone à orelha. – Você está bem?
 - Oi – respondeu Claire. – Estou bem, sim.
 - Cadê vocês?
 - Estamos... bom, estamos indo pra Casa das Glicínias.
 - O quê? – Delilah franziu o cenho e ajeitou a bolsa da câmera no ombro. – Por quê?
 - Eles terminaram. Astrid e Spencer. Faz uma meia hora.
 - Ah. – Delilah se escorou na parede de tijolos da pousada. – Puta merda.
 - É. Parece que ele comprou uma casa em Seattle sem falar com ela, nem mostrar fotos, nem nada.
 - E essa foi a gota d'água?
 - Acho que sim.
- Delilah assentiu, embora Claire não pudesse vê-la. Queria se sentir

aliviada, até feliz. Era isso que ela queria, o que todas elas queriam, embora as motivações de Iris e Claire fossem diferentes das dela. Para Delilah, agora ela podia voltar para Nova York e se preparar para a exposição no Whitney. E estava 15 mil dólares mais rica. Conforme o contrato, ela receberia mesmo em caso de cancelamento, e Isabel desembolsaria o dinheiro sem pensar duas vezes. A madrasta estaria ocupada demais perdendo as estribeiras com Astrid. Sem dúvida, o casamento cancelado da filha perfeita com o garoto de ouro seria um pesadelo para ela.

O trabalho de Delilah tinha acabado.

Ela estava livre.

Nunca mais precisaria colocar os pés naquela cidade se não quisesse.

Então por que suas costas estavam coladas naquela parede de tijolos vermelhos como se fosse a única coisa que a mantinha em pé?

– E agora, o que acontece? – perguntou Delilah, a voz constrangedoramente baixa.

Ela pigarreou, como se um pequeno pigarro fosse o único motivo do quase sussurro.

– Iris e eu vamos com Astrid conversar com Isabel – disse Claire.

– Ah, claro. Astrid com certeza vai precisar de ajuda com isso.

– Foi o que a gente pensou.

Um silêncio se impôs entre elas, e Delilah o detestou. Já que ia acabar, era melhor acabar logo, como uma decapitação. Indolor e rápida.

– Tá – respondeu ela. – Acho que eu vou...

– Vem com a gente – falou Claire.

Delilah piscou e se afastou da parede.

– Quê?

– Vem com a gente – repetiu Claire.

– Astrid não vai querer.

– Você sabe como a Isabel é. Talvez possa ajudar.

Delilah riu, um som amargo e claro.

– Isabel não vai me querer lá de jeito nenhum.

– Bom, eu quero.

Delilah fechou os olhos.

– Claire.

– Por favor. Vem, tá? Quero ver você. E Astrid é a sua família. A única que você tem, né?

– Você sabe que é mais complicado que isso.

– Eu sei. E você não preferia que não fosse?

Delilah franziu o cenho, sem saber o que dizer. Claro, ela queria que o relacionamento com Astrid e Isabel fosse mais simples. E seria mesmo, assim que ela voltasse para Nova York, praticamente inexistente, como sempre fora entre uma visita e outra. Mas, ao pensar isso, algo cutucou o fundo de sua mente. Outro desejo. Um desejo em que *família* significava mais que encontros constrangedores e mensagens ignoradas, em que *amigas* significava mais que uma conhecida, uma colega ou uma ficada. Em que *lar* significava mais que um apartamento no quinto andar sem elevador e com móveis de lojas de departamentos.

Mas era tarde demais para isso.

Não era?

– Por favor – repetiu Claire.

E, caramba, Delilah não queria dizer não para ela. E, para falar a verdade, ela não queria ir embora sem ver Claire uma última vez.

– Tá – respondeu Delilah. – Mas me encontra lá na frente, tá? Eu não...

– Não quer entrar sozinha. Eu sei.

De repente, os olhos de Delilah ficaram úmidos. Ela desligou antes que Claire pudesse ouvir as lágrimas em sua voz.



Claire não estava lá para encontrá-la, embora o carro de Iris estivesse na entrada. Ainda assim, Delilah ficou paralisada enquanto o carro que a deixou ali ia embora. Ela devia simplesmente dar meia-volta, ir para a pousada e reservar o voo de volta para casa. Aquele não era seu lugar, nunca seria.

E ainda assim...

Delilah não tivera a menor pressa em chegar à Casa das Glicínias. Tinha parado para tomar um café e depois caminhado devagar até ter certeza de que Claire já estaria lá.

Parou em frente à livraria e, pela vitrine, olhou para todas as lombadas coloridas e as paredes em branco que Claire não conseguia decidir como preencher. Brianne, a gerente, acenou para ela de trás do balcão, um sorriso largo no rosto. Delilah acenou de volta e percebeu que também estava sorrindo, o que deixou ainda mais salientes os sentimentos confusos que se acumulavam em seu peito como uma tempestade.

Agora, parada na frente da casa, ela não conseguia se obrigar a ir embora. Pela primeira vez desde a morte do pai, ela *queria* entrar.

O que Claire Sutherland tinha feito com ela?

Aquilo não era bom. Ela precisava ir embora imediatamente. E daí se Astrid estava chateada, se o conto de fadas perfeito da Isabel estava desmanchando atrás daquela porta?

Ela não estava nem aí. Delilah Green não dava a mínima. Porque elas nunca se importaram com ela.

Ela se escorou na porta, encostou a testa no vidro. Não estar nem aí era simplesmente exaustivo.

Antes que pudesse se conter, girou a maçaneta grossa e entrou, o cheiro de lavanda e alvejante atacando seus sentidos como sempre. A casa estava fresca, quase gelada, e, como ela imaginava, as portas da sala à esquerda estavam fechadas. Vozes murmuravam atrás delas. No passado, aquele cômodo era o escritório do pai dela, ocupado por sofás de couro macios e uma mesa enorme de carvalho embaixo da qual Delilah se encolhia com um livro enquanto o pai trabalhava. Agora, parecia um cômodo de Versalhes, com sofás e divãs dispostos com elegância. Ela foi até a porta e encostou a mão na madeira.

– ... tem ideia do quanto isso é constrangedor? – indagou Isabel.

– Constrangedor pra quem, mãe? – perguntou Astrid, a voz rouca e chorosa. Delilah nunca tinha ouvido a voz dela assim. – Pra você ou pra mim?

– Pra nós duas – respondeu Isabel, o tom completamente calmo.

Ela não gritou nem levantou a voz. Delilah nunca a vira fazer nada disso, mas, meu Deus, aquela mulher sabia cuspir um insulto como ninguém, o tom sempre calculado e frio, o que, para falar a verdade, deixava tudo ainda pior. Na adolescência, havia tentado mais de uma vez fazer a madrastra perder a cabeça, ao menos para que ela não fosse a única naquela posição.

– Bom, sinto muito – disse Astrid. – Mas desta vez, *só desta*, preciso que você...

A voz de Astrid sumiu, o silêncio preenchendo o espaço. Delilah encostou a orelha na porta. Pensou ter ouvido um “Está tudo bem” no tom suave de Claire, mas foi tão baixinho que não conseguiu ter certeza. Ouviu umas fungadas, uns “xius”.

– Ah, pelo amor de Deus, Astrid – disse Isabel. – Pare de chorar. Se está tão chateada com isso, ligue pro seu noivo e resolva.

– Não é ele que está me deixando chateada, mãe, é você – respondeu Astrid.

– Como é? – perguntou Isabel, a voz afiada como uma faca.

– Uma vez na vida, por favor – pediu Astrid –, me coloque em primeiro lugar.

– Eu passei a vida inteira colocando você em primeiro lugar, mocinha.

– Não colocou, não. Você colocou sua imagem em primeiro lugar. Seu dinheiro. Sua posição social. E estou cansada, mãe. Estou cansada. Delilah está cansada.

Delilah estremeceu ao ouvir seu nome. Seu coração acelerou, a adrenalina inundando o organismo, deixando-o quente e de repente gelado.

– Não ouse falar sobre aquela garota comigo – retrucou Isabel. – Faz muito tempo que ela deixou bem claro o que sente por esta família. Você acha que eu não sei que foi ela que empurrou o pobre do Spencer no rio? E aquele fiasco na Vivian, meu Deus. Ela parece um animal. Não sei onde eu errei com ela.

– Mãe, chega.

– Se quer mesmo saber, isso é culpa dela – disse Isabel. – Você estava muito feliz por se casar com Spencer até ela voltar pra cidade. Eu avisei que ela só arrumaria confusão, mas não, você precisava trazer a sua *irmã* pro seu

casamento, não é?

Delilah franziu o cenho, piscando para a porta e tentando processar o que tinha acabado de ouvir. Mesmo depois de tantos anos, a indiferença de Isabel em relação a ela ainda doía. Queria que não doesse, dizia a si mesma que não ligava, mas não conseguia evitar. Em se tratando de Isabel, uma necessidade infantil e desesperada de amor sempre surgia dentro dela. Delilah dizia não se importar, mas a verdade era que Isabel era a única mãe que ela conhecia, e a mulher a odiava. Ou, pior, não sentia nada por ela.

Isabel não amava Delilah Green, e nunca amaria.

E não a queria no casamento de Astrid. Não tinha contratado Delilah para fotografar o evento. Não tinha usado a culpa para que ela viesse, sugerindo que seu pai gostaria que ela estivesse presente. Não tinha oferecido uma quantia absurda de dinheiro que ela sabia que Delilah precisava.

Astrid era quem tinha feito tudo isso.

Astrid a queria ali.

Delilah balançou a cabeça e se afastou da porta cambaleando. Não queria ouvir mais nada. Não *suportaria*. Seu peito estava apertado e seus olhos ardiam. Ela se virou em direção à porta da frente, pronta para fugir, mas também não queria fazer isso.

Ela queria Claire.

Queria até Iris.

Sem pensar, deixou que a memória muscular assumisse o controle. Seus pés a levaram para a direita até a escadaria ampla, a mão deslizando pelo corrimão de carvalho como tantas vezes antes. No andar de cima, ela parou à porta do seu antigo quarto, mas não havia nenhuma lembrança ali. Todas as suas coisas tinham sido enviadas para Nova York um mês depois que ela deixara Bright Falls aos 18 anos, quando ficara claro para Isabel que ela não voltaria. Agora, o espaço era um quarto de hóspedes, com roupa de cama branca com detalhes cinza-azulado, quadros sem graça de rios e cachoeiras na parede e cortinas brancas cobrindo a janela.

Ela foi até o quarto seguinte. No instante em que abriu a porta, sentiu que entrava em um museu de seu passado. O quarto cavernoso de Astrid

tinha exatamente a mesma aparência de quando eram adolescentes. Todos os livros favoritos continuavam nas prateleiras, o edredom no mesmo tom delicado de lavanda com desenhos amarelos, a penteadeira de madeira branca ainda exibindo o porta-joias da Cinderela que ela ganhara aos 8 anos e que Delilah cobiçava em segredo, mas nunca soubera como pedir.

A única diferença eram as caixas plásticas no chão, cheias de objetos da infância, cadernos e pastas da escola, prêmios e medalhas de todas as conquistas de Astrid, ingressos de cinema e programas amarelados do balé de Portland, coisas que ficaram no armário, esquecidas, desde que ela fora para a faculdade.

Delilah entrou no quarto e se sentou na cama. Nunca tinha passado muitas horas ali. Ela e Astrid nunca foram esse tipo de irmãs, claro. Ainda assim, algumas vezes ela havia parado à porta e Astrid fizera sinal para que entrasse para pegar um livro emprestado ou assistir a um filme na TV pequena que ficava sobre a cômoda, principalmente quando Isabel estava dando uma de suas festas e as duas estavam vestidas com babados e rendas, cansadas de interpretar um papel e prontas para voltar a ser apenas garotas.

Memórias havia muito reprimidas a envolveram, confusas como se ela estivesse despertando de um sonho. Espiou dentro de uma das caixas, que estava cheia de livros com capa de couro. Os diários de Astrid. A irmã postiça estava sempre rabiscando naqueles livros. Delilah nunca perguntara o que ela escrevia, mas tinha certeza de que, se os abrisse agora, veria uma entrada para cada dia da vida de Astrid. Imaginou se ela ainda mantinha um diário, o que escreveria sobre hoje ou amanhã.

Pegou o primeiro caderno da pilha de dentro da caixa. Era de couro marrom-escuro, com flores e trepadeiras em relevo sobre a capa. Abrindo o diário, Astrid tinha escrito seu nome na primeira página – *Astrid Isabella Parker* – ao lado de datas importantes, a primeira das quais localizava aquele diário uns três meses depois da morte do pai de Delilah, quando elas tinham 10 anos.

Delilah folheou as páginas, o papel enrugado pelo tempo e pela falta de uso. A letra perfeita de Astrid, sempre em tinta azul-escura, borrou sua visão. Ela não tinha intenção de ler o diário. Era de Astrid, estava cheio de

pensamentos íntimos, e nem mesmo Delilah Green ultrapassaria esse limite. Mas então, conforme as letras passavam, seu olhar ficou preso a uma palavra.

Delilah

Segurou a página com o polegar e abriu o caderno no colo, virando algumas páginas e procurando seu nome de novo.

Estava por toda parte.

Não em todas as páginas, mas em muitas. Ela piscou olhando para a escrita. Sabia que devia fechar o caderno e sair do quarto naquele instante, mas alguma coisa a manteve ali. Alguma coisa infantil e curiosa, uma garotinha procurando algo para aliviar o nó no peito.

Ou talvez para deixá-lo ainda mais apertado.

Ela engoliu em seco, respirou fundo e começou a ler uma página em que seu nome aparecia várias vezes.

25 de setembro

Fui até o quarto de Delilah hoje à noite para ver se ela não queria fazer o dever de casa ou assistir à TV comigo, mas quando bati ela não atendeu. Então, quando espiei lá dentro, ela estava deitada na cama, olhando para o teto, o que deve ser bem chato, mas ela está sempre olhando as coisas. Acho que não ela não tem culpa. Ela está triste. Eu sei que está, como a mamãe está e eu também. Mas não sei como ajudar. Quando perguntei se ela queria ver um filme, ela virou para o lado e ficou olhando para a janela. Ela não quer a minha ajuda.

3 de outubro

As folhas estão começando a mudar de cor e é minha época do ano favorita. Queria que Delilah fosse à fazenda de abóboras do Gentry comigo, Claire e Iris hoje, mas não tive chance de chamar. Quando Claire e Iris chegaram, Delilah estava na sala vendo TV, mas assim que a campainha tocou ela desapareceu. Não estava no quarto quando fui procurá-la. Iris disse que ela é meio esquisita, o que eu acho que é verdade. Não sei o que dizer a minhas amigas sobre ela, então não digo muita coisa. Dá um pouco de vergonha minha irmã postiça não gostar nem um pouquinho de mim. Ela também não gosta da minha mãe, mas acho que minha mãe não é lá muito fácil de se gostar. Mesmo quando Andrew estava vivo, Delilah era bem calada, mas não tanto assim. Não sei o que fazer.

Delilah deixou o caderno no colo, os pulmões bombeando o ar com força, a memória voltando, voltando, voltando até aquela época, meses depois de a morte do pai deixá-la órfã. Ela lembrava que Astrid a convidava para assistir à TV ou fazer a lição com ela de vez em quando, mas aquele... aquele... *anseio* que parecia preencher a escrita de Astrid, a preocupação, as dúvidas e até a mágoa...

Isso era novidade.

Era... impossível. Astrid nunca se sentia assim. Ela nunca quis que Delilah fizesse parte da família. Depois da morte do pai, Delilah era apenas um fardo, uma órfã, uma garota esquisita estragando a vida perfeita de Astrid e Isabel.

Não era?

Avançou mais algumas páginas, parando em um registro da primavera seguinte, quando elas tinham 11 anos.

19 de março

Claire e Iris dormiram aqui ontem. Estou tão feliz por elas serem minhas amigas. Iris é muito engraçada, e Claire deve ser a pessoa mais fofa que já conheci. Não sei o que eu faria sem elas, principalmente com Delilah me ignorando a maior parte do tempo. Claire perguntou dela ontem enquanto estávamos fazendo biscoitos, perguntou por que ela nunca fica com a gente nem fala comigo. Fiquei com o rosto meio quente e não sabia o que dizer.

Será que minha irmã me odeia?

Será que minha irmã queria ter outra família?

Daria muita vergonha admitir isso, embora fosse verdade. Então eu dei de ombros e disse que Delilah era esquisita e que ela gostava de ficar sozinha.

Iris concordou e disse que Delilah é superestranha. Claire franziu a testa e voltou a misturar a massa, e não falamos mais nada sobre ela, mas eu sabia que meu rosto estava muito vermelho, porque ficou quente durante uma hora. Meu peito também estava doendo, como sempre acontece quando faço uma coisa que sei que não é certa, como se eu não conseguisse respirar direito.

Delilah fechou o caderno com força e o jogou em cima da cama. Então enfiou a mão na caixa aos seus pés, procurando outro diário. Suas mãos estavam tremendo porque nada daquilo parecia certo. Não podia estar certo.

Pegou um diário de capa verde que estava mais para o fundo da pilha. Abrindo, viu a data, que o localizava quando ela e Astrid estavam no ensino médio, entre 15 e 16 anos. Uma olhada rápida nas primeiras páginas

encheu-a de alívio – seu nome não aparecia –, até chegar à metade, onde *Delilah* aparecia o tempo todo.

11 de janeiro

Eu odeio minha mãe, juro por Deus. Às vezes parece que não posso falar, não posso pensar por conta própria. Sou apenas uma boneca programada para dizer “sim, mãe” e “tudo bem, mãe” e “o que você quiser, mãe”. Estou de saco cheio disso. Às vezes, acho que Delilah é que está certa – o negócio é ser bem chata com todo mundo, que uma hora as pessoas te deixam em paz. Quer dizer, minha mãe pergunta da escola e trata de garantir que ela não vai fazer nada que manche o grande nome Parker-Green, a arrasta para uns eventos beneficentes aqui e ali, mas na maior parte do tempo ela deixa Delilah em paz.

Por que ela também não me deixa em paz?

Fico pensando o tempo todo o que Delilah acha do show de horrores que é meu relacionamento com minha mãe. Ela deve ficar aliviada por não ter que lidar com isso. Não que ela vá me dizer. Se não estamos na escola nem somos obrigadas a sentar à mesa porque minha mãe quer, Delilah fica no quarto dela, lendo ou fazendo sei lá o quê. Sempre que eu tento fazê-la sair do quarto, ela mal responde as minhas perguntas. Como semana passada, que eu perguntei se ela queria ir comigo até a livraria. Achei que isso fosse chamar sua atenção porque ela adora a livraria. É o único lugar aonde ela vai na cidade. Claire sempre me diz quando vê Delilah por lá,

pelo menos algumas vezes por semana depois de sair da escola. Mas e quando eu convidei? Levei um “Não, obrigada” bem na minha cara. Até quando eu perguntei por que não, ela só deu de ombros e resmungou alguma coisa sobre ter ido até lá no dia anterior, como se nunca tivesse ido dois dias seguidos. Conclusão lógica: ela só não quer ir comigo.

Tudo bem, tanto faz. Aprendi há muito tempo que nada que eu faça é suficiente para Delilah. Eu nem queria uma irmã mesmo.

Delilah deixou o caderno cair em seu colo, as letras azuis borrando e girando diante dela. Sentia o peito mais apertado do que nunca. Tinha que sair dali. Precisava ir embora, imediatamente.

Ao ficar em pé, deixou o diário cair no chão. Correu até a porta, mas, antes que conseguisse sair, Claire apareceu, os olhos arregalados suavizando ao ver Delilah.

– Achei você – disse. – Desculpa não ter saído pra encontrar você. Eu estava olhando pela janela, mas Isabel...

Ela ficou paralisada. Sua expressão voltou a ser de preocupação, alarme até, ao observar Delilah.

– Você está bem?

Delilah assentiu, tentou sorrir, tentou fazer qualquer coisa que a fizesse voltar a ser a mesma pessoa de antes de entrar naquela casa. Não, antes disso. Antes de voltar a Bright Falls.

– Está merda nenhuma – ponderou Claire.

Ela falou com tanta doçura que, embora houvesse um palavrão ali, Delilah se sentiu desmoronar. Seus lábios se contorceram e seus olhos arderam e ela não sabia o que dizer nem o que pensar, sobre tudo, sobre Astrid, sobre si mesma, sobre toda a sua infância.

– Ei – disse Claire, estendendo a mão e pegando a de Delilah. – O que

aconteceu?

Delilah balançou a cabeça, mas seus dedos se agarraram aos de Claire. Ela engoliu em seco várias vezes. Tinha saliva demais na boca. Talvez precisasse vomitar. De repente, ficou tonta, perdendo o equilíbrio.

Claire percebeu na hora, levou-a até a cama e a fez sentar-se. Acariciou suas costas, em círculos, e Delilah respirou fundo, então soltou o ar devagar.

– O que aconteceu? – perguntou Claire, acariciando o pescoço dela.

Delilah olhou para o diário no chão e se abaixou para pegá-lo.

– Você... Como eu era quando a gente era criança? Você lembra?

Claire franziu o cenho. Ficou claro que aquela não era a pergunta que ela estava esperando.

– Hum. Eu lembro, sim.

– E aí?

Claire deslizou a mão pelas costas de Delilah.

– Você era calada. Triste. Você... não parecia que... – Ela esfregou a testa com a mão que estava livre. – Sei lá.

– Pode falar.

Claire soltou um suspiro.

– Você não parecia ligar muito pra nada. Pra ninguém. Pra fazer amizades e conhecer as pessoas. Mas você só era diferente, e acho que ninguém sabia como...

– E Astrid? Como eu era com ela?

Claire estremeceu.

– Por que isso agora?

Delilah passou a mão pelos diários.

– *É que eu...* Você já imaginou se entendeu tudo errado?

– Tudo o *quê*?

– Não sei. Alguma coisa importante. Como se não tivesse percebido os sinais ou não soubesse como interpretá-los.

– Do que você está falando?

Delilah balançou a cabeça.

– Não sei. Não sei do que estou falando.

Ela pensou nos primeiros meses após a morte do pai, no quanto se

sentira sozinha, abandonada. Isabel estava cuidando do próprio luto, Astrid também, provavelmente, então não havia ninguém para ajudar a Delilah de 10 anos a passar por aquela escuridão, ninguém para segurar sua mão nem para abraçá-la, nem para dizer que ia ficar tudo bem. Ela se lembrava de se sentir invisível, perdida, como se talvez seu corpo nem fosse real. Quando Isabel se recompôs o bastante para ser uma presença em casa, Delilah já tinha desaparecido. Pelo menos na própria cabeça. Ela sabia que não a queriam. Sabia que Isabel nunca planejava criar uma criança que nem tinha seu sangue. E ainda por cima uma criança esquisita.

E Astrid... tinha *mesmo* tentado se relacionar com Delilah? Será que ela queria uma irmã e Delilah simplesmente não soube ser uma? Não soube ser nada para ninguém, nada além da garotinha que tinha acabado de perder a única pessoa que a fazia se sentir amada?

– Tudo bem – disse Claire, encostando os lábios na testa de Delilah. – Seja o que for, está tudo bem. Conversa comigo.

Delilah se virou de frente para Claire, buscando seus olhos castanhos. Toda aquela solidão da infância, todos aqueles sentimentos de ser indesejada, de ser um fardo, algo a ser tolerado, ela não sentia nada daquilo quando olhava para Claire.

Sentia o oposto.

Era assim desde aquele primeiro dia na Taverna da Stella, antes mesmo que Claire soubesse quem ela era e Delilah transformasse tudo em uma piada hilária, um planinho tortuoso de vingança. Mesmo então, algo a atraía naquela mulher, e ela não queria perder isso.

Não queria interpretar errado, nem ignorar, nem pôr um fim.

Antes que pudesse pensar melhor, ela se aproximou e encostou os lábios nos de Claire, que ofegou, surpresa, mas logo relaxou, tocando o rosto de Delilah com as mãos e abrindo os lábios para deixar os dela entrarem. O beijo foi lento e desesperado ao mesmo tempo, exatamente aquilo de que Delilah precisava. Ela deixou que o diário voltasse a cair no chão, para colocar os braços ao redor da cintura de Claire. As duas caíram nos travesseiros, emaranhadas como um nó. Delilah não queria parar para respirar e conversar, mesmo sabendo que Claire ouviria, entenderia e a

acolheria. Naquele momento, ela só queria sentir o corpo dela junto do seu, deslizando os dedos por seu rosto como se ela fosse algo precioso.

– Escuta – disse Claire, segurando o rosto de Delilah e se afastando só um pouquinho. – Delilah, eu... – Ela fez uma pausa, havia dúvida em seu olhar.

– O que foi? – perguntou Delilah, o lábio inferior batendo no dela. Não gostava daquela dúvida. Queria removê-la como um tumor. – Você o quê? Fala.

Claire passou o polegar na testa de Delilah.

– Eu... eu não quero que você vá embora.

Delilah se afastou um pouco mais.

– O quê?

– Eu não quero que você vá embora. Não quero que isso seja um relacionamento casual ou só sexo ou o que quer que a gente tenha combinado. Detesto casual. Casual é uma merda. Não entendo como as pessoas fazem isso.

– Claire, eu...

– Eu sei que você mora em Nova York e precisa estar lá e eu preciso estar aqui, mas não ligo. A gente pode fazer dar certo, não pode? Podemos contar pra Astrid. Pra Iris também. Eu... eu acho, eu não quero...

Delilah encostou o dedo na boca de Claire, silenciando-a. Ficou olhando para ela, tentando analisar o sentimento em seu peito, mas levou menos de um segundo.

Alívio.

Uma fagulha de medo, que parecia bem normal diante de algo tão importante.

Felicidade.

Antes desse momento, quando tinha sido a última vez que ela ficara feliz de verdade? Não conseguia lembrar. Ao receber o e-mail sobre a exposição do Whitney, talvez, mas era diferente. Era... sucesso. Isso era uma *felicidade* que aquecia o sangue, assentava os ossos, enevoava a mente.

Mas ela não conseguia colocar o sentimento em palavras, ainda não. Então puxou Claire mais para perto, passou a mão por suas costas e em sua

nuca, o polegar alisando a pele macia enquanto a beijava, despejando tudo o que não sabia traduzir em palavras em cada toque, cada impulso de seu corpo colado ao de Claire.

Sim. Beijo. Sim. Beijo. Sim. Beijo.

Claire riu sem se afastar e envolveu o quadril de Delilah com uma das pernas. Delilah colocou as mãos embaixo da camiseta de Claire, sentindo sua pele macia, esquecendo completamente onde estavam e por que estavam lá. Aquele momento era a única coisa que importava, e...

– Que merda é essa?

Por uma fração de segundo, a voz, o tom irritado, as palavras pareceram um sonho. Um filme na TV a que ninguém estava assistindo. Mas de repente Claire respirou fundo, se afastando de Delilah, e Delilah se viu sozinha na cama enquanto Astrid Parker, com o rosto molhado de lágrimas, olhava para ela no quarto de sua infância, a boca aberta em choque.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

OS BATIMENTOS CARDÍACOS DE CLAIRE estavam enlouquecidos, as pontas dos dedos fervendo de tanto oxigênio. Por um segundo, nada parecia real – o pedido para que Delilah ficasse, a decisão de contar à melhor amiga que ela talvez, quem sabe, provavelmente estava apaixonada por sua irmã postiça distante, e agora isso.

Astrid olhava para ela boquiaberta, mágoa e raiva irradiando por seu corpo. Iris estava atrás dela com uma expressão de *puta merda* no rosto.

– Astrid – disse Claire. – Eu...

– Não – respondeu Astrid, levantando a mão trêmula.

Claire soltou um suspiro e se levantou. Sua camiseta estava retorcida, mas ela definitivamente não queria chamar a atenção para suas roupas amarrotadas naquele momento.

– Querida, me deixa explicar.

– Explicar o quê? – perguntou Astrid.

Ela não gritou nem levantou a voz. Claire quase queria que ela fizesse isso, mas seu tom se manteve baixo, exausto. Triste.

– Que você está, o quê? Trependo com a minha irmã e nem se deu ao trabalho de me contar?

– Não, Astrid, eu...

– Então você não está trepando com minha irmã?

Claire piscou várias vezes olhando para a melhor amiga, a vergonha aquecendo seu rosto.

Astrid assentiu.

– Foi o que eu pensei.

– Amiga, que tal ouvir o que ela tem a dizer? – sugeriu Iris, apertando o ombro de Astrid.

Astrid se virou.

– Você sabia disso?

– Não, ela não sabia – respondeu Claire.

Mas Iris deu de ombros e disse:

– Eu imaginava.

– O que é que está acontecendo? – perguntou Astrid. – O que mais vocês estão escondendo de mim? Ah, espera, eu já sei que vocês odeiam o Spencer.

– A gente não odeia ele – respondeu Iris. – Só não achamos que ele seja o cara certo pra você. Você merece coisa melhor. A gente queria conversar com você sobre isso, mas não sabia como. E, no decorrer da semana, Claire, Delilah e eu imaginamos que se a gente conseguisse fazer você parar pra pensar em...

– Espera aí – pediu Astrid, levantando o dedo trêmulo no ar. – Você, Claire e *Delilah*?

Iris abriu a boca, depois fechou os olhos.

Aquilo era um desastre. Nada estava indo bem. Claire não sabia como explicar as coisas, as palavras se emaranhavam em sua língua.

– Ela estava com a gente o tempo todo – Claire finalmente conseguiu dizer. – E ela... bom... ela é...

– Eu sou boa em estragar tudo – disse Delilah em voz baixa.

Parecia que Astrid ia vomitar. Ficou encarando as três, uma de cada vez, mas seu olhar parou em Delilah.

– Eu não acredito nisso. Faz 22 anos que somos irmãs. Vinte e dois anos de você vivendo distante e fazendo cara de *não estou nem aí pra mais ninguém além de mim*.

– Astrid – disse Claire, a preocupação tomando conta dela ao ver o rosto

de Delilah pálido –, espera um pouco.

Mas Astrid a ignorou.

– Vinte e dois anos tentando entender qual era o meu problema, o que eu tinha feito, por que você não me dava uma chance, por que...

– Por que *eu* não *te* dava uma chance? – perguntou Delilah, se levantando. – Desde o dia que meu pai morreu, sua mãe deixou bem claro o que eu era nesta família. Uma tutelada. Uma garota sem casa. Uma órfã. Alguém que ela ia alimentar e vestir, só isso. Não alguém da família. Não uma filha.

– Isso é a minha *mãe* – disse Astrid, e bateu no peito com tanta força que Claire se encolheu. – E eu?

Delilah levantou o queixo, quase desafiadora, mas percebeu um leve tremor em seu lábio inferior e tensionou o maxilar para firmar.

Astrid balançou a cabeça.

– Eu não devia ter convidado você.

– Por que convidou?

– Porque você é minha irmã, caramba! E eu queria ver você no meu casamento. Achei que... Não sei o que achei, mas com certeza não esperava isso. Minha mãe tinha razão, você não está nem aí pra gente. Você não dá a mínima pra mim, você não...

– Você nunca me deu uma chance – falou Delilah.

– Eu te dei uma chance quando te contratei pro casamento! Eu te dei uma chance em todos os feriados em que você nunca veio pra casa e toda vez que eu passava no seu quarto quando a gente era criança, a cada jantar, a cada...

– Então eu devia saber ler mentes? Você me ignorou durante todo o ensino médio. Todo o ensino fundamental. Você me ignorava sempre que Claire e Iris vinham aqui, fazia questão de fazer com que eu me sentisse uma intrusa o tempo todo.

Astrid piscou muito, as lágrimas caindo em silêncio. Quando falou, sua voz saiu frágil, despedaçada:

– Você me ignorou primeiro.

Delilah contraiu os lábios e virou a cabeça, os olhos brilhando

levemente. Claire queria envolvê-la nos braços. Queria pegar a mão de Astrid, fazer as duas se acalmarem e conversarem, mas não se mexeu. Não se atreveu. Aquela ligação de arame farpado entre Astrid e Delilah era muito mais afiada do que ela imaginava. Havia tanta mágoa ali, tanta raiva, e ela não sabia como ajudar nenhuma das duas.

– Eu não sabia que estava ignorando você – disse Delilah, finalmente, a voz tão baixa que Claire quase não ouviu. – Eu achava... eu achava que era isso que você queria.

Astrid balançou a cabeça, levantando as mãos e as deixando cair novamente.

– Então você voltou pra cidade, conspirou pelas minhas costas com as únicas pessoas que eu amo de verdade, roubou minha melhor amiga, por quê? Pra se vingar de mim?

Delilah esfregou a testa, mas ficou em silêncio.

– Ah – disse Astrid. – Eu esqueci. Foi exatamente isso que você fez. Você inclusive me disse que ia fazer isso. Não disse?

Delilah baixou a mão.

– O quê? Astrid, Claire e eu...

– Me deixa adivinhar. *Aconteceu.*

– É. *Aconteceu.*

– Claro. Ela deu em cima de *você*, né? Ela queria *você*. Você é irresistível. Não teve nada a ver com isso.

– Eu não disse isso.

Astrid fungou.

– Então você não apostou comigo que pegaria Claire antes do casamento?

Claire demorou alguns segundos para entender o que Astrid disse, as palavras se espalhando pelo quarto como uma nevasca repentina em abril – silenciosas, frias e chocantes.

Claire se virou para Delilah.

– Você... você fez o quê?

Delilah fechou os olhos.

– Não foi isso que aconteceu.

– Espera aí – disse Iris. – Delilah *apostou* com você que conseguiria dormir com Claire?

– Na manhã do brunch – respondeu Astrid, gesticulando para Claire. – Ela disse que você estava muito bem, aí eu falei pra ela ficar longe e ela só deu um *sorrisinho*. Como se fosse uma piada. Então ela apostou comigo que em duas semanas estaria na sua cama.

– E você aceitou a aposta? – perguntou Iris, boquiaberta.

– Não! Eu mandei ela se foder.

– Não foi isso que aconteceu – repetiu Delilah, mas sua voz soou frágil, insegura.

– Então você não tentou dormir com Claire só para me irritar? – perguntou Astrid.

– Você está distorcendo as coisas – respondeu Delilah.

– Estou mesmo?

– Espera aí – disse Iris, se aproximando. – Não pode ter sido isso. O que é que a gente ainda não entendeu? – Ela franziu o cenho olhando para Delilah, a mágoa abrindo uma vala em sua testa.

E ainda assim Delilah não disse nada. Não se defendeu, não ofereceu nenhuma explicação. Só ficou parada ali, os braços cruzados, os olhos no chão, os dentes mordendo o lábio inferior como se estivesse pensando no que dizer. Mas se ela *precisava* pensar, se *precisava* se preocupar, então...

Claire não conseguia processar tudo aquilo. Virou-se para a mulher a quem tinha implorado que ficasse *mais* com ela. A mulher em quem não conseguia parar de pensar, que não conseguia imaginar voltando para Nova York sem um plano para continuarem fazendo parte da vida uma da outra. Sabia que Delilah era difícil, que era impetuosa e descarada, e na verdade amava isso nela. Além do mais, por baixo de tudo isso, Delilah era... Ela era terna. Era gentil, atenciosa e corajosa. Ela era verdadeira. Tudo tinha parecido tão verdadeiro.

Era verdadeiro.

Não era?

Mas, agora, a verdade do quanto o relacionamento delas era inviável pesou sobre os ombros de Claire.

Ela havia pedido a Delilah que ficasse. Que tentasse. Que fizessem dar certo juntas.

E Delilah... não tinha dito sim. Ela beijara Claire, tocando-a com tanta delicadeza e tanto carinho que Claire sentia um aperto na garganta só de lembrar, mas não tinha dito sim. Porque não podia. E mais, não queria. Delilah sempre iria embora, como Josh, como o pai de Claire. Não importava como tinha começado nem o que ela sentia por Delilah ou o que esperava que pudesse acontecer, ela não podia entregar seu coração a outra pessoa só para ser abandonada mais uma vez.

O que quer que houvesse entre elas – sexo, *mais*, nada – estava acabado.

Porque Delilah Green nunca ficaria em Bright Falls por Claire Sutherland.

– Claire – disse Delilah. – Por favor, a gente pode...

Mas Claire levantou a mão, interrompendo-a. Delilah se encolheu como se tivesse levado um tapa, e foi essa a sensação de Claire também – a palma ardida, os dedos tremendo, a adrenalina correndo por suas veias.

Por fim, Delilah assentiu uma vez, o maxilar tenso, e foi em direção ao corredor.

– Vai, vai embora – murmurou Astrid. – É o que você faz de melhor.

Delilah parou à porta, os ombros encolhidos até as orelhas. Claire queria gritar *não, não, não*, aquilo não estava certo, mas estava. Estava, porque Delilah não se virou, não ficou, não tentou.

Ela foi embora, e só.



CAPÍTULO TRINTA

JOSH TINHA IDO EMBORA.

Claire precisava admitir.

Fazia dois dias que não tinha notícias dele.

Fazia dois dias que muitas coisas tinham acontecido.

Dois dias que Astrid havia cancelado o casamento e flagrado Delilah e Claire. Dois dias que Delilah tinha deixado Bright Falls. Dois dias que Astrid não falava com Claire.

Iris era a intermediária relutante, mandando mensagens para Claire com sugestões do que ela podia fazer para ajudar Astrid a cancelar o casamento. Desde quarta-feira, Claire estava escondida dentro de casa, após dizer à gerente da livraria, Brianne, que estava doente, quando na verdade estava deitada no sofá bebendo água gaseificada com limão, até mudar para vinho por volta das cinco da tarde todos os dias, ligando para convidados e fornecedores do casamento e para quem quer que Iris mandasse por mensagem.

Claire também não tinha conversado com Iris. Pelo menos, não pessoalmente. Depois que Delilah saía do quarto de Astrid, tentara conversar com a amiga, contar o processo todo desde o início da relação com Delilah, mas Astrid não quisera ouvir. E tinha razão – não era hora de

dar desculpas, por mais que sentisse que suas decisões eram justificadas. Astrid tinha acabado de cancelar o casamento. Estava de coração partido... embora Claire achasse que o motivo não era Spencer. Não depois de tudo o que acontecera entre Astrid e Delilah.

Então o celular de Claire virou um fluxo sem fim de mensagens frias e autoritárias, todas desprovidas de qualquer pergunta pessoal.

Ligar para a florista.

Enviei a lista de convidados por e-mail para você ligar.

Cancelar o Quarteto de Cordas Graydon.

Segue o número deles.

Ela fazia tudo com um emoji de polegar para cima na hora, executando qualquer tarefa que pudesse ajudar Astrid a cuidar daquela confusão... uma confusão que ela queria, que tinha planejado com Iris e Delilah. Ela não tinha justificativa para isso, para nunca ter ficado à vontade para ser sincera com Astrid sobre o que sentia em relação a Spencer, para sempre ter se esquivado do confronto.

Agora, escrevendo para Josh pela milionésima vez, sem resposta, e deixando mais uma mensagem de voz, o que ela queria era brigar. Queria empurrar aqueles ombros largos idiotas e gritar na cara dele. As palavras se confundiam em sua mente, tudo que ela diria para ele, tudo que se avolumava em seu peito como uma tempestade.

Eu sabia que você ia fazer isso. Eu tinha razão, você sempre vai embora, todo mundo sempre vai embora.

Ela ligou mais uma vez, mas foi direto para a caixa postal, como em todas as vezes em que tentara entrar em contato com ele nos últimos dois dias. Ruby estava inconsolável. Também estava ligando e mandando mensagens para o pai sem parar, e ele não respondia. No dia anterior Claire usara a chave que Josh tinha deixado com ela algumas semanas antes para

entrar no apartamento, só para dar uma olhada e ter certeza de que ele não estava jogado no chão com um ferimento fatal na cabeça ou algo do tipo. No apartamento, tudo parecia estar no devido lugar, mas a caminhonete dele não estava lá, nem os itens de higiene pessoal e a mochila grande que ele sempre levava quando saía da cidade.

Agora, finalizando uma ligação tensa para os Bradfords em Portland, lidando com um milhão de perguntas incrivelmente invasivas a respeito da sanidade de Astrid, Claire sentou-se no sofá e esfregou a testa. No fim do corredor, Ruby estava trancada no quarto, a música triste passando por debaixo da porta. Claire se sentia como um tecido esticado até esgarçar, desfiando nas pontas. Não aguentaria ver a filha passar por aquilo de novo.

Ela não aguentaria passar por aquilo de novo.

Pegou o celular e abriu as mensagens, o polegar pairando sobre a conversa com Delilah pela centésima vez desde que ela fora embora. Queria conversar com ela. Queria contar sobre Josh, implorar a ela que voltasse, mas não podia. Não se permitiria. Delilah já tinha ido embora, voltado ao lugar dela, e Claire... bom...

Talvez não fosse apenas Josh que ela não suportaria ver indo embora mais uma vez.

E era isso que aconteceria se ela entrasse em contato com Delilah agora, se é que aconteceria alguma coisa.

Delilah não está nem aí.

Claire disse isso para si mesma, várias vezes, ignorando a centelha de dúvida no fundo da mente. Em todo caso, não era dúvida. Era mágoa, desejo, talvez até um pouco de saudade, mas não era dúvida.

Abriu as mensagens com Iris e finalmente engoliu o orgulho.

Podemos conversar? Por favor?

Ela apertou enviar e segurou a respiração, mas aqueles três pontinhos apareceram no mesmo instante, a resposta de Iris chegou logo depois.

Já estou indo praí.

Dez minutos depois, Claire abriu a porta e inspirou, surpresa. Iris estava lá, com um vestido verde de verão, o cabelo ruivo comprido caindo ao redor dos ombros nus, mas não estava sozinha.

Astrid estava ao lado dela na varanda da casa de Claire, de braços cruzados e óculos escuros escondendo os olhos. Os lábios pareciam tensos, mas Claire nem ligou. Ela estava *lá*, e Claire nunca ficou tão aliviada na vida.

Ela deve ter se escorado no batente da porta, ou talvez as olheiras que sabia que estavam aninhadas sob seus olhos tenham entregado seu estado de espírito. De qualquer forma, Iris deu um passo à frente e a envolveu nos braços. Claire se apoiou nela, as lágrimas entupindo sua garganta de repente.

– Josh é um bota de merda honorário – disse Iris, traçando círculos nas costas de Claire.

Claire se afastou.

– Como você sabia?

Ela não tinha citado o desaparecimento para nenhuma das duas porque a hora certa para soltar essa bomba por mensagem parecia nunca chegar.

– Você deu um celular pra sua filha, e nosso número – respondeu Astrid, tirando os óculos. – Ela tem 11 anos, a vida dela é mandar mensagem.

Claire suspirou.

– Meu Deus. Me desculpem. Eu dei o número de vocês pra emergências, e eu...

– Querida – disse Iris, segurando os braços de Claire. – Está tudo bem. A gente faz parte da família da Ruby. É claro que queremos que ela mande mensagem quando precisar.

Claire olhou para Astrid, que assentiu discretamente; para ela, era o bastante.

Elas entraram e Claire abriu uma garrafa de vinho rosé. As três se acomodaram no sofá que, nos últimos dois dias, tinha se tornado um ninho de cobertores, livros, copos de água e pacotes de salgadinhos.

– Você se preparou mesmo pra passar um bom tempo aqui – falou Iris, sentando-se em um canto.

Claire riu.

– Você sabe que eu fico na toca quando estou deprimida.

– Sei mesmo – disse Iris, piscando para ela por cima da taça.

Astrid estava na outra ponta do sofá, Claire no meio, e a amiga ainda não tinha sorrido nem relaxado os ombros. Ela tentou pensar no que dizer, em como resolver a situação, mas não sabia o que poderia ajudar.

– Astrid, me desculpe – disparou, fazendo questão de olhar a amiga nos olhos, porque, no mínimo, devia isso a ela.

Astrid correspondeu ao seu olhar, mas não disse nada.

– Sei que as coisas entre você e Delilah são complicadas. Quando a gente começou a se encontrar, eu... bom, era uma coisa casual. Era... – Ela obrigou as palavras a saírem, por mais que não parecessem verdadeiras. Foi assim que tudo começou, e isso pelo menos era verdade. – Era só sexo, e eu sabia que seria temporário. Eu achava que não precisava contar pra nenhuma de vocês duas sobre uma ficada que tinha data pra terminar. E não queria te deixar mais estressada nem deixar as coisas ainda mais difíceis pra você tão perto do casamento.

Astrid inclinou a cabeça.

– Foi por isso mesmo que você não me contou?

Claire franziu o cenho. Ao seu lado, Iris pigarreou.

– Eu... bom... O que você quer dizer com isso?

Astrid soltou um suspiro e baixou o olhar. Agora que Claire observava a amiga mais de perto, ela parecia exausta. Estava sem maquiagem, o que era inédito para Astrid Parker, e seu cabelo estava um pouco opaco, como se não tivesse sido lavado nos últimos dias. Além disso, ela estava usando uma calça legging preta e uma camiseta cinza velha que dizia *Equipe de Corrida do Colégio Bright Falls*.

– O que eu quero dizer é que... – Astrid se virou de frente para Claire, sentando-se em cima das pernas. – Eu andei pensando muito nos últimos dias. Acho que dá pra chamar de *exame de consciência*.

– Ah, com certeza dá pra chamar assim – disse Iris.

Astrid olhou para ela, mas um sorrisinho discreto se formou nos cantos de seus lábios.

– Tá, eu andei fazendo um exame de consciência e percebi que... nem sempre é fácil conversar comigo.

Claire franziu o cenho.

– Astrid, querida...

– Não, me deixa concluir.

– É, deixa ela concluir – falou Iris.

– Dá pra você ficar quieta? – pediu Astrid, mas não havia maldade em sua voz.

Iris levantou as mãos, se rendendo.

– Nem sempre é fácil conversar comigo – continuou Astrid. – Sou exigente e inflexível e eu nunca... nunca dividi certas coisas com vocês. Muitas coisas.

Claire estendeu a mão e pegou a de Astrid, ficando aliviada quando ela não recuou.

– Tipo o quê?

– Tipo... – Astrid soltou um suspiro. – O que eu sentia em relação à Delilah. Quer dizer, como eu me sentia *de verdade* quando éramos mais novas. Quanto eu queria que ela fosse minha irmã, mas, quando ela não demonstrou querer a mesma coisa, eu simplesmente me afastei dela e como... como isso foi difícil. Como ainda é difícil, porque eu me sinto...

Ela engoliu em seco, fechando os olhos.

– Eu me sinto indesejada e parece que não sou boa o bastante, e falar sobre isso aprofundou ainda mais esses sentimentos.

– São muitos sentimentos – comentou Iris.

– E vocês sabem que eu odeio esse tipo de coisa – disse Astrid, sorrindo, mas sem humor.

– Querida... – falou Claire, com a voz suave.

Mas Astrid balançou a cabeça e continuou:

– Quando descobri o que estava acontecendo entre vocês duas, eu... surtei porque, pra falar a verdade, eu pensei: *Por que ela? Por que Claire e não eu?*

– Acho que aqui precisamos esclarecer que Astrid *não* está falando de você se pegar com a irmã dela – pontuou Iris, inclinando a taça de vinho na

direção delas.

– Meu Deus, Iris – resmungou Astrid.

– O quê? Alguém tinha que dizer isso.

Astrid se concentrou em Claire, apertando sua mão.

– O que eu quero dizer é que você teve um *relacionamento* com ela. Ela significou alguma coisa pra você, e você pra ela, deu pra perceber. E eu... não entendo por que *eu* nunca signifiquei nada pra ela. Nada romântico, claro, mas só... alguma coisa. Qualquer coisa. Passamos por tantos momentos juntas, perdemos nossos pais, e eu queria dividir isso com ela. Sempre quis dividir isso com ela, porque Delilah era a única com quem eu *podia* dividir, e, depois que ela me ignorou tantas vezes, eu me senti...

– Péssima – Claire concluiu por ela.

Astrid assentiu.

– Mas eu não acho que seja culpa só da Delilah. Eu também não entendia grande parte da experiência dela. Coisas que eu não queria ver nem tentar entender. E, quando ela me afastou, eu retribuí, e nós meio que começamos a alimentar isso uma na outra.

Claire assentiu, sentindo um aperto na garganta de repente.

– Ainda assim, sinto muito por ter magoado você.

Astrid soltou o ar e sorriu para ela.

– Obrigada.

– E o Spencer? – perguntou Claire.

Astrid fechou os olhos por um instante.

– É. Spencer. Acho que ele era só uma saída fácil.

– Ele era um bota de merda – declarou Iris.

– Não está ajudando – disse Claire, mas Astrid riu.

– Não, Iris tem razão. Ele era um bota de merda completo.

– Um cinto de merda, uma meia de merda, uma camisa de merda, um cha...

– Sim, já entendemos, Ris – falou Claire, e se virou para Astrid. – Eu queria que você tivesse se aberto com a gente sobre ele.

– Eu sei. Me desculpem. Também tenho pensado muito nisso. Ele fazia minha vida parecer o que me ensinaram que ela devia parecer. Era fácil fazer

o que ele queria e pronto, sabendo que isso deixava todo mundo feliz.

– Todo mundo, não – disse Iris.

– Eu sei – respondeu Astrid. – Mas ele era tudo que minha mãe sempre me disse que eu queria, então, quando ele apareceu, eu me *obriguei* a querer ficar com ele, porque o que é que eu poderia querer se não ele? No fundo, eu sabia que ele não me faria feliz, e sabia que vocês duas perceberam desde o começo, por isso eu nunca falava dele e por isso nunca o levava comigo quando a gente se encontrava. Eu não queria ouvir que ele era a pessoa errada, que *eu* estava errada.

– A gente também não devia ter escondido isso – disse Claire. – A gente devia ter falado a verdade desde o início.

– Eu não facilitei as coisas – argumentou Astrid.

– Ah, não facilitou mesmo – disse Iris.

Astrid revirou os olhos.

– Ris, nós duas já tivemos essa conversa, então, dá pra você fechar essa porra dessa matraca?

– Tá bom, tá bom, mas, sério, eu só falei pra ouvir Astrid Parker dizer *porra*.

As três riram, e Astrid abraçou Claire. Ficaram sentadas assim um bom tempo, Claire se deleitando na familiaridade do abraço da melhor amiga, o queixo apoiado no ombro ossudo dela.

– Ufa, tá, agora que isso está resolvido – disse Iris, batendo palmas uma vez quando as duas se separaram –, o que vamos fazer a respeito do seu probleminha?

Ela estava olhando para Claire, que se sentiu murchar.

– Não sei – respondeu ela. – Ruby está inconsolável, e Josh é...

– Não estou falando desse bota de merda honorário – falou Iris, levantando uma das mãos. – Porque, sério, o Josh é o Josh, e você e a Ruby podem contar com a gente. Pra sempre.

Claire franziu o cenho.

– Então do que você está falando?

Iris olhou para o teto, mexendo os lábios como se estivesse sussurrando um pedido de ajuda aos deuses, antes de olhar para Claire com os olhos

arregalados.

– Da Delilah, minha querida amiga apaixonada. Delilah Green.

Claire balançou a cabeça.

– Nada. Não há nada a fazer.

Iris e Astrid se entreolharam por cima da cabeça de Claire.

– O que foi? – perguntou ela. – É verdade. E não estou apaixonada. Estou só... – Ela olhou para o ninho de melancolia ao seu redor, todos os sinais de um término devastador espalhados pela sala. – Isso não importa. Delilah foi embora.

– Ah, querida – disse Iris. – Se você acha que aquela mulher não está completamente apaixonada por você, você é ainda mais distraída do que eu pensava.

– O quê? Ela não está, não. Era só sexo.

– Claire, você não faz *só sexo* – argumentou Astrid com a voz mansa. – Nunca fez.

– Mas ela faz. Ela apostou – falou Claire, ignorando a observação de Astrid. – Ela *apostou* que conseguiria dormir comigo, você mesma disse, e...

– Ninguém que está só querendo irritar a irmã postiça olha pra alguém que só está pegando do jeito que Delilah olhava pra você – disse Iris. – No acampamento, no vinhedo, caramba, até na Casa de Chá da Vivian, ela não tirava os olhos de você.

Claire balançou a cabeça.

– Não, ela não está nem aí pra mim. Ela *foi embora*.

Astrid soltou um suspiro.

– Ela foi embora porque achava que ninguém aqui queria que ela ficasse.

– Eu pedi – disse Claire, as lágrimas finalmente se acumulando e caindo.

– Eu pedi pra ela ficar.

Nenhuma das amigas disse nada. O que poderiam dizer? Delilah tinha ido embora. Não importava o que Claire sentia por ela nem o que ela pudesse sentir por Claire. Nova York era como outro planeta.

Claire bebeu em uma golada o resto do vinho, mas, antes que pudesse se levantar para oferecer mais às amigas, seu celular recebeu uma enxurrada de mensagens.

Todas de Josh.

Oi. Vou sair da cidade por alguns dias. Volto sexta, prometo.

O que é isso? Por que você mandou todas essas mensagens? Não recebeu a minha?

Merda, não recebeu. Tem um pontinho de exclamação vermelho do lado. Merda!

Ruby me mandou um milhão de mensagens. Eu só recebi agora.

Claire, me desculpa.

Estou indo aí agora mesmo.

Chego em meia hora.

Estou entrando na sua rua.

Ruby não atende o celular. Está sem bateria?

Merda, merda, merda.

Ceguei.

Claire se levantou de um salto, olhando para o celular com os olhos arregalados.

– Ai, meu Deus.

– O que foi? – perguntou Iris, se levantando também. – É a Delilah?

– É o Josh. Ele está aqui.

Ela correu até a porta e abriu a tempo de ver Josh pular da caminhonete, deixando a porta aberta e correndo pela calçada.

– Claire – disse ele, os olhos arregalados, em pânico. – Me desculpa, eu...

Mas, antes que ele conseguisse dizer mais alguma coisa, Iris passou voando por Claire, o cabelo ruivo pairando atrás dela como chamas, e acertou um soco bem na cara de Josh.



Tinha sangue jorrando por toda parte.

– Merda! – gritou ele, levando as mãos ao nariz. – Iris, que porra é essa?

– Aqui os botas de merda não têm vez – respondeu Iris, apontando o dedo pálido para a cara dele.

Ele recuou, as mãos ainda cobrindo o nariz. O sangue escorria entre seus dedos e por seus braços. Parecia uma cena de filme de terror, e Claire levou um tempo para entender o que exatamente tinha acontecido e o que fazer primeiro.

Então o sangue que estava começando a manchar a calçada virou prioridade, e Astrid trouxe uma toalha velha que Claire guardava embaixo da pia da cozinha para esse tipo de avacalhação com potencial de manchar.

Claire apertou a toalha contra o nariz de Josh, e ele limpou grande parte da sujeira, depois segurou a toalha no rosto para evitar mais derramamento.

– O que aconteceu? – perguntou Claire assim que ele pareceu mais ou menos estável.

– Iris socou a porra do meu nariz, foi isso que aconteceu – respondeu ele.

– E socaria de novo – garantiu Iris.

– Já tinha passado da hora de alguém fazer isso – disse Astrid.

Ele encarou as duas, mas sua expressão suavizou ao olhar para Claire. Ele balançou a cabeça.

– Eu não fui embora. Desta vez, não... Eu disse que não ia fazer isso.

– Mas fez – respondeu Claire. – Sumiu por dois dias sem explicação, e mais uma vez eu fiquei com uma filha inconsolável que mal consigo tirar de dentro do quarto.

Os olhos de Josh – que eram tudo o que Claire enxergava – se apertaram de dor. Então ele tirou a toalha, e as três respiraram fundo. Seu rosto estava manchado de sangue, o nariz já inchado, a área embaixo dos olhos escura e insinuando os hematomas que logo se formariam.

– Está tão ruim assim, é? – perguntou ele.

– Combina com você – respondeu Iris.

Claire lançou um olhar para ela, mas não conseguiu deixar de sorrir. Sabia que as amigas estavam cansadas dos joguinhos e da irresponsabilidade de Josh, como ela também estava. E não ia mais deixá-lo se safar sem consequências.

– Você não pode continuar fazendo isso – disse. Iris e Astrid se aproximaram dela, cada amiga segurando uma de suas mãos. – Aliás, esta é sua última chance. Pra mim chega. Ruby não vai aguentar, Josh. Eu não vou aguentar. Não é justo, e eu não entendo por que você...

– Eu construí uma casa em Winter Lake – falou ele.

Claire piscou, aturdida. Winter Lake era uma cidade minúscula, com muita floresta, e o centro era do tamanho de um botão.

– Como é que é? – perguntou ela.

– Era lá que eu estava. Estou trabalhando em alguns projetos por lá nos últimos meses, e um deles... bom, é o meu. Eu precisava terminar a documentação na quarta e passei a quinta arrumando algumas coisas na casa. Na quarta, quando estava me preparando pra ir, meu celular ficou sem bateria. Carreguei na caminhonete e mandei mensagem assim que deu, mas o sinal em Winter Lake é uma merda, vou ter que trocar de operadora quando me mudar pra lá de vez, e não percebi que a mensagem não tinha ido. Só hoje, quando eu estava voltando, é que começou a chegar um monte de mensagens assim que cheguei à rodovia. Eu teria ligado pra Ruby enquanto estava lá, mas como eu disse não tinha sinal, e ainda não tenho Wi-Fi.

Claire ficou olhando para ele, ainda segurando as mãos das amigas. Elas ficaram em silêncio, deixaram que ela tomasse a frente.

– Por que você não me contou o que ia fazer antes de ir? – perguntou ela.
– Você só precisava *conversar* comigo, me dizer o que estava acontecendo. Caramba, podia ter deixado um bilhete na minha porta!

Ele soltou um suspiro.

– Você teria acreditado em mim se eu dissesse há dois meses que estava construindo uma casa em Winter Lake?

Ela contraiu os lábios. A resposta era óbvia.

– Por isso eu não te contei nada – disse ele. – Queria deixar a casa pronta. Sei que minhas palavras não valem muito, Claire. Queria te mostrar que estava falando sério desta vez.

Ele ficou olhando para ela com os olhos inchados, sem desviar o olhar.

– Você construiu mesmo uma casa em Winter Lake? – perguntou ela.

Ele deu um sorriso amarelo.

– Construí mesmo. E, se você concordar, eu gostaria de levar você e Ruby pra ver.

– Pai!

Ruby apareceu à porta, os olhos arregalados e o sorriso contagiante, correndo até ele e lançando os braços ao redor de seu pescoço. Ele a levantou e a abraçou forte, tirando os pés da garota do chão, e encostou o nariz dolorido em seu cabelo.

– O que aconteceu com a sua cara? – perguntou Ruby quando ele a colocou no chão.

Ele levantou uma das mãos.

– Nada que eu não tenha merecido.

– A tia Iris finalmente te deu um soco, é? – perguntou ela.

– Fico feliz que meu trabalho seja reconhecido – disse Iris.

Josh revirou os olhos, mas estava sorrindo. Todos estavam, e Claire parecia não conseguir parar. Estava tão aliviada, tão positivamente chocada, que não sabia o que fazer enquanto Josh explicava a Ruby o que tinha acontecido com seu celular e o que estava fazendo em Winter Lake.

Depois de alguns abraços apertados e uma despedida emocionada da

parte de Claire – com planos de passar o dia seguinte, que seria o casamento de Astrid, se embebedando e comendo chocolate –, Astrid e Iris foram embora. Claire sabia que precisava de um tempo com a filha e Josh.

Depois que Josh limpou o sangue seco do rosto no banheiro, Claire e Ruby subiram na caminhonete e os três foram até Winter Lake. Era uma viagem curta – uma passagem rápida pela interestadual, seguida de estradas sinuosas ladeadas de bosques frondosos. Passaram pelo centro de Winter Lake, dois quarteirões sem um único poste de iluminação pública, com um café, duas lojas de materiais de construção e um cinema antigo sensacional chamado Andrômeda. Apesar dessa pérola, a área fazia Bright Falls parecer uma metrópole em expansão. Enfim, a uns dez minutos do centro, seguiram por uma estrada estreita com casinhas que ficavam no mínimo a 800 metros umas das outras, até que Josh parou na entrada de um chalé digno de cartão-postal. Era maior do que Claire esperava, com telhado em formato de A, varanda ampla, paredes da cor de um uísque dos bons e uma chaminé de pedra que subia em direção ao céu. Pinheiros rodeavam a propriedade, e Claire via uma faixa prateada minúscula atrás da casa – o lago Winter.

– Josh – disse, ofegante. – Isso é... isso é...

– Incrível! – completou Ruby. – É incrível!

Ela abriu a porta da caminhonete com tudo e correu até a varanda, espiando pelas janelas antes de se jogar em uma das cadeiras de balanço.

– É incrível mesmo – concordou Claire, sorrindo para Josh. – Não acredito que você fez isso.

Ele piscou para ela.

– Espera só até ver o interior.

Desceram da caminhonete e Josh abriu a porta. O interior era... bom, Claire ficou sem fôlego. Toda a parede dos fundos era de janelas, deixando o sol poente entrar e enchendo a casa de um brilho âmbar e lavanda. A cozinha, a sala de estar e a de jantar eram um único espaço amplo, com as mesmas paredes de troncos de pinho da fachada, combinadas com eletrodomésticos e design modernos. A cozinha era clara e rústica ao mesmo tempo, com armários creme intercalados com a parede cor de uísque, uma ilha com uma pia de fazenda, muito espaço de trabalho e

bancadas de madeira. Sofás macios de couro marrom ocupavam a sala, ao lado de uma poltrona macia e verde-escura que parecia grande o bastante para comportar dois adultos. Almofadas azul-marinho e verdes decoravam o espaço, e os quadros nas paredes exibiam lagos, rios e florestas nas mesmas cores. Havia uma fotografia de Ruby em preto e branco sobre a lareira, ao lado de uma foto dos três – Claire, Josh e Ruby – quando a menina tinha 9 anos.

– Posso ver meu quarto? – perguntou Ruby. – Por favor?

– Claro, filhota – disse Josh, sorrindo. – Eu deixei meio vazio, porque quero que você escolha as suas coisas, tá? Quem sabe a gente faz isso amanhã?

Ele olhou para Claire e ela assentiu. Então Ruby correu pelo corredor que saía da sala de estar.

– Posso ficar com o quarto que tem a cama enorme e o banheiro grande? – gritou ela.

– De jeito nenhum – gritou Josh em resposta, rindo.

– Argh, tá bom – concordou Ruby, mas Claire percebeu que ela estava brincando.

Claire continuou percorrendo o espaço devagar, assimilando todos os detalhes. Era lindo. Não tinha outra palavra para descrever. E quando Josh perguntou, tímido, o que Claire achava, ela disse a verdade.

Ele sorriu.

– Vem aqui. Quero te mostrar a vista da varanda dos fundos.

Ele pegou Claire pela mão e a levou até a área externa. A varanda era simples, só duas cadeiras rústicas de madeira e uma mesa entre elas, mas a vista...

– Nossa – disse ela, apoiando os braços no parapeito e vendo o sol brilhar sobre a superfície do lago.

– Localização boa, né? – indagou ele, parando ao lado dela.

– Muito boa. – Ela se virou para ele e cutucou seu ombro com o dela. – Não acredito que você fez isso.

Ele deu de ombros, observando a vista de sua própria varanda. Então levou a mão ao bolso de trás e pegou a carteira, de onde tirou um cartão

branco.

– Fiz isso também.

Claire pegou o cartão e sentiu o papel espesso entre os dedos, as letras azul-marinho brilhantes com um leve relevo.

CASAS JOSH FOSTER LTDA.

Ela levantou a cabeça.

– Espera aí... os projetos que você estava tocando... Não eram da empresa do Holden?

Ele balançou a cabeça, então parou.

– Bom, sim, os primeiros eram. Mas os dois últimos, os que fiz aqui, são meus.

– Você conseguiu.

– Eu consegui.

Ela sorriu para ele, o peito de repente apertado e aquecido ao mesmo tempo.

– Josh, eu... Desculpa, eu não...

Ele balançou a cabeça, levantando a mão para interrompê-la.

– Não, não faz isso. Eu mereci sua dúvida. Sei disso.

Ela soltou um suspiro, e ele se virou para encará-la.

– Mas agora estou aqui – disse. – E vou ficar. Não sou o mesmo garoto idiota que eu era quando Ruby nasceu. Caramba, não sou nem o mesmo garoto idiota que eu era dois anos atrás. Espero poder reconquistar a sua confiança.

Claire estendeu a mão e apertou a dele.

– Também espero. É um ótimo começo.

Ele riu e apertou a mão dela.

– Eu quero que a gente seja uma família.

Ela assentiu.

– Eu também.

Então a expressão de Josh se fechou e os cantos da boca murcharam um

pouco.

– Mas, quer dizer, não uma *família* família.

Ela inclinou a cabeça, franzindo o cenho.

– Quer dizer... – Ele soltou a mão dela e passou os dedos no cabelo. Na penumbra, era difícil saber, mas Claire poderia jurar que ele estava corado. – Sei que às vezes quando eu voltava pra cidade a gente... a gente... – Ele fez um gesto com a mão indicando o que faziam.

– Transava? – perguntou ela. Ele arregalou tanto os olhos que ela riu. – Ah, Josh. Por favor. Nós somos adultos. Podemos chamar as coisas pelo nome que elas têm.

Ele relaxou os ombros e riu também.

– Tá, certo. Mas acho que não devemos mais fazer isso.

Ela apenas levantou as sobrancelhas. Ele balançou a cabeça.

– Isso não ajuda nenhum de nós dois a ser um pai ou uma mãe melhor pra Ruby. E, pra falar a verdade, no passado, fico pensando se o fato de transarmos não era parte do motivo pelo qual eu ia embora. Não que fosse culpa sua. A culpa era toda minha, mas, bom, o sexo me deixava confuso. Assustado. E eu só quero ser um bom pai e um bom parceiro pra você nessa jornada.

Claire assentiu, chocada com a sabedoria que ele estava demonstrando.

– É. Isso tudo faz sentido.

– E a gente não se ama nesse sentido. Não mais.

– É verdade.

– E quero ter isso com alguém um dia.

Ela sorriu.

– Eu também quero que você tenha isso.

– E também tem o fato de você estar completamente apaixonada por outra pessoa.

O sorriso dela se desfez.

– Como é que é?

Ele riu.

– Admite.

– Não posso admitir uma coisa que nem entendi.

– Ah, por favor, Claire. Você e Delilah. É óbvio.
– Não é óbvio coisa nenhuma. Você nos viu juntas, o quê? Uma vez?
– Uma vez foi o suficiente. Sei que ela tem um passado complicado em Bright Falls – continuou Josh –, mas nunca vi ninguém olhar pra você como ela olha. E você olhava pra ela do mesmo jeito.

– E que jeito era esse?

– Como se você fosse capaz de ir até a Lua atrás dela.

Ela mordeu o lábio inferior e se virou para o lago. Não entendia por que as pessoas não deixavam isso para lá. Por que pareciam pensar que o jeito como Delilah olhava para ela queria dizer que ela estava loucamente apaixonada? Não dá para saber isso pelo olhar. Não dá para saber nada pelo olhar.

Então por que de repente ela ficou com vontade de chorar, soluços longos e trêmulos que talvez arrancassem aquela dor de seu peito? Ela balançou a cabeça, resmungou *Porra* baixinho, porque, se tinha uma situação que exigia um palavrão, era essa.

Josh a cutucou com o ombro.

– Do que você tem tanto medo?

Ela riu enquanto as lágrimas caíam, limpando os olhos.

– Por onde eu começo?

Josh olhou para Claire, esperando, e ela percebeu que ele realmente queria ouvir a resposta.

Ela se escorou nele.

– Tenho medo de me machucar. Tenho medo que Ruby se machuque. Tenho medo de dar pra ela, pra qualquer pessoa eu acho, tudo de mim, e ela acabar simplesmente indo embora. Eu não sou simples, Josh. Tenho uma filha que está prestes a entrar na adolescência, pelo amor de Deus. Tenho você. Tenho uma loja. E tenho... bom, acho que tenho dificuldade de confiar nas pessoas.

Ele assentiu.

– E grande parte disso é culpa minha.

Ela não disse nada. Os dois sabiam que era verdade.

– E do meu pai – disse ela. – E da Nicole e, caramba, sei lá. De cada

coração partido que já ouvi em uma música triste.

Ele a abraçou, e ela apoiou a cabeça no ombro dele.

– Você ama ela? – perguntou ele.

– Isso não importa.

Ele a abraçou mais forte.

– Você ama?

Ela deixou a pergunta pairar entre eles por um tempo. O sol desceu mais um pouco tornando o ar dourado lavanda e depois violeta escuro. Ela sabia a resposta para a pergunta dele, mas era uma resposta ridícula. Impossível.

Josh soltou um suspiro.

– Você passou a vida inteira colocando os outros em primeiro lugar, Claire. Sua mãe. Astrid e Iris. Eu. Ruby. Tudo bem querer uma coisa só pra você.

Aquelas palavras tinham o som da sabedoria, da verdade. Acenderam algo dentro dela que pareceu esperança, e em qualquer outra circunstância Claire talvez tivesse concordado. Mas ela já tinha tentado. Tinha tentado fazer algo só para si mesma quando pedira à mulher que amava que ela ficasse, que resolvessem as coisas juntas.

E Delilah Green havia partido assim mesmo.

Mas, embora fosse impossível ter o que realmente queria, Claire gostou de estar ali – ela e Josh na varanda que ele mesmo construiu, a cabeça no ombro dele enquanto conversavam sobre a possibilidade do amor.



CAPÍTULO TRINTA E UM

DELILAH TINHA CERTEZA de que estava prestes a vomitar.

O sol estava se pondo, lançando um brilho dourado sobre a Gansevoort Street, e uma brisa soprava sua pele, finalmente oferecendo à cidade um alívio do calor entorpecente do verão. Estava usando seu macacão preto favorito, o cabelo volumoso e ousado, os cachos definidos à exaustão com todo tipo de gel e creme. A maquiagem estava perfeita: olhos esfumados e delineados em estilo gatinho, e lábios vermelho-escuros que a faziam se sentir poderosa e sexy, uma criatura da noite em um romance paranormal.

Mas não era um romance. Porque, olhando para o Whitney, um prédio cinza imponente, todo moderno e envidraçado, onde ela já tinha entrado um milhão de vezes antes e duas vezes desde a volta a Nova York quase duas semanas atrás, seu estômago se revirava como se estivesse arrependido da última refeição.

Ela engoliu em seco, respirou fundo, engoliu de novo, mas nada a acalmava. Era a noite do lançamento de *Vozes Queer* no Whitney. Ela estava pronta. Tinha trabalhado feito doida desde a volta para Nova York. Até pedir a Michaela que cobrisse seus turnos no River Café. Quando os honorários pelo casamento Parker-Hale caíram em sua conta, dois dias depois de ela sair de Bright Falls – sem nenhum e-mail de Astrid, nenhuma

mensagem, apenas uma grana que era dela por direito –, ela havia deixado todas as preocupações com dinheiro e aluguel de lado e mergulhado no trabalho.

Dez obras.

Era o que o Whitney queria, e ao voltar a Nova York ela tivera uma semana para se preparar antes que o museu recebesse todas as obras para emoldurar. Os sete dias foram um borrão – ela mal comia, cochilava no sofá e se debruçava o tempo todo sobre o portfólio que já tinha, procurando peças que mostrassem ao mundo quem era Delilah, qual era seu nicho. Mas tinha conseguido. Trabalhara até em uma peça nova, uma foto que havia tirado em Bright Falls depois do acampamento, durante aqueles longos dias antes de levar Claire para andar de patins. Ela fora até as cataratas, que ficavam a cerca de 15 quilômetros da cidade, uma área de floresta onde o rio se acumulava sob uma série de pequenas cascatas brancas que caíam de um penhasco. Tinha levado o tripé e a câmera, e passado o dia todo perdida em centenas de fotos do mundo natural, ela mesma de camisa branca ensopada como tema principal.

– Uau – disse Alex Tokuda olhando para a foto cinco dias antes da exposição, quando Delilah levou tudo até lá.

Delilah batizou a peça de *Encontro*. Não sabia por que, mas foi a única coisa que surgiu em sua cabeça quando terminou de editar a foto escolhida.

– Isso é... poderoso – declarou Alex, inclinando o retângulo de papel fotográfico para cá e para lá. Seu cabelo era curto e escuro, e ele usava terno grená e camisa preta de seda, a elegância em pessoa. – Doloroso, até.

– É. – Foi só o que Delilah conseguiu dizer.

Mas por dentro ela se sentia como se fosse feita de purpurina, uma sensação que só aumentou enquanto Alex analisava as dez peças, fazendo comentários simples mas autênticos.

Mais tarde, naquele mesmo dia, ao voltar sozinha para o apartamento no quinto andar do prédio sem elevador no Brooklyn – o lugar era uma confusão de roupas e embalagens de comida, taças de vinho abandonadas em mesinhas e trocadas por goles mais nutritivos de água –, ela pegou o celular e abriu as mensagens que tinha trocado com Claire.

Uma conversa que estava parada havia uma semana.

Seus dedos pairaram sobre a tela, desesperados por contato, mas sem saber o que dizer. O que ela poderia dizer? A aposta com Astrid, é claro, fora idiota, maldosa e egoísta. Ainda que a irmã não tivesse aceitado. E, assim que Delilah e Claire começaram a ficar juntas, ela raramente pensava nas palavras de despeito que tinha dito a Astrid no quarto da Pousada Caleidoscópio.

Mesmo assim...

Não era nada bom, ela sabia. Quando pensava na viagem, repassando cada momento como um filme, analisando a si mesma como uma aspirante a atriz estudaria Hepburn, ela via.

Os comentários sarcásticos constantes.

A maldade.

A falta de consideração.

O modo como atacava Astrid em qualquer oportunidade, e por quê? Por vingança? Por diversão? Não era de se admirar que Claire tivesse deixado Delilah ir embora, sair da Casa das Glicínias e de Bright Falls sem ao menos fazer uma pergunta. Delilah não a culpava por isso. Tinha se esforçado muito para que todos em Bright Falls soubessem que ela não estava nem aí para eles.

E não estava mesmo.

Agora, contudo, olhando para o Whitney, sentiu o peito estranhamente vazio. Havia entusiasmo ali, é claro. Entusiasmo profissional, artístico, do tipo isso-pode-mudar-tudo, o que não era pouco. Mas não conseguia conter nem ignorar aquele aperto no peito. O desejo de algo mais. *Alguém*, talvez.

Ela fechou os olhos, só por um segundo, e imaginou como seria.

A vida com os dedos de alguém entrelaçados aos dela em noites como aquela.

A vida com sua pessoa.

Mas, ao imaginar alguém caminhando ao seu lado naquele momento importante, aquele alguém ganhou um rosto, um toque de familiaridade, a pele macia e os olhos castanhos reluzentes atrás dos óculos.

Claire não era como Jax.

Não era como ninguém em toda a vida de Delilah.

Ela era... Tinha sido...

Delilah balançou a cabeça e endireitou a postura. Naquela noite, tinha trabalho a fazer e não podia se dar ao luxo de se distrair.

Não importava quem fosse Claire Sutherland.



A exposição começou às oito. Às nove, Delilah já tinha conversado com quatro agentes que lhe deram seus cartões, pedindo que enviasse seu portfólio, estabelecido contato com outros dois artistas cujo trabalho tinha temas semelhantes para conversar sobre projetos colaborativos e vendido três fotos por mais dinheiro do que era capaz de compreender no momento.

Também tinha chegado perigosamente perto de cair no choro cinco vezes.

Não havia nenhum motivo para chorar.

A noite foi perfeita, a exposição, um sucesso. A iluminação da sala era ao mesmo tempo forte e suave, artistas e clientes bebiam champanhe espalhados pela varanda do museu, com vista para a cidade. Havia fotos queer incríveis penduradas pelo espaço, imagens que mostravam resiliência, dor, sexo, determinação, esperança, desespero, celebração e amor. Era o auge não apenas da vida profissional de Delilah até então, mas também de sua vida como pessoa lgbtq+. Ali, naquele salão, estava tudo que ela sempre havia desejado, temido ou evitado.

Então por que aquela sensação constante de que algo dentro dela estava prestes a transbordar? Não sabia dizer se estava perplexa, feliz, assustada ou triste. Finalmente tinha conseguido um momento para respirar e pegar uma taça de álcool borbulhante, que esperava muito que a acalmasse, quando ouviu seu nome.

Virou-se em direção ao som e viu uma mulher com um corte curtinho louro e um vestido branco, justo e fabuloso vindo em sua direção.

– Lorelei – disse Delilah quando a mulher chegou mais perto.

– Você lembrou – respondeu Lorelei, batendo a taça na de Delilah, um sorriso sacana nos lábios.

Delilah estremeceu.

– Desculpa não ter mandado mensagem.

Lorelei levantou uma das mãos.

– Deixa disso. Eu sei quando uma coisa é casual.

Delilah assentiu, mas alguma coisa naquelas palavras – a insinuação de *só sexo* – fez algo se revirar em seu estômago.

– Nem sei como te agradecer – disse, afastando aquele sentimento. – Por mostrar meu trabalho a Alex.

– O prazer foi meu. Conheço Alex há anos. Estudei com ela na Vassar. E, embora eu seja apenas uma das muitas advogadas sanguessugas do Whitney – aqui Delilah riu –, sei reconhecer uma bela fotografia.

– Bom, agradeço assim mesmo.

Lorelei assentiu, mantendo os olhos em Delilah por cima da taça de champanhe.

– Que tal a gente tomar um drinque de verdade depois? Talvez até aprender o segundo nome uma da outra?

Delilah abriu a boca para dizer sim. Sempre dizia sim quando uma mulher maravilhosa a chamava para sair depois de um evento ou antes de um evento ou, caramba, em qualquer momento durante um evento. Mas a resposta ficou presa na garganta, recusando-se a rolar por sua língua.

A expressão de Lorelei se fechou.

– Entendi.

– Desculpa – disse Delilah, esfregando a testa. – Eu... eu quero dizer sim.

Lorelei inclinou a cabeça.

– Mas...?

Delilah balançou a cabeça.

– Não sei. É que eu...

– Tem outra pessoa?

Mais uma vez, Delilah abriu a boca, desta vez um *não* definitivo e pronto para sair.

Mas também não conseguia expulsar aquela palavra. Piscou muito, engoliu em seco e tentou mais uma vez. Nada.

Lorelei sorriu, alheia ao turbilhão interior de Delilah, soltando um suspiro e acenando para a multidão de beleza anônima à volta delas.

– Sorte a sua.

E, com isso, beijou o rosto de Delilah e saiu. Delilah ficou olhando para ela, lutando de repente contra o desejo feroz de chamá-la de volta e arrastá-la até algum armário vazio para transar com ela até ficar tonta só para se sentir normal de novo.

Ela se virou, voltando a suas fotos na parede. Restavam pelo menos mais duas horas de evento, precisava se concentrar. Não podia desperdiçar essa chance. Não podia...

Delilah ficou paralisada ao ver uma figura familiar parada em frente à peça *Encontro*. A mulher observava a imagem com a cabeça inclinada, o quadril realçado pela saia lápis preta, segurando uma taça de champanhe com dois dedos como se fosse a bebida mais barata que ela já tinha experimentado.

Piscar não a fez desaparecer, o que Delilah meio que esperava que acontecesse, temendo tratar-se apenas de uma alucinação induzida pelo estresse.

Mas não. Astrid Parker estava ali. Em Nova York. Na exposição de Delilah Green.

Delilah ficou olhando para ela por alguns segundos, imaginando se não podia simplesmente se virar e sair do Whitney, mas sabendo que não podia. O estranho era que nem queria fazer isso. A curiosidade era maior que o susto, e ela foi até a irmã postiça, se aproximando bem devagar, como quem aborda um animal ferido.

Quando chegou perto o bastante, decidiu que o silêncio talvez fosse a melhor escolha, parando ao lado de Astrid e olhando para seu próprio rosto em preto e branco. Ela ainda adorava aquela foto, talvez mais que qualquer outro autorretrato que já tinha feito. Os autorretratos eram complicados e demorados, pois era preciso configurar a foto sem o objeto ali e repetir de novo e de novo até acertar. As complicações dobravam caso a água fosse o

tema central da obra. Esse não era diferente, e tinha valido a pena.

Alex tinha razão.

Era poderoso.

Na imagem, Delilah estava com água até a cintura, com uma camisa branca totalmente ensopada e sem sutiã. O cabelo estava encharcado, lambido para trás, e ela apoiava o braço em uma pedra. O corpo estava virado para o lado, a cabeça descansando na dobra do cotovelo, e a água caía em suas costas. Gotas de água voavam no ar. A faixa de céu acima estava nublada, as árvores espessas e rígidas. A água ondulava ao seu redor, ao redor do ponto de pressão das cataratas. O cenário era o caos. A natureza, barulhenta, bela e poderosa.

Mas a mulher...

Delilah.

Seu rosto estava... sereno. Um terço da expressão se escondia no braço, mas os olhos estavam visíveis, deslocados do centro em relação à câmera. A água formava gotas em seus lábios levemente abertos, no rosto, na ponta do nariz. Mesmo com tudo isso, ela parecia em paz. Não havia sorriso nos lábios, nem brilho extasiado nos olhos. Havia apenas... calma. Não tinha sido sua intenção. Ela estivera simplesmente passando o tempo, tentando não pensar em quanto queria ver Claire, fazendo experimentos com a profundidade da água e vendo se era capaz de fazer um autorretrato usando o temporizador e um tripé montado no meio de um rio com um metro de profundidade em Bright Falls.

O resultado foi aquele. Uma calma chocante em meio à cacofonia natural.

– Que título interessante – disse Astrid, apontando com a taça a placa branca embaixo da peça que identificava a artista e outras informações pertinentes.

Delilah soltou um suspiro. Não tinha explicação para o título – *Encontro*. Ou talvez tivesse, e por isso mesmo houvesse convencido a si mesma, várias vezes durante a última semana, de que o título era arbitrário, algo para ocupar o espaço obrigatório.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou.

Astrid não respondeu de imediato e, quando falou, sua voz saiu mansa.

– Não sei ao certo.

Ela se virou, seus olhos encontraram os de Delilah, e as duas se encararam. Delilah se deu conta de que talvez nunca tivesse *olhado* de verdade para a irmã durante tanto tempo. Passara anos aperfeiçoando a arte de evitar, de se proteger, de nunca deixar Astrid ver quanto ela estava magoada. Se os olhos eram as janelas da alma, as de Delilah estavam fechadas havia muito tempo.

Agora, porém, ela se obrigou a olhar, todos aqueles registros sobre ela no diário de Astrid flutuando em sua mente. Queria dizer alguma coisa sobre eles, entender, mas nunca se abria com Astrid Parker.

Nem uma vez.

Isso a pegou de surpresa, e algo que parecia arrependimento e tristeza se abateu sobre seus ombros. Era um peso, aquele fardo de mágoa e ressentimento, de mal-entendidos. Ela estava cansada e dolorida, e queria se livrar daquilo. Perceber isso foi quase um alívio, mesmo que Astrid risse de sua cara – ela estava pronta para ver aquela parte de sua vida chegar ao fim, ou pelo menos mudar. Talvez isso significasse que ela e Astrid se afastariam para sempre. Talvez elas só precisassem se despedir, desejar felicidades uma à outra e ir embora.

Ela se virou e olhou para o próprio rosto mais uma vez, uma expressão que mal reconhecia, mas que queria ver no espelho todas as manhãs. Queria que a Delilah que estava pendurada naquela parede fosse a Delilah verdadeira. Forte e adaptável. Afetada pelo mundo e por circunstâncias além do seu controle, claro, mas, em vez de ressentida e zangada, aquela mulher estava calma. Em paz. Serena. Grata. Tinha um lugar no mundo, apesar dos anos de deslocamento emocional. Havia encontrado alguma coisa. Fora encontrada por alguém.

Ou talvez por muitos alguéns.

– Astrid...

– Sabe o que eu percebi? – perguntou Astrid.

Delilah olhou para ela, aliviada por poder adiar as palavras que queria dizer, porque não sabia ao certo como dizê-las.

– O quê? – indagou.

Astrid respirou fundo.

– Percebi que nesses doze anos que você morou em Nova York eu nunca vim te visitar até agora.

Delilah piscou.

– Eu reclamava e resmungava quando você dizia que ia pra Bright Falls.

– Astrid...

– E aí eu reclamava e resmungava mais ainda quando você não aparecia, mas nunca planejei uma viagem pra cá. Nunca nem tentei preencher essa lacuna, né?

Ela olhou para Delilah, a franja quase tocando os cílios. Parecia cansada. Sua roupa estava impecável e a maquiagem natural e mínima, mas nada escondia o roxo sob seus olhos. Enquanto elas olhavam uma para a outra, olhavam de verdade, Delilah sentiu algo dentro de si se libertar.

– Era uma lacuna bem grande a ser preenchida – disse.

Astrid assentiu.

– É.

– E eu... – Delilah soltou um suspiro, esforçando-se para manter o contato visual. Era intenso, e aquela sensação de transbordamento estava de volta, mas também parecia adequada. Dura, terrível e certa. – Eu fiz tudo o que pude pra aumentar ela o máximo possível.

Algo surgiu na expressão de Astrid. Algo que pareceu... dor. Mágoa.

– Desculpa – disse Delilah, antes que pudesse se convencer a não fazê-lo.

Pedir desculpa não resolvia tudo aquilo e ela sabia disso. Mas talvez fosse um começo. Porque, por mais que sua infância tivesse sido difícil e solitária, Astrid Parker era sua família. Sua irmã. Delilah finalmente entendeu isso, vinte anos depois de seu pai morrer e deixá-la sozinha. Ela não precisava ficar sozinha. Só se quisesse e, caramba, não queria. Estava cansada de tentar esquecer que tinha uma irmã, cansada de fingir que não queria entender Astrid porque se importar com ela poderia levar à dor ou à rejeição.

Mas também poderia levar a muitas outras coisas.

– Também peço desculpa – respondeu Astrid. – Eu também não facilitei nada. Sei disso. Você tinha perdido tanta coisa. Eu também, e éramos

crianças. Acho que... bom, acho que nenhuma de nós sabia como lidar com a outra. Como lidar com a dor.

– É, acho que não.

As duas pareceram... soltar tudo. Literalmente. Soltaram um suspiro, liberando o que parecia ser todo o ar dos pulmões, risadinhas discretas surgindo no fim.

– Nossa – disse Astrid. – Levamos só doze anos pra dizer isso.

Delilah sorriu e balançou a cabeça, os ombros de repente liberando seu pescoço.

– Acho que mais que isso.

Astrid assentiu e ergueu a taça.

Delilah tocou as taças em um brinde, e as duas beberam, o ar entre elas um pouco mais limpo, um pouco mais leve. Ficaram ali por um tempinho antes que Astrid seguisse para a próxima foto de Delilah... e a próxima e a próxima. Delilah a acompanhou, observando-a assimilar seu trabalho. Descobriu que na verdade se importava com a opinião da irmã. Talvez desde sempre, e por isso nunca dividia nada daquilo com ela. Pelo menos, não de propósito, agora que sabia que Astrid checava seu Instagram fazia anos.

– São muito bonitas, Delilah – falou Astrid, finalmente.

Ela nunca era efusiva com elogios, então Delilah não esperava nenhum naquele momento. Mas aquela frase simples tinha um peso, uma autenticidade que ela sentiu na boca do estômago.

– Obrigada – disse, com sinceridade.

– Esta aqui foi a que mais gostei.

Astrid estava parada diante da peça favorita de Delilah, tirando o autorretrato.

Renda e fúria era o nome. Na imagem, Claire Sutherland aos 25 anos entrava no rio Bright com um vestido de renda, tudo nela suave e belo e ao mesmo tempo desesperado e enraivecido. Delilah se lembrou do momento em que havia tirado a foto, olhando para a tela da câmera depois de cada disparo, algo nela se ligando à raiva de Claire. Ao ver a foto alguns dias antes, Alex ficara só observando por um tempo, depois balançara a cabeça.

– Tenho certeza de que todas as pessoas lgbtq+ do mundo se identificam

com essa foto – tinha dito, passando para a peça seguinte.

E ela tinha razão. Fora por isso mesmo que Delilah havia tirado a foto. Claire representava uma contradição, o casamento desconcertante da beleza e da dor. Mas agora, olhando para ela através do vidro, Delilah percebia que não era uma contradição. Ela simplesmente *era*. Complexidade e clareza, medo e esperança, amor e ódio e indiferença. Ela era tudo isso.

– Também gostei – disse Delilah então, olhando para o perfil de Claire.

– Você está apaixonada pela minha melhor amiga?

Delilah virou a cabeça para Astrid com tudo.

– Quê?

Astrid apenas ergueu as sobrancelhas.

– Eu... é... eu... – Delilah soltou o ar, a palavra certa pairando fora de seu alcance. Uma palavra simples, assustadora.

Astrid assentiu, como se Delilah tivesse pronunciado a palavra, e levantou a taça em direção à foto de Claire.

– Bom, eu não venderia essa. Tenho a impressão de que uma pessoa gostaria de ver.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

A LIVRARIA RIO SELVAGEM SÓ ABRIA ÀS DEZ, mas Claire sempre chegava por volta das nove, pronta para começar o dia de trabalho. Às vezes, já estava posicionada à mesa às oito, vasculhando faturas ou catálogos on-line, fazendo agendamentos e tentando entender como incluir um e-commerce nos serviços da loja. Principalmente naquela semana, que Ruby estava passando no chalé de Josh em Winter Lake, ela precisava de uma distração. Iris fez o que pôde para estar disponível, mas tinha a própria vida e o próprio relacionamento com que se estressar, e Astrid, então, já tinha problemas suficientes.

Agora, três dias depois da exposição de Delilah no Whitney, Claire abriu a porta da loja e entrou no espaço iluminado por cordões de luzinhas às 8h47. Deixou as luzes principais apagadas, como sempre fazia até abrir a loja, e ligou os dois computadores que ficavam no balcão frontal, ouvindo-os ganhar vida e iniciar o sistema.

Seus pensamentos se dispersaram enquanto ela esperava, vagando sem permissão até Delilah, como tinha sido a exposição, se tinha conseguido um agente. Nos últimos dias, Claire havia pegado o celular mais de uma vez, se coçando para mandar uma mensagem para perguntar sobre a exposição, sobre ela, perguntar qualquer coisa. Mas sempre se continha. Não tinha

sentido fazer isso, e, como Delilah também não havia entrado em contato durante os mais de catorze dias desde que fora embora de Bright Falls, Claire precisava concluir que ela concordava.

Esfregou a testa, a exaustão turvando os olhos. Não andava dormindo muito bem, o que não fazia o menor sentido, mas era o que estava acontecendo. Chegara a comprar lençóis e um cobre-leito, travesseiros e uma colcha para dobrar aos pés da cama, tudo novinho. Nada adiantou. Era como se o cheiro de Delilah, a sensação de tê-la ali, estivesse impresso nas paredes, no próprio colchão. Além disso, a cama de Claire era muito cara. Ela jamais a trocava.

O sistema de pagamento apareceu na tela dos computadores e Claire fez o login nos dois caixas. Tinha acabado de dar a volta no balcão e estava começando a ziguezaguear pelas prateleiras até o escritório quando viu.

Fazia algum tempo que estava tentando decidir o que pendurar nas paredes. Queria arte local, uma maneira de unir a comunidade, mas até então ninguém tinha demonstrado interesse real em vender suas obras na livraria. Ou isso, ou o estilo do artista não combinava com a estética da livraria, que Claire queria manter simples. Havia mais de um ano que ela tirara os quadros escolhidos pela mãe, capas de livro em molduras de plástico, a maioria escrita por caras brancos mortos, e as paredes estavam vazias desde então.

Até hoje.

Ela estava perto do balcão, os olhos passeando pelas fotografias em preto e branco que agora decoravam as paredes da loja, todas em molduras de madeira rústica nas cores de um pôr do sol no deserto – terracota e verde-acinzentado, um azul bem pálido. As imagens eram grandes, com pelo menos cinquenta por cem, e Claire viu rostos familiares atrás do vidro de cada uma.

Ela e Ruby na Casa de Chá da Vivian, o rosto de Claire encostado no cabelo da filha.

Claire, Iris e Astrid no vinhedo, Astrid no meio delas, as três com taças de vinho nas mãos e a boca aberta, rindo, fileiras de videiras no fundo.

Uma fogueira na escuridão, Iris e Claire aconchegadas em um banco

comprido, a boca de Iris perto da orelha de Claire como quem conta um segredo.

Ruby nos ombros de Josh nas termas, os braços abertos e um sorriso lindo e eufórico no rosto.

Imagem a imagem, a vida de Claire a rodeava. As amigas, a família, a cidade. Tinha até uma foto da fachada da Taverna da Stella, toda de madeira bruta e metal. Ela sentiu um nó na garganta e estava prestes a ligar para Iris e Astrid para perguntar o que é que estava acontecendo quando viu mais uma foto.

A imagem em preto e branco de uma mulher.

Claire. Sozinha.

Entrando no rio Bright cinco anos antes com um vestido de renda.

Ela arfou e levou uma das mãos à boca. Virou-se, os olhos vasculhando a iluminação fraca. Astrid teria acesso a todas as outras fotos, pois ela sabia que Delilah tinha mandado um arquivo com aquelas que tirara em Bright Falls. E este era o tipo de coisa que Iris faria por ela – organizar uma composição incrível exatamente com o tipo de arte e de fotografias que Claire gostaria que decorassem sua loja.

Mas essa foto... só uma pessoa podia ter pendurado ali. Só uma pessoa tinha essa foto, e ela não teria motivo para mandá-la para Astrid nem Iris. Pelo menos, nenhum motivo que Claire conseguisse imaginar. Ela atravessou a loja depressa, a esperança e o medo se misturando em seu íntimo. Fez a volta ao redor de uma das estantes soltas com livros de referência e a área de leitura que tinha montado com poltronas de couro macias entrou em seu campo de visão.

E lá estava, em uma das poltronas, Delilah Green sentada com os cotovelos apoiados nos joelhos.

Tudo em Claire ficou paralisado – o corpo, a respiração, o coração. Essa foi a sensação, de que sua pulsação tinha parado para ver o que ia acontecer.

– Oi – disse Delilah.

Claire não retribuiu o cumprimento. Não conseguiu. Só piscou, de boca aberta.

– Eu estou aqui mesmo, você não está tendo uma alucinação – explicou

Delilah com um sorrisinho. Ela estava com um jeans skinny cinza e uma camiseta preta justa com decote em V, as tatuagens lindas à mostra.

Claire fechou a boca.

O sorriso de Delilah desapareceu, e quando ela voltou a falar sua voz saiu suave.

– Diz alguma coisa. Por favor.

Claire finalmente encheu os pulmões de ar. Seu cérebro estava a toda, tentando processar aquilo tudo. Percebeu mais uma moldura de madeira verde-clara na mesinha de centro em frente a Delilah. Era muito menor que as que estavam nas paredes, talvez treze por dezoito, e, como estava virada para baixo, Claire não viu a imagem.

– Como... como foi a exposição no Whitney? – finalmente perguntou.

Delilah demonstrou surpresa.

– É isso mesmo que você quer me perguntar agora?

– Eu... sei lá. Estava só... imaginando.

O olhar de Delilah se iluminou.

– Foi boa. *Muito* boa.

Claire sorriu. Não conseguia evitar. Queria coisas boas para ela, mesmo que essas coisas não a incluíssem. Mas, pensando bem, Delilah estava ali em Bright Falls, na loja de Claire. A curiosidade e a confusão guerreavam em sua mente.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou.

Delilah riu; o som saiu baixinho e meio nervoso.

– Achei que você não fosse perguntar.

Claire deu um passo à frente, e mais um, e mais um, até afundar na poltrona em frente a Delilah, com a mesinha entre elas.

– E aí? – perguntou, uma vez que Delilah não continuou.

Delilah engoliu em seco e assentiu. Depois, deslizou até a beirada da poltrona, entrelaçando as mãos.

– Primeiro, eu queria te trazer essas fotos.

– Você podia ter mandado pelo correio.

O tom de Claire saiu mais ríspido do que ela pretendia. Sentiu suas defesas se ativarem, e talvez fosse mesmo necessário. Talvez ela não tivesse

admitido nem para si mesma, mas aquela mulher havia partido seu coração quando fora embora duas semanas antes. Ela não passaria por isso de novo. Já tinha estado nessa posição tantas vezes com o próprio pai e com Josh. Então, qualquer que fosse o jogo de Delilah, Claire não ia participar dele.

Delilah respirou fundo.

– Podia, mas isso me leva ao outro motivo pelo qual eu vim.

– E qual é?

– Você.

Uma palavrinha tão pequena, mas que caiu como uma bomba.

– Eu.

– Você.

– O que tem eu?

Delilah baixou o olhar, olhando para as próprias botas, como se estivesse pensando. Mordeu o lábio inferior, como fazia quando ficava nervosa, e Claire teve que se obrigar a continuar no lugar, a *não* ir até Delilah, tocar seu rosto e dizer que ia ficar tudo bem. Precisava ouvir o que quer que ela fosse dizer, e precisava que ela dissesse sozinha. Não podia ajudá-la.

– O que tem eu, Delilah?

Delilah tomou nas mãos a moldura que estava em cima da mesa, olhando para a imagem atrás do vidro.

– Depois que eu fui embora – disse – não tive muito tempo pra pensar em nada. A exposição do Whitney estava chegando e eu sabia que não podia colocar tudo a perder. Trabalhei dia e noite nas fotos e, quando chegou a hora da exposição, tudo que eu sempre quis, a sensação não foi a que eu esperava.

Claire franziu a testa.

– Como assim?

Delilah olhou para ela, os olhos claros e brilhantes, quase febris, como se talvez também não tivesse dormido muito bem nas últimas semanas.

– A noite da exposição foi tudo que eu sonhei. Mas também não foi, porque eu estava... eu estava completamente sozinha.

Claire sentiu algo em seu peito começar a se partir, mas jogou os ombros para trás e levantou o queixo.

– Tenho certeza que você poderia ter arranjado alguém pra levar.

– Ah, eu também tenho.

Claire contraiu os lábios.

– Mas eu não queria alguém – declarou Delilah. – Eu queria você.

Claire balançou a cabeça, mas sentiu todas aquelas defesas desmoronando uma a uma, os olhos já começando a arder.

– Você foi embora – disse, porque foi a única coisa que surgiu em sua mente. – Você foi embora sem dar nenhuma explicação.

Delilah assentiu.

– Fui, sim. E foi um erro e peço desculpa.

De novo, palavras tão simples, mas, pelo modo como a voz de Delilah se enrolava nelas, Claire se pegou acreditando, o que era perigoso.

– E a aposta? – perguntou. – Você tentou mesmo se aproximar de mim pra irritar Astrid?

Delilah olhou para Claire, que prendeu a respiração.

– Tentei – respondeu Delilah depois de um segundo. – Foi uma atitude de merda, e não vou inventar pretexto pra isso. Mas eu juro, Claire, depois que a gente se beijou aquela primeira vez no Lírio Azul, tudo se resumiu a você. A nós. Talvez até antes disso. Você foi tão linda e doce, mas eu nunca soube o que fazer com linda e doce. Eu não sabia como... não sei. Aceitar isso. Tratar do jeito certo.

Os olhos de Claire se encheram de lágrimas, e ela balançou a cabeça. Prezava a sinceridade, mas o fato de aquilo tudo ter começado como um jogo para Delilah ainda doía.

Mas não foi assim que terminou, foi? Nem foi assim que progrediu. Claire sabia que isso também era verdade, porque conseguia sentir, porque Delilah estava lá, em sua livraria. Tinha voltado. Tinha voltado por ela.

Delilah se levantou, a moldura ainda nas mãos, e deu a volta na mesinha até ficar bem na frente de Claire. Sentou-se na mesinha, os joelhos das duas quase se tocando, e se aproximou de Claire, só um pouco. Apenas o suficiente para que ela também se aproximasse, seu corpo querendo ficar mais perto como por instinto.

Depois de se acomodar, Delilah virou a moldura para que Claire visse a

imagem. Era em cores, uma selfie de duas mulheres deitadas em uma cama, uma bagunça de cabelos escuros em um fundo de lençóis brancos e lavanda, ambas sorrindo, de rosto colado.

Claire e Delilah.

Delilah e Claire.

Claire se lembrava da foto: era da última vez que dividiram a cama antes de tudo ir pelos ares, depois que andaram de patins e Delilah passara a noite lá. Na manhã seguinte, fizeram amor, vestiram calcinha e regata e comeram bagels na cama. Depois Delilah tinha pegado o celular e tirado várias fotos das duas, fazendo cócegas em Claire para que ela risse e beijando-a até não poder mais para que ficasse séria.

Tinha sido a manhã perfeita. O despertar perfeito. Tudo perfeito.

– É isso que eu quero – disse Delilah. – A vida inteira foi isso que eu quis. Uma melhor amiga. Alguém que me entenda, que me aceite. Alguém que faça de tudo pra eu perceber que sou amada. Alguém que me deixe retribuir esse amor. Alguém tão linda que faça meu coração não caber dentro do peito. Alguém que mande a real sobre as merdas que eu faço. Alguém que me faça rir. Alguém pra quem eu olhe assim e que me olhe assim também. Alguém que... que seja meu lar.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Claire, livres e silenciosas.

– Mas... Nova York. Sua arte. Você...

– Eu posso fotografar em qualquer lugar. Posso viajar quando precisar. Você pode vir comigo. A gente dá um jeito.

– Você detesta Bright Falls.

Os ombros de Delilah murcharam um pouco, mas ela balançou a cabeça.

– Eu detestava quem eu era aqui, o jeito como eu me sentia aqui. Mas você mudou tudo. Ruby mudou tudo. Iris. Caramba, até Astrid mudou tudo.

Claire franziu a testa.

– Astrid? Você... falou com ela?

Delilah abriu um sorrisinho meio triste.

– Ela foi pra Nova York. Pra exposição.

– Ela foi?

Delilah assentiu.

– E a gente conversou. Muito. Ela ficou alguns dias, não na minha casa, claro que não, e jantamos e resolvemos muitas coisas. Ainda temos muito pra resolver, mas é um começo. É o que eu quero. Ela me ajudou a enviar essas fotos pra que chegassem ontem, e na verdade voltamos juntas ontem à noite. Ela abriu a livraria pra mim hoje cedinho.

Claire sabia que Astrid não estava na cidade nos últimos dias, mas ela sempre respondia às mensagens das amigas dizendo que estava bem, porém sem dizer onde estava nem o que estava fazendo.

Claire pegou a foto das mãos de Delilah. Na imagem, ela estava tão feliz. Meu Deus, como estava feliz. Estava... apaixonada. Agora, podia admitir. Mais apaixonada do que já estivera por qualquer outra pessoa. Mas...

– Eu sou complicada, Delilah – disse baixinho, olhando para a foto. – Tenho uma filha, um ex que sempre, sempre vai estar na minha vida. Não posso simplesmente ir pra Nova York do nada, e você está acostumada com esse estilo de vida louco. Sou uma garota de cidade pequena. Sempre vou ser. Josh construiu uma casa...

– Eu sei, Astrid me contou.

– Então você sabe que estou aqui pra ficar. Ruby vem em primeiro lugar sempre, e não posso...

– Não estou te pedindo pra colocar a Ruby em segundo lugar. Não faria isso.

Delilah pegou a moldura das mãos de Claire e a deixou em cima da mesa. Então entrelaçou os dedos nos dela e encostou a testa na dela.

– *Eu* estou colocando você em primeiro lugar, Claire. Caso você não tenha percebido, é isso que está acontecendo aqui.

Claire riu, mais lágrimas escorreram.

– Sério?

– Sério. Quero tentar. Adoro a Ruby, você sabe disso. E vou aceitar o que você decidir sobre nós duas em relação a ela. Vou fazer o que você quiser. A Astrid já está procurando um lugar pra eu alugar no centro e...

– Mas e a sua arte? – Claire se afastou para poder olhar para Delilah com mais clareza. – Você precisa estar em Nova York. Se conseguir um agente, você...

– Eu consegui uma agente. – Delilah sorriu. – O nome dela é Julia Vasquez e ela é um gênio e eu já disse pra ela que vou passar muito tempo em uma cidadezinha do Oregon.

Claire apertou as mãos de Delilah.

– Isso é incrível. Eu sabia que você ia conseguir. Parabéns.

– Obrigada, sim, é incrível, mas você ouviu a parte em que eu disse que vou passar muito tempo aqui? Apartamento? Você? Eu? Uma vida?

Claire deu um sorrisinho. Estava mesmo acontecendo. Delilah tinha ido embora, mas voltara.

Por ela.

Para ficar.

Claire não fazia ideia de como aquilo ia funcionar, *se* ia funcionar. A única coisa que ela sabia era que queria aquilo. Queria Delilah Green. E, pela primeira vez na vida, caramba, ela ia se permitir ter exatamente o que queria.

– Claire? – Delilah inclinou a cabeça para olhar nos olhos dela.

– A gente pode parar de falar agora?

Delilah franziu o cenho.

– Hum, acho que sim, mas você...

Claire não a deixou terminar. Percorreu o espaço entre elas e encostou os lábios nos de Delilah, segurando seu rosto como se fosse uma obra de arte preciosa. Meu Deus, como estava com saudade. E, pelo modo como Delilah suspirou de leve, depois levou as mãos ao quadril de Claire e puxou-a até a beirada da poltrona, as duas abrindo as coxas para se encaixarem como peças de quebra-cabeça, Delilah também estava.

– Isso quer dizer sim? – perguntou Delilah entre um beijo e outro.

Claire se afastou.

– Pra qual parte?

– Pra tudo. Você. Eu. Nós.

– É sim – sussurrou Claire em seus lábios. – Sim pra tudo.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

A TAVERNA DA STELLA ESTAVA CHEIA. Claro, como era o único bar da cidade, geralmente estava. Também como de costume, o cheiro de serragem, cerveja e perfume barato pairava no ar, os clientes tagarelando, rindo e relaxando ao final de um dia de trabalho.

Delilah Green entrou pela porta de jeans, botas, regata e jaqueta, como tantas vezes antes. Mas hoje havia algo diferente. Hoje, pela primeira vez na vida, ela não entrou sozinha.

O ombro de Claire Sutherland estava encostado no seu, os dedos entrelaçados e as duas procurando o resto do grupo.

– Aqui, putada! – chamou Iris de uma mesa no meio do bar, o cabelo ruivo preso em dois coques à la Princesa Leia e um drinque de vodca com refrigerante na mão.

Astrid também estava lá, dando um aceno muito mais discreto, mas ainda assim um aceno.

Durante as três semanas que se passaram desde que Delilah voltara a Bright Falls, ela havia se mudado para um apartamento que ficava em cima do antigo escritório de arquitetura do pai. Por acaso, era o apartamento onde Josh tinha morado. Era surpreendentemente limpo e exatamente o que precisava. Ruby estava ajudando a decorar, aos poucos, porque, apesar das

vendas no Whitney e de várias exposições novas que a agente tinha conseguido, ela ainda precisava ficar de olho no orçamento. Iris até foi lá uma noite, com uma garrafa de bourbon em uma das mãos e um rolo de pintura na outra, e a ajudou a pintar as paredes de azul-cinzentos. A noite acabou com as duas bêbadas no chão da sala, gargalhando de qualquer coisa. Na manhã seguinte, a maior ressaca que Delilah já tinha experimentado atacou sua cabeça e seu estômago, mas ela não conseguia parar de sorrir. Tudo parecia tão novo, todos os dias – a vida em Bright Falls, Claire e Iris, que parecia uma amiga de verdade. Ela até tinha saído para almoçar com Astrid. Duas vezes. Isabel era outra história. Delilah não sabia se estava pronta para escalar essa montanha, mas repetia para si mesma que tinha tempo. No momento, estava redescobrendo Bright Falls, vivendo naquela cidadezinha aconchegante como sempre quis, como seu pai sempre quis.

Agora, Claire puxou Delilah em direção à mesa, beijando-a na boca uma vez antes que as duas se acomodassem nas cadeiras.

– Vocês duas precisam ser fofas assim o tempo todo? – disse Iris, revirando os olhos.

– Fofas? – perguntou Delilah. – Você quer dizer assim?

Ela estendeu a mão e enganchou o dedo na gola da camisa estampada de bolinhas de Claire e a puxou mais para perto para dar mais um beijo. De boca fechada, sem língua, suave e brando e, Delilah imaginava, a coisa mais fofa que aquela cidade já tinha visto.

– Exatamente assim – respondeu Iris, e fez uma careta de ânsia.

Claire corou e deu um sorrisinho, e Delilah piscou para ela. Nunca ia se cansar de deixar o rosto daquela mulher rosado daquele jeito.

Astrid só sorriu e serviu uma taça de vinho da garrafa de Riesling que já estava na mesa para Claire. Delilah pediu um bourbon puro, e logo as quatro estavam com copos nas mãos.

– A que a gente brinda? – perguntou Iris. – Ah, já sei, já sei: a Astrid conseguir uma transa daquelas.

Astrid engasgou com o vinho.

– O quê?

– Faz quase um mês e meio que você mandou o bota de merda pro olho da rua – explicou Iris. – Está na hora.

– Está na hora é de você parar de dar palpite na vida sexual dos outros – respondeu Astrid.

– Apoiada – disse Claire.

Iris ficou boquiaberta.

– Como é que é? O meu *palpite* foi o que juntou as duas pombinhas grudentas aí. – Ela fez um gesto indicando Claire e Delilah.

– Como é que é? – perguntou Delilah.

– Iris... – resmungou Claire.

Iris caiu na gargalhada.

– O que está acontecendo? – indagou Astrid.

– Ah, meu Deus, esqueci que a gente nunca te contou essa história – disse Iris, batendo na mesa.

– O-oi, também não sei do que estão falando – insistiu Delilah.

Claire apoiou o rosto nas mãos enquanto Iris começava a contar a história de quando tinha tentado arranjar uma transa para Claire dois meses antes naquele mesmo bar, desafiando-a a conseguir o telefone de alguém, o que a havia levado a dar em cima de Delilah Green sem saber.

– Foi *assim* que tudo isso começou? – perguntou Astrid, de olhos arregalados.

– Bom, minha bunda fica mesmo fabulosa com o jeans certo – disse Delilah.

– Ah, meu Deus – murmurou Claire, e Delilah riu.

Astrid balançou a cabeça.

– Não acredito que você não sabia quem ela era.

– Estava escuro! – exclamou Claire, e as outras três olharam para ela. – Meio escuro. E, tá, tudo bem, mas, sério, olhem só pra ela. – Ela fez um gesto indicando Delilah, um sorriso no rosto ainda corado.

– Ah, lindeza, você me achou gata? – perguntou Delilah, em tom de provocação, pegando e beijando a mão de Claire.

Claire fez um biquinho.

– Acho que sim.

– E olha só as duas agora! – disse Iris. – Então, minha intromissão funcionou, e agora é sua vez, minha cara Astrid.

Ela se levantou e colocou as mãos em concha ao redor da boca.

– Aí, Bright Falls! Quem quer uma chance com essa bela mulher ao meu lado? – Fez um gesto indicando Astrid. – Ela está precisando desesperadamente de uma boa trep...

– Ah, meu Deus, Iris, cala a boca – pediu Astrid, puxando a amiga para baixo.

Claire estava ocupada demais rindo para defender Astrid, e Delilah ficou só curtindo ver aquilo tudo se desenrolar, a dinâmica das amigas, velhas e novas, a troca de farpas bem-humorada. Era maravilhoso. Um milagre, se fosse sincera e um pouco dramática. Mas o drama parecia certo. Parecia perfeito para uma noite como aquela.

– Não estou procurando namorado, tá? – disse Astrid.

– Quem falou em namorado? – perguntou Iris, erguendo as sobrancelhas.

– Bom, estou cansada disso também – respondeu Astrid. – Chega de homem. Nunca mais.

– Mulher, então? – perguntou Iris.

Delilah não conseguiu conter um sorriso ao ouvir o tom esperançoso em sua voz. Um clã todo queer devia ser o sonho de Iris, mas Astrid apenas piscou para ela, fazendo cara de paisagem.

– Tá bom, tá bom – disse Claire quando parou de rir. Ela se endireitou na cadeira e ergueu a taça de vinho, a outra mão apoiada na coxa de Delilah embaixo da mesa. – Um brinde de verdade.

– Que não seja sobre minha vida amorosa, por favor – disse Astrid.

Iris mostrou a língua.

Delilah levantou o bourbon e respirou fundo.

– A nós – disse. – Todas nós.

As outras se entreolharam, todas com sorrisos nos lábios.

– Perfeito – concordou Claire.

– Viva! – gritou Iris.

Astrid assentiu e levantou a taça, um sorrisinho no rosto ao olhar para

Delilah.

– A nós.

– A nós – disse Iris.

– A nós – repetiu Claire.

Elas bateram os copos, a música e as risadas e a vida fervilhando à sua volta. Uma sensação de pura felicidade tomou conta do peito de Delilah quando ela olhou para suas amigas, sua namorada, seu lar. Levantou o copo no ar mais uma vez, inclinando-o para cada uma delas.

– A nós.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma história de amor era um sonho antigo. Os romances me ajudaram a passar por vários estágios da vida, desde os 20 e poucos anos, quando eu mal sabia quem era, até a mulher de 36 que compreendeu a si mesma de verdade pela primeira vez, graças a um pouco de romance entre as páginas de um livro. Então, primeiro, quero agradecer a quem escreve romances. Obrigada por escrever aqueles felizes para sempre, por perseverar diante da desvalorização, por acreditar que o amor, em todas as suas formas, pode mesmo superar tudo. Eu não teria escrito este livro – nem seria tão feliz nem conhecedora de mim mesma quanto sou hoje – sem todas as suas obras.

Gratidão infinita a Rebecca Podos pela amizade e por seu talento como agente. Estamos no mesmo barco desde que comecei. Navegamos pelas águas tempestuosas da publicação de livros infantojuvenis e para jovens adultos, editamos uma antologia em dupla, viramos colegas de agenciamento e ela me guiou em segurança neste mundo maravilhoso do romance adulto. Existe um motivo pelo qual este é o segundo livro que dedico a ela, e eu estaria perdida sem sua sabedoria, seu humor e sua amizade.

Muito obrigada, Angela Kim, minha editora brilhante, gentil e perspicaz.

Eu não conseguiria imaginar uma pessoa melhor para editar este livro. Você entendeu Delilah e Claire desde o início, e sou muito grata por ter trabalhado neste livro – e espero que em muitos mais – com você.

Agradeço a toda a equipe da Berkley, incluindo Christine Legon, Megan Elmore, Jessica Brock, Fareeda Bullert e Elisha Katz, que demonstraram paixão e entusiasmo pela história de um jeito que excedeu minhas expectativas. Vocês fizeram este meu sonho virar realidade e foi um prazer trabalhar com vocês.

Obrigada, Marianne Aguiar, por suas habilidades incríveis de preparação de texto. Estou maravilhada com todos os detalhes que vocês guardam na cabeça e que ajudam a fazer os ajustes finos de um livro!

Obrigada, Katie Anderson, pelo design lindo da capa, e Alison Cnockaert, que fez um projeto gráfico dos sonhos para o miolo. Agradeço muito a Leni Kauffman, cuja ilustração de capa maravilhosa retratou Delilah e Claire à perfeição – fiquei sem ar quando vi pela primeira vez o que ela havia criado. Ela é extraordinariamente talentosa e estou honrada por este livro carregar uma de suas criações.

Agradecimentos sem fim a Talia Hibbert, Meryl Wilsner, Kosoko Jackson, Rachel Lynn Solomon, Karelia Stetz-Waters, Rosie Danan e Lana Harper por suas palavras generosas. Sou fã de vocês e me sinto muito honrada e lisonjeada por vocês terem lido a história de Delilah (e gostado dela!).

Obrigada, Courtney Kae, pelo entusiasmo e pela gentileza. Você é uma grande defensora da sua comunidade literária e espero poder ajudá-la a ter tanta confiança no seu trabalho quanto você me ajudou a ter no meu.

A Craig, Benjamin e William, agradeço por terem criado um espaço onde eu pudesse pensar, criar e ser eu mesma. Vocês são meu lar e meu repouso, e meus livros não seriam metade do que são sem o seu apoio.

Finalmente, a você, que me lê, por chegar até aqui, dividir isso comigo e estar presente. Passamos por uma época muito difícil – escrevi este livro durante a pandemia porque isso me fazia feliz, me dava um propósito a cada manhã. Agora a gente superou os dias mais difíceis (meu Deus, que seja verdade), e espero que este livro também dê a você um pouco de felicidade,

algun consolo, umas risadas e, é claro, alguns suspiros.

“Ashley retrata seus personagens com profundidade, amor e empatia sem fim.”

— Lana Harper, autora de *Payback's a Witch*

ASTRID PARKER NUNCA FALHA



ASHLEY HERRING BLAKE

Autora de *Delilah Green não está nem aí*

ASTRID PARKER
NUNCA FALHA

ASTRID PARKER NUNCA FALHA



ASHLEY HERRING BLAKE



Título original: *Astrid Parker Doesn't Fail*

Copyright © 2022 por Ashley Herring Blake
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a Berkley, selo do Penguin Publishing Group, uma
divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode
ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito
dos editores.

tradução: Camila Fernandes

preparo de originais: Karen Alvares

revisão: Livia Cabrini e Rafaella Lemos

revisão técnica em diversidade: Bruno Ferreira

diagramação: Gustavo Cardozo

capa: Katie Anderson

imagem de capa: Leni Kauffman

adaptação de capa: Natali Nabekura

foto da autora: Craig Pope

e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B568a

Blake, Ashley Herring

Astrid Parker nunca falha [recurso eletrônico] / Ashley Herring Blake ;
tradução Camila Fernandes. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.
recurso digital

Tradução de: Astrid Parker doesn't fail

Sequência de: Delilah green não está nem aí

Formato: eBook

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-520-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Fernandes, Camila. II. Título.

23-84027

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para todo mundo que levou um
tempo para se descobrir.

“Reconhecer o que te faz feliz é um belo de um começo.”
– Atribuído a Lucille Ball



CAPÍTULO UM

ASTRID PARKER ESTAVA PERFEITA.

Bom, tão perfeita quanto *possível*, o que naqueles tempos significava uma boa camada de corretivo por cima das meias-luas roxas que tinham resolvido morar debaixo de seus olhos. Mas, tirando esse truquezinho, ela estava impecável.

Apertou o passo na calçada, com a luz da manhã de primavera esticando sua sombra nas pedras do calçamento do centro de Bright Falls, no Oregon. Não conseguia acreditar que o sol havia aparecido para aquecer sua pele pálida e que tinha mesmo podido deixar o guarda-chuva e as galochas em casa, no armário da entrada. Era o primeiro dia sem chuva nas últimas duas semanas.

Nascida e criada nessa região, Astrid estava acostumada às chuvas da primavera, aos dias cinzentos e à garoa, mas o fato de as nuvens terem se dignado a se dispersar – e justamente naquele dia – era, no mínimo, animador. Se Astrid acreditasse em sinais, talvez ficasse meio emocionada com aquela coincidência. Em vez disso, parou em frente à Café & Conforto e olhou para o próprio reflexo na grande janela panorâmica.

Naquela manhã, tinha acordado uma hora mais cedo do que precisava, tomado banho e secado o cabelo, tratando de ajeitar a franja loira recém-aparada exatamente como Kelsey, sua cabeleireira, havia ensinado. O resultado ficou... bom, ficou perfeito. As mechas onduladas caíam até pouco abaixo dos ombros; a franja estava repicada, chique e reluzente. A maquiagem era mínima mas elegante – apesar do corretivo –, e as joias, discretas e de bom gosto: usava apenas um par de argolas de ouro.

O vestido era a verdadeira estrela do visual, sua roupa favorita e o item mais caro que possuía – ainda não se atrevera a contar para as melhores amigas, Iris e Claire, quanto tinha pagado nele no ano anterior, depois que ela e Spencer terminaram o relacionamento. Fora uma compra necessária, um gesto para que ela se sentisse autoconfiante e bonita. Naquele momento, observando o vestido lápis marfim, sem mangas, de comprimento médio, o reflexo confirmou que tinha valido cada centavo. Para combinar, ela escolhera suas sandálias de amarração pretas favoritas, com saltos de quase oito centímetros, e nem mesmo a mãe dela poderia reclamar da imagem que Astrid via naquela janela. Estava elegante e equilibrada. Preparada.

Perfeita.

Era tudo o que deveria ser para a reunião e as primeiras filmagens na Pousada Everwood. Um sorriso frouxo se instalou em sua boca quando pensou na pousada histórica, que agora estava em suas mãos para que a recriasse. Bom, não exatamente nas *suas* mãos. Quando Pru Everwood, proprietária de longa data da casa vitoriana amada em todo o território nacional, telefonara para ela dizendo que estava pronta para uma reforma – e que o programa superchique de Natasha Rojas na TV fechada, *Pousadas Adentro*, queria fazer um episódio sobre a transformação daquele imóvel –, Astrid quase mordera a própria língua para não gritar de alegria.

Alegria e um pouco de pavor, mas era só nervosismo. Pelo menos era isso que Astrid vinha dizendo a si mesma desde então. É óbvio que estava entusiasmada. Óbvio que aquela era uma oportunidade espetacular.

A Pousada Everwood era famosa – havia inúmeros livros e documentários sobre a lenda da Dama Azul, que supostamente assombrava um dos quartos do andar superior –, e aparecer no *Pousadas Adentro*

poderia mudar sua vida. Era sua chance de deixar de ser uma designer de interiores desconhecida com um casamento cancelado para ser algo mais. Algo melhor. Alguém de quem a mãe *realmente* gostasse.

Além disso, a antiga mansão transformada em pousada era o sonho de toda designer – três andares de beirais e paredes laterais complexas, uma ampla varanda na frente e uma fachada que no momento tinha cor de vômito de gato, mas que ficaria deslumbrante com um belo tom pastel, lavanda ou talvez hortelã. Por dentro, era um labirinto de quartos com paredes escuras e teias de aranha, mas Astrid já conseguia imaginar como iria iluminar e abrilhantar tudo, com os novos painéis e as paredes de destaque que substituiriam os lambris de cerejeira, transformando a varanda podre dos fundos num solário banhado de luz natural.

Não havia dúvida: a Pousada Everwood era um projeto dos sonhos.

E, naquele momento, o único de Astrid.

Ela suspirou, empurrando os recentes problemas financeiros para o fundo da mente, inclusive o fato de ter sido obrigada, na semana anterior, a demitir a assistente *e também* a recepcionista por não conseguir mais pagar o salário delas. Mas nunca contaria para a mãe que agora a Bright Designs era oficialmente um empreendimento de uma mulher só. Preferiria mastigar um cacto a fazer isso, muito obrigada. Portanto, com certeza, não tinha tempo para dúvidas nem incongruências.

Desde que assumira a empresa de design de interiores de Lindy Westbrook, nove anos antes, quando Lindy se aposentara, Astrid geralmente tinha a quantidade ideal de projetos para mantê-la ocupada e financeiramente estável. Mas, nos últimos tempos, o movimento andava muito fraco... e chato. Numa cidade pequena como Bright Falls, a clientela era bem limitada, e, se tivesse que trabalhar em mais um consultório médico, imobiliária ou escritório de advocacia, para enchê-los de assentos desconfortáveis e quadros com pinturas abstratas, ia começar a arrancar os cabelos – literalmente.

Sem falar que, se deixasse a empresa afundar, principalmente depois do desastroso casamento cancelado no verão anterior, sua mãe não só arrancaria os cabelos *de Astrid*, como também trataria de convencê-la de

que o fracasso era cem por cento culpa da filha, distorcendo seus problemas profissionais e os transformando em defeitos intimamente pessoais.

Ultimamente essa qualidade encantadora da mãe estava a todo o vapor. Isabel chegava mesmo a franzir os lábios sempre que a filha aparecia com um fio de cabelo fora do lugar ou comia uma rosquinha. Astrid estava exausta e dormia muito mal havia meses. Quando fechava os olhos, o escrutínio constante da mãe e as expectativas inatingíveis passavam como um filme repetido diante dela. Sem dúvida, se existia uma coisa capaz de apaziguar Isabel e dar a Astrid alguns meses de paz – talvez até render um abraço orgulhoso ou uma declaração radiante como “sempre acreditei em você, querida” –, era aparecer como a chefe de design num programa prestigiado de TV, sendo a responsável por conduzir a amada Pousada Everwood ao século XXI.

Ofereceu mais um sorriso ao seu reflexo e estava endireitando o tecido claro do vestido quando um punho bateu no interior do vidro. Levou um susto e recuou de um jeito que o tornozelo quase se dobrou no alto daqueles saltos.

– Você tá a maior gostosa, hein!

Uma ruiva bonita sorriu para ela do outro lado da janela, as sobranceiras subindo e descendo de forma teatral ao admirar a silhueta de Astrid.

– Nossa, Iris! Dá pra *parar* com isso? Só hoje? – disse Astrid, levando a mão ao peito enquanto tentava acalmar o coração disparado.

– Parar com o quê? – gritou Iris através do vidro, com os braços apoiados nas costas de uma cadeira de madeira pintada de turquesa.

– Parar de...

Astrid gesticulou, procurando a palavra certa. Em se tratando de sua melhor amiga Iris Kelly, que era filha do meio e estava sempre disputando atenção, a palavra certa raramente funcionava por muito tempo.

– Deixa pra lá – completou Astrid.

– Traz essa gostosura toda pra cá de uma vez – disse Iris. – Claire e Delilah só querem saber de ficar cochichando...

– Não estamos cochichando nada!

Foi o que Astrid ouviu sua outra melhor amiga, Claire, gritar de algum lugar atrás de Iris antes de também aparecer na janela, com o cabelo castanho preso num coque bagunçado e os óculos de aro roxo cintilando à luz do sol.

– ... e estou aos poucos perdendo a vontade de viver – continuou Iris, batendo seu ombro no de Claire.

– Não finja que não gosta.

Isso veio de Delilah, irmã postiça de Astrid e namorada de Claire havia quase um ano. Astrid ainda estava se acostumando com a presença dela em sua vida. Ela e Delilah tinham compartilhado uma infância complicada, cheia de ressentimentos e mal-entendidos. O processo de cura era longo e, sinceramente, exaustivo. Tinham evoluído muito desde o último verão, quando Delilah chegara de Nova York para fotografar o casamento de Astrid e, no fim das contas, se apaixonara por uma das madrinhas. Desde então, tinha voltado para Bright Falls e se dedicado a fazer Claire feliz de um jeito que Astrid nunca vira.

Como que para provar ainda mais seu argumento, Delilah se aproximou da janela e passou o braço tatuado em volta do ombro de Claire, que sorriu para ela na mesma hora, como se a própria namorada tivesse criado o café. Astrid sentiu uma pontada no fundo do peito. Não era necessariamente ciúme, e já tinha percebido havia muito tempo que os problemas que ela e Delilah tiveram quando crianças eram tanto culpa dela quanto da irmã, portanto também não era desconforto nem preocupação com o bem-estar da melhor amiga.

Não, o sentimento estava mais para... náusea. Ela nunca, *jamais* admitiria para Claire – nem para Iris e sua novíssima namorada, Jillian – que a visão de um casal feliz a fazia ter vontade de vomitar, mas era verdade, e o estômago embrulhado era a prova. Desde que se separara de Spencer, sentia-se mal fisicamente só de pensar em romance e namoro.

Era exatamente por isso que Astrid *não* pensava em romance e namoro – muito menos em se envolver com essas coisas – e não tinha planos de fazer isso no futuro.

– Entra, meu bem – disse Claire, dando uma batidinha suave na janela. –

Hoje é um dia importante!

Astrid sorriu, sentindo a náusea finalmente se dissipar. Quando contara a Claire e Iris sobre o telefonema de Pru a respeito de Everwood – e sobre o *Pousadas Adentro*, Natasha Rojas (ninguém menos que ela!) e a vinda dos netos de Pru à cidade para ajudar a avó a administrar toda a situação –, suas melhores amigas gritaram de alegria com ela e a ajudaram a se preparar para a primeira reunião e para filmar com a família Everwood. Foi bem verdade que *se preparar* significara várias noites na casa de Astrid com garrafas de vinho abertas espalhadas em sua mesa de centro enquanto ela trabalhava no computador e Iris e Claire ficavam cada vez mais tontas e irritantes, mas ainda assim fora bom. O que importava era a intenção.

No dia marcado, insistiram em tomar café da manhã juntas na Café & Conforto para, segundo Iris, alimentá-la “com rosquinhas e fodosidade”. Astrid estaria mentindo se dissesse que não precisava de um pouco de *fodosidade* naquele momento. Ela acenou para Claire e foi em direção à porta da frente, estendendo a mão para a maçaneta de latão escurecida. Antes que pudesse girá-la, porém, a porta de madeira turquesa se abriu e alguma coisa colidiu com Astrid, arrancando todo o ar de seus pulmões e jogando-a para trás.

Ela se estabacou com a bunda no chão, raspando a palma das mãos na calçada, e uma queimação surgiu no meio de seu peito antes de escorregar até a barriga.

– Ai, meu Deus, me desculpa.

Astrid ouviu a voz que estava bem na sua frente, mas ficou paralisada, com as pernas abertas de um jeito muito deselegante, o salto direito da sandália favorita pendurado literalmente por um fio, e...

Fechou os olhos com força. Contou até três antes de abri-los outra vez. Talvez fosse um sonho. Um pesadelo. É lógico que ela não estava estatelada de bunda na calçada bem no centro da cidade. E seu vestido lápis – seu vestido lindo, perfeito e simplesmente espetacular, que deixava sua bunda maravilhosa – não estava coberto de café quente, molhado e muito, muito escuro. Não havia três copos de papel encharcados girando no chão ao redor dela, nem um porta-copos de cabeça para baixo no seu colo, acumulando

ainda mais líquido em todo aquele linho que só podia ser lavado a seco. E com certeza não havia uma mulher de pele branca e cabelo castanho-dourado, curto e farto, de macacão jeans claro com as barras dobradas e botas marrons rústicas parada na frente dela, com uma expressão horrorizada.

Não podia ser verdade.

Estava prestes a conhecer Natasha Rojas. E, ainda por cima, estava prestes a aparecer na frente de uma câmera com o maior projeto de sua vida.

Não. Era. Verdade.

– Você tá bem? – perguntou a mulher, estendendo a mão para Astrid. – Eu estava com pressa e não te vi aí e, nossa, seu vestido ficou bem sujo, hein?

Astrid ignorou a tagarelice dela, assim como a mão estendida. Em vez disso, concentrou-se em respirar. Inspirar e expirar. Com calma. Sem pressa. Porque o que ela queria mesmo era gritar. Gritar *bem* alto, e bem na cara daquela mulher, talvez com um belo empurrão no ombro para arrematar. Sabia que não devia fazer nada disso, então respirou... e respirou um pouco mais.

– Você... está ficando sem ar? – perguntou a mulher. – Será que é melhor eu chamar alguém?

Ela se ajoelhou e olhou bem para o rosto de Astrid, estreitando os olhos castanho-esverdeados. Seu rosto era quase élfico, os traços delicados, com nariz e queixo pontudos. O cabelo curto era rapado de um lado e mais comprido do outro, jogado por cima da testa e cheio de mechas embaraçadas, como se ela tivesse acabado de acordar. Tinha um piercing no nariz, uma pequena argola prateada que atravessava o septo.

– Quantos dedos você está vendo? – perguntou, levantando dois.

Astrid teve vontade de responder erguendo um único dedo bem expressivo, mas, antes que pudesse fazer isso, Iris, Claire e Delilah saíram do café, arregalando os olhos ao vê-la no chão.

Meu Deus, *ainda* estava no chão?

– Meu bem, o que aconteceu? – indagou Claire, correndo para ajudá-la a se levantar.

– *Eu* aconteci – disse a mulher. – Desculpa mesmo. Estava saindo e não

olhei por onde estava andando, o que é muito a minha cara, agora estou morrendo de vergonha e...

– Dá pra *calar a boca*, por favor?

As palavras saíram dos lábios de Astrid antes que pudesse pensar melhor. A mulher arregalou os olhos, arqueando o delineado gatinho perfeito, a boca vermelha como uma framboesa se abrindo num pequeno “o”.

– Pelo menos ela disse *por favor* – murmurou Iris de canto de boca. – É a cara da Astrid. Educada até quando é grossa.

Claire pigarreou e puxou o braço de Astrid, mas ela a dispensou com um gesto. Caramba, ia se levantar sozinha, preservar a dignidade que lhe restava. As pessoas a caminho do trabalho ou do café olhavam para ela, todas provavelmente agradecendo aos deuses ou a quem quer que fosse pelo fato de sua manhã não estar tão ruim quanto a daquela coitada com o vestido destruído e a palma das mãos toda lanhada.

Ela se ergueu, cambaleando, e a mulher se levantou com ela. A desconhecida torceu as mãos, estremecendo enquanto Astrid arrancava a sandália arrebitada e inspecionava o salto arruinado.

– De verdade, me...

– “Desculpa”. É, já entendi – retrucou Astrid. – Mas suas desculpas não vão consertar meu vestido nem meu sapato, não é?

A mulher pôs o cabelo atrás da orelha, revelando vários piercings.

– Hã. Não, acho que não.

Algo que parecia desespero, por mais irracional que fosse, corou as bochechas de Astrid e se acumulou no peito. Era a única coisa que ela queria. Uma única coisa no mundo inteiro. Só queria que *aquela única manhã* fosse perfeita, mas não, aquele desastre em forma de mulher com seu cabelinho bonito e piercing no nariz tinha que chegar com tudo, no pior momento possível, eliminando qualquer chance de perfeição. Sentiu um formigamento na ponta dos dedos, um bolo no estômago, e as palavras se despejaram da boca numa torrente de veneno e irritação.

– Como você não me viu? – cuspiu Astrid.

– Eu...

– Eu estava bem ali, e de vestido *marfim*. – Astrid gesticulou com ambas as mãos indicando o vestido, que não dava mais para chamar de marfim. – Estou praticamente brilhando.

A mulher franziu a testa.

– Olha, eu...

– Ah, esquece – resmungou Astrid. – Você já estragou tudo. – Tirou o telefone da bolsa, acessou os contatos com cliques bruscos e quase esfregou o aparelho na cara da mulher. – Põe o seu número aqui pra eu poder te mandar a conta.

– Eita – murmurou Iris.

– A conta? – perguntou a mulher.

– *Foge* – sussurrou Iris.

Mas a mulher simplesmente piscou para as duas, confusa.

– A conta da lavagem a seco – explicou Astrid, ainda estendendo o telefone.

– Meu benzinho – disse Claire –, será que a gente precisa mesmo...

– Precisa, sim, Claire.

Astrid ainda respirava com dificuldade, sem nunca deixar de encarar aquele furacão ambulante que não conseguia atravessar uma porta sem gerar o caos.

A mulher finalmente pegou o telefone, o pescoço delgado estremecendo enquanto engolia em seco e digitava o número. Ao terminar, devolveu o aparelho a Astrid e se inclinou para recolher os copos vazios e o porta-copos, depois despejou tudo numa grande lata de lixo perto da entrada da cafeteria.

Em seguida foi embora sem dizer nem mais uma palavra.

Astrid ficou olhando enquanto a mulher caminhava, apressada, cerca de meio quarteirão pela calçada, e parava ao lado de uma caminhonete verde-hortelã que parecia bem surrada. A mulher praticamente se jogou lá dentro e saiu da vaga de estacionamento com os pneus cantando e o motor roncando rumo ao norte, sumindo de vista.

– Então tá – declarou Delilah.

– Pois é – arrematou Iris.

Claire se limitou a estender a mão e afagar a de Astrid, o que a trouxe de volta à realidade dos fatos.

Olhou para o próprio vestido, o café secando e adquirindo um tom marrom-claro, a sandália pendurada nos dedos. Um novo horror tomou conta dela, mas não era por causa da roupa arruinada nem da manhã perfeita destruída no dia mais importante de sua vida profissional. Não, ela era a incrível Astrid Parker. Ia dar um jeito naquilo tudo.

Só não conseguiria dar um jeito no fato de ter acabado de soltar os cachorros para cima de uma desconhecida por causa de umas manchas de café, uma verdade que naquele instante pesou sobre ela como piche: densa, pegajosa e fedorenta.

– Vamos limpar você – disse Claire, tentando levar Astrid para dentro da Café & Conforto, mas ela não cedeu.

– Falei igualzinho à minha mãe – murmurou.

Engoliu em seco, o arrependimento dando um nó na garganta, e olhou para cada uma das amigas, depois deteve o olhar em Delilah.

– Não falei? – perguntou.

– Não, lógico que não – respondeu Claire.

– Quer dizer, se parar pra pensar, o que é falar *igual* a ela? – emendou Iris, desconversando.

– É, falou, sim – confirmou Delilah.

– Amor – disse Claire, dando um tapinha no braço da namorada.

– Ué, ela perguntou – retrucou Delilah.

Astrid esfregou a testa. Houve um tempo em que falar exatamente como Isabel Parker-Green seria algo bom, uma meta, uma forma empoderada de lidar com o mundo em geral. A mãe de Astrid era equilibrada, perfeitamente controlada, elegante, educada e sofisticada.

E também a mulher mais fria e insensível que Astrid já conhecera. Muitas vezes, temia que o envolvimento excessivo da mãe na vida dela tivesse graves repercussões, com a essência de Isabel se infiltrando no sangue e nos ossos da filha, tornando-se parte dela de uma forma que não conseguisse controlar. E lá estava a prova – quando tudo dava errado, Astrid Parker era altiva e arrogante, uma megera de marca maior.

– Saco – disse ela, apertando as têmporas entre o polegar e o indicador. – Ameacei a mulher com uma conta de lavagem a seco, pelo amor de Deus. Preciso pedir desculpas.

– Acho que é tarde demais – comentou Delilah, indicando a fumaça de borracha queimada dos pneus da caminhonete que ainda pairava no ar.

– Se isso fizer você se sentir melhor, acho que ela nunca mais vai aparecer aqui – comentou Iris. – Não reconheci ela. Eu me lembraria de uma gata daquelas.

– Iris, menos, vai – disse Claire.

– Ah, por favor, ela era objetivamente maravilhosa – insistiu Iris. – Viu aquele macacão? O cabelo? Ela é do ramo, aposto.

Delilah riu, e até mesmo Claire abriu um sorriso ao ouvir isso. Astrid sentiu apenas uma vaga solidão que não conseguia explicar.

– Todo mundo tem dias ruins – continuou Claire. – Com certeza ela entendeu.

– Você é pura demais pra este mundo, Claire Sutherland – declarou Iris.

Claire revirou os olhos enquanto Delilah sorria e dava um beijo na cabeça da namorada. Aquela cena toda deixou o estômago de Astrid ainda mais embrulhado – as demonstrações públicas de afeto, a positividade constante de Claire, o sarcasmo de Iris. A única pessoa que estava dizendo a verdade nua e crua era Delilah, e naquele momento Astrid não aguentava encará-la depois de ter entrado com tudo no modo Isabel Parker-Green.

– Preciso ir pra casa tomar banho – disse ela, tirando a outra sandália para não sair mancando pela calçada com um salto de oito centímetros.

– Eu ajudo – falou Claire.

– Não precisa.

Astrid livrou o braço das mãos de Claire e foi para onde havia estacionado o carro. Precisava ficar sozinha e esfriar a cabeça. Apesar do desastre daquela manhã, ainda era a chefe de design da Pousada Everwood, ainda apareceria no *Pousadas Adentro* e ainda estava prestes a conhecer Natasha Rojas. De jeito nenhum deixaria aquele encontrão com uma sujeita desastrada e um momento de extrema arrogância arruinarem seus planos.

Ela se despediu das amigas e estava a meio caminho do carro quando

pensou em buscar o nome da mulher nos contatos. Talvez pudesse mandar uma mensagem pedindo desculpa, dizendo, no mínimo, que era óbvio que não mandaria a conta da lavanderia. Desbloqueou o telefone, detendo os pés descalços enquanto olhava para as informações de contato da mulher.

Não havia nome.

Só um número, salvo com o nome Ser Humano Maravilhoso que Estragou Seu Vestido Feio.



CAPÍTULO DOIS

JORDAN EVERWOOD PERCORREU mais ou menos um quilômetro e meio da estrada antes de ter que parar. Tentou se segurar, engolir o nó na garganta, mas que se danasse, sério, para que tentar se controlar, por quem? Com certeza não por si mesma. Estava em crise havia um ano inteiro – até mais, se começasse a contar a partir do diagnóstico de Meredith –, então esse era um estado ao qual já se acostumara muito bem.

Chegara a cerca de oito quilômetros da casa da avó, onde estava hospedada. Simon não parava de mandar mensagens, perguntando quando voltaria com aquele café hipster que ele tanto adorava, e não queria chegar com lágrimas de rímel escorrendo pelo rosto.

Parou a caminhonete, Adora, no acostamento da estrada que saía de Bright Falls, uma via com duas pistas, nada além de pinheiros encharcados de chuva até onde a vista alcançava e ao longe uma montanha cujo nome não sabia.

Era tão diferente de Savannah, na Geórgia.

Mas era para ser mesmo.

Colocou Adora em modo parking, e a marcha relutou em mudar – a

viagem que fizera para cruzar o país na semana anterior esgotara completamente sua preciosa caminhonete. Ela e Meredith deram ao carro o nome da protagonista do desenho animado favorito das duas, *She-Ra*, quando Jordan começara a fazer serviços de carpintaria para a Dalloway & Filhas Decorações, quatro anos antes.

Caramba, fazia só quatro anos?

Parecia uma vida inteira.

Jordan apoiou a cabeça no assento de couro sintético e deixou as lágrimas escorrerem pelo rosto. Aquilo era um desastre – aquela decisão, aquela “segunda chance”, como Simon gostava de dizer. O irmão gêmeo a perturbara por quase seis meses, pedindo que se mudasse de Savannah.

– O lugar é assombrado, Jordie – dissera ele mais de uma vez.

– Lógico que é – respondia ela, repetidamente. – É uma das cidades mais assombradas do país.

– Você entendeu o que eu quis dizer, espertalhona.

E ela entendia, sim, mas não queria admitir nem ferrando. Mesmo assim, nos meses que se passaram desde que ele começara a mandar cartões-postais, todos apresentando uma nova cidade emocionante – São Francisco! Nova York! Chicago! Los Angeles! –, a vida em Savannah tinha piorado cada vez mais. O trabalho dela na Dalloway & Filhas ficara desleixado, acompanhado de várias queixas de clientes pelas dezenas de armários planejados e peças de mobiliário únicas arruinadas por seus erros de cálculo, além daquela confusão mental da qual não conseguia se livrar.

Até sua psicóloga dizia que estava na hora de mudar.

– Achei que o objetivo da terapia fosse enfrentar os problemas, não correr deles – dissera Jordan numa sessão dois meses antes, quando Angela finalmente sugerira, com muita delicadeza, que talvez Simon tivesse razão.

– Você pode *correr de algo* – respondera Angela –, mas também pode *correr em direção a uma novidade*. E você precisa de novidade, Jordan. Não está vivendo a vida. Está vivendo algo que deixou de existir um ano atrás. Ou está tentando, e é óbvio que não está dando certo. É uma vida que não dá pra viver.

Depois dessa pílula de sabedoria, Jordan saía do consultório de Angela

praticamente batendo o pé, sem dizer adeus, nem um *vai à merda* nem nada. Ainda assim, as palavras da psicóloga a haviam assombrado – mais do que qualquer um dos famosos fantasmas de Savannah – até o dia em que a situação no trabalho fora a gota d’água.

Certo, talvez “gota d’água” seja uma expressão delicada demais para o que aconteceu, considerando que ela pusera fogo numa reforma multimilionária num casarão na Chatham Square.

De propósito.

Mas tinha sido um incêndio *pequeno*.

Ela havia acabado de arruinar a instalação de um conjunto de belos armários de carvalho e ficara, no mínimo, frustrada. E “arruinar” quer dizer derrubar um armário de canto depois de recusar a ajuda de sua assistente, Molly, estilhaçando a linda madeira e espalhando lascas por toda parte. Ao que parecia, de acordo com testemunhas, ela havia encontrado uma caixa de fósforos em seu estojo de ferramentas, acendido um punhado e jogado tudo na pilha de madeira enquanto gritava alguma coisa parecida com *que merda, merda, puta merda* a plenos pulmões.

A pilha mal pegara fogo. Ninguém conseguiria causar um incêndio catastrófico simplesmente ateando fogo a armários com acabamento profissional, de madeira ou não, mas foi a natureza do ato que selou o destino de Jordan. Bri Dalloway, matriarca e chefe extremamente amável de Jordan, ficou farta daquilo, assim como suas duas filhas, Hattie e Vivian.

Demitida depois de tanto brincar com fogo – sem trocadilhos – e sem nada com que ocupar suas horas, passou as duas semanas seguintes no sofá com Felina, sua gata frajola, ignorando o telefone e comendo pratos prontos congelados enquanto maratonava todas as comédias românticas que conseguia encontrar na Netflix. Foi assim – e ela teria continuado nesse estado de muito bom grado, obrigada – até Simon bater na porta da casinha rústica no bairro histórico de Ardsley Park que ela dividira com Meredith, vindo lá de Portland, onde morava, com o telefone encostado na orelha enquanto falava com a pessoa favorita de Jordan no mundo inteiro.

A avó deles.

Quem poderia convencer Jordan a fazer praticamente qualquer coisa,

inclusive se mudar para o outro lado do país para ajudar a reformar Everwood, a pousada que era da sua família havia mais de um século? Pru só precisou dizer na sua voz suave e doce:

– Venha pra casa, meu bem.

E de repente era verão e Jordan voltou a ter 12 anos em Everwood, o único lugar em que se sentia à vontade de verdade. Sem a mãe doente com quem se preocupar, sem as crianças da sua escola na cidadezinha do norte da Califórnia, onde crescera, olhando enviesado por ela ter saído do armário aos 11 anos. Somente as escadas rangentes e as passagens secretas da pousada, as rosas silvestres, o céu suave e nublado do Oregon, e o perfume doce da loção de água de rosas que sentia quando sua avó a abraçava.

Assim, lá estava ela, a quase 5 mil quilômetros da casa que dividira com o amor da sua vida, chorando à beira de uma estradinha sem absolutamente nenhum café nas mãos e com a lembrança do grito de uma mulher extremamente furiosa ecoando nos ouvidos.

É, que plano excelente, Simon.

Meu Deus, que desastre. Ela não conseguia nem mesmo realizar a simples tarefa de comprar um café pronto. Pru só bebia chá, e a pequena cozinha do seu chalé não tinha cafeteira. Daí a compra do café pronto, daí o desastre. Deveria simplesmente ter comprado a droga de uma cafeteira elétrica assim que chegara à cidade, na semana anterior, ou pelo menos feito Simon comprar uma. Deus sabia que ele podia bancar uma dessas com o dinheiro do livro. Mas não, com todo o seu preciosismo, ele dizia que nada superava o café da Café & Conforto logo cedo, e o pior é que tinha razão. Era o melhor café que Jordan já provaria.

Infelizmente, o néctar dos deuses de Simon – e o copo a mais que ela comprara para a designer de interiores com quem iam se reunir para discutir a reforma da Pousada Everwood, junto com a apresentadora e a equipe do *Pousadas Adentro* (embora ela não tivesse a menor intenção de levar café para todo mundo) – estava, naquele momento, encharcando o tecido magnífico de algodão, linho ou sei lá de que merda era o vestido da Srta. Projeto de Megera.

Ela soltou um suspiro soluçante. Não gostava de se referir a outras

mulheres de forma ofensiva. Geralmente só fazia isso em tom de brincadeira com as amigas. Não que ainda tivesse alguma. Seu círculo de amizades em Savannah era o grupo dela e de Meredith, e ela simplesmente não sabia como interagir com aquelas pessoas sem a parceira, nem elas com Jordan.

Pelo jeito, não sabia interagir com ninguém.

E é óbvio que a mulher com quem havia trombado feito um touro perseguindo a capa vermelha do toureiro tinha que ser bonita. Não. Bonita, não. Era simplesmente maravilhosa. Curvas suaves e cabelo repicado, sobrancelhas grossas – perfeitamente desenhadas, é claro – e olheiras leves debaixo dos olhos castanho-escuros, apenas o suficiente para torná-la interessante. Era deslumbrante e, pela primeira vez em mais de um ano, Jordan se vira atordoada por um momento, com um friozinho gostoso na barriga.

Até que a mulher abriu a boca e aquele friozinho virou um bloco de gelo.
– Merda – disse Jordan em voz alta.

Fechou os dedos ao redor do volante de Adora enquanto uma onda de novas lágrimas transbordava. Estava literalmente chorando por um bate-boca com uma garota malvada, como se tivesse voltado a ser aquela criança lgbtq+ de cabelo esquisito do ensino médio. De repente, sentiu-se uma antiguidade. Mal tinha completado 31 anos. Já havia conhecido, paquerado, casado com e perdido o amor de sua vida. Era jovem demais para se sentir tão velha.

Fungou e enxugou os olhos, balançando a cabeça para esfriá-la. Então pegou sua bolsa mensageiro de couro vegano, a que Meredith sempre chamara de poço sem fundo, e a vasculhou até encontrar o saquinho de seda com suas cartas de tarô. Puxou o cordão e despejou as cartas nas mãos. Adorava aquele baralho. As cartas eram coloridas e modernas, e o melhor de tudo: eram feministas e totalmente queer. As cartas, até os reis de cada naipe, apresentavam uma mulher ou uma pessoa não binária. Jordan o havia comprado logo depois de se pegar totalmente só, sem Meredith. Fora uma compra de conforto, e desde então ela o consultava todo dia. Era o único hábito saudável que cultivava, cada carta ancorando-a a si mesma, impedindo-a de flutuar para longe.

Só que, ultimamente, elas não paravam de irritá-la.

– Bora lá – sussurrou enquanto embaralhava as cartas lustrosas nas mãos. – Bora, bora, bora.

Sabia que era preciso fazer perguntas profundas e relevantes enquanto embaralhava o tarô, como: “O que preciso saber hoje para viver a melhor vida possível?”. Mas, nos últimos tempos, não estava dando muito certo.

Na verdade, no mês anterior, aquelas cartas tinham traído sua confiança por completo.

Parou de embaralhar e cortou o baralho em três pilhas no colo, depois as juntou depressa numa pilha só. Empurrando a bolsa contra a porta do carona, espalhou as cartas ao longo do banco. Olhou para a estampa azul vibrante do verso delas, passou a mão por cima e esperou que alguma carta chamasse sua atenção.

E uma delas o fez. Ela não hesitou. Continuou os movimentos, como sempre fazia, agindo por instinto, e por fim puxou a carta. Segurou-a junto do peito por um segundo e respirou. Havia 78 cartas no tarô, poxa vida. Eram 22 Arcanos Maiores e 56 Arcanos Menores. Quais eram as chances de ela tornar a tirar a mesma carta?

Muito pequenas.

Ainda assim...

Virou a carta.

O Dois de Copas a encarou, exatamente como fizera em quase todas as manhãs do mês anterior. Aquela cartinha sacana estava pregando uma peça nela. De vez em quando, tirava uma carta diferente, algo de Paus ou de Ouros, ou as boas e velhas Louca, Hierofanta ou Lua.

Naquele momento, aceitaria até a desastrosa Torre. Pelo menos, combinaria com o seu estado atual. Qualquer coisa em vez daquela cartinha pentelha, aquela carta brilhante com duas mulheres de pé na praia, cada uma segurando um grande cálice. Estavam frente a frente, sorridentes, felizes, repletas de esperança e possibilidades. O Dois de Copas sugeria romance e amor, novos relacionamentos.

Um par perfeito.

Um encontro de almas.

Teve vontade de rasgar a porcaria da carta. Não conseguia acreditar que a havia tirado outra vez. Cada vez que o fazia, voltava a ficar chocada, zangada e, sinceramente, aterrorizada. A função do tarô não era prever o futuro. Tirar as cartas tinha a ver com discernimento, com o conhecimento do próprio ser. As cartas levavam a pessoa a uma compreensão mais profunda dos próprios desejos, dos acontecimentos, de suas necessidades. Então tirar aquela carta não queria dizer que a alma gêmea estava à sua espera na próxima esquina.

Como poderia?

Sua alma gêmea partira havia muito tempo.

Ela não sabia o que a carta significava, sinceramente. Pelo menos, não para ela. Podia indicar amizade, uma necessidade íntima de criar laços com... *alguém*. Qualquer pessoa.

Mas Jordan já tinha provado várias e várias vezes, e *mais uma* naquela manhã, que seu desempenho nessa área não era dos melhores.

Respirou fundo, estremecendo, e enfiou o Dois de Copas de volta no baralho. Enquanto guardava o saquinho de seda na bolsa, o celular tocou alto no porta-copos do carro. Ela o pegou, e a tela revelou uma mensagem de texto do irmão.

Cadê você, hein?

Ela havia começado a escrever a resposta quando chegou outra mensagem.

Alô?

E mais uma.

Jordie.

E outra.

Você tá bem? Sério, não tem a menor graça. Já faz mais de uma hora que você saiu.

Ela revirou os olhos e ligou para ele.

– Estou bem – disse, antes que ele pudesse terminar a saudação em pânico. – Já pode parar de ralhar comigo por mensagem de texto.

– Olha, sou seu irmão mais velho e...

– Ah, é, aqueles três minutos e meio que você passou como filho único te concederam uma sabedoria inigualável.

– ... tenho o direito de saber como você tá e de ter certeza que não se perdeu, não sofreu uma mutilação grave nem...

– Botei fogo em alguma coisa e esculhambei o que resta da minha vida lamentável?

– Eu também ia acrescentar “ter certeza que a sua gata não comeu a sua cara”.

Ela arquejou, fingindo choque.

– Felina nunca faria uma coisa dessas.

– Gatos são os predadores perfeitos. Se você caísse e rachasse a cabeça na banheira e não sobrasse ninguém pra dar comida pra Felina, com certeza ela ia comer sua cara depois de uns dias.

– Será que a gente pode parar de falar sobre como minha gata vai se transformar numa psicopata assassina?

– Só estou dizendo que, se eu tiver que lidar sozinho com a filmagem do programa que nossa avó empurrou pra gente, quero estar preparado.

Jordan suspirou. Ainda não conseguia acreditar que iam aparecer no *Pousadas Adentro*. Um dos programas mais populares da TV fechada, apresentado por Natasha Rojas, uma mulher que tinha construído sua carreira em design de interiores, criado e editado uma revista de design chiquérrima chamada *Orquídea*, e que passava boa parte do tempo viajando pelo país para supervisionar reformas de pousadas históricas. A equipe era sempre composta por mão de obra local – especialmente a pessoa encarregada do design – e Natasha era famosa por sua avaliação extremamente direta, isso sem falar do seu estilo impecável.

Para dizer a verdade, Jordan estava um pouco intimidada. Nos últimos tempos, não andara fazendo o melhor trabalho do mundo, e Natasha Rojas não esperaria nada menos que a perfeição. Ainda assim, o interesse do programa pela pousada finalmente convencera sua avó a reformá-la, algo que Jordan e a família toda há vinte anos já sabiam que precisava acontecer.

– Vai ser interessante – disse Jordan.

– É. No mínimo. – Simon deu uma risada abafada. – Mas é sério. Você tá bem?

– Tô, sim – respondeu ela, porque era a resposta certa para o irmão superprotetor, ainda que não completamente sincera.

– Então tá. – O alívio ficou nítido na voz dele. – Tá bom, legal. Toma um gole daquele café, vai ajudar.

Ela abriu a boca para explicar que não haveria café para salvar aquela manhã, mas toda a situação na frente da Café & Conforto apenas confirmaria o que ele já temia. Na verdade, o que já *sabia*: Jordan Everwood era uma catástrofe ambulante, e era preciso tomar cuidado com ela.

– É – respondeu ela. – Ótima ideia.

Desligou o telefone e colocou Adora em modo drive.



Dez minutos depois, Jordan entrou numa estrada de cascalho com uma pista só. Oficialmente, a Pousada Everwood tinha o CEP de Bright Falls, mas na realidade ficava fora da cidade, numa terra de ninguém, escondida entre coníferas, como um segredo. A construção vitoriana, mais especificamente no estilo Rainha Ana, era uma casa original, erguida pelos trisavós de Jordan, James e Opal Everwood, em 1910, com pináculos elegantes, lambrequins ornamentados e meia dúzia de passagens secretas em seu interior, que ela adorava explorar quando criança, com Simon, no verão e em outras visitas de férias.

A avó, Prudence Everwood, era quem tinha convertido a propriedade em pousada na década de 1960, junto da irmã mais nova, Temperance. Fora

um sucesso instantâneo, primeiro pela beleza e pela localização idílica, e segundo por sua famosa Dama Azul.

Ou talvez fosse o contrário. Todo mundo adora uma história de fantasma, esse vínculo com o Grande Desconhecido. Jordan com certeza não resistia a essas histórias quando era mais nova. Pru não morava na casa principal desde a inauguração da pousada, optando por residir na estrebaria nos fundos da propriedade, que havia sido transformada num chalé encantador – embora minúsculo – com três quartos. Sempre que Jordan e Simon a visitavam, ficavam acordados até tarde e entravam de fininho na pousada, ansiosos por um vislumbre do rosto fantasmagórico de sua ancestral morta muito tempo antes, Alice Everwood, a infame Dama Azul.

Nunca a encontraram. Mas em muitos momentos o ranger das escadas ou uma rajada de vento entre os beirais fez com que os jovens gêmeos gritassem até perder o fôlego, deixando os hóspedes furiosos e as adultas responsáveis extremamente irritadas.

Ao lembrar, Jordan não pôde conter um sorriso enquanto virava a esquina e a Pousada Everwood surgia à sua frente. Adorava aquele lugar, adorava que pertencesse à sua família e que sempre estivesse de portas abertas para ela. Quando Jordan e Simon eram crianças, a mãe deles, Serena, tinha enfrentado uma depressão não diagnosticada. Por isso, os gêmeos passaram a maior parte dos verões com a avó enquanto o pai tentava ajudar Serena a “se recuperar”, como sempre diziam. Geralmente Jordan chegava a Everwood feito uma ostra, mas, entre a avó e a chuva fina do Oregon, ela se abria devagar, parecendo até a menina feliz e contente que todas as crianças deveriam ser no calor do verão. Enfim, quando Jordan e Simon tinham 16 anos, Serena foi devidamente diagnosticada com transtorno depressivo maior. Fez terapia, tomou a medicação certa, e a situação melhorou, mas os gêmeos continuaram a passar os verões no Oregon até irem para a faculdade.

Embora Jordan ainda não soubesse ao certo se deveria estar em Bright Falls e, naquele momento, não tivesse a menor ideia do que fazer com a vida, considerando que não conseguia executar nem as tarefas mais básicas de carpintaria, para ela, aquele lugar ainda era mágico – e sempre seria.

Era verdade que a casa não estava em seus dias de glória. O exterior de madeira e pedra, antes de um marfim reluzente, adquirira uma cor de osso amarelado e sem graça. A pintura dos lambrequins estava descascando em volta das janelas e da varanda, e a sacadinha da torre estava inclinada para o lado esquerdo. As roseiras, antes exuberantes e perfeitamente podadas, florescendo numa profusão de cores a cada verão, estavam desalinhadas e ameaçavam tomar conta da varanda. O interior não estava muito melhor que isso. Nos últimos anos, sem querer, na expressão *pousada vitoriana*, o adjetivo *assombrada* se sobrepusera a *encantadora*: a casa tinha cantos escuros, móveis desconfortáveis e escadas que rangiam. Jordan tinha certeza de que as camas com dossel em cada um dos quartos eram as originais dos primeiríssimos proprietários.

Inclusive os colchões.

Ao pensar nisso, estremeceu.

Quando o pessoal do *Pousadas Adentro* entrara em contato com Pru, alguns meses antes, para falar de um possível episódio de reforma, a avó hesitara apenas por um instante. Era idosa, com quase 80 anos. Tia Temperance tinha morrido nos anos 1990, por isso Pru administrara o lugar praticamente sozinha durante a maior parte das décadas seguintes. Serena era filha única, nascida de um caso tórrido que Pru tivera pouco antes dos 30 com um pintor semifamoso que havia morado em Bright Falls por um tempo. Ele nunca fizera parte da vida delas, e Pru nunca se casara. Os pais de Jordan e Simon ainda eram loucamente apaixonados um pelo outro e administravam um pequeno vinhedo que estava passando por um momento difícil no Condado de Sonoma, projeto em que mergulharam de cabeça apenas dez anos antes, depois que ambos ficaram descontentes com seus empregos corporativos.

O resultado é que não havia ninguém para ajudar Pru a administrar a complexa pousada enquanto ela desmoronava, muito menos lidar com o estresse de uma reforma exibida na TV. Ninguém, a não ser Simon, que podia trabalhar remotamente e morar em qualquer lugar. E quem melhor para ajudar com um projeto enorme, oferecendo trabalho gratuito e boas ideias, do que sua irmã gêmea perdida e inconsolável?

Ela deu um suspiro enquanto Adora embicava na estradinha circular da entrada. Simon e a avó estavam de pé na varanda. Ele apontava para isso e aquilo, enquanto Pru fazia que sim com a cabeça e bebia o que Jordan presumiu ser uma xícara de chá preto bem forte. Tinham fechado a pousada para os hóspedes na semana anterior e só planejavam abri-la novamente depois da reforma, o que, segundo a estimativa de Jordan, levaria pelo menos seis semanas, e isso se trabalhassem depressa. Porque o plano era manter a maior parte da estrutura da casa intacta – sendo uma pousada, abrir e integrar espaços não seria apenas desnecessário, mas prejudicial para o conforto dos hóspedes – e boa parte da obra seria estética, com algumas questões estruturais externas para resolver. De fato, ela não sabia ao certo quão lento o trabalho poderia ser com uma equipe de filmagem no caminho. Os e-mails preliminares indicavam que Natasha Rojas se esforçava para manter o processo o mais autêntico possível, mas Jordan nem imaginava como ia ser na realidade. Natasha estava para chegar com sua equipe a qualquer momento, e Jordan achava que então repassariam os detalhes.

– Ah, você chegou – disse Simon, descendo os degraus apodrecidos enquanto ela saía da caminhonete.

Ele usava jeans escuros e camiseta bordô, com os pés calçados num par de Vans cinza gastos. Jordan e Simon eram gêmeos, mas não se pareciam nem um pouco. Enquanto a irmã tinha o cabelo cor de bronze da mãe, os cachos pretos do irmão eram todos do pai, emaranhados no alto e curtos nas laterais. Os olhos, porém, eram iguais: os olhos dos Everwood, com mais veios dourados do que marrons riscando o verde.

Aqueles olhos se arregalaram por trás dos óculos de armação preta de Simon.

– Eu sei, eu sei – disse ela, mostrando as mãos vazias. – Desculpa, mas é que...

Simon segurou os braços da irmã e olhou bem no rosto dela, interrompendo-a.

– O que aconteceu? Você falou que estava bem.

Ela franziu a testa diante da expressão preocupada dele, mas depois se

lembrou de ter passado uns vinte minutos soluçando dentro de Adora à beira da estrada. Pelo jeito, tinha se esquecido de limpar as evidências. O delineado gatinho e o rímel vegano que tanto amava provavelmente tinham escorrido pelas bochechas como se ela tivesse se maquiado para uma festa de Dia das Bruxas.

– Ah. – Ela tocou o rosto. – Isso aqui.

– É, isso aí.

– Meu amor, o que houve? – perguntou a avó, indo da varanda na direção deles.

O cabelo dela, curto e prateado, brilhava ao sol. Usava uma blusa de lã com grandes blocos de verde e preto, jeans azul-escuro e Keds brancos. Os óculos do dia tinham armação bem verde, combinando perfeitamente com a blusa. Desde que Jordan se entendia por gente, os óculos da avó sempre combinavam com as roupas. Só Deus sabia quantos pares a mulher possuía ao mesmo tempo. Pelo menos uns vinte, Jordan imaginava.

– Nada – respondeu Jordan.

– Você não estragou esse delineado lindo por nada, amor – insistiu Pru, enxugando algumas manchas pretas na bochecha da neta.

Jordan suspirou, entregando-se ao carinho da avó. Não tinha a menor vontade de narrar o acontecido: o encontro com a Projeto de Megera, a descompostura que levava em seguida e o choro. Toda a família já achava que ela mal conseguia ser uma pessoa funcional. A última coisa de que precisava era admitir que uma pequena discussão a fizera soluçar como uma pré-adolescente cheia de hormônios.

– Derramei o café todo na hora que saí da loja – disse ela. – Espirrou um pouco no meu rosto e não prestei atenção quando me limpei.

– Eita, você queimou a cara? – perguntou Simon, pegando nas bochechas dela e procurando queimaduras.

Pelo amor de Deus.

Ela se desvencilhou do irmão.

– Não, foram só umas gotas. – Recuou em direção à trilha de cascalho que levava ao chalé da avó. – Vou lá me limpar. A que horas vai começar?

Antes que Simon pudesse responder, ouviram o som de pneus na

estradinha de cascalho.

– Hum, agora? – disse ele, estremeando.

Jordan gemeu.

– Precisa mesmo de mim nessa?

– Você é a chefe da carpintaria, Jordie, e integrante da família. Vão querer te filmar.

Ela soltou um suspiro. Aquele era um papel honorário, na melhor das hipóteses. De jeito nenhum o irmão confiaria o trabalho a ela. Já sabia que ele contratara um empreiteiro – um tal de Josh Foster, de Winter Lake – e os empreiteiros tinham carpinteiros próprios na equipe.

Sabia disso, pois já fora carpinteira de uma equipe.

Mas Simon jurava que já havia combinado tudo com Josh: *Jordan* seria a chefe, *Jordan* trabalharia em estreita colaboração com a designer, *Jordan* seria a principal encarregada do trabalho de carpintaria. A ideia a empolgava e a apavorava ao mesmo tempo. Houve uma época em que a carpintaria era mais do que um trabalho, era uma paixão. Ela adorava trabalhar com madeira, amava criar, sonhava em produzir a própria linha de móveis e abrir uma loja.

Ou já sonhara, pelo menos, antes de uma serra elétrica em suas mãos se transformar num risco ocupacional de verdade.

– Tá bom – falou para o irmão.

Ela colaboraria. Afinal, *queria mesmo* participar da reforma. Só não sabia ao certo quanto controle teria de fato. Mas tudo bem. Para tirar aquele ar de “você tá bem?” da cara do irmão, valia tudo.

Um sedã prateado apareceu na estradinha, e Jordan se colocou atrás do irmão para tratar de limpar as bochechas. Talvez ela tenha usado a própria saliva para isso, talvez não, mas na hora do desespero é assim mesmo.

– Oi, querida – disse a avó quando a porta do carro se abriu e fechou.

– Como vai, Pru? – respondeu uma voz.

– Estou bem. Ah, como você está linda.

Uma risada.

– Muito obrigada. Mas olha só pra você! Esses óculos!

– Acho que minha vó podia dar umas dicas de moda pra todo mundo –

comentou Simon.

Mais uma risada.

Jordan respirou fundo, se preparou para ser profissional e se virou para a recém-chegada.

Então piscou, aturdida.

E de novo, porque...

Ali, a poucos metros de distância, sorrindo para a preciosa avó de Jordan, estava a própria Projeto de Megera. Era verdade que não estava mais coberta de café, que seus olhos estavam tranquilos e amigáveis, e não arregalados de ódio, e ela usava um deslumbrante terno preto justo ao corpo por cima de uma blusa branca, com sapatos oxford bordô de salto alto que faziam suas pernas parecerem infinitas. Mas, sim, era ela, sem a menor dúvida.

– Astrid Parker – disse a mulher, estendendo a mão para Simon. – Da Bright Designs. Já conversamos muito por e-mail.

– Ah, sim, oi, que bom te conhecer finalmente. – Ele apertou a mão dela. – Simon Everwood. E essa... – ele se virou e fez Jordan sair de trás dele – é a minha irmã, Jordan. Ela vai ser a chefe de carpintaria da obra e o seu contato principal com a família.

A mulher – Astrid – arregalou os olhos e abriu a linda boca rosa-claro, chocada.



CAPÍTULO TRÊS

ASTRID NÃO TINHA O HÁBITO de usar a palavra *merda* com frequência, mas *ai, merda, puta merda*.

Era a mulher da Café & Conforto.

Aquela mulher.

– O-o-oi – conseguiu dizer, e estendeu a mão.

Astrid não sabia o que mais poderia fazer além disso.

A mulher – Jordan Everwood – ergueu as sobrancelhas escuras. Astrid prendeu a respiração, colando um sorriso nos lábios. Se havia algo que ela era ótima em fazer, era executar um sorriso convincente. Até deixou que ele chegasse aos olhos.

– É um prazer te conhecer – acrescentou.

Jordan retorceu a boca, e Astrid entendeu que estava arruinada. Perderia aquele trabalho, Natasha Rojas e o pouco que restava da sua sanidade em se tratando da mãe, tudo por causa de uns copos de café e de um vestido.

Uma porcaria de *vestido*.

Sentiu um nó na garganta, o que significava que, além de arruinar a carreira de um só golpe, também ia chorar na frente daquela linda

Everwood. Ou melhor, daqueles três lindos Everwoods.

Astrid estava prestes a baixar a mão quando sentiu dedos frios e calejados deslizarem sobre a palma.

– Ah, é um *prazer* te conhecer também – respondeu Jordan.

Astrid sentiu o estômago se desembrulhar de alívio. Jordan segurou a mão dela um pouco mais do que o tempo necessário, mas, naquele instante, não ligou. A mulher podia até jogá-la no rio, se quisesse.

– Estou muito animada para começar – anunciou Astrid assim que Jordan a soltou. – Reformar a Pousada Everwood é meu sonho há muito tempo.

– É mesmo, é? – retrucou Jordan, vertendo sarcasmo.

Astrid viu Simon lançar para a irmã um olhar que perguntava “Qual é a sua, hein?”, mas Jordan o ignorou. Estava ocupada demais observando Astrid com uma expressão insondável. Malícia? Interesse? Maldade pura e simples? Astrid não sabia, mas o que quer que fosse a fez ter vontade de vomitar naqueles canteiros de flores repletos de ervas daninhas.

– É, sim – respondeu Astrid, voltando ao assunto. – Recebi as especificações que você me mandou, Simon, mas já faz um tempo que não entro em Everwood.

– Você nunca se hospedou aqui? – perguntou Jordan, erguendo aquelas sobranceiras expressivas mais uma vez.

Astrid abriu a boca, depois fechou. Deveria conseguir dizer que sim, mas, meu Deus, a pousada não era famosa pelo requinte. Olhando para a propriedade naquela hora, com os espinhos das roseiras invadindo a varanda e as cortinas de renda desbotadas nas janelas com séculos de idade, parecia o cenário de um filme de terror.

– Eu...

– Ela mora em Bright Falls, Jordan – interrompeu Simon, salvando-a. – Não tem por que ficar numa pousada na mesma cidade onde mora.

Astrid sorriu e assentiu.

– Humm – foi tudo o que Jordan disse em resposta, rendendo outro olhar de Simon.

– Bom, da minha parte, estou emocionado por renovar a pousada –

comentou Simon, batendo palmas e sorrindo para Astrid. – Está na hora de trazer essa velha relíquia para o século XXI, né, vó?

Os olhos de Pru ficaram um tanto turvos, mas ela assentiu.

– Lógico. Isso mesmo.

– Se bem que vamos fazer tudo na frente das câmeras – continuou Simon. – Vai ser no mínimo interessante.

– Por falar nisso... – disse Jordan, indicando a estradinha da entrada com o queixo.

Astrid se virou para ver duas vans brancas avançando pelo cascalho, com *Pousadas Adentro* impresso nas laterais num tom forte de bordô. Sentiu o estômago pular e despencar como se fosse o primeiro dia na escola. Os Everwoods – bom, Pru e Simon – se postaram ao seu lado, e ela sentiu uma estranha camaradagem enquanto as pessoas saíam dos carros. Percebeu Jordan pairando em algum lugar atrás dela, mas se esforçou para respirar... e sorrir.

Eram sete pessoas no total, e a maioria foi logo para a traseira das vans, tirando equipamentos e pendurando sacos pretos gigantescos nos ombros.

Apenas duas se dirigiram aos Everwoods e Astrid, e uma delas era Natasha Rojas.

Ela era magnífica.

Era a única palavra que Astrid conhecia para descrevê-la. Sua pele marrom reluzia ao sol da manhã, e o cabelo comprido e escuro estava preso num rabo de cavalo baixo ao lado da cabeça, penteado que caía bem a pouquíssimas pessoas. Usava um vestido longo azul-marinho, alpargatas e algumas correntes de ouro em volta do pescoço, uma das quais tinha um pingente curioso que parecia um ossinho da sorte duplo.

– Olá! – disse ela, acenando e encaixando os óculos escuros na cabeça.

Natasha deslizou em direção ao grupo como se estivesse numa nuvem. Certo, era possível que Astrid estivesse um pouco deslumbrada, mas, em sua defesa, Simon também parecia meio atordoado.

– Oi, tudo bem? – respondeu ele, estendendo a mão quando Natasha se aproximava. – Simon Everwood.

– Simon, é maravilhoso te conhecer. – Natasha usou as duas mãos para

apertar a dele e depois se voltou para Pru. – E a senhora deve ser Pru Everwood. É uma honra. Admiro sua pousada há muito tempo.

– Ah, muito obrigada, querida – disse Pru.

– E preciso dizer uma coisa. Esses óculos, essa blusa... – Ela pegou nas mãos de Pru, admirando seu visual. – Um clássico!

Pru sorriu.

– Tento fazer jus a esses dois – comentou ela, dando uma pequena cotovelada em Jordan, que havia acabado de se colocar ao lado da avó.

– Pelo jeito, é uma tarefa e tanto – respondeu Natasha, apertando a mão de Jordan.

Astrid esperou sua vez com todo o respeito, alisando as calças pretas o mais discretamente que pôde enquanto Natasha se voltava para ela.

– E essa é nossa intrépida designer! – exclamou a apresentadora.

– Sim, oi, sou Astrid Parker – respondeu, orgulhosa por sua voz ter saído tranquila e uniforme.

Os anos de aulas de etiqueta quando menina, com lições conduzidas por uma mulher muito severa chamada Mildred, a haviam preparado para momentos como aquele.

– Sou muito fã do seu trabalho – continuou ela.

Natasha estreitou os olhos, mas não de maneira antipática.

– Estou animada pra ver o que você planejou pra nós, Astrid.

E, com isso, a apresentadora se virou para a pessoa ao lado dela.

– Conheçam Emery, que cuida da produção do nosso programa de forma brilhante.

– Oi, prazer em conhecer vocês – disse Emery. – Meus pronomes são elu/delu.

– Bom saber – respondeu Jordan, apertando a mão delu.

Emery era uma pessoa negra, com um halo de cachos escuros ao redor do rosto. Usava jeans, uma blusa de lã verde com aspecto macio e botas marrons rústicas.

– Ela/dela – falou Jordan apontando para si mesma.

– Ele/dele – disse Simon, apertando também a mão de Emery. – Prazer em te conhecer.

Pru também informou seus pronomes (ela/dela), assim como Natasha (ela/dela). Astrid quase se sentiu redundante ao sorrir para Emery e dizer “ela/dela”, o que era absurdo. Os pronomes de uma pessoa são seus pronomes e pronto, mas a tempestade na barriga a fazia questionar cada palavra que dizia.

– Tá bom, então, vamos falar de logística – propôs Emery enquanto os outros integrantes da equipe entravam e saíam da pousada em busca da melhor luz para a primeira cena, que apresentaria Astrid explicando seu projeto para os Everwoods. – Primeiro, vamos dar uma olhada por aí e nos familiarizar com o espaço. Em algum momento nos próximos dias, queremos filmar a reunião com os Everwoods, Natasha e Astrid como se fosse a primeira vez. Sei que é chato, mas é uma cena de abertura importante para o programa.

– Mas vai ser a única cena que não será autêntica – acrescentou Natasha. – Depois disso, o objetivo é agir como se não houvesse pelo menos quatro pessoas a mais na sala a todo momento, apontando luzes e câmeras para o rosto de vocês.

– Vai ser mamão com açúcar – comentou Jordan, irônica.

Natasha riu.

– Leva um tempo pra se acostumar, mas é só se concentrar no trabalho que vai dar tudo certo. Não se preocupem com possíveis erros. Se alguém gaguejar, é só começar de novo, como em qualquer situação. Se derrubar alguma coisa, é só pegar. Queremos gente de verdade trabalhando de verdade. Senso de humor é fundamental. O resto é com a edição.

Astrid só assentia enquanto sua mente girava. *Senso de humor é fundamental?* Ela não era famosa por contar boas piadas. Ai, meu Deus, era tudo verdade. Aquilo estava acontecendo de fato. E muito depressa. Ela sabia que iam filmar no mesmo dia, mas depois da manhã que tivera, depois de *Jordan*, faria qualquer coisa para ter algumas horas para se recompor.

Horas que obviamente não teria.

– Vamos fazer um tour rápido enquanto a equipe se prepara? – sugeriu Natasha, oferecendo o braço a Pru.

– Vamos – respondeu Pru, encaixando a mão na dobra do cotovelo da

apresentadora.

As duas foram em direção à casa, com Emery e Simon logo atrás. Astrid esperou um instante para que seu jeito rápido de andar não ultrapassasse as outras pessoas. Além disso, bem que precisava de um segundo para organizar os pensamentos e controlar as emoções.

E havia muitas, muitas emoções. A discussão na frente da cafeteria se repetiu em sua mente, ameaçando dominá-la. Não conseguia acreditar na própria sorte. Ou talvez na *falta* dela. Dentre todas as pessoas, dentre todos os trabalhos... E então Natasha Rojas estava ali, parecendo mesmo a deusa deslumbrante que Astrid sabia que ela era, com Emery e sua postura serena e descontraída, além das pessoas de roupa preta carregando câmeras.

Era quase *demais*.

Mas Astrid conseguia aguentar o que era demais. Conseguia aguentar quase tudo. Não tinha outro jeito.

Respirou lenta e profundamente pelo nariz, tal como Hilde, sua psicóloga, havia lhe ensinado. Prendeu o ar nos pulmões, contando até quatro, e o liberou, contando até oito. Estava prestes a repetir o processo, só mais uma vez, quando percebeu que Jordan não entrara na casa com a equipe e a família. Em vez disso, estava encostada na sua velha caminhonete, de braços cruzados.

– Adianta? – perguntou.

– Adianta o quê? – retrucou Astrid.

– Respirar.

Astrid suspirou.

– Na verdade, não.

– Por que será?

Astrid franziu a testa, sem saber o que responder, mas sabia que era necessário dizer outras coisas. Várias, na verdade.

– Olha – começou ela. – Hoje de manhã, eu...

– É, foi uma experiência interessante.

Astrid ficou de boca aberta, interrompida. Deu um passo na direção da mulher, decidida a conseguir pedir desculpas. Se não fizesse isso, prejudicaria seu trabalho, assim como o relacionamento com os clientes.

Sua carreira.

Além disso, era uma questão de simples decência humana pedir desculpa por ter agido como uma tirana.

Ela se esforçou para encarar os olhos de Jordan Everwood. A mulher era linda, sem dúvida. Se Astrid simplesmente a visse na rua ou sentada num restaurante, teria parado para observá-la, vê-la interagir com o mundo, imaginando como seria a vida dela.

No entanto, a situação atual era muito diferente. Astrid notou que o delineado gatinho que Jordan usara naquela manhã havia desaparecido. Na verdade, fora esfregado, deixando um leve rastro preto em direção à têmpora. Nas bochechas, havia pequenos sinais de pele mais clara, como se as lágrimas tivessem aberto caminho através da maquiagem. O batom continuava perfeito – um tom atrevido de framboesa aplicado habilmente nos lábios fartos –, mas o resto do rosto parecia... cansado. Exaurido.

Uma onda de culpa se derramou no peito de Astrid. Tinha mesmo feito aquela mulher chorar?

Merda.

– Me desculpe – disse Astrid antes que Jordan pudesse impedi-la. – Minha atitude hoje de manhã foi horrorosa, e não há justificativa que...

– Ah, eu adoraria ouvir.

Astrid piscou, confusa.

– Ouvir o quê?

– A justificativa – respondeu, fazendo um gesto teatral com a mão, como quem diz “por favor, prossiga”.

Àquela altura o coração de Astrid já estava parado na garganta. Tentou engolir em seco algumas vezes, mas não adiantou muito, enquanto justificativas insignificantes lhe passavam pela cabeça.

Eu estava com pressa.

Era meu vestido preferido.

Não dormi direito ontem à noite.

Bom, nenhuma delas serviria nem um pouco, não importava quão verdadeiras fossem.

Jordan ergueu as sobrancelhas.

– Você tem mesmo alguma? Ou trata as pessoas que nem lixo todo dia?
– Não, lógico que não. Não é isso que eu...
– Então deve ter alguma. Ou só está pedindo desculpa agora porque sou sua cliente?

Astrid olhou para o chão e esfregou a testa. Sentiu lágrimas se acumularem nos olhos. Outra vez. Que saco, como é que o dia tinha fugido assim do seu controle? Era para ser perfeito. Era para ser empoderador e bem-sucedido.

Voltou a olhar para Jordan, que a encarava com toda a paciência. Astrid não desviou o olhar, procurando as palavras certas, quando, de repente, não precisou mais procurar. Ela *sabia* as palavras exatas, sua justificativa – ou melhor, a razão de toda aquela manhã horrível. A resposta chegou muito facilmente, palavras que não fora capaz de dizer no ano anterior às melhores amigas, como se o olhar verde e dourado daquela mulher simplesmente extraísse a verdade dela.

Tenho pavor de falhar.

Tenho pavor de tudo.

Meu Deus do céu.

Astrid balançou um pouco a cabeça e engoliu todas as palavras horríveis e embaraçosas que haviam aflorado tão de repente em seu peito.

Vários segundos se passaram antes que percebesse que Jordan dera um passo na direção dela, descruzando os braços, as mãos escondidas nos bolsos do macacão, a cabeça inclinada.

Astrid pôs o cabelo atrás das orelhas e endireitou os ombros. Não havia a menor possibilidade de dizer tudo *aquilo* para aquela mulher, mas tinha que dizer alguma coisa.

– Eu...

– Jordie! – gritou Simon da varanda. – Podemos começar?

Jordan piscou, como se saísse de um transe, e deu um passo para trás.

– Vamos, lógico. Desculpa.

Então deu as costas e se apressou em direção à sua família, deixando Astrid com um bocado de verdades preocupantes que, de repente, ficou muito feliz por não ter tido a chance de dizer.



CAPÍTULO QUATRO

JORDAN PRATICAMENTE CORREU ESCADA ACIMA, tomando seu lugar ao lado de Simon. Emery, Natasha e Pru foram até o outro lado da varanda, discutindo a estrutura. Pru brincou com uma samambaia agonizante pendurada no teto. Havia um vinco mais profundo do que o normal entre os olhos dela.

– A Natasha parece legal – comentou Simon.

– Pois é – disse Jordan. – Ela está usando um colar de clitóris, então eu diria que ela é sensacional.

Simon piscou, aturdido.

– Ela... quê?

Jordan indicou o pescoço de Natasha.

– O colar. Não parece um ossinho da sorte differentão? É um clitóris.

– Eu... não tinha percebido.

Jordan abriu um sorrisinho irônico.

– O clitóris, meu caro irmão, é algo que você deveria notar.

Ele revirou os olhos e estremeceu ao mesmo tempo.

– Dá pra nunca mais falar de clitóris comigo, maninha? Obrigado.

Ela riu, mas o olhar dele ficou sério.

– O que notei foi certa tensão – começou ele. – O que você tá aprontando agora?

Com o queixo, ele indicou Astrid, que estava parada ao pé dos degraus, olhando alguma coisa em seu telefone.

– Você e Astrid já se conhecem?

– Não – respondeu Jordan bem depressa, arregalando os olhos com ar inocente.

A decisão de não contar ao irmão e à avó como ela e Astrid de fato se conheceram pareceu se tomar sozinha.

Bom, “se conheceram” era modo de dizer.

Então ela viu Astrid ir na direção deles, com seu andar elegante e decidido, perfeitamente equilibrado. Mas, um segundo antes, ela não estivera assim tão controlada. Nem um pouco.

E Jordan... tinha gostado daquilo.

A maneira como Astrid havia se atrapalhado ao tentar pedir desculpas provocara algo em Jordan. Interesse, quem sabe? Uma vontade nada caridosa de ver a mulher sofrer um pouquinho. De um jeito ou de outro, queria ouvir a justificativa que Astrid ia revelar. Aquele lampejo nos olhos dela quando as duas se encararam, o modo como abrira a boca como se tivesse se dado conta de algo que abalaria as estruturas, era...

Jordan fechou os olhos com força.

Intrigante.

Era só isso.

Astrid podia ser linda – parada ali sob o sol da manhã com um terno sob medida, parecendo uma Cate Blanchett mais jovem, mordendo o grosso lábio inferior de um jeito que fazia Jordan retesar as pernas –, mas não era gente boa. Isso estava bem óbvio. Portanto, ser *atraente* ou não era irrelevante.

Jordan com certeza não ficara imune a mulheres bonitas e pessoas não binárias desde o que acontecera com Meredith. Ela as percebia, assim como notava que o ar ficava úmido durante um verão em Savannah ou que seu café havia esfriado. Na maior parte do tempo – a não ser por uma única

noitada malfadada uns seis meses antes –, era só isto: ela observava e não sentia nada, nem queria.

E com certeza não sentia nada naquele momento.

Astrid subiu os degraus, e Pru a chamou para ir ao cemitério de plantas. Ela passou por Jordan sem dizer uma palavra nem sequer lançar um olhar, algo que Simon pareceu notar, porque puxou a irmã para o outro lado da varanda e cutucou a tinta descascada no guarda-corpo. Uma enorme lasca de madeira saiu na mão dele.

– Nossa, este lugar tá caindo aos pedaços – murmurou.

– Daí a reforma – respondeu Jordan, mas sabia como ele se sentia.

Olhando para o quintal – antes exuberante, mas naquele momento praticamente estéril, o lugar para onde ela corria todas as manhãs quando criança, colhendo rosas para os quartos dos hóspedes e procurando caracóis no jardim –, sentiu o coração amolecer. Tinha ficado muito sensível.

– Olha – disse Simon, suspirando profundamente –, a gente precisa que dê certo, tá?

– O que precisa dar certo?

– A reforma. O projeto todo. A vó anda preocupada com isso, com a pousada em geral.

Jordan franziu a testa.

– Como assim a vó anda preocupada?

Ele balançou a cabeça, mas Jordan conhecia o irmão.

– Simon, o que tá rolando?

Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo. Então, *sem dúvida* havia alguma coisa errada. O medo aflorou no íntimo de Jordan.

– O que foi?

Ela quase rosnou quando o irmão não fez nada além de descontar a angústia no guarda-corpo descascado.

– A vó não queria te contar. Você já tem seus problemas.

Ah, faça-me o favor.

– Simon, juro por Deus, se você não começar a falar coisa com coisa, eu arranco a sua língua.

Ele mostrou a palma das mãos.

– Tá bom, tá bom. Credo. – Voltou-se para ela e continuou em voz baixa:
– A pousada está indo mal. Bem mal.

– É... dinheiro?

Ele assentiu.

– Os hóspedes têm sido poucos e muito escassos há mais de um ano. A vó tá cansada, Jordie. Ela é a proprietária da casa, mas, sem renda, não tem como administrar o lugar. Não quer perder a pousada, mas, se não acontecer uma grande mudança...

– Daí a reforma televisionada – concluiu Jordan.

– Daí a reforma televisionada. Infelizmente, a emissora não paga pela reforma em si, então a vovó pediu um empréstimo enorme pra financiar tudo, contando com o impulso nos negócios pra recuperar o dinheiro e depois ter lucro. Se não der certo, se não tivermos muita gente vendo esse episódio que vai trazer uma multidão de hóspedes, aí...

– Merda.

– Exatamente.

Ela apertou o estômago com a mão, tentando manter as entranhas no lugar.

– Por que você não me contou?

Ele a olhou com intensidade.

– Você sabe por quê, Jordie.

Ela trincou os dentes e virou as costas. É, tudo bem, ela andara meio fora de si no último ano. Talvez tivesse deixado muitas coisas em sua vida saírem dos trilhos. E daí?

– Você acha que vou estragar tudo – declarou ela. Não era uma pergunta.

Ele abriu a boca, mas nenhum protesto saiu de seus lábios. Pelo menos, não de imediato. As palavras ficaram ali pairando entre eles por uns bons cinco segundos, uma nuvem cinzenta pronta para derramar a chuva.

– Não é isso – declarou ele por fim.

Ela estalou a língua e olhou para o quintal lateral, uma bagunça de arbustos de flores sem poda e ervas daninhas.

– Só preciso que você e Astrid trabalhem juntas – afirmou ele. – E que

trabalhem bem. Ela é a única designer de interiores da cidade, e a vó gosta dela. Além disso, ela é boa no que faz, então...

– Não bote fogo em nada, é isso que você tá dizendo.

Ele estremeceu. Era exatamente o que estava dizendo, e ambos sabiam disso. Queria a irmã envolvida naquela empreitada, mas só até certo ponto; era isso que estava dizendo. Podiam até fazer piadas sobre a gata comer a cara dela, sobre a confusão que era a vida de Jordan, mas, no fim das contas, a família estava *preocupada*. Eles a amavam, Jordan sabia, mas isso não significava que acreditassem em seus talentos.

– Beleza – disse ela, depois se virou antes que ele pudesse ver a mágoa em seu olhar.

Ele estendeu a mão para a irmã, mas ela se afastou do guarda-corpo e foi na direção da avó, enganchando o braço no dela.

Quando falou, Jordan tratou de realçar o tom com doçura e alegria.

– Vamos entrar, que tal?

Simon franziu a testa, mas ela o ignorou. Mais do que isso, resistiu ao impulso de mostrar o dedo médio, um feito do qual ficou muito orgulhosa naquele momento. Pru afagou o braço da neta, e ela inalou o aroma da avó, água de rosas e hortelã, os cheiros de sua infância. Relaxou, mas só um pouquinho, e se aconchegou na avó. Jordan não queria que ela se preocupasse com nada e não daria nenhuma razão para isso.

– É, estou ansiosa pra ver lá dentro – respondeu Natasha, e gesticulou para uma mulher branca de cabelo rosa-choque com uma grande câmera empoleirada no ombro. – Queremos fazer algumas imagens do tour pra documentar a aparência da pousada antes da reforma. Essa é a Goldie. Ela vai nos seguir um pouco por aí. Mas não esqueçam, é só agir com naturalidade.

– Oi, gente – disse Goldie, e todos a cumprimentaram.

Uma mulher asiática chamada Darcy se aproximou e limpou o delineado borrado de Jordan, depois espalhou pó em todo o rosto dela. Jordan viu Astrid se ajeitar, endireitando o blazer, passando a mão no cabelo.

Astrid cruzou o olhar com o dela, abrindo a boca numa fração de segundo de vulnerabilidade antes que uma máscara de autocontrole cobrisse

seu lindo rosto. De repente, Jordan teve vontade de fazer alguma coisa para arrancá-la dali.

Depois de todos ficarem prontos e Goldie dar o sinal, Simon abriu a porta da frente e um cheiro de ar estagnado veio recebê-los, um odor de madeira centenária e quartos sem uso, o que era estranho, considerando que só tinham fechado a pousada para os hóspedes pouco antes de Jordan chegar, na semana anterior.

Isso a fez imaginar que talvez estivessem fechados muito tempo antes disso e que a família preferira não comentar nada porque ela era *ai-nossa-muito-frágil*.

– Essa entrada é de tirar o fôlego – comentou Astrid, observando a abóbada do teto.

E era mesmo. O saguão de entrada estava escuro e mofado, de fato, mas a estrutura era incrível. Era um espaço amplo, com as escadas em espiral até o segundo andar na frente deles. Um papel de parede floral carmim-rosado cobria as paredes até encontrar os lambris de cerejeira escura que partiam do assoalho original, também de cerejeira. Quem olhasse para cima poderia seguir a escada até uma pequena sacada no segundo andar com vista para o saguão.

Vários sofás e poltronas bergère com estampa floral ocupavam a maior parte da sala de estar, onde o resto da equipe do *Pousadas Adentro* estava montando as câmeras e a iluminação. A sala de visitas ficava à esquerda, atualmente usada como recepção, com uma enorme mesa de carvalho equipada com um computador velho e... meu Deus, aquilo era um arquivo rotativo?

Jordan sabia que a avó empregava exatamente duas pessoas para ajudá-la com a pousada: Evelyn, uma mulher apenas cerca de uma década mais nova que a própria Pru, que cuidava de todas as reservas e dos serviços aos hóspedes, e Sarah, uma mulher na casa dos 50 que atuava como cozinheira e arrumadeira. Havia apenas oito quartos no andar de cima, um número grande para uma casa residencial, mas não para uma pousada. As três se saíam bem desde que Jordan se entendia por gente... mas agora, à luz da revelação de Simon e olhando para aquele arquivo triste e o computador

jurássico, ela sentiu a apreensão aflorar no peito.

– Agora vamos querer iluminar essa área – comentou Astrid, indicando o saguão com um gesto. – Pra fazer a experiência Everwood começar assim que os hóspedes entrarem pela porta.

Sua voz estava perfeitamente calma, até mesmo elegante.

– Sim, concordo – respondeu Natasha.

– Perfeito – disse Simon. – Sabemos que está meio escuro.

Todo mundo estava desempenhando seu papel à perfeição. Não era ótimo?

– E o que é a experiência Everwood? – perguntou Jordan, de olho em Astrid, enquanto cruzava os braços para enfatizar o efeito.

Simon olhou torto para ela, mas sabia que aquela era uma pergunta sensata. Toda reforma tinha uma visão. Jordan só queria saber qual era a de Astrid.

A mulher inclinou a cabeça para Jordan e sorriu.

– Luxo.

– Todo mundo gosta de luxo – interveio Simon, dando um tapinha forte demais nas costas da irmã.

– É o que eu acho – respondeu Astrid com um tom metódico, quase científico, e começou a circular pela área. – Este piso de madeira de lei é lindo e está em ótimo estado, então eu adoraria refazer o acabamento e substituir todos os carpetes da casa por um revestimento semelhante. Vamos tirar o papel de parede, usar uma tinta cinza-azulada e painéis brancos brilhantes por toda parte.

– Tinta cinza com painéis brancos? – retrucou Jordan. – Só isso?

Astrid pigarreou.

– É lógico que não.

– Interessante – comentou Natasha, lançando para Emery um olhar que Jordan não conseguiu interpretar.

Emery se limitou a erguer as sobrancelhas.

– Certo, vamos ver o resto da casa antes de irmos pra sala de estar repassar o projeto – sugeriu Natasha.

Goldie seguiu o grupo até a cozinha escura e atulhada, depois até o

único quarto de hóspedes no térreo, que, literalmente, tinha teias de aranha pelos cantos, e por fim aos quartos do andar superior, incluindo o famoso e assombrado Quarto Azul, onde dizia a lenda que o fantasma de Alice Everwood ainda residia. O tempo todo, Astrid falou de branco isso e cinza aquilo, de modo que, quando todos entraram na sala de estar para ver o projeto de design em si, Jordan já sabia que ia detestá-lo.

– Estou muito animada pra mostrar o que imaginei – anunciou Astrid, depois que voltaram ao térreo.

Ela tirou um iPad de sua bolsa chique e deu um tapinha na capa de couro.

– Ah, que legal – disse Jordan.

Simon murmurou algo que se parecia muito com “Meu Deus do céu” numa voz bem baixa enquanto todos se dirigiam à sala de estar e se sentavam nas poltronas mofadas em volta da mesa de centro. Astrid deixou o iPad na superfície, afastando com cuidado alguns exemplares antigos de revistas de decoração e jardinagem, e tocou em algumas coisas na tela. Emery conversou com a equipe, e todos passaram alguns minutos ajustando a iluminação e os ângulos enquanto Astrid e os Everwoods esperavam. Jordan puxou uma perna para cima da poltrona em que estava, balançando o joelho. De vez em quando, ela e Astrid se entreolhavam, mas nunca por muito tempo.

Pru pousou a mão tranquilizadora na perna inquieta de Jordan. A neta parou no mesmo instante, e a avó piscou para ela. Jordan respirou fundo, tentando se concentrar na felicidade de Pru. Simon tinha razão: precisava dar certo. Não podiam perder Everwood.

– Tá bom, tudo pronto – anunciou Emery. – Quando você quiser, Astrid.

Ela assentiu e abriu no iPad um aplicativo de design de interiores que Jordan reconheceu da sua época com a Dalloway & Filhas.

– Certo, com base nas ideias que Simon e eu discutimos – disse ela enquanto Jordan lançava para Simon um olhar de “Como é que é?”, esperando que Natasha não notasse –, isso é o que tenho em mente pra este andar.

Astrid entregou o dispositivo a Pru.

– Nessa parte, vamos pôr o projeto na tela dos espectadores, só pra você saber – explicou Emery.

Astrid assentiu, e Jordan e Simon se levantaram para ajudar a avó, que obviamente não tinha muita ideia do que fazer com o iPad. Jordan se ajoelhou ao lado dela e a ajudou a aumentar e diminuir o zoom e a girar as imagens em 3-D dos quartos para observá-las de todos os ângulos.

Foi como explorar o site de alguma empresa chique de móveis e artigos de decoração. Tudo era branco e cinza, texturizado com madeiras rústicas, listras e uma almofada com estampa floral aleatória aqui e ali. Havia azulejos de metrô na cozinha, bancadas de mármore branco e cinza, eletrodomésticos de aço inoxidável. Jordan sabia que o estilo era conhecido como “fazenda moderna”. Era luxuoso e clássico ao mesmo tempo. Encantador.

Mas não era Everwood.

A essência de Everwood eram beirais e segredos, vidro fantasia e painéis de cobre, noites aconchegantes em frente à lareira, paredes cobertas por estantes de madeira escura por toda parte. Jordan respirou devagar, tentando manter em mente as palavras que Simon dissera.

– Caramba – comentou Simon.

Jordan esperou que o irmão continuasse, mas ele não disse mais nada. Limitou-se a olhar para as imagens no iPad, cobrindo a boca com a mão como se estivesse imerso em pensamentos sobre a parede de destaque na sala de jantar. Painéis de madeira brancos, nossa, que original.

– Você pediu isso? – perguntou Jordan por fim, encarando Simon.

Ele recuou.

– Temos que modernizar a pousada, Jordie. “Casa sinistra e assombrada” não está mais em alta.

Jordan viu Astrid olhar para a equipe, mas Emery girou o dedo indicador, um sinal óbvio de que deveriam continuar.

– Não estou dizendo que esteja, mas isto aqui não tem nada a ver com a gente – respondeu Jordan.

– É o que *precisamos* ser – argumentou ele. – Pra estar à altura da concorrência.

Ela balançou a cabeça, perplexa com a atitude dele. Aquele projeto não modernizava Everwood. Não atualizava nada. O que fazia era lançar a casa numa metamorfose, transformando-a em algo que Jordan nem sequer reconhecia.

– Vó, o que você acha? – perguntou ela.

– Ah – respondeu Pru. – Isso é...

A mulher franziu a testa; piscou. Jordan sentiu o alívio tomar conta dela. A avó também não tinha gostado. Percebeu isso pelo jeito como ela juntou as sobrancelhas e franziu a boca coberta de batom vermelho.

– É lindo – disse Pru finalmente.

– O quê? – indagou Jordan.

Na verdade, ela falou sem pensar. Simon a encarou de novo, contrariado. Jordan devolveu o olhar que dizia “Você tá mesmo falando sério?”.

Ao que parecia, porém, ele estava. Simon apertou o ombro da avó e comentou:

– É bem moderno.

– É mesmo – concordou Natasha.

Jordan a fitou nos olhos. Havia alguma coisa lá, alguma pergunta, mas ela não tinha a menor ideia do que a apresentadora estava pensando.

– É muito tranquilizador – acrescentou Natasha. – Lembra um spa, coisa que muitos hóspedes andam procurando.

– Luxo – disse Astrid, assentindo para Natasha.

Pru assentiu também, de lábios contraídos.

Putá merda, viu, pensou Jordan.

– Posso fazer qualquer ajuste que vocês quiserem, é lógico – esclareceu Astrid, apontando para o iPad. – São só ideias preliminares. À medida que avançarmos, eu adoraria que participassem da escolha dos tecidos, móveis, eletrodomésticos e tudo mais.

– Claro, querida – respondeu Pru. – Mas tenho certeza de que tudo que você escolher será maravilhoso.

Jordan abriu a boca para protestar. Aquela não era sua avó, que se envolvia muito em *todos* os aspectos da pousada. Sempre tinha sido assim. Afinal, a propriedade era seu xodó, sua *vida*. Aquilo não era correto. Nada

naquela situação parecia certo.

Jordan pousou a mão no braço de Pru.

– Vó...

– Que tal vermos o projeto de alguns quartos de hóspedes? – sugeriu Simon.

Dessa vez, ele nem se preocupou em olhar para Jordan. Simplesmente não a encarou mais enquanto a casa da família se dissolvia numa poça de decoração genérica.

Jordan ficou de boca fechada enquanto o resto do projeto passava diante dela num borrão de branco e cinza, porcelana e vidro. Afinal, isso era obviamente o que a família queria dela, mesmo que o projeto, encantador, moderno e luminoso, fosse terrivelmente inadequado para Everwood. Mas, no fim das contas, o que é que ela sabia? Era só uma carpinteira desempregada com tendência a botar fogo no que não devia.



CAPÍTULO CINCO

FINALMENTE, AS CÂMERAS FORAM DESLIGADAS, as luzes apagadas, e Emery declarou que as filmagens do dia haviam terminado.

Astrid estava suando. Suas axilas pareciam pântanos da Flórida. Só esperava que ninguém tivesse notado. Enxugou a testa, guardando o iPad na bolsa, sem pressa. Todos ao redor dela se levantaram, conversando sobre os planos para o resto da tarde, mas ela precisava de um instante.

Na verdade, precisava de alguns dias.

Sem dúvida, quanto mais cedo saísse dali, mais cedo poderia desabar em seu sofá com uma garrafa de vinho. Nem sabia se ia precisar da taça.

– A demolição começa na quarta-feira, pessoal! – gritou Emery. – Temos muito o que fazer antes disso, incluindo a limpeza com a família na segunda-feira.

Enquanto a equipe se reunia para discutir os pormenores, Astrid não pôde deixar de pensar que tudo aquilo era muito surreal, tudo envolto num ar de sonho. E Jordan Everwood com sua óbvia antipatia – ou seria ódio? – pelo projeto dela não ajudava em nada.

Ninguém *nunca* detestara um de seus projetos. De fato, Everwood era

diferente de qualquer imóvel em que já tivesse trabalhado. A maioria dos clientes era da estirpe de sua mãe, pessoas que desejavam que seus espaços refletissem o que viam nas revistas e na TV. Queriam a sala de estar da Reese Witherspoon e o quarto da Nicole Kidman.

Luxo. Brilho. Modernidade.

E Astrid sempre dava o que queriam. Afinal, tinha crescido naquele tipo de casa, decorada pela própria Lindy Westbrook. Mas o mais importante era que esse era o estilo que Simon e Pru desejavam. Jordan que calasse a boca e cuidasse dos armários.

Ao ter um pensamento tão cruel, Astrid estremeceu, mas, sinceramente, estava ficando sem forças, e depressa. Levantou-se e pendurou a bolsa no ombro. Estava indo na direção de Pru para se despedir quando Natasha chamou seu nome.

– Astrid, Jordan, podemos conversar um pouco? – perguntou a apresentadora, indicando o lugar onde ela e Emery estavam, ao lado da lareira verdadeiramente horrorosa, que era puro latão e fuligem.

– Claro – respondeu Astrid, aproximando-se.

Sentiu Jordan atrás dela e tentou se preparar.

– O que foi? – disparou Jordan, abrindo bem as pernas e cruzando os braços.

Nossa, aquela mulher exalava autoconfiança. Astrid endireitaria a postura, mas sabia que já parecia uma vareta perfeitamente ereta.

– Então – disse Natasha, sorrindo para as duas –, como vocês se sentem a respeito da primeira filmagem?

– Estou bem – respondeu Astrid no automático, porque com certeza não ia falar o que pensava de fato, algo como “Foi um show de horrores”.

Jordan, porém, não tinha tais reservas.

– Nhé – reclamou.

– Conte mais sobre isso – pediu Natasha, e Jordan riu.

– Falou, Dra. Rojas.

Astrid travou a mandíbula. A liberdade excessiva no tom de voz de Jordan a deixou nervosa. Aquela era *Natasha Rojas*, pelo amor de Deus.

Mas Natasha só deu risada.

– Terapia não faz mal a ninguém.

Jordan estendeu o punho para cumprimentá-la com um soquinho, e Natasha retribuiu o gesto alegremente.

A mandíbula de Astrid se travou mais uma vez. Não tinha a menor dúvida: naquela noite, ia precisar dormir com o protetor bucal.

– O projeto não é o que eu esperava – explicou Jordan depois de terminar aquela demonstração de camaradagem calorosa e vaga.

– Você não gostou – concluiu Natasha.

– Não. – Jordan olhou de relance para Astrid. – Não gostei.

Astrid apertou a bolsa. Se ela fosse uma tira de borracha, já teria se partido em vários pedaços.

– Foi o que Pru e Simon pediram – declarou ela com firmeza.

– Eu também não sou uma Everwood? – rebateu Jordan.

Astrid então fitou os olhos dela. Procurou algum sinal de suavidade, mas não encontrou. Aos negócios, então.

– É, mas não foi você quem assinou meu cheque do adiantamento nem, presumo, quem vai assinar meu último cheque quando tudo acabar.

Jordan abriu a boca. A língua apareceu para lamber o farto lábio inferior. Astrid teve que se esforçar para não acompanhar sua trajetória com os olhos. Voltou-se para Natasha, que observava as duas com a mão cobrindo a boca e um olhar *satisfeito*, que a fez franzir a testa.

– Isso é perfeito – disse a apresentadora, e deu um tapinha carinhoso no braço de Emery. – Você não acha?

– Perfeito – concordou Emery, com um brilho nos olhos castanho-claros. – Vai deixar o programa muito mais interessante.

– Desculpe – interveio Astrid, balançando a cabeça. – Como assim?

Natasha gesticulou na direção de Astrid e Jordan.

– Essa tensão entre vocês, essa... digamos, leve animosidade? É uma maravilha.

Astrid só conseguiu piscar, confusa, e repetir:

– Uma maravilha.

Natasha assentiu, depois juntou as mãos como se estivesse rezando.

– Eu me orgulho da autenticidade. Não gosto de fabricar emoções na

tela, e por isso mesmo também não censuro as minhas. Mas... bom, estamos gravando um programa de TV, e o público adora conflito.

– Ou seja...? – disse Jordan em tom de pergunta.

– Ou seja: nada de se conter – respondeu Natasha. – Expressem o que estão sentindo. Eu diria até pra aumentar o nível de tensão, mas vocês decidem. Pelo jeito, já temos o suficiente pra deixar o processo todo bem intrigante. A chefe de carpintaria, ninguém menos que uma Everwood, e a chefe de design... em rota de colisão.

– Não estamos em rota de colisão – argumentou Astrid.

– É uma delícia! – exclamou Natasha, parecendo ignorar o protesto de Astrid. – Meu conselho é explorar isso.

Astrid sentiu a bile subir à garganta. Aquilo não podia estar acontecendo. Não era assim que ela fazia negócios. Ela chegava, realizava seu trabalho e saía. Não se envolvia em drama nenhum. Mal deixava suas emoções transparecerem num projeto. Elas prejudicavam o discernimento e não tinham espaço num relacionamento profissional.

– Olha – insistiu ela, pronta para explicar por que aquilo não ia funcionar para ela de jeito nenhum. – Não acho que...

– Eu topo – anunciou Jordan, olhando de soslaio para Astrid. – Vamos nessa.



Naquele dia, Astrid mal havia trancado o escritório da Bright Design às cinco da tarde em ponto quando começaram a pipocar mensagens de texto no grupo das amigas.

Bora pra Taverna da Stella? Já tô aqui com a Jillian.

Iris. Óbvio que era Iris, chamando-as para ir ao único bar de Bright Falls para curtir uma noite de música country e cerveja ruim.

Eu topo, escreveu Claire. Além disso, temos que saber tudo sobre o grande dia da Astrid!

Se tiver bourbon, eu vou, foi a mensagem de Delilah.

Lógico que tem, amor, disse Claire.

Você fala como se fosse óbvio, mas me lembro muito bem que a Taverna ficou sem o meu Bulleit em outubro, respondeu Delilah. Esse dia foi horrível.

Leve sua própria bebida, Del, sugeriu Iris.

Pra um bar?, perguntou Delilah. Que audácia!

Claire mandou um emoji de lágrimas de alegria enquanto Astrid via as palavras tomarem conta da tela. Sabia que as amigas queriam vê-la, saber como haviam sido a filmagem e a reunião com Natasha Rojas. Mas, enquanto procurava as chaves na bolsa, a ideia de ficar num bar barulhento e reviver aquele dia horroroso palavra por palavra – e, principalmente, contar que a mulher do café no final era Jordan Everwood – parecia um soco no estômago.

Entrou no carro e foi para casa sem responder. Precisava pensar num jeito de administrar a situação, porque, se demonstrasse quanto estava se sentindo mal naquele momento, as três mulheres se materializariam na sala de estar dela antes mesmo que pudesse tirar os sapatos dos pés doloridos.

Na hora em que passou pela porta da frente e acendeu algumas luzes, o telefone estava vibrando quase sem parar dentro da bolsa.

Astrid?

Você tá vindo?

Vou pedir um Riesling pra você!

Astrid?

DESAstrid.

Ela suspirou, os polegares pairando acima do teclado. Exaustão? Isso não faria Iris deixá-la em paz. Cólica menstrual? Não, já estava praticamente

vendo Iris enfiar uns comprimidos de ibuprofeno nas mãos dela.

Enxaqueca. Podia dar certo. Nunca tivera enxaqueca, mas, se algum dia de sua vida poderia causar uma dor lancinante atrás dos olhos, seria aquele.

Acho que estou tendo minha primeira enxaqueca, digitou antes de pensar demais.

Ai, não!, respondeu Claire na mesma hora.

Então deu ruim lá?, perguntou Delilah, porque, obviamente, para ela Astrid era transparente como uma folha de celofane.

Foi tudo bem, disse Astrid. Só preciso de silêncio e de um quarto escuro.

Que chatice, comentou Iris.

Iris, faz favor, né, respondeu Claire.

Desculpa aí, disse Iris. Precisa de alguma coisa?

Astrid digitou depressa um sereno “Não, obrigada” e desligou o telefone antes que alguém pudesse responder. Não era tudo mentira. Sua cabeça estava *mesmo* latejando, e a sala de estar escura, com suas cores neutras e tranquilizadoras, parecia chamá-la como os portões dourados do paraíso.

Depois de vestir uma regata e uma legging, ela se serviu de uma taça de vinho branco e se acomodou no sofá, expirando enquanto o corpo afundava nas almofadas. O dia se acomodou com ela, com tudo o que acontecera derramando-se dentro do peito, espesso e incômodo. Repassou os acontecimentos várias vezes, desde a expressão horrorizada de Jordan naquela manhã, quando a esculhambara na frente do café, até o desprezo óbvio da mulher pelo projeto.

Passou tempo demais pensando nisso – em Jordan revirando os olhos e franzindo a boca diante das propostas de Astrid, no jeito como flexionava os bíceps magros mas tonificados quando cruzava os braços...

Astrid balançou a cabeça na esperança de expulsar Jordan de seus pensamentos, mas tudo o que ela mesma devia ter feito de diferente passou por sua mente como uma compilação de erros de filmagem, fracasso atrás de fracasso. O peito se apertou ainda mais, aquela sensação familiar de pânico que experimentara pela primeira vez aos 10 anos ao tentar fazer a mãe sorrir em meio ao luto.

Ao tentar e fracassar.

Endireitou os ombros. Levantou a cabeça. Só precisava se concentrar.

Tirou o laptop da bolsa e o abriu, e a luz da tela tomou conta da sala como um fantasma inoportuno. Acessou o e-mail, pronta para responder a todas as muitas mensagens que sem dúvida tinham chegado ao longo do dia enquanto apresentava seu projeto para Everwood.

Então ficou diante do único e-mail novo em sua caixa de entrada.

Um só.

E era da mãe dela.

Os negócios não andavam muito bem nos últimos tempos. Isso ela conseguia admitir – pelo menos para si mesma, na quietude da mente –, mas a situação já estava ficando medonha. Estava acostumada a receber pelo menos vinte e-mails por dia: empreiteiros perguntando sobre o próximo projeto, clientes em potencial consultando-a a respeito de uma sala de estar sem graça, clientes atuais enviando links de painéis semânticos no Pinterest e fotos de algum castiçal antigo que viram na feirinha de rua em Sotheby.

Ela desabou de novo nas almofadas, com pânico e algo mais tomando conta do peito. Expirou, fechou os olhos. Alívio. Era isso o que sentia. O que não fazia o menor sentido, porque adorava trabalhar. Era o que a empolgava. Ultimamente, a não ser pelas melhores amigas apaixonadíssimas, o trabalho era a única coisa que Astrid tinha.

Sentou-se ereta e endireitou a postura, determinada a passar a noite procurando projetos em potencial que pudesse apresentar, quando viu o e-mail da mãe outra vez. O campo do assunto dizia “Interessante”. O medo logo substituiu todas as outras emoções.

Ela tomou mais um gole de vinho – não, dois –, apenas para se preparar. Talvez fosse um possível trabalho. Talvez fosse um link para um vestido que a mãe achava que cairia bem em Astrid. Talvez...

Ela abriu a mensagem, pronta para acabar com aquilo de uma vez. Não dizia nada, só continha um único link grifado em azul. Ela clicou nele e uma foto se abriu na tela, tão grande e em definição tão alta que todo o corpo de Astrid recuou, alarmado.

– Meu Deus! – exclamou para a casa vazia.

Estava olhando para um homem branco com dentes perfeitos, cabelos dourados e camisa azul muito bem passada. Ele estava de pé ao lado de uma

mulher branca e loira que obviamente havia passado por procedimentos ortodônticos tão caros quanto os dele na juventude. O cabelo dela brilhava em ondas suaves ao redor do rosto lindamente maquiado, e os olhos eram azuis como o céu no verão. Astrid não identificou exatamente onde estava o ex-noivo – num restaurante, talvez, ou quem sabe num vinhedo –, mas o anel de diamante na mão esquerda da mulher era inconfundível.

Na mesma época, no ano anterior, aquele diamante brilhara na mão da própria Astrid.

A foto estava no topo de um artigo na seção de estilo de vida do jornal *Seattle Times*, com um bloco de texto logo abaixo:

Poucas pessoas entendem melhor a dificuldade de encontrar o amor verdadeiro do que o Dr. Spencer Hale, de 33 anos. Depois de passar por uma separação dolorosa com uma certa Astrid Parker, de Bright Falls, Oregon, o Dr. Hale fugiu para Seattle para cuidar do coração partido.

“Vim aqui para me curar”, relata o Dr. Hale. “Não esperava descobrir o que é o verdadeiro amor.”

Astrid sentiu toda a cor se esvaír do rosto. O vinho se revirou no estômago vazio, uma mistura ácida que ameaçava voltar à garganta. Sabia que deveria fechar o laptop de uma vez, levantar-se e tomar um banho. Melhor ainda, ir para a Taverna da Stella e quem sabe tomar umas doses de destilado pela primeira vez na vida. Não deveria, sob nenhuma circunstância, continuar a ler aquele artigo. E Astrid era muito, muito boa em fazer o que deveria fazer.

Geralmente.

Seus dedos rolaram a matéria, revelando mais sobre a jornada do Dr. Hale rumo ao amor eterno.

O Dr. Hale, dentista de sucesso em Capitol Hill, conheceu sua noiva num dia de chuva em setembro, quando Amelia Ryland, 24 anos, entrou no consultório dele em busca de uma limpeza dentária.

“Os dentes dela estavam perfeitos”, declara o Dr. Hale, rindo ao passar o braço em volta de Ryland. “Naquela hora eu já devia ter percebido que ela era a mulher certa pra mim.”

Depois do casamento, em junho, Ryland, que se formou recentemente em Vassar e conta com uma fortuna familiar que rivaliza com a dos Vanderbilts, pretende se dedicar ao trabalho voluntário e se preparar para a família do casal, que já está prestes a aumentar...

Astrid finalmente fechou o computador. Estava respirando com tanta dificuldade que sentia as narinas dilatadas.

... descobrir o que é o verdadeiro amor.

... a família do casal, que já está prestes a aumentar.

Serviu mais vinho, mas depois ficou só segurando a taça, incapaz de virá-la enquanto tentava analisar seus sentimentos. Queria observar a nova noiva de Spencer, com toda a sua beleza de pele sem poros e batom perfeito, e não sentir nada além de uma onda de alívio porque a mulher na foto não era a própria Astrid.

Era o que mais *queria* sentir.

Mas não era o que sentia. O sentimento era outro. Na verdade, eram vários. Arrependimento, felizmente, não era um deles. Também não tinha inveja da noiva de Spencer. Na verdade, sentia uma pontadinha de apreensão quanto ao futuro da mulher, porque ele era o pior tipo de babaca controlador, que manipulava as pessoas com quem se relacionava sem nunca deixar de sorrir. Então, não, não tinha inveja da mulher.

Ainda assim, seu coração e sua mente não ficavam indiferentes quando ela pensava em Spencer. Não eram observadores imparciais. Ali, em sua sala de estar escura, pensando em como o único e-mail do dia era de sua mãe, trazendo notícias da felicidade do ex-noivo com outra mulher, Astrid tentou entender o porquê.

Ou melhor, tentou *ignorá-lo*. Porque já sabia. Ah, conhecia muito bem aquele sentimento de inadequação, o impulso constante no peito que a obrigava a ser mais, tomar as decisões certas, conquistar o maior cliente,

casar-se com o homem certo.

Interessante, dissera Isabel sobre a notícia de Spencer. Mas, enquanto voltava a abrir o laptop, fechando o artigo e começando uma busca por vendas recentes de imóveis na região, Astrid sabia que não era isso que a mãe realmente queria dizer.



Naquele domingo, Astrid parou em frente à Casa das Glicínias, com as flores roxas que valeram o nome da casa de sua infância pendendo sobre a fachada de tijolos de terracota. Engraçado como uma coisa tão simples quanto entrar por uma porta podia ser extremamente complicada, uma teia de nós que ela não sabia se um dia conseguiria desembaraçar. Poderia se preocupar com a possibilidade de a mãe estar olhando enquanto andava para lá e para cá na calçada, mas isso não era do feitio dela. Isabel Parker-Green não procurava ninguém. Eram as pessoas que a procuravam.

Astrid endireitou os ombros e pôs um dos pés com sapato de salto no primeiro degrau. Ela era capaz. Aquilo era um brunch, pelo amor de Deus, não um tratamento de canal, embora as duas coisas parecessem se fundir no pavor que crescia em seu íntimo.

Colocou o pé de volta na calçada.

Pegando o telefone, mandou uma mensagem para a única pessoa que entenderia sua situação ridícula naquele momento.

Explica de novo como é que você faz isso?, escreveu para Delilah.

Como faço o quê?, respondeu Delilah na mesma hora.

Como entra na nossa casa.

Ah, tá. É fácil. Faço de tudo pra não entrar.

Astrid bufou. *Mas e se tiver que entrar?*

Aqueles três pontinhos apareceram na tela... e sumiram. Depois,

voltaram antes de um emoji de bourbon chegar, seguido pelo de vinho, depois o de martíni e, por fim, o emoji de cerveja.

Você detesta cerveja, escreveu Astrid.

Na hora do desespero...

Astrid quase abriu um sorriso. Bom, eu não trouxe nenhuma garrafa na bolsa.

Então arranja uma.

Você não está ajudando em nada.

mandando uma garrafa pra você

Astrid riu. O estranho é que aquela conversa bizarra *estava* ajudando um pouquinho. Sentiu o peito um pouco menos tenso – o bastante para respirar fundo e finalmente pôr o pé no primeiro degrau de novo. Um passo de cada vez.

Claire quer saber se você quer que a gente vá praí, disse Delilah.

Astrid sorriu. Era bem típico de Claire oferecer reforços para a amiga suportar o brunch tradicional de domingo com a mãe. Por um segundo, pensou em aceitar. Detestava que as interações com a mãe tivessem ficado tão complicadas. Depois que cancelara o casamento em junho do ano anterior – em que Isabel investira dezenas de milhares de dólares e para o qual convidara todas as pessoas ricas com quem já estivera neste mundo de meu Deus –, o relacionamento delas tinha passado de amigável a frio e cortês.

Porque Isabel Parker-Green era educada acima de tudo, até mesmo com a filha que só a decepcionava.

Não precisa, escreveu Astrid por fim.

De jeito nenhum tinha a intenção de submeter sua melhor amiga àquele horror. Não queria nem que Delilah tivesse que passar por aquilo, e olha que nem gostava tanto de Delilah.

Mas diga pra Claire que agradeço, digitou.

Levanta a cabeça e se joga, respondeu Delilah.

Astrid revirou os olhos enquanto guardava o telefone na bolsa, mas percebeu que erguia a cabeça de fato e estufava um pouco o peito enquanto subia os degraus e praticamente se jogava porta adentro num movimento apressado.

O interior estava silencioso e gelado, como sempre. Estranhamente, o cheiro de lavanda misturada com alvejante e as paredes brancas a reconfortaram e desarmaram ao mesmo tempo. Foi até a cozinha enorme, toda reluzente em branco e aço inoxidável, antes de avistar a mãe no deque dos fundos, o cabelo tingido de loiro com corte chanel brilhando ao sol da manhã enquanto bebia uma mimosa bem dourada.

– Está atrasada.

Essas foram as primeiras palavras que saíram da boca dela quando Astrid se aproximou.

– Desculpe – respondeu Astrid, sentando-se numa cadeira em frente a Isabel.

Uma mimosa intocada esperava por ela, graças a Deus, e uma incrível refeição de ovos beneditinos, frutas frescas e croissants amanteigados que a própria Isabel nunca comeria.

– Ficou presa no trabalho? – perguntou Isabel, servindo-se do café que estava em uma garrafa de aço inoxidável.

– Sim – mentiu Astrid. – Ando muito ocupada.

Outra mentira. Se bem que passara o sábado inteiro dissecando seu projeto para Everwood, procurando falhas. *Algo* em seu planejamento fizera Jordan Everwood franzir a testa e bufar, mas não conseguira descobrir o que era de jeito nenhum. Seus modelos atuais eram exatamente o que Pru e Simon haviam pedido. Minimalistas, modernos, elegantes. A especialidade de Astrid.

Ela olhou ao redor, para além das portas francesas que levavam para dentro da residência, assimilando tudo o que havia de *moderno* e *elegante* na casa da mãe. Por uma fração de segundo, uma farpa de dúvida se cravou debaixo de sua pele – aquela sensação repentina de pânico que às vezes

sentia até mesmo na própria casa, igualmente *moderna e elegante*, como se de repente tivesse sido largada numa vida que não reconhecia –, mas descartou o sentimento.

– Ah, imagino – respondeu Isabel, reclinando-se na cadeira.

Usava óculos escuros enormes, o que era enervante porque Astrid não sabia se estava sendo escrutinada ou não. Era melhor presumir que sim e agir de acordo.

– Muitos projetos em andamento? – perguntou Isabel.

Astrid bebeu um gole da mimosa educadamente.

– Vários – respondeu, assentindo com vigor. – Projetos bem interessantes.

Isabel franziu os lábios.

– Ou é apenas um projeto, que você parece ter iniciado humilhando a amada neta da cliente em público, bem no centro da cidade?

Astrid ficou paralisada com a taça fria encostada à boca. Droga de cidade pequena! Sua mãe tinha espiões por toda parte.

Isabel suspirou e serviu uma colher de frutas de cores vibrantes em seu prato.

– Astrid.

Pronto. Um suspiro ensaiado acompanhou o nome dela, o que sempre indicava que um sermão estava a caminho, proferido com calma e habilmente disfarçado de preocupação materna.

– Você sabe que quero o melhor para você – continuou Isabel.

– Sei – respondeu Astrid, como de costume.

Ela manteve a expressão impassível, mas, por dentro, o estômago parecia um poço de cobras enfurecidas.

– Se quer que a levem a sério, tem que agir de acordo.

Astrid assentiu.

– Gritar com alguém em público nunca é apropriado, não importa o que a pirralha tenha feito para merecer isso.

– Eu sei.

Pegou um croissant enquanto os olhos de Isabel acompanhavam o movimento da mão da filha. Astrid deixou o croissant no prato.

– Conheço Pru Everwood há muito tempo – prosseguiu Isabel. – Os netos, acredito que sejam gêmeos, viviam desgrehados quando estavam aqui, no verão, correndo por aí descalços, com o cabelo embaraçado e as unhas cheias de terra.

Ah, não, cabelo embaraçado e terra, não.

Astrid tomou mais um gole recatado da bebida. Não tinha nenhuma lembrança de Jordan e Simon na infância, mas isso não a surpreendia. Pelo que Isabel dizia sobre eles, de lábio encurvado para baixo e um toque de desprezo na voz, havia poucas chances de sua mãe tê-la deixado brincar com qualquer criança que não calçasse um par de sapatos antes de sair de casa.

– Seja como for – ressaltou Isabel, dando uma mordidinha de nada num morango –, o seu comportamento se reflete nos seus negócios e também em mim. Não preciso lhe dizer que esse projeto é importante. Pode alavancar sua carreira ou enterrá-la. Espero o melhor, e você também deveria.

E lá vem...

– Principalmente depois do desgosto do ano passado. Você não pode se dar ao luxo de perder o trabalho em Everwood, e nós duas sabemos disso.

Isabel se inclinou por cima da mesa e afagou a mão de Astrid. Ao retirar a mão, levou o croissant do prato da filha de volta à travessa.

– Lindy construiu a empresa com as próprias mãos – acrescentou a mãe.

Astrid lutou contra o impulso de revirar os olhos. Lindy Westbrook era uma das melhores amigas de Isabel, se é que ela era mesmo capaz de fazer amizades, algo de que Astrid duvidava.

Fosse como fosse, quando Lindy, aos 51 anos, decidira deixar a empresa para se dedicar a outros empreendimentos imobiliários com seu quarto marido na Costa Oeste do país, Astrid tinha acabado de voltar da faculdade com um diploma em administração de empresas. Antes mesmo de saber o que estava acontecendo, concordara em assumir a Bright Designs. Na época, era uma millennial de 21 anos e ficara muito grata por conseguir um emprego, e ainda por cima um que era interessante. Gostava de design de interiores e pareceu se dar bem no ramo, se suas primeiras semanas trabalhando ao lado de Lindy servissem de prova, e tinha talento para detalhes e organização.

Também sabia abrir um sorriso lindo e agradar os clientes, o que, como Lindy dissera mais de uma vez, era meio caminho andado.

Então Astrid havia sorrido e agradado. Mantivera a empresa em funcionamento e, sempre que Lindy voltava à cidade com seu cabelo prateado chiquíssimo e seus ternos imponentes, parecia contente com o trabalho de Astrid, com a clientela e os projetos, a maior parte extremamente *moderna e elegante*.

Oficialmente, Lindy não era mais dona da empresa, mas isso não queria dizer que não tinha um legado. Isabel dizia que era importante contar com a aprovação dela, ainda que Astrid fosse dona de 49 por cento da Bright Designs.

Os outros 51, obviamente, pertenciam a Isabel. Astrid poderia ter comprado a empresa toda já aos 22 anos se tivesse arranjado os documentos certos – tinha dinheiro num fideicomisso que o pai deixara para ela ao morrer, mas Isabel cuidara para que a filha não tivesse acesso irrestrito à quantia antes dos 35 anos. A mãe dizia só querer ajudar.

– Posso oferecer apoio financeiro enquanto você constrói sua carreira. – Foram as palavras de Isabel na época. – Não precisa tirar da sua poupança, a não ser em caso de extrema necessidade.

Óbvio que Astrid logo entendeu que aquele era apenas mais um jeito de Isabel manter o controle sobre a vida dela. Mas tinha acabado de terminar a faculdade. Administrar uma empresa era novidade. E Isabel era sua mãe, a única responsável por ela durante a maior parte de sua vida. Queria agradá-la. Queria que a mãe sorrisse para ela, pusesse o braço em volta de seus ombros e a aconchegasse.

Ainda queria, para ser sincera.

– A Pousada Everwood é um tesouro nacional – afirmou Isabel. – E está em maus lençóis, então, se você quiser ajudar...

– Como assim em maus lençóis?

Isabel ergueu uma única sobrancelha – habilidade que Astrid não herdara – e franziu os lábios. Não gostava que a interrompessem, e de repente Astrid sentiu que voltara a ter 8 anos e estava fazendo aulas de etiqueta.

– Desculpe – disse Astrid. – Não sabia que Everwood estava com problemas.

Isabel assentiu.

– Pelo que eu soube, os negócios vão mal. Pru fechou a pousada há um mês.

Astrid piscou, surpresa.

– Eu nem imaginava.

– Então agora você entende por que é fundamental ter sucesso nesse projeto. Bright Falls não quer perder Everwood para uma rede de hotéis qualquer nem para uma família que não honre a história do lugar. A pousada é parte do legado da cidade. A Bright Designs precisa ajudar a salvá-la. Não jogue fora essa oportunidade de conquistar a vida que você deveria ter por causa de um breve momento de descontrole.

Astrid se limitou a assentir e terminar a mimosa, as bolhas queimando sua garganta a caminho do estômago. *A vida que você deveria ter* era um dos bordões preferidos da mãe. Aquelas palavras sempre imbuíam Astrid com um senso de propósito, de destino, mas, ultimamente, só a faziam listar todos os momentos importantes de sua vida e se perguntar: *Quando foi que decidi isso?*

– Então, diga – continuou Isabel, finalmente tirando os óculos escuros e sorrindo, ansiosa, como se não tivesse acabado de servir todos os fracassos do passado e expectativas atuais de Astrid numa bandeja e convidado a filha a engolir tudo. – Viu o artigo sobre Spencer que mandei para você? Achei muito interessante, se quer saber. Amelia Ryland é lindíssima, não é? Você sabe quem são os parentes dela, não sabe? Das Drogarias Ryland? É tanto dinheiro naquela família, impressionante. Acredito que a própria Amelia seja...

Astrid parou de prestar atenção nas palavras da mãe sobre os predicados de Amelia, agarrou o croissant antes que Isabel pudesse piscar e deu uma mordida enorme, sem um pinga de delicadeza.



CAPÍTULO SEIS

JORDAN SABIA QUE PREPARAR uma casa para demolição era um trabalho quase tão intensivo quanto a demolição em si, só que aquele em especial incluía um passeio em meio a inúmeras lembranças, exigindo escolher o que guardar e o que mandar embora, tudo com uma mulher de 80 anos que decididamente não queria se desfazer de nada.

E uma equipe de TV completa.

Naquela manhã de segunda-feira, seria apenas a família, além de Emery, Goldie atrás da câmera e Patrick cuidando da iluminação da cena. Natasha estava na casa, mas trabalhando em seu laptop na cozinha. Astrid, felizmente, não estava lá.

– Não posso vender esse guarda-roupa – disse Pru.

Ela, Jordan e Simon estavam no famoso Quarto Azul, com câmeras e luzes apontadas para eles. O programa não planejava filmar a limpeza de todos os quartos, mas óbvio que filmariam a daquele.

– É original, veio com a casa – insistiu a avó.

– E é feio pra caramba, vó – afirmou Simon.

Jordan deu-lhe um tapinha no peito com as costas da mão, apesar de ele

ter razão. O móvel parecia saído de *A Bela e a Fera*, prestes a começar a cantar a qualquer momento. Era mais alto até do que Simon, que tinha quase 1,90 metro, e ostentava vários adornos na superfície sólida de carvalho, incluindo volutas que Jordan achava que estivessem lá para imitar folhas e, no alto, uma cabeça de leão gigante que parecia avaliar a conversa da família com óbvio desprezo.

– Ele pertenceu a Alice Everwood – contou Pru, acariciando a porta rangente da peça. – E quando...

– ... Alice soube da traição do amante – emendou Simon –, ela se trancou dentro desse armário e se recusou a sair por três dias. A gente sabe, vó. Mas, se você quer modernizar a casa, não podemos ficar com todas as relíquias fantasmagóricas.

– Então não vamos modernizar – concluiu Jordan.

Simon lançou um olhar à irmã que poderia perfurar uma lata de refrigerante.

– Legal – disse Emery em tom suave, fora das câmeras. – Está ficando ótimo, gente. Continuem assim.

– Que foi? – perguntou Jordan, olhando para o irmão, sem hesitar.

Era esquisito ter câmeras por toda parte, mas o que Natasha tinha dito era verdade: bastava se concentrar no trabalho e tudo daria certo. Acontece que o trabalho *dela* era torrar a paciência do irmão, e continuou:

– É uma peça histórica, Simon.

– Só que de uma história triste – retrucou ele. – Nada mais.

Alice Everwood era filha dos proprietários originais da casa Everwood, James e Opal. Além disso, era a Dama Azul, o infame fantasma da pousada. Ao descobrir que seu amado – muito provavelmente algum babaca privilegiado que só queria se enfiar debaixo das anáguas dela antes que os pais dele o fizessem se casar com uma mulher mais rica – estava noivo de outra, ela nunca mais saía de casa e sempre usava um pingente com uma pedra de lápis-lazúli de um tom anil intenso em volta do pescoço. Tinha 18 anos na época e acabara morrendo de tuberculose na flor da idade, aos 23, mas a maioria das pessoas em Bright Falls acreditava que, na verdade, a moça morrera por conta do coração partido.

O suor brotou acima do lábio superior de Jordan, tomada, de repente, pelas semelhanças entre ela e Alice Everwood. As duas tinham sido deixadas pelas pessoas que mais amavam. Ambas ficaram de coração partido. E eram igualmente reclusas. Pelo menos, esse fora o caso de Jordan apenas duas semanas antes. Sua casa em Savannah era um túmulo de embalagens vazias de sorvete Ben & Jerry's e caixas de pizza mofadas. Tudo bem que ela não tinha se trancado num guarda-roupa, mas quem sabe a que tipo de medidas poderia ter recorrido se Simon não tivesse aparecido para arrastá-la até o Oregon?

Jordan estendeu a mão para o móvel. Assim que a ponta dos dedos tocou a madeira, um pequeno choque elétrico faiscou entre eles.

– Ai, merda! – exclamou, tirando a mão de uma vez. – Desculpa – murmurou, estremecendo e olhando para Emery, que riu.

– Não esquentar – disse Emery.

– Virem? – insistiu Pru, gesticulando em direção àquela monstruosidade, parecendo ignorar o público. – Alice não quer que a gente leve o guarda-roupa.

– Vó, fala sério – protestou Simon.

A avó pareceu ofendida.

– Em se tratando de Alice Everwood, eu *sempre* falo sério.

Desde a morte de Alice, em 1934, houvera... ocorrências, barulhos dentro daquele quarto, como pés descalços pisando o assoalho, a porta do guarda-roupa se abrindo e fechando no meio da noite, e uma janela perfeitamente fechada e trancada amanhecendo, de alguma forma, aberta. Segundo conta a lenda, Alice gostava de tomar um pouco de ar fresco e observar as estrelas, devaneando sobre seu amor perdido.

A narrativa de Alice e de seu suposto fantasma eram mais do que uma história triste. Eram parte fundamental da infância de Jordan e Simon. O fato de ele não se incomodar em apagá-la era quase imperdoável.

Naquele momento, mais do que nunca.

Pru suspirou e encarou o guarda-roupa.

– Acho que posso ver se a Sociedade Histórica de Bright Falls quer esse móvel.

– Vó, você não pode dar o guarda-roupa da Alice – disparou Jordan. – O que ela vai... Quer dizer... ela ainda *abre* a porta. Ou alguma coisa assim. Ela precisa do guarda-roupa.

– “Ou alguma coisa assim”? – perguntou Simon. – Jordan, deixa disso, vai.

Mas dessa vez Jordan não podia ceder. Não existia Everwood sem a Dama Azul. Alice era o coração do lugar. Era parte da razão pela qual as pessoas se hospedavam lá, e todo o motivo pelo qual o *Pousadas Adentro* se interessara pela pousada, para começo de conversa. Lógico que aquele quarto – na verdade, todos eles – eram antiquados e espalhafatosos, com suas cortinas de veludo pesadas e cheias de franjas e as camas com dossel gigantes, os móveis feios e aquele papel de parede floral pavoroso –, mas remover todos os vestígios da história não era a solução.

Assim como a tinta cinza e a porcaria dos azulejos de metrô também não eram.

– Jordan – falou Simon baixinho. – Vai ser assim. Tá?

Jordan o ignorou e se dirigiu à avó:

– Você acha mesmo que essa é a decisão certa?

Pru abriu a boca, mas não respondeu. Olhou para o guarda-roupa, depois para o quarto como um todo. Jordan podia jurar que viu certo brilho nos olhos da avó, mas logo ela deu de ombros e assentiu.

– Acho – respondeu Pru. – Seu irmão tem razão, meu bem. Sei que é difícil, mas temos que dar um ar de modernidade a este lugar. Preciso aprender a me desapegar das coisas, e você também.

Jordan não iria perturbar Pru se soubesse que era isso que a avó realmente queria, mas, no fundo, a jovem sabia que a decisão estava errada.

Além do mais, Natasha pedira que explorassem a tensão, certo? Emery inclusive dissera que a rebeldia de Jordan – se é que ela tinha entendido bem as entrelinhas – era o que deixaria o programa interessante. E um programa interessante poderia salvar Everwood.

– Podemos atualizar e modernizar sem apagar tudo o que Everwood representa – argumentou ela. – Deixa o guarda-roupa comigo. Vou reformar. Posso adaptar ele pra combinar com... – e quase se engasgou com

o nome, mas continuou a falar quando percebeu o discretíssimo sinal de positivo que Emery fazia para ela – o que *Astrid* planejou.

– Jordan – insistiu o irmão –, não podemos reformar cada um dos...

– Tudo bem – concordou Pru, interrompendo Simon com um tapinha gentil no braço. – Vamos ver o que você vai inventar.

Jordan respirou aliviada.

– Obrigada.

Colou uma nota adesiva azul no guarda-roupa, indicando aos carregadores que chegariam no dia seguinte que a família ficaria com o móvel. Pediria que o levassem até o galpão empoeirado atrás do chalé, que ela já começara a esvaziar para usar como oficina.

Enquanto continuavam a vagar pela casa, classificando as peças com notas adesivas de cores diferentes, Jordan colou mais das azuis do que qualquer outra.

– Sua oficina não é o Louvre – comentou Simon quando ela fixou uma nota numa antiga escrivaninha no quarto principal, um colosso de carvalho verdadeiramente atroz. – Não vai caber tanta coisa assim.

Ela se limitou a mostrar a língua para ele e, pouco a pouco, um plano tomou forma em sua mente.

Jordan era a chefe de carpintaria e não ia deixar a chata da Astrid Parker, nem mesmo a própria família, arruinar o único lugar onde já tinha sido feliz de verdade.

Natasha e Emery queriam tensão?

Pois iam conseguir. Ah, como iam!



CAPÍTULO SETE

NA TERÇA-FEIRA DE MANHÃ, Astrid se espremeu numa van do *Pousadas Adentro* com Natasha, Emery, Regina, que estava encarregada da câmera, e Jordan, a caminho da feirinha de rua em Sotheby para filmar algumas compras antes de a demolição começar no dia seguinte. Ela sabia que a feirinha não teria nada que quisesse usar em seu projeto – embora fosse sempre repleta de antiguidades interessantes, aquele lugar não era exatamente o estilo dela –, mas Natasha sempre gostava de incluir lojas e artesãos locais no programa.

Astrid se preparara para isso. Já estava pronta para aquela cena desde o momento em que Pru ligara para ela, convidando-a para ser a chefe de design. Mas, agora, com seu estilo em conflito com o de Jordan e aquele clima de tensão que Natasha impusera, não tinha ideia do que esperar.

Assim que chegaram, Regina apoiou a câmera no ombro, Emery empunhou o microfone boom e Natasha simplesmente empurrou Astrid e Jordan para o ringue, dizendo:

– Vão lá e arrasem.

Só isso, sem direção nem nada.

Jordan, com jeans cinza e uma camisa de botões azul-marinho justa no corpo, coberta de nuvenzinhas e gotas de chuva, olhou para Astrid na expectativa.

– A cidade é sua, Parker. Vá na frente.

Astrid assentiu, decidindo não explicar que Sotheby não era sua cidade de jeito nenhum, que só estivera naquela feirinha uma vez, quando Iris se mudara para um apartamento, seis anos antes, e quisera ocupá-lo com um amálgama de cores e tecidos boho.

Ela apoiou os óculos escuros na cabeça e olhou para o grande gramado. Bancas multicoloridas se espalhavam diante delas, clientes vagavam com bolsas de pano e chapéus de aba larga, os braços expostos ao tão esperado calor da primavera. O ar cheirava a café e manteiga, e Astrid lembrou que sempre havia profissionais de cozinha artesanal na feira: baristas, pequenos cervejeiros e padeiros, e até alguns produtores locais de vinho.

– Vamos por aqui – sugeriu, indicando com a cabeça a via principal, como se houvesse outra opção.

Ainda assim, estava determinada a fingir que sabia que raios estava fazendo.

Astrid parou numa banca que vendia velas e, embora os aromas fortes de patchouli e sálvia fossem quase opressivos, fez questão de pegar uma das muitas velas brancas dentro de potes de vidro, com barbantes enrolados em volta.

– Pode ficar bonito em algumas mesas de canto – comentou.

Jordan pegou a vela e cheirou, o nariz enrugado de nojo.

– Tem cheiro de cantina de escola.

Astrid sentiu o aroma da vela ainda nas mãos de Jordan. Inalou algo pungente e intenso com um tom mais quente que lembrava frango assado.

– Ai, meu Deus, tem razão.

Jordan inspecionou o rótulo.

– Olha, tem até o nome “Lembranças horríveis da sua juventude”.

Astrid revirou os olhos, pegando a vela para ver pessoalmente.

– Não é nada disso.

– Mas bem que podia ser.

- Se bem que “Noites de verão” não é uma boa descrição do cheiro.
- Acho que era pra ser “*Detenção* de verão”.

Astrid riu e deixou a vela onde estava. Sentiu-se relaxar enquanto passavam para a próxima banca. Ela era capaz. Ia *conseguir*. Estava sorrindo, e ela e Jordan estavam se dando bem e...

- Ah, bom. *Agora*, sim!

Jordan parou em frente a uma banca coberta de tecidos escuros, com a mesa lotada de todo tipo de objetos vitorianos kitsch. Ela ergueu um relógio absolutamente monstruoso, todo de latão manchado e ornamentos exagerados. Havia fadinhas desgovernadas correndo por toda a superfície do objeto, como numa cena de *Sonho de uma noite de verão*.

Astrid fez cara de paisagem.

- Ah, vai – disse Jordan. – Tem tudo a ver com Everwood.
- Tem a ver com a Everwood de *agora* – respondeu Astrid. – Mas não com a Everwood que estamos tentando criar.

- Que *você* está tentando criar.

- Ótimo – comentou Natasha em algum lugar atrás de Astrid. – Perfeito.

Astrid tentou respirar normalmente, mas a situação não era nada ótima, muito menos perfeita. Deu até vontade de voltar a cheirar a vela com essência de cantina de escola.

- Esse relógio é errado – argumentou Astrid, impondo-se.
- Só pra *você* – retrucou Jordan.
- Vai ser assim sempre que precisarmos tomar uma decisão? Eu contra você, velho contra novo, assustador e obsoleto contra minimalista e moderno?

Jordan deu um sorrisinho sarcástico.

- Que bela escolha de adjetivos, Parker.
- São só palavras.
- É, eu ouvi. Só que não gostei.
- Temos um trabalho a fazer.
- Então mãos à obra.

As duas ficaram se encarando enquanto Natasha proferia as mais irritantes palavras de incentivo.

– Não vamos comprar esse relógio pavoroso – disse Astrid.

Ela ia ganhar aquela discussão, caramba, nem que fosse a última coisa que fizesse.

– Vamos, sim.

Certo. Ao que parecia, Jordan também estava determinada a vencer.

– Dá pra arranjar um lugar pra ele – continuou Jordan. – Com certeza tem algum quarto, algum cantinho onde os seus olhinhos imaculados não vão ter que olhar pra ele muitas vezes, onde a gente...

– Como é que é? “Olhinhos imaculados”?

Jordan deu de ombros.

– Eu que não ia querer violar sua delicada sensibilidade.

Astrid sentiu o sangue ferver, exatamente como sentira quando um certo alguém derramara café em seu vestido preferido. Como é que aquela mulher se atrevia a tratá-la como se ela fosse uma criancinha frágil que inspirava cuidados?

– Muito obrigada, mas minha sensibilidade não é delicada – retrucou ela com os dentes cerrados –, e pode guardar pra você essa sua m...

– Tá bom, corta – disse Emery, tirando os fones de ouvido. – Vamos esfriar a cabeça. Acho que um café vai cair bem.

Astrid assentiu, mas deu as costas para poder respirar fundo algumas vezes e engolir todos os palavrões que lhe passavam pela cabeça. Sentia um tremor nos membros e a sensação de que seus olhos se encheriam de lágrimas a qualquer momento.

– Moça, você tá bem?

A mulher da banca do relógio saiu de trás de uma cortina. Ela olhava para Astrid, apreensiva.

– Estou, sim. – Astrid se esforçou para sorrir. – Obrigada.

– Quer ver algum produto? – perguntou ela, que tinha cabelo ruivo e comprido, entremeado de fios grisalhos.

– Não, obrigada. Eu estava só...

– Aliás, quanto custa esse relógio lindo? – indagou Jordan, parando ao lado dela com o relógio das fadas ainda nas mãos.

Astrid não esperou para ouvir a resposta. Simplesmente deu as costas e

foi na direção de outra banca, qualquer uma que não estivesse penhorando mercadorias bregas para Jordan garimpar.

Acabou numa banca de pães vinda de outra cidade, chamada Açúcar & Assado. Nunca tinha passado por lá, mas sabia que era de um casal lgbtq+ e que sua especialidade eram pães com ervas. O espaço estava lotado, mas não se importou de esperar alguns minutos para ver o que ofereciam. Já estava sentindo aquele cheiro delicioso, fermentado e amanteigado dos produtos assados, e sentiu os ombros relaxarem num instante.

– Oi – disse uma mulher roliça de cabelos cacheados e volumosos quando Astrid finalmente alcançou a mesa. Usava um crachá que dizia *Bonnie, ela/dela*. – Posso ajudar?

– Ah, estou só dando uma olhada – respondeu Astrid.

Mas já estava com água na boca diante dos biscoitos, bolinhos e pães. Seu olhar pousou num pãozinho assado com pedacinhos minúsculos de algum ingrediente roxo. Poderiam ser mirtilos, mas eram delicados demais para ser os frutos redondos. Ela se debruçou à distância mais apropriada que a higiene permitia e respirou fundo, tentando descobrir qual era o ingrediente.

– É... lavanda?

Bonnie sorriu.

– Isso mesmo. Estou impressionada.

– Eu também.

Astrid virou a cabeça para a esquerda e viu Jordan ao lado dela com as sobrancelhas erguidas quase até o cabelo castanho-dourado. Astrid engoliu em seco, mas a ignorou e voltou a olhar para os pães e bolos.

– Quer uma provinha? – perguntou Bonnie.

– Obrigada, adoraria – respondeu Astrid.

Bonnie tirou um pãozinho da cesta e o passou para um prato branco, depois o cortou em pedaços bem pequenos.

– Como você evita que esfarele? – indagou Astrid enquanto a faca de Bonnie deslizava com facilidade pela massa. – É manteiga?

Bonnie riu.

– Bom, na minha opinião, manteiga nunca é demais, mas tenho mais um

truquezinho.

– Conta pra mim – pediu Astrid.

Bonnie serviu os pedaços em copinhos e entregou um para Astrid e outro para Jordan.

– Eu os deixo bem juntinhos uns dos outros na assadeira. Quando ficam bem perto, ficam menos secos.

– Sério? – exclamou Astrid. – Nunca que eu ia imaginar. Adoro esse tipo de pãozinho, mas os meus sempre ficam muito secos.

– Então você é padeira? – quis saber Bonnie.

Astrid balançou a cabeça.

– Ah, não. Eu...

– Se está sempre fazendo pãezinhos e consegue identificar os ingredientes pelo cheiro depois de assados, é padeira.

Astrid piscou, surpresa. Era verdade que, quando criança, assava muitas coisas. Era a atividade que a confortava, principalmente nos meses de silêncio depois de o pai de Delilah morrer e da mãe dela se perder na névoa do luto. Ficava na cozinha, rodeada de uma cornucópia de utensílios de panificação. Adorava a ciência dos pães, a precisão. Mas dentro daquelas regras também havia muito espaço para criar e inventar.

A faculdade mudou tudo. No seu dormitório de caloura não havia muito espaço para experiências culinárias. Mas, mais do que isso, simplesmente não havia tempo. Tinha se tornado adulta. Precisava fazer coisas de adulta.

Naquela hora, Bonnie estava sorrindo para ela com uma expressão tão calorosa, com a palavra “padeira” ainda suspensa no ar entre as duas, que de repente Astrid teve vontade de chorar.

Que absurdo.

– Você é padeira? – perguntou Jordan, arrancando Astrid de seus pensamentos.

Quase tinha esquecido que a carpinteira estava lá, mas Jordan olhava para ela com algo que lembrava espanto no olhar.

Astrid não respondeu, mas se virou e sorriu para Bonnie antes de dar uma pequena mordida no pedaço do pãozinho que caberia inteiro na boca.

– Meu Deus do céu! – exclamou Jordan ao fazer o mesmo. – Que delícia!

Nem tem gosto de sabonete.

Bonnie riu.

– Eu pego leve na soda cáustica.

Jordan gesticulou, ainda mastigando.

– Desculpa, é que pra mim lavanda tem gosto de sabonete.

– Pode ter – explicou Bonnie. – Mas dá pra evitar isso se a gente...

– Moer os botões de flor e misturar com açúcar.

As palavras saíram dos lábios de Astrid antes que ela pudesse impedir. Lembrava-se de ter lido sobre a técnica anos antes, mas nunca a tinha experimentado.

Bonnie abriu um sorriso.

– Viu? É todinha padeira.

Em seguida, deu uma piscadela e foi atender outro cliente, deixando Astrid com uma sensação estranha de anseio e nostalgia.

– Isso foi... interessante – comentou Jordan, amassando o copinho de papel nas mãos e olhando para Astrid na expectativa.

– Quê? – indagou Astrid. – Você nunca tinha comido um pãozinho desses?

– Não estou falando dele – disse Jordan, com uma voz tão baixa e suave que Astrid respirou fundo, sentindo a garganta embargada. – Estou falando do açúcar e dos botões da lavanda e do jeito que...

– É só açúcar.

– ... você parecia uma criança feliz quando falou disso.

Astrid balançou a cabeça.

– É... é uma coisa que eu fazia antes.

– Antes?

– É, antes. Não sou...

– Do tipo que se suja de farinha? – sugeriu Jordan, com a cabeça inclinada, estreitando um pouquinho os olhos.

– Isso mesmo – respondeu Astrid, mas sua vontade de chorar se multiplicou por dez.

Não fazia o menor sentido. Jordan não estava errada. Astrid com certeza *não era* o tipo de pessoa que vivia na cozinha, de jeito nenhum. Tinha

passado a vida adulta fazendo questão de não ser assim.

Encarou os olhos curiosos de Jordan, verdes, dourados e cem por cento enervantes.

– Isso mesmo – repetiu e pigarreou, limpando as migalhas em seu jeans antes de dar as costas. – É melhor voltarmos. Tenho certeza de que Natasha e Emery querem começar de novo.

– Beleza – respondeu Jordan, com o sarcasmo voltando à voz, e no momento era exatamente disso que Astrid precisava. – Mas a gente vai comprar aquele maldito relógio de fada e ponto final.

– Vai sonhando – retrucou Astrid enquanto as duas cruzavam o gramado juntas.

Jordan sorriu, mas não disse nada.

Quarenta e cinco minutos depois, Astrid se sentou no banco de trás da van ao lado de Jordan, que estava com um relógio monstruosamente feio no colo.



CAPÍTULO OITO

GERALMENTE, ASTRID NÃO COMPARECIA aos dias de demolição. Detestava a poeira, o caos, a equipe arrancando armários das paredes e brandindo marretas como se não houvesse amanhã. Mas a Pousada Everwood não era um projeto qualquer, e tudo tinha que ser documentado para o *Pousadas Adentro*, inclusive as partes em que ela supervisionava a demolição – ou, pelo menos, fingia fazer isso. Além do mais, com sua reputação já em baixa com a chefe de carpintaria, sabia que precisava participar. Talvez descascar uma ou duas faixas de papel de parede pudesse melhorar sua situação com Jordan. Bastava ser como sempre fora: calma e controlada.

No entanto, ao estacionar na frente da pousada e avistar Jordan e Natasha na varanda, rindo, os nervos de Astrid logo se rebelaram. Com a caçamba gigante posicionada no quintal da frente, além da equipe do programa misturada à de demolição, aquilo estava ficando real demais.

– Você chegou – disse Jordan quando Astrid saiu do carro e foi até a varanda, com a bolsa pendurada no cotovelo.

Astrid tratou de abrir um sorriso que alcançasse os olhos. O cabelo curto de Jordan estava salpicado de pó e só Deus sabia de que mais. Os óculos de

proteção estavam apoiados no alto da cabeça, e um cinto de ferramentas gasto cercava sua cintura, preso em volta de outro macacão, este de sarja cinza-escura, sem nada por baixo além de um top esportivo rosa-choque.

Astrid sentiu o estômago dar um salto – exhibições de pele em público sempre a deixavam inquieta, um infeliz subproduto das três décadas de aulas de etiqueta por ordem de Isabel. Logicamente, sabia que revelar certas partes do corpo numa situação que não incluísse água e roupas de banho era perfeitamente normal e aceitável para algumas pessoas, mas seu instinto não conseguia livrá-la dos anos aprendendo a cruzar as pernas na altura dos tornozelos, a direita em cima da esquerda. Ainda assim, ela se pegou inclinando a cabeça para a mulher, admirando a pele lisa que aparecia nas laterais do macacão, imaginando como seria ser livre daquele jeito.

– Oi? – chamou Jordan, gesticulando na frente do rosto de Astrid.

– Desculpe, oi – respondeu Astrid, pondo os óculos escuros nos olhos. Sentia-se melhor com uma barreira entre ela e aquela mulher, uma muralha extra para sua proteção. – Como estão as coisas?

Seus olhos procuraram Josh Foster, o empreiteiro que os Everwoods haviam contratado e cuja equipe cuidava da demolição. Quando estavam nos mesmos projetos, Astrid interagiu com aquele homem o mínimo possível, enviando um e-mail com um breve “segue anexo” no corpo da mensagem e nada mais. Sendo ex de sua melhor amiga Claire e pai de Ruby, a filha dela, Josh era uma presença inevitável no círculo de Astrid, mas ela não era obrigada a gostar disso. No passado, ele já prejudicara Claire o bastante para que sua capacidade recém-descoberta de ser responsável – que incluía a empreiteira e uma residência permanente na cidade de Winter Lake – fosse suficiente para fazê-lo subir no conceito de Astrid. Mas a equipe dele estava lá, despejando pias e armários antigos na grande caçamba verde posicionada no gramado, então ela precisava aceitá-lo.

– Está tudo ótimo – disse Jordan. – A destruição da casa onde passei a infância segue a todo vapor.

– Caramba, Jordan – disparou Natasha num tom cheio de bom humor. – Guarda esse sarcasmo pras câmeras.

Jordan também riu, e Astrid se esforçou para acompanhá-las, embora

parecesse uma atitude desesperada, como uma pré-adolescente querendo andar com as meninas populares no recreio. E Natasha ainda queria que ela cumprisse um papel? Pois então faria isso. Era excelente em cumprir papéis.

Astrid esperou o riso acabar.

– Então você quer *mesmo* ficar com aquela banheira com pés de garra, com o ralo todo enferrujado e... – Franziu os olhos para ver os detalhes da banheira que dois integrantes da equipe estavam carregando para a lixeira. – O que são aquelas coisas, torneiras com querubins? Já sei que você adora relógios pomposos com fadinhas dançantes, então...

Jordan continuou a olhar para ela com frieza, erguendo uma das sobrancelhas. Caramba, bem que Astrid queria ter o talento de levantar uma sobrancelha só.

– Ah, isso vai ser pura diversão – comentou Natasha.

Então, pousando a mão no ombro de Jordan, ela se virou e chamou Emery pela porta aberta da casa. Jordan continuou de olho em Astrid, com um sorrisinho na boca vermelho-framboesa.

– Opa, o que foi? – respondeu Emery, chegando à varanda com óculos de proteção e uma camiseta cinza com seis barras horizontais impressas, cada uma com uma cor do arco-íris. – Ah, oi, Astrid.

– Oi – respondeu ela sorrindo.

– Tá legal – anunciou Natasha, batendo palmas. – Nossas duas estrelas estão aqui com tudo e prontas pra filmar, então vamos fazer uma coisa bem interessante.

– Qual é a ideia? – perguntou Emery.

A apresentadora se voltou para Jordan.

– Você vai ter mais destaque nas cenas da demolição. Já planejamos algumas com você e Josh, além de uma ou duas com Simon e Pru, se você achar que eles topam.

– Com certeza – respondeu Jordan. – Minha vó vai adorar descer a marreta nuns armários de cozinha.

– Na verdade... – Natasha começou a falar com a voz carregada de malícia enquanto se voltava para Astrid. Então, abriu um sorriso.

– Quê? – perguntou Astrid. – O que foi?

- Nem ferrando – resmungou Jordan, balançando a cabeça.
- Ah, vai – pediu Natasha. – Emery, não acha que eu tenho razão?
- Tem, sim.

Emery piscou para Astrid antes de dar um toque no microfone.

- Tem razão no quê? – quis saber Astrid.
- Vai ser um desastre – reclamou Jordan, ignorando-a por completo e ainda olhando para Natasha.
- Vai ser bom. Vai ser como um momento entre professora e aluna.
- Não sei, não.

Jordan finalmente deu uma boa olhada em Astrid depois de falar isso. Encarou-a de alto a baixo, para a camiseta justa e limpíssima que ela usava, o jeans skinny escuro e os tênis brancos. Astrid ficou nervosa diante daquele olhar, lutando contra o impulso de ajeitar os punhos já perfeitamente dobrados das mangas.

- Ela tá de roupa branca.
- Melhor ainda – retrucou Natasha.

Astrid ouviu os próprios batimentos cardíacos rugindo nos ouvidos.

- Que *saco*. Por favor, será que alguém pode me explicar o que está acontecendo?

As pessoas arregalaram os olhos. A voz de Astrid fora quase um grito, e ela dissera “que saco”... bem na frente de Natasha Rojas.

A apresentadora, por sua vez, parecia felicíssima.

- Temos o trabalho perfeito pra você.
- Por que você fala isso como se quisesse dizer exatamente o contrário?
- perguntou Astrid.

Jordan sorriu. E foi um sorriso com jeito de gato de Cheshire.

- Olha só pra gente. Todo mundo aqui já se conhece muito bem.

Astrid suspirou e apoiou a bolsa mais alto, no ombro. O que quer que fosse, precisava aceitar. Recusar a faria parecer... bom, uma megera elitista.

- Tudo bem. Eu topo.

Natasha sorriu e fez sinal de positivo para Emery, que entrou na casa antes delas, chamando o nome de Regina. Jordan observou Astrid por uma fração de segundo antes de se virar e subir os degraus bambos da varanda.

Astrid a seguiu, ouvindo os sons de demolição aumentarem conforme entravam pela porta já aberta.

Jordan e Natasha a levaram por uma porta de carvalho escuro e chegaram à cozinha. Era um espaço amplo com uma fileira de janelas na parede dos fundos, espantosamente bem-iluminado para uma casa centenária. Ainda assim, Astrid mal podia esperar para trocar os armários escuros por peças brancas em estilo shaker, remover as bancadas de laminado descascado e substituí-las por mármore liso.

Regina e Emery já estavam lá dentro, posicionando luzes e câmeras, assim como Darcy, cuja tarefa era cuidar da estética de cada cena, desde cabelo e maquiagem até os destroços no chão.

– Vamos te preparar – disse ela, fazendo Astrid se sentar num banquinho no fundo da cozinha.

Inspecionou o rosto de Astrid, que se concentrou no piercing na sobrancelha de Darcy e na sombra roxa que ela usava.

– Bom, você já está linda, aliás, fabulosa.

– Ah – respondeu Astrid. – Obrigada.

– E eu, Darcinha? – perguntou Jordan, parecendo ofendida.

Darcy riu, balançando o chanel assimétrico.

– Deixa disso. Com esse delineado lindo, você podia até fazer o meu trabalho.

Jordan riu, chamando a atenção de Astrid. Por alguma razão, sentiu um rubor tomar conta das bochechas. Como é que a carpinteira já tinha tanta intimidade com a equipe do programa?

Darcy afofou o cabelo de Astrid, acrescentou um toque de blush às maçãs do rosto e deu um tapinha no ombro dela antes de liberá-la. Astrid se levantou e deixou a bolsa no banco. Ainda não tinha ideia do que queriam que ela fizesse ali.

– A emissora não liga de você usar esse colar no programa? – perguntou Jordan, apontando para o pingente único de ouro ao redor do pescoço de Natasha, aquele mesmo ossinho da sorte duplo que Astrid se lembrava de ter visto na primeira reunião com ela.

Natasha riu e pegou o pingente, olhando para ele.

– A maioria das pessoas nem imagina o que é isso.

Jordan revirou os olhos.

– Sou lésbica. Lógico que sei o que é.

– E o que é? – perguntou Astrid, e logo preferiu não ter perguntado.

As duas mulheres olharam para ela, depois uma para a outra. Ficou óbvio que ela *deveria* saber o que era.

– Pois é – disse Jordan, assentindo para Natasha.

A apresentadora, pelo menos, foi um pouco mais educada e abriu um sorriso caloroso. Isto é, só até abrir a boca e dizer:

– É um clitóris.

– É um...

Astrid deixou a frase por terminar. Piscou, aturdida. Achava que nunca tinha dito aquela palavra em voz alta.

– Um grelo – explicou Jordan.

– É, tá, já entendi – respondeu Astrid.

– Quem tem um desses tem que priorizar o próprio prazer, né não? – acrescentou Natasha.

Ela e Jordan trocaram mais um soquinho de cumprimento. Darcy soltou um *urrú* perto da porta dos fundos, onde estava levando uma pilha de madeira quebrada mais para o canto.

– Certo – disse Astrid.

Estava suando? Saco, estava, sim. Não era que tivesse ficado chocada nem ofendida. Na verdade, muito pelo contrário. Já ouvira coisas muito mais cabeludas de sua amiga Iris. É que se sentia... perdida. A equipe – Natasha, Emery, Jordan, todo mundo – era vibrante, divertida e atrevida.

Tudo o que Astrid não era.

Tudo o que ela meio que gostaria de ser.

– Certo, tudo pronto – anunciou Regina, com o rosto ainda escondido atrás da câmera. – Cinco... quatro... três... – Então, sem falar, ergueu os dedos para indicar dois e um. Antes que Astrid percebesse, a luz da câmera ficou verde.

– Ah – disse ela. – Hã...

– Toma.

Alguém encostou uma coisa fria e lisa no braço dela. Astrid olhou e viu a cabeça de aço de uma marreta apoiada em seu braço nu, com o longo cabo de madeira nas mãos de Jordan.

– Como assim, “toma”? – perguntou Astrid.

Jordan entortou a sobrançelha. Afastou a ferramenta de Astrid e ajustou a pegada, as mãos deslizando em direção à cabeça de aço.

– Isto aqui, pequena gafanhota, é uma marreta. Serve pra esmagar coisas. E faz, ó, um barulhão.

Natasha, que estava fora do quadro naquela cena, abafou uma risada com a mão. Seus olhos brilhavam. Astrid endireitou os ombros. Ia conseguir, sim, caramba. Ia andar com as meninas populares no recreio.

– Nossa, você sabe tudo de marreta, hein? – disse Astrid, e Jordan sorriu.

Astrid tinha certeza de que sua boca estava tentando fazer o mesmo, mas não ia dar essa satisfação à outra.

– Você aprende depressa – respondeu Jordan. – Vou te mostrar. Pega. – Com a mão livre, jogou para Astrid um par de óculos de proteção, que ela apanhou por pouco. – Pra proteger esses olhinhos.

Alguma coisa no jeito como Jordan disse “olhinhos” fez as bochechas de Astrid corarem enquanto ela punha os óculos na cabeça. Não entendeu por quê. A proteção dos olhos era um requisito básico numa reforma, e ela já usara esses óculos vezes suficientes para saber que os usaria lá também.

Jordan ajeitou os próprios óculos no rosto, deixando uma mecha de cabelo mais longa enganchada na alça e levantada na cabeça, parecendo uma argola castanha. Astrid duvidava que ela notasse ou se importasse com isso conforme apoiava a marreta no ombro, firmava as botas no chão forrado de plástico e desferia um grande golpe.

Um baque alto ecoou na cozinha. Embora Astrid estivesse preparada para isso, levou um susto e recuou alguns passos enquanto pedaços de madeira eram catapultados pelo ar. Os músculos esbeltos dos braços de Jordan ondulavam a cada vez que ela repetia o gesto. Tinha um abdômen definido – um verdadeiro tanquinho, visível atrás da sarja do macacão, que se dobrava toda vez que ela se virava para dar um novo golpe.

Era fascinante. O corpo de Jordan era eficiente e rápido, como uma

máquina muito bem regulada que sabia exatamente com que finalidade fora construída. Astrid só tinha visto homens realizando aquele tipo de trabalho, e provavelmente era por isso que a cena – Jordan, ali, exibindo tanto poder – era tão envolvente. Ela se sentiu uma péssima feminista. Óbvio que sabia que mulheres e pessoas não binárias trabalhavam em canteiros de obras o tempo todo, mas ainda assim não conseguia parar de olhar. Mais um ponto para o machismo internalizado.

Balançou a cabeça para esfriá-la, expulsando da mente todo e qualquer pensamento de fascínio. Ali estava uma mulher fazendo seu trabalho, e fazendo-o muito bem. Só isso.

Assim que acabou com a série de armários, Jordan parou, empurrou os óculos para o alto da testa, pousou a cabeça da marreta no chão e se apoiou no cabo, voltando-se para Astrid.

Estava suando.

Os braços brilhavam. Havia gotículas no peito.

Astrid teve vontade de dar um tapa na própria cara por perceber esses detalhes. Era verdade que dava atenção especial aos detalhes. Era uma pessoa perfeccionista, organizada até o fim, e seu olhar afiado estava a todo momento à procura de defeitos. Ela era a amiga que sempre via um tufo de cabelo na roupa de Claire ou percebia que Iris esquecera um botão desabotoado na camisa, mas aquilo já era demais. Estava num ambiente profissional, pelo amor de Deus – ainda por cima na frente da câmara –, e ficava prestando atenção nas gotas de suor que desciam pelo decote da carpinteira...

– E é assim que se faz – concluiu Jordan.

– Uhum, emocionante – comentou Astrid com cara de paisagem. – Agora, tem um vaporizador aí? Sou ótima em remover papel de parede.

– Ah, não. – Jordan riu. – É a sua vez.

Astrid sentiu um frio na barriga. Provavelmente não conseguiria nem *levantar* aquela marreta, muito menos usá-la para golpear um móvel de madeira. Preferia que Jordan, a carpinteira sexy – sem falar da equipe inteira do programa – não testemunhasse seu vexame com a ferramenta. Ia acabar quebrando um dedo do pé ou da mão ou alguma outra coisa que não devia

destruir. Não, obrigada.

– O que foi, Parker? – perguntou Jordan, aproximando-se dela com a marreta a reboque. – Tá com medo?

Astrid teve a distinta impressão de que Jordan sabia a resposta daquela pergunta, mas não ia admitir de jeito nenhum. A carpinteira chegou ainda mais perto. Dava para ver um círculo verde mais escuro contornando o centro dos olhos dela. Nunca tinha visto olhos como aqueles.

– E aí? – insistiu Jordan, abrindo outra vez aquele sorrisinho convencido.

Astrid engoliu em seco e contraiu a mandíbula.

– Tudo bem.

Um ar de triunfo – era o único jeito de descrever – tomou conta da expressão de Jordan.

Astrid seguiu a mulher até uma fileira de armários intactos.

– Use isto – disse Jordan, tirando as luvas e entregando-as para Astrid. Ainda estavam quentes quando ela deslizou os dedos pelo material áspero. – Beleza, agora você vai fazer o seguinte...

Jordan começou a explicar como segurar a marreta com firmeza antes de acertar o alvo e como apoiar as pernas corretamente.

– Depois de bater no armário, não afrouxe as mãos. Mantenha a pressão, levante a marreta e faça de novo. Entendeu?

– Entendi – respondeu Astrid, mas sentia tudo, menos autoconfiança.

As mãos dela tremeram quando pegou o cabo, de repente com receio de não conseguir mesmo levantar a ferramenta.

– A melhor hora é agora, Parker – disse Jordan, observando-a com o que só poderia ser descrito como uma expressão presunçosa.

Será que ela queria... que Astrid se saísse mal?

O pensamento foi um soco no estômago. Embora merecesse a atitude hostil de Jordan, sentia como se todo o seu corpo, do nada, fosse um grande hematoma – o mais delicado toque o machucava.

Ela encheu os pulmões e levantou a marreta. O peso era considerável e caiu com ímpeto por cima do ombro, forçando os músculos do pescoço, mas ela conseguiu. Posicionou-se em frente ao armário mais próximo, enquanto

Jordan recuava alguns passos.

O que foi uma decisão sensata. Só Deus sabia onde aquela coisa ia parar. Ela firmou o corpo para imitar exatamente o que a outra havia feito, mirando o alvo como uma atiradora. Inspirou devagar pelo nariz, mas parecia incapaz de se mexer.

– Nessas horas eu costumo pensar em alguma coisa detestável – disse Jordan atrás dela.

Astrid se virou.

– Quê?

Jordan indicou o armário.

– Imagine que é uma coisa que você odeia. Ou alguém. O 45º presidente. Racistas e homofóbicos. Jiló.

Astrid abriu um sorriso.

– Jiló?

– Odeio com todas as minhas forças.

– É isso que você faz? Imagina um jiló?

A expressão irônica de Jordan cedeu, mas só um pouquinho, e, quando falou, sua voz estava mais branda:

– Mais ou menos isso.

Astrid deu as costas, mas, de repente, sentia-se empoderada, algo que ela detestava. Nossa, por onde começar? Bagunça. Móveis da Era Vitoriana. Água com gás sabor frutas vermelhas. Cintas modeladoras. Quatro opções de garfo no jantar. A contração no canto do olho da mãe. O suspiro dela. A boca franzida de Isabel quando Astrid comia qualquer carboidratozinho que fosse.

O rosto do ex-noivo lhe veio à mente. O rosto perfeito, esculpido e bem-sucedido de Spencer Hale com sua nova noiva perfeita e bem-sucedida. Ela não o odiava, não era bem assim. E com certeza não odiava *a moça*. O que odiava era a pessoa que *ela mesma* tinha sido ao lado de Spencer, e o modo como acreditara que precisava se casar com alguém como ele. Detestava se sentir impotente para tomar as próprias decisões e viver a própria vida.

Astrid ouviu um grunhido, quase um rosnado, e a marreta precisou riscar de verdade o ar para ela perceber que o som vinha dela mesma. A

cabeça de aço atingiu o armário com um estrondo, e lascas saltaram por toda parte. O ato e as consequências dele a surpreenderam tanto que afrouxou as mãos e a marreta caiu no chão, forçando o braço dela para baixo.

– Opa, calma aí, fera! – exclamou Jordan, aparecendo ao lado dela de repente. – Precisa segurar firme, lembra?

Ela passou os dedos pelo pulso nu de Astrid e a ajudou a levantar a ferramenta outra vez.

Astrid estremeceu. Todo o seu corpo tremia, a adrenalina corria pelas veias. Arrepios percorreram seus braços.

– De novo – falou ela.

Jordan ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada, recuando e gesticulando para Astrid prosseguir.

E lá foi ela. Astrid esqueceu completamente as câmeras e a presença de Natasha Rojas. Destruiu o armário até não restar nada além de uma casca de madeira pendurada na parede pelos suportes. Depois pulverizou o armário ao lado desferindo vários golpes até ficar sem fôlego e sentir os dedos pinicando, apesar das luvas de proteção. Sentia-se livre, viva, como se toda a sua força de vontade tivesse sido dirigida àquela ferramenta e só ela desse as ordens.

Achava que nunca tinha se divertido tanto numa obra.

Quando finalmente parou, estava com o braço dolorido, lascas de madeira e poeira salpicavam sua camiseta branca, e ela não queria nem pensar no estado do cabelo.

Empurrou os óculos para o alto da cabeça e se virou para encarar Jordan Everwood, que estava boquiaberta.

– Nossa, que delícia.



CAPÍTULO NOVE

JORDAN ENCAROU ASTRID com um misto de divertimento, irritação e... caramba, *tesão* se agitando em seu íntimo.

– Por incrível que pareça, você é boa nisso – comentou, aproximando-se e tomando a marreta de Astrid antes que ela saísse batendo em tudo.

Astrid riu e balançou os cabelos. A poeira caiu como neve de sua franja repicada.

– Eu não imaginava que seria tão terapêutico.

– Viu? Você rejeitou minha oferta à toa.

Astrid franziu o rosto.

– Não rejeitei nada.

Foi a vez de Jordan rir.

– Nesse caso, eu adoraria muito ver o que você considera “rejeitar”. Coitado desse cara.

Jordan observou com atenção a reação de Astrid. É, ela dissera “cara” cem por cento de propósito. Sim, estava procurando algum sinal de que a outra não fosse heterossexual, porque, caramba, estava captando um clima diferente... Ninguém passava quase duas décadas namorando

exclusivamente mulheres e pessoas não binárias sem começar a perceber esse tipo de coisa. Em primeiro lugar, tivera aquele olhar mais demorado que ambas trocaram no dia anterior na feirinha, com Astrid ficando toda derretida e vulnerável por causa de um pãozinho. Depois, teve o leve suspiro da designer quando Jordan tocara o pulso dela, um som com o potencial para deixá-la completamente abalada pelo resto do dia. E ela não conseguia nem pensar no jeito como Astrid olhara para o corpo dela de cima a baixo na entrada da casa – de boca aberta, com os olhos percorrendo toda a pele de Jordan – sem sorrir.

Mas, até aí, Jordan também já tinha visto todos esses comportamentos em mulheres heterossexuais. As curiosas, as entediadas, as reprimidas que queriam se soltar um pouco sem sentir que estavam contrariando a vontade da mamãe. Astrid poderia muito bem estar numa dessas categorias e, se estivesse, Jordan não ia chegar nem perto.

Mas o que é que tinha na cabeça? Não ia chegar perto nem se Astrid revelasse que era tão lgbtq+ quanto um unicórnio coberto de glitter! Ela era a inimiga, a emissária de tudo o que era branco e cinza, a destruidora da personalidade e da atmosfera. Era um fato que Jordan faria bem em lembrar quando a ensinasse a usar uma marreta.

Naquela hora, porém, notou um rubor distinto tomando conta do rosto de Astrid enquanto ela baixava o olhar, os longos cílios roçando as bochechas.

Pelamor.

– Acho que meu ex não se descreveria como “coitado” – comentou Astrid.

Pronto. Que bom. Era *um cara*, um ex. Ainda não significava que ela fosse hétero. E, claro, utilizar pronomes masculinos também não significava necessariamente que o ex fosse um homem. Mas para Jordan já bastava. Para esfriar o calor que de repente sentira na pele, valia tudo.

– Foi nele que você pensou? – perguntou.

Não conseguiu evitar. Estava curiosa. Astrid parecia ter ganhado vida ao brandir a ferramenta, trincando os dentes, retesando os braços esbeltos. E aquele rosnado... Não, Jordan não pensaria no rosnado.

Meu Deus, ela precisava transar.

E com certeza não com a chata da Astrid Parker.

Anotou mentalmente que, à noite, ia se fechar no seu quartinho para ter uns momentos de prazer com o conteúdo guardado na sua mesa de cabeceira. O que era mais complicado do que se poderia imaginar, com o irmão e a avó sempre a uma parede de distância. Mas daria um jeito. Precisava. Já fazia um bom tempo que tivera um pouco de prazer, porque a maratona de duas semanas no sofá depois de ser despedida sufocara sua libido, e para completar estava *morando com a avó*, pelo amor de Deus, por mais que Jordan a adorasse. A situação não atiçava *mesmo* as chamas do desejo.

Mas, ao ver Astrid respirar profundamente, com a marreta ainda nas mãos, sentiu a chama *bem* atiçada.

Astrid assentiu.

– Foi nele que eu pensei, sim.

– Ele é babaca?

A outra mulher suspirou.

– Ele... não. Bom, é, sim, mas não foi bem por isso que...

Lá foi ela de novo, baixando os olhos com aqueles cílios intermináveis. Dessa vez, até mordeu o lábio inferior. Jordan precisava sair dali, e pra *já*. Olhou para Natasha, Emery e Regina atrás da câmera, mas todo mundo estava assistindo à interação delas como se fosse um filme intrigante. Estavam com a boca entreaberta e os olhos só um pouquinho arregalados.

– E quem você imagina? – perguntou Astrid.

Jordan piscou, surpresa, e se voltou para ela.

– Quê?

– Quem você imagina? – repetiu Astrid, indicando com a cabeça a marreta ainda nas mãos.

De repente, a tristeza e a raiva caíram sobre Jordan claras como um véu. Quando percebeu, já era tarde demais. Nunca conseguia prever a chegada da dor. Era um sentimento traiçoeiro, que a perseguia discretamente até encontrar o momento perfeito para dar o bote, como um predador.

– Não é “quem” – pegou-se dizendo.

– Então o que é? – retrucou Astrid, com olhos atentos e curiosos. Até deu um passo à frente, inclinando-se um pouco.

Jordan deu um passo atrás e se inclinou na direção oposta.

– Câncer – respondeu em voz baixa. – Quando destruo um armário, eu imagino um câncer.

– E corta! – exclamou Emery.

Já estava na hora. Jordan expirou, mas os olhos de Astrid ainda estavam fixos nela, a boca aberta, as sobrancelhas grossas franzidas de apreensão. Saco. Não queria ouvir mais perguntas e com certeza não queria ouvir o horrível e inevitável “sinto muito”. Nem sabia por que tinha contado a verdade para Astrid ou, pelo menos, metade dela. Tinha se especializado em nunca dizer aquela palavra horrorosa em voz alta, a andar por aí com seu comportamento patético, totalmente só.

Mas lá estava Astrid, junto a uma equipe inteira de TV que tinha acabado de gravar cada momento de sua patetice.

Que beleza.

Não ia deixar que extraíssem mais nada dela, e foi exatamente por isso que deu as costas e saiu pela porta dos fundos antes que alguém pudesse dizer palavras inúteis.



Ninguém tinha autorização para entrar na oficina da Jordan, nem mesmo Natasha Rojas. Jordan decretara essa regra antes do começo oficial da demolição, alegando que por enquanto não era seguro transitar ali e que ainda estava pondo as coisas em ordem para a obra. Josh Foster montara uma tenda no quintal para seus próprios funcionários trabalharem, com tudo de que precisariam para cortar, serrar e martelar, então não precisariam de fato acessar a oficina particular da chefe de carpintaria.

O grupo de Josh não tinha gostado disso, já julgando a atitude e resmungando sobre ela estar no comando, tecnicamente. Josh, porém, não reagiu. Bom, na verdade, reagiu, mas se limitou a dizer “Por mim, tudo

bem” e continuou a trabalhar. Jordan esperava certo nível de machismo no canteiro de obras porque naquele ramo era inevitável, mas até então Josh a tratara apenas com deferência e respeito. Não que merecesse um prêmio só por agir como um ser humano decente, mas ainda assim ela ficou grata por ele não questionar seu decreto de privacidade. Na verdade, o velho galpão nos fundos do chalé da avó já estava em perfeita forma desde a noite anterior, quando Jordan finalmente terminara o trabalho de preparar o espaço para o que planejava.

Só não queria que ninguém visse qual era o plano.

Saiu com tudo pela porta dos fundos da pousada e atravessou a grama alta demais até o galpão. Inseriu a combinação no cadeado que colocara na porta um dia depois de conhecer Astrid Parker e entrou. O espaço era amplo o suficiente para ser a oficina de uma pessoa só. Já cheirava à madeira envelhecida dos vários móveis que Jordan guardara num canto, incluindo o guarda-roupa de Alice. Sua bancada de trabalho, a joia da coroa de qualquer oficina, estava no meio do ambiente: uma mesa de madeira em forma de L com acesso fácil à serra circular numa das extremidades.

Um armário de cozinha de canto, cortado de acordo com as especificações do projeto de Astrid, já estava na superfície da mesa.

Jordan abriu o cinto de ferramentas e o deixou cair no chão de cimento. Foi até a bancada de trabalho e apoiou as mãos na espessa superfície. Respirou. Fazia um ano. Ela não entendia por que a falta que sentia de Meredith ainda parecia tão... recente. Tão fresca.

E lá estava ela, mais uma vez lamentando a partida da esposa, quase no mesmo instante em que acabara de sentir desejo por Astrid Parker com aquele rosnado infernal.

– Meu Deus! – exclamou em voz alta, esfregando os olhos com a palma das mãos.

Não que se sentisse culpada. Depois de tudo, sabia que a culpa não fazia parte da sua história com Meredith. Havia raiva – demonstrada pela forma como pulverizara um armário com apenas três golpes de marreta –, mas, acima de tudo, havia medo.

Muito, muito medo. Jordan convivera com ele tempo suficiente para

reconhecê-lo. Não estava se enganando. Só não sabia o que fazer a respeito.

Ficara com uma pessoa depois do que tinha acontecido com Meredith. Conhecera Katie num bar depois de um dia difícil no trabalho e de suportar um silêncio estrondoso demais em casa. A solidão tomara conta dela, e só precisava de outra voz que não a sua. Mas, assim que Katie se deitara na cama e logo depois que transaram e a outra estava pronta para ir embora, Jordan sentira aquela *necessidade* aflorar.

Não vá embora.

Era o que queria dizer a uma pessoa totalmente desconhecida. A ânsia de ter alguém apenas para *olhar* para ela fora tão forte que Jordan cedera e deixara as palavras escaparem.

Katie olhara para Jordan, mas não da maneira como ela queria. Tinha dado um sorrisinho, se vestido e respondido:

– Nós duas sabemos que não é por aí. – E saíra sem dizer mais nada.

Jordan passara a semana seguinte na cama, com Bri Dalloway ligando para ela sem parar e finalmente enfiando Simon na equação, e ele deixara para Jordan um correio de voz ameaçando sequestrar a gata se ela não fosse trabalhar.

Fazia seis meses. Basta dizer que sexo casual não era mais a praia de Jordan. E qualquer coisa que *não* fosse casual com certeza forneceria mais provas de que ela não era a parceira ideal de ninguém, o que a deixava praticamente sozinha com os próprios dedos.

Mas, para ser sincera consigo mesma, era isto que realmente queria: uma parceria. Sempre quisera. Com a solidez da família à sua volta, seu desejo era criar com e para outra pessoa o tipo de vida que a avó e o irmão tinham criado para ela. Mas, depois de Meredith, achava que isso não fosse mais possível. Tinha pavor até de sonhar com isso.

Depois de Katie, investira em vários brinquedos sexuais – três vibradores e dois estimuladores de clitóris, um de cada tipo, e mais alguns consolos – e estava bem desde então. Em casa, toda vez colocava uma música para tocar, um programa de TV ou um filme, então sempre havia outra voz lá com ela. Com orgasmos frequentes – e excelentes, graças à tecnologia –, não pensava em ficar com outra pessoa havia muito tempo.

Mesmo quando seus sentidos notavam alguém atraente, ela se limitava a observar, imaginando uma longa e agradável sessão com seu Satisfyer 3000 mais tarde, e seguia em frente.

Até a chata da Astrid Parker aparecer.

Até ela chegar com aquela franja repicada, as roupas certinhas e a adorável ignorância sobre a anatomia do clitóris.

Jordan poderia educá-la. Poderia ensinar-lhe tudo sobre como o cli...

Não, meu Deus do céu.

Aquilo não tinha a menor chance de acontecer.

Ela esfregou as mãos pelo rosto, provavelmente borrando o delineado, e olhou para o armário que estava construindo. Muitas vezes encomendava os armários que o cliente queria. Havia vários fabricantes locais ótimos em Savannah que a Dalloway & Filhas haviam contratado, e Josh tinha citado um que geralmente empregava em Winter Lake, até quando o trabalho era em Bright Falls.

Mas Jordan tinha um plano.

E, se encomendassem os armários brancos shaker que Astrid queria, o plano estaria arruinado.

Então ela convencera Josh de que podia construir pessoalmente um armário melhor – era verdade, podia mesmo –, o que economizaria dinheiro no orçamento – verdade também –, e ele concordara. Ele era tão confiante, nascido e criado em cidade pequena, e Jordan estava totalmente preparada para sofrer a ira de Astrid quando os armários fossem finalizados e instalados.

Na verdade, a ira de Astrid era metade do prêmio.

Começou a trabalhar, colocando os óculos de novo, medindo e cortando as portas para dar lugar aos painéis de vidro vintage que encomendara. A cozinha de Everwood era enorme, então era um trabalho extenso. Seria bom ter uma assistente, não ia mentir, mas a trabalhadeira valeria a pena.

Passou a hora seguinte mergulhada naquele projeto. Adorava aquela parte do trabalho, a criação. Fazia tanto tempo que não construía alguma coisa do zero que tinha esquecido quanto era emocionante. Todo o seu corpo parecia mais vivo quando via algo tomar forma e passar a existir. E

aquele projeto era ainda mais revigorante, retratando a cozinha que realmente combinava com Everwood, modernizando o lugar e, ao mesmo tempo, honrando a história e a trajetória da propriedade.

Ela fez uma pausa, desligando a serra e tirando as luvas para abrir o laptop. Astrid mandara seu projeto digital por e-mail para Jordan e Josh na semana anterior. Jordan logo fizera uma cópia em seu programa de design e usara a mesma base para redesenhar Everwood, quarto por quarto, do jeito que deveria ser. Naquela hora, sorriu para seu projeto da cozinha.

Estava lindo. Jordan manteria a preciosa tinta cinza de Astrid, assim como os eletrodomésticos de aço inoxidável e a mesa de madeira rústica que a designer incluía para conferir textura. Mas o resto... bom, digamos que não era nada branco e cinza. Era mais escuro do que o projeto original, com cristaleiras verde-sálvia e painéis de vidro embutidos nas portas, além de painéis de cobre penduradas no suporte de ferro do teto. Havia uma pia em estilo fazenda, como Astrid queria, e Jordan conseguia admitir que o branco combinava bem ali, mas, em vez de bancadas de mármore da mesma cor, encomendara um grande tampo de madeira.

O efeito – pelo menos em sua cabeça e na imagem no computador – era vintage e acolhedor. Era Everwood.

Ela sorriu para o projeto na tela, descartando as reações das outras pessoas quando vissem o produto acabado. Achava que não era exatamente isso que Natasha queria dizer quando falava em “explorar a tensão” entre a carpinteira e a designer. Natasha estava falando de sarcasmo, piadas, e disso ela e Astrid pareciam estar dando conta muito bem, mas aqueles armários, todo o seu redesenho... aquilo era outra história.

Jordan não sabia ao certo se conseguiria executar nada daquilo. Com tudo sendo gravado, teria que trabalhar à noite, longe das câmeras, mas, depois que os armários estivessem instalados e a pintura aplicada, o que os outros poderiam fazer? Ela estava contando com o fator do índice de audiência e com o fato de Natasha querer autenticidade e tensão para aumentar o interesse do público.

Também contava com o orgulho muito evidente de Astrid. A mulher estava praticamente vibrando de... bom, não era necessariamente paixão.

Era algo mais sombrio do que isso, um desespero por aprovação, por sucesso, talvez. Fosse o que fosse, Jordan tinha 99 por cento de certeza de que isso impediria Astrid de admitir que perdera o controle da carpinteira e do projeto.

Sinceramente, não se importava com os meios, desde que Everwood não virasse um salão de exibição de móveis da moda e que o episódio ainda assim fosse ao ar. Por isso, precisava tomar cuidado. Muito cuidado. O cuidado de quem pisa em ovos, sem deixar o irmão – que já achava que ela era meio catastrófica – descobrir o que estava fazendo.

Por enquanto, porém, seu coração se acalmara, o véu da tristeza tinha se dissipado e Astrid Parker não passava de um incômodo no fundo da mente.



A semana seguinte passou como em outro trabalho qualquer. Bom, pelo menos na maior parte do tempo. Se Jordan ignorasse completamente as câmeras, as luzes, Darcy saltitando ao redor para ter certeza de que ela exalava a mistura certa de glamour e aspereza, Natasha e seu colar de clitóris orientando e comentando, o jeito irritante como sentia um frio na barriga feito uma pré-adolescente nervosa quando ouvia o clique-clique dos sapatos de Astrid pelos corredores, era como muitos trabalhos antes daquele.

Jordan mergulhou em suas tarefas, nas serras e brocas, na construção lenta de um armário de cozinha, e em idas discretas à loja de decoração em Sotheby para comprar tintas que com certeza *não* estavam no projeto de Astrid. Passou longas noites vasculhando o Pinterest em busca de ideias, montando seu próprio projeto num programa de design, cômodo por cômodo – uma banheira de cobre no banheiro principal, cortinas damasco, brancas e prateadas, estantes embutidas no mesmo tom de sálvia dos armários da cozinha.

Embora sempre oferecesse sua opinião sobre a estética de um cômodo na época em que trabalhara para a Dalloway & Filhas, e com certeza já tivesse projetado muitos móveis, nunca havia entrado nos pormenores de

um quarto – a pintura, os tecidos e os tapetes.

Estava adorando. As cores, as texturas, a ideia de que estava criando toda a atmosfera de uma casa – a casa dela – carregavam uma sensação de importância. Parecia o certo a fazer, mais do que qualquer outro trabalho que já fizera, principalmente nos dois anos anteriores.

Era verdade que tudo aquilo ainda era essencialmente imaginário, existindo apenas na oficina ou no computador. Na casa, até ali, ela, Josh e a equipe dele estavam só criando um espaço para o projeto, preparando as paredes para receber novas camadas de tinta e os pisos para um novo acabamento, consultando eletricitas e encanadores, tudo com Astrid olhando e monitorando, com seus jeans e blusas bem passadas, e uma câmera de vez em quando gravando uma conversa ou outra.

Mas, naquela noite, tudo mudaria. A demolição fora concluída. Estava tudo pronto para começar a lixar e envernizar o piso de madeira original, o que significava que toda a pintura – o cinza homogêneo de Astrid – seria executada na semana que se iniciaria. No dia seguinte, iam filmar no Quarto Azul, o quarto de Alice, pois Natasha queria gravar uma boa cena do “antes” com toda a família e falar sobre como o projeto de Astrid se entrelaçaria à história da casa.

O que, considerando o projeto de Astrid exatamente como era, não ia acontecer.

Mas, ao mesmo tempo, ia. Depois daquela noite, com toda a certeza, seria assim.

Às cinco da tarde, enquanto as vans elegantes da equipe de TV partiam e a equipe de Josh derrapava pela entrada de cascalho com suas caminhonetes cobertas de lama, Jordan espiou por debaixo de uma lona, examinando seus suprimentos.

Fita-crepe azul.

Um rolo de pintura novo e pincéis para os cantos.

Duas latas de tinta para ambientes internos.

Estrelas Vespertinas era o nome da cor, e combinava perfeitamente com ela. O tom era escuro, mas tinha certo brilho, um leve toque sobrenatural.

Um pouco de magia.

Ela levou a mão à barriga. A ansiedade só crescia. Antes que pudesse duvidar do próprio plano – se fosse sincera consigo, pela terceira, quarta e até quinta vez –, deixou a lona cair sobre seu estoque, foi para casa para ajudar a avó com o jantar e esperou o cair da noite.



CAPÍTULO DEZ

ASTRID OLHOU PARA SEU VESTIDO lápis marfim, ainda fechado no saco rosa da lavanderia, pendurado no armário. Duas semanas tinham se passado desde o incidente com o café e, milagrosamente, a mancha tinha saído. Antes daquele desastre, ela usava o tal vestido sempre que precisava se sentir poderosa.

E aquele era um dia assim.

Abriu a embalagem com cuidado, como se estivesse desembalando um presente precioso, e tirou o tecido liso do cabide de madeira. Deslizando-o por cima do corpo, ensaiou o que diria quando filmassem a cena do “antes” no Quarto Azul, naquela manhã.

Nos últimos dias, vinha estudando a história do quarto. Assistira a dois documentários que falavam do fantasma de Alice Everwood, além de ler vários artigos on-line. Óbvio que deixaria a maior parte do discurso a respeito daquela história para os Everwoods, pois era o legado da família, mas tinha certeza de que precisaria falar sobre como seu projeto enfatizava a história de Alice...

... só que o projeto não a enfatizava nem um pouco. Não tinha percebido isso ao criar o visual do quarto. Estava concentrada apenas na

modernidade e na elegância, mas, ao chegar o dia em que precisaria falar sobre sua inspiração, não conseguia pensar em nada.

A escolha dos tecidos remete ao início do século XX...

Certo. Talvez.

Veja como a posição dos móveis realça a atmosfera aconchegante, quase fantasmagórica...

Nem um pouco. Mas, talvez, se falasse com convicção suficiente, eles engolissem a lorota. O equilíbrio e a autoconfiança eram capazes de convencer qualquer pessoa de qualquer coisa – isso, e uma roupa muito bem escolhida. Pelo menos, era o que sua mãe sempre lhe ensinara, e, na área profissional de Astrid, ela descobrira ser verdade.

Inspirou fundo... e expirou. Era competente. Seu projeto era *bom*. Era lindo, e também era o que a cliente queria. Tudo na pousada estava pronto, e o dia seria perf...

Ela se perguntou se deveria sequer pensar naquela palavra, mas, ao calçar um novo par de sapatos de salto pretos e dar mais uma olhada no espelho, não conseguiu imaginar o que poderia dar errado.

Era só passar longe de Jordan Everwood e do café dela.



– Estou muito ansiosa pra falar do famoso Quarto Azul – anunciou Natasha Rojas.

Astrid subiu a escada da pousada com Natasha ao lado dela e a família Everwood na retaguarda.

Havia câmeras posicionadas acima deles no segundo andar, abaixo deles no primeiro e no final do corredor, na frente do Quarto Azul, onde Emery também esperava, fora do enquadramento.

– Acho que vai ficar lindo mesmo – assegurou Astrid, tentando combinar seu tom calmo com o de Natasha.

– Esse assoalho é clássico – comentou a apresentadora quando chegaram ao patamar superior. – É o piso original da casa?

– É – respondeu Jordan, ao lado de Pru.

De braço dado com a avó, usava o batom vermelho-framboesa de sempre, perfeitamente aplicado, o delineado gatinho e uma camisa jeans de botões com calça skinny preta. Estava maravilhosa, como sempre. Chegava a ser irritante.

– James e Opal Everwood instalaram esse piso quando construíram a casa, em 1910 – continuou Jordan.

– Está em ótima condição – respondeu Natasha, agachando-se para passar as mãos pela madeira em tom âmbar escuro.

O longo cabelo escuro da apresentadora estava preso num rabo de cavalo baixo, passado por cima do ombro, o estilo descontraído perfeito que Astrid nunca conseguia adotar.

– Você vai manter o piso? – perguntou ela.

– Ah, sem sombra de dúvida – respondeu Astrid.

O grupo continuou pelo corredor, rumo ao Quarto Azul, o primeiro destino do trajeto, sendo o cômodo mais célebre da casa.

– E então, alguém já viu alguma aparição sobrenatural aqui? – indagou Natasha.

Pararam em frente à porta de carvalho fechada, e havia um brilho travesso nos olhos dela ao girar a antiga maçaneta de cristal.

– Por favor, digam que sim.

– Eu nunca vi – respondeu Simon. – Mas não foi por falta de tentativa. Quando a gente era criança, eu e Jordan...

Mas, antes que ele pudesse concluir o que ia dizer, Natasha abriu a porta e uma luz natural azul se derramou no corredor.

Azul.

Astrid piscou, aturdida.

Luz natural *azul*.

Piscou de novo, mas não havia como negar o que estava vendo. O sol de primavera de mais um dia sem nuvens entrava pelas janelas, refletindo-se nas paredes azuis.

– Azul – disse ela em voz alta, embora não tivesse essa intenção. Sendo a designer, não deveria se surpreender com a cor do quarto, mas caramba!

Era azul. Verdadeira e literalmente azul-escuro. Não azul-marinho. Estava mais para as partes mais profundas do oceano quando o sol tocava a superfície. Havia também um brilho, uma cintilância que fazia Astrid sentir que estava presa debaixo d'água.

Mas os pintores só iam começar o trabalho no dia seguinte e, quando comessem, com certeza não seria aquela cor que estaria na lista de tarefas.

– Ah, meu Deus! – exclamou Simon.

Ele passou por Astrid, que estava boquiaberta, e foi até o meio do quarto, girando num círculo lento, como se estivesse tentando ter certeza de que os olhos não lhe pregavam uma peça. Parecia tão surpreso quanto Astrid.

Natasha ficou calada. Deu alguns passos para dentro do quarto, inclinando a cabeça para examinar as cortinas damasco, brancas e prateadas que emolduravam a janela. Na verdade, combinavam muito bem com a cor escura das paredes, mas, naquele momento, Astrid não se importava com isso. Só lhe importava que ela não escolhera aquelas cortinas, por mais lindas que fossem.

A equipe entrou no quarto: Regina atrás da câmera, Chase segurando um microfone boom, Patrick ajustando a iluminação, Emery assistindo a tudo com as sobancelhas erguidas.

– Que interessante – comentou Natasha.

Astrid não tinha ideia de como responder. Se concordasse, estaria obviamente admitindo que não fizera aquela escolha, e uma boa designer sabe o que está acontecendo em seus projetos o tempo todo. Se agradecesse, estaria recebendo crédito por algo que não havia planejado e de que nem sequer gostava.

Azul-escuro? Quem tinha feito aquilo, caramba?

– O que você achou, vó?

Ao ouvir a voz suave e gentil de Jordan atrás dela, Astrid se virou, devagar, como se a mulher estivesse apontando uma arma para as costas dela.

Simon também se virou, assim como Natasha. Cada partícula de energia ali naquele cômodo gravitava em direção a Pru Everwood. Os olhos

castanho-esverdeados da idosa brilhavam atrás dos óculos amarelo-ouro e sua boca estava entreaberta.

O coração de Astrid desabou. Ela estava no ramo havia quase dez anos e conhecia aquele olhar.

O olhar do amor.

O olhar do *lar*.

O olhar de uma cliente cem por cento satisfeita.

– É lindo – disse Pru, levando a mão trêmula ao pescoço, com um brilho nos olhos. Sem dúvida, pareciam lágrimas. – Ficou perfeito, Astrid.

Astrid.

– Tem o jeito dela – continuou Pru. – O jeito de Alice. Estou ansiosa pra ver tudo pronto.

– Eu também – disse Jordan, ainda segurando o braço de Pru e sorrindo para Astrid. – Essa cor é linda mesmo.

Astrid abriu a boca para dizer alguma coisa – a verdade era preferível, sabia, mas não conseguiu pronunciá-la. “Não fui eu que fiz isso” pareciam palavras impossíveis de dizer na frente dos clientes, de Natasha Rojas e das câmeras.

– Lembro que seu projeto para este quarto era bem diferente – comentou Simon, com as mãos nos quadris.

Astrid se virou para encará-lo, mas percebeu que ele nem estava olhando para ela.

Estava olhando para Jordan.

Algum tipo de comunicação entre gêmeos acontecia silenciosamente entre eles, mas Astrid não teve tempo de descobrir o que diziam. Natasha estava passando os dedos pelo iPad, de cenho franzido.

– Pois é – comentou, olhando para a tela. – Não tem nada azul aqui.

Ela ergueu o iPad, mostrando as paredes cinza na imagem em 3-D, o edredom branco impecável sobre uma cama queen size de ferro fundido, uma parede de destaque com um padrão espinha de peixe criado por ripas de pinho envelhecido, cortinas e almofadas decorativas em tons de marrom, azul e cinza.

Era um oásis, exatamente o que os hóspedes procuravam numa pousada

de cidade pequena.

– Mas preciso dizer que gostei da mudança – continuou Natasha, usando o polegar e o indicador para ampliar uma área na tela do iPad e vê-la melhor. – Na verdade, o seu projeto original é um pouquinho... sem inspiração.

A frase foi como uma bomba lançada no meio do quarto.

Pelo menos, foi o que Astrid sentiu. Ela piscou enquanto Natasha Rojas continuava a encarar a tela com um vinco na testa, passando as imagens e as ampliando, a boca franzida em análise.

Sem inspiração.

Sem inspiração?

Astrid repetiu a expressão em sua cabeça tantas vezes que as palavras começaram a perder o sentido. Sabia que precisava responder alguma coisa, mas, com toda a sinceridade, naquele momento teve medo de que qualquer palavra fizesse com que as lágrimas comessem a escorrer. Além disso, se concordasse com Natasha, estaria praticamente esculhambando o próprio projeto de design na frente da cliente. Se contestasse, se defendesse o trabalho que realmente fizera, desmereceria uma lenda viva do design e as paredes azuis que Pru Everwood obviamente adorava.

Putá merda, pensou ela. Se existia o momento certo para ter vontade de dizer um palavrão, era aquele.

– Tá. Hum, bom... – disse Astrid quando finalmente conseguiu se recompor o bastante para falar. Ainda assim, as palavras certas pareciam fugir da cabeça, e ela se perguntou quantos monossílabos a mais poderia proferir antes de fazer papel de boba. – Eu...

– Nós decidimos seguir em outra direção – interveio Jordan com a maior tranquilidade, como se estivesse falando da probabilidade de chuva à tarde.

Astrid levou alguns segundos para processar o que Jordan queria de fato dizer.

– Ah, é? – perguntou Simon, olhando de Astrid para a irmã. – Você e Astrid, juntas?

Jordan se limitou a inclinar a cabeça para a outra, erguendo uma sobrancelha. Um desafio, se Astrid tivesse que dar nome à expressão.

Precisava tomar uma decisão, e isso aconteceu quase sem que percebesse. Estavam todos à sua espera, inclusive Natasha Rojas, que, obviamente, estava mais do que contente em deixar aquele draminha entre carpinteira, cliente e designer se desenrolar. Então disciplinou suas feições e endireitou os ombros.

– Estamos estudando algumas novas ideias – disse por fim, sorrindo de boca fechada.

Pronto. Tecnicamente, não era mentira, porque ela planejava mesmo discutir uma série de ideias com Jordan Everwood assim que as duas estivessem sozinhas.

– Isso mesmo – concordou Jordan.

– Que interessante – repetiu Natasha enquanto ela e Emery se entreolhavam.

Aquela parecia ser a frase preferida de Natasha e, sinceramente, Astrid estava ficando de saco cheio de ouvir.

– Né? – disse Jordan, batendo palmas uma vez e se virando para a apresentadora. – Agora, que tal ver umas passagens secretas? Dá pra ir do quarto principal até a biblioteca lá embaixo passando por dentro das paredes. Sabia?

Os olhos de Natasha brilharam.

– Só se for agora.

Jordan sorriu para ela, e Astrid teve o pensamento fugaz de que as duas mulheres estavam flertando. Mas logo o descartou. Jordan poderia flertar com um poste de luz que ela não se importaria. O que importava mesmo era aquele desastre de quarto, seu projeto de design “sem inspiração” e o que faria a respeito do que a carpinteira estava aprontando.

– Por que vocês não vão na frente? – sugeriu Astrid, o sorriso perfeito ainda firme no lugar, as mãos unidas como numa prece. – Vou só verificar algumas coisas no banheiro.

– Tudo bem – respondeu Natasha. – Acho que já gravamos a sua parte. Certo, Emery?

– Isso, podemos ir – respondeu ela.

– Estou superanimada para ver como este quarto vai ficar – comentou

Natasha.

Astrid sorriu e revelou a quantidade certa de dentes, chamando a atenção de Jordan atrás de Natasha.

– É. Eu também.



Depois que o grupo saiu em direção ao quarto principal, ainda intocado – bom, até onde Astrid sabia –, ela soltou o ar numa mistura de suspiro, rosnado e soluço.

Sem inspiração.

Que merda.

Andou em círculos pelo quarto. Sua bolsa, enganchada no cotovelo, bateu no quadril várias vezes. Não conseguia acreditar. Seu projeto para aquele quarto – para aquela casa – era bom.

É lindo.

Era o que Pru dissera ao vê-lo pela primeira vez, duas semanas antes. Sem dúvida, a proprietária da pousada não gastaria 100 mil numa reforma que detestasse.

Ou gastaria?

Ainda assim, Astrid não conseguia tirar o comentário de Natasha da cabeça, como se ela fosse uma professora que acabara de marcar um *zero* vermelho-escuro no trabalho de escola ao qual Astrid passara semanas se dedicando de corpo e alma.

Ficou paralisada, os próprios pensamentos obrigando-a a parar.

De corpo e alma.

Nunca tinha usado essa expressão para descrever seus projetos. Trabalhava com afinco, dava ouvidos aos clientes, criava espaços que eles adoravam, mas sempre tinha sido apenas... trabalho. Achava que não havia nada em sua vida a que se entregasse “de corpo e alma”.

Meu Deus, que pensamento deprimente.

Astrid respirou fundo pelo nariz, contando até quatro ao inspirar... e até

oito ao expirar. Repetiu o gesto algumas vezes até o pânico crescente diminuir o bastante para que conseguisse se concentrar em outra coisa.

Algo bem menos deprimente e muito mais exasperante, mas a raiva era boa.

Astrid não conseguia acreditar que Jordan tinha se revelado tão... tão... ardilosa. Um pouco de tensão na frente das câmeras era bom para temperar as cenas, mas aquilo era antiprofissional. E por quê? Era óbvio que ela não havia gostado do projeto de Astrid, mas era o que sua própria família encomendara.

Porém Pru obviamente tinha adorado o tom que naquele momento desfigurava as paredes do Quarto Azul.

Astrid fechou os olhos. Podia dar um jeito naquilo. Ainda era capaz de salvar o projeto, sua reputação e deixar Natasha Rojas pra lá de impressionada. Ela e Jordan só precisavam ter uma conversinha, só isso.

Estava indo na direção da porta quando o telefone tocou. Ao tirá-lo da bolsa, leu uma mensagem de Iris.

Tô chegando! Quero batata frita.

Astrid quase havia esquecido que Iris queria levá-la para almoçar, uma pequena comemoração por ter sobrevivido à filmagem do “antes” no famoso Quarto Azul. No entanto, tinha certeza de que não havia nada para *comemorar* na manhã que acabara de passar.



CAPÍTULO ONZE

A MANHÃ NÃO PODERIA TER CORRIDO MELHOR.

Pru tinha adorado a cor da parede, exatamente como Jordan sabia que aconteceria, e só isso importava. Mas outras coisas também pareciam estar no lugar. Como Jordan suspeitava, Astrid estava preocupada demais em preservar a própria reputação na frente de Natasha Rojas para questionar as paredes azuis. Até Simon acreditava que Astrid sabia tudo sobre a cor da tinta.

Era verdade que a declaração de Natasha sobre o projeto de Astrid não ter inspiração fora meio grosseira, mas Jordan precisava concordar. Sinceramente, não sabia se Astrid *gostava tanto assim* de ser designer de interiores. Óbvio que ela sabia fazer o trabalho, mas as únicas vezes em que Jordan vira uma centelha de paixão nos olhos da mulher foram quando ela usara aquela marreta nos armários da cozinha e suspirara por um pãozinho na feirinha de rua. Em todos os outros momentos em que estivera na casa, com ou sem câmera, o comportamento dela era sério e clínico, como o de uma médica receitando um tratamento.

Depois de uma breve caminhada através de uma passagem secreta

bastante mofada e empoeirada que começava no guarda-roupa do quarto principal e serpenteava pelo meio da casa, abrindo-se numa estante na biblioteca, Natasha pediu licença para fazer alguns telefonemas e Emery teve que trabalhar na montagem da cena seguinte. Em todo caso, Pru estava pronta para almoçar, e Jordan precisava de um minuto para processar qual seria o próximo passo, já que Astrid obviamente sabia que ela estava tramando travessuras de design.

Ela acompanhou Pru de volta ao chalé, ouvindo a avó comentar alegremente sobre o Quarto Azul o tempo todo, para seu deleite. Depois de devorar metade de um sanduíche de peito de peru que Pru insistira que ela comesse para se sustentar pelo resto da tarde, Jordan foi para a oficina. Lá fora, nuvens deslizavam pelo céu. A manhã começara luminosa e ensolarada, mas na verdade Jordan gostava das nuvens, da suavidade do céu cinzento. Parecia correto, reconfortante, enquanto o sol em Savannah sempre parecia zombar dela. *Olha, se eu estou feliz, por que você não consegue dar um jeito na sua vida?*

As nuvens eram mais amáveis.

Ela girou os ombros, pronta para trabalhar em seus armários de cozinha, que estavam quase na metade do processo. Só queria um pouco de paz e sossego, madeira debaixo das mãos e um belo projeto de design na cabeça.

Mas, lógico, como o universo a detestava, esbarrou em Astrid Parker enquanto contornava aquela roseira enorme e infernal entre o chalé e a oficina.

– Eita! – exclamou Jordan quando os ombros das duas colidiram.

Ela pulou para trás enquanto estendia a mão instintivamente para segurar os braços de Astrid e firmá-la.

– Desculpa – respondeu Astrid. – Não te vi.

Ficaram paradas por um segundo, sem graça. Astrid parecia estar respirando fundo várias vezes, com os nós dos dedos brancos de tanto apertar as alças da bolsa.

– Tá bom – disse Jordan. – Bom, eu vou...

– O que foi aquilo, hein? – perguntou Astrid.

Jordan ficou paralisada, com a boca ainda aberta. Os olhos escuros de

Astrid estavam fixos nela de um jeito que só poderia ser descrito como intenso. Muito intenso. E meio zangado. Sentiu um aperto no estômago. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que enfrentar Astrid por causa daquela história de pintar o quarto de azul sem falar com ela.

Esperava que fosse mais tarde.

– Não sei do que você está falando – retrucou ela.

Astrid riu. Uma única bufada que não tinha absolutamente nenhuma alegria. Ela se aproximou, e Jordan sentiu um aroma de limpeza e frescor, como brisa do mar e roupa recém-lavada.

– Sêrio? Vai dar uma de sonsa e me manipular? Achei que você fosse melhor do que isso – disparou Astrid.

Jordan murchou um pouco. A outra tinha razão nos dois comentários.

– A não ser que Alice Everwood tenha pintado o próprio quarto de azul – continuou Astrid.

Jordan ergueu as sobrancelhas.

– Quem sabe?

– Que merda, dá pra parar com essa conversinha mole?

Jordan inclinou a cabeça para Astrid.

– Você não parece do tipo que fala palavrão.

Astrid levantou a mão e a deixou cair, batendo na perna.

– Por que todos sempre dizem isso? Eu falo palavrão, sim, igual a todo mundo.

– Igual a todo mundo, não. Você falou “merda” com um toque de sofisticação. Aliás, belo vestido.

Astrid olhou para si mesma, como se tivesse esquecido totalmente que usava o infame vestido marfim. De repente, ela pareceu vulnerável – até mesmo perplexa –, e Jordan sentiu a raiva diminuir. Certo, Astrid gritara com ela num dia ruim. Grande coisa. Já enfrentara coisas piores, disso não havia a menor dúvida. E naquela hora a mulher estava apenas tentando tocar seu projeto de reforma. Um projeto *ruim*, mas mesmo assim...

– Olha – disse Jordan, suspirando. – Você sabe que não gosto do seu projeto pra pousada. Meu irmão pode não dar a mínima pra casa da nossa família, mas eu dou. O seu estilo não tem nada a ver com Everwood, só isso.

Não é nada pessoal.

Pensou seriamente em citar o comentário de Natasha, mas parecia maldade pura e simples.

Astrid a encarou com uma expressão um tanto espantada. E não era espanto do tipo bom, mas do tipo que dizia: “Dá pra acreditar no que essa descarada está dizendo?”

– É pessoal, sim – retrucou ela. – É o meu trabalho. Minha empresa. Minha reputação. E hoje você me pegou completamente desprevenida.

– Você reagiu muito bem.

– Só porque *você* não me deixou escolher.

– Então escolha agora. Sei que Natasha e Emery querem que a gente faça um draminha, mas pra mim é muito simples: eu quero o projeto certo pra Everwood, e não é o seu.

Astrid suspirou e passou a mão pelo cabelo, despenteando a franja. Jordan teve o desejo repentino e absurdo de arrumá-la, passando os dedos por toda aquela loirice repicada.

Ela pigarreou, fechando as mãos em punhos para mantê-las no lugar. Reteve a expressão impassível, mas já não podia ignorar o palpitar de seu coração. Para ser sincera, estava gostando muito daquilo. Não gostava necessariamente de pôr o trabalho de Astrid em risco. Apesar do primeiro encontro ruim, não tinha energia para gastar tentando arruinar a vida da mulher, e, nossa, imagine se dedicar a uma vingança tão horrível: *ela gritou comigo, então acabei com a vida dela*. Não, não era isso que Jordan estava procurando. Queria apenas que a casa de sua família ganhasse o projeto certo, e Astrid estava atrapalhando.

Bom, Astrid e a total falta de confiança do próprio irmão, mas dava no mesmo.

Ainda assim, naquele momento, ao brigar com aquela mulher lindíssima, ela de repente se sentiu... viva. Mais viva do que se sentira desde que Meredith adoecera, pelo menos.

Havia também o fato de que fazer a reforma seria muito mais fácil se conseguisse trazer Astrid Parker para seu lado, apesar da sede de drama do *Pousadas Adentro*. Caramba, podia bancar a rebelde com qualquer coisa se

eles quisessem. Mas se ia mesmo executar seu plano, não apenas sonhar com ele, precisava de Astrid.

– Escuta. – Jordan se aproximou. – A gente não precisa ficar em pé de guerra.

– Guerra? – indagou uma voz pouco antes de uma linda mulher branca e ruiva contornar a roseira. – Quem atirou primeiro?

– Não tem guerra nenhuma – respondeu Jordan.

– Foi ela – disse Astrid ao mesmo tempo.

A recém-chegada assentiu, franzindo os lábios.

– Bom, se eu fosse você, tomaria cuidado. Astrid é uma baita oponente.

– Iris – reclamou Astrid.

– Que foi? – perguntou a tal Iris. – Lembra quando você deu um esbarrão na Piper Delacorte e empurrou a menina no armário dela com tanta força que ela caiu, só porque você descobriu que ela batizou seu refrigerante na festa da Amira Karim pra ver o que você faria se ficasse bêbada?

– Isso foi no ensino médio. Nessa época todo mundo é horrível.

Iris deu um sorrisinho irônico.

– E ela mereceu?

– Lógico que sim. – Astrid chegou a jogar o cabelo para trás, se bem que o gesto teatral sugeria um toque de humor. – Ninguém deve pôr álcool na bebida de outra pessoa sem permissão.

Iris gargalhou e Astrid chegou a abrir um sorriso, e, meu Deus, que sororidade bizarra era aquela? Jordan estreitou os olhos, vendo as amigas dando risada, e algo em seu peito se apertou – algo que havia existido e desaparecido muitos anos antes.

Ela se livrou do sentimento e se concentrou. Iris parecia familiar. Tinha cabelo ruivo e longo, com trancinhas misturadas às mechas aqui e ali, e estava vestida como se estivesse a caminho de um campo de flores silvestres: um vestido esvoaçante com estampa floral na altura dos joelhos, sandálias marrom-conhaque e brincos dourados e grandes em forma de nuvem com gotas de chuva caindo em direção ao ombro. Se Jordan tivesse que chutar, tinha um ar bem bissexual e boêmio.

Era uma das mulheres que rodearam Astrid depois do infeliz incidente com o café na frente da cafeteria, óbvio.

– Com licença – pediu Jordan, mais do que pronta para sair de perto das duas.

Tentou contorná-las, mas Iris a impediu.

– Desculpa, que grosseria a nossa. – Ela sorriu, mostrando uma fileira de dentes brancos e perfeitos. – Eu sou Iris. Vim levar Astrid pra almoçar.

Jordan suspirou por dentro, mas se rendeu.

– Jordan.

– Parece que já te vi – comentou Iris, inclinando a cabeça. – A gente se conhece?

Seu tom de voz exalava sarcasmo, que, pelo jeito como Iris olhou de soslaio para a amiga, Jordan presumiu que fosse dirigido a Astrid.

– Antes de cinco segundos atrás? – perguntou Jordan. – Oficialmente, não.

Iris assentiu. Astrid se contorceu, olhando para o céu como se preferisse ser abduzida por um disco voador a ter aquela conversa. Jordan entendia muito bem o sentimento.

– Ah, que bom que agora é oficial – disse Iris. – Você curte minigolfe?

– Eu... Como é que é? – perguntou Jordan.

Devia ter ouvido errado. Ou isso, ou Iris era especialista em pular de um assunto para outro sem aviso.

– Minigolfe – repetiu Iris, balançando a cabeça.

Certo, especialista em pular de um assunto para outro, sim.

– Iris – chamou Astrid.

– Você *vai* – respondeu ela. – Aceita e pronto.

– Tá bom, tá bom, mas você não vai submeter a Jordan àquele vexame do minigolfe bêbado.

– Minigolfe... bêbado? – retrucou Jordan.

Será que *alguma coisa* naquela conversa passaria a fazer sentido?

Astrid suspirou, e suas bochechas adquiriram um lindo tom de rosa.

Não, lindo, não. Puta merda, Jordan. É só rosa e pronto. No máximo, rosa-avermelhado. Era cem por cento desinteressante.

– Não é nada – respondeu Astrid.

– É uma delícia! – garantiu Iris. – Tem um campo de minigolfe em Sotheby, o Birdie's, e é só pra maiores de 21. Tem as pistas mais mirabolantes, tipo cenários completos de naufrágio com sereias, desertos e florestas. Além disso, servem bebida alcoólica. Abriu uns meses atrás, e todo mundo vai lá hoje. Quer ir com a gente?

Iris falava depressa, gesticulando sem parar. Para Jordan, era como assistir a um programa de TV em que o som não combinava com a boca dos atores. Demorou um pouco para entender que tinha acabado de ser convidada para sair. Para sair e beber.

– Ah – disse ela.

Mas, antes que pudesse formular uma resposta de verdade, seu irmão deu a volta na roseira. Francamente, Jordan estava começando a detestar aquela planta.

– Achei você – falou Simon, e a ruga de preocupação onipresente entre as sobrancelhas dele se abrandou por um momento. – Tá tudo bem?

Deus do céu, como estava cansada daquela pergunta.

– Tô bem. Só batendo papo aqui com Astrid e Iris.

Simon franziu a testa diante do tom excessivamente alegre, mas se virou para as outras mulheres.

– Oi. – Ele abriu um grande sorriso para Iris. – Sou o Simon, irmão gêmeo da Jordan.

– Simon Everwood – disse Iris, franzindo a boca enquanto o olhava de alto a baixo. – O escritor.

O sorriso encantador dele mudou para sua expressão de “Ah, então você já ouviu falar de mim”.

– É o que dizem.

Iris levantou as sobrancelhas.

– *Quem* diz?

Simon riu e coçou a nuca.

– Boa pergunta. Às vezes também fico na dúvida.

Iris riu.

– Bom, aposto que a Violet pode te dar uma dica.

Violet era uma das personagens principais do romance de estreia de Simon, *As recordações*, uma longa saga familiar ambientada em Los Angeles, repleta de conflitos e crises existenciais. No outono anterior, o livro ficara na lista dos mais vendidos do *The New York Times* por várias semanas consecutivas. Desde então, porém, ele estava tendo dificuldade para terminar o romance seguinte.

O rosto de Simon adotou uma expressão que só poderia ser descrita como exultante.

– Você leu?

– Infelizmente.

Simon apertou o peito como se tivesse levado um golpe, mas riu e disse:

– Ai.

Isso só fez Iris sorrir ainda mais. Jordan espiou Astrid e as duas trocaram um olhar que dizia “Dá pra acreditar nesses dois?”. Jordan começou a sorrir, mas Astrid desviou o olhar.

– Enfim – falou Jordan em voz alta. – Vou trabalhar um pouco.

– Peraí. – Iris estendeu a mão, chegando mesmo a agarrar a dela. – Diz que vai com a gente hoje à noite. Aliás, vocês dois.

– Iris, pelo amor de Deus – resmungou Astrid.

– Ir aonde? – perguntou Simon, e Jordan gemeu por dentro. – Ah, vamos, sim – respondeu ele depois que Iris explicou o evento, exatamente como Jordan sabia que faria. Ele pôs o braço em volta dos ombros da irmã e sorriu. – Com certeza.

Jordan nunca tinha pensado em fratricídio, mas, de repente, o conceito pareceu muitíssimo atraente.



CAPÍTULO DOZE

ASTRID SE SENTOU NO BANCO DE TRÁS do Prius de Claire, com Iris ao lado dela no assento do meio, enquanto Jillian, a namorada muito recente e muito bonita de Iris, que morava em Portland e era advogada, ocupava o outro lado. Jillian tinha cabelo loiro curto com fios que pareciam ter vontade própria e criavam um contraste com seus ternos imponentes e seu estilo bofinho. Naquela noite, ela deixara o terno em casa – ou no apartamento de Iris – e preferira jeans, sapato social marrom e blazer azul-marinho com camiseta branca. Falava pouco, mas, quando o fazia, era sempre algo devastador, como “minha empresa tem camarotes na Ópera Metropolitana de Nova York... a gente devia pegar um avião e ir lá um dia desses”, como se fosse o tipo de coisa que o grupo delas fazia *o tempo todo*.

Até Delilah achava que Jillian às vezes era *meio demais*, e ela havia morado em Nova York por doze anos.

O relacionamento era recente, e Iris estava bastante apaixonada. Depois de um término relativamente tranquilo no outono anterior com Grant, que fora namorado dela por quase três anos, Iris havia ficado sem namorar ninguém até Jillian entrar na loja dela, um mês antes. A mulher dizia ter

encontrado Iris no Instagram e estar disposta a pagar bem por um planner personalizado.

Iris criou o planner em tempo recorde – um “planner de lésbica poderosa”, segundo ela – e as duas foram para a cama logo em seguida.

Óbvio que Astrid conhecia todos os detalhes daquele romance, inclusive o fato de que Iris tivera vontade de arrancar o tal terno de Jillian no instante em que a vira, porque não tinha absolutamente nenhum filtro verbal.

Em relação a nada.

No carro, Astrid estava só ouvindo enquanto as amigas falavam sobre o dia delas, sobre como Claire nunca imaginara que *aquela* Simon Everwood era um Everwood de Bright Falls.

– Eu também não – disse Iris. – Pra ser sincera, nunca parei pra pensar nisso. O livro dele é uma historinha de homem branco totalmente egocêntrica.

– Não é, não – respondeu Claire. – Eu gostei. E, tipo, metade dos personagens é gente lgbtq+.

– Tá bom, isso eu admito – ponderou Iris. – Mas ainda acho Jonathan Franzen demais pro meu gosto.

– Ai, meu Deus, você é terrível! – Claire riu. – Simon escreve personagens femininas cis muito melhor do que o Franzen. E ele nem sequer usou cenas de sexo gratuitas em que os seios de uma mulher tremem como se fossem seres sencientes.

– Então pra que ler? – protestou Delilah no banco ao lado dela.

Claire riu e pegou a mão da namorada, dando um beijo em seus dedos.

– Simon não escreve histórias românticas.

– Peito senciente é romântico? – perguntou Delilah.

– Nossa, eu adoraria ver ele escrever uma história romântica – disse Iris.

– Duvido muito que ele consiga – comentou Jillian com sua voz suave.

– É isso aí, gata.

Iris ficou radiante, como se aquela mulher tivesse simplesmente inventado o sexo.

De repente, Astrid pensou que Jillian provavelmente possuía um colar de clitóris, e uma risada brotou de sua boca.

– Qual é a graça? – perguntou Iris.

Astrid gesticulou, descartando o comentário, e se voltou para a janela.

Claire pigarreou.

– Que bom que você convidou os Everwoods pra vir com a gente hoje, Ris.

Astrid trincou os dentes. Durante o almoço, naquele mesmo dia, dissera mais de uma vez para Iris que não estava nem um pouco feliz com aquele convite improvisado, o que era praticamente tudo o que contara sobre sua manhã. Iris, óbvio, queria saber todos os detalhes das filmagens com Natasha, assim como o motivo de Jordan Everwood falar em guerra quando Iris as encontrara no quintal da pousada. Astrid conseguiu satisfazê-la com declarações efusivas como “Natasha é sensacional” e “Ah, foram só algumas diferenças criativas”, mas a verdade era que Astrid só conseguia pensar naquela tinta azul e no fato de que ninguém menos que Natasha Rojas chamara seu projeto muito mais moderno de “sem inspiração”.

– Por falar nos Everwoods – comentou Iris, gesticulando entre o banco da frente e ela mesma –, ainda não consigo acreditar que você não contou pra gente que estava trabalhando com a mesma mulher que derramou café no seu precioso vestido.

– Ouvi falar desse incidente – disse Jillian, inclinando-se para a frente para poder ver Astrid. – Tenso.

– É, muito tenso – respondeu Astrid, e Iris lhe deu uma cotoveladinha na costela. – E vejo a família todo dia durante o horário de trabalho. Preferiria não sair com eles nas minhas horas de folga, né?

– Tive que convidar – argumentou Iris. – Cuidamos da nossa gente.

– Quem é *a nossa gente*? – perguntou Astrid.

– Gente lgbtq+ – disse Iris, gesticulando mais uma vez em direção ao banco da frente e depois em direção a Jillian.

Astrid tinha ouvido falar que Simon Everwood era bissexual. Isso era de conhecimento público, e ele era uma semicelebridade que falara sobre o tema em entrevistas mais de uma vez. E ela já sabia que Jordan era lésbica. Fazia sentido que todo o círculo de amigas de Astrid – todas lgbtq+, menos ela – se aproximasse dos gêmeos Everwood.

– Tá, é justo – disse ela. – Mas ainda prefiro manter minha vida pessoal separada da profissional.

Iris soltou um resmungo exasperado.

– Meu bem, tenta relaxar. Só hoje. Você tem trabalhado pra caramba e merece.

Astrid não disse nada, mas de repente sentiu um nó na garganta. Ela sabia que Iris tinha boas intenções, que queria mesmo que a amiga se divertisse como merecia, mas sempre detestara aquela imagem de si mesma – reprimida, travada, fria.

Tudo o que Isabel Parker-Green encarnava.

Tudo o que Astrid não queria ser, mas que se sentia obrigada a ser mesmo assim.

O sentimento não era novo, mas vinha crescendo ultimamente, desde seu término com Spencer. Bom, não, até mesmo antes disso. Talvez sempre tivesse existido. Que inferno, ela não sabia ao certo.

Terminar com o ex-noivo no verão anterior deveria ser um passo adiante, o começo do processo para entender, finalmente, quem Astrid era e o que queria. Mas, no fim das contas, só se sentia mais perdida desde que o noivado terminara. Não se arrependia de não ter se casado com Spencer, nem por um segundo. Mas, desde então, parecia estar à deriva.

E ainda havia a confusão na Pousada Everwood...

– Tá – disse ela, respirando fundo. – Você tem razão. Só preciso relaxar.

Quando Claire entrou no estacionamento do Birdie's, com as luzes de neon do campo iluminando o céu noturno, Astrid sorriu para o próprio reflexo na janela, forçando os cantos da boca a se alargarem um pouco mais para que o sorriso parecesse sincero.



O campo de minigolfe parecia um recorte da Disneylândia. Cada um dos dezoito buracos tinha um tema – piratas, desertos, sereias, florestas, cidades futuristas –, com projeto e execução bem-elaborados. Dentro do prédio,

onde se pagava o ingresso e se pegavam os tacos e as bolas, havia também um bar completo chamado Bogey's. Lá os golfistas podiam pedir cerveja, vinho e drinques diversos, todos servidos em convenientes copos de plástico com alças, tampas e canudos.

Astrid precisava admitir que o lugar era bem impressionante, ainda que meio brega – Isabel não poria os pés num lugar como aquele nem morta, muito menos viva e com seu novo par de Jimmy Choos. Esse pensamento a fez se sentir confortada e confusa.

A sensação se dissipou rapidamente quando viu Jordan e Simon esperando por elas no bar. Cordões de luzinhas penduradas em ganchos no teto, além das prateleiras retroiluminadas cheias de garrafas, lançavam sobre eles e os outros poucos clientes um suave brilho âmbar. Jordan usava jeans skinny preto com a barra dobrada no tornozelo e camisa azul de manga curta com estampa de limões miudinhos. O cabelo dela estava maravilhoso – o lado rapado parecia recém-tosquiado, e as mechas mais longas caíam sobre a testa em ondas castanho-douradas. Usava o batom vermelho-framboesa de sempre e o delineado gatinho perfeito.

Estava fantástica. Será que, em algum momento, Astrid já tivera um visual assim, tão legal e descontraído? Ela olhou para a blusa marrom-avermelhada que usava, com a barra por dentro do jeans de cintura alta, para as botas marrom-conhaque que combinavam com tudo, e sentiu que estava de volta ao ensino médio, questionando cada peça que vestia.

– Oiê! – gritou Iris, acenando e puxando Jillian pela mão em direção aos Everwoods.

Simon usava uma camiseta verde-musgo de manga comprida e jeans escuros. Os óculos e o cabelo alvoroçado o faziam parecer exatamente o escritor que era.

As pessoas se apresentaram – com Iris tomando a iniciativa, óbvio. Pediram bebidas e alugaram bolas e tacos. Astrid tomou um gole de vinho branco e foi em direção às portas francesas que levavam para as pistas lá fora. Estavam abertas, deixando entrar o ar excepcionalmente quente daquela noite de primavera.

Ela sabia que precisava conversar mais com Jordan sobre a pousada, mas

a simples ideia de ficar sozinha de novo com a mulher quase a fez sentir dor de barriga. Ainda assim, a quase discussão naquela manhã a deixara inquieta e ansiosa, dois sentimentos que ultimamente conhecia muito bem. E, se ia mesmo relaxar, como Iris tinha dito, precisava esclarecer as coisas.

Endireitou os ombros, determinada, e tomou outro gole encorajador de vinho antes de dar meia-volta para encarar o grupo.

E esbarrou justo em Jordan Everwood.

De novo.

A bebida de Jordan – vinho tinto, pelo jeito – pulou para fora do frágil copo de plástico e espirrou por toda a camisa de limõezinhos.

– Ai, meu Deus! – exclamou Astrid. – Me desculpa. Espera, vou pegar uns guardanapos.

Correu para o bar onde o resto do grupo ainda estava pegando as bebidas sem a menor ideia do que acabara de acontecer. Pegou um punhado de guardanapos marrons e correu de volta para Jordan, que estava ali parada com uma espécie de expressão resignada.

– Bom, acho que carma é isso aí – comentou ela, enxugando a camisa provavelmente arruinada.

– Quê? – perguntou Astrid.

Jordan gesticulou, indicando as duas.

– Eu derramo café no seu vestido preferido, você derrama vinho na minha camisa favorita.

Astrid se encolheu um pouco.

– É a sua favorita?

Jordan deu de ombros.

– A segunda favorita.

– Me desculpa mesmo. – Já era a chance dela de provar que era um ser humano decente. – Eu pago a lavagem a seco.

Ao ouvir isso, Jordan riu, bufando, e agitou um guardanapo no ar antes de usá-lo de novo para enxugar inutilmente o peito. A camisa estava com três botões abertos no alto, e Astrid teve um vislumbre de renda roxa. Algumas gotas de vinho tinto haviam descido pelo decote.

Astrid engoliu em seco e desviou o olhar, procurando as melhores

amigas e esperando que a salvassem daquele inferno. Claire estava ocupada cochichando com Iris e Delilah numa rodinha apertada, enquanto Simon e Jillian estavam de lado, conversando sobre sei lá o quê enquanto bebiam cerveja e bourbon, respectivamente. Ela estava sozinha ali, e talvez fosse melhor assim. Não precisava passar vergonha na frente do grupo todo. Só precisava resolver as questões da pousada com Jordan.

O problema era que não tinha ideia de como lidar com *nada* naquela situação. A raiva que sentira de manhã tinha desaparecido, deixando-a em parte envergonhada por Jordan ter visto Natasha chamar seu projeto de “sem inspiração” e em parte sem a menor ideia de como melhorá-lo. De repente, sentiu-se perdida e sobrecarregada. Sabia que era uma atitude infantil – era profissional e já tinha 30 anos, pelo amor de Deus –, mas estava começando a acreditar que nunca seria velha demais para se sentir sozinha e tentar entender qual era seu lugar no mundo.

Voltou-se para Jordan, que tinha acabado de se limpar e estava bebendo o resto do vinho do copo partido.

– Pode se vingar acabando comigo no minigolfe – disse Astrid.

Não sabia de onde tinha vindo aquela ideia. Antes, nem queria que Jordan fosse com elas, mas, de repente, um desafio de minigolfe parecia ser o único caminho possível.

Jordan deu uma última golada no vinho e olhou para Astrid.

– Ah, é?

Astrid assentiu.

– Eu sou *péssima* nesse jogo. Sério.

Jordan estreitou os olhos e depois lançou um olhar de esguelha para o irmão. Passou um segundo observando Simon conversar com Jillian antes de se voltar para Astrid e pegar o taco, que havia deixado no chão para se limpar.

– Beleza, Parker, bora lá.

Então jogou o copo vazio no lixo e fez um gesto teatral em direção às portas francesas, indicando que Astrid deveria ir na frente.

Astrid apoiou o próprio taco no ombro, exatamente como fizera com a marreta durante a demolição, e se dirigiu ao campo sem olhar para trás.



CAPÍTULO TREZE

JORDAN DETESTAVA ADMITIR, mas não estava cem por cento infeliz observando Astrid Parker se atrapalhar com o par três no buraco número quatro.

– Meu Deus, você é péssima mesmo – comentou.

– Eu te disse – respondeu Astrid.

Ela estava tentando pela quinta vez mandar sua bola verde-limão para cima de uma miniatura da Ponte Golden Gate em vias de ser danificada por um terremoto que arruinaria a cidade. A cada dez segundos, a emblemática ponte de metal vermelho tremia um pouco, fazendo a bola de Astrid escorregar e deslizar para todos os lados, menos para onde ela queria que fosse.

Jordan teria achado um pouquinho fofo o jeito como Astrid bufava e resmungava “que saco” sem emitir som, se permitisse a si mesma esse tipo de pensamento.

E não permitia.

Nem ia se deixar dar uma olhada na bunda espantosamente curvilínea de Astrid com aquele jeans quando ela se inclinava sobre o taco. Só estava ali

por questão de bom senso profissional. Nada mais.

– Então – disse Jordan em voz alta, até um pouco alta demais, tanto que Astrid se assustou e bateu o taco na bola antes de estar pronta –, que turminha legal a sua.

Ela usou o próprio taco para indicar o resto do grupo. Ainda estavam no buraco dois porque paravam para conversar toda hora, ou alguém corria até o bar para pegar mais bebida, ou Delilah – que pelo jeito era ainda pior do que Astrid no minigolfe – jogava acidentalmente seu taco na lagoa pirata tingida de azul do buraco um.

Astrid recolocou a bola no lugar, mas depois se endireitou e suspirou, estreitando ligeiramente os olhos na direção das amigas.

– É. Elas são inigualáveis, pode ter certeza.

– E são sempre assim tão...

– Barulhentas?

Jordan riu.

– Eu ia dizer *animadas*.

– Que educada.

Ficaram em silêncio enquanto Astrid dava sua tacada – a ponte fazia um ruído, estremecia e cuspiam a bola de volta para ela – e Jordan observava seu irmão e as outras.

Simon estava rindo e Iris argumentava por que ela deveria ter direito a uma tacada extra, o que parecia ter alguma coisa a ver com a lua cheia e com o fato de sua bebida não ter gelo suficiente.

– Você é sempre tão irritante assim? – perguntou Simon.

– Você nem imagina – respondeu Iris, sorrindo para ele e bebendo do jeito mais barulhento possível.

Simon riu ainda mais alto. Os olhos dele brilhavam; o sorriso era radiante e a postura estava relaxada e autoconfiante. Jordan amava o irmão, provavelmente mais do que amava qualquer outra pessoa na Terra além de Pru. Mas, às vezes, uma faisquinha de inveja lampejava em seu peito. Seu gêmeo amava a vida de verdade, e a vida também o amava.

Intensamente.

Um romance de estreia entre os mais vendidos, uma fé inabalável no

amor verdadeiro apesar de ter sofrido mais de uma decepção, a bissexualidade assumida publicamente. No fundo do coração, ela sabia que não estava sendo completamente sincera consigo mesma – Simon já tivera grandes mágoas na vida e sofrera muito bullying ao se revelar bi no primeiro ano do ensino médio. Apesar disso, assim que aquele zagueiro do time de futebol americano se assumira pansexual apenas três semanas depois, as ameaças pararam como num passe de mágica. Não que ela quisesse que a vida dele tivesse sido mais difícil. Lógico que não. Mas às vezes ela simplesmente... não sabia. Os sorrisos dele, o sucesso, a busca interminável por um grande amor que o mantinha *otimista* o tempo todo, tudo isso a fazia se sentir como se estivesse sozinha numa ilha.

O sentimento havia piorado desde a partida de Meredith. Tudo tinha piorado, era óbvio. Toda a vida dela implodira enquanto Simon ganhava destaque no *Sunday Times*. Ela podia encantar a equipe do *Pousadas Adentro*, mas isso era trabalho. Ali havia um contexto. Mas largada no meio daquele grupo animadíssimo, estava perdida.

– Elas fazem parecer tão fácil – comentou Jordan.

Astrid interrompeu sua travessia pela ponte e olhou para as amigas.

– Fazem o que parecer fácil? – perguntou.

Um sorrisinho ergueu os cantos da boca de Jordan.

– A vida. A diversão.

Astrid levantou as sobrancelhas.

– Você tem dificuldade pra se divertir?

Jordan então olhou para ela. Caramba, os olhos dela eram bonitos – de um castanho tão escuro que mal dava para distinguir as pupilas. Combinados ao cabelo claro e às sobrancelhas grossas e escuras... Astrid Parker era deslumbrante. Disso não havia a menor dúvida.

– Mais ou menos – respondeu Jordan.

Astrid a encarou.

– Sério? Você está aqui comigo, a pessoa que te tratou como lixo por causa de um café derramado, e detesta tudo o que estou fazendo com a casa da sua família a ponto de chegar a me sabotar.

Jordan abriu a boca para protestar, mas... bom, que merda, quando a

mulher tinha razão, tinha mesmo. “Diversão” não era a palavra que usaria para descrever qualquer parte de sua existência nos últimos tempos. Ela trabalhava, estragava o trabalho, seu irmão tentava salvá-la e o ciclo recomeçava.

Nem sempre fora assim. Era como se sua recente falta de confiança em qualquer coisa tivesse aberto um buraco bem no meio do peito, onde o coração antes pulsava com mais ímpeto, com mais ardor, e tudo que restasse fosse uma brasa minúscula que, na maior parte do tempo, ela não tinha força para atizar.

– Caramba! – exclamou Jordan, passando a mão no cabelo. – Quer dizer, o que é que estou fazendo com a minha vida?

Primeiro Astrid ergueu as sobrancelhas, mas depois riu de verdade. Deu uma daquelas risadas que enrugam o canto dos olhos e mostra os incisivos – os dela eram um pouquinho afiados, como os de uma vampira.

– Nem posso falar de você. Afinal, estou preferindo jogar com alguém que sem dúvida acha que sou um lixo humano e detesta minhas escolhas estéticas, quando podia estar com minhas amigas da vida toda, então...

Astrid desviou o olhar, mordendo o lábio inferior com aqueles dentes afiados.

Jordan estremeceu, depois inclinou a cabeça para a outra mulher. Imaginou dizer algo sobre ela não ser um lixo humano, mas, por alguma razão, sabia que Astrid não estava pedindo confete, por isso não ofereceu nenhum.

– Bom, então acho que é melhor a gente tratar de se divertir mesmo hoje. Só pra provar pra nós mesmas que conseguimos.

Astrid levantou as sobrancelhas só um pouquinho antes de perguntar:

– Qual é a sua sugestão?

Jordan se deteve. Não tinha a menor ideia do que estava fazendo. O que deveria fazer era voltar para a casa da avó, maratona alguma série na Netflix e pegar no sono depois de uma longa sessão com alguma coisinha movida a bateria. Mas não pôde deixar de fechar os olhos e olhar para trás... para o passado... para anos antes, numa época em que tinha sido feliz de verdade – ou, pelo menos, tão feliz quanto qualquer ser humano com uma companhia

amorosa e um salário estável. Procurou uma Jordan completamente diferente, alguém que não tinha medo de fazer besteira o tempo todo, que não estava planejando nem sabotando um projeto de reforma. Que dormia e amava com facilidade.

Aquela Jordan sabia exatamente como se divertir. Verdade que seu jeito de se divertir não era do tipo ruidoso que estavam ouvindo atrás delas, nunca tinha sido. Mas, de alguma forma, sabia que Astrid Parker entenderia isso muito bem.

– Minha ideia – respondeu, apoiando-se no taco e se aproximando de Astrid – vai exigir uma mudança de local.



CAPÍTULO CATORZE

SE ALGUÉM TIVESSE SUGERIDO A ASTRID que ela estaria passando por uma estrada escura dentro de uma caminhonete velha com Jordan Everwood naquela noite, ela acharia que a pessoa estava bêbada.

Ou chapada.

Ou qualquer outra combinação que explicasse aquela ideia absurda.

No entanto, lá estava ela na caminhonete que Jordan chamava de Adora, com os alto-falantes berrando uma música indie folk melancólica que nunca tinha ouvido enquanto o vento soprava o cabelo no rosto dela.

– Aonde estamos indo? – gritou, baixando o volume.

Já tinha feito a mesma pergunta duas vezes, e a cada tentativa Jordan apenas sorria e aumentava o volume da música outra vez, cantando junto.

Ela girou o botão de novo.

– Jordan, sério. Sem plano, pra mim, não dá.

Jordan riu.

– Percebi.

– E aí?

– Seu noivo nunca te fez uma surpresa? Nem suas amigas?

Astrid abriu a boca para dizer que absolutamente *não*, porque todas as pessoas em sua vida sabiam que ela detestava surpresas. Mas, no ano anterior, isso não impedira Spencer de comprar uma casa em Seattle sem contar para ela uma semana antes do casamento. Tampouco impedira Iris e Claire de conspirar com Delilah pelas costas dela para separar o casal. Verdade que as intenções das amigas eram boas e a intuição delas, precisa, mas a questão não era essa.

– Já fizeram, sim – respondeu. – E não gostei nem um pouco.

Jordan pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha, revelando uma série de argolas, luas e estrelas prateadas penduradas ali.

– Dessa você vai gostar. Prometo que não é nada assustador.

– Tem alguma coisa a ver com tatuagens ou cordas de bungee jump?

Jordan a olhou de relance.

– Mas que tipo de surpresa aquela gente te fez?

Astrid riu.

– Tá, não teve nada a ver com agulhas nem com saltos mortais, mas não foi muito divertido.

– Nesse caso, que bom que o objetivo de hoje é a gente se divertir. Quer dizer, se você topa.

O olhar delas se encontrou, apenas por um segundo, antes que Jordan voltasse a prestar atenção na estrada. Astrid percebeu que, naquela última hora, desde que tinham saído do Birdie's – não, mesmo antes disso, desde que pisara no campo de minigolfe –, não havia se preocupado com o trabalho, o programa, o modo como Jordan Everwood tinha pintado o quarto agindo pelas costas dela, nem como as duas iam dar um jeito naquele cômodo.

Não havia pensado em nada, na verdade, pelo menos em nada sério. E era divertido.

E pronto. Estava se divertindo de verdade.

O mais surpreendente era perceber que de fato não queria saber aonde iam – estava gostando do mistério, do tom provocador na voz de Jordan quando negava qualquer informação. Simplesmente vivenciar um momento em que não estava o tempo todo pensando por que, quando e como era

emocionante.

A mulher ao lado dela nem parecia a mesma Jordan Everwood daquela manhã. Parecia... Astrid não sabia ao certo. Qualquer que fosse o sentimento, era novo e animador, e não queria arruiná-lo citando a pousada e o que acontecera com o Quarto Azul naquele dia. Tudo aquilo podia esperar. O mundo inteiro podia esperar e dar a ela uma noite de folga, em que seu único objetivo era sorrir, dar risada e não se importar tanto.

Além disso, Astrid queria mesmo saber quais surpresas a mulher tinha naquelas mangas estampadas de limão.



Acabaram no centro de Winter Lake, uma cidadezinha a cerca de trinta minutos de Bright Falls, mas a quase uma hora do Birdie's, em Sotheby. Apesar de ter crescido no Oregon e de ter morado lá a vida toda, com exceção dos quatro anos de estudo em Berkeley, Astrid só estivera naquela cidade de passagem. Sabia que Josh Foster morava lá, o que não aumentava sua vontade de estar naquele lugar.

Isso até Jordan parar em frente a um cinema.

Não era um cinema qualquer, mas um espaço antigo chamado Teatro Andrômeda, que parecia ter saído da Era de Ouro de Hollywood. Era lindo. Todo rosa, vermelho e laranja, um pequeno carnaval numa rua tranquila, com as lojas ao redor já fechadas naquela noite. Um letreiro fluorescente anunciava uma maratona de filmes mudos e coquetéis a três dólares.

– Nossa! – exclamou Astrid quando Jordan desligou o motor, olhando para a fachada imponente.

– Viu? Não tem nenhuma corda de bungee jump – disse Jordan.

Astrid sorriu.

– Não tem bungee jump e ainda por cima tem bebida barata?

– Por dentro é melhor ainda.

Jordan abriu a porta e saiu do carro, com Astrid logo atrás. Pagaram ao atendente na cabine de vidro e metal dourado da bilheteria para ver a sessão

das oito antes de botar os pés no que parecia ser outra era. O saguão era todo coberto por um tapete vermelho repleto de detalhes dourados. Tudo era vintage, desde a máquina de refrigerante até a pipoqueira e as roupas carmesim com borlas douradas que os funcionários usavam enquanto guiavam o público até seus lugares. O balcão do bar era ornamentado, com garrafas reluzentes em prateleiras iluminadas de verde, o tampo laqueado e bancos de veludo vermelho com franjas, já ocupados por clientes, vários dos quais estavam vestidos como nos anos 1920.

– Estamos malvestidas – comentou Astrid, puxando a blusa.

Jordan fez um gesto de desdém.

– Não tem problema. Já vim aqui muitas vezes, a caráter ou não. Aqui vale tudo. É o que você quiser que seja.

– Como é que nunca ouvi falar deste lugar? – perguntou Astrid.

Sabia que estava de boca aberta, mas tudo era inebriante. O ar cheirava a manteiga, cerejas marasquino e bebida de boa qualidade. Taças tilintavam. Vozes riam.

– É uma joia oculta da Costa Oeste – explicou Jordan, com a voz subitamente suave. – Quando Simon e eu éramos crianças, minha avó trazia a gente aqui no verão. Nada de coquetel, é lógico. Mas tinha muita pipoca.

Naquele momento, o estômago de Astrid roncou tão alto que ela ficou surpresa por Jordan não ouvir. Não comia desde o almoço com Iris.

– Pipoca é uma boa. Um Old Fashioned também.

Jordan levantou uma das sobrancelhas.

– Eu te imaginava como o tipo de garota que só bebe vinho caro.

Astrid deu de ombros.

– Este parece o tipo de lugar onde a gente pede uma bebida com nome.

– Ah, pode apostar.

Depois de conseguir um enorme balde de pipoca amanteigada e lustrosa, um Old Fashioned e um Manhattan, elas se acomodaram em duas poltronas de veludo no meio do cinema. Astrid não conseguia parar de olhar para as cortinas pesadas, os lustres de cristal deslumbrantes e os painéis de latão envelhecidos no teto que deixavam tudo glamouroso.

Aquele lugar era... *cheio de inspiração*.

Astrid enfiou um pouco de pipoca na boca, sentindo a amargura subir como bile ao ter aquele pensamento. Mas o cinema *era* cheio de inspiração mesmo. Naquela noite, só queria desfrutar de toda a beleza e majestade ao seu redor, sem pensar o tempo todo em como poderia conseguir o mesmo efeito num projeto.

– Nunca vi um filme mudo – comentou ela depois de respirar profundamente para se acalmar.

– Ah, então – respondeu Jordan, virando-se para ela com uma das pernas dobrada na poltrona. – Agora vem a melhor parte, uma brincadeira que eu e o Simon fazíamos. Toda vez que um ator fizer isso – instruiu ela, e começou uma série de expressões comicamente afetadas, curvando os lábios e depois franzindo-os, arregalando os olhos antes de estreitá-los, levando a mão ao peito e depois ao rosto – a gente tem que tomar um gole.

Astrid inclinou a cabeça para ela.

– Mostra de novo?

Jordan riu, mas obedeceu, realmente exagerando as expressões como uma atriz de cinema mudo reagindo a um malfeitor com uma adaga.

– Você e o Simon brincavam de beber assim quando eram crianças? – perguntou Astrid depois de parar de rir, chacoalhando o enorme cubo de gelo quadrado em seu copo.

– Bom, pode ser que as bebidas tenham tomado a forma de balinhas azedinhas e a nossa língua pode ou não ter ficado esfolada antes do filme acabar. Simon pode ou não ter vomitado no banco de trás do carro da minha vó.

Astrid se encostou no apoio de braço entre as duas poltronas, brincando com o canudinho em seu drinque.

– Só o Simon?

– Meu estômago é de aço. – Jordan deu um tapinha na barriga. – E, tá bom, quem sabe eu tenha insistido em ficar no banco da frente pra não vomitar.

– Como foi crescer com um irmão? – indagou Astrid.

Jordan baixou as sobrancelhas.

– Delilah não é sua irmã?

Astrid piscou, confusa por um segundo. Saco. Não é que tivesse esquecido Delilah – não era fácil esquecer Delilah Green. É que simplesmente brincar, disputar o banco da frente, comer doces juntas até vomitar... não eram coisas que ela já fizera com a irmã.

– Irmã postiça – respondeu. – E é complicado.

Jordan assentiu, olhando para Astrid num convite óbvio para que continuasse a falar.

E foi o que ela fez.

Contou tudo sobre crescer com Delilah, falou da morte do pai devido a um câncer quando tinha 3 anos e da morte do padrasto por aneurisma quando estava com 10. Comentou como ela e Delilah passaram a maior parte da adolescência com uma acreditando que a outra a detestava, quando, na verdade, eram apenas crianças que tinham passado por muitas perdas e não sabiam como processar tudo.

– E a minha mãe... bom, digamos apenas que eu precisaria de mais uns dez desses pra entrar nesse assunto – disse Astrid enquanto remexia o gelo no copo.

– Caramba – murmurou Jordan. – Isso é... bem difícil.

Astrid não disse nada e enfiou outro punhado de pipoca na boca. Nunca havia ficado à vontade para falar do luto e da solidão na sua infância. Na verdade, detestava falar disso. A única razão pela qual Claire e Iris sabiam de tudo era porque estiveram lá para ver. Não podia esconder seu passado delas, mas isso não significava que tivesse o hábito de falar sem parar sobre tudo o que tinha acontecido.

E, óbvio, talvez fosse apenas o drinque – não estava acostumada a beber destilados –, mas, enquanto Jordan ouvia seu relato, fazendo questão de não tentar consolá-la, Astrid sentiu os ombros relaxarem um pouco.

– E você? – perguntou.

Algo cintilou nos olhos de Jordan.

– Eu o quê?

– Ah, vai – disse Astrid. – Eu conto meus problemas, você conta os seus.

– Ah, é assim que funciona? – O tom de voz de Jordan ficara sarcástico.

– Bom, já faz um tempo que não tenho uma conversa tão íntima, mas

bem, tenho certeza de que é assim que funciona.

Com isso, as duas se calaram, as palavras *conversa íntima* tremeluzindo no espaço entre elas. Astrid não tivera a intenção de dizer aquilo, mas não conseguira pensar em outra expressão que definisse a interação delas.

Ainda assim, a inquietação se instalou devagar, o medo de que Jordan a deixasse ali com uma boa parte de sua bagagem emocional espalhada diante delas, sem oferecer nada em troca.

– Você sabe que tenho um irmão gêmeo – começou Jordan.

Astrid soltou o ar o mais silenciosamente que pôde.

– É, disse eu sei.

– E uma avó.

– Jordan.

Jordan riu e se aproximou um pouco mais. Ela cheirava a floresta, um cheiro de pinho permeado por outro mais suave, como jasmim.

– Tá bom, tá bom, tudo bem – disse ela, exalando o ar.

Então contou a Astrid sobre a depressão não tratada de sua mãe quando ela e Simon eram crianças, como passara a maior parte da infância preocupada e culpada por não conseguir fazer a mãe feliz.

– Agora sei que não foi culpa minha – declarou ela. – Mas sabe como é quando a gente é criança e ainda não desenvolveu direito o lobo frontal.

– É – concordou Astrid em voz baixa. – Entendo.

Na infância, quando o sofrimento tomara conta de sua casa, Astrid também não soubera processá-lo senão como algo que *ela* havia causado. Ela e Delilah haviam passado os últimos meses tentando desassociar seu relacionamento de infância – baseado em rejeição e ansiedade – da nova vida em que tentavam ser irmãs funcionais.

– Em todo caso – continuou Jordan –, Simon e eu íamos pra Everwood no verão pra dar uma folga pros meus pais, e era a única época do ano em que eu ficava feliz de verdade, em que me sentia eu mesma.

A verdade atingiu Astrid, quente e pesada.

– É por isso que a pousada é tão importante pra você.

Jordan assentiu, tomando outro gole da sua bebida. Depois riu e passou a mão no cabelo.

– Isso é o fato de que toda a minha vida desmoronou há mais ou menos um ano, e esse projeto é literalmente a única coisa que eu tenho.

– Ah – disse Astrid, com a curiosidade substituindo quaisquer pontadas de culpa que estivesse sentindo no momento. – O que aconteceu?

– Uma merda – murmurou Jordan, e gesticulou. – Deixa pra lá. Isso não importa.

– Não.

Astrid colocou a mão no braço dela, apenas a ponta dos dedos. A pele era quente, macia, salpicada de sardas aleatórias aqui e ali. Astrid retirou a mão.

– É óbvio que é muito importante.

Jordan engoliu um grande gole do seu Manhattan, encolhendo-se.

– Lembra quando eu disse que imaginava um câncer quando destruía um armário de cozinha?

Astrid teve a sensação horrível de algo afundando no estômago.

– Lembro.

E ela se viu tocando o braço de Jordan outra vez com a ponta dos dedos, um leve roçar de pele com pele.

Jordan suspirou, os olhos espiando a ponta dos dedos de Astrid antes de se concentrar no espaço à sua frente.

– Minha esposa, Meredith, foi diagnosticada com câncer de mama dois anos atrás.

Astrid recuou como se tivesse levado um tapa.

– Meu Deus. Quando foi que ela... Quer dizer... há quanto tempo ela...

– Não conseguia pronunciar a palavra *morreu*.

– Ah, ela não morreu – revelou Jordan.

Astrid piscou, confusa.

– Ela... não morreu – repetiu Astrid.

Não era uma pergunta, mas mesmo assim estava completamente confusa.

Jordan balançou a cabeça, depois entornou outro gole.

– Ela sobreviveu. Agora está em remissão há, hum, acho que uns catorze meses.

Astrid não tinha ideia do que dizer. Jordan era casada? Tinha mulher e tudo? Sentimentos conflitantes rodopiaram em seu íntimo – surpresa, confusão e... não, aquilo ali não podia ser ciúme. De jeito nenhum. Balançou a cabeça, engoliu em seco e disse apenas o que estava pensando:

– Não entendi.

– Bem-vinda ao clube – concluiu Jordan, dando uma risadinha triste.

Então pareceu se acomodar, acalmando os nervos. Suspirou e apoiou a cabeça na poltrona, expondo a garganta, observando o teto dourado.

– Tá, vou falar de uma vez.

Astrid não se atreveu a pronunciar uma única palavra, nem sequer respirou enquanto esperava Jordan falar.

– Ela me deixou – contou por fim. – Depois que melhorou, quando entrou oficialmente em remissão. Disse que o câncer a fez perceber que não estava vivendo a vida que queria de verdade. Disse que me amava, mas como melhor amiga e, pelo jeito, não queria uma melhor amiga como companheira. Queria um destino.

Jordan então levantou a cabeça e olhou para Astrid.

– Dá pra acreditar? Um *destino*, porra. E acho que eu segurar o cabelo dela enquanto ela vomitava depois da quimioterapia, vasculhar a internet em busca de perucas de cabelo humano e definir meu alarme pra acordar a cada duas horas à noite pra ter certeza de que ela ainda estava respirando não era bem o *destino* que ela imaginava.

Astrid não conseguiu fazer nada além de olhar para ela, piscando.

– Não me entenda mal – continuou Jordan, suspirando. – Fico grata por ela ter sobrevivido. Câncer é um horror, e não desejo isso pra ninguém. É que... depois de passar por tudo isso juntas, não foi do jeito que achei que seria.

– É – respondeu Astrid num sussurro.

– E sabe qual é a melhor parte? Ela ainda me manda mensagens de texto, ah, a cada dois meses, só pra – e Jordan fez aspas no ar com os dedos – “ver como eu estou”, porque parece que ela quer levar esse lero-lero de “melhor amiga” até o fim.

Astrid estava sem palavras. Elas haviam fugido de todos os neurônios

em sua cabeça. O barulho da multidão crescia ao redor delas, o riso e as conversas, o tilintar do gelo nos copos.

– Ah, e fica aí pra você essa pequena reviravolta cósmica – disse Jordan.

Ela ergueu o tronco de repente e pegou a bolsa do assento ao lado. Vasculhou a peça de couro marrom vegano e achou um retângulo de papel colorido um pouco maior que uma carta de baralho.

– Por falar nessa porcaria de destino, que tal isso aqui?

Ela ergueu a carta e Astrid a pegou, olhando para a imagem. Apresentava duas mulheres, ambas com diferentes tons de pele marrom, uma com cabelo preto comprido e a outra de cabelo curto. Elas se encaravam e cada uma segurava uma taça de ouro. O nome “Dois de Copas” estava impresso na base.

– Uma carta de tarô? – perguntou Astrid.

– Não é uma carta qualquer. É a carta que tirei hoje de manhã. Ah, e ontem. E anteontem também. Quatro vezes só na semana passada, e em todos os dias do mês passado.

Astrid olhou de Jordan para a carta e da carta de volta para Jordan.

A outra mulher riu e pegou o Dois de Copas de volta, encarando-o em sua mão.

– É a carta das almas gêmeas. Pares perfeitos. Amor verdadeiro.

A percepção tomou conta de Astrid.

– Ah.

– Pois é. A mulher me larga em busca de um destino romântico maior, e eu começo a tirar a porcaria da carta do destino romântico. O universo tem um senso de humor maravilhoso, né?

Jordan guardou a carta de volta na bolsa e a largou na poltrona vazia ao seu lado, depois tomou mais um gole da bebida. Afundou na poltrona, com um tornozelo apoiado no joelho e os braços nos apoios enquanto inclinava a cabeça para trás.

Por instinto, os dedos de Astrid encontraram o caminho de volta ao braço de Jordan. Bom, não, não foi por instinto. O instinto dela raramente incluía conforto físico, mas, de alguma forma, no momento aquele parecia ser o lugar certo para seus dedos.

Jordan virou a cabeça, encarando os olhos dela. Sua vista estava um pouco turva, mas, se era pelo álcool ou pela história, Astrid não sabia. Como Jordan não movera o braço do lugar, Astrid apertou a pele dela com um pouco mais de firmeza.

– Se você disser que sente muito – comentou Jordan baixinho –, vou jogar o resto da minha bebida todinho nesse seu cabelo lindo.

Com isso, Astrid abriu um sorriso.

– Eu não ia dizer que sinto muito.

Jordan olhou para ela, incrédula.

– Ah, jura? E o que você ia dizer?

Jordan tirou a cereja da bebida e a colocou na boca, arrancando a fruta do cabo com uma dentada decidida. Por um segundo, Astrid ficou de boca aberta outra vez.

– Eu... ia... ia dizer que consigo dar um nó no cabinho da cereja com a língua.

Jordan piscou, surpresa.

Astrid também.

Todo o cinema pareceu piscar.

Putá merda, ela havia mesmo...? É, Astrid Isabella Parker tinha mesmo oferecido um truque típico de festinha da faculdade em resposta ao relato sobre a esposa sobrevivente de câncer de Jordan, que a deixara em nome de um destino maior do que o que ela já tinha.

– Bom, isso eu preciso ver – respondeu Jordan, endireitando-se na poltrona, o que desalojou os dedos de Astrid. Ela lhe ofereceu o cabo da cereja.

Astrid escondeu o rosto nas mãos.

– Ai, meu Deus. Não sei por que eu disse isso.

– Falou, tá falado. – Jordan balançou o cabo da cereja para ela. – Prepare a língua, Parker.

Astrid pegou o cabo enquanto Jordan cruzava os braços, com a bebida ainda numa das mãos.

– Não faço isso desde a faculdade – disse Astrid, virando o cabo entre o polegar e o indicador.

Jordan sorriu, gesticulando com a mão livre como quem diz “Vá em frente”.

Astrid gemeu, mas pôs o cabo da cereja na boca. Revirou a língua em volta do cabinho, a mandíbula indo para a frente e para trás, para cima e para baixo, enquanto tentava manter os lábios fechados para não ficar com a boca aberta feito um peixe fora d’água. Sabia que devia estar fazendo papel de besta, e uma risada aflorou em seu peito.

Jordan se inclinou para junto dela devagar, os olhos vagando até a boca de Astrid, abrindo os próprios lábios só um pouquinho. Jordan a observava com muita atenção, como se tudo o que ela estivesse fazendo fosse fascinante.

Como se a própria Astrid fosse fascinante.

Algo naquela cena lhe deu um frio na barriga e um calor em suas bochechas. Não conseguia se lembrar da última vez que alguém, de qualquer gênero, a olhara assim. Aturdida de repente, parou de mexer o cabo da cereja e tentou cuspi-lo, mas Jordan agarrou seu braço.

– É melhor isso aí sair da sua boca com um nó, Parker – avisou ela, erguendo as sobrancelhas num desafio.

Com o polegar, traçou um círculo sobre o pulso de Astrid – só uma vez, enquanto tirava o braço, mas bastou para fazer Astrid querer...

O quê? Dar o nó?

Não, não era bem isso, embora fosse óbvio que depois daquele desafio a ideia de desistir era inaceitável. Mas era mais do que isso. Enquanto virava e revirava a língua, manobrando uma ponta do cabo debaixo da outra, percebeu que desejo era aquele.

Queria *impressionar* Jordan Everwood.

E, caramba, ela ia conseguir.

Depois de ter certeza de que o cabo estava com um nó, ela ergueu a mão lânguida, tirou-o da boca e o entregou a Jordan.

A mulher o pegou, girando a haste com um nó perfeito entre os dedos. Seu olhar vagou até a boca de Astrid mais uma vez, e ela se viu fazendo o mesmo. Jordan tinha lábios bonitos – ambos igualmente fartos e perfeitamente vermelhos, apesar da bebida e da pipoca. Astrid sempre

invejara mulheres com aquela boca de botão de rosa como a de Jordan Everwood. Sua boca era mais fina, o lábio inferior maior que o superior, e nunca achava que ficava bem de batom vermelho.

Foi preciso que as luzes da casa escurecessem para Astrid perceber que estava olhando para Jordan Everwood – para a *boca* dela – havia pelo menos dez segundos.

Astrid pigarreou e se endireitou na poltrona.

– Eu te falei que conseguia.

– E conseguiu mesmo – disse Jordan.

Mas sua voz estava mais suave, sem provocação. Aquele tom fez Astrid sentir uma comichão, uma ansiedade, não muito diferente daquela inquietação que sentia quando ficava excitada, o que era ridículo. Era verdade que, ultimamente, tudo parecia deixá-la com tesão: um comercial de sabonete para o corpo, um cheiro de colônia ao entrar no café, a sensação das próprias coxas nuas contra seus caros lençóis de algodão.

Lençóis, pelo amor de Deus.

Em sua defesa, não transava havia... bom, um tempinho. A última vez tinha sido com Spencer, mais ou menos uma semana antes de se separarem. Dez meses não eram tanto tempo assim, mas, com Claire e Delilah praticamente se pegando em público cada vez que estavam todas juntas e Iris sempre suspirando por Jillian, seu período de seca parecia mais uma eternidade.

E nem queria pensar na última vez que Spencer – ou qualquer cara com quem tivesse ficado – a fizera gozar de verdade. Era bem clichê: a filha única reprimida de uma mãe controladora tinha dificuldade para gozar com outras pessoas, obviamente.

Meu Deus, por que estava pensando nisso bem naquele momento? Os lençóis na privacidade de seu quarto eram uma coisa, mas a voz rouca de Jordan Everwood... Tinha duas melhores amigas bissexuais e uma irmã postiça lésbica, então sabia que esse tipo de coisa acontecia... mas nunca acontecera com ela.

E com certeza – *com certeza* – não ia acontecer àquela altura. Não naquele cinema dourado, com um balde de pipoca entre as coxas e o gosto

ceroso de um cabo de cereja na boca.

Ela olhou para Jordan, que guardou o cabo no bolso da frente da camisa manchada de vinho, as sobrancelhas escuras franzidas como se estivesse também imersa em pensamentos profundos, provavelmente sobre a mulher que a abandonara.

A mulher dela.

Jordan Everwood fora casada. Votos e alianças, na alegria e na tristeza, até que a morte as separasse.

Ou não.

Astrid olhou para a frente, sentindo de repente um nó na garganta. Tomou mais um gole da bebida, e sua cabeça ficou um pouco aérea enquanto chupava uma pedrinha de gelo. Até que gostou da sensação. Astrid quase nunca bebia depois de ficar ligeiramente zozza, mas naquela hora precisava mesmo de algo mais.

Enfiou mais um punhado de pipoca na boca enquanto a cortina de veludo se abria no palco, revelando um par de querubins dourados, flores e pássaros emoldurando a tela do cinema. Os créditos iniciais começaram a passar e o título *Luzes da cidade* brilhou na tela.

– Ei – chamou Jordan.

Havia um brilho travesso nos olhos dela que, por algum motivo, fez Astrid ter vontade de soltar o ar, aliviada. Jordan indicou a tela com a cabeça e, em seguida, ergueu o copo.

– Topa?

Astrid nem hesitou antes de tocar o copo dela com o seu.

– Topo.



CAPÍTULO QUINZE

NO FIM DAS CONTAS, Astrid ficava bem divertida quando bebia. Jordan teve receio de que um filme mudo não prendesse a atenção dela, mas a mulher parecia um tigre caçando um antílope, prestando atenção em todas as expressões faciais exageradas que apareciam na tela. O resultado foram duas mulheres muito embriagadas às dez da noite, o horário em que saíram do cinema direto para a noite quente de primavera.

Jordan sabia que deveria ter parado depois de dois drinques para poderem ir para casa de carro, mas, caramba, ela simplesmente não queria parar. Fazia tanto tempo que não ficava com outro ser humano assim. Depois que Meredith fora embora, as amigas que antes tinham sido de Jordan e da esposa tentaram incluí-la, mas aquilo não cativara seu coração.

Nada cativara seu coração.

E ainda não cativava, dizia ela a si mesma, uma mensagem padrão da qual sua mente discordava naquele momento. Maldito coquetel. Ela nunca tomava as melhores decisões quando bebia aquilo. Daí a coragem de desabafar a respeito da partida de Meredith – que nem tinha sido por causa de outra pessoa –, ainda por cima com alguém que era essencialmente sua

inimiga.

Mas, quando Astrid abriu os braços debaixo do letreiro luminoso do Andrômeda, com as luzes tingindo sua pele de rosa e dourado, ela não parecia inimiga de Jordan. Nem um pouco. Sem dúvida era uma mulher diferente daquela que a esculhambara por causa de um café derramado havia uma semana, mas não era tão diferente da mulher daquela noite no minigolfe nem daquela que usara a marreta poucos dias antes. Não, essa Astrid era um pouquinho mais suave, com minúsculas rachaduras na carapaça rígida que a cobria.

Jordan imaginou se a própria carapaça também estaria rachada.

– Tá pronta pra ir? – gritou para Astrid, que ainda rodopiava feito uma patinadora no gelo, enquanto outros espectadores a contornavam, achando graça.

Astrid parou, sem fôlego, com os olhos refletindo as lâmpadas fluorescentes enquanto piscava para Jordan.

– Nem um pouco.

Jordan riu.

– Que bom, porque nenhuma de nós duas está em condições de dirigir. Acho que é melhor chamar um carro de aplicativo.

– Aí você teria que voltar aqui amanhã pra pegar sua caminhonete.

– Um passeio que você com toda certeza faria comigo, Senhorita Desce Mais Uma.

Astrid deu uma risadinha – *de verdade* – e rodopiou mais algumas vezes. Jordan estava ficando nauseada só de observá-la.

– Você não é uma daquelas pessoas horríveis que nunca ficam de ressaca, né? – perguntou Jordan.

Astrid deu de ombros.

– Sei lá.

E girou, girou e girou.

– Peraí – pediu Jordan, aproximando-se de Astrid, trocando um pouco as pernas e detendo-a ao fechar as mãos ao redor dos braços dela. – Você nunca ficou bêbada?

Astrid franziu o rosto, fingindo pensar. Foi muito fofo, só que não,

porque Astrid Parker *não* era fofa, caramba.

– Isabel Parker-Green não aprova entregar-se à embriaguez – respondeu Astrid, tocando a ponta do nariz de Jordan com o dedo indicador. – Obviamente.

– “Entregar-se à embriaguez?”

– Isabel Parker-Green nunca diria “ficar bêbada”.

Nossa, a mãe dela parecia chata de doer.

– E na faculdade? – perguntou Jordan.

Astrid oscilou, e Jordan percebeu que suas mãos ainda estavam ao redor dos braços dela. Ela a soltou, mas quando a outra se inclinou para o lado um pouco mais do que era seguro, agarrou aquela mulher infernal outra vez, mantendo-a no lugar.

– A faculdade foi... – Astrid gesticulou com a mão frouxa no ar. – Tinha muito o que fazer. Tirar notas altas, namorar os caras populares.

– Parece o inferno na Terra.

Astrid riu.

– Parece mesmo. Iris sempre tentava... – Mas parou de falar, focando a visão em alguma coisa atrás de Jordan. – Tem um parquinho ali.

Jordan riu.

– O quê?

– Um parquinho – disse Astrid, entrelaçando os dedos nos de Jordan e puxando-a na direção de um pequeno playground no fim da rua. – Não podemos dirigir agora, mas podemos brincar no balanço.

“Podemos brincar no balanço” era uma frase que Jordan nunca esperara ouvir de Astrid Parker, muito menos acompanhada do ato de cambalear – bêbada – até o parquinho à beira do lago.

Também não esperava que a mão de Astrid fosse tão quente e macia, os dedos apertando os dela com a firmeza certa.

O local era pequenino, com muita área verde delimitada por uma trilha de pedestres e com um parquinho minimalista a cerca de 15 metros da água. Havia um balanço, uma gangorra e um escorregador laranja-vivo que se enrolava em volta de um grande carvalho. Assim que chegaram, Astrid soltou a mão de Jordan e logo se sentou num balanço de plástico azul, com

movimentos tão vacilantes que Jordan ficou surpresa por ela ter acertado o assento.

– A que altura você acha que consigo chegar? – perguntou Astrid, começando a usar as pernas para dar impulso feito criança.

Jordan não pôde deixar de sorrir.

– Não sei, mas eu ganho.

– Quer apostar?

– Ah, já é, Parker.

Ela se acomodou no balanço ao lado de Astrid, que já estava voando pelo ar.

– Se bem que seria negligência da minha parte não avisar que nem sempre é bom misturar álcool com balanço.

Astrid se limitou a sorrir, e logo as duas voavam pelo ar da noite. O som da risada de Astrid enquanto os balanços subiam juntos fez Jordan se sentir...

Jovem?

Otimista?

Feliz.

Era isso, ela estava feliz. Meio bêbada, com certeza, mas não tanto que não conseguisse perceber que sua risada e a sensação efervescente no peito eram legítimas.

Astrid estendeu a mão, com um sorriso radiante e largo, e pegou os dedos de Jordan. Ficaram assim, com os corpos balançando para lá e para cá, de mãos dadas sob o céu do Oregon.



CAPÍTULO DEZESSEIS

O SOL ESTAVA TENTANDO MATAR ASTRID PARKER.

Pelo menos, foi assim que ela se sentiu ao acordar na manhã seguinte, com a luz entrando pelas cortinas translúcidas da janela do quarto e invadindo suas pálpebras grudentas.

Alguma coisa zumbiu alto à sua esquerda.

Algo horrível que sem dúvida ela odiava com todas as suas forças.

No fim, era o celular, que, era preciso admitir, não tinha a senciência de desprezá-la, mas a emoção continuou igual. Astrid agarrou a coisa na mesa de cabeceira e olhou para a tela, apenas para encontrar uma foto de Iris franzindo a boca para ela num beijo.

Levou uns cinco segundos para descobrir que isso significava que a amiga estava ligando para ela.

– Que foi? – disse quando finalmente conseguiu deslizar o dedo sobre a tela.

– Ah, então você está *viva*.

– Por que você tá me ligando?

Ninguém mais telefonava para ninguém, e Iris detestava falar ao

telefone.

– Porque os 40 bilhões de mensagens não pareceram surtir nenhum efeito – respondeu Iris.

Astrid tirou o telefone da orelha e olhou para o aparelho, piscando. Uma penca de recados que diziam *Cadê você?* tomava conta da caixa de entrada.

– *Aff*, desculpa – respondeu ela, caindo de novo no travesseiro e esfregando as têmporas com o polegar e o indicador.

– Aonde você foi?

Astrid se deteve ao ouvir isso, e flashes da noite anterior tomaram forma em sua mente nebulosa. Cheirou o próprio cabelo, que exalava um odor estranho, mistura de pipoca e pinho. Na boca, um gosto de pântano.

Além disso, estava completamente nua.

Sentou-se.

Depressa.

Depressa *demais*.

O quarto girou, a sensação na barriga foi horrível.

Estava nua.

Assim... *totalmente* nua. Astrid nunca dormia sem roupa.

Respirou fundo algumas vezes empurrando a náusea de volta para baixo e tentou decifrar o que acontecera na noite anterior. O filme, aquele cabo de cereja ridículo, a bebida.

Tinham ido... a um parquinho? Lembrava-se vagamente de um assento de plástico frio e do cheiro metálico das correntes do balanço. De segurar a mão de Jordan enquanto as duas voavam pelo ar.

A lembrança a fez sentir um vazio no estômago.

Aquilo tinha acontecido mesmo?

A queda se transformou numa guinada quando ela se lembrou nitidamente de pular do balanço para poder vomitar num arbusto de zimbro.

Depois disso, Jordan ficara sóbria muito mais depressa do que ela. Lembrava-se vagamente de entrar na caminhonete, de pegar uma garrafa de água que Jordan pôs nas mãos dela, de sentir as janelas abertas e o ar fresco da noite no rosto.

E depois...

Nada.

Ela olhou para o quarto ao redor em busca de sinais do que havia feito ao voltar para casa. Suas roupas da noite anterior estavam dobradas na poltrona estofada no canto, mas não da maneira como ela as teria dobrado, com as mangas bem alinhadas por dentro. Não, as mangas da blusa estavam visíveis, como se alguém tivesse dobrado a peça ao meio primeiro, longitudinalmente, o que Astrid nunca fazia. Além disso, a roupa devia estar imunda e seu lugar era na sacola de lavagem a seco.

Havia também um copo de água na mesa de cabeceira que ela não se lembrava de ter pegado, ao lado de um frasco de ibuprofeno.

Certo, tudo bem. Talvez Jordan tivesse entrado e a ajudado um pouco, colocando-a na cama. Não era nada de mais.

Mas por que estava completamente nua e onde é que tinham ido parar a calcinha e o sutiã? Olhou para o chão e a poltrona, mas não viu as peças em lugar nenhum.

– Oi? – chamou Iris.

Astrid se assustou. Tinha esquecido totalmente que a amiga estava ao telefone.

– Hã...

Finalmente viu o sutiã... pendurado num canto da cabeceira de tecido, como se ela o tivesse jogado ali durante a noite.

Meu Deus, por favor, que ela o tivesse jogado durante a noite e não na hora em que Jordan pusera aquele copo d'água ao lado da cama.

– Astrid, *pelamor!* – exclamou Iris.

Astrid ignorou a amiga em sua missão de encontrar a calcinha. Não estava na cabeceira – ainda bem – nem em lugar algum onde pudesse ver. Jogou a roupa de cama de lado para se levantar e procurar com mais atenção, mas avistou a maldita calcinha debaixo das cobertas, perto do pé da cama.

Ela exalou o ar e foi pegá-la, jurando nunca, *nunca mais* beber tanto, quando uma coisa rosa chamou sua atenção. Bem debaixo da calcinha de algodão estava...

... *ai, meu Deus.*

– Astrid – disse Iris. – Você tá morrendo? O que é que tá acontecendo?

– Te ligo daqui a pouco.

– Ah, não. Se você desligar, eu vou até aí e...

Astrid encerrou a ligação e olhou para aquele negócio rosa.

Não podia ser.

Pegou a calcinha, jogando-a no outro lado do quarto como se estivesse pegando fogo, para revelar o vibrador California Dreaming Malibu Minx que Iris tinha dado para ela havia mais de dois anos. Nunca o usara nem uma única vez. Sentou-se na mesa de cabeceira ao lado de uma máscara de dormir de seda e um frasco de óleo de lavanda. Não é que Astrid nunca se masturbasse. Isso ela fazia. Algumas vezes por semana, na verdade. Mas, na maior parte do tempo, preferia usar os dedos. Sinceramente, o California Dreaming era meio intimidador. Era... bom, era um treco enorme, isso, sim, e Astrid nunca sentira necessidade de usá-lo.

Por que aquilo estava na cama dela?

Pegou o objeto com cuidado, usando apenas a ponta dos dedos ao redor da base, e inspecionou o brinquedo. Estava com a mesma aparência de sempre, rosa-choque e liso, fazendo uma leve curva até a ponta. Não conseguiu perceber se realmente utilizara os serviços dele na noite anterior, mas, enquanto olhava para a coisa, fragmentos de memória voltaram à mente, como se acordasse lentamente de um sonho.

– Ah, então tá, né – falara Jordan enquanto Astrid tirava a roupa e a jogava pelo quarto, desesperada para ir para a cama.

Jordan havia catado as peças atrás dela e as dobrado, ainda que não do jeito certo, antes de deixá-las na poltrona.

– Dormir – dissera Astrid.

– É, acho que é uma boa ideia – Jordan respondera. – Mas, primeiro, toma isso. – Oferecera duas pílulas azuis lustrosas e um copo d'água. – Confia em mim.

Astrid havia obedecido. Lembrava-se de piscar, encarando os olhos esverdeados de Jordan enquanto se sentava na beirada da cama de sutiã e calcinha e tomava a água, com Jordan segurando o copo.

Depois disso, tinha desabado no travesseiro. Cobertas puxadas até o queixo e...

– Eu é que devia confortar.

Foi o que dissera a Jordan quando ela ajeitara a roupa de cama em volta dos braços e das pernas de Astrid.

– Por que isso agora? – perguntara Jordan.

– Porque... – respondera Astrid, a fala toda enrolada – ... ela te deixou como se você não fosse importante. E você é. É importante, sim.

Silêncio. Aquela mão lisa e fria na testa dela, passando seu cabelo para trás da orelha. Astrid viu tudo se desenrolar em sua mente como se estivesse assistindo a um filme pela primeira vez, vendo o personagem principal tomar decisões vergonhosas movidas a álcool.

Depois disso, achava ter dormido, mas se lembrava de acordar no meio da noite porque... Ah, meu Deus.

Tivera um sonho.

Um sonho erótico.

Com Jordan Everwood.

No sonho, elas estavam no Andrômeda, sentadas nas poltronas de veludo vermelho. Como na noite anterior, Astrid deu um nó num cabo de cereja – sério, onde é que ela estava com a cabeça? –, mas, no sonho, em vez de Jordan guardar o cabinho no bolso, ela continuou a girá-lo entre os dedos, olhando a boca de Astrid. E Astrid... bom... algo de outro mundo deve ter tomado conta do corpo dela, porque Astrid Isabella Parker subiu no colo de Jordan.

Montou nela.

Com uma perna de cada lado dos quadris de Jordan.

Não sabia que fim tinha levado o cabo da cereja. Jordan não podia estar com ele nas mãos porque a abraçou e deslizou as palmas pelas costelas dela e por baixo da blusa. Mas Jordan não foi direto para os seios dela. Não, ela foi sem pressa, a ponta dos dedos roçando as costas de Astrid, pegando a bunda dela e deslizando em volta dos quadris. A Astrid do sonho arquejou – *arquejou*, pelo amor de Deus –, ansiosa pelo toque de Jordan.

Na verdade, foi o que ela disse no sonho.

Me toca.

E Jordan obedeceu. Seus polegares roçaram os mamilos já endurecidos de Astrid, e ela gemeu, jogando a cabeça para trás.

Astrid *nunca* gemia.

Jordan lambeu o pescoço dela até chegar à orelha para então beijá-la na boca, com a língua, os dentes e os lábios de botão de rosa se fechando em volta do lábio inferior de Astrid e puxando. Depois, Jordan desabotoou o jeans dela e...

– Ai, merda – disse a Astrid acordada, olhando para o vibrador.

Lembrou-se de acordar zonzinha, mais excitada do que nunca, arrancando a calcinha e o sutiã antes de pegar o California Dreaming na gaveta e ligá-lo. Depois ela o encostou no clitóris e... bom, gozou. Já se lembrava muito bem do acontecido. O orgasmo fora o mais intenso em muitos meses.

– Ai, merda – repetiu.

Não pensou. Não conseguia. O pânico tomava conta dela como água nos pulmões. Simplesmente deixou cair todas as provas daquele orgasmo movido a Jordan Everwood e vestiu correndo um sutiã limpo, calcinha, leggings e blusa com decote canoa. A cabeça latejava, o estômago ainda considerava se rebelar, mas ela não podia parar para cuidar deles naquela hora. Iris devia estar a caminho de lá, e Astrid precisava falar com alguém.

Com *outro* alguém.

A única pessoa em quem confiava para tratar toda aquela experiência com a atitude desinteressada de “tô nem aí” de que ela precisava no momento.



Delilah Green abriu a porta do apartamento com a saudação suprema.

– Que merda é essa, Astrid?

– Desculpa. Sei que tá cedo.

– Cedo? Ainda tá de madrugada.

– São sete e meia da manhã.

Delilah estreitou os olhos. Seu cabelo cacheado estava preso no alto da cabeça, com mechas escapando do prendedor de seda e se enrolando em volta do pescoço.

– Ah. Bom, isso é praticamente madrugada.

A irmã postiça de Astrid não era uma pessoa matutina.

– Meu Deus, você tá péssima – comentou Delilah.

Astrid tocou o cabelo, que parecia um ninho de rato depois de toda aquela correria. Embora não tivesse se atrevido a olhar no espelho naquela manhã, não se lembrava de ter lavado a maquiagem da noite anterior, o que significava que provavelmente parecia um guaxinim de ressaca.

– É, bom, a noite foi difícil – respondeu ela.

– Você tá bem?

Astrid assentiu, embora não soubesse ao certo se estava sendo sincera ou não.

– A Claire não tá aqui não, né?

Delilah franziu a testa.

– Ela e o Josh têm uma reunião com os professores da Ruby antes do horário da escola, então cada uma dormiu no próprio apartamento. Por quê?

– É que... preciso falar com você.

– Sobre o quê?

– Uma coisa importante.

– Dormir é importante.

– Delilah.

– DesAstrid.

– Tive um sonho erótico com Jordan Everwood.

Não era exatamente assim que Astrid imaginara dar a notícia, mas pelo menos isso fez Delilah se calar. A irmã piscou algumas vezes, depois esfregou o rosto com as mãos antes de abrir mais a porta e deixá-la entrar.

– Café – resmungou Delilah, arrastando-se em direção à cozinha. – Vou precisar de muito café pra ter essa conversa.

Astrid não respondeu. Em vez disso, desabou no sofá cinza da sala de estar, respirando profundamente como se tivesse corrido até ali, e olhou em

volta para se distrair. Estivera lá apenas algumas vezes, mas o apartamento de Delilah era bonito, simples, todo em cinza, azul e verde. Havia muitas fotografias em preto e branco de Claire nas paredes. Da filha de Claire, Ruby. Das três juntas. Fotos de família.

Havia também várias caixas pelos cantos, algumas já assinaladas como “Livros e tal” e “Fotos velharia”, o que era bem a cara de Delilah. Com tudo que estava acontecendo na pousada, Astrid esquecia o tempo todo que a irmã ia morar oficialmente com Claire e Ruby na semana seguinte. Embora Claire estivesse fazendo tudo bem devagar por causa da filha de 12 anos, todas sabiam que ela e Delilah eram um casal pra valer. O tipo de amor que duraria para sempre.

Algo doeu no peito de Astrid. Não sabia especificamente o que era, mas sua mente vagou até Jordan e a expressão nos olhos dela ao contar sobre sua ex-mulher.

– Toma. – Delilah ofereceu uma caneca grande.

– Obrigada.

Astrid aceitou a caneca, percebendo com uma pontadinha de felicidade que Delilah acrescentara um pouco de creme e um toque de canela ao café, do jeito que Astrid gostava. Ela tomou um gole, e a cafeína percorreu sua corrente sanguínea, revitalizando e curando. Logo a sensação de que sua cabeça era um balão cheio até a capacidade total diminuiu.

Delilah se acomodou do outro lado do sofá e encaixou as pernas debaixo do corpo. Então olhou para Astrid e esperou.

Astrid pigarreou, totalmente sem noção do que dizer depois que o motivo de sua visita já fora exposto. O que esperava conseguir ali? Conselho? Conforto? E para quê? Não tinha vergonha daquele sonho. Também não estava confusa. Estava só... não sabia.

Atarantada.

Era só isso.

Fora violentamente dominada por tudo o que tinha acontecido na noite anterior.

– Vai contar os detalhes? – perguntou Delilah por fim.

– Detalhes?

Delilah mexeu as sobrancelhas.

– Detalhes.

Alguma coisa na expressão e no tom de voz dela e a leveza da pergunta simples tiraram um peso dos ombros de Astrid.

– De jeito nenhum – respondeu ela.

– Mas foi gostoso?

O sorriso de Astrid murchou. Ela engoliu em seco com força, e em resposta só conseguiu assentir. De jeito nenhum ia citar o vibrador e o subsequente orgasmo da vida real, mas mesmo assim as bochechas coraram.

Delilah sorriu.

– Legal.

– Você nem tá surpresa.

Delilah inclinou a cabeça.

– Como assim?

– Quer dizer... Eu sou eu. Não sou... Quer dizer, eu nunca...

– Tá bom, peraí – disse Delilah, endireitando a postura e se aproximando mais. – *Nunca antes* não significa *nunca na vida*. Você sabe disso, né?

– Sei. Lógico, é que eu... Quer dizer, tenho a Claire e a Iris. E tenho... tenho *você*. Estou rodeada de amigas e familiares lgbtq+. Será que a esta altura eu já não saberia se sentisse atração por mulheres?

Delilah deu de ombros.

– Sexualidade é uma coisa complicada. Não é estática. As pessoas mudam e a sexualidade também pode mudar. – Tomou um gole de café. – Mas é de *você* que estamos falando. Você é praticamente a garota-propaganda da heterossexualidade compulsória.

Astrid franziu a testa, sentindo o velho ímpeto de se defender.

– Quê? Do que é que você tá falando?

– Não se estressa, não. Não estou te xingando. Só estou dizendo que... Bom, pensa nisso. Se você tivesse sentido atração por uma mulher ou por alguém que não fosse um cara cis no passado, hum, há uns dezoito anos ou mais desde que chegou à puberdade, o que a Mamãezinha Querida faria?

Astrid abriu a boca e depois a fechou. Isabel ficaria fora de si. A mãe

nunca dissera uma única palavra negativa sobre a orientação sexual de Claire e de Iris, nem mesmo a de Delilah. Quando sua enteada saía do armário no nono ano escolar, Isabel simplesmente erguera uma sobrancelha ao ouvir a notícia e seguira em frente, então Astrid achava que a homofobia não desempenhava na mentalidade de Isabel um papel tão importante quanto o das expectativas. Delilah era Delilah. Mas Astrid... bom, Astrid era uma Parker, sangue de Isabel, e esperava-se que ela se casasse com um partidão rico, tivesse bebês perfeitos e se dedicasse à filantropia.

Isso também era uma espécie de homofobia, Astrid percebeu. Porém nunca tinha pensado no assunto por esse ângulo. Mas, enquanto procurava em seu passado qualquer evidência de que já se sentira atraída por mulheres, encontrou pequenas pistas.

Sua grande atenção a cada detalhe do jeans de Amira Karim no ensino médio. Ficava simplesmente fascinada com o jeito como a calça se ajustava às coxas e à bunda dela. Depois, havia o modo como seus olhos sempre pareciam perceber como o peito de uma mulher preenchia a blusa. Na faculdade, no segundo ano, alguns garotos bêbados desafiaram Astrid e Rilla Sanchez a se beijar numa das poucas festas a que ela comparecera, e ela se lembrou de um lampejo distinto e estranho de decepção quando Rilla recusou, mandando todo mundo à merda.

Havia outras recordações, inúmeros momentos que havia muito tempo ela atribuía à admiração ou à inveja. Só a boa e velha inveja. Ela queria *ser* aquelas garotas ou talvez até *competir* com elas, por mais horrível que isso fosse, e não *beijá-las*. E talvez, às vezes, fosse só isso mesmo. Simples observação. Mas, quem sabe, na verdade, aquelas pequenas pistas somadas significassem muito mais, e ela simplesmente nunca se permitira encarar isso?

Gostava de homens, então se concentrava neles. Era fácil ignorar qualquer outra pessoa.

- Que merda – disse ela, escondendo o rosto nas mãos.
- É – comentou Delilah. – A expectativa era que você só visse os homens como parceiros amorosos em potencial, e foi isso que você fez.
- Tipo, sério, puta merda.

– Olha. – Delilah deixou a caneca na mesa de centro cheia de miniaturas de fotos e juntou as mãos. – A grande questão aqui não tem a ver com o sonho erótico. É um sonho. Todo mundo sonha. Caramba, tenho certeza que tive um sonho no ano passado durante aquela viagem de acampamento às Termas de Bagby em que eu era uma vampira e seduzi o seu ex-noivo pra poder beber o sangue dele todinho enquanto Spencer se distraía com os meus peitos.

Astrid arregalou os olhos, deixando a própria caneca na mesa.

– E você acha que isso não significou *nada*?

Delilah franziu o lábio superior.

– Não curto homens cis.

– Tá, tudo bem, mas e a assassina vampiresca atrás do sangue do Spencer?

Delilah franziu o rosto, pensativa.

– Tá, é um bom argumento, mas o sonho erótico não é o que importa pra gente.

Astrid gemeu e desabou nas almofadas do sofá, jogando o braço sobre os olhos.

– O que importa – continuou Delilah – é se você gosta ou não de Jordan Everwood. Quer dizer, além de querer transar com ela até desmaiar.

Astrid se endireitou.

– Eu não quero... hum...

– Tá tudo bem. Pode falar.

Astrid revirou os olhos.

– Eu não quero transar com ela até desmaiar. Pronto, tá feliz?

Delilah sorriu.

– Muito. E é lógico que você quer. Afinal, teve um sonho erótico com ela.

Astrid levantou as mãos e as deixou cair em cima das pernas com um baque.

– Mas você acabou de dizer que essa parte não importava!

Delilah deu de ombros, pegou o café e tomou um gole presunçoso.

– Você é muito irritante, sabia? – acrescentou Astrid, pegando uma

almofada bordada com as palavras *Queer cafuné?* e jogando-a em Delilah.

Ela a apanhou sem dificuldade com uma das mãos e a atirou de volta, dizendo:

– Foi exatamente por isso que você veio falar sobre isso comigo e não com suas melhores amigas.

Astrid abriu a boca para protestar, mas a irmã tinha razão. Ela fora falar diretamente com Delilah, sem sequer pensar em tocar no assunto com Iris ou mesmo com Claire primeiro. Já sabia exatamente como reagiriam. Iris gritaria e abriria um champanhe, mesmo naquela hora da manhã, e começaria a tagarelar sobre como Astrid completava o clã *queer*. E Claire – a suave e gentil Claire – seria doce até demais. Tranquilizaria a amiga e faria perguntas para sondar o fundo de sua alma, e Astrid não queria nada disso.

Queria a verdade nua, crua e complicada, e sabia que Delilah era a única que daria isso a ela.

– E aí, você gosta? – perguntou Delilah.

– Do quê?

Delilah se limitou a erguer as sobrancelhas.

Ela te deixou como se você não fosse importante. E você é. É importante, sim.

Astrid não disse nada. Não conseguia. De repente, sentiu um nó na garganta, grande demais para o corpo. Fazia muito tempo que não gostava de alguém. Não sabia nem se tinha gostado *mesmo* de Spencer. Ele simplesmente se encaixara no molde certo na hora certa.

Jordan, por outro lado, era um enigma que Astrid tinha certeza de querer desvendar.

– Ela está tentando sabotar meu projeto para Everwood – respondeu. – Isso é um problema.

Delilah ergueu as sobrancelhas outra vez, mas um sorrisinho se instalou em seus lábios.

– Então resolva. É o que você faz de melhor, né?

Astrid suspirou. Antes de terminar o noivado com Spencer, sim, diria que era uma excelente solucionadora de problemas. Mas, naquele último ano, não conseguia parar de pensar em como tinha chegado perto de se

casar com um homem de quem nem gostava, e para quê? Bom, essa era a questão, não era? Ela se deixara *fabricar* em vez de decidir que tipo de vida queria de fato. E, embora tivesse se livrado daquela confusão, desde então, não sentia que era ela mesma. Para dizer a verdade, não sabia ao certo se já havia sentido.

Ali, sentada na sala de estar da irmã – que saíra de Bright Falls aos 18 anos porque queria mais, que criava lindas obras de arte porque era isso que amava e porque simplesmente não podia deixar de criar, e que depois voltara para casa por causa de uma mulher sem a qual não queria viver –, Astrid teve um pensamento repentino e horrível. Pensou que talvez, quem sabe, todos os detalhes e peculiaridades que formavam a pessoa que ela era tivessem sido *fabricados*.

O pensamento foi como fogos de artifício em seu peito, e de repente ela teve dificuldade para respirar.

– Você tá bem? – perguntou Delilah, baixando as sobrancelhas com ar preocupado.

Astrid assentiu, tomou mais um gole de café e se recompôs, porque era isso que Astrid Parker fazia: se controlava.

– É melhor eu ir – anunciou, levantando-se e alisando a legging, que na verdade não se enrugava. Aquele movimento já era um hábito.

Delilah assentiu e também se pôs de pé.

– Bom, você sempre pode vir aqui falar comigo às duas da manhã se tiver mais sonhos molhados.

Astrid riu, mas a risada parecia estar à beira das lágrimas.

– Até semana que vem.

Por uma fração de segundo, Delilah ficou confusa, depois uma expressão alegremente entorpecida tomou conta de seu rosto quando olhou para as caixas espalhadas pela sala.

– Pois é. Semana que vem.

– Vocês vão fazer uma festa pra comemorar, né? No próximo fim de semana?

Delilah assentiu.

– Que fofura.

Delilah levantou o dedo médio para ela.

– É, tá tudo supermaravilhoso e perfeito. Agora, cai fora daqui. Você tá péssima mesmo e eu tô ficando incomodada só de te olhar.

Astrid riu, porque, quando a irmã tinha razão, tinha e pronto.



CAPÍTULO DEZESSETE

O DOIS DE COPAS.

Lá estava ele outra vez, olhando para ela em toda a sua glória *queer* de amor verdadeiro e de “fodam-se os reações”. Jordan estava sentada de pernas cruzadas em sua cama, com uma dor de cabeça de ressaca fazendo pressão nos olhos, apesar dos vários litros de água que bebera ao chegar em casa na noite anterior. Olhou com raiva para a carta.

Era o terceiro dia seguido em que a carta dava as caras para ela. Naquela semana, tirara várias cartas de Ouros e algumas de Paus, todas as quais havia acatado por seus respectivos significados materiais e criativos. Mas era óbvio que o universo adorava uma piada, então lá estava ela, na manhã depois de ter acomodado na cama Astrid Parker, que fora insuportavelmente fofa e estava muito bêbada, olhando para aquela cena de amor.

Devia ter percebido no mesmo instante que o dia iria de mal a pior. Meia hora depois, quando seu telefone vibrou no bolso de trás na hora que foi pegar um café na cozinha do chalé, já sabia quem era.

Havia apenas duas outras pessoas em todo o mundo que lhe mandavam mensagens de texto, e ambas estavam na sala com ela naquele exato

momento. Sua avó estava sentada à mesa redonda de café da manhã com uma camisa roxa e óculos da mesma cor, tomando chá preto bem forte em sua caneca estampada de arco-íris com a frase “Eu amo meus netos lgbtq+” enquanto lia o *The New York Times*, como fazia todas as manhãs. Simon assobiava enquanto fritava fatias grossas de bacon para acompanhar os ovos mexidos com queijo que já havia preparado, a comida preferida de Jordan contra ressaca. Em momentos como aquele, ficava grata por ter um irmão gêmeo que só de olhar já sabia que ela precisava de um café da manhã gorduroso.

Mas, bem naquela hora, o telefone estava acabando com seu ânimo de comer comida caseira. Toda vez que isso acontecia, dizia a si mesma que nem ia olhar a mensagem. Não tinha respondido a nenhuma delas, nem uma única vez nos doze meses anteriores, mas sempre as lia, ficando perplexa durante dias com cada palavra, depois inevitavelmente cedendo e acessando o Instagram de Meredith, que estava cheio de imagens da sua ex-mulher, de cabelos pretos e expressão feliz e contente em São Francisco, em Nashville, flutuando no cristalino Lago Michigan ou posando diante da Torre Eiffel, pelo amor de Deus.

A partir daí, o estado emocional de Jordan degradingolava, geralmente terminando em alguns potes de sorvete Ben & Jerry's, uma garrafa de bourbon inteira e muitas caixas de comida pronta vazias.

Basta dizer que Simon estava certo em se preocupar que ela não estivesse conseguindo lidar com o fato de que o amor de sua vida a largara feito uma velharia num depósito de lixo. O problema era que Meredith não parava de voltar para vasculhar entre os sacos em busca de coisas que tinha deixado para trás.

Jordan suspirou, a mão se movendo sozinha para tirar o telefone do bolso. Simon a espiou, mas ela o ignorou enquanto olhava para a tela.

Oi, como vai?

Sempre a mesma pergunta. E depois, sem falta, aproximadamente três minutos após a primeira mensagem, vinha o longo bloco de palavras

descrevendo a vida maravilhosa de Meredith:

Estou no Colorado e pensei em você. Lembra aquela viagem que a gente fez logo depois da faculdade? Quantas meninas, umas treze além da gente? Emma, Kendall, Ava e não consigo nem lembrar quem mais. Só sei que chegou a maior nevasca a atingir o Colorado em tipo, uma década, e nunca senti tanto frio na minha vida. A gente se enfiou num saco de dormir para baixas temperaturas com garrafas de água quente encostadas nos pés e mesmo assim continuamos com frio. Eu sempre quis voltar quando o tempo estivesse bom. O Estes Park é um lugar lindo demais, e eu...

E falava, e falava.

– Sério? – disse Simon, lendo por cima do ombro dela com a frigideira de bacon chiando na mão.

Jordan apertou o botão lateral, escurecendo a tela.

– Ela “pensou em você”? – continuou Simon com a voz cheia de incredulidade.

– O que foi? – perguntou Pru, alarmada.

– Nada, vó – respondeu Jordan, e olhou zangada para o irmão. – Simon, para.

– Ela anda fazendo muito isso? – Ele apontou para o celular da irmã.

– Eu não respondo.

Jordan guardou o aparelho de volta no bolso. De repente, estava muito cansada.

– É, espero que não! – retrucou Simon com a voz mais estressada a cada segundo.

Era exatamente por isso que Jordan nunca lhe contava sobre as intromissõezinhas de texto de Meredith. O irmão não era o maior fã da ex-mulher dela, embora Jordan achasse que isso era de se esperar. Ela também não andava cantando louvores a Meredith nos últimos tempos, mas, ainda assim... A mulher sobrevivera a um câncer. Tinha sido a esposa dela. Havia uma parte de Jordan que nunca conseguiria odiá-la, não importava quanto

quisesse. Não era culpa da Meredith que Jordan não fosse “a pessoa certa”.

Que ela não fosse parte de seu *destino*.

– Senta, meu bem – disse Pru, olhando preocupada para Jordan.

Deu um tapinha na cadeira ao lado dela, mas a neta balançou a cabeça. Não conseguia aguentar o olhar solidário da avó naquele momento, nem o modo como o irmão gêmeo coçava o queixo quando não sabia como agir.

Estava muito cansada de ser aquela com quem todos se preocupavam. Não precisava mais da apreensão deles, daquele vinco ansioso entre os olhos deles que só a fazia se sentir fraca e inútil. Precisava...

Consigo dar um nó no cabinho da cereja com a língua.

Uma risada brotou de seu peito, mas Jordan a reprimiu. Ainda assim, não teve como conter o sorriso que esticou os cantos de sua boca.

Simon ergueu as sobrancelhas, surpreso.

– Preciso começar a trabalhar – anunciou ela, apontando com o polegar para a porta dos fundos antes de encher a xícara de café até a borda e sair, o sorriso ainda fixo no rosto.



Quando o relógio deu cinco horas, o grupo de Josh e a equipe do programa encerraram o expediente, e o sorriso ensolarado de Jordan havia escurecido e se tornado uma nuvem de tempestade. Tinha progredido muito em seus armários de cozinha e numa mesa para a sala de jantar, mandara entregar alguns itens que com certeza não estavam no projeto de Astrid... mas não tinha visto a própria Astrid.

Isso a estava fazendo *subir pelas paredes*. E o fato da ausência de Astrid deixá-la assim era no mínimo preocupante.

Não parava de rever a noite das duas na mente, como se a própria vida fosse um filme mudo, com expressões faciais exageradas e gestos teatrais. Especificamente, o cérebro dela ficava voltando ao momento em que ajudara Astrid a se deitar. O jeito como ela arrancara a roupa, com total abandono, aconchegando-se em seus lençóis de mil fios com um gemido de felicidade,

o cabelo se espalhando pelo travesseiro...

E aí...

Ela te deixou como se você não fosse importante. E você é. Você é importante, sim.

Naquele momento, Jordan sentira todo o ar fugir dos pulmões. Para dizer a verdade, dezoito horas depois, ainda não sabia ao certo se voltara a respirar normalmente. Não sabia o que pensar das palavras de Astrid, da maneira gentil como ela as dissera – ainda que com a voz engrolada – e de como Jordan tinha passado uns cinco minutos incapaz de engolir direito depois de ouvi-las.

E então Astrid se atrevera a nem sequer aparecer na pousada no dia seguinte. Não que ela fosse lá todos os dias, e não que estivesse na lista de chamada do dia, mas uma pessoa não podia simplesmente dizer uma coisa daquelas a outro ser humano e depois sumir. Porém Astrid talvez nem se lembrasse de ter dito aquilo. Na noite anterior, estava bêbada e cansada, e tinha acabado de vomitar num arbusto de zimbro.

Você é importante, sim.

A serra elétrica de Jordan zumbiu em meio a seus pensamentos. Aparas de madeira flutuaram pelo ar, ocupando o espaço com aquele cheiro fresco e vigoroso que ela adorava, como o de árvores derramando segredos. Passou mais meia hora trabalhando na penteadeira personalizada que planejava instalar no quarto principal, tentando abafar a voz suave de Astrid com seu trabalho.



À meia-noite, Jordan desistiu de dormir. Empurrando as cobertas, vestiu o mesmo jeans que usara naquele dia e uma camiseta verde-musgo, macia e com a gola meio esgarçada demais. Pegou a bolsa e saiu de fininho pela porta dos fundos, indo direto para a oficina.

Mas não chegou lá.

Havia uma luz acesa na pousada.

Ou melhor, havia uma luz *presente* na pousada. Quando Jordan parou no gramado, viu um brilho branco oscilar de um lado para o outro no segundo andar.

Uma lanterna.

Arrepios percorreram o braço de Jordan. Ela passou cerca de dois segundos e meio imaginando se deveria chamar Simon ou então a polícia, mas a segunda opção não parecia uma solução segura para ninguém nos dias de hoje, e a primeira... bom, ela provavelmente daria conta de um intruso com mais eficiência do que seu irmão. Tinha quase certeza de que ele nunca dera um soco na vida, enquanto Jordan pelo menos sabia manejar ferramentas pesadas.

Entrou na oficina, o coração bombeando adrenalina, e deixou a bolsa no chão de cimento coberto de serragem o mais silenciosamente que pôde. Usando o próprio telefone como lanterna, vasculhou a bancada de trabalho até encontrar o que queria: seu martelo de alto impacto, usado para pregar madeira de lei.

Esgueirando-se para fora, percorreu o gramado com os olhos, procurando um carro no escuro. Mas, a não ser pela caçamba, a área na frente da pousada estava completamente vazia, com a grama arrancada pelas caminhonetes das equipes. Ela olhou para a pousada.

A luz havia se instalado no Quarto Azul.

Jordan fechou os olhos com força, sentindo o medo transbordar no peito. Respirou uma... duas... três vezes, profundamente. Fez um pedido de socorro mental a Alice Everwood e correu para os fundos da casa, onde usou sua chave para entrar.

O interior cheirava a tinta fresca, com o cinza que Astrid encomendara cobrindo as paredes da cozinha. Jordan bateu a cabeça em alguma coisa. Ligou a luz do celular e correu para a escada, subindo devagar, evitando aquele ponto que sabia que rangia no décimo segundo degrau, e indo na ponta dos pés até o Quarto Azul.

A porta estava fechada, a luz branca oscilando pela fresta fina junto ao chão.

Jordan envolveu a maçaneta de cristal com os dedos. Não havia como

fazer isso com cuidado, pois sabia que a porta rangeria como os ossos de uma pessoa idosa assim que a abrisse. Tinha que escolher: a luz do celular ou o martelo. Na verdade, não havia dúvida. Apagou a luz e guardou o aparelho no bolso de trás, depois mudou de posição para se preparar para abrir a porta com a mão esquerda, empunhando o martelo com a direita.

Parou, tentando ouvir movimentos no interior. Ouviu passos leves, um raspar que soava como madeira contra madeira, e depois... uma voz. Alguém disse “merda” bem baixinho, se Jordan não estava enganada.

Contando mentalmente até três, girou a maçaneta e a empurrou, levantando o martelo como o Thor ao entrar no quarto. Mas, antes que pudesse pronunciar qualquer palavra heroica, colidiu com algo macio, ricocheteou para trás e caiu de bunda no chão.

– Ai, meu Deus! – gritou uma voz.

– Minha nossa! – berrou Jordan em resposta.

A luz que ocupara o quarto se apagou, e o telefone ou tablet de quem quer que fosse caiu no assoalho com um estalo.

Jordan se levantou, desajeitada, agarrando o martelo que derrubara ao cair. Segurou-o com as duas mãos, pronta para bater.

– Quem é que...

E ficou paralisada, os olhos se adaptando à escuridão enquanto uma silhueta familiar surgia diante dela.

– Parker?

Astrid apenas suspirou no lugar onde caíra no chão, com o iPad num estojo de couro ao lado dela.

– Oi, Jordan.

– Mas o que é que você tá fazendo aqui?

Jordan respirava com dificuldade, o alívio e a raiva rodopiando em seu peito. E um pouquinho de entusiasmo, para dizer a verdade, mas esse sentimento ela reprimiu. Na marra.

– E aí? – perguntou, diante do silêncio de Astrid.

Astrid pegou o iPad e ligou a lanterna outra vez, apontando-a para baixo enquanto se levantava devagar. Estava usando uma legging – e bem justinha, não que Jordan tenha notado – e um blusão mais folgado com um decote

canoa.

– Eu... bom, eu estava só... – respondeu Astrid, mas não terminou a frase.

Em vez disso, limitou-se a ficar lá, com a bolsa preta chique a seus pés e uma expressão que, para Jordan, lembrava uma criança tentando resolver um problema de matemática difícil.

Jordan esperou. Não tinha a menor intenção de facilitar aquela conversa para Astrid depois de ela quase tê-la feito sofrer um ataque cardíaco aos 31 anos.

E depois de ignorá-la o dia todo após uma noite sensacional, mas não havia necessidade de envolver aquelas emoções confusas na situação.

Finalmente, Astrid suspirou e esfregou a testa.

– Eu não conseguia dormir, então pensei em vir aqui e trabalhar um pouco.

– Em vez de vir trabalhar durante o horário normal de trabalho?

– Eu não disse que foi uma decisão lógica.

– Cadê o seu carro?

– Estacionei na rua.

Jordan ergueu uma sobrancelha.

– Que sorrateira.

Astrid ficou horrorizada.

– É que eu não queria acordar ninguém. E o Simon me deu a chave da porta dos fundos.

– Lógico que deu. – Jordan deu um passo, aproximando-se dela. – Então, como tá indo?

Astrid franziu a testa.

– Como tá indo o quê?

– O trabalho. – Jordan indicou o iPad. – Está planejando pintar tudo de branco amanhã?

Astrid não disse nada, mas seus olhos finalmente pousaram nos de Jordan, com algo suave e um tanto vulnerável por trás deles. Um sentimento que lembrava esperança aflorou no peito de Jordan, mas ela reprimiu esse também.

Ou, pelo menos, tentou. O sentimento persistiu, florescendo e empurrando os passos dela para mais perto daquela mulher em que não conseguia parar de pensar.

– Parker? – chamou baixinho.

– Não sei. Entendo por que você quer preservar este lugar, Jordan. Entendo mesmo, e não quero te magoar, mas esse é o meu trabalho. E você está dificultando tudo pra mim.

Jordan assentiu.

– E se eu dificultasse menos?

– Você não parece do tipo que se rende.

– Tem razão, não sou mesmo.

– Então, como pensa em deixar isso mais fácil?

Jordan acendeu a luz do cômodo. O Quarto Azul se encheu de cor. O tom parecia ainda mais escuro à noite e sob a luz fraca da lâmpada âmbar no antigo globo de cristal.

– O que você acha da cor? – perguntou Jordan. – De verdade.

– De verdade? – Astrid olhou em volta, com a mão no quadril. – Eu detestei. É escura demais, encolhe o quarto, e não consigo visualizar nenhum tipo de produto final que seja agradável aos olhos.

Jordan passou a mão no cabelo.

– Tá certo, eu pedi sinceridade.

– Desculpe. – Astrid deu outro passo, diminuindo ainda mais a distância entre elas. – É que não tem nada a ver comigo.

– Mas a pousada não é *sua*. Seu trabalho é criar um espaço agradável pros seus clientes, não pra você.

– É isso que estou fazendo, Jordan. Meu projeto é o que Simon disse que queria, o que Pru queria.

Jordan balançou a cabeça.

– Eles não entendem nada de design de interiores. Não sabem o que querem até verem na frente deles, e minha vó adorou essa cor. Você sabe disso.

Astrid cruzou os braços, encostando o iPad no peito.

– Preciso que esse projeto dê certo, Jordan. A opinião da Natasha Rojas

pode impulsionar minha carreira ou acabar com ela, minha empresa já está por um fio, e bem fino, minha mãe mal suporta olhar pra mim sem fazer cara feia, e ninguém aguenta decorar tantos consultórios dentários sem começar a questionar suas escolhas na vida.

– Então vai lá e pergunta pra eles, Parker. – Jordan tocou o próprio peito.
– *Eu* preciso que o projeto dê certo. Este lugar é a minha casa, entende? Sem falar que tenho mais de 30 anos, estou divorciada, moro na casa da minha vó e durmo na cama de solteiro de quando era criança, meu irmão acha que sou um desastre ambulante e eu...

– Você não é um desastre.

Astrid disse isso com muita suavidade, mas foi como se uma bomba explodisse em algum lugar perto do coração de Jordan.

Você é importante, sim.

– Você não me conhece – respondeu Jordan no mesmo tom baixo. – Não sabe nada sobre mim, Parker.

Astrid franziu a testa, deixando de olhar para Jordan para observar o quarto. Sua garganta se mexeu como se ela estivesse tendo dificuldade para engolir, e Jordan se viu esperando Astrid refutar o que ela dissera, responder “Lógico que sei”, mesmo que estivesse longe de ser verdade. Além disso, de que serviria conhecer Jordan? Meredith a conhecera melhor do que ninguém, melhor até do que Simon, e isso não a impedira de ir embora.

Ao que parecia, conhecer Jordan Everwood só fazia as pessoas fugirem dela.

– Então me mostra – pediu Astrid.

Jordan piscou, levando um segundo para acalmar a própria respiração.

– Quê?

– Me mostra – repetiu Astrid, indicando o cômodo com um aceno. – Com certeza você planejou mais alguma coisa além dessa cor horrorosa para o Quarto Azul.

– Ah, não precisa medir as palavras – respondeu Jordan.

– Não vou medir mesmo.

Astrid tinha um desafio no olhar.

Foi então que Jordan sentiu: era aquela faísca que sentira tantas vezes

antes de Meredith adoecer. Aquele impulso de criar, de fazer algo que outra pessoa amasse. Verdade que até então sempre tinham sido móveis, prateleiras, armários e mesas, mas Jordan sabia que seu projeto para Everwood era bom.

E, caramba, ela ia provar para Astrid Parker que era mesmo.



CAPÍTULO DEZOITO

A NOITE NÃO TINHA CORRIDO CONFORME O PLANEJADO. Astrid quisera ir à pousada, ficar um tempo nos quartos sozinha e definir seu próximo passo. Tinha passado o dia todo dizendo a si mesma que não estava evitando Everwood de propósito, que não teria o menor problema em ver Jordan no trabalho depois da noite em que saíram juntas, depois do sonho e de tudo o que ela e Delilah haviam conversado. Mas, cada vez que pensava em estar no mesmo local que aquela mulher, sentia um calor na pele e um frio na barriga como se fosse uma adolescente vivendo a primeira paixonite, e achava de verdade que ia vomitar.

Não era muito diferente de como se sentia naquele exato momento, mas quanto a isso não havia nada a fazer. Jordan a pegara no flagra, e Astrid estava fazendo o melhor que podia para não vomitar na frente dela.

A carpinteira coçou a nuca, pensando. Alguma coisa naquele movimento – a forma como a pele dela deslizava por sobre a clavícula delicada, com um quadril requebrado para o lado – incendiou as entranhas de Astrid novamente.

Meu Deus, que ridículo. Astrid não era assim. Não ficava toda boba por

causa de uma paixonite. Nem *tinha* paixonites, ponto final. Spencer com certeza nunca havia causado aquele tipo de sentimento. Ela teria que voltar para a época do ensino médio, quando as paixonites eram pura novidade, para comparar qualquer coisa com o que seu corpo estava fazendo naquele momento, enquanto observava o cabelo castanho-dourado de Jordan cair sobre a testa.

Caramba, aquilo era mesmo uma cilada.

– Posso ver seu iPad? – perguntou Jordan por fim.

– Quê?

– Seu iPad. – Jordan indicou com a cabeça o dispositivo na mão de Astrid. – Pra te mostrar.

Astrid o entregou sem dizer nada e observou enquanto Jordan tocava a tela e caminhava ao mesmo tempo, finalmente se acomodando no banco de madeira da janela, que rangeu. Astrid a seguiu, sentando-se e encaixando as pernas debaixo do corpo para não resvalar na carpinteira.

A tentativa acabou sendo completamente inútil. Depois de mais alguns toques, Jordan se inclinou para junto de Astrid a fim de que ambas pudessem ver a tela do iPad, trazendo consigo aquele cheiro inebriante de pinho e flores, com o ombro apoiado de leve no de Astrid e a pressão estimulante do calor do corpo.

Astrid inspirou devagar pelo nariz, mas, de repente, o sonho começou a se repetir em sua mente, e, minha nossa, ela precisava se controlar de uma vez.

– Tá, este é o Quarto Azul.

Jordan inclinou o iPad um pouco mais, e Astrid viu que a outra fizera o login no mesmo programa de design que ela usava em seus projetos.

Só que a tela mostrava um projeto completamente diferente do seu.

Na imagem em 3-D, o azul-escuro e quase cintilante cobria as paredes, óbvio, e cortinas damasco e brancas com detalhes prateados emolduravam as janelas. A cama estava encostada na parede à direita e tinha uma cabeceira de capitonê branco. Os lençóis eram brancos, mas a colcha era quase da cor das paredes – um azul escuro e sedoso – e as almofadas decorativas tinham o mesmo tom entremeado de branco, cinza e amarelo-

ocre, todos girando numa estampa de mosaico.

Um grande tapete cobria o piso de madeira, branco com círculos azuis, cinza e o mesmo tom de amarelo. Havia duas poltronas de destaque amarelas num canto, com almofadas brancas e cinza apoiadas no assento estofado. A mobília – uma mesa entre as poltronas, duas mesinhas de cabeceira, uma cômoda e um armário largo – era toda de carvalho escuro, e pequenas arandelas cor de âmbar pontilhavam as paredes, bem como espaços reservados para quadros que pareciam ser principalmente brancos e cinza.

Para dar luz e leveza, pensou Astrid.

Pensou em muitas coisas enquanto estudava o projeto, desde as cores até o lustre ornamentado que pendia do teto. Achava que o quarto precisava de um pouco de textura, algo para ajudá-lo a parecer personalizado de verdade. Também veio à sua cabeça a lembrança de que geralmente *detestava* móveis de madeira escura.

Mas, acima de tudo, pensou em como aquele projeto era *cheio de inspiração*.

Sabia que precisava dizer isso, mas todas as palavras pareciam se emaranhar em sua língua. Ainda mais do que inspirada, Jordan estava certa – o quarto tinha muito mais a ver com Everwood do que qualquer coisa que Astrid criara. Era elegante, moderno e bonito, mas um tanto... ela não sabia. “Assustador” poderia ser a palavra correta, mas não era assustador como uma casa assombrada e coberta de teias de aranha, e sim de um jeito misterioso, cheio de intrigas, histórias e narrativas.

Mas, por trás de tudo isso, uma emoção nova e mais confusa atravessou Astrid como uma onda.

Alívio.

Era alívio.

Nem imaginava de onde essa emoção tinha vindo. Não fazia sentido. Talvez só estivesse com medo de descobrir que o projeto de Jordan era horrível, pois, se fosse, o que diria a ela?

Ainda assim, havia uma pontada em algum lugar dentro dela, que vinha sentindo cada vez mais ultimamente, como se estivesse tentando cortá-la ao

meio.

Você não pode se dar ao luxo de perder o trabalho em Everwood, e nós duas sabemos disso.

As palavras da mãe invadiram sua mente. Elas também cumpriram sua função, afugentando todo o sentimento de admiração e enchendo-a de pavor, com uma sensação de fracasso total.

Seu trabalho era a única coisa que tinha.

Seu trabalho – e ser *bem-sucedida* nele – era tudo o que ela era.

– Usei a pedra lápis-lazúli como inspiração – explicou Jordan ao seu lado, arrancando Astrid daquele redemoinho de pensamentos.

Ela olhou para cima, encontrando o olhar de Jordan. Sua expressão era tão aberta, tão... ávida.

– De acordo com a história – continuou Jordan –, Alice Everwood passou a usar um colar de lápis-lazúli todos os dias depois que o amante a abandonou. Nunca o tirava.

– É por isso que ela é chamada de Dama Azul – concluiu Astrid, que, sinceramente, nunca pensara nisso.

Jordan assentiu.

– Alguns relatos de aparições do fantasma dela falam de uma pedra brilhante ao redor do pescoço.

Astrid assentiu e olhou para o projeto. Lógico que entendia como incorporar uma história aos projetos, mas a maioria dos clientes nos últimos nove anos queria quartos ultramodernos como os que viam em revistas ou na casa de amigos, e Astrid proporcionava isso. Nunca deixara um cliente insatisfeito.

E não pretendia começar agora.

Mas o quarto que Jordan tinha criado... Astrid não sabia como competir com ele. Já sabia que Pru ia adorar e que Simon faria tudo o que a avó quisesse. No fundo, sabia que era isso que importava – uma cliente feliz, especialmente alguém tão amada quanto Pru –, mas não podia ficar sem aquele trabalho. Não podia se retirar e deixar Jordan assumir. Não podia deixar seu nome ser associado a algo que *não era bom o bastante* – nem em Bright Falls nem, menos ainda, diante de Natasha Rojas.

Acima de tudo, não aguentaria mais um brunch com os suspiros decepcionados de sua mãe ocupando o espaço entre elas.

Além disso, logisticamente, nem sequer achava que fosse possível ir embora sem arruinar o episódio do *Pousadas Adentro*. Já tinham uma tonelada de imagens com Astrid como a chefe de design – praticamente todo o trabalho preliminar – e a empresa dela precisava daquele programa.

Mais que isso, os Everwoods precisavam dele. Jordan podia não estar ciente de que Astrid sabia das dificuldades financeiras da pousada, mas, às vezes, o conhecimento quase sobrenatural de Isabel sobre tudo o que acontecia em Bright Falls era uma vantagem para a filha dela.

Ela e os Everwoods estavam juntos naquela empreitada, quisessem ou não.

– E aí? – perguntou Jordan, inclinando-se um pouco mais para junto de Astrid e baixando a cabeça para chamar a atenção dela. – O que você acha?

Astrid sustentou o olhar de Jordan, sentindo o estômago ser tomado por aquela sensação nervosa e inquietante, que a perturbava, mas também a intrigava e atraía.

Também não podia abrir mão daquele sentimento. E, caso se afastasse agora, provavelmente nunca veria Jordan Everwood daquele jeito – com o rosto sem maquiagem, o cabelo bagunçado da tentativa de dormir no começo da noite, a linda clavícula exposta através da gola esgarçada da blusa.

– Achei lindo – respondeu Astrid num tom suave. – De verdade, Jordan. Está maravilhoso.

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto élfico de Jordan, levantando a boca e as maçãs do rosto, iluminando os olhos. Foi como ver o nascer do sol.

– Sério? – perguntou ela, com a voz baixa e feliz.

Astrid assentiu.

– Sério.

Sua voz também saiu num sussurro, e algo no tom deve ter soado diferente ou revelado a ternura com que seu coração batia no peito naquela hora, porque o sol no sorriso de Jordan se pôs com a mesma rapidez com que nascera. Seu olhar foi até a boca de Astrid, gerando nela uma onda de

desejo tão surpreendente e forte que ela arquejou de maneira audível e pressionou uma perna contra a outra.

Ainda assim, não desviou o olhar.

Astrid sentiu a respiração ficar superficial, a boca se abrir, e seu próprio olhar pousar nos lábios de Jordan antes de voltar aos olhos dela. Traçou mentalmente o rosto da outra mulher como se fosse uma artista estudando a modelo, e... Jordan fez o mesmo. O ar entre elas ficou espesso, tenso, uma atração tão inebriante que se sentiu meio bêbada. Ela se inclinou para a frente, só um pouquinho.

Apenas o suficiente.

Os olhos de Jordan se arregalaram de leve, uma expressão que só podia ser descrita como um misto de admiração, confusão e luxúria.

Astrid entendeu.

Mas continuou sustentando o olhar.

Jordan também, e, ah, puta merda, aquilo ia acontecer mesmo. Ela ia beijar Jordan Everwood e, ainda por cima, queria muito fazer isso. Precisava. Tinha que saber se aquilo era real, se sentia mesmo todos aqueles... *sentimentos* que vinham girando em seu íntimo desde a noite anterior.

Não. *Antes* disso. Se fosse sincera consigo mesma, Astrid diria que era desde o dia em que vira Jordan manejar aquela marreta. Ou... Lembrou-se da forma como observara Jordan durante a demolição, da maneira como deixara os próprios olhos acompanharem a barriga exposta, os braços tonificados.

A verdade era que Jordan a havia impressionado desde aquele primeiro momento cheio de café. Astrid era capaz de perceber isso agora. Finalmente conseguia admitir.

Ela se inclinou um pouco mais para perto sem nunca deixar de olhar para Jordan, que colocou a mão no joelho dela. Foi mais para se apoiar enquanto se inclinava também, mas Astrid sentiu a pressão dos dedos como se fosse uma tempestade elétrica, o calor se acumulando entre as pernas.

Ai, meu Deus, foi só o que Astrid conseguiu pensar. *Ai, meu Deus, puta merda.*

Estavam a centímetros de distância quando a porta do quarto se fechou

com um estrondo.

As duas recuaram, assustadas. O coração de Astrid pulou na garganta quando suas costas bateram na janela, e um gritinho saiu de sua boca. O iPad deslizou do colo de Jordan e caiu com um estalo no chão enquanto ela se levantava de uma vez, de palmas para cima e voltadas para a porta como se estivesse tentando bloquear algum mal invisível. Ficaram assim por uns dez segundos, sem nada além do som ofegante da respiração delas tomando conta do quarto, antes de Jordan finalmente baixar os braços.

– Puta merda – disse ela.

– É – comentou Astrid, desenrolando-se da bola em que seu corpo se encolhera instintivamente e apoiando os pés no chão. Olhou para a porta fechada do quarto. – O que foi aquilo?

Jordan balançou a cabeça.

– Sei lá. Não deixei nenhuma porta aberta lá embaixo pra entrar uma corrente de vento.

– Talvez alguém tenha deixado uma janela aberta hoje.

Jordan assentiu, mas Astrid só conseguia pensar num *fantasma*, o que era absurdo.

Era mesmo? Afinal, estavam no Quarto Azul.

– Acho que é melhor encerrarmos a noite – sugeriu Jordan, abaixando-se para pegar o iPad e entregando-o para Astrid sem encará-la nos olhos.

Astrid sentiu o coração afundar no estômago. Não queria encerrar a noite. Queria descobrir o que estava prestes a acontecer entre elas pouco antes de Alice Everwood as interromper com tanta grosseria.

Jordan foi até o meio do quarto, pegou o martelo e se aproximou da porta. O pânico aflorou no peito de Astrid e, pela primeira vez, ela ia fazer o que queria. Ia *agir* em vez de se entregar a todos aqueles pensamentos constantes e exaustivos.

– Jordan, espera – pediu ela.

Jordan ficou paralisada, mas não se virou. Astrid deixou o iPad no banco da janela – talvez precisasse das duas mãos para o que ia fazer – e foi até a outra, ficando cara a cara com ela. Jordan olhou para Astrid, mas aquelas íris de bordas verdes não estavam mais tomadas pelo desejo e pela admiração.

Estavam tomadas pelo medo.

Astrid franziu a testa. Queria estender a mão e pegar a de Jordan, mas não se atreveu.

– Olha – disse ela baixinho, como quem fala com um animal assustado.

– Quem sabe a gente possa...

– Você já beijou uma mulher, Astrid? Ou alguém que não fosse um homem cis hétero?

A pergunta de Jordan pairou entre elas. Astrid abriu a boca. *Astrid*. Ela a havia chamado de Astrid. No pouco tempo em que se conheciam, Jordan só a chamara de Parker.

– Quê? – perguntou depois que sua garganta voltou a funcionar.

Jordan fechou os olhos por um instante e passou a mão no cabelo.

– Você entendeu.

Astrid sentiu a própria expressão passar por um milhão de emoções – as sobrancelhas se abaixando e levantando, a boca se abrindo e fechando.

– Eu... não, mas...

– Tá bom – concluiu Jordan, soltando um suspiro resignado. – Então acho que hoje não é a noite certa pra começar.

Astrid balançou a cabeça.

– Não entendi.

– Não me faça ter que dizer o que nós duas sabemos que ia acontecer. Não jogue toda a responsabilidade em mim.

– Não! – exclamou Astrid, e dessa vez pegou a mão de Jordan. – Eu não quis dizer isso. Só quis dizer que... é, sim, eu sei o que ia acontecer. Mas não entendi por que não pode acontecer.

Ela ergueu o tom de voz no final, como se estivesse fazendo uma pergunta, e quase se encolheu ao ouvir o anseio na própria voz. Mas outra parte dela não se importou com isso.

Jordan suspirou.

– Olha, é óbvio que tem alguma coisa entre a gente. Eu admito. Só que tudo isso é novidade pra você, e não é culpa sua, e sou totalmente a favor de as pessoas descobrirem a sexualidade delas em qualquer idade e experimentarem, mas não *posso* ser o seu experimento. Já passei por isso

antes e, neste momento, não tenho condições emocionais de ser a pessoa certa pra você fazer isso. Simplesmente não dá.

Astrid soltou a mão de Jordan e deu um passo para trás.

– Eu quero te beijar – continuou Jordan. – Caramba, quero mesmo, mas se for pra acontecer, preciso que seja pra valer.

Astrid balançou a cabeça.

– Como assim? Acho que fui bem óbvia quanto ao que eu...

– Não, você quer beijar uma mulher, e por acaso sou a primeira por quem você sente atração. Mas preciso que você queira *me* beijar.

Astrid só conseguiu piscar. As palavras certas para aquela situação fugiram de sua mente. Jordan a olhou por um segundo, mas depois assentiu, passou por Astrid e abriu a porta, deixando-a sem nada além de seus pensamentos no meio de um quarto azul assombrado.



CAPÍTULO DEZENOVE

JORDAN MAL DORMIU e já estava na oficina às sete da manhã. A chuva escorria pelas janelas, martelava o telhado de aço e sujava o quintal já arruinado ao redor da pousada, mas tudo bem.

Era bom que chovesse. Chuva forte era melhor ainda.

O clima combinava perfeitamente com o humor de Jordan, o ritmo de sua pistola de pregos criando uma carga constante de ruído para combinar com todos os pensamentos na cabeça dela.

Pensamentos a respeito daquela chata da Astrid Parker.

A respeito da boca da chata da Astrid Parker.

A respeito da expressão da chata da Astrid Parker quando dissera que não a beijaria.

Mas o que é que a besta da Jordan Everwood tinha na cabeça?

Na noite anterior, sua decisão parecera uma solução muito inteligente. Que inferno, era como se nem mesmo Alice Everwood quisesse que elas se beijassem, com aquele jeito teatral de bater a porta e tudo mais. Mas agora, depois de ponderar sobre aquele momento no banco da janela de novo e de novo (e de novo), o peito de Jordan doía com aquele sentimento que jurara

nunca mais sentir: a necessidade, a carência, o desejo da vida compartilhada que Meredith havia encerrado sem nem consultá-la.

Nunca se esqueceria da manhã em que Meredith partiu. O modo como ela nem sequer deu aviso. Não houve discussão. Não houve um “olha, precisamos conversar”. Só um par de malas perto da porta e um “tenho que ir embora” nos lábios de Meredith.

Estava em remissão havia dois meses.

Foi só isso que Jordan ouviu da esposa depois do inferno pelo qual ambas passaram. E, um mês depois, os documentos do divórcio chegaram pelo correio.

Jordan os assinou. Meredith praticamente deixou tudo para ela – a casa, a caminhonete, a gata –, o que Jordan presumiu ser uma espécie de prêmio de consolação pelo abandono e por todas as promessas que Meredith lhe fizera.

– Bom, ela que se foda – praguejou Jordan em voz alta, na oficina.

Mas o problema não era Meredith. Não mais. Jordan não estava mais apaixonada pela ex-mulher, disso ela sabia. O problema era que não conseguia se livrar dos efeitos subsequentes. Aquelas bombas que Meredith tinha lançado deixaram cicatrizes profundas, cravadas no coração, nos pulmões, na mente e no sangue de Jordan, e ela passou quase um ano fazendo terapia para tentar curá-las, em vão.

Encostou a pistola de pregos no ponto certo de um armário de cozinha e disparou.

Bam.

Bam.

Bam.

Continuou até acabarem os pregos. Enquanto recarregava a pistola, o celular vibrou no bolso de trás. Ela o pegou, a esperança horrível e pegajosa aflorando em seu peito sem a menor permissão. Astrid tinha o número dela. Era verdade que nunca o usara, mas tinha o número desde o dia em que se conheceram, quando ela, muito autoritária, insistira que Jordan fornecesse suas informações de contato para receber a conta da lavagem a seco daquele vestido besta.

Naquele momento, Jordan quase sorriu ao lembrar.

Quer dizer, até olhar para a tela do celular e ver o nome de Meredith nas notificações, com a mensagem curta totalmente visível.

Vou estar na cidade semana que vem. Adoraria te ver.

– Que porra é essa? – exclamou Jordan em voz alta.

Balançou a cabeça e guardou o celular de novo no bolso, enfiando pregos na pistola a uma velocidade imprudente. Meredith não sabia que ela não estava mais em Savannah, e Jordan não tinha a menor intenção de contar a ela.

Apoiou a pistola no ponto do armário que pretendia pregar em seguida, mas, antes que pudesse disparar, alguém bateu na porta da oficina.

– Ai, meu Deus, me deixa em paz, porra! – gritou no espaço vazio, um pouco mais alto do que gostaria.

Provavelmente era Simon, o único que se atreveria a interromper o trabalho dela naquele momento, e ele perdoaria o tom ranzinza.

– Bom, não precisa ser tão grossa.

Uma voz feminina.

Uma voz feminina *conhecida*.

– Parker?

– É. Posso entrar?

Ela olhou para a enorme quantidade de armários verde-sálvia ao redor, praticamente um contrabando.

– Hã. Ah...

– Ah, deixa disso! – gritou Astrid. – Já sei que você está com seus projetos secretos espalhados aí dentro.

Jordan franziu a testa. Deixou a pistola de pregos na bancada e foi até a porta, destrancando o cadeado e abrindo uma fresta de alguns centímetros. Astrid estava ali, na chuva, com um guarda-chuva transparente cobrindo a cabeça. Estava de rosto limpo, calça preta elegante e blusa de seda cor de ameixa, com o cabelo repicado um pouco frisado por causa da umidade, e Jordan achou que era a mulher mais linda que já tinha visto.

Credo, Everwood, se controla.

– Como é que você sabe? – perguntou Jordan, tentando controlar o fogo em seu íntimo.

Astrid a encarou.

– Ontem à noite, você disse que não precisava dificultar tanto meu trabalho, e vim aqui cobrar isso. Não vou largar o projeto, Jordan. Nós duas sabemos que não posso fazer isso. Então é melhor me deixar entrar.

Jordan passou um segundo pensando, tentando fazer sua mente *astridificada* funcionar em modo profissional. Sabia que acabaria tendo que falar com Simon e Natasha sobre o que estava fazendo, mas a conversa fluiria muito melhor se tivesse Astrid do seu lado... de maneira profissional, óbvio. Astrid vivia do design de interiores, administrava uma empresa de sucesso e não era um desastre de proporções cósmicas aos olhos de Simon. Então, sim, Astrid e Jordan poderiam tornar a vida uma da outra muito mais fácil.

Jordan pigarreou e escancarou a porta, observando enquanto Astrid entrava e andava devagar em direção à bancada, vendo os armários verde-sálvia, os painéis de vidro fantasia e as enormes tábuas de madeira maciça que Jordan ainda precisava cortar para fazer o tampo das bancadas. O salto dos sapatos de Astrid ecoou pelo espaço até ela parar à beira da estação de trabalho, onde o laptop de Jordan estava apoiado com descuido. Deixou o guarda-chuva no chão e encarou Jordan com uma pergunta no olhar.

A carpinteira assentiu, e Astrid apertou uma tecla no computador, ligando-o. A cozinha de Everwood – pelo menos como Jordan a havia imaginado – tomou conta da tela. A expressão de Astrid não revelou muito. Seus olhos escuros examinaram as imagens, estreitando-se de leve aqui e ali antes de relaxar outra vez. Ela rolou a tela, e o projeto de Jordan para a biblioteca ganhou o monitor. Aquele mesmo verde-sálvia aparecia com destaque, mas agora revestia as estantes embutidas que já existiam lá, assim como a cornija da lareira.

Na verdade, aquele verde aparecia em todos os cômodos do primeiro andar, uma cor de destaque que formava um belo par com as paredes cinza de Astrid. Havia um quarto de hóspedes naquele andar, um cômodo lateral

cujo teto inclinado e aconchegante Jordan tinha coberto com pinturas de videiras e flores em seu projeto, transformando-o num oásis de calma. Ela não tinha ideia de quais regras de design estava seguindo ou violando – simplesmente sabia o que parecia combinar com a casa e pronto.

Jordan ficou do outro lado da bancada enquanto Astrid passava de um cômodo para o outro, com a testa às vezes relaxada, às vezes franzida. No andar superior, havia o Quarto Azul, óbvio, mas todos os outros quartos de hóspedes também tinham identidade própria, uma cor ou estampa arrojada que o distinguia dos demais.

– Sei que não está perfeito – antecipou Jordan.

Astrid levou algum tempo para responder. Jordan observou enquanto ela repassava as imagens e olhava para cada quarto, com a boca franzida, pensando.

– Não está mesmo – respondeu finalmente.

Jordan quase riu. Aquela mulher não media mesmo as palavras, e ela meio que adorou isso. Tinha passado o ano anterior com todas as pessoas em sua vida pisando em ovos ao falar com ela, tomando todo o cuidado para não perturbá-la, decididas a mantê-la calma. Astrid sabia tudo sobre Meredith e não dava a mínima.

Ou talvez simplesmente acreditasse que Jordan era capaz de enfrentar tudo o que a vida jogasse contra ela.

O pensamento fez a garganta de Jordan doer. Ela engoliu em seco e contornou a bancada de trabalho para ficar de pé ao lado de Astrid, com o laptop entre elas.

– Quem sabe você possa ajudar a deixar o projeto perfeito – sugeriu Jordan. – Ou pelo menos melhor. Não sei muito sobre design de interiores.

– Dá pra perceber – comentou Astrid, mas estava olhando para Jordan, não para o projeto dela, e havia uma leve sugestão de sorriso em seus lábios.

Jordan lutou para conter o próprio sorriso e balançou a cabeça.

– Bom, que sorte a minha você saber tudo e mais um pouco.

Astrid riu.

– Pois é.

Jordan olhou para o projeto da biblioteca na tela do laptop.

– Mas, sério, o que a gente faz? Quero sua ajuda, mas não se você não gostar de nada do que imaginei aqui.

Astrid também tornou a olhar para a tela.

– E se eu não gostar?

Jordan sentiu uma pontada de mágoa para a qual não estava preparada. Tinha se dedicado muito àquele projeto, investindo nele seu amor pela família, pela infância que passara ali e pela história da casa, o amor da própria cidade pela história de amor da Alice. A ideia de que uma profissional – não, não uma profissional qualquer –, a ideia de que *Astrid* não gostava de sua criação doía.

Mas não mudava nada.

– Aí a gente volta aos subterfúgios e às pinturas na calada da noite – respondeu Jordan.

Começou a se afastar, voltando para o outro lado da bancada em busca de certa distância, física e emocional, mas Astrid agarrou sua mão.

– Espera – disse ela. – Desculpa, não sei nem por que falei isso. Eu adorei.

Jordan ficou paralisada. Na verdade, o mundo inteiro parou, como se a única coisa que existisse fossem aquelas duas palavrinhas e o calor dos dedos de Astrid entrelaçados aos dela.

– Adorou? – Jordan conseguiu perguntar.

Astrid assentiu.

– Quer dizer, precisa de uns ajustes.

Ela soltou a mão de Jordan, mas num gesto lento que manteve as pontas dos dedos de ambas unidas até o último instante, e indicou o laptop.

– A textura é uma questão importante na maior parte dos espaços, e não sei se aquela faixa de marfim e amarelo é mesmo o que você quer, considerando a atmosfera dos outros quartos, mas, se você estiver aberta a...

– Estou – disse Jordan, o entusiasmo inflando-a como gás hélio. – Estou mais do que aberta.

Astrid sorriu.

– Você nem sabe o que vou sugerir.

– Mas eu topo. Topo tudo.

Um rubor floresceu no rosto de Astrid. Talvez tenha sido a coisa mais linda que Jordan já vira. Bom, isso e a forma como os cílios longos dela se espalhavam sobre as maçãs do rosto, com aqueles dentinhos de vampira aparecendo para morder o lábio inferior.

Saco.

Jordan balançou a cabeça para refrescá-la.

– Certo – começou Astrid. – Então vamos trabalhar juntas. Vamos repassar cada cômodo, até os mínimos detalhes, consultando o seu projeto e o meu, para ver se conseguimos um resultado coeso e temático.

Jordan assentiu com energia.

– E temos que trabalhar depressa, porque a aplicação do selador no primeiro andar já está quase terminada, então, se vamos incorporar esse verde-sálvia, temos que combinar com os pintores o quanto antes.

– É. Concorde.

– Isso quer dizer que, antes, precisamos pedir a aprovação de Pru, Simon e Natasha.

Jordan não estava muito preocupada com a avó – tinha projetado toda a casa pensando nela –, mas Simon era mais complicado. Legalmente, o nome dele estava no contrato com a Bright Designs, ao lado do nome de Pru, então Jordan sabia que Astrid precisava do aval dele antes de implementar qualquer coisa. Ainda assim, tinha certeza de que Simon concordaria com qualquer coisa que a designer aconselhasse. E Natasha... bom, ela já tinha dito uma vez que faltava inspiração no projeto de Astrid. Tinha a impressão de que uma mulher que usava um colar de clitóris todo dia estaria disposta a ver um pouco mais de intriga no projeto, principalmente se realçasse a história da casa.

Jordan começou a dizer sim para tudo o que Astrid estava propondo, mas uma coisa a fez parar para pensar, e perguntou:

– Por quê? Por que está fazendo isso em vez de brigar comigo? Você podia ir falar com o Simon e contar pra ele o que estou fazendo, já que nós duas sabemos que ele me tiraria do projeto. Por que trabalhar comigo quando você pode seguir o seu projeto do jeito que queria?

Astrid desviou o olhar e pôs o cabelo atrás da orelha. Fixou os olhos na

tela do computador, com os pensamentos obviamente voltados para dentro. Jordan não pôde deixar de imaginar... o que Astrid Parker de fato queria? Ela não parecia ser alguém que fazia concessões, considerando o modo como tinha reagido quando se conheceram, exigindo seu número de telefone para mandar a conta da lavanderia.

Mas, naquele momento, ela estava fazendo exatamente isso. Afirmou que trabalhariam juntas, sim, mas estava fazendo uma *concessão*.

– Parece a atitude certa – respondeu Astrid por fim, tocando de leve o teclado do computador antes de se voltar para Jordan. – Essa é a casa da sua família. Tecnicamente, você é uma Everwood e também é minha cliente. Quero que esse projeto te deixe feliz.

Jordan se limitou a piscar, atordoada. Astrid parecia quase igualmente chocada com as próprias palavras, porque o rubor no rosto ficou mais forte e ela desviou o olhar.

– Além do mais – continuou, rindo um pouco –, acho que não consigo entrar em mais um quarto com Natasha Rojas sem saber ao certo qual vai ser a cor da parede.

Jordan se encolheu.

– Sinto muito por isso, na verdade.

– Não quero subterfúgios – continuou Astrid, encarando-a nos olhos outra vez. – Quero... uma parceria.

As palavras pairaram entre elas, e Jordan de repente teve dificuldade para respirar direito.

Parceria.

Seriam parceiras.

– É – disse Jordan. – Eu também.

Ficaram se olhando por um momento antes de Astrid balançar a cabeça, a franja roçando os cílios, e endireitar os ombros.

– Então, tá.

Jordan estendeu a mão.

– Parceiras.

Astrid engoliu em seco com dificuldade. Passou os dedos sobre os de Jordan – muito mais devagar do que Jordan achava necessário, mas,

caramba, ela é que não ia reclamar – e apertou sua mão.

– Parceiras – concordou Astrid numa voz suave.

Ficaram assim por um segundo, de mãos dadas, mas depois o leve sorriso de Astrid esmaeceu.

– Mas ainda tem o programa.

Jordan franziu a testa, soltando a mão.

– O que é que tem?

– O que vamos dizer pra eles? Que agora somos codesigners? E será que eles vão gostar disso? Gravamos um monte de cenas em que você é a carpinteira mal-humorada e eu sou a designer inflexível. Natasha e Emery parecem gostar dessa dinâmica, mas, se vamos trabalhar juntas, é justo creditar o seu nome, não acha?

Jordan passou a mão pelo cabelo. Para falar a verdade, toda aquela história do *Pousadas Adentro* a deixava muito estressada. Não dava a mínima para as câmeras e as entrevistas. Não ligava nem para o crédito. Só estava fazendo aquilo para garantir que a casa de sua família continuasse fiel às origens. Em qualquer outro projeto, estaria apenas seguindo as ordens do empreiteiro e da designer, construindo, martelando e pregando.

Mas sua família precisava que o programa desse certo, e ela não estava disposta a correr o risco de deixar Natasha – ou pior, os executivos da emissora – irritados porque Jordan e Astrid acabaram com a dinâmica que passaram semanas estabelecendo.

Além disso, a notoriedade era importante para Astrid. Natasha Rojas era seu ídolo de design, e Astrid tinha uma empresa de design de verdade que poderia tirar proveito do tipo de exposição que o programa proporcionaria. Jordan só precisava da exposição para salvar a pousada, não para se tornar uma estrela.

– E se a gente continuasse agindo do mesmo jeito? – perguntou Jordan.

Astrid ergueu as sobrancelhas.

– Quer dizer... exatamente como antes?

Jordan assentiu.

– Carpinteira mal-humorada e designer inflexível.

Astrid levantou a mão.

– Espera aí, só pra eu entender. Você quer que eu continue a atuar como chefe de design, mesmo que a gente use uma boa parte do seu projeto?

O plano parecia meio errado quando Astrid o descrevia assim, mas Jordan seguiu em frente. Estava muito perto de conseguir o que queria.

– Olha, nós duas precisamos do programa. Não vejo motivo pra mudar de atitude agora, principalmente quando Natasha e Emery gostam do que estamos fazendo. Já vamos mudar o projeto, o que provavelmente vai forçar um pouco os limites da equipe. Qualquer coisa a mais só vai complicar a situação.

Astrid contraiu os lábios, mas Jordan percebeu a mente dela trabalhando. Podia não entender Astrid Parker por inteiro, mas sabia que trabalhar como chefe de design no programa era importante para ela.

E queria lhe dar isso, o que talvez fosse a maior revelação naquele instante.

Dessa vez, foi Jordan quem estendeu a mão e pegou a dela.

– Aceita, Astrid. Você está me ajudando. Agora, me deixa te ajudar.

Astrid apertou os dedos dela e assentiu.

– Tá bom – sussurrou, e depois mais alto: – Tá. É assim que a gente vai fazer.

Jordan sorriu.

– É isso aí.



CAPÍTULO VINTE

ALGUNS DIAS DEPOIS, Astrid parou diante do apartamento de Iris para uma noite de filmes improvisada com as amigas. Estava exausta depois de praticamente passar a noite em claro com Jordan trabalhando no novo projeto de design e ansiava por algumas horas de tranquilidade com as melhores amigas, um pouco de vinho, o sofá molenga de Iris e um filminho ruim do qual pudessem tirar sarro sem dó nem piedade.

Tinha acabado de levantar a mão para bater na porta quando ouviu alguma coisa.

Um gemido.

Vindo de dentro do apartamento de Iris.

– Isso – sussurrou a voz de Iris. – Assim. Ai, Jillian, não para.

Astrid cobriu a boca com a mão e quase caiu para trás. Iris era assim mesmo: nunca fazia nada com moderação, incluindo se expressar em voz alta enquanto, ao que parecia, transava com a namorada.

– Ai, isso, ai, essa sua língua... isso.

Era isso que Astrid ganhava por sempre chegar cedo. Sua mãe martelara tanto a importância da pontualidade na cabeça dela que, mesmo quando

chegava no horário, a ansiedade aflorava e ela mergulhava numa espiral de pensamentos a respeito de decepcionar ou de ser inconveniente com quem quer que estivesse à sua espera. Daí ser sempre a primeira a chegar.

Naquela hora, porém, preferiria ter chegado atrasada a presenciar a situação embaraçosa. Minha nossa, não queria ficar ali esperando Iris e Jillian terminarem, mas também não queria dar meia-volta e ir embora, porque para onde iria? Quando Iris enviara mensagem para ela, Claire e Delilah no grupo das amigas, sugerindo uma noite de filmes e tacos, ela dissera 18h30. Eram 18h25.

E, mesmo assim, os gemidos continuavam.

– Tá gostando? – murmurou a voz aveludada de Jillian.

– Tô, sim. Ai, nossa, que gostoso. Por favor, preciso da sua boca na minha...

Astrid saiu em disparada pelo corredor em direção à escada antes que Iris pudesse terminar aquela frase. Sentia as bochechas ardendo, o coração palpitando e... ah, meu Deus.

Um aperto na barriga, uma pressão entre as pernas que não podia ignorar. Ou *podia*, mas... nossa. Não tinha ido até lá naquela noite esperando ficar cheia de tesão e constrangida. Iris sempre fora muito aberta a respeito de sua vida sexual, mas Astrid nunca tinha ouvido a tal vida sexual se desenrolar na frente dela.

Ficou parada no alto da escada, com a garrafa de Riesling debaixo do braço, se contorcendo para tentar acabar com aquele latejar em seu íntimo. Fechou os olhos, mas não, não adiantou nada, pois aquela boca perfeita de botão de rosa de Jordan florescia em sua mente, e começou a imaginar os dedos calejados da carpinteira deslizando sobre seu corpo...

Que saco, precisava de um pouco de ar fresco.

A noite estava bonita. Era só esperar na rua até Claire e Delilah chegarem, pronto.

Estava a meio caminho da escada quando Jordan Everwood chegou, vinda do primeiro andar, com um pacote de seis cervejas artesanais na mão.

Estava com o celular na palma da outra mão e os olhos fixos na tela. Astrid sentiu uma onda súbita de alegria ao vê-la, o que era absurdo,

considerando que tinham se visto uma hora antes na pousada.

Vinham passando muito tempo juntas nos últimos dias – no horário padrão das nove às cinco, além de várias noites na oficina de Jordan, escolhendo amostras de tecido, cores de tinta e produtos no site da Etsy, com embalagens de comida para viagem ocupando o espaço ao redor delas.

Em algum ponto no fundo da mente, Astrid sabia que deveria se sentir um pouquinho ameaçada ou possessiva em relação a seu trabalho. Juntas, haviam repassado os dois projetos de design para a casa toda, e as ideias de Jordan acabaram se tornando a base de cada cômodo. Era verdade que boa parte do projeto de Astrid também fora aproveitada – uma parede com padrão espinha de peixe aqui, fotografias em preto e branco de Bright Falls ali –, mas às vezes era difícil lembrar quem tivera a ideia de fato.

Pelo menos, era o que Astrid dizia a si mesma. Ela sabia que era parte do sucesso daquele projeto – Jordan era muito desorganizada, e, para conciliar encomendas e planos para uma casa daquele tamanho, organização era fundamental – e não tomava nenhuma decisão, nem apertava um botão de *finalizar compra*, sem ouvir a opinião de Astrid. Ainda assim, sempre que repassava as imagens no programa de design, não conseguia se livrar da inquietação crescente que chegava estranhamente acompanhada da felicidade pura e simples que sentia quando estava com Jordan Everwood.

Naquela hora, enquanto a dopamina inundava ainda mais seu organismo diante do encontro inesperado com Jordan, a inquietação ainda estava lá, como uma nuvem carregada pairando a quilômetros de distância. Ela engoliu em seco e se concentrou na parte boa, o que era muito mais fácil de falar do que de fazer. Felicidade não era uma palavra frequente na sua esfera de experiência.

Ela piscou, concentrando-se no cabelo sobre a testa de Jordan e em sua subida lenta em direção a Astrid, e a inquietação cedeu um pouco. Infelizmente, não podia dizer a mesma coisa sobre os sentimentos que a pegação de Iris despertara. Quando viu Jordan subindo os degraus, *aqueles* sentimentos a percorreram com a força de um rio livre da barragem.

– Oi – disse ela quando Jordan estava a poucos passos de distância.

– Eita, porra.

Jordan recuou, derrubando o celular para poder se agarrar ao corrimão.

– Ai, meu Deus, desculpa.

Astrid se abaixou para pegar o aparelho. Quando o devolveu para Jordan, teve um vislumbre de uma mensagem de texto na tela com o nome *Meredith* no alto.

Seu estômago despencou até os pés, com um toque de pânico se infiltrando na miríade de emoções que já sentia. Talvez fosse melhor ir para casa. Tesão e ansiedade não eram uma boa combinação.

– Não esquentar – respondeu Jordan, pegando o celular e guardando-o no bolso de trás.

Havia trocado o macacão que normalmente usava no trabalho por um jeans preto dobrado no tornozelo e uma camisa de manga curta, azul-marinho e estampada de pequenas suculentas verdes.

Astrid sorriu, tratando de falar com uma voz radiante e perfeita:

– Eu não sabia que você vinha.

Jordan franziu a testa e estreitou os olhos.

– Você tá bem?

O sorriso de Astrid murchou um pouco, mas ela conseguiu mantê-lo no lugar.

– Aham. Estou, sim.

Jordan a observou por um segundo, ainda com aquele vinco na testa. Finalmente, desviou o olhar e coçou a nuca.

– Iris mandou uma mensagem pro Simon, que insistiu em me arrastar pra cá. Acho que ele nem sabe o que fazer da vida quando não está salvando a irmã reclusa. – Apontou para a porta do prédio com o polegar. – Está estacionando o carro.

Astrid assentiu. Gostaria de ter sido ela a convidar Jordan para o apartamento de Iris, mas fora incapaz de pronunciar o convite. E se Jordan achasse que ela a estava chamando para sair? E se recusasse? Astrid achava que não saberia como lidar com isso, quando todos os seus pensamentos e sentimentos por ela ultimamente pareciam tão à flor da pele. Jordan já a rejeitara uma vez, decretando que Astrid não poderia beijá-la a menos que a desejasse *de verdade*, então estava decidida a respeitar o pedido. Depois de

tudo o que Jordan passara, ela entendia. Até concordava, para falar a verdade. Sabia que tinha muito exame de consciência a fazer a respeito de seus motivos.

Mas, naquela hora, depois de ver o nome de Meredith no telefone de Jordan, ela só queria pegar o rosto de Jordan entre as mãos e beijá-la até fazê-la esquecer completamente aquele nome.

– Estou feliz de você ter vindo – foi o que Astrid disse, mas num tom de voz suave, muito... Deus do céu, muito *ansioso*, e sentiu o rosto arder de vergonha ao admitir isso.

Jordan inclinou a cabeça, observando a outra por um segundo. O olhar dela partiu das alpargatas pretas e subiu pelas pernas até o short da mesma cor, parando no peito e na blusa azul-celeste sem mangas antes de chegar ao rosto e se fixar nos olhos. Astrid sentiu o fôlego travado nos pulmões. Não conseguia respirar naquela hora de jeito nenhum. Não com aquela mulher insuportavelmente sexy olhando para ela como se quisesse comê-la de sobremesa.

Mas, então, a expressão de Jordan se abrandou, plácida e totalmente neutra. Ela assentiu e disse:

– É, também estou feliz.

Mas sua voz não estava suave nem ansiosa. Estava normal, inabalada. E Astrid sentiu uma vontade súbita de chorar, como uma criança que acabou de descobrir que sua festa de aniversário foi cancelada.

– Oi, meu bem!

A voz de Claire chegou do pé da escada, e Astrid balançou a cabeça para esfriá-la. Claire e Delilah começaram a subir com sacolas de mercado nas mãos, e Simon logo atrás delas.

– Oi – respondeu Astrid, depois se virou e foi na direção do apartamento de Iris antes que as amigas percebessem como suas bochechas estavam vermelhas.



Felizmente, Iris e Jillian tinham se vestido e estavam agindo normalmente quando todo o grupo chegou à porta, embora o rosto de Iris estivesse meio corado. Mesmo assim, ela serviu vinho e recheios para os tacos na ilha de sua pequena cozinha, abrindo os armários turquesa para pegar isso ou aquilo enquanto tagarelava a cem por hora sobre um novo planner que estava projetando, sobre a festa de Claire e Delilah no fim de semana seguinte e sobre como não era exatamente uma inauguração de casa, sendo que Claire já morava lá, e assim por diante.

Astrid tentou imaginar como alguém se recuperava tão depressa do que parecia ter sido uma transa espetacular. Verdade que ela mesma nunca tivera uma transa assim, mas acreditava que depois disso ficaria fora do ar por pelo menos uma hora.

Ficou na cozinha, enchendo tigelas cor de mostarda com alface, molho e guacamole, enquanto Claire dourava uma frigideira cheia de carne moída. As outras pessoas ficaram na sala de estar com Jillian, que, aparentemente, estava mostrando a Simon a garrafa de bourbon de cem dólares que tinha trazido de Portland naquela manhã.

Jordan estava com Delilah.

Astrid as espiou sentadas no sofá vermelho de Iris, Jordan com uma cerveja e Delilah com alguns dedos do bourbon de Jillian, as pernas dobradas no assento, conversando, descontraídas, como se fossem conhecidas de longa data.

– Você acha que ela está divulgando todos os seus segredos mais profundos e sombrios? – perguntou Iris, batendo com o quadril de leve no de Astrid diante da pia.

– Quê? – indagou Astrid, ficando paralisada enquanto enxaguava um maço de coentro. – Quem?

– Delilah e a sua inimiga mortal – disse Iris.

– Ela não é minha inimiga mortal – respondeu Astrid, sacudindo as folhas para secá-las e deixando-as na tábua de cortar. – Além disso, eu não...

Estava prestes a dizer que não tinha segredos, mas não era bem verdade. Não falara para Claire nem para Iris a respeito de sua atração por Jordan, e,

embora Delilah soubesse do sonho erótico, não sabia que Astrid tinha praticamente tentado beijá-la, apenas para ser rejeitada.

Ninguém sabia disso.

De repente, sentiu o ímpeto de desabafar tudo com as amigas. A necessidade de pedir conselhos, ou até mesmo um simples conforto, quase a dominou. Mas, com Jordan a apenas três metros de distância, não havia como a cena de Iris Kelly descobrindo que Astrid estava experimentando sentimentos extremamente *queer* ser discreta.

– Você “não” o quê? – perguntou Iris.

Astrid balançou a cabeça enquanto cortava o coentro, picando o maço bem depressa.

– Nada. Eu... não acho que a Delilah diria alguma coisa por maldade.

Iris riu.

– A gente tá falando da mesma mulher? Aquela tatuada? Com uma atitude nova-iorquina até dizer chega? E um desprezo geral por roupas de qualquer tom mais claro do que o nono círculo do inferno?

Claire bateu na bunda de Iris com um pano de prato.

– Para de falar mal da minha namorada.

– Não tô falando mal dela. Só tô citando fatos.

– Dá pra te ouvir daqui, sabia? – gritou Delilah da sala, e ergueu o copo de bourbon, simulando um brinde. – Eu gosto das minhas roupas pretas, e quem não gosta que se foda.

Iris ergueu o dedo médio, Delilah riu e nem Astrid conseguiu deixar de sorrir pelo jeito confortável – ainda que meio ácido – com o qual sua amiga e Delilah se falaram. Mas, quando cruzou o olhar com o de Jordan, seu sorriso se desmanchou.

Que saco, Astrid estava mal.

– Vou procurar uns livros pra pegar emprestados – anunciou ela, secando as mãos num pano de prato e pegando seu vinho.

Só precisava de um instante para se recompor, um momento de paz. O que, com aquela multidão, seria algo difícil de conseguir.

– Beleza – respondeu Iris. – Trata de pegar um livro bem sacana.

Claire riu, mas Astrid se limitou a balançar a cabeça enquanto se dirigia

à biblioteca, o único cômodo daquele apartamento com conceito aberto separado por algumas paredes. Ela se virou para a série de prateleiras que cobriam toda a parede dos fundos, com as lombadas organizadas por cor, o tipo de coisa que era bem a cara de Iris.

Astrid deixou os olhos vagarem pelo arco-íris de livros, imaginando como é que a amiga encontrava alguma coisa com aquele sistema estético. Foi uma distração tranquilizadora acompanhar a agradável passagem do vermelho ao laranja e ao amarelo.

– É a estante mais *queer* que eu já vi.

Astrid se virou ao som da voz de Jordan, que estava com uma garrafa de cerveja na mão e os olhos nela.

– Pois é. Sutileza não é com a Iris.

Jordan riu enquanto ia na direção dela.

– Deu pra perceber.

Astrid se virou enquanto as duas encaravam o arco-íris. Seus ombros se roçaram, e Astrid sentiu-se relaxar, algo que parecia acontecer naturalmente perto de Jordan Everwood. Na verdade, deveria estar ficando *tensa*. Ela a deixava nervosa como se fosse sua primeira paixonite, e perto dela Astrid só queria rir e beijar muito, o que por si só era uma crise de identidade bem estressante.

Então, sim, Astrid tinha muitas razões para se retrair.

Em vez disso, ela quase derreteu ao sentir o calor do corpo de Jordan irradiando para seu braço.

– Você gosta de ler? – perguntou Jordan.

Ela pegou uma brochura colorida das prateleiras, um livro de romance, a julgar pelo aspecto do casal entrelaçado com pouquíssima roupa que estampava a edição, e leu a quarta capa.

– Gosto, sim – respondeu Astrid. – Ultimamente não tenho muito tempo, mas quando era criança lia muito.

Jordan devolveu o livro e se virou para encará-la.

– De que tipo de livros você gostava?

Astrid pensou, lembrando o quanto suspirava por Gilbert Blythe, de *Anne de Green Gables*, como seu coração batia mais rápido com os duelos

verbais de Darcy e Lizzie em *Orgulho e preconceito*, e a empolgação vertiginosa que sentia ao terminar um dos romances sensuais que sua babá esquecia entre as almofadas do sofá.

Ah, como Isabel teria detestado aqueles livros atrevidos se soubesse da existência deles!

– Gostava mais de livros de romance – respondeu Astrid.

Jordan ergueu as sobrancelhas.

– Sério?

Astrid riu.

– Que cara de surpresa.

– Estou surpresa mesmo. Achei que você curtisse uns...

– O que quer que esteja pensando em dizer, não diga.

Astrid tomou um gole de vinho e tratou de sorrir, mas, meu Deus, se Jordan dissesse que achava que ela gostava de livros como *O coração das trevas* ou alguma tranqueira literária deprimente de homem branco, ela atiraria a taça na parede.

Jordan fez um gesto de fechar os lábios com zíper, mas sorriu.

– Então, conta mais sobre a jovem Astrid Parker.

– Tipo o quê?

Jordan deu de ombros.

– Bom, já sei que ela gostava de livros de romance. Sei também que a mãe dela foi muito presente.

Astrid bufou.

– Isso que é eufemismo.

Jordan estreitou um pouco os olhos.

– Com o que ela sonhava?

Astrid recuou, surpresa.

– Com o que sonhava?

– Aham. Quer dizer, como você sonhava que sua vida seria? Eu... eu queria ser cantora da Disney quando crescesse.

Uma risada escapou dos lábios de Astrid.

– Cantora da Disney!

– Você ri do meu sonho? – Jordan levou a mão livre ao peito. – Pois

fique sabendo que minha avó disse que minha apresentação na sala lá de casa cantando “Parte do seu mundo” foi a melhor que ela já viu.

Astrid riu ainda mais.

– Então você sabe cantar?

Jordan deu uma piscadela.

– Esse talento, ou a falta dele, reservo para meu círculo mais íntimo. Se quiser saber a verdade, vai ter que torturar meu irmão até ele contar.

Astrid revirou os olhos, mas uma espécie de anseio aflorou em seu peito, e ela logo o abafou. Decidiu perguntar:

– Como você virou carpinteira?

– Meu pai me comprou um daqueles kits de ferramentas pra criança quando eu tinha 10 anos. Fui fisgada rapidinho. Esmagar as coisas com um martelo é comigo mesmo.

Astrid sorriu.

– Também gosto de esmagar as coisas.

– É, eu lembro – respondeu Jordan, piscando para ela.

Que frio. Um frio na barriga de Astrid.

– Mas, pra dizer a verdade – continuou Jordan –, eu gostava de criar. Construir algo que as pessoas vão amar, sabe? É mágico.

Magia. Era exatamente a impressão que o projeto de Jordan para Everwood passava.

– Tá, então... – disse Jordan depois de tomar mais um gole de cerveja. – Já revelei meus sonhos desperdiçados. É sua vez.

Astrid balançou a cabeça, sorrindo enquanto bebia o vinho.

– Eu não...

– Não se atreva a me dizer que não tinha sonho nenhum. – Jordan apontou o dedo para Astrid. – Vamos simplificar. Você sempre quis ser designer de interiores?

Astrid abriu a boca, com a resposta certa na ponta da língua.

Sim, é lógico.

Mas isso não era verdade, não chegava nem perto de ser. E ela não queria mentir para Jordan. Não podia.

– Não – respondeu baixinho. – Não queria.

Jordan assentiu, como se a informação não a chocasse nem um pouco.

– O que você queria ser?

– Eu queria...

Seus pensamentos voltaram a uma menininha, uma pré-adolescente, depois adolescente, que sonhara em ser não só uma coisa, mas muitas. Jornalista. Professora. Padeira.

Pensou naqueles lindos pãezinhos de lavanda que ela e Jordan comeram na feirinha de Sotheby e em como a fizeram lembrar que adorava cozinhar com Claire e Iris quando eram crianças – experimentando novas receitas, rindo quando algo ficava horrível, gritando de alegria quando uma fornada de biscoitos ou um bolo dava certo. Também adorava criar algo de que as pessoas pudessem desfrutar, algo quentinho, nada prático e muito divertido.

Imaginava que ainda gostasse disso, embora raramente ficasse na cozinha. A última vez fazia alguns anos. Tinha sido no aniversário de 8 anos de Ruby, se não lhe falhava a memória. A padaria da cidade tinha esquecido a encomenda do bolo de morango de Claire, por isso Astrid se oferecera para a tarefa, já que era um caso de extrema necessidade e tal.

O bolo tinha ficado delicioso. E ela havia adorado fazê-lo, principalmente para Ruby, que Astrid amava de coração. Achava que tinha sido uma espécie de magia. Não havia sensação melhor do que ver alguém provar algo que ela havia feito e adorar. Não sentia isso havia muito tempo. Sempre ficava contente quando um cliente amava o trabalho que fazia, mas, de alguma forma, a sensação não era assim tão... bom, tão mágica.

– Eu queria ser um monte de coisas – falou Astrid com sinceridade.

E contou a Jordan como o jornalismo – narrar os fatos de jeitos bonitos – sempre a intrigara, e como sua professora de inglês no penúltimo ano do ensino médio a fizera pensar que dar aulas poderia ser gratificante. Contou sobre cozinhar com Iris e Claire, e fazer o bolo de morango para Ruby.

– E por que não fez? – perguntou Jordan.

– Por que não fiz o quê?

– Alguma dessas coisas. Dar aulas, cozinhar. Não pense que esqueci a riqueza dos seus conhecimentos sobre o açúcar de lavanda.

Astrid balançou a cabeça. Deveria dizer simplesmente que seus sonhos

havam mudado, mas seria verdade? Ou os sonhos apenas se desvaneceram com o passar dos anos, à medida que as expectativas de Isabel a apertavam como um nó corrediço? Ela nem se lembrava de ter escolhido se formar em administração de empresas na faculdade. Esse era simplesmente o Plano, o que ela ia fazer desde sempre.

Decidiu ser sincera outra vez, encarando os olhos de Jordan:

– Não sei.

Jordan inclinou a cabeça, olhando atentamente para Astrid, que se sentiu exposta, até mesmo nua, mas não conseguiu desviar o olhar.

– Quem sabe um dia eu cante pra você – declarou Jordan.

– É sério?

Jordan assentiu.

– Se você fizer um bolo pra mim.

Astrid sustentou o olhar dela, e não seria capaz de conter o sorriso que se instalou em seus lábios nem se tentasse, respondendo:

– Quem sabe?

Jordan sorriu também, e aquele sentimento efervescente de primeira paixãoite borbulhou mais uma vez pelo corpo de Astrid – no peito, na ponta dos dedos, nos dedinhos dos pés. Finalmente, ela se voltou para as prateleiras e levou a borda da taça de vinho à boca ainda sorridente.

Ficou assim por um momento, fingindo observar os livros enquanto sorria como uma adolescente. Porque já sabia: sabia com cem por cento de certeza que queria beijar Jordan Everwood. Não qualquer mulher ou pessoa. Queria Jordan e ninguém mais.

O pensamento foi libertador, aterrorizante e eletrizante ao mesmo tempo. Estava meio tentada a agarrá-la naquele momento, mas tinha que pensar em como fazer isso. A outra precisava saber que ela queria *mesmo*, que não estava arrebatada por recordações nem por alguma situação futura envolvendo canções da Disney e bolos.

Enquanto tentava equilibrar as emoções, uma lombada azul-escura cativou sua atenção. Tinha a ilustração de duas mulheres brancas enlaçadas num abraço. Pegou o livro para observar uma versão maior das mulheres na capa – uma ruiva e uma loira –, olhando uma para a outra debaixo das

estrelas, com a torre Space Needle de Seattle ao fundo.

De repente, sentiu o coração muito grande e muito sensível dentro do peito. Olhou a sinopse do livro na quarta-capa: era uma versão *queer* de *Orgulho e preconceito*, com uma mulher bissexual e uma lésbica.

– Parece intrigante – comentou Jordan, aproximando-se para ver a capa.

Seu aroma de jasmim e pinho flutuou até Astrid, que lutou contra o impulso de inspirar profundamente.

– Parece, né? – indagou Astrid.

Olhou nos olhos de Jordan e poderia jurar que havia um desafio neles.

Deixou o vinho na mesinha de centro turquesa e pôs o livro debaixo do braço, examinando as prateleiras em busca de mais opções, enquanto Jordan se acomodava numa das poltronas de couro macias no meio da sala e a observava, tomando a cerveja sem pressa. Dez minutos depois, Astrid estava com mais três romances em brochura nas mãos – um sobre duas mulheres dominicanas, outro com um rabino e uma mulher bissexual, e um terceiro com um par formado por uma mulher e uma pessoa não binária participando de um concurso de panificação.

Ela deu meia-volta com os braços cheios de livros coloridos, e Jordan levantou a sobrancelha.

– Pelo jeito, você tem muita leitura pela frente.

Astrid apenas sorriu.

– Pelo jeito, tenho.



Pelo resto da noite, Astrid só conseguiu pensar nos livros que guardara na bolsa. Por volta das onze horas, Simon e Jordan foram os primeiros a dizer boa-noite, e ela aproveitou a deixa para ir também – afinal, o dia seguinte seria importante, pois mostrariam o novo projeto de design para os Everwoods e Natasha. Na verdade, porém, nunca ficara tão feliz em ir para sua casa vazia e de paredes brancas. Tomou banho e se acomodou na cama com o romance sobre as duas mulheres em Seattle, que leu até bem depois

das duas da manhã, devorando as palavras, os suspiros, o arco do relacionamento das personagens...

E o sexo.

Meu Deus, o sexo.

No período de apenas umas horinhas e algumas centenas de páginas, teve que parar de ler para se masturbar. Duas vezes. Além do mais, não imaginou uma pessoa sem nome nem rosto quando colocou a mão dentro da calcinha, girando o dedo médio em volta do clitóris. Não imaginou as personagens do livro.

Imaginou Jordan Everwood todas as vezes.



CAPÍTULO VINTE E UM

JORDAN TINHA CERTEZA DE QUE NUNCA ficara tão nervosa. Estava na cozinha da pousada, com o laptop apoiado no pedaço de compensado de madeira que tinham usado para cobrir a ilha como uma espécie de escrivaninha improvisada para a reunião do dia. Enquanto clicava em quarto após quarto no computador, verificando se havia alguma irregularidade de última hora no projeto, seu estômago ameaçou rejeitar a torrada com abacate que havia comido no café da manhã.

A manhã tinha começado de um jeito meio diferente. Assim que a luz brilhara através da janela do quarto, ela havia pulado da cama, se espreguiçado luxuosamente como se fosse uma princesa da Disney se preparando para o dia, e *aberto um sorriso*.

Sorriu enquanto tomava banho.

Sorriu enquanto escovava os dentes.

Sorriu enquanto vestia sua camisa estampada favorita, branca com pessoas-sereias coloridas de várias raças, etnias e gêneros pontilhando o algodão.

Disse a si mesma que aquele sorriso interminável – que, sinceramente,

estava começando a doer no seu rosto desacostumado – era porque o projeto da pousada estava pronto, e era glorioso, e porque ela e Astrid iam apresentá-lo à família e a Natasha durante as filmagens do dia, depois do almoço. Sabia que o que haviam criado era de tirar o fôlego, era Everwood de cabo a rabo, e, pela primeira vez em mais de um ano, sentiu orgulho do próprio trabalho.

Mas, ao sair do quarto e ir para a cozinha tomar café, não era seu trabalho que ficava puxando os cantos da boca. Não, essa honra pertencia a uma chata pernuda, de cabelo repicado e dentinhos de vampira, que ficara parada em frente a uma estante de arco-íris falando sobre bolos, e que Jordan não conseguia tirar da cabeça.

Ultimamente pensava muito em Astrid. Até demais. Todos aqueles pensamentos a deixavam apavorada, mas não conseguia evitá-los. Tinha sido sincera com a outra mulher no Quarto Azul, quase uma semana antes, ao falar que não a beijaria sem ter certeza de que Astrid quisesse mesmo ficar *com ela*. Jordan se conhecia muito bem e sabia que não aguentaria o coração partido quando – *se* – Astrid decidisse que “Ah, humm, deixa pra lá, no fim das contas eu não gosto de mulher”.

Mas isso não a impedia de sonhar acordada, de ansiar por ela, porque, caramba, a forma como Astrid olhava para ela nos últimos dias – a forma como sempre parecia fazer questão de roçar o ombro dela quando estavam usando o laptop, como a mulher não conseguia cantar uma única nota afinada, o que não a impedia de cantar as músicas de Tegan and Sara na caminhonete de Jordan quando iam resolver alguma coisa na cidade, o jeito como conseguia pensar em cada momento do dia de um hóspede para determinar a melhor posição para uma cama, escrivaninha ou cômoda – despertava em Jordan emoções de que ela sentira muita saudade. Sentia falta de gostar de alguém, daquele lampejo de esperança e terror em seu íntimo sempre que pensava na pessoa, nos olhares e sorrisos.

Mas, caramba, não sabia nem se “sentir falta” era a expressão certa. Lembrava-se de fragmentos dessas emoções com Meredith, mas as duas haviam se conhecido no ensino médio e Jordan praticamente a seguira até a Faculdade de Arte e Design de Savannah. Depois meio que começaram

a namorar numa noite, no último ano, após preparar os portfólios, beijando-se devagar por cima de uma caixa de sobras de pizza.

O relacionamento tinha seguido um rumo natural.

E foi isso que a fez parar, detendo os passos no meio do corredor do chalé naquela manhã.

Não quero uma melhor amiga. Quero um destino.

Sentiu o sorriso desmoronar até os pés, onde ele ficou enquanto tomava o café e comia a torrada com a qual se engasgou enquanto Pru a olhava preocupada, e até depois, quando franzia a testa, olhando o projeto no computador, com a certeza de que acabaria quebrando, queimando e esculhambando tudo.

– Oi – disse Astrid, entrando pela porta dos fundos e sacudindo o guarda-chuva transparente.

Estava muito bem vestida, como de costume: blusa preta, pantalone marfim e os sapatos pretos de sempre, com saltos de oito centímetros. Jordan não tinha ideia de como ela conseguia habitar o clima do noroeste do país com aqueles sapatos.

– Humm – respondeu Jordan, concentrando-se na tela outra vez.

Ela sentiu, mais do que viu, Astrid se deter e observá-la. Sentiu o olhar da outra deslizando sobre ela, o cérebro trabalhando, avaliando.

– Eu tô bem – avisou Jordan, só para prevenir.

Astrid se aproximou dela com o clique-clique de seus passos e não parou até que os ombros de ambas se tocassem. Ela cheirava a frescor, aquele aroma de brisa do mar e roupa limpa. Cheirava a *ela*, e, meu Deus do céu, Jordan quase ficou de pernas bambas. De repente, se sentiu muito cansada. Que se danassem os sorrisos! Talvez o que ela realmente precisasse fosse soluçar no lindo pescoço de Astrid Parker e sentir os braços dela ao seu redor.

Balançou a cabeça, tentando se controlar. Detestava que Meredith ainda conseguisse fazer isso com ela. Um pensamento, uma lembrança, e *bum!* Desabava no chão, com as partes do corpo espalhadas para todo lado. Isto é, metaforicamente. De repente, nada parecia correto. Ela ia estragar tudo – o design era brega, Astrid só queria transar com uma mulher, não importava

quem, e Jordan nunca faria nenhum papel na porcaria da própria vida além de “melhor amiga de alguém”. *A parça*. A...

– Jordan.

A voz de Astrid.

Os dedos de Astrid no rosto dela.

Jordan a deixou fazê-la virar o queixo para que ficassem cara a cara.

– Você tá bem – disse Astrid.

Ela não disse “O que foi?” nem “Aconteceu alguma coisa?”. Não havia nenhuma interrogação. Era uma declaração. Uma frase linda e afirmativa. Os olhos de Jordan começaram a arder, lágrimas legítimas ameaçando se derramar e, meu Deus, ela não ia chorar e arruinar seu delineado bem naquela hora, com a família e a equipe de filmagem prestes a chegar a qualquer momento para a reunião.

Mas envolveu o pulso de Astrid com os dedos. Os dois pulsos, pois de alguma forma Astrid tinha colhido seu rosto com as mãos, e acariciava suas bochechas com os polegares.

– Você é brilhante – assegurou Astrid, o ar de suas palavras sussurrando contra a boca de Jordan. – E todo mundo vai adorar o que você criou.

Jordan se inclinou até encostar a testa na de Astrid.

– O que *nós* criamos.

Astrid suspirou, depois assentiu.

– Nós.

– Nós.

– É uma palavra bonita.

Jordan riu.

– É. É mesmo.

Ficaram assim por muito tempo, os dedos passeando pelas maçãs do rosto e alisando os pulsos, quase como numa dança. Com Astrid tão perto, Jordan não se sentia uma mulher qualquer. Sentia que era ela mesma. Sentia que...

Alguém bateu na porta vaivém, e Jordan recuou um segundo tarde demais. A cabeça de Natasha já estava na fresta da porta, e sua expressão de expectativa se acendeu com algo mais.

– Ah! – exclamou ela enquanto Astrid se afastava de Jordan e endireitava a blusa, pigarreando. – Desculpem, não quis interromper.

Mas seu tom de voz dizia: *estou muito feliz por interromper*.

– Não interrompeu – respondeu Astrid, o sorriso profissional de volta no lugar. – Pode entrar.

– Eu estava ansiosa demais pra ver o projeto final de design – afirmou Natasha.

Emery, Darcy, Regina e Patrick entraram atrás dela, ligando rapidamente todos os equipamentos que haviam montado no dia anterior para as filmagens do dia seguinte.

– Boas-vindas – disse Jordan.

Ela gesticulou para indicar o espaço onde um único gabinete verde-sálvia, com painéis de vidro e tudo, jazia no chão. Ela e Astrid tinham transferido aquela peça para lá na tarde do dia anterior, planejando usá-la como exemplo na apresentação delas.

Ou melhor, na apresentação de Astrid.

Jordan percebeu o momento em que Natasha viu o armário – ela deteve os passos, arregalando os olhos.

– Bom, isso é... surpreendente.

– É – respondeu Astrid. – Como comentei, nós... *Eu* tive que fazer umas mudanças...

– Esperem, esperem – pediu Emery, acenando para elas por trás de uma câmera. – Vamos filmar isso.

– Ah, sim, lógico – concordou Natasha.

E começou a cruzar os braços e encarar Jordan e Astrid com tanta atenção que Jordan teve certeza de que a mulher era capaz de contar com precisão os batimentos cardíacos das duas.

Astrid olhou para Jordan, que a olhou também, e um sorriso se espalhou devagar pelos lábios de Natasha.

– Ah, isso é bom demais – declarou a apresentadora.

– O que é bom demais? – perguntou Jordan.

Mas, antes que Natasha pudesse dizer qualquer outra coisa, Simon e Pru chegaram, e Emery anunciou que estava tudo pronto para começar. Regina

fez a contagem regressiva antes de Astrid explicar à família sobre o armário verde-sálvia na cozinha, o que, óbvio, era exatamente o que Emery queria.

– Bom, isso é surpreendente – repetiu Natasha, e a cena começou.

Simon franziu a testa, mas depois avistou o armário.

– Ah. O que... – E a testa ficou ainda mais franzida. – O que é isso?

– Eu também gostaria de saber – comentou Jordan, com as sobrancelhas levantadas na direção de Astrid.

Já tinham conversado sobre aquilo, até ensaiado. Jordan, a carpinteira rabugenta. Astrid, a designer elegante. Ainda assim, implicar com Astrid Parker naquela hora dava uma sensação... estranha.

– Estou ansiosa pra mostrar exatamente o que é isso – respondeu Astrid, com sua voz profissional suave e alegre.

Ela se saía bem naquele papel.

Pru, Simon, Natasha e Jordan – de braços cruzados num nó apertado e cético – se reuniram em volta da ilha, onde Astrid fechou o laptop de Jordan com um estalo e o tirou do caminho. Jordan quase sorriu. Não tinham ensaiado aquela parte, mas foi eficaz: a atitude de “tirem essa coisa horrível da minha frente” ficou muito óbvia enquanto Astrid pegava o próprio iPad.

Astrid começou a apresentação com o Quarto Azul, porque Simon e Pru já tinham visto a tinta escura nas paredes. Quando a imagem ocupou a tela, a avó de Jordan arfou.

– Ah! – foi a única coisa que Pru disse, com os dedos tremendo diante da boca.

Astrid explicou o projeto e falou da pedra de lápis-lazúli, e Jordan viu os olhos de Pru começarem a brilhar.

– Nossa – comentou Simon, que estava entre Jordan e Pru, aproximando-se mais do iPad. – Isso é... nossa, é espetacular.

– Não é?

Astrid percebeu o olhar de Jordan e ergueu as sobrancelhas. Jordan levantou as dela em resposta. O espírito da conspiração entre as duas era inebriante.

Mas então o olhar de Jordan se fixou em Natasha, que sem dúvida percebera aquela troca de olhares. Jordan pigarreou e suavizou a expressão.

Astrid continuou com a apresentação, cômodo após cômodo. Enquanto falava e apontava certas características, as palavras estavam na ponta da língua de Jordan – coisas que poderia acrescentar, argumentos que queria salientar, decisões que gostaria de explicar –, mas as engoliu. Ela e Astrid sabiam como aquele projeto havia surgido, Pru obviamente tinha adorado o que criaram – se o fato de abrir um sorriso radiante, bater palmas e suspirar de alegria a cada nova revelação de cômodo servia como prova – e era só isso que importava.

Não era?

– Eu adorei! – exclamou Pru quando Astrid terminou. – Adorei muito mesmo. É perfeito!

Ela olhou diretamente para a neta ao dizer isso, de cabeça inclinada e olhos marejados.

Jordan passou a mão no cabelo. Estava na hora do show.

– Tá, aham, ficou bonito. Mas e todo o trabalho que a gente já fez? Por que essa mudança de repente?

A última pergunta não tinha sido exatamente planejada, e Astrid abriu a boca, surpresa, mas um sorriso calmo substituiu o espanto tão depressa que Jordan se perguntou se ela já esperava por aquilo.

– Eu parei pra pensar – respondeu Astrid. – Passei mais um tempo estudando a história da Alice, e esse parece o projeto certo. Este lugar é especial e merece um... design cheio de inspiração.

Ela olhou para Natasha ao dizer isso, e Jordan quase riu.

– Tá, mas por que agora? – perguntou Jordan, firmando sua posição, ainda de braços cruzados. – Por que não fez tudo isso antes?

O sorriso de Astrid vacilou mais uma vez. Saco. Aquilo ia ser mais complicado do que pensaram no começo. Mas parecia o tipo de pergunta que uma carpinteira ranzinza faria à designer, principalmente se a mudança gerasse mais trabalho para ela e para a equipe. Ninguém além de Jordan e Astrid sabia que aquela oficina estava, naquele momento, cheia de peças quase concluídas.

Astrid suspirou e olhou para o projeto.

– Às vezes é preciso tempo pra conhecer um espaço, pra entender de

verdade o espírito de uma casa ou de um cômodo. Não sou perfeita, e consigo admitir quando me apresso demais num projeto.

– Bom, parte disso também é culpa nossa – lembrou Simon, indicando a si mesmo e a Pru. – Pedimos um projeto moderno.

Pru assentiu.

– Pois é. Achei que isso ajudaria a melhorar os negócios, mas este projeto – e ela pegou a mão de Astrid – é de tirar o fôlego. É mais lindo do que eu poderia imaginar.

A emoção aflorou no peito de Jordan. Era aquilo que ela queria para Everwood, para sua família. Teve que se esforçar para não sorrir.

– Já cortei os tampos das bancadas da cozinha – argumentou, o que era mentira. – E a gente encomendou os armários shaker. – Outra mentira. – Esta peça que você trouxe pra provar seu argumento – disparou, apontando para o armário verde no chão – parece feita sob medida.

– Está dizendo que não consegue construir nada tão bonito quanto este armário? – perguntou Astrid, de boca franzida.

Mais um sorriso ameaçou abrir os lábios de Jordan.

– Ah, eu consigo construir algo tão bonito quanto este armário, sim. Construo qualquer merda que eu quiser. – Olhou de relance para Emery. – Desculpa.

Emery gesticulou, dispensando a preocupação dela e indicando que continuasse, e foi o que ela fez:

– Só estou dizendo que o prazo está curto.

– Então vamos trabalhar mais tempo e mais rápido – respondeu Astrid, dando um passo em direção a Jordan.

– Você quer dizer que *eu e a equipe* vamos ter que trabalhar mais tempo e mais rápido – retrucou Jordan.

E também se aproximou de Astrid. Estavam quase encostando no nariz uma da outra. Jordan sentiu o aroma mentolado da pasta de dentes de Astrid.

– Sinceramente, duvido muito que *você* vá ficar na minha oficina martelando até tarde da noite.

Astrid estreitou os olhos, mas Jordan percebeu que ela também estava se

esforçando para não sorrir. Na verdade, até que era divertido.

E meio sexy.

Enquanto se encaravam, Jordan não poderia negar que sentiu um latejar entre as pernas. Recuou, passando a mão no cabelo.

– O que você acha, Natasha?

O julgamento da estrela do design era o único meio de terminar aquela cena e, de repente, Jordan sentiu que precisava de um banho.

Um banho frio.

Natasha levou algum tempo para responder. Em vez disso, seus olhos foram de Jordan para Astrid, alternando-se entre as duas, como se estivesse tentando sondar a mente delas. Por fim, sorriu.

– Eu achei maravilhoso.

– Sério? – perguntou Jordan por instinto, com o orgulho afetando a voz. Pigarreou para disfarçar. – Então você acha que a gente vai dar conta? Temos quatro semanas.

Natasha franziu a boca e indicou a tela do iPad.

– Com um projeto tão lindo, você faz o que for preciso pra que dê certo.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

A CASA DE CLAIRE ESTAVA CHEIA. Astrid nem sabia quem eram metade daquelas pessoas, mas elas chegaram para a festa de pseudoinauguração da casa de Delilah e Claire com garrafas de vinho e conjuntos de toalhas com as palavras *Ela & Ela* nas mãos, prontas para festejar o casal feliz. Astrid tinha certeza de que a agente de Delilah estava lá, além de alguns proprietários de galerias com quem sua irmã fizera contato por toda a Costa Oeste no ano anterior, e devia ser por isso que reconhecia apenas meia dúzia de convidados.

– Impressionante, hein? – comentou Josh Foster.

Ele chegou ao lado de Astrid na varanda dos fundos, para onde ela havia saído em busca de um pouco de ar. Tinha passado o dia todo na casa, ajudando Claire a preparar a festa, organizando tábuas de frios e limpando taças de vinho.

Astrid lançou a Josh seu olhar mordaz de sempre, e ele sorriu. Àquela altura, o desdém mútuo era quase uma piada para os dois.

– Eu nem imaginava que Claire conhecia tanta gente – comentou ela.

– Duvido que conheça. Mas, quando sua namorada é uma fotógrafa

meio famosa, acho que você acaba entrando nuns círculos chiques.

Astrid deu uma olhada dentro da casa, depois observou as poucas pessoas do outro lado da varanda. A maioria usava roupa preta e tinha tatuagens por toda parte. Umas poucas se vestiam ao estilo boho, mais ou menos como Iris.

– Eu não diria que o pessoal aqui é chique.

Ele inclinou a garrafa de cerveja para ela.

– Ah, é, esqueci que só as Parker-Greens são especialistas em sofisticação.

– Vai se foder, Josh.

Ele cambaleou para trás, segurando o peito como se tivesse sido baleado.

– Meu Deus, Astrid Parker mandou eu me foder.

Ela balançou a cabeça, mas um sorriso ameaçava aparecer.

– Everwood está indo bem – comentou ele depois de se recuperar. – O programa está interessante.

– Humm – foi só o que ela disse.

A equipe de Josh vinha trabalhando no reforço da varanda da frente, que tinha muita madeira apodrecida, e logo passariam às outras inúmeras questões estruturais, como a torre inclinada e as novíssimas portas externas. Pru havia aprovado tudo no projeto, e Jordan estava trabalhando com afinco para restaurar vários dos móveis originais que planejavam pôr de volta nos cômodos finalizados.

Pelo menos, era o que Astrid presumia que Jordan estivesse fazendo. Nos três dias que se passaram desde a reunião para a apresentação do novo projeto, elas tinham gravado apenas duas cenas juntas – uma que as apresentava discutindo a cor da pintura externa e outra em que Astrid explicava as mudanças para Josh, que ficava incrédulo, enquanto Jordan tomava café ao fundo, fazendo ruído, encostada na escada da entrada com os tornozelos languidamente cruzados.

Emery tinha adorado. Natasha também. E, óbvio, a designer e a carpinteira haviam planejado cada momento, mas, toda vez que filmavam uma cena em que se enfrentavam, Astrid ainda ficava abalada.

Além disso, aqueles debates tensos e gravados eram a única interação

que ela tivera com Jordan desde a reunião. As duas andavam bem ocupadas filmando cenas individuais – Astrid orientando a equipe de Josh, Jordan construindo peças e refazendo acabamentos – e, naquele dia, ela nem sequer tinha posto os olhos em Jordan. Estava desesperada para vê-la, falar com ela sem câmeras por perto, ainda mais depois de terem ficado literalmente face a face na cozinha da pousada, logo antes da reunião. O contato da pele de Jordan com a ponta dos dedos dela, o modo como a outra havia fechado os olhos... Desde então, Astrid não parava de pensar naquilo.

Ela ficou na ponta dos pés, examinando a multidão dentro da casa em busca de uma cabeça com metade do cabelo rapada e uma camisa estampada.

– Gostei do projeto novo – comentou Josh, tomando um gole de cerveja.

– Mas não é a sua cara.

Ela olhou para ele, franzindo a testa.

– Como assim?

Ele deu de ombros.

– É vintage. Meio assustador. E você não é nada disso.

Astrid revirou os olhos. Embora tecnicamente ele tivesse razão, ela não deixaria Josh Foster dizer quem ela era.

– Sou designer. Sou capaz de projetar tudo o que for preciso.

Ele ergueu a palma da mão num gesto de rendição, mas, por algum motivo, não parou de falar.

– Você nunca fez isso antes.

– O que está insinuando?

– Só estou dizendo que trabalhamos em vários projetos juntos no ano passado. Esse tá diferente.

Ela balançou a cabeça, mas sentiu um aperto no estômago. Se Josh conseguia perceber que aquele projeto não era exatamente a marca registrada de Astrid, qualquer outra pessoa no círculo dela também perceberia. Não havia contado a Claire e Iris toda a verdade a respeito da natureza do projeto. Em todo caso, não tinha o hábito de comentar a fundo os detalhes de trabalho com as amigas, mas, de alguma forma, omitir sua parceria de design com Jordan estava começando a parecer o mesmo que

mentir.

– Ou – continuou Josh, virando-se para a casa –, talvez *a pessoa* é que seja diferente.

Ela ficou paralisada.

– Tá querendo dizer o quê?

Ele inclinou a garrafa em direção à sala de estar, onde Astrid pôde ver Simon e Jordan andando no meio da multidão.

Ela não sabia ao certo a quem Josh estava se referindo, se Simon ou Jordan, mas, pelo sorrisinho cheio de si que exibia, dava para adivinhar. Porém, se havia alguém no planeta com quem ela *não* ia discutir sua sexualidade, era Josh Foster. Além do mais, ele não tinha como desconfiar de alguma coisa. Ela e Jordan praticamente fingiam se detestar sempre que ele estava por perto.

– Pai!

A voz de Ruby Sutherland invadiu os pensamentos dela quando a menina de 12 anos voou pela varanda rumo ao abraço do pai, toda braços, pernas compridas e cabelos castanhos. Claire e Iris chegaram atrás dela, e o olhar das duas se iluminou ao ver Astrid.

– Opa, chegou a minha menina – disse Josh, levantando Ruby do chão por um segundo antes de colocá-la de volta. – Tá pronta pra passar o fim de semana com seu velho?

– Mais pronta, impossível – respondeu Ruby. – Tem beijo demais rolando nesta casa.

– Deixa disso – protestou Claire, dando um tapinha amistoso no braço da filha.

Ruby riu, depois encostou a cabeça no ombro da mãe. Astrid sorriu e passou a mão pelo cabelo de Ruby numa saudação. A menina sorriu para ela, e em seguida pai e filha começaram a tagarelar a cem por hora sobre os planos deles para o fim de semana.

Astrid ficou feliz com a distração. Enganchou um dos braços no cotovelo de Iris e usou o outro para guiar Claire até um canto do pátio.

– Me lembre de nunca mais ficar sozinha com seu ex, tá?

Claire riu.

– O que foi que ele fez agora?

Astrid fez um gesto de desdém.

– Só foi encantador como sempre. – Ela tomou um gole de vinho e olhou para Iris. – E a Jillian, não vem?

Iris encurvou os ombros.

– Não. Neste fim de semana ela tem que trabalhar. Uma empresa grande fez alguma coisa horrível.

Claire inclinou a cabeça.

– Ela está na defesa ou na acusação?

Iris se encolheu.

– Acho que na defesa.

Astrid e Claire se entreolharam. Iris era praticamente uma hippie, que proclamava os males da Amazon e a necessidade de serviços de compostagem em todas as cidades do país.

– É, eu sei, eu sei – antecipou Iris. – Não precisam dizer.

– Dizer o quê? – perguntou Astrid, fingindo ignorância.

Iris colocou a mão na cintura.

– Olha, quando você está curtindo o melhor sexo da sua vida, as coisas ficam meio nebulosas aqui. – E tocou na própria cabeça. – E a Jillian é um doce. Ela recicla o lixo e faz doações para instituições de caridade.

– Ah, bom, se ela recicla o lixo... – ponderou Claire, piscando para Iris por cima da própria taça de vinho.

– Vai à merda – retrucou Iris, mas estava sorrindo.

– Eu é que não vou te julgar por se divertir um pouco – assegurou Claire. – Além disso, o melhor sexo da sua vida...

Deixou a frase no ar, e ela e Iris fizeram um brinde antes de olharem para Astrid, cheias de expectativa.

– Hã, pois é, né? – disse Astrid, brindando com elas.

Mas sabia que não conseguia enganar as melhores amigas. “O melhor sexo da sua vida” não se aplicava a Astrid, considerando que tinha quase certeza de que nunca passara por isso. Sexo bom, sim. Mas *o melhor*? Se o que havia experimentado até então fosse *o melhor*, sua vida era muito, muito triste.

– Oiê, vocês aí – disse Iris.

Astrid se livrou dos pensamentos deprimentes para ver Simon e Jordan vindo na direção delas.

– Oi – respondeu Simon. – Parabéns pela união, Claire.

Ele se inclinou para dar um beijo na bochecha dela.

– Valeu – respondeu Claire.

– Cadê a Jillian? – perguntou ele.

Iris deu um gemido e começou a explicar de novo onde a namorada estava, mas foi interrompida por um toque de celular que Astrid nunca tinha ouvido. Todos pararam quando “The Power of Love”, de Celine Dion, tomou conta do espaço entre eles.

– O que é isso agora? – perguntou Iris, olhando em volta.

– A triste tentativa dos anos noventa de serem românticos? – sugeriu Simon.

Ela fez uma careta para ele, mas sorriu. E a música continuou, baixa e meio abafada.

– É o seu telefone, Ris – avisou Astrid, aproximando-se da amiga e ouvindo a melodia ficar um pouco mais alta.

– O *meu*? – Iris franziu a testa, mas tirou o aparelho do bolso. – Esse não é o meu toque de...

Iris piscou, olhando para a tela, e deslizou o dedo pela superfície, encostando o telefone na orelha.

– Alô?

Astrid e Claire se entreolharam, preocupadas. Ao lado de Astrid, Jordan se mexeu, roçando o ombro no dela. Um calor percorreu seu corpo como adrenalina, mas ela tentou se concentrar na amiga.

– Aqui é Iris. Quem tá falando? – indagou, com a mão na cintura.

Mas, em seguida, baixou o braço e ficou boquiaberta. Ela olhou para as amigas e levantou um dedo, pedindo tempo, antes de dar meia-volta e voltar para dentro.

– O que foi isso? – perguntou Claire.

– Não faço a menor ideia – respondeu Astrid.

– Vou ver como ela tá – declarou Claire.

– Vou com você – disse Simon.

Astrid sabia que deveria ir também – estava preocupada com Iris, mas Jordan estava lá, finalmente, depois de três dias fingindo estar irritada com ela em filmagens e encontros aleatórios no quintal da pousada, e não conseguiu fazer seus pés se mexerem para sair dali.

– Oi – disse Astrid depois que os outros entraram.

Jordan sorriu para ela, mas era um sorriso cansado.

– E aí?

– Como é que você tá?

– Tô bem. – Havia algo provocante na voz de Jordan. – E você?

– Tô ótima.

Jordan assentiu e bebeu sua cerveja, olhando para os outros convidados ao redor enquanto Astrid vasculhava a mente em busca de algo mais para falar. Na verdade, tinha muito a dizer, e a maior parte era uma versão de “Por favor, pega a minha mão” e “será que posso te beijar?”, mas Astrid achava que não podia dizer isso *assim*, de uma vez.

Ou podia?

Que saco, sua pulsação estava acelerada. Será que sempre tinha sido tão desajeitada assim quando gostava de alguém?

Uma torrente de pessoas ocupou a varanda, obrigando Jordan e Astrid a se aproximarem. As palavras e risadas as envolveram, e Astrid percebeu uma expressão irritada passar pelo rosto de Jordan porque o homem ao lado não parecia ter noção de que o cotovelo dele não parava de espetar o braço dela.

Astrid pegou a cerveja de Jordan e deixou a garrafa e a própria taça na mesa do pátio antes de pegar a mão dela.

– Vem comigo.

Não esperou que Jordan respondesse, simplesmente a puxou para dentro da casa, cruzando a sala lotada até o corredor principal. Não parou até as duas chegarem ao quarto de Claire e Delilah, que no momento estava sendo usado como armário de casacos, com agasalhos ocupando toda a cama de modo bem organizado.

Ela levou Jordan para dentro e fechou a porta, apoiando as costas na madeira pintada de branco. O quarto estava escuro; a luminária de leitura

numa mesa de cabeceira era a única luz acesa. Jordan ficou na frente dela, com as mãos nos bolsos do jeans cinza-escuro e as sobrancelhas erguidas, esperando. Não disse nada e, de alguma forma, Astrid sabia que não diria.

Era a vez de Astrid, a iniciativa tinha que ser dela.

E, caramba, ela ia conseguir.

– Você não é a primeira mulher por quem sinto atração – declarou Astrid.

As sobrancelhas de Jordan se ergueram ainda mais.

– É que eu não entendia o que isso significava de verdade antes de te conhecer – continuou Astrid.

Jordan a observou por um segundo que pareceu durar anos, enquanto o coração de Astrid galopava dentro das costelas.

– Tá certo – respondeu Jordan por fim.

Astrid exalou o ar e deu um passo à frente.

– Acho que não me expressei direito. Passei a vida inteira querendo sentir isso.

Jordan abriu os lábios.

– Isso o quê, Parker?

Mais um passo.

– Isso. O que sinto quando estou com você. É como se eu tivesse 12 anos e estivesse apaixonada pela primeira vez. Como se fosse explodir se não te visse, se não falasse com você. Como se não ligasse pra mais nada neste mundo esculhambado, a não ser para o que você acha de mim. O que você sente por mim.

Jordan continuou calada, mas seu peito subia e descia um pouco mais rápido, e seus olhos estavam cravados nos de Astrid.

Mais um passo. Estavam muito próximas. Astrid podia sentir a respiração de Jordan no próprio rosto, o tecido de sua camisa rosa-clara estampada de beijos rosa-escuros roçando a blusa verde-escura sem mangas de Astrid.

Ela se arriscou – porque, caramba, já tinha chegado a um ponto sem volta – e passou o polegar sobre um daqueles beijos no tecido do quadril de Jordan. A eletricidade percorreu todo o seu corpo a partir daquele único

toque, tão leve, e viu o braço de Jordan se encher de arrepios também.

– Eu quero beijar *você* – declarou Astrid.

Deixou a outra mão subir até a cintura de Jordan, fechando os punhos em volta daquela camisa absurdamente sugestiva. Mas não a puxou para perto de si. *Ainda* não.

– Quero tocar *você*, e não pra saber como é ficar com uma mulher.

– Então, pra quê? – perguntou Jordan.

Sua voz estava deliciosamente rouca, e Astrid não pôde deixar de sorrir um pouco.

– Pra saber como é ficar com *você* – respondeu ela.

Jordan respirou fundo, umedecendo o lábio inferior com a língua. O calor se acumulou no baixo ventre de Astrid, mas ela não se mexeu. Precisava que Jordan dissesse sim, precisava ter cem por cento de certeza de que a outra também queria.

Um canto daquela linda boca de botão de rosa se inclinou num sorrisinho.

– Então acho que é melhor descobrir.

A alegria se espalhou pelo peito de Astrid, por seus braços, suas pernas e seu estômago. Essa era a única palavra capaz de descrever o sentimento que tomou conta de seu corpo. Pura alegria.

Mas também havia temor.

E se Astrid beijasse mal? E se fizesse tudo errado, e Jordan não sentisse mais o mesmo depois do beijo? Astrid, afinal, era filha da mãe dela. Era fria, insensível e desapaixonada. Spencer dissera isso numa das últimas conversas telefônicas dos dois, quando cancelaram o casamento. Astrid tinha certeza de que outras pessoas também pensavam assim. Que inferno, a razão pela qual ela e seu namorado da faculdade terminaram no primeiro ano foi porque ela estava concentrada demais nos estudos.

Porque não era divertida.

Mas não sentia nada disso ao olhar para Jordan Everwood. Não se sentia como a mesma mulher que tinha gritado com ela na frente da cafeteria poucas semanas antes. Não se sentia impotente nem incompetente como nos brunches semanais com a mãe, nem fracassada como quando pensava

na declaração de Natasha Rojas sobre seu projeto original.

Não ficava triste como quando apenas pensava em design.

Simplesmente... sentia. Todas as coisas boas. Esperança, anseio, entusiasmo, curiosidade. Com Jordan Everwood, sentia tudo isso.

Puxou a camisa de Jordan, aproximando o calor dela do próprio corpo. Jordan deu uma pequena arfada de surpresa, mas logo sorriu quando Astrid passou os dedos pelos braços dela. Não ia apressar nada. Ia agir devagar e aproveitar cada segundo daquele primeiro beijo.

As mãos da própria Jordan tocaram a cintura de Astrid, mergulhando debaixo da blusa de seda, os polegares roçando a pele nua. Astrid quase desmoronou com o contato, tamanho foi o alívio, mas se concentrou na própria jornada, deslizando a ponta dos dedos pelos antebraços de Jordan, depois pelos braços, envolvendo os bíceps tonificados por um momento antes de subir até os ombros e as clavículas expostas.

Nossa, como adorava as clavículas daquela mulher. Fez os dedos dançarem ao longo dos ossos delicados, depois os deixou se encontrarem na bela cavidade na base do pescoço de Jordan. Finalmente – *finalmente* – passou o pescoço acima e emoldurou o rosto de Jordan entre as mãos. As duas se encararam, com a respiração já sonora e acelerada.

– Caramba, Parker – foi a única coisa que Jordan falou.

Astrid sorriu. De repente, sentiu-se jovem e eufórica, e quis mais e mais. Adorou o efeito que estava tendo naquela mulher linda e incrível, e se inclinou bem devagar, deixando as bocas se roçarem, mas muito, muito de leve.

Jordan era viciante – seu perfume de jasmim e pinho, o contato das suas mãos com o corpo dela. De repente, sentiu-se desvairada, voraz, e deixou a palma de uma das mãos contornar o pescoço de Jordan e segurar a nuca dela.

Ainda assim, não se apressou. Levou a boca até a lateral dos lábios de Jordan, depois traçou uma rota até a bochecha, então a têmpora, roçando as pálpebras e a testa, antes de voltar para o outro lado e acomodar a boca logo abaixo da orelha de Jordan.

– Nossa! – exclamou Jordan, arqueando o pescoço para dar mais acesso

a Astrid. – Por mais que eu esteja adorando toda essa sedução, se você não me beijar agora, vou perder o controle.

Astrid recuou e sorriu para ela.

– Acho que posso fazer isso – respondeu.

Jordan espalmou as mãos na cintura nua de Astrid e a puxou para ainda mais perto.

– Quero ver.

E foi o que bastou.

Astrid fechou a boca ao redor do lábio inferior de Jordan, depois virou a cabeça e fez de novo... e de novo. A cada vez com um pouco mais de força, um pouco mais de sede. Jordan a acompanhou, mas, assim que as línguas se tocaram, soltou uma espécie de rosnado que arrepiou o corpo todo de Astrid, e abriu a boca completamente para a dela.

Jordan tinha gosto de verão, era como cerveja, hortelã e algo exclusivamente dela, e Astrid queria mais. Ela levou Jordan em direção à cama, com as mãos passeando pelo rosto, pelos ombros e pela cintura dela. As mãos de Jordan tinham sua própria missão, deslizando pelas costas nuas de Astrid e em volta das costelas enquanto as duas se pegavam como adolescentes. Essa era a única forma de descrever o que faziam. Línguas e dentes, pequenas arfadas na boca uma da outra, uma avidez que Astrid não se lembrava de já ter experimentado.

A parte de trás dos joelhos de Jordan bateu na cama, e ela caiu naquele mar de casacos, puxando Astrid para cima dela. As duas riram, mas, quando Astrid envolveu o quadril de Jordan com as pernas, sentindo uma necessidade quase insuportável de montar nela, a expressão de Jordan ficou muito séria. Ela rolou com Astrid até deixá-la por baixo, depois a apertou com mais força no colchão.

Astrid ofegou, passando as mãos por baixo da camisa de Jordan. Tocar sua pele nua foi como tocar o céu. Jordan a beijou mais uma vez, a língua dançando com a dela, os dentes puxando seu lábio inferior de um jeito que fez o clitóris de Astrid latejar.

– Sabe há quanto tempo quero fazer isso? – perguntou Jordan, deslizando a boca até o pescoço de Astrid e sugando delicadamente um

ponto abaixo da orelha.

– Quanto? – Astrid conseguiu perguntar.

– Desde que te vi usar aquela marreta. – Outro beijo. – Naquela hora eu te quis. Talvez até antes, não sei. – Outro beijo.

– Eu também – disse Astrid. Ela empurrou os quadris contra os de Jordan, buscando pressão. – Mesmo ali, na frente da cafeteria, naquele dia... Eu fui escrota demais, sei disso, mas tinha algo de especial em você.

Jordan riu, pressionando a boca de encontro à pele dela.

– Você foi *muito* escrota, mas gostosa até dizer chega.

Foi a vez de Astrid rir, apertando a perna em volta do quadril de Jordan.

– E aquele cabinho de cereja – comentou Jordan. – Como aquilo foi sexy.

– Sério?

– Nossa! – exclamou Jordan, antes de mordiscar o lóbulo da orelha de Astrid. – Foi tão sexy que até guardei a porcaria do cabinho.

– Ah, mentira.

Astrid empurrou um pouco os ombros dela para encará-la nos olhos.

– Não, verdade. Está guardado na minha cômoda.

Astrid não soube o que dizer. Era uma bobagem – um cabo de cereja com um nó –, mas, de alguma forma, o sentimento por trás do gesto deixou seus olhos marejados. Ela tomou o rosto de Jordan nas mãos e a puxou para baixo num beijo lento e decidido. Um beijo que logo ganhou velocidade, tornando-se ávido e descontrolado.

Astrid perdeu toda a noção do tempo. Só o que existia eram a boca, as mãos, a barriga e as coxas de Jordan, o gosto da pele dela logo abaixo da orelha, que Astrid não conseguia parar de beijar, deliciando-se com os gemidinhos que Jordan dava em resposta.

Estava se afogando naquela mulher, feliz, extasiada, e provavelmente foi por isso que não ouviu a porta do quarto se abrir até que a voz de Claire ocupou o espaço.

– Ai, Jordan, desculpa – disse ela, e Jordan e Astrid ficaram paralisadas.

– Eu não sabia que você tinha entrado aqui. Você viu a Ast...

Mas Claire se calou quando Jordan se virou para olhar para trás, revelando Astrid debaixo dela, com os cabelos e a roupa obviamente muito

bagunçados de tanto as duas se pegarem, e com a coxa ainda em volta do quadril de Jordan.

Claire piscou, aturdida.

– Ai, meu Deus.

– Hã – disse Astrid. – Oi.

– É. Hã. Oi – respondeu Claire, que não parava de piscar.

– Tá, isso é meio constrangedor – concluiu Jordan, desembaraçando-se de Astrid e sentando-se.

Astrid também se levantou, endireitando a blusa.

– Desculpa, Claire, eu não tinha a intenção de deitar e rolar no seu quarto – garantiu Jordan.

Claire gesticulou, depois riu, nervosa, antes de esfregar o rosto com as mãos.

– É que eu... nossa, eu não... hã...

Astrid observou sua melhor amiga lutar contra o choque, esperando ser tomada pela vergonha.

Mas ela não veio.

Astrid não estava nem um pouco envergonhada. Estava... caramba, estava simplesmente *feliz*. Pegou a mão de Jordan, apertando-a uma vez. Jordan olhou para ela e piscou, apertando também.

Por fim, Claire pareceu se recompor, declarando:

– Precisamos ir pra casa da Iris. Foi por isso que vim te procurar.

A sensação de alarme logo se misturou à felicidade.

– Ela tá bem?

Claire assentiu.

– Fisicamente, sim, mas aconteceu alguma coisa com a Jillian.

Astrid demorou um instante para processar as palavras.

– Jillian? Mas ela nem tá na cidade.

– Isso é. Mas eu e o Simon entramos pra procurar a Iris, e ela tinha sumido. O carro dela também. Ela não atendia o telefone, por isso a Delilah foi à casa dela ver como ela estava e... Não sei. A Iris tá chateada, mas só quer dizer o que aconteceu quando a gente for pra lá. Disse que não quer contar mais de uma vez.

- Quê? – indagou Astrid. – Mas a Iris adora repetir assunto.
- Pois é. É por isso que estou bem preocupada.
- Certo.

Astrid se arrastou depressa até a ponta da cama e pegou as sandálias que haviam caído dos pés dela para o chão em algum momento. Fitou os olhos de Jordan enquanto as calçava.

- Vai – disse Jordan. – Vocês precisam ficar com a Iris.
- Você vai ficar bem?

Jordan sorriu.

- Muito bem.
- Me dá seu celular.

Jordan obedeceu, e Astrid abriu os contatos dela, registrando o próprio número. Um lampejo de emoção passou por ela. Até então, as duas só haviam se comunicado por e-mail e pelo recurso de mensagens diretas do programa de design que estavam usando. Oficialmente, ter o número uma da outra – e num contexto muito mais agradável do que para falar de lavagem a seco – parecia meio que romântico.

- Me escreve depois, tá? – pediu ela ao devolver o aparelho para Jordan.
- Ou então eu te envio uma mensagem depois de... Não sei quanto tempo vou ficar lá.

- Não esquentar, Parker.

Astrid assentiu. Queria muito se despedir de Jordan com um beijo, mas Claire estava ali, parada, olhando para as duas com uma cara de “*Quem é você e o que fez com a minha melhor amiga?*”, por isso resistiu.

Mas, ao se juntar a Claire na porta, olhou para trás e viu um sorriso tomar conta dos lábios de Jordan enquanto olhava para o celular, sem dúvida vendo o nome que havia gravado nos contatos.

Ser Humano Quase Decente que Quer te Beijar de Novo



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ASTRID ESTAVA NO BANCO DO CARONA do Prius de Claire, abraçando a bolsa no colo enquanto a amiga dirigia.

– Josh disse que pode cuidar da festa – comentou Claire. – Trancar a casa depois que todo mundo for embora, se a gente passar muito tempo fora.

Astrid assentiu.

– Ruby já ia mesmo passar o fim de semana com ele – continuou Claire.

– Que bom – respondeu Astrid.

– Tomara que esteja tudo bem com a Iris.

– É.

– Assim, não sou a maior fã da Jillian, mas...

– Pois é.

Claire pigarreou. Astrid sabia que a amiga não comentaria a cena que tinha visto. Sabia também que o ato de tagarelar sobre outras coisas era uma tentativa dela de fazê-la falar sobre aquilo.

E isso ela não ia fazer.

Não que não pudesse confiar a informação a Claire, mas ela mesma

ainda precisava processar tudo. Ela e Jordan tinham se beijado. Não, tinham se pegado. Com muito tesão. Tanto que sentia como sua calcinha ainda estava úmida naquele momento. Embora não fosse a situação mais confortável em que já estivera e quisesse muito vestir uma calcinha limpa, principalmente depois que o beijo tinha acabado, não conseguia conter o sorriso que insistia em voltar a seus lábios ao pensar em cada detalhe daquela última meia hora.

Quando Claire parou em frente ao prédio de Iris no centro da cidade, Astrid saiu logo do carro. A amiga a seguiu em silêncio, embora Astrid quase conseguisse *sentir* as perguntas dela.

– Escuta... – disse Claire quando pararam diante da porta do apartamento.

Astrid se preparou, olhando só para a porta e batendo três vezes com os nós dos dedos.

– Sim?

– Hã, bom... – começou Claire. – Talvez você queira...

A porta se abriu de uma vez, revelando Delilah com um copo cheio d'água na mão e uma caixa fechada de lenços de papel debaixo do braço. Astrid ia perguntar como Iris estava, mas Delilah falou primeiro:

– Puta merda, o que aconteceu com você?

Estava encarando Astrid de olhos arregalados e sobrancelhas levantadas.

– Como assim? – perguntou Astrid.

– Hã... – disse Claire, traçando um círculo com a mão em frente ao próprio rosto antes de apontar para o cabelo.

Astrid passou a mão pela cabeça, sentindo o estômago afundar. Entrou, quase empurrando Delilah de lado para tirá-la do caminho, e encontrou o espelho de moldura colorida que Iris tinha pendurado na entrada.

– Ai, meu Deus! – exclamou ao ver o próprio reflexo.

O cabelo estava uma bagunça, espetado e dividido de um jeito estranho depois que as mãos de Jordan passaram por ele, mas essa não era a pior parte. A pior parte era que o batom – de um tom rosa-escuro que ela havia até esquecido que passara ao se arrumar – estava espalhado pela metade inferior do rosto.

To-di-nha.

Ela parecia uma palhaça com uma preferência por batons de longa duração. Esfregando a mão na boca, tentou eliminar a prova, mas só conseguiu piorar a situação.

– Espera – disse Claire, indo para a cozinha, molhando um pedaço de papel-toalha na torneira e acrescentando uma gota de sabonete líquido. – Usa isso.

Entregou o papel para Astrid, que começou a limpar os lábios ainda inchados enquanto Delilah a observava com um sorrisinho malicioso.

– Não diga nem uma palavra – avisou Astrid, limpando furiosamente.

– Vou ficar quietinha – respondeu Delilah, ainda sorrindo.

– Espera, você já sabia? – perguntou Claire.

– Sabia do quê? – Delilah fingiu um ar inocente.

– Amor – ralhou Claire num gemidinho fofo.

– Oiê! – gritou Iris do quarto. – Alerta de melhor amiga arrasada e ansiosa por socorro!

Claire lançou mais um olhar irritado para a namorada antes de ir em direção ao quarto de Iris pisando forte. Delilah olhou para Astrid, erguendo e relaxando as sobrancelhas.

– Pelo jeito você levou seu sonho para o campo da realidade – comentou.

Astrid terminou de limpar a boca, deixando a pele meio irritada.

– Achei que você ia ficar quietinha.

– Mudei de ideia.

Astrid balançou a cabeça, mas sentiu a chegada... do próprio sorriso.

– Pronto, taí – disse Delilah.

– Ah, cala a boca.

Astrid embolou o papel-toalha manchado e o atirou na irmã, que se esquivou com habilidade, mesmo com as mãos ocupadas.

– Pelo menos me conta se foi bom – pediu.

O sorriso de Astrid se ampliou. Nossa, as bochechas dela estavam começando a doer.

– Muito bom.

– Ai, meu Deus! – gritou Iris outra vez.

– Já vai, Vossa Majestade! – berrou Delilah em resposta, e indicou o corredor com a cabeça.

Astrid assentiu, seguindo a irmã até o quarto de Iris para encontrar a amiga ruiva na cama, cercada por milhares de bolas de lenços de papel amassados, enrolada na colcha de mosaicos coloridos, de olhos vermelhos e inchados. Havia o que parecia ser uma garrafa de vinho vazia na mesa de cabeceira verde-hortelã e nada de taça, o que não era um bom sinal.

– Tô numa puta fossa – anunciou quando Delilah e Astrid entraram.

Claire já estava acomodada de um lado de Iris, e Astrid se deitou do outro, respondendo:

– Dá pra ver.

E apoiou a cabeça numa das muitas almofadas multicoloridas de Iris, abraçando a cintura da amiga.

Iris suspirou e fungou, com lágrimas novas marejando os olhos. Delilah tirou os papéis molhados, deixou a nova caixa de lenços em cima das pernas de Iris e substituiu a garrafa vazia por um copo de água.

– É melhor isso aí ser vodca – avisou Iris.

– Você precisa se hidratar – respondeu Delilah.

– Aff, tá bom – resmungou Iris, mas pegou o copo e tomou metade da água.

Finalmente, Delilah se acomodou na cama aos pés de Iris, apoiando uma das mãos nas canelas dela. Claire também passou o braço em volta da cintura de Iris, tocando o cotovelo de Astrid com a ponta dos dedos. Do outro lado, os olhos de Astrid encontraram os de Claire, e Astrid deu uma piscadela. A amiga sorriu.

Ficaram assim por um tempo. A respiração e o fungar ocasional de Iris eram os únicos sons que se ouviam no quarto.

– O que aconteceu, meu amor? – perguntou Claire por fim.

Iris suspirou e tirou uma mecha vermelha do rosto. Abriu a boca, depois a fechou, e repetiu o movimento várias vezes. As outras três mulheres se entreolharam; era raro Iris Kelly ter dificuldade para saber exatamente o que queria dizer.

– Meu bem – disse Claire baixinho. – Somos nós. O que quer que tenha acontecido...

Ela deixou a frase por terminar e Iris assentiu, depois escondeu o rosto nas mãos.

– Estou me sentindo tão idiota.

– Você não é idiota. Idiota é a Jillian – assegurou Delilah.

Iris deu uma risada lacrimejante.

– Você nem sabe o que ela fez.

– Seja o que for, te deixou agoniada como uma adolescente no primeiro fim de namoro, então idiota é ela.

– Concordo – afirmou Claire.

Astrid abraçou Iris com mais força.

Esperaram.

E esperaram um pouco mais.

Finalmente, Iris suspirou.

– Ela é casada.

As palavras ecoaram pelo quarto como um trovão súbito num dia de sol, deixando-as chocadas e caladas. Delilah, obviamente, foi a primeira a romper o silêncio:

– Como assim, *porra*?

Iris assentiu.

– Pois é. Casada. Com uma mulher chamada Lucy. Elas têm um *filho*, Elliott, de 8 anos. Ele adora jogar beisebol e pintar as unhas de roxo.

– Ai... meu Deus – comentou Claire.

– Como você descobriu? – perguntou Astrid.

– Jillian está com o meu celular. E eu, pelo jeito, fiquei com o dela, uma troca acidental e extremamente inconveniente depois que ela veio pra cidade hoje de manhã curtir um oral.

As outras três se limitaram a olhar umas para as outras, perplexas.

– Sabe aquele desastre com a música da Celine Dion mais cedo? – continuou Iris. – Pois é, aquele era o toque da mulher dela, que nem imaginava que a Jillian andava vindo pra Bright Falls transar com uma ruiva que ela conheceu no Instagram, e passei a hora seguinte ao telefone ouvindo

a esposa desprezada da minha amante soluçar, tentando *acalmar* ela.

– Ai, meu amor... – disse Claire.

Iris balançou a cabeça, lágrimas novas brotando nos olhos enquanto a raiva se transformava em tristeza.

– Eu achava que já tivesse superado isso.

– Superado o quê? – perguntou Astrid.

– Esse... esse *sentimento*. De que ninguém quer a pessoa que eu sou.

– Meu bem – sussurrou Claire, abraçando Iris ainda mais e tirando o cabelo da amiga do rosto.

Astrid cruzou o olhar com Claire, entendendo a mesma coisa que ela. No outono anterior, Iris e Grant, que fora seu namorado por quase três anos, se separaram porque ele queria se casar e ter filhos, e ela não.

Iris nunca quisera ter filhos, mas Grant a amava e esperava que mudasse de ideia. Finalmente, ele havia desistido e partido para outra – ou ambos concordaram mutuamente que ele precisava realizar seu sonho e Iris, o dela, mas Astrid sabia que aquilo abalara a amiga, que era um julgamento sobre o tipo de mulher que ela era, mesmo que Grant nunca tivesse a intenção de fazê-la se sentir assim.

– Eu só... Só quero uma pessoa que seja minha parceira, sabe? – declarou Iris. – Quero *mesmo* isso. Mas sinto que as pessoas olham pra mim, pro meu cabelo ruivo e pros meus peitos grandes, e me ouvem tagarelar e pensam... “bom, ela serve pra transar, e só”.

– Elas não pensam isso, não – afirmou Delilah.

– A Jillian pensou.

– Mas o Grant não – argumentou Astrid. – Vocês só queriam vidas diferentes, e tudo bem. Isso não quer dizer que você não sirva pra ser parceira de ninguém.

– Mas quer dizer *alguma coisa* – insistiu Iris. – A Jillian ter pensado que podia me tratar assim... Significa alguma coisa, né?

– Significa que a Jillian é cuzona – respondeu Delilah. – E vou acabar com a graça dela pessoalmente amanhã, quando for pra Portland pegar o seu celular.

– Não precisa fazer isso – pediu Iris.

– Vou fazer, sim.

– Tá bom – rebateu Claire –, mas, amor, por favor, não “acabe com a graça” dela.

– Quero “acabar com a graça dela” no legítimo estilo lésbico, em que eu olho pra ela com a boca toda franzida igual um fiofó e não digo nem uma palavra.

Todas riram disso, até mesmo Astrid, que se viu soltando o ar, quase feliz. Não porque Iris estava magoada – ela detestava o que Jillian havia feito –, mas por ter aquele grupo sensacional de mulheres que sem dúvida acabariam com a graça de alguém por ela se precisasse.

Quase fizeram isso quando ela estava noiva de Spencer.

De repente, sentiu-se sobrecarregada e exausta, então se deixou ser aquela Astrid que andava ignorando ultimamente – alguém que abraçava e ria enquanto ela e as amigas tramavam o fim épico de uma pessoa bem babaca.

– Tá, chega – disse Iris, jogando mais um lenço de papel usado no chão.

– Estou de saco cheio de falar sobre isso. O que quero discutir, porém – começou ela, endireitando a postura na cama; então, com ar dramático, olhou diretamente para Astrid –, é por que nossa amada Astrid Parker está com cara de quem acabou de dar uns beijos num lenhador.

Astrid arregalou os olhos e se endireitou também.

– Quê?

Delilah cobriu a boca com a mão. Claire se limitou a erguer as sobrancelhas para Astrid.

– Você se olhou no espelho, né? – perguntou Iris, traçando um círculo com a mão em volta da própria boca. – Tá com a cara toda irritada de se esfregar numa barba.

– Não foi barba nenhuma – respondeu Astrid. – Meu batom borrou.

Iris franziu a boca.

– E pode me dizer como isso aconteceu? A gente se conhece há vinte anos e nunca te vi de batom borrado.

Astrid abriu a boca para responder, mas não tinha ideia do que dizer em seguida. Se confessasse a verdade a Iris, seria o fim. Não haveria como voltar

atrás. Ela olhou para todas no quarto. Delilah já sabia. Claire era uma testemunha ocular. No entanto, mais importante do que tudo isso, ela *não queria* voltar atrás.

Gostava de Jordan Everwood. O que isso significava em termos de rótulo ou de definição da sua sexualidade, ainda não sabia. E, sinceramente, não se importava.

Mesmo assim, nunca tivera o hábito de comentar sua intimidade, apesar de ter comentado certo sonho erótico, e não queria trair a confiança de Jordan.

Fechou a boca, decidida.

– Acho que precisamos de sorvete.

– Ah, nem vem – respondeu Iris, apontando para ela. – Conheço essa cara. É a sua cara de “Astrid Parker não quer falar dos sentimentos dela”. Depois do fiasco com o noivado no ano passado, achei que você tivesse aprendido a lição.

– Iris – ralhou Claire.

– Que foi? Você sabe que tenho razão.

– Existe uma diferença entre guardar segredo e não estar pronta pra falar sobre uma coisa – argumentou Claire.

– Ah, que nem quando você estava transando com a Delilah e escondeu de todo mundo?

Silêncio. Astrid sentiu o estômago se revirar e olhou de relance para Claire, que estava de bochechas bem vermelhas. Delilah estendeu a mão e segurou a de Claire, entrelaçando os dedos.

– Merda – resmungou Iris, esfregando os olhos. – Que merda, gente. Desculpa. Eu tô sendo muito babaca.

– É, tá mesmo – respondeu Delilah.

– Desculpa mesmo. Sei que não é pretexto, mas a Jillian ferrou com a minha cabeça. Acho que é melhor a gente tomar sorvete sim.

– Eu pego – anunciou Astrid, levantando-se.

Precisava desesperadamente de um minuto para se recompor. Sua mente estava a maior bagunça – feliz e com um restinho de tesão, mas, mesmo assim, uma bagunça.

Na cozinha, encontrou meio litro de Ben & Jerry's, pegou quatro colheres numa gaveta e estava prestes a voltar para o quarto quando o telefone tocou no bolso de trás. Pegou o aparelho e encontrou uma notificação de Ser Humano Maravilhoso que Estragou Seu Vestido Feio brilhando na tela.

Astrid sorriu e abriu a mensagem, já que o nome que Jordan havia gravado em seu telefone semanas atrás era longo demais para revelar alguma parte do texto nas notificações.

É pra valer?

Astrid respondeu depressa: **O que é pra valer?**

Os três pontinhos pularam na tela, assim como a perna de Astrid no chão enquanto esperava.

Que você quer me beijar de novo.

Astrid mordeu o lábio. **É, sim. Cem por cento. E você?**

Dessa vez, os pontos pularam por mais um tempo, e Astrid sentiu uma onda súbita de insegurança. Mas, depois de alguns segundos, o emoji de cem por cento apareceu, três vezes seguidas.

Então, trezentos por cento?, escreveu Astrid.

Mais alguns emojis de cem por cento.

Isso é muito por cento, respondeu Astrid.

Ô, se é, Parker.

A gente pode se ver amanhã?

Quero ver, hein, digitou Jordan. **Claire fez muitas perguntas?**

Astrid fez uma pausa antes de escrever:

Não, mas você podia ter dito que eu estava com batom espalhado pela cara toda.

Jordan mandou um emoji chorando de rir.

Juro que não reparei. Estava ocupada demais tentando não te arrastar de volta pro seu lugar igual uma mulher das cavernas e fazer de tudo com você.

Astrid sentiu um frio na barriga.

Estou muito interessada em comparecer a esse evento num futuro próximo, respondeu.

Ah, é?

Cem por cento.

Você não gosta muito de emojis, né?

Astrid riu. Era verdade que não usava emojis com muita frequência, mas, por Jordan, faria praticamente qualquer coisa. Percorreu o mar de imagens coloridas até que uma em especial chamou sua atenção. Era um emoji meio sedutor, talvez até meio safado, que não era muito o estilo de Astrid, mas parecia ser o correto. Depois ela escolheu o emoji de pêssego e apertou *Enviar*.

PARKER, respondeu Jordan, fazendo Astrid rir ali mesmo, na cozinha de Iris, com o sorvete amolecendo nos braços.

Então, o que você fez para resolver o problema do batom?, perguntou Jordan.

Pelo jeito, só piorei tudo. Agora Iris diz que parece que dei uns beijos num lenhador. Acha que me esfreguei numa barba ou coisa assim.

E o que você disse?

Astrid se deteve. Era melhor agir com cuidado. A última coisa que queria era fazer Jordan achar que estava com vergonha de contar o que tinham feito para as amigas. Porque não estava. Nem um pouco. Mas também queria respeitar a privacidade dela.

Por enquanto, nada, digitou por fim. Eu não sabia se você queria que alguém soubesse.

Os três pontinhos pularam, depois sumiram. Pularam e sumiram de novo. Astrid levou a mão ao estômago, travando a mandíbula enquanto os

pontos apareciam pela terceira vez. Finalmente, a mensagem de Jordan chegou:

Se você topar, eu topo.

Astrid expirou, e o que estava começando a chamar de “sorriso movido a Jordan” voltou aos lábios. **Eu topo**, respondeu. **Topo muito.**

Então tá bom.

Então tá bom.

Manda um abraço pra Iris. Me avisa se eu puder fazer alguma coisa pra ajudar.

Pode deixar. Boa noite.

Boa noite, Parker.

Astrid apagou a tela do celular e o guardou de volta no bolso antes de encostar a testa na superfície fria da geladeira turquesa retrô. Depois de respirar profundamente mais algumas vezes, voltou para o quarto. Lá dentro, Delilah estava mexendo no laptop de Iris, acessando o que parecia ser um filme de terror na Netflix, enquanto Claire sacudia um frasco de esmalte azul-berrante, pronta para dar a Iris uma sessão de manicure amadora.

Astrid deixou o sorvete na cama e colocou as mãos na cintura, anunciando:

– Eu não dei uns beijos num lenhador.

Três pares de olhos voaram na direção dela como insetos rumo à luz.

– Foi numa *lenhadora*. Tá?

Por um instante, as amigas ficaram paralisadas, olhando para Astrid, depois umas para as outras, depois de novo para ela. Finalmente, foi Iris

quem rompeu o silêncio:

– Puta merda, foi Jordan Everwood! – exclamou, batendo palmas a cada palavra antes de apontar para Astrid. – Eu sabia! Sabia que vocês estavam se comendo com os olhos na semana passada aqui em casa.

Então, antes que Astrid pudesse rir, reclamar ou reagir, Iris a agarrou pela cintura e a puxou para a cama. Puxou também Claire e Delilah naquele abraço, até as quatro ficarem todas amontoadas, rindo, chorando e xingando, o cabelo e a maquiagem de todas completamente arruinados.

Astrid nunca tinha vivido um momento mais perfeito.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

UMA SEMANA DEPOIS, Jordan olhou para a carta em cima de seu edredom: a imagem colorida de uma pessoa sentada numa cama, com o rosto apoiado nas mãos em óbvio desespero, e nove espadas posicionadas horizontalmente acima dela, várias das quais pareciam estar perfurando suas costas.

Jordan suspirou e se encostou à cabeceira. Durante a semana anterior, a carta diária tinha sido fonte de extrema irritação. Primeiro, viera a Louca, e tudo bem. Nova viagem, novos caminhos. Afinal de contas, Jordan tinha ido a Bright Falls para começar algo novo.

No dia seguinte, porém, ela havia tirado o Oito de Copas. Certo... deixar para trás as coisas e energias negativas da sua vida. As mensagens diárias de Meredith naquela última semana sem dúvida eram uma coisa negativa. Jordan estava quase decidida a bloqueá-la.

Depois, veio o Eremita. Ah, é, bom, sugeria ficar sozinha para se dedicar a uma introspecção muito necessária, mas não era isso que Jordan vinha fazendo no ano anterior todinho, caramba?

Em seguida, o Ás de Ouros. Saúde, riqueza, prosperidade material, novos projetos de trabalho e oportunidades; era a carta que todas as pessoas

que começavam uma empreitada financeira queriam ver em sua leitura. Mas, quando Jordan a tirou, alguns dias antes, não conseguiu evitar a carranca que se instalou em seu rosto, com uma inquietação que não conseguia explicar pesando no peito.

E naquele novo dia lá estava a merda do Nove de Espadas, olha que maravilha. Traição iminente. Que beleza. Talvez a energia dela tivesse se misturado com a de Iris, e a carta na verdade se referisse àquela cuzona da Jillian e ao golpe que vinha dando em Iris no último mês.

Era possível. A energia era uma coisa estranha. Quem sabia o que podia acontecer quando as pessoas cruzavam o caminho umas das outras?

Mas o que Jordan queria saber mesmo era: onde é que estava seu Dois de Copas? A carta de almas gêmeas, do par perfeito, dos novos relacionamentos, da parceria positiva. A carta que ela tirava pelo menos três vezes por semana naqueles últimos dois meses. Que saco, onde estava *aquela* malditinha?

Tentou não se deixar incomodar, mas não via o Dois de Copas desde a noite em que ela e Astrid se beijaram na festa de Claire, uma semana antes. Ela gostava de Astrid. Muito mesmo. Talvez até demais. Não parava de sentir a antiga necessidade crescer dentro dela, a mesma que fizera Katie, sua única amante desde Meredith, fugir correndo meses antes. Com Astrid, porém, era pior, ampliada a tal ponto que Jordan tinha que fechar as mãos com força para evitar agarrá-la quando ela saía da casa, todas as noites, e morder a língua para não pedir para ela ficar.

Não que algum desses sentimentos fosse ruim por si só. O relacionamento era novidade. Era óbvio que as duas se gostavam. E, mesmo tendo a impressão de que Astrid precisava ir devagar – emocional e fisicamente –, ela nunca deixava de se encontrar com Jordan na pousada no fim de um dia de trabalho, beijá-la de leve na boca e perguntar o que ela queria fazer naquela noite. Passar a noite juntas fora uma decisão natural na última semana, então Jordan sabia que seus sentimentos eram correspondidos.

Com certeza.

Mas isso ainda a matava de medo. Não conseguia parar de pensar em

destino. Em como Meredith, seu primeiro amor, a pessoa que a conhecia melhor do que ninguém, tinha olhado para ela depois de tantos anos juntas e dito: “Não, valeu.”

Jordan não estava no destino de ninguém. Como poderia estar se até mesmo sua esposa, por quem ficara contente em largar tudo na hora que precisou ajudar a cuidar da saúde dela, não a queria? No fim, Astrid também ia perceber isso.

Não ia?

O celular vibrou na mesa de cabeceira, interrompendo os pensamentos desenfreados. Ela enfiou o Nove de Espadas de volta no baralho e pegou o aparelho, soltando um palavrão ao ver a mensagem de Meredith.

Estou na cidade. Por favor, responde, Jo.

Jordan passou os dedos no cabelo e encostou a testa na palma da mão. Meredith andava ligando e mandando mensagens de texto a semana toda, inclusive uma mensagem bem exigente no dia anterior que dizia apenas: “Cadê você?” Meredith provavelmente tinha descoberto que Jordan não morava mais na casa que dividiram em Savannah, em Ardsley Park, mas também não dava a mínima. Mensagens de voz, uma atrás da outra, se acumulavam na caixa de entrada, mas ela não as ouvia. Sabia que estava sendo infantil – uma adulta saudável e funcional seria capaz de lidar com a ex de maneira civilizada, principalmente uma adulta *lésbica*, como muitas que continuavam sendo as melhores amigas da ex por toda a eternidade –, mas Jordan nunca afirmara ser a encarnação da saúde mental.

Nem a lésbica perfeita.

O celular vibrou de novo.

– Ai, meu Deus, que foi? – gritou ela, exasperada, desbloqueando a tela.

A exasperação passou num instante quando viu o nome Ser Humano Quase Decente que Quer te Beijar de Novo aparecer.

Bom dia! Vou pegar um café na Café e Conforto a caminho da pousada. Quer?

Jordan sorriu e respondeu com um emoji de zumbi.

Devo entender isso como um sim?, escreveu Astrid.

Jordan encontrou o emoji da língua de fora e o mandou quatro vezes.

Essa sede toda é de café ou...

Jordan riu alto, percebendo tarde demais que o emoji da língua de fora é usado com frequência num contexto mais sacana.

Use a imaginação, Parker, respondeu ela.

Os três pontinhos apareceram e desapareceram. Jordan sorriu ao imaginar o rosto de Astrid ganhando um tom vermelho-vivo. Ela com certeza ficava corada ao falar de sexo, e era uma fofura.

Ainda não tinham transado. Nem sequer se arriscaram abaixo da cintura em nenhum âmbito – boca, dedos, nada. Houvera um pouco de ação por cima dos sutiãs, mas só isso.

O que ela e Astrid faziam, porém, era ficar juntas pelo menos metade da noite, todas as noites, a ponto de Jordan sentir que estava prestes a explodir. Não podia reclamar. Apesar de seus medos e da distinta ausência do Dois de Copas na leitura diária, na verdade estava bem chocada com o fato de estar se controlando tão bem.

Não queria estragar tudo.

O telefone vibrou mais uma vez, finalmente com uma mensagem de texto de Astrid:

Agora que imaginei está difícil andar.

Jordan ergueu completamente as sobrancelhas, com o maior frio na barriga de todos os tempos.

Talvez seja melhor a gente resolver isso, respondeu.

É. Também acho.



Só que, depois daquela troca de mensagens, Jordan passou o dia inteiro sem ver Astrid.

Ela entrou na oficina e encontrou um copo de café já em sua bancada de trabalho, com uma série de coraçõezinhos desenhados na superfície com um dos marcadores permanentes que sabia que Astrid sempre levava na bolsa, mas nada dela em pessoa.

Infelizmente, também não tinha tempo de procurá-la. Iam filmar a instalação dos armários de cozinha, e estava ansiosa para vê-los em toda a sua glória. Tinham ficado lindos, na opinião dela, e sabia que o efeito do verde-sálvia escuro na parede cinza-claro ficaria impressionante.

Bebeu o café, mandou uma mensagem de agradecimento para Astrid e logo mergulhou no trabalho. Enquanto ela e Josh se concentraram nos armários, Nick e Tess, dois outros membros da equipe de Josh que haviam trabalhado em estreita colaboração com ela na semana anterior, instalaram a bancada de madeira rústica da ilha e a pia de porcelana branca estilo fazenda.

Ao longo do dia, a cozinha foi tomando forma. Era como ver o sol nascer. Aos poucos, a imagem que Jordan apenas sonhara estava se tornando realidade. Quando o relógio deu cinco da tarde, já estava pronta. Havia espaços vazios onde se encaixariam os eletrodomésticos, assim como alguns elementos decorativos, mas a estrutura estava no lugar, a âncora de toda a cozinha – na verdade, de toda a pousada –, e Jordan sentiu um nó na garganta enquanto observava tudo aquilo.

– Ficou ótimo – comentou Josh, enxugando o suor da testa.

– Você acha? – perguntou Jordan.

Estava com as mãos na cintura e o suor pontilhando a testa e o peito. Ele assentiu.

– Eu tinha minhas dúvidas a respeito dessa cor, mas acho, sim. Está perfeito.

Jordan abriu um sorriso tão largo que as bochechas doeram. Estava

prestes a agradecer, até para explicar que aquele era exatamente o tipo de armário que alguém poderia encontrar numa cozinha dos anos 1930, na época de Alice Everwood, mas então lembrou: ela não era a designer.

– Ai, meu Deus, olha só pra essa cozinha! – exclamou Natasha, chegando e entrando no enquadramento, como geralmente fazia.

– Né? – respondeu Josh.

Ele abriu para Natasha um sorriso que até mesmo Jordan, que não se interessava nem um pouco por homens, reconhecia que era de deixar as pernas bambas.

Natasha, por sua vez, estava olhando para a cozinha.

– Ficou sensacional. Dá até a impressão de que a gente pode topa com um fantasma aqui, mas não de um jeito assustador. É assim... intrigante. Essa é a palavra certa.

Jordan percebeu tarde demais que estava sorrindo como uma criança que acabara de ganhar um troféu. Natasha inclinou a cabeça, ainda mais intrigada, e Jordan logo desmanchou o sorriso. Ela deveria demonstrar neutralidade em relação ao design, se não hostilidade escancarada.

– Só sei que fazer esses armários foi um pé no saco – comentou, e Emery bufou de rir ao lado de uma câmera.

– Dá pra ver, mas compensou muito, hein? – respondeu Natasha.

O orgulho cresceu no peito de Jordan. Outra vez. Nunca esperara sentir isso... tanto carinho pelo próprio trabalho. Nunca tinha se envaidecido muito em relação às próprias criações, mas dessa vez era diferente. Era o projeto de uma casa inteira, a casa da família dela.

E essa era a única coisa que importava. Jordan não precisava de crédito nem de elogios – só precisava desempenhar aquele papel por mais um tempinho, ser a carpinteira que construía umas coisas, e pronto. Nenhuma expectativa a cumprir, ninguém a quem decepcionar.

Repetia tudo isso para si mesma sempre que o orgulho ameaçava transbordar. Astrid era a única designer. Esse acordo era melhor para todas as envolvidas. Se bem que, para Jordan, Natasha não parecia o tipo de mulher que aceitava lorota numa boa, qualquer que fosse, e mentir para ela naquelas últimas semanas sobre a origem do design que ela achava tão cheio

de inspiração... Bom, era pura lorota.

Além do mais, Astrid estava trabalhando tanto quanto Jordan, principalmente em questões administrativas e logísticas, toda aquela chatice com que Jordan não se entendia. Ela era parte fundamental do projeto, não havia como negar. Vê-la em ação, suas decisões rápidas, a forma como resolvia um problema antes que virasse uma catástrofe, como quando o fornecedor havia mandado a banheira de pés de garra errada para o banheiro principal – com pés em tom de cobre em vez de ouro velho –, mostravam que ela era durona.

E isso era bem sexy, para dizer a verdade.

– E corta! – gritou Emery. – Tá bom, pessoal, por hoje encerramos.

Jordan sentiu os ombros caírem ao se livrar de toda a tensão de estar em frente às câmeras. Ela se despediu de Josh e da equipe dele à medida que saíam pela porta dos fundos, enquanto Emery, Natasha e Regina iam para um canto repassar os detalhes da segunda-feira.

– Ai, meu Deus.

Ao ouvir a voz familiar, o coração de Jordan deu uma pirueta quase embaraçosa, mas ela sorriu para Astrid, que estava parada à porta da cozinha.

– O que você achou? – indagou Jordan, abrindo os braços para indicar o espaço. – Nada mau, né?

Astrid balançou a cabeça, olhando ao redor.

– Ficou... Jordan, ficou maravilhoso.

Ela fixou o olhar em Jordan, boquiaberta. Algo triste transpareceu em seus olhos, algo que a outra não conseguiu identificar e, sinceramente, não sabia se queria. Estava bem ciente de que aquele acordo profissional, misturado com o que estava acontecendo entre elas pessoalmente, era uma situação precária.

– Você tá bem? – perguntou Jordan.

Astrid assentiu, mas sua garganta ondulou ao engolir em seco. Jordan a viu se recompor e se aproximar. Ela se inclinou para dar um beijo e, caramba, Jordan quase correspondeu, mas ficou paralisada ao lembrar que havia três pessoas da equipe do *Pousadas Adentro* num canto.

E todas estavam olhando para as duas.

Jordan pigarreou, e Astrid acompanhou o olhar dela, arfando de surpresa ao ver as outras pessoas na cozinha.

Natasha estava de braços cruzados com o que só poderia ser descrito como um sorriso irônico.

– É – disse Emery devagar. – Acho que está na hora da gente sair.

– Pois é – comentou Regina, que parecia tão sem graça quanto Emery.

– Também tenho que ir pra casa – comentou Jordan, guardando seus pertences na caixa de ferramentas.

Não precisava. O que precisava era sentir a boca de Astrid colada à dela, mas sair daquela cozinha parecia mais urgente.

– Eu também – respondeu Astrid, alisando as pernas do short preto. – Eu...

– Ah, não – retrucou Natasha, balançando a cabeça. – Vocês duas não vão a lugar nenhum.

Astrid e Jordan se entreolharam, mas não ousaram se mexer. Jordan tinha a nítida sensação de que acabara de ser chamada para a diretoria da escola.

Emery e Regina nem se preocuparam em recolher o equipamento, decidindo passar pela porta vaivém o mais rápido possível. Depois que se retiraram, Natasha não saiu do lugar. Ela olhou para Jordan e Astrid por um minuto inteiro, até que finalmente disse:

– Vocês têm alguma coisa pra me contar?

Jordan não se atreveu a olhar para Astrid, mas sentiu que ela irradiava nervosismo como uma fornalha.

– Tipo o quê? – perguntou Jordan.

Muita calma nessa hora. Jordan tinha certeza de que Natasha estava se referindo ao fato de que elas estavam obviamente prestes a se beijar, e não de que Astrid fingia ser a chefe de design num grande projeto televisionado, mas mesmo assim... De repente, qualquer uma das verdades pareceu desastrosa quando Natasha as olhou daquele jeito.

– Tá, vocês vão se fingir de desentendidas – afirmou ela. – Então vou fazer uma pergunta direta. Há quanto tempo estão transando?

Astrid gaguejou, depois tossiu, levando a mão ao peito como uma donzela recatada. Jordan teria rido se Natasha não estivesse presente.

– Não estamos transando – respondeu Jordan, o que era bem verdade.

– Tá bom, desculpa, talvez a pergunta tenha sido grosseira demais – disse Natasha, gesticulando. – Há quanto tempo vocês estão olhando sedentas nos olhos uma da outra e *sonhando* em transar?

Jordan olhou para Astrid, que ainda estava batendo no peito enquanto tossia e pigarreava umas dez vezes. Ela precisava que Astrid tomasse a iniciativa – aquele projeto era o queridinho dela; era o nome dela que cairia em desgraça ou ganharia notoriedade com Natasha Rojas, e Jordan não ia tomar nenhuma decisão por ela.

– Não estamos... fazendo nada disso – respondeu Astrid quando se recompôs.

Jordan prendeu o fôlego.

– Ah, sério? – perguntou Natasha.

E aí... Jordan viu a Astrid original, aquela que conhecera na frente da cafeteria no primeiro dia, tomar o controle, endireitar os ombros e levantar o queixo, com um músculo tenso na mandíbula.

– Sério – respondeu com frieza. – Mas agora somos amigas.

E, puta merda, Jordan tentou não sentir, tentou mesmo. Tentou ignorar a sensação de uma coisa afundando no estômago, aquela emoção vulnerável que se sente ao ser posta de lado, rejeitada. Mas a sensação a invadiu mesmo assim, cravando as garras no seu ventre exposto.

– Amigas – repetiu Natasha.

Seu olhar pousou em Jordan, que levou alguns segundos para perceber que a apresentadora esperava que ela confirmasse a declaração. Jordan pigarreou e controlou as próprias feições.

– Com certeza – respondeu. – Hum, sabe, acabei de me mudar de volta pra cá, então Astrid e as amigas dela ficaram com pena de mim e do Simon. Chamaram a gente pra sair e tal. Amigas.

Suave. Muito suave.

Saco, ela precisava de um momento de paz. Precisava que Natasha saísse da cozinha naquele instante.

– Tá bom – disse a apresentadora, mas não parecia convencida.

Sinceramente, Jordan não dava a mínima se ela acreditava ou não. Sentia que seu coração estava quatro vezes maior que o normal, palpitando e fazendo uma barulheira horrível nos ouvidos dela.

– Acho que me enganei, então – concluiu Natasha.

– Talvez todo mundo possa sair junto um dia desses – sugeriu Astrid em tom alegre.

Jordan teve vontade de rosnar.

– Talvez – respondeu Natasha, e olhou para o próprio celular. – Agora tenho uma reunião pelo Zoom com minha chefe em Portland, então a gente se vê na segunda.

Astrid assentiu.

– Ótimo fim de semana pra você.

Natasha se limitou a sorrir e a olhar para as duas mais uma vez, como se estivesse esperando que elas se agarrassem e provassem que estava certa, mas depois logo saiu pela porta dos fundos.

Houve um instante em que ninguém se mexeu, mas, após ouvirem Natasha ligar o carro, o comportamento gelado de Astrid derreteu, os ombros dela relaxaram e ela deixou o ar sair de sua boca por um bom tempo.

– Ai, meu Deus – gemeu ela, agarrando o peito e respirando fundo. – Foi por pouco.

Jordan trincou os dentes. Sabia que não tinha o direito de ficar chateada. Natasha descobrir o envolvimento romântico delas poderia ser um desastre por várias razões profissionais, arriscando tudo que haviam batalhado tanto para criar. Sabia disso. Sua *mente* sabia disso.

Mas...

O coração não dava a mínima.

– Pois é – respondeu numa voz tensa, dando as costas a Astrid e indo pegar a caixa de ferramentas na ilha.

Jogou a trena lá dentro, o martelo também. Pegou o estojo da furadeira, retirando a broca e guardando-a no lugar designado.

– Escuta – disse Astrid atrás dela.

Jordan não conseguiu responder. Ainda não.

– Escuta – repetiu Astrid.

Mais baixo. Mais perto. Pousou a mão no braço de Jordan e puxou de leve.

Jordan se deixou virar, controlando a expressão.

– Você tá bem? – perguntou Astrid.

Jordan assentiu, gesticulou com a mão no ar e fez um som de *pff*, o que talvez tenha sido um exagero de garantia, já que Astrid franziu ainda mais a testa. Finalmente, desistiu de fingir e disse:

– É que... Eu não esperava isso.

– Nem eu – respondeu Astrid. – Eu nem sabia que a Natasha estava aqui na cozinha, e...

– Não foi ela. Foi você.

Astrid recuou um passo.

– Como ass... – Mas ela mesma se interrompeu, arregalando os olhos. – Ah. Meu Deus.

Jordan balançou a cabeça.

– Não tem problema. Eu entendo. É que... foi...

– Uma merda – resumiu Astrid. – Foi uma atitude de merda. Ai, Jordan, me desculpa. Eu nem pensei... Eu só... achei que a gente não queria que a Natasha soubesse. Não tenho ideia de como ela ia reagir, nem como isso influenciaria o programa, e...

– Você precisa do programa – concluiu Jordan por ela.

Era verdade, e Jordan também precisava, mas a amargura transpareceu em cada sílaba. Ela engoliu em seco com força e tentou ser lógica, razoável.

Mas desde quando o coração dela era razoável?

Ficaram lá, desajeitadas, e não sabia mais o que dizer. Astrid também não parecia saber. No bolso de trás, o celular de Jordan vibrou, salvando-as de ter que descobrir.

O nome de Meredith brilhou na tela.

– Saco – sussurrou Jordan, apertando o botão vermelho e praticamente atirando o celular na bancada novinha em folha.

– O que foi? Quem era?

– Ninguém.

Astrid não insistiu, mas ainda parecia preocupada.

– Jordan – disse ela, aproximando-se e enganchando o dedo num passante do macacão de Jordan. – Desculpa pelo que eu disse pra Natasha. Ou pelo que *não* disse. O problema não é você.

Jordan riu.

– Nossa, que frase clichê.

– Não – insistiu Astrid, puxando Jordan para junto de seu corpo. – Não é. Não é você de jeito nenhum. E não somos *nós*. É que... Eu não sei o que tô fazendo, tá? É muita coisa. Muita coisa *ótima*, não estou reclamando, mas eu sou... sou...

– Uma bissexual de primeira viagem? – sugeriu Jordan, deixando um sorriso entortar um lado da boca.

Caramba, como Astrid era fofa. Mesmo quando Jordan queria ficar meio irritada com ela, não conseguia resistir. E, na verdade, tudo era muito novo *mesmo* para Astrid. Jordan precisava se lembrar disso.

Astrid sorriu também.

– Bom, quer dizer, sim, talvez eu seja, mas nem estou falando sobre o aspecto *queer* da coisa. Estou falando de *você*. Pra mim, é novidade... Sentir tudo isso por você.

– Isso, sim, é uma frase decente – respondeu Jordan.

Mas seu coração não se importou nem um pouco. Ela levantou as mãos e emoldurou o rosto de Astrid entre elas, porém não a beijou. Ainda não, principalmente porque a outra continuava franzindo a testa para ela, com uma expressão que só poderia ser descrita como desesperada.

Astrid olhou para a porta da despensa, que estava meio entreaberta. Pegando a mão de Jordan, ela a puxou para dentro do espaço vazio e fechou a porta com as duas lá dentro.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

ERA VERDADE: Astrid não tinha a menor ideia do que estava fazendo. Mas, naquele momento, empurrar a mulher de quem gostava para dentro da despensa depois de tê-la feito se sentir um lixo parecia uma decisão lógica. Se Jordan achava que as palavras dela eram frases feitas, tudo bem. Ia mostrar que falava sério. Ia fazer Jordan *sentir* tudo o que Astrid sentia por ela.

– Mas o que... – começou Jordan.

Não conseguiu dizer mais nada, porque Astrid a pressionou contra a porta e a beijou. Dessa vez, Jordan estava com gosto de primavera, de pinho e chuva. Astrid deslizou as mãos por dentro do macacão dela, os dedos dançando coluna acima até o top esportivo.

– Tá, peraí – disse Jordan, afastando-se e acendendo a luz para ter uma visão nítida de Astrid. – Não que eu não esteja adorando, mas você sabe que estamos sozinhas na casa, né?

Astrid riu, aliviada com o tom leve de Jordan que a deixava zonzinha, e traçou um caminho de beijos pelo pescoço dela.

– Sei, sim – respondeu Astrid, roçando os dentes na pele de Jordan.

A mulher arfou, e Astrid sorriu. Nunca deixaria de adorar o fato de causar esse tipo de reação nela. Era como o efeito de uma droga, viciante e eufórico.

– Trazer você pra despensa pareceu um gesto grandioso depois que eu estraguei tudo – continuou Astrid. – Não estou dizendo que faça sentido.

– Não faz sentido nenh...

Astrid usou a língua, mergulhando-a naquela cavidade adorável na base do pescoço de Jordan.

– Nossa – comentou Jordan, arqueando o pescoço para dar mais espaço para Astrid. – Não vou discutir com você. Nunca.

– Pra mim tá ótimo – respondeu Astrid enquanto seus dedos brincavam com a barra do top de Jordan.

Nunca tinha tocado nos seios nus de outra mulher, mas, caramba, queria muito, mesmo com aquele frio de ansiedade na barriga. Mas era uma ansiedade boa. Cheia de desejo.

– Jordan – disse, recuando para olhar para ela. – Eu...

– Shh. – Jordan passou o polegar pelo lábio inferior de Astrid. – Tá tudo bem.

– Não tá, não. Eu te quero, entendeu? Preciso que confie em mim.

Podia não saber nada sobre ser lgbtq+, se era bissexual, pansexual ou qualquer outra coisa, mas sabia, sem a menor dúvida, que queria Jordan Everwood.

– Eu confio – respondeu Jordan.

E beijou Astrid uma, duas vezes, virando o corpo das duas para deixá-la de costas para a porta. O gesto deixou Astrid sem fôlego, mas ela adorou. Talvez fosse disso que precisava, do que as duas precisavam: daquele lugar glorioso onde design, pousadas, Natasha Rojas e Isabel Parker-Green não tinham a menor importância. Ali, eram só Astrid e Jordan, duas mulheres que queriam arrancar as roupas uma da outra.

Jordan passou as mãos por baixo da camiseta branca de Astrid, os dedos calejados roçando a barriga e subindo até chegar cada vez mais perto...

– Posso? – perguntou Jordan, o polegar resvalando na bainha do sutiã.

Astrid assentiu com tanta força que bateu a cabeça na porta.

– Ai, merda – resmungou, segurando a cabeça entre as mãos.

– Opa, cuidado – disse Jordan, dando uma risadinha suave. – Eu gosto dessa cabeça aí.

– É, eu também – respondeu Astrid.

Ela abaixar os braços, pronta para continuar tocando Jordan, mas, antes que pudesse fazer isso, a outra entrelaçou os dedos de ambas acima de sua cabeça e deslizou o joelho por entre suas coxas, fazendo pressão exatamente onde ela precisava.

O calor se acumulou no centro do corpo de Astrid, e os beijos de Jordan ficaram mais intensos, puxando o lábio inferior da outra de um jeito que a fazia querer gritar de prazer. Os quadris de Jordan ondularam de encontro aos dela em movimentos circulares deliciosos e cheios de malícia.

– Meu Deus do céu, Parker – murmurou Jordan na boca dela. – Preciso te fazer gozar.

Jordan soltou os braços de Astrid e desceu as mãos pelas costas dela até a bunda, apertando-a com mais força contra a coxa.

Astrid percebeu quanto aquilo era maravilhoso, quanto precisava mesmo gozar, mas algo dentro dela ficou paralisado ao ouvir as palavras de Jordan, que notou, tirando a coxa do meio das pernas de Astrid e apoiando as mãos nos quadris dela.

– Você tá bem?

Astrid assentiu, dessa vez com mais cuidado.

– É que... Não sei...

– A gente pode parar – sugeriu Jordan com tanta doçura que Astrid teve vontade de chorar. – Não precisamos continuar.

– Não. – Astrid enfiou as mãos dentro do macacão de Jordan e a puxou para si. – Não, eu quero. Quero muito. Só não gostaria... que você ficasse chateada se eu não conseguir...

Jordan ergueu uma sobrancelha.

– Não conseguir o quê?

Astrid deu de ombros. Nossa. Era só o que faltava. Era bem a cara dela deixar sua bagagem emocional arruinar aquele momento maravilhoso quando sua única intenção era provar para Jordan quanto a desejava.

– O que foi, Parker? – perguntou Jordan, séria.

Astrid suspirou.

– Se eu não conseguir... sabe? Gozar.

Jordan arregalou os olhos.

– É essa a sua preocupação?

– É que nem sempre consegui com outras pessoas. Eu *consigo*, mas não é sempre.

Um sorriso sacana se instalou nos lábios de Jordan, e Astrid viu nos olhos dela aquele brilho que já conhecia muito bem, que significava “aceito o desafio”.

– Ah, lá vem – disse Astrid.

– Pode apostar que vem mesmo. – Jordan puxou Astrid para si, roçando o lábio inferior no dela. – Aposto que te faço gozar sem nem encostar na sua pele, Parker.

Astrid recuou.

– Quê?

– Você entendeu.

– Tá falando de a gente se esfregar de roupa mesmo? Porque fiz muito isso na adolescência, e pra mim nunca deu em nada.

– Deve ser porque você estava se esfregando com algum babaca inexperiente que só estava a fim de gozar sozinho.

Astrid franziu a testa. Nunca tinha pensado por esse lado.

Jordan tirou as mãos da cintura de Astrid e deu um passo para trás.

– Já ficou com algum cara que tenha se dedicado de verdade a te dar prazer? Tipo, cem por cento concentrado em você e não no próprio pau?

Astrid abriu a boca. Depois, fechou.

– Puta merda, você ficou com uns caras bem babacas – comentou Jordan.

Astrid escondeu o rosto nas mãos e gemeu.

– Ai, meu Deus, fiquei.

– Você entende que o problema era com eles, né? Não com você.

Será que entendia? Astrid sabia que algumas pessoas simplesmente não se interessavam muito por sexo, e não havia o menor problema nisso. Mas

não era o caso dela. Astrid gostava de sexo. Queria transar. Muito mais do que já tinha transado, para dizer a verdade. Sentia-se atraída por homens e ficava excitada quando estava com eles. Geralmente, precisava de muitas preliminares para gozar, e a maioria dos caras não se dedicava por muito tempo. Spencer com certeza era um deles, mas ficava frustrado quando Astrid *não* gozava, e ela nunca conseguiu fingir. Nos últimos meses do relacionamento, ela havia começado a ver pornografia no banheiro antes de transar, só para tentar esquentar um pouco o próprio motor. Às vezes, dava certo. Mais perto do fim, porém, nada funcionava.

Ela sempre tinha presumido que fosse assim mesmo. Não tinha problema – quase sempre ainda era gostoso, e tinha dedos bem habilidosos para terminar sozinha depois que o parceiro ia para o chuveiro ou pegava no sono.

– Talvez – disse ela a Jordan, baixando as mãos. – Não sei.

Jordan balançou a cabeça.

– Bom, a gente vai dar um jeito nisso, e é pra já.

Astrid não pôde deixar de sorrir diante da determinação daquela mulher.

– Vamos nos esfregar de roupa e tudo na despensa?

– Não exatamente.

Jordan sorriu com malícia e apertou Astrid contra a porta. Pressionou todo o corpo de encontro ao dela, beijando seu pescoço, abaixo da orelha e depois a boca. O pulso de Astrid acelerou e o calor se acumulou entre as pernas outra vez, bem depressa.

– Tudo bem? Posso tentar?

– Pode – respondeu Astrid num sussurro.

– Tá. A Operação Nada de Pele começa – anunciou Jordan, e beijou-a de novo – *já*.

Jordan se separou de Astrid e sorriu para ela.

Astrid franziu a testa.

– Não entendi.

– Tenta relaxar.

– Essa não é minha especialidade.

Jordan riu e apoiou as mãos na cintura de Astrid, com os polegares apertando o algodão da camisa.

– Já reparei. Confia em mim.

Astrid encostou a cabeça na porta e tentou seguir as instruções. As mãos de Jordan começaram uma viagem lenta para cima, parando na base das costelas dela, curvando os dedos, explorando e afagando. Era gostoso, mas não chegava a render um orgasmo. Mesmo assim, Astrid fechou os olhos e se concentrou no toque de Jordan.

Logo as mãos da mulher começaram a subir outra vez. Ela fechou uma das mãos, depois a outra, em volta dos seios de Astrid, apertando e massageando delicadamente antes de roçar os mamilos com os polegares.

Astrid arfou de surpresa, sentindo o bico dos mamilos endurecer num instante, embora sentisse o toque através de duas camadas de algodão. Ela arqueou as costas, querendo mais, e Jordan com certeza ofereceu. Abaixando a cabeça, ela fechou a boca ao redor do seio esquerdo de Astrid, ainda acariciando o outro com a mão. Mesmo com tanto tecido, Astrid sentiu o calor da língua de Jordan.

– Ah – disse Astrid, ofegando, e logo cobriu a mão com a boca.

Jordan olhou para ela.

– Você tá bem?

– Tô. Muito, muito bem.

Na verdade, nunca tinha se expressado muito com a voz na cama, mas também nunca tinha parado para pensar no porquê até aquele momento, com a boca quente de Jordan varando sua camiseta. “Ah” era um bom começo. Assim como “isso”, “assim, assim”, “que gostoso” e quaisquer outras palavras que as pessoas pudessem dizer durante o sexo. Eram manifestações. Revelavam uma parte da pessoa, algo tenro, vulnerável e completamente à mercê de outrem.

Astrid nunca deixara ninguém se aprofundar tanto. Mesmo quando conseguiam fazê-la gozar, ela mordida o lábio e soltava, no máximo, um gemidinho de satisfação, e depois se levantava para ir ao banheiro. Mas, com Jordan, ela queria ir fundo. Queria ficar vulnerável. Além do mais, não conseguia *não* ficar, e se viu afundando as mãos no cabelo de Jordan,

pressionando delicadamente a boca da carpinteira de volta aos seios.

A outra riu.

– Você é um achado, Astrid Parker.

Astrid sorriu, esperando que fosse no bom sentido. Arfou enquanto Jordan continuava a explorar seu corpo. Mas, quando ela chupou seu mamilo outra vez, com algodão e tudo, Astrid não conseguiria ficar calada nem se alguém lhe pagasse.

– Ai, meu Deus.

Ela só se sentiu boba por um instante, porque Jordan gemeu de encontro ao corpo dela, mandando vibrações direto para o clitóris. Seu corpo se contorceu, arqueando-se junto da boca de Jordan enquanto ela passava a língua por cima do tecido de maneiras que Astrid nem sabia serem possíveis. Abriu os olhos para ver Jordan, e a visão de si mesma entre os dentes dela foi insuportavelmente provocante. Começou a levantar a camiseta, querendo sentir pele com pele como quem precisa de ar, mas Jordan recuou.

– Não. Nada de pele, lembra?

Astrid soltou um gemido frustrado.

– Sério? Ainda não pode?

Jordan se aproximou, mas parou antes que sua boca tocasse a de Astrid. As mãos foram até o botão no short de Astrid. Ela o abriu.

– Sério – sussurrou.

Os joelhos de Astrid começaram a bambear quando Jordan abriu o zíper.

– Posso? – perguntou Jordan, traçando com o dedo a bainha superior da calcinha dela.

Astrid assentiu. Não conseguia respirar. Não conseguia falar.

– Preciso de uma resposta verbal, Parker.

– Pode – ela conseguiu dizer com um suspiro. – Pode, sim, sim!

– Graças a Deus.

E Jordan mergulhou a mão dentro do short de Astrid.

Estava falando sério a respeito de não tocar a pele, ficando por cima da calcinha de Astrid, os dedos explorando com delicadeza, fazendo círculos para lá, depois para cá. Astrid abriu um pouco as pernas para dar mais

espaço, que Jordan ocupou com entusiasmo. Ela aumentou a pressão, deslizando dois dedos na entrada, logo abaixo do clitóris. Astrid sentiu-se abrir mais, sentindo o cheiro da própria excitação. No fundo da mente, o constrangimento espreitava, mas ela o enxotou e se concentrou na sensação dos dedos de Jordan deslizando cada vez mais perto de seu clitóris.

– Você tá supermolhada – disse ela.

Então apoiou o corpo ao lado de Astrid, mas não a beijou, nem tocou em nenhuma parte de sua pele. Simplesmente se apertou junto dela e passou os dedos sobre o centro do prazer de Astrid, traçando círculos estreitos que arrancavam gemidinhos agudos dela. O atrito duplo dos dedos de Jordan e do algodão da calcinha eram intensos, mais do que Astrid imaginara possível.

A sensação cresceu espantosamente depressa. Jordan aumentou a pressão, circulando, depois deslizando e por fim esfregando. Astrid percebeu que Jordan estava ouvindo os sons que ela fazia, ajustando o toque de acordo com eles, e, caramba, estava funcionando. As coxas dela começaram a tremer, a tensão no baixo ventre estremecendo como um vulcão pronto para explodir.

E a sensação era esta mesma – de que ela ia literalmente explodir. Nunca se sentira tão descontrolada com outra pessoa, tão desesperada por alívio. Começou a se esfregar na mão de Jordan, agarrando os ombros da mulher para se apoiar. Jordan passou o braço livre em volta da cintura de Astrid, abraçando-a enquanto seus dedos faziam coisas absolutamente sacanas no clitóris dela.

– Por favor – Astrid se pegou dizendo. Sem vergonha. Sem preocupação. Sentia, mais do que nunca, que era ela mesma. – Meu Deus, Jordan, por favor, me faz gozar.

Jordan abaixou a cabeça e mordeu a clavícula de Astrid por cima da camiseta, trabalhando suavemente com os dentes enquanto girava os dedos com mais força... e mais força...

Uma onda – não, um oceano – de prazer jorrou em Astrid, quase derrubando-a no chão. Ela fez um barulho absurdo enquanto gozava, um som puro e primal, e não mordeu o lábio nem uma vez para impedi-lo.

Jordan apertou o abraço na cintura de Astrid, ainda mexendo aquela mão mágica até ela parar de estremecer.

– Ai, meu Deus! – exclamou Astrid depois que voltou ao planeta Terra, limpando a testa suada. – Caramba, isso foi...

Antes que pudesse dizer mais uma palavra, Jordan puxou os shorts dela para baixo, largando-os em volta dos tornozelos.

– Ah... – disse Astrid.

Mas Jordan colou a boca na dela, enfiando as mãos por baixo da camiseta. As duas gemeram no contato de pele com pele. Astrid sentiu um desejo esmagador de arrancar a roupa de Jordan. Estava desesperada para sentir toda a pele da mulher contra a dela, para lambê-la entre os seios. Soltou as duas alças do macacão, e as mãos apalpavam imediatamente o top esportivo.

– Não foi bem assim que imaginei nossa primeira vez – comentou Jordan, tirando a camiseta de Astrid por cima da cabeça e jogando-a para trás. – Não prefere uma cama?

– Não ligo pra cama.

– Então bora. – Jordan abriu o sutiã de Astrid. – Porque, se eu não sentir seu gosto agora mesmo, vou perder o juízo.

Astrid recuou por um segundo, o sutiã pendurado nos cotovelos.

– Você... quer dizer...

Jordan deu um sorrisinho torto.

– Aham. – Ela passou os dedos na lateral da calcinha de Astrid. – Posso?

Astrid engoliu em seco. Nunca fora muito boa em receber sexo oral. Spencer detestava fazer e, com outros caras, ela sempre se sentia muito cobrada, como se eles estivessem realizando o ato apenas para que ela retribuísse. Mas Jordan era Jordan. Com ela, tudo era diferente.

– Pode – disse ela, deixando o sutiã cair no chão. – Por favor.

Jordan recuou, vendo-a por inteiro. Os seios não eram exatamente grandes, mas eram empinados e Astrid sempre tinha gostado deles. Pelo jeito como as pupilas de Jordan se dilataram, ela pareceu gostar também.

– Caramba, Parker! – exclamou Jordan.

Tocou os seios de Astrid, rolando os mamilos entre os polegares e os

indicadores. Astrid quase ofegou. Quando Jordan baixou a cabeça, passando a língua por um dos bicos endurecidos, não havia mais tecido entre elas. Astrid gritou algo ininteligível, agarrando o cabelo de Jordan enquanto a outra descia pela barriga, explorando com a boca o umbigo e a pele macia logo abaixo.

Jordan enganchou os polegares na calcinha de Astrid e puxou. A descida lenta do tecido pelas pernas era uma tortura, e ela não tinha paciência para aquilo, então chutou longe a calcinha de renda amarela estilo shortinho – só Deus sabia onde tinha ido parar – e procurou algo em que se segurar, preparando-se para sentir a boca de Jordan.

– Tenho uma ideia melhor – sugeriu Jordan quando Astrid agarrou as prateleiras vazias de cada lado dela.

Ela passou os dedos pelos braços de Astrid até entrelaçar as mãos com as dela, e guiou as duas até o chão. Tinham repintado as prateleiras recentemente, então havia uma lona cobrindo o piso de madeira. Astrid começou a se deitar ao lado de Jordan, mas ela balançou a cabeça.

– Não, aqui em cima. – E indicou o próprio peito com um tapinha.

Astrid franziu a testa.

– Onde?

Jordan sorriu, depois se sentou e fez Astrid montar na barriga dela.

– Vem pra cima.

Ela se abaixou até o chão, puxando Astrid para junto de seu rosto.

– Tem certeza? – perguntou Astrid.

De repente, entendeu *onde* Jordan queria dizer e notou que estava completamente nua. Além de muito molhada.

Ela apertou Jordan com as coxas, sentindo uma estranha mistura de desejo e constrangimento.

– Você é linda – disse Jordan.

Então estendeu a mão, deslizou um polegar pelo clitóris molhado de Astrid e depois chupou aquele dedo.

– E eu tenho certeza, sim.

Astrid ficou de queixo caído. Jordan riu, envolvendo a bunda dela com a mão e puxando-a até a boca. Logo, Astrid estava montada nos ombros de

Jordan, com os joelhos apoiados na lona de algodão. Jordan abraçou as coxas dela, puxando-a para ainda mais perto.

Astrid se encurvou um pouco para trás, desesperada para ver o rosto e a língua de Jordan enquanto...

– Ai, meu Deus! – exclamou Astrid quando Jordan fechou a boca no sexo dela.

Jordan gemeu com ela, e as vibrações do som quase fizeram Astrid levitar. Jordan a beijou com delicadeza, com cuidado, passando um tempo entre as dobras onde as pernas encontravam os quadris antes de voltar ao centro. Quando mergulhou a língua no calor úmido, Astrid ofegou, apoiando os braços nos quadris de Jordan, atrás dela. Girou a pélvis sobre a boca de Jordan num movimento incontrollável. Os ruídos que fazia eram animais, selvagens e ela mal reconhecia a própria voz. Nunca sentira nada assim.

– Tá gostando – disse Jordan de encontro à pele molhada.

Não era uma pergunta, e Astrid não respondeu. Em vez disso, arqueou-se para a frente, debruçando-se sobre Jordan e passando as mãos no cabelo dela. Os dedos de Jordan tocaram a dobrinha na bunda de Astrid enquanto ela a lambia na frente, a língua mergulhando na entrada antes que os lábios se fechassem em volta do clitóris, chupando.

– Ai, nossa, *assim* – falou Astrid, nem um pouco envergonhada do modo como estava se esfregando no rosto de Jordan.

Jordan continuou beijando, sugando, gemendo, e Astrid ficou zozza enquanto o baixo ventre se retesava, o orgasmo surgindo no clitóris e irradiando-se pelas pernas.

– Ah! – exclamou.

E de novo e de novo enquanto a boca de Jordan não parava de trabalhar, deslizando, chupando. Quando Astrid finalmente atingiu o clímax, ela se apertou ainda mais de encontro àquela boca, um grunhido vibrando no peito enquanto estremecia, agarrando o cabelo de Jordan com tanta força que teve receio de machucá-la.

Pareceu demorar uma eternidade para a sala parar de girar e ela sentir os braços e as pernas outra vez.

– Tá bom – murmurou assim que voltou a enxergar, e recuou por cima de Jordan, montando os quadris dela. – Tá bom. Nossa.

Jordan deu um sorrisinho malicioso e se apoiou nos cotovelos.

– Para com essa cara de convencida – falou Astrid, mas estava sorrindo.

– Ah, eu vou ficar convencida, sim. Vou ficar com essa cara um mês inteiro. Ou melhor, um ano. Talvez mais.

Astrid riu e se debruçou para beijá-la. Sentiu o próprio gosto na boca de Jordan e nem ficou chocada. Na verdade, mal pôde acreditar que aquilo a deixou excitada outra vez.

– Quero fazer isso com você – disse ela de encontro aos lábios de Jordan, roçando o pescoço dela suavemente com as unhas.

Meu Deus, seria capaz de *devorá-la*.

– Quer? – perguntou Jordan, e o tom de desafio sumira de sua voz.

– Quero.

Astrid não hesitou. O cuidado, a *dedicação* que Jordan acabara de empenhar apenas para dar prazer para ela – *duas vezes* – era novidade. Sabia que um amante digno dela deveria fazer o mesmo, mas a questão é que, antes, nunca percebera isso. Nunca tinha notado várias coisas, e achava que não era apenas por Jordan ser a primeira mulher com quem se envolvia. Enquanto encarava os olhos dela, com todo aquele verde e dourado, suas emoções pareciam à flor da pele, em carne viva, e entendeu que estava completamente apaixonada.

– E já – continuou Astrid. – Quer ir pra minha casa?

Jordan sorriu, com os lindos cílios tocando as maçãs do rosto.

– É, acho que seria...

– Jordie?

As duas ficaram paralisadas ao som da voz de Simon ecoando alta pela casa.

– Jordie, cadê você?

– Merda – resmungou Jordan.

Astrid saiu de cima dela, e passaram vinte segundos em pânico localizando todas as roupas. Jordan puxou as alças do macacão de volta ao lugar – Astrid teve o pensamento breve e inadequado de que nem tinha

conseguido ver os seios dela, fato que precisaria corrigir muito em breve – e as duas mal tinham se ajeitado quando a porta da despensa se abriu de uma vez.

– Mas que porra é essa? – disparou Jordan quando Simon apareceu na porta.

Ele olhou de Astrid para a irmã.

– Eu é que pergunto, mana.

Astrid sentiu as bochechas arderem. Não era a situação mais profissional em que Simon poderia tê-la encontrado – tinha quase certeza de que devia estar com o cabelo bagunçado típico de quem havia acabado de transar, e a despensa... bom, cheirava a sexo. Simon devia sentir o cheiro. Ainda assim, no fundo, sabia que não estava fazendo nada de errado e tinha certeza de que todas as pessoas na festa de Claire na semana anterior sabiam exatamente o que havia acontecido no quarto dela.

– Não é da sua conta, mano – respondeu Jordan.

Ele coçou a nuca.

– Eu te procurei por todo lado. Por que não atendeu o telefone?

– Deixei na bancada. – Jordan indicou com a cabeça a impecável ilha da cozinha. – Agora, com licença. O que quer que seja, tenho certeza de que pode esperar.

Ela ia fechar a porta, mas Simon voltou a abri-la num único movimento suave.

– Não dá – insistiu ele, e suspirou.

Era um suspiro cansado e resignado de alguém que não queria lidar com o que estava prestes a dizer, e Simon olhou para a direita.

Ali, dando um passo à frente, estava alguém que só podia ser uma das mulheres mais lindas que Astrid já tinha visto. Era branca e tinha cabelo preto lustroso, cortado logo abaixo das orelhas, pele muito clara e olhos que só poderiam ser descritos como cor de âmbar, como se fosse uma vampira que se alimentava de sangue animal. Era alta, esbelta e também curvilínea, tudo ao mesmo tempo.

Ela sentiu Jordan ficar frouxa a seu lado antes de proferir uma única e horrível palavra:

– Meredith.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

– OI, JO.

Jordan piscou, aturdida.

Meredith sorriu, e aquela covinha que Jordan costumava beijar à noite antes de irem dormir apareceu na bochecha esquerda dela.

– O que... – Jordan começou a dizer, mas foi só.

– Se você atendesse o telefone, isso não seria uma surpresa – afirmou Meredith.

Jordan olhou para Simon, que parecia ao mesmo tempo querer arrancar a cabeça de Meredith e puxar a irmã para um abraço. Ele suspirou e passou a mão no cabelo, mas encarou os olhos de Jordan, e um milhão de perguntas silenciosas se passaram entre eles.

Você tá bem?

Quer que eu fique aqui?

Eu expulso essa mulher da nossa propriedade agora mesmo, é só pedir.

Sinceramente, Jordan não sabia ao certo a resposta para nenhuma daquelas perguntas.

Então Astrid pigarreou, e tudo ficou nítido e muito, muito real.

- Aff – resmungou Jordan. – Oi, desculpa. Hã, Meredith, esta é a Astrid.
- Olá – disse Astrid com frieza.

A mesma mulher que tinha gritado com uma estranha na frente da cafeteria voltou com força total, mas, no momento, Jordan meio que gostava daquela versão dela.

– Prazer – respondeu Meredith, com os olhos de âmbar espiando de relance a despensa onde elas ainda estavam. – Desculpa interromper.

– Tudo bem – disse Jordan, as palavras saindo de sua boca antes que pudesse impedi-las.

Não estava nada bem. A cabeça de Jordan girava. Meredith estava *ali*, linda e saudável, e um ponto no meio do peito de Jordan não parava de doer.

– Vou indo – anunciou Astrid. – Assim vocês podem conversar.

Não. Não vá. Por favor, não vá embora.

Os protestos quicavam pela mente de Jordan, mas ela não conseguia pronunciá-los. Só conseguiu olhar para Astrid e assentir.

Por que estava concordando com aquilo?

Mas Astrid também assentiu. Seus olhos estavam anuviados, e ela trincava os dentes. Jordan percebeu aquele músculo na mandíbula dela ficar extremamente tenso. Mas, quando Astrid saiu da despensa, Jordan viu seu lábio inferior tremer um pouco antes de ela contrair a boca, tensionando ainda mais a mandíbula.

E Jordan viu quando ela se retirou.

– Eu te acompanho – disse Simon quando Astrid estava a meio caminho da porta dos fundos. – Tá bom? – acrescentou, de olho em Jordan.

Ela assentiu. Outra vez. Meu Deus do céu, alguém precisava fazê-la parar com isso.

Seguiu Astrid com o olhar, esperando que ela olhasse para trás ao sair pela porta, mesmo sabendo, de alguma forma, que ela não faria isso.

A porta se fechou e, no íntimo, Jordan teve aquela sensação horrível e repleta de pavor de que tinha arruinado tudo.

Ia dar um jeito.

Ia conseguir.

Mas, primeiro, tinha que descobrir por que raios Meredith estava ali, na

cozinha de Everwood. Precisava saber por que tinha acabado de priorizar a mulher que a havia abandonado e feito se sentir um lixo em vez da mulher por quem estava se apaixonando.

– E aí? – falou com falsa alegria.

Meredith se limitou a sorrir para ela com aquela calma de sempre, puta merda. Estava usando um macaquinho azul-royal e segurava um chapéu de palha nas mãos. Jordan sabia que ela ficara sensível ao sol desde a quimioterapia, precisando renovar a camada de protetor solar de hora em hora quando saía. Mas estava com boa aparência. Muito boa mesmo. Tinha ganhado peso, e a pele irradiava saúde e vitamina D. O cabelo estava mais comprido, mas ainda mal chegava aos lóbulos das orelhas, e as mechas antes lisas exibiam uma leve ondulação.

– O que você tá fazendo aqui, Meredith? – Jordan finalmente conseguiu perguntar. – Como sabia que eu estava em Bright Falls?

– Bom – respondeu Meredith, apoiando-se na ilha da cozinha –, primeiro fui pra Savannah. Cheguei lá ontem de manhã. Mas aí alguém que não era você abriu a porta da nossa casa...

– Minha casa.

Meredith estreitou ligeiramente os olhos.

– Sua casa. Essa foi minha primeira pista.

– E a segunda?

– Tirando o fato de que fui sua mulher e sabia que este lugar é a sua Disneylândia particular? Você deixou um endereço pra encaminhar a correspondência com a pessoa que está morando lá.

Porra, Simon. Jordan não tinha deixado endereço nenhum.

– Você vendeu a casa? – perguntou Meredith.

Jordan balançou a cabeça.

– Não, deixei alugada. Mas vou vender.

Meredith assentiu.

– Acho que é uma boa decisão.

– Não pedi sua aprovação.

– Jo, não faz assim.

– Assim como?

Meredith fez um gesto de desdém para ela.

– Assim. Eu queria te ver. Achei que você ia querer me ver. Ainda somos nós.

Jordan riu.

– O problema, Meredith, é que não somos. Não existe “nós”. Nem um pouco. Você me abandonou por causa de... O que foi mesmo?

– Jo.

– Ah, é, agora lembrei. Por causa de um *destino*. Já encontrou? Tinha algum destino dando sopa lá nas Montanhas Rochosas, no alto da Torre Eiffel ou sei lá onde mais você se enfiou nos últimos tempos?

Meredith esfregou a testa e desviou o olhar. O arrependimento aflorou como um nó na garganta de Jordan. Meu Deus, não queria entrar naquele assunto. Era passado, e reprisar os acontecimentos, ainda mais com a própria Meredith, só servia para fazê-la se sentir um lixo.

E estava muito cansada de se sentir assim.

– Sinto muito – disse Meredith. – Sinto muito se a minha decisão te magoou.

Jordan deu uma risada amarga.

– Isso não é desculpa.

– Então talvez eu não esteja pedindo desculpas – retrucou Meredith em voz mais alta. – *Sinto muito* por ter te magoado, mas não me arrependo de ter ido embora. Tive que ir. Por nós duas.

– Nós duas, é? Ai, meu Deus, como é isso? Você é a magnânima tomadora de decisões no nosso relacionamento que durou quinze anos porque a coitada da Jordan não sabe o que é melhor pra ela?

Meredith suspirou, mas não disse nada.

– É exatamente assim que você pensa, né? – indagou Jordan.

A percepção se acendeu na mente dela como uma alvorada vermelho-sangue.

– Puta merda...

– Jordan – disse Meredith com a voz suave. – Eu te amo. Sempre vou te amar, mas você sabe que tenho razão.

Jordan balançou a cabeça. Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para

o chão coberto de lona, tentando se recompor sem encarar a mulher com quem já havia pensado que passaria o resto da vida.

Não havia nenhuma pontada em seu peito, nenhum anseio. Já sabia que não a amava mais. Até pouco tempo antes, achava que a raiva houvesse incinerado todos os sentimentos românticos que já tivera por Meredith, mas, ultimamente, andava pensando no assunto. As duas tinham se conhecido no ensino médio. Tinham sido melhores amigas que se tornaram namoradas na faculdade e, chegando a hora de entrar no mundo adulto, parecera natural fazer isso com sua amiga mais antiga, que a conhecia como ninguém. A pessoa com quem se sentia mais à vontade. A vida sexual das duas era boa. Tinham amizades em comum. Construíram uma vida juntas.

Mas, às vezes, Jordan se perguntava como tinham chegado àquele ponto. Quem havia tomado a decisão. Não conseguia nem lembrar qual delas tinha pedido a outra em casamento. Achava que, na verdade, nenhuma das duas o fizera. Depois que a Suprema Corte legalizara o casamento entre pessoas do mesmo gênero, casar fora simplesmente o próximo passo óbvio, algo que *deviam* fazer, o sonho americano. Nem sequer fizeram uma cerimônia de casamento. Não para valer. Casaram-se no cartório numa tarde de quarta-feira e, uma semana depois, fizeram uma festinha com a família e os amigos no quintal.

Tais pensamentos eram bem amargos, difíceis de engolir, mas, por baixo deles, havia um sabor residual de alívio. Jordan não entendia por completo. Obviamente tinha muito o que processar, muita raiva que ainda turvava seus sentimentos por Meredith e pela vida que tiveram juntas. Talvez devesse ligar para sua psicóloga.

Por enquanto, porém, não estava pronta para falar sobre nada disso com a própria Meredith. Não importavam as razões dela, não importava o quanto achasse que estava certa, Jordan não sabia se um dia conseguiria perdoá-la.

– Tá bom, beleza – concluiu Jordan, cansada do que quer que fosse aquela conversa e pronta para se retirar dela. – Tenho que...

– Me conta sobre esse seu projeto – pediu Meredith, abrindo os braços para indicar a cozinha.

Jordan ficou paralisada.

– Quê?

– O projeto – repetiu Meredith, e caminhou pela cozinha, escorregando a mão pelas bancadas novas, passando a ponta dos dedos pela borda dos painéis de vidro dos armários.

– É... parte da reforma – respondeu Jordan.

Meredith contornou o outro lado da ilha e apoiou a palma das mãos no tampo.

– E é seu.

Jordan piscou, perplexa.

– É... aham, eu fiz os armários.

Meredith suspirou e balançou a cabeça.

– Olha, quando cheguei à casa da sua avó, ninguém conseguia te encontrar. Você não atendia o telefone, e não tinha ninguém na pousada. – Olhou para a porta entreaberta da despensa, abrindo um sorrisinho amarelo. – Quer dizer, a gente achou que não tinha ninguém. Sei que a sua família não é exatamente a minha maior fã, então, enquanto a gente esperava você ligar de volta pro Simon, ficou o maior climão. Dava pra ver que a pousada estava em reforma, então perguntei sobre isso, e o Simon contou. Também me mostrou o projeto de design no laptop dele.

Jordan cruzou os braços.

– Diz logo o que você quer dizer.

Mas sabia exatamente o que ela queria dizer. Ou melhor: tinha a impressão de que sabia. A apreensão se infiltrou no seu íntimo como óleo se espalhando pela água.

– A questão, Jo, é que esse projeto todo é *seu*, mas, quando o Simon falou dele, ficou repetindo o nome de uma tal de Astrid Parker. Só pode ser a mesma Astrid que você me apresentou agora há pouco.

As narinas de Jordan se dilataram com o esforço de manter a respiração uniforme.

– Não é isso... O projeto não é...

– Eu te conheço. Conheço o seu estilo e o seu trabalho, e é assim. – Meredith abriu os braços outra vez, deixando-os cair devagar ao lado do

corpo. – Minha pergunta é: por que você tá deixando uma loirinha qualquer ficar com o crédito?

– Aí – disse Jordan bruscamente. – Não vem falar dela assim, não.

Meredith fechou os olhos com força.

– Tá, tem razão. Desculpa. Mas o Simon parece achar que ela é a designer. A chefe de design.

– E ela é mesmo.

– Jo.

– Meu nome é Jordan.

Meredith passou um instante olhando para a ex, e a tristeza tomou conta de sua expressão. Ela a chamava de Jo desde os tempos da escola.

– Tá. Jordan. Sei que talvez você não queira ouvir isso, ou talvez não dê a mínima, mas *ainda* me preocupo com você. Só estou tentando entender porque...

– Minha vida não é mais da sua conta.

– ... o projeto é deslumbrante.

Isso pegou Jordan de surpresa.

– Deslumbrante.

Meredith assentiu. Seus olhos brilhavam com o que Jordan só pôde identificar como orgulho.

– Deslumbrante. Sério, Jordan. É sensacional. É a *sua* cara. Pode me xingar por querer saber por que você está deixando todo o crédito pra outra pessoa. E num programa transmitido em rede nacional, ainda por cima.

– Porque ela *é* designer de interiores. Eu não quero crédito. Ela quer. Precisa. E está se dedicando tanto quanto eu a fazer esse projeto virar realidade. Ela não está sentada num cantinho bebendo mojitos enquanto eu trabalho.

Meredith ficou de boca aberta.

– Então você tá dizendo que a mulher com quem está indo pra cama...

– Não estou indo pra cama com ela.

Meredith franziu a testa.

– Sério? Porque tenho certeza de que você acabou de fazer ela gozar aí na despensa.

Jordan sentiu o rosto arder.

– Isso... não é... tá, mas foi a primeira vez que aconteceu, e... – Ela passou a mão no cabelo. – Que se foda, não é da sua conta.

– Tá, vou reformular a frase. – Meredith obviamente ignorou a parte sobre o que era e não era da conta dela. – Está me dizendo que a mulher que você acabou de fazer gozar na despensa deu um jeito de te convencer a ceder seu projeto maravilhoso pra pousada da sua família, carimbar o nome dela e ficar com o crédito como chefe de design num episódio de um programa de TV superimportante. É isso mesmo?

O estômago de Jordan se apertou como uma mola encolhida.

– Você está distorcendo tudo. Falando assim, parece uma coisa horrível.

– E é horrível mesmo, Jordan. Como é que você não percebe?

Jordan balançou a cabeça. Não era horrível, era... uma parceria. Um acordo que beneficiava ambas as partes. Era...

Saco, o olhar de Meredith – *sua* Meredith, a garota que estava sempre à frente dos professores de matemática na escola, encontrando todos os furos na lógica das coisas, a mulher que alçara voo com a maior tranquilidade no curso de arquitetura e que sempre sabia o que Jordan estava sentindo uma fração de segundo antes de a própria Jordan se entender. Ela conhecia aquele olhar.

Mas Astrid... era *Astrid*. Aquela bi de primeira viagem, fofíssima e com dentes de vampira, que havia levado Jordan para um quarto e dito que queria *beijá-la*, que passara todas as noites daquela semana com ela. Não precisava fazer nada daquilo. Era impossível que tivesse manipulado Jordan a participar de uma grande tramoia, que a tivesse usado só para conseguir o que queria.

Não era?

Jordan sabia que Astrid estava desesperada para ver aquele projeto dar certo, que a mãe dela exercia algum tipo de controle emocional e profissional sobre ela e que a opinião de Natasha Rojas sobre Astrid poderia fazer sua carreira decolar ou não.

Sem inspiração.

Era o que Natasha dissera sobre o projeto original de Astrid... pouco

antes de ela sugerir uma parceria com Jordan, e antes de ela negar qualquer envolvimento romântico quando Natasha perguntou...

Não. Não, não, muitas outras coisas aconteceram antes disso, e depois também. Não era possível que tudo fosse parte de um plano.

Jordan sentiu um nó na garganta. Ar. Não conseguia inspirar. Era impossível respirar.

– Tá bom, tá bom, tá tudo bem – ouviu Meredith dizer. – Senta. Põe a cabeça entre as pernas.

De repente, Jordan estava sentada no chão, apertando a testa contra os joelhos, com a mão de Meredith massageando suas costas em movimentos circulares tranquilizadores.

– Tá tudo bem – repetiu Meredith. – Não é tarde demais. Você ainda pode resolver a situação.

Jordan levantou a cabeça.

– Eu não... não é isso que eu quero.

– Não é o quê?

Ela gesticulou, indicando a cozinha.

– Eu só quero que Everwood seja Everwood. Quero uma coisa que seja fiel à história da casa.

– Eu sei. – Meredith se sentou em frente a ela e dobrou as pernas. – E o seu projeto é fiel à casa, mas você precisa saber que não pode deixar Astrid tirar isso de você.

– Ela não tá tirando. Eu não quero...

– Jordan, só estou vendo uma mulher que se dedica de corpo e alma a uma coisa e se contenta em ceder tudo pra outra pessoa. Talvez seja bom perguntar pra si mesma *por quê*.

Jordan abriu a boca. Depois fechou. Não estava cedendo nada para outra pessoa. Tinha conseguido o que queria. A Pousada Everwood estava tomando forma do jeito que devia ser, e era uma chance de salvar o ganha-pão da família. Ela estragaria tudo se ficasse no centro das atenções. Trabalhava melhor nos bastidores. Astrid era a garota-propaganda. Não havia milhares de parcerias em todas as áreas de criação que eram exatamente assim? Ela e Astrid *eram* parceiras no projeto.

Mas, naquele momento... ela queria muito mais do que o projeto certo para Everwood.

Também queria Astrid.

– Preciso ir embora – declarou, levantando-se.

Por um instante, a cozinha girou, mas logo voltou ao lugar. Meredith também se levantou, com a mão no braço dela para firmá-la. Jordan se afastou.

– Espera – pediu Meredith. – Pelo menos me deixa te levar pra jantar.

Jordan balançou a cabeça. Precisava falar com Astrid, o quanto antes.

– Não dá.

Pegou o celular em cima do balcão e foi para a porta dos fundos. Bolsa. Precisava da bolsa. Da carteira de motorista. Da chave de Adora. Tudo isso estava na oficina.

– Pelo menos diz que recuperou o juízo – pediu Meredith.

Jordan parou à porta.

– Jo... Jordan. Eu me preocupo com você. Você merece...

– Você não tem direito de falar sobre o que eu mereço – retrucou Jordan.

Não se virou para olhar para a ex-esposa e não esperou pela resposta. O que fez foi abrir a porta de tela e mandar uma mensagem para Simon pedindo para ele mandar Meredith embora, enquanto corria pelo quintal e entrava na oficina. Depois saiu da garagem na maior velocidade que Adora conseguia fazer.



CAPÍTULO VINTE E SETE

ALÍVIO.

Essa era a única palavra com que Jordan poderia descrever a expressão de Astrid quando abriu a porta, trinta minutos depois, para encontrá-la na varanda da casa dela.

Além disso, Jordan meio que... se derreteu ao vê-la. Seus ombros, que ficaram tensos durante todo o trajeto até lá, relaxaram, e um suspiro sonoro saiu de seus pulmões.

– Oi – disse Astrid, e falou numa voz tão suave, tão doce, sem nenhum vestígio da frieza empertigada de antes, que Jordan sentiu o queixo começar a tremer.

Astrid percebeu. Era óbvio que sim. Ela estendeu a mão e puxou Jordan para dentro da casa e de seu abraço, passando as mãos em volta do pescoço e no cabelo. Jordan desmoronou ao encontro dela. Achava que estava cansada antes, mas, naquele momento, liberando toda a tensão do encontro com Meredith, sentia-se como um balão recém-esvaziado.

Deixou os braços envolverem a cintura de Astrid, que era um pouco mais alta, de maneira que pôde apoiar o queixo bem no ombro dela. Fechou

os olhos e relaxou, tentando descobrir o que dizer a respeito de... bom, de tudo.

– Desculpa – foi a primeira coisa que saiu de sua boca.

Astrid recuou, franzindo as sobrancelhas retas.

– Pelo quê?

Jordan balançou a cabeça.

– Por te deixar ir embora daquele jeito. Eu queria que você ficasse, mas não consegui...

– Olha – disse Astrid, envolvendo o rosto de Jordan com as mãos. – Tá tudo bem. Nós duas ficamos meio chocadas.

Jordan soltou uma risada amarga.

– Pois é.

– Você tá bem?

Jordan assentiu, mas, quando o fez, lágrimas marejaram seus olhos. Não conseguiu impedi-las. Foi como se todas as emoções que havia sentido ultimamente em relação à pousada, a Astrid e a Meredith por fim transbordassem.

– Ah! – exclamou Astrid, parecendo alarmada.

Por uma fração de segundo, tudo em Jordan ficou paralisado. Ela desviou o olhar, com a respiração trêmula sacudindo o peito. Era um daqueles momentos num novo relacionamento em que se descobre como alguém reage quando a gente perde totalmente o controle. Jordan já sabia que Astrid era uma mulher complicada – educada como a herdeira de um trono, reprimida até a alma. E então, com a teoria de Meredith a respeito dela flutuando pela mente, Jordan precisava mesmo que ela...

– Vem aqui – pediu Astrid com delicadeza.

Entrelaçou os dedos com os de Jordan e a levou até o sofá modular gigante e branco na sua sala de estar muitíssimo branca. Ela se sentou com Jordan, ainda segurando a mão dela, com uma perna apoiada no assento. Jordan ia rir e fazer um comentário a respeito do gesto, mas Astrid se inclinou para junto dela, acariciando a palma de sua mão com o polegar em círculos lentos e tranquilizadores.

Era isso.

Era isso que Jordan precisava que Astrid fizesse.

– Você quer falar sobre isso? – perguntou ela.

Jordan se apoiou no encosto do sofá, virando a cabeça para fitar os olhos dela. Ficou em silêncio por alguns segundos, procurando algum sinal da mulher manipuladora que Meredith havia retratado, mas só viu os olhos castanhos e ternos encarando-a, e a boca ligeiramente aberta de apreensão.

– Esqueci como era – contou Jordan.

– Como era o quê?

Jordan engoliu em seco com força.

– Ficar cara a cara com ela. As coisas que eu sinto. Quer dizer, não esqueci *de verdade*. Está sempre ali, sabe? Mas, nas últimas semanas, andei muito ocupada. Distraída. Talvez até feliz, sei lá.

Astrid assentiu. Estava com o braço apoiado no encosto do sofá, afagando o cabelo de Jordan com a mão, passando o polegar de leve na testa dela.

– E o que você sente?

– É como se...

Jordan exalou. Havia muitos sentimentos, mas um sobressaía aos demais. Desconfiava que fosse o que havia motivado quase todas as decisões que tomara naquele último ano.

– Como se nada do que eu fizesse fosse bom o bastante. Como se não merecesse ser feliz nem conseguir o que quero. Ela me lembra de tudo o que não sou, tudo o que ela viu e sabia a meu respeito, e foi embora assim mesmo. E aí ela falou um monte de merda sobre você, e eu...

– De mim? – Astrid ficou alarmada. – O que ela falou de mim?

Jordan suspirou, apoiando a cabeça na almofada. Não tivera a intenção de dizer aquilo. Não tivera nenhuma intenção de comentar o que Meredith achava de Astrid.

– Olha – pediu Astrid, afagando o ombro de Jordan. – Por favor, me conta.

Jordan pensou em se recusar a comentar, mas uma parte dela não queria. Uma parte bem grande, na verdade. Uma parte imensa, vulnerável e assustada queria falar e ser tranquilizada. Ela se concentrou nas próprias

mãos no colo, incapaz de encarar os olhos de Astrid enquanto falava.

– Ela sabe que boa parte do projeto da pousada fui eu que fiz.

Astrid baixou as sobrancelhas.

– Eu não contei nada – continuou Jordan. – É que ela me conhece. Conhece o meu estilo.

– Certo. E... ela não gostou disso, né?

Jordan finalmente encarou Astrid, que ainda estava aninhada ao lado dela, com os olhos arregalados e preocupados.

– Diz pra mim que isso é mais do que um trabalho.

Astrid piscou, aturdida.

– O que é mais que...

– Nós duas. Isso que... sei lá o que estamos fazendo. Não é só por causa do trabalho e do programa, né?

– Jordan...

– Não estou dizendo que a gente precisa ter uma conversa séria pra definir o relacionamento nem nada assim – explicou Jordan, sentindo a palma das mãos começar a suar. – É que eu... preciso... Acho que não...

Mas Astrid tocou a boca de Jordan com um dos dedos, impedindo que as palavras continuassem a fluir. Deixou a mão onde estava enquanto os olhos percorriam o rosto dela.

– É o seguinte – disse Astrid com firmeza. – Sei que a situação é complicada. A pousada. O programa. – Ela gesticulou entre as duas. – Nós duas. Mas eu gosto de *você*, Jordan Everwood. Eu quis beijar *você*, lembra?

Jordan assentiu, com os dedos de Astrid ainda apoiados de leve na boca.

– Você merece tudo o que há de bom, entendeu? – continuou Astrid. Sua voz chegou mesmo a soar lacrimante. – Você merece...

Deixou a frase por terminar, com um sorrisinho minúsculo curvando um dos cantos da boca. Jordan prendeu a respiração, sentindo o coração bater forte e desesperado pelo que quer que Astrid estava prestes a dizer.

Quando ela finalmente voltou a falar, a voz saiu num sussurro baixo e intenso:

– Você merece um destino, Jordan Everwood.

Jordan piscou enquanto a palavra se instalava em sua mente, em seu

coração. *Destino*. Essas sete letras sempre foram um conceito nebuloso, algo que ela *não era*. Nunca tinha pensado no próprio destino.

Mas, naquela hora, ao ouvir isso de Astrid Parker, dentre todas as pessoas, sentiu de repente que a palavra era... real. Parecia ensolarada, luminosa e quente, um sentimento cintilante no seu íntimo. Todas as dúvidas em sua mente – e em seu coração – sumiram. Começaram a parecer muito bobas enquanto ela estava ali, sentada ao lado de Astrid, aquela mulher que fingia ser dura e fria, mas que na verdade era a pessoa mais gentil e calorosa que Jordan conhecera em muito tempo. Ela só não demonstrava isso a todo mundo, e Jordan sentiu uma súbita onda de gratidão porque, por algum motivo, Astrid a havia escolhido. Ela a havia *enxergado*.

– Astrid – sussurrou ela, porque foi a única coisa que conseguiu dizer.

O sorriso de Astrid se ampliou.

– Fala de novo.

Jordan franziu a testa.

– O quê... o seu nome?

Astrid assentiu.

– Você sempre me chama de Parker. Só me chamou pelo meu nome mesmo uma vez, quando disse que eu não podia te beijar.

Relembrando todas as conversas, Jordan percebeu que Astrid tinha razão. Não tinha ideia de por que sempre usara o sobrenome, mas, naquela hora, a única coisa que queria fazer era dizer o nome daquela mulher várias e várias vezes, sussurrá-lo de encontro à pele dela.

Passou o braço em volta da cintura de Astrid e a puxou para o colo. Astrid arquejou, mas abriu as pernas, montando os quadris de Jordan, que colocou as mãos na lombar dela, abraçando-a com mais força, mirando-a nos olhos enquanto ela passava as mãos por seu cabelo, as unhas curtas raspando o couro cabeludo.

– Astrid – sussurrou Jordan, beijando o pescoço dela. – Astrid. – Um beijo abaixo da orelha. – Astrid. – Um roçar dos dentes na clavícula.

Astrid gemeu baixinho, inclinando a cabeça para trás, mas logo segurou o rosto de Jordan, separando as duas por tempo suficiente para colar sua

boca à dela.

No começo, o beijo foi delicado, como se Astrid estivesse selando a promessa de tudo o que acabara de dizer, mas logo mudou. A língua dela foi para dentro da boca de Jordan, os dentes mordendo o lábio, um gemido estremecendo no peito. As pernas dela abraçaram as coxas de Jordan com mais força, seus quadris ondulando em busca de pressão. Jordan a buscou também, o desejo já chegando a um nível crítico. A primeira transa das duas na despensa tinha sido ótima, mas Jordan ainda não havia gozado.

– Astrid – repetiu ela, mas dessa vez o nome era um pedido, com cada letra repleta de urgência.

Astrid recuou. Jordan quase gemeu em protesto, mas, então, pela segunda vez naquele dia, Astrid enfiou os dedos nas fivelas do macacão dela, abrindo-as com um tilintar delicado de metal. Jordan ficou olhando, com o calor se acumulando entre as pernas, enquanto Astrid baixava o macacão dela até a cintura, depois passava a perna para o lado, ficando de pé na frente dela. Então, puxou as roupas até ela erguer o traseiro do sofá, deixando-se despir, restando apenas o top esportivo roxo e a calcinha boxer preta.

Por um instante, os olhos de Astrid percorreram o corpo dela, com o macacão ainda pendurado numa das mãos. Então, lambeu o lábio inferior, e Jordan não pôde deixar de sorrir para ela. Finalmente, Astrid riu, nervosa, antes de largar o macacão e jogar todas as suas almofadas azuis e marfim no chão.

– Deita.

Jordan ergueu a sobrancelha, mas obedeceu. Sentiu um nervosismo delicioso ao ver Astrid se despir, tirando a blusa por cima da cabeça e atirando-a para trás, abrindo o zíper do shortinho preto para revelar aquela mesma calcinha de renda que Jordan mal tivera tempo de apreciar na despensa, considerando a velocidade com que a arrancara.

– Astrid... nossa! – exclamou, e começou a levantar o tronco.

Tinha que tocar aquela mulher, sentir o gosto dela, enterrar o rosto entre as pernas dela outra vez e gemer.

Astrid, porém, tinha outros planos. Ela montou nos quadris de Jordan e pôs a mão no peito dela, empurrando-a para que se deitasse de novo.

Jordan resmungou, e Astrid riu.

– Me deixa te dar prazer – disse Astrid, acima dela.

– Tá bom, sim, supertopo – respondeu Jordan, apoiando as mãos nos quadris dela. – Mas você não pode tirar a roupa assim na minha frente e achar que eu não...

– Posso, sim. – Astrid afastou as mãos de Jordan e esticou os braços dela acima da cabeça. – É a minha vez.

Jordan começou a protestar de novo, mas Astrid se abaixou e roçou aqueles dentes de vampira na clavícula dela.

– Nossa! – exclamou Jordan, sibilando enquanto Astrid repetia o gesto, mexendo os quadris.

Astrid soltou as mãos dela, mas, caramba, a essa altura Jordan faria qualquer coisa que a mulher pedisse, então manteve os braços acima da cabeça e a deixou fazer o que quisesse.

E o que ela queria era muito, muito bom.

Suas mãos desceram até segurar os seios de Jordan, passando o polegar sobre os mamilos já endurecidos. Ela não perdeu tempo, tirando o top de Jordan por cima da cabeça dela e depois arrancando o próprio sutiã. Jordan mal teve tempo para cobiçar os seios perfeitamente empinados de Astrid, com os mamilos grandes e marrons já duros e inchados de tesão, antes que ela os pressionasse contra o peito de Jordan, arrancando um gemido das duas.

– Nossa – disse Jordan, contorcendo-se no sofá. – Que gostoso.

– Ai, sim – respondeu Astrid, sem fôlego.

Ela se moveu em cima de Jordan, procurando atrito com seu centro de prazer, roçando os mamilos muito deliberadamente nos dela.

– Isso é...

Mas pelo visto não ia conseguir pronunciar as palavras. Seus olhos se fecharam, e gemidos transbordaram de seus lindos lábios.

Jordan estava prestes a explodir. Precisava pôr as mãos em Astrid naquele instante, precisava fazê-la gozar e gozar também; e, como era novidade para Astrid estar com alguém que tinha uma vagina, sentiu que precisava conduzir a ação.

Mas Astrid estava cem por cento decidida a não permitir isso. Assim que a ponta dos dedos de Jordan resvalou nos seios dela, que balançavam deliciosamente em cima de seu corpo, Astrid abriu os olhos, parou de rebolar e prendeu os braços de Jordan acima da cabeça outra vez.

– Eita, Astrid! – exclamou Jordan, mas estava sorrindo, adorando aquela atitude de “aqui quem manda sou eu”.

Astrid abriu um sorriso sacana, beijou-a uma vez – meu Deus, aquela língua – e começou uma lenta jornada para baixo. Parou nos seios de Jordan, beijando a parte de baixo de um deles enquanto aflagava o outro, gemendo e vibrando de encontro ao mamilo de um jeito que a fez gritar alguns impropérios, antes de chupar o mesmo mamilo com sua boca quente.

Mais impropérios. Mais sucção.

Astrid desceu mais, deixando um rastro de beijos e lambidas na barriga de Jordan, antes de finalmente abrir as pernas dela e se acomodar ali.

– Espera – pediu Jordan, ofegando como se tivesse acabado de correr uma maratona. Apoiou-se nos cotovelos. – Tem certeza?

Astrid franziu o rosto ao olhar para ela.

– Você não quer que...

– Não é isso!

Jordan arriscou um movimento, passando a mão no cabelo de Astrid, que permitiu o gesto.

– Eu quero, sim. Nossa, como quero, mas essa é a primeira vez que você... bom, você sabe.

– E daí?

Jordan sorriu ao ouvir isso.

– É. E eu quero que seja bom pra você.

– Está sendo. Eu quero.

Beijou o interior de uma das coxas de Jordan, depois da outra, mas em seguida parou e olhou para cima.

– Tá com medo que eu não mande bem?

– Quê?

– Assim, eu nunca fiz isso. E se eu for péssima?

Jordan riu, roçando as unhas no couro cabeludo de Astrid.

– Bom, sempre dá pra melhorar, é só praticar *muito*.

Astrid riu, mas suas bochechas ficaram rosadas. Foi tão fofo que Jordan quase deu um gemidinho.

– E duvido muito que você se saia mal – acrescentou.

– Andei lendo sobre isso – comentou Astrid em tom prático, apoiando-se num dos cotovelos. – E tenho certeza que consigo fazer um serviço razoável. Acho que...

– Peraí, peraí, peraí – disse Jordan, abanando a mão. – Você andou *lendo* sobre isso?

Astrid mordeu o lábio e franziu o nariz, assentindo.

– Lendo sobre como fazer sexo oral?

– Bom, não pesquisei instruções no Google nem nada assim, mas aparece na maior parte daqueles romances *queer* que ando lendo e, quando vi uns vídeos, achei...

– Puta merda, peraí, você viu pornô pra aprender?

O rosto já rosado de Astrid ficou vermelho, e ela apoiou a testa na coxa de Jordan.

– Talvez – admitiu ela, de encontro à pele.

Jordan gargalhou.

– Não gosto de me sentir incompetente, entende? – explicou Astrid, mas também estava rindo. – E agora que sei como é maravilhoso quando bem feito...

Ao ouvir isso, Jordan não conseguiu conter um sorrisinho presunçoso.

– ... quero que seja maravilhoso pra você também.

Jordan adorava aquela mulher. Simplesmente adorava. Astrid Parker vendo vídeo pornô para aprender a dar prazer para ela. Era engraçado, hilário até, mas também era insuportavelmente fofo, e Jordan não pôde deixar de inclinar o queixo de Astrid para poder olhar bem no rosto dela.

– Vai ser maravilhoso – assegurou Jordan, nem por um segundo querendo fazer pouco do empenho que Astrid dedicara àquele momento.

Então, obediente, recolocou os braços acima da cabeça e se deitou.

Astrid riu baixinho, respirou fundo algumas vezes e voltou à tarefa.

E, caramba, ela levou a tarefa muito, muito a sério. Começou por cima

da calcinha de Jordan, com dedos delicados e hálito quente, os polegares deslizando ao longo da dobra onde a perna de Jordan encontrava os quadris. Então a beijou bem no centro, por cima do algodão, delicada e firme ao mesmo tempo, e Jordan quase levitou do sofá. Já estava muito molhada, encharcada até, o que só aumentou quando a língua de Astrid começou a brincar com ela, girando sobre o sexo de Jordan em padrões aleatórios.

Na hora em que ela tirou aquela calcinha, Jordan já estava bem louca de desejo. Depois que ficou totalmente nua, percebeu Astrid parar, como se a estudasse, e resistiu ao impulso de se contorcer, deixando a outra se movimentar no próprio ritmo.

No começo, Astrid hesitou e, sim, foi um pouco desajeitada por alguns segundos, a boca aplicando uma pressão bem leve, a língua meio dura demais. Mas talvez só precisasse de uns instantes de treino, porque, de repente, Jordan não conseguiu mais manter as mãos no lugar – precisava tocar o cabelo de Astrid, puxar as mechas sedosas enquanto a outra colava a boca no sexo dela, inclinando a cabeça para beijá-la de um jeito, depois de outro, deslizando a língua da entrada para o clitóris. Ainda assim, como uma especialista, sempre parava antes de chegar àquele pequeno núcleo de nervos.

– Você aprende bem depressa – Jordan conseguiu sussurrar, palavras que logo se transformaram num gemido quando a língua de Astrid mergulhou dentro dela.

– O seu gosto... nossa – murmurou Astrid. – Eu nunca... isso é...

Mas não terminou a frase, e Jordan não se importou, porque Astrid a devorou com a língua, a boca e, meu Deus do céu, os dentes. Logo, os dedos também se juntaram à diversão, o polegar entrando e saindo de Jordan até o ponto em que ela sentiu que estava prestes a hiperventilar.

Sons baixos e agudos estremeceram pelo peito de Jordan enquanto ela chegava à beira do clímax. Suas mãos mergulharam no cabelo de Astrid, mas não a conduziram. Cada um dos movimentos foi todo de Astrid, cada gemido vibrante e deslizar dos dedos. Finalmente – caramba, finalmente –, ela fechou a boca em volta do clitóris de Jordan, alternando-se entre chupar e remexer a língua.

– Ah, Astrid! – gritou Jordan, com as coxas se tensionando em volta dela, gozando intensamente.

Astrid continuou mexendo a língua, mas num ritmo um pouco mais brando, esperando até que Jordan parasse de estremecer e os quadris voltassem a repousar no sofá para então interromper o contato. Mesmo assim, ficou ali, beijando a coxa e a pélvis dela, antes de passar outra vez por cima do corpo dela – parando por um instante para usar a língua e brincar com um dos mamilos de um jeito que quase fez Jordan gritar de novo – para se acomodar ao seu lado, arfando também.

Ela se apoiou num dos cotovelos e se alternou entre olhar para Jordan e morder o lábio. Estava com as bochechas vermelhas, e Jordan estendeu a mão para tocá-la no rosto.

– Foi surreal – murmurou.

Astrid expirou profundamente.

– Ah, é? Sério?

Jordan a abraçou e beijou, adorando o aroma, o sabor, a intimidade compartilhada e seus resultados.

– Você vai ter que me mostrar que tutoriais pornográficos andou vendo pra eu pegar umas dicas – pediu ela, ainda trêmula, como se tivesse sido atingida por um raio.

Astrid deu um tapinha de leve no braço de Jordan, mas riu e a beijou mais uma vez, aninhando a cabeça no ombro dela.

– Você não precisa de tutorial. Pode acreditar.

– Você... gostou? – perguntou Jordan, ficando um pouco tensa enquanto esperava a resposta de Astrid.

Mas não teve que esperar muito. Astrid deu-lhe um beijo no ombro, depois no pescoço, murmurando de encontro à pele:

– Adorei.

Jordan exalou o ar e afundou os dedos no cabelo de Astrid, esfregando o couro cabeludo em círculos lentos. Era gostoso ficar assim, naquele abraço pós-orgasmo, mas Astrid cravou as mãos na pele da cintura dela, mexendo os quadris apenas o bastante para mostrar que estava morrendo de tesão.

Felizmente, Jordan também não achava que precisasse de um tutorial

para resolver aquilo. Ainda deitada, afastou uma das pernas de Astrid, deslizou a mão por entre as coxas, entrando no calor úmido, e provou do que era capaz.



CAPÍTULO VINTE E OITO

OITO.

Essa era a quantidade de orgasmos que Astrid tivera até aquele momento, e era apenas sábado à tarde, um dia depois do sexo na despensa e da primeira incursão de Astrid no sexo oral com Jordan Everwood.

Não que ela estivesse contando.

Só que estava, sim, porque, afinal... *oito*? Não tivera tantos orgasmos com outra pessoa nem nos últimos oito *anos*.

No entanto, lá estava ela, Astrid Parker, nua e esparramada na cama, num emaranhado de lençóis, respirando profundamente e olhando para o teto enquanto terminava aquele espetacular número oito. Tinha certeza de que estava a um toque de precisar pôr uma compressa gelada no clitóris.

Essa ideia a fez rir, o som brotando do peito e saindo pela boca antes que pudesse impedi-lo. Aquelas últimas 24 horas tinham sido... bom, ela achava que nunca tinha se divertido tanto na vida.

– Tá rindo do quê? – perguntou Jordan.

Ela estava deitada ao lado de Astrid, gloriosamente nua e apoiada num dos cotovelos, passando a ponta dos dedos por toda a barriga da outra, com

aquela expressão cheia de si porque Astrid não tinha feito a menor questão de guardar em segredo sua contagem.

Astrid rolou de lado e se apoiou num dos braços, balançando a cabeça.

– É que agora eu sei por que a Natasha Rojas usa um colar de clitóris.

Jordan riu.

– Pois é, é maravilhoso.

– É, sim. Sabia que o clitóris tem mais de 8 mil terminações nervosas? É o dobro do que tem o pênis.

– Eu...

– E é composto por dezoito partes, uma mistura intrincada de tecido erétil, músculos e nervos.

Por um instante, Jordan ficou só olhando para ela e piscando.

– Você pesquisou o clitóris.

Astrid mordeu o lábio.

– Talvez eu tenha lido umas coisinhas.

Jordan passou o braço em volta da cintura nua de Astrid.

– Umas *coisinhas*?

– É um órgão fascinante, que não tem absolutamente nada a ver com a reprodução. Existe, literalmente, pra dar prazer. O clitóris é foda.

Jordan sorriu.

– “O clitóris é foda.” Posso bordar isso numa almofada?

Astrid bateu no braço de Jordan, gesto que logo se transformou num afago em volta do pescoço, e inspirou profundamente a pele dela.

– Isso é muito gostoso – disse Astrid, com o nariz colado ao cangote da outra.

Jordan beijou o alto da cabeça dela.

– É, sim.

– Eu nunca tinha feito isso.

Jordan riu.

– É, disso eu já sabia.

– Não, não... não o sexo. *Isso*.

Ela gesticulou, indicando o ambiente, onde taças de vinho já meio bebidas pontilhavam as mesinhas de cabeceira, roupas se esparramavam

pelo chão e havia toalhas no piso entre o quarto e a porta do banheiro, onde ela e Jordan haviam tomado banho juntas.

Duas vezes.

– Nunca tinha passado um fim de semana inteiro assim com alguém – explicou Astrid. – Transando, pedindo comida em casa e esquecendo o resto do mundo.

Jordan pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha de Astrid.

– Pra dizer a verdade, nem eu.

Astrid arregalou os olhos.

– Nunca? Nem com...

Não conseguiu dizer aquele nome e, de repente, teve uma vontade imensa de mudar de assunto. Com os comentários de Meredith sobre o projeto da pousada pairando no fundo da mente de Astrid a noite toda, sua preocupação era que ainda estivessem pairando também na mente de Jordan.

Queria silenciar aqueles pensamentos, cada palavra que Meredith dissera. Porque nada daquilo era verdade. Nem um pouquinho. Astrid não estava usando Jordan. Não mesmo. Ela *gostava* de Jordan.

Talvez até sentisse mais do que isso.

Abriu a boca para falar sobre outra coisa, mas Jordan franziu a testa e se deitou de costas, encarando o teto.

– A gente nem teve uma lua de mel de verdade. Passamos umas noites num apartamento no litoral, em Tybee Island, mas, mesmo assim, foi como se... Não sei. A gente transou umas duas vezes por dia. E foi legal, mas foi quase como... – Ela piscou, parecendo só então entender o que estava prestes a dizer pela primeira vez. – Foi como se a gente estivesse cumprindo tarefas numa lista. Coisas que a gente *tinha* que fazer por ter casado.

Astrid não sabia o que dizer. Estaria mentindo se dissesse que não estava um pouquinho feliz por aquela maratona sexual que estavam vivendo também ser novidade para Jordan, mas outra parte sua lamentava por ela, por todas as lembranças que a faziam se sentir como um item numa lista.

– Bom – disse ela, alinhando seu corpo com o de Jordan. Com os dedos, dançou pelos seios dela, descendo pela barriga e chegando ao tufo de pelos

entre as pernas, ainda molhados. – Eu não *tenho* que fazer isso.

Mergulhou um dedo. Jordan fechou os olhos.

– Nem isso.

Astrid inseriu mais um dedo e pressionou o clitóris de Jordan com a palma da mão.

– Ah – sussurrou Jordan, empurrando os quadris de encontro à mão de Astrid. – Você leu sobre esse truquezinho também, foi?

– Quem sabe? E não é que eu *tivesse* que ler.

Então, Astrid começou a fazer coisas muito, muito sacanas com os dedos, levando Jordan a se agarrar aos lençóis com tanta força que sua mão doeu por uma hora depois de ela ter gozado.



Na manhã de domingo, a contagem de orgasmos já chegara a dez. Astrid saiu do quarto flutuando numa névoa sexual tão espessa que demorou um pouco para perceber que Jordan havia coberto a bancada da cozinha com todo tipo de ingrediente de panificação.

Astrid se aproximou devagar, usando uma legging preta e uma camiseta verde-clara curta que deixava o umbigo de fora, peças que talvez tivesse comprado para fazer ioga, mas que sabia nunca haver usado.

Jordan estava usando a cafeteira, de costas, sem nada além daquele top esportivo e um short de pijama de Astrid.

Aquela visão meio que excitou Astrid. Ficou observando-a por um tempo, vendo Jordan batucar com os dedos na bancada de granito, com uma trancinha embutida entre os cabelos castanho-dourados bem na divisão natural, esperando o café terminar de passar.

Uma espécie de euforia aflorou no peito de Astrid.

– O que é isso tudo? – perguntou ela depois de finalmente conseguir se recompor e ser capaz de entrar na cozinha sem um sorriso absurdo nos lábios.

Mas, quando Jordan se virou e sorriu, a boca de Astrid se rebelou e se

escancarou completamente.

– Ah, você acordou – disse Jordan.

– Estou dolorida.

Astrid tocou os lábios de Jordan num beijo breve, abriu o armário acima da cafeteira e pegou duas canecas.

– Eu também. Quem diria que Astrid Parker era tão obcecada por sexo? Jordan deu um tapinha na bunda dela.

– Opa, acho que não sou só eu.

Jordan passou o braço em volta da cintura nua de Astrid e a puxou para si.

– Com certeza, não.

Astrid ia dar mais um beijo, meio que pronta para ir rumo ao orgasmo número onze, para dizer a verdade – caramba, talvez estivesse *mesmo* obcecada por sexo –, mas Jordan a soltou e saiu de perto.

– Nada disso, temos outros planos pra hoje de manhã – anunciou.

– Temos?

Astrid olhou para a bancada coberta de farinha, extrato de baunilha, açúcar refinado e mascavo, ovos, chocolate amargo e uma variedade de outros itens, todos parecendo recém-adquiridos. Guardava muitos ingredientes de panificação na despensa, mas tinha quase certeza de que a maior parte estava vencida.

– Você saiu pra comprar tudo isso? – perguntou.

Jordan assentiu, mordendo um canto do lábio.

– Pode ser que eu tenha me empolgado um pouco.

Astrid piscou, perplexa.

– Mas... por quê?

Jordan abriu um sorriso tímido.

– Quero que você cozinhe alguma coisa pra mim.

– Cozinhar alguma coisa.

Jordan assentiu.

– Você me contou que sonhava em ser padeira.

Astrid se lembrou daquela conversa na casa de Iris. Depois examinou os ingredientes que Jordan havia comprado, de repente sentindo o coração na

garganta e um formigamento na ponta dos dedos.

– Se eu fizer um bolo, você canta pra mim? – perguntou, cobrando a promessa que Jordan tinha feito em frente às prateleiras de arco-íris de Iris.

Jordan estreitou os olhos.

– Ah, você lembrou, é?

– Não sou de esquecer.

Jordan riu.

– Não é mesmo. Tá. Você faz um bolo pra mim e eu canto uma canção de amor pra você.

Astrid ergueu as sobrancelhas, com uma imagem tomando forma na mente. Jordan Everwood abraçando-a, com aquela voz rouca em seu ouvido, cantando uma melodia.

Uma canção de amor.

Ela queria mesmo aquilo.

– Combinado – respondeu.



A manhã deu lugar à tarde, a luz aumentou, depois diminuiu, e às quatro horas as bancadas da cozinha de Astrid estavam cobertas de doces.

Tinha preparado o bolo para Jordan. Um bolo simples de ovos, com cobertura de chocolate, que parecia ser o favorito dela. Mas, quando ela o experimentou e fingiu que ia desmaiar de tanto prazer, Astrid meio que... desabrochou.

A sensação foi mesmo a de ser um botão de flor recém-descoberto pelo sol. Foi como se tivesse esquecido tudo que acontecera antes daquele fim de semana – as expectativas da mãe, a pousada Everwood, o *Pousadas Adentro* e o pavor que vinha sentindo ultimamente quando pensava em todas essas coisas.

Em vez disso, lembrou como era se dedicar a algo que realmente amava. Tivera lampejos dessa sensação na Bright Designs, com uma parede de destaque particularmente criativa ou a satisfação que sentia quando um

cliente adorava o resultado de um serviço, mas todos aqueles momentos não eram nada comparados àquela... àquela *felicidade* que percorria suas veias quando mergulhava as mãos numa massa, quando media a quantidade certa de açúcar, manteiga e fermento e, em seguida, via tudo se juntar numa criação totalmente nova.

Era como magia.

Naquela tarde, Jordan foi sua obediente cobaia e assistente, usando um avental de algodão verde e branco, passando os ingredientes, lavando tigelas e copos de medição, dando beijos na testa de Astrid com as mãos em sua cintura enquanto ela batia claras para fazer um merengue francês.

Logo a cozinha estava tomada por três bolos inteiros, uns dez bolinhos de abóbora com maçã – cujo sabor levou Jordan a emitir sons orgásticos que fizeram Astrid se sentir capaz de voar –, uma fornada de brownies de chocolate amargo e canela e duas dúzias de biscoitos de aveia e caramelo.

– Puta merda! – exclamou Jordan, liquidando um biscoito. – Você mais do que fez por merecer uma canção de amor.

Astrid sorriu para ela, com as mãos doloridas nos quadris. Havia farinha espalhada nos braços e nas bochechas dela, e todos os músculos do corpo pareciam querer se encolher de câibra, mas “puta merda” era a expressão certa. Ela inspecionou o próprio trabalho e deu uma mordida num biscoito.

– A gente devia levar uns desses pra Claire e pra Iris – comentou, mastigando e dando batidinhas com o dedo na borda dourada do biscoito. – Quando a gente era criança sempre fazia esses biscoitos.

Jordan assentiu e pulou da banqueta onde passara a última hora empoleirada, bebendo vinho branco e roubando guloseimas assim que saíam do forno.

– Então bora.

Astrid abriu uma gaveta para procurar alguns potes, mas, assim que fechou os dedos em volta de um pote, a campainha tocou.

– Eu atendo – disse Jordan, espanando a farinha das mãos e engolindo outro biscoito. – Você embala os biscoitos.

Ela foi em direção à porta enquanto Astrid guardava os biscoitos no pote. Sorriu, pensando em qual seria a reação de Iris e Claire. Fazia anos que

não comiam aqueles biscoitos, talvez desde a adolescência. Seria...

– Olá. Quem é você?

A voz de Isabel Parker-Green se infiltrou pelo corredor como gelo a se espalhar sobre plantas verdejantes.

Astrid ficou congelada, a mente catalogando depressa quantos telefonemas da mãe vinha evitando nas últimas semanas.

Ouviu Jordan se apresentar a Isabel, que não ofereceu nada além de “entendi” em resposta. Nenhum “prazer em conhecer você”, nem mesmo “sou a mãe de Astrid”. Nada.

Astrid sabia que precisava salvar Jordan do inferno gélido para o qual sua mãe provavelmente a estava arrastando, mas seus pés pareciam colados ao chão, as mãos grudadas no puxador da gaveta.

– Hã, Astrid está na cozinha – disse Jordan.

Não houve resposta. Apenas o clique-clique rápido dos sapatos de salto de Isabel no assoalho. Logo ela apareceu com sua combinação impecável de calça preta cigarrete e blusa de seda rosa-escura, o cabelo tingido de loiro penteado à perfeição.

Astrid piscou, perplexa. Por uma fração de segundo, poderia ter jurado que a pessoa à porta era *ela mesma*, porém com mais algumas rugas ao redor da boca e dos olhos. Será que também lutaria contra elas quando chegasse a hora? Aplicaria botox no rosto até que mal conseguisse expressar emoções?

– Oi, mãe – conseguiu dizer, balançando a cabeça para esfriá-la.

Em resposta, Isabel ergueu as sobrancelhas, observando a bagunça da cozinha. Havia açúcar e carboidratos por toda parte, montinhos de farinha no chão, e a pia estava lotada da última leva de tigelas e colheres lambuzadas de massa.

– Astrid, o que está acontecendo com você? É o segundo fim de semana seguido que você não comparece ao brunch e, esta semana, nem se preocupou em mentir sobre por que não pôde ir.

Ai, merda. Era domingo. E ela havia esquecido completamente o brunch.

– Achei que você tivesse morrido – continuou Isabel. – Liguei para o seu celular, mas a ligação foi direto para o correio de voz.

O celular. Astrid nem sabia onde estava o aparelho, muito menos quem tentara ligar naquelas últimas 48 horas.

– Desculpe – disse ela, enxugando as mãos no avental.

Jordan apareceu atrás de Isabel, com os olhos arregalados de preocupação.

Meu Deus. Jordan. Ela ainda estava usando apenas um top esportivo e o short de Astrid e... tinha aberto a porta naquele estado. Não era à toa que Isabel tinha entrado imediatamente em modo megera.

– Vamos conversar na varanda dos fundos – disse Astrid à mãe. – Quer tomar alguma coisa?

– Não.

Isabel desfilou em direção à porta dos fundos, agarrando sua bolsinha Prada com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

Astrid engoliu em seco, afrouxando o nó na garganta. Ou pelo menos *tentando*. Aquele nó estava decidido a cortar seu suprimento de ar, e ela ficou tentada a permitir.

– Você tá bem? – perguntou Jordan. – Desculpa, eu não sabia o que dizer pra ela.

Astrid se limitou a assentir, tentando ajeitar o cabelo, o que também era uma causa perdida. Ela o havia lavado nos últimos dias – ou melhor, Jordan tinha lavado para ela –, mas depois o deixara secar naturalmente, resultando numa bagunça meio lisa, meio ondulada.

– Volto já – avisou.

Quando passou, Jordan estendeu a mão para pegar a dela. Astrid a deixou fazer isso, mas não conseguiu olhar para ela. O pavor tinha substituído cada porção de felicidade, e não queria que Jordan visse esse lado dela.

Lá fora, o sol estava apenas começando a espalhar seu ouro pela grama. O pôr do sol ainda estava distante, mas o dia escurecia. Geralmente, era a hora favorita de Astrid, quando tudo começava a mudar de cor e a se tranquilizar. Naquele instante, porém, com a mãe apoiada no guarda-corpo da varanda dos fundos olhando para o quintalzinho de Astrid, ela sentiu tudo, menos tranquilidade.

Sentiu um frenesi, um pânico que nem compreendia por completo se espalhando pelos braços e pernas.

– Me desculpe pelo brunch – pediu ela. – Perdi a noção do tempo e...

– Quem é aquela mulher? – perguntou Isabel.

Astrid ficou paralisada. Isabel sabia exatamente quem era.

– Jordan Everwood.

– E por que a mulher para quem você tecnicamente trabalha está na sua casa, vestida como se estivesse numa festa do pijama?

Não era assim que imaginara aquela conversa. Se bem que, na verdade, não tinha imaginado nada. Sabia que acabaria saindo do armário para a mãe... como quer que isso acontecesse, mas ainda não tinha pensado no processo. Não tivera tempo. Ela e Jordan estavam apenas começando. Entre a pousada e aquele fim de semana que a deixara completamente atordoada, ainda não havia calculado como a mãe reagiria à sua sexualidade recém-descoberta.

Não estava pronta para aquele momento.

Mas, ainda assim, o momento havia chegado. Podia mentir, mas, se fizesse isso, nunca mais conseguiria encarar os olhos de Jordan nem o espelho.

– Porque estou ficando com ela – respondeu antes que perdesse a coragem.

Isabel se virou com uma sobrancelha erguida.

– Está.

Não era uma pergunta. Mas, com aquela única palavrinha, Astrid sentiu que a mãe tinha acabado de fazer uma espécie de declaração existencial.

– E você acha mesmo que isso é apropriado, considerando o estado atual da sua empresa? – continuou Isabel. – E a sua reputação nesta cidade como mulher de negócios séria?

Astrid engoliu em seco.

– Eu...

– Ela é uma Everwood, Astrid. Você está redecorando a Pousada Everwood. Em rede nacional. Como acha que vai ficar sua imagem? Acha mesmo que vai conseguir outros clientes depois que descobrirem isso?

– Quando descobrirem o quê, mãe? Que estou ficando com uma cliente ou que estou ficando com uma mulher?

Isabel franziu os lábios.

– Quando descobrirem que está ficando com a mulher que é a verdadeira designer desse projeto.

Aquelas palavras demoraram um segundo para atingir o alvo, como estilhaços em câmera lenta.

– Quê? – Astrid finalmente conseguiu perguntar.

– Você ouviu, Astrid. E essa expressão horrorizada só confirma o que pensava. Eu tinha razão.

– Como... como é que você...

– Sou coproprietária da Bright Designs. Tenho o direito de saber tudo o que você faz.

– Você... tem acesso ao meu projeto?

– *Sempre* tive acesso aos seus projetos, Astrid.

Era óbvio que Isabel tinha acesso à nuvem onde ela guardava todos os arquivos da empresa. Desde o começo, a mãe tinha supervisionado cada movimento, tudo em que a filha gastava dinheiro, cada planilha. Mas, nos últimos anos, a mãe não dera opiniões sobre nada, por isso Astrid presumira que ela não acessasse mais os arquivos, que finalmente confiasse nela.

Acontece que estava enganada.

Sempre estivera muito, muito enganada.

– Você ainda inspeciona todos os projetos que eu crio – afirmou Astrid em voz baixa. – Não é?

– É evidente que sim – respondeu Isabel com tom incrédulo. – Por que não faria isso? Sou sua mãe. É meu dever te proteger e garantir que seja bem-sucedida.

Astrid assentiu, mas as lágrimas ameaçaram transbordar. Quando Isabel falava assim, quase parecia amável, mas Astrid só ouvia que não era boa o bastante para trabalhar por conta própria. Que, sem o microgerenciamento de Isabel, fracassaria.

– Foi por isso que fiquei extremamente chocada quando examinei os arquivos hoje e vi um projeto bem diferente daquele design lindo que

aprovei algumas semanas atrás.

– Aprovou? Quando foi que você...

Mas Astrid parou de falar. Se Isabel não fazia nenhuma correção num projeto, ou em *qualquer coisa* na vida da filha, significava que dava seu aval. À moda Isabel Parker-Green.

– O que está acontecendo, Astrid? Esse projeto, que presumo que esteja executando, não é seu. Você nunca criou nada tão... espalhafatoso.

Astrid sentiu os ombros ficarem tensos.

– Não é espalhafatoso. É lindo. É exatamente o que a Pousada Everwood precisa, e eu...

– Mas não é seu, certo?

Astrid podia mentir. *Deveria* mentir. Mas Isabel já sabia a verdade e não esperou que ela respondesse. Só balançou a cabeça. A contração de desaprovação nos lábios foi como uma bala disparada contra o peito da filha.

E aí... Astrid sentiu o que aconteceu. A antiga Astrid – aquela que existia antes de Jordan, antes de Delilah, antes do término com Spencer, antes dos dez orgasmos e dos bolos que havia preparado até ficar com os dedos doloridos – tomou o controle. Ela ocupou seu lugar como uma chave que entra na fechadura, aquela Astrid jovem, assustada, triste e desesperada pelo amor da mãe.

– Ainda sou a chefe de design – declarou. – Tanto na frente das câmeras quanto no contrato. Ainda sou eu.

Isabel estreitou os olhos.

– E aquela mulher aceita essas condições?

Ela cuspiu a palavra *mulher* como se fosse um palavrão.

Astrid detestava aquele tom.

Detestava a pessoa em que se transformava na presença da mãe. Mas não sabia como *não ser* aquela pessoa. A mãe... era tudo o que Astrid tinha, sua única família, seu tudo durante a maior parte dos seus 30 anos de vida.

– Sim – ela se ouviu dizer com voz robótica. – Jordan aceita essas condições.

Um nó se alojou em sua garganta quando terminou a frase. Tudo no

fundo do peito gritava: *não, não, não, não*.

Porque Jordan não deveria aceitar nada daquilo. Meredith tinha razão. De repente, ficou muito óbvio o motivo da inquietação que sentia crescer desde o instante em que as duas decidiram seguir aquele plano. Astrid não era só a garota-propaganda numa parceria igualitária. Aquilo não era *igualitário*. Era...

Meu Deus, ela nem sequer conseguia formular aquele pensamento com nitidez. Porque, se o fizesse, o que aconteceria? O que seria do acordo que ela e Jordan tinham firmado, da farsa de que ambas precisavam?

Era disso que Astrid precisava se lembrar. Estavam fazendo aquilo por Jordan e pelos Everwoods, tanto quanto por ela mesma.

Não estavam?

Isabel bufou pelo nariz.

– Bom, sem dúvida torço para que saiba o que está fazendo. Não preciso informar o tipo de desastre que aconteceria se alguém descobrisse a verdade.

Astrid assentiu. A boa menina. A filha obediente.

– No que diz respeito a esse relacionamento – disse Isabel, olhando de relance em direção à sala de Astrid, onde Jordan devia estar perfeitamente à vista –, não me importa quem são suas companhias, Astrid. Não me importa mesmo. Você tomou uma decisão com Spencer e eu a respeitei, mas essa é a sua *vida*. O mundo não é tão gentil quanto você imagina, e torço para que não esteja deixando emoções novas e efêmeras ofuscarem seu discernimento. Sua reputação é quem você é, e precisa se controlar antes que se perca por completo.

E, com isso, Isabel Parker-Green passou pela filha sem dizer nem mais uma palavra, e foi embora.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

JORDAN VIU A MÃE DE ASTRID SAIR pela porta da frente sem dizer nem *adeus*, nem *vai à merda*, nem nada. Parecia uma flor de pessoa. Sabia que Isabel Parker-Green era difícil, mas caramba. As mãos da própria Jordan estavam tremendo, e ela mal tinha passado dois minutos na presença da mulher.

Sentou-se no sofá, observando Astrid na varanda dos fundos. Ela ainda não tinha entrado, nem sequer tinha se mexido desde que a mãe saíra, dez minutos antes. O que quer que tivessem discutido lá fora, havia sido breve e, considerando a forma como os ombros de Astrid se curvavam para dentro, não muito agradável.

Jordan se levantou. Depois sentou-se outra vez. Queria ir até Astrid, mas também queria dar privacidade a ela. Sabia o que era ter alguém a vigiá-la quando estava perdendo o controle, graças a seu irmão gêmeo.

Mas, também, por mais irritante que a preocupação de Simon fosse às vezes, ainda era um *carinho*. Era amor, e, poxa, era isso o que Jordan queria dar para Astrid naquela hora.

Ela se levantou de novo. Endireitou os ombros, foi em direção à varanda

e no caminho decidiu que provavelmente era uma boa ideia levar uma bebida para dar coragem. Então correu até a cozinha e encheu duas taças de pinot grigio. Devidamente abastecida, abriu a porta dos fundos, tentando não fazer barulho. Sair para a área externa foi como entrar em outro mundo. Fazia um calor de primavera e as nuvens se acumulavam no céu, mas negavam chuva, estendendo um manto leve de calmaria por sobre o dia que definhava.

Astrid não se virou. Continuou de frente para o quintal, mas Jordan viu os ombros dela relaxarem só um pouquinho.

– Oi – disse Jordan, aproximando-se e oferecendo uma das taças.

Astrid a aceitou e tomou metade de uma vez, estremecendo enquanto engolia.

– Caramba, foi tão ruim assim? – perguntou Jordan.

Tentou falar num tom leve, esperando que pudessem rir do momento em que ela abrira a porta da casa com pouco mais do que a roupa íntima, apenas para encontrar a mãe da sua ficante parada ali feito a Meryl Streep com a maior cara de tacho.

Astrid exalou o ar, trêmula, e tomou mais um gole.

– Tem algo que eu possa fazer pra ajudar? – perguntou Jordan.

Astrid balançou a cabeça.

– Eu contei pra ela que a gente tá ficando.

Jordan passou a mão no cabelo.

– Pelo jeito ela não gostou da notícia, né?

Astrid deu de ombros, ainda de olhos vidrados no quintal.

– Ela não ligou. Foi o que ela disse. “Não me importa quem são suas companhias, Astrid.” Essas foram exatamente as palavras que ela usou.

Dessa vez, foi Jordan quem tomou um gole de vinho. Em se tratando de sair do armário para os pais, até que aquela não era a pior das experiências. Tinha ouvido histórias de terror de sua comunidade lgbtq+ em Savannah, principalmente da geração X, pessoas cujos pais as expulsaram de casa ou as mandaram para acampamentos de “conversão”. Sabia que isso ainda acontecia e atingia jovens racializados e trans com muito mais força do que quaisquer outras pessoas.

Ainda assim, quando alguém reagia com “não me importa” a uma confissão tão importante, não era nada bom.

– Que saco – foi só o que Jordan conseguiu pensar em dizer.

Astrid assentiu.

– Mas com a minha reputação ela se importa.

– Com o que as pessoas vão achar de você ficar com uma mulher?

– Com o que...

Astrid deixou a frase por terminar, entrando num momento de introspecção. De repente, Jordan sentiu que ela estava a quilômetros de distância.

– Olha – disse Jordan, encostando o ombro no dela. – Ficar com alguém de quem você gosta não vai arruinar sua carreira. É...

– Ela não tava falando disso – respondeu Astrid.

Afastou-se do guarda-corpo e começou a andar devagar pela varanda. Levou seu vinho, mas parecia ter esquecido que a taça estava em suas mãos, agitando o líquido amarelo-claro enquanto caminhava.

– Ela tava falando de mim. De quem eu sou. E talvez tenha razão. Quer dizer... – Ela gesticulou, indicando a si mesma. – Olha pra mim. Eu sou... sou um desastre. Não estou concentrada no trabalho, meus projetos não têm *inspiração*, a pousada é meu único projeto no momento porque não me dedico o suficiente. Está tudo desmoronando, e talvez já esteja assim há muito tempo, mas achei que conseguiria... achei que conseguiria salvar minha carreira com a pousada. Mas, nos últimos tempos, estou... estou...

– Feliz – afirmou Jordan, e Astrid ficou paralisada. – É assim que você está nos últimos tempos. Não reparou?

Astrid balançou a cabeça.

– Você não entendeu. Você não...

– Eu não o quê? Não tenho trabalho?

Jordan sentiu o sangue ferver. Tentou manter a calma, mas estava testemunhando a mulher que assistia a vídeos pornográficos só para ter certeza de que Jordan sentiria prazer se desintegrar bem diante dos olhos dela.

– Não tenho uma mãe pé no saco pra agradar?

– Isso não é justo.

– Ah, não? Mas é justo declarar que ficar na minha companhia, ter uma parceria comigo, fazer coisas que você obviamente adora – declarou, estendendo o braço para trás, em direção a todas as sobremesas que ocupavam a cozinha – é um erro, só porque *a sua mãe* não gostou?

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Olha, acho que foi, sim. Acho que você tá tão perdida que não sabe quem é nem o que quer. E está deixando sua mãe decidir por você, que nem uma covarde.

Jordan só conseguia ouvir o próprio sangue pulsando nos ouvidos. O arrependimento lhe apertou o peito, mas não conseguiu retirar o que dissera. Nem sabia se faria isso. Aqueles últimos dias com Astrid foram uma revelação. Vê-la ganhar vida só demonstrava quanto ela vivera infeliz com quase tudo em sua vida. O trabalho, a família. As amigas eram a única coisa que provocava um sorriso sincero nos lábios de Astrid, a única coisa que revelava seu grande coração e seu espírito amável. Porque ela os escondia em literalmente todos os outros aspectos de sua vida, e por qual motivo? Por causa de uma mãe que nem parecia *gostar* muito dela. Jordan detestava isso. Detestava ver tudo acontecer na sua frente.

Não queria perder a Astrid que tinha descoberto.

Porém, aquela *outra* Astrid diante dela era diferente. Mais tensa. Mais reservada. Uma mulher desapaixonada com um vestido lápis cor de marfim, que estava parada feito uma pedra, com as pontas dos dedos brancas de tensão ao segurar a taça de vinho.

– Vai à merda – disse Astrid finalmente, tão baixinho que Jordan quase não a ouviu. – Você não sabe do que está falando. Teve mãe e pai a vida inteira. Tem uma avó que te adora. Um irmão gêmeo que morreria por você. Sei que também teve problemas de família, Jordan, mas sempre teve várias pessoas pra te ajudar a passar por eles. Eu tive a minha mãe. E só. Só eu e ela, desde os meus 3 anos até agora.

Quando falou, ela o fez trincando os dentes, com a mandíbula tão travada que parecia pronta a se partir, faíscas brilhando nos olhos. Jordan só conseguiu olhar para ela, calada, como se estivesse vendo uma fênix se

consumir em chamas.

– Minha mãe perdeu dois maridos em sete anos – continuou Astrid. – Eu perdi dois pais. Vi minha mãe sucumbir ao luto, morrendo de medo que ela desaparecesse também e deixasse a Delilah e eu sozinhas. Aí a Delilah ficou triste demais pra conseguir ser minha irmã, então, pois é, fiquei meio dependente da minha mãe. E ela se esforçou muito pra garantir que eu fosse quem deveria ser. Cuidou para que eu fosse *excelente*. Porque quando você é excelente, quando é bem-sucedida, ninguém pode tomar isso de você. Seu nome e sua reputação não te abandonam, desde que você tenha cuidado.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Astrid, embora Jordan achasse que ela não soubesse que estava chorando.

– Então, que se foda essa sua teoria, Jordan. Eu só me perco se falhar. Só me perco se tudo pelo que trabalhei virar pó, porque a minha mãe tem razão. É a minha *vida*. Quem sou eu sem a minha vida? Sem a minha *mãe*? Se a minha própria mãe acha que não posso ser bem-sucedida, que não posso ser alguém importante, então, quem...

– Astrid – murmurou Jordan.

Também queria dizer outras coisas. Queria dizer “gata” e “meu bem”, mas Astrid recuou quando ela tentou se aproximar, levantando as mãos num gesto de aviso.

– Sem uma mãe que acredite em mim, quem sou eu? Quem é qualquer pessoa sem essa coisa tão básica, Jordan? Pra que serve tudo isso?

A respiração dela saía com dificuldade, ficando mais áspera e entrecortada a cada segundo. Seus olhos estavam arregalados, como os de uma criança apavorada.

– Quem... quem... sou eu? Quem sou eu, Jordan? Quem...

Jordan viu o pânico transbordar. Astrid inspirou com força, parecendo sentir dor, como se um punho tentasse socar seu corpo para arrancar todo o ar dele de uma vez.

– Não, não, não! – exclamou Jordan.

Ela correu para pegar a taça de vinho da mão dela e deixá-la na mesa da varanda. Então tomou a mulher trêmula e ofegante nos braços, esperando que ela não resistisse.

E Astrid a aceitou, desabando ao encontro de Jordan como uma boneca de pano, os soluços sôfregos irrompendo da garganta contraída, as mãos cobrindo o rosto. Jordan a abraçou, afagando suas costas em movimentos circulares.

A crise de Astrid passou pela mente de Jordan em reprise, toda a raiva e a tristeza misturadas, e não tinha ideia do que fazer quanto a nada daquilo. Não sabia como ajudar, a não ser simplesmente abraçando-a e esperando.

Logo a respiração de Astrid se normalizou. Ela recuou e soltou Jordan. Estava de olhos vermelhos e inchados, o cabelo um desastre total para os padrões dela. Mas, mesmo naquele estado, continuava linda, provocando em Jordan uma sensação terna e leve em seu íntimo, translúcida como as asas de uma fada.

E foi assim que Jordan *entendeu*, tal como compreendia que Simon era seu irmão ou que a gravidade da lua influenciava as marés.

Estava apaixonada por Astrid Parker. Estava cem por cento e perdidamente apaixonada, pronta para tomar decisões absurdas por ela.

– Acho que estou te devendo uma canção de amor – sussurrou Jordan, sentindo tudo em seu corpo tremer. Mesmo assim, estendeu a mão.

Os ombros de Astrid relaxaram, e seus olhos ainda marejados ficaram ternos, com novas lágrimas aflorando. Ela pegou a mão de Jordan, que a puxou para junto dela, passando um braço em volta da cintura nua e usando o outro para encostar a palma da mão de Astrid contra o coração. Então, começou a dançar, balançando em círculos lentos enquanto a primeira canção de amor que apareceu em sua cabeça fluiu boca afora: “Your Song”, de Elton John.

Astrid sorriu de encontro ao pescoço de Jordan.

– Você canta igualzinho ao Ewan McGregor em *Moulin Rouge*!

– Ô, se canto.

– Você sabe mesmo cantar.

– Shh – disse Jordan, girando-as, com a boca encostada à mandíbula de Astrid. – Estou cantando pra minha namorada.



CAPÍTULO TRINTA

NA SEMANA SEGUINTE, ASTRID TRABALHOU.

Trabalhou como nunca havia trabalhado na vida.

Todas as manhãs, às sete horas, chegava à pousada, cuidava de burocracias e encomendas. Então, assim que a equipe chegava, começavam as filmagens. Ela filmou a entrada dos eletrodomésticos na cozinha, a pintura de uma flor delicada no teto inclinado do quarto de hóspedes no térreo, e uma conversa preocupada com Josh e Jordan sobre a varanda dos fundos, metade da qual iam transformar num solário, que tinha graves problemas estruturais e que teriam que reconstruir do zero.

Fez tudo isso com o sorriso sempre radiante – menos quando se esperava que ela fizesse cara feia –, com a respiração perfeitamente calma e regular no peito.

Astrid filmou – e mentiu.

Preciso que essa cornija dê certo, Josh.

Acho que essas flores vão criar uma atmosfera de jardim inglês que os hóspedes vão adorar.

Sei que você tinha dúvidas sobre essa banheira em tom de ouro velho,

Natasha, mas eu acertei, não?

Mentir. Sorrir. E mentir mais um pouco.

Era óbvio que ela e Jordan estavam mentindo havia semanas, desempenhando um papel diante das câmeras e outro bem diferente nas horas vagas. Mas, depois daquele fim de semana juntas e da visita de Isabel, tudo que dizia respeito à pousada parecia carregado de tensão. Cada palavra, decisão e cara feia ensaiada.

Astrid dizia a si mesma que ela e Jordan estavam juntas naquele plano. Dizia a si mesma que mentia por Jordan e pelo sucesso de Everwood, tanto quanto mentia por si mesma. Mas, a cada dia – quando andava pela casa, vendo-a se transformar diante dos olhos em algo que nunca poderia imaginar, quando pegava Jordan olhando para a tela do laptop, revirando o projeto com um olhar melancólico que sumia assim que Astrid anunciava sua presença –, isso também começava a parecer mentira.

Então ela trabalhou.

Trabalhou e, quando o trabalho ficava pronto, trabalhava um pouco mais.

Às cinco da tarde, encontrava Jordan e beijava aquela boca de botão de rosa. Sentia seu cheiro, desesperada para ficar com ela, mas tinha muito trabalho a fazer. Ia para o escritório e redigia newsletters para mandar aos clientes atuais e potenciais. Vasculhava a internet em busca de projetos futuros, preparava discursos de venda, fazia lista após lista de pessoas para quem ligar, mandar e-mail, procurar.

Finalmente, chegava em casa por volta das dez, tomava banho e tentava não pensar em Jordan, não pensar no que estava fazendo com ela, tirando dela, e tentava não telefonar só para ouvir sua voz.

Geralmente falhava.

E, assim que ligava, Jordan ouvia como sua voz estava apreensiva – porque Astrid havia passado as dezoito horas anteriores tentando esconder aquele som minúsculo e desesperado, e simplesmente não conseguia mais fazer isso com as palavras brandas, gentis e confiantes de Jordan nos ouvidos. Então Jordan chegava, levando-a para a cama, e Astrid conseguia por fim respirar de verdade pela primeira vez no dia.

– Você está trabalhando demais – afirmou Jordan na noite daquela quinta-feira, passando a mão no cabelo de Astrid enquanto se aninhavam debaixo do edredom branco.

Dez minutos antes, Jordan havia entrado na casa e encontrado a namorada sentada no box do chuveiro, totalmente adormecida. Depois, seca e vestida com uma camiseta branca, Astrid mal conseguia manter os olhos abertos para conversar.

– Estou bem – respondeu.

Jordan suspirou e deu um beijo na cabeça dela.

– Não está, não.

Astrid não respondeu. Fingiu já ter adormecido, mas as palavras de Jordan se alojaram em sua mente.

Astrid estava bem.

Aquele era seu jeito de ser. Trabalhava muito e por várias horas. Era bem-sucedida. Já havia conseguido dois projetos para o verão – um novo consultório para uma ginecologista que queria uma atmosfera de spa e um pequeno bangalô na Amaryllis Avenue – e, durante as horas de trabalho em Everwood, seu comportamento era equilibrado e profissional.

Mas era seu jeito mesmo?

Já não sabia ao certo.

Quando sentiu Jordan adormecer encostada a ela, a respiração se tranquilizando com o sono, Astrid se virou para olhar a namorada de frente, como tinha feito todas as noites daquela semana, tocando seu rosto élfico com a ponta dos dedos. O sono fugiu de Astrid. Em vez de dormir, viu os olhos de Jordan se movimentarem, sonhando. A mulher por quem tinha quase certeza de que estava apaixonada e cujo projeto estava dizendo que era seu. E Astrid chorou.



Na manhã da sexta-feira, estava tão exausta que mal conseguiu se levantar. Sabia que tinha uma aparência péssima e que estava confiando um pouco

demais em Darcy, que fazia mágica ao sumir com suas olheiras. A agenda de filmagens do dia estava lotada. Iam começar no Quarto Azul com a instalação das vigas de madeira rústica que cruzariam o teto, bem como a parede em padrão espinha de peixe. Depois, Natasha e os Everwoods iam à sociedade histórica da cidade para captar imagens de alguns artefatos de Alice Everwood que a instituição mantinha em mostruários de vidro.

Astrid já estava no Quarto Azul, revisando o projeto mais uma vez, verificando se todos os materiais tinham sido entregues. O iPad tremia em suas mãos. Provavelmente já tinha tomado café demais naquela manhã, mas nos últimos dias a cafeína era a única coisa que a mantinha alerta.

– Oi – disse Jordan ao entrar carregando sua mala de ferramentas.

– Oi – respondeu Astrid, sem tirar os olhos da tela.

Sentiu mais do que viu Jordan ficar parada, como se estivesse esperando Astrid olhar para ela.

Astrid não olhou.

Não conseguiu.

Ultimamente era difícil fazer contato visual. Não que já tivesse sido fácil para ela, mas naquela semana mal conseguia encarar os olhos de Jordan sem começar a sentir um aperto na garganta.

Astrid detestava aquilo, mas não sabia mais o que fazer. Precisavam terminar a reforma e as filmagens. Depois disso, ela e Jordan poderiam começar do começo. Quando aquilo acabasse, tudo voltaria ao normal.

Essa ideia deveria ser reconfortante, mas, de alguma forma, só fez Astrid ter vontade de gritar. Seu lábio inferior ameaçou tremer, então ela apertou a mandíbula com tanta força que entendeu que ao meio-dia estaria com dor de cabeça.

– Oi – repetiu Jordan, mas, desta vez, estava bem ao lado de Astrid.

Colocou as mãos nos ombros dela, virando-a de modo que a outra não teve escolha a não ser fitá-la nos olhos.

Meu Deus, como ela era linda. Astrid absorveu a visão e, quase contra sua vontade, sentiu-se respirar profundamente, trêmula.

Jordan franziu a testa e levantou as mãos para emoldurar o rosto de Astrid.

– Meu bem – disse ela, e nada mais.

Só uma expressão, simples e terna, mas bastou para quase partir Astrid ao meio.

– Vamos pra algum lugar neste fim de semana – sugeriu Jordan.

Astrid se esforçou para manter a voz normal.

– Pra onde?

– Qualquer lugar. Quem sabe Winter Lake? Aposto que o Josh consegue arranjar um chalé pra gente alugar. A gente pode marcar um encontro de verdade e ver umas comédias românticas horríveis. – Ela passou os braços em volta da cintura de Astrid, encostando a boca no pescoço dela. – Dormir até o meio-dia. Beber vinho barato. Transar na varanda.

Astrid riu.

– Na varanda?

Jordan mordiscou o pescoço dela.

– A gente aluga um chalé isolado.

Astrid fechou os olhos e se deixou devanear. A ideia parecia perfeita. Parecia o tipo de vida que ela queria.

– Tá bom – pegou-se dizendo.

Jordan se afastou.

– Tá bom?

Astrid assentiu, e Jordan a beijou. Astrid envolveu o pescoço dela com os braços e correspondeu ao beijo. Beijou com mais força, depois ainda mais, como se a pressão das bocas fosse a solução de todos os problemas.

Talvez fosse.

Astrid estava pronta para encerrar o dia e levar Jordan para casa consigo quando alguém pigarreou na porta. As duas pularam de susto, separando-se, mas relaxaram um pouco quando viram que era Simon.

– Desculpem por interromper – disse ele. – Natasha acabou de chegar e quer fazer uma reunião com todo mundo na biblioteca.

– Sobre o quê? – perguntou Jordan, com a mão ainda segurando o quadril de Astrid como se tivesse medo de que ela flutuasse para longe.

– Não sei, mas ela está com aquela cara calma e assustadora que faz quando não está gostando de alguma coisa.

Astrid sentiu o estômago dar uma cambalhota... e depois outra. Olhou para Jordan, mas só por um segundo. Não devia ser nada de mais. Natasha era famosa por ser meticulosa. O mais provável era que houvesse algum detalhe nas sancas que não estivesse à altura do restante ou um arranhão numa parede recém-pintada.

Ainda assim, até essas hipóteses faziam a mente de Astrid girar. *Ela* era a chefe de design. Tinha que ser detalhista e cuidar para que tudo ficasse perfeito.

O trio desceu as escadas com Astrid fechando a retaguarda. Natasha já estava na biblioteca, franzindo a testa enquanto olhava para o celular. Pru também estava lá, assim como Emery, mas não havia mais ninguém da equipe.

Nem câmeras.

Natasha gostava de filmar tudo – cada interação, positiva ou negativa. Quanto mais instigante, melhor. Portanto, o fato de ela obviamente não ter a intenção de filmar aquela reunião fez o pulso de Astrid acelerar.

– Bom dia – disse Natasha depois que todo mundo entrou na sala.

Não havia cadeiras, nem móveis em que se apoiar, então formaram um círculo vago. Simon ofereceu o braço para Pru, e Astrid ficou ao lado de Jordan, com o calor do ombro dela vinculando-a à realidade.

– Vou direto ao assunto – continuou Natasha.

Porém, em seguida, ela simplesmente juntou as mãos, com o telefone entre as palmas, e encostou a ponta dos dedos na boca.

– Ontem à noite recebi um e-mail muito interessante – anunciou por fim. – Passei a noite toda tentando decidir o que fazer a respeito, mas só consegui pensar em simplesmente perguntar.

– Perguntar o quê? – retrucou Simon. – De quem era o e-mail?

– De alguém que não conheço – respondeu Natasha. – O nome dela é Meredith Quinn.

Jordan arquejou bruscamente. Astrid olhou para Natasha, piscando e meio que esperando que o cabelo dela se transformasse em cobras ou outra coisa fantástica, qualquer coisa que indicasse que estava sonhando.

– Meredith Quinn mandou um e-mail pra você – disse Simon, olhando

de soslaio para Jordan. – Por quê?

– Você conhece ela? – perguntou Natasha, firme e concisa.

– É minha ex-mulher – foi Jordan quem respondeu, franzindo a testa e baixando as sobrancelhas.

Ao ouvir isso, Natasha arregalou os olhos.

– Sua *ex*? – Ela bateu os dedos na tela do telefone. – Bom, isso é *muito* interessante.

– Por que a ex da Jordan mandou um e-mail pra você? – perguntou Emery.

– Excelente pergunta, Emery.

Era óbvio que Natasha estava zangada, mas Astrid não conseguia imaginar o motivo. *Por que* a ex de Jordan mandaria um e-mail para Natasha?

A menos que...

Astrid sentiu o estômago desabar. Disparou um olhar para Jordan, que de repente pareceu ficar verde.

– Por que você não lê o e-mail em voz alta pra nós, Jordan – pediu Natasha –, pra todo mundo tentar entender o que significa?

Ela ofereceu o telefone, que Jordan pegou com a mão trêmula.

Por um segundo, ficou ali, parada, de olho na tela enquanto lia em silêncio. Fechou os olhos, e um músculo ficou saliente em sua mandíbula.

– Vamos, Jordan – insistiu Natasha. – Não esconda de nós um assunto tão intrigante.

De repente, a respiração de Astrid ficou muito sonora, e ela teve que contrair os lábios para não ofegar.

– *Cara Sra. Rojas* – começou Jordan, com a voz rouca, e pigarreou antes de continuar. – *É do meu conhecimento que a senhora atualmente está filmando a reforma da Pousada Everwood em Bright Falls, Oregon. Há muito que admiro o seu programa e o seu trabalho, e sei que valoriza o talento e a dedicação. Em razão da sua integridade e reputação, qualquer designer de interiores que tenha destaque no seu programa deve receber inúmeras chances de crescimento no ramo. É, sem dúvida, uma oportunidade inigualável. Por isso, sugiro que investigue a autoria do projeto que está sendo executado na*

Pousada Everwood. Atenciosamente, Meredith Quinn.

O silêncio ecoou pela sala.

– Como assim? – indagou Simon por fim, rompendo a inércia do choque.

– É exatamente o que eu gostaria de saber – respondeu Natasha enquanto pegava o telefone de volta. – Jordan?

Astrid a observou, prendendo a respiração. Sabia o que Jordan diria, sabia que ela resolveria a situação. Daria um jeito, cuidaria para que todo mundo pudesse continuar com seus afazeres, o trabalho, o sucesso do programa. Quase viu as palavras se formando na mente de Jordan, e *sabia*, com toda a certeza, que precisava daquelas palavras. Todo mundo ali precisava. Precisavam que o programa assegurasse o futuro de toda aquela gente.

Mas Astrid não queria aquelas palavras.

Sua mente se agarrou a elas – as mentiras que haviam se tornado parte do seu trabalho –, mas seu coração as rejeitou. Ela viu a batalha interna de Jordan. Presenciava aquela luta havia *semanas*, vendo Jordan tentar conciliar seu papel como chefe de carpintaria com sua realidade como chefe de design. Vira Jordan se doar mais e mais, e Astrid a deixara fazer isso. E por quê?

Por quê?

Por uma mãe que nunca a enxergaria de verdade?

Por uma carreira de que nem gostava?

Não queria ser aquela mulher, alguém que deixava a pessoa amada desaparecer nos bastidores quando merecia brilhar. Não queria ser o tipo de filha que clamava tão desesperadamente pela aprovação da mãe que se perdia de si mesma.

Porque Jordan tinha razão.

Astrid estava perdida.

E precisava se encontrar. E tinha que fazer isso antes de desaparecer por completo.

– Não sei do que ela está falando – declarou Jordan.

A voz dela estava calma, mas Astrid sabia a verdade, percebendo um

leve tremor.

– Meredith é... ela é minha ex. A separação não foi tranquila, e eu... acho que ela está só tentando criar caso.

Natasha ergueu uma das sobrancelhas.

– Então isso é picuinha de ex rejeitada?

Jordan assentiu. Estendeu as mãos, mas elas tremiam. Astrid viu Pru franzir a testa.

– Sinto muito por isso – continuou Jordan. – Vou falar com ela. Meredith não vai te incomodar mais. Garanto que a autoria desse projeto é...

– Para – pediu Astrid; falou numa voz calma, mas o pedido deteve Jordan. Astrid ergueu o olhar para ela. – Já chega.



CAPÍTULO TRINTA E UM

JORDAN OLHOU PARA ASTRID.

– Chega... de quê? – perguntou ela.

Astrid fechou os olhos. Mesmo assim, Jordan não se mexeu. Ninguém se mexeu. Ninguém disse uma palavra. Por fim, Astrid ergueu os ombros, assentindo para si mesma enquanto respirava fundo.

Saco.

Jordan conhecia aquele olhar.

– Astrid, espera...

– Jordan é a chefe de design desse projeto – declarou Astrid. – Não sou eu.

Houve um silêncio horivelmente longo antes de Natasha inclinar a cabeça e perguntar:

– Como é que é?

– Ela merece o crédito – continuou Astrid – e todas as oportunidades que a participação no programa vai proporcionar.

– Astrid – repetiu Jordan, dessa vez num sussurro.

O choque levou as emoções de Jordan ao limite. Não conseguia respirar,

mas conseguiria dar um jeito na situação. Era só negar tudo. Bastava fazer isso para resolver o problema.

– Do que você tá falando?

– Não faz isso – respondeu Astrid, sem olhar para ela. – Sinto muito por ter deixado isso continuar por tanto tempo. Não sei...

Ela balançou a cabeça, cobrindo a boca com a mão.

E, com isso, Astrid deu as costas e saiu da sala. Ninguém a impediu, nem mesmo Jordan, enquanto tentava processar o que tinha acabado de acontecer e quais seriam as consequências. Percebeu o olhar de Simon, que a encarava como se nunca a tivesse visto. Lágrimas marejaram os olhos de Pru, que entrelaçou as mãos, cobrindo a boca. Natasha se limitou a ficar olhando, a boca ligeiramente aberta, como se estivesse tentando descobrir o que dizer ou fazer.

Jordan foi atrás de Astrid.

– Astrid! – chamou, alcançando-a no saguão. – Ô, Astrid, ô, espera aí.

Astrid não obedeceu e disparou em direção à porta da frente. Jordan teve que correr para alcançá-la de novo. Pegou o braço dela e a fez se virar.

– Não fala nada – pediu Astrid. – Por favor.

– É lógico que vou falar alguma coisa. O que você tem na cabeça? Por que fez aquilo?

– Você sabe por quê. Não posso... Desculpa, Jordan.

– Desculpa pelo quê? – Jordan abriu os braços. – A gente é parceira.

Astrid balançou a cabeça.

– Uma parceira não faz uma coisa dessas. Uma parceira não rouba o crédito e as oportunidades da outra. E não mente.

– Astrid – murmurou Jordan. – Você não... Não foi isso que você... – Mas não conseguiu terminar a frase, e ambas sabiam por quê.

Astrid soltou um soluço seco.

– Eu cheguei muito perto. Cheguei muito perto de tirar tudo de você. E sabe de uma coisa? Eu ia mesmo fazer isso. Acho que ia levar a farsa até o fim se a Meredith não tivesse mandado aquele e-mail pra Natasha. Isso é o que mais me dá medo. Isso é o que...

Ela esfregou a testa, suspirando entre as mãos.

– Não posso fazer isso.

– Fazer o quê?

Astrid gesticulou entre elas.

– Isso. Nós duas.

– Peraí – disse Jordan, sentindo o pânico tomar conta do peito.

Com certeza Astrid não estava falando do relacionamento, e sim do trabalho.

Não é?

– A gente pode resolver – continuou Jordan. – Fica calma, tá? Vamos pensar um pouco.

– Eu não quero resolver – respondeu Astrid com voz trêmula. – Você não entende? É isso que tem que acontecer. Tudo precisa desmoronar pra você poder começar de novo. Termina esse projeto como chefe de design, do jeito que deve ser.

– Astrid, eu não quero – retrucou Jordan, e sentiu a raiva aflorar para se juntar ao choque e à preocupação. – Eu te disse desde o começo que não queria.

– Mas quer, sim – respondeu Astrid com brandura. – Eu percebo o jeito como você olha pra tudo que criou. Você adora esse trabalho, Jordan. Só se convenceu de que não gosta porque acha que não merece.

– Eu... não é nada disso.

Mas algo dentro de Jordan, algo duro e resistente que ela construía em seu íntimo no instante em que Meredith tinha saído de cena e batido a porta na cara dela, um ano antes, começou a desabar.

Astrid deu um passo à frente e pegou o rosto de Jordan entre as mãos, encostando a testa na dela.

– Você *merece*, Jordan. Merece tudo o que há de bom.

Um pavor oco tomou conta do estômago de Jordan.

– Espera... Astrid, peraí. O que você tá...

Mas Astrid não a deixou terminar. Beijou a boca de Jordan uma vez... depois mais uma...

E então se afastou.

E, pela segunda vez na vida, Jordan viu a mulher que amava sair de cena.



Jordan ficou ali, encarando a porta da Pousada Everwood por um bom tempo, tanto que Simon precisou sair para procurá-la.

– Jordie? – chamou ele, pousando a mão delicadamente no braço da irmã.

Ela se virou para ele. Sentiu como o próprio rosto estava frouxo, esvaziado de qualquer emoção, mas não conseguiu reagir.

Astrid tinha ido embora.

Tinha abandonado Jordan.

– É verdade? – perguntou Simon.

Jordan deu as costas para ele, olhando para o quintal enlameado, piscando. Os paisagistas chegariam dali a duas semanas.

– O que é verdade? – perguntou ela.

– O projeto é seu?

Ela respirou, trêmula, e ergueu os olhos para observar o saguão, que haviam pintado de *Estrelas Vespertinas*, o mesmo tom do Quarto Azul. Era escuro e lindo, atraindo os hóspedes para o mistério da Pousada Everwood. Depois, acrescentariam um tapete grande cor de marfim, estampado com círculos em azul-marinho e amarelo-ocre, além de cadeiras sem braços em tons semelhantes debaixo de arandelas cor de âmbar.

Astrid tinha razão.

Jordan adorava o que tinha criado.

E adorava criar.

Naquelas últimas semanas, havia tentado não sentir nada disso. Era muito difícil amar algo que fizera e de que precisaria abrir mão, mas essa era a natureza da própria arte. Ela já havia feito isso com todos os móveis que tinha criado na vida e estava preparada para fazer o mesmo com aquele projeto. Era a única opção que fazia sentido, a única forma do *Pousadas Adentro* dar certo para todas as pessoas envolvidas.

Porque Jordan não era uma designer de interiores.

Era só uma carpinteira que amava a casa de sua família e que

esculhambava tudo em que tocava.

Inclusive a Pousada Everwood. Porque sabia que era o fim: Natasha não aceitaria mais filmar Astrid como chefe de design, e já tinham perdido muito tempo. A reforma já estava avançada demais para começar de novo com Jordan.

– É ou não é?

A nova voz arrancou Jordan de seus pensamentos. Ela se virou para ver Natasha na porta da biblioteca, com Emery ao lado dela. Pru chegou logo depois, e o coração de Jordan quase se estilhaçou quando a viu. Iam ter que vender a casa. Sem a exposição proporcionada pelo *Pousadas Adentro*, seria impossível recuperar o dinheiro que a avó tinha pegado emprestado para fazer a reforma.

Mesmo que Jordan mentisse naquele instante, de que serviria? Astrid tinha ido embora – e nunca mais voltaria a entrar na pousada, disse Jordan não tinha dúvida. Seria humilhante, e Simon, depois que percebesse a dimensão de tudo o que tinha acontecido com o projeto, ficaria zangado demais para deixar que ela voltasse.

– É – respondeu ela finalmente. – É verdade.

Por um instante, a esperança floresceu. Talvez Natasha, que Jordan sabia adorar o projeto, descobrisse como levar o processo adiante. Talvez já tivessem captado imagens suficientes sem Astrid para montar uma espécie de episódio. Talvez não fosse o melhor momento do *Pousadas Adentro*, mas já seria melhor do que desperdiçar todas as imagens que tinham, todo o dinheiro que a emissora devia ter gastado em mão de obra, hospedagem e equipamentos, não? Talvez...

Porém, quando Simon murmurou “merda” ao lado de Jordan, quando ela encarou os olhos de Natasha e viu a decepção e a resignação, todos aqueles “e se” estouraram como bolhas de sabão flutuando pelo ar.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

O E-MAIL QUE ENCERRAVA OFICIALMENTE o contrato de Astrid com os Everwoods chegou no dia seguinte. Ela tinha desligado o celular – Jordan ligara várias vezes depois que ela havia saído da pousada, e Astrid ainda não tinha condições de falar com ela –, então a breve missiva de Simon chegou à caixa de entrada quando ela abriu o laptop para procurar um filme ruim para ver na cama.

Cara Srta. Parker,

De acordo com os termos do nosso contrato, este é um aviso por escrito para informá-la de que a Pousada Everwood está encerrando a parceria com a Bright Designs com base na cláusula 3.1, que determina que o cliente pode rescindir o contrato com base na insatisfação com o projeto. Agradeço pelo seu tempo.

**Atenciosamente,
Simon Everwood**

Ela fechou a tampa do laptop com força e puxou as cobertas por cima da cabeça, e assim ficou pelas dez horas seguintes.



Astrid não se lembrava de ouvir a campainha. Mas, em se tratando de Iris, nem tinha tocado. Tanto ela quanto Claire tinham as chaves da casa, decisão que lamentou ao abrir os olhos, depois de dormir graças a um paracetamol, para encontrar suas duas melhores amigas e a irmã olhando para ela com expressões preocupadas. Gemeu e rolou de cara no travesseiro, esperando que ficar de costas transmitisse com exatidão a mensagem: “*Deem o fora da minha casa.*”

Mas, obviamente, isso não deu certo. Não com aquela turma.

– Trouxemos suprimentos – anunciou Iris, sentando-se de uma vez na cama.

Astrid ouviu o som de um saco de papel, mas não se virou.

– Sorvete, batata frita e uma caixa gigante de garrafas de vinho bem vagabundo – continuou Iris.

– Vão embora – grunhiu Astrid.

– Não vai dar, meu bem – respondeu Claire.

Ela se aproximou pelo outro lado da cama para poder ver Astrid, depois se ajoelhou no chão e apoiou os antebraços no colchão. Astrid suspirou e rolou de novo, olhando para o teto.

– Que dia é hoje?

– Domingo.

Dois dias desde que tudo tinha ido pelos ares, e Astrid tinha certeza de que só saía da cama para ir ao banheiro.

– Quanto vocês já sabem? – perguntou ela.

– Tudo – respondeu Delilah. – Simon contou pra Iris, que contou pra gente e depois ligou pra Jordan, que ignorou completamente os cinco milhões de mensagens dela.

– Pra ser sincera, estou meio magoada – comentou Iris, mas com um

tom de voz leve, brincando.

Mas Astrid não estava com vontade nenhuma de brincar. Teve que resistir ao impulso de cobrir a cabeça com o lençol como uma criança fazendo birra. O constrangimento tomou conta dela, aquele sentimento quente e viscoso de vergonha que havia passado a vida inteira se empenhando em nunca, nunca sentir.

Tinha sido despedida.

Tinha falhado.

Além disso, havia prejudicado Jordan. Vinha prejudicando-a havia semanas, só não enxergara isso antes.

Agora, porém, tudo estava dolorosamente óbvio. Cada detalhe grotesco e áspero daquele último mês de sua vida irrompeu em cores para o mundo inteiro ver.

– Amiga – disse Claire, passando a mão no cabelo de Astrid. – Você tá bem?

Astrid se sentou e esfregou os olhos inchados. Achava que não havia nem tirado a maquiagem desde sexta-feira. E, na verdade, não dava a mínima.

– Nenhuma de vocês falou com a Jordan? – perguntou, olhando para cada uma das amigas.

Iris balançou a cabeça.

– Simon disse que ela se enfiou no quarto dela. Nem falou muito com ele.

– E o programa? A Natasha tá muito brava?

Iris e Claire se entreolharam, ambas boquiabertas. Porém não disseram uma palavra. Então Astrid olhou diretamente para a irmã.

Delilah suspirou.

– O programa já era, Astrid. A equipe foi embora ontem de manhã.

– Merda. – Astrid apoiou a cabeça nas mãos. – Não era pra isso acontecer. Era pra...

Mas, ao mesmo tempo que pensava naquilo, que tinha esperança, sabia que era impossível Jordan simplesmente aparecer como a chefe de design num programa que já estava filmando uma reforma havia cinco semanas.

Então ela também havia estragado aquilo.

Jordan devia odiá-la. Tinha *o direito* de odiá-la.

Fechou os olhos, tentando conter todas aquelas emoções, as confusas, as que Isabel passara trinta anos ensinando-a a controlar. Mas estava muito cansada de se dominar, de saber cada passo que deveria dar e exatamente como executá-lo. Estava *perdida*, pelo amor de Deus, e pronta para agir de acordo.

Assim, fez algo que raramente fazia na frente das amigas.

Chorou.

Enquanto as lágrimas salgadas e mornas escorriam por seu rosto, percebeu que só tinha soluçado de verdade na frente de outra pessoa – Jordan Everwood, na varanda dos fundos de casa, quando ficara aos pedaços e Jordan colara os cacos com uma canção de amor.

Pensar nisso só a fez chorar ainda mais, e logo estava soluçando com o rosto nas mãos, os ombros estremecendo com soluços profundos e dilacerantes.

– Puta merda – murmurou Delilah.

Mas Astrid só registrou aquela voz vagamente. A única coisa que importava era transbordar tudo, tudo o que odiava em si mesma, em sua vida, no que tinha feito com Jordan. As lágrimas eram como um processo de desintoxicação, percorrendo seu corpo e limpando-o.

Pelo menos, essa era a sensação.

Era o que esperava que fosse, mas parecia tão impossível... recomeçar. O que isso queria dizer para uma pessoa que já estava na Terra havia trinta anos?

Logo sentiu os braços das amigas ao seu redor – as três, inclusive Delilah –, envolvendo-a e sustentando-a enquanto entrava em colapso total.

– Já não era sem tempo – disse Iris, mas não de um jeito maldoso. Falou com tom gentil, amoroso, beijando a testa de Astrid. – Já não era mesmo.



Na segunda-feira de manhã, Astrid finalmente saiu do quarto, tomou banho, lavou o cabelo e até se maquiou um pouco. Mas, parada na frente do armário, com fileiras de roupas pretas, brancas e marfim penduradas diante dela, não conseguia se forçar a vestir um terno nem um vestido.

Encontrou um jeans preto guardado no fundo da cômoda e o vestiu, pegando em seguida uma regata branca lisa. Finalizou com algumas correntes de ouro no pescoço e argolas do mesmo tom nas orelhas. Enquanto se olhava no espelho – os olhos ainda vermelhos e inchados, o cabelo ondulado porque a ideia de usar um secador parecia insuportável no momento –, pensou reconhecer a mulher no reflexo.

Exausta.

Inconsolável.

Não havia como negar: pela primeira vez na vida, Astrid estava de coração partido. Ou será que ele sempre estivera partido e ela nunca se deixara sentir? Não sabia ao certo, mas era o sentimento correto. Era *verdadeiro*.

Encheu um copo de café, entrou no carro e foi para o escritório da Bright Designs no centro da cidade. Em qualquer outro dia, teria muito trabalho a fazer, e não sabia se o pavor que sentia diante da perspectiva de fazer mais projetos, criar mais designs e sorrir para os clientes fazia parte daquele sentimento ou se era algo mais.

Tinha passado a maior parte do domingo com as amigas e Delilah, vendo filmes ruins e dormindo, mas, depois do colapso, não tinha falado muito. Não que não quisesse – só ainda não sabia ao certo o que precisava dizer.

A *verdadeira* Astrid ainda estava toda emaranhada com a de antes, a que a mãe tinha feito à sua própria imagem.

Depois de se sentar à mesa, finalmente ligou o celular.

Dezenas de notificações iluminaram a tela.

Ser Humano Maravilhoso Que Estragou o Seu Vestido Feio

Astrid sentiu um nó na garganta ao ler o nome de Jordan, que por algum motivo não tinha se convencido a mudar. Sabia que ainda estava registrada como Ser Humano Quase Decente que Quer te Beijar de Novo no telefone

dela, e, caramba, no fim das contas aquela primeira parte era verdade: ela nem chegava a ser decente.

Jordan tinha feito todas aquelas chamadas na sexta-feira, logo depois que Astrid saíra de Everwood. Não havia deixado mensagens de voz, mas tinha mandado várias de texto. As mãos de Astrid tremeram ao ler as mensagens.

Não faz isso, Astrid.

Por favor, responde.

Vamos conversar, por favor.

Por que você tá fazendo isso?

Meu bem, me liga. Por favor.

E essa era a última. Um apelo doce e terno. Astrid quase conseguia ouvir a voz dela por trás das palavras. A mágoa.

– Merda! – disse em voz alta, com lágrimas turvando os olhos.

Cobriu a boca com a mão e ficou olhando para a última mensagem de Jordan. Ela não tinha mandado mais mensagens nem ligado no sábado e no domingo, o que significava que tinha *mesmo* feito merda.

O pânico aflorou no peito, e ela aproximou o dedo do contato de Jordan. Um toque. Era só isso que precisava fazer.

Largou o celular na mesa.

Tinha falado sério ao dizer aquilo para Jordan na entrada de Everwood – que ela merecia tudo de bom e Astrid era um desastre.

Olhou para seu pequeno escritório de paredes cinzentas, com pinturas abstratas em posições estratégicas, sofás brancos na sala de espera, mesas da mesma cor. Fechou os olhos e pensou num azul-escuro, da cor da meia-noite; em verde-sálvia, amarelo-ocre e prata; em banheiras com pés de garra e flores delicadas pintadas no teto.

– Então você está viva – disse uma voz.

Abriu os olhos para ver a mãe parada na porta da frente, majestosa de calça marfim e blusa de seda preta. Astrid tinha algumas versões daquela mesmíssima combinação em seu armário.

Isabel tirou os óculos escuros e os dobrou na mão, depois foi até uma das cadeiras brancas em frente à mesa de Astrid. Sentou-se, empertigada, calma, mas sua boca estava franzida, a pele tensa ao redor dos olhos.

Astrid afundou na própria cadeira. Nem sequer cruzou as pernas. Em vez disso, apoiou uma delas no assento e passou os braços em volta do joelho.

Isabel ergueu uma das sobrancelhas, mas não disse nada sobre a postura desleixada da filha.

– E então? Vai se explicar?

– Explicar o quê, mãe?

Isabel deu uma risada seca.

– Acha mesmo que sua farsa na Pousada Everwood já não é de conhecimento geral a esta altura? Por acaso o telefone do seu escritório já tocou hoje, Astrid? E o seu e-mail? Quantas notificações de projetos cancelados estão esperando na sua caixa de entrada?

Um lampejo familiar de pânico. Astrid baixou a perna enquanto se inclinava em direção ao computador e abria o e-mail. Examinou a seleção normal de newsletters de design até encontrar alguns nomes conhecidos.

Eram os dois clientes que conseguira na semana anterior, escrevendo para informá-la de que decidiram seguir em outra direção. Ela se recostou na cadeira, e todo o ar saiu de seus pulmões.

Isabel fungou.

– Não consigo acreditar que você deixou a situação em Everwood sair do controle desse jeito. Eu avisei o que aconteceria se as pessoas descobrissem e tinha razão. Agora, o que precisamos fazer...

A mãe continuou a falar, mas Astrid mal a ouviu. Ficou sentada ali, olhando para a tela do computador, para sua falta absoluta de clientes, enquanto o último e-mail de Simon continuava na caixa de entrada, e entendeu que a hora tinha chegado.

A hora do fracasso completo e notório.

Ela finalmente havia conseguido.

Sua reputação, sua integridade como designer, acabadas.

Era o fim.

Sabia que deveria estar atiçando aquela pequena fagulha de pânico, que deveria estar perdendo a cabeça, planejando e tramando como corrigir a situação. Deveria estar ouvindo a mãe.

Mas não estava.

Estava... aliviada.

Aquele espaço grande e vazio em seu peito era isso. Astrid Parker tinha esculhambado completamente a própria vida profissional, e estava *feliz*.

Feliz da vida.

– ... vai ajudar imensamente a restaurar a sua reputação – dizia a mãe, tocando a tela do telefone. – Vamos oferecer o jantar na Casa das Glicínias na quarta-feira, o que significa que temos muito a fazer até lá. Vou mandar por e-mail uma lista das pessoas que você precisa...

– Para – disse Astrid.

Isabel arregalou os olhos.

– Como disse?

– Já chega.

Dissera essas mesmas palavras para Jordan três dias antes, apenas duas palavrinhas que em seguida viraram sua vida do avesso.

E pretendia virá-la um pouquinho mais.

– Pra mim chega, mãe – continuou, afastando-se da mesa.

– Pra você... chega – repetiu Isabel.

Não era uma pergunta. Parecia mais uma acusação.

Astrid respirou fundo e se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

– É.

– Chega de quê? – perguntou Isabel.

– De tudo. Da Bright Designs. Do brunch de domingo. Dos jantares e dessas... – falou, gesticulando entre ela e Isabel – sessões estratégicas sobre como consertar quem eu sou. Não preciso de conserto, mãe.

Isabel pareceu ofendida.

– Astrid, não diga bobagem. Não estou tentando consertar você. Estou tentando ajudar.

Astrid balançou a cabeça.

– Não. Você está tentando me *fabricar*, e não preciso ser fabricada. Achei... achei que tudo ia mudar depois do Spencer, que você ia ver que eu decido minha vida e que estou *bem* do jeito que sou, mas não. E não posso nem pôr a culpa em você, porque *eu mesma* não via isso. Deixei você continuar me consertando e se intrometendo e me mudando porque eu queria que você me amasse e me aceitasse...

– Que eu te amasse?

O queixo de Isabel caiu e, pela primeira vez em anos, talvez na vida inteira, Astrid viu uma dor genuína cintilar nos olhos da mãe.

– Astrid, é óbvio que eu te amo.

Astrid fechou os olhos. Queria que fosse verdade. A mãe era sua única família – mas, ao mesmo tempo que pensava isso, entendeu que não era verdade. Claire era sua família. Iris. Até Delilah. Tinha passado a vida toda tentando conquistar a aprovação e o amor da mãe, e mal tinha percebido qualquer outra coisa ao redor. Era óbvio que sabia que as amigas estavam ao seu lado, mas era como se a cabeça e o coração estivessem em constante dissonância – sabia que elas a amavam, mas não as deixara amá-la do jeito que precisava.

Não deixara que aquele amor bastasse.

Mas bastava.

Astrid Parker era amada, não importava o que a mãe achasse dela. Não importava que escolhas fizesse.

E esse amor deu a ela a coragem de escolher a si mesma.

– Eu creio que você acredite nisso, mãe – respondeu, de repente com a voz trêmula de emoção. – Mas só sinto seu amor por uma Astrid que você criou na sua cabeça, e não gosto dessa mulher. Não quero mais *ser* essa mulher.

O queixo de Isabel continuava caído, e os olhos piscavam sem parar.

– Astrid, o que está dizendo?

Astrid se levantou. Não alisou a calça com a mão, não endireitou a camiseta nem ajeitou o cabelo. Simplesmente tirou as chaves da bolsa e separou a que abria o escritório da Bright Designs do aro. Então deixou-a na mesa diante da mãe.

– Estou dizendo que me demito.

E saiu pela porta, com lágrimas de alívio, alegria e um pouco de tristeza a escorrer livremente pelo rosto enquanto caminhava.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

O DESGRAÇADO DO DOIS DE COPAS.

Jordan não conseguia acreditar.

Depois de duas semanas de Ouros, Espadas e Paus, Imperatrizes e Enforcadas, aquela sacaninha escolhia a manhã de quarta-feira, depois que a vida de Jordan tinha implodido por completo – de novo – para aparecer como uma encomenda surpresa vinda do inferno.

Ela rasgou a porcaria da carta ao meio, coisa que provavelmente deveria ter feito meses antes. Podia ter se poupado de muita dor de cabeça. Ou, pelo menos, teria se poupado de muitos pensamentos e sentimentos inúteis a respeito de amor e parcerias.

Ainda assim, horas depois, enquanto instalava as ripas na parede em padrão espinha de peixe no Quarto Azul, não conseguia parar de pensar naquilo.

Almas gêmeas.

O par perfeito.

Ah, pelamor.

Disparou a pistola de pregos numa peça de madeira inclinada da cor de

café expresso com um pouco mais de força do que precisava.

Depois da declaração de Astrid, Natasha e o resto da equipe do *Pousadas Adentro* tinham ido embora na manhã de sábado, sem muito alarde. Na estradinha da entrada, Natasha havia abraçado Jordan e pedido desculpas pelas coisas terem acontecido do jeito que aconteceram, mas não oferecera nenhuma alternativa, nenhuma ideia de como poderiam dar um jeito naquela bagunça e continuar filmando.

Jordan não sabia se estava arrasada ou aliviada. Talvez as duas coisas. Teriam que vender a pousada, mas ela também não achava que pudesse simplesmente voltar e aparecer nas filmagens como chefe de design. Não com Astrid assombrando todos os cômodos e todas as decisões do projeto.

O novo plano – elaborado por Simon, obviamente – era terminar a reforma e tentar conseguir a maior quantia possível com a venda da propriedade. Uma corretora de imóveis tinha chegado no dia anterior, extasiada com a possibilidade de vender um tesouro americano como aquele. O nome dela era Trish. Tinha um cabelo muito loiro que não se mexia quando andava, e Jordan precisou conter o ímpeto de atirá-la pela janela.

Mas Trish estimou o preço de venda em sete dígitos, o que deveria deixar qualquer pessoa feliz.

Isso só serviu para mandar Jordan de volta para a cama, onde ficou olhando sua série recente e unilateral de mensagens de texto para Astrid, lutando contra o ímpeto de ligar para ela outra vez.

Não faria isso. Àquela altura, tinha se tornado uma verdadeira especialista em mulheres que adoravam sair de cena sem nem conversar com ela, e não ia atrás de alguém que obviamente não a queria. Teria sido muito mais fácil se concentrar nessa decisão sem aquele Dois de Copas dos infernos, e era exatamente por isso que naquele momento a carta estava rasgada em pedaços no cesto de lixo da cozinha do chalé.

Jordan apontou de novo para a parede com sua pistola de pregos.

Bam.

Bam.

Bam.

Tentou expulsar o rosto de Astrid da mente – Astrid sorrindo, assando bolo, dançando devagarzinho, tendo um orgasmo –, mas a única coisa que parecia bloquear de verdade a imagem da mulher era o barulho da pistola de pregos. Tinha acabado de encaixar mais uma ripa de madeira no desenho da parede quando o telefone tocou.

Largou a ferramenta, o coração pulando na garganta. De repente, suas mãos estavam tremendo, aquela *esperança* desgraçada atravessando o peito como um cometa. Desajeitada, tirou o telefone do bolso de trás, ainda sem saber o que faria quando visse o nome de Astrid – mas não era ela.

Era Natasha Rojas.

Encarando a tela, Jordan piscou enquanto se dava um segundo para voltar a respirar normalmente. Então deslizou o dedo na tela.

– Oi, Jordan – disse Natasha depois que Jordan murmurou um cumprimento confuso. – Não te peguei numa hora ruim, né?

– Hã, não. Estava só instalando a espinha de peixe.

– Ah. Vai ficar muito bonita.

– É.

Natasha deu um suspiro profundo, fazendo o telefonema chiar.

– Olha, vou direto ao assunto. Detesto o jeito como tudo terminou.

– Também.

– Eu sei. Seu trabalho é extraordinário, Jordan. Espero que saiba disso.

Jordan se sentou num banco com a testa apoiada na palma da mão. Ainda não estava acostumada a ouvir elogios que pudesse de fato aceitar.

Só se convenceu de que não gosta porque acha que não merece.

Ela balançou a cabeça, tentando se livrar das palavras de Astrid, mesmo sabendo que, no fundo, ela estava certa.

Naquela hora, ao telefone com Natasha Rojas, suspirou e apenas disse a verdade:

– Sinceramente, não sei o que sei.

Por um instante, Natasha ficou em silêncio.

– Bom, minha intenção é tentar te convencer.

Jordan endireitou o corpo.

– Como assim? O episódio com a pousada não vai rolar... Né?

– Ah, de jeito nenhum. E os mandachuvas estão furiosos. Perdemos muito dinheiro e muito tempo.

– Sinto muito – falou Jordan, porque ainda não tinha dito isso. A ninguém.

– Eu também. Felizmente, hoje em dia eles fazem praticamente tudo o que eu quero.

– Espera, então... o episódio vai rolar?

– Ah, não, meu bem. Eu sou boa, mas não faço mágica. Cancelar o seu episódio foi decisão minha.

– Tá. Saco. Desculpa.

– Mas não te liguei pra gente passar uma hora chorandinho pelos planos que deram errado.

Jordan bufou, rindo.

– É justo.

– Liguei pra oferecer uma matéria de destaque sobre a sua reforma em Everwood na *Orquídea*.

Jordan demorou um pouco para assimilar as palavras de Natasha, e mesmo depois não sabia ao certo se tinha entendido bem.

– Na *Orquídea*.

– Isso mesmo.

– Quer dizer, a sua revista de design de interiores que eu vi em todas as filas de caixas de supermercados em que já entrei.

Natasha riu.

– E em todas as bancas de jornal das maiores cidades do país.

– Você quer fazer uma matéria com Everwood.

– Quero fazer uma matéria com *você*, Jordan. Temos imagens suficientes do antes e do durante. Só falta fazermos uma sessão de fotos assim que a reforma terminar. E, lógico, uma entrevista aprofundada com você sobre o projeto, sobre a sua inspiração.

Jordan se levantou e olhou para o Quarto Azul ao redor dela. Ver seu projeto, a amada casa de sua família nas páginas lustrosas da *Orquídea*... mal conseguia assimilar a ideia.

– Eu... não sei o que dizer – respondeu.

– Tem mais.

Jordan se sentou outra vez.

– Ah, é?

– Como eu disse, os executivos da emissora não ficaram contentes com o cancelamento do episódio.

– Aham. Desc...

– Mas mostrei pra eles o seu projeto de design pra Everwood. Eles piraram, Jordan.

– Quer dizer... no bom sentido?

Natasha riu.

– É. No bom sentido. E querem te contratar como assistente de design.

– Eles... Desculpa, como é que é?

– Você entendeu.

– O que isso quer dizer?

– Bom, a princípio, significa basicamente que você vai fazer o que eles pedirem. Isso pode incluir dar consultoria em vários programas nos bastidores, mas, se eles gostarem das suas propostas, você vai aparecer como designer de destaque em programas como *Casa & Cia.* e *Duelo de Design*, que não têm um designer fixo, mas vários profissionais que se alternam nos episódios.

– Eu... iria aparecer na TV?

– Isso, você iria aparecer na TV. E seria designer da emissora. E, se for tão boa quanto acho que é, um dia pode até ter seu próprio programa. Caramba, Jordan Everwood, você pode até ser a próxima Natasha Rojas.

Jordan riu do tom provocador da apresentadora, mas havia um eco de verdade naquelas palavras.

– Então, o que me diz? – perguntou Natasha.

Jordan se levantou e passou a mão no cabelo. Então parou, deixando simplesmente os dedos se emaranharem nas madeixas, puxando um pouco, esperando que a dorzinha a jogasse de volta à realidade.

Mas a realidade era esta.

Natasha estava ao telefone, oferecendo a ela a oportunidade da sua vida.

Oferecendo um jeito de salvar Everwood.

Oferecendo...

Jordan baixou a mão ao lado do corpo. Era o que ela queria. Natasha estava oferecendo o que ela *queria*: levar o crédito por aquele projeto e mostrar ao mundo que *ela* era a autora que fizera aquilo acontecer. Parecia um pensamento muito egoísta, mas não conseguiu evitá-lo. Queria construir armários de cozinha, estantes de livros e mesas de centro, mas também queria criar projetos. Quartos, apartamentos, casas inteiras. Queria transformar os espaços onde as pessoas moravam e amavam, tal como tinha feito com Everwood.

E, mais do que isso, ela merecia.

Mesmo que estragasse tudo.

Mesmo que não tivesse a menor ideia do que estava fazendo.

Mesmo assim.

Merecia ser feliz.

– Sim – disse Jordan para Natasha. – A resposta é sim, pra tudo.



Jordan desceu correndo a escada de Everwood, saiu pela porta e atravessou o gramado até o chalé. Na cozinha, encontrou Pru e Simon sentados à mesa, comendo sanduíches de peru e tomando chá gelado de ervas.

– Meu amor – disse Pru, olhando para ela através de óculos azul-royal –, você está bem?

– Estou ótima. Estou maravilhosa. – Ela se sentou com tudo na cadeira em frente ao irmão. – Liga pra tal da Trish, Simon. Diz pra ela que a gente não vai vender a casa.

– Quê? – perguntou ele. – Jordie, a gente tem que vender.

Jordan balançou a cabeça e contou sobre o telefonema de Natasha e a oportunidade de trabalhar para a emissora. Pru começou a tagarelar, entusiasmada, mas ela a interrompeu, deixando a notícia mais importante, sobre a matéria na *Orquídea*, para o fim.

– Não é um episódio do *Pousadas Adentro*, mas é alguma coisa –

explicou ela. – É o suficiente. Né?

Pru sorriu para a neta com lágrimas brilhando nos olhos, mas Simon franziu a testa. Era bem do feitio dele.

– Jordie, isso é fantástico – disse sem olhar para a irmã. – Sério, estou muito orgulhoso de você. Mas não sei se isso vai bastar pra manter Everwood em funcionamento. Precisamos de um plano de negócios totalmente novo, de uma nova gerente, de uma nova cozinheira...

– Então vamos pensar num plano e arranjar uma gerente. Não pode ser tão difícil assim – respondeu Jordan. – Tem que haver um jeito.

Simon balançou a cabeça, mas Pru estendeu a mão para o outro lado da mesa e pegou a dela.

– Vamos dar um jeito. Estamos dando um jeito há mais de cem anos e agora vamos fazer a mesma coisa. Você conseguiu, meu amor. Eu sabia que conseguiria.

Jordan franziu a testa para Pru, porque algo no tom de voz dela a fez parar para pensar.

– Vó... Vó, a senhora já sabia que o projeto era meu?

Pru suspirou e se recostou na cadeira.

– Eu desconfiava. Eu te conheço, e o projeto... tinha bem a cara da nossa família.

– Por que a senhora não disse nada?

– Talvez devesse ter dito. – Pru pegou seu chá e tomou um gole. – Mas percebi que você e Astrid eram importantes uma pra outra, e parte de mim não queria interferir, porque ela te fazia feliz. Além disso, quis dar pra Astrid a oportunidade de fazer a coisa certa. E foi o que ela fez... no fim.

Jordan balançou a cabeça, sentindo os olhos arderem.

– Sem nem falar sobre isso comigo.

Pru estendeu a mão outra vez e afagou a da neta.

– Eu sei que dói, meu bem. Mas o amor nem sempre calcula os detalhes. Às vezes, o amor vai lá e *faz*.

Aquela palavra – *amor* – apertou a garganta de Jordan. O amor não tinha nada a ver com ela e Astrid. Se tivesse... bom, ela estaria a caminho da casa de Astrid naquele exato momento pra contar as boas novas. Estaria *com*

Astrid. E não estava.

Antes que Jordan pudesse pensar nisso por mais um segundo, Simon se afastou da mesa tão de repente que os pratos e os copos tilintaram. Murmurou um pedido de desculpas e saiu da cozinha.

– Qual é a dele? – perguntou Jordan.

A avó tirou os óculos, polindo-os na blusa azul. Quando os recolocou no nariz, juntou os dedos das mãos e sorriu para Jordan.

– Ele é o irmão mais velho.

Jordan franziu a testa, depois se levantou e foi procurar o irmão gêmeo.



Ela o encontrou na varanda da frente da pousada, encostado no guarda-corpo e olhando para as roseiras crescidas demais.

– O que aconteceu? – perguntou Jordan, acomodando-se ao lado do irmão e cutucando seu ombro.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

– Desculpa. Só precisava sair um pouco.

– Por quê? Simon, sei que você tá preocupado com a vó e com as questões financeiras, mas a gente vai dar um jeito de resolver. E eu...

– Sei que vamos resolver. – Ele se virou para ela. – Sei que *você* vai.

Ela inclinou a cabeça, encarando-o.

– Jordan, eu te devo um pedido de desculpas. Na verdade, vários.

– Simon, você...

– Não, me deixa falar. – Ele pôs as mãos nos bolsos. – Eu te amo, Jordie. Provavelmente mais do que qualquer outra pessoa na minha vida. E, depois daquilo com a Meredith, fiquei muito preocupado com você. Acho que... me acostumei a ficar preocupado, sabe? Esqueci quem você é, esqueci que é uma pessoa maravilhosa, forte e capaz. Queria tomar conta de você, tanto que me esqueci de *acreditar* em você. Devia ter reconhecido que o projeto era seu. Agora que sei, é tão óbvio que era *seu*, mas antes não percebi porque não imaginei que você conseguiria... Saco. Desculpa mesmo, Jordie. Por

favor, saiba que sinto muito.

Ela piscou para afugentar as lágrimas repentinas, mas elas não pararam de marejar seus olhos.

– Simon, você...

Não sabia o que dizer. Não podia dizer “tá tudo bem”, porque os dois sabiam que não estava. Mas também não estava zangada. Estava magoada, sim, mas, acima de tudo, agradecida. Estava muito, muito grata por aquele momento, por um irmão que a amava o bastante para se importar tanto, mesmo que às vezes fosse um pouco longe demais na preocupação.

Passou os braços em volta do pescoço dele e o puxou para perto dela.

– Em sua defesa – disse de encontro ao ombro dele –, eu fiquei *mesmo* numa pior.

Ele riu e a abraçou com força. Seu gêmeo. Seu melhor amigo.

– Tenho orgulho de você, mana – afirmou ele. – Muito orgulho mesmo.

Ela o apertou mais uma vez antes de soltá-lo. Os dois enxugaram o rosto, rindo dos próprios olhos vermelhos e lacrimejantes que combinavam entre si.

– Então – disse ele assim que se recuperaram. – O que você vai fazer com a Astrid?

O sorriso de Jordan desabou dos lábios.

– Nada. Não tem nada pra fazer, Simon.

Porque Astrid tinha razão: Jordan *merecia* tudo de bom. E talvez, por mais que sentisse que o coração ia se partir em pedaços ao pensar assim, Astrid não servisse para ela.

Jordan merecia alguém que não fugisse. Merecia alguém que discutisse as questões, que as resolvesse, que desse a ela a chance de falar também.

Jordan merecia um grande amor.

Merecia um *destino*.

E, caramba, não ia se contentar com nada menos que isso.



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

NA QUARTA-FEIRA À NOITE, Astrid convocou uma reunião de emergência do clã. Elas se reuniram na casa de Claire e Delilah, onde as quatro se acomodaram ao redor da mesa da cozinha, com laptops, papel e canetas espalhadas pelo tampo de madeira, junto com latas de água com gás e uma tigela de pipoca quase intocada.

Astrid havia passado os dois dias anteriores, desde que largara o emprego, ignorando os telefonemas da mãe e fazendo listas. Fizera uma lista de sua situação financeira – tinha juntado uma boa poupança, além do dinheiro do pai que não poderia acessar antes dos 35 anos, de modo que não serviria para muita coisa por enquanto. Também tinha uma lista de agentes imobiliários que não deviam nada à sua mãe – se conseguisse um emprego logo, não teria que vender a casa, porém cada vez mais achava que queria vendê-la. Só para recomeçar do zero. E, óbvio, tinha uma lista com possíveis planos de carreira, que incluía tudo e qualquer coisa em que conseguisse pensar.

– Meu Deus do céu, se você virar corretora imobiliária e instalar um outdoor com um sorriso falso na estrada, acabou – declarou Iris, olhando

para o último item da lista. – Eu paro de ser sua amiga.

Astrid gemeu e apoiou a cabeça nas mãos.

– Não quero ser corretora imobiliária.

– Então não seja – disse Delilah, pegando uma caneta e riscando a opção da lista.

– Recepcionista? – perguntou Claire, olhando para outro item marcado.

– Não tem nada errado em ser recepcionista, meu bem, mas acho que isso não te faria feliz.

Astrid ergueu as mãos, derrotada.

– Preciso de dinheiro, Claire. Ser feliz...

– É o objetivo – afirmou Iris. – Foi por isso que você largou o emprego e é por isso que estamos sentadas aqui. Nem todo mundo tem essa chance, e poder escolher é estar numa posição incrivelmente privilegiada, minha cara.

– Tem razão. Sei que você tem razão – respondeu Astrid.

Estava com sorte. Tinha uma boa poupança e amigas que fariam qualquer coisa por ela.

– Então, o que você *quer*, Astrid? – perguntou Iris.

Ela abriu a boca para sair pela tangente outra vez, pois, com sorte ou não, a pergunta ainda a deixava apavorada, mas Iris ergueu a mão para silenciá-la.

– Não. Pode parar. Se você pudesse fazer qualquer coisa, o que seria?

Um nome lhe passou pela cabeça. Um quintal dos fundos com uma rede debaixo do céu estrelado, mãos calejadas nos quadris enquanto preparava alguma coisa na cozinha, uma boca de botão de rosa em seu pescoço...

Astrid balançou a cabeça e se concentrou nas opções de emprego. Havia algo ali, bem no fundo da mente e coberto de teias de aranha. Mas era tão improvável que daria no mesmo querer ser cantora da Disney.

– Talvez não seja possível.

– E daí? – retrucou Iris. – É um ponto de partida.

Astrid suspirou e encarou a lista. Seu sonho coberto de teias não estava anotado nela. Não tivera coragem de incluí-lo.

Mas *era* valente. Tinha dito a verdade sobre o projeto de Everwood, mesmo arrasando os próprios sentimentos ao fazer isso. Tinha confrontado

a mãe e largado o emprego. Não só o emprego, a carreira toda. Tudo em nome da pequena faísca de esperança no peito que dizia existir algo mais para ela, algo que realmente a faria feliz. Algo que a faria sentir que era ela mesma, mesmo quando fosse difícil.

Pegou uma caneta e acrescentou outra opção à lista.

Claire, Iris e Delilah se aproximaram para ler.

Iris foi a primeira a levantar a cabeça, com os olhos brilhantes encarando os de Astrid.

– É! É isso aí!

Astrid se encolheu, mas um sorriso tomou conta de seus lábios.

– É?

– É – afirmou Claire, estendendo a mão para pegar a da amiga. – Cem por cento.

Delilah assentiu.

– Tenho a vaga lembrança de uns biscoitos bem gostosos que você fazia.

Astrid soltou o ar e olhou para a lista.

Padeira.

Lá estava o seu sonho escrito com todas as letras.

Mas os sonhos precisavam da realidade para se concretizarem, e a realidade era que ela não tinha formação, nem experiência, nem capital para abrir a própria empresa. Foi o que disse às amigas.

– Tá, então só precisamos achar a oportunidade certa – disse Iris. – A Café & Conforto não tem uns pães de fabricação própria?

– Acho que sim – respondeu Claire.

– Vamos perguntar se tem vaga lá.

– E se não tiver? – perguntou Astrid.

– A gente vê em Winter Lake. Em Sotheby. Em Graydon – declarou Iris.

– Qualquer lugar. Aquele Açúcar & Assado que tem uns pãezinhos deliciosos fica a uma hora daqui. Tem que existir um lugar disposto a te dar uma chance. É só você fazer qualquer bolo que eles vão te querer.

Astrid pegou e apertou a mão de Iris. Aquilo era aterrorizante. Era o que ela temia havia anos, o motivo de ter se contentado com a vida que a mãe definira para ela. Mas também era libertador. Era emocionante tomar

aquelas decisões, dizer o que queria e de fato ir atrás disso.

– Espera aí – disse Iris, livrando-se da mão de Astrid e erguendo as duas mãos. – E a Pousada Everwood?

Ao ouvir isso, o estômago de Astrid deu uma cambalhota.

– O que é que tem?

– Iris – ralhou Delilah, com a voz tensa.

Qualquer que fosse o aviso, porém, Iris não lhe deu ouvidos. Raramente dava.

– Estão procurando uma cozinheira e uma padeira, já que não vão mais vender a pousada por causa da matéria da Jordan na *Orquídea* e, ai, puta merda, não era pra eu te contar isso.

Iris se encolheu. Claire esfregou a testa, enquanto Delilah se limitava a balançar a cabeça.

O estômago de Astrid deu um salto triplo carpado.

– Jordan... Jordan apareceu numa matéria na *Orquídea*?

Claire assentiu.

– Foi hoje mesmo. Simon contou pra Iris. A gente não ia te contar agora, sabe, a gente ia esperar uns dias pra você se adaptar a tudo que está acontecendo.

Astrid assentiu, sentindo um nó doloroso na garganta. Ao processar aquelas novas informações, tentou analisar como estava se sentindo.

Jordan tinha conseguido uma oportunidade pela qual Astrid teria feito qualquer coisa alguns meses antes. Mas não estava com inveja. Nem um pouco. Em vez disso, teve vontade de chorar porque estava muito feliz por ela e gostaria de poder lhe dizer isso. Queria poder tomá-la nos braços, segurar o rosto dela nas mãos e dizer que ela era pura magia, que tinha orgulho dela.

Mas não podia fazer isso.

Jordan tinha passado por muita coisa, e Astrid não podia magoá-la outra vez. Não podia correr esse risco.

– Não é uma opção ruim – comentou Delilah com cuidado.

Claire assentiu.

– Na verdade, é ótima. Com a sua experiência empresarial, você

provavelmente poderia fazer a pousada decolar. Talvez até mesmo administrar o lugar também, enquanto organiza a cozinha, e...

– Não dá – afirmou Astrid. – Duvido que neste momento eu seja a pessoa favorita dos Everwoods.

Além disso, como ficaria perto de Jordan sem estar de fato *com* ela? Não era tão corajosa assim.

– Já tentou falar com ela? – perguntou Claire em voz baixa.

– Não – respondeu Astrid com firmeza. – Não dá. Quase arruinei a vida dela, Claire. Ela merece coisa muito melhor.

– Por que você não deixa a Jordan decidir? – retrucou Iris.

Astrid balançou a cabeça, pegando a caneta e sublinhando *Padeira* várias e várias vezes na lista. Sentia o olhar das amigas fixo nela, mas, felizmente, a porta da frente se abriu, impedindo que mais tramas românticas se formassem.

– Cheguei! – gritou Ruby na entrada.

– Oi, Coelhinha – disse Claire quando a menina apareceu, puxando-a para um abraço e beijando o alto da cabeça dela. – Estava bom na casa da Tess?

Ruby assentiu e entregou um envelope acolchoado estampado de carinhas amarelas sorridentes para Claire.

– Achei isso na porta da frente. Foi a vó que mandou. – Ela olhou para a bagunça em cima da mesa. – O que vocês estão fazendo?

– Estamos tentando convencer a tia Astrid a ir atrás da mulher que ela ama – respondeu Iris.

– Iris! – ralhou Astrid.

A amiga se limitou a abrir um sorrisinho irônico para ela.

– Peraí... – disse Ruby, olhando para Astrid. – Tia Astrid, você gosta de meninas?

Astrid se recostou na cadeira e abriu um sorriso fraco.

– É. Gosto, sim. Bom, no momento gosto de *uma* menina, mas... é isso aí.

– Legal! – respondeu Ruby, pegando um punhado de pipoca da tigela e enfiando uma na boca. – Eu também gosto de meninas.

Astrid arregalou os olhos.

– Sério?

Ruby assentiu.

– É. Acho que pode ser que eu goste só de meninas, mas a Delilah disse que não preciso de nenhum rótulo ainda, sabe? Só tenho 12 anos.

O sorriso de Astrid se ampliou. Adorava aquela menina.

– É. Sei, sim. Que legal, Rubes.

A menina sorriu e foi para o quarto dela fazer a lição de casa. Astrid se debruçou na mesa, olhando para Claire.

– Quando foi que isso aconteceu?

Claire sorriu, e Delilah pegou a mão dela.

– Semana passada, né? Ela chegou em casa toda encantada, falando de uma menina nova na turma dela, e aí simplesmente... compartilhou com a gente. Eu já desconfiava, então, sinceramente, foi um alívio.

– A gente adorou – acrescentou Delilah. – Mas, sabe como é, o mundo pode ser bem cruel, então estamos conversando bastante com ela sobre isso.

– A Ruby é maravilhosa – afirmou Iris. – E tem adultas maravilhosas na vida dela. Vai dar tudo certo.

– No fim das contas, todo mundo aqui é bem *queer* – comentou Delilah, dando a mais sutil das piscadelas para a irmã.

– Graças à deusa – disse Iris.

Astrid sorriu. Ainda não sabia ao certo qual rótulo mais combinava com ela. *Bissexual* parecia o correto, mas, por enquanto, estava feliz em simplesmente saber quem era e estar com as amigas que a entendiam.

Ao abrir o pacote da mãe, Claire riu. Tirou dali uma caixinha com a ilustração de uma mulher negra com vestido branco e manto vermelho segurando uma varinha.

– Ai, meu Deus, é mais um baralho de tarô. Já tenho uns dez desses.

Katherine, a mãe de Claire, viajava muito com o marido e adorava tarô, além de oráculos, cristais e ervas. Estava sempre mandando alguma coisa nova para a filha experimentar, como livros ou baralhos que ela achasse que a livraria poderia vender.

– Tem alguma carta com maçã nesse baralho? – perguntou Delilah,

aproximando-se e dando um beijo no pescoço de Claire, que corou e chegou a dar uma risadinha.

– Nossa, *adoro* piadinhas secretas de casal – resmungou Iris.

Claire mostrou a língua para ela.

– Mas esse pode ser legal – disse Delilah, pegando a caixa e lendo o verso. – Parece bem diverso: nem todo mundo é branco, e as personagens nas cartas são sempre mulheres ou pessoas não binárias.

– Aí, sim – comentou Iris, pegando a caixa para dar uma olhada.

Ela a abriu, despejando uma chuva de cartas coloridas que pareciam vagamente familiares.

– Espera aí – disse Astrid, pegando algumas e olhando-as com atenção.

Todas eram ilustradas e simples, mas alguma coisa nos desenhos, nas cores, tocou o fundo da mente dela. Onde é que tinha vis...

Jordan. No Andrômeda. Jordan havia mostrado a ela uma carta exatamente no mesmo estilo e contado que vinha tirando a mesma carta havia meses.

O Dois de Copas.

A carta das almas gêmeas.

– Como é que funciona? – perguntou Astrid, pegando o pequeno guia do baralho e folheando-o em busca de algum tipo de instrução.

– O quê, agora você quer fazer uma leitura? – retrucou Iris.

– Alguém me explica como funciona.

A voz de Astrid estava baixa, mas trêmula, e as amigas notaram. De repente, sentiu a pulsação no corpo todo.

– Tá bom, meu bem – disse Claire.

Tomou as cartas de Astrid e as embaralhou, explicando que ao fazer isso deveria formular uma pergunta que admitisse respostas variadas. Em seguida, separou as cartas em três pilhas, juntou-as outra vez e pegou a carta de cima.

O Quatro de Paus.

Iris tomou o guia de Astrid.

– Essa carta significa comemoração, prosperidade, encontro de almas afins. – Ela sorriu para as amigas e voltou a olhar para o livro. – Também

pode significar casamento.

Claire engasgou e olhou para Delilah, que se limitou a sorrir.

– Só tô dizendo – comentou Iris.

– Quer experimentar? – perguntou Claire, pigarreando e olhando para Astrid.

Astrid assentiu. Não fazia ideia do porquê, mas aquilo tinha que significar alguma coisa, não é? O fato de estar na casa de Claire no momento exato em que aquele pacote havia chegado, por acaso contendo o mesmo baralho de tarô que Jordan usava... Astrid não acreditava nesse tipo de coisa – era uma pessoa prática e organizada, que acreditava que as decisões das pessoas eram somente delas.

Ou da mãe delas, dependendo do caso.

E ainda acreditava em tudo isso.

Mas e se...

– Aham – respondeu. – Quero, sim.

Claire entregou as cartas, instruindo-a a tocar no baralho uma vez para apagar a leitura anterior. Em seguida, Astrid segurou as cartas com as mãos, tentando pensar numa pergunta que admitisse diversas respostas.

Minha mãe vai me odiar pra sempre?

Tomei a atitude certa?

O que preciso saber neste instante?

Escolheu a última, que parecia exatamente a mistura certa de praticidade e misticismo.

– Você precisa lembrar que o tarô não é profético – recomendou Claire.
– É só pra te ajudar a entender o que já existe no seu coração, as escolhas que estão diante de você e coisas assim.

– Quando foi que você virou especialista? – perguntou Iris.

Claire fez um gesto de desdém.

– Quando minha mãe passou a insistir em ler pra mim, pra Ruby e pra Delilah toda vez que vem à cidade.

Astrid embaralhou e cortou as cartas em três pilhas, juntou-as outra vez – de modo *instintivo*, como Claire dissera – e depois ficou parada. Olhou para a carta de cima, com os dedos apoiados na superfície azul lustrosa.

Talvez fosse bobagem. Talvez fosse...

Virou a carta antes que pudesse terminar o pensamento.

E ali, brilhando para ela em toda a sua glória absurda e impossível, estava o Dois de Copas.



CAPÍTULO TRINTA E CINCO

JORDAN ESTAVA DEITADA NA CAMA, segurando o telefone nas mãos. Era bem depois da meia-noite, e o chalé estava silencioso.

Silencioso demais.

O tipo de silêncio que fazia as pessoas tomarem decisões muito tolas.

Ela deveria ter entregado o celular para Simon, dizendo a ele que em nenhuma circunstância deveria devolvê-lo para ela por, hum, um mês. Mas, como toda pessoa de coração partido, restava um pouco de masoquismo em seu íntimo, e não conseguia parar de esperar que o nome de Astrid aparecesse na tela outra vez.

A primeira chamada tinha chegado por volta das nove da noite. Jordan estava escovando os dentes e ouviu o telefone vibrar na mesa de cabeceira. Então naturalmente foi saltando pela pista de obstáculos de tranqueiras espalhadas por todo o chão do quarto – dando um susto na pobre da Felina – para alcançar o telefone bem a tempo de ver a notificação de uma chamada perdida de Ser Humano Quase Decente que Quer te Beijar de Novo.

Olhou para a tela, com pasta de dente pingando da boca na camiseta,

esperando que uma mensagem aparecesse no correio de voz.

E nada.

Mas Astrid ligou de novo trinta minutos depois.

Dessa vez Jordan estava preparada. Estava sentada à escrivaninha, com o laptop aberto, usando o programa de design, mas só fingia trabalhar em algumas ideias. Na verdade, sua mente estava girando, visualizando como atenderia o telefone com calma e diria a Astrid, em termos inequívocos, que não queria falar com ela nunca mais.

Era um bom plano.

Mas quando o telefone finalmente tocou e o nome de Astrid reapareceu na tela, Jordan não conseguiu segui-lo.

É que não conseguiu atender a chamada. Se atendesse... e depois? Duvidava que realmente teria forças para mandar a mulher por quem estava perdidamente apaixonada à merda, e Deus sabia o que aconteceria com seu coração já maltratado se ouvisse seja lá o que Astrid tinha a dizer.

Assim, ignorar e negar eram mesmo a única opção.

Depois, porém, Jordan não conseguia acalmar a mente o bastante para dormir. Não conseguia parar de desejar que Astrid ligasse outra vez, que fosse atrás dela até que não conseguisse mais ignorar nem negar coisa alguma.

Mas esse não era o estilo de Astrid.

Jordan sabia disso.

Rolou de lado, com Felina ronronando feliz, encostada em seu peito, e decidiu pensar em outras coisas. Tinha uma reforma para terminar, uma matéria de revista chique para a qual se preparar e uma possível carreira numa grande emissora dedicada ao design de interiores. Não precisava de Astrid. Naquele momento, não precisava de nenhum tipo de romance. Era confuso demais, difícil demais, e ela só acabaria se...

O telefone interrompeu seus pensamentos.

Ela o agarrou de uma vez, com o coração já a meio caminho da garganta. Já era sua determinação de aço.

Mas não era Astrid.

Era Meredith.

Jordan suspirou e encostou o telefone na testa, as vibrações sacudindo ainda mais seus pensamentos. Desde o e-mail explosivo de Meredith para Natasha Rojas, uma semana antes, ela havia ligado, mandado mensagens de texto ou e-mails pelo menos uma vez por dia. Ultimamente, tinha passado a tentar falar com Jordan muito mais vezes do que qualquer ser humano passava falando ao telefone.

Jordan estava bem cansada de ver o nome da ex na tela... mas não estava zangada. Sabia que deveria estar – afinal, Meredith havia passado de todos os limites possíveis ao entrar em contato com Natasha, mas simplesmente não tinha energia para nutrir aquela emoção. Na verdade, nos últimos tempos, sentia muito pouco em se tratando de Meredith.

Antes que pudesse pensar duas vezes, apertou o botão verde.

– Que foi?

– Jo? Ai, meu Deus, você atendeu.

– Pois é, achei melhor acabar logo com isso.

Meredith suspirou ao telefone.

– Olha, me desculpa. Não imaginei que fossem cancelar o episódio.

– Andou falando com o Simon, é?

– Na verdade, com a sua avó. Ela sabe que me preocupo com você.

– Se preocupa comigo? – Jordan não conseguia acreditar naquela mulher. – Meredith, as suas atitudes não são as de alguém que *se preocupa* com outra pessoa.

– Foi você que criou o projeto, Jo, e aí...

– Não estou falando da pousada.

Houve um instante de silêncio, e Jordan entendeu que, se não dissesse tudo naquele momento, talvez nunca fizesse isso. E tinha que falar. Precisava que Meredith entendesse *por que* a separação havia acabado com ela.

E depois precisava se despedir.

– Você me abandonou – disse Jordan.

– Jo, eu...

– Você me abandonou porque não estava apaixonada por mim, e entendo isso, Meredith. Entendo mesmo, de verdade. E sabe de uma coisa? Você tinha razão em dizer que não éramos as pessoas certas uma pra outra.

Tinha razão em dizer que a gente precisava se separar, que havia outras coisas esperando pela gente. Mas o que você parece não entender é que éramos parceiras. *Parceiras*, Meredith. E você tomou a decisão final por mim, porra. Não disse nem uma palavra sobre as suas dúvidas durante todos os anos que passamos casadas, nem quando ficou doente e depois caiu fora assim que entrou em remissão. E é disso que tenho raiva. Isso é o que mais me magoa, o fato de você não ter pensado o suficiente em mim, não ter *se preocupado* o bastante comigo pra conversar sobre isso. Então acho que isso é prova mais do que suficiente de que não era amor, né?

Sentiu um aperto na garganta ao dizer as últimas palavras, e alguém que não era Meredith surgiu em sua mente. Um pé no saco em forma de gente com o cabelo repicado, mas afastou aquela imagem.

– Tem razão – respondeu Meredith depois de um momento de silêncio.
– Nossa, tem razão, Jordan. Eu deveria ter conversado com você primeiro. É que eu... não pensei... Merda. De verdade? Fiquei com medo de você não conseguir lidar com a situação. Fiquei com medo que você dissesse todas as coisas certas e eu acabasse ficando. Aí eu não seria feliz nem capaz de te fazer feliz, e o ciclo se repetiria pra sempre.

Jordan esfregou a testa. Havia certa verdade em meio às palavras de Meredith, mas ainda doía ouvir que sua própria ex-mulher achava que ela não fosse forte o bastante para ter aquela conversa.

– Bom – disse Jordan –, acho que nunca vamos saber.

– Eu sinto muito, Jo. Jordan. Sinto muito mesmo.

Jordan assentiu, embora Meredith não pudesse vê-la.

– Tá.

E isso, no fim das contas, era tudo o que restava a ser dito. Jordan pediu que Meredith lhe desse tempo e privacidade, e a ex concordou.

Depois despediram-se.

Jordan deixou o telefone cair no peito e puxou Felina para um abraço. Lágrimas afloraram nos olhos, e ela as deixou cair no cabelo. Era bom chorar, um alívio que esperava sentir havia um ano.

A felicidade era mais do que amor e romance. Era mais do que uma mulher deslumbrante com dentes de vampira que invadira seu mundo numa

enxurrada de café e raiva, mudando sua vida inteira. A felicidade era ter propósito, consciência de si mesma e aceitação. Então era nisso que Jordan se concentraria. Era nisso que...

Plic.

Os pensamentos ficaram paralisados, e a gata endureceu nos braços dela, levantando a cabeça com as orelhas empinadas na direção do som que vinha da janela.

Plic.

– O que foi isso, gatinha? – perguntou Jordan a Felina.

A gata desceu do colchão e se escondeu debaixo da cama.

– Minha heroína – resmungou Jordan enquanto jogava as cobertas de lado e ia até a janela, abrindo as cortinas para espiar do lado de fora.

A lua estava cheia e lançava uma luz prateada na grama, mas não enxergou nada além da roseira que bloqueava metade de sua visão.

Plic.

Dessa vez, Jordan recuou quando o que devia ser uma pedrinha bateu no vidro.

– Que porra é essa?

Destrancou a janela, mas não importava quanto puxasse, a desgraçada não se mexia. Só Deus sabia havia quanto tempo ninguém a abria.

Plic.

Ela suspirou, agarrou seu agasalho do Orgulho LGBTQ+ na ponta da cama e o vestiu por cima da regata e do short de pijama, calçou as botas e se dirigiu à porta dos fundos da cozinha. Pegou uma faca no suporte ao lado do fogão antes de abrir a porta no maior silêncio possível. Com certeza não precisava que Simon nem sua avó acordassem e se apavorassem com o que não devia ser nada além de um inseto batendo na janela.

Lá fora, o ar estava fresco e a grama já orvalhada. Ela se esgueirou pela lateral da casa até alcançar a janela do quarto, mas, ao chegar lá, não viu nada. Também não ouviu nada além do leve farfalhar das folhas da roseira na brisa de verão e um *shh-shh* suave que devia ser de seus próprios pés pisando na grama.

Tinha acabado de se virar, pronta para voltar para dentro, quando

avistou um pequeno retângulo largado na grama, com a luz da lua refletida na superfície, tornando-o brilhante e prateado.

Foi até lá e o pegou – era uma espécie de cartão –, inclinando-o à luz para vê-lo nitidamente. Demorou um segundo para assimilar o que era.

Uma carta de tarô. Mas não era uma carta qualquer.

O Dois de Copas.

Nunca tinha visto aquela versão – a arte tinha uma atmosfera boêmia, mostrando duas mãos entrelaçadas e voltadas para baixo, com cores se derramando delas para duas tigelas douradas. Jordan olhou para cima, totalmente confusa quanto a quem poderia ter deixado aquilo ali. Estava prestes a gritar, exigindo uma resposta, quando viu a segunda carta.

Estava a uns quatro metros de distância, na frente da oficina. Jordan correu para pegá-la e foi saudada por mais um Dois de Copas. Este era um desenho em preto e branco. A única cor era o vermelho das pétalas de duas rosas cruzadas acima de duas taças. Ela olhou para a carta, com a respiração forte e acelerada de repente, e começou a ficar meio zozna. Guardou aquela carta com a primeira e procurou por algum sinal de quem...

Ali.

A cerca de seis metros da porta da oficina, na direção da pousada, havia uma terceira carta. As pernas de Jordan estavam moles como gelatina, e as pontas dos dedos formigavam por conta do excesso de oxigênio quando pegou mais um Dois de Copas, este com os rostos de duas mulheres de perfil e o fundo pontilhado de estrelas.

Sentiu a boca seca. Tremia, e algo muito semelhante a uma vontade de chorar se acumulou em seu peito. Deixou a faca cair na grama e olhou para a pousada.

A luz do Quarto Azul estava acesa. Ou, pelo menos, uma espécie de luz. Tinha cor de âmbar, era tênue e tremeluzia, mas Jordan seguiu em frente, o coração batucando feito um tambor de encontro às costelas.

Nos degraus da varanda da frente, encontrou o quarto Dois de Copas – todo branco, a não ser por uma delicada ilustração em carvão. Quando abriu a porta da pousada, que estava destrancada (o que era perturbador), ligou a lanterna do celular e encontrou o quinto Dois de Copas no saguão de

entrada, o sexto na metade do caminho da escada, o sétimo no corredor e o oitavo na frente da porta do Quarto Azul.

Pegou o último nas mãos – uma ilustração em aquarela de duas amantes entrelaçadas numa praia enevoadada – e o juntou aos outros. A claridade suave do que só podia ser luz de velas tremulava no vão debaixo da porta do Quarto Azul.

Jordan encostou as mãos na madeira recém-envernizada, fechou os olhos, respirou fundo e empurrou.



Lá dentro, Jordan desligou a luz do celular. Não precisava mais dela, pois havia pelo menos umas dez velas, de vários formatos e cores, iluminando o ambiente. Algumas dentro de potes de vidro, outras em castiçais.

E, no centro do cômodo, encontrava-se Astrid Parker.

Jordan sabia que ela estaria ali. Talvez até já soubesse depois de pegar aquele primeiro Dois de Copas, mas tivera medo de acreditar nisso.

Ainda tinha medo de acreditar, como se tudo aquilo não passasse de um sonho ou uma alucinação.

Mas, caramba, Astrid parecia ser de verdade. Além disso, estava linda, usando simplesmente um jeans escuro e uma camiseta cinza, com o cabelo bagunçado e a franja roçando os cílios. Seus olhos brilhavam, a luz das velas tornando-os quase cor de âmbar. Não tinha o mesmo aspecto espectral da última vez que Jordan a vira.

Parecia estar, de alguma forma, diferente. Menos assombrada.

E estava olhando para Jordan com uma carta nas mãos.

– Oi – disse ela, com a voz suave e um pouquinho rouca.

– Hã... oi – respondeu Jordan.

Tentou respirar normalmente, mas estava arfando e bufando como se tivesse acabado de correr uma maratona.

– Você... quer água? – perguntou Astrid, inclinando a cabeça.

Jordan riu.

– Se tiver aí, eu aceito. É que alguém me enfiou numa caçada selvagem ao tarô no meio da noite.

– Que esquisito – comentou Astrid, sorrindo enquanto se virava e tirava uma garrafa d'água da bolsa. – Desculpa se não estiver geladinha.

Jordan gesticulou, depois entornou grandes goles de água na garganta seca. Ficou grata pela trégua emocional, um momento para esfriar a cabeça. Bebeu todo o conteúdo da garrafa e a deixou no chão, depois esperou que Astrid dissesse alguma coisa... *qualquer* coisa.

– Vai mesmo me fazer começar essa conversa? – perguntou por fim.

– Ah, não, desculpa. – Astrid deu um passo à frente. – Eu só queria te dar um tempo... pra ter certeza de que você quer mesmo estar aqui.

Jordan ergueu o queixo, tentando demonstrar mais indiferença do que sentia. Por que, não sabia, mas parecia ser a atitude mais segura.

– Ainda não decidi.

Astrid assentiu.

– É justo.

Jordan se calou. Não ia ceder mais nada. Não podia.

Astrid respirou fundo e deu mais um passo em direção a Jordan.

– Eu tinha planejado um discurso completo. – Seu sorriso era hesitante, e a voz estava embargada. – Mas, agora que você está aqui, eu...

Sem que Jordan permitisse, os pés dela a levaram adiante.

– Você o quê?

Astrid engoliu em seco com força e olhou para a carta na mão.

– Você o quê, Astrid? – repetiu Jordan, dessa vez com mais firmeza, mesmo que sentisse tudo dentro dela se derreter.

– Estou com medo – respondeu Astrid por fim, encarando os olhos de Jordan. – Hoje, eu estava na casa da Claire, pensando nos meus próximos passos, quando ela recebeu da mãe um baralho de tarô pelo correio. O *seu* baralho. O mesmo que você me mostrou no Andrômeda. E, pra mim... foi como uma espécie de sinal, sabe? Então, tirei uma carta e foi esta.

Ela virou a carta nas mãos. Jordan sabia qual era antes de ver as cores conhecidas, as duas mulheres de frente uma para a outra com as taças de ouro nas mãos.

– Puta merda – sussurrou mesmo assim.

– Pois é. – Astrid se aproximou mais. – Não acredito nesse tipo de coisa. Nunca acreditei, mas não consegui... não *quis* ignorar. Eu te liguei, mas você não atendeu, e entendi que você merecia muito mais do que um telefonema meu tagarelando sobre uma carta de tarô.

– Merecia, é?

Astrid assentiu.

– Você merece um gesto grandioso.

Jordan sentiu o nervosismo. Foi como um milhão de asas se abrindo e levantando voo dentro dela.

– É isso o que você tá fazendo, Astrid? Me proporcionando um gesto grandioso?

Astrid riu. Lágrimas brilharam nos olhos dela e se derramaram, mas ela não as enxugou.

– Isso mesmo.

Mais um passo. O espaço entre elas era de apenas alguns centímetros, e Jordan não se afastou. Não conseguiu. Nem queria. Os olhos de Astrid estavam fixos nos dela, colando-a no lugar.

– Eu te amo, Jordan Everwood – declarou Astrid. – No fim das contas, é isso. Achei que não te merecia, que você merecia uma pessoa melhor, e ainda pode ser que isso seja verdade. Nas últimas semanas, te fiz sofrer. Eu te usei. Mesmo que não entendesse de verdade o que estava fazendo na época, ainda assim, eu te usei. E sinto muito mesmo por isso. Depois de tudo, se o sentimento não for recíproco, vou entender, mas precisava falar. Precisava dizer que te *quero* mais do que já quis qualquer coisa em toda a minha vida. E pode parecer bobo ou infantil, mas não ligo. *Você é o meu destino*, Jordan. Não por causa de uma carta, das estrelas nem de alguma espécie de magia, mas porque eu te escolho. E eu...

Mas Jordan não a deixou terminar. Avançou no espaço entre elas e pegou o rosto de Astrid nas mãos, interrompendo suas palavras com um beijo. E não foi um beijo suave, mas desvairado, frenético, com línguas e dentes, com as mãos passeando pelos cabelos. Um beijo que comunicou as centenas de palavras que Jordan, naquele momento, não teria a menor

condição de dizer.

Astrid deixou cair aquele Dois de Copas fatídico e envolveu a cintura de Jordan com os braços, mergulhando as mãos debaixo do agasalho e da regata, arrastando as unhas na pele nua das costas dela. Gemeu na boca de Jordan, o som tão semelhante a um soluço que Jordan a beijou com mais ímpeto, abraçou-a com mais força. Ela sentiu as lágrimas escorrendo nas bochechas de Astrid e as enxugou com os polegares.

Por fim, o beijo ficou mais delicado, mais suave, e logo estavam apenas paradas no meio de um quarto semifinalizado, com os braços em volta uma da outra, uma testa colada à outra.

– Seria clichê dizer que você já tinha me ganhado no *oi*? – sussurrou Jordan.

Astrid riu.

– Não ligo se é clichê. Fala mesmo assim.

– Você já tinha me ganhado no *oi* – disse Jordan, dando um beijo naquele pescoço e girando com ela.

Astrid riu de verdade, deu seu sorriso de verdade, e Jordan nunca tinha ouvido um som mais bonito na vida.

– Tá bom, tenho que perguntar – falou Jordan depois que pararam de girar. – Onde foi que você arranjou esse monte de cartas de tarô?

Astrid sorriu de novo.

– Claire tinha muitos baralhos. Ela, Iris e Delilah me ajudaram a organizar tudo isso. Deixar as cartas lá fora, trazer as velas...

– E jogar pedras na minha janela?

Astrid cobriu a boca com as mãos, falando por entre os dedos.

– Desculpa. Foi a Iris. Acho que ela se escondeu na roseira quando você saiu.

Jordan riu.

– Puta merda, Parker. Que superprodução.

A expressão de Astrid ficou séria.

– Você merece.

– Você vive dizendo isso.

– Porque é verdade. Quero que você saiba disso.

– Eu sei. – Jordan apoiou a testa na de Astrid outra vez, sentindo a garganta apertada de emoção. – Finalmente sei.

Astrid levantou o queixo de Jordan e tinha acabado de encostar a boca na dela quando a porta do Quarto Azul se fechou com um estrondo.

As duas se assustaram, agarrando-se uma à outra e vendo a porta... se abrir de novo, rangendo.

Astrid riu.

– Parece que Alice Everwood concorda.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

DEPOIS QUE JORDAN FEZ A MALA e deixou um bilhete para o irmão e a avó na bancada da cozinha, Astrid a levou para casa.

Mal tinha trancado a porta depois de entrarem e já estavam arrancando as roupas uma da outra. Nem chegaram ao quarto. Em vez disso, Astrid puxou Jordan para o sofá, deixando sutiãs e calcinhas pelo caminho. Não queria línguas nem dedos. Precisava sentir a pele de Jordan junto da sua, a boca dela colada à sua, as duas respirando o ar e as palavras uma da outra.

Fez Jordan se deitar e montou nela, alinhando cada parte dos corpos.

– Ah! – gemeu Jordan quando seu sexo tocou o de Astrid.

Afundou a mão no cabelo dela e puxou as mechas já desarrumadas até Astrid gritar também. A mistura daquele ardor suave com o prazer era diferente de tudo o que Astrid já sentira. Ela ondulou os quadris de encontro aos de Jordan, desesperada pelo contato, pela sensação, esfregando os clitoris até as duas gozarem entre gemidos, unhas na pele, bocas roçando pescoços e ombros.

Desabou no peito de Jordan, ofegando, braços e pernas tomados por aquele peso pós-orgástico perfeito.

– Puta merda! – exclamou Jordan, respirando depressa.

– Pois é – respondeu Astrid.

Jordan ergueu o queixo de Astrid e fitou os olhos dela, encarando-a por tanto tempo que a outra começou a ficar sem jeito.

– Você tá bem? – perguntou Astrid.

Jordan assentiu e sorriu.

– Eu também te amo. Não disse isso lá na pousada.

– Não precisa...

– É verdade.

Astrid deixou aquelas palavras envolverem seu coração. Deixou que fossem verdadeiras. Permitiu-se *sentir* a verdade. Depois, beijou a mulher que amava, a mulher que a amava também. Beijou-a naquele sofá, depois no quarto, no chuveiro e na varanda dos fundos. Beijou-a até o sol começar a espreitá-las através das cortinas, quando finalmente adormeceram.



– Olha, tenho uma coisa pra te dar – disse Jordan no fim da manhã seguinte.

Estavam sentadas à mesa da cozinha enquanto a chuva escorria pela janela, com uma nova fornada de muffins de sidra esfriando entre elas, já que tinham dormido até mais tarde e pulado o café da manhã.

Por cima da xícara de café, Astrid olhou para Jordan.

– O que é?

Jordan franziu o nariz, como fazia quando estava tímida. Era tão fofo que Astrid quase tirou tudo da mesa para agarrá-la ali mesmo.

– É... Bom, encomendei pra você antes...

Astrid assentiu. Sabia o que era aquele *antes*. Tinham passado metade da noite, entre sexo e mais sexo, discutindo o que havia acontecido com a pousada e o que sentiam a respeito disso. Astrid dividiu com Jordan tudo o que fizera desde então – tinha largado o emprego e praticamente rompido o contato com a mãe, pelo menos por enquanto. Contou sobre suas listas e a ideia de tentar viver como padeira.

E Jordan contou sobre o telefonema de Natasha, a oferta em relação à revista *Orquídea* e a rede de TV. Ao finalmente ouvir a notícia da boca de Jordan, Astrid procurou em seu íntimo qualquer sinal de inveja ou amargura, mas não sentia mesmo nada disso. Estava simplesmente feliz. Orgulhosa. E disse isso a Jordan com suas palavras... e, depois, com algumas ações que a fizeram gemer o nome dela.

Agora, na cozinha, Jordan se levantou e foi para a sala de estar, onde largara sua bolsa na noite anterior. Vasculhou o conteúdo antes de finalmente encontrar uma caixinha branca e voltou, aproximando sua cadeira de Astrid e deixando a caixa diante dela.

Astrid arregalou os olhos.

– Hã, o que...

– Não é um anel – declarou Jordan, completamente séria. – Conheço a piada sobre as lésbicas que já querem se casar no segundo encontro, e não é nada disso.

Astrid riu.

– Ah, meu Deus, não foi isso que eu pensei.

– É, não foi, não...

– Não foi mesmo!

Jordan se inclinou e a beijou.

– Abre.

Astrid balançou a cabeça para tirar o cabelo do rosto e pegou a caixa nas mãos, levantando a tampa. Ali, sobre um pequeno leito de algodão, estava um colar de ouro. A corrente era delicada, assim como o pequeno pingente, que era...

Astrid arfou ao reconhecer aquele formato de osso da sorte duplo, voltando-se para a namorada de uma vez.

Jordan apenas sorriu.

– É um colar de clitóris – constatou Astrid.

Jordan assentiu e tratou de explicar.

– Eu quis te dar um presente depois daquela situação com a sua mãe na varanda, alguma coisa que fizesse você se sentir forte. Vi isso na internet e pensei em você.

– Você... pensou em mim quando viu um colar de clitóris?

Jordan riu.

– Não foi nesse sentido.

Astrid levantou as sobrancelhas.

– Tá bom, é, quando penso em você me dá vontade de te agarrar, mas não foi por isso que comprei o colar.

Astrid sorriu e enfiou a mão livre no cabelo de Jordan, depois deixou os dedos apoiados na nuca dela.

– Você admirou a Natasha por ter coragem de usar um colar desses – continuou Jordan – e eu queria que você sentisse que também é corajosa. Queria te dar uma coisa que te fizesse lembrar que você é valente e capaz, que pode escolher a si mesma e priorizar o que *você* quer, e que merece ser amada, não importa quais sejam essas prioridades, no fim das contas.

Astrid soltou um suspiro e abraçou Jordan até encostar a testa na dela. Meu Deus, estava totalmente apaixonada por aquela mulher. A cada segundo ficava mais impressionada com ela.

– Eu adorei – disse Astrid, e se endireitou para tirar o colar da caixa. – É perfeito.

– Não precisa usar. Sei que é meio extravagante.

– Eu posso ser extravagante – respondeu Astrid.

Pendurou o colar em volta do pescoço e se virou de costas para que Jordan prendesse o fecho para ela. O pingente ficou logo abaixo da base do pescoço.

Jordan riu, mas logo agarrou as pernas de Astrid e a virou de frente, deslizando as mãos pelas coxas dela.

– Você pode ser tudo o que quiser.

E Astrid acreditou nela.



Naquela tarde, a campainha tocou às cinco horas. Astrid presumiu que fossem suas amigas, embora Claire tivesse prometido tentar manter Iris

afastada por uns dias para dar às duas um pouco de privacidade. Ainda assim, enquanto Astrid se dirigia à porta de regata e leggings, percebeu que não se importava com a intrusão. Tinha muito o que contar às amigas, e podia muito bem fazer isso naquele momento.

E, nossa, Iris ia adorar o colar de clitóris. Tinha certeza de que, quando chegasse o verão, todas estariam usando pingentes iguais. O pensamento a fez sorrir, mas sua expressão murchou quando abriu a porta e se viu cara a cara com a mãe.

Isabel Parker-Green estava mal. Bom, quer dizer, tão mal quanto Isabel era capaz de ficar, o que significava estar com um pouco menos de maquiagem e o cabelo um tanto mais opaco do que o normal. Usava uma calça de linho e uma blusa do mesmo tecido, em vez das peças de seda que preferia. Ainda assim, quando encarou os olhos da filha, com um guarda-chuva preto acima da cabeça, seu olhar não estava tão afiado como costumava ser, sempre procurando defeitos. Não, aquela era uma expressão que Astrid nunca tinha visto. Não conseguia nem identificá-la.

Naqueles últimos dias, Astrid vinha ignorando os telefonemas, as mensagens de texto e os e-mails da mãe. Sabia que cedo ou tarde teriam que conversar, mas precisava de tempo para se descobrir antes de convidar Isabel para voltar à sua vida.

– Mãe... – começou a dizer.

Mas sentiu um aperto na garganta, uma onda repentina de emoção, talvez até medo. Quis chamar Jordan, mas a namorada tinha saído para buscar o jantar. Talvez fosse melhor assim. Além do mais, Astrid podia cuidar daquilo sozinha.

Endireitou o colar de clitóris e respirou fundo.

– Não estou pronta pra conversar, mãe – disse ela, e sua voz tremeu só um pouco.

– Eu sei – respondeu Isabel.

Sua voz estava suave, mas saiu um pouco forçada, como se a severidade de sempre estivesse lutando contra algo mais terno.

– Então, por que veio? – perguntou Astrid.

Isabel segurou o guarda-chuva com tanta força que os nós de seus dedos

ficaram brancos. Astrid nunca vira a mãe tão desequilibrada.

– Só queria que soubesse que estou aqui. Quando você estiver pronta, eu gostaria de fa... – Ela balançou a cabeça e respirou fundo. – Quando estiver pronta pra falar, eu gostaria de ouvir.

Astrid arregalou os olhos. Sua mãe era uma péssima ouvinte. Não conseguia pensar num único momento da vida em que se sentira ouvida.

E talvez Isabel finalmente tivesse percebido isso.

– Tá bom – disse Astrid. – Eu te aviso.

Isabel assentiu, ajeitou a bolsa no ombro com a mão livre, virou-se para ir embora...

E deu de cara com Jordan Everwood.

Astrid prendeu a respiração, mas também deu um passo adiante. De jeito nenhum ia deixar sua mãe dizer alguma ofensa a Jordan. Nem naquele dia, nem nunca.

As outras duas mulheres ficaram paralisadas, Jordan com uma sacola de sushi pendurada no cotovelo, o guarda-chuva transparente de Astrid acima dela e a chuva caindo na superfície.

– Hã, olá – disse ela.

Isabel endireitou os ombros.

– Olá, Jordan – respondeu ela. – É... é um prazer vê-la de novo.

As sobrancelhas de Jordan subiram até o cabelo, e ela olhou para Astrid atrás de Isabel.

– Vi o trabalho que você fez na pousada da sua família – comentou Isabel. – Ficou lindo. Lindo mesmo.

– Ah. – Jordan piscou, aturdida. – Obrigada.

E, com isso, Isabel passou por ela, entrou na sua BMW e foi embora.

– Puta merda, jura que acabei de ganhar um elogio de Isabel Parker-Green? – perguntou Jordan, aproximando-se de Astrid.

Coberta pelo telhado da varanda, fechou o guarda-chuva e o apoiou num canto.

– Acho que sim. Não que você precise.

– Ah, não, lógico que não. – Jordan fez *pff* e gesticulou, fazendo Astrid rir. – Mas e aí? Você tá bem?

Astrid levou algum tempo para responder. Sinceramente, sentia-se um pouco vulnerável e exausta. Aquelas poucas palavras trocadas com Isabel haviam drenado toda a sua energia. Mas a mãe dela era... a mãe dela. Uma parte de Astrid viveria sempre desesperada por aprovação, por amor. Não achava errado uma filha querer isso da pessoa responsável por ela, principalmente alguém que a havia criado sozinha. Queria Isabel na sua vida.

Mas, pela primeira vez, ia fazer alguma coisa do próprio jeito, e sua mãe sabia disso. Entender isso a fez se sentir forte.

Ela assentiu, depois deu um tapinha no peito.

– Talvez seja o poder do colar de clitóris, mas sim. Acho que estou bem. Estou me sentindo meio assim... foda.

Jordan riu, enlaçando a cintura de Astrid com o braço e puxando-a para um beijo.

– Astrid Parker, você é a pessoa mais foda que eu conheço.



CAPÍTULO TRINTA E SETE

Dois meses depois

A POUSADA EVERWOOD BRILHAVA. A luz suave das arandelas cor de âmbar iluminava cada corredor, cada cômodo, e velas estrategicamente posicionadas faziam cintilar todas as taças de champanhe na sala. Uma banda muito *queer* que Astrid havia encontrado em Portland, chamada The Katies, tocava na biblioteca, guitarras e bandolins murmurando num estilo meio Brandi Carlile.

Astrid Parker estava ao lado de uma estante verde-sálvia lotada de todos os tipos de livros que com certeza *não* tinham sido escritos por homens brancos já mortos. Tomou um gole de champanhe e ficou olhando a multidão que rodeava e adulava sua namorada – e que era grande, com pessoas que tinham vindo até de Nova York para comemorar a grande reabertura de Everwood.

Jordan estava fantástica. Sempre estava, mas, naquela noite, usando terno preto sob medida, camisa branca com o colarinho aberto, o batom vermelho-rubi impecável nos lábios e o cabelo cobrindo parte da testa,

Astrid sentia uma palpitação cada vez que tinha um vislumbre dela.

– Então ela é uma baita estrela – comentou Iris ao lado de Astrid.

Inclinou a taça em direção a Jordan, que passeava pela multidão com Natasha Rojas, as mãos enfiadas nos bolsos e a postura aberta e confiante cada vez que paravam para falar com alguém que queria conhecer a designer.

– Pois é – respondeu Astrid. – Ela é, sim.

A matéria na *Orquídea* com a transformação surpreendente e inovadora da Pousada Everwood tinha sido publicada no começo daquela semana. Um mês antes, quando Natasha estivera na cidade com a pessoa responsável pelas fotos e a repórter da *Orquídea* para fazer uma última sessão de fotografias da obra recém-finalizada, ela informara a data de lançamento da matéria, então Astrid obviamente tinha entendido que o momento perfeito para dar uma festa de reabertura seria logo em seguida, capitalizando o interesse que o destaque na revista criaria no mundo do design de interiores.

E tinha razão.

Desde que assumira a administração da pousada, cinco semanas antes, havia trabalhado com afincos para preparar tudo para uma onda de negócios. Tinha sido um palpite, mas um palpite abalizado. Astrid garantiu a Pru e Simon que o investimento em roupas de cama, num computador novo para a recepção e num novo programa para gerenciar as reservas on-line e a folha de pagamento valeria a pena.

Apenas três semanas após o lançamento da matéria na *Orquídea*, já estavam com todos os quartos reservados pelos três meses seguintes.

Astrid também passara muito tempo na cozinha. Embora a variedade de muffins, bolos e pãezinhos que ela e Jordan levaram para a reunião inicial com Pru e Simon tivesse convencido os Everwoods de que ela podia cuidar do forno, cozinhar era outra história. Então também contrataram uma chef – uma jovem negra chamada Rhea que havia estudado numa escola de culinária em Seattle –, e Astrid estava animada com a parceria. Sabia que poderia aprender muito com ela, que era tão organizada quanto talentosa. Astrid nunca provara nada tão delicioso quanto as frittatas de espinafre e alecrim da mulher.

Quanto às tarefas domésticas, continuaram com Sarah, que trabalhara em Everwood por cerca de uma década antes da reforma e estava empolgada com todas as mudanças.

– Este lugar está simplesmente maravilhoso – afirmou Claire quando ela e Delilah se juntaram a Astrid e Iris, com os óculos também cintilando àquela luz. – A gente vai reservar um pernoite aqui, né, amor?

– Uhum – respondeu Delilah, assentindo enquanto tomava um grande gole de champanhe. – Sinceramente, a ideia de ver a Astrid levando travesseiros pra mim é boa demais pra deixar passar.

Astrid bateu no braço de Delilah, mas estava sorrindo. Seria um prazer levar travesseiros para a irmã. Também arrumaria a cama e deixaria uma bala de hortelã nos lençóis limpos. Faria tudo isso e adoraria cada segundo. Adorava estar ali, nos corredores e quartos aconchegantes de Everwood. Não havia lugar que amasse tanto quanto aquele. Mesmo quando o trabalho ficava entediante – ao elaborar orçamentos ou encomendar os sabonetinhos e os vários xampus para diferentes tipos de cabelo que deixavam em cada banheiro –, sabia que aquele era o seu lugar.

Everwood a fazia feliz, pura e simplesmente.

Viu sua mãe no meio da multidão, elegante como sempre, com um terninho marfim. Cerca de um mês antes, Astrid finalmente ligara para conversar com ela. Não foi à Casa das Glicínias, mas pediu a Isabel que a encontrasse na Café & Conforto – território neutro –, onde contou à mãe como se sentia e tudo o que a levava a sair da Bright Designs.

E a mãe ouviu.

Em certos momentos da conversa, Isabel pareceu ficar horrorizada. Também demonstrou tristeza, confusão e esperança. Não falou muito em resposta, mas Astrid só precisava que a mãe a ouvisse, e acreditava que ela tinha feito isso mesmo. Duas semanas depois, encontraram-se de novo para tomar café. Falaram sobre o novo emprego de Astrid e sobre a Bright Designs, que Isabel ia pôr à venda.

Reconstruir aquele relacionamento era uma tarefa lenta e às vezes incômoda, mas Astrid estava disposta a tentar. O mais surpreendente era saber que Isabel também estava, e era só isso que importava.

Do outro lado da sala, seu olhar cruzou com o de Jordan. A namorada lhe deu uma piscadela, provocando um friozinho na barriga, como se fosse uma pré-adolescente. Ela sorriu e mordeu o lábio inferior, e isso pareceu bastar para fazer Jordan pedir licença a Natasha e ir na direção dela.

– Vocês duas são um nojo – disse Iris, testemunhando toda a comunicação.

– Ah, você adora, vai – respondeu Astrid.

– Adora o quê? – perguntou Jordan ao chegar, passando o braço em volta da cintura de Astrid e dando-lhe um beijo rápido.

– A gente – respondeu Astrid, apoiando-se em Jordan. – É que você e eu ficamos absolutamente lindas juntas, sabe.

– Ah, ficamos, é? – Jordan sorriu para ela.

Astrid assentiu, e não poderia deixar de sorrir nem se quisesse.

– Blé – resmungou Iris.

– Você só tá dizendo isso porque não tá namorando ninguém agora – comentou Claire. – Tá com inveja?

– Pode ter certeza que não – respondeu Iris, tomando um gole de sua bebida e olhando para a multidão. – Desisti de namorar, muito obrigada.

Astrid olhou de relance para Claire e Delilah. Iris tinha estado estranhamente calada a respeito de romances desde a traição de Jillian, alguns meses antes.

– É normal dar um tempo – comentou Delilah.

Iris não respondeu. Em vez disso, viu Simon do outro lado do saguão, ao lado da mesa do bufê arrumada na sala de jantar. Apertou o ombro de Jordan e deu um beijo na bochecha de Astrid, depois foi até ele. Os dois andavam passando muito tempo juntos, embora ela jurasse que eram apenas amigos. Além do mais, Simon tinha começado a namorar Emery, do *Pousadas Adentro*, havia algumas semanas, logo depois de ela acompanhar Natasha na sessão de fotos para a *Orquídea*.

– Vamos dar uma volta por aí – sugeriu Claire, entrelaçando os dedos nos de Delilah e dando um beijo na bochecha de Astrid.

Astrid assentiu e puxou Jordan para um canto um tanto sombreado perto da lareira.

– Enfim, sós – disse ela, beijando o pescoço da namorada, e então olhou para a multidão na sala. – Quer dizer, mais ou menos.

Jordan puxou Astrid para mais perto.

– Só mais umas horas, e vou fazer de tudo com você.

– Bom, estou usando meu vestido da sorte.

Jordan riu e recuou o suficiente para olhar Astrid de cima a baixo. Estava usando aquele vestido lápis marfim, o mesmo em que Jordan derramara café naquele fatídico primeiro encontro. O colar de clitóris, cintilando no pescoço, era a única joia que usava e, em vez dos sapatos de salto pretos, calçara um par de *stiletto*s vermelho-cereja absolutamente divinos.

Ela ergueu o braço de Astrid e a fez girar.

– Eu é que tenho sorte... você já viu como fica sua bunda com esse vestido?

Astrid deu uma risadinha.

– Na verdade, vi, sim.

Jordan assobiou, depois abraçou a namorada de novo quando a banda começou a tocar uma música mais lenta. Astrid passou os braços ao redor do pescoço de Jordan, e as duas começaram a balançar ao ritmo doce de um bandolim.

– Ninguém mais tá dançando – sussurrou Astrid.

– Não ligo – respondeu Jordan, girando-a.

Estavam atraindo alguns olhares, a maior parte sorridente.

– Nem eu – disse Astrid, sorrindo de encontro ao cabelo de Jordan quando percebeu que era cem por cento verdade.

– Nossa, a gente deve estar apaixonada ou coisa assim.

– É como se fosse destino.

– Astrid Parker, está dizendo que você é o meu destino?

Astrid olhou para uma obra de arte na parede perto da lareira.

Instaladas num fundo branco e cercadas por uma moldura quadrada verde-sálvia, estavam nove cartas de tarô.

Nove Dois de Copas.

Ela sorriu e deu um beijo suave na boca de Jordan.

– Jordan Everwood, é exatamente isso que estou dizendo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a todas as pessoas que leram, resenharam e falaram sobre *Delilah Green não está nem aí*. Adorei fazer contato com o público leitor durante a divulgação do primeiro livro que se passa em Bright Falls, e espero sinceramente que a história de Astrid não tenha deixado a desejar. Ela é bem pessoal, e fico muito honrada em dividi-la com vocês.

Como sempre, nada disso seria possível sem Rebecca Podos, que me brinda com seu talento como agente e com sua amizade. Seu discernimento, sua compaixão e sua determinação nunca vão deixar de me surpreender. Agradeço à minha editora, Angela Kim, cujo olhar aguçado ajudou a transformar este livro exatamente na história que precisava ser – sem você, eu ainda estaria nadando no vasto oceano da reescrita!

Obrigada a toda a equipe da Berkley, incluindo Katie Anderson, Fareeda Bullert, Elisha Katz, Tina Joell e Beth Partin. Agradecimentos infinitos a Leni Kauffman, cuja ilustração de capa com Astrid e Jordan parece ter saído diretamente dos meus sonhos.

Obrigada à minha querida rede de amizades: Meryl, Emma e Zabe, cujo humor, sabedoria e discernimento me ajudam a cada passo do processo. Courtney Kae, obrigada por ler este livro desde o início e por oferecer um excelente parecer que ajudou Astrid e Jordan a se encontrarem de maneiras ainda mais significativas. Agradeço a Brooke Wilsner por ler primeiro e por me ajudar a acreditar que o livro não era uma porcaria.

Obrigada a Alison Cochrun e Courtney Kae por suas palavras maravilhosas a respeito da obra. Sou fã de vocês para sempre, como autoras e seres humanos!

Obrigada a todas as pessoas que ofereceram palavras gentis para apoiar

este livro. Estou mais grata do que imaginam por seu tempo e por seus elogios!

Como sempre, agradeço a C., B. e W., que criam um espaço seguro para eu escrever todos os dias e me amam mesmo quando desapareço por um tempo dentro da minha mente.

Por último, mais uma vez e sempre, obrigada a todas as pessoas que leram este livro! Sem vocês, Astrid e Jordan só existiriam na minha cabeça, e estou muito grata por sua ajuda ao dar vida a elas.

“O final perfeito para a série. É delicado, picante, sáfico e satisfatório, tudo que os leitores de Ashley amam.” — Elissa Sussman, autora de *Já que você perguntou*

IRIS KELLY NÃO NAMORA



ASHLEY HERRING BLAKE

Autora de Delilah Green não está nem aí

IRIS KELLY
NÃO NAMORA

ASHLEY HERRING BLAKE

IRIS KELLY NÃO NAMORA



Traduzido por Camila Fernandes



Título original: *Iris Kelly Doesn't Date*
Copyright © 2023 por Ashley Herring Blake
Copyright da tradução © 2024 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a Berkley, selo do Penguin Publishing Group,
uma divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou
reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos
editores.

Trechos de *Muito barulho por nada*, de William Shakespeare, gentilmente cedidos
pela L&PM (trad. Beatriz Viégas Faria, 2002).

coordenação editorial: Taís Monteiro

produção editorial: Guilherme Bernardo

preparo de originais: Karen Alvares

revisão: Juliana Souza e Rafaella Lemos

revisão técnica em diversidade: Bruno Ferreira

diagramação: Miriam Lerner | Equatorium Design

capa: Katie Anderson

imagens de capa: Leni Kauffman (frente); Molesko Studio | Shutterstock (quarta
capa)

adaptação de capa: Natali Nabekura

foto da autora: © Craig Pope

e-book: Marcelo Morais

B568i

Blake, Ashley Herring

Iris Kelly não namora [recurso eletrônico] / Ashley Herring Blake ; tradução
Camila Fernandes. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2024.
recurso digital

Tradução de: Iris Kelly doesn't date

Formato: e-book

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-644-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Fernandes, Camila. II. Título.

24-89067

CDD: 813

CDU: 82-31(81)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1767 - conjunto 177 – Pinheiros

05404-014 – São Paulo - SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para Meryl e Brooke



CAPÍTULO UM

IRIS KELLY ESTAVA DESESPERADA.

Ela parou nos degraus da varanda da casa dos pais, a luz crepuscular do sol de junho iluminando a madeira pintada de azul, e tirou o celular do bolso.

Tegan McKee estava desesperada.

Digitou as palavras no aplicativo Anotações, encarando o cursor piscante.

– Desesperada por quê, sua lambisgoia? – perguntou em voz alta.

Esperava que alguma coisa, qualquer coisa que não parecesse exagerada e batida, fluísse para dentro de sua cabeça, mas nada aconteceu. Sua mente era uma tábula rasa aterrorizante, nada além de ruído branco. Ela apagou tudo, menos o nome.

Porque era só isso que tinha para o livro: um nome. Um nome que amava, que parecia servir com perfeição e que as melhores amigas de Tegan abreviavam para Ti, mas, ainda assim, um nome solitário. Em se tratando de seu segundo livro de romance – aquele mesmo que a agente literária já

estava no pé dela pedindo que entregasse, que a casa editorial já tinha comprado e pagado, que a editora esperava ver chegar na caixa de entrada dali a dois meses –, isso significava que Iris não tinha nada.

Portanto, quem estava desesperada era Iris Kelly.

Olhou para a porta da casa, sentindo o medo se revirar no estômago e substituir o pânico criativo. Sabia o que a esperava dentro daquela casa, e não era nada de bom. Talvez a dentista da mãe dela? Não, não, era mais provável que fosse a ginecologista. Ou, talvez, se desse muita sorte, alguma pobre coitada que quisesse estar lá ainda menos do que ela – porque era quase impossível resistir a Maeve Kelly quando ela estava decidida –, e Iris e a coitada supracitada poderiam se compadecer juntas pelo absurdo da situação.

Opa, quem sabe Iris pudesse extrair algum material dali.

Tegan McKee tinha um encontro marcado. Não havia planejado o encontro, nem se lembrava de ter sido convidada.

Iris ficou paralisada com um pé no degrau e abriu o aplicativo Anotações outra vez. Até que não estava tão ruim...

– Filha?

Iris tirou o olhar daquele cursor infernal que não parava de piscar – *Por que você não quer ir a um encontro, Tegan?* – e sorriu para a mãe e o pai, que estavam parados no vão da porta aberta, os braços em volta um do outro. A felicidade conjugal fazia o rosto deles brilhar à luz do verão.

– Oi – disse ela, guardando o celular. – Feliz aniversário, mãe.

– Obrigada, meu bem – respondeu Maeve, os cachos ruivos e raiados de branco balançando em volta do rosto.

Era uma mulher roliça, de braços e quadris macios, com o peito farto que a própria Iris tinha herdado.

– Está mais linda a cada ano, ela – disse o pai de Iris, beijando a esposa na bochecha.

Liam era alto e esbelto, com cabelo ruivo-claro em volta do ponto lustroso de calvície no alto da cabeça.

Maeve deu uma risadinha, e Iris viu os dois começarem a se agarrar e se beijar, o que incluiu um vislumbre da língua de Liam e uma passada

decidida, e nem um pouco discreta, da mão dele na bunda de Maeve.

– Aff, vocês dois – resmungou Iris, subindo a escada e desviando o olhar.

– Não dá pra esperar pelo menos até eu entrar em casa?

Eles se afastaram um do outro, mas mantiveram o sorriso detestável.

– Fazer o quê, filhota? – retrucou Liam, cujo sotaque irlandês continuava intacto, mesmo depois de passar quarenta anos nos Estados Unidos. – Não consigo ficar longe dessa mulher!

Mais beijos começaram a estalar, mas Iris já havia passado pelos pais e entrado na casa. Sua irmã mais nova, Emma, apareceu com o filho de 4 meses, Christopher, coberto por um lenço de amamentação, o que levou Iris a presumir que o bebê estava grudado a um dos seios da mãe.

– Eita, estão nisso de novo? – perguntou Emma, apontando com o queixo para a porta da frente, onde Maeve e Liam sussurravam palavras doces no ouvido um do outro.

– E quando é que não estão? – respondeu Iris, pendurando a bolsa num cabide da entrada. – Mas pelo menos distrai a mãe e...

– Ah, Iris! – gritou Maeve, puxando o marido para dentro pela mão. – Quero te apresentar uma pessoa.

– Puta merda – resmungou Iris.

Emma sorriu.

– Olha a boca! – censurou Maeve, antes de engancha o braço no de Iris.

– Não tem alguma fralda aí precisando ser trocada? – perguntou Iris enquanto sua mãe a arrastava em direção à porta dos fundos. – Ou um banheiro bem nojento pra eu limpar? Ah, peraí, acabei de lembrar que estou atrasada pra um papanicolau...

– Para com isso – exigiu Maeve, puxando a filha. – O Zach é muito legal.

– Ah, tá, se ele é legal... – disse Iris, irônica.

– É meu instrutor de spinning.

– Puta merda ao quadrado.

– Iris Erin!

Maeve a empurrou para a varanda dos fundos, e foi assim que ela se viu sentada ao lado de Zach, que, meia hora depois, se dedicava a exaltar as virtudes do CrossFit.

– Não dá pra saber com certeza o que o seu corpo aguenta, o que ele consegue fazer, se você não for até o limite – dizia.

– Humm – era só o que Iris tinha a dizer em resposta.

Ela tomou um gole de Coca Sem Açúcar, amaldiçoando o hábito da mãe de nunca servir vinho antes da refeição, e olhou em volta, procurando salvação.

Liam estava na dele, cuidando da churrasqueira, adepto do *Não tenho nada a ver com isso*, portanto não seria de nenhuma ajuda. Iris amava o pai, mas ele tinha adoração pela esposa e movia céus e terras por ela sempre que possível. Isso significava que Maeve jogava aqueles “encontros” no colo de Iris quase toda vez que a família se reunia e Liam se limitava a sorrir, beijar o rosto de Maeve – ou beijá-la todinha por dez minutos, conforme o caso – e perguntar que comida ela queria que ele fizesse para tal ocasião feliz.

Naquele momento, Emma estava sentada em frente a Iris à mesa de sequoia do quintal, com aquele chanel ruivo apropriado para uma executiva de publicidade e um sorrisinho sarcástico diante da situação. Emma achava as maquinações da mãe hilárias e sabia que Iris nunca, nem em um milhão de anos, se interessaria por alguém que Maeve apresentasse a ela.

Principalmente porque Iris não se interessava por ninguém havia mais de um ano.

– Já experimentou HIIT? – perguntou Zach. – Parece que você vai morrer no meio do treino, mas, nossa, é uma delícia!

Emma riu pelo nariz, depois disfarçou o som dando tapinhas nas costas do recém-nascido.

Iris coçou a bochecha com o dedo médio bem visível.

Enquanto isso, Aiden, o irmão mais velho delas, corria pelo quintal rosnando feito um urso, perseguindo as filhas gêmeas de 7 anos, Ava e Ainsley, à luz dourada do pôr do sol. Iris pensou seriamente em se juntar a eles, porque brincar de pega-pega era um jeito melhor de passar a noite do que ficar ali, no décimo círculo do inferno.

É claro que Iris já esperava isso. Ainda no mês anterior, numa reunião para comemorar a mudança de Aiden de São Francisco para Portland, se viu jantando ao lado de Hilda, a cabeleireira da mãe, uma linda mulher de

cabelo lavanda que começou a conversa perguntando se Iris gostava de porquinhos-da-índia. Depois passou a semana seguinte desperdiçando pelo menos 0 mil palavras em seu romance narrando como Tegan andava por aí procurando um encontro fortuito num pet shop. Acabou descartando o trecho inteiro e logo culpou a mãe por aquela inspiração horrorosa.

– Isso aí mata, sabia? – afirmou Zach, indicando o refrigerante dela com um sorriso irônico, exibindo todos os dentes perfeitos.

Era um cara branco, de cabelo loiro e olhos azuis, mas também era meio... *alaranjado*. A resposta sobre bronzeamento artificial e câncer de pele estava na ponta da língua, mas Iris ficou quieta.

– Ah, vê se você consegue convencer ela a beber mais água, Zach – disse Maeve ao passar com uma bandeja de hambúrgueres vegetarianos caseiros a caminho da churrasqueira.

– Eu só bebo água – comentou ele, apoiando os cotovelos nos joelhos e contraindo os bíceps obviamente impressionantes. – Água e, de vez em quando, uma xícara de chá verde.

– Meu Deus do céu – respondeu Iris, tomando mais um gole de refrigerante.

– Quê? – perguntou Zach, aproximando-se mais dela.

A colônia dele, com aroma de pinho e praia, inundou as narinas dela, parecendo mais um tsunami que uma onda suave, e Iris tossiu um pouco.

– Eu falei *queijo com mel* – respondeu ao bater com as mãos na mesa, ficando de pé e ajeitando a blusa cropped verde. – Acho que precisamos de uns petiscos.

– Queijo com mel, queijo com mel! – cantarolaram Ava e Ainsley entre risadas e gritinhos no quintal.

Aiden estava com as duas meninas jogadas por cima dos ombros largos, uma de cada lado. O cabelo comprido e castanho-avermelhado delas quase tocava a grama. Ele as deixou no degrau mais alto da varanda e Iris logo se adiantou, dando as mãos para elas. Agiu tão depressa que se sentiu um urubu descendo com tudo do céu, mas, para falar a verdade, não ligava. Não tinha o menor problema em usar as sobrinhas fofíssimas para sair daquela situação.

– Eu busco, filha – disse a mãe, deixando o prato de hambúrgueres nas mãos do marido e voltando à porta dos fundos.

– Não! – gritou Iris, mas logo armou um sorriso e abrandou a voz. – Deixa comigo, mãe. Descansa um pouco.

E, com isso, puxou Ava e Ainsley para dentro de casa, andando tão depressa que as perninhas compridas das meninas quase se emaranharam nas dela. Deu um jeito de entrar com elas sem acabarem todas estateladas no chão e as fez ir para a cozinha por meio de cócegas muitíssimo bem calculadas.

O aroma de pão assado e açúcar as saudou. Charlie, o marido de Emma, estava amassando batatas numa tigela de cerâmica azul gigante, contraindo os antebraços, enquanto a esposa de Aiden, Addison – maravilhosa em um vestido chemise acinturado e com um avental de babados –, punha tiras de massa sobre o que parecia uma torta de ruibarbo e morango. A cena parecia uma pintura de Norman Rockwell.

Iris acenou para a cunhada e o cunhado, e logo localizou o prato de frios que a mãe já havia deixado na ilha de madeira da cozinha. Enfiou um retângulo de cheddar na boca e espalhou um pouco de brie num biscoito de sementes de gergelim antes de mergulhar tudo num copinho minúsculo de aço inoxidável cheio de mel orgânico.

– Calma – avisou Addison enquanto as meninas também se serviam. – Senão vão ficar sem apetite.

Iris enfiou na boca mais um quadrado delicioso de felicidade com o potencial de deixá-la sem apetite. Addison era gente boa, e ela e Iris sempre se deram bem, mas a cunhada ainda fazia as gêmeas usarem roupas iguais, trançava o cabelo delas no mesmo estilo e tinha um blog de maternidade sobre como conciliar estilo e eficiência em casa. Além disso, tinha uma chihuahua de pelo curto chamada Amora, consolidando a tradição de só ter nomes iniciados por A na família.

Não havia nada de errado nisso, mas Iris, cujo apartamento era uma mistura de móveis que não combinavam entre si e que tinha gavetas lotadas de brinquedos sexuais nas duas mesas de cabeceira, nunca sabia ao certo como manter uma conversa com a cunhada. Ainda mais quando Addison

dizia besteiras como “vão ficar sem apetite” para crianças que estavam comendo cubinhos minúsculos de queijo.

Iris fez questão de pôr uma camada de mel duas vezes mais espessa no biscoito seguinte. De modo muito conveniente, isso significava que estava com a boca praticamente colada de tanta comida quando do nada a mãe entrou na cozinha, os olhos brilhantes fixos nela.

– E aí? – perguntou Maeve. – O que achou?

Atrás dela, Aiden e Emma, com o bebê Christopher, também entraram no cômodo.

– É, Iris, o que achou? – repetiu Aiden com um sorriso sarcástico, enfiando um quadrado de queijo apimentado na boca.

Iris olhou feio para ele. Quando crianças, ela e Aiden tinham sido muito próximos. Ele era só dois anos mais velho que ela e trabalhava como designer no Google. Ambos eram criativos e propensos a sonhar, mas, desde que Aiden havia se casado com Addison e se tornado pai, quase nunca conversavam, a não ser em eventos familiares como aquele.

Não que Iris não entendesse isso; afinal, ele vivia ocupado. Tinha a família, crianças para alimentar e transformar em seres humanos responsáveis, a esposa. Ele era *necessário*, enquanto Iris, ultimamente, passava a maior parte do tempo em casa, olhando para o ventilador de teto coberto de poeira e se perguntando por que havia achado que ser *escritora* era a carreira certa para ela depois de fechar a papelaria no verão anterior.

– O que eu achei do quê? – respondeu Iris, fingindo ignorância.

– Eu achei ele fofo – disse Emma, ninando Christopher, que cochilava nos braços dela.

O menino se contorceu um pouco, franzindo os olhos fechados e a boca, que parecia um lindo botãozinho de rosa.

– Não duvido – respondeu Iris.

Emma era... bom, era alguém que tinha tudo sob controle. Sempre tivera. Três anos mais nova que Iris, ela se casou com o homem perfeito aos 24, já era executiva júnior numa grande agência de publicidade em Portland aos 26 e teve um bebê aos 27. Aliás, esse cronograma sempre foi o plano dela, desde os 16 anos, quando pulou do segundo para o último ano do

ensino médio e tirou a nota máxima no teste de aptidão escolar.

– Não tem nada de errado em cuidar da saúde – comentou Emma. – Acho que alguém assim seria legal pra você.

– Sei comer sozinha, Em – retrucou Iris.

– Será? O que você jantou ontem à noite? Batata chips? Comida congelada?

Nem é preciso dizer que Emma e Addison eram melhores amigas e codiretoras do Clube das Mulheres Perfeitas que Têm Tudo na Vida. Iris imaginava um grupo de elite que provavelmente se reunia numa cobertura luxuosa com senha para entrar, onde todas as integrantes escovavam o cabelo reluzente umas das outras e se chamavam por apelidos como Mi, Cá e Lu.

– Na verdade – disse Iris, enfiando uma azeitona verde na boca –, eu jantei lágrimas reprimidas de mulheres controladoras que estão precisando transar, muito obrigada. – E olhou para Charlie. – Sem querer ofender.

Ele se limitou a rir, pondo cubos de manteiga dentro das batatas, enquanto Emma franzia os lábios, contrariada. Iris sentiu uma pontada de culpa. Diferente da relação que tinha com Aiden, ela e Emma nunca tiveram intimidade. Quando criança, adorava a ideia de ser a irmã mais velha de alguém, e havia milhares de fotos da preciosa Emma – a caçula, a bênção surpresa, a joia que completou a coroa da família Kelly – aninhada nos braços de Iris. Com o passar dos anos, os papéis mudaram, e a diferença entre irmã mais velha e mais nova perdeu o sentido, porque Emma sempre parecia saber a resposta, o comportamento correto e a decisão certa uma fração de segundo antes de Iris.

Isso *quando* Iris sabia alguma coisa.

– Iris, sério – disse a mãe, pegando Christopher de Emma e dando tapinhas nas costas dele. – Eu e seu pai estamos preocupados com você. Morando sozinha naquele apartamento, sem emprego fixo, sem namorado...

– *Namorade.*

A mãe estremeceu. Maeve e Liam Kelly, sobreviventes da educação católica irlandesa, sempre aceitaram a bissexualidade de Iris de braços e

ouvidos abertos, chegando ao ponto de empurrá-la para a cabeleireira de Maeve (a que adorava porquinhos-da-índia), mas às vezes ainda tropeçavam na linguagem heteronormativa, principalmente porque todos os irmãos de Iris eram héteros até dizer chega.

– Desculpa, filha – disse Maeve. – Namorade.

– E eu tenho emprego, sim – continuou Iris.

– Escrever aqueles romances água com açúcar, ou sei lá como chamam, que você nem viveu? – perguntou Maeve.

Iris rangeu os dentes. Ninguém na família havia lido seu primeiro romance. O lançamento tinha sido poucos meses antes, e a família não era bem do tipo que lia romances. A mãe dela chamava o gênero de “fantasia” na época em que Iris se apaixonou por livros, quando era adolescente.

– Romance de verdade dá trabalho – afirmou Maeve, e enfiou a língua na garganta de Liam.

– São livros de romance com final feliz, mãe – respondeu Iris. – Tipo felizes para sempre.

Maeve gesticulou com a mão.

– Ferrados para sempre – comentou Aiden, tirando duas cervejas da geladeira e entregando uma para Charlie.

– O papai falou ferrados! – exclamou Ava.

Aiden estremeceu enquanto Addison o censurava com o olhar.

– Falidos para sempre – disse Charlie, abrindo a cerveja.

– O que é falido? – perguntou Avery.

Aiden gargalhou.

– Fracotes para sempre.

– Aiden... – avisou Addison.

– Vão se foder, tá bom? – disse Iris.

– Iris! – exclamou Addison com o tom de voz de uma professora do ensino fundamental e saiu, levando as filhas para fora da cozinha.

– Seus animais – disse Maeve, cobrindo os minúsculos ouvidos de Christopher. – Iris, só estamos dizendo que é preocupante você ficar tão sozinha.

– Eu tô *bem* – respondeu Iris.

A voz dela tremeu um pouco, traindo as palavras, mas é isso que uma emboscada em família faz com a pessoa. Ela *estava* bem. Sim, tinha precisado fechar a papelaria no ano anterior; ainda criava e vendia planners digitais em sua loja na internet, mas ultimamente quase ninguém comprava papel para imprimir-los. Depois que começou a vender planners digitais, o aspecto físico de seu negócio ficou prejudicado.

Tinha sido uma decisão difícil, mas também emocionante. Depois de passar alguns meses meio à deriva, decidiu tentar escrever um romance. Sempre tinha adorado ler e fazia muito tempo que sonhava em escrever um livro. No fim das contas, até que era uma escritora razoável. Emplacou a história de uma mulher lgbtq+ que estava numa maré de azar, até ter um encontro transformador com uma desconhecida no metrô de Nova York e não parar mais de esbarrar com ela por toda a cidade, nos lugares mais improváveis. Iris recebeu ofertas de várias agências e fechou negócio com Fiona, que era a mistura perfeita de agente implacável e apoiadora, e vendeu *Até nosso próximo encontro* para uma grande editora num contrato que incluía dois livros. É verdade que não ganhou uma fortuna nem nada assim, mas tinha dinheiro suficiente para pagar as contas, e as vendas na internet rendiam um fluxo constante de dinheiro.

Mas é óbvio que a desintegração da papelaria só serviu para fazer Maeve se preocupar ainda mais com o *futuro* da filha. A mãe dela considerava a escrita mais um passatempo do que uma ocupação estável. O fato de fazer mais de um ano que não namorava sério não ajudava em nada. Iris imaginava que Maeve dedicava muitas horas do dia pensando na filha morrendo pobre e sozinha.

Para Iris, a falta absoluta de romance em sua vida era maravilhosa.

Nada de drama.

Nada de mágoas de pessoas que não conseguiam lidar com o fato de ela não querer se casar nem ter filhos.

Nada de mentiras de gente que alegava que Iris era a criatura mais maravilhosa do mundo, gente cuja *esposa* aparecia de repente, aos prantos, contando que a pessoa em questão era *casada e tinha um filho*.

Iris deu um pontapé na lembrança daquela mentirosa, traidora e babaca

da Jillian, a última pessoa que tinha deixado entrar em seu coração, treze meses antes. Desde então, contentava-se em escrever sobre romance e simplesmente removeu os namoros da equação, assim como conversas, trocas de número de telefone e qualquer situação que abrisse espaço para um “quero te ver de novo”.

Não existia “de novo”. Nada de “segundo encontro”. Caramba, o que ela vinha fazendo com as pessoas que conhecia em aplicativos e bares nos últimos meses não se qualificaria nem como primeiro encontro.

E era isso mesmo que queria.

Porque, para dizer a verdade, os livros de romance eram *mesmo* fantasia. Nunca admitiria isso na frente da mãe, mas era o que adorava neles: eram uma válvula de escape. Um período de férias da dura realidade de que só 0,1% das pessoas do mundo tinham um verdadeiro “felizes para sempre”. Histórias como as da mãe e do pai dela, romances que duravam quarenta anos, encontros fortuitos em que um pegava sem querer a bagagem do outro depois de um voo internacional rumo a Paris – esse lero-lero *não* existia.

Pelo menos, não para Iris Kelly.

Para Tegan McKee, por outro lado...

– Iris! – gritou Maeve, arrancando a filha daquelas reflexões e acordando o pobre Christopher com um susto.

– Credo, desculpa – respondeu Iris.

Pegou o bebê do colo da mãe, beijando a carequinha dele. Ele esticou a mão para ela, puxando uma longa mecha de cabelo. Iris sorriu para ele; que *fofura* de moleque.

– Viu? – disse Maeve, sorrindo para a filha. – Não é maravilhoso segurar um bebê no colo? Agora, imagina se fosse seu...

– Ai, meu Deus do céu, para, mãe – respondeu Iris, devolvendo Christopher para Emma.

– Desculpa, meu bem. Só estou dizendo que alguém que está pronto pra sossegar pode ser bom pra você. O Zach me disse que cansou de relações sem compromisso. – Maeve arregalou os olhos como se tivesse acabado de revelar um segredo de Estado. – E você também!

Iris esfregou a testa. Como sempre, sua mãe bem-intencionada errou o

alvo por pouco.

– Estou bem sozinha, mãe.

– Ah, filha. – Maeve a encarou com aqueles olhões de “ai, tadinha”. – Ninguém fica bem sozinho. Olha a Claire e a Astrid. Agora elas são felizes, né?

Iris franziu a testa.

– Só porque as duas têm uma companheira com quem são felizes não quer dizer que não fossem felizes antes.

– É isso mesmo que quer dizer – insistiu Maeve.

E é lógico que Emma concordou, fazendo que sim com a cabeça.

– Desde que começou a namorar a Jordan, nunca vi a Astrid sorrir tanto, e faz vinte anos que eu a conheço – continuou Maeve.

– É só o jeito dela – respondeu Iris. – Astrid nasceu com cara de poucos amigos.

– Verdade – comentou Aiden, brandindo um pedaço de cenoura no ar antes de morder metade.

Ele conhecia muito bem a ferocidade de Astrid Parker, já que ela o havia massacrado na equipe de debate do ensino médio, quando ele estava no penúltimo ano e ela no primeiro.

– E a *questão* – continuou Maeve, agarrando a segunda metade de cenoura da mão do filho e jogando-a nele antes de fixar os olhos de Mãe Católica Preocupada em Iris de novo – é que ficar sassaricando por aí, saindo com uma pessoa diferente toda semana e evitando ser adulta, não é saudável. Está na hora de levar a vida a sério.

O silêncio tomou conta da cozinha.

Levar a vida a sério.

Iris tinha crescido ouvindo uma ou outra versão dessa mesma frase: quando foi suspensa no primeiro ano do ensino médio por entrar numa disputa verbal com o diretor-assistente no meio do refeitório lotado a respeito do código de vestimenta arcaico; quando disse aos pais que queria estudar artes visuais na faculdade; quando sonhou em transformar os rabiscos em seus diários e cadernos numa empresa de planners personalizados; durante os três anos de relacionamento com Grant,

aguentando perguntas constantes sobre casamento e bebês.

Entenda: Iris gostava de sexo. Gostava muito. Na opinião da família, ela era *promíscua*, o que, mesmo com todo o esforço dos pais para adotar uma mentalidade progressista, ainda fazia a mãe franzir os lábios e o pai ficar com as bochechas tão vermelhas quanto o cabelo dele. Não que Iris dividisse muitos detalhes de sua vida pessoal com a família, mas nunca soube guardar seus sentimentos e opiniões só para si.

– Filha – disse Maeve, percebendo a mágoa de Iris. – Eu só quero que você seja feliz. Todo mundo aqui quer, e...

– Ah, foi aqui que todo mundo se escondeu! – exclamou Zach, passando a cabeça loira pela porta.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do jeans, que estava tão apertado que Iris ficou surpresa por caber *um* dedo ali, imagine *cinco*.

– Posso ajudar com alguma coisa? O Liam disse que os hambúrgueres estão quase no ponto.

– Que ótimo! – exclamou Maeve, radiante, batendo palmas e olhando para Iris com muito interesse. – Iris, você e o Zach podem pôr a mesa pra nós?

Outro quesito em que Iris não se saía muito bem era a sutileza. Podia ser resultado de ter passado a infância como a típica filha do meio, podia ser propensão ao drama, podia ser incapacidade de *levar a vida a sério*; mas, se Maeve queria juntar Iris e Zach, então quem era ela para negar à mãe seu maior desejo de aniversário?

– Ah, pode deixar com a gente – disse Iris. – Mas, primeiro, preciso fazer uma pergunta muito importante para o Zach.

Ele levantou uma das sobrancelhas, abrindo um sorriso astuto.

– Ah, é? Qual?

Iris ajeitou o cabelo com uma mão, puxando uma das trancinhas entrelaçadas às mechas ruivo-escuras como fazia quando estava nervosa, hábito que a mãe dela conhecia muito bem.

Maeve inclinou a cabeça, curiosa.

Iris respirou fundo. Então tirou o anel de pedra-da-lua do dedo indicador esquerdo e se ajoelhou, oferecendo-o a Zach com as duas mãos.

– Lá vai – disse Aiden.
– Ai, não... – murmurou Emma, fechando os olhos.
– Zach... seja lá qual for o seu sobrenome que terei o maior prazer em adotar como meu na nossa união... aceita se casar comigo?
– Iris, pelo amor de Deus. – Maeve escondeu a cabeça nas mãos.
– Hã... – respondeu Zach, recuando um passo, depois outro. – Peraí, como é que é?
– Não vá me magoar, Zach querido – disse Iris, arregalando os olhos ao máximo e erguendo o anel à luz.
– Iris, para com isso – pediu Emma.
E Iris ouviu Charlie atrás dela, rindo pelo nariz.
– Eu... bom...

Zach continuou a gaguejar, com o tom laranja da pele aproximando-se cada vez mais do vermelho. Deu mais um passo em direção à sala de estar e tirou o celular do bolso de trás, olhando bem para a tela.

– Ah. Nossa. Sabe de uma coisa?
– Reunião amanhã cedo, é? – perguntou Iris de seu posto no piso de madeira, projetando o lábio inferior para fazer beicinho. – Emergência na família?

– Isso – respondeu Zach, apontando para ela. – Isso mesmo. Eu... tudo foi muito... é.

Ele então deu meia-volta e saiu pela porta da frente tão depressa que uma brisa com cheiro de colônia balançou as samambaias na entrada.

O som da porta se fechando com força ecoou pela cozinha enquanto Iris se levantava e, muito tranquila, enfiava o anel de volta no dedo.

A família a encarou, alguns achando graça, outros sem dúvida irritados, o que era quase a infância dela representada numa única cena. Iris, de cabelo emaranhado e unhas roídas, fazendo as palhaçadas de sempre.

Apesar dessa familiaridade, ela sentiu as bochechas esquentarem um pouco, mas deu de ombros e pegou mais um pedaço de queijo.

– No fim das contas, acho que ele não estava pronto pra sossegar.

A mãe jogou as mãos para o alto e finalmente – meu Deus, *finalmente* – abriu uma garrafa de vinho.



CAPÍTULO DOIS

ADRI E VANESSA ESTAVAM SE PEGANDO.

Não que mais alguém no Café Tinhosa, bem no centro de Portland, fosse notar, já que as duas estavam escondidas atrás de uma edição maltratada de *Muito barulho por nada*, mas Stevie conhecia os sinais. Com seus dedos pálidos, Adri agarrava a capa laranja com certa força, e seu cabelo verde-azulado, só meio visível por cima daquela barricada, balançava um pouco com o movimento da... bom. Enfim.

Detrás da máquina de café expresso, Stevie olhava para o casal feliz com o avental preto em volta da cintura, tirando do rosto uma serpentina com as cores do arco-íris enquanto terminava de beber um flat white. Ela e Adri faziam a mesmíssima coisa até mais ou menos um ano atrás, rindo e se beijando feito adolescentes num café por trás de qualquer roteiro de filme que estivessem estudando na época.

– Ela vem aqui pra falar com você? – perguntou Ren, que estava no balcão, com dois celulares à sua frente, além de um laptop prateado elegante e um copo grande de café gelado.

Stevie deu de ombros.

– Acho que foi o que ela disse.

Stevie não achava, *sabia*. Adri com certeza havia mandado uma mensagem de manhã, perguntando se poderia passar no Tinhosa num dos intervalos de Stevie para conversar com ela. É verdade que isso não era exatamente fora do comum. Ela e Adri ainda eram amigas. *Melhores* amigas. Vanessa era a nova namorada de Adri havia um mês e, por acaso, também uma das melhores amigas de Stevie. Ren, a quarta pessoa daquele círculo lgbtq+ que havia se formado dez anos antes, durante a orientação para caloures na Faculdade Reed, trabalhava remotamente do Tinhosa quase todas as tardes.

Stevie sabia que essa situação não era incomum em comunidades lgbtq+. Em grupos tão unidos, consolidados pelo número diminuto e pelas experiências em comum, era frequente que as pessoas fossem para a cama uma ou duas vezes, ou pelo menos trocassem uns beijos. Mesmo assim, Stevie e Adri namoraram por seis anos, desde o último ano da faculdade até... bom, até seis meses antes... E, embora Stevie tivesse concordado quando Adri sugeriu a separação e tudo tivesse sido de comum acordo e coisa e tal, não estava preparada para vê-la pular na cama com uma das pessoas que a acolheram quando saiu do apartamento que tinha dividido com a ex.

Devia ter escolhido o sofá de Ren.

Mas Ren, tão gente boa, morava num apartamento de luxo no bairro mais caro de Portland, o que significava que o lugar era do tamanho de uma caixa de fósforos. Tinha uma decoração impecável, as melhores roupas de cama e móveis de alto padrão, mas a cama king size ocupava o quarto inteiro (sério, não cabia nem uma mesinha de cabeceira) e uma namoradeira com uma mesinha ao lado compunham o resto do espaço habitável. Era bem a cara de Ren, que ou investia em coisas sofisticadas ou ficava sem elas.

Mas tudo bem, porque Stevie tinha alugado um apartamento só para ela, a apenas um quarteirão do Tinhosa, onde, sim, aos 28 anos, ainda trabalhava entre um teste de elenco e outro e quaisquer papéis que

conseguisse pegar.

Que, nos últimos tempos, não eram muitos. Seu trabalho mais recente como atriz tinha sido quase um ano antes, num remake modernizado da peça *A importância de ser prudente*, de Oscar Wilde, em Seattle, onde havia interpretado Gwendolen e recebido boas críticas, resultando em absolutamente nenhum interesse de outros diretores.

Nem é preciso dizer que andava meio estagnada. Ren, que fazia assessoria de imprensa para uma marca de roupas sustentáveis, dizia que Stevie só precisava reposicionar a marca dela. O que quer que isso significasse. Se Stevie tinha uma marca, era um amálgama decepcionante de ansiedade e sonhos infantis dos quais não conseguia abrir mão.

Que inspirador.

– Elas são muito indiscretas – disse Ren, olhando de lado para Adri e Vanessa enquanto apertava a bochecha com uma caneta digital branca, a cabeça inclinada num ângulo elegante.

Em se tratando de Ren, o apartamento não era a única coisa impecável. Elu usava um terno cinza de três peças, gravata de estampa paisley roxa e verde e sapatos roxos com salto de oito centímetros. O cabelo preto, curto nas laterais e comprido em cima, formava um topete alto com ondas que faziam inveja a Johnny Weir. A maquiagem também estava perfeita: sombra roxo-prateada, delineador gatinho e batom lavanda cintilante. Ren era nipo-americane, não binária, pansexual e a pessoa mais descolada que Stevie conhecia.

Stevie riu, tirando a franja cacheada do rosto. Ela sabia que Ren amava Adri e Vanessa tanto quanto ela, mas, sim, adoraria se elas fizessem aquela sessão de pegação do meio-dia em outro lugar. Tinha a impressão de que a fortaleza shakespeariana fora erguida para o bem dela, para não exhibir todo aquele afeto na frente da ex, mas não estava dando muito certo.

– Não tem problema – disse Stevie, ainda que pensasse o contrário.

Ren a encarou com seu olhar firme de “sei...”. Stevie gesticulou e depositou na máquina mais grãos lustrosos de café expresso.

– Sério, Ren.

– Tá, beleza, se você diz, *Stefania*.

– Ah, pronto, resolveu usar meu nome completo – reclamou Stevie. – Acho que tô levando bronca.

Ren deu de ombros.

– Vou dizer seu nome do meio também se não aprender a se impor.

Stevie desviou o olhar, sentindo um aperto no estômago. Sabia que a rispidez de Ren não era intencional. Elu entendia – melhor do que ninguém, ultimamente – que sua luta contra o transtorno de ansiedade generalizada era árdua, mas tendia a uma abordagem durona que, às vezes, deixava a amiga ainda mais ansiosa.

Mas nunca diria isso a elu.

– Elas estão namorando, Ren, o que você quer que eu faça?

– Quero que leve alguém lá para o Imperatriz e enfie a língua na garganta da pessoa na frente da Adri – respondeu Ren com tranquilidade, tocando alguma coisa no celular. – É isso que eu quero que você faça, caramba.

A ideia era tão absurda que Stevie só conseguiu rir. O Imperatriz era o teatro de Adri que o grupo todo adorava de coração – pequeno e lgbtq+ da direção até a equipe de iluminação. Stevie havia atuado em quase todas as produções desde que ele fora aberto, mas, cerca de um ano antes, abandonara o teatro comunitário. Adri não gostou, mas entendeu; se Stevie queria ganhar a vida como atriz, precisava ir atrás de papéis maiores, teatros maiores, maior exposição.

E deu no que deu.

– Mas levar quem? – perguntou Stevie.

Não conseguia decidir o que era mais insuportável: pensar em sua carreira agonizante ou em sua vida amorosa inexistente.

– Já ouviu falar em app de relacionamentos? – perguntou Ren com um sorrisinho malicioso.

Stevie estremeceu.

– Ou em bar? – continuou Ren.

Stevie fingiu ter ânsia de vômito.

Ren riu. Tanto elu quanto Stevie sabiam que ela era péssima, quase desastrosa, na hora de falar com pessoas que não conhecia. A ansiedade

extrema a deixava literalmente *nauseada*, e nada provocava mais esse sintoma encantador do que tentar seduzir uma bela desconhecida.

– Tá, beleza – disse Ren, pegando seu café gelado –, mas alguma atitude você tem que tomar, senão vai passar o resto da vida vendo ex-namoradas praticamente se comendo no seu local de trabalho.

E apontou o polegar para Adri e Vanessa, que tinham começado a se beijar com tanta vontade que o livro havia caído e as mãos de Adri estavam emaranhadas no cabelo lustroso de Vanessa.

O estômago de Stevie, aquele sacana, pulou para a garganta e não saiu mais de lá. Não é que ela quisesse Adri de volta. Não queria. Haviam perdido o interesse uma pela outra muito antes de terminarem oficialmente, e no fundo – bem no fundo mesmo –, se suas duas melhores amigas queriam ficar juntas, ela ficava feliz por elas.

Mas *caramba*, hein.

Só uma vez adoraria ser aquela que *fazia*, em vez da que *observava*.

– Ai, pelo amor.

Stevie se assustou quando Effie, a dona do Café Tinhosa, apareceu do nada ao lado dela. Estava toda vestida de preto, como sempre, e seu forte sotaque do leste de Londres sempre dava a impressão de que estava irritada.

Só que, dessa vez, ela estava mesmo.

– Oi! – gritou ela para Adri e Vanessa. – Aí, vocês duas, aqui não é a casa da mãe Joana.

Adri e Vanessa se afastaram. Vanessa se atrapalhou ao pegar o livro, que só então percebeu ter caído de seus dedos, e o abriu de novo numa página qualquer. Adri riu e ajeitou o cabelo que chegava à altura do queixo, e aquela covinha que Stevie sempre beijava à noite, antes de dormir, despontou em sua pele clara. Estava de batom vermelho-vivo, como sempre, mas todo espalhado ao redor da boca.

Stevie fez uma mímica, como se limpasse os lábios com as costas da mão, para avisá-la.

– Desculpa, Effie – disse Adri, captando o aviso de Stevie e levando um guardanapo à boca. – Sabe como é.

– Desculpa o cacete – resmungou Effie, voltando a prestar atenção no

cordão de luzes pisca-pisca nas cores do arco-íris que estava em suas mãos.

A decoração normal do Café Tinhosa era escura e aconchegante, com prateleiras de garrafas e jarros coloridos, muitos vasos de plantas espalhados pelo ambiente e cartazes vintage retratando receitas de remédios caseiros com artemísia, sálvia e matricária. Mas, com o início oficial do Mês do Orgulho, Effie encarnou a bruxa lgbtq+, enchendo o lugar de bandeiras e luzes de arco-íris. Também passou a oferecer bebidas sazonais como o Café Gelado Pistache Pan de que Ren desfrutava no momento.

– Desembola isso aqui, tá? – disse Effie, largando as luzes nos braços de Stevie. – E dá um jeito nas suas amigas. Eu atendo no balcão.

– Pode deixar – respondeu Stevie enquanto Ren a encarava, estreitando os olhos.

Stevie retribuiu com um olhar atordoado e saiu de trás do balcão. Effie era sua chefe, o que Ren esperava que ela fizesse? Que se recusasse a obedecer mandando um belo “vai se foder”? Era fácil falar. Elu já tinha o emprego dos sonhos, com salário anual de seis dígitos e cobertura dos seus gastos com roupas.

– Oi – disse Adri quando Stevie se aproximou.

– Pode conversar agora? – perguntou Stevie.

– Posso, lógico.

Porém só havia duas cadeiras naquela mesa, e Vanessa estava sentada numa delas.

O silêncio reinou por uma fração de segundo; um silêncio constrangedor que dizia “se vira aí, Stevie”.

Ela ajeitou a camiseta preta, de repente sentindo-se simplória e malvestida. Vanessa Rivero-Domínguez era simplesmente a criatura mais linda que Stevie – e a maioria das outras pessoas – já tinha visto. Tinha cabelo preto e incrivelmente lustroso, maçãs do rosto salientes, uma boca que parecia ter sido criada para fazer beicinho, olhos de princesa da Disney e um corpo voluptuoso que sabia como vestir. Uma vez, Stevie viu um homem branco de meia-idade dar com a cara em um poste na rua porque não parava de olhar para ela.

Nem é preciso dizer que o fato de a primeira namorada de Adri depois

dela ser a grande amiga em forma de deusa não fazia muito bem à autoestima de Stevie, cujo guarda-roupa consistia principalmente em camisetas de brechó tamanho PP estampadas com palavras como *Gentileza gera gentileza*.

Ela pigarreou.

– Ih, desculpa – disse Vanessa.

Ela se levantou, recolhendo uma pilha de documentos que parecia estar avaliando antes de beijar a boca da namorada. Dava aula de Literatura Latino-Americana na Reed, portanto era mais uma adulta realizada no quarteto, e ainda por cima um gênio literário.

– Preciso mesmo voltar para o campus.

– Tchau, amor – disse Adri, erguendo o queixo para ganhar mais um beijo.

Vanessa correspondeu com entusiasmo, enquanto Stevie tentava não notar o piercing na língua de Adri aparecendo por um instante. Tentava *mesmo*.

– Depois me conta como foi – sussurrou Vanessa.

– Conto – murmurou Adri de volta.

– Pega leve com ela – disse Vanessa para Stevie enquanto pendurava a bolsa mensageiro no ombro. O cabelo comprido e ondulado ficou preso na alça, e a impressão foi de que todo mundo no café parou para ver, de queixo caído, Vanessa soltar as madeixas lustrosas dali. – Ela tá desesperada.

– Quê? – Stevie franziu a testa, olhando de uma amiga para a outra.

– Van – disse Adri. – Eu ia tentar amaciar ela primeiro oferecendo um bolinho ou alguma coisa assim.

– Stevie pode pegar bolinho de graça – respondeu Vanessa, inclinando-se para dar um beijo na bochecha de Stevie. – Bom te ver. Como eu disse, pega leve com ela.

E, com essa declaração, Vanessa apertou o ombro de Ren num gesto de despedida e, em seguida, praticamente desfilou até a porta rumo àquela tarde nublada de junho, com a clientela do Tinhosa seguindo-a com o olhar.

Stevie olhou para Adri, que sorriu.

– E aí? – disse Stevie.

Adri indicou a cadeira vazia.

– Senta, por favor.

– Só se você me ajudar a desembolar esse pisca-pisca. Se não, eu mando a Effie pra cima de você.

– Nossa, tudo menos isso – respondeu Adri.

Ela levou a caneca de café aos lábios; àquela altura, a bebida devia estar fria, mas ela nunca se incomodou com isso.

Stevie arrastou a cadeira para o outro lado da mesa – não sentaria colada à ex de jeito nenhum, fosse ou não uma grande amiga – e deixou o pisca-pisca na mesa. Adri se debruçou e pegou um nó de fios, separando-os com os dedos compridos.

– Como estão as coisas? – perguntou, de olho na tarefa. – Fez algum teste esses dias?

Stevie detestava essa pergunta. A resposta era sempre sim. Ela se dedicava de forma incansável aos testes, indo até Seattle, a três horas de Portland. Dois meses antes, tinha ido até mesmo a Vancouver, no Canadá, a quase seis horas dali. A verdadeira pergunta não era se havia feito testes, mas se estava conseguindo papéis.

E a resposta era um categórico e deprimente *não*. É verdade que não tinha jogado a rede tão longe assim. Sabia que precisava expandir seu raio de ação – talvez até sair da região, ir para Los Angeles, Nova York, Chicago... mas a ideia de fazer essas viagens sozinha, e ainda ter que se mudar, dava a sensação de que seu estômago poderia largar tudo e residir para sempre fora do corpo.

– Aqui e ali – disse ela, sem deixar de olhar para as lâmpadas coloridas.

Uma resposta bastante satisfatória, ainda que vaga.

– Então você não tá com um papel fixo no momento? – perguntou Adri.

Meu Deus. Adri sempre gostou de dizer tudo às claras. Stevie nunca soube fazer isso.

– Hã, bom, não, neste momento, não. Estou...

– Ah, graças a Deus – respondeu Adri, soltando o ar e meio que desabando na mesa por um instante; depois se reergueu, com a postura totalmente ereta. – Desculpa. A Van tem razão. Estou meio desesperada.

O pavor tomou conta de Stevie. Testes. Papéis. Ela sabia aonde aquilo ia dar.

– Adri... – começou a dizer.

Mas a amiga se inclinou para a frente e agarrou as mãos dela.

– Por favor! Preciso de você.

– Eu já disse que larguei o teatro comunitário.

– Eu sei, eu sei, e entendo, Stevie. Entendo mesmo, mas o Imperatriz... está num perrengue horrível.

Stevie hesitou.

– Quê?

Adri fechou os olhos com força.

– *Eu* tô num perrengue horrível. O preço do aluguel disparou, mal consigo pagar minha equipe e, com a inflação, as pessoas não estão saindo muito pra ver peças. Ainda tem o fato de que nossa abordagem é meio “nichada”. O Imperatriz tá na pior.

Adri Euler era a única mulher proprietária de um teatro na cidade, sem falar que era a única proprietária de teatro lésbica. Nos últimos anos, tinha trabalhado muito para erguer o Imperatriz, uma pequena casa de eventos perto do centro da cidade, e conseguira contratar alguns atores profissionais, deixando alguns papéis para a comunidade amadora em todas as produções. O Imperatriz se especializou em interpretações queer de clássicos, que contavam com não conformidade de gênero, troca e inversão de papéis, além de personagens trans, lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais, assexuais e arromânticos entremeados a tramas cis-héteros conhecidas.

O Imperatriz era uma verdadeira instituição lgbtq+ em Portland. Um espaço seguro, uma comunidade. O lar de muitas pessoas.

– Eu não sabia – disse Stevie.

– É porque eu só contei pra Vanessa – respondeu Adri.

Stevie assentiu, mas não pôde evitar a sensação de perda. Não era mais a confidente de Adri. E, embora Vanessa e Adri sempre tivessem sido íntimas, ainda doía ouvir que Stevie se tornara uma forasteira no território das emoções de Adri.

– Entendi.

– Mas decidi transformar a próxima produção num evento beneficente. Vamos montar *Muito barulho por nada*.

Stevie inclinou a cabeça, sorrindo. Adri sorriu também e, por um segundo, os últimos seis meses desapareceram. Até os últimos seis anos. Em vez disso, voltaram a ser as melhores amigas que ainda não tinham vivido um romance, naquele apartamento fuleiro cheio de formigas que o quarteto dividiu no último ano da faculdade. Stevie e Adri estavam esparramadas no sofá xadrez que tinham encontrado na rua e encharcado de aromatizador de ambientes, lendo *Muito barulho* para “reimaginar” a célebre peça para seu TCC.

“Ficaria muito melhor se todos os personagens fossem lgbtq+”, comentara Stevie, lendo mais uma das diatribes de Beatriz a Benedito. “Tira a masculinidade tóxica, acrescenta um pouco do bom e velho desejo queer e...”

Adri pousara a mão na perna de Stevie. As duas se encararam, arregalando os olhos, e pronto. Adri a beijara – beijara *de verdade*, pela primeira vez – e passaram o fim de semana coladas, implicando com cada fala da peça, imaginando cada cena e anotando expressões faciais para transformar a peça num texto engraçado e familiar, mas completamente novo.

Anos depois, nasceu o Imperatriz.

– Todo mundo adora *Muito barulho* – disse Stevie no Café Tinhosa.

– Pois é – respondeu Adri com ternura, pegando nos dedos de Stevie. – E vamos dar nosso melhor: um jantar de encerramento depois da última apresentação, um leilão silencioso, tudo que você imaginar. Só que... pra isso, preciso de umas bundas sentadas na plateia. E que as pessoas comprem ingressos só pra conseguir montar a peça.

Stevie afastou as mãos. Não conseguia pensar direito enquanto alguém a tocava. Nunca tinha conseguido.

– E daí? – perguntou, voltando a trabalhar num nó de fios especialmente teimoso.

– E daí que preciso que você interprete Benedito.

Stevie fechou os olhos. Ela adorava Benedito. Era um babaca, lógico, mas

interpretá-lo como pessoa lgbtq+ ao lado de uma Beatriz igualmente lgbtq+... bom, sem dúvida seria um espetáculo.

– Você vai atrair patrocínio – continuou Adri. – A comunidade te adora e, tá, você pode até negar, mas Stevie Scott é um nome conhecido na cidade.

Stevie bufou. Se seu nome fosse conhecido no universo teatral de Portland, ela não estaria naquele café de nome potencialmente ofensivo, desembolando um pisca-pisca de arco-íris para uma bruxa praticante e ranzinza de Liverpool.

– É, sim – insistiu Adri, firme. – Você é uma atriz maravilhosa, fez dezenas de peças na cidade toda, noventa por cento delas elogiadas pela crítica. Com você no elenco, a gente pode atrair a multidão de que precisa.

Stevie não olhou para ela. Não conseguia. Sabia que, se olhasse, cederia e diria que sim, e, caramba, a quem ela queria enganar? Ia dizer sim de qualquer jeito. Sempre achara difícil dizer não para Adri; aliás, para qualquer pessoa. Consequia dar conta das coisinhas da rotina – “Você quer refrigerante?”, “Já viu esse filme?”, “Gosta de pizza com cebola?” –, mas as coisas importantes, que provocavam expressões de decepção e bocas encurvadas para baixo... é, nessa parte se saía muito mal. A ansiedade crescia, e ela passava a semana seguinte convencida de que sua turma a odiava, que morreria sozinha e triste e que não tinha valor nenhum para ninguém. Então, quando a pessoa em questão finalmente conseguia falar com ela para lhe dizer que *não*, é claro que não a odiava, por que é que ela achava isso?, a ansiedade crescia outra vez, convencendo-a de que não conseguia nem entender as pessoas e não podia confiar na própria mente para interpretar nenhuma situação social.

Era mais simples dizer sim.

Portanto, foi o que ela fez.

– Ai, meu Deus, obrigada – disse Adri assim que o “tá bom” saiu da boca de Stevie.

Ela pulou da cadeira, quase derrubando a caneca, e avançou por cima da mesa para envolver Stevie num abraço. E Stevie meio que se derreteu.

Adri ainda tinha o mesmo cheiro – a loção à base de água que ela usava, a canela da pasta de dentes –, e a maciez da bochecha dela encostada à de

Stevie foi quase insuportável. Ela quase *aninhou* o rosto junto ao da ex, pelo amor de Deus, e não foi por ainda estar apaixonada.

É que fazia muito tempo que ninguém tocava nela. Ren não era muito de abraçar. Seu jeito de confortar alguém vinha na forma de um tapinha nas costas e o conselho de sacudir a poeira e dar a volta por cima. E, embora Stevie tivesse dito a Adri e Vanessa que aceitava cem por cento a abençoada união das duas – e aceitava *mesmo*, cacete –, não tocava em nenhuma delas desde que começaram a namorar. Ela não tocara em *ninguém* e, naquele momento, com a respiração e o aroma de canela de Adri em seu ouvido, sua pele meio que... despertou.

Ela virou a cabeça, só um pouco, pronta para ceder à vontade de abraçá-la com mais força. Só precisava...

– Oi, eita, o que tá acontecendo aqui?

Ao som da voz de Ren, Adri recuou, rindo sem jeito enquanto ainda segurava a mão de Stevie, que voltou a enxergar o café à sua volta e estremeceu quando Ren fez cara feia para ela.

– A Stevie topou ser meu Benedito – disse Adri, indiferente aos olhos dardejantes de Ren.

– Topou, é? – respondeu Ren com a voz transbordando sarcasmo.

O olhar de censura se sustentou.

Adri, porém, continuou sem perceber. Juntou as coisas dela e largou uma cópia de *Muito barulho por nada* diante de Stevie.

– Preciso ir. – Ela ficou de pé e pendurou a bolsa no ombro. – Stevie, os testes para os outros papéis começam na semana que vem. A gente se reúne de novo depois pra falar da logística?

– Aham – respondeu Stevie, ainda meio atordoada. – Tá bom.

– Eu te mando mensagem – disse Adri, e com isso foi até a porta.

Assim que saiu, ela balançou a cabeça e disse alguma coisa para alguém à esquerda. De repente, chegou Vanessa, lançando-se nos braços de Adri. As duas se beijaram e saíram de braços dados pela rua, Adri gesticulando freneticamente como fazia quando estava empolgada.

Pelo jeito, Vanessa não precisava voltar para o campus.

– Cacete, você acaba de ser tapeada – disse Ren, sentando-se na cadeira

onde antes estava Adri e levando uma bebida aos lábios.

Stevie se virou para olhar para ele.

– Você ouviu tudo, foi?

– Ah, se ouvi. Tenho ouvidos de morcego – respondeu Ren, indicando as próprias orelhas cravejadas de pequenos brincos e argolas.

Stevie suspirou.

– Não tenho nada melhor pra fazer mesmo.

– É, vai dizendo isso até acreditar.

– É uma peça – argumentou Stevie. – Dá visibilidade.

– A mesma cidade, o mesmo palco. Quanto tempo faz? Dez anos?

Stevie balançou a cabeça. Ela e Ren tiveram essa conversa muitas vezes: ele queria que ela expandisse o território, mudando-se para uma cidade com mais teatros. Ela morria de medo de fazer isso. *Et cetera, et cetera*.

– Tá – disse Ren, gesticulando com a mão de unhas curtas com o esmalte preto de sempre. – Beleza. Você vai participar da peça. Salvar o Imperatriz. Que bom. Ninguém aqui quer que o teatro feche. O que me preocupa mais é... o que foi aquilo, hein? Um abraço? Um chamego?

Stevie gemeu e deixou cair a cabeça nas mãos.

– Eu sei. Maior vacilo. – Ergueu o rosto de repente. – Será que a Adri percebeu? Acha que deu pra notar?

Ren estremeceu.

– Bom... Só sei que ela não fez cara de quem estava a fim de chamegar também.

– Saco – resmungou Stevie. – Que merda, que merda!

– Tá tudo bem. Ela estava distraída demais te fazendo pegar mais um papel que não leva a nada pra se preocupar com isso.

– Não foi isso que ela fez.

– Sei que não é de propósito, mas foi o que ela fez, sim.

Stevie esfregou a testa.

– É que eu tô meio solitária. Contato físico faz falta.

– Ou seja, você tá com tesão reprimido.

Stevie ficou corada.

– Pode chamar do que quiser, mas foi só isso. Não fico com ninguém

desde que eu e a Adri...

– Peraí. – Ren ergueu a mão. – Ninguém mesmo?

– Você sabe que não, Ren.

– Ah, sim, sei que você não tá ficando com ninguém, mas não sabia que não tinha nem um contatinho num aplicativo de namoro ou coisa assim.

Steve encarou Ren.

– Sério? Você sabe com quem está falando, né?

Ren sorriu.

– Tá, contatinho pode ser alguém com quem almoçar e dar uma volta no parque, depois ficar de cafuné no sofá vendo *Enquanto você dormia*, talvez encerrando com uns beijinhos de língua. Sabe, um contatinho *à la* Stevie.

Stevie largou a cabeça de novo nas mãos.

– Meu Deus, eu sou patética.

Ren riu e pegou nas mãos da amiga.

– Não é, não. Você nada mais é do que um zero à esquerda em casinhos de uma noite só. Podia ser pior.

Stevie assentiu. Ren tinha razão: ela era *mesmo* um zero à esquerda naquilo, mas queria ser diferente, mesmo que só uma vez, para provar que conseguia. Que não era a amiga deixada para trás cafungando o pescoço da ex ao mínimo sinal de afeto físico. Que conseguia encontrar uma pessoa desconhecida de quem gostasse, falar com ela sem passar vergonha, beijá-la, transar e dar tchau. Stevie gostava de sexo. Gostava *muito*. O problema nunca foi esse. O que nunca conseguiu fazer foi chegar àquele ponto com alguém que ela mal conhecia.

Mas queria.

– Tá, então me ajuda.

Ren ergueu uma das sobrancelhas delineadas com perfeição.

– Te ajudar a fazer o quê?

– Ficar com alguém só por uma noite.

Ren arregalou os olhos.

– Não sou bem especialista.

Era verdade. Sem dúvida, Ren tinha vários contatinhos, mas preferia namoro sério a noitadas febris.

– É, mas você sabe falar com gente desconhecida – respondeu Stevie. – Sabe seduzir as pessoas e agir como alguém que sabe como funciona o sexo.

Ren deu risada.

– Tá, então, quando duas pessoas se gostam, às vezes elas tiram a roupa e...

Stevie jogou uma embalagem vazia de canudo em Ren.

– Você entendeu! Vai, até minha terapeuta acha que eu preciso fazer isso – disse ela.

– A Keisha falou pra você pegar um contatinho qualquer?

– Não com essas palavras. Ela disse pra eu chamar alguém do meu círculo pra ir comigo num bar e convidar alguém lá pra sair. Sabe, pra ficar mais à vontade no ambiente.

Ao ouvir isso, Ren ergueu as sobrancelhas.

– Há quanto tempo ela emitiu essa receita?

Stevie estremeceu.

– Uns quatro meses...

– Nossa. – Ren suspirou, estreitando os olhos para a amiga. – Tá bom, vou te ajudar. Mas vamos fazer isso hoje à noite, antes que você perca a coragem. Se te conheço, você vai dormir e acabar desistindo de manhã.

Stevie concordou, sentindo o nervosismo borbulhar na barriga.

– Tá. Beleza. Hoje à noite.

Ren levantou o copo num brinde para selar o acordo. Stevie bateu a xícara de café de Adri em seu copo, mas não bebeu. De jeito nenhum ia completar o brinde à sua noitada com o resto de café frio da ex.



CAPÍTULO TRÊS

QUANDO IRIS ESCAPOU DO JANTAR de aniversário infernal já eram quase dez da noite. Parecia não acabar mais, e a mãe dela insistiu que todo mundo jogasse pelo menos uma partida de palavras cruzadas antes de ir embora, e uma partida se transformou em três, porque Aiden não conseguia aceitar o fato de Emma nunca perder um jogo de palavras e não parava de pedir revanche.

Iris suportou tudo, principalmente depois que seu “teatrinho”, como Emma dizia, fez com que a mãe delas bebesse não uma, mas duas taças de pinot noir no jantar. Iris nunca tinha visto a mãe tomar mais do que um ou dois golinhos de álcool por refeição, e os soluços que isso provocou foram tão cômicos quanto preocupantes.

Mesmo assim, quando Maeve citou o casamento iminente de Grant assim que a última letra de Emma completou bônus de três palavras, colocando um fim misericordioso à terceira partida, Iris perdeu a paciência.

– É, mãe, eu recebi o convite – disse ela, tirando as letrinhas de madeira da mesa da sala de jantar e jogando-as na bolsa de veludo enquanto a irmã e

o irmão recolhiam as crianças adormecidas na sala de estar.

Ela sempre soube que Grant, seu ex, acabaria se casando. Ele sonhava com uma família grande e queria envelhecer numa varanda, descascando ervilhas ao entardecer, rodeado de netos. Por isso não ficou muito surpresa ao receber o convite em papel grosso cor de marfim pelo correio, algumas semanas antes.

– O nome dela é Elora – disse Maeve, erguendo o dorminhoco Christopher nos braços para que Emma e Charlie pudessem recolher o emaranhado de tranqueiras necessárias para manter um bebê vivo por uma noite. – Que raio de nome é esse?

– É bonito – disse Iris bruscamente, guardando tudo na caixa do Palavras cruzadas e tampando-a com força.

– Achei esquisito. Não é bonito como *Iris*.

– Mãe. – Iris apertou as têmporas com os dedos. – Por favor, para.

– Só estou dizendo que vocês dois eram um casal lindo.

Iris contraiu os lábios. Nos últimos tempos, visitar os pais era cada vez mais parecido com ir ao dentista fazer tratamento de canal: sentia-se exposta e julgada por suas decisões, e saía com um desejo voraz de se automedicar.

– Estão falando do Grant? – perguntou Aiden, com Ava desmaiada e apoiada no quadril, provavelmente babando no ombro. – Nossa, que saudade dele.

– Todo mundo sente saudade dele – respondeu Maeve. – Quando ele e a Iris se separaram, foi como se eu tivesse perdido um filho.

– Valeu, mãe – disse Aiden, revirando os olhos.

Ela deu um tapa no braço dele.

– Ah, você entendeu. Aquele lá era um partidão.

Iris guardou o jogo no aparador, ao lado de vários outros jogos de tabuleiro, e tentou não gritar.

– Queria saber como é a noiva dele – comentou Aiden. – Aposto que é muito gata.

– Quem é gata? – perguntou Addison, aparecendo na porta de mãos dadas com Ainsley, que estava quase dormindo em pé.

– Hã... – gaguejou Aiden.

A mãe deles sorriu.

– A noiva do Grant – respondeu Iris, sorrindo para o olhar traído do irmão.

Mas Addison mal se dignou a reagir.

– Ah, ela é, sim! Quando recebemos o convite de casamento, eu olhei o Instagram todinho dela.

– Sério? – perguntou Maeve. – Como ela é?

– Vou te mostrar. – Addison tirou o celular de seu casaco de caxemira rosa. – Ela é linda. E o Grant parece *tão* feliz.

A família se reuniu em volta de Addison, e logo Emma e Charlie se juntaram a eles, todo mundo fazendo *oooun* e *nhoooim* ao ver a nova vida perfeita de Grant em Portland com sua nova e igualmente perfeita mulher dos sonhos.

Iris ficou sozinha e desejou que um asteroide colidisse com a Terra.

– Meu Deus, esses dois vão ter uns bebês tão lindos – disse a mãe, apertando as mãos junto ao peito enquanto olhava para a tela.

E *essa* foi a gota d'água.

O pai tinha ido para o escritório havia algum tempo em busca de um pouco de paz e sossego e, para falar a verdade, os outros podiam ir se ferrar. Sem dizer uma palavra a ninguém, Iris pegou o casaco e a bolsa na entrada e saiu pela porta da frente. Não quis saber de andar devagar; foi direto para o Subaru estacionado perto do meio-fio, ligou o motor e saiu pela rua tão depressa que teve certeza de que deixou marcas de pneu no asfalto.

Àquela hora da noite, os únicos dois semáforos de Bright Falls estavam piscando em amarelo, e ela só parou ao estacionar na frente de seu prédio no centro da cidade. Desligou o motor, mas, em vez de sair, deixou a cabeça cair para trás e a apoiou no encosto do banco. Olhou para a janela de seu apartamento no segundo andar; não tinha deixado nenhuma luz acesa. Sempre se esquecia de fazer isso quando saía à noite, mas, naquele momento, por alguma razão, a ideia de entrar no apartamento escuro, sozinha... tudo parecia meio demais para ela suportar.

Ela tirou o celular da bolsa e mandou uma mensagem no grupo das

amigas.

Iris: Vocês não vão acreditar no que minha mãe aprontou hoje

Esperou alguém responder. No momento, o nome do grupo era *Queer teclar?*, mas mudava com frequência, em geral porque Iris estava entediada ou sozinha em casa, enquanto as outras se deleitavam na felicidade doméstica e ela disputava a atenção delas – Iris era capaz de admitir isso.

Olhou para a tela.

Nada.

Tentou de novo.

Iris: Na verdade, vocês iam acreditar, sim

Iris: Talvez eu esteja noiva de um ícone fitness. Não ficou claro

Acrescentou um emoji de bicicleta, seguido de um anel de diamante, ainda sem resposta.

Houve um tempo em que o grupo tinha um fluxo constante de mensagens, mal passando uma hora em silêncio. Iris sabia que era de se esperar que as mensagens demorassem um pouco mais ultimamente; afinal, todas moravam com a namorada.

Todas, menos Iris.

Sentiu um nó na garganta, deu um tapa mental na própria cara e colocou os polegares para trabalhar de novo.

Iris: TÁ BOM, AMADAS, ALERTA VERMELHO!

Enfim, uma resposta. Iris ignorou o modo como seu coração literalmente palpitou de alívio.

Astrid: Para de gritar

Iris: Eu com certeza não estou gritando. Estou negociando

Delilah: Tá gritando, sim

Iris: Astrid e Delilah concordaram. Caso sério, hein

Delilah: 

Claire: A pessoa é bonita, pelo menos? A que sua mãe arrumou?

Iris: Ele é laranja. E detesta Coca Sem Açúcar

Jordan: Isso aí mata

Iris: Peraí, Jordan... por acaso VOCÊ é um instrutor de spinning chamado Zach?

Astrid: Socorro, tomara que não

Jordan: Tenho uma confissão a fazer...

Iris sorriu e começou a digitar a próxima resposta incisiva quando uma notificação de e-mail de Fiona apareceu na tela.

– Ai, droga.

Estremeceu ao tocar no aplicativo de e-mail. Não devia nem ler. Embora sua agente trabalhasse dia e noite, Iris sabia que era perfeitamente aceitável deixar o próprio trabalho para a manhã seguinte, mas adorava um castigo.

Oi, Iris, dizia o e-mail de Fiona, **eu queria saber em que pé está o romance.**

Ainda estamos trabalhando naquela ideia de uma ornitóloga numa ilha do Caribe?

Ai, meu Deus, não, com certeza *não* estavam mais trabalhando nessa ideia. Apesar de uma cientista bissexual gata que estudava aves ter seu apelo, Iris tinha um total de zero informações sobre aves e, para falar a verdade, não dava a mínima para os hábitos de acasalamento dos papagaios.

Se precisar, estou aqui para debater ideias com você, mas deixo um lembrete amigável de que entregar esse livro a tempo é a melhor forma de deixar a sua marca. Queremos lançar o segundo livro no mais tardar um ano depois da sua estreia.

Iris encarou a tela. Já tinha ouvido tudo aquilo. O mundo dos romances andava depressa, os fãs pediam mais e mais e, apesar de Fiona ter garantido que podiam pedir para Elizabeth, a editora, estender o prazo, convinha mesmo à carreira de Iris lançar novos livros logo.

Simon, irmão gêmeo de Jordan e escritor, tinha ficado absolutamente chocado com o prazo. Gente como ele levava anos para publicar um único livro de duzentas páginas que em seguida ganhava o Booker Prize e ficava entre os pré-finalistas do National Book Award.

Se estiver com dificuldade, continuava o e-mail de Fiona, **vou te dizer o que digo a todos os meus agenciados que estão com bloqueio: dê um tempo. Faça alguma coisa criativa que não tenha nada a ver com a escrita. Vá a uma aula de cerâmica ou aprenda a fazer sushi. Qualquer coisa que não te ponha sob mais pressão e dê à sua mente espaço para criar uma história brilhante!**

Iris olhou para aquele ponto de exclamação cheio de esperança; a ideia de Fiona não era de todo ruim. Ela poderia pensar em certas atividades criativas sem pressão de que gostaria de participar no momento, embora nenhuma delas envolvesse fazer um curso. Depois da emboscada daquela noite, seguida pela crítica ao modo de vida de Iris – o que parecia ser uma nova tradição familiar –, ela adoraria uma distração.

Uma distração em forma humana e sem nenhum compromisso.

Iris: Alguém tá a fim de improvisar um rolê?

Astrid: São dez e meia

Iris: Então a Astrid não vai

Jordan: Eu vou aonde a minha mulher for

Iris: Que vida emocionante a de vocês

Claire: Amanhã cedo tenho que abrir a livraria, minha gerente está de férias

Iris: Isso quer dizer que você também tá fora, D.?

Delilah: Olha, estou MUITO contente com minha situação no momento, já que a Claire está... deixa pra lá

Claire: AMOR

Delilah: 😊

Iris: Não, por favor, continua. Vai alimentar meu romance que morreu na praia

Delilah: Juro por Deus que, se minha história de amor obviamente extraordinária acabar num dos seus livros, Iris, vou ligar todas as suas sardas com caneta permanente quando você estiver dormindo. Estou com a chave do seu apartamento e não tenho medo de usá-la

Iris: “Delilah Green não estava nem aí pra ninguém e sempre esquecia o nome das mulheres com quem dormia. Até conhecer Claire Sutherland.” Gostei. Instigante

Astrid: Ri alto aqui!

Delilah: Astrid, usa um emoji. Iris, vou comprar um pacote novo de canetas permanentes

Claire: Amor, ela nunca faria isso

Iris riu. Era verdade, não faria, mas achava extremamente injusto que Astrid e Claire, suas melhores amigas havia vinte anos, estivessem vivendo amores de contos de fadas. Ficava feliz por elas, é claro, mas, caramba, que comédias românticas maravilhosas a vida delas daria.

Iris: Tá bom. Vão dormir, suas românticas da terceira idade

Fechou o grupo e tocou no nome de Simon, renunciando às mensagens de texto.

– Tá morrendo? – A voz dele estava lânguida, como se estivesse dormindo ou meio bêbado.

– Estou vivinha da silva – respondeu Iris. – Lamento te decepcionar.

– Perdida numa ilha deserta?

– Não.

– Sob a mira de uma arma?

– Chutei o saco do cara e fugi.

– Então, a que devo o horror do seu telefonema?

– Nossa, você sabe como fazer uma mulher se sentir especial.

Simon grunhiu.

– Desculpa. O que foi?

– Você tá na cidade? – perguntou ela.

– Tô – respondeu ele, desconfiado. – Por quê? Ou é melhor não saber?

Iris sorriu.

– Preciso de um ajudante. Tá a fim? Por favor, diz que sim, senão vou pro apartamento de Emery com uma mala, um travesseiro e um monte de tranqueiras gostosas, e você sabe como Emery gosta de manter o apartamento limpinho e arrumado.

Ele riu.

– Então acho que hoje vou ser seu ajudante.

– Ótima resposta, queridão – disse Iris, dando a partida no carro e conectando o celular para ouvir o telefonema pelos alto-falantes.

– Você tá bem? – perguntou Simon.

De repente, Iris sentiu um nó na garganta. Simon tinha aquele jeito de ser, uma forma carinhosa de falar que parecia atravessar todas as piadas de Iris e fazê-la questionar tudo; *será* que ela estava bem?

– Tô. Tô ótima.

– Aham.

Ela suspirou.

– Só umas chatices de família. Preciso aliviar a tensão.

– E isso quer dizer que...

– É, Simon, eu quero transar com alguém. Tá feliz agora?

Ele riu.

– Bom, eu já transei hoje, então, sabe como é, cada um na sua.

– Isso, conta vantagem mesmo.

Ela encerrou a chamada pensando que estava a apenas meia hora de se perder numa multidão de pessoas numa casa noturna. Poderia deixar a música embalar seus movimentos numa pista de dança, com as luzes baixas fazendo tudo e todos parecerem lindos e feitos de sonho. De preferência, conheceria alguém que a ajudaria a esquecer o livro, a família e a solidão insidiosa que às vezes sentia quando todas as amigas estavam acompanhadas no aconchego da noite.

Apertou o volante enquanto seguia pela Main Street em direção às estradas estaduais que a levariam à I-205. E, quando disse para Simon que

estava bem, melhor do que nunca, nem pareceu mentira.



CAPÍTULO QUATRO

HAVIA UMA RAZÃO PELA QUAL Stevie não ia muito a bares, principalmente aqueles como o Lush. A casa tinha pouca iluminação, luzes de neon piscando pela sala em padrões nauseantes, música alta o suficiente para estourar os tímpanos e um amontoado de corpos que a fazia sentir vontade de tomar banho.

Naquele mesmo instante.

– Foi uma péssima ideia – disse enquanto Ren segurava a mão dela feito uma garra e a arrastava até o balcão.

– Nada a ver – respondeu Ren. – Você só precisa beber alguma coisa.

Stevie se sentou numa banquetta. A superfície de couro sintético estava pegajosa, então começou a vasculhar a bolsa em busca de um álcool em gel.

– Meu Deus, o que é que você tá fazendo? – Ren arrancou o frasco das mãos de Stevie e o jogou do outro lado do bar.

– Estou...

– Pergunta retórica. Tá, regra número um: ninguém quer ficar com uma germofóbica.

– Não sou germofóbica. É questão de higiene pessoal básica.

Ren não respondeu a isso e fez sinal para a pessoa do bar, que tinha cabelo rosa-choque e tatuagens de pássaros elegantes voando ao redor do pescoço. O efeito era impressionante.

– Tequila – pediu Ren. – Duas. E uma água com gás.

– Ai, meu Deus, Ren, mesmo que eu pudesse misturar bebida com meus remédios, tequila acaba comigo – resmungou Stevie.

Relembrou a única vez que tinha ficado bêbada na faculdade, depois de tomar margaritas muito fortes numa festa no campus, e começara a cantar músicas do Fleetwood Mac em cima de uma mesa de sinuca... onde as pessoas estavam tentando jogar sinuca.

Se não fosse Ren tirá-la de lá e enchê-la de água e biscoito velho, é provável que ela acabasse tirando a roupa.

– Eu lembro – respondeu Ren. – Infelizmente. Mas não é pra você, é pra mim. Tenho a impressão de que vou precisar.

A pessoa do bar deixou duas doses na frente de Ren e Stevie, além do copo de água com gás. Ren pegou uma dose, entregando o copo para Stevie.

– Um brinde à sua noite de prazer. – Ren ergueu a bebida.

Stevie brindou com elu antes de entornar uns goles gelados. As bolhas arderam em seu nariz, e ela fingiu que era álcool amaciando um pouco os sentidos.

– Tá bom – disse ela, fazendo que sim com a cabeça. – Beleza, bora lá.

Mas, no momento em que se virou para a casa, todas as cores e todos os corpos se transformaram num borrão. A música parecia vir de dentro da cabeça dela, e ela não conseguia focar a vista em ninguém.

– É, tem muita gente – comentou Ren, entendendo a expressão facial de Stevie. – Mas a gente consegue. Vamos com calma. Regra número dois da pegação: não tenha pressa. Vá no seu tempo e encontre alguém que você curta.

Apoiaram as costas no balcão e observaram a pista de dança. O Lush era um bar lgbtq+, e isso já deixava Stevie à vontade. Todo mundo ali tinha pelo menos um pouco em comum com ela e, embora nem todas as pessoas gostassem de mulheres como Stevie, a chance de se sentir atraída por uma

hétero era muito menor.

Desde que se assumira lésbica, aos 13 anos, sempre teve muito medo de se apaixonar por alguém que fosse cis-hétero, ainda mais depois de se apaixonar por uma das amigas do teatro no ensino médio, beijando-a em várias ocasiões só para, mais tarde, ouvir essa amiga explicar que era hétero. Não foi bem o melhor momento para a ansiedade social já elevada de Stevie, e ela nunca esqueceu quanto se sentiu envergonhada e burra.

Assim, o Lush foi uma boa escolha. Mas, ao mesmo tempo que observava a mistura de pessoas girando pela pista, avistando um rosto bonito aqui, um olhar intrigante ali, ela ainda não conseguia se imaginar indo até alguém para puxar conversa.

– Não consigo – murmurou.

– Respira fundo – respondeu Ren. – Se a gente não encontrar ninguém hoje, tudo bem. Não tem problema. Pare de se cobrar tanto e seja *você*.

– Seja você – repetiu Stevie, tentando imitar a posição relaxada delu.

Mas Ren era quase da realeza social, capaz de convencer qualquer pessoa a fazer o que quisesse com um simples olhar. Ela sabia que Ren vivera sua cota de dificuldades; ser uma pessoa lgbtq+ racializada nunca seria a coisa mais fácil do mundo, principalmente na cidadezinha do Meio-Oeste onde crescera. Mas ela floresceu na faculdade, encontrando seu lugar, seu estilo, sua autoconfiança, e quem não gostasse que se ferrasse.

Só o que Stevie encontrou foi um relacionamento fracassado e uma tendência a se vestir igual a um menino de 12 anos.

– Como estou? – perguntou ela, girando os ombros para trás.

– Uma delícia – respondeu Ren, afofando a franja da amiga.

Stevie precisava dar uma aparada no cabelo, pois seus cachos desalinhados já estavam tentando criar um mullet, mas, de alguma forma, aquele visual lhe caía bem.

– Vai ficar mais delícia depois que tirar essa jaqueta.

Stevie alisou as pernas com as mãos, usando a calça xadrez de cintura alta que Ren insistira para ela vestir. Ela as combinou com uma blusa cropped listrada de mostarda e creme, sem mangas, de gola alta, exibindo a maior parte da caixa torácica. Tudo isso ainda estava escondido pela jaqueta

cinza. Ela havia escolhido a blusinha, sentindo-se atrevida e desesperada depois de seu semichamego humilhante com Adri, mas ali, naquele momento, não sabia bem se conseguiria...

– Você consegue – disse Ren com calma, espiando o salão, sem pressa.

Stevie sorriu para ele. Tirou a jaqueta antes que pudesse pensar três vezes e a jogou na banquetta, espantando a textura pegajosa da cabeça.

O ar frio atingiu sua barriga e ela teve vontade de se cobrir, mas se esforçou para manter os braços ao lado do corpo.

– Arrasou – comentou Ren, piscando para Stevie sem sequer olhar para ela, o que provavelmente era a coisa mais fodona que poderia fazer.

– Beleza – disse Stevie. – Quem temos no radar?

– Quem *você* tem no radar... – corrigiu Ren. – Eu já tenho... várias pessoas.

Stevie acompanhou o olhar de Ren até um grupo perto da mesa de sinuca, que incluía umas pessoas que faziam bem o tipo de Ren. Uma de estilo feminino, de cabelo preto e corpo violão, já sorria para ele por baixo dos cílios longos.

– Vai lá – disse Stevie.

Ren fez um gesto de desdém.

– Talvez depois. Estou aqui pra te apoiar em primeiro lugar. O que acha?

Stevie se concentrou. Não foi fácil, mas, à medida que seus sentidos se acostumavam às luzes e aos sons, conseguiu distinguir indivíduos, detalhes, cores e formas.

– Tá, que tal aquela?

Ren apontou para uma mulher branca com cabelo loiro comprido e óculos, e Stevie *adorava* óculos, e um taco de sinuca nas mãos. Jeans justo. Braços tonificados. Boca bem bonita...

... que logo se colou a uma moça de traços latinos com calça de couro e unhas rosa-choque.

– Tá, deixa pra lá – disse Ren.

– Acho que essa é a parte complicada de um bar lgbtq+ – comentou Stevie. – Todo mundo pode estar a fim de todo mundo.

– Fato. Mas também é uma vantagem.

Ren ergueu as sobrancelhas de forma sugestiva, e Stevie riu. Elu vivia dizendo que todo mundo devia experimentar sexo a três pelo menos uma vez na vida. Stevie já achava difícil lidar com uma pessoa por vez. Se tivesse que lidar com duas seu cérebro ia escorrer pelos ouvidos.

– Tá bom, e aquela? – Ren indicou uma linda indiana com vários piercings nas orelhas perto do corredor que levava ao banheiro. – Ela...

– Tá pegando duas pessoas ao mesmo tempo – concluiu Stevie.

Um instante depois de Ren avistar a mulher, um loiro lambeu o pescoço dela da base até o alto, enquanto outra pessoa mordiscava a orelha dela.

– Caramba, parabéns pra ela – murmurou Ren. – Olha lá, ela sabe como fazer a dinâmica do bar LGBTQ+ funcionar a favor dela.

Stevie sorriu e balançou a cabeça, cruzando os braços enquanto continuava a observar a pista. Todas as pessoas que ela notava pareciam já estar acompanhadas, dançando, se beijando e rindo como quem se conhecesse há muito tempo. Seus ombros caíram um pouco enquanto tentava imaginar como é que as pessoas faziam isso o tempo todo. Todas as noites da semana, desconhecidos encontravam outros desconhecidos, se beijavam, se desejavam, se apaixonavam.

Às vezes, Stevie passava uma hora só imaginando se aquela cliente cujo pedido ela estragou processaria o café e acabaria com a empresa, destruindo toda a dedicação de Effie e deixando-a desempregada. Sabia que era um pensamento irracional, mas isso não impedia que sua mente se agarrasse a ele como um bicho-preguiça a um galho.

O palco era a única parte da vida em que se livrava dessa dúvida incapacitante a respeito de cada um de seus atos. Quando uma terapeuta sugeriu pela primeira vez que experimentasse o teatro no ensino médio, pouco depois de Stevie sair do armário e ser diagnosticada com transtorno de ansiedade generalizada, a mãe dela ficou apavorada. Ela mal conseguia responder a uma pergunta em sala de aula; como é que ia ficar na frente de uma plateia e dizer as falas?

Mas, no palco, Stevie não era Stevie. Era Gwendolen Fairfax. Era Amanda Wingfield em *À margem da vida*. Era a Ofélia de *Hamlet*, a Rosalinda de *Como gostais* e a Bianca de *A megera domada*. Assumir a

identidade de um personagem, seus sonhos, medos e particularidades sempre foi muito natural para Stevie. Tornar-se outra pessoa... bom, era um alívio, para dizer a verdade.

Parada ali, no meio do Lush, procurando uma estranha com quem falar, com o estômago apertado de ansiedade, ela percebeu que só o que precisava fazer era entrar num personagem. Não seria Stevie, barista de 28 anos e atriz sem trabalho. Seria Stefania, uma estrela do teatro a caminho de Nova York, Chicago ou Los Angeles, cobiçada, fodona e de barriga de fora.

Endireitou a postura – Stefania nunca se encolheria de nervosismo –, determinada a encontrar alguém de quem se aproximar. Mas os segundos se transformaram em minutos, e ela estava prestes a jogar a toalha, pedir uma tequila e obrigar Ren a falar com aquela deusa curvilínea perto da mesa de sinuca quando a viu.

Uma ruiva.

Parada ao lado da jukebox, conversando com um cara branco de óculos e barba aparada. Stevie os observou por um tempo, procurando sinais de que eram um casal, mas o cara parecia meio amarrotado, como se tivesse acabado de levantar da cama, e a mulher, de cabeça inclinada, sem dúvida estava olhando para a multidão.

Stevie reconheceu aquela inclinação. Significava “tenho interesse”. Queria dizer “vamos ver o que temos aqui”. Não que ela fosse perita em interpretar linguagem corporal; apenas tinha a impressão de que o cara era para ela o mesmo que Ren era para Stevie: um ajudante, um apoio moral.

– Ren – disse ela com o canto da boca, como se fosse um segredo. – A ruiva perto da jukebox. O que acha?

Ren se endireitou e olhou para o outro lado, arregalando os olhos ao pousá-los no alvo.

– Gata.

– Acha que ela tá com ele?

– Nem. Ela parece sedenta.

Stevie sorriu, feliz por ter acertado. Então, só o que precisava fazer era... Saco.

Tinha mesmo que fazer aquilo.

Respirou fundo algumas vezes, observando a mulher enquanto deixava Stefania, a estrela sexy dos palcos, se infiltrar em seus ossos. A ruiva era branca, de pele tão clara que parecia quase azul à luz baixa. Tinha trancinhas entremeadas por todo o cabelo comprido e sardas em boa parte do rosto. Usava uma blusa cropped verde e jeans justo, mas só mostrava dois ou três centímetros da barriga. Stevie começou a ficar constrangida por causa da blusinha que usava, mas se esforçou para voltar ao personagem.

Stefania não ficava constrangida.

Stefania era um fenômeno.

Um presente para as sáficas de todo o mundo.

Um prodígio na cama.

Um...

– Você tá fazendo aquilo de novo, né? – perguntou Ren.

Stevie piscou, voltando a enxergar a realidade.

– Hã?

– Tá fingindo ser outra pessoa. – Ren estreitou os olhos.

– Eu... tô só fazendo um exercício mental para ter coragem.

Stevie sabia que era esquisito tentar se tornar um personagem fictício fora do palco, mas dava certo para ela. Além disso, seu nome *era* Stefania, e ela *era* atriz.

– Você quer que eu vá falar com ela ou não?

Ren ergueu as mãos em rendição.

– Beleza. Faz o que tiver que fazer, acho.

Stevie franziu a testa ao ouvir a desaprovação na voz de Ren, mas deixou isso de lado. Precisava daquilo. Precisava de uma noite em que não precisasse ser... bom, ela mesma.

Deu uma tossidinha. Ajeitou a franja. Respirou fundo, com calma. Deu um passo em direção à ruiva e ficou paralisada.

Porque a ruiva já estava atravessando o local, com o olhar fixo em Stevie.



CAPÍTULO CINCO

SIMON ESTAVA SENDO UM PÉSSIMO AJUDANTE. Ao telefone, não comentou com Iris o fato de que ela o havia acordado e, embora tenha colaborado e se vestido, e Emery não tenha reclamado quando Simon saiu da cama para ir a uma casa noturna lgbtq+ com Iris – ela a conhecia bem o bastante para não se preocupar com isso –, Simon não estava muito entusiasmado quando chegaram ao Lush.

Felizmente, Iris não precisou de muita ajuda para encontrar alguém de quem gostasse.

– Ali, à direita – disse ela. – De cabelo cacheado e calça xadrez.

– Bacana – respondeu Simon, bocejando.

– Nossa, Simon, sério?

– Desculpa. Dormi tarde a semana inteira pra trabalhar no meu livro e...

– Ah, tadinho de você, best-seller do *New York Times*.

Alguns anos antes, Simon tinha escrito um livro, *As recordações*, que fizera um baita sucesso, garantindo a ele dinheiro suficiente para escrever

em período integral e ser um chato insuportável, ainda que amável, quando falava disso. Enfim tinha entregado seu segundo romance à editora – um ano após o lançamento do primeiro – e já estava empenhado na escrita do terceiro. Sendo bissexual, as histórias dele eram repletas de personagens lgbtq+, e Iris, apesar de seu desdém geral por escrita literária, adorava de verdade o que ele escrevia.

– Se isso te consola, o livro vai de mal a pior – comentou ele.

– Um pouquinho – respondeu ela, sorrindo. – O meu também.

– Ainda sem ideias?

– Nenhuma que me interesse. Acho que gastei todo o romantismo dos meus relacionamentos anteriores no primeiro livro. Não tenho nada, não sinto nada. Talvez devesse escrever terror.

– Tá, calma aí. Você manda bem no romance. Sua escrita é engraçada, sexy e emocionante. Você só precisa... Sei lá. Já pensou em marcar um encontro pra valer? Botar romance de verdade na mistura?

– Nem a pau.

– Iris, meu Deus. Você é o Scrooge do amor verdadeiro.

– Nhenhenhém.

– Sabe, o Scrooge se entregou no fim. O coração dele ficou três vezes maior ou sei lá o quê.

Iris riu.

– Não, esse aí é o Grinch.

– Dá na mesma – respondeu Simon, empurrando um pouco os óculos para baixo e olhando feio para ela.

Iris suspirou e fez um gesto em direção aos corpos que se contorciam na pista de dança.

– Isso aqui dá certo pra mim, tá? Não quero complicar as coisas.

– “Coisas” quer dizer seu coração.

Ela ignorou o comentário.

– Fiona acha que preciso fazer outra coisa criativa pra dar um tempo no livro. Tipo uma aula de cerâmica ou sei lá o quê.

– Mas esse é um ótimo conselho!

– Pois é. Por isso mesmo que eu vim aqui.

- Então... sexo casual com gente desconhecida é uma atividade criativa?
- Do jeito que eu faço, é – declarou Iris.

Simon riu, ficando com as bochechas meio vermelhas.

– Enfim – disse ele, olhando para a Cachinhos Graúdos. – Ela é bonita. Vai lá.

Iris assentiu e tinha acabado de começar a se virar quando Simon agarrou a mão dela.

– Só uma pergunta – disse ele com o tom suave e preocupado dele, e Iris entendeu direitinho o que estava por vir.

– Eu tô bem – afirmou ela.

Ele ergueu as sobrancelhas, a dúvida transparecendo nos olhos castanhos por trás dos óculos.

– Tô mesmo. É que... minha mãe tentou me juntar com alguém de novo. Com um fanático por saúde.

– Credo – murmurou Simon. – Sua mãe tem noção de quantos pacotes de batatinha sabor sal e vinagre você consome por semana?

– Pois é. Não era bem meu tipo. E aí... – Iris respirou fundo e firmou a voz. – Meu ex, o Grant, vai se casar, o que é ótimo, e estou feliz por ele, mas minha família... bom, por causa disso eles... estão...

– Sendo babacas.

Iris assentiu.

– Eles adoravam o Grant.

Simon apertou o ombro dela, que se apoiou nele por um instante.

– E cá estamos – disse ela, endireitando o corpo e indicando a mulher, que conversava com uma pessoa asiática de salto alto e terno cinza irretocável.

Iris precisava se lembrar de comentar aquele visual com Astrid.

– Só preciso aliviar um pouco a tensão.

– Tá. Dá pra entender. Mas sabe que existem outros jeitos, né? Tomar sorvete. Ver uma comédia romântica. Fazer as unhas.

Iris riu.

– Faço tudo isso amanhã.

Simon aceitou, mas continuou com a testa enrugada. Iris sabia que seu

círculo de amizades nunca a censuraria; a decisão de limitar sua vida romântica a sexo casual cabia apenas a ela e a turma a respeitava, mas, nos últimos tempos, tinha a distinta impressão de que todo mundo concordava com sua mãe. Só um pouquinho. Ninguém em seu círculo disse que gostaria de vê-la sossegar ao lado de alguém, como as amigas haviam feito. Era só impressão, mas, francamente, sempre a fazia ter vontade de transar com a primeira pessoa que topasse.

Não precisava sossegar para ser feliz. Às vezes, ser feliz era o oposto de sossegar. Às vezes, ser feliz era pegar uma pessoa bonita de cabelo cacheado e barriga de fora cujo nome Iris não fazia a menor questão de saber.

– Tá de boa? – perguntou ela a Simon.

– Tô. Vou ficar por aqui um tempinho. Só me dá um sinal de joinha ou coisa assim se der certo. E me manda uma mensagem quando chegar em casa, sem negociação.

– Tão cavalheiro – disse ela, inclinando-se e beijando a bochecha dele.

Então se virou e começou a andar na direção da mulher, de ombros empinados para exibir os seios, que, modéstia à parte, eram em geral a primeira coisa que as pessoas notavam nela. Bom, isso e o cabelo ruivo – combinação que empolgava a maioria.

É mulher pra transar, a Iris Kelly.

O caminhar firme de Iris vacilou apenas por um instante. Afugentou as palavras que se lembrava de ouvir os caras dizerem, rindo, no ensino médio e na faculdade; palavras que se renovaram quando descobriu a traição de Jillian, mais de um ano antes. Porque, modéstia à parte, ela era mulher pra transar, *sim*.

E para ela estava ótimo.

Estava na metade do caminho, do outro lado da pista, quando a outra mulher se afastou da pessoa com quem estava e começou a ir na direção de Iris também. Não foi longe, parando assim que os olhos delas se encontraram.

Iris sorriu e continuou em frente, sem desacelerar, até alcançar o alvo.

– E aí? – disse ela ao se aproximar da mulher, que no momento parecia uma gazela encarando o cano de uma arma.

Talvez Iris a tivesse interpretado mal.

– O-o-oi – respondeu a mulher.

Iris inclinou a cabeça e abriu um sorriso bem devagar.

– Quer dançar?

Iris viu a mulher engolir em seco. Ela fez que sim, mas não se mexeu. Os olhos estavam do tamanho de um pires, de um castanho tão claro que era quase âmbar.

– Meu nome é Stevie. Merda. Opa, Stefania.

Ah. Ela estava nervosa. Era só isso. E, para falar a verdade, era pura fofura.

– Oi, “Stevie Merda Opa Stefania”. Eu sou a Iris.

A mulher riu, ficando com as bochechas rosa-escuro.

– Foi mal. Só Stefania.

– Adorei – disse Iris.

– Também... adorei você.

Iris riu. *Muito. Fofa.*

– Eu estava falando do seu nome, mas aceito o elogio.

Stefania esfregou a testa.

– Nossa. Bater papo não é meu forte.

– Talvez, mas pra mim tá ótimo.

– É? – Stefania pareceu tão cheia de esperança que o coração de Iris deu um pulinho.

– É, sim. E aquela dança?

– Lógico. Quer dizer, quero, sim. Bora cair dentro.

– Maravilha. – Iris estendeu a mão. – Essa música é...

– Assim, eu quis dizer cair dentro *da pista* – disse Stefania, torcendo os próprios dedos.

Iris baixou a mão.

– Não quis dizer outra coisa – continuou Stefania. – Só dançar. Bora dançar. Não que eu me oponha a fazer *outra coisa*. Eu só não quis presumir nada.

Iris a encarou, surpresa.

A pessoa que viera com Stefania, atrás dela, tinha coberto a boca com as

mãos, presenciando aquela conversa no mais absoluto horror.

– Nossa – disse Iris. – Bater papo não é seu forte mesmo.

– Saco. – Stefania fechou os olhos, resmungando baixinho. – Pois é. Foi mal. Eu começo a gaguejar quando estou nervosa e... é. Aposto que você tá feliz da vida por ter vindo falar comigo.

Iris contraiu os lábios para não rir.

– Pior que estou mesmo.

É verdade que esse contato não era a interação regada a feromônios que Iris tinha planejado, mas, mesmo assim, ela se viu interessada. Stefania era linda, sexy e não tinha o menor traquejo social. Não poderia ir embora nem se quisesse.

– Por sorte – disse ela, aproximando-se e entrelaçando os dedos aos de Stefania –, esse é um dos meus fortes.

Stefania arregalou os olhos e um sorrisinho se armou em seus lábios carnudos.

– Ainda topa? – perguntou Iris.

– Se falar que não, vou rapar sua cabeça enquanto você estiver dormindo! – gritou a companhia de Stefania.

Stefania riu, depois girou os ombros para trás como se estivesse se preparando para uma batalha.

– Topo muito.

Iris não esperou ninguém dizer mais nada. Queria aquela mulher na pista de dança naquele mesmo instante, por isso atravessou com ela o mar de corpos rumo aos fundos, onde estava um pouco menos lotado. Tinha a impressão de que Stefania não gostaria de ficar em evidência, e para Iris não importava onde dançassem.

Quando chegaram a um ponto sombreado à margem da pista, Iris girou Stefania e apoiou as mãos nos quadris dela, puxando-a para si. Por uma fração de segundo, Stefania ficou imóvel, mas depois respirou fundo e encarou Iris.

Sorriu.

Envolveu o pescoço de Iris com os braços e se aproximou ainda mais. Alinharam os quadris, e Iris sentiu um aroma de café e algo mais

refrescante, talvez flor de laranjeira. A mistura era estranhamente inebriante, assim como os braços nus de Stefania e o modo como os cachos dela faziam cócegas nas bochechas dela enquanto dançavam a música acelerada.

Stefania pareceu se soltar, jogando a cabeça para trás, expondo o lindo pescoço e erguendo um dos braços no ar. Os quadris dela eram pura magia, girando colados aos de Iris de um jeito que a fez sentir a necessidade de juntar as pernas bem apertadas para se controlar ou levar aquela mulher para outro lugar o mais depressa possível. Não queria pressioná-la – ela parecia se assustar com facilidade –, então deixou que ela ditasse o ritmo.

E foi o que Stefania fez. Ela riu, o corpo ondulando como água enquanto fazia Iris girar até ficar atrás dela, alinhando a testa às costas de Iris por um instante antes de fazê-la rodopiar de novo.

– Nessa parte você não se sai mal, não – comentou Iris, apertando a cintura de Stefania.

– Não?

Iris balançou a cabeça.

– Muito pelo contrário.

– Com música é mais fácil – disse Stefania, enlaçando outra vez o pescoço de Iris e deixando os dedos brincarem com uma trança. – Eu tenho contexto. E um propósito, que é seguir o ritmo da música.

– Tem a mesma habilidade na cama? – perguntou Iris, abrindo um sorriso tímido porque não tinha conseguido resistir. – Aí também tem propósito, né?

Stefania ficou boquiaberta.

– Você sempre diz exatamente o que tá pensando?

– Lógico. A vida é curta demais pra não falar e, de um jeito ou de outro, todo mundo vai te julgar, te largar ou mandar você se foder. Então, por que não?

Stefania estreitou os olhos, encarando Iris com atenção. Então balançou a cabeça.

– Não sei, não.

A respiração de Stefania resvalou na pele de Iris, e arrepios percorreram seus braços.

– Não sabe o quê?

Stefania se limitou a balançar a cabeça, desviando o olhar. Iris não sabia se as bochechas dela estavam vermelhas por causa da dança ou da timidez – provavelmente, um pouco de cada.

– Conta pra mim – disse Iris, balançando um pouco os quadris da outra. Stefania riu e baixou a cabeça. Pronto, com certeza era timidez.

– Não sei se tenho a mesma habilidade na cama. E aí, se animou?

Iris ergueu as sobrancelhas, surpresa.

– Passei muito tempo com a mesma pessoa – explicou Stefania, mordendo o lábio inferior. – Acho que é difícil saber.

Para dizer a verdade, Iris achou a sinceridade dela revigorante.

– Tá, e no beijo?

Stefania a encarou e deixou o olhar descer até sua boca. Iris não a deixou responder. Limitou-se a aproximar o rosto... um pouco mais... até seu lábio inferior roçar o de Stefania.

Então parou.

Stefania teve que percorrer o resto da distância.



CAPÍTULO SEIS

STEVIE NÃO CONSEGUIA ACREDITAR no que estava acontecendo. Não acreditava que tinha mesmo feito aquilo. É verdade que a primeira impressão de Iris a respeito de Stevie deve ter ficado abaixo do ideal, mas sem dúvida não fez a mulher perder o interesse. Depois de superar o nervosismo embaraçoso de Stevie, Stefania assumiu o comando.

E com entusiasmo.

Stefania era autoconfiante. Sexy. Sedutora, até. Era hábil na cama, *sim*. Um verdadeiro prodígio.

Iris roçou os lábios dela, mas parou nesse ponto. Stevie sabia que ela a esperava e, caramba, queria muito cruzar aqueles últimos centímetros entre as duas.

E era o que faria.

Assim que conseguisse fazer seu estômago parar de pular feito uma ginasta.

Desceu as mãos pelos braços de Iris apenas para ganhar um instante e devolver o controle a Stefania. Naquele momento, sentia-se mais Stevie do

que nunca: nervosa, insegura. E se beijasse muito mal? E se, naqueles seis anos juntas, Adri tivesse apenas tolerado seus beijos, e essa fosse a razão verdadeira e secreta pela qual quisesa terminar?

Stevie fechou os olhos para expulsar o pensamento intrusivo. Sabia que não era verdade. Achava que beijava muito bem, e que ela e Adri sempre se divertiram na cama, mesmo que a outra tomasse a maior parte das decisões. Mas Stevie sabia fazê-la feliz, fazê-la gozar e depois gozar mais uma vez.

Aquilo era verdadeiro.

Mas também tinha a ver com conhecer Adri havia anos como amiga, *melhor* amiga, e Iris... bom, Iris não era Adri.

– Você tá bem? – perguntou Iris, recuando um pouco. – A gente não precisa...

Mas, antes que ela pudesse terminar a frase, Stevie agarrou os quadris dela e a puxou para ainda mais perto, silenciando todas as dúvidas. Assim como Iris tinha feito, Stevie parou a um milímetro dos lábios dela, mas só o bastante para vê-la sorrir. Em seguida, fechou a boca em volta do lábio inferior de Iris, puxando-o de leve com os dentes antes de passar a um movimento mais suave. Deixou a língua para depois, usando os lábios para brincar com Iris até as duas se acostumarem.

Iris, no entanto, não parecia querer suavidade. Enterrou as mãos no cabelo de Stevie e abriu mais a boca. A língua procurou a de Stevie, enroscando-se nela enquanto um gemido emergia da garganta. O som e o gesto fizeram Stevie perder o controle. Ela encostou Iris numa parede, explorando com as mãos a cintura nua da outra.

Iris também a explorou, passeando com os dedos pelo corpo de Stevie, depois descendo pelas costas, subindo e voltando à frente, em volta dos seios. Stevie ficou zozza, respirando tão depressa que teve medo de desmaiar.

– Você mora aqui perto? – perguntou Iris, roçando o pescoço de Stevie com os dentes.

– Ah... moro... a... uns quarteirões daqui.

– Quantos?

– Ah... – Stevie sentiu Iris chupar o lóbulo da sua orelha. – Nossa.

Iris riu, depois recuou um pouco.

– Parece viável. Quer sair daqui?

Stevie assentiu enquanto sua mente zonza de desejo berrava *sim* em centenas de línguas.

Antes que conseguisse ao menos entender o que estava acontecendo – o que aquilo *significava* –, Iris a puxou em meio à multidão e rumo à porta. Stevie olhou em volta freneticamente, vendo Ren ainda diante do balcão, com a pessoa curvilínea da mesa de sinuca de corpo colado ao delu. Ren percebeu o olhar de Stevie e assentiu com o queixo, e essa comunicação de dois segundos deu a ela coragem para continuar.

Ela ia conseguir.

Era óbvio que Iris tinha gostado dela. Era óbvio que a *desejava*.

Stevie ia conseguir, sim.



Iris tinha um Subaru verde-floresta e era rápida ao volante.

Depois que conseguiu pôr seu endereço no celular de Iris, Stevie se viu diante da porta do próprio apartamento no terceiro andar apenas quinze minutos depois de sair do Lush. Mal se lembrava de estar dentro do carro. Tudo pareceu acontecer debaixo d'água, turvo e onírico.

– Apê legal – comentou Iris quando entraram.

Estava sendo simpática. A quitinete de Stevie tinha um fogão coberto de ferrugem e canos que resmungavam toda vez que ela dava a descarga. Mesmo assim, fez dela um lar e pintou uma parede com tinta de quadro-negro, onde rabiscava pensamentos quase todas as noites – o surto noturno de ideias, como dizia sua terapeuta. Usava roupa de cama cinza-claro de boa qualidade, que Ren a ajudou a encontrar, e cobriu o sofá de segunda mão de veludo rosa com um cobertor que ela mesma tinha feito em crochê na semana em que se separou de Adri.

– Quer tomar alguma coisa? – perguntou Stevie, indo para a cozinha pequena e abrindo a geladeira. – Não tem muita coisa. Água, um suco de

tomate que deve ter vencido...

Iris balançou a cabeça e saltitou – pois é, *saltitou* – na direção de Stevie.

– Acho que a gente pode pular as cortesias – respondeu ela, abraçando a cintura de Stevie e puxando-a para si.

– Ah. – Stevie soltou uma risada nervosa enquanto Iris encostava os lábios no pescoço dela e deslizava até a clavícula. – Tá bom. Nossa.

Iris parou e olhou bem para Stevie.

– Ainda quer fazer isso?

– Quero – disse Stevie, embora seu estômago estivesse dando uma cambalhota preocupante. *A ansiedade que se dane.* – Sem dúvida.

Ela pegou a mão de Iris e a levou em direção à cama bem arrumada, centralizada com a parede do quadro-negro. Havia uma única luminária acesa na mesa de cabeceira, banhando o pequeno espaço com uma luz dourada e relaxante.

Ela beijou Iris. Tentou beijá-la como havia feito no Lush, mas o silêncio era tanto que só conseguia ouvir o som do próprio sangue pulsando nos ouvidos.

– Que tal uma música? – sugeriu.

Iris sorriu.

– Lógico.

Stevie tirou o celular do bolso e escolheu algo lento e lânguido. Tranquilizador, mas sexy.

Deu certo. Ela inspirou o ar... e exalou. Olhou para a Iris, que, caramba, era mesmo muito, muito linda. À luz mais clara, pôde ver que a mulher tinha olhos verde-escuros e o cabelo era de um vermelho ainda mais escuro do que tinha notado antes, quase cor de rubi. Era um pouco mais baixa do que ela e curvilínea, com cintura fina, seios que enchiam a blusa e coxas que forçavam os limites do jeans justo. Olhando para ela, Stevie se sentiu voraz. Desesperada.

E também apavorada, porque era muita areia para o seu caminhãozinho. E Iris tinha razão: aquele *era* um dos fortes dela. Já devia ter ido para casa com gente desconhecida muitas vezes e devia saber direitinho como sorrir, tocar e transar como se não fosse nada além de corpos unidos.

Stevie queria isso. Queria ser assim, igual a Iris. Sexy, forte e segura de si.

Por isso procurou Stefania em seu íntimo. Fechou os olhos, segurou o rosto de Iris nas mãos e a beijou. Não com delicadeza e lentidão, mas com ímpeto e desejo. Iris reagiu, abrindo mais a boca e puxando-a pelos passantes da calça. Ela gemeu na boca de Stevie, que sabia que ela já estava molhada – ambas estavam –, e isso lhe deu confiança para puxar a blusa de Iris.

Iris entendeu o sinal, tirando a peça verde por cima da cabeça e jogando-a para trás. Stevie teve que parar e contemplá-la. Foi obrigatório. O sutiã de Iris era rosa-escuro e completamente transparente. Os mamilos já duros pressionavam o tecido.

– Meu Deus – disse Stevie.

– Oi? – perguntou Iris, rindo.

Stevie assentiu.

– Você é maravilhosa.

Iris sorriu, mas Stevie podia jurar que viu certo rubor nas bochechas dela.

– Você também.

Stevie fechou os olhos. Não conseguia nem pensar em tirar a roupa na frente daquela mulher. De repente, voltou a ter 13 anos e estava no vestiário da escola uma semana depois de sair do armário, sentindo o olhar de cada menina do oitavo ano fixo nas costas dela enquanto tirava a roupa. Algumas nem se trocavam na frente dela e insistiam em usar uma cabine do banheiro.

Ela balançou a cabeça para esquecer. Não sabia por que aquela lembrança havia voltado, mas, depois disso, não conseguia tirá-la da cabeça. Aquele sentimento – constrangedor e solitário, mesmo sabendo que não era verdade, era como se ela estivesse *errada* de alguma forma – cravou as garras em seu coração, seu peito e seu estômago.

– Olha – disse Iris, apoiando as mãos macias na cintura dela. – A gente não precisa fazer nada.

– Não – respondeu Stevie, meio alto demais, e abaixou a voz. – Não, eu quero. Quero muito mesmo.

E beijou Iris outra vez, entregando tudo de si.

Iris era doce. Não ia magoá-la nem tirar sarro dela. Iria deixá-la depois, é claro, mas esse era o plano. Uma noite de prazer era isso mesmo. Stevie só precisava parar de pensar tanto. Precisava ouvir o corpo em vez da mente.

As mãos de Iris passaram de leve pelo tronco dela.

– Sabe essa blusinha? – disse ela, com os lábios colados no canto do rosto de Stevie. – Tá me provocando a noite inteira.

– Sério? E-então é melhor tirar.

– Também acho. – Iris passou as mãos pelo tecido, cobrindo os seios de Stevie, e soltou um gemidinho. – Sem sutiã. Nossa, que delícia.

Stevie ficou paralisada. Saco. Tinha esquecido que a camiseta era justa o bastante para não precisar de sutiã. Seu peito não era nada impressionante. Na maior parte do tempo, ela não usava sutiã nem de camiseta, mas naquela noite detestou ter feito isso.

Porque, assim que tirasse a blusa, estaria nua da cintura para cima.

Na frente de Iris.

Iris, cujo sobrenome Stevie nem sabia.

Não que devesse saber.

Não que não soubesse que uma noite de prazer geralmente envolvia certo grau de nudez.

Não que algum desses fatos ajudasse a dominar o pânico que crescia no íntimo de Stevie bem naquele momento.

Ela ouvia a própria respiração, o ar soprando com força pelas narinas, e não de um jeito sexy. O estômago revirava, a boca juntou saliva num sinal de alerta.

Respira, disse a si mesma. *É só respirar, caramba.*

– Você tá bem? – perguntou Iris.

Tinha recuado de novo, e Stevie fez que sim, aproximando-se outra vez dela para convencer as duas. Em vez de se entregar ao abraço, porém, Iris segurou os braços de Stevie e encarou os olhos dela.

– Parece que você tá meio...

Mas, antes que Iris pudesse terminar a frase, seu estômago enfim deu um basta, rebelando-se num motim total e implacável. Stevie se abaixou e vomitou no chão de carvalho riscado. Não foi muita coisa – seus vômitos de

ansiedade extrema nunca eram –, mas bastou para espirrar um pouco no jeans e nos pés descalços de Iris.

Por um instante, nenhuma das duas se mexeu. Stevie ficou parada, ainda respirando com força, e esperou que algum monstro do submundo irrompesse do chão e a engolissem inteira.

Infelizmente, tal criatura não apareceu.

Iris continuava segurando os braços de Stevie. Devia estar paralisada de choque.

– Tá – disse Iris por fim, rompendo aquele transe horrível e coberto de vômito. – Então.

– Me desculpa – conseguiu dizer Stevie.

Lágrimas já escorriam de seus olhos. Em momentos como aquele, quando não prestava atenção nos sinais de que seu nível de ansiedade estava chegando ao ápice para adotar algumas medidas – como tomar os remédios necessários além do escitalopram de sempre, diminuir o ritmo, retirar-se da situação indutora de ansiedade se possível –, acabava vomitando, e sempre concluía essa experiência encantadora com uma generosa sessão de soluços.

– Tá tudo bem – disse Iris.

Mas a voz dela soou tensa e constrangida. Não era de se admirar, considerando que alguém que ela estava tentando seduzir acabava de vomitar nela. Que coisa mais sexy.

Essa ideia fez as lágrimas transbordarem, escorrendo pelas bochechas de Stevie e deixando-a sem fôlego.

– Ai, meu Deus – disse Iris, percebendo as lágrimas. – Calma, tá tudo bem.

– Não. Merda, desculpa mesmo – Stevie conseguiu dizer entre os soluços. – Pode ir embora. Por favor.

Iris soltou os braços de Stevie e a guiou de ré, tomando cuidado para evitar a poça de vômito no chão. Fez Stevie se sentar na beirada da cama e foi para a cozinha. Stevie ouviu alguns armários se abrindo e fechando, e Iris voltou com um rolo de papel-toalha e um produto de limpeza.

– Não. Meu Deus, Iris. Não faz isso.

Mas Iris se ajoelhou e esfregou o chão com papel-toalha e gestos rápidos,

depois borrifou o produto no chão e esfregou outra vez. Stevie sabia que precisava se levantar, mandá-la embora e limpar a própria sujeira, mas parecia colada à cama, com lágrimas descendo pelo rosto feito um trem descarrilado.

– Iris... – repetiu ela.

A mulher, porém, continuou a ignorá-la, limpando os pés e o jeans, e depois levando tudo de volta à cozinha. Deixou a torneira aberta durante uma eternidade – sem dúvida, limpando bem as mãos do vômito de uma desconhecida – antes de voltar para o quarto com um copo d'água.

– Bebe – disse ela, entregando-o para Stevie.

Em seguida, dobrou a roupa de cama para baixo, literalmente afofando o travesseiro. Stevie só a olhou, entre horrorizada e fascinada. Obediente, bebeu a água, mas o líquido gelado não amenizou sua humilhação.

– Iris – repetiu mais uma vez.

Mas a outra não respondeu. Em vez disso, pegou o copo d'água meio vazio de Stevie e o deixou na mesa de cabeceira, depois a fez se levantar, puxando-a pelos braços, e a levou para debaixo da coberta.

E a acomodou ali.

Depois foi ao banheiro e tirou de lá o pequeno cesto de lixo, colocando-o ao lado da cama. Stevie se limitou a observar, com o peito tão apertado que mal conseguia respirar.

– Então – disse Iris, pondo as mãos na cintura. Continuava sem blusa, linda. – Quer que eu ligue para alguém?

Stevie só conseguiu balançar a cabeça, negando.

Iris assentiu, depois olhou em volta procurando a blusa. Encontrou-a perto do sofá, se vestiu e pendurou a bolsa no ombro.

– Então, boa noite. Melhores.

Stevie deu um aceno fraco. Queria explicar – porque e se, depois de tudo aquilo, Iris ficasse preocupada em ter pegado alguma virose horrível dela? –, mas não conseguiu juntar as palavras. A mente estava confusa, a língua era um trambolho inútil na boca.

Em todo o caso, não importava. Iris mal esperou por uma resposta, virando-se depressa e pegando os sapatos perto da porta. Nem parou para

calçá-los. Saiu pela porta, fechando-a com cuidado.

Stevie olhou para o teto, deitada na cama, com a esperança de que todo aquele show de horrores fosse apenas um sonho. A música que tinha colocado para se acalmar ainda tocava no celular; ela o pegou da mesa de cabeceira e silenciou as notas provocantes. Estava prestes a jogar o aparelho no chão quando um zumbido indicou uma mensagem de texto.

Era de Ren, enviada para o grupo que incluía Adri e Vanessa. Um grupo que, ultimamente, andava bem silencioso.

Stevie abriu a mensagem. Levou alguns segundos para perceber que estava olhando para uma foto sua com Iris, dançando no Lush no que parecia uma cena excluída de uma versão queer de *Dirty Dancing*.

Ren: Stevie e Ren caindo na noite. Olha nossa diva!

– Ai, meu Deus – disse Stevie.

Ren mandou mais fotos – uma com a morena curvilínea, e a outra com uma fileira de copos vazios no balcão.

Mas Stevie sabia o que elu estava fazendo.

Queria que Adri e Vanessa vissem Stevie com outra pessoa. Afinal, era este o objetivo daquela noite: conhecer alguém diferente. As outras fotos eram mero disfarce, para que tudo parecesse menos intencional e mais descontraído.

E deu certo.

Porque, uma fração de segundo depois, Adri respondeu. E não comentou nada sobre a morena violão de Ren nem sobre a farta quantidade de álcool.

Adri: Eita, Stevie, que linda ela

Vanessa: Mandou bem, Stevie 🔥🔥🔥

Adri: Qual é o nome dela?

– Merda, merda – resmungou Stevie, escondendo o rosto nas mãos.

Não conseguia responder. Mal conseguia pensar no nome de Iris.

O celular vibrou de novo e, dessa vez, era uma mensagem de Ren apenas para ela.

Ren: Você é fodaaa

**Ren: Além disso, espero que esteja envolvida em atos sexuais
verdadeiramente escandalosos agorinha mesmo**

Stevie desligou o celular, escondeu a cabeça debaixo da coberta e pediu a Deus ou a quem quer que fosse que o fim do mundo chegasse logo.



CAPÍTULO SETE

– E AÍ? – PERGUNTOU SIMON.

Estava sentado com Iris no pátio da Pousada Everwood. As árvores em volta da propriedade cintilavam verdejantes ao sol do verão.

– Como foi?

Iris riu pelo nariz e tomou um longo gole da água gelada que já estava na mesa, mastigando a ponta do canudo biodegradável de arco-íris que a pousada estava usando por causa do Mês do Orgulho.

– Vou precisar ficar muito bêbada para falar sobre isso.

Simon se encolheu.

– Foi tão ruim assim? Ela parecia tão legal!

– Ah, e era mesmo. Legal, fofa e agradecida, principalmente enquanto eu limpava o vômito dela.

Simon arregalou os olhos.

– Quê?

– Isso mesmo que você ouviu. – Iris estremeceu ao lembrar.

– Peraí, peraí, peraí – disse ele, agitando as mãos e se inclinando para a

frente na cadeira de ferro forjado. – Ela *vomitou*?

Iris assentiu.

– Pois é. Foi só olhar pra mim de sutiã que o jato saiu.

Simon soltou uma gargalhada. Em seguida, cobriu a boca com a mão.

– Desculpa – disse ele por entre os dedos. – É que... nossa. Isso é que é encontro.

– Não liguei pro vômito. Quer dizer, não me entenda mal, não foi o que eu queria, mas ela não conseguiu evitar. Ela ficou morta de vergonha, e eu fiquei feliz em ajudar. Mas não foi mesmo a melhor noite que eu já tive.

– É, mas agora você tem um começo maravilhoso para o seu romance – argumentou Simon, depois abriu as mãos como se estivesse exibindo um título. – “*Tegan McKee não vomita.*”

– Sabe, às vezes não sei por que sou sua amiga.

Isso só o fez rir mais.

Iris também tentou rir, mas a lembrança ainda era muito visceral. Não fazia ideia de onde ela e Stefania tinham errado. Talvez a mulher estivesse mesmo doente, mas, dois dias depois de enroscar as línguas, continuava bem. A única conclusão possível era que Stefania não tinha estômago para ir para a cama com ela.

Literalmente.

– Tá bom – disse Iris, abanando a mão. – Tem graça, sim. Quem sabe daqui a uns vinte anos, quando eu recuperar meu orgulho e aprender a usar meus peitos para o bem e não para o mal, eu vá rir também.

E isso fez Simon rir ainda mais.

– Que história é essa de peitos do mal? – perguntou Delilah.

Ela e Claire se aproximaram da mesa, de mãos dadas, parecendo ter acabado de passar um fim de semana sob o feitiço de um orgasmo com 48 horas de duração. E provavelmente era isso mesmo.

– Ah, nada – respondeu Iris. – Só uma noite que deu errado.

– Meu Deus, tô tão feliz por essa época ter acabado – disse Delilah, sentando-se com o tornozelo apoiado no joelho da outra perna, de jeans cinza, recostando-se para olhar o cardápio. O cabelo escuro e cacheado estava bem volumoso no momento. – Eu detestava ir embora no meio da

noite. Era a pior parte.

– Você não ficava pra dormir de conchinha? Tô chocada – retrucou Iris, irônica.

Delilah mostrou o dedo do meio para ela.

– Não sei como você consegue, Ris – disse Claire, bebendo água. Estava com um vestido azul fresquinho e sandálias castanho-avermelhadas. – Eu sempre fui péssima nisso de uma noite só.

– Isso porque você é muito boa em ficar por toda a eternidade – comentou Delilah, inclinando-se para beijar o pescoço dela.

Claire deu uma risadinha, e as duas começaram a murmurar uma para a outra e se beijar.

Iris percebeu o olhar de Simon e ele fez uma cara de quem ia vomitar.

– Não – disse ela. – Pra mim já chega de vômito.

Ele gargalhou de novo. Enquanto isso, Claire e Delilah continuaram alheias a tudo. Ao olhar para elas, Iris não pôde deixar de sorrir, apesar da demonstração melosa de afeto.

– Oi, chegamos, chegamos – disse Astrid, correndo até a mesa com uma pantalonada marfim e uma regata preta soltinha, puxando Jordan Everwood pela mão.

Jordan, como sempre, usava uma camisa de botão estampada, dessa vez com pequeninos sóis amarelos.

– Desculpem o atraso. Explosão na cozinha.

– Uma explosão de comida ao tentar fazer uma receita de molho – acrescentou Jordan, sentando-se e alisando o braço de Astrid com a mão. – Nossa nova estagiária ligou o liquidificador sem a tampa.

– Putz – disse Simon.

– Tem purê de abóbora por toda parte – contou Astrid. – Até no teto.

– E no seu cabelo – avisou Iris, estendendo a mão e tirando um pedaço úmido de abóbora das mechas loiras e repicadas de Astrid.

– Ai, meu Deus! – exclamou Astrid, passando a mão na cabeça.

Jordan riu.

– Tá tudo bem, amor, mais tarde a gente limpa isso no banho.

Astrid corou, entrelaçando os dedos nos de Jordan. Iris, por sua vez,

ficou muito orgulhosa por se abster de zoar a amiga, treinada nas mais rígidas regras de etiqueta e higiene, por tomar banho com outra pessoa.

– E aí, vamos fazer o pedido? – foi o que Iris disse.

– Opa, vamos – respondeu Simon, animado; devia estar ansioso para parar de ouvir a respeito da vida sexual da irmã gêmea.

A garçonete, uma mulher chamada Bria com uma argola de ouro no nariz, anotou o pedido: uma jarra de bloody mary, pato confitado com ovos beneditinos, salada de frutas e uma cesta de muffins de aveia e mirtilo que Astrid acabara de assar.

– Então – disse Claire num tom leve depois que Bria saiu. – Temos novidades. – E olhou para Delilah, com as bochechas corando.

– Ah, é? – falou Astrid, mas algo na forma como pronunciou a frase fez Iris pensar que ela já sabia.

E Iris percebeu que *também* sabia. Pelo menos, por instinto. É claro que todas já haviam falado sobre Delilah e Claire se casarem. Todo mundo sabia que isso ia acontecer. Iris tinha até conspirado com a amiga a respeito de que tipo de anel Claire ia querer – com um diamante amarelo vintage cercado de pedras menores e anel de platina –, mas não imaginava que Delilah estivesse mesmo planejando propor casamento.

De repente, sentiu um ardor na garganta e um aperto no peito, como se estivesse prestes a chorar. Estendeu a mão por debaixo da mesa e pegou a de Simon. Foi a única coisa que conseguiu pensar em fazer, com a única pessoa a quem podia se agarrar no momento para não ficar à deriva.

Ele inclinou a cabeça para ela, que se limitou a sorrir.

Sorria, sorria, sorria.

– Bom... – continuou Claire.

Ela pegou na mão de Delilah e beijou os dedos dela. Iris poderia jurar que Delilah estava lacrimejando. A cena toda era tão doce que ela sentiu uma onda de carinho por todas as pessoas ali, ao mesmo tempo que apertava a mão de Simon ainda mais.

– Pedi a Delilah em casamento – revelou Claire, com o olhar fixo na noiva – e ela disse sim.

A mesa irrompeu em gritos e aplausos. Astrid bateu palmas e se

aproximou para beijar a bochecha de Claire. Jordan apertou o ombro de Delilah. E Iris... desatou a chorar.

– Ah, meu bem – disse Claire, levantando-se e correndo até Iris.

Simon tentou apertar a mão dela com mais força, mas ela a tirou do alcance dele.

– Saco – disse ela, pegando um guardanapo e levando-o aos olhos.

– Amiga, você tá bem? – perguntou Claire, ajoelhando-se ao lado dela.

Iris abanou o guardanapo. Todo mundo a encarava de olhos arregalados e boca aberta.

– Tô legal. É só alegria!

Ela passou o braço em volta do pescoço de Claire e a puxou para um abraço apertado, esforçando-se para se controlar.

Iris nunca foi aquela menininha que sonhava com o dia do casamento. Nunca brincou de boneca quando criança, colocando bebezinhos carecas de plástico para dormir, nem se imaginou de vestido branco rumo ao altar. É óbvio que sabia quanto a Lei do Casamento Igualitário era monumental e que pessoas como ela nem sempre podiam passar o resto da vida com sua cara-metade, pelo menos em termos legais. E desejava a todas as pessoas lgbtq+ o direito de se casar, se quisessem.

Desejava isso para Delilah e Claire.

E, embora Iris se orgulhasse de ser o melhor tipo de amiga, não pôde deixar de sentir uma pequena onda de medo ao ver como tudo estava mudando. Ao ver que suas duas melhores amigas estavam vivendo algo – e tudo que incluía casamento, família e crianças – de que Iris não faria parte.

Ela era a amiga solteira.

E sempre seria.

Não fora feita para relacionamentos duradouros. Tinha passado três anos com Grant; ela o amava e ele a amava, mas, no fim, terminaram porque ele queria ter filhos. *Vários* filhos. Queria se casar na igreja, usar suéteres iguaizinhos nas fotos de Natal da família e um dia se sentar numa varanda lotada de netos.

Iris, não.

E, embora a separação tivesse sido amigável e ela tivesse concordado de

todo o coração quando Grant explicou que os dois queriam coisas diferentes e que ele precisava ir atrás do próprio sonho, houve uma parte de toda a experiência que a fez sentir que havia algo errado com ela por natureza.

Como se não fosse o tipo *certo* de mulher.

Depois veio Jillian, que no fim já era casada – nada a ver com não monogamia ética –, fato que Iris só descobriu quando sem querer trocou de celular com ela, e Lucy, a esposa dela, ligou tentando localizá-la. Foi Iris quem a atendeu. Jillian usou Iris, mentiu para ela e, embora nada disso fosse culpa sua, foi difícil se livrar dos efeitos colaterais de ser uma amante involuntária.

Depois daquele show de horrores, Iris decidiu parar de namorar, porque o problema não era apenas com Grant e Jillian. Ao longo de sua história sexual, ela sempre foi a mulher para transar, para pegar só por uma noite. Mesmo quando ficava com alguém por um tempo, a coisa sempre terminava sem alarde, numa separação do tipo “falou, valeu”.

Porque Iris... ora, era boa de cama.

Não era tão boa assim no amor.

Ela fazia e acontecia. Organizava a maior festa. Incentivava as amigas a irem atrás de seus sonhos ou amores verdadeiros ou o que quer que fosse, mas, no fim das contas, ela mesma não era mulher para casar. E, depois de terminar com Jillian, também não queria correr o risco de se apaixonar por alguém que só a via como uma gostosona. Daí a suspensão dos relacionamentos, que no último ano vinha funcionando muito bem. Por ela, tudo bem segurar vela para todo mundo. Tudo bem ser a amiga solteira, a tia legal.

Ela estava *bem*.

Só precisava dominar seu coração burro e infantil naquela situação, pronto.

– Caramba, eu amo vocês – disse ela para Claire, depois se afastou um pouco e sorriu para Delilah. – Amo as duas.

– Estou comovida, Kelly – respondeu Delilah, sarcástica, mas também sorria.

– Mostra o anel! – pediu Astrid ao se levantar e se aproximar pelo outro

lado de Iris, sentando-se no braço da cadeira.

Iris se apoiou em Astrid, e Delilah fez uma careta.

– A gente vai mesmo ficar dando gritinho por causa de anel?

– Ô, se vai! – respondeu Jordan. – Mostra aí, Green.

Delilah franziu os lábios e piscou para Claire de uma forma que arrancou dela um suspiro audível.

Meu Deus, aquelas duas... Iris beijou a testa de Claire.

Delilah finalmente exibiu um dedo muito pomposo, que ostentava um diamante negro quadrado num aro de ródio negro que espiralava por cima da pedra central. Bem a cara de Delilah.

– Peraí, então *you* pediu a Delilah em casamento? – perguntou Iris a Claire.

Claire assentiu.

– Simplesmente aconteceu. Na terça à noite, eu fui a uma sessão de autógrafos na Livraria Graydon, em Portland, com aquele autor de romance queer que eu quero muito trazer pra fazer uns eventos com você na Rio Selvagem, Ris, e na saída passei numa lojinha de antiguidades. Achei esse anel e foi... sei lá. Eu soube na hora que queria o anel, e queria que a Delilah o usasse.

– Nunca mais vou tirar do dedo – disse Delilah, e Iris nem achou que fosse sarcasmo.

– E a Ruby? – perguntou Astrid. – Ficou feliz?

– Na verdade, ela estava comigo quando comprei o anel – contou Claire.

– Ela viu primeiro. E, sim, ficou muito feliz.

– Quem não ia me querer como a madrastra superlegal e maravilhosa até dizer chega? – perguntou Delilah. – Mostra o seu pra elas, amor.

Claire brandiu a própria mão, que ostentava um lindo diamante amarelo vintage, no mesmo estilo sobre o qual Iris e Delilah haviam conversado mais ou menos um mês antes.

– Que bom que eu já tinha comprado – disse Delilah.

– Meses antes – acrescentou Claire, estendendo os dedos. – Você estava com meu anel desde o Natal.

– Que lindo – comentou Simon, inspecionando o anel de Claire.

– Tá, vamos falar dos detalhes. – Astrid bateu palmas. – Festa na Pousada Everwood no verão que vem. Ou na primavera? Estou pensando numa festa ao ar livre, com uma tenda transparente que...

– Puta merda, Claire, vamos fugir – disse Delilah.

Claire riu.

– A Ruby nunca perdoaria a gente.

– Ai, meu Deus, a Ruby de daminha de honra! – exclamou Iris.

As lágrimas começaram a escorrer outra vez, porque, pelo jeito, ela estava completamente fora de controle, situação que não a agradava nem um pouco.

Então Iris fez o que fazia de melhor: ficou barulhenta, engraçada e cheia de opiniões.

– Um brinde! – propôs ela, pegando a taça de champanhe que Bria tinha deixado na mesa em vez da bebida que havia pedido, e subiu numa cadeira.

Os olhos de todas as pessoas a acompanharam como insetos rumo à luz, mesmo os daquelas que estavam tomando um brunch na pousada e não faziam parte do grupo. Ela percebeu a atenção se infiltrando nos ossos, fazendo-a se sentir forte e invencível.

– Lá vai ela – comentou Delilah, mas estava sorrindo.

E Iris sorriu também, lançando um sorrisinho tímido para trás enquanto fazia um floreio com a barra do vestido florido acima dos joelhos. Claire se juntou a Delilah, uma passando os braços ao redor da outra, e aquelas cinco pessoas que Iris amava sorriram para ela. Essa era a Iris que conheciam, a Iris que amavam.

– E vou mesmo – disse ela. – Agora, um brinde: ao casal mais lindo de dar nojo que o Noroeste do Pacífico já viu.

– Devemos ficar ofendidas? – perguntou Jordan a Astrid, que se limitou a rir e beijou a bochecha da namorada.

– E também – continuou Iris – a uma vida inteira de felicidade, alegria e bastante sexo para impedir a Delilah de pôr fogo no mundo.

– Um brinde a isso – disse Claire, corando.

Delilah apenas balançou a cabeça, mas ergueu a taça para Iris, que riu, e depois entornou todo o champanhe em três goles ardis.



Uma hora depois, Iris corria pelo estacionamento de cascalho da pousada, voltando ao carro. Durante a conversa sobre lugares e datas, tinha começado a se sentir melhor, sorrindo e achando graça de como organizaria um chá de brinquedos sexuais para o casal feliz – é claro que ia fazer isso –, mas, naquele momento, seu peito estava doendo.

Descobriu o porquê quando desabou no banco do motorista do Subaru e logo começou a chorar outra vez.

Enxugou o rosto furiosamente, repreendendo-se por agir feito uma criança. Estava feliz por Claire e Delilah.

– Tô feliz pra cacete! – berrou, batendo os punhos no volante.

– É o que parece.

Ela deu um gritinho ao ouvir a voz grave, pulando tão alto que a cabeça roçou o teto do carro.

Simon Everwood a olhou pela janela.

Ela soltou a respiração, apoiando a mão no peito. Sabia que devia bancar a tranquila. Não adiantaria nada choramingar por estar sozinha, pelo amor de Deus, mas seu rosto já estava com marcas de rímel escorrido, todo avermelhado, e não tinha energia para fingir.

Levantou as mãos e as deixou cair no colo, fungando para mandar o ranho de volta ao nariz.

Simon contornou o carro, abriu a porta do carona e entrou. Depois, virou-se para Iris e ficou só encarando-a com aquele olhar de expectativa que a fazia querer dar um soco nele, de óculos e tudo.

– Eu tô legal – disse ela, enxugando o rosto de novo. – Vou ficar legal.

– Sei que vai – respondeu ele, com tanto carinho que ela quase voltou a chorar.

– É que... Tô nervosa. – Fechou os olhos inchados. – Meu livro é um desastre, minha mãe tá me enchendo o saco pra eu me apaixonar e parir um milhão de bebês.

– É bem a sua cara fazer isso.

Iris bufou, mas, em algum lugar por trás do riso, havia uma pontada de dor. Até as pessoas mais íntimas sabiam que ela não era alguém por quem se apaixonar.

– Só preciso me concentrar no meu livro. Mas estou num bloqueio total.

– Tem certeza de que é só isso? Bloqueio criativo?

– Tenho.

– Sabe, não acredito em bloqueio criativo. Se não consegue descobrir sobre o que escrever, é porque errou em algum ponto no começo do livro.

Ela revirou os olhos.

– Obrigada, Mestre da Escrita Criativa.

– Ah, é que eu sou brilhante por natureza.

Ela mostrou o dedo do meio e ele riu, cutucando o ombro dela.

– Bom, sua teoria não se sustenta – disse ela –, porque não tem *nada* no começo do meu livro. Não tenho nem a primeira frase.

– Então você precisa de espaço pra encontrar essa frase. Sua agente tem razão: você precisa de uma atividade sem pressão, alguma coisa criativa que não seja escrever, pra refrescar a cabeça.

– Detesto te contar as coisas.

– Na verdade... – disse ele, enfatizando cada sílaba.

Iris deu um sorrisinho irônico.

– Você não sabe que nenhum cara branco cis deveria pronunciar essa frase?

Ele riu, pegando o celular e tocando na tela.

– *Na verdade*, depois que você me contou o que a Fiona disse, fiz uma pesquisa. Porque, pra falar a verdade, também estou precisando de uma distração criativa.

Ele ofereceu o celular, e ela o pegou, espiando a tela.

– Uma peça de teatro? – perguntou.

– Uma peça lgbtq+ – respondeu Simon. – Uma versão de *Muito barulho por nada* com troca de gêneros. É naquele teatro comunitário queer em Portland, o Imperatriz.

Iris rolou a página até o fim, passando os olhos pelas informações sobre o teste de elenco que aconteceria na semana seguinte e sobre a estreia da

peça no final de agosto para a temporada de outono.

– Já ouvi falar desse lugar.

– Fui ver uma peça lá já faz um tempo – contou Simon. – Acho que era outra do Shakespeare. Talvez *A megera domada*? Enfim, foi maravilhoso. O protagonista era um cara trans contracenando com um gay, o elenco era todo lgbtq+, e tenho certeza de que chorei no final.

– É bem o seu estilo – disse ela.

– Olha quem fala – retrucou ele, enxugando um pouco de rímel da bochecha dela.

Iris suspirou e devolveu o celular.

– Parece legal. Você devia tentar.

Ele sorriu.

– Você quer dizer: *nós* deveríamos tentar.

Ela apoiou a mão no peito, em choque.

– Peraí, você acabou de me incluir no indefinível e todo-poderoso “nós”?

Ele revirou os olhos, mas continuou sorrindo.

– Pois é. O que acha?

– Acho que você tá loucaço.

– Eu nem bebi. Champanhe tem gosto de vômito gaseificado.

– Já pedi pra você nunca mais falar de vômito.

Ele cutucou o ombro dela.

– Bora lá, vai?

– Tá falando sério, Simon? Quer que eu participe de uma peça de teatro comunitário com você?

– Quero.

– Nem a pau.

– Por que não?

– Porque não sei atuar.

Ele bufou de escárnio. *Literalmente* bufou.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Ora, meu bom senhor, que reação foi essa?

Ele apontou o dedo para o rosto dela.

– Você não sabe nem me dar bronca sem fazer drama.

Ela pegou o dedo dele e o torceu. Foi só um pouco, mas bastou para fazê-lo gemer.

– Você meio que tá comprovando meu argumento – disse ele.

Ela parou de torcer, mas não largou o dedo.

– Pensa nisso – disse ele. – Lá você vai conhecer várias pessoas do babado. Vai fazer uma coisa nova, o que, aliás, meu bem, era justamente do que você estava reclamando.

Ela abriu a boca para contestar, mas logo a fechou. Ele tinha razão.

– E é em Portland – continuou ele –, então você pode sair da cidade pelo menos algumas vezes por semana.

– Isso eu já posso fazer.

– Sim, mas esse rolê não vem com a possibilidade de adquirir uma IST.

Ela soltou o dedo dele e Simon teve a decência de parecer um pouco envergonhado.

– Desculpa – disse ele. – Passei do limite.

– Eu sempre me cuido, Simon – declarou ela, mas a voz tremeu um pouco mais do que gostaria. Pigarreou. – E faço exames regularmente.

– Eu sei – disse ele, afagando o antebraço dela. – Como eu falei, me desculpa.

– Sabe, a Delilah tinha uma vida sexual bem movimentada. Em plena Nova York. E agora que ela é monogâmica, ninguém se lembra disso.

Simon suspirou.

– Pois é.

– Bom, e daí? – Iris ergueu a voz. – Qual é o problema se eu quero transar quando quiser, com quem quiser, se é assim que eu sou feliz? Qual?

Ela sentiu as lágrimas aflorarem de novo. Lá estava outra vez aquela impressão de que, no fundo, seu círculo de amizades a achava meio livre *demais*. Meio fora da casinha *demais*. Que ela não era o que uma adulta de 32 anos deveria ser.

– Nenhum – respondeu Simon, apertando o braço dela com carinho. – Juro que não tem nenhum problema nisso.

Ela balançou a cabeça, apenas parcialmente convencida.

– Mas, amiga, é assim?

Ela fungou, franzindo a testa para ele.

– É assim o quê?

– Que você é feliz?

Pela segunda vez, ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Pelo menos, não no começo. Ficou de boca aberta por um ou dois segundos antes de encontrar a resposta certa.

– É – respondeu, mas até ela achou sua voz meio robótica, e tentou de novo. – É, sim. Lógico que é.

Simon estreitou os olhos, só um pouquinho, mas em seguida assentiu.

– Tá bom. Ainda acho que você devia participar da peça comigo. Ia ser legal. E acho que vão transformar a apresentação num tipo de ação beneficente pra manter o teatro de pé, então seria por uma boa causa.

– Eu e você cantando “Chega de suspiros, senhoritas” com roupas de época vamos salvar o Imperatriz?

Ele riu.

– Lógico. Quem mais?

Ela também riu. Não conseguiu evitar. Simon era tão... cheio de esperança. Era assim desde que ela o conhecera. E o amigo tinha um bom argumento: participar da peça seria mesmo divertido. Portland. Pessoas novas. Na verdade, Iris tinha feito uma aula de teatro no ensino médio, em que até mesmo o professor – o Sr. Bristow, que sempre parecia estar olhando para os seios dela – disse que ela era meio dramática demais.

Na aula de teatro.

Ela quase riu do pensamento, mas, para dizer a verdade, participar daquela peça com Simon parecia ser exatamente o que ela precisava, mas não que fosse admitir isso para ele.

– Tá bom. Mas, se eu for escalada e você também, você vai me buscar pra cada ensaio com um Bentley cheio de caviar e champanhe.

Ele apoiou o dedo no queixo, pensando.

– Serve um Honda Accord 2018 com uns donuts?

– Combinado.



CAPÍTULO OITO

AO ENTRAR NO IMPERATRIZ na manhã de terça-feira, Stevie esperava ver Adri sorrir para ela, talvez perguntar sobre a mulher na foto que Ren havia mandado para o grupo na sexta à noite, e depois começar a falar de negócios. Uma provocaçãozinha de leve e pronto.

Mas não foi isso que ela fez.

Não mesmo.

Primeiro, Vanessa estava lá, o que foi uma surpresa. Afinal, ela tinha um emprego em horário comercial, mas não dava aulas às terças, então reservou o dia para ajudar no teste de elenco.

Segundo, Ren também estava presente. Elu fazia isso de vez em quando; tirava folga de manhã ou trabalhava remotamente para ajudar com os figurinos ou outro aspecto estético da peça em questão. Todo o grupo se envolvera com o teatro na Universidade Reed, estudando sob o comando de Thayer Calloway – integrante do corpo docente por quem todo mundo ali se apaixonou um pouquinho e que depois foi dirigir peças em Nova York –, e Ren tinha até uma graduação em figurino.

Portanto, quando Stevie entrou no pequeno teatro, as três pessoas mais íntimas de seu círculo de amizades a olharam do palco, onde estavam sentadas, sorriram e continuaram com os olhos colados no rosto dela, cada vez mais vermelho enquanto se dirigia até lá.

Ela afrouxou o passo. Talvez, se atrasasse a própria chegada, aparecesse alguém mais, como Julian, o diretor-assistente do Imperatriz, ou talvez Dev, o chefe de iluminação.

Mas, enquanto passava os dedos devagar pelas luxuosas poltronas roxas da plateia com as quais Adri gastara uma fortuna, olhando as paredes de tijolos aparentes, ninguém mais chegou para salvá-la.

Quando parou em frente ao palco – que infelizmente não ficava longe da entrada –, todo mundo continuou encarando-a e sorrindo.

– Hum – disse ela. – Bom dia?

– Sem dúvida – respondeu Ren, balançando as pernas, que estavam penduradas no palco ligeiramente elevado.

Elu estava com uma calça preta elegante e uma camisa branca de botão debaixo de um colete cor de berinjela, mas sem gravata. Para Ren, isso era um traje informal.

– Você não respondeu minha mensagem no fim de semana. – Elu franziu as sobrancelhas perfeitas.

Stevie estremeceu. Não respondeu a Ren quando ele perguntou como tinha sido a noite com a ruiva, e foi cem por cento de propósito, assim como a decisão de ignorar a pergunta de Adri sobre o nome de Iris. Divulgar o que havia acontecido não estava em seus planos.

– É, desculpa – murmurou Stevie.

– Então, presumo que a Iris passou a noite com você – disse Ren, já que Stevie continuou em silêncio.

– Iris? – perguntou Adri, olhando para Stevie; estava com os óculos de armação transparente que ela sempre adorou e com um roteiro cheio de anotações na mão. – Então esse é o nome dela.

Stevie se limitou a assentir.

– Ela era muito gata, Stevie! – exclamou Vanessa, abraçando uma das pernas com os dois braços.

O cabelo comprido e escuro dela caía pelas costas, tão lustroso sob as luzes da casa que Stevie chegou a estreitar os olhos. Assentiu outra vez. Isso, pelo menos, não era mentira. Iris era *muito* gata. Tanto que, ao pensar em como ela estava antes do vômito, Stevie sentia um frio gostoso na barriga. Mas aí a lembrança chegava à parte do vômito, e a náusea reaparecia.

– Vai sair com ela de novo? – perguntou Ren.

– Tomara! – exclamou Vanessa. – Ela era linda demais pra ficar só uma vez.

– Amor... – disse Adri, encarando a namorada.

– Essa é a hora em que eu digo “mas não tão linda quanto você, meu bem”? – perguntou Vanessa, piscando com aqueles cílios absurdamente longos.

Adri hesitou por uma fração de segundo, depois riu, puxando Vanessa para um beijo.

Stevie torceu o nariz. Não conseguia se lembrar da última vez em que ela e Adri brincaram assim quando estavam juntas. Perto do fim, faltava senso de humor às duas, a capacidade de aceitar uma piada. Se Adri tivesse feito um comentário sobre um contatinho de Ren ou de Vanessa ser atraente, Stevie provavelmente teria desmoronado em silêncio e depois passado no mínimo meia hora soluçando no banheiro.

E isso devia ser parte do problema delas duas.

Engoliu em seco, tentando afastar o pensamento e sorrir. Em seguida, ao encarar seu círculo de amizades, sentiu os ombros se endireitarem e o peito estufar só um pouquinho. Respirou com mais facilidade do que na última vez em que o grupo se reunira. Sentia que o sorriso estava menos forçado. Pela primeira vez em meses, o trio olhava para ela como antes. Como se ela tivesse um projeto de vida, e dos bons. Como se seu sonho de estar no palco não fosse infantil nem tivesse acabado.

Ao sorrir para todo mundo, até percebeu um toque de admiração em seus olhos. Imaginou que alguém capaz de atrair uma mulher como Iris seria pelo menos *um pouco* fascinante e, nossa, fazia muito tempo que não se sentia interessante para qualquer pessoa. Seu breve contato com Iris nem contava, pois qualquer fascínio que ela pudesse ter sentido por Stevie fora

completamente arruinado pelo desfecho.

– E aí? – insistiu Adri, e inclinou a cabeça, estreitando um pouco os olhos. – Vão sair de novo?

Vanessa fez “sim” com os lábios várias vezes, os olhos brilhando.

Ren se limitou a observar Stevie com as sobrancelhas erguidas.

Só havia *uma* resposta certa. A única que faria Stevie sentir que não era um desastre absoluto, que faria Ren acreditar que de fato tinha ajudado Stevie e Adri e Vanessa ficarem de consciência um pouco mais leve por seu novo amor.

E essa resposta não era *não*. Stevie não conseguia nem se imaginar dizendo isso; todo mundo ali perderia o ânimo, a decepção tomando conta das expressões. Ou pior, poderia não ser um choque para ninguém, porque... bom, porque Stevie era assim.

– Vamos – disse ela antes de pensar demais, e respirou fundo, em silêncio, pensando na Stefania da sexta à noite, a mulher que beijou Iris antes de tudo degringolar. – Claro que vamos.

Vanessa ergueu os punhos, comemorando, e Ren sorriu para Stevie como se ela tivesse acabado de descobrir a cura do câncer. Adri sorriu sem mostrar os dentes, com aquele olhar frouxo que revelava que ela estava pensando. Stevie não tinha certeza se queria descobrir quais eram os pensamentos.

– É isso aí, menina – elogiou Ren, pulando do palco e segurando os ombros de Stevie. – Viu? Eu sabia que você ia conseguir.

Stevie assentiu sem dizer nada. Sua mente já entrou num turbilhão ao imaginar por quanto tempo conseguiria sustentar a mentira. Conhecendo Vanessa, era apenas questão de tempo até ela sugerir um encontro dos dois casais, ou dos três, se Ren pudesse convidar alguém, e sem dúvida poderia.

Naquele momento, porém, Stevie afastou essas ideias. Por enquanto, aproveitaria a sensação de estar bem, de ser alguém que outras pessoas poderiam desejar. Mesmo que fosse tudo mentira, o modo como seu círculo mais íntimo a olhava naquela hora – o jeito como a fazia se sentir – era verdadeiro.



– Tá bom – disse Adri depois que Ren citou de novo a foto de Stevie e Iris na balada e Vanessa quase desmaiou com o nível altíssimo de gostosura de Iris. – Tá na hora de começar a trabalhar. Os testes começam às onze, e preciso repassar umas coisas com a equipe antes disso.

– Vou falar com a Phoebe – avisou Ren. – Ver o que ela tem em mente.

Adri assentiu enquanto Ren ia para os bastidores. Phoebe era uma mulher trans e uma artista brilhante, atuando como figurinista principal do Imperatriz desde o começo. Uma das poucas com salário e trabalho em período integral, e Adri fazia tudo o que fosse preciso para mantê-la nesse esquema.

– Vou pro saguão montar a mesa de inscrições – avisou Vanessa. – Os testes para o elenco geral são com o Julian, né?

– Isso, na sala dos fundos. Acho que ele já tá lá. Obrigada, amor – respondeu Adri.

As duas se beijaram uma... duas... três vezes antes de finalmente se soltarem, e Vanessa pulou do palco.

– Estou ansiosa pra conhecer a Iris – disse ao passar por Stevie, afagando o braço dela.

Stevie se limitou a assentir. Muito em breve, sua cabeça ia tombar do pescoço por excesso de uso.

– Vem! – chamou Adri, gesticulando para que Stevie subisse no palco.

Stevie subiu a escada à esquerda do palco sem a menor pressa, preparando-se para ficar sozinha com Adri, ainda mais depois de quase se aninhar no pescoço dela no Tinhosa, na sexta-feira.

Acomodou-se ao lado da ex e tirou da bolsa uma cópia de *Muito barulho*.

– Então... – Adri folheou a peça. – Vai sair com ela mesmo?

Stevie olhou para ela, aturdida. Adri sempre sabia quando Stevie estava blefando, e era por isso que mentia apenas em raras ocasiões para a ex. Ainda assim, não pretendia ser sincera naquela hora, não importava quanto

Adri insistisse.

– Vou – respondeu.

Adri assentiu, enfim encarando Stevie.

– Ela parece... show.

Stevie franziu a testa.

– Como assim?

Adri gesticulou e riu.

– Nada. Sei lá. Parece... diferente.

– Diferente como?

– É... – Adri balançou a cabeça, olhando para cima enquanto ponderava. – Ela parece meio fora da casinha. Tem aquele jeito, sabe? De baladeira.

Stevie se irritou.

– E você soube tudo isso só de olhar uma foto num bar escuro?

Adri sorriu e balançou a cabeça.

– Tem razão. Falei besteira. Tô feliz por você. Vamos trabalhar, né?

Stevie respirou fundo e discretamente. Detestava quando Adri fazia esse tipo de coisa, dizendo algo que a fazia se sentir pequena e insegura, e logo depois pedindo desculpas para que ela não pudesse nem ficar brava por isso.

– Beleza – respondeu Stevie. – Bora.

– Tá bom. A prioridade é escalar nossa Beatriz.

– Que tal a Tori?

– Grávida – contou Adri, sorrindo. – Está de seis meses, deve nascer em setembro, então não pode ser ela.

– Meu Deus, sério? Parabéns pra ela!

Tori era uma lésbica negra que estava com a mesma mulher, Lakshmi, desde os 15 anos, quando saíram do armário no Arkansas. Estavam tentando engravidar havia anos e tiveram alguns abortos espontâneos. Stevie ficou encantada com a notícia. Porém Tori era a melhor atriz principal do Imperatriz.

– Não tem mais ninguém?

Adri balançou a cabeça, negando.

– Ninguém que seja boa o bastante. Molly detesta Shakespeare e

Cassandra não conseguiria fazer comédia nem se a vida dela dependesse disso. Já escalei o Jasper como Hero. Temos que achar outra pessoa. Alguém incrível.

– Ah, vai ser fácil – comentou Stevie, irônica.

Como todas as diretoras, Adri era seletiva, crítica e exigente. Em se tratando de Shakespeare, ela era tudo isso em dobro. Assim, encontrar uma nova Beatriz com quem Stevie tivesse uma boa química no palco e que cumprisse o padrão de perfeição de Adri...

Bom, o dia ia ser bem longo.



Depois de sete Beatrices em potencial, Stevie estava pronta para se atirar no mar.

Eufórica demais.

Falta entusiasmo.

Falta intuição.

Atuação forçada.

Não tem como acreditar que você quer pegar essa pessoa, Stevie.

O último comentário de Adri foi puro deboche, já que parecia se referir mais à atuação de Stevie do que à da pessoa cheia de esperança com quem ela dividia o palco. Mas Stevie não levou para o lado pessoal; o teatro era a única área em sua vida onde conseguia levar bronca e não sentir a necessidade imediata de respirar num saco de papel até se acalmar. Esse era o jogo, o espetáculo, e quem queria melhorar e brilhar tinha que estar disposto a errar de vez em quando.

Mesmo assim, nesse dia Adri exagerou na brutalidade, e o nível de exaustão de Stevie só aumentava.

– *Ora, minha cara senhorita Desdém!* – disse Stevie no papel de Benedito, ou melhor, Benedita.

Candice, uma pessoa branca de olhar aterrorizado, contracenava com ela; as orelhas eram cheias de piercings, o cabelo curto tingido de lavanda, os

olhos estavam arregalados até o limite enquanto olhava para o texto.

– *A senhorita continua viva?* – continuou Stevie, gesticulando para Candice.

– Hum, ah, tá. – Candice olhou para o roteiro antes de falar igual a um robô: – *Como poderia essa tal de Desdém morrer, quando ela dispõe, para alimentar-se, de comida tão adequada como o Signior Benedito? A própria Cortesia...*

– Obrigada – disse Adri, massageando as têmporas com o indicador e o polegar. Depois sorriu, beatífica. – Tá ótimo, Candice, a gente entra em contato.

Candice saiu de cabeça baixa e Stevie desabou no palco, espalhando os braços e as pernas feito uma estrela-do-mar.

– Ah, não faz drama – disse Adri, mas estava rindo.

– Achei que teatro servia pra isso – respondeu Stevie, olhando as luzes e os cabos no teto.

Adri suspirou.

– Não tenho culpa se o povo não sabe atuar.

– Você nem deixou a pobre terminar a fala! – Stevie se sentou e esfregou o rosto. – Preciso fazer uma pausa.

– Tá certo. – Adri desabou numa das poltronas de veludo. – Já passou da hora do almoço mesmo. Que tal pedir algo pra entregar aqui?

– Não. – Stevie ficou de pé. – Vou buscar comida. Preciso tomar um pouco de ar.

Adri assentiu.

– Sushi?

– Sushi – confirmou Stevie, descendo do palco pela direita e pegando a bolsa na primeira fila. – Quer o de sempre?

O olhar de Adri ficou terno e o sorriso, pequeno e meio triste.

– Você ainda lembra?

A princípio, Stevie não respondeu. É óbvio que lembrava, poxa. Atum picante. Sushi filadélfia, mas com acréscimo de abacate e salmão cru no lugar do defumado. Guioza cozido no vapor. Seis meses não poderiam apagar seis anos, não importava quanto Adri às vezes fizesse Stevie sentir

que sim.

Stevie assentiu, pigarreando enquanto procurava o celular na bolsa.

– Tá, já volto – disse, antes de fazer o pedido on-line no restaurante favorito delas e partir pelo corredor.

– Stevie – chamou Adri, pegando sua mão quando ela passou.

Stevie ficou paralisada, com a respiração presa no peito. Antes que pudesse evitar, bateu os olhos numa pequena tatuagem na base do pescoço de Adri: um coração totalmente preto, tatuado cinco anos antes. Tinha um idêntico, resultado de um gesto romântico mal pensado que fizeram no aniversário de um ano e que ela não tinha coragem de remover.

Não queria Adri de volta. Sabia que não. Perto do fim, eram praticamente amigas dividindo um quarto: sem beijos nem sexo, apenas noites tranquilas dormindo de costas uma para a outra.

Mas...

Tinha saudade de ser de alguém.

Adorava pertencer a uma pessoa. Sempre adorou, desde que ela e as amigas do ensino médio pegavam às escondidas os livros de romance das mães, lendo-os debaixo das cobertas em festas de pijama e rindo dos trechos sensuais. Mas Stevie sempre gostou ainda mais das declarações finais, quando uma pessoa – em geral, um homem, porque a heteronormatividade é isso aí – confessava não conseguir viver sem a outra. Ele nem conseguia respirar sem ela. Aquela devoção determinada sempre fazia o coração de Stevie disparar. Aquela união que parecia ao mesmo tempo impossível e inevitável.

Depois de passar seis meses solteira, ainda não sabia ao certo quem era quando estava sozinha, e isso a deixava apavorada.

– Obrigada – disse Adri baixinho, afagando a mão dela. – Por topar fazer isso comigo. Sei que o Imperatriz não é sua primeira escolha.

Stevie não sabia como responder a isso, portanto não disse nada. Limitou-se a afagar a mão de Adri também; depois, soltou-se dela.



CAPÍTULO NOVE

O IMPERATRIZ ERA UM PREDINHO entre uma lavanderia e um consultório barato de vidente. A fachada de tijolos exibia um pequeno letreiro anunciando a próxima montagem de *Muito barulho por nada* num degradê de arco-íris, embora o primeiro *O* estivesse torto e tremulasse um pouco à brisa da manhã. A bilheteria de vidro, embora meio manchada e precisando de limpeza, era emoldurada em madeira cor de bordo e coberta com ornamentos de latão vintage.

– É um lugar charmoso – comentou Iris.

Nunca estivera naquele teatro, mas, quanto mais pensava em participar de uma comédia shakespeariana totalmente queer, mais gostava da ideia.

– Né? – disse Simon, sorrindo e abrindo a porta para ela.

Lá dentro, o saguão de entrada era pequeno e moderno, mas tinha toques vintage aqui e ali que Iris adorou. O chão era de cimento, as paredes de tijolos aparentes, as sancas roxo-escuras. Faixas de seda das cores do arco-íris cobriam as paredes aqui e ali, assim como quadros com fotos em preto e branco de peças anteriores. A iluminação era suave e cor de mel,

dando uma atmosfera aconchegante a todo o espaço. Apesar desse clima, havia sinais de deterioração por toda parte, como tapetes gastos e cortinas desfiadas.

– Oiê!

Havia uma mulher latina de blusa preta rendada e jeans da mesma cor sentada a uma mesa perto da porta fechada do auditório. Estava digitando num laptop prateado, os olhos passando por Simon e Iris a cada duas palavras.

– Vieram para o teste?

– Hã – disse Simon, quase babando enquanto olhava para a mulher.

Iris revirou os olhos. Por mais queer que fosse, Simon às vezes era um pateta na hora de falar com mulheres bonitas. E não havia como negar que aquela mulher era linda de morrer.

– Isso – respondeu Iris, enganchando o braço no de Simon e dando-lhe um puxão. – Elenco geral.

– Legal, legal – comentou a mulher, desenterrando uma prancheta de baixo de uma pilha de livros. – Nosso diretor-assistente, Julian, está cuidando dos testes do elenco geral na sala dos fundos. – Ela olhou para eles e entregou a prancheta. – É só vocês... – E parou, piscando, de olhos fixos em Iris.

Iris fez o mesmo, confusa, e então olhou para Simon.

– Você é ela – disse a mulher.

– Sou?

O sorriso da mulher ficou tão largo que Iris não pôde deixar de sorrir também. Nossa, os dentes dela eram impecáveis.

– É! Você é a Iris, né?

– Hã, nossa, eu...

– Eu sou a Vanessa. – Ela estendeu a mão para apertar a de Iris. – Tô muito feliz por te conhecer. Ela sabia que você vinha?

– Quê? – perguntou Simon. – Quem é que...

– Ai, meu Deus, então é surpresa! – exclamou Vanessa. – Você veio fazer uma surpresa pra ela. Que romântico!

– Hã – repetiu Iris alegremente. – Desculpa, quem...

– Peraí, peraí, vou chamar a Adri. – Vanessa abriu as portas do auditório, segurando uma delas aberta com a bunda. – Amor! – gritou pelo corredor. – Você não vai adivinhar quem tá aqui!

– Quem? – respondeu uma voz mais grave, rouca e provocante, mesmo ao pronunciar aquela única sílaba.

– Iris!

Um instante de silêncio. Iris apertou o braço de Simon, pronta para sair correndo. Ele olhou para ela com cara de *Que merda é essa?*, que ela imitou na mesma hora.

Passos percorreram o corredor, e logo chegou uma mulher bonita, de cabelo verde-escuro e ondulado na altura do queixo emoldurando o rosto em forma de coração.

– Ai, meu Deus, é você – disse ela, franzindo a testa. – Ela não falou que você vinha.

– Eu não... – Iris balançou a cabeça. – Como assim? A gente veio fazer o teste de elenco. Só isso.

– Maravilha – respondeu Adri, com o olhar medindo o corpo de Iris de alto a baixo de um jeito que a fez ter o impulso de se olhar para ter certeza de que não tinha nenhum resto de comida no rosto nem nas roupas. – Sabe atuar?

– Amor – disse Vanessa antes que Iris pudesse responder, segurando o braço de Adri. – A Beatriz. Você ainda não escalou ela, né?

As duas se entreolharam, com Adri de boca aberta num círculo pensativo.

– Não seria perfeito? – perguntou Vanessa.

– Ah, Van, sei lá – respondeu Adri.

– Por que não? Já sabemos que elas têm química. E ela ia ficar tão feliz! – argumentou Vanessa, falando num tom mais terno.

– É, acho que ela ia ficar surpresa. Mas ela nem sempre gosta de surpresas.

– Ela gosta de surpresas *boas*.

– Bom, quem é que gosta de surpresas ruins?

– Ninguém, acho – respondeu Vanessa. – Só tô dizendo que acho que ela

ia gostar.

– Com licença – pediu Iris, pronta para sair daquela montanha-russa do Willy Wonka. – O que é que tá acontecendo?

Adri e Vanessa riram.

– Desculpa – respondeu Vanessa. – A gente só tava pensando se você toparia fazer o teste para Beatriz.

– Van... – avisou Adri, cruzando os braços.

– Que mal faz tentar? – questionou Vanessa.

– A Beatriz? – perguntou Simon. – A... protagonista?

– Eita, quê? – disse Iris.

Conhecia por alto a trama de *Muito barulho por nada*. Tinha lido a peça no ensino médio e visto o filme com Emma Thompson, mas não lembrava os nomes de ninguém.

– Já temos nossa Benedita – disse Adri, estreitando os olhos para Iris –, como você sabe. Ainda estamos procurando a coprotagonista.

– Você pode ser a escolha perfeita! – exclamou Vanessa.

– Poderia – disse Adri.

– Eu? – Iris apontou para si mesma. – Mas não sei atuar.

– Sabe, sim – afirmou Simon.

– Não sei, não! – Iris deu uma cotovelada nas costelas dele. – Não oficialmente.

– Ela é engraçada – Simon contou nos dedos –, é dramática, tem talento, carisma, paixão e tudo mais.

Adri abriu um sorrisinho amarelo.

– Parece mesmo perfeita para a Beatriz.

– Simon Everwood, você *morreu* pra mim – resmungou Iris pelo canto da boca.

Vanessa riu e estendeu a mão para dar um tapinha no braço dela.

– Que mal faz ler umas falas, vai? Vamos tentar. Se não der certo, não tem problema. A Adri te manda de volta pro teste de elenco geral com o Julian e o seu amigo aqui. Certo, amor?

Adri suspirou e esfregou a testa.

– Beleza. Acho que não faz mal fazer uma leitura.

Iris abriu a boca para reclamar – de jeito nenhum estava preparada para sequer pensar em fazer o papel principal –, mas Simon a empurrou para a frente.

– Ela topa.

– Ô Simon, que saco.

– Viram? – disse ele. – Paixão.

– Tô vendo. – Mais uma vez, Adri a olhou de alto a baixo.

– Tá bom, beleza – concordou Iris, porque sabia que Simon nunca a deixaria dar as costas e ir com ele para o teste geral. Era melhor acabar logo com aquela experiência bizarra.

Vanessa se ofereceu para levar Simon até Julian, enquanto Adri acompanhou Iris em direção ao auditório. Era pequeno e tinha paredes de tijolos aparentes, poltronas roxas macias e uma borda de arco-íris envelhecida emoldurando a frente do palco modesto. Luzes e cabos pendiam do teto, e Iris sentiu um entusiasmo inexplicável na forma de um frio na barriga.

Nunca havia participado de uma peça de verdade. Embora a mãe e os irmãos tivessem dito mais de uma vez que era dramática o bastante para ter sua própria trupe de teatro, abandonara as aulas de artes cênicas do ensino médio em poucas semanas por causa do olhar extremamente sinistro do professor Bristow. Naquele momento, precisava admitir que entrar num teatro vazio, com o palco iluminado esperando por ela, até que era emocionante.

– Tá – disse Adri quando chegaram ao palco, entregando a Iris um texto já aberto numa cena. – Você conhece a história?

– Um pouco. – De repente Iris ficou nervosa. – Um exército volta pra casa e um cara se apaixona por uma mina.

Adri assentiu.

– Esses são Cláudio e Hero, mas na nossa peça são dois homens, um deles trans.

Iris sorriu.

– Adorei.

O rosto de Adri se iluminou.

– Eu também. Mas você vai ler umas falas da Beatriz, prima da Hero, uma mulher muito perspicaz que não tem paciência pra conversa fiada.

– Parece uma mulher inteligente.

– E é mesmo. Nessa primeira cena, ela ofende Benedito, um soldado, porque esses dois têm um histórico de troca de farpas. Ele chega, no nosso caso, *ela* chega, e os dois começam a pancadaria verbal. Vamos ter um texto revisado considerando os pronomes e outros ajustes assim que definirmos o elenco.

Iris assentiu, lendo as falas por alto. Shakespeare não era fácil, de jeito nenhum, mas ela havia lido o bastante na escola e na faculdade para entender a maior parte.

– Vou ler os outros papéis – disse Adri. – Você faz só a Beatriz.

– Dá só um segundo pra eu me situar? – pediu Iris.

– Claro. Sei que você não estava preparada pra fazer a Beatriz. Ou estava? – Ela inclinou a cabeça, como se esperasse alguma confissão.

Iris franziu a testa.

– Não estava, não, com certeza.

Adri estreitou um pouco os olhos, mas fez que sim com a cabeça e gesticulou para que Iris começasse a se preparar.

Iris deu as costas, roendo a unha do polegar enquanto lia as falas. *Em nosso último conflito, quatro de suas cinco tiradas erraram o alvo; se antes ele era um homem inteiro, com os cinco sentidos, agora ele é homem governado por um sentido só...*

Iris não pôde deixar de rir baixinho. Beatriz era engraçada. Inteligente. Sem dúvida, sexy. Ia dar conta dela. Pelo menos, faria o suficiente para passar pela leitura sem fazer papel de boba. No fim, ela se juntaria a Simon no elenco geral e daria risada com ele da diretora esquisita que a obrigara a fazer o teste para a protagonista.

– Acho que tô pronta – anunciou Iris, virando-se para Adri.

Vanessa tinha entrado enquanto ela estudava, e as duas a olhavam com tanto interesse que dessa vez Iris tocou mesmo no rosto em busca de migalhas perdidas.

– Ótimo – respondeu Adri. – Pode subir no palco.

Iris fez o que ela pediu, levantando a barra da saia longa para não tropeçar na escada curta à esquerda do palco. Ou seria à direita? Nunca conseguia lembrar de primeira.

– Pode começar quando quiser – disse Adri, acompanhando-a até lá. – A partir da linha trinta.

A diretora ficou a poucos metros de Iris e era a única coisa que ela conseguia ver. As luzes do palco eram fortes, fazendo com que tudo no teatro parecesse um sonho translúcido em preto e branco.

Iris girou os ombros para trás. Deu um pigarro. Então, quase caiu na gargalhada ao pensar no que estava fazendo. A energia nervosa a impulsionou adiante, então sua primeira fala saiu num instante de riso.

– *Rogo-lhe, diga-me: o Signior Estocada já retornou das batalhas ou ainda não?*

Entremear um pouco de alegria às palavras pareceu dar certo.

– *Não conheço ninguém com esse nome, senhorita* – disse Adri no papel de Mensageiro. Em seguida, como Hero: – *Minha prima quer dizer o Signior Benedito de Pádua.*

E assim por diante. Iris logo se animou com a personagem, uma mulher que estava farta de lero-lero arrogante e, ao mesmo tempo, obviamente queria transar com Benedito até desmaiar. Seria fascinante ver duas mulheres lgbtq+ naqueles papéis.

A ideia a estimulou ainda mais. Logo estava andando pelo palco, fazendo floreios com as mãos e caçoando quando a fala pedia. Porém, na hora de Benedito chegar, ela se aquietou. A esgrima verbal da dupla era veloz, cáustica, mas ela a cobriu de... bom, de desejo, para ser sincera. Parecia o tom certo, e ela se lembrou de ter ouvido falar que a peça inteira – pelo menos em se tratando de Beatriz e Benedito – era uma gigantesca sessão de preliminares.

– *O senhor sempre para do mesmo modo: sentando no cabresto* – disse ela, rangendo de leve os dentes ao ler a última fala de Beatriz na Cena 1. – *Eu o conheço, e não é de hoje.*

Silêncio.

Um instante de silêncio longo, tenso e aterrorizante.

Iris arfava um pouco e percebeu que tinha esticado a mão na direção de Adri, com um dos dedos pintado de esmalte coral apontando para o rosto dela enquanto lia as falas.

Baixou a mão; pigarreou; esperou.

Adri a encarava de boca entreaberta, sem dizer nada.

– Então... – disse Iris. – E agora?

– Nossa! – exclamou Vanessa, aplaudindo. – Caramba, né, Adri?

Adri ia dizer alguma coisa, mas, antes que pudesse começar, as portas do teatro se abriram.

– Desculpa, demorou uma eternidade – disse alguém.

Iris olhou para a plateia, mas só conseguiu ver uma forma sombreada chegar pelo corredor.

– A clientela deles na hora do almoço tá fora de controle.

Iris franziu a testa, meio que reconhecendo a voz. Franziu os olhos para enxergar, mas a pessoa ainda era um borrão na sombra.

– Não esquentar – disse Adri, espiando Iris. – Deu tempo de a gente conhecer sua namorada.

– Minha o quê?! – perguntou a pessoa.

– Sua o quê?! – perguntou Iris ao mesmo tempo. – Eu não...

Foi então que a pessoa, uma mulher de cachos desalinhados com olhos cor de âmbar, chegou à beira do palco, parando ao lado de Vanessa e encarando Iris com a boca aberta.

– Stefania? – disse Iris.

– Iris – respondeu Stefania com a voz baixa e trêmula.

As duas se encararam por um instante. A cabeça de Iris girava. Não esperava vê-la outra vez; para ser sincera, nem queria. Algo lampejou no fundo de sua mente, juntando as peças de toda aquela experiência bizarra: o fato de Adri e Vanessa saberem quem ela era, o nome dela, e de não pararem de falar em surpreender uma outra pessoa.

O que estava acontecendo?

Iris abriu a boca para perguntar exatamente isso, mas então, como se pegasse fogo de repente, Stefania largou um saco de papel no chão, pulou no palco e a tomou nos braços.



CAPÍTULO DEZ

IRIS.

Iris estava ali.

No Imperatriz.

No palco.

Stevie ficou zozza, o constrangimento tingindo suas bochechas enquanto olhava para a ruiva em quem havia vomitado apenas 72 horas antes.

A ruiva com quem todo o seu círculo de amizades achava que ela estava transando.

Não, não apenas transando.

Namorando.

Iris flutuava em sua visão, e ela entendeu que precisava fazer alguma coisa, dizer alguma coisa. Antes que pudesse pensar direito, largou o sushi que tinha levado quase uma hora para comprar, subiu correndo os degraus do palco, envolveu a cintura de Iris nos braços e a puxou para junto de si.

– Por favor – sussurrou no ouvido de Iris.

Foi a única coisa em que conseguiu pensar.

Iris ficou rígida, chocada, o que fazia todo sentido, mas, além disso, ela tinha um cheiro delicioso, de gengibre e bergamota, e o tecido do suéter dela era leve como seda sob os dedos de Stevie.

– Por favor – repetiu ao perceber que Iris não a abraçara também.

Stevie sabia que era um sinal claro de que devia recuar, mas o desespero para sair daquela situação sem que a mentira fosse pelos ares bem na frente de Vanessa e Adri expulsou qualquer outro pensamento para os cantos mais remotos da mente dela.

Finalmente (*obrigada, meu Deus, finalmente*) Iris amoleceu e abraçou os ombros de Stevie, mas não sem sussurrar “O que tá rolando?” no ouvido dela.

– É, eu sei. Desculpa – disse Stevie. – Só deixa eu...

– Essa é a coisa mais fofa que eu já vi! – exclamou Vanessa, cuja voz veio da plateia. – Né, amor?

– Muito fofa – respondeu Adri, embora seu tom de voz fosse com certeza mais pensativo.

Isso levou Stevie de volta à realidade, e ela se afastou de Iris, que a fitou nos olhos. Havia chamas em todo aquele verde.

Desculpa, Stevie articulou sem fazer som. Ela ia resolver tudo. Explicar. Iris a havia colocado na cama, pelo amor de Deus. Sem dúvida, ela entenderia a necessidade de não passar vergonha na frente de uma ex.

Stevie pigarreou e se virou para Adri e Vanessa, entrelaçando os dedos aos de Iris, que aceitou o gesto. Essa permissão foi uma tábua de salvação.

– Hum. Então, gente, essa é a Iris.

– É, a gente sabe! – Vanessa sorriu. – A mais romântica das românticas.

Iris riu pelo nariz, apertando os dedos de Stevie até doerem. Stevie riu, nervosa.

– É, eu, hum, eu não imaginava que ela vinha...

– Eu quis fazer uma surpresa pra Stefania – declarou Iris, ainda apertando a mão de Stevie. – E acho que consegui.

– Ah, conseguiu, sim. – Stevie apertou a mão dela também. – Com toda a certeza.

– Stefania? – indagou Adri, baixando as sobrancelhas grossas.

Stevie encarou os olhos dela e engoliu em seco. Adri sabia muito bem que, às vezes, ela se imaginava como uma pessoa diferente para encarar uma situação estressante. Sabia também que não se apresentava a ninguém como Stefania, o nome que ganhara em homenagem à sua bisavó italiana.

– É – respondeu Stevie, com as mentiras na ponta da língua. – Quando eu e a Iris nos conhecemos, eu disse meu nome completo. Ela gostou. Gostou, né?

Cutucou de leve o braço de Iris, que olhou para ela com fúria suficiente para reacender uma estrela enfraquecida.

– Pois é – disse Iris por fim, marcando o “é” com tanta ênfase que o som ecoou pelo teatro. – Só um minutinho, tá? – pediu para Adri e Vanessa, puxando Stevie pela mão rumo à escada.

– Claro – respondeu Adri.

– Mas não vá embora, Iris – acrescentou Vanessa. – Tenho certeza de que a Adri quer falar com você sobre a Beatriz.

– Van – disse Adri em tom seco. – A diretora sou eu.

– Eu sei, amor, mas deixa disso. Já viu alguém melhor?

– Peraí, sério? – rebateu Iris, parando nos degraus.

– A Beatriz? – perguntou Stevie, mas Iris encarava Adri.

Adri contraiu a boca numa linha reta.

– Eu admito, Iris, você é perfeita. Quer dizer, a gente pode fazer uma leitura com a Stevie pra você ter uma ideia de como vai ser com Benedita, mas sim. Você é a melhor Beatriz que já vi desde... bom, desde sempre. Sem dúvida.

Iris a encarou, aturdida, mas com um sorrisinho se abrindo em sua linda boca. Mas então o sorriso murchou, e ela olhou para Stevie.

– Você é a Benedita.

Não era uma pergunta, mas mesmo assim a resignação no olhar de Adri se transformou em desconfiança.

– Você não sabia?

Iris fungou em resposta. Stevie precisava tirá-la dali e resolver aquilo o quanto antes.

– A gente já volta – anunciou, mudando de direção e puxando Iris para os bastidores.

Não era um espaço muito grande, mas basicamente um corredor, com polias e cabos no teto e concreto cru no chão. Stevie só desacelerou o passo quando entraram num pequeno camarim que todo o elenco dividia nas noites de apresentação. Havia quatro espelhos iluminados, dois em cada parede, e cadeiras desiguais em frente às penteadeiras, além de um sofá de couro verde num canto, uma mesinha coberta de livros, textos e um Nintendo Switch.

Assim que a porta se fechou, Iris se virou para Stevie.

– Que porra é essa?

– Pois é – respondeu Stevie. – Eu sei, desculpa.

Iris cruzou os braços, o cabelo comprido e emaranhado cobrindo os ombros. Ela ficava linda assim zangada, com os olhos verdes um pouco mais escuros, o cabelo ruivo parecendo fogo...

Stevie balançou a cabeça. *Foco*. Precisava se concentrar.

– Quem é você? Porque com certeza não é Stefania.

Stevie levantou as mãos com as palmas para cima.

– Sou, sim. Mas todo mundo me chama de Stevie.

O olhar de Iris ficou mais suave, mas só um pouquinho.

– Stevie.

Stevie fez que sim.

– Então, por que me disse que seu nome era Stefania?

Stevie baixou os braços.

– Porque é o meu nome.

– Você entendeu.

Stevie assentiu e esfregou a testa.

– É. Desculpa. É que eu...

Procurou uma razão que a fizesse parecer menos patética, mas não encontrou nenhuma. Ela *era* patética, e quanto mais cedo Iris soubesse disso, melhor.

É verdade que Iris já devia saber muito bem... depois de Stevie vomitar na coitada.

– Fico nervosa quando conheço alguém – confessou Stevie. – Não mando bem com gente nova, e você é tão...

Linda. Hipnótica. Perfeita.

As palavras caíram como uma cascata na mente de Stevie, mas não podia dizer nenhuma delas.

– Autoconfiante – foi o que acabou dizendo. – Então eu agi como se também fosse. Pensar em mim como se fosse outra pessoa ajudou. Quer dizer, até certo ponto.

Iris a observou com a boca levemente franzida.

– Tá. Acho que entendi.

Stevie exalou com força, mas Iris não havia terminado de falar.

– O que eu não entendi é por que suas amigas estão achando que eu vim aqui por sua causa. Que nosso encontro foi mais que uma noite desastrosa.

Stevie estremeceu.

– Bela escolha de palavras.

Iris ergueu as sobrancelhas.

– Acho que “desastrosa” é bem apropriado.

– Não, é, é perfeito.

O silêncio se derramou entre elas; um silêncio terrível e incômodo.

Então, de forma inexplicável...

– Eu vomito quando fico muito nervosa – foi como Stevie decidiu rompê-lo.

Iris ficou boquiaberta.

– Nossa.

– É. Taí a graça.

– Sinto muito – disse Iris baixinho. – Você poderia ter dito que não queria transar comigo e pronto. Sou crecidinha e dou conta de...

– Mas eu *queria* – afirmou Stevie.

Iris inclinou a cabeça. Mais um silêncio constrangedor; porém, dessa vez, Stevie ficou de boca fechada. O rubor em suas bochechas já devia dizer o bastante.

– Tá bom. – Iris apertou os olhos com os dedos. – Vamos nos concentrar

na questão mais urgente.

– Minhas amigas.

– É.

– E a Beatriz.

Iris baixou as mãos, encarando-a.

– Você deve ser muito boa – disse Stevie. – Eu nunca vi a Adri oferecer um papel pra alguém tão depressa.

Lá estava o sorrisinho outra vez.

– Sério?

Stevie fez que sim.

– E eu conheço a Adri há dez anos.

Iris balançou a cabeça.

– Eu não queria fazer um teste pra ser a Beatriz. Praticamente me obrigaram. Bom, elas e o meu amigo Simon, que está em algum lugar com a companhia de teatro.

– É, a Adri é meio mandona.

– Foi mais a outra. Van?

– Ah – disse Stevie.

Iris cruzou os braços.

– Agora, por que ela fez uma coisa dessas?

A voz de Iris exalava sarcasmo. Stevie sabia que precisava concluir a confissão, e saiu tudo de uma vez:

– Deve ser porque Ren, a pessoa com quem eu estava na balada aquela noite, mostrou pra elas uma foto de nós duas dançando no Lush, e elas ficaram tão felizes por eu ficar com alguém que obviamente é areia demais pro meu caminhãozinho que deixei todo mundo acreditar que a gente estava meio que namorando.

Iris a encarou com os olhos semicerrados, como se estivesse tentando acompanhar o falatório.

– Então – disse ela por fim –, estamos namorando.

Stevie não disse nada.

– Tipo um namoro de mentira. Desses de comédia romântica – concluiu Iris.

Stevie encheu as bochechas de ar e soprou devagar.

– É que... aconteceu. Eu namorava a Adri, e agora ela e a Vanessa...

– Ai, meu Deus, peraí, quê? Isso tudo é pra voltar com a sua ex?

– Não! – Stevie deu um passo na direção de Iris. – Não, eu não quero voltar com ela, juro. Mas...

Caramba, aquilo ia soar ridículo. Quando voltou a falar, Stevie fechou os olhos com força e os manteve assim.

– Eu só queria um tempinho pra respirar. Uma hora, um dia em que eu não fosse a ex-namorada-melhor-amiga patética com quem todo mundo se preocupa.

Ela abriu os olhos. Iris a encarava de boca entreaberta.

– Eu pensei: vou fazer de conta por umas semanas e depois dizer pra todo mundo que terminamos – declarou Stevie. – Não esperava que você, *você* de verdade, entrasse no teatro da minha ex.

Isso fez Iris sorrir um pouquinho.

– Bom, sou cheia de surpresas.

– É. – Stevie sorriu também. – Com certeza é.



CAPÍTULO ONZE

IRIS NÃO CONSEGUIA ACREDITAR que de alguma forma se encontrava no meio de uma comédia romântica.

Namoro de mentira.

Era ridículo.

Era absurdo.

Era...

Ela olhou para Stevie, cujos cachos caíam nos olhos, fazendo-a parecer uma espécie de estrela pop adorável e lésbica. Ela estava com uma camiseta cinza justa que dizia *Faz uma pausa, é por uma boa causa!* e mostrava, de forma inexplicável, o desenho de um gato cartunesco segurando um exemplar do livro *Uma dobra no tempo*. A camiseta beirava o ridículo, mas, combinada com o jeans preto de caimento baixo e as botas também pretas de Stevie, ficava bem nela.

Stevie era sexy, disso não havia dúvida.

E Iris tinha a nítida impressão de que ela nem imaginava, o que só a deixava ainda mais sexy.

Eu só queria um tempinho pra respirar... em que eu não fosse a ex-namorada-melhor-amiga patética com quem todo mundo se preocupa.

As palavras de Stevie ecoavam na mente de Iris, uma coleção de sílabas e fonemas que abriram caminho até o meio do peito dela.

Não podia dizer que não entendia a atitude de Stevie.

Entendia, sim.

Bem até demais.

E, claro, a mentirinha de Stevie devia ter parecido inofensiva antes de Iris entrar no Imperatriz. Palavras vazias para aliviar a pressão.

Mas Iris existia de verdade.

E Adri tinha oferecido a ela o papel de protagonista da peça.

E... ela queria aceitar.

Aquele era o verdadeiro estímulo. Se recusasse o papel, poderia apenas sair pela porta e pronto, com uma história completamente maluca para contar a Simon no caminho para casa, e Stevie poderia sustentar a mentira por algumas semanas antes de dar a notícia da separação. Iris não precisava fazer nada. Poderia voltar à sua vida em Bright Falls. Ajudaria Claire e Delilah a planejar o casamento e suportaria mais encontros aleatórios armados pela mãe – talvez a ginecologista de Maeve estivesse *solteira*, olha só – e tudo permaneceria como sempre foi. Ela continuaria a penar com seu livro, surtando a cada dia porque seria obrigada a devolver o adiantamento e arruinar sua carreira antes mesmo de começar, tudo porque sua veia romântica havia se esgotado e ela não conseguia ter nenhuma ideia decente, e...

De repente, parou.

Namoro de mentira.

Era um dos tipos de enredo menos favoritos de Iris – nunca conseguira imaginar uma situação na vida real em que um namoro de mentira seria necessário, mas... lá estava ela com Stevie Sei Lá das Quantas diante de si, pedindo que fingisse ser a namorada dela.

Poderia dar certo. Iris não tinha interesse em descrever aquele enredo em seu livro – Tegan McKee não parecia ser do tipo que faria isso e, para falar a verdade, Iris não sabia se conseguiria escrever aquilo de maneira

verossímil –, mas passar um tempo com Stevie num ambiente romântico poderia romper seu bloqueio criativo. Ela poderia até viver um pouco de romance. Encontrar-se umas vezes com ela, andar de mãos dadas, voltar ao jogo do amor verdadeiro sem a menor obrigação de compromisso nem sinal de complicação.

Porque era tudo falso.

Além disso, queria muito participar daquela peça. Ao ler as falas de Beatriz no palco, ficara animada. Apaixonada. Fora divertido e, acima de tudo, Iris Kelly adorava se divertir.

– Tá bom – disse ela. – Mas pra fazer isso vou precisar de uns favores seus.

– Peraí... – respondeu Stevie. – Você quer mesmo fingir que a gente tá namorando?

– Quero fingir que estou namorando *alguém*. E quero estar nessa peça, então acho que, em se tratando de *Muito barulho por nada*, estamos num impasse.

– Posso contar a verdade pra elas. Vou lá agora e...

– Nem a pau! – exclamou Iris. – Não se eu quiser ser a Beatriz.

Se Stevie admitisse para o grupinho dela, incluindo a ex que por acaso também era a diretora, que tinha vomitado em Iris e depois mentido sobre as duas se pegarem, a dinâmica no palco seria pra lá de esquisita. Sem falar na humilhação total, e Stevie parecia já estar farta de se humilhar. Era drama demais para qualquer pessoa encarar, mesmo num ambiente teatral.

Foi visível que os ombros de Stevie relaxaram, mas depois ela franziu as sobrancelhas.

– Peraí, você disse que *quer* fingir namorar alguém?

Iris abriu um sorriso largo.

– Bom, olha só, é aí que você pode me ajudar... com a pesquisa.

Mas, antes que pudesse explicar mais, a porta se abriu e revelou Simon.

– Ah, achei você – disse ele. – Aquela mulher maravilhosamente linda disse que te ofereceram o papel da Beatriz. Iris, isso é incrível! Diz que você vai aceitar. Eu me nego a deixar você recus...

Ele parou ao fixar o olhar em Stevie.

– Ah. Desculpa interromper. Eu estava só... peraí. – Ele ajustou os óculos um pouco para cima e apontou o dedo para Stevie. – Você não é a do vômito?

– Simon, *pelamor* – resmungou Iris.

– Desculpa, é... bom, mas é você? – insistiu ele, com a expressão perdida entre a confusão e o bom humor.

– Hum, é... Acho que sou eu – respondeu Stevie, engolindo em seco uma vez, depois outras, como se estivesse a ponto de fazer uma reprise do incidente vomitório.

– E ela vai fazer o papel de Benedita – disse Iris, depois agarrou a mão de Stevie e entrelaçou os dedos nos dela –, além de ser minha namorada de mentira.

Um silêncio pesado se derramou entre as duas e ele. Simon ficou olhando aturdido para Iris, de boca aberta, e ela se esforçou para não rir.

– Contar pra alguém que a gente tá fingindo namorar não vai contra o propósito da coisa? – murmurou Stevie.

– Pra sua turma, sim. Mas pra minha? Ninguém nunca ia acreditar.

– Por que não? – perguntou Stevie.

– Porque Iris Kelly não namora – disse Simon devagar, ainda com aquele ar de *Que merda é essa?*.

– Nem topa parcerias de nenhum tipo – acrescentou Iris. – Mas não tem problema. Não preciso que você convença minha turma de que me ama. Você só precisa sair um pouco comigo, agir como minha namorada, talvez ir a uns encontros românticos pra eu entender de novo como é.

– Como é o quê?

– O amor. – Iris gesticulou. – O romance. Sabe, almas gêmeas, amor eterno e essa lenga-lenga toda.

Stevie ficou olhando para ela, estarecida, mas Simon espalmou a mão no próprio rosto.

– Ah, meu Deus, isso é pro seu livro! – exclamou ele.

– Que livro? – perguntou Stevie. – O que tá acontecendo?

Iris soltou a mão suada de Stevie e se virou para encará-la.

– Eu escrevo livros de romance e estou meio travada. Só preciso de um

pouco de inspiração. A esperança é que uma boa paquera à moda antiga me faça entrar de novo no clima.

– E *eu* posso te ajudar a fazer isso?

Iris assentiu.

– Com certeza. Eu vou ser sua namorada de mentira perto da sua turma e quando a gente estiver no teatro. E você vai ser minha cobaia romântica.

Simon parecia horrorizado.

– Tá, não escolhi bem as palavras – admitiu Iris. – A parte da cobaia, mas não tem nada de mais. Eu te namoro e você me namora.

– Só no fingimento – acrescentou Stevie.

– Ô, a ideia foi sua – argumentou Iris, cruzando os braços. – Ou a gente pode contar pra Adri e a Van-Afrodite que você mentiu e...

– Não. – Stevie balançou a cabeça. – Eu topo. Deixa comigo.

– Não tô entendendo mais nada de nada – comentou Simon, enfiando as mãos no próprio cabelo. – Existe remédio pra isso?

– Aposto que existe. – Iris deu um tapinha carinhoso na bochecha dele.

– Stevie?

Ouviram passos no chão de concreto, e Adri e Vanessa chegaram pelo corredor.

– Ah – sussurrou Iris –, hora do show. Simon, fica de boa, hein.

– De boa como?

– De boca fechada.

Iris puxou Stevie para mais perto de si e a abraçou pela cintura. Stevie ficou feito um muro de tijolos perto dela; teriam que dar um jeito nisso.

– Ah, achamos vocês – disse Adri, vendo o trio pela porta do camarim. Os olhos dela foram parar no braço de Iris ao redor de Stevie antes de olhar para o rosto delas. – Querem fazer uma leitura? Fico feliz em dirigir se você quiser ter uma ideia de como interagir no palco com a Stevie.

– Não precisa – respondeu Iris depressa. – Eu quero o papel.

Vanessa bateu palmas uma vez, abrindo a boca num sorriso encantador.

– Maravilha! Sensacional.

– Que ótimo – disse Adri. – Estamos empolgadas.

Iris sorriu.

– Eu também.

Adri olhou para Stevie, depois pigarreou.

– Tá, então, algumas informações. Em geral, fazemos o ensaio da companhia inteira à noite por conta das pessoas que têm empregos diurnos, mas também ofereço treinamento separado para quem protagoniza as peças, se as pessoas puderem vir.

– Por mim, tudo bem – respondeu Iris.

– Vai começar nesta sexta-feira com o retiro do elenco principal na casa dos pais da Vanessa, em Malibu. Vamos fazer exercícios de trabalho em equipe, leituras em dupla e inversão de papéis. Sei que é de última hora, mas infelizmente não é negociável.

– Malibu? – perguntou Simon. – É meio longe, né?

– Para mim, não – disse Iris depressa, afinal, Malibu! – Nunca fui e sempre quis ir.

E, nossa, a ideia de sair um pouco de Bright Falls era ótima.

Vanessa sorriu.

– Meus pais pagam tudo, inclusive as passagens aéreas, então não se preocupem com isso. São grandes apoiadores das artes, e isso faz parte da contribuição anual deles para o Imperatriz. Quando estamos lá, eles não dão as caras, o que também agradecemos. – Ela riu. – A coisa pode ficar meio maluca.

– Maluquice é comigo mesmo – disse Iris.

– É com ela, sim – afirmou Simon, e Iris deu uma cotovelada nas costelas dele.

– Então você topa? – perguntou Adri, encaixando o cabelo verde-azulado atrás das orelhas repletas de brincos.

Iris espiou Stevie, que ainda olhava para a frente como se estivesse encarando o cano de uma arma. Iris a balançou um pouco, encostou o ombro no dela e sorriu para Stevie como a gatinha apaixonada que era.

Bom, que *fingia* ser.

– Eu topo muito – cantarolou ela, que já era muito boa na encenação.

– Meu Deus do céu... – resmungou Simon baixinho.

Mas Iris o ignorou, aninhando-se um pouco no pescoço de Stevie para

arrematar. E não tinha certeza, porque tudo aconteceu muito rápido, mas poderia jurar que viu o sorriso de Adri murchar um pouco.

– Maravilha! – exclamou Vanessa. – Vai ser muito legal! Né, Stevie?

Iris ouviu Stevie respirar fundo, devagar, demorando uma fração de segundo antes de conseguir sussurrar:

– Muito legal.



CAPÍTULO DOZE

TRÊS DIAS DEPOIS, Stevie estava usando um maiô que não servia nela.

Não conseguia nem se lembrar da última vez em que havia nadado, mas naquele momento estava no deque aquecido da gigantesca piscina do Clube Belmont com Iris, tentando criar coragem para tirar a camiseta e o short e revelar uma peça que tinha desde os 17 anos. Era laranja, rosa e branca – o que Stevie tinha certeza de que havia escolhido como uma espécie de declaração de orgulho lésbico iniciante – e tinha decote assimétrico, com alça num ombro só. A alça estava tão esticada que parecia prestes a arrebentar.

Algum tempo antes, no dia seguinte àquela reunião tensa no Imperatriz, Iris tinha enviado uma mensagem enquanto Stevie estava limpando as mesas no Tinhosa.

Iris: Oi, moção

Stevie encarou a tela. É claro que trocaram números de telefone antes de

Iris sair do teatro naquela terça-feira, mas, ainda assim, aquele apelido carinhoso tirou Stevie dos eixos. Talvez quisesse enviar uma mensagem a uma das amigas dela e tivesse errado o número. Stevie ignorou a mensagem e continuou com seu turno, só para ver o celular vibrar cerca de sete minutos depois.

Iris: Amoreco

Iris: Ai, que horror. Que tal só meu bem?

Iris: Gata. Gostei

Iris: Amor

**Iris: não é obrigatório todos os casais lgbtq+ se chamarem de amor?
A julgar pelas minhas amigas, parece que é**

Iris: Pode ser amore mio, se a gente quiser dar uma de chique

**Iris: Não, deixa pra lá, isso me lembra um pouco demais a mãe da
minha melhor amiga e *socorro***

Stevie ficou só olhando para a tela, piscando enquanto as mensagens se acumulavam, sem saber como responder. Por fim, se contentou em dizer um sofisticadíssimo **Olá**.

Iris: Ela tá viva!

Stevie: Desculpa, tô no trabalho

Iris: Onde você trabalha?

**Iris: Acabei de perceber que a gente não sabe nada uma da outra.
Tem que ver isso aí antes dos ensaios começarem**

Nisso ela tinha razão. A única coisa que Stevie sabia sobre Iris era que ela era escritora e morava em Bright Falls.

Stevie: Café Tinhosa. Se você gosta de uma pitada de bruxaria queer no seu café, é o lugar certo

Iris: Sempre quero uma pitada de bruxaria queer

Stevie: E quem não quer?

Iris: Vou te deixar trabalhar, mas quero te convidar pra um encontro

Stevie: Encontro?

Iris: É, um “encontro” 😊

Stevie inspirou devagar. Havia aceitado aquela parte do acordo, mas imaginou que Iris só ia... esquecer. Se bem que ela não parecia ser do tipo que esquecia as coisas. O nervosismo flamejou no estômago de Stevie, mas ela o engoliu. Era capaz. Não era o caso de ter que impressionar Iris de verdade, afinal já havia se humilhado da pior maneira possível na frente daquela mulher. Além disso, Iris era um doce. Meio pilhada, mas doce.

E maravilhosa.

Nossa, Iris era tão absurdamente linda que Stevie tinha dificuldade para respirar só de pensar naquelas sardas, no cabelo ruivo, no...

Iris: E aí?

Stevie balançou a cabeça para organizar as ideias e mandou uma mensagem: **O que você tem em mente?**

E foi exatamente assim que Stevie se viu usando seu maiô de adolescente numa manhã de sábado na Festa do Orgulho à beira da piscina do Clube Belmont, em Portland. Era um lugar chique que exigia filiação, mas, nos últimos anos, todo mês de junho, o clube organizava uma ação beneficente para o Projeto Trevor e enfeitava sua enorme piscina ao ar livre com todo tipo de badulaques de arco-íris. Ao que parecia, as amigas de Iris iam comemorar um noivado, e Iris queria que Stevie fosse com ela.

Seja minha acompanhante, dissera por mensagem. **A gente pode se conhecer melhor e talvez fique menos incômodo pra você se a gente começar no meio de um grupo.**

Na verdade, foi gentil da parte de Iris pensar assim no nível de conforto de Stevie, e a mulher já estava fazendo um favor imenso para ela ao bancar sua namorada durante a peça. O mínimo que Stevie podia fazer era ir a uma festa lgbtq+ na piscina por uma boa causa. Sem dúvida, na escola, tivera sua cota de amigues que precisavam de alguns dos recursos do Projeto Trevor, e sabia que a organização já havia salvado muitas vidas.

Mas, naquela hora, dez minutos depois de se encontrar com Iris no saguão do Belmont, Stevie ficou paralisada à beira da piscina enquanto o público da festa não parava de chegar. E não ajudava em nada o fato de Iris estar...

Bom, ela estava deslumbrante até dizer chega. Usava uma regata branca fina o suficiente para revelar o biquíni por baixo – estampado de flores vermelhas, amarelas, rosa e laranja, amarrado em volta do pescoço com uma tira bem fina – e um short jeans curtinho com o tecido interno dos bolsos aparecendo abaixo da bainha. O cabelo estava preso num coque desalinhado e, quando ela tirou a regata, Stevie quase parou de respirar.

– Você tá bem? – perguntou Iris enquanto começava a passar o protetor com FPS 50.

Stevie assentiu, mas não fez nenhuma menção de tirar a própria regata verde. Em vez disso, olhou em volta, observando o ambiente. Precisava admitir que era bem impressionante. A piscina era grande e cintilante, e havia bandeiras e faixas de arco-íris por toda parte, além de bandeiras de identidades específicas ao vento, fincadas em jarros de vidro nas mesas que contornavam a área. O deque exibia espreguiçadeiras de teca e grandes guarda-sóis de diversas cores, e um bar oferecia uma variedade de bebidas com guarda-chuvinhas de arco-íris. Parecia ser também um evento de família, com muitos casais de todos os gêneros sentados em volta da piscina enquanto as crianças brincavam na água.

– É maravilhoso – disse Stevie.

– Eu te disse – respondeu Iris, oferecendo o frasco de protetor solar para ela. – Passa nas minhas costas?

Stevie arregalou os olhos, mas pegou o creme e derramou um tanto na mão enquanto Iris se virava. As costas dela eram lisas e cobertas de sardas, e a única coisa que interrompia a faixa de pele eram as duas tirinhas de nada em volta do pescoço e do tronco. Stevie começou entre os ombros – um lugar seguro –, mas, assim que tocou em Iris, sentiu os joelhos vacilarem um pouco. A outra parecia firme como uma rocha, mas logo abriu um sorrisinho tímido, olhando para trás.

– Que gesto mais romântico, minha flor, obrigada.

Stevie não pôde deixar de sorrir diante do novo apelido carinhoso. O tom brincalhão de Iris ajudou a acalmar seu nervosismo, distraíndo-a de toda aquela pele em que seus dedos tocavam.

– De nada, chuchuzinho.

Iris riu, depois inclinou a cabeça para a frente para dar acesso ao pescoço. Stevie terminou o serviço depressa, e estava limpando as mãos na toalha quando o celular vibrou na bolsa. Cavando nas profundezas, viu o nome de Adri aparecer na tela. Agarrou o celular e olhou para a mensagem de texto.

Adri: E aí, como vai?

Stevie: Bem, e você?

Adri: Tudo bem. Como tá a Iris? Tudo bem com vocês?

Stevie olhou para Iris, que no momento besuntava a coxa curvilínea com protetor solar. Os olhares das duas se cruzaram, e Iris deu uma piscadela.

– Doçura! – disse ela, depois franziu a boca num beijinho.

Stevie riu pelo nariz. **Tudo ótimo, respondeu para Adri. Fantástico.**

Adri: Legal

Adri: Então, eu queria me encontrar com você pra falar do texto

Stevie: É?

Adri: Afinal, esse projeto começou com você e eu num apartamento furreca

Stevie: E uma pizza medonha

Adri: Meu Deus, horrível. Tinha cheiro de chulé. Tô lembrando direito? Não tinha o maior cheiro de chulé?

Stevie: Tinha, sim. Mas custava 5 dólares e a gente tava sem grana

Adri: Fato. E aí? Topa se encontrar comigo no nosso cantinho hoje de tarde?

Stevie: Nosso cantinho?

Adri: Desculpa. Você entendeu

Stevie entendia, sim, mas não ia ao apartamento que havia dividido com Adri desde a mudança e, para falar a verdade, não estava com muita vontade de fazer isso, ainda mais com Vanessa morando lá. Ela estremeceu, os polegares pairando sobre as teclas. Olhou de novo para Iris, que estava acenando para um grupo de pessoas que vinha na direção delas.

Stevie: Hoje não dá. Estou no Belmont com a Iris

Três pontos piscaram na tela e desapareceram antes de reaparecer. Stevie sentiu a garganta meio apertada. Mas ela e Adri haviam terminado. Era só amizade. Podiam namorar outras pessoas. Adri entenderia.

Adri: Tá certo. Não esquentar

Stevie pressionou a mão no estômago. Saco, era justamente por isso que detestava conversar por mensagens de texto. Conhecia Adri e sem dúvida havia um *tom de voz* na resposta dela, mas também sabia que, se lhe perguntasse sobre isso, ela – e a maioria das pessoas, porque era uma porcaria de mensagem de texto, pelo amor de Deus – não teria a menor ideia do que Stevie estava falando, e Stevie se acharia uma besta.

Então, engoliu em seco algumas centenas de vezes, respirou fundo 5 mil vezes e largou o celular de volta na bolsa.

– Oi! – gritou Iris para o grupo que chegava, e em seguida se virou para pegar a mão de Stevie, puxando-a para perto antes mesmo que ela terminasse de fechar a bolsa.

– Ah, tá – disse Stevie, atrapalhada, ao lado dela.

– Te prepara, minha cara – sussurrou Iris, e Stevie riu outra vez, relaxando na mesma hora.

– Que lugar lindo – disse uma bela mulher de óculos.

Estava com um maiô vintage estampado de bolinhas e uma saia pareô.

Chegou de mãos dadas com uma mulher de cabelo cacheado, regata e short pretos, com uma coleção de tatuagens cobrindo os braços e reluzindo ao sol.

– Né? – disse Iris.

– Lógico, é o Belmont.

Quem disse isso foi uma loira de aparência sofisticada e franja desfiada, de mãos dadas com outra mulher, que tinha cabelo castanho-avermelhado, curto e rapado de um dos lados.

– A gente tira a mina da aula de etiqueta, mas não tira a etiqueta da mina – comentou a mulher tatuada.

– Manda ela se ferrar, Astrid – disse Iris para a loira. – Por favor.

Astrid se limitou a franzir a boca e negar com a cabeça.

– Tá vendo? – insistiu a tatuada.

– Caramba, como tá quente – comentou o cara de quem Stevie se lembrava como Simon. – Era pra fazer tanto calor assim em junho?

– Aquecimento global, amor – respondeu uma pessoa negra com um halo de cachos escuros.

Iris sorriu para todo o grupo, depois passou o braço em volta da cintura de Stevie.

– Gente, essa é a Stevie.

Todas as seis pessoas ficaram paralisadas, como se tivessem acabado de perceber que Stevie estava lá.

– Puta merda – murmurou a tatuada.

– Amiga... – disse a de óculos para Iris, arregalando os olhos castanhos, meio boquiaberta. – Você... trouxe companhia?

– Ai, meu Deus – resmungou Simon, balançando a cabeça.

– Que foi? – perguntou Emery.

Iris riu.

– Não é nada assim tão absurdo. Stevie é minha namorada de mentira.

Todas as pessoas piscaram ao mesmo tempo, como se tivessem uma espécie esquisita de mente coletiva.

– É o quê? – perguntou Astrid.

– Eu te disse que era uma péssima ideia – afirmou Simon.

– Iris, do que você tá falando? – perguntou a de óculos.

Iris suspirou, e Stevie desejou muito que a terra a engolisse inteira. Aquilo era mais do que constrangedor. Não sabia direito por que tinha achado que daria certo, nem se conseguiria levar o plano adiante sem se sentir uma besta completa.

– Tá bom, escutem só – disse Iris.

E começou a contar como tinha conhecido Stevie no Lush e a encontrara de novo no Imperatriz. Não falou das mentiras de Stevie, nem comentou o fato de que o namoro de mentirinha era sério – ou falso? Nossa, como aquilo era confuso... – para a turma de Stevie. Simplesmente disse que Stevie concordou em sair com ela algumas vezes para fins de pesquisa.

– Pesquisa – repetiu Astrid.

Não era uma pergunta. Parecia mais uma acusação.

– É – respondeu Iris. – E eu agradeceria muito se todo mundo aqui parasse de fazer caras e bocas, porque a Stevie é um amor e está colaborando muito.

O grupo todo se entreolhou, e Stevie se sentiu encolher ainda mais. Iris a apertou mais junto dela, e a mulher de óculos deu um passo à frente, estendendo a mão.

– Desculpa, Stevie, foi grosseria nossa. É muito bom te conhecer. Eu sou a Claire.

– Oi, Claire – respondeu Stevie, apertando a mão dela. – Sei que a situação é esquisita.

– É bem coisa da Iris – disse a mulher tatuada. – Nem esquentar. Eu sou a Delilah.

Stevie sorriu e acenou, e as outras pessoas se apresentaram como Astrid, Jordan e Emery.

– Maravilha – falou Iris com leveza, mas havia certa tensão na voz dela. – Agora que já passou, eu e minha namorada vamos dar um mergulho. – E se virou para Stevie. – Bora lá?

– Hã, bora – respondeu Stevie, deixando Iris levá-la pela mão.

Enquanto saíam, ela ouviu alguém no grupo sussurrar “Que porra é essa?”, mas Iris só seguiu em frente. Pararam perto de outras espreguiçadeiras, Iris tirou o short e...

Stevie quase desmaiou.

Sabe, parte do problema de fingir que namorava uma mulher absurdamente sexy era que Stevie ainda nem tinha aliviado aquela coceirinha de contato físico que dera as caras no Tinhosa, quando havia tentado se aninhar a Adri na semana anterior. E ali, parada sob o sol enquanto Iris, lindíssima e curvilínea, tirava a roupa e ficava só com o biquíni minúsculo... Stevie estava sentindo *um negócio*.

– E aí? – perguntou Iris. – Vem comigo, meu botãozinho de rosa?

Stevie gargalhou ao ouvir o novo apelido, o que a ajudou a relaxar.

– Acho que vou, *mon petit chou*.

Iris riu.

– Francês, já? Estou lisonjeada.

– Quer dizer “meu repolhinho”. Não sei se você devia ficar lisonjeada.

– Me chamou de verdura. Que sexy.

Stevie balançou a cabeça, e foi impossível reprimir o rubor que tomou conta das bochechas. Iris inclinou a cabeça, estreitando os olhos.

– Não é fingimento, né?

– Que foi?

– A timidez.

Stevie deu risada.

– Hum... não, de jeito nenhum. Você viu na noite em que a gente se conheceu, né?

Iris deu de ombros.

– Só me lembro de uma mulher muito sexy que me beijou primeiro.

– E que depois deu indícios de ser a pior sedutora do Noroeste do Pacífico – emendou Stevie.

Iris continuou com uma expressão pensativa ao se aproximar, passando os dedos debaixo da barra da camiseta de Stevie.

– Então deixa a iniciativa comigo. Posso?

Stevie engoliu em seco, ciente de que Iris estava muito perto dela. Sabia que era fingimento – uma encenação de romance para entrar na cabeça de uma personagem ou coisa do tipo –, mas, com Iris a um suspiro de distância, dava para contar cada sarda no rosto dela, e seus pulmões

pareciam ter esquecido como respirar.

Porém, conseguiu fazer que sim com a cabeça, e Iris levantou a camiseta dela, fazendo-a erguer os braços. O tecido deslizou devagar – muito mais do que precisava, na opinião de Stevie –, e quando a camiseta saiu, Iris estava sorrindo.

– Que foi? – perguntou Stevie, girando os ombros para trás enquanto a alça do maiô puxava o pescoço dela.

– Nada, não. É que você é bonita, só isso.

Stevie bufou.

– Essa fala é da sua pesquisa?

O sorriso de Iris vacilou, mas só por um instante.

– Claro que é, florzinha do meu jardim.

Stevie tratou de tirar o short – de jeito nenhum conseguiria deixar uma mulher que poderia muito bem estar na lista das Pessoas Mais Sexy do Ano tirar aquela peça para ela – e se aproximou com Iris da piscina, onde a água já ondulava com o movimento das pessoas. Stevie viu o grupo de Iris passear perto da escada, metade segurando bebidas com guarda-chuvinhas.

– Pronta? – perguntou Iris, entrelaçando os dedos aos de Stevie.

Stevie puxou a alça do maiô, que era tão fina que parecia um fio de espaguete. O tecido mal cedeu, fincando-se no ombro como um barbante. Mesmo assim, ela confirmou com a cabeça e apertou a mão de Iris.

– Um... – contou Iris. – Dois... três!

Stevie pulou, erguendo o braço livre e mergulhando. A água a atingiu como um tapa, repentina e gelada. Mesmo assim, sentiu-se livre e fora de controle. No impacto, soltou a mão de Iris e deixou os joelhos dobrados durante todo o mergulho, roçando com os pés o fundo da piscina antes de disparar de volta à superfície. Emergiu sob o sol, tirando o cabelo do rosto e rindo.

– Que delícia! – exclamou, piscando os olhos por conta da luz e procurando Iris. – Eu devia fazer isso mais...

– Ai, caramba – murmurou Iris, com os olhos arregalados e fixos no peito de Stevie.

Foi então que Stevie percebeu direitinho por que se sentira tão livre e

fora de controle ao cair na água: a alça do maiô tinha arreventado e, no momento, flutuava diante dela enquanto as ondas lambiam seus...

– Puta merda – resmungou ela, cruzando os braços para se cobrir, porque, apesar do mergulho vigoroso, ela e Iris haviam pulado no lado raso da piscina, e os seios dela estavam à mostra naquele evento de família.

– Tudo bem, tá tudo bem – disse Iris, nadando em sua direção.

Ela pegou a alça flutuante e a puxou para cima, tirando os braços de Stevie do caminho para poder passar a alça em volta do pescoço dela, e foi para trás de Stevie, que sentiu o leve puxão.

– Tudo bem aí? – perguntou Claire, aproximando-se delas pela água.

– Meu palpite é que não – disse Delilah, sem maldade, e se virou para Stevie numa expressão de pura empatia.

– Dá pra amarrar com alguma coisa? – perguntou Astrid, que também estava atrás de Stevie enquanto ela e Iris tentavam ajeitar o maiô antigo na marra.

Logo todo o grupo havia cercado Stevie, protegendo-a dos olhos do público. Mesmo assim, ela sentiu que estava a cinco segundos de mostrar os peitos para todas elas, e essa não seria a melhor das primeiras impressões.

– Bom, boneca – comentou Iris –, parece que não tem jeito de salvar esse maiô. – E puxou um pouco mais.

– É melhor eu ir embora – respondeu Stevie. – Não quero estragar a festa de vocês.

– Nem ferrando. Minha mulher está com um problema, e eu vou resolver. – Iris soltou a alça devagar para que Stevie pudesse segurar o maiô no peito sozinha. – O clube vende roupa de banho.

Stevie concordou e deixou Iris ajudá-la a sair da piscina pela escada. Alguns meninos pré-adolescentes apontaram e riram, e ela sentiu que tinha voltado aos 11 anos de idade enquanto saía da água e Iris a enrolava numa toalha.

– Que primeiro encontro mais romântico – comentou Stevie.

Iris riu.

– Tenho que admitir, você sempre deixa tudo mais interessante.

– Então... você viu muita coisa? Antes de eu me cobrir?

Iris torceu a boca enquanto fechava mais a toalha.

– Digamos que a curiosidade que eu não sanei na noite em que a gente se conheceu foi totalmente saciada.

– Ai, meu Deus. – Stevie cobriu os olhos.

– Opa, não precisa ficar com vergonha.

Stevie espiou por entre os dedos.

– Não?

– Nem um peitinho. Quer dizer, pouquinho.

Por um instante, Stevie ficou paralisada – não conseguia acreditar que Iris tinha dito aquilo –, mas logo uma risada brotou em seu peito e verteu pela boca. De repente, as duas estavam gargalhando, literalmente apoiadas nos ombros uma da outra. Stevie não conseguia se lembrar da última vez que rira até os músculos da barriga doerem.

– Nossa, eu tava precisando disso – comentou, enxugando os olhos.

– Todo mundo aqui precisava – comentou Iris.

Stevie voltou a rir quando ela pegou sua mão e a levou para dentro.

– Agora – disse Iris ao abrir a porta de vidro, o ar frio saindo para recebê-las –, para a próxima escolha, estou pensando numa peça pelo menos três tamanhos menor que o seu, sem nada além de uma tirinha pra cobrir a sua bunda.

– Talvez eu não use nada na parte de baixo – respondeu Stevie. – É só entrar de cabeça nesse clima de atentado ao pudor que já comecei.

Iris riu mais enquanto andavam pelo saguão, todo de vidro e madeira nobre. Stevie sentiu uma onda de orgulho; fazer uma mulher como Iris rir assim parecia uma grande realização.

Estavam quase na loja do clube quando Iris parou tão de repente que Stevie esbarrou nela.

Iris, porém, pareceu nem notar. Estava paralisada, com a pele já clara adquirindo um tom que só poderia ser descrito como rosa-salmão intenso.

– Iris? – disse Stevie com delicadeza. – Você tá bem?

Iris se limitou a piscar, com os olhos arregalados e fixos numa mulher cerca de 6 metros à frente delas, na recepção. Era alta, tinha cabelo loiro-gelo curto nas laterais e cheio no alto, e usava regata branca, bermuda azul-

marinho e tênis brancos. Parecia estar comprando as entradas da festa e logo se juntou a outra mulher, de cabelo escuro e comprido, com uma saída de praia em tie-dye e uma bolsa cheia de toalhas de praia no ombro, acompanhada por um menino de cabelo castanho-claro que parecia ter uns 9 ou 10 anos.

– Tá pronta, amor? – perguntou a loira, pegando na mão da morena e começando a andar na direção de Iris e Stevie.

Ao se aproximar, ela cruzou olhares com Iris, abrindo a boca. Então balançou a cabeça em um gesto sutil e apertou o passo, mas a morena também tinha visto Iris.

– Ah, meu Deus! – exclamou ela, recuando como se Iris tivesse cuspido veneno. – Você!

– Lucy, vem – chamou a loira. – Vamos embora.

Mas Lucy não quis saber. Soltou a mão da outra e se voltou contra ela.

– Você sabia que ela estaria aqui? Ainda tá transando com ela? Que saco, Jillian, achei que isso era assunto encerrado!

– Mamãe, o que foi? – perguntou o menino.

A loira, Jillian, se limitou a balançar a cabeça, enquanto Iris parecia estática no lugar. Stevie apertou a mão dela, tentando fazê-la voltar a si, mas a única reação que conseguiu foi fazer o lábio inferior de Iris tremer.

– Não é nada, meu bem – respondeu Jillian para o menino, e olhou feio para Iris. – Por que ainda tá parada aqui? Pode ir embora, por favor?

Iris ficou encarando a mulher, abrindo e fechando a boca como um peixe.

– Ah, não – disse Lucy, cruzando os braços. – Ninguém sai daqui enquanto não me responderem. Acho que precisamos ligar pra nossa terapeuta. E já.

– Olha... – disse Stevie com a maior firmeza possível.

Não sabia quem eram aquelas duas, mas já a estavam irritando. De repente, a audaciosa e atrevida Stefania assumiu o controle, e Stefania não aceitaria ver Iris ser intimidada a seu lado.

– Não sei quem são vocês – continuou ela –, mas minha namorada não fez nada pra vocês.

– Namorada – retrucou Lucy, bufando de desdém. – Toma cuidado, porque ela gosta de transar com mulher casada.

– Lucy – disse Jillian em tom de censura.

– Tô errada? – perguntou Lucy com uma voz estridente.

Os olhos da mulher brilhavam, marejados, mas Stevie já estava farta. Segurando o maiô rasgado com uma das mãos, puxou Iris, ainda pálida, e não parou até chegar ao vestiário, decidida a levá-la o mais longe possível daquelas duas babacas.



CAPÍTULO TREZE

JILLIAN.

Logo ela?

Iris sabia que Jillian morava em Portland, mas ainda não tinha cruzado com sua ex-amante desde a manhã da festa de Claire e Delilah, no ano anterior.

Naquela noite, Lucy tinha telefonado para Iris – pelo celular que Jillian tinha deixado para trás sem querer – e o caso foi escancarado. Lucy até chorou ao telefone com Iris enquanto as duas meio que lamentavam a injustiça juntas. Mas, naquele momento, ficou óbvio que a raiva havia substituído qualquer comiseração.

– Oi? – disse Stevie.

Iris olhou para o vestiário ao redor, cheio de armários lustrosos de teca e piso de mármore. Havia toalhas brancas muito macias empilhadas nas prateleiras e vigas de madeira por todo o teto. Pias com cubas redondas e limpíssimas revestiam as bancadas reluzentes, e o ar cheirava a ervas: lavanda, manjerição e hortelã.

– Nossa, que lugar chique – murmurou Iris; sua voz soou distante, quase ausente.

Stevie riu.

– É, acho que não vou virar sócia daqui tão cedo.

Iris assentiu, ainda observando todo o glamour à sua volta. O vestiário estava vazio, mas, ao ver uma sauna nos fundos, ela foi direto até lá.

O local estava quente, mas não sufocante; mesmo assim, Iris desabou no banco de teca e jogou a toalha longe. Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Logo ouviu Stevie entrar e se acomodar no banco em frente, com a toalha roçando os tornozelos de Iris.

– Foi uma bela cena de heroísmo – disse ela sem abrir os olhos. – Foi Stefania em ação?

Stevie não respondeu.

Iris fechou os olhos com ainda mais força. Não queria olhar para Stevie. Não queria ver nos olhos dela as perguntas, o julgamento. A vergonha pesava no peito, e ela fechou os punhos. Não pensava em Jillian com frequência. Depois que tudo descambou, mais de um ano antes, Iris levou algumas semanas para conseguir processar os acontecimentos, e gostava de pensar que havia aceitado o fato de não ter sido culpa dela, que não sabia nada sobre o casamento de Jillian nem sobre suas mentiras. Mas havia instantes, lampejos rápidos em que a mente voltava a repassar a situação, desde o momento em que Jillian entrou na loja dela até a noite em que Lucy ligou, e nessas horas era difícil respirar.

Difícil se olhar no espelho.

Iris não tinha amado Jillian. Sabia disso; não se tratava de amor. É verdade que o sexo tinha sido surreal de tão bom, e também fizeram juntas coisas que não envolviam orgasmos, indo a bares sofisticados e a algumas exposições de arte em galerias chiques de Portland. Mas, mais do que qualquer coisa, o problema era o fato de Jillian ter escolhido Iris.

Ela a *selecionou*.

Encontrou-a no Instagram, contratou-a para criar um planner personalizado, e, assim que Iris terminou o serviço, transou com ela pelas costas da esposa.

E Iris só... permitiu.

– Merda – resmungou Iris na sauna, apertando os olhos com os nós dos dedos. – Aposto que você tá imaginando o porquê daquilo.

– Não precisa me contar. Mas você tá bem?

Iris finalmente abriu os olhos. O olhar de Stevie era terno, tão castanho, profundo e intenso que Iris nem se deu ao trabalho de mentir.

– Não sei – respondeu ela, e alguma coisa nessa confissão fez lágrimas aflorarem em seus olhos. Ela os esfregou em vão. – Saco. Desculpa.

– Tá tudo bem – assegurou Stevie. – Poderia ser pior. Sabe, uma vez eu vomitei numa mulher que estava tentando levar pra cama...

Iris arregalou os olhos por um instante antes de começar a rir.

– Minha nossa.

– Pois é. É a pior tentativa de encontro de que você já ouviu falar, né?

Iris continuou a rir, sacudindo os ombros. Por sorte, Stevie também começou a rir porque, nossa, tinha graça *mesmo*. Pelo menos, olhando em retrospecto.

As duas passaram uns bons dois minutos rindo, tanto que os músculos da barriga de Iris começaram a doer. Stevie tinha uma risada bonita: suave, mas forte e apaixonada.

– Nossa, eu tava precisando disso – comentou Iris, sentada no banco de madeira quente com as pernas abertas. – Agradece à mulher em quem você vomitou pelo alívio cômico. Em meu nome, de coração.

Stevie sorriu.

– Pode deixar.

Iris olhou para o teto, voltando à realidade.

– Eu fiquei com ela. Com a loira. O nome dela é Jillian.

E toda a história transbordou. Ela não queria falar sobre isso, mas, ao mesmo tempo, *queria*. Queria explicar para Stevie, mas também se sentia pesada, como se as palavras e os sentimentos de toda aquela confusão estivessem pesando em suas costas, retardando os movimentos e pensamentos.

Ao terminar, encostou a cabeça na parede, de repente exausta.

– Então, essa é minha historinha triste. Quer saber do namorado com

quem passei três anos e que me largou porque eu não quis ter filhos com ele? Essa também é boa.

Iris virou a cabeça para olhar para Stevie, porque, em algum momento, ela havia se sentado ao seu lado, ainda segurando o maiô no peito, com os cabelos molhados se encaracolando em volta do rosto.

– Nada disso foi culpa sua – disse Stevie.

– O quê? Os filhos ou a traidora?

– As duas coisas.

– É, todo mundo que eu conheço diz isso.

– Lógico que diz. Mas talvez você precise ouvir a mesma coisa de alguém que mal te conhece e que não ganha nada falando isso, porque parece que você não acredita muito.

Iris balançou a cabeça e desviou o olhar.

– Acredito, sim. – Mas, mesmo aos próprios ouvidos, a frase soou vazia.

– É que... você já sentiu que a pessoa que você quer ser é alguém que ninguém mais quer?

Stevie riu, mas não foi de alegria.

– Já. O tempo todo.

Iris inclinou a cabeça.

– Por quê?

Stevie suspirou e dobrou uma perna em cima do banco, abraçando o joelho com um dos braços.

– Eu tenho transtorno de ansiedade generalizada. Desde criança. E isso... deixa tudo mais complicado. Nem sempre eu sei o que vai ativar minha ansiedade, e fico com a impressão de que a porcaria do mundo não dá uma trégua, sabe? Pra não ficar pra trás, tenho que *fazer, ser e agir* assim ou assado, me mudar pra certa cidade, dizer não pra certa pessoa e ficar de boa quando minha ex diz que é melhor a gente terminar, apesar de eu morrer de medo de viver sozinha.

– E ficar de boa quando essa ex começa a namorar uma das suas melhores amigas? – perguntou Iris.

Ninguém havia contado para ela que Vanessa era amiga íntima de Stevie, mas ela percebeu; era a mesma energia do clã queer que ela conhecia e

amava.

Stevie suspirou, dando de ombros.

– É. E eu tô de boa, *sério*.

Iris sorriu.

– Do mesmo jeito que eu acredito que não é minha culpa.

As duas se observaram por um tempo, o que de repente fez Iris querer abraçar Stevie, aninhar o rosto no pescoço dela e respirar fundo.

– Isso não é muito romântico – disse Iris por fim, porque precisava romper aquele feitiço.

– Não mesmo. E tá mais quente que a antessala do inferno. – Stevie enxugou a testa, ajeitando o cabelo para trás, depois voltou a ficar séria. – Quer voltar pra piscina?

– Nem um pouco.

– Graças a Deus. Eu até *poderia* pagar 200 dólares por um maiô do clube, mas aí passaria um mês sem poder comprar comida, então...

– Entendido.

Ainda assim, nenhuma das duas se mexeu. Era verdade que Iris não queria correr o risco de ver Jillian outra vez, nem explicar ao grupo o que havia acontecido, mas também não queria ir para casa.

E não queria que Stevie fosse para casa.

Pela primeira vez em muito tempo, apesar do encontro com Jillian, Iris estava... relaxada. Não estava pensando no desastre que era seu livro, em como tudo estava mudando em seu círculo de amizades e em como todo mundo parecia estar seguindo com a vida, crescendo, mudando sem ela.

Iris simplesmente *existia* ali, ao lado de outro desastre igual a ela – porque Stevie era cem por cento uma fofura de desastre –, e a sensação era a de tomar o primeiro gole de água fresca depois de uma longa caminhada.

– Sabe de uma coisa, chuchu? – disse ela, endireitando-se e enrolando a toalha na cintura. – Acho que eu topo um flat white superqueer e bruxesco.

Stevie levantou uma das sobrancelhas.

– Sério?

– Sabe onde tem?

– Talvez. E eu ganho um bom desconto lá.

Iris sorriu.

– Ótimo. Mas, meu dengo, você tem que buscar nossas coisas lá na piscina, porque não existe a menor chance de eu voltar lá.



CAPÍTULO CATORZE

O TRAJETO ATÉ O TINHOSA não era demorado, mas Stevie não entrava no carro de Iris desde *aquela noite*, e teve uns vislumbres viscerais que a deixaram meio horrorizada e meio... excitada.

Ainda mais por estar sem calcinha e sutiã.

Depois de pegar as coisas na área da piscina e explicar ao grupo de Iris que ela estava com dor de cabeça, Stevie tirou o maiô no vestiário e vestiu a regata e o short. Como havia se encontrado com Iris no Belmont já com aquele maiô apertado, nem tinha pensado em levar roupa íntima. É verdade que seu peito não exigia apoio constante, e ela já passava mesmo a maior parte do tempo sem sutiã.

– Nossa, eu amo essa cidade – disse Iris, saindo do carro a dois quarteirões do Tinhosa.

Ela abriu os braços na calçada e ergueu o rosto para o sol, mas uma nuvem cobriu a luz e lançou o rosto dela na sombra. As pessoas que passavam a olharam descontentes ao precisar contorná-la, e ficou óbvio que Iris não deu a mínima.

Stevie não pôde deixar de sorrir para ela.

– Você sempre morou em Bright Falls?

Iris baixou os braços e girou uma vez, depois enganchou o braço no de Stevie quando começaram a andar.

– Morei. Bom, desde que eu tinha 10 anos, quando a gente se mudou de São Francisco pra lá. E fiz faculdade em Berkeley.

– Então tem muito sangue da cidade grande nas suas veias – concluiu Stevie.

Iris assentiu.

– Acho que sim. Adoro cidade pequena, mas isso aqui... – Ela gesticulou com as mãos, indicando a rua. – O barulho, as luzes, as pessoas, as bandeiras de arco-íris. Não é Bright Falls.

– Já pensou em se mudar?

Iris franziu a testa e ficou de boca aberta por um instante antes de fechá-la e balançar a cabeça, negando.

– Todo mundo que eu amo mora em Bright Falls.

Stevie fez que sim.

– Todo mundo que eu amo mora aqui.

Iris sorriu para ela, depois a cutucou com o ombro.

– E você? Nasceu e cresceu na cidade?

– Ah, não. Nasci em Petaluma.

– Isso fica na Califórnia?

– Sim, é uma cidade superpequena. Minha mãe ainda mora lá. Ela é veterinária. Éramos só eu e ela, e era ótimo, mas aí eu fiz 18... sei lá. Não era fácil ser lésbica lá.

Iris afagou o braço dela.

– Dá pra imaginar. Eu só aguentei morar em Bright Falls por causa da Claire. Além disso, só entendi mesmo que era bi na faculdade. Você era jovem quando percebeu?

– Era. Tinha 13 anos. Com a minha ansiedade no meio, foi interessante. Mas minha mãe sempre me apoiou muito.

– Pelo menos isso.

– É muito mais do que várias pessoas na minha cidade tiveram.

As duas pararam na faixa de pedestres entre os quarteirões.

– E a sua família?

Iris respirou fundo.

– Quase sempre, me apoia. É católica. Sou a filha do meio fracassada entre um irmão e uma irmã perfeitos.

– Fracassada? – Stevie franziu a testa. – Como assim?

Iris deu de ombros, e começaram a andar de novo.

– Não sou casada e não tenho filhos nem planos de mudar minha situação no futuro. Além disso, gosto demais de sexo, então também tem isso.

– Ah.

– Pois é. – Iris abriu um sorriso amarelo. – Minha família me ama, mas... bom... minha mãe se “preocupa”. – Ela fez sinal de aspas com os dedos em volta da última palavra.

Stevie abriu a boca para perguntar mais, mas o Tinhosa apareceu à esquerda e Iris abriu um sorriso de verdade.

– Esse lugar é maravilhoso. – Ela indicou as várias bandeiras do Orgulho voando ao vento em volta da porta de carvalho escuro, assim como as letras bruxescas na janela informando o nome do café. – Em Bright Falls, tem poucos lugares que se jogam assim de cabeça no Orgulho.

Stevie riu.

– Aqui, é como se tivesse uma parada todo dia.

– Adoro.

O sorriso de Stevie se alargou enquanto via Iris observar a decoração, e estava prestes a abrir a porta quando a viu:

Adri.

Sentada à janela.

Olhando diretamente para elas com os olhos arregalados e uma cópia de *Muito barulho* nas mãos.

– Ai, saco – sussurrou Stevie ao exalar.

– Que foi? – perguntou Iris, olhando em volta.

Stevie percebeu o instante em que Iris também avistou Adri, porque todo o corpo dela se enrijeceu.

– Ah. Tá. Então é hora do show.

– Saco – repetiu Stevie, sentindo seu nível de oxigênio se esgotar num instante.

Não estava preparada para aquilo. Nem tinha pensado que uma das amigas poderia estar no Tinhosa, muito menos a própria Adri, mas devia ter imaginado. Devia ter sabido ou previsto ou...

– Vem cá – disse Iris baixinho. Acenou para Adri e, em seguida, levou Stevie para mais perto da porta até saírem do campo de visão da outra. – Tá tudo bem.

– Saco, saco. – Era a única coisa que Stevie conseguia dizer.

– Você tá abalada mesmo.

– É que... Não lido bem com surpresas.

– Já notei.

– Desculpa – disse Stevie.

Saco, ela estava uma pilha de nervos.

– Tá tudo bem – repetiu Iris. – Essa é a primeira vez que a gente tem que fazer isso de verdade. Você só precisa entrar um pouco no clima. Vamos ensaiar. Só nós duas.

Roçou os dedos na mão de Stevie, primeiro de leve, depois entrelaçando as mãos. Com o contato, o estômago de Stevie deu um pulso, mas ela sabia que era apenas parte do jogo.

– Tudo bem? – perguntou Iris.

Stevie fez que sim e respirou fundo.

– Vai dar tudo certo. É só dar as mãos e ficar mais juntinho. Pronto. A gente não precisa entrar lá e transar em cima da mesa pra provar que tá namorando.

– Meu Deus, tomara que não – respondeu Stevie, mas estava rindo e já respirava mais devagar.

Iris afagou as mãos dela com os polegares num ritmo tranquilizador.

– E você é uma ótima atriz – continuou Iris.

– Você nunca me viu atuar.

Iris inclinou a cabeça.

– Bom, minha joaninha preciosa, você disse que a Adri só escala as

melhores, então pronto. Você consegue.

Stevie sorriu.

– Joaninha preciosa?

Iris deu de ombros.

– Tô improvisando. Viu? A gente já tirou de letra.

Stevie riu, depois girou os ombros para trás. Teve vontade de invocar Stefania, mas, por algum motivo, não parecia a atitude certa. Dessa vez, não.

– Tá bom. Tô pronta.

Iris abriu a porta e levou Stevie para dentro, com a mão atrás da cintura dela. Um toque muito sutil que, de alguma forma, ajudou a aterrar Stevie no próprio corpo. Os pés no chão. Os dedos roçando os de Iris enquanto entravam na fila.

Ela acenou para Adri, que acenou também, acompanhando-as com o olhar até o caixa.

– Tá indo muito bem – assegurou Iris, encostando-se um pouco mais do lado de Stevie para sussurrar no ouvido dela.

Stevie estremeceu, e Iris riu. Meu Deus, a mulher praticamente exalava sexo. Stevie tinha certeza de que a única coisa que *ela* já tinha exalado eram hormônios de estresse.

No caixa, cumprimentou Ravi, que começara a trabalhar lá em meio-período poucas semanas antes, pedindo um flat white para Iris e um café gelado para si.

– Nossa, somos duas hipsters – comentou Iris enquanto pegavam as bebidas e iam na direção de Adri.

Stevie riu.

– Tenho um óculos na bolsa.

– Tem, é?

– Não, mas dá pra ser hipster sem óculos?

– Tá, então somos duas péssimas hipsters.

Stevie riu de novo; a conversa fluía com tanta naturalidade que ela nem percebeu que haviam chegado à mesa de Adri.

– Oi – cumprimentou Adri, ficando de pé. – Que bom te ver de novo, Iris.

– Digo o mesmo! – respondeu Iris, animada. – Tô ansiosa pra viagem pra Malibu.

Adri ergueu uma única sobrancelha.

– Aposto que está.

O ânimo de Iris diminuiu um pouco ao ouvir o tom de voz de Adri, mas, mesmo assim, sentou-se e cruzou as pernas. Adri se acomodou também, seguida por Stevie, que deslizou para a cadeira ao lado de Iris como se afundasse em areia movediça.

Iris apoiou o braço nas costas da cadeira de Stevie, usando os dedos para brincar com as pontas do cabelo dela. Adri acompanhou o gesto com o olhar, e Stevie pigarreou.

– Tá revisando o texto? – perguntou.

Adri olhou para ela por um instante, depois para o livro e o laptop aberto.

– Estou. Acho que tá ficando bom.

– Em que você tá trabalhando, especificamente? – perguntou Iris, tomando sua bebida. – Está reescrevendo?

O sorriso de Adri mais pareceu um ranger de dentes.

– Não se reescreve Shakespeare. São só mudanças sutis para adaptar a peça ao nosso elenco lgbtq+.

Iris assentiu.

– Adorei. É uma ideia maravilhosa.

Dessa vez, o sorriso de Adri foi sincero, e Stevie sentiu os ombros destravarem em volta do pescoço.

– A gente acha que sim – disse Adri, olhando para Stevie. – Trabalhamos nessa interpretação pela primeira vez nos tempos da faculdade.

– É mesmo? Fizeram faculdade juntas?

Adri estreitou os olhos.

– Você não sabia?

Iris fungou.

– Uma hora a gente ia tocar no assunto. Falar de ex não é bem nosso maior passatempo.

Ela se aproximou e beijou a bochecha de Stevie. E não foi um selinho

singelo, mas um beijo lento, de boca entreaberta, perto da orelha dela. Arrepios percorreram os braços de Stevie, e ela encarou Iris enquanto a outra voltava ao próprio espaço.

Iris deu uma piscadela.

Nossa, ela era boa mesmo.

Stevie sorriu para ela; foi um sorriso de verdade, mas esmaeceu assim que ela olhou para Adri, que encarava as duas com as sobrancelhas grossas franzidas. É óbvio que Stevie, na verdade, era uma atriz lamentável.

– Sabe – disse Adri, recostando-se na cadeira –, a Beatriz é um papel bem difícil.

Iris inclinou a cabeça.

– Imagino. Afinal, é Shakespeare.

– Ela é complexa – continuou Adri. – Exige certa sutileza que não sei se você tem.

– Ô Adri... – disse Stevie.

– Só estou sendo sincera. Eu escalei a Iris e sustento minha decisão, mas quero que ela esteja preparada pra trabalhar.

Iris franziu a boca.

– Eu posso ser sutil. Posso ser qualquer coisa que você precisar.

– Quer dizer que você não tem identidade teatral?

– Adri, qual é a sua, hein? – perguntou Stevie.

– Não tem problema – disse Iris. – Adri está só fazendo o trabalho dela.

– Estou mesmo.

Dessa vez, o sorriso de Iris foi um breve ranger de dentes, e Stevie sentiu o pânico se inflamar mais uma vez. Sabia que Adri era uma diretora severa. Já tinha ouvido críticas dela muitas vezes, o que era bom, e estava preparada para receber um parecer. O teatro era assim. E sem dúvida já ouvira Adri desancar outras pessoas, chegando a fazer algumas fugirem do palco aos prantos, mas não estavam no teatro naquele momento. Ali, no café, numa interação social acidental, Iris era a namorada de Stevie, não a atriz principal de Adri.

– Acho que é melhor a gente ir embora – disse Stevie, ficando de pé.

Mal tinham tocado nas bebidas, mas isso era o de menos. Havia dezenas

de outros lugares onde Stevie poderia pedir um flat white para Iris se ela quisesse.

– Vamos – respondeu Iris sem vacilar. – Hoje à noite, filminho lá em casa.

E entrelaçou os dedos aos de Stevie, dando um beijo nas costas da mão dela enquanto os planos falsos deslizavam por sua língua feito seda.

– Te vejo semana que vem? – perguntou Stevie para Adri.

Adri fez que sim e sorriu.

– Em Malibu. Não vai esquecer os remédios, hein?

Stevie franziu a testa.

– Você sabe que eu não esqueço.

– Só por desencargo. – Adri relaxou na cadeira. – Lembra daquela vez que a gente foi pra Austin? Tivemos que ligar pra sua médica e pedir pra ela mandar a receita pra uma farmácia de lá. Foi um baita perrengue, e no retiro vou precisar de você na sua melhor forma.

Stevie se limitou a assentir, mas sentiu o olhar de Iris fixo nela. Iris não sabia dos remédios. Stevie não tinha vergonha, nem um pouco, e imaginava ter que contar para ela em algum momento, mas não era o tipo de informação que dava a qualquer pessoa.

Porém, Iris não era qualquer pessoa.

Mesmo assim, ela não pediu mais detalhes, e Stevie entendeu que não faria isso. Não na frente de Adri.

– Tchau – disse Stevie.

Nem esperou que Adri respondesse. Deu as costas e levou Iris para a rua, de volta ao dia quente de verão. Mas também não parou por aí, e continuou a andar, segurando a mão de Iris, até chegarem ao carro.

– Bom – comentou Iris, afastando-se para procurar as chaves no fundo da bolsa –, foi interessante.

– Foi mal. – Stevie esfregou o rosto com a mão. – Acho que a Adri não tá engolindo essa história de namoro.

Iris ficou parada, depois tirou as chaves da bolsa, fazendo-as tilintar na palma da mão.

– Você acha que aquilo foi sinal de que ela não engoliu?

– Acho. Ela foi escrota pra caramba, como se estivesse tentando pegar a gente no pulo ou coisa assim.

Iris franziu os lábios, como se reprimisse um sorriso.

– Tá.

– Você não acha?

Iris apertou o botão para destrancar o carro e, em seguida, ocupou o banco do motorista. Stevie entrou também, fechando-se no banco aquecido pelo sol do outro lado.

– O negócio é o seguinte – afirmou Iris. – Acho que a Adri acredita na gente. Acho que não duvida nem um pouco desse relacionamento.

– Sério?

Iris fez que sim e ligou o motor.

– E agora, pra onde?

– Não sei. Acho que você pode me deixar na minha casa.

Iris encurvou um pouco os ombros e passou um instante olhando pela janela.

– Sabe – disse ela por fim –, até aqui, a gente é um zero à esquerda na hora de bolar um encontro romântico.

Stevie estremeceu.

– O quê? Literalmente arrebentar o meu maiô, depois topar com uma mulher posuda e finalizar com minha ex ranzinza não é romântico?

Iris riu.

– Pois é, chocante.

– Como podemos corrigir isso? – perguntou Stevie, porque *queria* corrigir.

Queria ajudar Iris, cumprir sua parte no acordo. E talvez um pedacinho dela não quisesse ir para casa, para aquele apartamento vazio, e ouvir o rangido dos canos enquanto a pessoa do apartamento ao lado tomava o quinto banho do dia.

– Bom – disse Iris –, ouvi dizer que um filme com pipoca e uma quantidade obscena de vinho numa cidade pequena pode ser bem romântico.

Stevie tocou no queixo, fingindo pensar.

– Acho que seria uma ótima oportunidade de pesquisa pra você. Eu topo.

Iris sorriu e deu marcha a ré.



O apartamento de Iris tinha conceito aberto e estilo eclético, com eletrodomésticos turquesa na cozinha, um sofá vermelho-berrante em forma de L e almofadas coloridas espalhadas ao acaso. Havia vasos de plantas em todos os cantos, inclusive nas mesas e nos peitoris de janelas, várias obras de arte nas paredes e cordões de luzinhas enrolados em volta do varão de cortina da grande janela principal. Na sala anexa, havia uma estante enorme com livros organizados nas cores do arco-íris.

Era tudo bem... *Iris*. Mesmo que Stevie não a conhecesse muito bem, achou que a atmosfera do apartamento combinava com ela.

– Você tem muitos livros – comentou, e em seguida estremeceu com a banalidade da frase.

Era óbvio que Iris tinha muitos livros.

– Pois é – respondeu Iris, indo para o corredor. – Me deixa só trocar de roupa rapidinho.

Stevie assentiu e começou a ler as lombadas dos livros, encontrando muitos de seus favoritos em meio ao arco-íris.

– Quer tomar alguma coisa? – perguntou Iris.

Ela estava voltando para a sala de estar com uma calça de ginástica justa e uma camiseta verde slim fit, cuja cor fazia os olhos parecerem esmeraldas. O cabelo ainda estava úmido, secando em vários padrões de caracóis e ondas.

– Hum, água, se não tiver problema – respondeu Stevie.

Iris ficou parada com uma garrafa de vinho na mão.

– Mas pode beber – emendou Stevie depressa. – É que é melhor eu não misturar com os remédios.

Iris assentiu e colocou a garrafa de volta no lugar.

– Tudo bem, amoreco. Vamos de água com gás.

Stevie riu e balançou a cabeça enquanto Iris revirava a geladeira e voltava com duas latas de LaCroix, entregando uma para ela e indo até a despensa. Tirou de lá um saco gigante de pipoca com cheddar branco e indicou o sofá vermelho.

– Tá bom. Então – disse ela, jogando-se no sofá e ligando a TV. – Temos todas as opções básicas de streaming à nossa disposição. A questão é: qual comédia romântica é a *mais* romântica?

Stevie se acomodou no canto oposto e abriu a lata.

– *Escrito nas estrelas*, claro.

Iris riu.

– Ai, meu Deus, você é fã do John Cusack?

Stevie deu de ombros e escondeu as bochechas coradas atrás da lata fria.

– Assim, ele não é meu tipo, nem um pouco, mas adoro a parte do destino.

– Ah. Então, Kate Beckinsale.

Stevie sorriu.

– Como aconteceu com qualquer sáfica da nossa idade que se preze, a Kate fez parte da minha formação. Vi esse filme pela primeira vez quando tinha uns 11 anos e... é, achei ela linda.

Iris sorriu.

– Pra mim foi *A onda dos sonhos*.

– Qual das atrizes?

– Todas.

Stevie riu.

– Você é bi, né?

Iris assentiu.

– Acho que essa informação é importante pra minha namorada de mentira.

– É, sim.

Passaram um instante sorrindo uma para a outra; depois Iris encontrou *Escrito nas estrelas* e apertou o play. Abriu o saco de pipoca enquanto John e Kate tentavam pegar a mesma luva no Natal da Bloomingdale's, e Stevie teve

que se aproximar para pegar um pouco.

– Adoro Nova York – comentou Iris enquanto os atores passeavam pelo Central Park.

– Foi lá muitas vezes? – perguntou Stevie.

Iris deu de ombros.

– Algumas, com minha amiga Claire e a... – Ela respirou fundo. – A noiva dela. Nossa. É a primeira vez que digo isso em voz alta.

Stevie inclinou a cabeça.

– Ah, é?

Iris assentiu, mas seus olhos ficaram meio cintilantes e ela fez um gesto de desdém.

– Enfim, Nova York é... sei lá. É o único lugar que conheci que era igualzinho ao que eu esperava, exatamente como em todos os filmes, histórias e poemas sobre a cidade. Como se a magia e o realismo tivessem dado as mãos.

– Nossa. – Stevie sorriu com leveza para Iris. – Você é escritora mesmo.

– Ah, vai, cala a boca – respondeu Iris, mas também sorria.

Ainda assim, certa ansiedade floresceu no peito de Stevie enquanto Nova York se espalhava na tela à sua frente. Para ela, a cidade sempre fora mítica, uma utopia teatral, mas inalcançável, um monstro etéreo capaz de devorar Stevie sem dó, não importava quanto Ren acreditasse que era lá que ela deveria estar. Apesar de tudo isso, o elogio poético de Iris, ainda que breve, bastou para acender algo no coração de Stevie.

Mas, ao longo dos anos, tinha aprendido muito bem a ignorar esse tipo de faísca, portanto foi isso mesmo o que fez naquele momento, encarando o filme, e a faísca em si, como um livro ou filme de fantasia. Era lindo, extasiante, mas, no fim das contas, impossível.

– Sabe minha amiga Astrid? – perguntou Iris depois de um tempo, enquanto John corria desenfreado por Nova York com Jeremy Piven em busca de pistas e sinais. – Ela e a namorada dela, Jordan, acreditam muito no destino.

E contou a Stevie como Jordan havia passado meses tirando a mesma carta de tarô, o Dois de Copas, e Astrid tirou a mesma depois que as duas

meio que terminaram.

– Astrid reconquistou Jordan com umas 22 cartas do Dois de Copas espalhadas pela Pousada Everwood.

– Nossa, foi bem romântico – comentou Stevie.

– Verdade. Mas não tão romântico quanto tomar um banho de vômito numa noitada e depois fingir que namora a pessoa.

Stevie riu.

– Meu Deus, que história.

Não sabia ao certo se um dia se lembraria daquela noite sem morrer de vergonha, mas pelo menos estava virando uma espécie de piada entre as duas.

Iris inclinou a cabeça, olhando para Stevie.

– Posso te fazer uma pergunta?

– Claro – respondeu Stevie devagar.

Perguntas introduzidas assim quase nunca precediam uma resposta fácil.

– Por que a ideia de transar comigo te deixou tão nervosa? Foi a sua ansiedade ou...

Pois é, pois é, Stevie tinha razão. Sem dúvida, a resposta não seria fácil.

– Ah. Hum... bom...

– Não precisa me contar.

– Não, tudo bem – respondeu Stevie.

Se iam levar aquela história de namoro de mentira adiante, seria melhor se Iris soubesse direitinho no que estava se metendo.

– Eu não faço muito isso de transar com desconhecidas. E “não faço muito” quer dizer “nunca”.

Iris levantou as sobrancelhas.

– Tipo... nunquinha?

Stevie balançou a cabeça.

– Com certeza, a ansiedade tem muito a ver com isso, mas é difícil saber se é pelo meu transtorno, se é só meu jeito de ser ou o quê. Nem sempre é fácil me separar da minha condição, nem mesmo entender se devo me separar, sabe? Tipo, o que é a minha personalidade e o que é a minha ansiedade? Ou são a mesma coisa? Às vezes é confuso.

– Parece mesmo – comentou Iris baixinho.
– Tô tomando remédios, e eles ajudam, mas acho que fiquei pensando demais na noite em que a gente se conheceu.

– A Stefania não te levou até o fim, é?

Stevie riu, passando a mão no cabelo.

– Não. Ela só ajuda até certo ponto. Mas deve ser bom você saber tudo isso agora. Acho que até se *fingisse* transar com alguém eu ia fazer besteira.

Iris franziu a testa.

– Você é atriz. Fingir faz parte do seu trabalho.

– É, mas na hora de atuar eu tenho um texto. Por isso adoro tanto. Não tem surpresa. Mesmo que precise beijar alguém no palco, sei quando vai acontecer. Sei o que digo e o que diz a pessoa contracenando comigo antes mesmo de acontecer. Sei direitinho o que fazer e dizer depois. É diferente da vida real.

– Você conseguiu me beijar na noite em que a gente se conheceu.

Stevie riu com amargura.

– É, e logo em seguida vomitei em você.

Iris se encolheu.

– Tá, entendi seu argumento.

– Entendo que o que a gente tá fazendo é de mentira ou pra uma pesquisa ou sei lá o quê, mas... – Ela balançou a cabeça, corando.

– Mas o quê? – perguntou Iris, cutucando o joelho dela. – Vai, fala.

Stevie apertou o rosto com as mãos.

– Que vergonha.

– Mais vergonha do que vomitar na peguete?

– Não, tá no mesmo nível.

Ela encostou a cabeça no sofá enquanto a noiva de John dava um presente de casamento para ele na tela. Talvez ela conseguisse dar uma resposta mais objetiva se não ficasse olhando para Iris, a Deusa do Sexo de Bright Falls.

– Adri foi a única pessoa com quem transei. E isso exigiu quatro anos de flerte e de surtos particulares. Quatro anos pra conhecer ela e entender que ela me amava e não ia me julgar nem me largar. Bom... pelo menos, não tão

cedo.

– Ah.

– Pois é. – Stevie sentiu Iris mudar de posição, mas não olhou na direção dela, concentrando-se nos adornos de gesso do teto. – Mas agora não tenho quatro anos... quer dizer, até a gente fingir que terminou ou sei lá. Não quero demorar tanto. Um dia, quero ter uma namorada de verdade, e, até lá, quero conhecer pessoas e transar. Faz muito... bom, não importa quanto tempo faz, mas você viu em primeira mão o que acontece quando tento transar com alguém que não conheço muito bem.

– Nem todo mundo curte sexo casual, Stevie. Minha amiga Claire tá noiva da única pessoa com quem tentou ter um relacionamento puramente sexual.

Stevie sorriu.

– Que fofo.

– Fofo de dar nojo – disse Iris, revirando os olhos, mas logo ficou séria outra vez. – Além disso, você, não sei, considerou outra opção? Tipo, será que você não é demissexual? Ou está em algum ponto do espectro assexual?

Stevie abraçou as pernas junto ao peito, espelhando a posição de Iris, que a olhava com tanta paciência, tanta... ternura, que ela relaxava cada vez mais a cada segundo.

– Já pensei nisso, sim. Mas também sinto atração sexual por pessoas com quem não tenho nenhuma conexão emocional. Como te contei no Imperatriz, eu queria mesmo transar com você.

– Ora – disse Iris, sorrindo e jogando o cabelo de lado. – Quem não ia querer?

Stevie riu, mas notou que o sorriso de Iris não chegava aos olhos.

– Enfim – continuou Stevie –, tem menos a ver com atração e mais com a minha cabeça. Naquela noite, quando estava com você, eu não conseguia me acalmar. Não parava de ter medo de errar, de ser ruim de cama, e de pensar no fato de os meus seios serem muito menores que os seus e que a ideia de tirar a roupa na sua frente me fez sentir que precisava...

– Vomitar? – disse Iris de bate-pronto.

Stevie gemeu e cobriu os olhos.

– Eu sei, não é nada lisonjeiro, mas juro que o problema não é você. Na verdade, eu queria ser mais parecida com você.

– Comigo?

– Na noite em que a gente se conheceu, você foi perfeita. Tipo uma profissional.

– Uma profissional do sexo.

Stevie riu.

– Bom... é. Como se soubesse exatamente o que queria. Você estava relaxada, tranquila, sexy. Bem que eu queria ter metade dessa autoconfiança.

Por um tempo, Iris não disse nada; foi tempo suficiente para Stevie virar a cabeça e olhar para ela. Iris mordida o lábio inferior, com o olhar meio distante.

Stevie cutucou o joelho dela.

– Olha. Eu digo isso no bom sentido.

Iris voltou ao momento.

– Não, não, eu sei. Mas... Stevie... – Ela suspirou e fez um pouco de beicinho. – Essa coisa de autoconfiança se aprende. Sou autoconfiante, barulhenta e engraçada porque desde criança tive que ser. Eu gosto de sexo, sim, mas nem todos os meus encontros são maravilhosos. Pelo menos metade é no máximo medíocre. Alguns são simplesmente pavorosos. E sabe de uma coisa? Nas primeiras vezes em que transei, eu não era essa deusa radiante que você tá vendo. – Ela gesticulou, indicando o próprio corpo de cima a baixo, com um sorriso que entortou só um canto da boca. – O sexo é igual a qualquer outra coisa. A prática leva à perfeição. Ou, pelo menos, faz melhorar.

– Faz não vomitar.

Iris riu.

– Isso mesmo.

– Mas o problema é esse, não tenho como praticar. Como vou praticar até relaxar enquanto tiro a camiseta na frente de uma desconhecida se é isso mesmo que me deixa ansiosa?

– Não sei! – respondeu Iris, rindo. – Quem sabe exista uma mulher num bar por aí com o fetiche de dar aulas de sexo?

Stevie também riu, mas depois ficou parada, de boca aberta, quando uma ideia floresceu em sua mente.

– Que foi? – perguntou Iris.

Stevie fechou a boca de repente.

– Nada.

– A cara que você fez não quer dizer “nada”.

Stevie balançou a cabeça, sentindo o rosto quente como o verão no Alabama.

– É que eu... bom... hum...

Nossa, não podia dizer aquilo. Nunca poderia fazer aquela pergunta.

– Desembucha. Dá pra ver que você quer falar, então respira fundo e manda ver.

Stevie não pôde deixar de sorrir diante da maneira firme mas gentil com que Iris deu a ordem. Foi muito... professoral.

– Você meio que tá reforçando a minha ideia – disse ela.

– A ideia que você ainda não disse em voz alta? – Iris cruzou os braços.

– Isso, essa mesma. – Stevie enfiou o cabelo encaracolado atrás da orelha. – Tá, e se... você me ajudasse?

Iris deitou a cabeça de lado.

– Te ajudasse com o quê?

Stevie mexeu a boca, tentando formar as palavras. Como falar de *coisas de sexo* sem dizer, bom, *coisas de sexo*? Ainda assim, se pedisse, e se por acaso Iris dissesse que sim, teria que fazer muito mais do que apenas pronunciar as palavras. Ai, meu Deus. Era uma ideia absurda.

Seu estômago pulou em direção à garganta, e ela engoliu em seco. Queria ser mais autoconfiante. Queria ficar com alguém, até mesmo só beijar alguém, sem vomitar. Sua ansiedade era o que era, e sempre estaria presente em tudo o que fizesse. Mas a terapia comportamental era uma grande parte do tratamento. Sua terapeuta, Keisha, estava sempre propondo pequenos desafios para ajudá-la a ficar mais à vontade: ir ao cinema sozinha, fazer uma aula para aprender alguma coisa em que se sentia incompetente, levar uma pessoa de confiança a um bar e chamar alguém para sair.

E Stevie fez tudo isso. Conheceu Iris, até a beijou, mas obviamente

precisava de mais prática além daquela primeira interação. Precisava passar para o próximo estágio.

– Oi – disse Iris, cutucando o joelho dela. – Ajudar com...

– Coisas de sexo – respondeu Stevie antes que pudesse se convencer a ficar calada.

Iris arregalou os olhos.

– Stevie, eu *não* tenho fetiche de dar de aulas de sexo.

– Não, é, eu sei, mas escuta só. – Stevie mudou de posição, sentando-se em cima dos joelhos, então agarrou o controle remoto, pausou no meio do encontro de John e Kate no Central Park coberto de neve e começou a contar nos dedos, com a adrenalina a impulsioná-la. – A gente já se beijou.

– Fato. O melhor beijo da sua vida.

Stevie se esforçou para não rir e continuou.

– Você já viu meus... meus... você sabe. – E apontou a área em volta dos peitos.

– Nossa, Stevie, você não consegue nem dizer *peitinhos*.

– Consigo, sim.

– Então diz. – Iris franziu a boca em desafio.

– A gente é pré-adolescente, é?

– Peitim, peitim, peitim – cantarolou Iris.

Stevie riu.

– Tá, beleza. Peitinhos. Pronto, falei.

– Agora diz *tetas*.

Stevie gemeu.

– Por quêêê?

– Lição número um.

– Sério? – Stevie sentiu um frio na barriga. – Então você topa?

Iris se limitou a erguer uma das sobrancelhas e cruzar os braços. Stevie bufou, afofando a franja.

– T-tetas.

– Tá – disse Iris devagar. – Agora, fala com vontade.

– Tetas! – gritou Stevie.

Iris riu.

– Agora, sim. Próxima palavra: xerec...
– Ai, meu Deus, vai com calma, tá? – Stevie cobriu o rosto com as mãos; como Iris ficou em silêncio, ela a espiou por entre os dedos. – E aí?
Iris suspirou e se virou, ficando de frente para ela e cruzando as pernas.
– Conta mais. O que exatamente você quer que eu faça?
Stevie baixou as mãos.
– Não sei.
– Então não posso topar. Você tem que saber, Stevie. Ainda mais em se tratando desse tipo de coisa.

Stevie se sentiu relaxar um pouco ao ouvir o tom suave de Iris. Não só isso, mas também as palavras dela, o modo gentil como a levava a sério, apesar das piadas. Ficou evidente que Iris, apesar de toda a fanfarrice, também levava o sexo muito a sério.

Era por isso mesmo que ela era a pessoa perfeita para ajudar Stevie.
– Tá bom – disse. – Quero ser capaz de falar com parceiras românticas em potencial...
– Românticas ou sexuais? Nem sempre são a mesma coisa.
– Ambas. É, ambas. Quero falar com elas sem sentir que preciso de uma dose de tequila, que aliás não posso beber. Quero... beijar elas sendo *eu*. Não a Stefania. Quero tirar a roupa com elas sem vomitar.
– É, elas iam preferir mesmo.

Stevie sorriu.
– E quero transar de verdade com alguém por quem não passei quatro anos suspirando. Eu... bom, acho que quero ser mais parecida com você.

Iris franziu a testa, mas não disse nada. Olhou para o rosto paralisado de Kate na tela por alguns segundos e depois se virou para Stevie.

– Se a gente fizer isso, você vai estar no comando. Ou seja, você tem que definir os limites, as regras. Não quero fazer por acidente nada que te deixe incomodada.

Stevie fez que sim.

– Você também. Também não quero que você fique incomodada.

Iris deu um sorrisinho irônico.

– Quando o assunto é sexo, não tem muita coisa que me incomode.

– E quando é romance? – perguntou Stevie, notando outra ideia surgir na cabeça.

Se iam mesmo fazer aquilo, ela queria que também fosse proveitoso para Iris. Afinal, ela corria o risco de tomar outro banho de vômito ao ensinar a uma mulher incorrigível de 28 anos a tradição das noitadas. O mínimo que Stevie podia fazer era dar a ela uma razão para persistir.

– O que é que tem? – perguntou Iris.

– Romance te deixa incomodada, né?

Iris suspirou.

– Não é bem incomodada, é mais... atualmente desinteressada.

– Mas você *precisa* estar interessada, certo? Por causa do livro.

– Aonde você tá tentando chegar?

– Bom, então, um dia, quando eu finalmente ficar com alguém, ainda quero que seja... bonito.

– Bonito.

– Romântico. Mesmo que seja só por uma noite, eu gosto de música, luz suave e, ah, sei lá. Romance.

Iris olhou para ela como se Stevie tivesse perdido o juízo.

– Ainda não sei aonde quer chegar, Stevie.

– Você me ajuda a...

– Mostrar as tetas.

– É. Isso. E eu deixo tudo romântico. Pra você. Assim você pode conseguir mais dados pro seu livro. É metade do motivo da nossa parceria, né?

Iris estreitou os olhos, mas logo ergueu as sobrancelhas.

– Tá, seu argumento é válido. Mas quero ter certeza de que entendi direito. A gente finge que namora na frente da nossa turma.

– Isso.

– E agora tenho fetiche de dar aula de sexo.

Stevie sorriu.

– Bom, pode chamar do que quiser.

– E você tem fetiche de dar aula de romance.

– Olha que simbiose perfeita.

– Beleza pura – disse Iris num tom seco que depois ficou mais suave. – Tem certeza disso?

– Tenho. – Stevie ficou de pé; o sangue corria depressa por suas veias, fazendo a ponta dos dedos formigar e o coração bater como um tambor contra as costelas. – E acho que a gente devia começar já.

– Já?

– Já.

Stevie se conhecia bem: se fosse para casa dormir, no dia seguinte desistiria e continuaria sendo a aspirante a atriz cheia de tesão porém aterrorizada que tentava se aninhar no pescoço da ex.

Iris também se levantou, mas as duas só ficaram ali, de pé, sem saber o que fazer em seguida. De alguma forma, embora Iris fosse a especialista ali, sua indecisão fez os ombros de Stevie relaxarem.

– Tá bom – disse Iris por fim. – Se a gente vai mesmo fazer isso, acho melhor começar no ponto que deu errado pra nós.

– É, faz sentido.

– Estava escuro. E tinha música.

Stevie concordou, mas, olhando para o apartamento de Iris, com a luz do anoitecer entrando roxa na sala, *Escrito nas estrelas* ainda pausado na tela e restos de pipoca pontilhando o sofá e o chão, ela sentiu tudo, menos um clima de romance. E, para o acordo também ser útil para Iris, tinha que criar esse clima.

– Precisamos de velas – declarou Stevie, olhando em volta.

– Quê? Da outra vez não tinha vela.

– Não, eu sei, mas a gente precisa da atmosfera certa, não acha?

– Atmosfera?

– Nossa, você não manja mesmo de romance – disse Stevie.

Iris gemeu e esfregou a testa.

– Ai, eu sei. Quando chega nessa parte, me dá um branco. A última vez que transei com alguém, isso antes de você, foi numa...

Ela deixou a frase assim, incompleta, franzindo a boca e balançando a cabeça.

– Foi numa o quê? – perguntou Stevie.

– Deixa pra lá.

– Você me fez contar minha ideia maluca. – Ela colocou as mãos na cintura. – Iris!

– Tá bom. – Iris deu um suspiro. – A última vez que transei com alguém foi numa cabine de banheiro.

– Sério?

– Sério.

– Aposto que muita gente faz isso.

– Num campo de minigolfe?

Stevie quase não conteve o riso.

– Num campo de minigolfe.

– Fui lá com a galera e a bartender era gostosa, tá?

Stevie riu.

– Aposto que era.

– Então, né? Ultimamente, romance não faz parte do meu repertório.

– Bom, por sorte, eu mal consigo pensar em beijar alguém sem um banho de espuma e uma música gostosa. Tem velas?

Iris fez que sim, indicando algumas espalhadas pela sala.

– Tem mais no meu quarto.

– Tá, vai comprar um jantar pra gente – disse Stevie, olhando a hora no celular. – Eu cuido do clima.

– Jantar – repetiu Iris. – É, tô com fome mesmo.

– Eu também. Topo qualquer coisa.

– Olha o duplo sentido.

Stevie balançou a cabeça, uma risada brincando em sua boca.

– Vai.

– Tô indo, tô indo – respondeu Iris, pegando as chaves e o celular. – Vê se não bota fogo na casa.

– Não, isso não seria romântico.

Iris sorriu, deixando os olhos passearem pelo rosto de Stevie por uma fração de segundo antes de abrir a porta e sair.

Stevie se virou para o apartamento vazio, desligou a TV e começou a agir antes que recuperasse o juízo.



CAPÍTULO QUINZE

IRIS ESTAVA NERVOSA.

Voltava do Tor&Tinhas com a mão dentro de um saco cheio das melhores batatas fritas que já tinha comido. Ironicamente, o café ocupava o espaço onde antes ficava a papelaria dela, e mal conseguia engolir as coisinhas gordurosas.

Com *coisas de sexo*, como Stevie dizia, ela conseguia lidar. É verdade que nunca havia estado naquela exata situação em que praticamente ensinaria alguém a fazer as preliminares. Mas era sexo. Ou pré-sexo. Para ela, sempre tinha sido fácil. Gostava do próprio corpo, sabia que era gostosa e não tinha vergonha de tirar a roupa na frente de outras pessoas, desde que todas consentissem.

Mas romance... bom, não se envolvia em nenhum fazia uma eternidade, desde o término com Grant, e em geral era ele quem cuidava do tal “clima”. Ele reservava os jantares românticos, sugeria uma caminhada à beira do rio ao pôr do sol e sussurrava palavras doces no ouvido dela enquanto transavam. Ou “faziam amor”, como ele dizia.

E ela gostava. Adorava livros de romance, sempre havia adorado. Adorava os gestos grandiosos, as cidades pitorescas, as heroínas por acidente à procura do amor verdadeiro. Ansiava pela ideia de se envolver num romance, de ser uma Iris Kelly completamente cativada pelo amor.

Suavizada.

Transformada.

Ao chegar a seu prédio e parar no degrau da entrada, recordou todos aqueles momentos que deveriam ser românticos com Grant, os momentos em que ele queria olhá-la bem nos olhos quando ela gozava, e ela nunca conseguia sustentar o olhar. Tentava, mas, no momento em que o orgasmo irrompia dentro dela, sempre fechava os olhos.

Nas caminhadas à beira do rio ao pôr do sol, ela sempre fazia piadas.

Nos jantares românticos e chiques, brincava de inventar as conversas dos outros casais no ambiente.

Simplesmente não levava jeito para aquele tipo de relação, não importava quanto quisesse isso no passado. Portanto, não sabia ao certo no que as tais aulas iam dar.

Subindo a escada até o apartamento, ficou pensando em Stevie e em como poderia ajudá-la, listando na cabeça que tipos de coisa poderiam fazer sem que ela ficasse incomodada. Até ali, beijar era a única coisa em que conseguia pensar, e já tinham feito isso...

Quando abriu a porta, arfou de susto. O lugar estava iluminado.

Chamas pequeninas tremeluziam por toda parte. Iris sempre adorou velas. Comprava algumas toda vez que ia à feirinha de rua em Sotheby, mas em geral acendia apenas uma ou duas de cada vez. Naquele momento, todas as velas da casa estavam acesas e espalhadas pela sala de estar. O cordão de luzinhas que serpenteava em volta do varão da janela também estava aceso, convertendo a sala toda em âmbar e ouro.

– Nossa! – exclamou ela.

Uma música instrumental suave e moderna saía da caixa de som de Iris.

– E aí? – perguntou Stevie, levantando-se do sofá onde olhava alguma coisa no celular. – O que achou?

– Achei... – falou Iris, deixando a comida na bancada. – Nossa.

Stevie sorriu.

– Isso você já disse.

Iris fez que sim, sentindo um frio na barriga.

Um friozinho *de verdade*.

Não se lembrava da última vez que isso havia acontecido. Quando combinou tudo aquilo com Stevie no Imperatriz, não chegou a visualizar o que poderia significar um romance. Imaginou passeios, encontros, só isso. Andar de mãos dadas pelo parque... Não aquilo.

– Você tá bem? – perguntou Stevie.

Iris assentiu. Ela ia conseguir. *Precisava* conseguir. Devia ser mesmo uma gata esquentada para se assustar tanto com umas velinhas acesas, e o prazo de entrega do livro assomava feito uma tempestade no horizonte.

– Como a gente começa? – perguntou Iris, porque não fazia a menor ideia.

Pensou em acrescentar um novo apelidinho cafona à pergunta – “paixão” ou “meu docinho de canela” –, mas de repente suas piadas de romance não pareciam lá muito... engraçadas. Stevie, porém, assentiu e deixou o celular de lado.

– Não quer comer primeiro?

– E te beijar com bafo de hambúrguer vegetariano? Essa eu passo.

Stevie riu, mas apertou um pouco o estômago, o que Iris reconheceu como algo que ela fazia quando estava nervosa. Bom, que ótimo. Pelo menos Iris não estava sozinha nessa.

– Nesse caso, acho que a gente devia dançar primeiro – sugeriu Stevie.

– Dançar.

Stevie fez que sim. Iris não se mexeu. A música daquele momento era lenta e lânguida, em nada parecida com a batida rápida que tocava quando se pegaram no Lush.

Da pegação, Iris dava conta.

Já daquilo ali, não tinha tanta certeza.

Inspirou o ar devagar e ficou completamente imóvel, até Stevie se aproximar e pegar a mão dela, levando-a para o espaço mais amplo entre a mesa de centro e a TV.

– Tá, imagina que a gente estava na cidade – disse Stevie, envolvendo a cintura dela com o braço. – A gente se conheceu num... sei lá. Como é um encontrinho de comédia romântica?

– Numa degustação de vinhos – respondeu Iris enquanto Stevie punha uma das mãos dela no próprio ombro. – Sou vinicultora. E você é crítica de vinhos.

Stevie sorriu.

– Gostei. Sou malvadona?

– É, sim. Você fez uma crítica horrível à minha vinícola e agora eu te odeio.

– Mas me acha absurdamente atraente, e a gente acaba se encontrando na inauguração de outra vinícola. Da sua melhor amiga.

– E minha amiga acha que o negócio é a gente transar pra tirar todo esse ódio do nosso corpo – disse Iris.

– Só que eu não te odeio. Em segredo, quero te beber e te comer inteirinha – respondeu Stevie, juntando sua mão livre à de Iris e levando-as para junto do coração.

Ela girou Iris e a abraçou com mais força.

– Caramba – murmurou Iris com a voz meio trêmula, e pigarreou. – Como é que você é tão boa nisso?

Stevie deu de ombros.

– Sou, é?

– Sim, demais.

– Não faço ideia. – Stevie suspirou, mordendo o lábio inferior. – Nunca vivi um dia sem ansiedade, então fazer amizade com outras crianças quando eu era pequena foi difícil. Acho que isso me fez querer ainda mais as partes emocionais de um relacionamento. Não me entenda mal, os sentimentos ainda me assustam, mas são como uma língua que eu entendo. Medo. Felicidade. Esperança. Desespero. Raiva. Entendo o que são essas coisas, o que significam. Mas a parte física, o ato de usar meu corpo pra me comunicar quando sinto que ele está sempre em guerra com a minha mente... É o mesmo que tentar falar com gente de outro planeta.

Iris balançou a cabeça.

– Meu Deus, eu sou o completo oposto.

– É isso que eu mais adoro nos romances – continuou Stevie. – As cenas de sexo são gostosas, lógico, mas é a possibilidade do “felizes para sempre” que me faz continuar lendo, sabe? A sensação de encontrar alguém que te ame do jeitinho que você é. Nem mais, nem menos.

Iris bufou.

– Você já encontrou essa pessoa na vida real? Porque eu com certeza não encontrei.

Stevie franziu o rosto e passou um momento em silêncio.

– Não – respondeu por fim. – Acho que não.

Continuaram a balançar ao ritmo da música, e Stevie encostou a testa na de Iris. Iris sabia que era uma jogada, um gesto romântico, mas, no momento, com os cílios de Stevie literalmente roçando suas bochechas, sentiu todo o corpo ficar mole e quente. Ao abrir os olhos para ver Stevie observando-a, o castanho muito escuro à luz fraca, Iris se pegou escrevendo uma frase na mente.

... olhos em que a gente pode se perder, se afogar e nunca sequer tentar voltar à tona.

Nossa, era um lero-lero bem romântico. O que significava que o processo estava funcionando: as engrenagens de autora de romance dentro de Iris começavam a girar como se estivessem desenferrujando.

Mas, quanto mais ela e Stevie dançavam, fitando os olhos uma da outra, a mão de Stevie subindo e descendo pelas costas de Iris, menos... *falso* parecia.

Iris balançou a cabeça, forçando a mente a se concentrar na tarefa e abrir um pouco de espaço entre elas.

– Tá, conquista romântica desbloqueada.

Stevie sorriu.

– Legal.

Caramba, a voz dela era tão gostosa...

– Sua vez – disse Iris com firmeza, pondo as mãos na cintura de Stevie, que ficou meio rígida.

– Ah. Eita. Já?

– Já.

Iris não sabia se aguentaria mais daquele balanço lânguido e dos cílios roçando sua pele sem que alguma coisa dentro dela pifasse. Estava meio tonta, como se tivesse comido uma jujuba de cannabis de estômago vazio. Além disso, tinha conseguido uma frase, um *lampejo* daquela faísca romântica fugaz. Não queria abusar da sorte.

– Da última vez que a gente fez isso, em que ponto você travou? – perguntou ela a Stevie.

– Hã...

Stevie esfregou a testa e deu um longo suspiro. Iris apertou os quadris dela num gesto de incentivo.

– Você consegue. Pense com o corpo, não com a mente.

– É isso que você faz? Quando fica com alguém?

Iris assentiu.

– É só separar uma coisa da outra.

– E dá certo mesmo?

Iris hesitou, sentindo uma pequena pontada no peito que ignorou.

– Com certeza.

– Hum, tá, beleza. – Stevie respirou fundo. – Da última vez, foi depois que você tirou a blusa. Eu... surtei com a ideia de tirar a minha.

– Tá, podemos partir daí. Quer que eu tire a blusa?

A risada de Stevie saiu trêmula.

– Hã, tudo bem por você?

– Por mim, tudo ótimo, mas não quero parecer uma pervertida te convencendo a fazer as coisas. A decisão é sua.

– Você não é pervertida. A ideia foi minha.

Iris fez que sim, depois tirou as mãos da cintura de Stevie e deu um passo para trás, tocando no queixo com o dedo.

– Na verdade, acho que pode ajudar se você assumir o controle de tudo.

– Como assim?

– Você tira a minha blusa. No seu ritmo.

Iris percebeu que Stevie se encolheu por dentro, retesando o corpo todo, mas logo soltou um suspiro prolongado.

– Na verdade, faz sentido – respondeu. – Se eu estiver no controle, então... bom, eu vou estar no controle.

– Isso mesmo.

– E você consente?

Iris sorriu.

– Consinto totalmente.

Stevie assentiu, depois passou alguns segundos parada com as mãos na cintura.

– Pode começar com um toque mais fácil – sugeriu Iris. – Nos meus braços ou nos ombros, por exemplo.

– É. É, boa ideia.

Stevie deu um passo adiante e fechou os dedos em volta dos pulsos de Iris. Subiu as mãos bem devagar pelos braços dela... até o pescoço. O toque era delicado e... nossa, muito gostoso. Arrepios percorreram a pele de Iris, mas ela não prestou atenção neles. Não fechou os olhos nem suspirou como gostaria, pois não queria assustar Stevie; em vez disso, manteve o rosto impassível mas convidativo. Aberto mas quase inexpressivo.

Stevie acompanhou os próprios dedos com o olhar, descendo pelo pescoço de Iris, passando os polegares pela clavícula, abrindo a boca só um pouquinho. Iris ouviu a respiração de Stevie ficar mais intensa. E teve que apertar as pernas uma junto da outra porque... caramba, estava ficando excitada, com aquela palpitação delatora florescendo entre as coxas.

– Você pode me beijar – disse ela, com a própria respiração também um tanto rápida. – Ou não. O que você quiser.

Stevie assentiu, elevando o olhar até a boca de Iris. Hesitou apenas durante um instante antes de aproximar o rosto, pegando o lábio inferior de Iris entre os dela de um jeito que fez Iris querer gemer.

Ela não gemeu.

Mas foi uma proeza se conter, porque, com ou sem autoconfiança, Stevie beijava maravilhosamente bem.

Stevie inclinou a cabeça, mergulhando a língua na boca de Iris como uma provocação antes de recuar, antes de seus dentes puxarem de leve o lábio dela e depois reencontrar a língua.

Minha nossa.

– Posso tocar em você também? – perguntou Iris, porque *meu Deus do céu*, ela tinha que fazer alguma coisa.

– Pode – respondeu Stevie junto da boca dela, e a beijou outra vez, uma dança desvairada mas lenta de língua e dentes que Iris teve certeza de nunca haver experimentado antes.

Iris agarrou os quadris de Stevie, desesperada para puxá-la para si. Mas não puxou. Esforçou-se para ficar imóvel enquanto Stevie descia pelos braços dela com a ponta dos dedos até brincar com a barra da camiseta.

– Quando quiser – disse Iris, ouvindo a própria voz rouca quando a boca de Stevie deslizou até sua orelha. – Estou pronta.

Pronta até demais, mas tudo bem. Os pensamentos dela ficaram turvos, e percebeu seus quadris reboarem de leve ao encontro de Stevie. Precisava se controlar, e depressa, mas, antes que pudesse fazer isso, Stevie puxou a blusa de Iris, erguendo-a e fazendo com que ela soltasse Stevie e levantasse os braços. O tecido deslizou por sua pele, fazendo-a tremer quando o ar fresco atingiu a barriga e o peito.

Stevie deixou a camiseta cair no chão e recuou um pouco.

– Eu lembro – sussurrou ela.

– Do quê?

– De como você é linda.

Percorreu o corpo de Iris com o olhar, parando não apenas nos seios por baixo do sutiã cor-de-rosa, mas também no pescoço, na barriga e nos quadris. Iris se sentiu incrivelmente exposta e vulnerável, e... não sabia ao certo se gostava disso.

– Beleza – disse ela, esforçando-se para voltar ao jogo. – E agora?

Stevie olhou para a própria camiseta, com a boca rosada e meio inchada dos beijos.

– Eu... também me lembro disso. Naquela noite, eu estava sem sutiã e acho que isso foi parte do que me fez entrar em parafuso. Tipo, uma exposição automática.

– Bem, eu já vi seu peito, como você disse antes.

– É, mas foi um acidente. Isso...

– Não é um acidente.

– Pois é.

– Então, o que te ajudaria nesse ponto? Ou podemos parar.

Stevie balançou a cabeça.

– Acho que não quero parar.

– Tudo bem – sussurrou Iris. – Sem pressa. Você tá no controle. É você quem decide.

Stevie baixou o olhar por um instante, mas logo se aproximou de Iris outra vez, envolvendo a cintura dela com a mão. Iris reprimiu um arrepio, mas levou as próprias mãos aos braços de Stevie, puxando o corpo dela para bem junto do seu. Stevie a beijou de novo, uma vez... duas... antes que seus dedos se aproximassem do fecho do sutiã de Iris.

– Posso? – perguntou Stevie.

Não podia, não; devia. Iris fez que sim com a cabeça e disse “pode” em voz alta. Stevie abriu o sutiã e dessa vez Iris não conseguiu conter um suspiro enquanto as alças deslizavam por seus braços. Ela baixou as mãos e a peça caiu no chão, deixando os seios totalmente livres.

– Puta merda – murmurou Stevie, e segurou Iris pela cintura, passando os polegares nos quadris dela.

– O palavrão é um bom sinal ou...

– É bom – afirmou Stevie, encarando-a. – Você é uma deusa.

Iris riu, ficando tímida de repente.

– Não. Eu sou só eu. Não esquece isso, tá? Quem quer que faça isso com você pra valer é só uma pessoa, igualzinha a você.

Stevie assentiu e a beijou de novo. Dessa vez, foi um beijo doce, terno, e Iris teve que resistir ao impulso de corresponder com força. Mas logo Stevie fez isso por conta própria, e a boca dela se tornou voraz, gemidos baixos escapando do fundo da garganta. Ela pegou a barra da própria camiseta e a levantou de uma vez só, passando-a por cima da cabeça como quem arranca um Band-Aid.

Ficou ali por um momento, de olhos fechados, respirando depressa. Iris estendeu a mão e tocou a cintura dela com leveza, mas não foi além.

– Você é linda, Stevie – disse, e estava sendo sincera.

Havia uma pequena tatuagem preta de coração na base do pescoço que Iris não tinha notado antes, delicada e discreta. É verdade que os seios de Stevie eram menores que os dela, mas eram lindos: harmoniosos e empinados, com mamilos rosados e perfeitos que Iris, sem querer, se imaginou chupando.

Stevie abriu os olhos e puxou Iris mais para perto... e mais. Quando os seios se tocaram, as duas soltaram um gemido baixo, e a respiração de Iris voltou a ficar rápida e ruidosa num instante. Estava completamente molhada, e a mente ficava cada vez mais turva. Stevie encostou a testa na dela e os quadris se colaram, procurando.

Stevie encaixou a perna entre as de Iris, que gemeu outra vez. Foi um gemido alto, com um *ai, nossa* saindo de sua boca, porque dane-se, estava gostoso, *tão* gostoso, e gemer era o que ela faria se tudo aquilo fosse de verdade.

Mas não era.

E ela percebeu o instante em que Stevie se lembrou disso.

Stevie ficou paralisada, depois recuou tanto que os centímetros entre as duas se transformaram em meio metro num piscar de olhos.

– Saco. Stevie, me desculpa.

– Não, não, tá tudo bem – respondeu ela, balançando a cabeça. – Fui eu que avancei o sinal. Devia ter te perguntado.

– Você tá perdendo a cabeça.

Stevie fechou os olhos, de repente começando a respirar como um aparelho de ar-condicionado com defeito.

– Um pouco. Juro que não é culpa sua. Só preciso de um tempinho.

– Posso ajudar?

Stevie balançou a cabeça, negando, e cruzou os braços.

– Me dá minha camiseta?

Iris pegou a regata e a passou pela cabeça de Stevie do jeito menos sexy possível. Stevie puxou o tecido para baixo até os quadris, e sua respiração ficou um pouco mais lenta, mas não voltou ao normal. Iris pegou a própria camiseta e a vestiu enquanto Stevie continuava a arfar.

– É pra eu pegar um balde? – perguntou Iris.

Ah, pronto.

Stevie arregalou os olhos e sua respiração difícil se interrompeu de repente antes de se transformar numa risada. Foi uma gargalhada grave, escancarada e linda, e Iris também começou a rir. Logo as duas estavam gargalhando tanto que o estômago de Iris doía, e desabaram no sofá, com as velas ainda tremeluzindo ao redor delas.

– Bom – disse Stevie quando pararam. – Pelo menos cheguei mais longe do que da última vez.

– Chegou mesmo. – Iris endireitou o tronco e enxugou os olhos. – E não terminou em vômito, o que é sempre uma vantagem.

– Progresso. – Stevie se endireitou também, apoiando os cotovelos nos joelhos. – Obrigada.

Iris fitou os olhos dela, e ambas sustentaram o olhar pelo que pareceu tempo demais. Ela pigarreou.

– Não sei se ajudei de verdade.

– Ajudou, sim. Muito. Você me guiou, me lembrou de ficar no controle, me lembrou de mim mesma.

Iris assentiu, mas, por alguma razão, não conseguia mais encarar Stevie.

– Bom, valeu pela ajuda com o romance.

– De nada.

Ficaram ali, com a música lânguida ainda a envolvê-las, e de repente Iris teve vontade de ficar sozinha, como se precisasse de um banho frio. Não era novidade; de vez em quando, apesar de sua natureza extrovertida e espalhafatosa, precisava de silêncio, sossego, tempo para processar os acontecimentos, e com certeza precisava disso naquela hora. Sentia os braços e pernas trêmulos, o coração batendo um pouco rápido demais, e não ajudava em nada o fato de seu clitóris ainda pulsar entre as pernas depois daquela...

Aula.

Era apenas uma aula.

Ficou de pé e começou a soprar as velas.

– Acho que é melhor encerrar a noite – disse ela entre os sopros.

– É – concordou Stevie, levantando-se também e ajudando Iris a

escurecer a sala.

Logo, apenas as luzes do cordão iluminavam a sala, que ainda parecia romântica demais para o gosto de Iris. Ela puxou o plugue da tomada perto da janela, mergulhando o ambiente numa escuridão momentânea.



Horas depois de Stevie ir embora, depois que combinaram de se encontrar na sexta-feira seguinte no apartamento dela, em Portland, para ir até o aeroporto e pegar o voo para Los Angeles juntas, Iris ainda não conseguia dormir.

Ficou deitada na cama, de olhos bem abertos e fixos no ventilador de teto, repassando a noite – na verdade, o dia inteiro – na mente. Não conseguia se livrar daquela inquietação. Já tinha gozado – de jeito nenhum conseguiria funcionar direito depois do que ela e Stevie fizeram se não se aliviasse. Tinha requentado e comido seu hambúrguer do Tor&Tinhas, tomado banho, terminado com a pipoca e recolocado todas as velas em seus devidos lugares.

E, ainda assim...

Grunhiu e rolou na cama, fechando os olhos bem apertados para forçá-los a dormir. Mas quando o celular tocou na mesa de cabeceira, ela pulou para atender, feliz com a distração. Viu uma mensagem de Claire no grupo, cujo nome agora havia mudado para *São tantas QUEERstões*.

Claire: Vamos mesmo ignorar o fato de que a Iris foi pra piscina com uma namorada de mentira?

Iris: Sim, de preferência

Astrid: Ah, graças a Deus. Tenho muitas perguntas

Iris: Ah, então você é a culpada pela mudança de nome do grupo

Delilah: Não, fui eu. PeQUEERliarmente

Jordan: Ela é bonita, Iris

Claire: Muito bonita. ENTÃO POR QUE É DE MENTIRA?

Iris: Calma, fera

Claire: A questão persiste

Iris: Acho que você quer dizer queerstão

Jordan: Não tá exatamente na ponta da língua

Delilah: Por falar em língua, vocês também estão transando de mentira?

Claire: Amor!

Astrid: Delilah!

Delilah: É uma queerstão válida!

Iris suspirou, depois digitou uma explicação rápida sobre a peça e a ex de Stevie. O grupo irrompeu em parabéns por ela interpretar Beatriz, o que, precisou admitir, foi muito gostoso, mas depois voltaram ao que de fato interessava, é óbvio.

Delilah: Então você é a salvadora da Stevie

Iris: É mutuamente benéfico

Astrid: Está mesmo tão desesperada assim por conteúdo romântico?

Delilah: Bela escolha de palavras

Astrid: Dei uma de Isabel de novo sem querer?

Jordan: Um pouco, amor

Astrid: Desculpa

Iris apertou os olhos com os dedos.

Iris: Gente, tá tudo bem. A Stevie é legal e estamos nos ajudando, só isso

Um vislumbre da boca de Stevie, dos dedos dela, macios como seda, nas costas nuas de Iris...

– Saco – resmungou Iris, apertando as coxas uma contra a outra e se sentando na cama.

Digitou um boa-noite ligeiro no grupo e logo desligou o celular. Ficou sentada lá, respirando depressa por um tempo, antes de pegar o laptop da mesa de cabeceira e abri-lo no rascunho de Tegan McKee.

Que consistia num total de duas palavras.

Tegan McKee...

Ela olhou para a tela, mas a única coisa em sua mente eram a dança lenta, o roçar vagaroso do algodão sobre a pele... e uma boca com gosto de

verão e hortelã.

Deixou o computador de lado e pegou seu iPad, abrindo o programa de desenho e criando um arquivo. Tirou a caneta do suporte e começou a desenhar. Traços rápidos, pouquíssimo planejamento. Apenas linhas, arcos e sombras para processar os pensamentos. Sempre usou esboços e ilustrações para isso – reorganizar o mundo em sua mente, expulsar as preocupações, os medos, as esperanças. Quando criança, passava horas desenhando tudo na sua vida: a família, Claire e Astrid, o primeiro beijo. Na faculdade, quando sua arte se transformou numa coisa um pouco mais prática – na forma de um planner que criou para Astrid para ajudá-la a administrar seu nível de estresse –, logo nasceu a papelaria Desejos de Papel. Ainda assim, quando dava tudo errado, ela sempre voltava para a página em branco. Tinha arquivos e mais arquivos narrando suas amizades; a filha de Claire, Ruby, em seu primeiro aniversário; o rompimento com Grant; o noivado condenado de Astrid com aquele paspalho do Spencer; Claire e Delilah quando começaram a namorar.

Jillian.

Agora, enquanto desenhava, percebia a inquietação se acalmando, a mente serenando enquanto uma figura tomava forma na página: cachos desalinhados, blusinha cropped listrada e calça xadrez. Iris acrescentou detalhes. O Lush como um plano de fundo sensual. O balcão laqueado em que Stevie estava apoiada quando Iris a viu pela primeira vez, com aquele olhar meio aterrorizado mas voraz.

Levou algum tempo, e a noite se converteu em alvorada, mas, quando Iris terminou o último traço, tinha um desenho completo.

Uma cena.

Ficou olhando a ilustração em preto e branco, já pensando nas cores que usaria e até mesmo nas palavras que combinariam com ela. Nunca chegava à fase de colorir os desenhos, usando-os mais como válvula de escape emocional, mas aquele ali...

Viu o rosto de Stevie, aquela boca linda e entreaberta. O entusiasmo zuniu dentro dela feito eletricidade, aquela sensação conhecida de faísca criativa, e Iris salvou o arquivo como “encontrinho” e saiu do programa.

Então voltou a pegar o computador, abriu o esboço do romance e finalmente começou a escrever.



CAPÍTULO DEZESSEIS

– CARAMBA, ISSO É DE VERDADE? – perguntou Iris.

Stevie a viu olhar para a casa branca em estilo moderno, toda de vidro, madeira de demolição e ângulos de noventa graus, a boca aberta de um jeito adorável. A brisa que soprava entre as palmeiras era abafada e quente, e Stevie ouvia ao fundo o som do oceano Pacífico ondulando atrás da casa.

– É de verdade – respondeu Stevie, sorrindo para ela por cima do capô do carro de aplicativo do qual desceram.

O motorista abriu o porta-malas e tirou a bagagem delas, depois partiu depressa pela Yerba Buena Road. Stevie empurrou as duas malas de rodinhas até a calçada de paralelepípedos onde estava Iris.

– Bem-vinda à mansão à beira-mar absurdamente luxuosa da família Rivero.

– Eu topo esse tipo de absurdo – disse Iris. – A qualquer hora, em qualquer dia.

Stevie riu e aproveitou o fato de que Iris ainda estava contemplando a casa para... bom, para contemplar Iris. Não que não tivesse passado a

manhã inteira fazendo isso sempre que podia, desde o momento em que Iris a pegara para irem ao aeroporto até as duas horas e meia de duração do voo.

Não conseguia parar.

Não sabia ao certo se olhava porque Iris era linda – e era mesmo, completamente radiante com o cabelo vistoso preso numa trança espinha de peixe e o vestidinho verde-claro soprando sobre a pele cheia de sardas – ou porque ainda estava tentando digerir a última vez que estiveram juntas.

As... aulas.

Desde então, ela e Iris só trocaram mensagens de texto, discutindo detalhes da viagem e o que levar. Uma vez, Iris perguntou sobre uma frase de *Muito barulho*, e ela e Stevie assistiram ao filme com Emma Thompson, mandando mensagens de texto com comentários e ideias o tempo todo. Mas nenhuma delas falou dos beijos, nem da pele contra pele.

Dos gemidos.

Meu Deus, os gemidos... Stevie achava que nunca esqueceria o som que ouviu quando encaixou a perna entre as coxas de Iris. Foi maravilhoso, rouco e sexy, e a atirou de cabeça num redemoinho de pensamentos em excesso, sem chance de acalmá-los.

Na semana seguinte, Stevie retomou aquele som de novo e de novo, e não sabia se um dia poderia confessar a alguém quantas vezes tinha ficado excitada, encharcando a roupa íntima por completo, em questão de segundos, só de pensar nisso. Por um lado, a aula em que Iris a guiou parecia ter funcionado, já que Stevie se sentiu mais relaxada à medida que se beijavam e conseguiu tirar a roupa das duas sem ter ânsia de vômito. Além disso, o gemido que Iris emitiu foi genuíno, e Stevie sentiu uma onda de orgulho e esperança de que um dia seria mesmo capaz de fazer isso com alguém numa situação espontânea que acabaria em sexo de verdade.

Por outro lado...

É... Stevie não conseguia parar de olhar para Iris.

Talvez só precisasse trabalhar nisso um pouco mais; se um som de prazer de Iris a deixava fora de controle, talvez só precisasse pedir que a guiasse numa aula em que houvesse... mais gemidos de prazer.

Meu Deus, aquilo era absurdo. Afastou o olhar de Iris e esfregou o rosto

com uma das mãos. Tinha que parar de pensar em gemidos, e logo. Por muitas razões.

Não menos importante era o fato de que Adri, Vanessa e Ren já estavam na casa dos Riveros, porque haviam chegado no dia anterior para organizar tudo, e Iris e Stevie tinham que vestir a máscara do namoro falso. O resto do elenco principal chegaria no dia seguinte, o que dava a Stevie um tempinho com a turma para se acostumar a... ao que quer que ela e Iris fossem.

– Tá pronta? – perguntou Iris.

– Sinceramente? – disse Stevie. – Não, nem um pouco.

– Vai dar tudo certo. Você mandou bem naquele dia no Tinhosa.

– Mandeí, é? Adri não foi nem um pouco simpática.

Iris deu um sorrisinho.

– Repito que não teve nada a ver com nossa mentira.

– Ainda acha isso?

– Somos muito convincentes, confia. E, sabe, naquela noite... acreditei mesmo em você.

Stevie franziu a testa.

– Em que sentido?

– De que você queria mesmo tirar minha roupa e fazer de tudo comigo.

Iris deu uma piscadela, mas as bochechas dela ficaram meio rosadas. As de Stevie, é lógico, arderam feito uma supernova.

– Iris, aquilo...

Mas... o que ia dizer? Não era de verdade. Não queria mesmo tirar a roupa de Iris e fazer de tudo com ela. Já haviam tentado, e fora um desastre. Portanto, era mesmo encenação, papéis que as duas encenavam, assim como cada uma das coisas que fariam nos dois dias seguintes, tivesse ou não a ver com *Muito barulho*.

Stevie balançou a cabeça. Voltou à personagem. Só não sabia direito que personagem era aquela.

– E aí, casal!

A voz de Vanessa chegou pela porta da frente, que Stevie nem tinha ouvido abrir. Adri surgiu ao lado de Van com o que parecia uma mimosa na mão. Estava linda, como sempre, com o cabelo verde-azulado intenso e os

fios escuros naturais entremeados a ele por toda parte. Usava uma regata preta e um short soltinho minúsculo, estampado de hibiscos cor de coral.

– Oi – respondeu Stevie enquanto Iris pegava na mão dela.

– Vocês vieram – disse Adri, olhando de relance as mãos delas e voltando ao rosto. – Que bom te ver de novo, Iris.

– Ah, digo o mesmo! – respondeu Iris. – Muito obrigada por me convidarem. Tô muito animada!

– Lógico que tá! – exclamou Vanessa, que usava um biquíni cortininha rosa-choque e uma saída de praia de tecido floral transparente em volta da cintura. – Esse é o meu fim de semana favorito do ano.

– É, porque você fica bebendo e tomando sol enquanto a gente trabalha – disse Adri.

O tom de voz dela foi leve, provocador, mas mesmo assim a expressão de Van murchou.

Iris apertou os dedos de Stevie e riu.

– Pra mim parece um sonho.

Vanessa sorriu.

– Né?

Adri abraçou a cintura de Van com um braço só, plantou um beijo na têmpora dela e sussurrou alguma coisa em seu ouvido. Vanessa relaxou, e Stevie sentiu a necessidade súbita de também tocar em Iris, de ficar mais junto dela.

Não. Nem ferrando ia entrar numa batalha de demonstrações públicas de afeto. Além disso, foi Adri quem quis a separação primeiro; Stevie não conseguiria deixá-la com ciúmes nem se quisesse.

– Que interessante – comentou Iris baixinho.

– O quê? – perguntou Stevie.

Mas Iris se limitou a olhar para ela por um segundo e depois balançou a cabeça. Antes que Stevie pudesse questioná-la de novo, Van as chamou.

– Vem, gente – disse ela, acenando.

Entrar na casa dos Riveros era sempre um lembrete gritante de que não, gente rica não era igual a todo mundo. Nem de longe. O andar de baixo era um espaço amplo e aberto, com o piso de mármore da cozinha dando lugar

a lindas tábuas de madeira bruta nos espaços de convivência. A sala de estar era enorme – havia assentos suficientes para vinte pessoas, no mínimo –, exibindo um gigantesco sofá modular branco como peça central e poltronas azuis e cinza-claro espalhadas por toda parte. Almofadas em tons oceânicos de verde-claro, azul-marinho e turquesa completavam a atmosfera de retiro litorâneo. A parede dos fundos não era uma parede, mas janelas que iam do chão ao teto com uma porta de correr que dava para o deque dos fundos. A piscina infinita reluzia verde-mar ao sol, e pouco além dela ondulava o oceano Pacífico.

– Caramba – disse Iris.

– Você já disse isso – comentou Stevie.

– E vou dizer de novo: caramba. O que os pais da Vanessa fazem mesmo?

– São herdeiros – sussurrou Stevie. – Os tataravós da Van imigraram da Colômbia e abriram uma pequena vinícola no norte da Califórnia que fez o maior sucesso. Mas, além disso, a mãe e o pai dela são agentes importantes na William Morris Endeavor.

– Ah. Galera de Hollywood.

– Aham.

Stevie respirou fundo, inalando o cheiro conhecido de protetor solar e produtos de limpeza naturais e caros. A última vez em que estivera ali fora um ano antes de ela e Adri terminarem, mas as fissuras já estavam lá, pequenas rachaduras denunciando que o tempo estava acabando porque o amor já chegara ao fim. Mas, no retiro, foi como se tudo desaparecesse. Stevie e Adri até transaram naquela última viagem – provavelmente pela última vez antes de terminarem. Um emaranhado desvairado de braços e pernas no chuveiro, alimentado por muito sol e comida deliciosa, e pela droga inebriante de trabalhar numa peça juntas, que sempre funcionou como um estimulante na vida sexual delas.

Stevie afastou as lembranças. Na frente delas, Vanessa se virou e sorriu.

– Separei o melhor quarto pra vocês.

– Ah – respondeu Stevie. – Não precisava...

– Na verdade, amor – disse Adri –, tive que transferir elas pra Suíte

Jasmim.

Vanessa franziu a testa.

– Por quê?

Adri tomou um gole da bebida.

– Satchi e Nina queriam muito ficar na Suíte Jacinto. E estão namorando há mais tempo.

– Quando é que te disseram isso? – perguntou Van.

– Mandaram uma mensagem pra mim quando perguntei sobre os quartos. Você sabe que elas sempre adoraram aquela suíte, e eu...

– Tá ótimo – disse Iris, fazendo um gesto de desdém. – Vamos gostar de qualquer quarto. Na boa, eu dormiria até no deque dos fundos.

– É – concordou Stevie, sentindo a palma da mão suar na de Iris.

Nunca tinha visto Van e Adri trocarem falas atravessadas. Mas, na verdade, não importava para ela em que quarto ficariam. Nunca conseguiu guardar na cabeça os nomes que os Riveros davam aos dez quartos da casa, mas não existia nem um único quarto ruim naquele lugar.

– Tá ótimo.

– Que bom – disse Adri. – Eu levo vocês.

Vanessa olhou para ela, aturdida.

– Vou lá preparar uns drinques.

Então Van deu as costas e entrou depressa na cozinha colossal antes que Stevie pudesse agradecer.

Stevie e Iris subiram com Adri a escada flutuante carregando as malas e seguiram por um corredor aberto até um quarto no final. Adri abriu a porta e uma luz forte saiu de lá.

– É aqui – disse ela, gesticulando para que passassem na sua frente.

Stevie entrou num espaço encantador. Todos os quartos ficavam nos fundos da casa, então todos tinham acesso a uma varanda e vista para o mar; a roupa de cama era branca, enfeitada com almofadas coloridas que combinavam com as do andar de baixo; o banheiro da suíte ostentava um belo revestimento de pastilhas e um enorme box de vidro.

– Ah! – exclamou Iris, assentindo com a cabeça enquanto olhava em volta.

– Que foi? – perguntou Stevie.

Iris ergueu as sobrancelhas, mas se virou para Adri.

– Obrigada, é sensacional.

Adri sorriu.

– Vou deixar vocês se acomodarem.

Então, ela deu as costas, afagando o ombro de Stevie ao sair.

– Nossa – disse Iris assim que ouviram os passos dela descendo a escada.

– Que foi? – perguntou Stevie. – O que tem de “nossa”?

– Quem são Nina e Satchi?

– Trabalham no Imperatriz. Vão interpretar Dom Pedro e Dom João. Se juntaram há uns cinco anos, acho.

Iris riu e empurrou a mala em direção à cômoda de madeira bruta.

– Tá.

– Que foi?

– Sério? Você não percebeu?

– Não percebi o quê?

Iris gesticulou indicando o quarto. Stevie ficou olhando para ela.

– Adri mudar nosso quarto na última hora? – disse Iris. – E pôr a gente aqui?

– Bom, imaginei mesmo que iam colocar a gente num quarto juntas. Se você tiver razão e a Adri acreditar mesmo que a gente tá namorando, então é claro que...

– Pois é. Só que esse quarto é para *amigas*. Não amantes.

– Do que você está falan...

Mas então Stevie percebeu.

Camas.

Duas camas.

Eram camas de solteiro. Arrumadas com todo o requinte, é claro, mas sim, sem dúvida, era um quarto para duas pessoas que não dormiam juntas.

O pânico subiu pela garganta de Stevie.

– Saco – murmurou, já respirando mais depressa. – Ela sabe, né? Sabe que a gente tá fingindo, que droga, isso é tão humilhante, eu...

Mãos no rosto dela. Macias e carinhosas, com o aroma de gengibre e

bergamota tomando conta. Stevie se acalmou na mesma hora, mais pelo choque com a proximidade de Iris do que por qualquer outra coisa.

– Não – afirmou ela. – Stevie, acho que ela não sabe.

– Ainda acha isso?

– Ainda. – Iris inclinou a cabeça, passando os polegares pelas bochechas de Stevie. – Você é uma fofura, sabia?

Stevie ficou olhando para ela. Iris a olhou também. Foi como passar uma vida inteira... só olhando.

E nada daquilo parecia falso.

– Então, por que ficamos com duas camas? – perguntou Stevie.

Iris abriu um sorriso leve.

– Pois é: por quê?

– Tô confusa.

Iris riu e se afastou, indo até a mala e colocando-a em cima de uma das camas.

– Você vai descobrir. Enquanto isso, vou pôr meu biquíni mais sexy e entrar na piscina o mais depressa possível.

Ela olhou de lado para Stevie, erguendo as sobrancelhas numa pergunta. Stevie, porém, não sabia a resposta. Só sabia que não tinha certeza de que conseguiria encarar um biquíni mais sexy do que aquele que viu Iris usar no Belmont.

– Vem comigo? – perguntou Iris.

– Hã...

– Não é uma pergunta.

– Certo. Tá. Vamos.

– Você trouxe uma roupa de banho nova, né?

– Trouxe, sim.

– É sexy? Tem que ser sexy, Stevie.

Stevie riu. Não conseguiu evitar. O tom de Iris era ao mesmo tempo provocante e firme, e diante daquela mulher o sorriso era uma reação espontânea.

– Acho que vai servir – disse ela, e torceu para que Iris concordasse.



CAPÍTULO DEZESSETE

– SERVE? – PERGUNTOU STEVIE, passando as mãos pela barriga nua ao sair do banheiro.

Iris sorriu, tentando não deixar o queixo cair. A parte de cima do biquíni era preta e frente única, mas tinha um pouco de renda nas bordas. Estava com uma saída de praia tipo quimono com estampa azul e laranja, exibindo a misteriosa tatuagem de coração. De alguma forma, o visual era feminino e ao mesmo tempo neutro, e lhe caía muito bem. Muito bem mesmo.

– É, tá... tá perfeito – respondeu Iris. – E eu?

Ela abriu os braços, revelando o que sabia ser um biquíni verde de arrasar. A parte de cima era no estilo cortininha, com tiras por toda parte. Mal cobria a bunda, o que era metade do apelo, ainda mais porque estava claro que a intenção dela ia um pouco além de um simples esquema de namoro falso.

É verdade que tocar adiante um namoro de mentira não era exatamente simples, mas não se tratava mais de apenas livrar a cara de Stevie diante da turma e garantir que a produção da peça fluísse bem.

Tratava-se de *ciúme*.

Iris não conseguia acreditar que Stevie não estava percebendo: os olhares, as alfinetadas em Van, a mudança de quarto.

Adri estava morrendo de ciúme.

Iris desconfiou disso quando ela e Stevie a encontraram no Tinhosa na semana anterior, mas depois teve certeza. E não sabia ao certo o que sentia a respeito, nem como Stevie se sentiria quando descobrisse o verdadeiro sentimento da ex. Não queria comentar isso, porque talvez tivesse entendido mal a situação e não queria causar a Stevie mais ansiedade do que precisava. Ela não conhecia Adri. Mal conhecia Stevie. Caramba, talvez fosse tudo uma grande trama cósmica para as ex-namoradas reatarem.

As duas passaram seis anos juntas. Iris nunca teve nada que durasse seis anos. Talvez uma planta. Tinha mão boa para suculentas. Até sua empresa, por mais bem-sucedida que fosse, só existia havia cerca de cinco anos quando ela conseguiu se estabelecer e obter lucro. Então, talvez Iris estivesse só preparando o caminho para uma reconciliação.

E tudo bem.

Iris olhou para Stevie, que estava de boca entreaberta enquanto percorria as curvas de Iris com o olhar até voltar ao rosto dela. Stevie engoliu em seco, e arrepios irromperam por todo o corpo de Iris só porque ela a observava.

Iris pressionou as coxas uma na outra.

Pratique, disse a si mesma. *Finja*. Não queriam misturar as coisas dando ouvidos ao tesão, mesmo que esse tesão não indicasse nada além de uma libido ativa.

– É – disse Stevie, desviando o olhar. – Serve, sim.

Iris sorriu.

– Então bora lá arrasar.



Iris tinha certeza de que nunca estivera em nenhum lugar que pudesse descrever como o paraíso.

Até aquele momento.

Passaram a tarde nadando na piscina infinita, que cintilava como uma fonte da juventude, com o Pacífico se chocando com a praia abaixo. Iris não passou nem um minuto sem uma bebida na mão, primeiro as mimosas acompanhando o almoço de frutas, queijo e biscoitos sofisticados à beira da piscina, depois aperol spritzes à tarde. Também bebeu litros de água: era melhor não ficar bêbada demais para não dar com a língua nos dentes.

Usou esse tempo para observar Adri, descobrindo que ela tinha uma pequena tatuagem de coração na base do pescoço igual à de Stevie. Informação relevante. Além disso, a mulher era linda, inteligente e não tirava as mãos de Vanessa. Um beijo aqui, uma pegadinha na cintura ali. Mas os olhos seguiam Stevie, e pelo jeito Iris não foi a única a perceber isso.

Mais de uma vez, notou que Ren, amiga chique que foi com Stevie ao Lush e ajudava a criar os figurinos do Imperatriz, também estava vigiando Adri. Vanessa pareceu não notar, ou, se notou, não demonstrou. Stevie também não fazia ideia, ou assim parecia. Iris fez questão de ficar perto dela. Não queria agarrá-la – lhe pareceria um gesto meio pervertido, para dizer a verdade –, então deixou que Stevie tomasse a iniciativa em termos de contato físico.

O que não foi grande coisa. Stevie bebeu club soda com limão, riu com a galera e com Iris, teve uma conversa séria com Adri enquanto estavam na banheira de hidromassagem a respeito de como fazer Benedito ser mais um babaca arrogante do que um babaca arrogante e misógino. Falaram dos outros papéis, sobre os Dons que seriam interpretados por mulheres, sobre os dois gays – um deles trans – que fariam os papéis de Hero e Cláudio, e dos ajustes que Adri fez no texto para acomodar toda a glória queer, que incluía os pronomes elu/delu para a pessoa agênero que interpretaria Leonato. Enquanto isso, Iris ficou sentada ao lado de Stevie, esperando que ela passasse o braço pelos seus ombros, roçasse em seu joelho ou beijasse sua bochecha, alguma coisa que exibisse sua união diante de Adri.

Mas Stevie não fez nada disso.

E tudo bem. Aquele era o show dela; Iris estava ali apenas para apoiá-la.

Ainda assim, depois que todo mundo tomou banho e se vestiu para

jantar, ficou de mau humor. Devia ser o excesso de sol e álcool, e ela estava faminta. Aquele queijo não durou muito tempo no estômago, e, quando estava com fome, ela era sem dúvida o tipo de pessoa que tendiam a evitar – ou alimentar imediatamente.

Sentou-se à ampla mesa de madeira bruta e agradeceu a todas as divindades por já haver uma cesta de pães ali. Velas foram colocadas ao longo do aparador, e um lustre ramificado moderno brilhava acima delas. Iris arrancou um pedaço do pão integral quentinho enquanto Vanessa chegava da cozinha com um prato gigantesco de lasanha, seguida por Adri com uma tigela cheia de salada verde.

– O jantar de hoje é simples – anunciou Vanessa. – Tomara que vocês gostem.

– Tá perfeito – respondeu Iris, aceitando uma taça de vinho tinto de Ren.

– Então, Iris – disse Adri depois que todas as pessoas foram servidas e estavam comendo. – O que você faz quando não está tomando de assalto o mundo do teatro comunitário?

Iris sorriu.

– Sou escritora de livros românticos. E tenho uma linha de planners digitais que vendo on-line, a Desejos de Papel.

– Uma mulher de muitos talentos – disse Vanessa. – Será que a gente conhece os seus livros?

– Stevie adora romance – comentou Adri, de olho em Stevie.

– Eu sei – respondeu Iris e, caramba, não resistiu à vontade de pegar a mão livre de Stevie e depois se inclinar para beijar o rosto dela.

Stevie riu baixinho, fitando por um breve instante os olhos de Iris antes de tirar a mão.

– E não, Vanessa, vocês provavelmente ainda não conhecem meus livros – disse Iris, dividindo outro pedaço de pão ao meio.

– Não fazem sucesso? – perguntou Adri.

– Amor! – censurou Vanessa.

– Quê?

– Sutil como sempre, Adri – comentou Ren.

Stevie pigarreou, mas não disse nada.

– Ainda não publiquei – explicou Iris, de olhos fixos em Adri. – Mas assinei o contrato, e meu primeiro livro sai em outubro.

– Ah, que emoção! – exclamou Van. – Parabéns!

Iris ergueu a taça para ela como num brinde.

– Espero vocês na festa de lançamento em Bright Falls.

Adri olhou de relance para Stevie e depois de novo para Iris.

– Se em outubro você ainda quiser a gente lá, vamos, sim.

O silêncio se derramou sobre a mesa; a insinuação de Adri foi como um dedo extinguindo a chama de uma vela. Iris estava tentando descobrir como interpretar seu papel naquela situação; afinal, Adri era sua diretora, e aparentemente planejava interagir com Iris sempre naquela passivo-agressividade. Iris tinha acabado de decidir que era melhor mudar de assunto quando Adri prosseguiu.

– Sabe, a Stevie é especial – disse ela.

– Adri... – começou Stevie.

– O quê? Você é, sim. É uma atriz talentosa, mas é sensível. Só quero ter certeza de que a Iris sabe disso.

– Eu mesma posso explicar pra ela que sou sensível.

– Pode mesmo?

– Adri, o que você tá fazendo? – perguntou Vanessa, que estava de sobrancelhas franzidas e os olhos cintilando úmidos à luz fraca.

Adri suspirou e largou o garfo no prato.

– Estou cuidando da nossa amiga. Isso é crime?

– Stevie sabe se cuidar sozinha – afirmou Ren.

– Só que pra Stevie isso é difícil, Ren. Sempre foi. Você sabe disso. E me desculpem, estou feliz porque ela está com alguém, e Iris, você parece ser uma pessoa maravilhosa, sério, mas não é exatamente delicada. Pelo menos, pelo que eu vi. Só estou cuidando dela. Stevie é...

– A Stevie tá *bem aqui*, caramba.

A voz de Stevie interrompeu o solilóquio de Adri. Ela encarou a ex, mas não com despeito, como Iris esperava – como Iris meio que *queria*, para dizer a verdade –, e sim com espanto.

– Com licença – disse Stevie, e se levantou da mesa, saindo pela porta dos fundos rumo à praia.

Iris pegou sua taça e tomou um gole, olhando feio para Adri de modo que todo mundo visse. Dane-se que ela fosse essencialmente a chefe dela na peça. De qualquer jeito, era tarde demais para substituí-la como Beatriz.

– Bom, alguém vai querer sobremesa? – perguntou Ren.

Vanessa jogou o guardanapo no prato e se levantou, depois saiu pelo corredor sem dizer nem mais uma palavra a ninguém.

– Caramba, hein, Adri – disse Ren.

– Ah, não enche, Ren. Você não tem ideia do que é passar seis anos com alguém. O cuidado e a preocupação com a pessoa não somem de uma hora pra outra, tá?

– Pareceu sumir rapidinho quando você começou a transar com a Van dois meses depois de terminar com a Stevie.

Adri franziu os lábios, e um músculo ficou tenso em sua mandíbula. Por fim, também se levantou e saiu pela porta dos fundos exatamente como Stevie tinha feito.

Iris ficou ali, com o coração palpitando mais do que gostaria de admitir. Não era de recuar diante de conflitos, mas aquilo... ela não sabia bem que papel desempenhava ali, entre aquele grupo de pessoas que se conheciam havia uma década. Não sabia se deveria ir atrás de Stevie ou dar tempo para ela esfriar a cabeça, porque a verdade era que nem a conhecia direito.

Ren esfregou a mão no rosto e, em seguida, levantou a taça num brinde.

– Bem-vinda à família, Iris.



CAPÍTULO DEZOITO

QUANDO ESTAVA EM PORTLAND, Stevie sempre esquecia quanto adorava o mar. A vastidão. Passava a vida lutando contra emoções e pensamentos colossais, empenhando-se o tempo todo em evitar transbordar. Mas ali, em frente ao Pacífico, ao entardecer, sem nada à sua volta a não ser a água, as rochas e o céu, lembrava-se de como era pequena e insignificante no projeto do universo.

Era um bom lembrete, dava uma perspectiva saudável e coisa e tal, ainda mais quando se sentou na areia com as lágrimas escorrendo livremente pelo rosto. Mal começara a vertê-las, sentindo o peito se abrir de alívio, quando percebeu uma sombra à direita. Enxugando o rosto, olhou para lá, esperando ver uma ruiva vindo em sua direção, mas em vez disso viu a ex.

O coração fez uma coisa estranha dentro do peito: deu um salto, uma sacudida, ela não sabia ao certo e não tinha ideia do que significava. Voltou a olhar para o oceano, concentrada em toda aquela força, todo aquele mistério.

Adri não se deixou intimidar pelo silêncio de Stevie, é claro. Acomodou-

se ao lado dela, e por um instante a familiaridade soterrou Stevie: o aroma de água de rosas de Adri, o som conhecido do suspiro que escapou da garganta dela, a forma como encostou o ombro no seu. Aquele toque era como uma impressão digital; ela reconheceria Adri de olhos vendados.

– Desculpa – disse ela.

– Desculpa, é? – perguntou Stevie, ainda sem olhar para ela.

Oceano. Água. Ondas.

– É. Desculpa.

– Pelo quê, exatamente?

Adri demorou a responder, mas era uma pergunta justa. Ela abraçou os joelhos e se inclinou um pouco para a frente, e o vento jogou seus cabelos para o céu, a luz mortiça da tarde escurecendo os fios verdes.

– Por ter sido babaca com a Iris? – disse Adri por fim.

– Está em dúvida? Porque você foi babaca com a Iris, sim. E está sendo desde o teste para a peça.

Adri assentiu.

– É. Desculpa por ser babaca com a Iris.

– Tá. É um começo.

Adri suspirou e balançou a cabeça.

– Olha, acho que eu não estava muito preparada pra isso.

– Você ofereceu o papel pra Iris. Sabia que ela estaria aqui.

– Não é por ela estar *aqui*. É por ela estar com *você*.

Stevie sentiu as palavras como um golpe no peito. Devia ter ouvido errado. Adri estava com Vanessa. Vanessa, que era amável, inteligente e linda, e não era puro caos o tempo todo. Foi Adri quem começou toda aquela conversa que levou ao término das duas, que tocou no assunto numa noite de janeiro, na cama, depois que já tinham escovado os dentes, apagado as luzes e dito boa-noite.

Acho que a gente precisa conversar sobre terminar.

Foi o que Adri disse, as palavras exatas, e Stevie as sentiu como uma bomba que finalmente detonava, uma bomba que ela já via cair do céu meses antes. É claro que Stevie concordou – ela sempre concordava com Adri, com todo mundo –, e, depois que sua parceira diz uma coisa dessas,

tão definitiva e devastadora, não há mesmo como voltar atrás.

Então, terminaram.

E Stevie passou meses perdida, imaginando se um dia teria arranjado coragem para terminar com Adri se ela não tivesse falado primeiro, o que a jogou num redemoinho de pena e ódio de si mesma que quase a paralisou até muito recentemente.

Stevie sabia que aquele relacionamento não tinha o que ela queria, e também não tinha o que Adri queria, mas, ao mesmo tempo, ansiava por familiaridade.

Por segurança.

E viver com Adri tinha lhe trazido muita segurança. Mesmo ali, na praia, aquela segurança era como o olho do furacão: aberto e sereno. Sem noites com desconhecidas, vômito nervoso nem aulas de sexo.

Sem uma ruiva desenfreada que fazia Stevie...

Ela fechou os olhos com força, detendo o próprio pensamento. Não se tratava de Iris. No fundo, não era isso. Não podia ser. Seu relacionamento com ela nem era de verdade.

– Foi você quem quis assim – disse Stevie por fim. – Foi você quem deixou as coisas assim. Você tá com a Van. Tá morando com ela.

– Eu sei. E eu... Não tô dizendo que... saco. – Adri esfregou a testa e passou os dedos por entre os cabelos ondulados.

– O quê? Não tá dizendo o quê?

Adri baixou as mãos.

– Não tô dizendo que quero voltar com você, tá?

Stevie balançou a cabeça.

– Adri, essa conversa tá fazendo eu me sentir um lixo.

– Desculpa. Saco. – Ela se virou para encarar Stevie e pegou uma de suas mãos entre as dela. – Não é essa a minha intenção. Sério. É que eu... Olha, a gente passou muito tempo juntas. Isso não acaba do nada, né?

Stevie sentiu um nó na garganta; um nó muito apertado, mas conseguiu responder numa voz rouca:

– Não.

– E sinto saudade de você. Sinto mesmo.

Lágrimas tomaram conta dos olhos de Stevie.

– Porra, Adri.

– Pois é.

– Você tá com a Van – repetiu Stevie.

– E você com a Iris.

Stevie engoliu em seco.

– Isso mesmo.

Adri se aproximou e apoiou o queixo no ombro de Stevie. Estava tão perto. Era tão... familiar.

– Viu? – disse Adri baixinho. – Várias coisas podem ser verdade ao mesmo tempo.

Stevie encostou a cabeça na de Adri; foi muito fácil, muito normal, ainda que sua mente fluísse como o vento do oceano.

– Eu me preocupo com você – disse Adri depois de um tempo. – Não quero que se machuque. E a Iris parece ser muito intensa.

– E daí? Quer que eu termine com ela? Por acaso *você* vai terminar com a Van?

Adri não respondeu. Stevie nem sabia ao certo o que queria ouvir; ela amava Vanessa e não queria voltar com Adri, mas, nossa, precisava admitir que a ideia era inebriante. Acomodar-se numa situação que já conhecia, que já entendia, mesmo que fosse um tanto sem graça em comparação com as grandes histórias de amor.

Mas talvez Iris tivesse razão.

Talvez aquelas histórias fossem apenas isto: histórias. Mitos que a humanidade tecia para entremear a esperança ao caos sem sentido da vida.

Ainda assim, a esperança de um grande amor estava lá, atizada na forma de uma chama ainda mais forte desde que ela e Adri se separaram, e Stevie achava que não poderia ignorá-la.

E achava que Adri também não queria ignorá-la.

Stevie recuou um pouco para encarar a ex.

– Você não vai terminar com ela.

Não era uma pergunta.

Adri fechou os dentes sobre o lábio inferior e balançou a cabeça.

– Eu amo a Van. Amo mesmo. Mas também amo você.

Uma nitidez reluziu à beira dos pensamentos de Stevie, um vislumbre de luz em meio à tempestade. A atitude de Adri com Iris. O fato de que não parava de agarrar Vanessa na piscina. E aquela conversa ali, que era como tentáculos se estendendo para puxar Stevie de volta ao lugar, de volta para Adri.

As lágrimas afloraram e escorreram pelo rosto de Stevie, mas ela se esforçou para se levantar. Sabia o que precisava dizer; precisava pedir que Adri parasse, que a libertasse, mas não conseguia juntar as palavras na cabeça. Elas se revolviam numa mistura de coisas que Stevie sabia serem verdadeiras e coisas que a aterrorizavam, aquela clareza ainda pairando além do alcance. Mas sabia que não podia ficar ali, e isso, pelo menos, era mais fácil de expressar.

– Preciso ir.

– Stevie...

Mas Stevie não parou de andar, e o vento e as ondas engoliram o que quer que Adri pretendesse dizer para detê-la.



CAPÍTULO DEZENOVE

IRIS VIU STEVIE ENCOSTAR A CABEÇA NA DE ADRI.

Não pretendia espiar. Tinha ido para o quarto pegar um prendedor de cabelo para ir à praia procurar Stevie. Enquanto prendia o cabelo ainda úmido num rabo de cavalo baixo, saiu para a varanda, olhando para a esquerda e a direita para descobrir aonde ir.

E lá estava ela, sentada na areia, olhando para as ondas, uma silhueta minúscula a alguns metros dali, na praia. Mas, bem quando estava prestes a se virar, descer as escadas e sair, Iris viu Adri.

Viu Adri se sentar ao lado de Stevie; se aproximar mais dela; apoiar o queixo no ombro dela.

Por Iris, tudo bem.

O que quer que estivesse acontecendo entre as duas, era complicado. Iris sabia que não tinha a ver com ela; eram seis anos de emoções e união, e para ela não havia como entender de fato o que era aquilo.

Não havia como competir com aquilo.

Não que estivesse tentando. Estava lá para ajudar Stevie e para participar

de uma peça em que ela mesma queria estar.

Depois que voltou para dentro e fechou a porta de correr da varanda, decidiu se concentrar em Beatriz. Lavou o rosto e, em seguida, acomodou-se na pequeníssima cama de solteiro e tentou ler o texto revisado que Adri entregara antes do jantar. Mas não conseguiu se concentrar. Não parava de ver Stevie, pensar em Stevie, se preocupar com Stevie. Por fim, deixou o texto de lado e pegou seu iPad, abrindo uma pasta chamada “S&I”.

Na semana anterior, desenhara muito. Também havia escrito muito, vendo seu romance finalmente ganhar certa forma, o que bastou para ela respirar um pouco melhor quando pensava no prazo de entrega. Mas também tinha muitas ilustrações: uma cena de Iris acomodando Stevie na cama na noite em que se conheceram, a surpresa de se encontrarem no Imperatriz, a conversa nos bastidores. O Clube Belmont. As expressões incrédulas de sua turma quando ela apresentou Stevie.

As aulas naquela noite.

Estava prestes a abrir o arquivo, o dedo pairando na tela, a mente já recriando as bocas unidas, a ponta dos dedos de Stevie descendo as alças do sutiã de Iris pelos braços.

Mas não fez isso.

Na verdade, não voltara a ver nenhuma das cenas que havia desenhado e não conseguia explicar o porquê. Criou um arquivo novo e começou a esboçar Stevie sentada na praia, sozinha, mais próxima do olhar do que Iris conseguia de fato ver. Desenhou os detalhes do cabelo, os cachos ao vento, o equilíbrio indeciso dos ombros. Estava entretida em acrescentar detalhes ao oceano crepuscular quando a porta do quarto se abriu, revelando Stevie.

Para falar a verdade, não esperava que Stevie voltasse para o quarto aquela noite, mas, ao vê-la ali, não conseguiu conter a explosão de... *alguma coisa* no peito.

Alívio?

Confusão?

Talvez as duas coisas.

Iris se deixou suspirar, dizendo a si mesma que estava feliz por saber que Stevie estava em segurança.

– Oi – disse ela, clicando no iPad para escurecer a tela e endireitando-se na cama enquanto Stevie fechava a porta. – Você tá bem?

Stevie olhou para ela. Olhou *de verdade*. O cabelo dela estava uma bagunça, emaranhado e frisado de umidade, as bochechas estavam avermelhadas. Stevie não usava maquiagem, então não havia rastros de rímel, mas Iris percebeu que ela tinha chorado.

– O que aconteceu? – perguntou Iris.

Stevie balançou a cabeça e foi se sentar na beirada da cama de Iris, que dobrou as pernas para abrir espaço.

– Nada – respondeu Stevie.

A respiração dela estava acelerada e os dedos tremiam.

– Olha. – Iris estendeu a mão e entrelaçou os dedos aos dela por impulso. – Tá tudo bem. Respira fundo.

– Eu tô bem. – Stevie tirou a mão. – Tô legal. Sério. Será que a gente pode fazer uma aula?

As palavras dela chegavam depressa; tanto que Iris levou um instante para entendê-las.

– Uma aula – repetiu ela.

Stevie fez que sim. Lágrimas cintilavam em seus olhos.

– Tô precisando.

– Agora?

– É, agora mesmo.

Iris recuou.

– Tá bom, o que tá acontecendo?

Stevie esfregou os olhos.

– Nada. Tudo. Sei lá. Só sei que preciso seguir em frente. Tenho que seguir em frente agora e, se eu não descobrir como estar com outra pessoa, vou... Eu e a Adri vamos...

As lágrimas se derramaram, e Iris se aproximou dela.

– Olha. Espera só um instante.

– Não.

Stevie se levantou, cruzou os braços, e todo o corpo dela vibrava de... de quê? Iris não sabia. Energia, sem dúvida, mas havia algo mais. Parecia

pânico.

Iris empurrou o lençol que a cobria e também ficou de pé.

– Stevie. Vamos devagar.

– Não preciso ir devagar, Iris. Se for devagar, começo a pensar, e se eu pensar, nunca vou seguir em frente. Vou me convencer a desistir, do mesmo jeito que me convenço a desistir de tudo que me dá medo, e aí vou ficar paralisada. Ou pior, vou voltar pra alguém que nem quer ficar comigo de verdade porque... nem sei por quê. Porque é fácil, porque é seguro.

Ela se aproximou de Iris, passando as mãos pelos braços dela.

– Qual é a minha próxima lição? Amanhã a gente pode fazer alguma coisa super-romântica, tá? Mas será que hoje... a gente pode...

Ela não terminou a frase, e Iris se aproximou para pegar as mãos dela, entrelaçando os dedos. Encarou Stevie, que sustentou o olhar, e, caramba, quis poder dar a Stevie o que ela achava que queria.

Mas não podia.

Quer fossem aulas, quer fosse uma preparação, terapia de exposição ou qualquer nome que escolhessem, ainda era uma experiência *física*, a junção de corpos; era impossível separá-los por inteiro da mente, e Iris não podia levar aquilo adiante com Stevie tremendo daquele jeito. Não podia fazer nada vendo a marca das lágrimas no rosto dela.

– Stevie – disse com delicadeza, puxando as mãos dela. – Vem sentar comigo.

Stevie balançou a cabeça, negando, e não se mexeu.

– Iris, por favor.

Iris suspirou.

– A gente não vai ter aula hoje. Desculpa, mas assim não tem como.

A expressão de Stevie murchou, e ela soltou as mãos.

– Assim como?

– Com você desse jeito, chateada. Vamos conversar, tá? Ou dormir. O dia foi longo, e acho que você precisa...

– Vai se ferrar você também! – disse Stevie num tom ríspido.

– Eu também o quê? – perguntou Iris.

– Mais uma pessoa me dizendo o que fazer e o que é melhor pra mim.

Porque a Stevie sozinha não presta pra nada, né?

– Quê? – Iris tentou pegar a mão de Stevie, mas ela recuou. – Não, não é isso...

– Deixa pra lá – resmungou Stevie, puxando a mala para a outra cama e abrindo o zíper.

– Stevie, peraí. Fala comigo.

Mas Stevie não respondeu. Limitou-se a pegar a nécessaire e entrar no banheiro. Alguns minutos depois, Iris a ouviu ligar o chuveiro e ficou ali, no meio de um quarto em Malibu, se perguntando se ela e sua namorada de mentira tinham acabado de terminar.



Iris não conseguia dormir.

Em geral, dormia como um bebê; nada lhe tirava o sono, nada fazia seu coração e sua mente se debaterem noite adentro. Mas naquele momento sentia muito calor, e, cinco minutos depois de chutar o lençol longe, o ventilador de teto lhe dava arrepios.

Não parecia ser a única a ter essa dificuldade, já que Stevie também não parava de se remexer na cama, deitando-se de barriga para cima e encarando o nada, depois de lado, de costas para Iris.

Bem depois da meia-noite, Iris ainda estava acordada para ver Stevie se sentar e respirar fundo, trêmula. Não se mexeu; continuou deitada de lado, olhando Stevie brincar com uma linha solta no lençol na escuridão do luar, ouvindo a canção de ninar do oceano entrar pela porta aberta da varanda.

Finalmente, Stevie se voltou para Iris.

As duas se olharam, e Iris arfou de susto. Stevie parecia arrasada; pequena, assustada e exausta. Iris nem parou para pensar no que estava fazendo quando se apoiou no cotovelo, empurrou o lençol de vez e se deslocou para a esquerda, pondo a mão no espaço que abriu na cama apertada.

Stevie acompanhou seus movimentos, hesitando por apenas um

instante. Levantou-se, usando uma regata fininha e short preto com cós de arco-íris, e foi se deitar ao lado de Iris.

Acomodou-se num instante, virada de lado, com as mãos debaixo da cabeça, de costas para Iris, que esperou um instante, apenas para ter certeza de que Stevie queria mesmo estar lá, antes de cobrir as duas com o lençol.

Iris se acomodou no colchão devagar, encostando a testa de maneira inevitável nas costas de Stevie. Stevie estava quente, com a respiração calma e uniforme, e cheirava a mar, sol e sal, e algo mais único e próprio dela.

– Posso? – perguntou Iris num sussurro enquanto abraçava Stevie; não havia mais onde pôr os braços.

– Pode.

Iris apoiou a cabeça no travesseiro, mas Stevie chegou para trás, encaixando-se ainda mais nela. Nem foi um gesto sensual, foi apenas... proximidade.

Intimidade.

Por um momento, Iris prendeu a respiração, tentando descobrir o que fazer com o tronco e as pernas. Ela não fazia aquilo havia muito tempo: ficar abraçada a alguém. Desde o término com Grant. Com Jillian, apesar das muitas vezes em que se encontraram, nunca teve esse tipo de relacionamento. A relação se resumia a bons jantares e ótimo sexo, seguido de Jillian declarando ter uma reunião bem cedo em Portland enquanto calçava os sapatos de 500 dólares. E os casinhos de Iris nos últimos tempos... bom, nunca deixava que chegassem àquele ponto, dando o fora dez minutos depois do orgasmo.

Não sabia nem se lembrava *como* abraçar, mas, à medida que Stevie parecia afundar junto dela, viu-se fazendo a mesma coisa, o corpo agindo e reagindo por conta própria. Aconchegou o rosto no cabelo de Stevie, alojando os joelhos atrás das pernas dela numa conchinha perfeita. Stevie entrelaçou as mãos às dela, e ambas expiraram juntas, como numa canção ou numa dança – Iris não sabia ao certo.

Naquele momento, não sabia de muitas coisas.

Mas logo isso não importou mais, porque a respiração de Stevie estava profunda e uniforme, e Iris sentiu as pálpebras pesarem enquanto o ritmo e

o calor de Stevie a embalavam num sono tranquilo.



CAPÍTULO VINTE

STEVIE ACORDOU ANTES DE IRIS. Demorou um momento para lembrar que lugar era aquele e por que estava lá. Ficou parada, não ousando se mexer nem se permitindo virar para o outro lado e fazer alguma coisa patética, como olhar para Iris enquanto ela dormia.

Na noite anterior, só precisara de um pouco de conforto. Só isso. Foi o desespero provocado pela confusão, pela raiva, pela exaustão.

Parte disso ainda perdurava, mas tudo tinha ficado mais nítido.

Adri estava mais nítida.

Uma de suas melhores amigas, sua primeira e única amante, parceira por seis anos. Adri a amava. Stevie acreditava nisso. Adri estava acostumada a cuidar dela, ajudá-la a vivenciar o mundo, o relacionamento, a vida sexual das duas e até mesmo o teatro.

Stevie também estava acostumada a isso.

Entendia que as duas estavam tendo dificuldade para se desapegar, mas sabia que precisavam fazer isso. Fora do palco, Adri não tinha a menor confiança em Stevie; era óbvio. E talvez parte disso fosse culpa de Stevie, que

também não tinha muita confiança em si mesma, mas sabia que Ren tinha razão.

Stevie estava paralisada.

E, se não descobrisse como cuidar de si mesma e como fazer o que queria quando queria, ficaria exatamente onde estava para sempre.

Ao seu lado, Iris se mexeu, e Stevie virou o corpo por instinto.

Um grande erro...

Porque Iris Kelly ficava absolutamente linda de manhã.

Stevie imaginou que o próprio cabelo devia estar um ninho de rato depois de lavá-lo entre lágrimas na noite anterior e dormir em cima dos cachos meio molhados. Já Iris...

Iris reluzia à claridade da manhã que entrava pelas janelas, o cabelo num tom radiante de rubi, os olhos verde-mar àquela luz. Os cílios longos piscaram, pesados, depois se abriram por completo quando seu olhar encontrou Stevie.

– Oi – disse Iris, com uma voz adoravelmente confusa. – Conseguiu dormir?

– Consegui. – Stevie juntou as mãos debaixo da cabeça e ajeitou as pernas, mal tocando nos joelhos de Iris. – E você?

Iris fez que sim e bocejou, mas logo ficou com uma expressão séria, os olhos procurando os de Stevie.

– Desculpa por ontem.

Stevie balançou a cabeça, negando.

– Tudo bem. Me desculpa por agir feito uma pirralha.

– Não agiu, não.

– Acho que agi. E você tinha razão, eu estava pilhada demais pra... aprender alguma coisa.

Iris sorriu.

– É, bom, de que adianta ter aula se não der pra assimilar todo o meu amplo conhecimento, né?

– Pois é.

Stevie acompanhou as sardas no rosto de Iris. Tinha uma pinta azulada logo abaixo de um dos olhos.

– Me fala disso aqui – pediu Iris, que, com a ponta dos dedos, roçou a pequena tatuagem de coração no pescoço de Stevie.

– Ah. – Stevie também tocou o local, embora não sentisse mais nada ali depois de tantos anos. – Eu e a Adri fizemos juntas.

– Imaginei. Também reparei na dela.

– Fazia um ano que a gente tava namorando. Eu sempre quis uma assim, quer dizer, uma tatuagem, mas tinha medo de fazer sozinha, é óbvio.

Iris baixou um pouco as sobrancelhas, mas não disse nada.

– Enfim, foi meio que de improviso. A gente saiu na noite do nosso aniversário de namoro e passou por um estúdio de tatuagem. Adri sugeriu fazermos uma juntas. Eu concordei. E pronto. Na verdade, não foi nada muito sofisticado nem romântico.

Iris olhou de relance para a tatuagem, depois voltou para o rosto de Stevie.

– Acho que você é muito mais corajosa do que admite.

Stevie fechou os olhos por uma fração de segundo.

– Não sou, não. Mas obrigada por dizer isso.

– Stevie. Não tô puxando o seu saco por obrigação.

Stevie olhou para ela, aquela pinta azulada parecendo uma pequena faísca entre as sardas castanhas, e respondeu:

– Eu quero acreditar que isso seja verdade. Tô tentando.

– E tá indo superbem, tá bom?

Stevie fez que sim, sentindo o peito se abrir com as palavras de Iris. Não tinha percebido quanto precisava ouvir isso de alguém até aquele momento. Ainda assim, não bastava tentar: tinha que *agir*. Se não agisse, continuaria parada. Voltaria para os braços de Adri; a ex só precisava pedir. Não conseguia acreditar em quanto havia chegado perto de ceder àquele sentimento na noite anterior, à imagem de *Adri e Stevie*, ao fato concreto de ser parte de um casal de verdade. Se não fosse Vanessa pairando em sua mente e a declaração de Adri de que amava a namorada, Stevie sabia que não estaria naquela cama com Iris.

– Ainda quero continuar praticando – declarou ela. – Se você aceitar.

Iris mudou de posição, apoiando-se no cotovelo.

– Tem certeza? Você foi muito bem da última vez.

Stevie sentiu as bochechas esquentarem, o sangue correndo em direção à superfície, e apontou para si mesma.

– Olha isso. Não consigo nem pensar em estar com alguém sem ficar vermelha.

– Ficar vermelha não é crime, Stevie. Na verdade, é muito fofo.

– Talvez pra você. Mas você... nós... isso aqui não é de verdade. Você e eu. Aqui não existe risco, certo?

Iris engoliu em seco.

– Certo.

– Quando acontecer de verdade, não quero me atrapalhar toda, tremer e ofegar. Não quero ter que explicar pra alguém por que estou tremendo e ofegando. Meu Deus. Quero me sentir sexy. Quero *ser* sexy. Não tem nada de sexy num ataque de pânico.

– Tá bom – disse Iris. – O que você quer fazer?

Stevie riu e se deitou de barriga para cima, olhando para o teto.

– Não é você a professora?

– Sou, sim. E estou dizendo, do mesmo jeito que disse antes, pra você assumir o controle. É assim que vai se sentir sexy: assumindo o que quer e *tomando a iniciativa*. Então, manda bala.

Stevie olhou de lado para ela.

– Agora?

– Agora.

Elas se entreolharam por um instante; Iris abriu a boca só um pouquinho.

– Tem certeza? – perguntou Stevie.

Iris sorriu.

– Mais uma vez, você tem todo o meu consentimento.

Stevie assentiu, depois saiu debaixo dos lençóis e ficou de joelhos na cama. Respirou fundo algumas vezes. Olhou para Iris, que continuava apoiada no cotovelo, o lençol cobrindo seu corpo até as costelas.

– Deita – disse Stevie.

Iris fez o que ela dizia, afundando nos travesseiros. Por um momento,

Stevie a deixou se acomodar ali, e se acomodou também porque suas mãos já começavam a tremer. Mas então fechou os olhos e visualizou como seria... assumir o controle, do jeito que Iris disse. Formou a cena em sua mente, exatamente o que queria fazer com ela, como queria fazê-la se sentir, e não invocou uma personagem. Invocou a si mesma, Stevie Scott, mas uma Stevie Scott que fazia o que queria. Uma Stevie que sabia ser capaz.

Respirou mais uma vez, um pouco trêmula, estendeu a mão e puxou o lençol para baixo bem devagar, revelando o corpo de Iris centímetro a centímetro, a regata que vestia, um trecho da pele uniforme em volta do umbigo e então...

A roupa íntima.

Ela não estava de short nem de calça. Só uma calcinha tipo biquíni roxo-viva.

– Ih, desculpa – disse Iris, estremecendo. – Eu devia ter te avisado.

Stevie balançou a cabeça, esforçando-se para fitar de novo os olhos dela.

– Tudo bem.

– Mas foi bem sexy – elogiou Iris. – Isso de puxar o lençol devagar.

– É?

– Aham.

A boca de Stevie se curvou num sorrisinho. Seu pulso acelerou quando pensou no que deveria fazer a seguir, chocada de verdade ao perceber a resposta tão nítida na própria mente. Nem chegou a duvidar de si mesma ao colocar a mão na barriga de Iris, com delicadeza, e depois montar nela, passando a coxa por cima do quadril de Iris e sentando em cima dela. Iris arfou, mas não se mexeu. Não disse uma palavra.

– Tudo bem? – perguntou Stevie.

Ela se limitou a assentir, fitando os olhos de Stevie.

Stevie passou as mãos pelo corpo de Iris até as costelas, juntando os polegares no esterno. Iris estava sem sutiã, e seus mamilos já estavam enrijecidos, pressionando o algodão fino. Stevie pegou a barra da regata dela, levantando-a até fazê-la erguer os braços, e logo Iris estava sem camiseta, nua, de uma forma que fez Stevie ter vontade de gemer.

Ela não gemeu, mas *meu Deus do céu*. Iris era absolutamente

maravilhosa: os seios fartos, os mamilos rosados, os bicos endurecidos implorando pela boca de Stevie. Não sabia ao certo se isso seria passar do limite ou não, então se contentou em arrastar os dedos logo abaixo daquele lindo volume. Iris arqueou o corpo àquele toque, fechando os olhos.

– Aaah – murmurou Iris.

– Tudo bem? – perguntou Stevie, parando.

– Tudo – respondeu Iris, rindo. – Tudo mesmo. Você tá... indo superbem.

– Que bom.

Stevie levantou a própria camiseta, e Iris abriu os olhos de uma vez. Stevie a viu engolir em seco e sentiu as mãos dela pousarem em suas coxas.

Iris, porém, não a tocou em nenhum outro lugar, embora Stevie soubesse que os próprios mamilos estavam tão endurecidos e firmes quanto os dela. Não sabia se era inapropriado pedir que Iris a tocasse, já que era ela quem estava aprendendo.

Então, se concentrou em Iris, abaixando-se até encostar os seios nos dela, misturando a respiração acelerada das duas no espaço entre os corpos. Ela beijou Iris... uma vez... duas vezes... antes de colar os lábios nos dela, mergulhando a língua naquela boca. Iris reagiu com a mesma intensidade, deixando gemidinhos escaparem dos lábios. Colada a ela, Stevie sorriu. Dessa vez, os sons que Iris estava fazendo não a assustaram nem um pouco. Eram como música, suaves, leves e lindos.

Stevie tirou as mãos de Iris das próprias coxas e as esticou acima da cabeça dela, levantando um pouco o tronco para admirá-la. Ficava tão linda assim, contorcendo-se debaixo dela. Ficou esperando que o pânico começasse a inevitável ascensão. Sentiu, sim, um aperto no estômago, os dedos traindo um vago tremor, mas manteve a calma, e o pânico mal se anunciou.

Porque estava gostando daquilo.

Não, *adorando*.

O controle. A forma como fazia Iris suspirar e se retorcer. Era por causa *dela* que as pupilas de Iris estavam dilatadas. Por causa *dela*, Iris erguia e remexia o quadril, procurando contato.

E Stevie *queria* deixar que ela o encontrasse. Queria dar prazer a Iris; assim saberia que era capaz, que poderia dar prazer a alguém quando o relacionamento fosse de verdade.

Mas nada ali parecia falso quando Stevie deslizou de cima de Iris para o lado dela.

– Fica parada – pediu. – Com os braços acima da cabeça.

Iris obedeceu, virando um pouco a cabeça para encarar Stevie, que se inclinou para beijá-la, um puxão de lábios firme e rápido, o deslizar das línguas diferente de tudo que Stevie já havia sentido antes. Ela desceu a mão até a própria coxa e, em seguida, ergueu-a de novo entre as pernas de Iris, um toque levíssimo antes de pousar a mão entre os seios dela, pairando sobre um mamilo antes de visitar o outro.

Iris ofegou quando Stevie pegou um deles entre o polegar e o indicador, fechando os olhos com força. Stevie sorriu, roçando a ponta dos dedos pela barriga de Iris, seguindo as sardas até o umbigo e mais abaixo. Passou um dedo pela barra da calcinha, parando.

Nossa, como queria tocá-la.

Queria fazê-la gemer, fazê-la gozar.

– Posso? – perguntou Stevie num sussurro, respirando tão depressa quanto Iris.

Iris hesitou, observando Stevie em busca do que imaginou serem sinais de dúvida, mas ela tinha certeza daquilo.

Nunca tivera tanta certeza de algo na vida.

Finalmente, Iris fez que sim com a cabeça, acrescentando um “sim” sussurrado ao consentimento. Stevie encostou a boca no ombro dela, movendo os dedos sobre seu osso pélvico. Continuou pairando acima da calcinha, sem saber se tocar a pele de Iris seria demais para as duas, mas já percebia que ela estava encharcada. Sentiu a umidade enquanto levava os dedos até o sexo de Iris, fazendo círculos lentos por cima do algodão.

– Ah, meu Deus – disse Iris, arqueando as costas, jogando os quadris para o alto em busca de mais contato.

Stevie abriu a boca encostada no braço de Iris, passando a língua pela pele dela, mordiscando de leve enquanto os dedos exploravam, abrindo o

sexo dela por baixo da calcinha, levando mais umidade em direção ao clitóris.

– Aaah – murmurou Iris. – Stevie.

A respiração dela ficou ainda mais ruidosa, desesperada, e Stevie aplicou mais pressão, fazendo círculos até Iris não conseguir articular nem mais uma palavra. Eram só gemidos e suspiros, e Stevie nunca havia se sentido tão poderosa.

Tão à vontade.

Enganchou a perna em volta da coxa de Iris, abrindo-a ainda mais, ganhando mais acesso ao clitóris. Iris agarrou o pulso de Stevie, soltando gemidos cada vez mais agudos.

Ela tinha acabado de começar a fazer círculos mais rápidos quando Iris puxou sua mão.

– Espera aí – disse Iris, com o peito subindo e descendo.

Manteve os dedos em volta do pulso de Stevie, as mãos das duas apoiadas na barriga de Iris. Stevie se apoiou num dos cotovelos.

– Você tá bem?

Iris riu e soltou um longo suspiro.

– Tô, sim. Mais do que bem. É que eu...

Ela mirou os olhos de Stevie e juntou as mãos das duas no próprio peito. Sondou os olhos de Stevie enquanto os dela brilhavam, marejados. O lábio inferior tremeu, só um pouquinho, mas Stevie viu.

– Iris...

– Eu tô bem, juro. – Iris riu outra vez. – Você foi ótima. Sensacional, tá? É que eu... acho que chega, não acha?

Stevie franziu a testa.

– Você não queria...

– Queria – respondeu Iris. – E garanto que estava quase lá. Mas isso... isso é por você. E você conseguiu. Me seduziu. – Iris então piscou para ela, embora estivesse de rosto corado, com a respiração meio falha. – Nota 10.

Stevie conseguiu abrir um sorriso enquanto afastava a mão e esperava se sentir aliviada, triunfante, ou autoconfiante e sexy. E, sim, ela sentiu algumas dessas coisas, mas, acima de tudo, sentiu...

Não sabia ao certo. Ou talvez soubesse e simplesmente não quisesse nomear a sensação que afundou em seu peito, aquela frustração na boca do estômago.

– Tá bom – respondeu, fazendo que sim com a cabeça. – Aham.

– Você é uma aluna excelente – acrescentou Iris.

Stevie sorriu para ela.

– Tenho uma professora maravilhosa.

Iris assentiu e se sentou na cama, apoiou os pés no chão do outro lado e contornou o pé da cama para pegar a regata onde a haviam jogado. Vestiu-a e foi para o banheiro.

– Vou só me lavar.

– Tá bom – disse Stevie, mas, quando Iris fechou a porta, ela não sentiu que havia progredido, que dera mais um passo em direção ao objetivo.

Nem um pouco.



CAPÍTULO VINTE E UM

IRIS APOIOU A PALMA DAS MÃOS nos azulejos frios do banheiro. Ainda não bastou para acalmá-la, por isso abriu a torneira, jogando água fria no rosto várias vezes até voltar ao normal.

Enxugando o rosto, olhou seu reflexo no espelho, os olhos ainda um pouco vidrados depois daquela... o quê?

Aula?

Com certeza não parecia uma aula.

Foi uma experiência sensacional. Divertida, sexy e desvairada. Stevie a provocou, a controlou, e Iris adorou. E depois... meu Deus, o toque de Stevie. Mesmo por cima da calcinha, tinha sido intenso, perfeito, pressionando e fazendo círculos em padrões aleatórios que levaram Iris até o limite muito rápido, o orgasmo iminente pegando-a meio desprevenida.

Não esperava gozar durante aquelas aulas.

Não esperava estar tão *desesperada* para gozar.

E de jeito nenhum esperava ter que pôr um freio naquela experiência.

Iris não sabia bem o que a levava a fazer isso. Mas, de repente, a ideia de

gritar nas mãos de Stevie, de deixar que ela a visse exposta e vulnerável... Não aguentou. O que não fazia o menor sentido, porque Iris sempre gozava. Em todo encontro que tinha, tratava de gozar. Mesmo quando mal se lembrava do nome da pessoa, mesmo quando estava entediada, cansada ou um pouquinho zonza demais depois de uns drinques. E nunca sentia que estava expondo alguma parte de si mesma. O orgasmo era uma ciência simples, um feixe de nervos reagindo a estímulos.

Com Stevie não deveria ser diferente.

Mas, de alguma forma, era.

Iris disse a si mesma que o aspecto instrutivo na situação a abalou, nada mais. Lógico que nunca tinha dado aulas de sexo antes, e não queria passar uma impressão bizarra, acumulando orgasmos enquanto Stevie perguntava se estava fazendo tudo certo. O que acontecera naquela cama tinha sido por Stevie, e Iris a ajudara a assumir o controle, o que era obviamente do que ela precisava para ter autoconfiança na cama.

Talvez Adri nunca tivesse dado isso a ela. Adri sem dúvida irradiava uma energia bem dominadora, então era totalmente possível que, em se tratando de sexo, Adri e Stevie...

Iris fechou os olhos. Não queria envolver Adri em seu processo mental. A forma como Adri falara com Stevie na noite anterior ainda a fazia ter vontade de pôr fogo em alguma coisa, mas sabia que a vida sexual delas – e qualquer coisa complicada e difícil que ainda estivesse acontecendo entre as duas – não era da sua conta.

E foi por tudo isso que deteve Stevie. Imaginou até se ela conseguiria continuar sozinha daquele ponto em diante e conhecer alguém de verdade.

Além disso, Iris precisava se concentrar no livro.

Na peça.

Em qualquer coisa que não o som que Stevie fez quando tocou nela, aquele arfar quase imperceptível que deixou Iris tão molhada que...

Ela voltou a fechar os olhos com força. Aquilo era só tesão reprimido.

Nada mais. Assim que retornassem ao Oregon, ela voltaria ao Lush e encontraria uma pessoa qualquer, descomplicada e anônima. Alguém que poderia esquecer com facilidade.

Trançou o cabelo depressa e escovou os dentes, tentando pensar na próxima cena do livro, talvez algo que incluísse uma caminhada na praia iluminada pelo luar ou um passeio de carro pela Pacific Coast Highway.

O problema era que não conseguia visualizar o rosto de Tegan McKee em sua mente, nem Briony, o interesse amoroso adoravelmente desajeitado da protagonista. Nas cenas que pairavam na mente de Iris naquele momento, havia apenas uma mulher com olhos cor de mel e cachos emaranhados espiralando por cima da testa em cada página.



Quando Iris terminou de se recompor e saiu do banheiro, Stevie já tinha saído. Ignorou o nó que se formou no estômago ao ver o quarto vazio; afinal, tinham muito trabalho a fazer naquele dia e, para falar a verdade, estava ansiosa para ver Stevie como Benedita.

Quando desceu a escada, usando um macacão listrado de arco-íris, o resto do elenco principal já havia chegado. Stevie estava à mesa do café da manhã, com uma xícara de café nas mãos, e Adri sentada diante dela, com óculos de armação transparente, concentrada em seu iPad.

Iris passou um tempo olhando para as duas, sem saber o que procurava.

Camaradagem?

Amor?

Desejo?

Que inferno, não sabia nem por que estava procurando alguma coisa. Então pigarreou, e os olhos de várias outras pessoas se voltaram para ela.

– Oi, você deve ser a Iris! – disse um homem negro com um piercing no septo. – Eu sou Peter. Vou fazer o Cláudio.

– Ah, oi! – Iris aceitou um beijo dele na sua bochecha. – Que prazer te conhecer!

– E eu sou o Jasper – disse um homem branco perto da cafeteira. – Ou Hero. E aquelas são Satchi e Nina. – Ele apontou para uma mulher nipo-
americana de cabelo curto dividido ao meio com as pontas tingidas de roxo

e uma mulher branca com duas tranças loiro-avermelhadas. – Elas são Dom Pedro e Dom João.

– Oi – disse Iris, e elas acenaram numa saudação.

– O que achou da Suíte Jasmim, Satch? – perguntou Ren, que manobrava uma frigideira gigante de ovos mexidos.

– É esse o nome do quarto? – perguntou Satchi, servindo-se de um pouco de suco de toranja. – Nunca lembro os nomes dos quartos nesta casa.

– É – respondeu Ren, olhando para Adri, que fez questão de não olhar para ninguém. – Nem eu.

– Ren... – murmurou Stevie.

– Que foi? – Ren desligou o fogão.

Stevie suspirou e tomou um gole de café, cruzando o olhar com o de Iris por uma fração de segundo antes de desviar.

– Tá bom, o que a gente perdeu? – perguntou Peter, levantando as sobancelhas para Ren. – Já rolou algum drama? A gente nem começou a ensaiar.

– Por falar nisso – disse Adri, ficando de pé e empurrando os óculos para cima do nariz. – Vamos começar. Onde é que tá...

– Tô aqui, tô aqui, graças a Deus Todo-Poderoso, tô aqui. – Uma pessoa de pele marrom-escura e topete de cachos pretos entrou depressa na cozinha, usando uma blusa cropped vermelha e short jeans desfiado. – Desculpa, a pessoa que veio dirigindo o carro do aplicativo era um espetáculo e eu perdi a noção do tempo.

Adri franziu a boca.

– Iris, conheça Zayn, que vai interpretar Leonato.

– Ah, sangue fresco! – exclamou Zayn, dando uma piscadela enfática com o olho bem delineado para Iris.

Ela não pôde deixar de rir; simpatizou com ele na mesma hora.

– Pega leve comigo – pediu ela.

– Nunca – respondeu Zayn, mas estava sorrindo.

– Tá, vamos nos reunir à beira da piscina para fazer a leitura o quanto antes – disse Adri, e com certeza não estava sorrindo enquanto saía da sala.

Iris não sabia se ela havia entrado em modo diretora a todo vapor ou se

só estava ranzinza mesmo.

Todo mundo devorou a comida e saiu rumo à varanda dos fundos. Iris demorou a finalizar os ovos mexidos, esperando por Stevie.

– Escuta – disse ela quando restaram só as duas. – Você tá bem?

Stevie fez que sim. Não olhou para ela.

– Tô legal.

– Beleza – respondeu Iris, sentindo de repente uma estranha timidez. – Eu só queria saber, porque...

– Eu tô *legal* – repetiu Stevie num tom meio ríspido. Suspirou e apertou os olhos com os dedos. – Desculpa. É que... a Adri tá me deixando nervosa.

– Tem certeza de que é só isso? – perguntou Iris.

Logo em seguida, quis engolir a pergunta. Não sabia o que faria se a fonte da preocupação de Stevie fosse outra. Se fosse a própria Iris.

– Tenho – respondeu Stevie, mas o sorriso que abriu não chegou aos olhos.

Ela brincou com a barra da camiseta, uma peça branca e justa com uma foto de Ruth Bader Ginsburg estampada na frente.

– Como posso ajudar? – perguntou Iris.

Stevie balançou a cabeça, mas de repente parou, fitou os olhos de Iris e inspirou devagar.

– Me leva pra sair quando a gente voltar para o Oregon?

Iris franziu a testa.

– Te levar pra sair? Tipo um encontro ou...

– Não. Quer dizer, sim, a gente pode fazer isso por você. Pelo seu livro. Mas quero dizer que preciso *sair*. Ir para um lugar seguro. Um lugar onde eu possa conhecer alguém e tentar... sei lá. – O lábio inferior de Stevie tremeu um pouquinho; ela o mordeu e deu de ombros. – *Tentar*.

– Olha – disse Iris, dando um passo na direção dela. – Sabe, não precisa ter pressa.

– Não, eu sei, mas preciso. – Stevie balançou a cabeça. – Tenho que provar pra mim mesma. Porque, enquanto não fizer isso, ninguém vai me ver como nada além da minha ansiedade. Enquanto eu mesma não me vir de um jeito diferente.

Ela estava levantando a voz outra vez, assim como na noite anterior, quando entrou no quarto tremendo.

– Tá bom. – Iris pegou as mãos dela entre as suas. – A gente pode sair. Vamos ao Bar da Stella em Bright Falls semana que vem. Conheço todas as pessoas lgbtq+ da cidade, e todas saem à noite pra dançar passinho country. É um espaço totalmente seguro.

– Dançar passinho country? – perguntou Stevie.

– Que é que tem? É legal. Vou estar com você o tempo todo. Além disso, não precisa dançar muito se não quiser.

Stevie assentiu, rindo, ao mesmo tempo que uma lágrima escorria por seu rosto. Iris não resistiu a enxugá-la com o polegar e, em seguida, encostar a testa na de Stevie. Era um gesto íntimo, mas parecia tão espontâneo, tão... fácil. Stevie pegou a cintura de Iris, esfregando o tecido do macacão entre os dedos, e Iris relaxou. Inalou o cheiro de Stevie, todo algodão limpo e sal marinho, e tinha acabado de fechar os olhos quando Stevie afastou a cabeça.

– Você é muito boa nisso – disse Stevie.

Iris franziu a testa.

– Em quê?

– Em ser namorada de mentira.

O tom de voz de Stevie era suave, quase como uma pergunta. Ela sondou o olhar de Iris, que também olhou fundo nos dela porque, por uma fração de segundo, tinha esquecido.

Talvez já estivesse esquecendo havia muito tempo.

Iris sentiu um pequeno nó na garganta, e ficou difícil respirar. Todas as razões pelas quais fez Stevie parar naquela manhã, na cama, reapareceram de uma vez, mais nítidas do que nunca, e cada uma delas era aterrorizante.

Cada uma representava tudo que Iris Kelly não era.

Balançou a cabeça e riu, soltando as mãos de Stevie e fazendo um pequeno giro, seguido de uma reverência teatral. *Esta* era a Iris que conhecia.

A Iris que ela entendia.

A que *todo mundo* entendia.

– Bom, eu sou uma atriz foda – disse ela –, como você está prestes a

descobrir.

Stevie não riu. Abriu apenas um meio sorriso e assentiu, pegando a mão de Iris e levando-a para se juntar ao resto do elenco.



Iris descobriu que adorava atuar.

Sob as nuvens da manhã, o elenco se sentou ao redor da piscina com as pernas nuas na água, Adri afundada numa cadeira com seu iPad, e deu vida a uma história de amor turbulenta e improvável. Iris ficou inebriada com a sensação de entrar na psique de outra pessoa, pensando em suas motivações e emoções. Era como escrever, mas ao vivo e em cores, com todos os sabores, sons e sentimentos da vida real.

O resto do elenco era puro talento. Iris entendeu por que Adri havia escalado cada uma daquelas pessoas e gostou principalmente de ver Peter e Jasper interpretarem os jovens Hero e Cláudio, com seu amor inocente e ingênuo. Shakespeare era brilhante, é claro, mas ver seus personagens interpretados como pessoas LGBTQ+, com identidades que o mundo tantas vezes tentou reprimir e derrotar... bom, foi intenso.

Foi lindo.

E ainda havia Stevie.

Iris sabia que ela era boa – como a própria Stevie dissera, Adri não escalava ninguém que não fosse –, mas não estava preparada para vê-la em toda a sua glória. Ela interpretou Benedita de uma maneira que Iris nunca teria imaginado; arrogante, sim, mas também delicada. Até mesmo tímida. Uma mulher – naquela versão, pelo menos – que usava uma máscara diante do mundo para esconder um medo mais profundo de ser vista. De ser amada... e abandonada.

É claro que as falas que Stevie leu não diziam nada disso, mas foi o que Iris sentiu. E sabia que todas as pessoas ali também sentiam, pois um silêncio distinto tomava conta delas sempre que Benedita dizia falas mais longas.

Quanto a Iris, leu Beatriz por instinto, um sentimento que havia começado naquele estranho teste com Adri. A Beatriz de Iris estava zangada, sim, irritada e um tanto amarga, mas, acima de tudo, o que a sintetizava era a exaustão, o cansaço profundo de viver num mundo que lhe pedia o tempo todo para ser alguém que ela simplesmente não era.

Mas o amor a transformou.

– “Benedita” – leu Iris do Ato 3, Cena 1. – “Não deixes de me amar! Eu saberei te recompensar, domesticando meu selvagem coração ao comando de tua doce mão.”

Olhou então para Stevie, que estava sentada na frente dela, no lado raso da piscina, observando-a com a boca entreaberta. A princípio, se sentiu triunfante: tinha lido a fala com suavidade, mas também com um pouco de raiva, um projétil envolto numa pluma. Parecia o tom certo, até perfeito, mas Adri interrompeu o momento:

– Vamos acrescentar um pouco de anseio, Iris – disse ela, rabiscando alguma coisa no iPad. – Tá, vamos pra Cena 2. Acho que...

– Eu discordo – respondeu Iris.

Adri levantou uma das sobrancelhas.

– Ah, é?

Iris pigarreou.

– Acho que a Beatriz não tem certeza de que ama Benedita. Ainda não. Ela diz que vai lhe dar o coração, mas tem medo, até raiva de ter esses sentimentos, por isso fala com um pouco de... não sei bem.

– Vigor – sugeriu Zayn.

– Isso – disse Iris, sorrindo para ele. – Vigor.

Adri franziu a boca.

– Essa é a primeira vez que a Beatriz percebe o amor, Iris. É importante o tom estar carregado de cuidado. De certo deslumbramento.

– Isso eu entendi – respondeu Iris. – Mas acho que a Beatriz não está deslumbrada. Ela está é apavorada.

– Ela diz: “Eu saberei te recompensar”.

– Porque no fundo ela anseia pelo amor – argumentou Iris –, não porque não tenha medo. Ela está falando sozinha. Sabe o que o coração dela

quer, mas também sabe que o coração é selvagem, e ela...

– Quer amar Benedita, então vai amar – declarou Adri.

– Você acha mesmo tão simples assim? Eu acharia que, sendo a diretora, você pediria mais nuances nesses personagens, principalmente sendo uma peça queer e porque todo mundo aqui é...

– O que eu quero como diretora – afirmou Adri, a voz soando quase ameaçadora – é que meu elenco aceite meus comentários e cale a boca.

O silêncio tomou conta do grupo. Iris encarou Adri com rebeldia, sentindo o peito se inflar com uma estranha sensação de triunfo. Tinha razão sobre Beatriz – *sabia* que tinha –, mas, de repente, entendeu que o estado emocional da personagem naquela cena tinha muito pouco a ver com o motivo pelo qual decidira confrontar Adri.

– Bom, vou dizer o que *eu* quero – disse Iris.

Mas, antes que pudesse continuar, Stevie se levantou tão depressa que gerou ondas na piscina ao tirar as pernas da água.

– Acho que a gente podia fazer um intervalo, né? – sugeriu ela, olhando para Iris de olhos arregalados.

– Boa ideia – disse Ren.

Elu estava sentada à mesa do pátio debaixo de um guarda-sol, trabalhando num laptop, e mal interrompeu o ritmo da digitação enquanto falava.

– Vou pegar um drinque pra Adri – completou.

– Eu não bebo em serviço – declarou Adri, que continuava sentada, de olhos cravados em Iris.

– Talvez devesse – comentou Iris, plenamente consciente de que estava abusando da sorte; mais um pouco e seria expulsa da peça, mas não conseguia ficar calada.

– Iris... – disse Stevie, aproximando-se e entrelaçando os dedos aos dela.

– Vamos dar uma volta.

– Drama, drama, drama – entoou Peter enquanto Iris deixava Stevie levá-la dali.

– Com essas duas, a gente sabia que ia ter – comentou Nina, indicando Adri com o queixo.

– A-do-ro – disse Zayn.

– Dá pra vocês calarem a boca? – disparou Stevie, puxando Iris em direção à escada que levava à praia.

O tom de voz dela, porém, não tinha maldade; parecia mais o de uma irmã implicando com os irmãos. E não parou de andar, apressando o passo até chegar à praia rochosa.

Os pés descalços de Iris afundaram na areia, e ela deixou Stevie puxá-la até a água quase correndo.

– Tá, vai devagar – pediu Iris assim que chegaram às ondas.

– Desculpa.

Stevie fez o que ela pediu, e começaram a caminhar para o norte, ainda de mãos dadas.

Iris suspirou, olhando para a casa atrás delas. Adri estava parada na escada, observando-as, o cabelo verde voando ao vento.

– Ela quer voltar pra você? – perguntou Iris. – É esse o problema?

Stevie suspirou.

– Como assim? Foi você quem começou o bate-boca.

– Eu apenas expressei minha opinião artística.

Stevie bufou.

– Tá bom – disse Iris. – Beleza. Eu queria pisar no calo dela. Mas isso não quer dizer que eu não tenha razão quanto a Beatriz.

Stevie olhou para ela de soslaio.

– Acho que você tem razão, sim. Mas a questão não é essa. Por quê?

– Por que o quê?

– Por que pisar no calo dela?

Iris fungou e olhou para o mar. Naquele dia, estava cinzento e turvo, e as nuvens no céu ficavam cada vez mais densas e escuras. O vento ficou mais forte, sacudindo as roupas de Iris e puxando fios de cabelo de sua trança.

– Não sei – disse Iris, embora soubesse.

Quanto mais pensava na cena da noite anterior, mais a lembrança a incomodava. A agressividade de Adri, a mudança de quarto, o modo como Stevie estava abalada ao voltar da praia. Iris não gostava da maneira como Adri tratava Stevie, pura e simplesmente, mas também não queria que Stevie

sentisse que precisava que Iris tomasse uma atitude em nome dela.

– Sério? – Stevie parou e se virou para encará-la. – Porque você tá dando uma de namorada ciumenta.

Iris deu um sorrisinho irônico.

– Não é isso que eu deveria ser?

Stevie passou um tempo só olhando para ela, de braços cruzados, os olhos parecendo pás tentando cavar além da expressão tranquila de Iris.

– Que foi? – perguntou Iris, começando a ficar constrangida.

Numa disputa de quem desvia o olhar primeiro, ela *sempre* perderia para Stevie.

– Por que você não namora, Iris? – perguntou Stevie num sussurro.

– O quê? Essa veio do nada.

Stevie sustentou o olhar.

– É só curiosidade. Sei que você escreve livros de romance, que é a filha do meio e que suas amigas te amam muito, mas não sei mais nada sobre você. Nada mesmo. Estou só tentando entender.

O coração de Iris acelerou com aquele cutucão num ponto sensível demais.

– Por quê? Isso aqui não é...

– Não é de verdade, tá, eu sei. – Stevie levantou os braços e os deixou cair do lado do corpo. – Mas muita coisa aqui é de verdade, sim. Minha vida. A peça. O seu livro. Adri e eu. Você e eu afetamos coisas de verdade, Iris, quer você admita ou não. E eu... só quero entender por que é que você tá arrumando briga com a minha ex e por que tá aqui comigo. Por que não tá com outra pessoa?

Iris fechou a boca, tensa, e desviou o olhar. No ano anterior, as pessoas mais próximas do seu círculo de amizades tinham feito aquela mesmíssima pergunta várias vezes. *Por que não tenta namorar, Iris? Você é maravilhosa, Iris. Qualquer pessoa teria sorte em estar com você, Iris. Quem perde são os outros, Iris.*

Será? Mesmo que todas as suas tentativas de viver um romance a tivessem deixado sozinha, tentando entender o que havia feito de errado? Por que não conseguia ser diferente?

– Você é arromântica? – perguntou Stevie. – Se for, tá ótimo, eu só quero...

– Não – respondeu Iris.

Seria muito fácil dizer que sim. Principalmente para Stevie, que mal a conhecia, mas de jeito nenhum Iris cooptaria a identidade legítima de alguém. Sabia que aquele não era o seu caso.

– Eu gosto de romance, tá? Tenho interesse. É que eu...

Stevie esperou, com carinho e paciência no olhar.

– Eu queria muito que você não me olhasse assim – disse Iris.

– Assim como?

– Como se eu fosse uma otária porque tomei uma decisão lógica.

– Decisão... lógica – repetiu Stevie devagar.

Iris assentiu.

– Olha, não vou começar a falar de novo do meu triste histórico amoroso. Você já sabe da Jillian e do Grant.

Stevie franziu a testa.

– Então, uma babaca e um cara que te amava mas queria outra vida significam... o quê?

– Não são só eles, tá? – disse Iris.

Sentiu a garganta meio embargada, mas engoliu em seco e continuou a falar. Se contasse apenas o bastante, Stevie entenderia. Entenderia, até concordaria com ela, e poderiam mudar de assunto.

– É a minha vida inteira, droga – explicou ela. – São meus pais perdidamente apaixonados sempre me dizendo pra levar a vida a sério, minha mãe arranjando encontros pra mim porque sabe que eu não tenho a capacidade de conhecer alguém decente por conta própria. São todos os caras no ensino médio fazendo eu me sentir um brinquedo pra passar de mão em mão no time de futebol. E eu deixei fazerem isso porque sim, mesmo naquela época, eu gostava de sexo, tá? Me julgue.

– Iris, eu...

– E aí, depois que me assumi bissexual na faculdade – continuou ela, os olhos ardendo –, de repente, o fato de eu gostar de sexo virou uma espécie de falha de caráter. Eu era “muito atirada”. E, meu Deus do céu, os convites

pra sexo a três! Não eram piada, veja bem, eram convites *de verdade* de uns caras que iam falar comigo no centro estudantil, no ginásio, no meio da porra da sala de aula, como se eu não passasse de uma oportunidade de negócio. E não se atreva a dizer que todo mundo que é bi passa por isso, porque minha amiga Claire se assumiu no ensino médio e nunca ouviu esse tipo de proposta. Nem uma vez. E por quê? Porque ela é um amor. É mulher *pra casar*. E eu não, Stevie. Eu sou só mulher pra transar.

Os pulmões de Iris ardiam, e ela desviou o olhar; não queria ver a expressão de Stevie, qualquer que fosse. Enxugou as lágrimas que vertiam dos olhos. *Porcaria de vento*.

– E a Jillian... – disse ela, cruzando os braços e olhando para as ondas. – Foi só a cereja de um bolo gigantesco.

Por um tempo que pareceu uma eternidade, Stevie não disse nada. Ficou calada por tanto tempo que Iris olhou para ela para ter certeza de que ainda estava lá, mas estava, sim, olhando para as ondas também.

– É informação suficiente a meu respeito? – perguntou Iris. – Te deixei devidamente surpresa?

Stevie olhou para ela e abriu um sorriso suave.

– Acho que estou te devendo um passeio romântico.

Iris franziu a testa.

– O quê?

– Isso mesmo que você ouviu. Até agora a gente só teve *uma* aula de romance.

Iris sentiu as bochechas esquentarem quando a lembrança de dançar devagarinho com Stevie na sala voltou como um vendaval.

– Não precisa fazer isso.

– Faz parte do nosso acordo – argumentou Stevie.

Iris teve uma vontade repentina e inexplicável de dizer *o acordo que se foda*, mas ficou de boca fechada.

Stevie gesticulou, indicando o ambiente à volta delas.

– Além disso, estamos numa *praia*.

O dia estava nublado e as ondas do oceano furiosas, subindo e arrebatando entre espumas.

– É... uma praia meio *Morro dos ventos uivantes* – comentou Iris.

Stevie riu.

– Justo. Mas tá bom: se você fosse o Heathcliff e eu a Catherine, o que você faria agora?

– Hum, te abandonaria? Heathcliff era uma pessoa horrível. Você não leu *O morro dos ventos uivantes*, não?

– Foi você quem falou do livro!

– É, ela é a *antítese* do romance.

Stevie passou a mão no cabelo.

– Tá bom, protagonistas narcisistas à parte, vamos andar um pouco.

– Andar?

– De mãos dadas.

– Andar a esmo procurando conchinhas pra deixar de presente no travesseiro uma da outra?

Stevie estendeu a mão.

– Agora, sim, você entendeu.

Iris olhou para a mão de Stevie, hesitando apenas um instante antes de deslizar os dedos pela palma dela. O contato percorreu seu braço, provocando uma onda de arrepios, o que era absurdo.

O romance não passava de reações neuroquímicas, meia dúzia de palavras bonitas e um belo cenário. Nada mais. Uma ficção que a mente contava ao coração.

Ainda assim, Iris se entregou, ainda que apenas pelo bem de Stevie. Caminharam ao longo da praia por um tempo, balançando as mãos dadas. Procuraram conchas, recolhendo da areia os tesouros brancos e rosa que ainda não tinham se partido e guardando-os nos bolsos. Falaram sobre nada e sobre tudo. Iris descobriu que Stevie era alérgica a morango, na opinião dela, uma tragédia, e contou sobre a *Desejos de Papel* e como tivera que fechar as portas no ano anterior.

– Conta do seu livro – pediu Stevie. – O que você tá escrevendo. Eu já li a respeito de *Até nosso próximo encontro*.

Iris sorriu.

– Sério?

Stevie a olhou de lado.

– Lógico.

– Bom – disse Iris, sentindo as bochechas quentes outra vez –, esse novo é sobre...

Ela hesitou, de repente se sentindo encabulada com a guinada em seu livro.

– O quê? – perguntou Stevie. – É sobre o quê?

Iris apertou os dedos de Stevie.

– Sobre uma vinicultora e uma crítica de vinhos.

Stevie arregalou os olhos e parou de andar, girando Iris para encará-la, sorrindo.

– Tipo, a ideia que você teve aquela noite no seu apartamento?

Iris assentiu.

– Foi uma boa ideia. E você ajudou mesmo a fazer parecer que era... de verdade.

Stevie sorriu ainda mais, os olhos cor de âmbar brilhando mesmo sob as nuvens escuras.

– Que legal! Foi mesmo uma boa ideia. Tô ansiosa pra ler.

Iris abriu um sorriso também, mas ele se desmanchou quando as primeiras gotas caíram do céu. A garoa logo se transformou numa chuva forte, ensopando as duas em questão de segundos.

– Ai, meu Deus – disse Stevie, tirando o cabelo colado do rosto. – Acho que é melhor voltar.

Iris assentiu e começou o caminho de volta, mas de repente parou.

– Aguenta aí – disse ela, pegando a mão de Stevie.

– Você tá bem? – perguntou Stevie.

Iris assentiu mais uma vez, com a chuva escorrendo pelo rosto. Viu gotas de água se acumularem na boca de Stevie e teve a vontade súbita de lambê-las.

Em vez disso, puxou Stevie para um abraço.

– Isso parece o tipo de coisa que a gente devia fazer – disse ela. – Dançar na praia debaixo da chuva.

Stevie abriu um pouco a boca, mas logo sorriu.

- Olha só pra você.
 - Eu aprendo depressa.
 - Dá pra perceber – respondeu Stevie baixinho. – Vai ser um hábito nosso... quer dizer, das suas personagens? Elas dançam pela cidade toda, encontrando situações superesquisitas e únicas pra dançar?
 - Pode ser. Daqui a pouco vou ter que te creditar como coautora.
- Stevie fez um gesto de desdém.
- Eu me contento com meu nome nos agradecimentos.
 - Combinado.

Iris abraçou Stevie pela cintura. Não fazia a menor ideia do que tinha dado nela, mas parecia a atitude certa. Entrar um pouco no clima de romance parecia o próximo passo para Iris, ou melhor, para Tegan.

E Stevie se acomodou nos braços dela com tanta disposição, tanta perfeição. Era no máximo cinco centímetros mais alta, apenas o bastante para Iris encostar a boca no ombro dela. Stevie levou uma das mãos ao cabelo de Iris, que não teve como evitar o suspiro que exalou.

Mas não se derreteu. Bom, só um pouquinho.

E, naquele momento, ela se permitiu sentir a chuva quente na pele e a pressão suave dos quadris de Stevie. Deixou-se mergulhar de cabeça e acreditar, se não na própria história de amor, na de Tegan e Briony.



Naquela noite, depois de uma tarde extenuante com uma segunda leitura da peça cheia de anotações detalhadas de Adri – e Iris bancando a tranquila tão bem quanto possível pelo bem de Stevie –, Iris saiu do banheiro para encontrá-la já na própria cama, completamente desmaiada.

Iris a observou por um segundo, sentindo algo semelhante a decepção se aglomerar no peito, porque obviamente iam dormir separadas.

Ela se livrou do pensamento – era evidente que iam mesmo dormir separadas – e prendeu o cabelo molhado numa trança lateral enquanto se dirigia à outra cama. Afastou o lençol, pronta para se deitar, mas se deteve.

Ali, bem no meio do travesseiro, havia uma concha perfeitamente cor-de-rosa.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

A SEMANA SEGUINTE PASSOU VOANDO num furacão de turnos no Tinhosa, com Effie resmungando o tempo todo porque as corporações se apropriaram do Orgulho, e ensaios.

Stevie só viu Iris no Imperatriz, e provavelmente foi melhor assim. O fim de semana em Malibu tinha sido intenso, e ela precisava de tempo para pôr as emoções de volta nos eixos.

Ela e Iris fizeram uma bela encenação no teatro, andando de mãos dadas aqui e ali, dando um beijo na bochecha entre as cenas e sentando-se juntas na plateia quando Adri dirigia alguma cena em que as duas não atuavam, mas, para falar a verdade, o limite entre o que era e o que não era real ficava cada vez mais difuso na mente de Stevie, e ela não sabia ao certo como esclarecer tudo.

Iris, por sua vez, estava radiante. Era uma estrela – não apenas no palco, como Beatriz, mas também com Stevie, piscando para ela sempre que cruzavam olhares pelo teatro, deslizando a mão pelo cabelo dela ao passar perto, apoiando a cabeça no ombro dela quando estavam no intervalo ou

assistindo a outra cena.

Stevie não estava preparada para toda a intimidade física que vinha com um relacionamento inventado. Uma intimidade que parecia... emocional. Mas ela sabia que emoções eram complicadas, fáceis de interpretar da forma incorreta e de confundir umas com as outras. Então continuou a atuar, interpretando a namorada cheia de adoração, reagindo a cada toque de Iris com outro.

Mesmo assim, quando chegou o ensaio de sexta-feira, estava exausta, porque o esforço necessário para interpretar não uma personagem, mas *duas*, havia drenado a maior parte de sua energia. É verdade que dormia como uma pedra à noite, mas, naquele dia, quando ela e Iris iriam à Taverna da Stella em Bright Falls para dançar passinhos country, sentia-se como uma corda esticada desfiando nas extremidades.

E a cena de *Muito barulho* em que estavam trabalhando não a ajudou em nada.

– De novo – disse Adri, andando pela frente do palco, de óculos e batom vermelho perfeitamente aplicado, mesmo depois de três horas de ensaio. – Essa cena é fundamental.

– A gente sabe – respondeu Stevie.

Estavam ensaiando o Ato 4, Cena 1, em que Benedita e Beatriz professavam seu amor, e em seguida Beatriz insistia para que Benedita matasse Cláudio para defender a reputação de Hero.

– Então façam direito – retrucou Adri. – A conversa é dolorosa. O mundo cruel entra em foco. Mas também é um momento de ternura. *Sintam* isso.

Iris ergueu uma sobrancelha para Stevie e articulou “sintam” com os lábios, levando-a a cobrir uma risada com a mão. Ainda assim, Iris não disse nada diretamente para Adri. Naquela semana, sua docilidade com a diretora estava surpreendente, e, na verdade, Stevie ficava grata por isso. Não sabia se conseguiria encarar ao mesmo tempo as próprias emoções em espiral e Iris Kelly batendo de frente com sua ex.

– “Por minha espada, Beatriz, tu me amas!” – disse Stevie como Benedita, derramando o máximo de anseio nas palavras.

– “Não jure; antes, engula a sua espada” – retrucou Iris como Beatriz.

Fitaram os olhos uma da outra, e uma pausa que não foi planejada por nenhuma das duas pesou entre elas.

– Isso – disse Adri enquanto a tensão crescia. – Ótimo.

– “Juro por minha espada que me amas, e terá de engolir suas palavras quem disser que não a amo” – continuou Stevie.

– “Não vai engolir suas palavras?” – perguntou Iris num mero sussurro.

– “Nem com o melhor dos molhos. Estou declarando que te amo.”

– “Ora, mas então... Deus que me perdoe.”

Nos olhos de Iris brilhavam lágrimas verdadeiras, mas sem exagero. As palavras dela eram murmúrios, uma onda rítmica que fluía pela boca. Stevie ouviu o silêncio da plateia, onde o restante do elenco principal assistia à cena.

– “De que pecado, doce Beatriz?”

Iris riu, um som repleto de vulnerabilidade e beleza.

– “Você me interrompeu em boa hora. Eu estava prestes a lhe declarar meu amor.”

As duas se rodeavam, a cada passo chegando mais perto... e mais, até Stevie agarrar a cintura de Iris com uma das mãos e puxá-la para um abraço. Iris ofegou, enlaçando os ombros de Stevie com um braço, e as pupilas dela se dilataram quando Stevie a fez inclinar a cabeça e acariciou seu rosto com um dos dedos.

– “Pois declare, com todo o teu coração” – sussurrou Stevie, com a boca a poucos centímetros da dela.

Encararam-se mais uma vez, os olhos cintilando sob as luzes do palco, e Iris entreabriu os lábios, tão bonitos, carnudos e...

– Ótimo, vamos parar por aí – disse Adri baixinho, quebrando o feitiço.

Stevie recuou, soltando Iris devagar.

– Olha, minha nossa! – exclamou Jasper na plateia.

– Tô contigo e não abro – respondeu Zayn, se abanando. – Acho que preciso de um banho gelado.

O elenco principal riu e Iris também, fazendo uma reverência breve e graciosa. Stevie gesticulou, sentindo o rubor tomar conta das bochechas. Por

dentro, o coração voava com asas, penas e tudo mais. Não era raro sentir tanta adrenalina quando estava no palco. Precisava daquilo para passar por cenas especialmente complicadas, mas o que sentia no momento... bom, não era só adrenalina. O coração palpitava, é claro, mas havia também um latejar distinto entre as pernas que ela tentava ignorar e um arquejar que não tinha nada a ver com a atuação.

– Cinco minutos de pausa, pode ser? – perguntou, tirando o cabelo do rosto.

– Claro – respondeu Adri, inclinando a cabeça. – Você tá bem?

– Tô ótima.

Estava mesmo. Só precisava de um instante consigo mesma e um pouco de ar fresco. Correu escada abaixo e pegou sua garrafinha d'água numa poltrona, depois partiu pelo corredor rumo aos fundos do teatro.

Estava quase chegando às portas duplas, olhando a tela do celular em busca de uma distração, quando ouviu seu nome.

– Stevie Scott.

A voz era baixa e firme. Conhecida. Stevie ergueu o rosto de uma vez, procurando a fonte. Ali, sentada numa poltrona de veludo roxo junto da parede de tijolos dos fundos, estava uma mulher negra com o cabelo trançado em longas *box braids* e um tornozelo apoiado no joelho. Ela sorriu para Stevie.

– Dra. Calloway! Ai, meu Deus, o que a senhora tá fazendo aqui?

A Dra. Thayer Calloway era a professora de teatro favorita de Stevie na faculdade. Era uma pessoa lgbtq+, brilhante, e tinha sido a primeira a fazê-la acreditar na própria capacidade. A Dra. Calloway era durona e exigente, e fez Stevie chorar mais de uma vez, mas também a transformou na atriz que era. O que quer que isso significasse.

– Estou na cidade por causa do aniversário da minha irmã – respondeu a Dra. Calloway. – Uma festa horrorosa num bar de karaokê no centro. Agora não consigo tirar “My Heart Will Go On” da cabeça.

Stevie riu.

– É muito bom te ver.

A Dra. Calloway se levantou, elegante em seu estilo bofinho de jeans

escuro, camiseta branca por baixo de um blazer azul-marinho e mocassins marrons sem salto.

– Na verdade, daqui a pouco vou para o aeroporto – explicou ela, apontando para uma mala de rodinhas –, mas não resisti a passar por aqui pra ver meu grupo favorito de estudantes e o Imperatriz.

Stevie sorriu outra vez.

– Ainda estamos aqui.

– Dá pra ver. – A Dra. Calloway abriu um sorriso. – E estão a todo vapor.

– Mérito da Adri. Ela é muito determinada.

– Não é só dela.

A Dra. Calloway estreitou os olhos, encarando-a com uma expressão conhecida que sempre a deixava meio acanhada e ao mesmo tempo a fazia endireitar os ombros. Uma vez, ela passou quinze minutos olhando Stevie daquele jeito na frente da classe toda, fazendo-lhe a mesma pergunta sobre a personagem que ela estava interpretando na época, várias vezes – *o que Angélica quer, Stevie?* – até ouvir uma resposta aceitável.

– Aquilo foi bem impressionante – disse a Dra. Calloway, apontando para o palco. – Um Benedito diferente de todos que já vi.

Stevie fez um gesto de desdém.

– Não é nad...

– É *muito*, Stevie.

Ela levantou uma das sobrancelhas, e Stevie aquiesceu.

– Tá. Desculpa. Quer dizer, obrigada, Dra. Calloway.

– Por favor, me chama de Thayer. Não estamos mais na sala de aula.

– Thayer – disse Stevie, corando na mesma hora.

Metade do departamento de teatro amava Thayer Calloway; jovens lésbicas, bis e pans a rodeavam, atraídas por sua energia queer feito mariposas em volta da luz, além de algumas mulheres que sempre presumiram ser heterossexuais. E Stevie estava entre aquelas.

– Enfim, ainda quero dar um oi pra Adri e Ren, mas estou feliz por ter te encontrado sozinha primeiro – disse Thayer.

– Ah, é?

Thayer sorriu.

– Agora estou em Nova York, como você deve saber.

– Sei, sim. Como vão as coisas?

– Na verdade, vão muito bem. Acabei de ser convidada para dirigir *Como gostais* no Shakespeare in the Park no verão que vem. No Delacorte.

Stevie arregalou os olhos. Metade da sua educação dramática na faculdade consistira em estudar atrizes que pisaram no famoso palco do Teatro Delacorte do Central Park, de Anne Hathaway a Meryl Streep e Rosario Dawson.

– Ai, meu Deus! – exclamou ela. – Isso é maravilhoso! Parabéns, Dra... *Thayer*. É um sonho!

Thayer sorriu, exibindo todos os dentes e covinhas nos dois lados do rosto.

– É, sim. E quero te oferecer um papel.

Stevie ficou paralisada, a boca se abrindo sem sua permissão. As letras pareciam partículas no ar, juntando-se devagar para formar palavras e frases.

– Peraí, como é que é? – perguntou Stevie por fim.

– Isso mesmo que você ouviu, Stevie.

– Eu... Não sei se...

– Antes de dizer que não pode – Thayer levantou a mão –, pense no assunto. Quero que faça a Rosalinda.

– Rosalinda. Quer dizer...

– A protagonista.

A cabeça de Stevie girava.

– Não entendi. Deve ter uma centena de pessoas que poderiam ser convidadas pra fazer a Rosalinda. Gente famosa. Tipo a Natalie Portman!

Thayer fez que sim.

– Realmente. Mas não quero a Natalie Portman. Quero o que acabei de ver naquele palco. Quero aquilo que entrevi quando você ainda tinha 18 anos e mal conseguia me olhar nos olhos. Quero a Stevie Scott.

Não podia ser verdade. Só podia ser um sonho.

– Eu... Tô chocada.

– Sei como é – disse Thayer. – Também estou meio chocada. Pra falar a verdade, entrei aqui pra dar um oi pra Adri, e só pra ela. Fiquei surpresa por você ainda estar em Portland.

Stevie abriu a boca, mas nada saiu.

– Em todo caso, assim que te vi lá em cima, entendi que estava diante da minha Rosalinda – continuou Thayer, tirando uma pasta de papel pardo da bolsa mensageiro e começando a folhear os documentos dentro dela. – Em algum lugar aqui tem um cronograma com os ensaios, as datas em que a peça vai ser apresentada e tudo mais. Vou mandar pra você por e-mail também, mas quero que fique com essa cópia agora. Ah, fica com tudo e pronto.

Ela ofereceu a pasta e Stevie a pegou, com a mão já trêmula. Mal conseguia digerir o que Thayer estava dizendo, muito menos o que significava.

– Vou precisar da sua resposta até 1º de setembro, antes do começo oficial dos testes de elenco – informou Thayer. – Posso te ajudar com moradia, comida e essas coisas, então não deixe nada disso te impedir. Por favor, promete que vai pensar.

– Eu...

– É a *Thayer Calloway*?

A voz de Ren ecoou do palco, onde tinha acabado de sair dos bastidores carregando vários tecidos e materiais. Cobriu a vista com a mão para bloquear as luzes e enxergar os fundos do teatro.

– Caramba, é ela mesma!

– Hein? – perguntou Adri, pulando de sua poltrona na primeira fila. – Cadê?

– Oi, gente. – Thayer acenou.

Ren saltou do palco, quase se atirando pelo corredor, e Adri seguiu logo atrás.

– Pensa nisso – repetiu Thayer, dando um apertozinho no braço de Stevie antes que Ren e Adri a alcançassem.

Logo começaram a pôr a conversa em dia, Adri contando a Thayer sobre o jantar beneficente que acompanharia a peça, e ela e Ren perdendo

completamente o controle quando Thayer contou sobre a Shakespeare in the Park.

– Acabei de chamar a Stevie aqui pra ir trabalhar pra mim em Nova York – contou ela.

Stevie fechou os olhos por uma fração de segundo enquanto a notícia caía feito uma bomba.

– Minha. *Nossa!* – exclamou Ren, voltando-se para ela. – Sim. Ela topa.

– Ren... – disse Stevie.

– Sério que tá pensando em *não* topar? Stevie!

– Sei lá – respondeu Stevie.

Ela sentiu o pânico crescer no peito e olhou de lado para Adri, que se limitou a encará-la com a boca vermelha aberta num pequeno círculo.

– Stefania Francesca Scott – disse Ren, cruzando os braços e fazendo lenços coloridos e faixas de tecido tremularem com o movimento. – Tenha a santa paciência.

– Deixa ela em paz, Ren – resmungou Adri.

Ren estreitou os olhos.

– Sério, Adri? Tá tão desesperada assim pra manter a Stevie presa no cabresto que quer convencer ela a não...

– Não quero convencer ela a nada – respondeu Adri. – Eu só disse...

– A gente sabe o que você disse – retrucou Ren –, e eu...

– Calem a boca – disse Stevie.

As lágrimas tomaram conta de seus olhos: lágrimas de vergonha por ver Ren e Adri tendo aquela conversa na frente da professora, vergonha por não conseguir dizer sim de uma vez, como sabia que devia. Mas era isto que Ren não entendia: Stevie sempre dizia sim a todo mundo e a qualquer coisa. Era o caminho mais fácil.

Menos àquela proposta.

Aquele *sim* traria consequências, uma série de decisões que a faziam sentir que estava se afogando. E Adri... Stevie não conseguia nem olhar para ela.

– Stevie – disse Ren –, só estou tentando ajudar.

– Mas não tá ajudando – respondeu ela, as lágrimas já rolando.

– Tá, vamos respirar fundo – sugeriu Thayer, que conhecia bem a ansiedade da ex-aluna.

Mesmo assim, Stevie duvidava muito que a ideia de uma atriz perdendo a compostura por nada no palco do Delacorte fosse uma boa referência.

– Desculpa, Dra. Calloway – disse ela, antes de dar as costas, empurrar as portas que levavam ao saguão e sair correndo.

Não parou até estar lá fora, com o sol do fim de junho luminoso e forte demais, certeza demais.

Deixou cair a pasta ao lado da porta e tentou respirar, mas era o mesmo que tentar enfiar um navio num ralo. Ouviu o som áspero que vinha dos pulmões e viu as pessoas que passavam olharem para ela. Dispensou os olhares preocupados e recuou para baixo do toldo do Imperatriz.

Respira.

Respira, porra.

Stevie fechou os olhos e inspirou, mas, caramba, tinha entrado em parafuso. Era só ladeira abaixo. Pensou em chamar Ren, que sabia como ajudá-la, mas a ideia só fez o pânico crescer ainda mais. Por que é que Stevie precisava entrar em pânico desse jeito só porque as pessoas a estavam incentivando a agarrar uma oportunidade única na vida?

Ou *desincentivando*, conforme o ponto de vista.

Mas não era isso; nem a insistência de Ren nem a óbvia relutância de Adri. Era o modo como falavam dela, como se não fosse capaz de fazer nada por conta própria.

E, caramba, se a ideia de ir para Nova York a assustava tanto assim, talvez não devesse ir.

– Stevie?

A voz de Iris.

– Saco – Stevie conseguiu grunhir.

Não queria que Iris a visse assim. Não queria que...

– Ah – disse Iris enquanto Stevie desabava contra a fachada do Imperatriz. – Ai, nossa. Tá. Hã...

Stevie gesticulou, tentando informar que estava bem, mas não sabia se estava mesmo. Iris já tinha feito tanto por Stevie que não queria que ela se

arrependesse.

O pensamento foi rápido e frio, como uma explosão de gelo congelando num instante a superfície de um lago: não queria que Iris se arrependesse *dela*. Quando tudo acabasse, quando fingissem terminar o namoro e Iris saísse de sua vida, Stevie não queria... não queria que Iris...

– Olha pra mim.

Iris.

Bem na frente de Stevie, tão perto que pôde ver salpicos dourados naqueles olhos verdes. Ela segurava o rosto de Stevie com as mãos em concha, de olhos fixos nos dela.

– Olha pra mim – repetiu. – Se concentra nas minhas sardas. Tá vendo elas?

Stevie conseguiu fazer que sim. Naquele momento, parecia um hipopótamo asmático, com a respiração difícil e ruidosa.

– Conta elas – disse Iris. – Conta as minhas sardas. Começa com a que fica debaixo do meu olho esquerdo.

Stevie tentou engolir em seco, tentou se concentrar nas sardas e pintas no rosto de Iris. Cravou o olhar naquela de que Iris falava e sentiu sua atenção se concentrar. Reconheceu a pinta.

– É... azul.

Iris sorriu.

– Que bom. Tenho mais alguma pinta azul?

Stevie vasculhou o rosto dela com o olhar, procurando. Havia sardas e pintas em todos os tons de castanho, da cor de café com leite à de café expresso. Derramavam-se pelo nariz, pelas bochechas e pálpebras, pontuando até os lábios.

Eram lindas.

Mas havia apenas uma pinta azul, escura como as profundezas do oceano.

– Não – disse Stevie, encarando os olhos de Iris.

– Isso mesmo – respondeu Iris baixinho. – Essa é a única.

Ficaram assim por algum tempo, silenciosas e próximas. O coração de Stevie ainda batia depressa, o estômago parecia uma criatura esticando as

asas, mas logo seu peito se abriu e o ar fluiu com suavidade.

Porém Iris ainda estava perto dela.

Muito perto.

E cheirava a hortelã e flor de laranjeira, e o cabelo dela era de um vermelho tão escuro que combinava com o batom rubi. Uma trancinha partia da têmpora, dando uma volta por cima do ombro, e Stevie teve vontade de esticar a mão e passar os dedos por ela.

Foi o que fez.

Pegou a trança na mão e deslizou o polegar devagarinho pelos fios sedosos. Iris continuou de olhos fixos nos dela, respirando o mesmo ar. A respiração de Stevie acelerou de novo, mas dessa vez não foi por pânico. Os pulmões estavam desimpedidos, os pensamentos cada vez mais tranquilos... e mais... até que a única coisa em que conseguia pensar era Iris.

Bem ali.

Tão linda e gentil. Stevie duvidava que Iris usasse alguma dessas palavras para se descrever, mas era assim. Iris, apesar de toda a audácia e das bravatas, era gentil. Demonstrava carinho de um jeito que Stevie nunca vivenciara, falando *com ela* em vez de falar *dela*. Deixando-a tomar decisões.

Mas tudo isso era parte do acordo.

Não era?

– Stevie... – sussurrou Iris.

O olhar dela desceu até a boca de Stevie e voltou para cima, e essa foi a gota d'água.

Sterie se inclinou para a frente, centímetro após centímetro, acreditando que Iris se afastaria, mas ela não recuou. E, quando envolveu a cintura dela com as mãos e a puxou para mais perto, Iris soltou um suspiro ínfimo que fez Stevie se sentir completamente fora de controle.

Ela encostou os lábios nos de Iris, primeiro com delicadeza, mas logo o desejo tomou conta dela. Abriu a boca, e Iris abriu também, passando as mãos do rosto para o cabelo de Stevie. As línguas se tocaram, se emaranharam, e, quando Iris puxou um pouco o cabelo de Stevie, ela deu um gemidinho que não a envergonhou nem um pouco. Iris tinha gosto de laranja e canela ao mesmo tempo, como num encontro do verão com o

inverno. Era inebriante.

Ela era inebriante.

– Iris – murmurou Stevie junto à sua boca.

Apenas isso. Apenas o nome dela, porque era a única coisa em que conseguia pensar no momento.

– Eu sei – disse Iris, e a beijou de novo, puxando o lábio inferior de um jeito que fez o espaço entre as pernas de Stevie latejar.

Tinha acabado de enfiar as mãos por baixo da camiseta preta e justa de Iris quando ouviu alguém pigarrear.

As duas recuaram, olhando-se em choque por uma fração de segundo antes de se voltarem para o som.

Adri estava ali, de pé, com uma expressão insondável.

– Precisamos voltar ao trabalho – disse ela.

Stevie assentiu, soltando Iris e endireitando a própria camiseta.

– Claro. Tá. A gente já vai.

Adri abriu um sorriso tenso e voltou ao teatro. Iris se afastou ainda mais de Stevie, depois enxugou a boca com a mão.

– Acho que é melhor a gente voltar pra dentro – disse Stevie.

Iris fez que sim com a cabeça. Não quis olhá-la nos olhos.

– É. Lógico.

As duas se aproximaram da porta, e Stevie parou para recolher a pasta que Thayer tinha dado para ela.

– O que é isso? – perguntou Iris, abrindo a porta e segurando-a escancarada.

Stevie balançou a cabeça e enfiou a pasta debaixo do braço.

– Nada. Não é nada, não.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

IRIS ABRIU A PORTA GIGANTE de carvalho da Taverna da Stella, e aromas de cerveja, suor e perfume rodopiaram em volta dela quando entrou com Stevie.

O bar estava lotado naquela noite do passinho, mas, até aí, sempre estava. O evento mensal era um dos favoritos da pequena comunidade lgbtq+ de Bright Falls, tinha uma multidão ainda maior naquela noite, já que era uma das poucas empresas da cidade que se decorava *de verdade* no Mês do Orgulho. Bandeiras de arco-íris tremulavam por todo o salão, e o cardápio ostentava coquetéis especiais para representar a bandeira do Orgulho, com o mojito, verde, e um martíni que mudava de cor, ficando roxo, até uma coisa chamada *Adiós, hijo de puta*, que era praticamente um long island iced tea azul.

– Iris! – chamou Claire do canto dos fundos, ficando de pé e acenando.

Usava uma camisa xadrez de flanela amarrada na frente e um short jeans azul-claro desfiado.

– Olha aqui!

Iris pegou a mão de Stevie e a levou até as amigas. O trajeto foi lento em meio a tanta gente, e Iris teve tempo de sorrir para pessoas conhecidas e controlar seus impulsos.

Ela e Stevie não conversaram muito desde aquele beijo no Imperatriz. Tinham terminado o ensaio – com o humor de Adri pior que o normal – e depois Iris praticamente correria do teatro para o carro, despedindo-se apenas com um “te vejo mais tarde”.

Naquela noite, quando ela chegou ao apartamento de Iris, só conversaram sobre a camisa de flanela que Stevie combinara com uma camiseta vintage do Nirvana, o short preto desfiado e o coturno preto serem a coisa mais próxima que ela tinha do estilo country. Iris ofereceu um chapéu de caubói para completar o visual e... bom...

Stevie ficou uma graça.

Sexy, se Iris se permitisse pensar na palavra, o que não fez, porque aquela noite era para ajudar Stevie a encontrar alguém para...

Iris respirou fundo, tentando acalmar o próprio estômago. Antes de sair, pensou em comentar a respeito do ataque de pânico de Stevie no Imperatriz e perguntar o que a havia deixado naquele estado. Estava preocupada, é claro, mas também temia que a conversa levasse ao que aconteceu depois, o beijo que ainda fazia os joelhos dela amolecerem quando lembrava a cena.

O beijo que não tinha nada a ver com convencer o círculo de amizades de Stevie nem com praticar alguma coisa.

Tinha sido de verdade.

Ou será que não?

A mente de Iris não conseguia concluir isso nem descobrir o que sentia a respeito. Stevie estava abalada, e Iris a ajudou. Existia atração entre elas, sim. Claro que existia. E, lógico, com todo o tempo que vinham passando juntas, estavam se conhecendo melhor. Começando a gostar uma da outra. Não era de se esperar?

Não significava *nada*. Afinal, Iris gostava de muita gente.

– Estamos quase lá – disse ela no bar.

Olhou para Stevie, que sorriu para ela, com o chapéu de caubói cor de palha inclinado sobre um dos olhos e os cachos desalinhados pairando

pouco acima dos ombros.

Caramba, que linda.

Iris inclinou o próprio chapéu marrom-escuro para ela, com um cumprimento; talvez *mais* um pouco de drama ajudasse a acalmar os nervos. Ora, no passado sempre tinha dado certo.

Iris tá meio emocionada demais, ai, saco, o que a gente faz?

Iris sempre soube: mais risadas, mais piadas, mais Iris. Era o que todo mundo esperava dela. Até Stevie, que riu e balançou a cabeça com um belo rubor tomando conta das bochechas macias.

Iris apertou a mão dela e atravessou a multidão até a mesa onde as amigas já tinham começado a beber.

– Vocês duas estão lindas! – exclamou Claire, aproximando-se de Iris e beijando o rosto dela.

– Eu sei – respondeu ela, soltando Stevie e dando uma voltinha para mostrar a saia curta com babados de renda e cintura jeans combinada com autênticas botas de caubói vermelhas e blusinha cropped da mesma cor com estampa de bandana.

– Pelo amor de Deus, não elogia mais ela – disse Delilah.

Estava relaxando no canto do reservado, usando as cores góticas que eram sua marca registrada: regata vinho e jeans preto.

– Cala a boca, Mortícia – respondeu Iris, mostrando o dedo do meio.

Mas Delilah sorriu e inclinou o copo de bourbon para Iris como num brinde, que lhe soprou um beijo.

– Oi, Stevie, que bom te ver – disse Astrid, que usava uma regata marfim e jeans escuro, mas pelo menos estava com um chapéu de caubói.

– Oi – respondeu Stevie. – Bom rever vocês todas.

– Como vai a peça? – perguntou Jordan, que estava com uma camisa de botão estampada de cactos verdes miudinhos e a mão apoiada na nuca de Astrid, brincando com o cabelo dela.

– Tá indo bem. A Iris é incrível.

– Claro que é – disse Claire. – Senta, gente!

– Primeiro, vamos lá pedir uma bebida – respondeu Iris. – Mas toma, amiga, segura minha bolsa.

Ela jogou a bolsa com franjas para Delilah, que a pegou sem dificuldade e a pendurou no próprio ombro tatuado, dizendo:

– Achado não é roubado.

Iris riu, depois se virou e guiou Stevie em direção ao balcão do bar. Quase pegou na mão dela outra vez, mas podia não ser o gesto mais sensato se todas as pessoas lgbtq+ ali achassem que as duas eram um casal. Então se contentou em fazer uma pressão suave entre os ombros de Stevie.

– Club soda? – perguntou quando chegaram ao balcão.

Stevie sorriu para ela.

– Aham.

Iris pediu a bebida de Stevie, além de um *Adiós, hijo de puta* para si mesma. Afinal, por que não? Na opinião dela, o long island iced tea nunca era uma decisão sábia para ninguém, mas naquela noite, para falar a verdade, ela não dava a mínima.

– Tá bom, vamos traçar estratégias – disse ela assim que recebeu a bebida.

Tomou um longo gole, desejando que o álcool a fortalecesse. Talvez até encontrasse alguém de quem também gostasse. Não transava havia muito tempo, e só Deus sabia como... o que quer que ela e Stevie estivessem fazendo a deixava com tesão.

É verdade que conhecia todas as pessoas lgbtq+ em Bright Falls... todas, isto é, umas dez, sem contar a própria turma. Só umas poucas que se identificaram como mulheres ou não binárias estavam disponíveis para um relacionamento, e os olhos de Iris percorreram o salão à procura delas.

– Tá, bora lá – disse Stevie, tomando um gole do club soda. A voz dela tremeu um pouco.

Iris olhou para ela.

– Tem certeza de que quer fazer isso?

Stevie assentiu com vigor, mas estava de olhos arregalados, e a boca tremia um pouco, como se estivesse com dificuldade para respirar.

– Stevie. – Iris tocou o cotovelo dela. – Não precisa...

– Preciso, sim.

Iris engoliu em seco, sentindo uma espécie de aperto no peito.

– Tudo bem – disse com delicadeza. – Então, mãos à obra.

Stevie fitou os olhos dela, sustentando o olhar por uma fração de segundo antes de Iris desviar o rosto. Uma música country começou a tocar no sistema de som, e um grito de entusiasmo pulsou por toda a multidão. No meio do salão, de onde as mesas tinham sido empurradas para ficar nos cantos, as pessoas se reuniram no piso de madeira empoeirado, começando de imediato a dançar um passo que Iris reconheceu da última vez que tinha ido à taverna.

– Nossa, todo mundo aqui sabe dançar – comentou Stevie.

Iris riu.

– É, o pessoal leva o passinho a sério. Cidade pequena não tem muito o que fazer.

Stevie concordou, os olhos de âmbar acompanhando os chutes e arrastapés com os polegares enfiados na fivela dos cintos. Iris viu Jordan e Astrid na pista, uma fazendo palhaçada enquanto a outra, lógico, realizava os passos perfeitos. Iris estabeleceu como objetivo da noite levar Delilah para a pista de dança. Seu lado nova-iorquino se recusava a dançar música country – a não ser que fosse uma canção lenta com Claire.

Iris se apoiou no balcão e estava prestes a sugerir que tentassem dançar, apenas para deixar Stevie mais solta, quando a viu.

Jenna Dawson.

Jenna era bonita; tinha um ar de moça do interior, com o cabelo castanho, extremamente liso e lustroso descendo até o meio das costas. Estava com uma camisa xadrez azul amarrada na frente, mostrando a cintura curvilínea, e um short desfiado que exibia coxas grossas e lindas. Jenna tinha se mudado para Bright Falls cerca de cinco anos antes e dava aula de química avançada na escola, portanto, além de bonita, era inteligente.

Era também muitíssimo lésbica e solteira.

Iris a observou por um segundo, arrastando os pés na pista de um jeito desajeitado e sexy que era adorável. Jenna riu com a melhor amiga, Hannah Li, também superlésbica, mas não solteira; seu jeito de ser era doce e acessível.

Ela era perfeita.

Jenna era gentil e paciente – para dar aula numa escola pública hoje em dia, tinha que ser –, e Iris sabia que Stevie ficaria segura com ela... talvez pudesse até ir além da simples noitada, embora Jenna não fosse de torcer o nariz para diversão sem compromisso. A própria Iris nunca havia tentado nada com ela – ir para a cama de vez em quando com residentes de Bright Falls era receita para um desastre –, mas já tinha visto a moça no Lush uma ou duas vezes, e uma sorriu para a outra do outro lado do bar enquanto ficavam com outras pessoas.

Então, sim, Jenna era perfeita.

Apesar disso, lá estava Iris, completamente paralisada, com a bebida transpirando na mão, tentando fazer com que aquelas palavras exatas saíssem da própria boca.

Respirou fundo e tomou outro gole do drinque. O álcool turbinou seu sangue enquanto olhava para Stevie, vendo aquela expressão aberta no rosto lindo, observando o ambiente.

Stevie *queria* aquilo. Qualquer que fosse o motivo por que havia beijado Iris no Imperatriz, não importava. Ela não queria mesmo que importasse...

Balançou a cabeça e tomou mais um gole generoso da bebida azul.

– Tá bom – disse ela, deixando a bebida no balcão. – Bora lá.

– Aonde é que a gente... ah, tá.

Iris pegou o braço de Stevie e a levou para a pista de dança, ziguezagueando entre as pessoas até chegar perto de Jenna e Hannah.

– E aí, meninas? – gritou Iris por cima da música.

– Oi, Iris. – Jenna sorriu e já olhou para Stevie, o que foi perfeito.

Foi mesmo... né?

Tudo estava simplesmente perfeito.

Iris sentiu um aperto no estômago, mas seguiu em frente.

– Essa é a minha amiga Stevie. Ela mora em Portland e é atriz. Uma atriz maravilhosa.

– Oi – disse Hannah com tranquilidade, mas Iris percebeu a cutucada que ela deu no braço de Jenna.

– Oi, Stevie. Eu sou a Jenna.

– Opa... oi. Meu nome é Stevie. Mas a Iris já disse isso.

Jenna riu.

– Pois é.

E assim, como se fosse a vontade das deusas lgbtq+, a música animada deu lugar a uma canção lenta, com bandolim e uma voz sensual. A multidão se dispersou, formando pares, e Hannah se aproximou da parceira, Alexis, perto da jukebox.

– Chama ela pra dançar – disse Iris pelo canto da boca.

– Hein? – respondeu Stevie, e logo entendeu. – Ah, tá, isso.

Jenna riu outra vez, e Stevie corou, como numa cena tirada diretamente de uma comédia romântica.

– Eu adoraria – disse Jenna antes mesmo que ela pudesse perguntar.

– Maravilha. Vou buscar mais uma bebida. – Iris deu um empurrãozinho em Stevie na direção de Jenna e sussurrou no ouvido dela: – Você tá no controle, não esquece.

E saiu, abrindo o máximo de espaço possível entre ela e a dupla que acabara de juntar. Mas não foi até o balcão. Em vez disso, seguiu em linha reta até as amigas, precisando de um instante de alívio seguro antes de descobrir o que fazer com o resto da noite.

Mas, assim que terminou de abrir caminho entre os casais felizes na pista, com certeza não foi alívio o que encontrou. Em vez disso, deu de cara com um grupo de quatro mulheres que a encaravam com ar incrédulo.

– Que foi? – perguntou, sentando-se ao lado de Claire e bebendo meio copo d'água.

O *Adiós, hijo de puta* estava cumprindo sua missão, mas era uma missão um tanto nauseante, na verdade.

– Que merda foi essa? – perguntou Delilah, sempre a mais sutil do grupo.

– Como assim? – perguntou Iris.

– Ela quer dizer – respondeu Claire, com uma expressão horrorizada no rosto – por que você acabou de empurrar sua namorada pra Jenna Dawson?

– Ela não é minha namorada.

– O que é a maior besteira – retrucou Claire, com o tom de voz mais

agudo. – É óbvio que vocês se gostam. Lá no grupo você só fala dela.

Iris estremeceu, mas logo se controlou.

– A gente tá sempre junta por causa da peça.

– É a situação perfeita pra desenvolver sentimentos – afirmou Jordan.

Iris suspirou.

– Olha, eu tô ajudando a Stevie, tá? Ela fica meio nervosa na hora de chegar em alguém, então...

– Acho que você não está sendo sincera consigo mesma, Iris – disse Astrid.

Iris rangeu os dentes. Astrid tinha passado anos fingindo que a vida dela era completamente perfeita e, desde que se libertara de um trabalho que detestava, sem falar das expectativas da mãe sobre como ela deveria viver, seu detector de lorotas ficou extremamente sensível. A pessoa não podia nem fazer uma careta sem que Astrid começasse a questionar se “estava sendo sincera consigo mesma”.

– Estou sendo absolutamente sincera – declarou Iris. – Todo mundo aqui sabe que eu não...

– Não namora – disseram as quatro em uníssono.

Iris franziu os lábios.

– Que bom. Então estamos entendidas.

– O que não entendemos é *por quê* – insistiu Claire, e se aproximou de Iris com aquele ar maternal que adotava sempre que a filha dela, Ruby, tinha um colapso. – Amiga, sei que te magoaram. Um povo muito babaca passou pela sua vida, mas isso não tem nada a ver com você.

Iris deu uma risada sarcástica, pegou o vinho de Claire e tomou um gole. Já tinha ouvido tudo aquilo. Mais de uma vez, no ano anterior, a amiga havia tentado ter essa conversa com ela, às vezes com Astrid ao lado, às vezes a sós. Mas elas não entendiam nada. Não compreendiam como era perceber que o denominador comum a todos aqueles relacionamentos fracassados era, na verdade, *ela mesma*.

Tinha *tudo* a ver com Iris.

– Claire, não começa. Por favor. Me deixa ficar aqui bebendo e pronto, tá bom?

– Por que você tá com vontade de beber se não liga que a Stevie fique com a Jenna? – perguntou Astrid.

– Sério? – respondeu Iris, olhando para Delilah em busca de apoio.

– Não olha pra mim. – Delilah mostrou a palma das mãos. – Tô do lado delas.

– Então agora existem “lados” – disse Iris.

– Em se tratando de você se autossabotar em tudo o que presta na sua vida, sim – respondeu Delilah.

Iris ficou de queixo caído. Não estava se autossabotando em tudo o que prestava, caramba. Trabalhava muito. Amava as amigas; bom, nos últimos tempos, nem tanto, mas em geral sim. Criou uma empresa do zero e foi inteligente o bastante para saber quando era hora de se dedicar a outra atividade. Arriscou-se a confiar na própria escrita e valeu a pena. Era a protagonista de uma peça de teatro e estava dando tudo de si. Mas, naquele momento, só porque não queria se prender a um relacionamento que também acabaria, diziam que era autossabotagem.

Ah, pelamor.

– Sabem de uma coisa? – disse ela, pegando a bolsa de onde Delilah a havia deixado. – Vou embora.

– Fica, amiga! – pediu Claire. – A gente só tá dizendo que...

– Eu sei o que estão dizendo. Entendi direitinho, tá bom?

Deixou a mesa antes que alguém pudesse dizer qualquer outra coisa horrível e se enfiou na multidão dançante. Olhou em volta à procura de Stevie e logo a encontrou sentada a uma mesa, numa conversa animada com Jenna.

Passou um tempinho olhando as duas e... é. Todos os sinais estavam lá. Estavam bem juntas; poucos centímetros separavam um rosto do outro. Jenna tinha estendido as mãos além do meio da mesa, entrando bem no espaço de Stevie e, de vez em quando, como se para enfatizar algo que dizia, encostava o dedo no pulso dela.

E Stevie... sorria. Até mesmo ria. Estava relaxada, linda e perfeita, e algo dentro do peito de Iris começou a doer.

Stevie olhou para cima e percebeu o olhar dela.

Sorriu.

Iris também sorriu para ela e indicou com a cabeça a direção da porta, erguendo o polegar numa pergunta silenciosa.

O sorriso de Stevie murchou, mas só por um instante. Iris a viu engolir em seco e quase pôde sentir quando ela respirou fundo. Mas ela fez que sim com a cabeça, mostrando o próprio polegar em resposta.

Então tá, pensou Iris. Missão cumprida.

E, sem olhar outra vez na direção de Stevie, deu as costas, empurrou a porta da Taverna da Stella e saiu.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

STEVIE VIU IRIS SAIR e sentiu alguma coisa inexplicável afundar no estômago.

– Você tá bem? – perguntou Jenna, tocando no braço dela.

Stevie olhou para ela. Era mesmo bem bonita. E gentil. *Muito* gentil. Quando dançaram, ela a abraçou com ternura e fez perguntas sobre o teatro. Não foi como o primeiro encontro ardente que teve com Iris, mas devia ser um bom sinal, já que essa tal noite não terminou nada bem.

Não, Jenna era tranquila. Agia de forma lenta e segura, e Stevie sabia que era a pessoa perfeita com quem estar naquela hora. Talvez até namorar. Conseguia se imaginar saindo para jantar com ela, entrando de mãos dadas numa sorveteria, vendo comédias românticas numa tarde chuvosa de sábado.

Jenna fazia sentido.

– Tô, sim – respondeu Stevie.

– Quer dançar de novo? – perguntou Jenna quando outra música lenta começou.

– Só se for agora.

Levantaram-se e foram para a pista de mãos dadas. Stevie respirou fundo e puxou Jenna para perto dela. Conduziu a dança, passando os dedos pelas costas da mulher e descendo até a cintura antes de acomodar as mãos naqueles quadris lindos e largos. Jenna encostou a cabeça na de Stevie, passando os dedos nos cabelos dela, puxando-os de leve.

Nossa, como era bom.

Stevie fechou os olhos, sentindo a respiração acelerar, mas não por pânico. Virou um pouco a cabeça, sentiu a boca de Jenna roçar sua bochecha e continuou o movimento quando ouviu a respiração dela acelerar também.

– Tudo bem? – perguntou quando as bocas estavam próximas, e Jenna fez que sim.

Stevie a beijou. Foi um beijo delicado, suave e perfeito, e com certeza não pensou em nenhuma outra pessoa.

Não pensou numa ruiva desenfreada.

Nem numa Beatriz terna e ruidosa.

Nem numa namorada de mentira com uma única pinta azul.

– Quer ir lá pra casa? – perguntou Jenna quando terminaram o beijo.

Stevie olhou para ela, sentindo um frio na barriga. Mas, sim. Sim, é claro que queria ir para a casa de Jenna. O objetivo era aquele e, caramba, ela não queria ter que encarar Iris no ensaio do dia seguinte e dizer que tinha amarelado. Então abanou a cabeça, concordando. Jenna sorriu e, antes que Stevie percebesse, as duas estavam de mãos dadas numa rua de paralelepípedos de Bright Falls, chegando ao apartamento de Jenna dali a alguns quarteirões.

– Chegamos – anunciou ela, destrancando uma porta no terceiro andar.

O prédio era bonito, com apenas três andares, e ficava do outro lado da Main Street em relação ao prédio de Iris.

– Legal – disse Stevie, entrando no pequeno espaço.

Era limpo e moderno, com paredes e móveis cinza, almofadas em tons vívidos de coral e verde-água e objetos de decoração aqui e ali. Uma gata tricolor se esfregou nas pernas de Stevie.

– Ah, essa é a Nyla. Você não tem alergia, né?
– Não. – Stevie se abaixou para afagar a cabeça da gata.
– Vou só pôr comida pra ela e depois sou toda sua – disse Jenna, entrando na cozinha. – Quer tomar alguma coisa?

– Água tá ótimo – respondeu Stevie, entrando na sala de estar.

A palma das mãos estava meio suada, e ela as enxugou na parte de trás do short, depois tirou o chapéu e o deixou no sofá.

– Pronto – disse Jenna, entregando um copo d'água para ela.

– Valeu.

Stevie tomou um único gole, de olhos fixos em Jenna, e deixou o copo numa mesa de canto antes de se aproximar e envolvê-la com um dos braços.

– Ah! – disse Jenna, rindo e pegando os braços de Stevie. – Direto ao assunto, é?

– É – respondeu Stevie, e a voz tremeu só um pouquinho. – Se você quiser.

– Quero, sim.

Jenna aproximou o rosto e a beijou. Stevie agarrou os quadris dela e a beijou também. Ela tinha um sabor delicioso, de vinho e sol, e sem dúvida sabia usar a língua. Foi um beijo perfeito, que prometia mais. Stevie sentiu o estômago dar um pulinho quase imperceptível e se concentrou. Visualizou o que queria fazer com Jenna, pintando a imagem na mente: tiraria a roupa devagar, deitaria a mulher na cama e afastaria as pernas dela, colando a boca ao calor entre as coxas.

Faria Jenna arfar, gritar e gozar.

Mas, em sua mente, quando levantou a cabeça para sorrir para a amante, não era Jenna.

Era uma ruiva desenfreada.

– Saco – disse ela, recuando.

– Você tá bem? – perguntou Jenna, com a preocupação fazendo um vinco entre as sobrancelhas.

Os dedos de Stevie continuavam nos quadris dela. Fechou os olhos com força e assentiu. Tentou voltar àquele momento, não às cenas imaginárias.

– Olha – disse Jenna baixinho. – Tá tudo bem. A gente não precisa fazer

nada se você não quiser.

Stevie balançou a cabeça, negando, mas as lágrimas já afloravam.

Saco, saco, saco!

– A gente pode só conversar – sugeriu Jenna com muita, muita doçura.

Mas Stevie não queria doçura.

Pelo menos, não o tipo de doçura de Jenna. Talvez, em outra época da vida, em outro mundo, ficar com ela fizesse sentido. Na verdade, Stevie sabia que sim, mesmo que só por uma noite.

– Desculpa, Jenna – disse, soltando as mãos dela e dando um passo para trás.

A expressão de Jenna murchou.

– Ah.

– Você é maravilhosa. Muito mesmo, mas preciso ir embora.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

IRIS TINHA ACABADO DE SE ACOMODAR no sofá com uma tigela de pipoca e uma garrafa de vinho – não precisava de taça, muito obrigada – quando ouviu uma batida na porta.

Gemeu e deixou a cabeça cair na almofada das costas. Devia saber que as amigas não a deixariam se safar depois de sair da Taverna da Stella fazendo birra.

Outra batida.

Ela se levantou do sofá.

– Sabe, Claire – disse em voz alta para a porta –, às vezes, uma boa amiga não vem atrás da ruiva teimosa. Às vezes, a boa amiga deixa a ruiva teimosa em paz e não...

Mas suas palavras silenciaram quando abriu a porta, pronta para agir feito uma chata de carteirinha, e encontrou Stevie ali no corredor. Ela estava sem fôlego, como se tivesse corrido até ali, com os olhos reluzentes e fixos em Iris.

– Stevie. O que... você tá bem? O que aconteceu?

Stevie entrou no espaço pessoal de Iris sem hesitar, já deslizando as mãos pelos quadris dela. Fechou a porta com um chute e a puxou para ainda mais perto.

– *Você aconteceu* – disse antes de beijá-la.

Iris mal teve tempo de se surpreender ou de pensar antes que seu corpo reagisse. Seus braços envolveram os ombros de Stevie, os dedos afundaram logo nos cabelos.

E, caramba, estava cansada de lutar contra aquilo, cansada de dizer a si mesma que não queria.

Stevie girou Iris, apoiando o corpo dela na porta, encaixando logo a coxa entre as pernas dela. E, nossa, Iris já estava molhada, o clitóris latejando. Stevie devorou a boca dela, puxando o lábio inferior antes de mergulhar a língua. Agarrou a barra da blusa dela e a levantou, expondo o sutiã rendado.

– Eu amo seu peito – disse Stevie.

E, caramba, depois disso Iris só conseguiu gemer enquanto ela passava os polegares por cima dos mamilos, tateando e beliscando. Também puxou a camiseta de Stevie, e logo metade das roupas das duas estava no chão. Stevie estava sem sutiã, e Iris morria de vontade de pôr os mamilos dela na boca, mas ela mal a deixava se mexer, prendendo-a contra a porta com a coxa, passando as mãos pela bunda dela e apertando a perna com mais força junto ao seu centro de prazer.

– Que delícia – disse Iris enquanto a sensação atravessava o short e a roupa íntima.

Stevie riu de encontro ao ombro dela, soltando-a por um instante. Iris gemeu em protesto, mas logo Stevie puxou o short dela pelas pernas, cutucando os pés dela para que os soltasse do tecido. Iris obedecia a todos os pedidos, já meio tonta quando Stevie retomou a posição, agarrando a bunda dela outra vez e roçando a coxa no sexo.

– Ai, meu Deus – murmurou Iris, inclinando a cabeça para trás.

Stevie colocou a boca ao pescoço dela, roçando a pele com os dentes. Com uma das mãos, Iris agarrava o cabelo de Stevie, e com a outra tateava entre as pernas dela.

– Nossa – disse Stevie quando Iris encontrou o alvo, enterrando o rosto

no pescoço dela.

Esfregou a coxa entre as pernas de Iris com ainda mais força, enquanto a outra remexia os quadris pedindo mais fricção.

Caramba, estava quase lá.

Stevie gemeu enquanto Iris apertava o meio do short dela com a base da mão, movendo a palma para cima e para baixo, acrescentando os dedos à mistura também. Stevie acompanhava cada impulso dela, e logo as duas eram um emaranhado de gemidos irrefreáveis bem ali, de pé, encostadas à porta.

– Ai, sim – disse Iris, arranhando o ombro de Stevie com a mão livre. – Por favor.

– Por favor, o quê? – murmurou Stevie junto ao pescoço dela.

– Me faz gozar.

– Então pede.

Stevie parou o movimento da perna, e Iris praticamente rugiu de desejo.

– Puta merda, Stevie, por favor, me faz gozar! Me faz gozar agora!

Stevie lambeu o pescoço dela e empurrou os próprios quadris na mão de Iris, gemendo enquanto esfregava a coxa nela. Iris sentia quanto estava molhada, encharcando a calcinha e escorregando na pele de Stevie. O cheiro de sexo tomou conta do ar entre elas, e era tudo que Iris mais adorava.

Grunhiu de frustração, remexendo os quadris num ângulo diferente e girando a palma da mão em Stevie. A sensação aumentou, crescendo desde o baixo ventre e se espalhando para a vagina, os dedos das mãos e dos pés.

– Ah, meu Deus, isso! – exclamou Iris, sentindo o orgasmo percorrer seu corpo.

Ela gritou, agarrando e puxando o cabelo de Stevie, o que pareceu ser também aquilo de que a outra precisava. Stevie ficou rígida por um instante, gemendo no pescoço de Iris enquanto gozava, empurrando os quadris contra os dedos dela.

Ficaram agarradas por um momento, arquejando com força. Iris tinha acabado de soltar Stevie, pronta para rir daquilo e fazer algum tipo de piada picante, quando Stevie entrelaçou os dedos com os dela e começou a puxá-la em direção ao quarto.

– Acho que eu quero mais – declarou, e isso bastou para deixar Iris toda molhada outra vez.

– Aquele frenesi lá na porta não bastou? – perguntou ela, cambaleando atrás de Stevie, que praticamente corria para o quarto.

Stevie a fez se virar para encará-la, segurando os quadris dela. Percorreu o rosto de Iris com o olhar, adotando uma expressão séria.

– Nem chegou perto. Quero fazer isso desde que te vi pela primeira vez. Eu queria esse tempo todo, mas... não consegui perceber.

Iris arfou, as palavras “eu também” na ponta da língua. Mas não conseguiu dizer. Aquelas duas palavrinhas tão simples pareciam imensas, como a confissão de que levava uma vida secreta.

– Bom, então acho que é melhor aproveitar – disse ela, sorrindo para Stevie.

Stevie riu.

– Com prazer.

Ela beijou Iris uma vez... e mais uma, levando-a de costas em direção à cama. Então passou as mãos por trás das coxas dela, levantando-a numa espécie de exibição de força movida a adrenalina. Iris agarrou os ombros dela enquanto se aproximavam da cama, e Stevie praticamente a jogou no colchão.

– Opa, então bora – disse Iris, rindo ao pular e recuando em direção à cabeceira.

Stevie sorriu.

– É?

– Com certeza.

Stevie subiu na cama e escorregou pelo corpo de Iris, montando nos quadris dela e beijando-a. Pegou os seios, beliscando-os com aqueles polegares sacanas, e Iris já se contorcia por baixo dela.

– Está com roupa demais – disse Iris, ofegando e puxando o short de Stevie.

– Você também.

Stevie passou a mão pelas costas de Iris e abriu o sutiã dela, arranhando a pele de leve enquanto puxava as alças pelos braços.

Tiraram depressa o resto das roupas, e Stevie se deitou ao lado de Iris, abraçando sua cintura nua e beijando-a.

Ficaram assim por algum tempo, apenas se beijando, as mãos vagando de lá para cá. Por fim, Iris não aguentou mais. Precisava pôr os lábios em Stevie, em alguma parte que nunca havia saboreado. Inclinou a cabeça, brincando com a língua em volta de um mamilo antes de começar a chupá-lo.

– Aaah – disse Stevie, respirando com força, e levou o dedo até o sexo de Iris, que se abriu para ela com o maior prazer. – Nossa, tão molhada.

– Faz *semanas* que estou molhada.

Stevie riu.

– Eu também.

Arrastou a mão pelas dobrinhas do sexo, depois levou os dedos à boca, chupando-os enquanto olhava bem nos olhos de Iris.

Iris gemeu.

– Tá, então em segredo você é uma deusa do sexo, é isso?

– Você acha? – perguntou Stevie entre um dedo e outro.

– Porque, *nossa* – disse Iris, observando-a.

– Com você é fácil.

A expressão de Stevie ficou séria e suave. Ela se aproximou e beijou Iris com delicadeza, abraçando sua cintura.

– Com você, é *muito* fácil.

Iris riu, mas sentiu um pequeno aperto no peito. Deixou-o de lado e se concentrou em sentir a boca de Stevie em seu pescoço.

– Você tem um gosto maravilhoso – murmurou Stevie.

Teve que se esforçar para respirar, porque caramba...

– Quero sentir mais desse gosto – disse Stevie, inalando o aroma do pescoço dela. – Agora.

– Isso – respondeu Iris, deitando a cabeça no travesseiro. – É, vai ser... vai ser...

Mas mal conseguiu pronunciar outra palavra antes que Stevie a virasse de costas e montasse por cima das coxas dela.

– Caramba, Iris – disse, arranhando de leve as costas dela até a bunda. –

A deusa aqui não sou eu.

Iris sorriu para ela, olhando por cima do ombro; um sorriso que logo se tornou um gemido quando a boca de Stevie a tocou entre as escápulas, descendo bem devagar. A língua dela estava quente e molhada, e Iris não pôde deixar de rebolar, empinando a bunda em busca de mais fricção.

– Calma – pediu Stevie, enquanto seus lábios chegavam à base das costas de Iris. – Meu Deus, sua bunda é uma obra de arte – acrescentou, antes de roçar com os dentes o lado esquerdo do traseiro dela.

Iris arfou, girando os quadris.

Stevie afastou as pernas dela, agarrando os quadris para fazê-la ficar de joelhos. Então, apoiou o corpo dela entre os ombros, deixando-a com o rosto apoiado no colchão e a bunda erguida no ar.

– Tudo bem assim? – perguntou.

– Ai, sim! – respondeu Iris numa voz arfante e carente.

Se pareceu desesperada, não deu a mínima. Nunca havia sentido tanto tesão na vida.

– Graças a Deus – disse Stevie, e mergulhou a boca no corpo de Iris.

A língua e os dentes passearam pelas nádegas, os dedos massageando e abrindo. Quando ela aproximou os lábios do centro de prazer, Iris não conseguia mais ficar quieta. Ela ofegava, gemia e gritava no travesseiro, agarrando os lençóis.

A boca de Stevie finalmente encontrou o alvo, depois arrastando a língua para cima pelo meio da bunda de Iris – só uma vez, mas bastou para causar uma inundação no sexo dela e arrancar mais gritos de sua garganta. Depois disso, Stevie se concentrou no sexo, a boca beijando, a língua lambendo, girando. Enfiou um dedo, depois outro, fazendo um vaivém enquanto chupava o clitóris por apenas um momento antes de explorar os lábios íntimos.

– Ai, meu Deus – gemeu Iris, sentindo o segundo orgasmo se anunciar.

– Puta merda.

– É?

– É! Stevie, meu Deus, não para.

Stevie abriu a bunda dela ainda mais e chupou o clitóris com força.

– Quer gozar?

– Quero. Quero! – A voz de Iris era um gemido alto, quase um grito.

A língua de Stevie ficou frenética, impossível de acompanhar, escorregando para dentro de Iris, depois para fora, substituída pelos dedos, depois girando pelo clitóris antes de abocanhar todo o sexo. Iris ficou zonda, certa de que estava prestes a desmaiar de verdade se não gozasse logo, então pediu numa voz quase irreconhecível para os próprios ouvidos.

Por favor.

Isso.

Agora, Stevie, por favor!

E Stevie obedeceu. Deslizou dois dedos para dentro de Iris outra vez, dobrando-os para a frente num movimento que a fez bater a mão no colchão. Stevie a penetrou com os dedos e a boca, a língua girando em volta do clitóris enquanto a boca chupava, chupava e chupava...

– Ai, puta merda, meu Deus – gemeu Iris, apertando o rosto na cama enquanto gritava ainda mais, onda após onda de prazer subindo e arrebetando, apenas para subir e arrebetar mais uma vez.

Pareceu levar uma eternidade para voltar a si. Stevie beijou seu sexo com delicadeza, depois as coxas e a bunda, antes de Iris cair de bruços, o peito arfando em busca de ar.

– Então... – disse Stevie, deitando-se ao lado dela. – Pelo jeito foi bom, né?

Iris se virou para encará-la, rindo enquanto ainda arquejava.

– Tá de sacanagem? Quem é você, hein?

Stevie riu, ficando corada, a umidade de Iris ainda cintilando nos lábios. Iris aproximou o rosto e a beijou até limpá-la enquanto Stevie rebojava junto da perna dela. Iris passou a mão por entre as coxas de Stevie, deliciando-se com os pelos encharcados que encontrou. Stevie agarrou o pulso dela, empurrando a mão para seu sexo com mais força.

– Deixa comigo – disse Iris, arrastando os dedos e abrindo aqueles lábios até chegar ao clitóris. – Você gosta de penetração?

– Gosto, às vezes. Mas não preciso – respondeu Stevie, de olhos fechados, mordendo o lábio. – Esfrega... me esfrega, por favor.

– Com prazer – disse Iris, abrindo mais as pernas dela.

Stevie levantou os braços acima da cabeça, gemendo quando Iris se debruçou e fechou a boca em volta de um dos mamilos. Ela chupou enquanto brincava com o sexo de Stevie, mergulhando os dedos nas dobras molhadas, roçando de leve o clitóris antes de afastar os dedos.

Stevie gemeu, levantando os quadris.

– Iris...

– Que foi? Essa tortura é justa – retrucou ela, girando a língua no mamilo de Stevie. – Você não viu o que acabou de fazer comigo?

– Vi – respondeu Stevie com a voz rouca. – E vou fazer tudo de novo.

Iris riu, soprando uma lufada de ar sobre o bico úmido do mamilo.

– Estou ansiosa por isso, mas agora é sua vez de pedir.

Stevie sibilou quando Iris fez círculos em volta do clitóris dela, depois mergulhou mais uma vez entre os lábios, de novo, de novo e de novo, até que Stevie estava quase choramingando.

– Iris, meu Deus, por favor – disse ela com palavras quase inaudíveis.

Iris chupou o mamilo dela outra vez, usando dentes e língua, e seus dedos finalmente deram a Stevie o que ela queria. Manteve os dedos lá dentro, apertando o clitóris com a base da mão, esfregando mais e mais, até Stevie se retesar e chegar ao clímax, jogando os quadris para o alto enquanto o gemido mais sexy que Iris já tinha ouvido saía de sua boca.

Ela esperou até o corpo de Stevie se acalmar, arrastando os dedos preguiçosamente pelo sexo até a respiração dela voltar ao normal. Então, deitou-se ao lado de Stevie, com o braço apoiado na barriga nua dela.

– Foi bom? – perguntou Iris.

Stevie riu, mas foi um som aguado, e ela enxugou as bochechas. Iris se apoiou no cotovelo, olhando para o rosto dela. Sem dúvida, havia lágrimas escorrendo daqueles olhos.

– Putz. Você tá bem?

Stevie riu de novo, gesticulando.

– Tô ótima, juro. Aceite isso como um elogio.

Iris franziu a testa.

– Hein?

– Sabe quando o orgasmo é muito bom? – disse Stevie. – Então, às vezes me faz chorar. Mas de um jeito bom. Tipo uma superabundância de sentimentos.

Os ombros de Iris relaxaram.

– Tem certeza?

Stevie sorriu, e foi um sorriso genuíno, enrugando o canto dos olhos e tudo. Ela segurou o rosto de Iris com as mãos e o trouxe para si, beijando-a.

– Tenho certeza – respondeu de encontro aos lábios dela. – Na verdade – continuou, fazendo Iris se deitar de barriga para cima –, já estou pensando em chorar de novo.

Iris riu, abraçou os quadris de Stevie com uma das pernas e não pensou em mais nada além de fazer aquela mulher chorar a noite inteira.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

STEVIE ACORDOU DEVAGAR, com o corpo tomado por aquela exaustão relaxada que só havia experimentado algumas vezes com Adri. Lá fora, a chuva escorria pelas janelas, deixando o quarto aconchegante, cinzento e sereno.

Ela se virou para olhar para Iris, pronta para vê-la dormir, dessa vez sem nenhum constrangimento, mas o outro lado da cama estava vazio. Em vez disso, Iris estava encolhida na poltrona perto da janela, com o iPad no colo e a caneta percorrendo a tela. Passou um instante olhando para ela, imaginando o que haveria na página. Sabia que Iris desenhava, tinha até visitado a loja dela na Etsy, mas nunca tinha visto uma ilustração completa, apenas florezinhas, floreios e outras pequenezas que ocupavam planners digitais e adesivos.

– Oi – disse Stevie.

Iris levou um susto.

– Você acordou.

– Finalmente – respondeu Stevie. – Desculpa ter dormido tanto.

– Eu te esgotei mesmo, hein? – disse Iris com um sorrisinho.

Stevie riu, mas não disse nada. Sem dúvida, era verdade que as duas se exauriram na noite anterior, mas, naquele momento, ela não queria piadas picantes.

Queria Iris na cama, nos braços dela.

Queria beijá-la ao acordar, fazê-la gozar com delicadeza e sem pressa, e depois sair de mãos dadas para tomar um brunch.

Os pensamentos se sucederam na mente dela como um livro ilustrado, uma cena após a outra, rápidos, decididos e surpreendentes.

– O que você tá desenhando?

Iris apertou um botão no iPad, escurecendo a tela, e recolocou a caneta no suporte.

– Nada. Só... rabiscando.

Stevie deu um tapinha no lugar vazio ao lado dela.

– Então volta pra cama.

Iris franziu a testa e não se mexeu. Stevie sentiu um nó na garganta.

– Você tá bem?

– Tô – respondeu Iris, e inclinou a cabeça para ela. – Então... o que aconteceu ontem à noite? Com a Jenna?

Stevie conseguiu sorrir.

– Achei que eu já tivesse te contado.

– Não. Você invadiu meu apartamento, disse uma coisa superbrega e romântica e transou comigo até me virar do avesso. Várias vezes.

Stevie ficou corada, repassando as lembranças da noite anterior.

– Do avesso, não. Eu me lembro bem do seu corpo espetacular em várias posições, mas nenhuma era do avesso.

Iris riu.

– Você entendeu.

Stevie pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– A Jenna foi legal. Eu sabia que ia ficar numa boa com ela, você acertou nisso. E, sei lá, talvez, se fosse em outro momento, eu ficasse mesmo a fim dela.

Iris franziu as sobrancelhas só um pouquinho.

– Mas?

– Mas eu fui até o apartamento dela e... não conseguia parar de pensar em você.

– Sério?

Não havia sentimentalismo na palavra. Nem entusiasmo, nem felicidade. Somente espanto, como se Iris achasse que Stevie ia rir e dizer: “Primeiro de Abril!”.

Stevie se apoiou no cotovelo.

– Sério, Iris. É tão difícil assim de acreditar?

Iris contraiu os lábios numa linha reta, mas depois sorriu. Deu risada.

– Bom, eu sou muito boa de cama mesmo.

Stevie franziu a testa.

– Não. Não faz assim.

– Não faz o quê?

– Não fala como se você fosse só um corpão.

Iris abriu a boca, mas nada saiu dali. Ela endireitou o corpo, deixando o iPad escorregar para o chão, e esfregou o rosto.

– Olha, foi legal. Ontem à noite. E é lógico que estava pra acontecer fazia muito tempo, mas tenho umas encomendas de planners pra fazer e muita coisa pra escrever, então é melhor você ir embora.

Ela se levantou, e o roupão de cetim lavanda se abriu, revelando o lindo corpo. Ela o fechou e amarrou o cinto.

– Peraí – respondeu Stevie, sentando-se na cama. – Iris, eu...

– Preciso que você vá embora, Stevie.

Ela disse as palavras com firmeza, mas com um ligeiro tremor na voz enquanto andava pelo quarto, recolhendo peças de roupa aqui e ali e jogando-as no cesto de roupa suja.

Stevie ficou olhando para ela, piscando várias vezes, querendo que Iris parasse e a encarasse, mas ela não fez isso.

Não sabia ao certo o que esperava. Ouvir uma declaração de amor? Ver Iris escrever a história de amor delas assim como escrevia a de Tegan e Briony? Não, Iris tinha deixado claro, em mais de uma ocasião, que não topava amor. Não topava relacionamentos.

Mas Stevie e seu coração romântico e bobo acharam que, quem sabe, dessa vez fosse diferente – talvez a própria Stevie fosse. Como um tornado se formando sobre um campo, veloz, rodopiante e devastador, ela percebeu que tivera essa esperança o tempo todo. Em seu desespero para superar o namoro com Adri – alguém que controlava todo o relacionamento, cada movimento na cama, cada programa de TV a que assistiam e jantar que preparavam –, tinha se convencido de que precisava mesmo é de uma noite aleatória.

Sexo, puro e carnal, uma demonstração de coragem e autoconfiança.

Mas estava enganada.

Muito enganada.

Não queria nada disso.

Queria Iris.

Talvez a quisesse desde o momento em que Iris a colocou na cama, naquela primeira noite. Talvez tenha sido depois, Stevie não sabia, mas tinha certeza de que era verdade. Naquele momento, enxergava com toda a nitidez. E, caramba, tinha perdido tanto tempo achando que tudo o que ela e Iris fizeram juntas naquelas semanas era para ajudá-la a ficar com uma desconhecida, para que provasse algo a si mesma...

Mas seu desejo sempre fora ficar com Iris.

E Iris estava pedindo para ela se retirar.

Estava dizendo *não*, e Stevie sabia que precisava respeitar isso, mas o pânico invadiu seu peito mesmo assim.

– Mas tá tudo certo entre a gente, né? – perguntou, desesperada para fazer Iris parar de andar pelo quarto e olhar para ela. – Com nosso... acordo?

Iris finalmente parou e a encarou. Estava com a blusinha vermelha da noite anterior nas mãos.

– Sim. Lógico. Eu não ia te deixar na mão assim.

– Eu sei, é que... não sabia se a noite passada...

– A noite passada foi sexo, Stevie – afirmou Iris, todo o calor em seu olhar e em sua voz desaparecendo outra vez, deixando-a fria e analítica. – E, pra falar a verdade, foi maravilhoso, e eu supertoparia transar de novo. –

Abriu um sorrisinho, com aquela expressão sedutora e conhecida tomando conta de suas lindas feições. – Mas a noite passada não mudou nada. Tá tudo certo.

Stevie fez que sim, sentindo um nó na garganta.

– Certo.

– Mas eu preciso mesmo fazer minhas coisas hoje, então...

Iris olhou para a blusa que segurava e pigarreou.

– Certo – repetiu Stevie.

Afastou o lençol, encontrou a camiseta no chão e a vestiu.

– Vou pro chuveiro – disse Iris. – Você se vira?

Os olhos de Stevie se encheram de lágrimas, mas ela se concentrou em vestir o short. Primeiro uma perna, depois a outra.

– Aham.

– Legal. Eu... te vejo segunda, no ensaio.

Stevie se limitou a assentir, e Iris saiu.

Do corredor, Stevie ouviu a porta do banheiro se fechar e o chuveiro se abrir. Lutou contra as lágrimas enquanto terminava de se vestir, recusando-se a aceitar o alívio do choro. Iris nunca havia prometido nada a ela; só havia sido ela mesma.

Levantou-se e começou a arrumar a cama, apenas para ocupar as mãos enquanto respirava fundo, de novo e de novo, tentando se controlar. Puxou a colcha de retalhos e pegou as almofadas decorativas do chão, onde as tinham jogado na noite anterior. Quando alcançou a última almofada turquesa, esbarrou com o calcanhar na borda do iPad, ainda no chão. Recolheu o aparelho e, enquanto o deixava na mesa de cabeceira, tocou sem querer na superfície, vendo a tela se iluminar.

Levou alguns segundos para perceber que a imagem no iPad não era um papel de parede. Não era a tela de bloqueio. Não era nem mesmo a imagem de fundo na tela inicial de Iris.

Era o rosto da própria Stevie, com um chapéu de caubói inclinado na cabeça e a boca aberta numa risada enquanto segurava a mão de Jenna na pista de dança da Stella. Era apenas um esboço, todo em preto e branco e linhas rápidas, mas sem dúvida era ela.

Seu coração batia como um bumbo no peito enquanto navegava no programa, encontrando outros arquivos com seu nome.

Stevie e Iris no palco do Imperatriz.

Stevie sozinha na praia em Malibu.

Stevie e Iris dançando nos braços uma da outra na sala do apartamento de Iris, com velas por toda parte, as cores do desenho completas, escuras e suaves.

As ilustrações eram lindas. Cada uma delas, cada retrato, captava todo o relacionamento das duas. Foram desenhadas com técnica e talento, sem dúvida, mas também havia algo mais.

Algo verdadeiro.

Stevie não sabia o que pensar nem o que sentir. Aqueles desenhos... pareciam afetuosos. Cuidadosos e detalhistas, cada linha planejada e intencional. Não combinavam com a Iris que, para todos os efeitos, tinha acabado de expulsá-la do apartamento depois de uma noite de prazer.

Não tinham absolutamente nada a ver.

Mas, antes que Stevie pudesse pensar mais nisso, o chuveiro desligou. Não queria ainda estar ali quando Iris voltasse para o quarto; além disso, sabia que ela esperava que já tivesse ido embora, e precisava respeitar isso.

Então voltou ao arquivo em que Iris estava trabalhando antes, com sua própria imagem na Taverna da Stella, escureceu a tela do iPad e o deixou na mesa de cabeceira. Depois calçou as botas, pegou a bolsa no chão da sala de estar e saiu.



A chuva bombardeava o carro de Stevie, escorrendo em rios pelo para-brisa. Ela só percorrera dois quarteirões desde o prédio de Iris, mas mal conseguia enxergar o caminho, e a ansiedade fazia seu coração se atirar contra as costelas.

Parou num acostamento para recuperar o fôlego. Tentou pensar no que faria da próxima vez que visse Iris e imaginar tudo entre elas voltando ao

que era, como estava na cara que Iris queria, mas a simples ideia de fingir o que estava sentindo – o que vinha sentindo o tempo todo – só fez aumentar o aperto nos pulmões.

Encostou a cabeça no assento, imaginando quanto tempo teria que esperar a chuva passar, quando o celular zumbiu. Ela o tirou do fundo da bolsa, sentindo o coração pular para a garganta quando viu a notificação de um e-mail da Dra. Calloway. Tocou na mensagem, e surgiram diante dela palavras com as quais não sabia o que fazer.

Oi, Stevie,

Foi ótimo ver você ontem. Seguem anexas todas as informações relativas à peça. Torço para que considere a proposta. Por favor, saiba que eu não escalaria uma pessoa qualquer, pois há muito em jogo aqui, muito a provar, e não arrisco minha carreira. Espero que também não arrisque a sua. Agradeço se me informar sua decisão até 1º de setembro.

Um abraço,

Thayer

Stevie jogou o celular no banco do carona, o pânico já começando a se elevar feito a maré. A ponta dos dedos formigava e ela fechou os olhos com força, concentrando-se no tecido do assento debaixo das pernas, no peso do próprio corpo no carro, colocando-se no momento presente usando todos os cinco sentidos como sua terapeuta sugeria que fizesse quando ficasse sobrecarregada.

Nova York.

Uma legítima peça de prestígio em Nova York.

Mal tivera tempo de digerir a oferta da Dra. Calloway, com Iris aparecendo em primeiro plano em sua mente desde que tinha visto a antiga professora.

Mal conseguia entender a ideia: Stevie Scott no palco do Teatro Delacorte.

Stevie Scott em Nova York.

Sozinha.

Não conseguia visualizar, não conseguia nem se imaginar deixando para trás tudo o que conhecia e todas as pessoas em que confiara naqueles dez anos, tudo o que a mantinha equilibrada e segura.

E ainda havia todos aqueles sentimentos por Iris...

Sentimentos que Iris não queria que se aprofundassem.

Os olhos de Stevie estavam só começando a arder quando a chuva diminuiu o bastante para ela ver a placa balançando ao vento lá fora.

Livraria Rio Selvagem.

Inspirou fundo e saiu do carro, correndo até a calçada de paralelepípedos e o toldo da livraria antes de ficar completamente encharcada. Quando entrou, um sininho tocou acima da porta, e logo foi atingida pelo cheiro de livros, papel, cola e couro, com uma pitada de café logo no final.

Era uma bela loja, toda cheia de estantes de madeira clara e iluminação suave; no meio, havia uma área de leitura com poltronas de couro castanho-escuro e uma mesinha de centro repleta de livros.

– Oi, posso ajudar?

A voz surpreendeu Stevie, e ela se virou para encarar uma menina de no máximo 13 anos sorrindo para ela. Tinha cabelo castanho-dourado rapado de um lado e caindo pelo ombro do outro, olhos castanho-esverdeados e um crachá que dizia *Ruby*.

– Ah – respondeu Stevie. – Oi, hã... Estou só dando uma olhada.

A menina assentiu.

– Me avisa se precisar de ajuda.

– Valeu.

A menina deu as costas, mas Stevie teve uma ideia.

– Na verdade, você pode me indicar a seção de romance?

Ruby sorriu.

– Claro.

Seguiu determinada por um labirinto de mesas com pirâmides de livros até parar numa seção de prateleiras embutidas cheias de lombadas de diversas cores.

– É aqui.

– Obrigada.

– Recomendo conhecer nossa coleção do Orgulho – acrescentou ela, indicando uma mesa próxima, ocupada por edições coloridas em brochura, arrumadas na ordem das cores do arco-íris. – Estamos em julho, mas o orgulho é o ano inteiro, né?

Stevie sorriu para a menina.

– É. Com certeza.

Ruby sorriu e a deixou sozinha para explorar os livros. Concentrou-se na mesa do Orgulho, pegando um livro amarelo com a ilustração de um homem de pele escura abraçando uma mulher negra de cabelo cor-de-rosa. Sentou-se no chão e começou a ler, logo se perdendo no mundo dos dois personagens – um deles, uma mulher bissexual – que começavam um namoro de mentira. De repente, ela se viu sedenta pelas cenas de sexo, a maneira como o homem obviamente adorava a mulher, embora ela tivesse pavor de compromisso, e pelo final que Stevie sabia que seria feliz.

Quando se deu conta, estava chorando no chão da livraria. Chorando pra valer. O ranho escorreu do nariz, ela o limpou no próprio ombro e ficou pensando se era possível ser mais patética do que isso.

– Stevie?

Ela parou e, quando ergueu a cabeça, deu de cara com Claire, a amiga de Iris, parada ali com alguns livros nas mãos, os olhos castanho-claros arregalados de preocupação.

– Querida, você tá bem? – perguntou Claire.

E, mais uma vez, Stevie irrompeu em lágrimas.

– Ah, meu Deus. – Claire deixou os livros na mesa mais próxima e se agachou na frente dela. – O que aconteceu? Posso trazer alguma coisa pra você?

Stevie gesticulou, tentando tirar um “tô bem” da própria boca, mas as lágrimas continuaram a cair.

Pronto, não tinha como ser mais patética que aquilo.



Claire deixou uma caneca de chá de hortelã na frente de Stevie, que tinha se sentado numa cadeira do café da livraria, soluçando enquanto se agarrava ao livro que havia tirado da mesa do Orgulho como se fosse um ente querido.

– Desculpa – disse ela, tomando um gole da bebida quente.

Claire fez que não era nada, sentando-se na cadeira em frente a ela com outra caneca.

– Eu choro por causa de livro pelo menos uma vez por semana.

Stevie assentiu e indicou a capa do livro.

– Vou comprar. Tenho certeza de que chorei em cima dele.

Claire riu.

– Eu agradeço.

– Então... você é a dona da livraria?

Claire levou a caneca à boca.

– Sou. A Iris não te contou?

– Acho que dá pra encher várias estantes aqui com todas as coisas que a Iris não me conta.

Claire contraiu os lábios.

– É por isso que você tá chorando na minha loja? Por causa da Iris?

Stevie não disse nada. Não sabia ao certo qual era o protocolo. Não tinha nada com Iris, era tudo falso, uma transação comercial, e Claire era uma das melhores amigas de Iris, não dela.

– Vi que você ainda tá com a roupa de dançar passinho – comentou Claire. – Você... e a Jenna...?

– Não é a Jenna. Ela é linda, mas eu não...

– Entendi.

Claire tamborilou com as unhas na mesa, e um anel de diamante amarelo cintilou num dedo muito importante.

– Que anel maravilhoso – comentou Stevie.

Claire sorriu, olhando o próprio dedo.

– Obrigada. A Delilah foi atrás dele sozinha. Fiquei muito impressionada.

Stevie sorriu, e algo que Iris dissera algumas semanas antes voltou devagar a seus pensamentos.

Minha amiga Claire tá noiva da única pessoa com quem tentou ter um relacionamento puramente sexual.

Tomou outro gole de chá, vendo Claire mexer no anel, ainda com um sorrisinho nos lábios.

– Posso te fazer uma pergunta? – disse Stevie.

Claire olhou para ela.

– Claro.

– Como é que você...?

E parou, se perguntando se deveria mesmo continuar, mas precisava saber. Não havia mais ninguém a quem pudesse perguntar. Todo o seu círculo de amizades já achava que ela estava com Iris.

– Como é que você percebeu? – perguntou Stevie. – Que era a Delilah. Quando vocês começaram... sabe?

Claire riu.

– Então a Iris te contou pelo menos *essa* história.

– Não, nem tudo. Só que começou com... bom, começou sendo...

– Sexo?

Stevie sentiu o rosto esquentar.

– É.

Claire assentiu.

– E você tá perguntando como percebi que queria mais do que isso.

– É. Acho que sim.

Claire inspirou fundo e se reclinou na cadeira.

– Eu... percebi, simplesmente. Não conseguia parar de pensar nela. Detestava ficar longe dela. E, sim, em parte foi pelo sexo, mas era mais do que isso. Eu queria segurar a mão dela. Fazer ela rir.

– Viver um romance.

Claire sorriu.

– É, acho que sim. Mas também era mais profundo do que um simples

romance. Eu queria fazer parte da vida dela, na alegria e na tristeza, com todo o sarcasmo, a petulância e a fanfarronice dela. Não liguei pra nada disso. Ou, na verdade, liguei, mas isso não me impediu. Eu queria a Delilah por inteiro.

Stevie sentiu os olhos arderem e, caramba, não ia chorar de novo na frente de Claire. Só que já estava chorando, as lágrimas decididas a humilhá-la enquanto escorriam pelo rosto.

– Ah, meu bem – disse Claire, pegando um guardanapo e entregando-o para Stevie.

– Desculpa. Que saco.

– Tá tudo bem.

Stevie enxugou os olhos, o guardanapo pardo arranhando as pálpebras macias.

– Você gosta dela – disse Claire. – Gosta *pra valer*.

– De quem, da Delilah? – respondeu Stevie.

Claire deu uma gargalhada. Stevie riu também, sentindo as lágrimas se misturarem àquele breve momento de alegria, mas então Claire estendeu a mão e afagou o braço dela.

– Você gosta dela – repetiu – e hoje de manhã ela te mandou embora. Não foi?

Stevie levantou o polegar, confirmando.

– Você conhece a sua amiga.

– Pois é – disse Claire. – Conheço bem até demais.

– Então, pronto.

Claire fungou, estreitando os olhos um pouquinho, concentrada.

– Sabe, quando você tava dançando com a Jenna ontem à noite, a Iris ficou...

O coração de Stevie quase parou.

– A Iris ficou o quê?

Claire bateu os dedos na caneca.

– Só digo uma coisa: deu pra perceber que ela não gostou. Não gostou nem um pouco.

Stevie lembrou a noite que passaram juntas. Imaginou que Iris tivesse

ido para casa e esquecido que ela e Jenna existiam, mas depois tinha sido pega num momento de tesão quando Stevie bateu à sua porta.

Mas a mente de Stevie trouxe à tona aquelas ilustrações, imagens em completa dissonância com o modo como Iris se recusava a olhar para ela enquanto arrumava o quarto. Ou, mais ainda, a forma como Iris olhou, *sim*, para ela, toda sorridente e sedutora ao se autointitular boa de cama.

Teatro.

Pura encenação.

Parte do trabalho de Stevie era estudar o desempenho de outras atrizes. Mergulhar na atuação delas, nos métodos, na forma como criavam uma persona, uma personagem.

E Iris...

Era *profissional*.

– Stevie, a Iris já sofreu um tanto... quer dizer, nos relacionamentos.

Stevie fez que sim.

– Eu sei.

– Sabe?

– Ela me contou da Jillian e do Grant, das pessoas na escola e na faculdade.

Claire a encarou, aturdida.

– Não é comum ela contar essas histórias pras pessoas.

– *Eu* não sou comum, Claire – disse Stevie, sentindo-se de repente tão audaciosa e atrevida quanto a própria Iris.

Além disso, tinha razão: não havia nada “comum” entre ela e Iris. Nada mesmo.

Claire passou um instante olhando para ela antes de parecer chegar a uma conclusão.

– Não, acho que não é mesmo. A Iris sabe o que você sente? Foi por isso que ela te mandou embora?

Stevie riu.

– Não tem essa de chegar pra Iris Kelly e dizer que gosta dela e pronto, né?

Claire ficou boquiaberta.

– Nossa, você entendeu mesmo o jeito dela.

– Não entendi, não. – Stevie passou a mão pelos cachos desalinhados. – Não tenho a menor ideia do que estou fazendo.

Claire estreitou os olhos, pensando.

– Bom, a Iris é... durona. Pra ela, as palavras não valem muito. Ela já ouviu de tudo, do melhor ao pior, e isso deixou ela... arisca.

– Arisca.

– Em relação ao amor.

– É, percebi. Então, como faço pra convencer ela?

Claire inclinou a cabeça, olhando para ela.

– Primeiro, você tem que querer pra valer. Não brinca com ela, Stevie.

– Não tô brincando. Eu juro. Eu...

Stevie não podia falar de *amor* com a melhor amiga da amada. Iris merecia ser a primeira pessoa a ouvir aquelas palavras.

– Juro pra você, Claire, o que sinto pela Iris é sério. E agradeço qualquer coisa que possa dizer pra me ajudar a convencer ela disso.

Claire ergueu as sobrancelhas enquanto um sorriso lutava para tomar conta dos lábios franzidos.

– Então tá bom.

– Tá bom.

Claire olhou à sua volta, depois de novo para Stevie.

– A Iris reage bem à sinceridade. A atitudes. Ela é escritora, sim, mas, como eu disse, em se tratando da vida amorosa dela, as palavras não valem muito. Mas acho que, com a pessoa certa, ela acreditaria que o sentimento é verdadeiro se a pessoa demonstrasse. Se *provasse* que é, acho. Só que ninguém faz isso há muito tempo, e ela tá magoada.

Stevie fez que sim. Tudo aquilo fazia muito sentido. Tinha certeza de que Jillian havia proferido muitas palavras bonitas para levar Iris para a cama e logo depois traí-la. Até Grant, que Stevie achava que amava mesmo Iris, no fim a abandonou. Ele provavelmente até disse as palavras exatas: *eu te amo, mas...*

Portanto, fazia sentido que Iris precisasse de provas, de atitudes que falassem muito mais alto do que qualquer palavra que Stevie pudesse dizer.

Era verdade que, nas últimas semanas, ela e Stevie estavam dando um verdadeiro espetáculo para o mundo, para a turma de Stevie, para si mesmas.

Mas e se o espetáculo fosse de verdade?

E se, apesar de caçoar tanto do romance, fosse disso que Iris realmente precisava, o que queria de verdade?

Stevie sorriu para Claire enquanto uma ideia se formava em sua mente.

– Então eu preciso *cortejar* a moça.

Claire sorriu.

– No fundo, acho que a Iris só quer se apaixonar perdidamente, sabe?

Stevie sorriu também, a esperança expulsando todo o desespero anterior. Iris queria aulas de romance? Queria situações em que suas personagens pudessem se apaixonar?

Pois era isso mesmo que ia conseguir.

– Oi, amor.

Stevie ergueu o rosto e viu Delilah entrando no café da livraria, de camiseta preta e jeans preto com a barra dobrada.

– Oi – respondeu Claire, inclinando a cabeça para ganhar um beijo. – Já tá na hora do almoço?

– Quase. – Delilah acariciou o canto do rosto dela com o polegar. – Fiquei com saudade.

Foi então que Stevie se derreteu por dentro. Bom, só um pouquinho.

– Oi, Stevie. – Delilah a cumprimentou com um aceno. – E aí? A Iris tá por aqui?

– Hã... não – respondeu Stevie.

O olhar de Delilah disparou de Stevie para Claire. Então fechou os olhos.

– Ai, meu Deus.

– O que foi? – perguntou Claire.

– Não quero estar metida em nada disso – declarou Delilah.

– Isso o quê? – perguntou Claire na maior inocência.

Delilah apontou o dedo para Stevie e Claire.

– Essa historinha de juntar casal que vocês estão bolando.

Claire colocou a mão no peito, fingindo choque.

- Eu *nunca* faria isso.
- Faria e está fazendo, e a Iris vai te esfolar viva quando descobrir.
- Não se a Stevie aqui conquistar a moça – argumentou Claire, piscando para Stevie por cima da caneca.

Stevie sorriu para ela, sentindo uma autoconfiança inesperada tomar conta dela.

Delilah apertou os olhos com o polegar e o indicador.

- Que a deusa tenha piedade da alma de vocês.



CAPÍTULO VINTE E SETE

IRIS PASSOU O FIM DE SEMANA todo sem falar com Stevie, que não mandou mensagem nem telefonou. Iris também não. Nem sequer pensou nisso. Também não a stalkeou nas redes sociais. Em todo caso, Stevie quase nunca publicava nada no Instagram dela. Não que Iris tivesse notado.

Não que estivesse pensando nela.

Mesmo assim, no domingo à noite, depois de dois dias de escrita incansável, com a contagem de palavras de seu romance finalmente chegando à metade do objetivo, ela ficou na sala de estar desenhando Stevie Scott.

A boca de Stevie Scott no pescoço dela.

As mãos de Stevie Scott no corpo dela.

Os olhos de Stevie Scott fechados quando Iris a tocou, a beijou, a fez...

– Saco – resmungou Iris depois de uma ilustração ganhar vida em seu iPad, uma imagem que, sem dúvida, ninguém deveria ver em horário comercial.

Ela não pretendia desenhar a noite que passaram juntas, mas foi o passo

seguinte, a cena seguinte em seu estranho projeto de história real, e agora não conseguia parar de pensar em quantas vezes Stevie a fez gozar, no jeito suave como a abraçou com o corpo todo depois que as duas finalmente se exauriram.

Como Iris havia adormecido assim, sem que a possibilidade de pedir para Stevie ir embora no meio da noite sequer lhe passasse pela cabeça.

E ela sempre pedia para as pessoas irem embora.

E elas sempre iam, sem questionar.

Iris balançou a cabeça e saiu do programa de desenho. Só precisava de uma distração. Tinha passado o fim de semana inteiro no apartamento, escrevendo o romance e relembrando e, caramba, precisava fazer outra coisa.

Com *outra* pessoa.

Suas mãos tremiam enquanto vestia um jeans de cintura alta e uma blusa cropped amarela, enquanto aplicava rímel e um brilho labial cor de coral cintilante. Era hipoglicemia, só isso. Quando estava escrevendo, nunca se lembrava de comer. Na cozinha, devorou uma caixa de biscoitos e escreveu uma mensagem de texto no grupo, que passara a se chamar *QUEERidinhas*.

Digitou **Bora pro Lush?**, mas hesitou antes de clicar em *Enviar*. Tinha visto o jeito como Claire olhava para ela na Taverna da Stella na outra noite, as suposições que todas as amigas fizeram sobre ela e Stevie, mesmo que Stevie estivesse dançando com Jenna. Para falar a verdade, não queria lidar com as reações horrorizadas delas por querer se divertir com uma pessoa aleatória.

Saiu da tela do grupo e tocou no nome de Simon.

– Sabe, gente normal manda mensagem – disse ele ao atender.

– Eu não sou normal, Simon. A esta altura, você já devia saber.

Ele riu.

– Justo. E aí?

– Tá em Portland?

Uma pausa, longa o suficiente para fazer Iris imaginar se ele ainda estava do outro lado da linha.

– Opa, desculpa, tô aqui – respondeu ele. – E tô em Portland, sim. Por

quê?

– Preciso de um ajudante – cantarolou Iris, pegando as chaves e a bolsa.

– Não. Não precisa, não.

– Como assim?

– Acha mesmo que eu não fiquei sabendo que você saiu toda pistola da Taverna da Stella depois que a Stevie ficou com a Jenna Dawson?

– Ai, saco, até você?

– Só tô dizendo que a Claire enfiaria agulhas debaixo das minhas unhas se soubesse que levei você pra transar por aí.

– Não é da conta dela.

– Tá, beleza, mas é da *minha* conta, já que você tá pedindo pra eu participar e eu tô recusando.

Iris riu.

– Fala sério.

– Tô falando sério, Iris – disse ele com aquela voz tão suave e gentil que irritava.

– Tá, beleza, o que tá acontecendo? – perguntou ela, mas começava a sentir um aperto na barriga e a garganta embargada.

Simon suspirou.

– Olha, não quero te dizer como viver sua vida.

– Então não diga.

– Mas eu te amo. A turma toda te ama, e acho que, se você parasse um pouco pra pensar no que quer, perceberia que...

– Não – respondeu Iris, sentindo a garganta se apertar mais. – Pode parar, Simon. Você *não* vai me dizer o que eu quero nem com quem eu quero transar ou não.

– Não estou...

– Está, sim. Pode ir se foder, e fica à vontade pra transmitir meu comunicado pra todo mundo.

– Iris, eu...

Mas ela encerrou a chamada antes que ele pudesse dizer mais. As mãos tremiam e lágrimas afloravam nos olhos. Ela *sabia*. Sabia muito bem, durante aquele tempo todo, que todo mundo do seu grupo achava que

estava estragando a própria vida e que, para ser feliz, para ser completa, tinha que ficar com alguém.

Ah, pelamor.

– Que se foda! – gritou para o apartamento vazio.

Sua voz ecoou entre as paredes. Esfregou o rosto, obrigando as lágrimas a darem meia-volta. Apoiou a palma das mãos na bancada da cozinha, inspirando... expirando...

Ela estava bem.

Estava *ótima*, e não precisava de um ajudante para se divertir. É verdade que, por razões de segurança, nunca ia para o Lush nem a qualquer casa noturna sozinha, mas não tinha outro jeito. Não ia deixar que as opiniões tacanhas do grupo a impedissem de satisfazer as próprias necessidades.

Pendurou a bolsa no ombro e foi até a porta, pronta para sair pelo corredor, mas o caminho estava bloqueado.

Por Stevie Scott.

Usando jeans cinza de barra dobrada e regata preta, com os cabelos cacheados roçando os ombros, o *mullet* discreto fazendo-a parecer prestes a pegar uma guitarra e subir num palco.

– Oi – disse ela.

Iris ficou ali por um instante, com o peito arfando de adrenalina e raiva.

Vai embora.

A frase estava na ponta da língua; precisava de outra pessoa, não de Stevie Scott, mas, caramba, ao mesmo tempo que pensava isso, pegou-se estendendo a mão, puxando Stevie para dentro pela cintura e beijando-a.

Com *muita* vontade.

Colou os lábios aos de Stevie, gemendo na boca dela, a língua procurando contato. Enfiou a mão pelas costas da camiseta dela, sentindo a pele tão lisa, tão macia... Fechou os olhos e se imaginou como outra pessoa qualquer, e que Stevie também era outra qualquer, duas mulheres anônimas em busca de conforto, sensações e...

– Opa, opa, opa – disse Stevie com delicadeza, afastando-se e tirando Iris daquela fantasia. – Espera um pouco aí.

Iris piscou para ela, confusa diante da realidade.

– Putz. Desculpa. Foi meio agressivo, né? Eu devia ter te perguntado.

– Não tem problema – respondeu Stevie. – Mas você tá bem?

Iris gesticulou.

– Tudo certo. Só... cheia de tesão.

Deu um sorrisinho, sedutora e presunçosa, mas Stevie não sorriu.

Limitou-se a encará-la de um jeito que a fez ter vontade de gritar.

Iris recuou, fazendo com que as mãos de Stevie caíssem de seus quadris.

Pigarreou.

– Eu estava de saída.

– Dá pra ver.

– Precisa de alguma coisa?

Stevie então sorriu.

– Na verdade, preciso. Queria que você fosse a um lugar comigo.

Iris franziu a testa.

– Aonde?

– É surpresa.

– Quê?

Stevie passou a mão pelo cabelo e riu, meio nervosa.

– Eu estava em casa, pensando em você, e percebi que ainda não tivemos um encontro romântico de verdade.

– Um encontro.

– O acordo ainda tá de pé, né? – disse Stevie. – Você fez sua parte, mas eu fui uma lástima de professora.

Iris suspirou.

– Stevie, não precisa fazer isso.

– Já acabou o livro?

– Não, mas...

Iris se calou, porque, apesar do que Stevie dizia, na verdade a havia ajudado muito, despertando cada faísca de romance dentro dela. A história de Tegan e Briony, inimigas que viravam amantes, estava fluindo feito uma fonte de chocolate num casamento. Na semana anterior, Iris tinha até enviado as primeiras cinquenta páginas para sua agente, que havia adorado e a incentivara a continuar.

E foi o que fez, escrevendo como se estivesse num sonho febril de manhã até tarde da noite, após os ensaios da peça.

Escrevendo e desenhando.

Desenhando Stevie.

Stevie e Iris.

Balançou a cabeça, decidida a dizer a Stevie que não, não ia sair com ela.

Não podia.

Mas quando Stevie inclinou a cabeça com aquele sorriso terno nos lábios, Iris se viu curiosa a respeito da tal surpresa e do que Stevie planejava para a próxima aula de romance.

E, para ser sincera consigo mesma, não sabia se estava mesmo com vontade de ir para o Lush e procurar alguém com quem transar num mar de rostos anônimos.

Naquela noite, não queria anonimato.

Queria *uma amiga*. O tipo de amiga que não perguntaria sobre sua vida amorosa nem a olharia com aquela cara de “eu sei o que é melhor pra você” que Claire andava fazendo nos últimos tempos.

E Stevie era exatamente essa amiga.

Se acabassem transando no fim do encontro de mentira, tudo bem. Com certeza, Iris não recusaria. Nunca admitiria isso para Stevie – e menos ainda para Claire, Astrid ou mesmo Simon –, mas aquela noite de prazer com ela fora a melhor da sua vida.

– Tá bom – disse Iris. – Beleza. Que surpresa você guardou na manga?



Vinte e cinco minutos depois, viraram numa entrada de carros com uma placa de boas-vindas à Fazenda da Família Woodmont. O sol apenas começava a mergulhar além das árvores, tornando tudo dourado e suave.

– A gente vai... hã... colher morango? – perguntou Iris.

– Não é bem isso. – Stevie sorriu enquanto estacionava ao lado de uma casinha com uma placa na varanda que dizia “Escritório da Fazenda”. – Tá

pronta?

– Nem sei – respondeu Iris, rindo.

Mesmo assim, saiu do carro e deixou Stevie pegar sua mão. Afinal, era um encontro romântico, então tudo bem, e seguiram por uma trilha de terra que atravessava um bosque. Iris continuou tentando adivinhar o que iam fazer:

– Caçar um tesouro?

– Não.

– Caçar vampiros.

Stevie riu.

– Intrigante, mas não.

– Saco. Sempre quis me apaixonar perdidamente por uma vampira.

– Vou pesquisar isso aí pra próxima vez.

– Você tá bem convencida de que vou topa um segundo encontro – disse Iris.

Stevie se limitou a sorrir para ela.

Logo as árvores ficaram para trás, e as duas saíram num campo, uma faixa interminável de verde vívido. E lá, a cerca de 30 metros de distância, estava uma mulher de macacão num tom de bordô pálido ao lado de um balão de ar quente.

– Ai, meu Deus! – exclamou Iris, inclinando o pescoço para ver melhor.

O balão era imenso, muito maior do que ela poderia imaginar, com as cores de um lindo arco-íris.

– Surpresa? – murmurou Stevie enquanto ela olhava, boquiaberta.

– Sem dúvida. – Iris se virou para ela. – Sério?

– Sério. Já voou de balão?

Iris balançou a cabeça, negando.

– Mas sempre quis.

– Eu também. – Stevie afagou a mão dela.

Iris sorriu para ela, sentindo o mau humor de antes evaporar como névoa ao sol.

– Stevie Scott? – perguntou a mulher quando as duas se aproximaram.

– Sou eu. E essa é a Iris. Você é Laney?

– Isso mesmo. Boas-vindas a Woodmont. Estão prontas?

Iris engoliu em seco.

– Acho que sim.

Laney sorriu.

– É natural ficar nervosa, mas garanto a segurança de vocês. Venham, entrem na gôndola enquanto eu preparo tudo aqui no solo.

– Obrigada – disse Stevie.

Ela puxou Iris em direção à gôndola do balão, que na verdade era apenas um cesto de vime gigante com um cilindro de propano no alto, a chama enchendo o balão.

Entraram, Stevie segurando a mão de Iris mesmo depois que se acomodaram num canto. Não conversaram; Iris descobriu que estava sem palavras. Nunca tinha feito nada tão extravagante assim num encontro. Grant gostava de sair, mas não variava muito as escolhas, e a ideia dele de um encontro perfeito era jantar num bom restaurante e beber uma garrafa cara de pinot noir.

– Eita, nossa – disse Iris quando Laney terminou o que quer que estivesse fazendo e o cesto balançou um pouco.

Stevie riu.

– Pois é, é meio exagerado. Mas imaginei que, se uma personagem de um romance quisesse conquistar outra, faria uma coisa mais impactante do que chamar pra jantar e ver um filme.

Iris riu.

– Fato. E a essa altura a Briony já está a fim da Tegan.

– Viu? – disse Stevie baixinho, sorrindo para ela. – Perfeito.

Ela encarou Iris por um tempo antes de se voltar para o campo e, de repente, Iris sentiu perder o equilíbrio. Mas era só Laney, que tinha acabado de entrar na gôndola, fazendo-a balançar um pouco de um lado para o outro.

– Tá bom, aqui vamos nós – disse ela enquanto abria o maçarico e soltava os sacos pesados que seguravam o cesto.

Logo estavam subindo rumo ao céu, e Iris não conseguiu conter um gritinho, segurando as laterais do cesto. O solo ficou cada vez menor, assim

como as árvores, as plantações e a casa branca da fazenda.

– Ai, meu Deus! – exclamou Iris, vendo seu mundo virar de cabeça para baixo. – É sensacional!

– É mesmo – respondeu Stevie.

Soltou a mão de Iris e se colocou atrás dela, prendendo-a entre os braços enquanto Iris apoiava as mãos nas laterais do cesto, então apoiou o queixo no ombro dela.

Iris encostou a cabeça na de Stevie. Não conseguiu evitar. Era um gesto tão natural, tão... normal.

– Nota 10 no romance – comentou ela, com a voz tremendo um pouco à medida que subiam pelos ares.

– Ah, tô só começando – sussurrou Stevie, fazendo cócegas no ouvido de Iris com a respiração.

Iris estremeceu, depois se firmou.

– Você não vai me pedir em casamento, né?

– Eu não faria uma coisa dessas com você.

Iris virou o rosto para olhar para ela, aquela simples declaração quase tirando seu fôlego, como se Stevie enxergasse Iris e o que visse fosse... certo. Até mesmo ótimo. De repente, a piada pareceu verdadeira até demais, assim como a resposta de Stevie, e Iris não sabia o que dizer.

– Mas vou te chamar pra dançar – acrescentou Stevie.

Iris ficou olhando para ela, surpresa.

– Quê?

– Bom, a gente dançou na sala do seu apartamento. Depois na praia, debaixo da chuva. Se esse for o hábito romântico peculiar de Tegan e Briony, acho que dançar dentro de um balão de ar quente é a próxima etapa lógica.

– Estamos muito empenhadas, hein?

– Sem dúvida.

Iris riu e se virou nos braços de Stevie, apoiando as mãos nos ombros dela. Stevie envolveu a cintura de Iris.

– Tá bom. Eu aceito.

Stevie sorriu e a abraçou ainda mais, encostando a bochecha na cabeça dela. Balançaram no ar, ficando perto da borda para poderem ver a vastidão

do Vale Willamette lá embaixo. Iris tentou imaginar como poderia incluir aquilo no livro, mas não conseguia se ater a um único pensamento. Estava repleta de outras coisas: o cheiro de grama e verão no cabelo de Stevie, a sensação dos dedos dela subindo e descendo por suas costas... O jeito como o coração de repente parecia enorme, grande demais para o peito, mandando o sangue para a cabeça e deixando Iris um pouquinho tonta.

– Posso te fazer uma pergunta? – perguntou Stevie enquanto as fazia girar num pequeno círculo.

– Claro.

– Por que você me beijou? Hoje, quando cheguei na sua casa?

Iris engoliu em seco, sem saber como responder. Por fim, decidiu-se pela verdade.

– Não sei.

Stevie a abraçou com mais força e, de repente, Iris teve vontade de chorar. Não conseguia explicar. Tinha passado a maior parte dos catorze meses anteriores fugindo precisamente daquele sentimento, tratando de nunca deixar as emoções irem tão longe, mas lá estava ela, dançando com uma mulher que tinha vomitado na primeira noite das duas e sentindo o coração na garganta. Detestava e adorava aquilo, o romance, a sensação de que estava caindo, apenas para que Stevie estendesse a mão e a resgatasse.

Era ridículo.

Não era de verdade. Não podia ser.

Mas, caramba, era tão, tão gostoso...

Pelo menos isto ela podia admitir: era bom viver um romance, e Stevie era uma especialista de mão cheia.

Então, Iris se deixou sentir tudo: a queda, o resgate e o conforto, expulsando o pânico que, ela sabia, alcançaria mais cedo ou mais tarde.

Por enquanto, limitou-se a fechar os olhos e dançar, pairando no céu dourado.



Depois do passeio de balão, Stevie e Iris voltaram para Bright Falls e comeram no Tor&Tinhas, devorando hambúrgueres vegetarianos com batata frita e, claro, tortinhas caseiras de vários sabores. Falaram sobre crescer em cidades pequenas, sair do armário e fazer faculdade, sobre todas as histórias que Iris queria escrever e todas as peças que Stevie já tinha feito.

– Qual foi a sua pior atuação? – perguntou Iris, empurrando os restos de uma tortinha de morango pelo prato.

Stevie fez cara de ofendida.

– Pior? O que te faz pensar que já tive uma atuação ruim?

– Tá, estou vendo que minhas aulas de autoconfiança foram meio longe demais – disse Iris. – Vou ter que reavaliar as lições.

Stevie riu e comeu uma batata frita.

– Já tive várias atuações horrorosas. A pior... deve ter sido na primeira peça que fiz na faculdade. A nossa diretora era incrível, superexigente, e eu tava tão nervosa que Ren, em sua infinita sabedoria, me deu uma jujuba de maconha mais ou menos meia hora antes da abertura.

– Eita.

– Pois é. A bala inteira, não foi nem a metade. Digamos apenas que foi a interpretação mais risonha que *E não sobrou nenhum* já teve.

– Ah, então você ri muito quando tá chapada.

– Ai, meu Deus, muito! Depois de algumas cenas consegui me controlar, mas a Dra. Calloway ficou furiosa. – Stevie adotou um olhar sonhador enquanto os dedos brincavam com o guardanapo. – Fico espantada que ela tenha... – E parou no meio da frase, pigarreando. – Enfim, nem preciso dizer que jurei não usar mais substâncias recreativas pra enfrentar o nervosismo no palco.

– Decisão sensata. Mas parece que hoje em dia você não precisa delas.

Stevie encolheu um dos ombros, armando uma expressão brincalhona.

– É difícil ficar nervosa quanto a gente é tão boa no que faz.

Iris sabia que era piada, mas não riu.

– Pois é. Isso mesmo.

Stevie revirou os olhos.

– Você nunca pensou em ir pra outro lugar? – perguntou Iris.

Stevie franziu a testa.

– Como assim?

Iris espetou o último morango com o garfo.

– Nova York não é a capital mundial do teatro?

Stevie lambeu o lábio inferior e olhou pela janela.

– Ren vive dizendo que eu devia mudar pra lá. Ou pra outro lugar.

Mas... sei lá.

– É um passo gigantesco.

– É. – Stevie se virou para ela. – É mesmo. Talvez seja grande demais pra mim.

Iris franziu a testa.

– Não acho. Acho que você poderia...

– Me dá um pedacinho dessa torta?

Iris assentiu e empurrou o prato. Deu uma garfada na torta de chocolate com menta de Stevie e logo passaram a outros assuntos, obviamente mais fáceis para ambas, do jeitinho que ela gostava.

Precisava admitir que aquele era um encontro perfeito.

Um encontro que ela não sabia se conseguiria mesmo recriar no papel, porque mal conseguia entender como era possível. Quando voltaram ao apartamento, estava tomada de emoções, como se precisasse chorar, gritar ou tomar Stevie nos braços imediatamente e beijá-la até desmaiar.

Chegando à porta do apartamento, escolheu a última opção. Precisava desromantizar um pouco a noite e ajudar seu coração a recuperar o ritmo normal. O sexo cuidaria disso, e Iris estaria mentindo se dissesse que não havia imaginado levar Stevie de novo para a cama um milhão de vezes naqueles últimos dois dias.

Então beijou Stevie à porta da casa.

Envolveu-a nos braços e deslizou as mãos até a bunda dela, encaixando a perna entre as coxas dela para informar exatamente o que estava pensando.

Mas Stevie se afastou, apoiando as mãos nos quadris de Iris.

– Ainda é demais? – perguntou Iris, olhando para ela por baixo dos cílios.

– A noite de hoje não era pra isso, Iris – respondeu Stevie, terna mas

séria.

– Eu sei. – Iris riu. – Mas a maior parte dos encontros românticos não termina com uma boa sessão de pegação?

Stevie se encolheu, mas só um pouquinho. Na verdade, Iris pensou que talvez tivesse imaginado vê-la desmanchar a expressão e inclinar a cabeça enquanto olhava para ela. Finalmente Stevie sorriu, se aproximou e a beijou de leve na boca, uma vez... duas... antes de recuar e enfiar as mãos nos bolsos. Caminhou de costas em direção à escada, dizendo:

– Boa noite, Iris.

Depois deu as costas e se foi.



CAPÍTULO VINTE E OITO

IRIS KELLY ESTAVA SUBINDO pelas paredes.

Naquelas últimas duas semanas, teve mais “encontros” com Stevie do que com Grant em todo o último ano que passara com ele.

Saíram para jantar em Portland.

Foram a um brunch em Bright Falls.

Visitaram uma vinícola no Vale Willamette, uma viagem de um dia que terminou com Iris tão bêbada que nem lembrava como foi parar na cama.

Jogaram minigolfe alcoólico no Birdie's com a turma dela.

Fizeram uma caminhada pelo Parque Lower Macleay, em Portland, até a Mansão Pittock, uma construção centenária, e quando chegaram ao destino as pernas de Stevie estavam totalmente cobertas de picadas de insetos.

Em outro dia, Stevie bateu à porta de Iris às dez horas da noite, com cobertores e travesseiros nas mãos, para assistir a um eclipse lunar do terraço do prédio.

E, depois de cada encontro, Stevie a beijava na boca e dizia boa-noite.

Só isso.

Nunca sequer tentava dar uma passada de mão, muito menos tatear abaixo da cintura. Em meados de julho, faltando apenas duas semanas para a estreia de *Muito barulho* no Imperatriz, Iris estava a ponto de arrancar cada fio de cabelo do corpo. Tinha material mais do que suficiente para o livro; seu progresso com a vinicultora rabugenta e a crítica de vinhos fofa já avançava rumo ao último ato. Ainda assim, Stevie continuava a convidá-la para sair e a deixá-la louca enquanto dançavam juntinhas no meio da floresta e perto do buraco 18 no minigolfe.

E Iris, inexplicavelmente, continuava a dizer sim.

– Ganhou! – gritou o homem dentro da cabine de tiro ao alvo, pegando um sapo roxo de uma fileira de bichos de pelúcia e entregando-o para Stevie.

Estavam na Feira de Verão de Bright Falls, evento anual que incluía uma roda-gigante fluorescente e um brinquedo capenga tipo xícara maluca, jogos, algodão-doce e cachorro-quente, e vendedores de mel local, joias artesanais e obras de arte em bancas com cortinas de tecido.

– Pra você – disse Stevie, oferecendo o sapo para Iris.

Tinha acertado três argolas seguidas em garrafas antigas de 7-Up, ganhando o prêmio para ela.

– Eternamente grata – respondeu Iris, inexpressiva, aceitando. – Que nome devo dar pra ela?

– Peppa.

– Acho que Peppa é uma porca.

– Tá bom. Wilbur.

Iris riu.

– Wilbur também é um porco. Essa aqui é sapa.

Stevie entrelaçou os dedos aos de Iris, beijando as costas da mão dela.

– Quem disse? Ela que define a própria identidade.

Iris sorriu e guardou o sapo debaixo do braço. Caminharam pela multidão, vendo pessoas aqui e ali acenarem para ela, e um silêncio pairou entre as duas, fazendo a frequência cardíaca de Iris acelerar.

Isso vinha acontecendo muito ultimamente, à medida que chegava a noite de estreia de *Muito barulho*. Encenariam a peça por todo o mês de agosto, e depois...

O acordo com Stevie chegaria ao fim.

Não teriam motivos para continuar a farsa, e Iris achava mesmo que não conseguiria aguentar mais muitos encontros como aquele. Eram divertidos, claro, mas também confusos, fazendo-a esboçar cada ocasião em seu iPad até tarde da noite, analisar cada palavra no dia seguinte e se torturar pensando em por que Stevie parecia não querer ir para a cama com ela de novo.

Sabia que precisava mencionar o fim inevitável à espera delas. Até então, não haviam traçado uma estratégia de término, nenhum plano de como mostrar o fim do relacionamento falso para a turma de Stevie, para o elenco e a equipe da peça. Sabia que Stevie sempre se saía melhor quando tinha um plano, mesmo que a ideia de acabar com tudo deixasse Iris incomodada de um jeito que não conseguia explicar.

– E aí, meninas? – gritou Claire da banca da Livraria Rio Selvagem.

Ela e Ruby estavam trabalhando, vendendo os livros mais badalados do verão. Delilah estava por ali em algum lugar, tirando fotos para um projeto da *National Geographic* em que tinha se envolvido – um livro sobre cidades pequenas progressistas –, e naquela noite Astrid e Jordan trabalhavam na Pousada Everwood, já que os visitantes da feira se hospedaram em peso no lugar.

– Oi – respondeu Iris, soltando a mão de Stevie e beijando Claire, depois Ruby, na bochecha. – Vendendo muito?

– Ah, sim, os romances de verão. – Claire mostrou um livro de capa amarela. – Esse aqui é sobre um namoro de mentira e uma bissexual atrapalhada. Vende que nem água.

Ela piscou para Stevie, gesto que nem tentou esconder de Iris. Stevie pigarreou, fingindo estar muito interessada num livro sobre a flora e a fauna do centro do Oregon.

– Tá bom – disse Iris. – O que foi que eu perdi?

– Nada, não – respondeu Claire, gesticulando com indiferença.

– Acho que ela tá te chamando de bissexual atrapalhada, tia Iris – declarou Ruby.

Stevie engasgou, batendo no peito com o punho, e Iris pôs as mãos na

cintura.

– Ah, olha quem fala! – disse ela para Ruby. – Vou te contar uma historinha sobre uma fotografia ranzinza e uma aposta que ela...

– Tá bom, tá bom – disse Claire, tapando a boca de Iris com a mão. – Ela conhece a história.

– Com certeza não conhece – retrucou Iris quando a amiga a soltou.

Claire se limitou a balançar a cabeça.

– Stevie não é sua namorada de mentira? – perguntou Ruby.

– É – respondeu Iris, puxando Stevie para mais perto. – É, sim.

Ruby franziu a testa, estreitando aqueles olhos castanhos que havia ganhado de Josh, seu pai, dirigindo-se a Stevie.

– Ainda? Mesmo depois de...

– Ruby, meu bem – disse Claire –, manda uma mensagem pro seu pai por mim? Pergunta se ele ainda vem te buscar amanhã às nove.

– Peraí. – Iris olhou para Stevie antes de encarar Ruby, franzindo a testa.

– Depois de quê?

Ruby deu de ombros.

– Tipo, cê sabe, aquilo de cortejar e...

– Ruby – rosnou Claire. – Fala. Com. Seu. Pai.

A menina revirou os olhos e foi para os fundos da banca pisando duro com o telefone nas mãos.

– Adolescente é fogo – disse Claire, rindo.

Mas Iris não estava olhando para ela.

– Do que ela tá falando? – perguntou para Stevie. – *Cortejar?*

Stevie e Claire se entreolharam por um instante, depois afastaram o olhar, mas isso bastou para Iris perder a paciência.

– Tá, é melhor alguém me dizer que porra é essa, e *agora* – exigiu ela.

– Iris – disse Stevie. – Não é nada. Eu...

– A Ruby não mente – retrucou ela. – E a Claire, que a deusa a abençoe, mente mal pra caramba. A cara dela fica vermelha que nem um tomate e ela morde o lábio inferior até rasgar. – Apontou para Claire. – Isso, desse jeito aí mesmo.

Claire parou de morder o lábio.

– Iris. – Stevie pegou a mão dela. – Vamos conversar, tá? Quem tem que contar sou eu, não a Claire.

Os ombros de Iris se soltaram um pouco, mas a respiração continuava rasa e a mandíbula, travada e tensa.

– Tá.

Stevie a levou para longe das barraquinhas e para perto da água. A feira acontecia num parque nos arredores da cidade, com o Rio Bright ao leste. Stevie continuou andando até chegar a um dos pequenos píeres, quando a multidão da feira se tornou apenas um burburinho suave atrás delas. Um único poste de luz na grama dourava a área, mas, quanto mais avançavam pelo píer, mais escuro ficava. O mundo estava sereno, as estrelas cintilando como prata no céu.

– Se você disser que isso aqui é romântico, eu me joga nesse rio – declarou Iris.

Deixando o sapo roxo no chão, apoiou os braços no guarda-corpo de madeira, contemplando a água.

– Eu não ia dizer isso – respondeu Stevie, indo ficar ao lado dela.

Iris se virou para ela.

– Bom, é melhor dizer *alguma coisa*, Stevie. – Sentiu um nó na garganta, mas engoliu em seco. – Do que a Ruby tava falando lá atrás? O que é tudo isso? Esses encontros absurdos. O que a gente tá fazendo? Porque não é pro meu livro, e não pode ser pra você, porque você mal toca em mim.

– Eu mal toco em você? Iris, eu passo a noite toda de mãos dadas com você. Te beijo na hora de ir embora e...

– É, um beijinho só, que emocionante. A gente não vai pra cama juntas desde a noite na Taverna da Stella.

– Então, sexo significa... o quê? Prova o quê?

Iris passou a mão pelo cabelo emaranhado.

– Não sei nem o que isso quer dizer. O que você tá *tentando* provar, Stevie? A gente tá fingindo namorar e transou, o que obviamente não estamos mais fazendo, e agora a filha de 13 anos da Claire parece saber alguma coisa que eu não sei, então... diz o que você quer, Stevie. Pra que tudo isso? O que é que você...

– Eu quero *você*.

Stevie falou com uma voz tão baixa que Iris quase não a ouviu. Os olhos dela estavam fixos nos de Iris, e a lua, brilhando naquele tom claro de âmbar, dava aos olhos dela a cor do bronze.

– Quê? – perguntou Iris, a própria voz reduzida a um sussurro.

– Eu quero você – repetiu Stevie.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, e Iris percebeu que ela tremia, mas mesmo assim não desviava o olhar. Nem sequer piscava.

– Sei que você pode não acreditar em mim – continuou Stevie. – Mas, na noite em que a gente foi pra cama... na verdade, antes disso, quando fui pra casa da Jenna, percebi que não queria uma desconhecida. Nunca quis, só disse pra mim mesma o que achava que precisava pra poder ser... nem sei. Adulta? Alguém que controla a própria vida sexual? Mas eu não queria qualquer uma. E com certeza não quero transar com qualquer uma. Eu quero *você*. Naquela noite, na Taverna da Stella, tudo mudou. Foi como acordar do sono mais longo da minha vida. Mas, na manhã seguinte, você...

Ela parou de falar e respirou fundo. Iris não conseguia nem respirar, sentindo o corpo todo tenso e alerta.

– Você me pediu pra ir embora – continuou Stevie. – Eu fiquei sem saber o que fazer. Acabei indo parar na Rio Selvagem e fiquei muito mal. A Ruby estava lá. A Claire também, mas eu não sabia que era a livraria dela. Ela me encontrou e... me ofereceu chá. Só isso.

– Só isso?

Stevie suspirou.

– Talvez eu tenha confessado alguns sentimentos pra Claire. Acho que a Ruby ouviu.

Iris sentiu os olhos arderem também, e uma pontada no coração que não conseguia entender enquanto processava aquelas informações.

– E esses... encontros. Foi tudo pra mim?

Stevie deu de ombros.

– A Ruby não se enganou. Eu estava te cortejando.

– Me cortejando.

Stevie fechou os olhos e respirou fundo. Quando voltou a abri-los, deu

um passo na direção de Iris.

– Sei que você conheceu gente escrota que dizia que te amava. Sei que acha que não foi feita pra namorar e ter um relacionamento. E, se não quiser mesmo nada disso na sua vida, tudo bem. Não vou discutir. Mas queria que você tivesse certeza. Queria te mostrar.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Iris.

– Me mostrar o quê?

Stevie deu mais um passo. Iris não recuou. Não conseguia. Restavam poucos centímetros entre as duas, e já parecia demais.

– Me mostrar o quê, Stevie? – repetiu.

Stevie apoiou as mãos na cintura de Iris, hesitando, como se achasse que ela a impediria. Não foi o que aconteceu. Em vez disso, Iris agarrou os braços de Stevie, ofegando. Sentiu-se derreter, aquela Iris Kelly forte, autoconfiante, objetiva e segura de si desaparecendo bem diante dos olhos dela. Em seu lugar, ficou uma mulher cujo coração parecia estar em carne viva. Que estava muito, muito cansada de lutar contra o que Stevie Scott a fazia sentir.

Porque Iris começou a entender: os encontros, cada atitude de Stevie desde que embarcaram juntas naquele acordo absurdo, tudo vinha desbastando seu coração gelado, pouco a pouco, mostrando-lhe que ela... que Stevie... que Iris...

– Me mostrar o quê? Stevie!

Stevie encostou a testa na da Iris.

– Que você merece ser amada.

Era tão simples. Apenas cinco palavras, um mero sussurro, mas caíram como uma bomba que atinge o alvo. Iris explodiu: coração, mente e pele. Era só a carcaça da pessoa que fora alguns segundos antes e não sabia como se recompor, como fazer qualquer coisa senão simplesmente mergulhar na explosão, juntar-se a ela, tornar-se uma só com os estilhaços.

– Bom, deu certo – disse com a voz trêmula, enfiando as mãos pelo cabelo de Stevie e puxando-a para um beijo.

E dessa vez Stevie não se contentou com um simples toque dos lábios. Abriu a boca para Iris, abraçando a cintura dela, as mãos subindo pelas

costas, entrando no cabelo junto dos ombros, depois envolvendo o pescoço dela, segurando-lhe o rosto, acariciando as bochechas com os polegares.

Stevie manteve Iris assim, deixando a língua explorar a dela, levando os lábios à orelha, ao pescoço, segurando o rosto dela como se sustentasse nas mãos uma espécie de tesouro que vinha procurando e por fim havia encontrado.

Iris inalou o cheiro de Stevie, todo feito de grama e noites de verão, enfiou as mãos por dentro da camiseta azul-marinho dela e deslizou a ponta dos dedos por aquela pele macia. Meu Deus, como queria aquela mulher. Queria-a por inteiro e não sabia o que isso significava, nem como enfrentaria o medo que sabia continuar adormecido em seu coração.

Só sabia que não podia dizer não.

Não queria.

Pela primeira vez em mais de um ano, talvez até desde o término com Grant, ou mesmo antes – talvez pela primeira vez na vida –, Iris quis dizer *sim*, sim para tudo, para cada palavra, pergunta e olhar silencioso.

Sim, sim, sim.

– Stevie – murmurou ela junto à boca da outra.

– Eu? – respondeu Stevie, arquejando de um jeito lindo.

– Posso te pedir uma coisa?

– Qualquer coisa. – Stevie beijou a testa de Iris. – Me pede qualquer coisa.

– Me leva pra casa? – Iris envolveu o rosto dela nas mãos, enfiando um cacho atrás da orelha. – Me leva pra casa, Stevie Scott, e me leva pra cama.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

DEMORARAM UMA ETERNIDADE PARA chegar ao apartamento de Iris.

Stevie nunca havia tido um ataque de pânico causado por pura felicidade, mas tinha certeza de que estava prestes a passar por isso. Mal conseguia respirar enquanto corriam pela feira, rumo às calçadas de paralelepípedos de Bright Falls, e o cheiro de Iris a distraía, assim como sua risada e seu sabor, quando Stevie a puxou para o beco entre a padaria e o correio, beijando-a de encontro à parede de tijolos até as duas começarem a gemer.

– Precisamos de uma cama – ofegou Iris.

– Vou cuidar disso – garantiu Stevie, e a beijou de novo, apertando os quadris de Iris com os seus e sentindo os dedos dela agarrarem seus ombros.

– Mas vai mesmo? – respondeu Iris, rindo.

– Bom, você tá dificultando minha concentração.

– Sou só uma mulher na frente de outra mulher pedindo pra ela transar até desmaiar.

– Isso mesmo. – Stevie enterrou o rosto no pescoço dela. – Só de pensar

não consigo nem andar direito.

Então Iris mordeu o lóbulo da orelha de Stevie, e todo o corpo dela irrompeu em arrepios.

– Você não tá ajudando.

Iris sorriu com malícia, e Stevie a puxou de volta para a rua, sem afrouxar o passo, nem mesmo olhando para ela até estarem dentro do prédio, subindo a escada até o apartamento.

Mas tiveram que enfrentar a porta, e Stevie não resistiu a agarrar Iris por trás enquanto ela procurava as chaves no fundo da bolsa, passando as mãos ao redor dos quadris e descendo até aquele calor delicioso entre as pernas.

– Nossa – disse Iris, empinando a bunda de encontro às coxas de Stevie.

Finalmente, conseguiu enfiar a chave na porta e estava no processo de virar a fechadura quando Stevie se lembrou.

– Ai, não – disse ela, cobrindo a mão de Iris com a sua na maçaneta.

– O que foi? – perguntou Iris, e riu. – Preciso te levar pra dentro e tem que ser agora.

– Tá bom, sim, mas... Eu meio que esqueci que mandei entregar uma coisa aqui hoje de tarde, quando você estava escrevendo lá no café.

Iris parou e virou o rosto para olhar para ela.

– Sério?

Stevie sorriu.

– Estou te cortejando, lembra?

Iris sondou o olhar dela com uma expressão nada menos que maravilhosa. Inclinou o rosto e deu-lhe um beijo suave.

– Adorei.

– Você nem sabe o que é ainda – argumentou Stevie.

– Não ligo. Adorei e pronto.

Stevie a beijou e a deixou abrir a porta. Entraram no apartamento mal iluminado e o cheiro as atingiu primeiro.

Doce e orgânico. Terroso.

– Ai, meu Deus! – exclamou Iris, acendendo a luminária que ficava no aparador da entrada.

A cor explodiu por toda a sala de estar e pela cozinha, revelando pelo

menos dez vasilhas de vidro cheias de flores roxas ocupando o espaço.

– Íris roxa! – Iris pegou uma das vasilhas, encostando o rosto nas pétalas. – Como você sabia que essa era a minha flor preferida?

Stevie deu de ombros.

– Palpite? Você desenha essa flor em todos os seus planners. E também tem o nome. Achei que ia gostar do nome.

Iris riu, tirando uma única flor da vasilha e girando-a entre os dedos.

– Gosto, sim. Além disso, ela parece uma vulva, coisa que eu adoro.

Stevie riu, jogando a cabeça para trás.

– Você é uma verdadeira romântica, Iris Kelly.

– Olha pra ela! – Iris estendeu a flor para Stevie. – Não pode negar que parece uma xerec...

– Tá bom, flor. – Stevie tomou a íris da mão dela e a levou ao nariz. Então, enfiou a flor atrás da orelha dela e a abraçou. – Só pra você saber, pode ser que a Claire tenha deixado o pessoal da floricultura entrar.

Iris contraiu os lábios numa linha reta, mas Stevie percebeu que ela estava tentando não sorrir.

– Claire.

– Ela é romântica igual a mim.

Iris balançou a cabeça, mas a abraçou ainda mais.

– Adorei a surpresa.

A respiração dela roçou a boca de Stevie.

– Isso você já disse.

– É, mas agora eu adorei pra valer.

Stevie sorriu, sentindo o coração levantar voo dentro do peito.

– Qual é a *sua* flor favorita? – perguntou ela.

Stevie olhou para todas as íris.

– Tulipa. Amarela.

– Por quê?

Ela deu de ombros.

– Não sei. É simples mas forte, sabe? Tipo, as pétalas são supergrossas e resistentes. Eu gosto disso. Ela resiste ao vento e ao tempo.

Iris sorriu e suspirou enquanto olhava para a sala.

– Como você bancou isso? Sai caro comprar tanta flor. E o balão de ar quente, e a vinícola... tudo o que a gente fez nas últimas semanas. É demais, Stevie.

Stevie engoliu em seco, mas balançou a cabeça.

– Nada é demais pra você.

Por um tempo, Iris se limitou a olhar para ela, o peito subindo e descendo depressa. Então tirou o cabelo de Stevie da testa, enfiando os dedos por entre os cachos e aninhando a cabeça dela.

– Me leva pra cama *já*.

– Como quiser – disse Stevie, sentindo-se brega, romântica e cheia de desejo, tudo ao mesmo tempo.

Decidiu se entregar a tudo aquilo e levantou Iris nos braços como quem carrega uma noiva. Iris riu enquanto ela marchava pelo corredor.

– Ai, meu Deus, quem é você, a Mulher-Maravilha?

– Sou magra, mas sou forte – respondeu Stevie, entrando no quarto.

– Que delícia – disse Iris enquanto Stevie a colocava na beirada da cama.

Stevie esperava que uma pulasse em cima da outra, o tesão do começo da noite finalmente tomando conta delas, mas não: ficaram ali, uma contemplando a outra, ofegando. A forma como Iris olhava para ela era erótica e doce ao mesmo tempo, e desejou que aquilo nunca tivesse fim.

Stevie se aproximou, depois se abaixou, levantando o vestido fresquinho de Iris até os quadris. Estava com uma calcinha de algodão azul tipo biquíni, e ela nunca tinha visto nada mais sexy.

– Segura isso – disse, pegando os dedos de Iris e fechando-os na barra do vestido.

Então se ajoelhou, afastando as pernas de Iris e deixando as mãos subirem pelas coxas lisas. Encostou os lábios nela, por cima da calcinha.

– Ai, meu Deus – murmurou Iris, jogando a cabeça para trás. – Puta merda, Stevie.

Stevie a beijou e beliscou com os dentes, girando a língua sobre a mancha molhada no meio da calcinha e sentindo o gosto dela através do algodão.

Iris mergulhou a mão livre no cabelo de Stevie, segurando as mechas

com firmeza enquanto sussurrava sacanagem. Stevie a lambeu, pronta para fazê-la gozar ali mesmo, mas, quando puxou a calcinha para o lado, lambendo o sexo nu, Iris a segurou com mais força, puxando-a e livrando sua boca.

– Peraí, peraí, peraí – pediu, fazendo Stevie se levantar.

– Você tá bem?

– Tô. – Iris soltou a barra do vestido para poder tirar a camiseta de Stevie. – Mas primeiro quero outra coisa.

Stevie sorriu quando Iris tirou também o sutiã *bralette* que ela usava, roçando os seios pequeninos com os dedos.

– Qualquer coisa.

– Boa menina. – Iris sorriu, abaixando a cabeça para chupar um dos mamilos de Stevie.

Stevie sibilou, arqueando as costas para dar ainda mais acesso a seu corpo. Iris desabotoou o jeans dela, arrancando-os das pernas. O pé de Stevie ficou preso por um instante, e as duas riram quando ela caiu na cama, chutando a roupa dos infernos.

– Muito melhor – disse Iris, jogando o próprio vestido num canto escuro e abrindo o sutiã.

– Que eficiente – comentou Stevie, contemplando aqueles seios divinos.

– Gostei.

Puxou Iris para a cama e tirou a calcinha dela. A calcinha tipo boxer de Stevie foi a próxima a sumir, e ela se apoiou acima de Iris, beijando a barriga dela, deslizando a língua para cima em direção aos seios, os mamilos já endurecidos à sua espera.

– Você tem um gosto tão bom – murmurou, envolvendo os seios de Iris com as mãos enquanto lambia os mamilos. – Me diz que você quer.

Iris demorou a responder, passando as mãos pela barriga de Stevie até lá embaixo, explorando com os dedos entre os pelos úmidos e as dobras.

– Nossa. – Stevie encostou a cabeça entre os seios de Iris.

– Quero que você transe comigo – disse Iris ao mesmo tempo que enfiava os dedos com mais força dentro de Stevie, deixando-a louca de desejo.

Stevie conseguiu erguer a cabeça.

– Disso eu não tenho dúvida.

Tirou a mão de Iris de dentro dela, lambendo os dedos.

– Meu Deus – gemeu Iris, com as pupilas dilatadas.

– Me diz – repetiu Stevie entre lambidas – o que você quer.

Iris riu.

– Você é mesmo cheia de surpresas, sabia disso, né? Só esse seu jeito de dominadora já tá quase me fazendo gozar.

Stevie abriu um sorriso tão largo que as bochechas doeram. Não sabia ao certo por quê, mas saber que Iris a via assim, que a *enxergava*, depois de passar tantos anos sem que Adri enxergasse *nada*, era a definição da felicidade.

– Tudo bem. – Stevie beijou o esterno de Iris, com os olhos brilhantes ainda fixos nos dela. – Então meu lado dominador está mandando você me dizer o que quer. *Agora*, Iris.

Iris se contorceu embaixo dela, rindo.

– Já usou cinta?

Stevie parou, levantando a cabeça. Adri usava cinta, e Stevie sempre gostou, mas ela mesma nunca havia usado. Em geral, sua ex assumia o comando na cama, e Stevie sempre gozava, então nunca reclamava e mal pensava nisso. Naquele momento, porém, diante de Iris com aquele brilho safado nos olhos e os quadris rebolando debaixo dela, Stevie ficou encharcada com a ideia de penetrá-la, fazê-la gritar e ofegar.

A ideia de estar no controle.

– Nunca usei – respondeu Stevie. – Mas quero muito.

Iris levantou as sobrancelhas.

– Ótimo.

Ela empurrou Stevie com delicadeza para poder se levantar. Então, abriu a gaveta da mesa de cabeceira e tirou uma cinta de nylon preta e um dildo vermelho cintilante. Era liso e meio curvado na ponta, e fez Stevie apertar as pernas uma junto da outra.

– É... bem grande – disse ela.

Iris riu.

– Topa vestir a cinta? Tá tudo limpo.

– Topo. – Stevie se ajoelhou na cama e rastejou até o lado de Iris. – Mas você vai ter que me mostrar como vestir.

Apoiou as mãos nos quadris dela e a beijou.

– Deixa comigo – sussurrou Iris entre os beijos.

Ficaram assim por um tempo antes de Iris encaixar a base circular e plana do dildo no anel da cinta; em seguida, ajudou Stevie a passar as tiras pelas pernas.

– E isso aqui é pra você – disse Iris, brandindo um pequeno vibrador tipo *bullet* verde-hortelã.

– Ah, é?

Iris deu uma risadinha.

– Ah, é, sim.

Ela encaixou o bullet num bolsinho na parte interna da cinta, que ficaria bem junto do clitóris. Stevie respirou fundo quando o dedo de Iris roçou o sexo dela, e mais uma vez quando ela ligou o dispositivo. Uma vibração suave tomou conta do centro de prazer de Stevie e desceu pelas pernas. Iris a beijou, engolindo os gemidos dela enquanto ajustava a cinta em volta dos quadris.

– Quero você dentro de mim – disse Iris junto da boca dela, e passou os dedos ao longo do dildo.

– Você... precisa de lubrificante? – perguntou Stevie, tentando respirar normalmente.

Iris balançou a cabeça, negando.

– Já tô bem molhada. Só preciso de você.

Stevie agarrou os quadris dela, puxando-a de volta para a cama, e foi logo atrás, sem nunca deixar de fitar os olhos de Iris.

– Meu Deus, como você é linda – disse Stevie, passando as mãos pelo corpo de Iris, saboreando-a com os dedos.

Iris sorriu e abriu as pernas. Seu sexo era tão lindo quanto ela toda, molhado e pronto, e Stevie não resistiu: abaixou-se, beijando-a bem ali onde a perna se encontrava com o quadril, de um lado... depois, do outro. Iris fez um som que parecia um rosnado, arqueando as costas, e Stevie deslizou a

língua para cima antes de fechar a boca ao redor daquele sexo, beijando e chupando.

– Meu Deus, Stevie. – Iris segurou o cabelo dela com o punho. – Por favor.

– Por favor, o quê? – perguntou Stevie, levantando a cabeça.

– Me come agora. Por favor – pediu Iris, fechando os olhos com força, mordendo o lábio inferior.

Stevie a beijou mais uma vez antes de se sentar entre as coxas dela. Abriu Iris com os dedos, e a visão que teve foi tão deslumbrante que quase a fez gozar. O *bullet* continuou a trabalhar, levando-a devagar rumo a um frenesi enquanto passeava com os dedos pelas dobras de Iris.

– Você tá *tão* molhada – disse ela, mergulhando o polegar naquele calor e depois retirando-o.

Iris ergueu os quadris em direção ao teto, rindo.

– Eu disse que estava. Eu te quero tanto, Stevie.

Stevie posicionou a cabeça do dildo na entrada de Iris, debruçando-se para beijá-la.

– Sou sua – disse junto à sua boca.

– Então me come. Me come agora, por favor!

Stevie se ergueu mais uma vez para se concentrar, esbaldando-se com a visão do dildo vermelho deslizando para dentro do calor úmido de Iris.

Ela gemeu, levantando os braços acima da cabeça.

– Assim? – perguntou Stevie.

Iris fez que sim, gemendo.

– Mais!

Stevie entrou mais fundo, com mais força, até Iris arquear as costas e gemer:

– Isso. Assim mesmo.

Ela abriu os olhos, respirando muito rápido, e agarrou a cintura de Stevie.

– Vem cá – disse, puxando todo o corpo de Stevie por cima dela.

Stevie se apoiou nos antebraços, beijando Iris enquanto rebojava devagar, adorando a sensação das pernas dela fechadas em volta da cintura,

da boca ofegando junto à sua.

– Tá gostando? – perguntou, arremetendo os quadris. – Gosta de me sentir dentro de você?

Iris arqueou os próprios quadris, gemidos e gritinhos inarticulados transbordando de sua linda boca.

– Gosto! – conseguiu dizer afinal. – Isso, assim, me come, ai, assim.

Stevie acelerou o ritmo, sentindo o suor se acumular na testa, o *bullet* a levando ao próprio limite enquanto enterrava o rosto no pescoço de Iris, entre os seios dela, beijando aquela boca enquanto a penetrava com mais força, dando tudo o que ela pedia.

– Ai... isso... assim... – disse Iris. – Vou gozar!

– Goza – respondeu Stevie, perto do limite. – Goza pra mim.

– Ah, Stevie, eu...

O corpo inteiro de Iris se retesou e estremeceu enquanto ela gritava para o alto, gozando, cravando as unhas na pele dos quadris de Stevie, que não parou, rebolando até sentir as próprias pernas começarem a tremer, o próprio orgasmo correndo em sua direção como um maremoto.

– Nossa – disse ela, enterrando o rosto no pescoço de Iris, fechando as mãos nos lençóis enquanto desabava em cima dela, a visão escurecendo por uma fração de segundo enquanto gemia.

Mesmo assim, nenhuma das duas diminuiu o ritmo. Iris continuou abraçando o corpo de Stevie com as coxas, agarrando a bunda dela com as mãos e fazendo-a ir e vir, entrar mais fundo e apertar ainda mais o *bullet*.

– Não para – disse ela.

E Stevie não parou. Continuou o vaivém até as duas gozarem outra vez numa série de palavrões e gemidos. Stevie mordeu o ombro de Iris com força suficiente para deixar uma marca, e Iris rugiu o nome dela, o som mais lindo que Stevie já tinha ouvido.

– Minha nossa – sussurrou Iris, de forma quase inaudível enquanto os pulmões arfavam.

Stevie encostou o rosto no pescoço úmido dela. Achava que não era capaz de falar, muito menos de se mexer.

Iris apertou o traseiro dela mais uma vez antes de subir com as mãos, a

ponta dos dedos pairando pelas costas e pelo pescoço até encontrar o cabelo.

– Acho que morri – Stevie conseguiu dizer por fim. – Você me matou, Iris Kelly.

Iris riu, acomodando a perna mais acima dos quadris de Stevie.

– Morrer de prazer. Não é um jeito ruim de partir.

Stevie levantou a cabeça e a beijou uma vez.

– Não mesmo.

Saiu de dentro de Iris, abriu a cinta e desligou o *bullet* antes de largar tudo no chão para poder envolvê-la nos braços.

– Espero que os vizinhos não estejam em casa – comentou Iris, aninhando-se junto de Stevie e suspirando feliz enquanto abraçava a cintura dela.

– Ai, meu Deus. Se estiverem, acabaram de ouvir um show.

– E bota show nisso. – Iris sorriu. – É um casal. Dois fofos de uns 40 e poucos anos, acho.

Ela inclinou o rosto para beijar Stevie. Ficaram assim por um tempo, peito com peito, só beijando e tocando. Iris tinha acabado de rolar para cima de Stevie, sussurrando no seu ouvido o quanto queria sentir o gosto dela, quando ouviram aquilo.

Era o som distinto de uma cabeceira colidindo num ritmo constante com a parede, além do gemido abafado de uma mulher no ápice do prazer.

As duas ficaram paradas, encarando-se com os olhos arregalados enquanto os vizinhos de Iris, cujo quarto devia estar logo ali, do outro lado, transavam fazendo o maior alarde.

– Ai, meu Deus – murmurou Iris, cobrindo a boca enquanto ela e Stevie gargalhavam.

– Acho que isso responde à dúvida sobre terem nos ouvido ou não.

– Aposto que a gente consegue gemer mais alto – disse Iris, levantando uma das sobrancelhas.

Stevie sorriu.

– Ah, consegue, sim.

E passaram a hora seguinte provando que tinham razão.



Um pouco mais tarde, depois de transar devagar e languidamente no sofá da sala, com a tigela cheia de pipoca abandonada na mesa de centro e *De repente 30* passando na TV sem que ninguém prestasse atenção, acomodaram-se na cama.

Stevie ficou deitada de conchinha, na frente, do jeito que gostava. Adorava sentir outra pessoa – Iris – cercando-a, acolhendo-a. Mas, com o passar dos minutos, sentindo-a cair num sono pesado, não conseguia aquietar a própria mente.

A ansiedade transbordou, e tudo o que aconteceu naquela noite passou por sua cabeça como um filme. Foi sensacional, mas aquela noite depois da Taverna da Stella também tinha sido.

E se...

Será que Iris queria mesmo...

Como Stevie ia lidar com...

As perguntas rodopiavam, aumentando a frequência cardíaca, secando a boca.

– Iris? – sussurrou.

Tinha certeza de que ela estava dormindo, então ficou surpresa quando Iris se aconchegou na nuca dela e respondeu:

– Hmm?

Stevie suspirou e se virou nos braços de Iris, ficando de frente para ela, que estava linda assim, sonolenta. Feliz.

– Você tá bem? – perguntou Iris.

Stevie demorou um pouco para responder, mas fez a principal pergunta que a mantinha acordada.

– Você... não vai me mandar embora de manhã, vai?

Iris ficou com os ombros tensos; só um pouquinho, só o bastante.

– Tudo bem se estiver com medo – disse Stevie. – Só não esconda isso de mim. Também estou com medo.

Iris fechou os olhos por um instante, relaxando o corpo. Stevie acariciou

o rosto dela com a ponta do dedo.

– Não vou te mandar embora. Prometo.

– É isso que você quer?

– É – respondeu Iris, e riu, com a voz meio trêmula. – Quero você aqui amanhã. E depois de amanhã. Talvez até no dia seguinte.

Stevie riu, sentindo um alívio desconhecido fazer a ponta dos dedos formigar. Sabia que Iris não estava mentindo; nunca mentia sobre esse tipo de coisa e nunca fazia nada que não quisesse fazer.

– Eu aguento – disse Stevie. – Mas na segunda eu trabalho no Tinhosa.

Iris inclinou o rosto para beijá-la.

– Então vou aproveitar cada segundo.



CAPÍTULO TRINTA

TRÊS DIAS DEPOIS, STEVIE FOI EMBORA imersa numa névoa de sexo e comida entregue em domicílio, com o cheiro de Iris ainda na pele mesmo depois do banho. Preferiu não passar por seu apartamento antes de ir trabalhar no Tinhosa, decidindo usar o próprio jeans, que havia incluído entre as roupas que Iris deixou lavando e secando, e uma camiseta emprestada. A camiseta ficava meio folgada, um tamanho maior que o seu, revelando a faixa de arco-íris do top preto, mas ela não se importou. No Tinhosa, valia tudo, e ela adorava a ideia de usar uma roupa de Iris... o que significava que estava mesmo gamada naquela mulher.

Sorriu para si mesma ao empurrar a pesada porta de madeira do café.

– Aí! – resmungou Effie detrás do balcão, servindo uma xícara de expresso. – Tá atrasada.

Stevie olhou para o celular.

– Dois minutos.

– Dois minutos atrás, eu devia estar no escritório fazendo o pagamento de vocês, manés, então bate o ponto logo.

– É sempre um prazer te ver, Eff – respondeu ela, sorrindo.

Effie praticamente rosnou para Stevie, que riu quando a chefe passou por ela rumo à sala dos fundos.

Stevie bateu o ponto e estava guardando a bolsa num dos armários quando o celular vibrou. Ela o tirou do bolso de trás, já ansiosa por uma mensagem de texto de Iris.

Mas não era dela.

Ren: Você tá me evitando

Stevie passou a mão no cabelo e digitou: **Não tô, não.**

Porém, meio que estava, sim. Nas semanas desde a visita da Dra. Calloway e da subsequente oferta de interpretar Rosalinda, Stevie fez tudo que pôde para evitar aquela situação.

Isso incluía ficar longe de Ren e Adri, que já sabiam da oferta e haviam deixado bem claro o que pensavam a respeito – Adri com seu silêncio e Ren com sua insistência autoritária para que Stevie largasse toda a vida dela e se mudasse para Nova York. Adri estava cuidando da peça em modo crise, sempre ocupada com detalhes do jantar beneficente que se seguiria à apresentação na noite de encerramento de *Muito barulho*, então foi fácil evitá-la. Com Ren foi mais difícil, mas ela também ficava às voltas com os figurinos sempre que estava no Imperatriz, e seu trabalho diurno também ocupava muito tempo.

É verdade que Stevie havia recebido algumas mensagens de texto – tá, *muitas* mensagens – e simplesmente não tinha respondido, mas, em sua defesa... bom, estava com Iris.

Guardou o telefone no bolso e tomou o lugar de Effie atrás do balcão, perdendo-se no leite fumegante e desenhando folhas e flores na espuma dos cafés artesanais. Apesar do trabalho repetitivo, ela bem que gostava de preparar as bebidas. Era rápido e divertido, e a chefe pagava bem mais do que o salário-mínimo.

– Valeu, Tim – disse ela, percebendo o celular vibrar de novo enquanto

entregava um macchiato a um freguês.

– Se cuida, Stevie – respondeu ele, remexendo o bigode em formato de guidão ao falar.

Ela assentiu e, em seguida, enxugou as mãos numa toalha para poder ver as mensagens.

Ren: Tá no trabalho? Eu tava pensando em passar aí

Os polegares do Stevie pairaram sobre a tela. Era raro mentir para Ren – pensando bem, com exceção do namoro de mentira, não conseguia lembrar nem uma única mentira que já tivesse lhe dito –, mas também não queria que a atitude de “sei o que é melhor pra você” de Ren estragasse seu bom humor naquela hora.

Stevie: Não. Tô na rua. Conversamos depois?

– É claro que você *não* tá mentindo pra mim.

Stevie deu um gritinho e o celular voou pelos ares, pousando com um estalo no balcão de aço inoxidável.

– Tomara que tenha quebrado – disse Ren, que estava diante do balcão, só um pouco à esquerda da máquina de expresso, onde Stevie não tinha visto. – Tomara mesmo.

– Nossa, Ren.

Stevie pegou o celular, grata ao ver que a tela continuava inteira. Enfiou o telefone no bolso de trás e começou a preparar o pedido seguinte.

– O que você tá fazendo?

– Estou sendo leal. – Ren se acomodou numa banquetta. – E você, Stefania, tá fazendo o quê?

Stevie terminou a última bebida da fila e a deixou no balcão de retirada.

– Olha, desculpa. Andei ocupada.

– Ocupada.

– Com a peça. Com o trabalho.

– E com Iris.
– Bom, é. – Stevie não pôde impedir o sorriso que se abriu em seus lábios. – Eu gosto dela.
– Tá bom. Legal. E Nova York?
Stevie suspirou. Ren sempre ia direto ao assunto.
– Não sei.
– Como pode não saber? Stevie. É o Delacorte. É a Thayer Calloway. É o Delacorte!

Ela apoiou as mãos no balcão, concentrando o olhar nas gotas de leite e expresso derramadas ali.

– Eu sei.
– Sabe, é? – Ren ergueu as sobrancelhas até o topete. – Porque parece que não faz a menor ideia. É o seu sonho, Stevie. Você passou os últimos... o quê, cinco anos...?, dizendo que precisava aumentar seu alcance, aprimorar sua arte, sair da região e ir para um lugar onde pudesse atuar em tempo integral.

– Eu nunca disse que precisava sair da região.
– Bom, tá certo, quem disse isso fui eu, e você sabe que é verdade.
– Muita gente atua em tempo integral em Portland, Ren. Olha a Adri.
Ren riu, mas não foi de alegria.
– Um patrocinador a menos e a Adri vai ter um infarto aos 28. Você quer mesmo esse tipo de estresse?

Stevie bufou.
– Você acha que eu não vou viver na pindaíba se sair do Tinhosa e tentar atuar em tempo integral... e ainda por cima em Nova York? Eu já mal consigo pagar as contas aqui. Esse tipo de vida não oferece nenhuma garantia, Ren.

– Então por que você insiste?
A pergunta pesou, a respiração e a frequência cardíaca de Stevie já aceleradas. Ficou encarando Ren sem uma resposta pronta para dar.
– Pois é – disse ela, que sempre parecia ter uma resposta. – Você insiste porque é isso que ama, e você arrasa no que faz. É melhor do que qualquer pessoa que já vi no palco, e não tô falando da boca pra fora. Stevie, deixa

disso. Do que você tem tanto medo?

Ela balançou a cabeça e desviou o olhar. Aquela pergunta tinha respostas infinitas, da mundana à existencial. Tinha medo de fracassar. De ficar só. De se deslocar pelo sistema de metrô de Nova York. De ficar sem dinheiro. De fazer teste após teste após teste e nunca ser contratada. De decepcionar a Dra. Calloway. De atuar num palco ao lado de um nome legitimamente famoso e fazer papel de boba, topar com ratos, não conseguir pagar seus remédios...

Cite qualquer coisa; Stevie provavelmente tinha medo dela. E ainda tinha...

– O motivo é a Iris? – perguntou Ren.

Stevie levantou a cabeça de repente.

– Quê?

– É ela, né? Pelo menos em parte.

– Não é...

– Eu vi vocês, Stevie. Vocês duas. Você tá caidinha por ela, e tudo bem. Não é bem o que imaginei quando sugeri que você precisava de uns contatinhos pra esquecer a Adri, mas beleza. Tô feliz por você. Ela é legal e dá pra perceber que também tá doida por você.

Um sorrisinho se abriu nos lábios de Stevie, e Ren com certeza notou, porque revirou os olhos.

– Mas diz que você não vai recusar essa oportunidade única por causa de uma mulher – continuou Ren. – Diz que não é isso que tá acontecendo.

Stevie esfregou as têmporas sem olhar para ele.

– Olha, ainda não dei a resposta pra Dra. Calloway porque...

Stevie se calou, porque não fazia ideia de como terminar a frase, e tanto ela quanto Ren sabiam disso. Medo, claro. Mas havia milhares de outros fatores em jogo, fatores que ela não sabia como administrar.

– O que a Iris acha disso? – perguntou Ren.

Stevie ficou de boca aberta por uma fração de segundo antes de fechá-la.

Ren arregalou os olhos.

– Putz. Você não contou pra ela... Né?

Stevie esfregou o rosto com a mão.

– Não acredito numa coisa dessas. – Ren respirou fundo pelo nariz. – Tá bom. Vou falar de uma vez, Stevie. Você não vai gostar, mas... rapadura é doce, mas não é mole, não. Tá pronta?

Ela cruzou os braços, olhando para o chão.

– Tá bom – disse Ren. – É o seguinte. Você passou os últimos dez anos girando em torno da Adri Euler.

– Eu não...

Ren levantou a mão.

– Me deixa falar. Depois você pode me evitar quanto quiser.

Stevie apertou a boca, os olhos já começando a arder.

– Você passou os últimos dez anos girando em torno da Adri Euler – repetiu Ren, com a voz baixa e trêmula. – Seguia ela, fazia tudo o que ela pedia, e eu entendo. Ela foi seu primeiro amor e tem personalidade forte. Beleza. Mas sabe de uma coisa? Quando vocês se separaram, me deu um baita alívio. Amo vocês duas, mas o relacionamento de vocês era tóxico, e fiquei feliz porque ela finalmente teve coragem de terminar, porque você nunca faria isso.

Stevie franziu a testa, sentindo um aperto no peito pela falta de confiança de Ren. Mesmo assim, não podia negar. Sabia que ele tinha razão: passou muito tempo sem conseguir enxergar quem Adri era de fato.

– Depois ela te envolveu em mais uma peça, e eu quase tive um troço de tanta raiva – disse Ren. – Mas aí chegou a Iris e eu pensei, opa, talvez ela seja legal pra Stevie. Um recomeço. Uma nova perspectiva. Mas você voltou pro mesmo ponto onde estava com a Adri.

– Iris não é Adri – protestou Stevie. – Eu entendo o que você tá dizendo, Ren. Entendo mesmo. Adri era controladora. Agora eu percebo isso, tá? Eu deixava ela decidir tudo, é verdade, mas a Iris não é assim. Ela me deixa ficar no controle. Ela conversa comigo e me ajuda a lidar com a ansiedade. Não tem nada a ver com a Adri.

Ren assentiu.

– Tá bom. Justo.

Stevie soltou o ar, esperando que aquela conversa horrível estivesse chegando ao fim. Mas foi então que ele apoiou os braços no balcão,

inclinando a cabeça com aquele olhar objetivo e apavorante, e disse:

– Mas, se tudo isso é verdade, se você não tá fazendo sua vida inteira e seu amor-próprio girarem em torno de uma mulher por quem obviamente está apaixonada, por que não contou pra ela sobre Nova York?

Stevie encarou Ren. Dezenas de justificativas tomaram conta de sua mente: não teve tempo de contar para Iris, não decidiu o que queria fazer, não queria arruinar os encontros das duas... mas, no fundo, sabia a verdadeira resposta.

Estava com medo.

Com medo de que Iris dissesse “vá”... E com medo de que dissesse “não vá”.

Ren balançou a cabeça e respirou fundo.

– Preciso voltar para o trabalho.

– É – respondeu Stevie. – Então tá.

– Escuta. – Ren estendeu a mão por cima do balcão e pegou a de Stevie.

– Eu te amo. Você sabe disso, né?

Stevie só conseguiu fazer que sim, com as lágrimas prestes a escapar enquanto Ren saía pela porta.



CAPÍTULO TRINTA E UM

IRIS KELLY SE TRANSFORMOU em seu pior pesadelo.

Desde a noite da feira, mais de um mês antes, não conseguia parar de pensar numa certa lésbica de cabelo cacheado. Não conseguia parar de mandar mensagens para ela dizendo que estava com saudades. E não conseguia parar de sorrir o tempo todo quando estavam juntas.

Mal haviam se passado quarenta dias desde o começo daquele namoro oficial e *muito* verdadeiro com Stevie, e Iris já era um desastre total.

A turma toda adorou a notícia, é claro. Principalmente Claire. Iris até se dignou a sair numa turma de quatro casais, incluindo Simon e Emery, e precisava admitir que era gostoso andar de mãos dadas com alguém. E não era qualquer mão: a de Stevie era macia, um pouco calejada do trabalho no Café Tinhosa, e se encaixava perfeitamente na dela.

Até contou aos pais sobre Stevie, embora se recusasse a apresentá-la para eles antes do lançamento do romance *Até nosso próximo encontro*, na Rio Selvagem, em outubro. Lá, pelo menos, estariam cercadas de pessoas amigas, tornando quase impossível para Maeve mostrar a Stevie todas as

fotos de Iris bebê que ela sem dúvida levaria consigo, e fazer insinuações intermináveis sobre alianças e vestidos de noiva.

Apesar de toda aquela felicidade romântica de dar nojo, de vez em quando Iris tinha um lampejo de memória – com Jillian, Grant ou algum babaca da faculdade. Nessas horas, ficava travada e surtava por um instante, mas Stevie Scott era especialista em acalmá-la. Aquela mulher só precisava olhar para Iris para perceber o que estava acontecendo; então ela a tomava nos braços, embalando-a ao ritmo de uma música lenta inaudível. Já haviam dançado em todos os lugares: restaurantes, pistas de boliche, mercados e até o postinho de pronto-socorro de Bright Falls quando Iris acordou numa manhã no final de julho com febre e dor de garganta.

Dançaram até no palco, bem no meio de uma apresentação de *Muito barulho*, na cena em que Benedita e Beatriz confessavam se amar. E, numa noite da semana anterior, Stevie mergulhou de cabeça na cena, tomando Iris nos braços e girando-a pelo palco enquanto gritava:

– “Por minha espada, Beatriz, tu me amas!”

Iris riu, beijou Stevie ali mesmo, no palco, e sussurrou de encontro ao rosto dela:

– “Não jure; antes, engula a sua espada.”

A plateia foi ao delírio, e Iris também. No palco, Stevie era magnética, pura magia, e Iris não conseguia tirar os olhos dela, nem quando esperava nos bastidores, assistindo a alguma cena que não incluía Beatriz.

A peça estava indo bem, com a casa quase lotada em todas as apresentações desde a estreia, no começo de agosto. Àquela altura, conforme o clima esfriava e chegavam ao fim da temporada, preparando-se para a noite de encerramento, o jantar beneficente e o leilão, Iris estava absolutamente exausta. Era cansativo atuar numa peça quatro vezes por semana durante um mês; além disso, nas horas vagas, estava fazendo os ajustes que a agente havia pedido no segundo livro. Mas era um cansaço gostoso, produtivo, e Iris sentia uma pontada de tristeza ao pensar que seu tempo no Imperatriz ia acabar.

– Não tem que acabar, sabia? – disse Stevie, abraçando-a e beijando a nuca dela.

Estavam na cama de Stevie, na manhã da última apresentação, e Iris riu.

– Ah, tá. Mesmo que eu tivesse tempo pra participar de outra peça, trabalhar pra sua ex não é exatamente um sonho.

Ela sentiu Stevie sorrir de encontro à sua pele.

– Ela até que não anda tão ruim.

– Só porque tá ocupada demais com os planos pra hoje à noite. Na semana passada, ela disse que a minha Beatriz era sentimental demais. Dá pra acreditar? Eu, Iris Kelly, nunca fui acusada de tal crime.

Stevie a abraçou com mais força, envolvendo um de seus seios nus com a mão.

– Bom, talvez minha Benedita audaciosa e irresistível esteja te afetando mais do que você imaginava.

Iris se virou nos braços de Stevie, enfiando um cacho solto atrás da orelha dela.

– Talvez.

– Existem coisas piores.

– Pois é.

Iris inclinou o rosto para beijá-la.

O beijo logo se tornou ardente e ávido, e dentro de quinze minutos estavam ofegando, sussurrando *isso, nossa e ai, meu Deus* enquanto se esfregavam uma na outra até gozarem, com pressa e com gosto.

– Meu Deus, mulher – exclamou Iris ao recuperar o fôlego. – Acho que perdi uns dois quilos desde que a gente começou essa história, de tanto transar.

Stevie riu, passando a mão pelo lado de fora da coxa macia de Iris.

– Então preciso te dar um pedaço de bolo.

– Astrid faz uns bolos maravilhosos. Meu preferido é um de chocolate meio amargo e caramelo que tem sete camadas.

– Anotado.

Iris sorriu, depois pegou o celular e olhou as horas.

– Putz. Que horário você combinou com a Adri?

Stevie gemeu e desabou no travesseiro.

– Meio-dia. Que horas são?

- Quase onze.
- É. Daqui a pouco tenho que sair.

Stevie havia prometido para Adri que ajudaria com o jantar e o leilão, que aconteceriam num salão nos fundos do Nadiá's, um restaurante chique e lgbtq+ em Portland, a menos de uma quadra do Imperatriz. Iris se juntaria a elas depois, mas o prazo para a edição do livro terminava dali a dois dias, e precisava trabalhar um pouco naquela tarde antes de ir para o teatro.

– Escuta – disse ela antes que Stevie pudesse fugir da cama. – O que você vai fazer depois? Faz tempo que quero perguntar.

Stevie estreitou um pouco os olhos.

– Depois?

– É. Depois de hoje, *Muito barulho* acaba. Tem algum teste na agenda, ou então sabe de alguma peça que vá estrear na cidade?

– Ah – respondeu Stevie, e contraiu os lábios.

– Sei que você não quer mais fazer teatro comunitário – comentou Iris, cutucando o braço dela. – Precisa que te paguem.

Stevie fez que sim, mas olhou para o teto, piscando, sem dizer nada. Vinha fazendo aquilo com frequência ou, pelo menos, sempre que falavam da peça, ou das peças que ela havia feito no passado, de seus papéis dos sonhos e objetivos para o futuro. Era sempre Iris quem tocava no assunto, e Stevie era quem o encerrava. Iris deixava estar, por entender que a próxima etapa era incerta; poucos meses depois de fechar a *Desejos de Papel*, antes de decidir que tentaria escrever, tinha esgotado suas economias enquanto um pânico constante fervia logo abaixo da pele. Sem dúvida sabia que Stevie precisava de um plano, mas não queria subestimar a capacidade da própria Stevie de descobrir como se virar.

– Não sei – respondeu Stevie baixinho. – Vamos ver o que acontece.

Saiu da cama, virou-se para beijar Iris na testa e foi direto para o chuveiro.



Iris estava sentada de pernas cruzadas na cama de Stevie, completamente entrincheirada no mundo de Tegan e Briony, tentando descobrir como atender ao comentário de Fiona sobre a motivação de Tegan para terminar o relacionamento no terceiro ato ser fraca demais, quando ouviu alguém bater na porta.

Primeiro, ignorou. O apartamento não era dela, e sua mente estava a ponto de realizar um grande progresso na trama, tinha certeza. Sabia que nem todo o público dos romances gostava da separação típica do casal no terceiro ato, e Iris tinha lido sua cota de livros sem isso e gostado muito da variação, mas, pessoalmente, adorava aquela ruptura cheia de drama. Apreciava o sofrimento, as emoções, os obstáculos que as personagens precisavam enfrentar em si mesmas e no relacionamento para ficarem juntas de fato, tudo seguido pela feliz reconciliação.

Tinha acabado de começar a digitar, pensando em aumentar o acesso aos pensamentos mais íntimos de Tegan, quando ouviu mais uma batida.

– Iris?

Ela parou ao ouvir seu nome.

– É Ren – disse ela.

Iris fechou o laptop e correu em direção à porta do apartamento.

– Desculpa – disse ao destrancá-la e abri-la, vendo Ren de terno cinza justo, camisa e gravata pretas e sapato Oxford de salto vermelho-vivo.

– Nossa, você tá sensacional.

Ren sorriu.

– Valeu. É uma noite importante e tal.

Iris assentiu enquanto Ren entrava.

– A Stevie saiu.

– Eu sei.

Ren avançou pela sala, com as mãos nos bolsos.

– Ah – disse Iris. – Então você veio aqui pra falar comigo?

Elu se virou para ela, os olhos bem delineados e meio cintilantes.

– É.

– Tá tudo bem? – Iris franziu a testa. – Ai, meu Deus, a Stevie tá bem?

– Não é isso, ela tá ótima.

– Tá. Então...

– Vamos sentar? – perguntou Ren.

– Prefiro ir direto ao assunto – respondeu Iris.

Cruzou os braços; tudo nela estava em alerta máximo.

– Justo – disse Ren, e suspirou. – Olha, só preciso te fazer uma pergunta.

Iris ergueu as sobrancelhas, esperando.

– A Stevie te contou sobre Nova York?

Ela ficou olhando para Ren, digerindo as palavras.

– Nova York.

Ren fechou os olhos.

– Vou entender isso como um não.

– Ren, do que você tá falando?

Elu balançou a cabeça e afundou no sofá. Iris continuou à espera, o coração batendo rápido demais, apesar das tentativas de respirar fundo.

– Eu não queria fazer isso – declarou Ren. – Fiquei procurando sinais de que Stevie tinha contado pra você, mas é óbvio que não contou, e eu não sabia nem se ia te ver de novo depois de hoje. Aí seria tarde demais.

– Tarde demais pra quê? – perguntou Iris, a voz cortante como uma navalha.

Quando ficava ansiosa, tornava-se ríspida e sabia disso, mas naquele momento não conseguia evitar.

Ren apoiou os cotovelos nas pernas abertas, juntando a ponta dos dedos de ambas as mãos.

– A Stevie foi convidada pra interpretar a Rosalinda de *Como gostais* em Nova York, no verão que vem.

Iris ficou olhando para Ren, surpresa.

– Ela...

– No Shakespeare in the Park, do Teatro Delacorte.

Um zumbido soou nos ouvidos de Iris, parecendo a explosão de uma pequena bomba.

– Primeiro de setembro é o prazo pra aceitar – continuou Ren. – Nem preciso te dizer que é uma oportunidade enorme.

– Primeiro de setembro.

De repente, Iris não reconheceu a própria voz. Tinha virado um sussurro frouxo.

Ren assentiu.

– Daqui a dois dias.

Iris praticamente desabou na poltrona cinza e gasta diante do sofá.

– Como... Ela... Por que ela não me contou?

Ren inclinou a cabeça.

– Ela teria que morar em Nova York, pelo menos a partir de janeiro, quando os ensaios começam, até o final de julho. Teria que largar tudo. E todo mundo.

Iris deixou a cabeça cair nas mãos, a mente girando em volta de tudo o que ela parecia insinuar.

– Quando? – perguntou ela, sem erguer o rosto.

– Quando o quê?

– Quando convidaram a Stevie.

Por um instante, Ren não disse nada.

– Mês passado. Sabe aquela mulher negra que passou no Imperatriz há um tempo? É a Thayer Calloway, a professora preferida da Stevie na faculdade. É ela quem vai dirigir o Delacorte no verão.

Aquele foi o dia em que Iris e Stevie foram para a cama juntas pela primeira vez, depois de sair da Taverna da Stella. Fazia um mês e meio, e Stevie não tinha dito nada sobre o tal convite. Uma miríade de emoções se derramou no peito de Iris. Mágoa, raiva, entusiasmo, medo, orgulho; uma mistura confusa que ela nem conseguia começar a analisar.

– Enfim – disse Ren. – Se estivesse no seu lugar e alguém que amo tivesse a oportunidade de mudar de vida, eu... bom, eu gostaria de saber.

Iris ergueu o olhar, sentindo aquela palavra se agarrar em volta dos pulmões.

Amor.

Merda.

Será que ela... Será que Stevie...

Engoliu o nó na garganta e fez que sim com a cabeça.

– É. Obrigada por me contar.

– Lamento fazer isso numa hora tão ruim.

Iris gesticulou. Precisava que Ren fosse embora. Precisava pensar, chorar, gritar até os vizinhos baterem na parede para ela calar a boca.

– A gente se vê mais tarde? – perguntou elu, levantando-se.

Iris só conseguiu fazer que sim com a cabeça enquanto Ren saía, imaginando o que dizer para Stevie quando a visse, como fitá-la nos olhos.

Arrastou-se de volta para a cama, olhando para o laptop, todos os pensamentos sobre Tegan e Briony reduzidos a névoa. Não conseguiria voltar a escrever. Mal conseguia respirar.

Amor.

Fechou os olhos, sentindo uma dor conhecida se aglomerar em volta do coração. Porque sabia da oferta que Stevie recebera, e não podia *dessaber*. Não podia ignorá-la. Nem Stevie.

Nova York.

A quase 5 mil quilômetros de distância.

Mas era *Nova York*. O Delacorte. Até Iris sabia que era uma oportunidade enorme.

Transformadora.

E Stevie...

Iris não sabia o que pensar nem o que sentir. Em vez de tentar descobrir, abriu a bolsa e pegou o iPad, arrastando-se de volta para a cama. Abriu a pasta S&I e criou um arquivo em branco.

Desenhou durante as duas horas seguintes, até ter que começar a se preparar para a última vez em que interpretaria Beatriz no palco. Fez a ilustração de uma mulher de cabelos cacheados, olhos brilhantes como âmbar, braços abertos e um sorriso de êxtase no rosto, sozinha numa rua de Nova York.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

NAQUELA NOITE, O TEATRO IMPERATRIZ estava lotado. Adri concordou em vender ingressos extras, trazendo mais cadeiras para acomodar nos fundos do teatro. Stevie sentiu a energia do elenco no instante em que entrou no camarim.

– Escuta isso – disse Jasper, abrindo um jornal com um gesto dramático. Stevie viu o título *The Seattle Times* na primeira página.

– “Com um elenco diverso e lgbtq+ que lança uma luz renovada e erótica sobre o clássico de Shakespeare” – leu Jasper, olhando de soslaio para ela –, “é Stevie Scott, no papel de um Benedito que se identifica como mulher, terna e magoada em seu íntimo, que diferencia essa montagem. Ao lado da estreante Iris Kelly como Beatriz, o casal exala no palco uma tensão quase orgástica.”

– Deixa eu ver – pediu Stevie, pegando o jornal.

Releu a resenha, que também tecia elogios à direção e ao desempenho de várias outras pessoas do elenco principal. Mesmo assim, sentiu as bochechas esquentarem ao ver seu nome e o de Iris lado a lado no *Seattle Times*. Já fora

avaliada em jornais antes, mas aquela crítica parecia especialmente luminosa. Mal podia esperar para mostrá-la a Iris.

– Posso ficar com esse jornal? – perguntou a Jasper.

– Pode, vai lá, mostra pra sua namorada.

– “Quase orgástica”? – citou Peter, passando rímel nos cílios. – Queria que me descrevessem assim uma vez que fosse.

– Não consegue chegar até o fim, não, Peter? – provocou Zayn, fazendo biquinho.

Peter mostrou o dedo do meio para elu.

– Tô falando do meu desempenho no palco, besta.

– Aham, claro.

Ainda estavam trocando farpas quando Iris finalmente entrou no camarim. Ao vê-la, Stevie sentiu o corpo todo relaxar um pouco.

– Oi! – disse.

Abriu caminho até Iris; o camarim era pequeno, e todas as cadeiras já estavam ocupadas.

– Oi – respondeu Iris, mas o sorriso não alcançou os olhos dela.

Stevie franziu a testa.

– Você tá bem?

Iris fez que sim, deixando a bolsa no sofá.

– Só cansada. Passei a tarde trabalhando.

– Escreveu muito?

Iris assentiu outra vez, mas não a fitou nos olhos. Stevie sentiu logo um aperto no estômago e a preocupação formigando na ponta dos dedos.

– Tem certeza de que tá bem?

Nessa hora, Iris olhou para ela. Na verdade, a encarou. Inclinou a cabeça e estreitou os olhos, como se esperasse que Stevie respondesse à própria pergunta.

– Aham – disse por fim. – Tô legal. Só nervosa.

Stevie afagou o braço dela.

– Bom, dá uma olhada nisso.

Entregou o jornal para Iris, apontando para a crítica à peça.

Iris percorreu as palavras e um sorrisinho se armou em seus lábios

enquanto lia. Ela ergueu o rosto, fitando os olhos de Stevie.

– “É Stevie Scott, no papel de um Benedito que se identifica como mulher, terna e magoada em seu íntimo, que diferencia essa montagem” – disse ela, lendo numa voz baixa, quase admirada.

Stevie fez um gesto de desdém.

– É só uma crítica.

– É incrível, Stevie. *Você* é incrível. Sabe disso, né?

Falou numa voz tão baixa, quase triste, que Stevie franziu o rosto.

– Acho que eu...

– Não. – Iris agarrou a mão dela. – Você é extraordinária, ponto-final.

Stevie sondou os olhos de Iris, que pareciam meio marejados.

– Você... tem certeza de que tá bem?

Iris respirou fundo e sorriu. E, bem ali, Stevie viu: aquela máscara que Iris usava, que não via fazia mais de um mês, cobrir a expressão da namorada.

– Bom – disse Iris, toda sorridente e sedutora –, eu também sou extraordinária, então, sim, tô ótima.

E Iris se virou, indo até onde Satchi se olhava num espelho iluminado, pedindo para dividir o espaço. Logo as duas estavam rindo e brincando enquanto Iris se maquiava. Stevie ficou olhando para ela enquanto se preparava, pensando no que estava deixando passar batido, mas Iris não deixou mais a máscara cair.



O desempenho do elenco naquela noite foi o melhor de todos.

Todo mundo concordou.

Mas não foi o que Stevie sentiu. Iris foi maravilhosa no palco; sedutora, astuta e vulnerável. Mas ainda havia algo estranho a cada vez que Benedita e Beatriz interagiam: uma rigidez na expressão de Iris que Stevie não conseguia romper.

Naquela hora, no salão nos fundos do Nadia's, com champanhe a fluir,

luzes baixas e obras de arte doadas por artistas locais em leilão nas paredes, Stevie não conseguia sequer encontrar a namorada.

– Que noite, hein? – comentou Adri, aproximando-se dela.

Estava linda, usando um tubinho preto e justo sem alças, com o cabelo de sereia preso de lado.

– É – respondeu Stevie, tomando um gole de club soda. – Você conseguiu mesmo.

Adri sorriu, cutucando o braço dela.

– A gente conseguiu. Foi aquela crítica do *Seattle Times* que vendeu todos os ingressos desse jantar, tenho certeza.

Stevie balançou a cabeça.

– É a opinião de uma pessoa.

Adri assentiu, espiando a multidão flutuante.

– Cadê a Iris?

Stevie finalmente a viu do outro lado do salão, com Claire e Astrid. Estava magnífica, com um vestido verde-claro de alças fininhas cruzadas por cima dos ombros. Todo o seu grupo estava lá naquela noite, e Stevie viu Delilah vagando pela sala com Jordan, vendo as obras de arte. Simon, é claro, fazia parte do elenco e também estava por ali em algum lugar.

– Está com as amigas dela – respondeu Stevie, depois olhou para a ex. – E a Van?

A expressão de Adri murchou por um instante.

– Tá por aí.

– Tudo bem com vocês?

Adri suspirou.

– Acho que sim. É que eu... andei sendo meio babaca.

Stevie não disse nada sobre isso. Não haviam conversado sobre nada além da peça desde que Adri se impusera em Malibu, e Stevie não sabia ao certo se queria conversar. Naquela noite, não.

– Vou falar com a Iris – disse, e saiu antes que Adri pudesse dizer mais.

Ziguezagueou pela multidão, acenou com a cabeça para Ren, que conversava com Nina e Satchi, e só diminuiu o passo ao se aproximar de Iris.

– Olha ela aí – disse Iris com a voz meio arrastada ao enganchar o braço

no de Stevie.

A taça de champanhe dela estava meio cheia, mas mesmo assim conseguiu entornar um pouco pelas laterais ao se movimentar.

– Tá, chega de álcool pra você – disse Astrid, tirando a taça dela.

– Sempre a mocinha educada. – Iris torceu o nariz para a amiga.

Stevie franziu a testa.

– Você tá bêbada?

– Ela tá *muito* bêbada – disse Claire. – Desculpa, acho que quando a gente chegou ela já tinha entornado duas taças.

– Oi? – disse Iris, juntando as sobrancelhas. – Sou crescidinha, Claire. Bebo quanto eu quiser.

– Eu sei, amiga, mas...

– Não. – Iris fez com o dedo. – Eu sou quase orgástica. Foi o *Seattle Times* que disse.

Claire e Astrid se entreolharam por sobre a cabeça dela, obviamente confusas com aquela declaração.

– Gata, vamos pegar uma água pra você – propôs Stevie, tentando levar Iris até a mesa cheia de água com gás em copos de cristal.

– “Gata” – disse Iris, estreitando os olhos. – Aposto que você chama todas as minas de gata.

– Que minas? – perguntou Stevie.

– Todas. As minas de Nova York. – Iris oscilou um pouco, trançando as pernas. – Preciso de mais uma bebida.

– Sim, *água* – respondeu Stevie, levando-a em direção à mesa.

Iris foi, mas só porque ela a puxou com certa firmeza.

Estavam na metade do caminho, e o coração de Stevie palpitava, quando a viu:

Thayer Calloway.

Bem ali, sorrindo para ela a menos de 2 metros, deslumbrante de terno preto e gravata prateada.

– Stevie! Eu estava mesmo te procurando.

Stevie engoliu em seco e olhou para Iris, que espiava Thayer com um misto de curiosidade e desconfiança.

Tinha razão em desconfiar. Isso Stevie conseguia admitir, mesmo apavorada pela ideia de encarar todas as outras verdades que ainda não tinha dito. Naquela manhã, quando Iris lhe perguntou sobre os próximos passos, ela mentiu. Disse que não sabia, e se sentiu muito culpada por isso. Pois, na noite anterior, depois que Iris fora dormir, havia mandado um e-mail para Thayer Calloway.

Muito obrigada pela sua oferta. Não sei nem dizer quanto estou honrada por me considerar para esse papel. Fico feliz em aceitar. Por favor, quando puder, me diga quais são os próximos passos.

Tinha levado um mês e meio para chegar àquele ponto, àquele *sim*, e mais dez minutos para enviar o e-mail que o selaria. E Iris dormia ao lado dela sem saber de nada. Stevie queria falar com ela sobre isso, mas não tinha coragem. Na verdade, parte dela sempre soube que aceitaria a oferta de Thayer; soube disso no momento em que a diretora a convidou para ser Rosalinda. Não havia como recusar; não conseguiria viver consigo mesma se dispensasse aquela oportunidade. Estava morrendo de medo, mas também se sentia forte. Sabia que era boa e que precisava se arriscar se quisesse fazer da atuação uma carreira duradoura.

E, ao passar aquelas últimas semanas com Iris... sentira-se ainda mais forte, mais capaz e preparada.

Porém, também tinha ainda mais a perder. Sabia que sua decisão também afetava Iris, mas que Ren tinha razão: não podia tomar uma decisão baseada naquele relacionamento.

Precisava decidir por si só e esperar que Iris entendesse.

Naquela manhã, teve todas as chances de contar sobre o papel que havia aceitado, mas se acovardou. Disse a si mesma que só estava esperando o fim da peça, a última noite, para que as duas pudessem aproveitar o momento sem Nova York espreitando no horizonte. Estava determinada a contar para Iris à noite, depois que terminassem tudo no Imperatriz e estivessem juntas na cama, próximas, íntimas e seguras.

Mas, naquela hora, com Thayer bem ali e Iris bêbada, agindo de um jeito muito estranho desde antes da peça, Stevie estava questionando todas as decisões que tomara desde que mandara aquele e-mail.

– Dra. Calloway – disse ela, com o coração já entalado na garganta.

Não imaginava que a diretora estaria lá, mas, parando para pensar, percebeu que deveria ter se preparado para isso. Thayer era uma grande patrocinadora do Imperatriz e não perderia a chance de apoiar o teatro lgbtq+ na própria cidade natal.

– Apresentação excelente, como sempre – elogiou Thayer, e olhou para Iris. – E você deve ser a Iris Kelly. Fiquei muito impressionada com a sua Beatriz.

Iris franziu os lábios, de olhos turvos, e o pânico tomou conta do peito de Stevie.

– *Eu* sou a Iris Kelly – respondeu, com as palavras um pouco arrastadas.

– E você é a Thayer Calloway, a professora preferida da Stevie.

Thayer abriu um sorriso radiante para Stevie, mas ela franziu o rosto. Nunca tinha dito aquilo para Iris. Nunca havia comentado com ela nada sobre a Dra. Calloway.

– Um elogio enorme – disse Thayer.

– E vai dirigir *Como gostais* no verão – continuou Iris, apontando o dedo trêmulo para Thayer.

Stevie ficou paralisada.

– Vou, sim – respondeu a diretora, franzindo um pouco a testa diante da pronúncia engrolada de Iris. – E estou muito feliz porque a Stevie aqui vai trabalhar comigo.

Um silêncio pavoroso se derramou entre elas; silêncio que Thayer obviamente não entendeu, inclinando a cabeça em direção a Stevie, em dúvida.

– Pois é – respondeu Iris, com a voz monótona e baixa. Baixa demais. Piscou várias vezes. – Estamos muito felizes.

– Preciso levar ela pra casa, Dra. Calloway – disse Stevie, sentindo o pavor serpentear no estômago.

– Certamente – disse Thayer. – Depois nos falamos.

– Maravilha.

Stevie começou a afastar Iris. Ela, no entanto, cravou os pés onde estava.

– A Stevie é incrível, né? Nova York é o lugar dela. Ela é uma estrela. Uma estrela tão grande que não deveria nem pensar em mais ninguém, né?

Stevie não conseguia respirar. Mal conseguia pensar.

– Acho que não entendi – respondeu Thayer; o comportamento de Iris obviamente a pegou de surpresa.

– Bom, me deixa explicar – disse Iris, batendo palmas.

Mas Stevie sabia o que ela estava prestes a dizer e não suportaria ouvir aquilo na frente da futura diretora. Achava que não suportaria ouvir em nenhuma circunstância. Pois, naquele momento, percebeu que tinha estragado absolutamente *tudo*.

– Dra. Calloway, desculpa, com licença, por favor – disse Stevie, e finalmente conseguiu puxar Iris para longe, com o braço firme em volta da cintura dela.

As pessoas na festa olharam para as duas, divertindo-se ao ver Beatriz bêbada cambaleando pela sala.

Stevie conseguiu encontrar uma garrafa d'água e a enfiou debaixo do braço sem soltar Iris nem por um instante. Saiu para a brisa da noite quente e quase correu para levar a namorada até o carro.

– Não quero ir pra casa – disse Iris.

Mas não resistiu enquanto Stevie a acomodava com cuidado no banco do carona, fechando o cinto. Largou a cabeça no apoio do banco, e Stevie abriu a garrafa, colocando as duas mãos dela ao redor do plástico frio.

– Bebe, por favor.

Iris bebeu, mas enquanto o fazia encarou Stevie com um olhar insondável.

Stevie foi para o próprio apartamento. Nenhuma das duas disse nada, e ela ficou feliz por isso. Não tinha ideia do que dizer nem do que fazer. Além disso, Iris estava bêbada, e Stevie achava que, para conversar, ambas precisavam estar sóbrias.

Ao chegar em casa, ligou a cafeteira e pegou outro copo d'água para Iris, que bebeu tudo com as mãos trêmulas. Ao terminar, simplesmente

cambaleou em direção ao banheiro, resmungando alguma coisa sobre tomar banho.

Stevie se sentou diante da porta do banheiro para ter certeza de que Iris não ia cair nem se machucar de alguma forma. E lá, sob o murmúrio suave da água, veio um som que ela nunca tinha ouvido: uma fungada, um soluço, um lamento inarticulado.

Iris Kelly estava chorando no chuveiro de Stevie.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

PUTA MERDA, ESTAVA CHORANDO no chuveiro de Stevie. Que inferno.

Iris afundou na banheira, sentada na porcelana com a testa apoiada nos joelhos, deixando a água fria cair nas costas.

Devia saber que aquela primeira taça de champanhe era um erro. Na verdade, não pretendia ficar bêbada. Mas, depois que a apresentação acabou, ela e Stevie trocaram de roupa e foram até o Nadia's de mãos dadas em silêncio, um silêncio terrível e repleto de perguntas que Iris não sabia como fazer. Então pegou uma taça assim que entraram no restaurante. Uma doadora cheia de admiração puxou Stevie para conversar, e as bolhas frescas da bebida deixaram Iris mais calma, de cabeça mais fresca.

Mas Stevie não voltava, e uma taça levou a outra, e logo a mais outra, e já estava rindo de tudo e de nada quando Claire e Astrid a encontraram.

O resto da noite foi meio nebuloso, com a lucidez voltando apenas quando Thayer Calloway anunciou que Stevie ia para Nova York.

Estou muito feliz porque a Stevie aqui vai trabalhar comigo.

Foi como o som de um gongo.

Esta foi a impressão na mente de Iris: a de um estardalhaço alto, quase incompreensível, seguido de um eco nítido nos ouvidos.

O receio de Ren era infundado, sua preocupação – e a de Iris também, desde a visita inesperada – de que Stevie abrisse mão de tal oportunidade por causa *dela*... Bom, pois é.

Iris deu uma risada chorosa de encontro aos joelhos e passou a meia hora seguinte no chuveiro, imaginando como é que havia chegado àquele ponto. Repassou todos os detalhes do relacionamento, tentando descobrir quando havia se apaixonado, quando tinha se tornado alguém que mal se reconhecia.

A velha Iris reagiria à notícia de Ren sobre Nova York de um jeito diferente. Ficaria surpresa por Stevie não ter contado, mas depois ficaria tranquila, sabendo que ela tinha seus motivos. Foi bom enquanto durou, hora de partir pra outra e tudo mais.

A velha Iris também reagiria ao fato de Stevie aceitar ser Rosalinda, o papel em Nova York que mudaria sua vida, de um jeito diferente.

Ficaria feliz.

Ficaria *feliz da vida*, porque Stevie merecia aquilo, merecia ser uma estrela, e sabia disso. E, mesmo sendo aquela nova e patética mulher, parte dela estava animada por Stevie.

A parte que a amava.

Porém, o amor era complicado: altruísta e também carente; generoso, mas também ganancioso e ávido. Era tudo ao mesmo tempo, e ela nem tinha percebido o amor à sua espreita, emaranhando-a com Stevie de tal forma que lá estava ela, sentada numa banheira encardida, enxugando o rosto em lágrimas, imaginando por que não *consequia* se alegrar, por que seu coração parecia partido em pedaços, por que não conseguia se livrar da sensação triste, velha e conhecida de ser descartada.

De ser deixada para trás.

É mulher pra transar, a Iris Kelly.

– Saco – disse ela, empurrando o cabelo molhado para trás.

Respirou fundo várias vezes e se levantou, desligando o chuveiro. Enxugou o corpo sem pressa, depois vestiu a regata e o short de pijama da

noite anterior que havia deixado no banheiro horas antes. Prendeu o cabelo molhado numa trança, escovou os dentes e guardou todos os produtos de higiene pessoal na nécessaire.

Com a mão na maçaneta da porta, hesitou por tanto tempo que o metal ficou quente debaixo dos dedos. Então girou os ombros para trás, ajeitou o rosto numa expressão neutra e foi para o cômodo principal.

Stevie estava na cama e se levantou de uma vez quando Iris chegou. Ela jogou a nécessaire perto da bolsa maior enquanto os olhos da outra acompanhavam seus movimentos.

Stevie voltou a se sentar.

– Não vai ficar aqui hoje? – perguntou numa voz tímida.

Iris não respondeu. Sentou-se na cadeira de escritório em frente à cama e dobrou os joelhos junto ao peito.

– Quando? – perguntou.

Stevie engoliu em seco.

– Quando... quando o quê?

– Quando você disse pra sua professora que topava?

Stevie suspirou e passou as mãos pelos cachos.

– Ontem à noite.

Iris fez que sim, mas não disse nada.

– Eu ia te contar hoje à noite – disse Stevie.

Iris riu.

– Agora que eu já sei é fácil dizer isso, né?

– Iris, eu... Me perdoa, tá? Eu achei que estivesse fazendo tudo do jeito certo. Esperando, pensando no assunto, mas...

– E não podia me deixar participar?

Você não pensou em mim nem por um instante, disse a mente de Iris em seguida, mas não conseguiu pronunciar as palavras.

– Eu... saco. Eu queria. Juro por Deus que pensei em você, Iris. Mas o namoro era muito novo, e eu... fiquei com medo.

– Com medo.

– É, com medo.

– De quê?

Iris ficou chocada ao perceber quanto queria saber a resposta, quanto queria não se sentir sozinha naquele momento aterrorizante.

Stevie demorou um pouco para responder. Os segundos se passaram, tornando-se minutos, enquanto ela olhava para a calça preta elegante que tinha escolhido para o jantar beneficente.

– Fiquei com medo – disse por fim – de que você dissesse pra eu ir.

Iris franziu a testa, o tom baixo de Stevie enfiando mais uma farpa em seu coração.

– É claro que eu ia dizer pra você ir – respondeu.

Stevie fixou os olhos nos dela, arregalados, brilhantes.

– É... é Nova York, Stevie – continuou Iris. – E você merece. Lá é o seu lugar. Eu nunca tentaria te impedir de ir.

Stevie fez que sim, e uma lágrima escorreu por seu rosto. Iris fechou os punhos, lutando contra o impulso de enxugá-la.

– Mas você nem me deu chance – acrescentou Iris. – Você me excluiu da decisão, me impediu de ficar feliz por você, de comemorar...

– Eu não queria que você comemorasse – retrucou Stevie, com a voz de repente mais firme, mais forte. – Queria que você pedisse pra eu ficar. Mesmo sabendo que eu não podia, queria que você *quisesse* que eu ficasse. Ou pelo menos... sei lá. Que você sentisse alguma coisa pela possibilidade de eu ir morar a quase 5 mil quilômetros daqui. E morri de medo de você não sentir nada. De você tratar... isso aqui – gesticulou entre as duas – como se não fosse nada.

Iris balançou a cabeça, e novas lágrimas afloraram nos olhos dela. Meu Deus, como detestava aquilo. Detestava a sensação de vazio profundo que todas aquelas farpas estavam esculpindo em seu coração.

– Foi você que tratou isso aqui como se não fosse nada, Stevie – disse ela baixinho.

Stevie murmurou um palavrão, enfiou as mãos no cabelo e as deixou lá, os ombros subindo e descendo. Iris a observou sem saber o que mais havia a dizer.

Por fim, Stevie se levantou, mostrando a palma das mãos.

– Tá bom. Tá bom, sei que fiz merda, que não te contar foi a atitude

errada e talvez a pior coisa que eu poderia ter feito. Me desculpa. Mas juro que não te excluí, Iris. Pensei em você o tempo todo. Pensei em como...

– Para – disse Iris, balançando a cabeça e ficando de pé, mas só para poder pegar a bolsa e pendurá-la no ombro.

– É sério?! – exclamou Stevie, de queixo caído. – Você vai embora? Vai sair e pronto?

Iris sentiu a cor se esvaír do rosto, mas não vacilou.

– O que mais a gente tem pra dizer?

– Você vai... – Stevie ficou olhando para ela, piscando, tão pálida quanto Iris. – Tem um monte de coisas pra dizer.

Iris suspirou.

– Tipo o quê?

Stevie a encarou, tensionando a mandíbula.

– Tipo o fato de que eu te amo.

Iris não se mexeu.

– Tipo o fato de que, sim, eu fiz merda – continuou Stevie. – Fiquei com medo. Tá bom, ainda tô com medo, mas não quero que você vá embora. Quero que me perdoe e converse comigo e deixe a gente descobrir o que fazer agora.

Iris balançou a cabeça, negando.

– Você já decidiu, Stevie.

– Eu decidi por *mim*! – Stevie quase gritou e deu um tapa no próprio peito, o som ecoando pela sala. – Eu escolhi a *mim* mesma, Iris, fiz exatamente o que todo mundo na minha vida queria que eu fizesse há anos, e você sabe que isso não é fácil pra mim. Sabe que não é, mas fiz isso porque é o que eu quero, sim. Quero fazer a Rosalinda em Nova York. Mas isso não significa que eu não queira você.

Iris fechou os olhos, tentando deixar aquelas palavras atravessarem a camada protetora que já se fechava sobre seu coração fragilizado. Pensou naqueles últimos dois meses, em como cada dia com Stevie tinha sido...

Diferente.

Não era como estar com Grant nem como estar com Jillian. Não era um casinho, um namoro de mentira, um relacionamento puramente educativo

nem nada do que as duas passaram tanto tempo dizendo a si mesmas que aquilo era.

Tentou acolher tudo aquilo, mas, naquele momento, com Stevie prestes a partir para começar uma vida nova – a vida que ela devia levar, a vida que *merecia* –, Iris não sentia...

Nada.

Seu coração já tinha se fechado, cercado pela camada protetora que havia passado o ano anterior restaurando de volta à capacidade total, expulsando todas as farpas, mantendo-a segura.

Mantendo-a inteira.

– Stevie, foi legal, tá? Mas não posso deixar você se desdobrar pra tentar me encaixar no seu plano por causa de um relacionamento que só vai...

– Não – disse Stevie. – Não se atreva, porra.

– Quê?

– Não faz *isso*. – Stevie rangeu os dentes.

Ótimo. Ela que ficasse com raiva. Assim tudo ficaria mais fácil.

– Você está fazendo exatamente o que disse que eu fiz – continuou Stevie –, tentando dizer que isso aqui não é nada. Está dizendo que não merece consideração. Que não merece ser levada em conta na minha vida. *De novo*. Por que a gente sempre volta pra esse ponto?

– Porque você *não* me levou em conta, Stevie! – gritou Iris. – E sabe de uma coisa? Não devia ter levado mesmo. Acertou em escolher a si mesma. Porque, se você tivesse me falado de Nova York um mês atrás, só Deus sabe o tamanho da encrenca em que a gente teria se metido.

– Encrenca? Tá falando do quê?

– Estou falando da gente, Stevie. A gente ia ser a encrenca. Uma bomba-relógio, tentando namorar a distância e torrando nossas economias em passagens de avião, enlouquecendo ao imaginar quanto tempo ia durar, quanto tempo ia demorar até aparecer outra pessoa, quanto tempo até você perceber que eu era só...

Uma onda súbita de lágrimas silenciou a voz de Iris. Ela enxugou o rosto, furiosa com as próprias emoções.

– Pelo menos assim – disse por fim – a gente sabe que isso aqui não foi

nada além de substâncias neuroquímicas e sexo.

Foi como jogar uma bomba nuclear: uma enorme explosão seguida de... nada. Silêncio. A falta absoluta de ar, luz e vida.

Stevie a encarou com lágrimas escorrendo em silêncio pelo rosto. Finalmente, Iris deu as costas para ela, com as pernas tremendo, apoiando a bolsa mais alto no ombro. Começou a sair, um pé na frente do outro, um passo de cada vez que acabaria por tirá-la daquele apartamento e levá-la para o próprio carro, para casa, para a cama, onde poderia enfim desmoronar.

Estava quase na porta quando Stevie falou:

– Porra nenhuma!

Iris se virou para ela.

– Quê?

Stevie a encarou, os punhos cerrados ao lado do corpo, o rosto uma ruína de lágrimas e sofrimento. O coração de Iris se estilhaçou, mas sabia que não podia voltar atrás.

Não queria.

– Você tá blefando – afirmou Stevie. – Tá mentindo pra se proteger, pra me proteger, e isso não faz o menor sentido, Iris.

Iris balançou a cabeça, mas Stevie já estava atravessando a sala na direção dela. Iris se preparou para o contato, tentando criar coragem para afastá-la, mas ela nem tentou tomá-la nos braços. Em vez disso, enfiou as mãos na bolsa aberta e tirou o iPad de dentro.

– O que você tá fazendo? – perguntou Iris.

Stevie tocou na tela. A tela inicial se acendeu, e os olhos dela percorreram os ícones.

– O que é que você tá fazendo? – insistiu Iris.

Stevie virou o iPad, revelando um desenho das duas à margem do Rio Bright na noite da Feira de Verão. Iris já havia acrescentado cor àquela ilustração, e elas estavam banhadas pela luz prateada das estrelas. No desenho, as mãos de Iris estavam no cabelo de Stevie, os braços de Stevie ao redor da cintura dela, e as bocas a um centímetro uma da outra.

Aquele momento pouco antes de se beijarem.

Pouco antes de se apaixonarem de verdade, todas as aulas, o namoro de mentira e a corte de Stevie caindo por terra, não restando nada além delas.

O coração de Iris galopou dentro do peito.

– Como... como você sabia dos meus desenhos?

– Eu vi no dia em que você me expulsou da sua casa.

– Stevie, eu...

– Não importa, Iris. O que importa é que você fez esses desenhos. E fez *desse jeito*. – Ela passou para outra imagem, outra e mais outra: Iris e Stevie dançando no supermercado, rindo no minigolfe alcoólico, aconchegadas na cama. – Você desenhou a gente, Iris. Porque você me ama. Você me ama, e já ama há muito tempo.

Iris fechou os olhos e balançou a cabeça enquanto pegava o iPad e olhava para a imagem na tela.

– Eu...

Mas não sabia como terminar a frase, porque Stevie tinha razão. Era muito óbvio, em cada uma daquelas ilustrações, quanto estava apaixonada por aquela mulher, quanto estava envolvida.

Quanto a amava.

Balançou a cabeça, pronta para discutir um pouco mais, mas, de repente, as mãos de Stevie estavam em seu rosto, envolvendo as bochechas e inclinando a cabeça dela para encarar os olhos de Iris, que sentiu o coração pulsar na garganta enquanto as lágrimas escorriam.

– Vem comigo – sussurrou Stevie junto do rosto dela.

Iris ficou parada.

– Quê?

– Vem comigo, Iris. Pra Nova York. Vem comigo. Vem morar comigo. Eu te amo, tá? Tô louca por você, perdidamente apaixonada por você. Sim, eu fiz merda. Sim, eu escolhi a mim, mas também escolho você. O amor é isso, né? Quero as duas coisas e sei que você também quer. A gente vai dar um jeito. Confia. Diz que sim.

Iris fechou os olhos com força, mas Stevie não se afastou. Não retirou o que disse. Continuou sussurrando “Vem comigo”, enquanto seus polegares enxugavam as lágrimas de Iris.

E, caramba, Iris queria dizer sim. Queria tanto que seus dedos formigavam e o coração batia como se tivesse sido atingido por um disparo de eletricidade. Conseguia se imaginar com Stevie nas ruas de Nova York, de mãos dadas no Central Park, Stevie brilhando no palco com Iris na primeira fila segurando um buquê de tulipas amarelas para sua estrela, beijos na cama, o apartamento das duas, seu universo particular, os sons da cidade como música nas ruas abaixo.

Era uma bela visão. Um sonho. Mas apenas isso. Pois, ao mesmo tempo que queria dizer sim, aquele velho medo lhe subia pela garganta como veneno, a armadura em volta do coração cada vez mais apertada, trazendo consigo a compreensão de que, por fim, Stevie mudaria de ideia. Ou insistiria para Iris se casar com ela, para ter filhos ou alguma outra coisa que ela simplesmente não queria. E depois olharia para ela como Grant olhou, como Jillian olhou, como se não fosse...

Suficiente.

E não suportaria isso. Não suportaria que Stevie, a *sua* Stevie, olhasse para ela daquele jeito. Não podia largar tudo – sua vida em Bright Falls, as amigas, a família – por alguém que acabaria percebendo exatamente quem ela era.

– Olha – disse Stevie, tirando o iPad das mãos dela e repassando as ilustrações outra vez. – Vamos fazer um desenho novo. Você e eu, agora mesmo, em Nova York.

– Stevie...

Stevie balançou a cabeça, os dedos tremendo enquanto passava desenho após desenho.

– A gente consegue, tá? Como é que eu crio um arquivo novo?

– Stevie.

– Não, Iris. – Ela continuou a passar as imagens. – Pensa nisso, tá? A gente consegue...

Ela parou, de boca aberta, o olhar refletindo a tela.

Iris fechou os olhos, sabendo exatamente em que desenho ela por fim havia parado, aquele que acabara de esboçar naquela manhã: Stevie, de braços estendidos no meio da Times Square, com um lindo sorriso nos

lábios.

Sozinha.

Stevie piscou, olhando o desenho em preto e branco. Era bonito, na opinião da própria Iris, capturando toda a força, o medo e a determinação de Stevie.

Devagar, Iris tirou o iPad das mãos dela e o guardou de volta na bolsa. Stevie, com uma expressão chocada, não tentou impedi-la.

– Não dá – disse Iris, simplesmente.

Não falou mais nada. Abriu a porta do apartamento e saiu.

– Sabe de uma coisa? – disse Stevie quando a outra chegou ao corredor.

Iris parou, mas não se virou.

– Desde que a gente se conheceu, achei que era eu quem estava com medo – declarou Stevie, com a voz baixa e tranquila; firme. – Que era *eu* que precisava de autoconfiança. Precisava me arriscar. Precisava ter coragem. Mas, na verdade, durante todo esse tempo, era você. Você é a verdadeira covarde, Iris. Né?

O queixo de Iris tremeu, a verdade daquelas palavras cercando-a como uma segunda pele.

Mas não conseguiria fazer aquilo de novo; aquele momento, depois de apenas seis semanas juntas, já bastava para esmagá-la, fazendo-a parar de respirar. O que seis meses fariam com ela?

E seis *anos*?

Por isso, não respondeu. Não disse nada. Foi embora, deixando a mulher que amava chorando à porta.

Tal como a covarde que ambas sabiam que ela era.



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

STEVIE ESTAVA SENTADA NO SOFÁ do apartamento que antes dividia com Adri.

Havia toques de Vanessa por toda parte: novos vasos de plantas ao lado das samambaias de Adri na varanda, almofadas verde-água e coral espalhadas pela sala, obras de arte vibrantes de artistas da América Latina nas paredes recém-pintadas de mostarda. O lugar parecia mais acolhedor do que nunca fora quando Stevie era responsável por metade da decoração, já que preferia cores neutras e paredes acinzentadas para tranquilizar a mente.

Naquela noite, o apartamento estava lotado, cheio de pessoas amigas e integrantes do elenco do Imperatriz, e até mesmo de outras peças locais em que Stevie havia atuado. Todo mundo estava ali para sua festa de despedida, mas ela se sentia estranhamente desconectada do evento. Mesmo assim, sorria enquanto as pessoas afagavam seu ombro, diziam parabéns e a paravam para conversar sobre Nova York à medida que ela circulava pela sala, procurando uma ruiva que sabia não estar lá.

Já haviam se passado duas semanas desde que terminaram, desde que

mandara um e-mail para a Dra. Calloway com os dedos trêmulos e aceitara o papel de Rosalinda em *Como gostais*. Duas semanas desde que aquela simples mensagem tinha virado a vida dela de cabeça para baixo.

Mesmo que os ensaios só comesçassem em janeiro, a Dra. Calloway tinha dito que adoraria ter o parecer de Stevie nos testes de elenco que começariam em meados de setembro – ao lado de mais duas pessoas que protagonizariam a peça e que Thayer já havia escalado, cujos nomes bem conhecidos Stevie ainda não tinha conseguido gravar.

O processo estava fluindo com muita facilidade, tanto que Stevie mal sentia fazer parte de tudo e achava difícil lembrar que aquilo estava mesmo acontecendo com ela. Thayer lhe arranhou moradia, um pequeno apartamento de um dormitório em Williamsburg que a família da esposa dela possuía e nunca usava. Disse para Stevie vender o carro, comprou um bilhete de metrô anual com a verba do teatro e até mandou o link para um app do metrô de Nova York, para que ela pudesse se preparar para transitar pela cidade.

A professora – a *diretora* – conhecia Stevie muito bem, sabendo que seu transtorno exigia planejamento e prática, e ela precisava admitir que toda aquela ajuda acalmou seu coração sempre frenético.

Mesmo assim, os dias passaram como num borrão, com o celular se iluminando o tempo todo com mensagens e e-mails de Ren, Thayer, Adri e da mãe de Stevie, que já planejava passar o Natal em Nova York, encantada porque a filha ia se dedicar à carreira.

Mas Iris não telefonava.

Não mandava mensagens. Nem e-mails.

Stevie disse a si mesma que não ia olhar o Instagram dela, uma conta com dezenas de milhares de seguidores por causa dos famosos planners, mas também não conseguiu ficar longe. No fim, não importava, já que a última imagem que Iris havia publicado era uma selfie dela beijando a bochecha de Stevie enquanto as duas estavam sentadas na beira do palco do Imperatriz depois de uma apresentação, as luzes suaves do teatro deixando a foto toda dourada.

Era de dois dias antes de terem terminado e tinha mais de 10 mil

curtidas, comentários aparentemente intermináveis e efusivos.

O casal mais lindo!

Aibeldels, meta de relacionamento!

Onde é que eu encontro uma mina tipo a Stevie?

Iris, suas sardas são TUDO!

Vocês duas são tão amorzinho que dá até nojo! SQN! Kkkk

Stevie adquiriu o hábito de olhar aquela foto tarde da noite, em seguida prometendo a si mesma que nunca mais olharia para ela, apenas para voltar atrás 24 horas depois, sondando a expressão de Iris em busca de algum indício do que estava por vir dois dias após tirar aquela foto.

Mas só o que via era sua namorada, sorridente apertando a bochecha dela, os olhos franzidos de felicidade e contentamento.

– Meu Deus, você não larga mais isso aí? – perguntou Ren, chegando por trás e apoiando os braços nas costas do sofá.

Stevie clicou num botão, apagando a tela, e o lindo rosto de Iris desapareceu. Ela suspirou e tomou um gole de club soda. Ren afagou o ombro de Stevie, que sorriu. Ela e Ren fizeram as pazes – depois de um bate-boca completo que incluiu perder totalmente a paciência com ele, mandando que cuidasse da própria vida, seguido de 48 horas de um gelo que só foi rompido quando Ren foi à casa de Stevie com um curry do restaurante tailandês favorito dela e um enorme chá gelado. Ela sabia que Ren a amava e que estava só cuidando dela. Também sabia que era uma covardona infame. Apesar disso, mesmo que seu plano de contar a Iris sobre Nova York fosse péssimo e tivesse sido um tiro espetacular no pé, ele havia passado do limite ao falar com Iris, e Stevie quis ter certeza de que Ren soubesse disso.

– Vem, vamos tomar um pouco de ar fresco – disse Ren, puxando o braço dela com delicadeza.

Stevie concordou, pois, na verdade, não importava se ia ficar amuada no sofá ou na varanda, e saiu com Ren. Adri e Vanessa já estavam lá fora,

apoiadas juntas no parapeito, com Portland brilhando diante delas.

– Opa, e aí? – disse Van, estendendo a mão para Stevie. – Como é que você tá?

– Zonza – respondeu Stevie, e riu, mas era verdade.

Van fez que sim com a cabeça.

– Você vai ser incrível. Eu e a Adri já estamos planejando nossa viagem pra ver a noite da estreia em Nova York.

Stevie sorriu e olhou para Adri, que se limitou a inclinar a cabeça para ela, com uma expressão insondável.

– Eu já vou estar lá bem antes disso – comentou Ren. – É claro que posso registrar como viagem de trabalho.

– Vão quando quiserem – disse Stevie.

Porém sentiu um nó na garganta ao pensar em ficar longe daquelas pessoas. Foram as três amigadas mais íntimas que ela teve por dez anos, ajudando-a a administrar a ansiedade, a passar pelos altos e baixos na carreira. A passar pela própria Adri. O relacionamento podia ter sido complicado, mas Stevie sempre a amaria.

Olhando para ela naquela hora, com o verde do cabelo desbotando cada vez mais rumo ao castanho-escuro natural, Stevie não sentia nada além de gratidão. Estendeu a mão, afagando a de Adri, que abriu um sorriso triste para ela, depois deu uma piscadela. Foi um gesto muito pequeno, mas pareceu enorme para o coração de Stevie.

Um ato de desapego.

De aceitação.

Ela fez que sim, afagou a mão de Adri mais uma vez e depois a soltou, virando-se para a cidade que amava havia tanto tempo. O ar estava fresco, com a promessa do outono trazendo suéteres, cachecóis e botas de chuva. Inspirou, tentando se visualizar naquele avião na manhã do dia seguinte com três mochilas cheias no bagageiro.

– Eu convidei ela – comentou Ren, acomodando-se ao seu lado, ombro com ombro. – Mande a hora e o endereço.

Stevie franziu a testa.

– Convidou...

- A Iris, né? – disse Ren, revirando os olhos.
- Ah. – Stevie voltou a olhar para a cidade. – Tá.
- Ela não respondeu. Nem mesmo pra recusar.

Stevie assentiu e deu de ombros. Não conseguia se imaginar saindo do Oregon sem dizer adeus a Iris, mas imaginava que já tinham dito tudo o que havia a dizer duas semanas antes.

– Sinto muito, Stevie. – Ren apoiou a cabeça no ombro da amiga. – Sei que você gostava dela.

Amava, corrigiu a mente de Stevie, mas ela afastou a palavra. O amor não tinha nada a ver com ela e Iris. Nada mesmo. Suspirou, com raiva pela covardia de Iris e pela negação do que tinham vivido, deixando esse sentimento expulsar a dor no coração. Sentir raiva era mais fácil. A raiva era fogo, purificador e implacável.

- Era mentira – disse Stevie.

Sentiu a atenção de Ren, Adri e Vanessa se agarrar a ela.

- Quê? – perguntou Ren.

– Eu e a Iris – respondeu Stevie, respirando fundo. – Era tudo de mentira. A gente se conheceu no Lush, mas aí... nossa, não vou nem entrar nos detalhes daquela noite, mas não deu certo. Deixei vocês acreditarem que deu. Aí ela apareceu no Imperatriz e... sei lá.

- Você... inventou o namoro? – perguntou Adri.

Stevie a fitou nos olhos, fazendo que sim.

- Por quê? – perguntou ela.

- Putz. – Ren balançou a cabeça. – Adri, você sabe por quê.

- Ah, Stevie... – disse Van, franzindo o belo rosto.

– Tá, podem parar – falou Stevie. – Não fiz isso só por causa de vocês duas. E, Ren, pra falar a verdade, você não ajudou.

- *Eu?*

– Você, sim. Olha, sei que vocês me amam. Sei mesmo. Mas, às vezes... vocês acham que sabem o que é melhor pra mim antes mesmo de me dar espaço pra descobrir isso sozinha.

Ren teve noção suficiente para desviar o olhar, mas não disse nada.

- A Iris topou colaborar pra me dar um pouco de espaço. Um tempo, sei

lá, pra me descobrir sem a Adri e a Van sempre de consciência pesada por estarem juntas e sem Ren pegando no meu pé pra eu seguir com a vida. Eu precisava de tempo pra ser *eu mesma*.

– Stevie – disse Ren. – Desculpa.

Ela balançou a cabeça.

– Eu entendo. Sério mesmo. Mas preciso que entendam que só porque tenho um transtorno de ansiedade não significa que eu não saiba me cuidar. Preciso de vocês, sim. Preciso pra caramba, mas isso inclui precisar que tenham o mínimo de confiança em mim.

Todo o grupo ficou em silêncio, e Stevie se voltou para a cidade, deixando que assimilassem suas palavras. O coração estava acelerado, mas, nossa, como era bom finalmente dizer tudo aquilo.

Adri foi a primeira a romper a pausa dramática. Estendeu a mão e pegou a de Stevie outra vez. Stevie permitiu, pois sabia que já tinha dado a si mesma tudo aquilo que queria dela.

– Eu te amo – disse Adri.

Stevie sorriu.

– Eu sei.

Adri assentiu e soltou Stevie, beijando a bochecha de Vanessa antes de pedir licença e voltar para dentro. Vanessa abraçou Stevie uma vez e depois seguiu Adri, restando apenas Ren.

– Imagino que o namoro de mentira acabou ficando bem real – comentou.

Stevie riu.

– Mais real impossível.

Ren assentiu.

– Sinto muito. Desculpa por te colocar naquela situação.

– Eu não sinto – respondeu Stevie, balançando a cabeça. – É verdade que às vezes você perde a mão...

– Justo.

– ... mas não me arrependo de ter conhecido a Iris – concluiu Stevie, e sorriu para Ren, sentindo um nó na garganta. – Nem um pouco.

Elu se virou, ficando de frente para as janelas do apartamento de Adri,

apoiando os cotovelos no parapeito.

– Dá pra perceber.

Stevie enganchou o braço no de Ren, apoiando a cabeça no ombro delu. Ficaram assim por um tempo, até Stevie sentir a tensão em Ren.

– O que foi? – perguntou Stevie, virando-se para olhar para o que havia chamado a atenção delu.

– Não é...? – perguntou Ren, estreitando os olhos e apontando para alguém lá dentro.

O coração de Stevie a traiu, expulsando toda a raiva de seu íntimo. Ela engoliu, sentindo a boca ficar imediatamente seca, os olhos procurando uma cabeleira ruiva e sardas.

– ... o casal de amigas da Iris? – continuou Ren. – Qual é o nome delas? A tatuada e a noiva que é dona de livraria?

Stevie não conseguia respirar, sentindo o peito completamente travado. Viu Claire e Delilah ziguezagueando pela multidão.

– Você convidou o pessoal todo?

Ren balançou a cabeça, negando.

– Só a Iris.

Stevie percebeu quando Claire a avistou, acenando e trazendo Delilah, que parou no bar que Adri havia montado e pegou duas taças de vinho.

– Oi, Stevie – disse Claire com um sorriso doce.

– Hã, oi. – Stevie franziu a testa. – A...

Claire balançou a cabeça.

Stevie soltou o ar com um som audível, apertando o peito com a mão. Não queria ser tão dramática, mas parecia ter passado uma hora sem respirar.

– Sinto muito – disse Claire.

Stevie gesticulou para indicar que estava tudo bem e engoliu o nó gigante na garganta.

– Então... – disse Ren. – Tá, vou lá ver a comida.

Deu um beijo na bochecha de Stevie e a deixou na varanda com as amigas da ex-namorada.

– A Iris sabe que vocês estão aqui? – perguntou.

– Tá de zoeira? – retrucou Delilah, dando um gole no vinho tinto. – Ela botaria arsênico na nossa bebida assim que possível.

Stevie suspirou.

– Então, me desculpem se for grosseria, mas por que vocês estão aqui?

– Porque minha noiva é uma romântica incorrigível? – disse Delilah.

Claire deu um tapinha no ombro dela.

– Amor.

– Eu não falei que não gosto – argumentou Delilah, aproximando-se e beijando o pescoço dela, apenas uma vez, mas bastou para Stevie sentir um aperto no coração.

– Desculpa por vir sem avisar – disse Claire. – Mas a Iris contou que Ren convidou ela pra sua festa de despedida, e eu...

– Ela contou? – perguntou Stevie.

– Foi sem querer – explicou Delilah. – Ela tava bêbada.

Stevie fechou os olhos, balançando a cabeça.

– Ah.

– Ela tá sofrendo, Stevie – comentou Claire. – Tenho certeza.

– Ela te disse isso? – perguntou Stevie.

– Não com essas palavras. Você conhece a Iris.

– Na verdade, não sei se conheço.

Stevie cruzou os braços. Mesmo naquela hora, depois de tudo o que aconteceu, parecia mentira.

Claire assentiu.

– Sei que ela te magoou. Mas é só medo. Eu não queria que você fosse embora sem me certificar de que sabe disso.

Stevie desviou os olhos, que já começavam a arder. Porém, por baixo da tristeza e da decepção, havia também aquela raiva. Ela se entregou ao sentimento. Precisava dele para continuar de pé, seguindo em frente.

Porque, no fim das contas, não importava se Iris estava com medo. Stevie tinha medo o tempo todo, mas estava pronta para tentar. Para arriscar a carreira e o coração.

– Claire – disse ela –, entendo que você ama a Iris e quer o bem dela. Mas olha à sua volta. Ela não tá aqui.

Claire contraiu os lábios. Delilah olhou para a taça de vinho.

– Eu já disse pra Iris tudo o que ela precisa saber – continuou Stevie, sentindo uma autoconfiança que não sabia ter inundando suas veias; ou talvez soubesse disso o tempo todo, mas não acreditasse até então. – E ela disse não. Nem quis conversar sobre isso comigo. Não importa mais por quê.

Claire engoliu em seco e assentiu.

– Entendi.

– Legal. – As mãos de Stevie estavam começando a tremer, mas ela as enfiou nos bolsos, tentando demonstrar força e determinação. – Tô feliz em ver vocês duas pra gente poder se despedir e agradeço muito todo o apoio, mas eu e a Iris terminamos.

Claire assentiu mais uma vez, e Delilah pegou a mão dela, beijando a ponta dos dedos da namorada.

Stevie se aproximou e abraçou as duas; eram ótimas amigas, dava para perceber, e em outra vida teria adorado fazer parte da vida delas.

Mas aquela não era essa vida.

– Desejo tudo de bom pra vocês duas – disse ao soltá-las.

Sorriram para ela, retribuíram os votos, e Stevie se retirou.

Lá dentro, atravessou a multidão, o grupo de patrocínio, a turma e colegas que ia deixar para trás, e foi até o banheiro. Felizmente, estava vazio. Trancou-se lá dentro e afundou no chão, encostada na porta, enquanto um soluço escapava do peito, abraçando os joelhos e deixando-se por fim desmoronar.

Dez minutos depois, quando seu corpo ficou como uma casca vazia, limpo e pronto para algo novo e verdadeiro, ela se levantou. Enxugou o rosto, assoou o nariz, ajeitou o cabelo para trás o máximo que pôde.

Então voltou para sua festa, pronta para se despedir da velha vida e finalmente preparada para acolher a nova.



CAPÍTULO TRINTA E CINCO

EM BRIGHT FALLS, O MÊS DE OUTUBRO era um espetáculo para os olhos.

As árvores eram uma profusão de cores, todas vermelhas, amarelas e roxas. Quando Iris era criança, ela, a irmã e o irmão vasculhavam o quintal tentando encontrar uma folha caída cujo tom combinasse exatamente com seus cabelos.

Adulta, ela ainda não conseguia resistir a essa tradição. No interior da Livraria Rio Selvagem, lotada de amigos, familiares e residentes de Bright Falls com seu romance de estreia nas mãos, esperando um autógrafo, ela estava com a mão no bolso do vestido longo verde-petróleo, passando os dedos para cima e para baixo em uma folha vermelha e macia que havia encontrado na calçada antes do evento.

– Muita gente veio – comentou Astrid ao lado dela, com uma taça de champanhe numa das mãos e os dedos de Jordan entrelaçados à outra.

– Você parece surpresa – respondeu Iris, sorrindo por cima da própria taça.

– Nem um pouco. Eu sabia que o seu livro seria um sucesso.

– Acho que essa multidão está mais para “conheço a Iris desde que ela usava aparelho nos dentes” do que para fãs de romance – comentou Iris.

– Pode ser, mas basta ler a primeira página e essas pessoas vão ser fígadas pelo resto da vida.

– Concordo – disse Claire, piscando para Iris por trás dos óculos.

– Tô com uma inveja enorme dessa festa de lançamento – comentou Simon, que veio sozinho, já que Emery estava viajando a trabalho. Ele puxou Iris para um abraço. – E orgulhoso de você – disse junto do cabelo dela.

Ela o apertou, deixando-se abraçar por alguns segundos antes de se afastar.

Nas últimas semanas, o círculo de amizades de Iris a apoiou mais do que nunca. Todos vinham sendo gentis. Telefonavam e mandavam mensagens, parando no apartamento dela com embalagens de suas comidas preferidas, tentando fazê-la falar do que sentia. Iris aceitou tudo, embora se recusasse a participar de qualquer conversa longa sobre Stevie, e agradeceu o amor evidente que tinham por ela. Ao que tudo indicava, Iris tinha tudo de que precisava para ficar feliz.

E estava, mas...

Bem, não queria pensar naquele *mas*. Todas as manhãs, acordava pronta para se ver livre daquela situação ridícula. Fazia mais de um mês que Stevie fora para Nova York. Naquelas últimas semanas, havia terminado de revisar o segundo romance e o entregara à editora. Deu entrevistas antes do lançamento, gravou vídeos promocionais para a editora, recebeu boas críticas de colunistas e apresentou um novo planner digital lgbtq+ na loja na Etsy que estava fazendo sua base de fãs surtar por completo. Recebeu até uma oferta de teste para a próxima produção de uma peça de teatro em Seattle. Recusou, mas era sensacional ter sido convidada.

Então, sim, Iris estava indo muito bem.

Estava a todo vapor.

Por isso, o fato de ainda acordar toda manhã com uma atriz de cabelo cacheado ocupando sua mente e seus sonhos era apenas um incômodo temporário. E por que olhou ao redor na festa do lançamento – sua noite de sucesso – e se sentiu completamente sozinha? Apenas porque todo mundo

em sua vida estava acompanhado. Era natural se sentir meio deslocada nessas situações. Nada que não pudesse administrar.

Estava *feliz*.

Era Iris Kelly, caramba, e estava absolutamente eufórica.

– Meu bem, que maravilha!

Sua mãe apareceu ao lado dela, os cachos vermelhos e grisalhos pulando em volta do rosto enquanto puxava o pai dela pela mão. Seu grupo abriu espaço para o casal.

– Valeu, mãe – disse Iris, aproximando-se para beijar a bochecha dela. – E obrigada por terem vindo.

– Claro, querida. Temos muito orgulho de você.

Iris sorriu, decidida a não comentar o fato de que na semana anterior Maeve havia perguntado por telefone se a filha já havia decidido arranjar um “emprego de verdade”.

– Parece que toda a cidade está aqui – comentou o pai, olhando para a multidão.

– É, bom, todo mundo gosta de ler sobre sexo.

Quem disse isso foi Aiden, o irmão dela. Addison estava ao lado dele, majestosa num vestido mostarda justo, torcendo o nariz para o marido.

– Quem não gosta? – perguntou Delilah e, nossa, como Iris a amava.

Aiden estremeceu.

– Ficou meio condescendente, né?

– Com certeza – respondeu Addison.

Iris se limitou a suspirar e fazer um gesto de desdém, evitando o olhar preocupado de Claire. Pelo menos, o irmão e os pais estavam lá. A irmã mais nova, Emma, nem se deu ao trabalho de aparecer, alegando que Christopher estava com febre e que seria impossível deixá-lo com uma babá. O que era bem justo, mas ela poderia deixá-lo com Charlie e ir sozinha ao lançamento do livro, já que ele era um pai perfeitamente capaz.

Mas não, Emma tinha que controlar tudo, inclusive fazendo Iris sentir que nada do que ela fazia era bom o bastante para a irmã caçula perfeita.

Iris tentou não deixar que isso estragasse a noite. Afinal, aquele era o evento que esperava havia mais de um ano, mais até, se contasse todo o

tempo que tinha passado sonhando em escrever um romance desde que começara a ler o gênero, quando adolescente. Porém, a ausência de Emma realçava outras ausências.

Bom, só mais *uma* ausência, na verdade.

Iris fechou os olhos por um instante, concentrando-se na superfície cerosa da folha debaixo dos dedos.

– Estou ansiosa pra ler, querida – disse Maeve, pegando um exemplar do livro numa mesa próxima e sorrindo ao ver a capa colorida.

– Credo – disse Aiden.

– Tá, o que foi agora? – perguntou Iris, cruzando os braços, com a folha dentro da mão fechada.

– Desculpa, desculpa, é que a ideia da mãe lendo as cenas de sexo que você escreveu é...

Ele estremeceu, cheio de drama, fazendo Addison rir.

– Não sou puritana – protestou Maeve, fato que enfatizou dando um tapa na bunda de Liam.

– Ah, legal, que lindo, muito obrigado – disse Aiden.

Maeve riu enquanto as bochechas do marido ficavam rosadas.

– Enfim... – disse Maeve, olhando ao redor. – Cadê a famosa Stevie de que tanto ouvimos falar?

Iris sentiu o estômago dar uma cambalhota. As outras pessoas ficaram paralisadas, arregalando os olhos como se fossem adolescentes que alguém pegou saindo de casa às escondidas no meio da noite.

Em defesa da mãe, Iris tinha dito mesmo para a família que conheceriam Stevie no lançamento. E não chegara a abrir o jogo sobre o fim do namoro nas conversas mais recentes com a mãe. Na verdade, não tinha pensado nas consequências da decisão: teria que explicar o término *pessoalmente*, e bem no lançamento do livro.

– Ela não veio – foi a desculpa que escolheu, torcendo para a mãe se contentar com essa falta irrisória de explicação.

O que, obviamente, não aconteceu.

– Não veio? – Maeve franziu a testa. – Ela é sua namorada. Não devia estar no oferecimento do seu livro?

– *Lançamento*, mãe – corrigiu Aiden.

– Dá no mesmo – retrucou Maeve, de olho em Iris.

Sentia cheiro de bomba, e Iris testemunhou o instante em que a mãe percebeu que ela a estava enrolando. Maeve suspirou, franzindo a boca.

– Entendi.

– Mãe, por favor, não – pediu Iris. – Hoje, não.

– Hoje, não o quê? Não posso expressar preocupação porque minha filha amada continua fugindo da própria vida?

Iris rangeu os dentes. Ela ouviu Delilah murmurar “Ai, saco”.

– Mãe... – disse Aiden, mas ninguém podia deter Maeve.

– É só curiosidade – disse ela. – O que aconteceu, Iris?

Iris apertou os olhos com os dedos.

– Nada. É... nada, tá?

– Ah, você não quer falar sobre isso. – Maeve cruzou os braços. – Nunca quer, né? Queria que tivesse dito isso antes. Aí eu teria convidado a Shelby.

– Shelby – repetiu Iris, inexpressiva.

Maeve sorriu.

– Fui à dentista semana passada. Shelby é a nova assistente. Linda que nem uma flor, e estava com um broche de arco-íris, então perguntei se...

– Para. Mãe, por favor, *para*.

Maeve franziu o rosto.

– Meu bem, se você não liga de morrer sozinha, eu tenho que ligar por nós duas.

– Eita, mãe, que drama, né? – disse Aiden.

Maeve apenas riu. Aiden riu. Addison riu. Só o círculo de amizades de Iris não riu, de olhos fixos nela e arregalados de apreensão. Ela percebeu que Astrid estava a um passo de dizer alguma coisa, de punhos cerrados e mandíbula tensa.

Iris balançou a cabeça de leve para ela.

Não valia a pena.

– Com licença – disse, depois se virou e praticamente se jogou na multidão.

Perdeu-se por um tempo, aceitando parabéns, falando de sua jornada

rumo à publicação para quem expressava curiosidade. Falou até com Jenna por alguns minutos, mas nenhuma das duas citou Stevie.

– Amiga? – chamou Claire, encontrando-a na seção infantil, onde tinha se escondido havia uns dez minutos apenas para controlar a respiração.

– Oi – respondeu Iris.

– Você tá bem?

Iris deu de ombros.

– A mesma merda de sempre.

– Sinto muito. Sua mãe... Sei que ela te ama.

Iris balançou a cabeça. Também sabia que a mãe a amava. Só não aguentava mais aquele tipo de amor. O tipo que tentava consertá-la o tempo todo. É verdade que não chegava nem perto do tipo de pressão que Isabel Parker-Green tinha exercido sobre Astrid, mas mesmo assim doía.

– Se serve de consolo, ela ficou bem horrorizada depois que você saiu pisando duro – disse Claire.

Iris abriu um sorriso.

– Serve. Um pouco.

Claire passou a mão no cabelo de Iris, que se inclinou ao toque dela. Era reconfortante – as melhores amizades geralmente eram –, mas ela ainda sentia uma inquietação, um desassossego. Queria poder culpar a mãe, até mesmo a ausência de Emma, mas, para ser sincera, fazia quase um mês que se sentia assim.

– Escuta – disse, com uma ideia se formando na mente, e pegou na mão de Claire. – A gente pode ir ao Lush hoje? Todo mundo. Pra comemorar. A Ruby vai dormir na casa do Josh, né?

Claire ficou boquiaberta.

– Ah. Hã...

O Lush não era exatamente a praia de Claire. Não era mais a praia de nenhuma das amigas, embora Delilah já tivesse ido com ela ao bar, passando a noite tirando fotos dos corpos contorcidos e bebendo bourbon como se fosse habituée. A simples ideia de levar Astrid Parker a um lugar como aquele era quase cômica – mais uma razão para Iris insistir.

Além disso, não ia lá desde que tinha conhecido...

Bom, fazia um tempo, e tinha saudades do antigo refúgio. Sentia falta do barulho, dos cheiros, da multidão. Das pessoas, do jogo de encontrar aquela que chamaria sua atenção mais do que as outras.

Tinha saudades da distração, do doce esquecimento de estar com mais alguém na cama.

Meu nome é Stevie. Merda. Opa, Stefania.

Iris balançou a cabeça e afagou a mão de Claire.

– Por favor. Preciso descarregar a tensão que acumulei até o lançamento.

Claire sorriu, inclinando a cabeça.

– Essa é a única razão?

Iris sabia o que ela estava pensando – em *quem* estava pensando –, mas se recusou a morder a isca.

– Claro – respondeu, exibindo seu melhor sorriso. – Só quero comemorar com todo mundo.

Claire beijou a mão dela.

– Tá bom. Vou chamar o pessoal.

Os ombros de Iris literalmente desabaram de alívio.

– Obrigada.

– E agora, tá pronta pra começar? – perguntou Claire. – Pode esperar mais uns minutos, se precisar.

– Não. – Iris alisou o vestido. – Tô pronta.

– Ótimo. – Claire então a envolveu nos braços, apertando-a com força. – Sabe, acho que ela teria muito orgulho de você.

Iris se afastou. Não precisava perguntar de quem estava falando. Também sabia que Claire estava de conversa mole para cima dela: Stevie Scott não tinha o menor orgulho de Iris Kelly.

– Bora lá arrasar – disse Iris.

Claire fez que sim com a cabeça e se dirigiu ao espaço de eventos no meio da livraria, que no momento contava com pelo menos cem cadeiras dobráveis.

– Boa noite, pessoal, e sejam bem-vindes à Livraria Rio Selvagem – disse Claire ao microfone no púlpito. – Podem sentar, por favor. Tenho o prazer e o privilégio de apresentar a vocês nossa autora dessa noite. Iris Kelly é...

Iris ficou atrás dela, a mente vagueando enquanto a amiga lia sua biografia. Tinha percorrido parte do salão com o olhar até perceber que estava procurando cachos, um *mullet* que sempre a fazia pensar numa estrela do rock, uma camiseta tamanho PP provavelmente comprada num brechó.

Era ridículo.

Ela fungou e se concentrou.

– ... deem as boas-vindas a Iris Kelly, autora do romance aclamado pela crítica *Até nosso próximo encontro!*

O público aplaudiu e deu vivas, e Iris subiu ao púlpito. Claire deu um beijo na bochecha dela. Iris sorriu e respirou fundo. Girou os ombros para trás e se transformou em Iris, a escritora. Um papel – legítimo, mas ainda assim um papel. Aquela mulher era elegante, graciosa, e de jeito nenhum esperava que certa atriz que morava a quase 5 mil quilômetros dali comparecesse ao evento com algum gesto grandioso para arrebatá-la.

Porque isso seria tolice, não?



Depois que Iris leu um trecho do livro em voz alta, o público fez fila para ela autografar os exemplares. Demorou um pouco para todas as pessoas passarem, algumas querendo uma foto, outras querendo conversar sobre como ela havia chegado longe, principalmente alguns de seus professores do ensino médio, que sem dúvida se lembravam dela como uma aluna mediana que usava saia curta demais e estava sempre na detenção.

Iris acolheu tudo, tentando estar presente no momento.

– Aqui tem alguns livros da pré-venda pra você assinar – disse Claire depois que atenderam cada pessoa na fila, vendo-as agora passear pela livraria terminando a champanhe.

Ela deixou uma pilha de livros em cima da mesa, enquanto Brianne, a gerente da loja, abria cada um para que Iris pudesse ver o bilhete adesivo rosa com o nome de quem o havia comprado. *Ivy. Mara. Grace. Sunny. Luca.*

Iris assinou todos, repetindo seu nome com um floreio na página de rosto, junto com uma mensagem breve para cada pessoa: “*Crie seu próprio ‘felizes para sempre’!*”

Tinha pensado muito no que queria escrever quando lhe pedissem para autografar o livro. Precisava ser sincero, fazendo jus ao público leitor de romances e a quem ela mesma era. Aquela mensagem era boa, parecia algo que todo mundo gostaria de ler.

A pilha diminuiu, Iris começou a ter câibra na mão e estavam quase no fim quando Brianne abriu um livro com um nome que congelou o coração de Iris dentro do peito.

Stevie.

Ela ficou olhando o bilhete rosa-choque, piscando várias vezes.

– Tudo bem? – perguntou Brianne.

Iris fez que sim, mas chamou Claire.

– Que foi, amiga? – perguntou Claire, com uma pilha de livros já autografados nas mãos.

Iris ainda olhava para o nome. A amiga acompanhou o olhar dela e arfou de leve. Não era um nome muito comum. Mesmo assim, Iris supôs que poderia ser outra pessoa...

– Ah, meu bem – disse Claire.

– É a...? – perguntou Iris.

– Não sei. – Claire olhou para a gerente. – Brianne, você tem a fatura desse aqui?

Brianne assentiu, tirando o celular do bolso de trás.

– Tenho, vou procurar.

Iris ficou ali enquanto a gerente digitava na tela, os dedos apertando a caneta com força.

– Pronto – anunciou Brianne. – Hã... Stevie Scott. Mora em Nova York.

– Quando... quando foi que ela comprou? – perguntou Iris.

Brianne franziu a testa, de olho na tela.

– Ela fez o pedido... dois dias atrás.

Claire abraçou o ombro de Iris, apertando-o, mas ela mal sentiu. Alisou a página de rosto com a mão e posicionou a caneta para escrever o nome.

O nome de Stevie.

Para escrever “*Crie seu próprio ‘felizes para sempre’*” para Stevie Scott, a mulher que Iris rejeitou, renegou, e para quem mentiu. A mulher com quem teve medo de criar qualquer tipo de “para sempre”. Aquela que, depois de tudo isso, ainda encomendou o livro de Iris na livraria de Claire e queria um autógrafo.

– Merda – disse ela, com os olhos começando a arder.

– Ai, amiga... – falou Claire.

– Eu tô bem, é que...

Iris balançou a cabeça, esforçando-se para pensar em outra coisa, *qualquer* outra coisa, qualquer outra *pessoa*. Fechou os punhos, apertando-os até sentir as unhas cravando na própria pele.

Mas nada adiantou.

Stevie... crie seu próprio “felizes para sempre”!

A mensagem parecia um soco, uma piada cruel, e Iris sabia que nunca poderia escrever isso para ela. Não conseguia se imaginar escrevendo nada.

De repente, se levantou, levando o livro.

– A gente pode ir? Tô pronta pra sair daqui.

Claire franziu a testa, pousando o olhar no livro de Stevie na mão de Iris. Ela abraçou o livro de encontro ao peito, e Claire olhou para Brianne, balançando a cabeça de leve. Iris não comentou o assunto, só precisava ir embora. E já.

– Claire.

– Tá bom, vamos – respondeu ela, mas não parecia nem um pouco animada. – Brianne, você fecha a loja?

– Claro – afirmou a gerente de franja cor-de-rosa. – Parabéns, Iris.

– Valeu – respondeu Iris. – E obrigada pelo evento maravilhoso.

Sua voz tremeu, a ponta dos dedos formigando quando guardou o livro na bolsa. Ia descobrir o que escrever para Stevie e enviá-lo pessoalmente.

– Ouvi dizer que vamos para um antro de luxúria e perdição, é isso? – perguntou Delilah, aproximando-se dela.

Astrid e Jordan estavam perto da porta com Simon, as cabeças juntas enquanto conversavam, olhando de soslaio para Iris com expressões de

apreensão.

– É – respondeu ela com firmeza, empinando o queixo enquanto enganchava o braço no de Delilah e a girava, encarando os olhos de cada uma das amigas e do amigo. – É hora de comemorar, e eu quero o melhor pedaço de mau caminho que puder pegar.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

IRIS ESTAVA CERCADA por um mar de pegação.

Parecia que *todas* as pessoas no bar estavam acompanhadas, se esfregando em alguém. Mas ela imaginava que esse era mesmo o objetivo de um lugar como o Lush, lotado naquela noite, com iluminação baixa, coquetéis personalizados com temas de outono e música que parecia ter sido composta como trilha sonora para o sexo.

Era o lugar perfeito para se perder. Iris olhou em volta, procurando qualquer pessoa que pudesse estar olhando para ela. Encostou-se no balcão, com o quadril projetado para a frente e a mão lânguida sustentando uma taça de martíni meio cheia. Todos os sinais não verbais de “tô a fim de transar”.

O único problema era que Astrid parecia grudada nela feito cola enquanto Jordan e Simon tinham uma conversa séria na extremidade do balcão. Claire e Delilah estavam... bom, fazendo parte do cenário de pegação na pista de dança, o que era meio perturbador e ao mesmo tempo uma delícia.

– Que lugar... interessante – comentou Astrid.

Ela estava segurando a bolsa junto ao peito com uma das mãos e uma taça de vinho branco com a outra. Fazia um esforço óbvio para não olhar para Claire e Delilah.

– Nhoim, é o primeiro bar lgbtq+ do nenê – disse Iris, acariciando o cabelo loiro da amiga.

Astrid revirou os olhos e afastou a mão dela, mas um sorrisinho se instalou em sua boca antes de voltar a observar tudo com uma expressão um tanto atordoada. Estava com um salto de 8 centímetros, combinado a jeans de barra dobrada e blazer justo azul-marinho. Parecia uma executiva do babado.

Iris riu quando Astrid ficou boquiaberta ao ver dois homens tirarem a camisa e continuarem a se esfregar.

– Então tá – disse Astrid, bebendo um gole de vinho.

– Bem-vinda, amiga – respondeu Iris.

Astrid sorriu, brindando com ela. Uma música terminou, emendando-se com outra, mas Claire e Delilah saíram da pista e se aproximaram delas, rindo, de mãos dadas.

– Eu tinha esquecido que adoro dançar! – gritou Claire por cima do barulho.

– Não acredito que eu nunca te trouxe aqui antes – disse Delilah, abraçando a cintura dela por trás. – Todas aquelas vezes que a Iris me arrastou pra cá, eu poderia ter... – Baixou a voz e sussurrou alguma coisa no ouvido de Claire, deixando-a de rosto vermelho vivo, visível até com a pouca luz, e fazendo-a dar uma risadinha.

– Vocês duas, *pelamor* – resmungou Iris.

– Ah, elas são fofas, deixa elas em paz – respondeu Astrid enquanto Jordan se aproximava em silêncio por trás dela, deslizando a mão em volta da cintura.

Simon pediu uma cerveja e se sentou numa banqueta.

– Tá bom – disse Iris. – Quem vocês estão vendo?

As pessoas do grupo a observaram, confusas, e se entreolharam.

– Que foi? – disse Iris.

– Quem você tá a fim de ver? – perguntou Delilah devagar.

Iris franziu a testa.

– Hã, literalmente *qualquer* pessoa.

– Tem certeza de que não quer só dançar com a gente? – perguntou Claire, estendendo a mão e pegando a dela. – Eu danço com você.

– Não do jeito que eu prefiro – respondeu Iris.

Queria a pressão dos corpos, do suor e do álcool, a coxa de alguém entre as dela, quase fazendo-a gozar ali mesmo, no meio do bar. Ao pensar nisso, sentiu um frio na barriga, uma rara onda de nervosismo.

– Amiga, tem certeza? – perguntou Claire.

Iris ficou paralisada, olhando para cada uma das amigas.

– O que você quer dizer?

– Ela tá falando da Stevie – respondeu Delilah, sempre objetiva.

Iris retesou a mandíbula.

Crie seu próprio “felizes para sempre”.

Balançou a cabeça, tentando desalojar a frase, mas não conseguiu tirá-la da mente. É verdade que tinha escrito a mensagem cerca de cem vezes naquela noite. Portanto, fazia sentido que ficasse em sua cabeça.

Todo o sentido do mundo.

– Iris, você já falou com ela? – perguntou Astrid baixinho, afagando o ombro dela.

Iris desvencilhou o corpo, afastando-a.

É claro que não tinha falado com Stevie. Não conseguia. O que diria? Nem sabia explicar o que havia acontecido entre elas para as melhores amigas, para o próprio coração; como poderia pedir desculpas por isso?

Isso *se quisesse* se desculpar.

E não queria.

As duas terminaram. Stevie tinha ido embora, Iris não foi atrás dela, e pronto.

Crie seu próprio “felizes para sempre”.

– Vou dançar – declarou, pulando da banqueta e mergulhando no mar de corpos sinuosos antes que as amigas pudessem detê-la.

Fechou os olhos, levantou as mãos e se mexeu. Girou e rodopiou até a

visão ficar turva.

Até sentir a mão de alguém no ombro.

Abriu os olhos para ver uma mulher de cabelo escuro, quadris largos e uma bunda linda, uma deusa absoluta, bem na frente dela.

– Oi – disse a mulher.

Usava um vestido roxo-escuro que se agarrava perfeitamente a todas as curvas. Iris sorriu.

– Oi.

– Meu nome é...

– Não ligo – disse Iris, envolvendo os quadris da mulher num abraço e puxando-a.

A mulher riu, revelando lindos dentes brancos, os brincos de ouro balançando com o movimento.

– Justo.

Iris a puxou para mais perto, e a mulher passou os braços em volta dos ombros dela, quadril com quadril. Olhou Iris nos olhos e sorriu. Era tão...

Adorei, disse Iris.

Também... adorei você.

Iris riu. Muito. Fofa.

– Eu estava falando do seu nome, mas aceito o elogio.

Iris fechou os olhos, sentiu a curva da cintura da mulher movendo-se com ela ao som da música, uma batida frenética que dava a impressão de que todo mundo ali estava chegando ao clímax.

Era disso que Iris precisava. Era o que ela queria.

– Você é boa nisso – comentou a mulher.

Stefania esfregou a testa.

Nossa. Bater papo não é meu forte.

Talvez, mas pra mim tá ótimo.

Iris não disse nada. Puxou a mulher para si, roçou o ombro nu dela com os lábios, inalou o aroma. Flores, baunilha e suor. Gostoso e... diferente.

– Você mora por aqui? – perguntou a mulher.

Iris recuou, olhando aquele par de olhos azuis claríssimos.

– Não.

– Eu moro. Na verdade, bem perto.

Iris sabia o que dizer em seguida. *Que interessante*, com ar sedutor. Ou talvez apenas abrisse um sorrisinho, seguido de uma lenta aproximação para um beijo. Talvez até um *Que bom saber disso*, bem coquete.

Mas não conseguia dizer nada. Não conseguia nem fazer o próprio rosto se mexer. Ficou simplesmente encarando a mulher linda que a desejava, que queria dar a ela tudo que estava procurando.

O sorriso da mulher vacilou.

– Você tá bem?

– Tô – respondeu Iris. Talvez um nome ajudasse, sim, deixando o contato um pouco mais agradável. – Eu sou Iris.

Sua parceira sorriu.

– Beatriz.

O coração de Iris começou a bater por toda parte – na garganta, na ponta dos dedos, no estômago.

Por minha espada, Beatriz, tu me amas!

Iris balançou a cabeça e sussurrou:

– Não.

Beatriz, a verdadeira, de carne e osso, franziu a testa.

– Hein?

– Eu... – Iris baixou as mãos, recuando. – Desculpa... você é perfeita, mas... Desculpa, eu não...

Ela deu as costas e voltou para o balcão sem dizer nem mais uma palavra, deixando Beatriz para trás. Todo o grupo a olhava, abrindo espaço para ela. Apoiou as mãos na superfície laqueada do balcão e entornou o resto do martíni.

Então riu.

Começou como uma bufada, um som incrédulo e sarcástico, mas logo se transformou em algo mais. Um som cru, vindo do fundo do ser, tão forte que os músculos da barriga doeram e lágrimas afloraram nos olhos. Baixou a cabeça nas mãos e riu, e riu mais, até não saber se estava mesmo rindo ou chorando.

– Hã... amiga? – chamou Claire.

Iris balançou a cabeça sem parar de rir e chorar.

– Tô estragada – disse entre soluços. – Estragada, saco. Ela me estragou.

Aquilo era o que Iris fazia. Arranjava alguém com quem ficar. Curtia a vida. Flertava, dançava e transava, e era isso que todo mundo esperava dela.

Era o que esperava de si mesma.

Era o que queria, mas lá estava, incapaz de fazer qualquer uma dessas coisas. Lá estava, chorando em seu bar preferido depois de ter dispensado uma das pessoas mais atraentes do lugar.

Sentiu a mão de alguém nas costas, acariciando-a em círculos. Não rejeitou o toque. Também não ergueu o rosto para ver quem era; limitou-se a ficar ali, com os dedos molhados de lágrimas, a garganta irritada e...

Ela...

Queria falar sobre isso com Stevie. Queria rir e chorar com Stevie. Queria dançar com ela, flertar com ela, tocá-la, beijá-la e abraçá-la. Queria dormir e acordar com ela e, caramba, não queria escrever “*Crie seu próprio ‘felizes para sempre’!*” no livro dela.

Eu sou seu “felizes para sempre”.

A frase veio à mente assim, sem dificuldade; uma simples troca de letras e palavras, mas nos lugares certos. Era perfeita. Brega, ridícula, com todo o jeito de ter saído da seção de romances da Rio Selvagem.

E era verdade.

Caramba, era verdade; se não para Stevie – que não sabia se um dia a perdoaria por ser tão covarde, egoísta e burra –, para Iris.

Stevie era quem ela queria.

Stevie era o final feliz dela.

Mesmo que tudo entre as duas tivesse dado errado. Ainda que se separassem dali a seis meses ou seis anos. Até mesmo se Iris às vezes duvidasse que Stevie a queria.

Ainda que Stevie não a quisesse mesmo.

Talvez, no fim das contas, Iris não estivesse estragada. Estava só... *diferente*. Transformada por uma pessoa que finalmente a afetou, que ocupou seu coração, fazendo-a ter tanta vontade de pertencer a alguém que mal se reconhecia.

Não, Iris não estava estragada.

Estava *apaixonada*.

Levantou a cabeça, pegou um guardanapo e enxugou o rosto. Sentiu as amigas e o amigo dos dois lados, mãos gentis nas costas, esperando por ela.

Amando-a.

Porque Iris Kelly merecia ser amada.

E sempre havia merecido.

Ela se virou, sorrindo, e disse:

– Preciso ir pra Nova York.



CAPÍTULO TRINTA E SETE

EM OUTUBRO, A CIDADE DE Nova York tinha as cores do fogo.

Stevie nunca deixaria de se surpreender com a quantidade de áreas verdes entre os prédios e as calçadas, as luzes fluorescentes, os vendedores e os carros. Ao chegar lá no mês anterior, tinha ficado abalada ao ver como Nova York parecia tão vasta, como um país por si só, mas tão pequena ao mesmo tempo. No começo, mal conseguia sair de seu prédio no Brooklyn – um apartamento pelo qual pagava uma ninharia a Thayer e à esposa dela – sem ter dificuldade para respirar. Dependia do aplicativo do metrô, conversava com a mãe e com Ren todos os dias para que pudessem convencê-la a não voltar para casa, e chorou até dormir por sete noites seguidas.

Porém, depois de algumas semanas nessa vida nova, sentia-se mais estável. Ainda dependia do aplicativo do metrô. Continuava a falar com Ren todos os dias. E às vezes ainda chorava até dormir. Mas também adorava aquele lugar: o cheiro de pão, café e terra de seu bairro de manhã; a agitação do distrito dos teatros, as ruas da cidade cheias de pessoas, cada uma com

sonhos, medos e amores diferentes; as árvores da rua, as folhas parecendo chamas a arder nos galhos, com um toque de roxo cintilando aqui e ali.

Parecia o lugar certo para se estar no outono, quando tudo morria para poder renascer. A cada dia, sentia-se mais forte. Todo dia tomava o remédio, preparava-se para o que existia da porta para fora da melhor maneira possível e ainda ganhava uma repreensão gratuita de um desconhecido aqui, uma tentativa de apalpada no metrô ali. O simples fato de andar pela rua ainda a abalava, deixando-a sem ar.

Mas ela dava conta.

Às vezes desmoronava, mas se recuperava; assim, mesmo quando as lágrimas encharcavam um pouco o travesseiro, ainda havia... orgulho. Era isso o que sentia. Tinha orgulho de si mesma, de ter se jogado, mergulhado de cabeça, dado um voto de confiança a si mesma e todas as outras expressões clichês em que podia pensar para descrever como havia mudado de vida.

Como havia escolhido a si mesma.

Eu escolhi a mim, mas também escolho você.

Stevie olhou para o texto na mesa do Devoción, seu café preferido na Grand Avenue. Tomou um gole do flat white, tentando se concentrar nas motivações, razões e nos medos de Rosalinda, mas de repente só conseguia pensar naquele desenho que Iris fez na manhã em que terminaram.

Stevie. Sozinha. Em Nova York.

No fim das contas, Iris era meio vidente. Stevie estava sozinha, sim. Estava em Nova York.

E... estava bem.

Se havia uma coisa que emanava do desenho – os braços estendidos, a cabeça inclinada para o céu –, era isso. Stevie estava bem.

– Oi, oi, desculpa o atraso – disse uma voz.

Stevie ergueu o olhar para uma jovem branca de cabelo cor-de-rosa na altura dos ombros e franja longa contornando as plantas do café e, em seguida, desabando no sofá com capitonê de couro marrom onde Stevie estava sentada.

– O metrô parou de novo – disse Olivia, soprando o ar de um jeito que

arrepiou a franja.

Usava uma leggings cinza e um suéter de estampa vibrante que parecia ter pertencido ao pai dela nos anos 1970, mas que de alguma forma lhe caía bem.

Stevie fez um gesto de desdém.

– Não esquenta.

Olivia sorriu para ela, que sorriu também. Era jovem: tinha 25 anos. Embora fosse apenas 3 anos mais nova que a própria Stevie, tinha um ar tão inocente e cheio de esperança que parecia mais nova. Era uma autêntica graduada da grande escola de artes performáticas Juilliard, portanto uma atriz absurdamente talentosa, e ia interpretar Celia, prima e amiga íntima de Rosalinda em *Como gostais*. As duas se conheceram durante os testes para os quais Thayer havia convidado Stevie em sua primeira semana em Nova York. Olivia também estava lá – conhecia Thayer de uma peça independente em que ambas trabalharam no ano anterior – e sua personalidade naturalmente aberta e efusiva ajudava Stevie a relaxar perto dela.

Além disso, era pansexual, e Stevie sempre se sentia mais segura e à vontade ao lado de outras pessoas lgbtq+.

– Em que cena você tá? – perguntou Olivia, aproximando-se dela e espiando o texto.

– Esqueceu sua cópia de novo? – indagou Stevie.

Olivia riu, com os cílios obviamente falsos, mas mesmo assim lindos, esvoaçando de encontro às bochechas.

– Você me conhece. Na semana passada, perdi minhas chaves. Sabe onde encontrei?

– Vou adivinhar. Na caixa de areia do seu gato?

– Não, isso foi no mês passado. No forno. – Olivia fez uma careta. – Tipo, eu nem uso o forno. Guardo meu estoque de emergência de amêndoas cobertas com chocolate lá e... ah, já entendi o que aconteceu.

Stevie sorriu e balançou a cabeça.

– Você precisa de um porta-chaves. Bem do lado da porta.

– Já tenho.

Stevie riu, depois empurrou o texto já repleto de anotações para deixá-lo

entre as duas.

– Ato 1, cena 3.

Olivia se aproximou ainda mais, encostando a perna esguia na de Stevie, e logo se perderam na cena, sussurrando as falas uma para a outra para não incomodar a clientela do café, parando para Stevie marcar alguma coisa no texto ou para Olivia digitar uma anotação no celular. Era um trabalho estimulante, e o coração de Stevie batia mais rápido com a ideia de apresentá-lo no Delacorte sob o céu de julho, com a multidão feliz, linda e repleta de verão.

– Você é ótima – disse Olivia quando terminaram a cena, cutucando o ombro dela.

Stevie sorriu. Estava aprendendo a não rejeitar elogios, principalmente vindos de alguém como Olivia, que já fazia parte do cenário teatral de Nova York havia alguns anos. Sabia que aquelas não eram palavras vazias.

– Valeu – respondeu Stevie. – Você também.

Olivia sorriu, fazendo os dedos tremularem pelo rosto.

– Eu sei.

Stevie riu, depois folheou o texto em busca de outra cena com Rosalinda e Celia. Olivia esperou, paciente, ainda com o braço morno encostado no dela.

– Sabe – disse Olivia –, a gente devia sair um dia desses.

Os dedos de Stevie pararam numa página. Ela olhou de esguelha para Olivia, que a espiava com os olhos levemente estreitados e a cabeça inclinada, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer.

– Tipo... – respondeu Stevie, mas silenciou.

Olivia sorriu.

– É, tipo...

Stevie se esforçou para manter o contato visual. Nossa, Olivia era muito bonita. E um doce. Entendia a vida no teatro e já tinha ajudado Stevie a se virar muitas vezes em Nova York, indicando desde as padarias com os bagels mais deliciosos até as melhores livrarias independentes do Brooklyn.

Stevie fez contato consigo mesma, avaliou a respiração, o processo mental, sentiu as pernas encostadas no couro gasto do sofá, todas as coisas

que sua terapeuta a incentivava a fazer quando encarava uma situação nova.

Não estava nervosa; pelo menos, não de uma forma que a paralisasse, que a fizesse se sentir impotente e travada. O estômago se agitou um pouco, mas para ela isso era normal, assim como o calor que tomava conta das bochechas.

– Ah, que fofo! – disse Oliva, rindo ao vê-la corar.

– Nossa, desculpa – respondeu Stevie, apertando o rosto aquecido com a palma das mãos, mas também riu, sentindo o acanhamento fácil e leve, como uma piada entre amigas.

E percebeu que queria dizer sim para Olivia. Não tinha nenhum motivo para não dizer, a não ser pelo potencial constrangimento durante a peça, mas as duas eram profissionais. *Adultas*. E o teatro não seria o que é se as pessoas não se relacionassem dessa forma durante as produções. Olivia era uma companhia segura, fazia Stevie rir. Era linda. Na verdade, era perfeita.

Então... por que não conseguiu pronunciar aquele sim?

Chegou a abrir a boca, pronta para se arriscar, para tentar, para *sair* com alguém, mas em sua mente só conseguia ver e *sentir*, bem ali, no fundo do ser... Iris.

Stevie expirou, e Olivia viu acontecer aquela queda sutil dos ombros dela.

– De boa – disse Oliva.

– Eu quero dizer sim. Quero mesmo. Mas... acabei de sair de um relacionamento, foi pouco antes de me mudar pra cá.

Olivia assentiu, gesticulando.

– De boa mesmo. Eu entendo.

Stevie a olhou com atenção, e ela parecia estar tranquila, com o mesmo sorriso sincero que chegava aos olhos.

– Mas bem que eu gostaria de ter uma amiga. Se você estiver a fim.

Olivia pegou a mão dela e deu um beijo na palma da mão, com um estalo alto e amigável.

– Já é.

Stevie sorriu, afagou a mão dela e voltaram ao texto. Simples assim. Sem constrangimento nem mágoa. Na verdade, toda aquela maturidade era uma

maravilha. Demorou um pouco para os batimentos cardíacos de Stevie desacelerarem e a adrenalina parar de formigar na ponta dos dedos, mas ela logo voltou ao normal, sentada à mesa de um café no Brooklyn com sua coatriz e amiga.

Mesmo assim, enquanto o sol avançava para o oeste pelo céu e Olivia se levantava, declarando que precisava se reunir com as colegas de apartamento para discutir o fato de que uma delas sempre entupia o vaso sanitário e era óbvio para todas que não o desentupia, Stevie quis muito poder mudar de ideia.

Desejou que Iris não estivesse mais com ela, pairando feito um fantasma, impedindo-a de estar pronta para uma pessoa maravilhosa como Olivia. Voltando a pé para o apartamento, com a luz mortiça da tarde espalhando ouro pela cidade, ela se esforçou para pensar em outras coisas: a xícara de chá que planejava fazer quando chegasse em casa; a consulta on-line com a terapeuta dali a dois dias; o e-mail mais recente de Thayer atualizando-a sobre o elenco, que incluía o homem que interpretaria Orlando, um astro em ascensão abertamente gay que acabara de terminar a turnê promocional de seu primeiro longa-metragem.

Todos esses pensamentos, do mundano ao quase fantástico, deveriam dar conta do recado. Deveriam tirar certa ruiva desenfreada da cabeça de Stevie, forçando-a a estar presente em sua vida atual, sua realidade atual, seu coração, seus sentimentos e necessidades atuais, mas não o fizeram.

Raramente faziam.

Ela sabia por experiência própria que devia precisar de um pouco mais do que pensamentos: precisava de uma distração intensa, como um filme ou mais dedicação ao texto. Sempre podia se aperfeiçoar no papel de Rosalinda, tecendo uma personagem nova, inebriante e vulnerável.

Entrou no prédio, pegou a correspondência, e tinha acabado de chegar ao apartamento no terceiro andar quando viu um envelope pardo e acolchoado encostado na porta. Não se lembrava de ter encomendado nada, mas tinha seu nome na frente, então ela o pegou, enfiando-o debaixo do braço enquanto procurava as chaves na bolsa.

Já dentro de casa, largou tudo no balcão de quartzo da cozinha e passou

um instante com as mãos na cintura, pensando. Era óbvio que Danielle, a esposa de Thayer e rica proprietária de uma galeria independente, havia decorado o espaço aberto, todo em tons frios de cinza e azul, linhas modernas e obras de arte caras nas paredes. Stevie gostava da paleta neutra, mas o resto não era bem do gosto dela – preferia mais aconchego, mais bagunça e vida –, mas, como Danielle mal cobrava o que custava o apartamento fuleiro em que havia morado em Portland, Stevie não reclamava.

Encheu a chaleira na cozinha cinza e prata, depois acendeu o fogo antes de vestir uma calça de moletom e um cardigã velho da mãe, já que o dia fresco de outubro tinha dado lugar a uma noite fria. Havia acabado de se sentar no sofá com uma xícara de chá verde com hortelã e o texto no colo quando se lembrou do envelope. Levantou-se, pegou-o no balcão entre as malas diretas e inspecionou a parte da frente.

Stevie Scott.

Arrepios percorreram seus braços enquanto ela o erguia nas duas mãos. Era pesado, com algo retangular e grosso no interior. Com os dedos tremendo por razões que não conseguia explicar, rasgou a ponta e mergulhou a mão lá dentro. Era um livro em brochura com páginas lustrosas.

Não sabia ao certo o que esperava ver na capa, mas com certeza não era o próprio rosto, desenhado com imensa complexidade e cuidado: uma mulher de cachos castanhos e jeans de cintura baixa, com a testa apoiada na de outra mulher e as mãos entrelaçadas entre as duas.

Uma ruiva.

A ruiva que perseguia Stevie em sonhos à noite, que a acompanhava pelas ruas do Brooklyn.

Havia também um título, disposto na metade inferior da capa com uma fonte de caligrafia descontraída.

A verdade sobre mim e você

Seu coração pareceu ficar gigante, batendo em todos os lugares ao mesmo tempo, e as lágrimas afloraram nos olhos antes mesmo de digerir o que estava olhando, o que estava segurando nas mãos.

O que poderia significar.

Sentou-se no chão de madeira e folheou as páginas pesadas, impressas e encadernadas com qualidade profissional, como se fosse uma história em quadrinhos que poderia tirar das prateleiras de uma livraria. Viu ilustrações que reconheceu, todas já plenamente coloridas: Iris e Stevie encontrando-se no Lush; Iris colocando Stevie na cama; Stevie sentada sozinha na praia em Malibu; as duas no ensaio de *Muito barulho*; Stevie encostando Iris na porta do apartamento, com a coxa entre as pernas dela.

Página após página, cena após cena, o romance de Stevie e Iris se desenrolava no papel. Pois era um romance, *sim*: colorido, desvairado, aterrorizante e lindo, com cada momento as empurrando uma para a outra, a mentirinha que as duas alegaram no início se desfazendo a cada beijo, abrindo caminho para algo novo, autêntico e perfeito.

Lágrimas escorreram pelas bochechas de Stevie, toda a coragem, a ousadia e o bem-estar daquele mês transbordando enquanto folheava as cenas. Sentiu um aperto no estômago ao virar uma página e se deparar com a separação, a maneira como Iris retratou as emoções no rosto das duas. Era tão franco e verdadeiro que Stevie precisou largar o livro e parar para respirar.

Depois de pouco tempo, no entanto, voltou à história, ávida pelo final, embora já soubesse como era. Virou a página, piscando diante da própria imagem, a mesma ilustração que tinha visto no dia em que ela e Iris terminaram: Stevie em Nova York, de braços abertos e cabeça inclinada para o céu.

Era uma beleza.

Era a verdade.

Mas havia mais páginas sob a ponta dos dedos de Stevie, mais história; a espessura das folhas seguintes foi como um choque elétrico no sistema nervoso dela.

Ela abraçou o livro junto ao peito, a garganta tão apertada que mal

conseguia engolir em seco. Levantou-se e pegou o envelope acolchoado outra vez.

Stevie Scott.

Era a letra de Iris. Ela a reconheceu por causa dos planners digitais, já que muitos dos projetos eram réplicas da forma de escrever de Iris, numa mistura elegante de letra de mão com letra de forma. Mas o nome de Stevie era a única coisa escrita no envelope. Não havia endereço. Nem selo. Nem endereço de remetente.

Ela deixou o envelope na bancada e olhou o apartamento ao redor. Sentia o pulso na garganta, nos ouvidos, e uma parte dela esperava que Iris se revelasse em algum canto. Mas nada aconteceu. Stevie pegou o celular, imaginando se ela teria mandado uma mensagem, quem sabe; mas não havia nada, apenas a tela em branco com a foto que Stevie havia tirado do Delacorte na primeira semana em Nova York.

A ponta de seus dedos empalideceu segurando o livro. Não sabia ao certo o que queria que aquelas últimas páginas mostrassem, como queria que a história acabasse. Ou melhor: sabia muito bem, nunca tivera tanta certeza assim de nada na vida, mas suas estratégias de defesa estavam se ativando, mentiras que tentou acreditar serem verdadeiras para evitar que o coração se despedaçasse ainda mais.

Já superei.

Estou feliz sem ela.

Não quero mais ficar com ela.

É apenas solidão.

Mas sabia que nada disso era verdade.

Então virou a página.

Stevie levou algum tempo para registrar o que estava vendo. Iris tinha desenhado a si mesma parada numa rua em frente a um prédio de tijolos aparentes, de costas para quem via. O cabelo estava escuro na penumbra, longo e indomado, e ela usava jeans, bota marrom de salto alto e um casaco de lã verde-vivo.

E numa das mãos, baixada ao lado do corpo, havia uma única tulipa amarela.

Stevie se levantou, com os braços e as pernas tremendo e fervilhando de adrenalina. Os olhos vagavam pela página, ávidos por todos os detalhes... pelo porquê... pelo...

Ela arfou com um som alto.

Iris estava parada ao pé de uma escada de pedra.

Uma escada que ela conhecia.

Com portas de vidro duplas no alto e cornijas decorativas em volta das janelas...

– Ah, meu Deus! – exclamou Stevie, cobrindo a boca com a mão.

Hesitou por apenas um momento antes de enfiar os pés num par de botas e agarrar a maçaneta da porta, abrindo-a com tanta força que a bateu com tudo na parede. Desceu a escadaria voando, com o livro abraçado junto ao peito. Os olhos ardiam, as lágrimas já se formavam de novo e, caramba, tentou contê-las, tentou se preparar para o caso de estar enganada, de haver interpretado mal aquele desenho, de Iris não estar mesmo... não ter mesmo...

Saiu do prédio com os pulmões trabalhando tanto para mantê-la de pé que ficou meio zozza. Os olhos se esforçaram para se adaptar à escuridão crescente, e o ar frio a atingiu como um tapa, desesperada para ver...

Uma cabeleira ruiva.

Um casaco verde.

Uma única tulipa amarela.

Stevie não disse nada. Não conseguia. Nem se lembrava de ter descido os degraus da entrada, mas de repente estava parada na frente de Iris, respirando o mesmo ar de outono, o aroma de gengibre e laranja inebriante como uma droga, e a única coisa que conseguia fazer era olhar para ela, sedenta por aquele rosto, aquela boca, aquela pinta azul bem debaixo do olho esquerdo.

– Oi – disse Iris.

Os joelhos de Stevie quase cederam àquela voz que se enrolou em volta dela como um casaco quente no meio do inverno.

– Há quanto tempo você tá aqui? – perguntou, apertando o cardigã ao redor do tronco, ainda com o livro junto ao peito. – Tá um frio danado.

Iris deu de ombros, rindo. O nariz dela estava vermelho de frio, e Stevie teve vontade de beijá-lo. De *beijá-la*.

– Um tempinho – respondeu Iris, indicando um banco na calçada a meio quarteirão dali. – Passei umas duas horas sentada lá. Antes de você chegar.

– Você... me viu? Por que não...

– Eu não queria que você se sentisse obrigada a falar comigo – respondeu Iris, aproximando-se. – Queria que a escolha fosse sua.

– Quando eu visse o desenho – disse Stevie, e abraçou o livro com ainda mais força.

Iris assentiu.

– Quando visse o desenho.

– Como você sabia que eu tava aqui? Como *desenhou* meu prédio e colocou num livro?

Iris mordeu o lábio.

– Bom, a Claire não quis me passar seu endereço de quando você encomendou meu livro. Questão de ética ou sei lá o quê.

Stevie riu.

– Então eu liguei para Ren – continuou Iris. – E é impressionante quantos detalhes a gente consegue ver no Google Street View.

Stevie só conseguia olhar para ela, espantada com o esforço que havia feito, o tempo dedicado e as coisas que criara apenas para dar uma história a Stevie.

Não; não só uma história.

A história delas.

– Você veio – disse Stevie, sentindo aquele fato se estabelecer por fim no coração.

Iris sorriu, mas foi um sorriso pequeno, nervoso, e a coisa mais linda que Stevie já tinha visto.

– Vim. Desculpa ter demorado tanto.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Stevie, porque...

Iris.

Em Nova York, cortejando-a com arte, flores e romance.

Naquele último mês, Stevie estava bem. Ainda estava bem e continuaria desse jeito se nunca mais visse Iris. Sabia disso, sem dúvida – era capaz, tinha amigos e familiares que a amavam, a apoiavam e a ajudariam quando desmoronasse.

Sim, Stevie Scott ficaria bem sem Iris Kelly.

Mas não ficaria *assim*.

Completamente iluminada por aquela mulher desvairada e imprevisível, suave, vulnerável e doce, tão linda que às vezes não conseguia olhar diretamente para ela, como se estivesse encarando o sol, zonzona, aterrorizada e eufórica.

Vendo-a ali, naquele instante, em carne e osso, um canto do coração de Stevie, aquele que ela se convencera de que poderia viver apagado, ganhou vida, enervando o sangue, os ossos e a pele. Stevie queria Iris, e não lhe importava por que ela havia levado tanto tempo para chegar àquele ponto; nada importava, a não ser a maneira como Iris olhava para ela, de olhos arregalados, cheios de esperança e medo, e Stevie não conseguiu fazer nada além de segurar o rosto dela nas mãos e acariciá-lo com os polegares.

Iris inspirou de repente, fechando os olhos enquanto Stevie encostava a testa à dela.

– Você veio – repetiu ela.

Iris riu, um som agudo de alívio, abraçando os quadris de Stevie com aquela tulipa ainda na mão. Stevie beijou os olhos dela, as têmporas, as bochechas, descendo até que as bocas se encontrassem num beijo desesperado, com lágrimas, dentes e línguas.

– Me perdoa – disse Iris, afastando-se apenas o bastante para encarar os olhos dela. – Me perdoa, Stevie, eu...

– Shh. Eu sei.

– Não sabe, não. – Iris balançou a cabeça e segurou os pulsos dela, com os belos olhos verdes escuros e cintilantes. – Mas quero que saiba. Quero que saiba que eu te amo. Amo muito. Me desculpa por mentir. Você tinha razão: fui covarde, mas eu... meu Deus, Stevie, fiquei com medo. Tanto medo, e tenho certeza de que ainda estou, e acho que você vai precisar ter paciência comigo, mas não posso... Preciso tentar. Você foi muito corajosa

por mim, e quero fazer a mesma coisa. Quero ser corajosa por você.

Ela respirou fundo, tão trêmula que Stevie só queria beijá-la, acalmá-la, mas sabia que Iris precisava dizer tudo aquilo.

– Passei muito tempo – continuou Iris – tentando me convencer de que não fui feita para um relacionamento duradouro, para o romance, para o amor. Mas quem sabe... – Lágrimas surgiram nos olhos dela. – Talvez eu tenha sido feita só pra você. Me perdoa.

O coração de Stevie cresceu; era essa a sensação, a do peito se expandindo, abrindo mais espaço, e ela sorriu. Segurou o rosto de Iris e a beijou uma vez... duas... e sussurrou junto de sua boca:

– “Por que pecado, doce Beatriz?”

Iris riu e a abraçou com mais força, um braço em volta da cintura e o outro segurando a mão, a tulipa agora emaranhada entre os dedos das duas. Ela dançou com Stevie num círculo, encostando a boca no ouvido dela e sussurrando:

– “Você me interrompeu em boa hora; eu estava prestes a lhe declarar meu amor.”

– “Pois declare, com todo o teu coração” – respondeu Stevie, roçando o nariz pelo pescoço dela.

Iris arqueou o pescoço, oferecendo-o para Stevie, mas depois se endireitou, pegou o rosto dela nas mãos e a encarou de um jeito que a fez ficar sem ar, levando o coração a serenar e voar ao mesmo tempo.

– “Eu te amo com tanto do meu coração que não me sobra coração para declarar nada mais” – respondeu Iris.

E, enquanto dançavam, se abraçavam e riam, sussurravam, se beijavam e se tocavam, bem ali, no meio de uma calçada do Brooklyn, Stevie entendeu que Iris Kelly estava finalmente dizendo a verdade.



CAPÍTULO TRINTA E OITO

Seis meses depois

NA PRIMAVERA, A POUSADA EVERWOOD era um turbilhão de cores. As tulipas vermelhas, amarelas e cor-de-rosa floresciam em volta do caminho até a porta da frente, enquanto rododendros fúcsia e flores silvestres cercavam o quintal dos fundos, onde uma tenda translúcida enfeitada com cordões de luzinhas se arqueava debaixo dos carvalhos.

Iris soltou um suspiro quando entrou no espaço do casamento de Claire e Delilah: dentro da tenda, tudo era dourado e verde, com as velas já acesas nas dez mesas circulares de madeira. O evento seria pequeno mas perfeito, disse Iris não tinha dúvida, pois Astrid Parker estava no meio da tenda com seu iPad, usando um vestido preto e leve, comandando o mundo.

Iris a observou por um instante, e esse primeiro vislumbre em carne e osso da amiga desde que havia se mudado para o Brooklyn, quatro meses antes, foi como um gole de água fresca numa tarde de verão.

– Ela tá linda – comentou Stevie, com os dedos entrelaçados aos de Iris.

Iris sorriu.

– Sempre está.

– Não quer ir lá dar um oi?

Ela fez que sim, mas não se mexeu. Com toda a sinceridade, o coração parecia enorme dentro do peito, e os olhos ardiam um pouquinho. Nossa, que saudade tinha de Astrid. Tinha saudades de todo mundo, mas sabia que isso fazia parte do pacote quando decidiu se mudar para o outro lado do país para ficar com Stevie. Foi a decisão certa. Iris adorava Nova York, especialmente o Brooklyn, e não havia nada melhor que acordar ao lado de Stevie Scott todas as manhãs e beijá-la até dormir todas as noites.

Iris estava feliz, trabalhando com afinco no terceiro romance, morando com a pessoa mais linda do mundo.

Mas, nossa, como era bom estar em casa.

– Você tá bem? – perguntou Stevie, passando a mão pelo cabelo dela.

Iris confirmou, encostando o nariz no pescoço da namorada. Mesmo seis meses depois da reconciliação na frente do prédio no Brooklyn, após a longa conversa que tiveram em seguida sobre os próximos passos e após os dois meses árduos em que namoraram à distância antes de Iris se mudar para Nova York, ainda não conseguia acreditar que podia beijar aquela mulher todos os dias, tocá-la e andar de mãos dadas com ela pela rua. Mais ainda, não conseguia acreditar em quanto adorava fazer todas aquelas coisas de namorada para as quais acreditara por muito tempo que não servia – e pensava não querer.

Acontece que Stevie Scott transformou Iris numa *companheira*, e Iris era grata por cada segundo.

– Tô feliz por estar aqui – disse ela junto da pele de Stevie.

Stevie abraçou a cintura dela, puxando-a para mais perto, e ficaram assim por um instante enquanto Iris se preparava mentalmente para aquele casamento. Cerca de dois meses antes, Claire e Delilah tinham feito uma chamada de vídeo com Astrid e Iris para repassar alguns detalhes do casamento e, no final da ligação, as noivas pediram que Iris e Astrid as conduzissem até o altar, as quatro de uma vez. Iris tinha ficado desconcertada, absolutamente honrada, e passara o resto da noite chorando

com a cabeça no colo de Stevie, sentindo tanta saudade das amigas que havia uma dor física no peito.

– Eu também – disse Stevie, aninhada no cabelo dela. – Por que a gente não vai lá...

– Iris!

A voz de Claire interrompeu Stevie quando a noiva número um entrou na tenda, o cabelo já penteado num lindo coque e a maquiagem perfeita. Usava camisa de botão e short jeans, e estava belíssima.

Iris ficou com os olhos cheios d'água; não pôde evitar, pois agiram por conta própria, as lágrimas já escorrendo pelo rosto quando Stevie a soltou e ela foi ao encontro da amiga. As duas colidiram, braços, mãos e risadas, tentando espremer quatro meses de saudades num único abraço.

– Claire, não se atreva a chorar – disse Astrid, indo na direção delas.

Iris recuou, mas apenas para poder incluir Astrid no abraço.

– A Iris tá chorando! – acusou Claire, rindo.

– É, mas eu não sou a recatada noivinha – argumentou Iris, ainda abraçando Astrid enquanto estendia a mão para enxugar com delicadeza as lágrimas de Claire e segurar o rosto dela. – Você tá muito gata.

Claire sorriu.

– Obrigada. Fiquei com saudade.

– Eu também. Senti muita falta de vocês duas.

– Nem reparei que você tinha ido embora – comentou Delilah ao entrar na tenda, com o cabelo solto e indomado, a regata preta e o jeans cinza-escuro de sempre, todas as tatuagens à mostra.

– Cara, quem ia ter saudade desse teu jeito? – retrucou Iris, mas sorriu e a puxou para um abraço.

Delilah riu e a abraçou com força, beijando o lado da cabeça dela. Iris se apoiou nela, passando um braço ao redor da cintura, quando notou três pássaros tatuados no peito dela, bem em cima do coração.

– O que é isso? – perguntou, pegando o braço de Delilah e puxando-a para mais perto. – Tattoo nova?

Delilah olhou para Claire. Sorriu.

– Bem nova. Fiz umas semanas atrás.

E baixou um pouco a alça da regata, mostrando o desenho completo. Três aves – *andorinhas*, pensou Iris – de frente umas para as outras formando um triângulo, com cada asa numa posição diferente.

– Se você disser que esses passarinhos lindos na sua pele representam você, a Claire e a Ruby, eu vou desmaiar agora mesmo. Posso literalmente morrer.

Delilah deu de ombros.

– Tá, então não vou te dizer isso, mas só porque prefiro que sua morte violenta não estrague meu casamento com o amor da minha vida.

Claire riu, entrelaçando os dedos aos de Delilah antes de usar a outra mão para segurar a de Iris, que estendeu a dela para pegar a de Astrid, sentindo o peito se abrir no pequeno quarteto. Fazia quase três anos que Delilah entrara na vida delas, a perturbação em pessoa, tosca e sarcástica, e Iris não conseguia mais imaginar a vida sem ela. Nem queria.

Iris sempre adorou as amigas, mas, naqueles últimos meses sem elas, percebeu quanto precisava de todas, como eram fundamentais para seu bem-estar e sua felicidade, tanto quanto a própria Stevie.

Se não mais.

Olhou para Astrid e Claire, amigas para todas as horas desde os 10 anos, e seus olhos lacrimejaram outra vez.

– Meu Deus do céu – resmungou Delilah, enxugando as lágrimas de Iris com o polegar. – Você tá fora de controle.

Iris riu.

– Tô aqui pra todas as suas necessidades caóticas.

– Pra ser sincera, não sei o que eu faria sem esse caos todo. – Delilah piscou para ela.

Iris piscou também...

E começou a chorar de novo.



Duas horas depois, Iris estava no pátio dos fundos da pousada, com o

quintal verde salpicado de cadeiras dobráveis brancas ocupadas pelas pessoas mais chegadas de Claire e Delilah. Na frente, Josh Foster – o ex e amigo de Claire, além de pai de Ruby – estava de pé com um terno cinza debaixo de um arco de flores silvestres, esperando as noivas para uni-las. Iris viu também Isabel Parker-Green, a mãe de Astrid, sentada ao lado de Brianne, a gerente de cabelo rosa da livraria de Claire, imersas numa conversa profunda; Iris não conseguia nem imaginar sobre o quê. Isabel estava com um novo corte de cabelo, mais curto e sem dúvida mais prateado do que a tintura loira de sempre.

Mais importante, Stevie e Jordan estavam sentadas com Simon, conversando e rindo. Iris observou o trio por um tempo; a pura felicidade de ver a namorada se dar tão bem com todas as suas pessoas favoritas era como uma droga que ela não queria parar de tomar.

Iris se esforçou para controlar aquelas emoções intensas e se virou para encarar o cortejo do casamento, com Claire e Delilah já sussurrando palavras doces uma para a outra antes mesmo de começarem a caminhada até o altar. Ruby estava com Katherine, a mãe de Claire, linda com seu terninho preto de pré-adolescente lgbtq+ e camisa rosa-claro, que complementava o terno marfim de Delilah quase à perfeição. O vestido de Claire era um modelo vintage, rendado e off-white, com saia pouco abaixo dos joelhos, exibindo as sandálias de salto com tiras. Astrid e Iris vestiam escolhas próprias, uma com um tubinho preto justo e a outra de vestido longo cinza-claro.

Todo mundo estava perfeito.

– Certo, casal – disse Astrid, tocando no ombro de Claire para que ela e a futura esposa parassem de se beijar. – Está na hora do show.

Claire assentiu e beijou Delilah mais uma vez antes de se virar para a filha. Elas se abraçaram, Claire deixou um beijo no alto da cabeça da menina e Delilah se juntou àquele abraço antes de Katherine e Ruby entrarem pelo corredor ao som de uma música suave de um violão.

Em seguida, eram apenas as quatro: Claire e Delilah no meio, Iris e Astrid dos lados.

– Estamos prontas? – perguntou Astrid.

– Acho que sim – respondeu Claire, olhando para Delilah e piscando para Iris.

– Então bora – disse Delilah, apertando a cintura de Iris.

– Tô pronta – respondeu Iris. E estava mesmo. – Contanto que todo mundo aqui lembre que essa união abençoada começou porque sou uma chata intrometida que quer que todas as amigas sejam felizes e tenham acesso regular a sexo de qualidade.

– Como poderíamos esquecer? – disse Claire, rindo.

Todas riram também, depois se calaram. Katherine e Ruby chegaram ao altar, virando-se para as noivas. A música mudou, e todas as pessoas se levantaram, de olhos brilhando ao ver Claire e Delilah.

Assim, as quatro se deram os braços e seguiram na direção do altar. Juntas.



AGRADECIMENTOS

Não é exagero dizer que, quando escrevi *Delilah Green não está nem aí* e mandei o livro para o mundo, minha vida mudou por completo. Não só porque me apaixonei pela escrita de romances, mas também porque me apaixonei pelo público que os lê. Com a história de Iris – e a de Bright Falls – chegando ao fim, estou muito grata às pessoas que leram, amaram, encomendaram, compraram e postaram algo a respeito dessas narrativas. Vocês deram vida a Bright Falls e a todas as personagens que existem nas páginas dos três livros, e fico honrada em fazer parte das suas leituras.

Como sempre, agradeço a Becca Podos, por sua amizade e dedicação como agente. Estamos nessa há nove anos, e não há ninguém com quem eu preferiria estar nesse passeio de montanha-russa editorial!

Agradeço à minha editora, Angela Kim, que sabe exatamente como fazer o ajuste fino dessas histórias para que brilhem de verdade. Obrigada a toda a minha equipe na Berkley, incluindo Kristin Cipolla e Elisha Katz. Obrigada, Katie Anderson, cujos projetos gráficos de livros estão entre os meus favoritos no ramo. E obrigada, Hannah Gramson, por sua excelente capacidade de revisão.

Leni Kauffman, que deu vida a todas as personagens de Bright Falls; não há palavras para expressar quanto adoro o seu trabalho e o modo como você interpretou minhas personagens. Obrigada!

Meu grupo de escrita – Meryl, Zabe, Emma, Christina, Mary e Mary –, agradeço pela alegria em seu rosto, o humor e a estranheza, e também por suportarem toda a estridência dos alarmes de incêndio comigo.

Obrigada, Brooke, por ter sido mais uma vez a primeira pessoa a ler o livro, e por muito mais. Um brinde a muitas primeiras leituras no futuro!

Meryl, obrigada por sempre acreditar em mim, por ouvir minhas confidências e pela amizade. Estrelas, céus e galáxias.

Obrigada, Craig, Benjamin e William, por me darem tempo, espaço e apoio, sempre.

SOBRE A AUTORA



ASHLEY HERRING BLAKE é apaixonada por café e dias frios, e gosta de organizar seus livros por cor. Também é professora e mora com a família em uma pequena ilha na costa do estado americano da Geórgia.

Já publicou alguns títulos para crianças e jovens. *Iris Kelly não namora* é o terceiro volume da série que também conta com *Delilah Green não está nem aí* e *Astrid Parker nunca falha*, seus livros de estreia para o público adulto.

📷 @ashleyhblake

X @ashleyhblake

🌐 www.ashleyherringblake.com

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

